A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1761 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 1 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os que votam e os que não votam

A direcção geral da estatistica publicou dados, que embora ainda incompletos, como a mesma direcção estabelece, são todavia interessantes, permittindo avaliar, d'uma maneira geral, a situação do paiz em relação á sua capacidade civica. Por esses dados ficamos sabendo que o numero dos eleitores recenseados no continente é de 450.000, tendo d'estes votado 262.000, numeros redondos.

E' sensivel a abstenção dos recenseados, e tambem se deve calcular como importante a falta do recenseamento de cidadãos com a capacidade eleitoral. Dos recenseados em Lisboa, por exemplo, mesmo attendendo ás restricções que a nota a que alludimos accentua, votaram apenas 56 por cento dos eleitores inscriptos. Sem que isto represente a enorme abstenção de que se procurou tirar tendenciosos effeitos politicos, tanto mais que no tempo da monarchia, mesmo votando analphabetos, a abstenção nunca foi menor, não é menos certo que ainda assim ella representa um facto que merece ser considerado com toda a attenção.

Egualmente se pode calcular que, mesmo com a restricção dos analphabetos, a população recenseada é muito inferior ao que deveria ser. Julgamos não errar suppondo que não esteja recenseado mais d'um terço dos cidadãos com direito ao voto. Evidentemente, este facto é devido, como o da abstenção, á inercia, ao indifferentismo d'esses cidadãos. E é um mal, porque um paiz desprovido d'uma forte consciencia civica é sempre uma sociedade em perigo.

Para obviar a tal situação, e visto que o mal reside na ignorancia, na indifferença, ou na inercia do povo, não ha senão um remedio: a propaganda. Os numeros das estatisticas não devem nunca aterrar-nos, quando se referem a um mal politico. Pelo contrario. Pela grandeza das difficuldades a vencer é que se mede a grandeza do esforço a realisar para essa victoria.

A propaganda civica, incessante, advogando os principios em que o suffragio se baseia, apontando os deveres que o povo tem a cumprir para que os seus direitos sejam de facto inviolaveis, é uma propaganda que ao mesmo tempo serve os partidos, os homens e as nações. Uns robustecem-se, outros dignificam-se, as outras progridem. No dia em que todos os cidadãos portuguezes souberem o que significa o direito de votar, os que teem voto não deixarão de exercer esse direito, e os que o não tiverem só terão em mira uma coisa: tornarem-se aptos para o exercerem tambem.

Para esse fim, além dos grandes principios que interessam em geral a nação, será convenientissimo despertar os interesses regionaes. Em toda a parte do mundo, onde uma alta civilisação crie e exalte a consciencia civica, esses interesses são zelosamente mantidos pelos habitantes d'essas regiões. E' sempre um incentivo poderoso trabalhar para aquillo que comnosco mais directamente se relaciona. O impulso regional contribue poderosamente para a florescencia dos Estados, e collabora com importantissima efficacia na obra do progresso geral.

Entre nós, parece que esse regionalismo começa a interessar vivamente algumas populações. No Algarve, por exemplo, vae effectuar-se um congresso regional, em que as suas artes, as suas industrias, o seu commercio, a sua agricultura manifestem a vitalidade que as anima. E' uma iniciativa que excellente seria que fôsse secundada nas outras provincias portuguezas.

Se assim succedesse, nós veriamos certamente essas provincias aproveitar a sua capacidade eleitoral, recenseando todos os seus cidadãos, que não abandonariam as urnas, para eleger os seus candidatos, que embora interessados na vida politica da nação, porque não se póde dispensar essa intervenção civica, seriam lidimos representantes dos seus eleitores, d'elles conhecidos e por elles escolhidos, acabando-se com a influencia absorvente dos partidos, que na realidade só nas capitaes teem uma organisação solida, fazendo nos gabinetes a escolha dos delegados da vontade popular.

Esses partidos necessitariam purificar, engrandecer a sua politica, para alcançar o voto d'esses deputados, que deveriam o seu mandato, não a influencias estrictamente partidarias, mas ao voto consciente e firme do eleitorado dos seus circulos.

Para este desideratum, cumpre utilisar todas as formas da propaganda, demonstrando a todas as classes, a toda a gente, que a renuncia ao direito do voto não é só uma abdicação vergonhosa como um erro necessariamente funesto.

O ANNIVERSARIO DE "A CAPITAL"

Entre as felicitações que, por motivo do sexto anniversario de *A Capital*, que hoje passa, recebemos n'esta redacção, sensibilisaram-nos particularmente as da benemerita «Juncção do Bem», instituição particular de beneficencia da freguezia de S. Nicolau e a cujos relevantes serviços muitas vezes temos alludido com as palavras de apreço que merecem. Nos nossos escriptorios estiveram trez das creancinhas patrocinadas pela «Juncção» e que com as saudações dos seus directores nos trouxeram um ramo de flores formosissimo. Aqui lhes renovamos a expressão do nosso reconhecimento.

Migalhas

Serviço militar

O filho mais velho do nosso Praxedes, o joven Alfredo, membro d'uma porção terrivel de *Sporting-clubs* footballistas, velocipodicos e motociclistas, devo ir por estes dias á inspecção para soldado. Escusado será dizer que o pae anda n'uma roda viva á cata de empenhos para o livrar. Temos por uso e costume bramar contra as immoralidades do fallecido regimen. Bom seria que se olhasse para o que se passa actualmente e é tanto mais indecoroso que se estabeleceu o serviço pessoal obrigatorio e andam no ar rumores de guerra. Out'rora talvez os habitos justificassem até certo ponto o cada mancebo querer esquivar-se ao serviço militar. Hoje que a Republica estabeleceu, em principio, a mochila como objecto de uso commum, o exercito portuguez tem milhares dos seus soldados em Africa e se fala em participação na grande guerra, é penoso ouvirmos certos rapazinhos, que ahi andam, de costas direitas, coçando as esquinas, gabarem-se de terem escapado, por meio de varias padrinhagens, á estopada de aprenderem a servir á sua patria.

Nos primeiros tempos da Republica ainda se viam nos contingentes certas caras de rapazes educados. Esses exemplares teem ido rareado e, dentro em pouco, a tropa voltará a ser constituida pelos filhos das nossas lavadeiras. Recordo-me que, no anno passado, o ministro da guerra de então quiz mandar procededer a novas inspecções, taes eram os escandalos publicos e notorios. Tal não chegou a fazer-se e foi pena.

André Brun.

As colonias escolares de Madrid

MADRID, 1.—Foi recebida festivamente em Oza (Corunha) a primeira das colonias escolares organisadas pela camara municipal madrilena, devendo demorar-se n'aquella localidade dois mezes.—(Corresp.).

UM CRUZEIRO NA COSTA

A cidade esquecida

Notas de uma excursão a Lagos e seus arredores

Quando a vedeta do «Vasco da Gama», atravez da magestosa bahia, me foi depôr em terra, o sol ardia já insupportavelmente. No entanto, apesar do calor, os recrutas de marinha, que pela primeira vez se familiarisavam com o mar, tinham começado a sua aprendizagem de remo nos escaleres de bordo, e lá ficavam cruzando as aguas do porto em todos os sentidos.

O desembarcadouro é constituido por uma pequena muralha de abrigo, que me dizem ter sido construida em attenção á esquadra ingleza. E' sabido que, em tempos, os navios britannicos vinham frequentemente effectuar na bahia de Lagos as suas manobras, chegando a juntar-se um numero de duzentos. Como a epocha vae longe! Alguns d'esses navios repoisam a esta hora no fundo de mares distantes, e não mais voltarão a visitar o Algarve, trazendo comsigo uma aura de actividade e prosperidade que os algarvios saudosamente lembram...

—Desde a ultima vez que aqui vieram os inglezes, pode affirmar-se que Lagos tem decahido sempre, diz-me um amigo que casualmente se me depara ali. O que a essa gente vale é ainda a actividade industrial da região, onde muitos milhares de operarios e pescadores vivem exclusivamente da exportação do peixe. Mas de quantos recursos não poderiam lançar mão os habitantes d'esta privilegiada cidade, se os poderes publicos olhassem para ella com um pouco mais... de gratidão.

—De gratidão?

—Sim, de gratidão. Lagos é, talvez em Portugal, a cidade de mais antigas tradições republicanas. E' ver a nossa historia municipal. Pois bem; no tempo da monarchia, o governo não nos auxiliava, allegando que eramos adversarios do regimen. Agora, no da Republica, esquecem-se simplesmente de nós com o enthusiasmo do triumpho. Assim, o nosso porto, que é dos melhores e constitue uma base estrategica naval de primeira ordem, não é objecto de melhoramento algum que o colloque em condições de servir, como devia, de entreposto commercial e maritimo. Projectou-se uma muralha cães desde a Porta de Portugal ás Pedras da Barra, ganhando as aguas algum terreno, sobre o qual se viria a construir uma avenida marginal, que eu considero dos mais indispensaveis melhoramentos da cidade. Ficou em projecto. Para que esteja lentamente trabalhando no ramal de caminho de ferro de Portimão a Lagos, foi preciso que a camara d'esta cidade tomasse o compromisso de um emprestimo de 500 contos. O governo não quer saber de nós. Lagos é hoje a cidade esquecida por excellencia...

Manifestei desejo de visitar uma fabrica de conservas, cujo mechanismo inteiramente desconhecia. A fabrica Fialho, que infelizmente se não encontrava em plena laboração visto nos ultimos dias ter faltado a materia prima—o peixe—deu-me bem a impressão de uma industria moderna e esplendidamente concebida. Só ali trabalham cerca de quatrocentos operarios, entre homens e mulheres. O meu amavel cicerone mostrou-me depois o unico monumento da cidade, que o turismo desconhece, mas que bem merecia mais ampla vulgarisação. E' a capella de Santo Antonio, toda guarnecida com excellente obra de talha dourada de alto a baixo. Figurinhas de anjos esculpidas com ingenuidade, algumas d'ellas, no entanto, encantadoras. Um altar-mór, um pulpito e um côro como não creio que melhor se encontre nas reliquias artisticas de Portugal. A meio da nave ha uma pedra tumular com a seguinte inscripção:

HUGO BEATY IRLANDEZ, CORONEL D'ESTE REGIM.to QUE VIVENDO PROTESTANTE FALECEU CATHOLICO ROMANO EM 2 DE JANR.º 1789 AQUI JAZ.

Mas o tempo corria velozmente, e eu não queria partir de novo sem ter a sensação de atravessar os campos dos arredores, pelo macadam poeirento, á sombra amiga das amendoeiras que marginam os caminhos. Sigo, de trem, a pittoresca estrada que conduz a Sagres, e meia hora depois encontro-me admirando a praia da Luz, com a sua enseada tranquilla, o seu semi-selvagem bucolismo, os pescadores, na praia, concertando as redes á torreira do sol, alheios a tudo o que vae por esse mundo... Que admiravel existencia de asceta poderia levar-se n'esse ignorado e formosissimo cantinho da nossa terra!

Raro chegam ali os echos do cataclismo que se desencadeou na Europa. Apenas de longe em longe se distingue no horizonte a linha severa de algum cruzador que passa a caminho do Estreito e se commenta, com um suspiro:

—Vae por lá tanta desgraça! Quem sabe se amanhã não estará no fundo?!...

Ouço dizer que ha dias, proximo de uma armação da ponta de Sagres, os pescadores attonitos viram passar a curtissima distancia as silhuetas esguias de dois submarinos que vinham do norte, sem navio apoio, sem um cruzador sequer que os comboiasse. Seriam allemães? Ninguem os convence do contrario.

Voltei á tarde para bordo do «Vasco da Gama» sem [illegible] que surpresas nos reservaria o mar? Foi assim que alvoraçadamente despertei na madrugada seguinte, já a caminho de Leixões, e cheio de curiosidade subi á ponte para verificar com os meus olhos esta singela noticia que um marinheiro me foi dar:

—Está á vista um submarino estrangeiro...

Hermano Neves.

A tia de Affonso XIII e a sua dama

MADRID, 1.—A infanta Isabel, tia do rei, tenciona partir ámanhã para Asturias, devendo chegar a Oviedo no dia 5 e visitando depois as principaes povoações asturianas.

A sua dama de honra, a «señorita» Beltran de Lis, que hontem se devia casar e que por falta de saude, não compareceu na egreja, onde estavam o noivo e os convidados, encontra-se melhor.—(Corresp.)

A reconstituição do reino da Polonia

LONDRES, 1. — O governo russo resolveu estudar o modo de se fazer a promettida reconstituição do reino da Polonia, segundo os principios formulados no appello do gran-duque Nicolau aos polacos. Com esse fim, nomeou uma commissão composta de 12 membros, seis russos e seis polacos, presidida por Goremikin.—(Corresp.).

Poeira da Arcada

O crime segue impavido a sua marcha, não havendo forças que o levem a desistir de assignalar os seus fastos com imagens patibulares, façanhas sangrentas que nos permittem reconstituir a tragedia das selvas. Homem que mata homem lança na vida das sociedades um espectro que, embora rapido como o relampago, nos faz comprehender que a moral se prende aos nossos corações como os naufragos ao casco de um barco em ruina. Os criminosos, sendo personagens episodicos, agitam sempre, dentro de nós, terrores mais velhos que as piramides do Egypto.

No seu olhar, fulge um clarão que nos mostra como os horizontes da historia são estreitos.

* *

As noites de Lisboa, agora que o verão impõe aos animos as suggestões molles de um abandono ás scismas e ás divagações, possuem um encanto que as torna queridas de todos os que, Avenida acima, cigarreando ou charutando, gostam de sentir-se bem sós com as suas tristezas ou as suas illusões. Entre as dez horas e a meia noite, sob a inspiração irresistivel das constellações, raros serão os portuguezes que não imaginem que, entre elles e o ceu estrellado, existe um reino a conquistar ou uma saudade a chorar.

* *

Os nossos monumentos e as nossas paisagens merecem realmente que os estrangeiros os visitem, para n'elles saciarem o seu amor das coisas bellas.

Todavia, não acontece assim. Porquê? E' que Portugal, que não se póde chamar um paiz de grandes dimensões, por falta de boas estradas, não se presta a largas deambulações de turistas. Estes, chegados a Lisboa ou ao Porto, aterram-se com a perspectiva de se embrenharem na provincia. Regressam aos seus paizes com a impressão de que viajar, entre nós, é mais difficil que em Marrocos. E tomam-nos como um povo de costumes intrataveis.

A POLITICA HESPANHOLA

O sr. Dato, chefe do partido conservador

O sr. Dato, presidente do conselho de ministros hespanhol, assumiu hontem a presidencia do Circulo Conservador de Madrid. Foi a sua consagração como chefe do partido de que Antonio Maura se separou ha quasi dois annos. Antes do sr. Dato usar da palavra, falaram os srs. Sánchez de Toca e González Besada, o presidente do senado e o presidente da camara dos deputados, duas das personalidades mais prestigiosas do partido conservador.

O sr. Sánchez de Toca, que no dia 28 tomou posse do logar de presidente da camara alta, militou sempre nas fileiras d'aquelle partido, arredando-se da actividade politica desde que Maura tomou conta da chefia. Por instantes, julgaram-no isolado. A dissidencia de Maura e a politica de attracção de todos os conservadores iniciada por Dato levaram o sr. Sánchez de Toca para o grosso do partido, embora se não enfileirasse n'elle ostensivamente. A sua acceitação da presidencia do senado encorporou-o, de facto, e d'um modo definitivo, no partido conservador e como é uma força e a sua personalidade basta para significar uma tendencia explica-se que o acto de posse revestisse a importancia que se lhe concedeu.

Um ministerial disse, a proposito, ao redactor d'uma folha madrilena:

«Depois do voto de confiança unanime obtido pelo governo na camara popular e estando á frente do gabinete o sr. Dato, no senado o sr. Sánchez de Toca, no congresso o sr. González Besada e no conselho de Estado o duque de Mandas, quem duvidará de que uma solida e auctorisada concentração conservadora é a base d'este governo, representante genuino do partido liberal-conservador?»

A respeito de Maura, a mesma individualidade observou que, além d'esse estadista se haver excluido voluntariamente do partido, só d'um modo transitorio pertence a elle. Uma approximação é impossivel porque já se não trata apenas d'uma funda differenciação e processos: o maurismo abriu um abismo entre elle e os conservadores, ao proclamar que não só é a politica, mas a etica que os separa.

Uma peça famosa de Julio Dantas

MADRID, 1.—No theatro Novo, de Barcelona, foi estreado pela companhia de Lola Velásquez e Pepe Monteagudo o drama de Julio Dantas «O reposteiro verde», com o titulo «La cortina roja», alcançando um exito extraordinario e merecendo elogios a traducção de Ezequiel Endériz.—(Corresp.)

A QUESTÃO DO DOURO

Uma arvore historica

Aquella em que Pombal enforcou commerciantes

O deputado sr. Mello Barreto mandou para a meza da Camara uma nota de interpellação ao ministro dos negocios estrangeiros sobre o tratado de commercio com a Inglaterra. Os agricultores, commerciantes e membros das corporações administrativas dos 18 concelhos que constituem a região duriense reunem na Regoa segunda feira, em sessão magna, para resolverem definitivamente o caminho a seguir, de harmonia com as reclamações que formularam ao governo. Quer dizer: é uma velha questão que resurge, entrando agora n'uma phase aguda que não pode protelar se por muito tempo. O Douro, ameaçado de ruina, cançado da inutilidade dos esforços que tem gasto para a defeza dos seus direitos, dispõe-se agora a falar uma linguagem forte, para que o echo das suas palavras se faça ouvir nas secretarias do Terreiro do Paço.

—Nenhum de nós tem hoje força para deter a onda de revolta que se está formando e que é capaz de tudo derruir—diz-nos um membro do Congresso que tem acompanhado com muita intelligencia e muito interesse essa debatida questão.

E continúa:

—O Douro está farto de promessas não acredita já nas boas palavras que lá chegam, em cartas ou telegrammas, enviados de Lisboa com muita sollicitude. O que elle quer é a garantia dos seus direitos effectivada sem subterfugios no tratado de commercio com a Inglaterra. Não pode o governo negociar, com promessas de deferimento, essa legitima garantia? Ponha-se o tratado de parte, aguardando occasião mais propicia para que os direitos do Douro possam triumphar.

«A questão, sufficientemente debatida, está posta hoje em termos muito simples e muito claros. O artigo 6.º do tratado permitte que sejam exportados como vinhos do Porto todos os vinhos produzidos no nosso paiz. Assim, aquelles vinhos deixariam de ser o tipo d'uma região para representarem apenas uma marca industrial. D'aqui resultaria, em primeiro logar, a concorrencia dos vinhos do sul lotados com os ingredientes varios para tentarem approximar-se do tipo do Douro; em segundo logar teriamos, n'um praso curto, o descredito da marca do Porto, arruinando-se o Douro sem que o sul obtivesse um beneficio proporcional a esse incalculavel prejuizo.

«Bem basta que os vinhos falsificados gosem na Inglaterra de extraordinarias vantagens nas pautaes, por possuirem uma inferior percentagem de alcool. Pagam apenas 7 libras por cada 500 litros, ao passo que o vinho do Porto está sobrecarregado com a taxa de 18 libras por egual quantidade. O que não pode ser, ainda por cima, é conceder-se aos vinhos que não sejam produzidos no Douro o direito de serem exportados como vinhos do Porto. Contra isso se levantarão irreprimiveis manifestações de colera — a colera sagrada de quem possue a consciencia de defender uma causa justa.

«No tempo do governo João Franco, a questão do Douro entrou tambem n'uma phase aguda. Esse governo decretou, como satisfação ás reclamações que tinha recebido, a restricção da barra do Porto e Leixões para a exportação dos vinhos do Douro. Os agricultores e commerciantes do sul queixaram-se de que tinham em deposito extraordinarias quantidades de vinhos licorosos e que não podiam supportar o avultado prejuizo que lhes resultava d'aquella restricção. Resolveu-se collocar aquelles vinhos nos armazens de Villa Nova de Gaya, para serem lotados com vinhos do Douro e a sua exportação se fazer pela barra do Porto. Não calcula quanto esses vinhos teem pesado na economia do Douro! Pois n'esta altura, em que a sua exportação estava quasi terminada e se abria para o Douro um periodo de menores difficuldades, é que se pretende pôr de parte todos os sacrificios feitos por essa região, negando-se-lhe este direito simples: que só seja considerado vinho do Porto o vinho produzido na região duriense!

«Veem de longa data estas tentativas de se mascarar como vinho do Porto o vinho produzido nas outras regiões do paiz. No tempo do marquez de Pombal a concorrencia era de tal ordem que o vinho da região duriense chegou a não valer mais que uma moeda cada pipa. O marquez não esteve com hesitações: poz em pratica medidas tão efficazes que o vinho passou a ser pago por mais de 12 moedas. Data d'esse periodo a creação da Companhia Geral de Agricultura do Alto Douro, com largos privilegios. Alguns commerciantes do Porto provocaram então graves motins, que o marquez castigou com a ferocidade que era propria do seu feitio. Ainda existe no jardim da Cordoaria a arvore em que foram enforcados todos os commerciantes rebeldes.

«No meu tempo—e ha longos annos que acompanho a questão do Douro—é esta a phase mais melindrosa da questão. Não chegariamos a este ponto se o ministro que assignou o tratado tivesse procurado ouvir representantes dos interessados. Estavam naturalmente indicadas para isso a Associação Commercial do Porto e a commissão de viticultura duriense. Tal não succedeu, e o resultado é estarmos agora em risco de não ratificar o tratado—o que, de resto, é muito preferivel á sua ratificação fazer-se sem a aclaração do artigo 6.º votada já pelo Congresso. Esqueceram-se sentenças que teem sido proferidas em tribunaes inglezes, como o de Dublin, favoraveis ao Douro, e tambem não se attendeu ao que está disposto no convenio de Madrid. Que fazer, agora? Deixar ratificar o tratado com a promessa de se entrar em novas negociações com a Inglaterra para a modificação do artigo 6.º? Isso levaria vinte annos, pelo menos, e, entretanto, o Douro morreria de fome. De modo que o dilemma está posto:—ou se ratifica o tratado só depois de se assentar, em notas trocadas pelos governos dos dois paizes, que o vinho do Porto é o vinho produzido na região duriense, ou põe-se o tratado e continuaremos na mesma situação.

Trabalhadores da terra

por D. Virginia de Castro e Almeida

Bem entendo que a morte, a desgraça e a ruina batem n'esta hora tremenda a todas as portas e que o burguez e o operario das cidades, estendidos no chão com o peito varado por uma bala ou com a cabeça espatifada por um estilhaço de granada, ou levados para as ambulancias sem braços, sem pernas, sem ouvido, sem vista, deixam ou levam a desgraça e a dôr a lares onde a felicidade e a paz nunca mais entrarão.

Mas é na gente do campo que eu demoro mais o meu pensamento.

Lembro-me dos camponezes do sul da França, dos gascões morenos, nervosos, valentes e fanfarrões, dos companheiros da divina Mirëille; dos bretões de Renan, religiosos, supersti-

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 1-7-915

Inutilidade de uma lei util

Chamava-se simples e abreviadamente Carlos o desgraçado que a policia encontrou estendido n'um desvio ermo de estrada, com manifestos signaes de haver sido submettido a um fallecimento illegal. A seu lado, um revolver indifferente jazia. E da sua bocca entreaberta e passeada de moscas, um fio negro de sangue marcava a passagem sobre a pelle viscosa, [illegible] e repulsiva como uma superficie de tocha. A policia, arguta, reconstituira rapidamente, e sagazmente, o crime. A pista do assassino era seguida com efficacia, e já mesmo testemunhas se apontavam, pormenorisadas e irrespondiveis, perante as quaes a luz triumphará como um canhão quarenta e dois e uma luz de madrugada. Carlos fôra um conquistador temivel. Especialista em mulheres casadas, punha na pertinacia dos seus meios audacias insensatas, e contava-se o numero vasto e compacto das suas loucuras, tão atrevidas e prodigiosas que os seus intimos alcunhavam-no de Carlos o Temerario, como ao duque de Borgonha.

E' possivel que o numero de tentativas lhe egualasse o numero de tareias; mas esse tambem não o encontrou o nosso caro Julio Dantas nas poeiras e registos respirados nos mosteiros, pelo que tudo ficará por todo o sempre ignorado. O que se sabe de seguro é que Carlos o invencivel foi vencido afinal por uma mulher solteira. Deslumbrara-o n'uma noite de theatro, vestida de zephiro, á luz de um projector, espumosa na fluctuação das gazes coloridas, a cabeça brilhando como um *pompon* enorme de carapinha loura, e as pernas em *mailloi*, desesperadoras e fortes. Carlos era avido.

Os seus olhos penetravam, rebuscavam, demoravam as fórmas e os volumes do zephiro, como uma larva penetra, rebusca e demora as intimidades de um fructo. E assim o perseguiu com a sua tenacidade de sempre, a despeito das resistencias inherentes ao programma e, em todo o caso, vencendo. Mas funesta victoria a sua! Esse triumpho foi todo o descalabro da sua vida, e mil vezes a essa noite fatal de theatro lhe valera preferir um cinema recatado e sem perigo.

A mulher é como a locomotiva: não caminha sem machinista; mas é ella que o arrasta. Carlos foi assim arrastado pelo seu zephiro, sem força para o governar depois do impulso que lhe dera. Os seus primeiros tempos, como todos os primeiros tempos, de um *ménage*, foram felizes. São as horas dos primeiros beijos, nas quaes a propria eternidade esquece, foge e se dilue como um sonho de infancia. De um accordo em que ambos collaboraram com egual boa vontade, nasceu mesmo um pequeno herdeiro, que continuaria na linha varonil a genealogia do conquistador, se pudesse ter vingado. Mas tudo se transformou. Do zephiro ligeiro e suave que refrescara as primeiras horas de uma loira e luminosa manhã de amor, surgiu a breve trecho a nortada feroz, o aquilão, o furacão, o ciclone, a tempestade, os ceus de chumbo, e Carlos conheceu o inferno, vivendo n'elle a cada hora. Na amante desabrochara a féra, e o desgraçado via-se um condemnado. Uma vez suspeitou que o paraizo dos primeiros mezes se transferira, e que outro Carlos egualmente deslumbrado com a leveza do figurino, o loiro da grenha, a desenvoltura das linhas e a opulencia dos contheudos, viera usurpar o seu logar e o seu direito e não deixou, no fundo do seu amor proprio, de experimentar um prazer diabolico, com a lembrança vingadôra das fraudes, dos chumaços, dos carmins e das tinturas, que tambem lhe haviam trazido ao deslumbramento dos olhos a candidatura de uma carcassa patenteada em Venus.

Nada d'isto porém atenuava o seu martirio. Consultou um advogado, ao mesmo tempo seu amigo, a quem confessou que uma vez por outra era zurzido. Vergonha! Porque a não largas? perguntou-lhe. Infantil solução! Já o tentara infinitas vezes. Inutil. Como um crédor, como um agente da judiciaria, como a propria sombra, não o deixava onde quer que fosse.

Era o seu terror, o seu Arsène Lupin, o seu espião dos *Madgianes*. Para cumulo, fazia-o passar por um seductor odioso, impiedoso, monstro. Para onde fugir? Um dia tentou a egreja da sua freguezia. Era um lugar sagrado. Nos tempos reaccionarios e a que Deus protegia os homens, o condemnado acolhido á santidade de um templo estava salvo da perseguição das justiças. Porque o não havia de estar elle tambem [illegible]gua d'aquelle monstro? E o templo acolhera-o, mas a féra lá estava como o olhar da consciencia na muralha de Caim. De a vêr, o proprio abbade mutilou um *dominus vobiscum*, aterrado e receoso. E uma piedade toda ecclesiastica o approximou de Carlos. Inspirado, segredou-lhe:

—Porque se não casa?

—Loucura! Pois se assim vivo no inferno, como viveria casando?

—Engano! Tem a lei do divorcio, e oxalá eu pudesse tambem aproveital-a para mudar de cozinheira.

Um clarão illuminou o espirito do desgraçado, que cahiu nos braços do venerando, clamando:

—Oh! homem de genio e de sotaina admiravel!

E um mez depois estava casado.

* *

Não é preciso esclarecer. Do que foi o matrimonio dá o pobre boa conta nas curtas linhas d'uma carta que deixou na gaveta da sua velha secretária.

Casei-me para poder vêr-me livre da mulher. Foi uma experiencia inutil. Ella tem recursos para tudo. A's torturas que me proporcionou com a furia do seu genio succedeu o longo horror dos seus affagos. O dia mesmo do nosso casamento, longe mesmo de me trazer o primeiro pretexto para romper, ella tentou transformal-o n'uma lua de mel. Se lhe batia, beijava-me; se a repellia, enchia-me de caricias; se fugia de casa, esperava-me resignada e feliz. Quem pode supportar uma vida assim? Estou cançado da existencia. Não culpem ninguem da minha morte. Despeço-me da vida sem saudade, e a todos perdôo. A todos, menos ao dr. Affonso Costa, que pode limpar a mão á parede: quando as mulheres querem, a lei do divorcio nem para casados serve.—Carlos.

* *

Esta carta não foi ainda encontrada pela policia. Não teve tempo. Continúa occupada nas diligencias, tem o crime reconstituido, o criminoso filiado e até já com o retrato no *Seculo*.

Guedes de Oliveira.

riosos, honestos e sempre nostalgicos do mar; dos normandos obstinados, desconfiados e taciturnos...

Lembro-me dos bons lavradores inglezes, rudes e fortes, dos bons lavradores de Dickens e de Walter Scott, agarrados ao seu lar e á sua terra; e dos *mujiks* de Tolstoi, soffredores e philosophos, que veem da solidão e do silencio das estepas para o tumulto das batalhas; e dos grandes e loiros camponios da Allemanha tornados rigidos sob os duros uniformes impostos pela Prussia mas guardando nos corações ingenuos todo o perfume do seu bucolismo e as doces imagens das Gretchens deixadas tão longe, lá na terra...

Pobre gente do campo! A terra bemdita e calma impregnou-os da sua força e da sua augusta serenidade.

Os camponezes são, como as plantas, sinceros e bons; não conhecem as complicações das sociedades civilisadas nem os vicios dos grandes centros; não se occupam de politica. Como as arvores, prendem-se á terra que os criou e, fortes e sãos no logar onde fixaram as suas raizes, não concebem o resto do mundo; estiolam-se e perdem-se transportados para longe onde os anima a incuravel nostalgia do seu solo natal.

Innocentes, teem uma concepção simplista do dever e não supportam cogitações transcendentes. Apprendem a sua moral com a natureza que os cerca; conservam atravez dos tempos como coisas sacrosantas, as tradições herdadas, no relicario inexpugnavel dos seus corações fieis.

O progresso infunde-lhes serias desconfianças e cedem o terreno, passo a passo e de má vontade, á invasão lenta da civilisação que os assusta e os desaloja dolorosamente dos seus habitos ancestraes.

Nascem, crescem, unem-se, multiplicam-se e morrem sob o olhar misericordioso de um Deus que os castiga com justiça e os recompensa do bem que praticam protegendo-lhes as culturas e dando-lhes a bemdita paz da consciencia.

O seu interesse dominante é a terra e o trabalho da terra.

Levantam-se com os primeiros raios de sol e vão para a sua faina. Voltam cançados e dormem profundamente. Os seus divertimentos são sinceros, por vezes brutaes; o amor desabrocha-lhes na alma como uma flor singela.

O intenso trabalho phisico desenvolve-lhes os musculos em detrimento do cerebro: são lentos no pensar, e só pensam coisas faceis e simples que os seus maiores já pensaram antes d'elles.

Acceitam o seu destino com resignação; não sabem o que se passa no resto do mundo e não teem curiosidade de o saber.

Casam para constituir familia e são em geral maridos fieis e paes austeros.

A percentagem da criminalidade é no campo sensivelmente inferior á dos grandes centros. O vicio é raro. Os trabalhadores da terra estão mais envolvidos na profunda bondade da natureza e muito mais perto de Deus.

Quando evoco os horrores da guerra, affigura-se-me um dos maiores crimes a drenagem dos camponezes para os campos de batalha.

Na minha imaginação vejo-os partir, calados e tristes. Vão regar com o seu sangue a terra que adoram, abandonam os lares tão penosamente conquistados e onde lhes fica o coração. Elles, que nasceram para semear o pão e espalhar a paz, vão semear a morte e espalhar a discordia. Nos seus olhos bons e calmos levam o horror da coisa medonha que lhes impõem como um dever.

Quem não encontrou algum dia, indo por uma estrada além, um rebanho de rezes destinadas ao matadouro?

Pobres animaes inconscientes do destino que os espera, lá vão para onde os levam, passivos e resignados. Não sabem, não prevêem. Marcham pelos caminhos poeirentos, atravez dos campos que não conhecem, onde nunca pastaram.

Foram rezes escolhidas, separadas do grosso do rebanho; as mais robustas, as mais sadias, as mais perfeitas.

Ao principio da jornada muitas voltam a cabeça para traz e soltam um mugido de vaga tristeza; teem no olhar nostalgias onde se adivinha a saudade immensa do curral, das crias que lá ficaram.

E depois, pelo caminho fóra, vão-se esquecendo, encontram aqui e além um prado de herva tenra, um regato onde matam a sede, uma sombra onde descançam.

Depois... depois é o matadouro.

Ah! quando virá a paz transformar os campos malditos de batalha em campos sagrados de pão!

Virginia de Castro e Almeida

MUSICA

"Os pardaes"

Em edição da casa Sasseti & C.ª, para piano e canto, sahiu esta musica, que o artista Geraldo canta na revista «Rosa tirana», ora em scena no theatro Apollo. Do seu valor dizem os applausos com que todas as noites é acolhida. Edição esmerada.

PALACIO DO PARLAMENTO

Uma estatua da Republica

vae ser collocada na sala das sessões da camara dos deputados

A commissão administrativa do Congresso pensa em concluir as decorações da sala da Camara dos deputados, applicando desde já algumas economias á encommenda de uma estatua da Republica, para collocar no sitio d'onde foi retirada a estatua de D. Carlos, sobre o logar da presidencia.

O secretario d'essa camara, que exerce as mesmas funcções na referida commissão, o sr. dr. Balthazar Teixeira, a quem interrogámos ácerca d'essa iniciativa, diz-nos:

—De facto, a *commissão* está no proposito de completar a sala da camara, que ficará sendo sem duvida uma das mais bellas da Europa, quando o projecto do architecto Ventura Terra tenha sido inteiramente construido. Como não temos condições financeiras que desde já nos permittam levar a cabo essa ideia, vamos aproveitar os recursos de que dispômos para fazer alguma coisa. Fizemos economias. Vendemos papeis velhos que nos renderam quantia superior a 600 escudos; collocámos os dinheiros da commissão na Caixa Economica e o juro rende annualmente cerca de 150 escudos, importancia a que devemos accrescentar o excedente de outras verbas. Emfim, temos hoje em nosso poder mais de 2 mil escudos e com essa importancia entendemos ser possivel pensar desde já na execução de uma estatua symbolica do actual regimen para a nossa sala das sessões. A figura da Republica, que será talhada em marmore, far-se-ha em concurso publico, cujo programma está sendo estudado pelo architecto auctor do projecto.

«Temos, tambem tido algumas entrevistas com o notavel pintor Velloso Salgado, ácerca da execução dos «panneaux» que devem decorar o tecto e a parede fronteira, trabalho que de ha muito está encommendado e que, por falta de verba, não se tem podido iniciar. A conclusão d'essas obras é uma necessidade artistica e uma conveniencia parlamentar. Realisadas ellas, as condições acusticas da sala, de que todos se queixam, hão de melhorar consideravelmente. Estou certo que a commissão administrativa do Congresso, logo que o Estado esteja em melhores condições financeiras, obterá os necessarios recursos para que essas decorações se completem.

Exames no Conservatorio

Continuaram hoje no Conservatorio as provas do anno lectivo. A assistencia era numerosa. Começaram os exames pelos alumnos do 3.º anno de arte de representar, Adelino Ripado, Fernando Osorio, D. Celeste Leitão e D. Luiza Lopes. Presidiu o sr. dr. Augusto de Castro com a assistencia do sr. dr. Hypolito Raposo, que na ausencia do sr. dr. Julio Dantas interrogou sobre historia das litteraturas dramaticas, e o actor Antonio Pinheiro. Os quatro alumnos foram approvados com 18 valores cada um. As provas prestadas foram brilhantes, sendo os alumnos muito applaudidos. No 2.º anno de canto individual e collectivo foram approvados dois alumnos e no 2.º anno de solfejo preparatorio de canto foram approvados cinco, entre os quaes a menina Victoria Maria Lapus, que obteve 17 valores. A prova foi brilhante, recebendo no final elogios não só da assistencia como de todos os professores. Ao 2.º anno do curso de rudimentos compareceram 10 alumnos que ficaram approvados, tendo faltado um. As provas continuam ámanhã.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Reune ámanhã, ás 21 horas, a assembleia geral, para tratar de trabalhos pendentes.

Centro Republicano 27 d'abril

Para assumptos de grande importancia, reune o conselho executivo ámanhã, ás 21 e meia horas.

Liga Nacional de Instrucção

Do relatorio agora publicado, vê-se que nos annos de 1911 a 1914 a receita total foi de 3.518$81 e a despeza de 1.276$85, passando portanto um saldo de 2.241$96 para o corrente anno. A existencia de socios, que em 31 d'agosto de 1911 era de 585, passou, no anno findo, apenas a 182. A esse facto se refere o conselho fiscal no seu parecer, chamando-lhe—e com toda a razão—triste e desolador.

TOURADAS

Campo Pequeno

Foram já hoje affixados os cartazes annunciadores da corrida de domingo, festa artistica de José Casimiro, o qual lidará trez touros, sendo um a «duo» com seu pae. O gado é do lavrador Mendes Nuncio e do pessoal de pé tomam parte os nossos melhores artistas.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 3$550 do sr. W. G. Leeuwen, vice-consul da Hollanda em S. Thomé.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A morte do estivador

O caso da Penha de França

O agente Sequeira, da judiciaria, prosegue nas suas diligencias a fim de apurar a quem cabem as responsabilidades da morte do estivador da Empreza Nacional de Navegação Augusto Cesar Dias, morto á facada na noite de S. Pedro na rua de Santo Estevão. Esse agente ouviu hoje varias testemunhas as quaes affirmaram que tinha sido Raul Augusto Baptista, o *Raul de Carvoeiro*, quem dera a facada no *Dias*, fugindo em seguida e levando comsigo o casaco do assassinado. Essas mesmas testemunhas reconheceram o casaco. O agente Sequeira tambem ouviu a mulher que vivia com o estivador e a mãe d'este, que fizeram egual affirmação. O Raul, porém, continúa a negar o crime.

A policia tambem procede a averiguações a fim de apurar o que ha de verdade na morte de Antonio da Silva Nogueira, de 27 annos, natural de Lisboa, empregado no commercio, filho de Antonio da Silva Nogueira, morador na Estrada da Penha de França, 227, morto com um tiro de pistola pelo francez Oscar Lapierre Lavone, morador na rua Moraes Soares, A. C., cave. No governo civil estiveram hoje algumas pessoas a declarar não se tratar de um caso involuntario mas sim de um crime que teve por mobil o roubo. Em vista da gravidade [illegible] mativa o Oscar Lavone continua preso.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Aventuras de Polichinélo»

Em edição da livraria A. M. Teixeira, da praça dos Restauradores, sahiu agora este livro, versão de D. Emilia de Sousa Costa e illustrações de Alfredo de Moraes. Leitura interessante, propria para creanças, *As aventuras de Polichinélo* são um livro em extremo moralisador, em que se dão os melhores conselhos. A traductora soube imprimir-lhe o maior encanto a par d'um estilo cuidado, o que mais faz realçar o merecimento da obra. Litteratura infantil, mas da boa, da sã, que pode entrar em todos os lares.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Passageiros obrigados a pagar um percurso maior

O sr. Joaquim Pantoja veiu queixar-se-nos de que, tendo hoje tomado no Dafundo, onde reside, o comboio das 9,9, como devido á precipitação com que o fez não teve tempo para se munir do respectivo bilhete, o revisor o obrigou a pagar como se procedesse do Paço d'Arcos, o mesmo succedendo a outros passageiros em identicas circumstancias.

Entende o sr. Pantoja que não é justo que assim se procede. Se o regulamento tal manda, pelo menos não se deixe aos passageiros tomar o comboio, fechando as cancellas ou adoptando quaesquer outras providencias.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Joaquim Farinha Dias de Sousa, estimado e habil professor do ensino livre, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, da avenida Duque d'Avilla, 119.

Serviço telegraphico

Foi o sr. dr. Arthur Galvão e não o deputado Arthur Leitão a pessoa que expedia o telegramma do Porto, a que se refere a noticia publicada n'*A Capital*, como se pode deprehender do lapso telegraphico que produziu a troca de nomes.

Companhia Portugueza de Phosphoros

O sorteio dos relogios

O numero premiado 6755 pertence á serie 304, que por falha de algarismo não sahiu bem clara no annuncio hontem publicado n'este jornal.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 30. — O plano do general sir Yan Hamilton para o dia 27 comprehendia fazer avançar a esquerda da linha britannica a sueste de Krithéa, girando sobre um ponto a cerca de uma milha sobre a esquerda, de maneira a estabelecer uma nova linha, com frente a leste, sobre o terreno ganho.

A acção começou ás nove horas da manhã por um violento bombardeamento pelas artilharias franceza e ingleza, de grosso calibre, bombardeamento que foi seguido de fogo da nossa artilharia de campanha, sendo por este meio destruidos muitos obstaculos de arame farpado do inimigo.

A's 10,45 rendeu-se, em presença de um brilante ataque, um pequeno roducto avançado turco, em Saghir Dere, o qual havia sido por muito tempo um foco de desasocego.

Depois de novamente ter feito fogo a artilharia, a nossa infantaria avançou e tomou trez linhas de trincheiras a oeste de Saghir Dere.

A leste do barranco, tomámos duas linhas de trincheiras; as nossas forças, porém, não puderam fazer progressos na direita, devido á vigorosa resistencia.

A's 11,30, o desejado avanço estava completamente realisado e formada uma nova linha.

Não obstante, as nossas tropas indianas continuaram levando deante de si o inimigo e tomaram uma collina exactamente a oeste de Khrithia, sendo o avanço total, na esquerda, de 1:000 metros.

Durante a tarde foram dados ataques ás trincheiras da direita, mas não se conseguiu desalojar o inimigo, que era fortemente apoiado por metralhadoras e artilharia.

Os turcos fizeram contra-ataques durante a noite, mas foram repellidos.

Exceptuando, portanto, uma pequena porção de trincheiras na direita, ganhámos mais do que esperavamos.

Na extrema esquerda a nossa linha foi levada para um ponto muito além do limite do avanço que a principio haviamos projectado.

(*Informação official recebida pela legatão britannica em Lisboa.*

A campanha italo-austriaca

ROMA, 30.—Uma communicação official diz que as condições atmosphericas estão retardando as operações, permittindo que os austriacos activem as suas fortificações. Teem-se dado varios recontros, todos favoraveis ás armas italianas.

Na linha do Isonzo e no planalto Sagrado teem sido repellidos os ataques feitos de noite pelos austriacos. —(*Havas*).

As operações na Africa Oriental

LONDRES, 30.—Official.—A oeste do lago Victoria Nianza, em Bukoba, os inglezes derrotaram 400 fusileiros inimigos e destruiram as obras de defeza de Bukoba.—(*Havas*).

Um torpedeiro allemão afundado

PETROGRADO, 1. — A esquadra allemã bombardeou o porto de Vindau e tentou em vão effectuar um desembarque que foi repellido. Um torpedeiro inimigo que bateu n'uma mina afundou-se.—(*Havas*).

Botha no sudoeste allemão

PRETORIA, 1.—O general Botha chegou a Okuputu no sudoeste africano allemão.—(*Havas*).

A revolta do gentio na Guiné

No ministerio das colonias foi fornecida a seguinte nota relativa ás operações na Guiné:

«O governador da Guiné acaba de chegar a Bissau, d'onde informou que as operações contra o gentio «papeis» continuam com muito bons resultados, tendo sido batidas as principaes tabancas e occupada já a parte mais irrequieta da ilha; já está occupada a povoação de Bejemita, um nucleo dos mais importantes da região que se havia revoltado. A segurança das vidas e interesses europeus é completa.

O capitão Teixeira Pinto que tem dirigido as operações e que fôra ferido já se encontra restabelecido, tendo retomado o commando da columna.

Grupo Parlamentar Democratico

O grupo parlamentar democratico reune hoje, pelas 21 horas e meia, no Centro Democratico, á rua Ivens.

CONGRESSO NACIONAL

Nos deputados

O horario do trabalho nas obras do Estado—Eleição de commissões

A sessão, com o sr. Azevedo Coutinho na presidencia, abre ás 14,45, com 49 deputados. Lê-se a acta, dá-se conta do expediente e faz-se a inscripção para antes da ordem do dia. Está presente o sr. ministro do fomento. O sr. Augusto José Vieira participa estar constituida a commissão administrativa do Congresso. O sr. Freitas Ribeiro manda para a mesa um projecto de lei creando uma medalha commemorativa do 14 de maio, a qual deverá ser distribuida a todos os revolucionarios quer militares quer civis; julga essa homenagem inteiramente justa e entende que a medalha, tendo no anverso o busto da Republica, cercado da legenda «Honrae a Patria que a Patria vos contempla», deverá ter no verso o brazão da cidade de Lisboa. A fita será vermelha, orlada de verde, e os contemplados pagarão a venera e se entenderem que elle, orador, teve direito a ella, não duvida excluir-se da lista dos agraciados, se a camara assim o entender. O sr. Marques da Costa reclama a conclusão da linha do Valle do Vouga e manda para a mesa um relatorio dos technicos a esse proposito. Responde-lhe o sr. ministro do fomento. Attenderá o pedido.

O sr. Alfredo Ladeira refere-se á lei que regulou as horas do trabalho e insurge-se contra as excepções abertas. Pede que nas obras do Estado a lei seja rigorosamente applicada, o que até agora não tem acontecido. O sr. ministro do fomento dá a razão das excepções abertas até agora, as quaes teem por fim harmonisar os interesses de todos. Quer o orador que se consultassem as associações de classe sempre que se elaborem regulamentos sobre o assumpto. Concorda com isso, e fará todo o possivel para que a lei que estabelece as 8 horas de trabalho nas obras do Estado seja, bem cedo, devidamente regulamentada. O sr. Gaudencio Pires de Campos lastima que na Caixa Geral de Depositos não sejam descontados os conhecimentos referentes á warrantagem da aguardente, o que está causando e causará ainda enormes transtornos aos viticultores, e manda para a mesa uma representação do Centro Pharmaceutico contra a nomeação do sr. Achilles Machado para professor da Escola de Pharmacia. Responde-lhe o sr. ministro do fomento. O sr. João Sucena faz plangentemente a sua estreia. Em tom dorido, diz o sr. Sucena que os tempos, lá pelo seu circulo, vão maus para a agricultura, sobretudo por as terras não absorverem os adubos com que as fertilisam.

E, reclamando varias providencias para tão temeroso mal, o orador, que dá uns ares muito approximados do sr. Fernando Martins de Carvalho, produz uma elogia enternecedora, que commove toda a gente, menos o governo, a quem os remedios apontados para o gravissimo mal cheiram a ouro e parecem extremamente caros. O sr. Lucena é regularmente cumprimentado e o sr. ministro do fomento replica que poderá acudir á região assolada na medida em que o seu orçamento o consentir. O sr. Costa Junior manda para a mesa uma representação dos empregados da extincta fiscalisação municipal do porto, pedindo melhoria de situação.

A's 3,40 entra-se na ordem do dia: eleição de commissões, interrompendo-se a sessão para confecção das listas, por dez minutos.

O sr. Ferreira da Fonseca, em negocio urgente, alvitra que d'aqui em deante todo o deputado que quizer renovar a iniciativa d'um projecto de lei não precise senão de indicar o projecto de que se trate e o «Diario do Governo» em que elle tiver sido publicado.

Elegem-se: para a commissão de instrucção superior e technica os srs. Augusto Nobre, João Barreira, João de Barros, Barbosa de Magalhães, Alvaro de Castro, Lima Bastos, Almeida Garret, Manuel Granjo e José Maria Gomes.

Para a de instrucção primaria, os João de Deus Ramos, Gastão Correia Mendes, Tavares Ferreira, João de Barros, Balthazar Teixeira, Costa Cabral, Jayme Cortezão, Carvalho Mourão e Alfredo Soares; para a de agricultura os srs. Joaquim Ribeiro, Amaral Reis, Guilherme Godinho, Pimenta de Aguiar, Alfredo de Sousa, Lima Bastos, Charula Pessanha, Vasconcellos e Sá e Julio Martins. Elegem-se por fim as commissões de redacção e infracções. Depois encerra-se a sessão.

No Senado

Trata-se da crise duriense o elegem-se as restantes commissões

A's 14,30 o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada, o que o sr. Paes d'Almeida faz, a ella respondendo 25 senadores que approvam sem reparos a acta que o sr. Paes Abranches, na sua voz clara, lê, pausadamente.

Lido o expediente, o sr. Teixeira Rebello, eleito por Villa Real, faz a sua estreia, saudando o Senado e defendendo os interesses da região duriense, que o elegeu. E' preciso que o tratado de commercio com a Inglaterra assignado em 12 d'agosto do anno findo e cuja ratificação se não póde fazer sem ser approvado o additamento do sr. dr. Affonso Costa ao artigo 6.º seja approvado. Elle orador espera que tudo seja aclarado e discutido nas duas casas do parlamento e que tal ratificação se approve, aliás graves conflictos se nos reservam no futuro, sem mesmo se poder fixar até onde, no seu justo protesto, será a alteração da ordem publica n'essa região. Confia, porém, no patriotismo dos nossos dirigentes e espera que tudo se resolverá pelo melhor.

Sobre o mesmo assumpto o sr. Ribeiro dos Santos envia para a meza uma nota de interpellação ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

E como não haja mais ninguem inscripto, passa-se á ordem do dia: eleição das commissões de cultuaes, administração publica, hygiene e fomento, para cuja confecção de listas o sr. presidente interrompe a sessão por quinze minutos.

Reaberta a sessão e terminado o escrutinio houve o seguinte resultado:

Cultuaes—Nunes Garcia, Ribeiro dos Santos, Daniel Rodrigues, Silva Gonçalves e Pedro Martins.

Administração publica—Filippe da Matta, Fortunato da Fonseca, Sousa Fernandes, Paes Gomes, Leão Azedo e Arantes Pedroso.

Fomento — Herculano Galhardo, Calça e Pina, Vasconcellos Dias, Sousa Junior, Carlos Richter, Ribeiro dos Santos, Estevão de Vasconcellos, Vasco Marques, Madureira e Castro, Daniel Rodrigues, Paes Gomes, Alberto da Silveira, Baeta Neves, Paes Abranches e Pedro Martins.

Assistencia e hygiene—Filippe da Matta, Sousa Junior, Ramos Pereira, Baeta Neves e Leão Azedo.

Procede-se depois á eleição das seguintes commissões mais:

Instrucção—Silva Barreto, João Maria da Costa, Agostinho Fortes, Sousa Junior, Ferreira de Simas, Antonio Lourinho, Jeronymo de Mattos, Thomaz da Fonseca, Alves Monteiro, Rodrigues Gaspar, Leão Azedo, Lourenço Serra, Baeta Neves, Augusto Cymbron, Lima Duque e Paes Gomes.

Legislação civil—Nunes Garcia, Pereira Barreiros, Alves Monteiro, Paes Gomes e Pedro Martins.

Legislação operaria—Estevão de Vasconcellos, Agostinho Fortes, Thomaz da Fonseca, Paes Gomes e José Maria Pereira.

Estatistica—Sousa Junior, Calça e Pina, Silva Barreto, Augusto Cymbron e Lourenço Serra.

Marinha e pescarias—Baldaque da Silva, Rodrigues Gaspar, Arantes Pedroso, Celestino de Almeida e José Maria Pereira.

Estrangeiros — Leão Meyrelles, Madureira e Castro, Teixeira Rebello, Celestino de Almeida e Pedro Martins.

Petições—Elysio de Castro, Antonio Lourinho, Vasco Marques, Paes Abranches e Baeta Neves.

Verificação de poderes—Remigio Barreto, Pereira Barreiros, Leão de Meyrelles, Leão Azedo e Paes Gomes.

O sr. ministro das finanças envia para a mesa rectificações ao orçamento das receitas.

Como não havia trabalhos para ámanhã e as commissões precisam reunir, a proxima sessão é na segunda-feira, estando marcada para tal dia a interpellação do sr. dr. Pedro Martins ao sr. presidente do ministerio.

A questão do Douro

A camara do Porto pronuncia-se sobre ella

O sr. dr. Germano Martins recebeu esta tarde o seguinte telegramma:

PORTO, 1.—A camara municipal do Porto, em sessão plenaria d'hoje, resolveu dar todo o apoio ás camaras da região duriense e exportadores de vinhos d'esta cidade e Gaia, a fim de que o tratado com a Inglaterra só seja assignado com a aclaração votada pelo parlamento. De contrario, todo o vinho licoroso exportado de qualquer ponto do paiz para Inglaterra seria para todos os effeitos considerado vinho do Porto, o que traria o immediato descredito da marca secular e a ruina da região duriense e com ella a perda da mais solida riqueza de Portugal. A v. ex.ª, o deputado mais antigo pelo Porto, portanto, vem esta camara rogar-lhe para juntamente com demais representantes da cidade, a quem transmittirá o presente telegramma, irem junto do governo envidando os maiores esforços a fim de que o nome do Porto em Inglaterra seja só permittido aos vinhos exportados pela nossa barra e da região duriense. O presidente, Henrique Pereira d'Oliveira.

O sr. dr. Germano Martins, em face d'este telegramma, convocou já uma reunião de deputados pelo Porto, a qual se realisa ámanhã, n'uma das salas do Congresso.

Noticias parlamentares

O partido evolucionista ainda não escolheu os seus candidatos pelos circulos dos Açores. Segundo parece, o partido, nas *ilhas*, deu uma grande liberdade aos seus correligionarios, os quaes escolherão aquelles em quem devem votar. Por Cabo Verde, o candidato do evolucionismo será o sr. dr. Nobre de Mello, professor da Escola de Direito de Lisboa; por S. Thomé, será proposto o sr. dr. Avelino Leite, juiz de direito; pela India, o sr. Prazeres da Costa, e por Moçambique, o sr. Alfredo de Magalhães, independente, com o apoio dos amigos do sr. dr. Antonio José d'Almeida. O sr. Silva Gouveia será o candidato a senador pela Guiné.

* *

Foi já hoje um trabalhão para arranjar numero na Camara dos Deputados. A' primeira chamada, responderam apenas 49 legisladores e só muito depois das 15 horas se logrou reunir o pessoal indispensavel para approvar a acta. A meia duzia de dias da abertura do Congresso, temos de concordar que o bacilus da cabulice principia a produzir cedo de mais os seus effeitos. Não seria facil ou possivel esmagal-o desde já?

Os parlamentares evolucionistas resolveram reunir todas as terças, a fim de trocarem impressões sobre a marcha dos trabalhos parlamentares. O sr. Vasco de Vasconcellos, secretario do grupo, enviou hoje para a meza uma nota de interpellação ao sr. ministro das colonias sobre a demissão de vogal do conselho colonial do sr. dr. Costa Metello.

* *

O sr. Antonio de Castro Meirelles, eleito deputado catholico pelo circulo de Oliveira de Azemeis, apresentou-se hoje a tomar assento na Camara. Foi occupar um «fauteuil» ao lado do sr. Casimiro Rodrigues de Sá, seu collega no sacerdocio, e teve, por parte dos evolucionistas, a mais affectuosa das recepções. O sr. Castro Meirelles é novo e cheio de vivacidade, apresentando-se vestido de negro, com a sua gola de clerigo e a corôa cuidadosamente escanhoada. O seu apparecimento na Camara teve, por minutos, foros de acontecimento sensacional...

* *

A commissão de guerra da Camara dos Deputados ficou, já hoje, installada. Elegeu para presidente o sr. Ramos da Costa e escolheu para secretario o sr. Alvaro Pope. Foram desde logo distribuidos cinco projectos de lei, apresentados á Camara nos ultimos dias de junho. As reuniões ordinarias da commissão devem realisar-se ás quartas-feiras.

* *

O sr. ministro das finanças enviou hoje para a meza as suas annunciadas emendas ao orçamento. Foram rapidas as considerações que o sr. Victorino Guimarães, a proposito, fez. Entre ellas, porém, figura a declaração de que no orçamento respectivo é preciso fazer uma rectificação de cerca de 5.000 contos, por ser essa a verba que as mesmas receitas diminuiram, devido á guerra, desde que o orçamento foi apresentado até agora.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha.

—Chegaram hoje a Lisboa os srs. dr. Pereira Osorio e Caldeira Scevola, governador civil e commissario de policia do Porto, que conferenciaram com o sr. ministro do interior sobre assumptos d'aquelle districto.

—O sr. governador civil, accedendo ao convite que n'esse sentido lhe foi feito, acompanhará ao palacio de Belem a commissão que ali vae no proximo sabbado convidar o sr. presidente da Republica a assistir ao espectaculo que, no dia 11 do corrente, se realisa em S. Carlos em favor das victimas da revolução de 14 de maio.

—Vae ser nomeado governador civil de Beja o sr. José Joaquim Gomes do Vilhena.

—N'uma das salas do Congresso realisou-se hoje uma conferencia entre os srs. ministro do interior, governador civil, deputados pelo circulo e a camara municipal de Arruda dos Vinhos.

—Na recepção do corpo diplomatico, no ministerio dos negocios estrangeiros, compareceram os srs. embaixador do Brazil, ministros da Inglaterra, França e Hespanha e os encarregados de negocios da Argentina, Uruguay e China.

—Os ajudantes de solicitadores representaram ao sr. ministro da justiça no sentido de ser abolido o quadro dos solicitadores e de se estabelecer o livre exercicio d'estas funcções a todos os individuos habilitados com concurso.

—A irmandade do Santissimo da freguezia de Santo André e Santa Marinha requereu ao ministerio da justiça para lhe ser entregue a egreja da Graça, cujas chaves estão em poder da Associação Cultual a Oriental, desde 15 de maio passado.

—O sr. presidente da Republica esteve a trabalhar toda a manhã em sua casa, dirigindo-se pelas 14 horas e meia para o palacio de Belem, onde recebeu em audiencia particular o sr. Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil. No proximo sabbado receberá tambem em audiencia particular o sr. ministro da Russia e as mezas dos institutos annexos á Academia de Sciencias de Portugal.

PEQUENAS NOTICIAS

Os promotores do jantar do Grupo Fraternal pedem a todos os seus socios que tomam parte no jantar de domingo que reunam, ás 2 horas prefixas, na tabacaria Mendonça, rua Fernandes da Fonseca.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7/16	36 5/16
Londres, 90 d/v.	36 7/8	—
Paris, cheque	$72,5	$73
Allemanha, cheque	$27,2	$28
Hollanda, cheque	$54,5	$55,5
Madrid, cheque	1$26,5	1$27,5
New York	1$36,5	1$38
Rio s/Londres	12 11/16	—
Libras	6$57	6$67
Agio do ouro	40 °/o	45 °/o

BOLSA. — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,55	39,45
» » 500$	39,55	39,45
» » 100$	39,55	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0, 1888, 21$70, 4 1/2, 78-89, coup., coup. 59$; 4 1/2, 1905, coup., 82$50.

Externas: 1.ª serie, 71$70 e 3.ª, 72$50.

Acções: Ultramarino, 110$; Aguas, 89$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$; Phosphoros, coupon, 55$; Tabacos, coupon, 74$80.

Obrigações: Prediaes, 5 0/0, 88$; Ultramarino, hipothecarias, 74$; Ambacas, 58$70; Caminhos de Ferro de Benguella, 80$.

SPORT

Analisando um programma de espectaculo

As festas no Stadium de Lisboa estão despertando um enthusiasmo excepcional e motivando uma numerosissima assistencia de espectadores que vêem na obra do visconde de Alcalade, seu neto José e dos seus mais directos collaboradores um renascimento da energia e um despertar da nossa mocidade, enthusiastica e forte, para as luctas de destreza phisica.

Foi por estas circumstancias que nos lembrámos de procurar o sr. Francisco Vieira, gerente d'aquelle parque athletico, para nos informar sobre o programma do proximo domingo.

—Vem de A Capital? Essa agora é boa!... Então quem melhor os pode informar que o nosso director technico, que pertence ao quadro de redacção do seu jornal? Elle é que esboçou o programma, cuja inscripção fecha hoje á noite. Elle sabe melhor do que eu o que será a festa...

—Em todo o caso...

—Ah! Já sei, quer informação estranha para ter mais valor para o jornal. Pois bem,... o que posso fazer é repetir o esboço do programma. O espectaculo tem duas corridas de bicicletas, uma nacional e outra um match e duas de motocicletas, uma entre amadores, outra entre os corredores de machinas de força. Na nacional entram os nossos melhores sprinters, que evidentemente ainda não teem grande fórma, mas nos quaes se revelam decididas qualidades, entre elles Joaquim Rapozo, que é um tactico de pista. No match, batem-se Soares Juniar e Lazaro Vilada...

—...O campeão de Hespanha?...

—«Não o campeão d'este anno, que é Oscar Blanc, mas um campeão que eguala aquelle e que contra elle tem disputado muitas corridas em que nunca se define superioridade de um ou outro.»

—«N'essas circumstancias, Vilada não se devia apresentar, como o fez no ultimo domingo, com as côres hespanholas no maillot e no kepi...

—«Podia porque é um autentico campeão de Hespanha, facto que se comprova vendo a sua licença. Esta foi lhe passada como de corredor de 1.ª cathegoria, titulo que equivale pelos regulamentos do paiz visinho ao amador ou profissional que tenha ganhó campeonatos nacionaes ou regionaes. De resto, se Vilada appareceu com as suas côres hespanholas fez bem e tornou frisante o descuido de Soares Júnior...

—Descuido?...

—Sim, apenas um descuido, porque ao descer para a «reta» do Velodromo é que reparou nas côres do maillot do hespanhol. Tanto assim é, que, no proximo domingo, já elle remediará a gaffe. Usará uma camisola com as côres nacionaes, e se a não puder utilisar pela difficuldade de a obter e de a registrar, levará uma camisola branca com uma braçadeira indicativa ou uma faixa com as côres racionaes. E todos estão convencidos de que assim equipado talvez a victoria lhe sorria. Perdeu no domingo passado com a camisola de côres antigas; deve ganhar no proximo domingo com a braçadeira com as côres portuguezas. Pelo menos, essa é a opinião d'elle e a minha, embora não seja a de Vilada, que calcula a sua nova victoria pela differença d'uns 9 comprimentos!...

—Exagero talvez?...

—Sim, uma fanfarronada d'esse rapaz, que é um bello companheiro e um excellente camarada, mas que não deixa por bocca alheia o merecimento da sua pessoa. A minha convicção é de que ambos são muito eguaes e que a chegada á meta em primeiro logar depende unicamente da opportunidade de demarragem aos 200 metros. O que partir á cabeça e souber manter-se na recta é que ganha. No programma de domingo esta corrida de match é a maior nota attractiva, porque excita o nosso amor proprio nacional. E' um campeão portuguez contra um campeão hespanhol e que correm com consentimento especial da União. Para os que adoram as luctas de emoção e movimentadas, nas quaes se espera a cada momento um acontecimento grave, os espectadores do proximo domingo tem as duas provas de motocicletas. Em ambas tomam parte rapazes que não conhecem o perigo, que não teem medo e que luctam unicamente para vencer, mas para vencer por muito, por grande differença de metros, principalmenet quando teem estrangeiros como competidores...

Nota do dia

Uma iniciativa que merece auxilio...

Vieram hoje procurar-nos dois enthusiastas pelos assumptos de navegação aerea, um d'elles o sr. Ernesto José Ferreira que associado ao estudante de engenharia Arthur Augusto da Fonseca construiu um monoplano tipo portuguez. Vinha pedir o auxilio para uma festa que brevemente se realisará no campo de Sete Rios, propriedade do Sport Lisboa e Bemfica, com o proposito de angariar os recursos necessarios para concluir o apparelho.

—O que lhe falta?

—Pouco, camara de comando, rodado e pouco mais. Tenho um Grôme 50 HF e o sr. presidente do conselho dr. José de Castro prometteu-me um Anzani 22 HP. se eu quizer montar o aeroplano para escola. Tem custado muito a construcção e essa difficuldade mais se tem feito sentir porque o dinheiro não é bastante na nossa carteira. E é por isso que vou promover a festa. Queria dotar o meu paiz com uma construcção absolutamente portugueza, com um tipo de monoplano nosso, cujas modificações consistem em apropria-lo ás fortes correntes de vento, dominantes em Portugal.

—E o que quer de nós?

—Que *A Capital* auxilie a festa, porque ella serve para auxiliar dois portuguezes que trabalham para o paiz.

Algumas anecdotas

Se não fôsse o «gong» nem a alma se aproveitava...

O combate entre Tommy Rian e Mysterious Billy Smith realisou-se em Correy Island, em 1893.

Smith tinha o habito deploravel de atacar «ás marradas» magoando os adversarios. N'este combate usou e abusou d'esse habito. Dava cada «cabeçada» em Tommy que este inquietou-se e enfureceu-se! Com um temivel sôcco á cabeça, seguido d'uma nova «marrada», a dôr foi tão grande e o desespero de tal ordem que Tommy queixou-se ao «referee», parando ligeiramente o combate! Foi o que Smith quiz, porque emquanto o arbitro se collocou entre os dois para discutir, deu tamanho sôcco por sobre o hombro do «referee» em Tommy que este cahiu redondamente como uma massa, n'um autentico «knock-out»!

—Que é que v. fez? Elle estava distrahido!...

—Que tenho com isso? Quem vem para o «ring» é para combater e não para discutir...

O arbitro hesitou um momento, porque, em summa, o sôcco podia ser considerado como regular. Acabou por conceder a Ryan dez minutos, depois dos quaes o combate continuaria.

O «match» começou outra vez e Tommy, desesperado mas mais cauteloso, deu tamanha «tareia» no seu pouco escrupuloso campeão, que ao 4.º «round» Smith tinha o nariz quebrado, os olhos fechados e a cara em sangue de duas feridas supraciliares que sangravam muito! Mas... quando ia terminar com elle, o "gong" soou!...

—Foi o que te valeu! Se não fôsse o tempo eu te diria!

—O que querias fazer, Smith?

—Comia-o e nem a alma se lhe aproveitava...

Noticias

ENTRE NÓS

Taça Portugal da União Velocipedica Portugueza

A direcção da nossa federação ciclista resolveu adiar para o dia 18 do corrente esta prova, que, como temos annunciado, estava marcada para o proximo domingo, 4.

PEQUENAS NOTICIAS

José Mendes Gouveia, morador na rua de Alcantara, 44, 3.º, queixou-se á policia de que na praça de D. Pedro lhe furtaram a carteira com a quantia de 55 escudos e alguns documentos.

—Rosalina da Conceição Oliveira, moradora na rua dos Luziadas, 131, 2.º, foi presa a pedido de Maria da Conceição Riço, com loja de fazendas na rua Luiz de Camões, 41, que a accusa de lhe ter subtrahido, por differentes vezes, 9 peças de oxford, 13 metros de melton, 1 corte de calça, 4 metros de cheviote e outros objectos, tudo no valor de 110 escudos.

—Foi pensado no banco do hospital Agostinho Godinho, servente de pedreiro, residente na rua Sá de Bandeira, 13, que cahiu de um andaime na rua Paschoal de Mello, ficando muito contuso pelo corpo.

—Manuel da Silva, residente na rua Conselheiro Moraes Soares, M. J. C., tentou suicidar-se com sublimado. Recolheu á enfermaria de S. Sebastião, no hospital de S. José.

—No lyceu Pedro Nunes realisam-se ámanhã as provas escriptas dos exames do curso complementar de sciencias, 1.º e 2.º turno, ás 11 e meia horas; curso geral, 2.ª secção, 1.º turno, ás 9 e meia, 2.º turno, ás 10 e meia horas.

—Para o 2.º juizo foram hoje enviados Manuel Antonio de Moura, morador na calçada do Tijolo, 27, 1.º, e Augusto Rocha, na mesma calçada, 23, accusados de na noite de 27 para 28 do mez passado terem furtado a quantia de 200 escudos a Antonio Anastacio Gomes, morador na rua Maria Andrade, 27.

—Os srs. Arthur Moreira d'Oliveira e Augusto Anselmo, vogaes da direcção da «Juncção do Bem» distribuiram hoje os subsidios mensaes aos pobres da freguezia de S. Nicolau, sendo 8 de 1$00, 80 de 50 centavos e 280 senhas para jantares completos das cosinhas economicas.

Ao publico

VICTORINO ROSAS DE CASTRO, ourives, casado com D. MARIA PEREIRA ROSAS DE CASTRO, morador na rua Ferreira Lapa, lettras A. L. R., 2.º andar, direito, vem tornar publico o seguinte:

O declarante moveu contra BERTA RODRIGUES CAEIRO, casada, modista de chapeus, moradora na rua Ferreira Lapa, lettras A. L. R., cave, direita, um processo criminal—por ter a dita Bertha diffamado e injuriado a esposa do declarante—o qual correu seus termos, pelo 1.º juizo de investigação criminal, cartorio do escrivão Pires e depois pelo 2.º districto criminal cartorio do escrivão Gervasio da Silva, tendo o n.º E. 3:337. D. 360.

A arguida foi julgada em audiencia de policia correccional; mas como, depois de ter negado a accusação, se resolveu a admittil-a e a dar em juizo explicações cabaes, o declarante houve por bem perdoar-lhe, pelo que não soffreu pena. Consta, porém, ao declarante que a arguida, agora, se gaba de não ter sido condemnada e até affirma que, se quizesse, podia demandar o declarante por não ter soffrido pena. Para desfazer tal equivoco e mostrar a cabal reparação prestada pela arguida á esposa do declarante, transcrevem-se, na integra, as palavras da arguida BERTA RODRIGUES CAEIRO que consubstanciam tal reparação e que constam da «acta de julgamento», a fls. 79 do dito processo:

«Que não se recorda de ter proferido as palavras ou expressões injuriosas ou diffamatorias que são attribuidas, sendo no emtanto possivel que as tivesse dito em qualquer momento de menos reflexão ou má disposição despeitada pelo facto de vêr que uma senhora que como a queixosa, era sua freguesa assidua, de quem recebera gentilezas, com ella respondente cortára relações por intrigas e mexericos de terceiras pessoas que junto da mesma queixosa se faziam eco de imaginarios e inverosimeis ditos da arguida.

«Como quer, porém, que tenha sido, ella respondente (BERTA RODRIGUES CAEIRO) está prompta a declarar e reconhecer,—como de facto e para todos os effeitos declara e reconhece—que a queixosa (D. MARIA PEREIRA ROSAS DE CASTRO) é senhora de toda a honestidade e probidade, reputando-a incapaz pelo seu caracter e educação de qualquer acto que possa deslustrar a conducta da esposa modelar que ella respondente sempre lhe tem conhecido desde que ambas travaram relações».

E para que do facto tenha o publico, em geral, completo conhecimento, se faz esta declaração.

Lisboa, 23 de junho de 1915.

(a) Victorino Rosas de Castro

(Segue o reconhecimento).

CONTOS E CHRONICAS

Os gargarejos

Quando, noite alta, eu regresso a casa, encontro no meu caminho quatorze namoros de gargarejo, que á treva protectora da illuminação publica confiam as suas esperanças, os seus receios e os seus projectos, n'uma ignorancia absoluta das tabellas de preços dos generos alimenticios.

O namoro de gargarejo é uma instituição nacional. O namoro de janella é um processo de pesca por meio de uma *isca* pendurada a altura variavel que chega a attingir a de um quinto andar. E é que não ha frio, não ha chuva, nevoeiro, trovoada ou raio que obste a que *elles* e *ellas* se esfalfem na inglória tarefa de attentarem contra a sua liberdade individual.

Os quatorze pares de irresponsaveis a que me estou referindo podem classificar-se da seguinte fórma:

Caixeiro de loja de modas, 1; Estudante, 1; Amanuense, 1; Militares cadetes, 2; Sem emprego, 8; 1.º Official de ministerio, 1.

A classe que maior contribuição dá é a dos desempregados. São, em geral, mancebos que vestem com certa elegancia e namoram, de preferencia, meninas que habitam predios nas avenidas novas.

Pelos pedacitos de dialogo que consigo surprehender, conheço os nomes de quasi todos elles. Os nomes d'ellas é que eu ignoro porque os cavalheiros tratam-nas por: meu amor, filhinha e outros pseudonimos egualmente abréjeirados.

Na avenida da Republica encontro eu um cretinoide que anda, ha mais de dois mezes, a vêr se consegue—não são capazes de adivinhar o que é?—o que o rapazinho ambiciona—Um emprego? A sorte grande n'um vigesimo? Nada d'isso. O que o mancebo pretende é, muito simplesmente, um pedaço de cabello da mulher amada! E para isto passa elle noites inteiras em communicação vertal com a *isca*, que mora n'um quarto andar! Ainda hontem eu ouvi este pedaço de dialogo:

Elle—Meu amor! Então?

Ella—Dizes tu... (*Passa um electrico*) deixa passar o electrico.

Ella—Heim?

Elle—Espera (*passa uma carroça das regas*) agora é uma carroçal...

Ella—Foste ao dr. Caroça?

(*A carroça é das chamadas da limpeza, de umas que ha que sujam tudo por onde passam. O rapazinho tosse, cospe, engole 250 grammas de microbios sortidos*).

Elle—Assim é que se arranja uma infecção...

Ella—Tiveste uma questão?

Elle—(*No momento em que vae a passar a patrulha de cavallaria*) Espera... deixa passar a patrulha.

Ella—(*Muito debruçada da janella*) Chamaram-te pulha?

Elle (*Aproveitando o ensejo de estar o transito desimpedido*) O teu cabello!...

Ella—Quem te chamou camêllo?

Por esta amostra creio bem que chegarão ao fim de 1915 sem que nem elle nem ella consigam entender-se.

Atravessando a rua, quasi defronte, está plantado, de estaca, o caixeiro da loja das modas. A joven mora n'um 1.º andar.

Elle—Pois eu acho que a *aigrette* sobre o velludo da *toque*... com um *cabochon*...

Ella—(*Que a respeito de illustração só conhece a dos bonecos dos figurinos*) Para a *bluzia* trez metros de *nansuka* chegam...

Elle—Temos umas para 1.200, cada metro, que são mesmo um apetite!...

Ella—Amanhã vou com a *ti* Casimira lá á *loja*.

Junto á esquina da praça do Marechal Saldanha, deparo com o estudante:

Elle—Faltei á chimica..

Ella—E os exames que estão á porta, Raul!

Elle—Que queres tu? No domingo tenho o desafio da taça do *foot ball*.. Com o Mendes ao *goal*... ou sou *forward*...

Se o mocinho apanha a taça não sei, mas que fica chumbadissimo na chimica isso é mais que certo.

Na avenida Casal Ribeiro venho encontrar o meu n.º 14. Elle, o Saraiva, é 1.º official de repartição. Homem dos seus quarenta o tal. Ella, a D. Elisa, deve andar pela mesma bitola. Namoro de rez-do-chão. Namoro de um solteirão que sentiu já o rheumatismo tocar a rebate nas articulações; na edade em que um homem começa a perder as illusões e os dentes e reconhece a vantagem da acquisição de uma alma gemea para as fricções do *opodeldoc* e para a sutura das peugas.

O dialogo d'estes namorados revella uma grande ponderação:

Elle—Imagina tu: por um par de gaspeas, levaram-me dois mil e quinhentos!

Isto está tudo pela hora da morte!

Ella—Mas ainda tinhas as botas de elastico e podias, muito bem, ir remediando...

Elle—E o meu joanete?...

Ella—Deve ser por causa da mudança de tempo...

Elle—Que eu ainda trago peugas de lã.

Ella—E eu duas camisolas.

Elle—O peor é que os meus intestinos...

A conversa prosegue mas torna-se impossivel ouvir o dialogo porque n'este momento passa um bebedo a tocar harmonio.

Ella—Para mim não ha nada como o chá Chambard...

Elle—O sal amargo é um grande remedio...

Affasto-me e vou pensando: meu pobre Saraiva! Se tu já chegaste á idade em que o pensamento desce das illusões do ideal á realidade dos joanetes, julgas talvez que a D. Elisa é a mulher que te convem? Puro engano! Se mesmo agora, antes do matrimonio, já existe o desaccordo na preferencia do purgante!

V. Chagas Roquette

As estrelas animatographicas no Coliseu dos Recreios

Continuam a attrahir uma enorme concorrencia os deliciosos espectaculos cinematographicos que todas as noites, com um programma diferente, se realisam no Coliseu dos Recreios.

Para hoje estão annunciadas tres estreias: *Conquistas do chauffeur* e *Creanças hollandezas*. No sabbado, estrear-se-he uma sensacional pellicula de 2000 metros.

Abono de passagens a soldados

Um pedido ao sr. ministro da guerra

Um grupo de cabos e soldados do quartel da Trafaria dirigiu-se-nos, pedindo que advoguemos junto do sr. ministro o seguinte pedido:

Desde janeiro que ali estão destacados, sem que até hoje tenham gosado uma licença para irem vêr suas familias. A maior parte d'esses soldados são naturaes do Algarve. Ora não só desejavam que o sr. ministro da guerra lhes concedesse licença, por turnos, para uma visita ás suas familias, como ainda que ordene que lhes fossem abonadas as passagens. Os caminhos de ferro do Sul e Sueste são do Estado e, por isso, ao Estado nada custaria o abono de taes passagens, ao passo que o soldado não tem 4$00 ou 5$00, que tanto é o dinheiro necessario para a viagem.

Ahi fica o pedido que nos dirigem, estando nós convencidos de que as estações competentes o tomarão na devida consideração.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—A mulher do proximo.
POLITHEAMA—A's 21—O sr. juiz.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

A'MANHÃ — *Politeama* — Primeira representação da comedia em 3 actos de Nancey e Rioux, *O sr. juiz*, adaptação de André Brun.

Ao correr da penna

Na analise que faremos á revista de 1858, de que já temos falado aos nossos leitores, assignalaremos as differenças essenciaes que a separam das revistas. Antes de qualquer outra deve-se marcar a disposição da musica. Na revista de que se trata, e sem duvida nas outras da sua epocha, a musica vinha incidentalmente. A meio de um dialogo, o artista, largando a prosa, cantava, n'uma coordenação de trechos de opera, duas ou trez quadras, após o que retomava o seu paleio. Hoje abundam nas revistas os numeros que se passam exclusivamente em musica e ha quem preconise, como sistema, a abundancia d'esses numeros, reduzindo o dialogo ás ligações necessarias e mais ou menos logicas.

Veremos tambem que as revistas do seculo passado eram exclusivamente feitas dos factos do anno. Hoje abundam—e isso deve-se á abundancia da factura—os chamados quadros de phantasia, que tanto servem na peça em representação como na do visinho, como ainda na que os outros hão de fazer d'aqui a seis mezes ou d'aqui a seis annos. São mais vivas e ruidosas as nossas revistas de hoje; mas não ha negar que as antigas tinham um sabor bem mais caracteristico. Tinham muito menos graça—e d'ahi talvez tivessem muita para o tempo—mas tinham muito mais critica, como dizia aquelle nosso amigo.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Pereira Coelho e Gustavo Sequeira estão remodelando a magica *As portas do sol*, que foi escripta ha tempos em collaboração com o fallecido escriptor Xavier Marques.

● O traductor de *Les jumeaux de Brighton*, de Tristan Benard, que serão representados no Politheama, é o sr. Mario de Almeida.

● A companhia Ruas vãe ao Porto no proximo mez de setembro.

● Entra ámanhã em ensaios no Politheama a comedia *Caldo entornado*, traducção de Mello Barreto.

Circos & Music-halls

O que Petersen levou para a America

De bordo do «Orita», de Las Palmas, o grande luctador e campeão do mundo Jess Petersen escreve á «Capital» dizendo que fórma projectos de revolucionar Buenos Ayres com o melhor grupo de athletas que a America do Sul tem visto. Diz elle que na volta, d'aqui a mezes, talvez a Europa ouça falar d'elles.... Refere-nos que na sua companhia vão quinze hercules, todos elles de 90 a 120 kilos de peso, musculados e fortes e entre elles, cita Ochoa, campeão hespanhol, Masselti, campeão italiano, o suisso Grum, o russo Goldstein, o francez Rossete... para não perder os creditos cita-se a elle ainda como um campeão que não teme seja quem fôr!...

Noticias

Entre nós

O Salão Olimpia tem como attracção actual dos seus cartazes a pelicula «Coração rebelde».

—A orchestra de senhoras que se apresenta no proximo domingo no Salão de Festas dos Recreios da Amadora, na festa de homenagem aos gentilissimos duettistas Petits Walter, ensaia no proximo sabbado no theatro Nacional, já sob a regencia do distincto musico o engenheiro Frederico Taveira. Executará peças classicas e alegres rapsodias nacionaes.

—O Salão Foz reabre em agosto, com a sua nova casa de espectaculos.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo.
SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Inquilino que esfaqueia o senhorio

No 1.º andar do predio n.º 69 da rua D. Estephania reside o sr. Joaquim Duarte Ferreira Quintino, que, ao que parece, se deixou atrazar no pagamento da renda de casa, motivo por que o senhorio o procurou hoje, exigindo-lhe esse pagamento. Credor e devedor travaram azeda discussão e a certa altura o locatario, que se oppuzera a que o senhorio passasse da escada foi ao interior da residencia, muniu-se d'uma faca e, voltando ao patamar, vibrou trez facadas no peito do senhorio.

O caso produziu enorme balburdia no predio e na visinhança, acudindo a policia, que prendeu o aggressor e fez transportar ao hospital da Estephania o ferido, que é o sr. João Alberto de Sousa Braz, residente na rua Pinheiro Chagas, A. B., rez-do-chão, esquerdo, o qual depois de receber o primeiro curativo recolheu a sua casa.

Movimento maritimo

Af. or. via Mad. etc. «Moçambique» 1
Hol. Allem., Aust. etc. «Hollandia» 1
New-York, «Saint Andreu» 1
R. J. Santos, R. da P. «Desedado» (Liv.) 2
Bordeus, «Garona» (Brazil) 3
Archipelago dos Açores, «Funchal» 4
Gibral. e Barc. «Venesia» (New-York) 5
New-York, v. Aç. «Roma» (Gibraltar) 6
Mad. Bras. R. Prata «Amazon» (Liv.) 6
Vigo e Inglat. «Araguaya» (Brazil) 7

Joaquim Farinha Dias de Souza
FALLECEU

Elisa Salomé de Souza, Alice Dias de Souza, Elvira Dias de Souza, Maria da Conceição Dias de Souza e filho, José Farinha Dias de Souza e mulher (ausentes), Maria Antonia de Souza Cardoso e filhos participam o fallecimento de seu muito querido marido, pae, irmão, tio, cunhado e primo cujo funeral se realisará ámanhã, 2 de julho pelas 16, (4) horas sahindo o prestito funebre da sua residencia Avenida Duque d'Avila, n.º 119, 1.º, Esq.

Banco de Portugal

Dividendo 3 0|0

O pagamento d'este dividendo, relativo ao 1.º semestre de 1915, livre do imposto de rendimento, ha de começar no dia 1 de julho proximo, das 10 horas da manhã á 1 hora da tarde, e continuará todos os dias uteis.

Recommenda-se aos srs. accionistas, para regularidade do serviço, que mencionem os titulos ao portador, em relações separadas dos titulos nominativos.

Banco de Portugal, 25 de junho de 1915.

Pelo Banco de Portugal—Os directores: J. Pereira Cardoso, J. Gomes Junior Motta.

Agradecimento

Tenente Gomes da Silva

Paes, irmãos, cunhada e sobrinhos do tenente Ernesto Gomes da Silva Junior, barbaramente assassinado em frente do portão da Escola de Guerra, quando era já, com todos os alumnos, prisioneiro da turba irada e revolta, veem agradecer a todas as corporações, amigos e parentes as homenagens prestadas ao seu querido e inolvidavel morto e a companhia que lhe fizeram até á sua ultima morada. Não especialisando ninguem, a familia do tenente Gomes da Silva, imersa na immensidade da sua dôr, só tem em mira não magoar ou melindrar quem, por aquelle motivo, deixasse de ser ennumerado, e ao mesmo tempo assim provar a equidade do seu cordeal e eterno reconhecimento.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

SÉDE—*Largo do Corpo Santo, 13, 1.º—Lisboa*

Capital emittido	1:344.000$000
Capital desembolsado	67.200$00
Reservas	733.702$07,5
Prejuizos pagos.	4.497.355$11

Effectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias

---

COMPANHIA DE SEGUROS

Bonança

Fundada em 1808

Capital responsavel 1.568:000$000

Indemnisações pagas por sinistros terrestres e maritimos nos ultimos 60 annos

Escudos 2.726:000$

Realisa seguros maritimos e contra o risco de fogo na delegação no Porto, **Rua Mousinho da Silveira, 47, 2.º** *e nas agencias das differentes terras do paiz e na séde na*

Rua Aurea, 100, 1.º andar, LISBOA

MACHINAS

industriaes e agricolas de todo o genero

MOTORES

a gaz rico, a gaz pobre, a gazolina, etc.

Deposito de machinas e material para as artes graphicas

Tudo das principaes e mais reputadas marcas do mundo

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

PPEVIDENCIA

COMPANHIA PORTUGUZA DE SEGUROS

Fundada em 1879

Capital um milhão de escudos

Fundos de reserva, Esc. 76.839$77,5

Séde em LISBOA—RUA AUREA, 32, 2.º—Telephone 1984

Agencias nas principaes povoações do paiz

Direcção

Carlos Ferreira Pires, Justino C. Pinto da Silva, Joaquim dos Reis Torgal

Conselho fiscal

José Maria Dias Ferrão, José da Paixão Castanheira das Neves, J. Burmeister

Seguros contra incendios em predios, mobilias, estabelecimentos, etc. Seguros maritimos

Na séde prestam-se todos os esclarecimentos verbalmente ou por escripto

Indemnisações pagas até 31 de dezembro de 1914 Escudos 745.378$19,5

Companhia dos Tabacos de Portugal

Qualidades dos tabacos á venda nos estancos e preços a retalho

Charutos finos

Operas, 15 réis; Reinitas e Carmen, 20 réis; Conchitas e Lakmé, 25 réis; Regalia Chica, Margaridas, Aidas e Gaumas, 30 réis; Elegantes, Othello e Falstaff, 40 réis; Delicias, 50 réis.

Charutos ordinarios

De folha de Kentuky, para picar, de 15 e 25 réis.

Cigarrilhas de capa de papel

Rufinas, forte, entre-forte e fraco, Pachás, incriveis. Em carteiras de 10 e 12 cigarrilhas, com 8 grammas, 45 réis—10 e 12 cigarrilhas, com 10 grammas, 55 réis.—Vascos, Argelinos, Negritas, Lisboetas. Em carteiras de 20 cigarrilhas, com 20 grammas, 120 réis.—Viriatos e Egypcios. Em carteiras de 20 cigarrilhas, com 25 grammas, 150 réis.

Cigarrilhas de capa de tabaco em carteiras

Mimosos, 10 cigarrilhas, com 10 grammas, 60 réis. Elegantes, 12 cigarrilhas, com 15 grammas, 90 réis. Coquettes, 12 cigarrilhas, com 20 grammas, 120 réis. Chic, 10 cigarrilhas, com 20 grammas 120 réis. Vascos, 20 cigarrilhas, com 25 grammas, 150 réis.

Cigarros

Ordinarios, em fio, massinho de 12 cigarros, 30 réis. Marechaes, em fio, massinho de 9 cigarros, 30 réis.

Picados em pacotes

Hollandez, Cachimbo e Duque, 25 gram., 100 réis; 50 gram., 200 réis; 100 gram., 400 réis.—Americano, 12 1/2 gram., 50 réis; 25 gram., 100 réis.—Esmeralda, 50 gram., 200 réis.—Perfeição, Aguia e Superior 10 gram., 50 réis; 14 gram., 70 réis; 20 gram., 100 réis; 30 gram., 150 réis.—Francez, 15 5/8 gram., 80 réis; 31 1/4 gram., 160 réis.—Padoucah e Burley, 14 gram., 70 réis.—Havano, em fio ou repicado, 50 gram., 275 réis; 100 gram., 550 réis.

Rapé secco

Massaroca.—Pacotes: de 50 gram., 250 réis; de 100 gram., 500 réis; de 200 gram., 1$000 réis. Princeza.—Pacotes de 50 gram., 200 réis; de 100 gram., 400 réis; de 200 gram., 800 réis. Reserva.—Pacotes de 50 gram., 200 réis; de 100 gram., 400 réis; de 200 gram., 800 réis—◆◆—Pacotes de 50 gram., 195 réis; de 100 gram., 390 réis; de 200 gram., 780 réis.

Rapé preparado em pacotes

Massaroca.—Pacotes de 50 gram., 200 réis; de 100 gram., 400 réis; de 200 gram., 800 réis. Princeza —Pacotes de 50 gram., 165 réis; de 100 gram., 330 réis; de 200 gram., 660 réis. Reserva.—Pacotes de 50 gram., 165 réis; de 100 gram., 330 réis; de 200 gram., 660 réis. Mazalipatão.—1.ª—Pacotes de 50 gram., 165 réis de 100 gram., 330 réis; de 200 gram., 660. Vinagrinho.—1.ª—Pacotes de 50 gram., 165 réis; de 100 gram., 330; de 200 gram., 660 réis.◆◆◆—Vinagrinho e Mazalipatão.—2.ª—Pacotes de 50 gram., 150 réis; de 100 gram., 300 réis; de 200 gram., 600 réis. Estrella, Vinagrinho e Mazalipatão.—3.ª—Pacotes de 11 1/9 gram., 30 reis; de 22 2/9 gram., 60 réis; de 50 gram., 135 réis; de 100 gram., 270 réis; de 200 gram., 540 réis.

Tabaco em pó em pacotes de 100 grammas

Amostinha, 450 réis; Esturrinho, 400 réis; Esturro e Cidade, 375 réis; Simonte, 350 réis.

Tabaco fabricado exclusivamente para exportação, effectuando a Companhia o embarque

Hollandez A, em pacotes de 50 e 100 grammas.—Hollandez B, em pacotes de 50 e 100 grammas.—Superior francez, em latas de 1:000 e 280 grammas e a granel, em pacotes de 50 grammas.—Tabaco prensado (tipo Cavendish) em talhadas.

BANCO DE PORTUGAL

CAPITAL 13.500:000$000 RS.

SÉDE EM LISBOA

148, Rua do Commercio, 148

(Vulgo Capellistas)

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencias em todos os districtos administrativos e ilhas dos AÇORES e MADEIRA

Correspondentes nas principaes terras do paiz

Correspondentes nas praças principaes da Europa e nos portos de maior importancia do Brazil

---

COMPANHIA DAS AGUAS DE LISBOA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 7.000:000$000 RÉIS

1.ª Série emittida 5.000:000$000

Mesa da assembleia geral: Presidente, Domingos Pinto Coelho.
Vice-presidente, Ernesto Driesel Schroeter.
Secretarios, Dr. Antonio Caetano Macieira Junior, Conde do Bomfim (José).
Vice-secretarios, Manuel José Monteiro, José Allemão de Mendonça Cisneiros e Faria.
Direcção: Presidente, José Martinho da Silva Guimarães.
Director-delegado, Severiano Augusto da Fonseca Monteiro.
Directores, Francisco Teixeira de Queiroz, João Henrique Ulrich, José Ascensão Guimarães.
Conselho fiscal: D. Antonio de Castro Pinto Sanches Chatillon, Augusto Ribeiro dos Santos Viegas, Manuel Croft de Moura.

Séde da Companhia—Avenida da Liberdade, 20—LISBOA

POSTOS DE RECLAMAÇÕES:—Corpo de bombeiros

Quartel n.º 11—Rua Fradesso da Silveira.
Quartel n.º 15—Largo da Graça.
Estação n.º 12—Rua de S. Filippe Nery.
Estação n.º 26—Portas de D. Estephania.

Empresa Nacional de Navegação

Serviços regulares entre a metropole e as colonias africanas por contracto com o governo

Frota da Empresa

Africa, Beira, Moçambique, Portugal, Angola, Dondo, Malange, Loanda, Zaire, Peninsular, Ambaca, Cazengo, Cabo Verde, Guiné, Zambezia, Chinde, Bolama, Manica, Ambriz, Ibo, Luabo, Mindello e Principe

LINHAS REGULARES—Sahidas de Lisboa para a Africa Occidental e Oriental, ilhas de Cabo Verde e Guinè Portugueza

Navegação para a costa oriental: Sahida no dia 1 de cada mez para a Madeira, S. Thomé, Loanda, Lobito, Cidade do Cabo (Cap Town) Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Bartholomeu Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Tungue, com transbordo.

Navegação para Cabo Verde e Guiné: Sahida no dia 14 de cada mez para Bissau, Bolama, Praia, Fogo, Brava Tarrafal, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão e S. Vicente.

Navegação para a costa occidental: Sahida no dia 7 de cada mez para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Lobito, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre.

Sahida no dia 22 de cada mez para S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, S. Nicolau, Cuio, Egito, Benguella Velha, Quissembo, Ambrizette, Quinzau, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi, Landano, Mucula, e Musserra, (com transbordo em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes.

Sahida no dia 25 para S. Thomé e Loanda. Só para carga.

Todos os vapores d'esta Empresa teem frigorifero, luz electrica, excellentes acommodações e todos os modernos requisitos da navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e commodas.—Para carga, passagens e quaesquer informações trata-se:

EM LISBOA: Escriptorio da Empreza—Rua do Commercio, 85

NO PORTO. com os agentes H. Burmester & C.ª—Rua do Infante D. Henrique

CAPITULO VII

A intervenção da Turquia

Quando a crise europeia chegou ao seu auge nos ultimos dias de julho de 1914, fez relegar para um plano secundario a crise entre a Turquia e a Grecia, que parecia fazer suppôr que ia rebentar a guerra entre esses dois paizes. Tinha havido uma serie de ferozes perseguições aos christãos gregos na Asia Menor e ficará ainda como legado da guerra dos alliados balkanicos contra a Turquia a questão do futuro dominio das ilhas do Archipelago. A disputa era ainda aggravada pela questão da supremacia naval.

A Turquia mandára construir dois navios de guerra na Inglaterra, que se esperava fôssem entregues até ao outomno, mas a Grecia tinha por seu turno comprado dois cruzadores ao governo dos Estados Unidos, sendo esperados em aguas gregas no fim de julho. Ambas as nações tratavam de augmentar as suas armadas e era obvio que se a guerra fôsse declarada no verão a chegada dos cruzadores americanos daria a vantagem no mar Egeu á Grecia, ao passo que se a Turquia protelasse a crise até á entrega dos dreadnoughts construidos em Inglaterra, a superioridade, tanto em tonelagem como em canhões, ficaria da sua parte.

Venezielos, que sempre mostrou altas qualidades de moderação e de estadista, fez uma ultima e, como então se cria, desesperada tentativa para conseguir uma solução conciliatoria. Uma entrevista foi aprazada para se realisar em Bruxellas entre esses estadista e o principe Said Halim Pachá, o gran-vizir turco. Venezielos sahiu de Athenas para a capital belga, e dirigindo-se para o Adriatico, para Trieste, chegou a Munich. O gran-vizir, porém, que ao mesmo tempo devia sahir de Constantinopla, estava tão impressionado pela crescente gravidade da crise que faltou ao seu compromisso e não sahiu da capital turca.

Na occasião em que Venezielos chegava a Munich o ultimatum austriaco á Servia acabava de ser entregue. A Europa estava no principio da guerra e os caminhos de ferro na Austria e na Servia estavam já em poder das auctoridades militares.

Os factos que precederam o rebentar da grande conflagração europeia fizeram pôr de parte, ou pelo menos prestar minima attenção ao perigo d'uma guerra entre a Grecia e a Turquia. Nem um nem outro d'esses paizes podiam ser indifferentes ao que se passava no occidente e, como era de esperar, as suas sympathias iam para lados oppostos.

A Turquia tinha durante muitos annos servido todos os interesses da Triplice-Alliança e se não era um comparticipante effectivo tinha sido com as suas sympathias muito mais alliado real da Allemanha e da Austria do que da Italia — o terceiro membro nominal da Triplice. Verdade seja que era isso o resultado

d'aquella cidade, nem estava defendida, nem fôra destruida.

O Lys n'essa parte do seu curso corre n'uma ligeira depressão que ha na planicie. E' bastante largo, mas pouco profundo. N'alguns logares tinha sido canalisado.

No dia 17, quando o corpo de Smith-Dorrien — a ala direita das forças alliadas envolvidas na batalha entre La Bassée e Nieuport — terminára a sua offensiva e os allemães vindos de Ostende e Bruges haviam começado a sua tentativa para romper a ala esquerda no Yser entre o mar e Dixmude, o terceiro corpo, sob o commando do general Pulteney, atravessára o Lys e occupára Armentières. As duas margens do Lys acima de Frelinghien estavam occupadas pelos alliados. Ao norte o corpo de cavallaria tomára Warneton e estava operando um reconhecimento na direcção de Menin.

Aspecto panoramico do estreito dos Dardanellos

Do dia 15 ao dia 19, esse reconhecimento proseguiu com a maior energia mas embora fossem colhidas valiosas informações e grandes forças do inimigo tivessem sido repellidas, a cavallaria não poude conseguir estabelecer passagens ou tomar pé na margem sul. No dia 17 o terceiro corpo estava na linha Bois Grenier-Le Gheir. O inimigo occupaca uma linha de Radinghem por Perenchies e Frelinghien e d'ahi, ao longo da margem sul, até á passagem em Wervicq.

No dia 18, sir John French, confiando em que os belgas e os francezes manteriam a linha do Yser e que a cavallaria de Mitry e os territoriaes de Bidon deteriam qualquer avanço allemão sobre Ypres atravez da floresta de Houthulst, ordenou ao corpo do commando de sir Henry Rawlinson que apoiasse a cavallaria. A setima divisão de infantaria repelliria os allemães de Menin para a margem norte do Lys entre Warneton e Courtrai. «Considerei — diz o generalissimo inglez — que a posse de Menin constituia um ponto de passagem muito importante e que facilitaria muito o avanço do resto do exercito».

Sir John French tinha ainda a esperança de que a offensiva dos alliados continuaria. A esquerda da setima divisão seria apoiada pela cavallaria do general Byng e pela cavallaria franceza que operava a leste da floresta de Houthulst nas cercanias de Roulers. Sir Rawlinson fez saber ao generalissimo que grandes forças inimigas estavam avançando sobre elle de leste e nordeste e que o seu flanco esquerdo estava seriamente ameaçado, mas sir John French, como o primeiro corpo, sob o commando de sir Douglas Haig, estava desembarcando em St. Omer, resolveu deixar correr ao corpo de sir Rawlinson o risco d'um ataque ao seu flanco.

A seguinte narrativa, feita por uma testemunha flamenga, dos combates em redor de Roulers ao nordeste de Ypres nos dias 18 e 19 de outubro mostra quanta razão tinham os receios do general Rawlinson:

«Pelos meiados do mez, milhares de soldados allemães appareceram em Roulers. A's portas das casas indicavam o numero de homens que deviam ser aboletados em cada uma d'ellas. As requisições eram numerosas — carruagens, carroças, cavallos, bicicletas, feno, aveia, etc. — Tudo o que pediam tinha de ser for-

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

Lisboa

Tendo-se procedido, em 23 do corrente, ao sorteio para o reembolso de obrigações prediaes de 5 1/2 %, em circulação, pela fórma designada no artigo 24.º dos Estatutos d'esta Companhia, sahiram sorteadas as seguintes obrigações:

N.ºs				
26 a 30	2281 a 2285	5036 a 5055	7731 a 7735	17411 a 17420
41 a 50	2296 a 2 05	5061 a 5065	7756 a 7760	17416 a 17425
56 a 60	2316 a 2320	5071 a 5075	7766 a 7775	17471 a 17480
66 a 70	2326 a 2335	5081 a 5110	7786 a 7835	17496 a 17510
76 a 80	2346 a 2350	5116 a 5120	7841 a 7850	17546 a 17555
86 a 90	2356 a 2390	5126 a 5140	7856 a 7870	17571 a 17585
96 a 100	2396 a 2420	5146 a 5150	7876 a 7885	17616 a 17625
106 a 115	2426 a 2460	5166 a 5170	7891 a 7898	17636 a 17650
126 a 135	2466 a 2470	5186 a 5240	7953 a 7965	17656 a 17665
151 a 155	2476 a 2485	52 6 a 5250	7976 a 7988	17691 a 17695
161 a 165	2501 a 2 40	5261 —	7993 a 7995	17706 a 17710
176 a 180	2526 a 2540	5263 a 5265	8001 a 8015	17726 a 17740
186 a 190	2561 a 2570	5266 a 5270	8026 a 8030	17746 a 17750
196 a 205	2581 a 2585	5276 a 5285	8036 a 8039	17771 a 17800
211 a 215	2596 a 2605	5291 a 5295	8046 a 8050	17806 a 17820
2 1 a 22	2611 a 2615	5301 a 5303	8066 a 8075	17826 a 17835
236 a 240	2636 a 2640	5331 a 5335	8091 a 8115	17841 a 18855
256 a 260	2646 a 2650	5341 a 5380	8131 a 8135	17861 a 17880
266 a 270	2556 a 2660	5391 a 5400	8141 a 8155	17896 a 17905
286 a 290	2666 a 2680	5411 a 5420	8156 a 8205	179 6 a 1 920
301 a 310	2686 a 2690	5423 a 5430	8236 a 8240	17931 a 179 5
316 a 340	2696 a 2705	5436 a 5445	8245 a 8250	17956 a 17960
344 a 350	2716 a 2730	5451 a 5 65	8261 a 8270	17976 a 17982
366 a 375	2736 a 2745	5471 a 5475	8276 a 8285	17991 a 17995
386 a 405	2756 a 2790	5481 a 5485	8291 a 8300	18001 a 18 05
416 a 42	2796 a 2825	5496 a 5530	8306 a 8315	18011 a 180 5
436 a 44	2836 a 2840	5546 a 5547	8326 a 8330	18021 a 18 25
471 a 485	2846 a 2850	5589 a 5592	8341 a 8355	18051 a 18065
496 a 500	2866 a 2880	5606 a 5645	8365 —	18 81 a 18085
508 a 510	2896 a 2900	5657 a 5660	8376 a 8390	18106 a 18115
537 a 540	2906 a 2925	5673 a 5675	8396 a 8400	18121 a 18160
571 a 575	293 a 29 5	5686 a 5688	8407 a 8410	18166 a 18175
611 a 615	2941 a 2955	5781 a 5782	8416 a 8420	18 81 a 18195
621 a 630	2971 a 2 75	5811 a —	8431 a 8435	18201 a 18 10
641 a 64	2981 a 2985	5816 a 5819	8441 a 8443	18221 a 18 35
671 a 690	30 1 a 30 0	5826 a 5840	8461 a 8465	18261 a 8
693 a 695	3 1 a 3 2	5846 a 5849	8476 a 8530	18286 a 18 05
716 a 718	3 36 a 3 40	5851 a 5855	8506 a 8510	18311 a 18315
72 a 735	3046 a 3055	5856 a 58 8	85 6 a 8610	18326 a 18340
761 a 770	3066 a 3070	5867 a 5875	8621 a 8630	18346 a 18350
781 a 785	3081 a 3085	5881 a 5884	8632	18356 a 18365
796 a 800	3 91 a 3120	5886 a 5880	8766 a 8770	18371 a 18375
806 a 815	3126 a 3130	5921 a 5940	8776 a 8788	1 81 a 18385
821 a 830	3136 a 3140	5946 a 5961	8795 a 8800	18391 a 18395
841 a 845	3146 a 3175	5966 a 5970	88 6 a 8818	18401 a 18410
856 a 860	3181 a 3205	5976 a 5985	8 71 a 8873	18 16 a 18135
866 a 870	3216 a 3230	5991 a 6 00	9 81 a 9100	18146 a 18470
876 a 880	3236 a 3275	6006 a 6015	91 6 a 9110	18486 a 18 94
901 a 905	3281 a 3295	6021 a 6023	9126 a 9128	18496 a 18500
914 a 9 5	3306 a 3325	6072 a 6075	9272 a 9275	18511 a 18545
921 a 925	3346 a 3365	6111 a 6115	9316 a 9317	18561 a 18580
931 a 935	3371 a 3380	6121 a 6130	9571 a 9578	18591 a 18620
941 a 945	3386 a 3 90	6136 a 61 0	16 11 a 16015	18626 a 18630
951 a 955	3396 a 3400	6166 a 6175	16026 a 16035	18636 a 18640
961 a 965	3421 a 3430	6192 a 6195	16 41 a 16045	18646 a 18665
976 a 1000	3436 a 3440	62 6 a 6210	16051 a 16055	18671 a 18675
1006 a 102	3451 a 3480	6221 a 6225	16 61 a 16 65	18686 a 18700
1026 a 1030	3501 a 3510	6231 a 62 5	16071 a 16 80	18716 a 18720
1031 a 1075	3531 a 3535	6241 a 6250	16086 a 16 90	18726 a 18730
1081 a 1090	3541 a 3560	6266 a 6267	16116 a 16130	18736 a 18750
1 96 a 1100	3566 a 3570	6270 —	16136 a 16140	18756 a 18760
1116 a 1130	3576 a 3595	6276 a 6280	16146 a 16155	18771 a 18775
1136 a 1145	36 1 a 3610	6296 a 6305	16161 a 16165	18791 a 18795
1171 a 1180	3 46 a 3620	6311 a 6315	16171 a 16175	18816 a 18835
1201 a 1210	3626 a 3650	6331 a 6335	161 1 a 16200	18841 a 18850
1216 a 1 25	3671 a 3680	6341 a 6370	16206 a 16210	18856 a 18860
1231 a 1235	3686 a 3695	6381 a 6390	16221 a 16225	18866 a 18870
1241 a 1250	3721 a 3725	6396 a 6405	16231 a 16235	18881 a 18890
1261 a 1270	3741 a 3745	6411 a 6415	16246 a 16250	18901 a 18920
1296 a 1305	3751 a 3755	6421 a 6425	16256 a 16265	189 1 a 18935
1321 a 1330	3766 a 3770	6431 a 6450	16271 a 16290	18941 a 18950
1336 a 1360	3781 a 3790	6456 a 6460	16296 a 16300	18961 a 18985
1336 a 1370	3796 a 3805	6471 a 64 0	16311 a 16315	18996 a 19000
1381 a 1390	3811 a 3815	6486 a 6492	16321 a 16340	19006 a 19020
1396 a 1405	3831 a 3 45	6500 a 6510	16351 a 16360	19031 a 19 35
1416 a 1430	3851 a 3870	6516 a 6518	16391 a 1640	1 41 a 19045
1436 a 1445	3881 a 3905	6528 a 6535	16416 a 16420	19056 a 19 60
1461 a 1465	3916 a 39 0	6541 a 6545	164 6 a 16450	19066 a 19070
1491 a 15 0	39 6 a 3945	6547 a 6550	16 61 a 16465	19076 a 19 5
1531 a 1535	3961 a 3965	6556 a 6560	16476 a 16490	191 1 a 19130
1546 a 1555	3981 a 3995	6566 a 6570	16496 a 16 00	19136 a 19165
1561 a 1590	4006 a 4020	6576 a 6581	16526 a 16530	19171 a 19195
1596 a 1600	4036 a 4045	659 a 6605	16541 a 16545	19221 a 19230
1606 a 1 15	4051 a 4 60	6616 a 6628	16551 a 16570	19236 a 19245
1626 a 1650	4 66 a 4075	6679 a 6680	165 6 a 16600	19256 a 19265
1656 a 167	4081 a 4 85	6686 a 6690	16606 a 16630	19276 a 19280
1676 a 1685	4 91 a 4095	6701 a 6710	16646 a 16650	19286 a 19290
1691 a 1695	4101 a 4110	6716 a 6725	16666 a 166 0	19296 a 19305
1706 a 1715	4121 a 4125	6793 a 68 0	16691 a 16715	19311 a 19320
1721 a 1740	4131 a 4135	68 8 a 6814	16726 a 16735	19326 a 19 3
1746 a 1750	4151 a 4155	6815 a 6830	16741 a 16745	19341 a 19355
1756 a 1776	4161 a 4180	7013 a 7015	16751 a 16755	19366 a 19390
1781 a 1793	4186 a 4190	7021 a 7030	16 66 a 16770	19416 a 19420
1797 a 1815	4196 a 4205	7036 a 7045	16776 a 16780	19436 a 19460
1821 a 1825	4231 a 4240	70 1 a 7 60	16806 a 16810	19471 a 19480
1836 a 1845	4261 a 4265	7071 a 7080	16816 a 16830	19491 a 19505
1851 a 1855	4271 a 4273	7156 a 7160	16846 a 168 5	1 511 a 19515
1866 a 1870	4334 a 4335	7171 a 7175	16866 a 16880	19541 a 19560
1879 a 1895	4478 a 4480	7196 a 7 05	169 1 a 169 5	19566 a 19570
1901 a 1910	4486 a 4500	7211 a 7220	16916 a 1692	19576 a 19585
1916 a 1925	4534 —	7231 a 7235	16926 a 1694	19596 a 19600
1931 a 1940	4566 a 4575	7246 a 7250	16956 a 16960	19606 a 19625
1946 a 1955	4581 a 4610	7261 a 7275	16976 a 16995	19 1 a 19635
1966 a 1975	4626 a 463	7281 a 7285	17001 a 170 5	19641 a 19645
1981 a 1985	4638 a 4630	7291 a 7318	17031 a 170 5	19651 a 19655
1 91 a 1995	4666 a 1690	7331 —	17 41 a 17 45	19781 a 19805
2001 a 2005	4701 a 4705	7341 a 7350	17051 a 170 5	19821 a 19825
2021 a 2 40	4756 a 4777	7366 a 7370	17061 a 17 65	19831 a 19855
2 4 a 2050	4801 a 4815	7386 a 7 95	17111 a 17135	19871 a 19890
2056 a 2060	4821 a 4840	7401 a 7405	17141 a 17150	19896 a 19930
2066 a 2 75	4856 a 4870	7416 a 7440	17165 a 17170	19936 a 19950
2086 a 2 95	4881 a 4885	7447 a 7450	17176 a 17 90	19956 a 19960
2101 a 2115	4891 a 4895	7466 a 7475	172 1 a 17225	19976 a 19985
2121 a 2125	49 6 a 4910	7486 a 7495	172 6 a 17245	19936 a 20000
215 a 2160	4926 a 4935	7501 a 752	17261 a 17265	
2166 a 21 0	4951 a 4960	7551 a 7555	17286 a 17295	
2 76 a 2185	4971 a 4975	7 61 a 758	17301 a 17315	
2196 a 2210	4981 a 4990	7591 a 7610	17336 a 17340	
2221 a 2235	5006 a 5 10	7616 a 7625	17346 a 17355	
2241 a 2250	5 16 a 5020	7636 a 7695	17371 a 17380	
2 66 a 2270	5024 a 5025	7701 a 771	17386 a 17395	

O pagamento d'estas obrigações e seu juro, do primeiro semestre do corrente anno, tem logar em Lisboa, na séde da Companhia, travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21, e em todas as capitaes de districto, quando assim convenha aos interessados, e estes o reclamem com a devida antecipação.

O pagamento das obrigações terá logar do dia 1 de julho proximo futuro em deante, desde quando cessa, de pleno direito, o vencimento do juro para os referidos titulos.

Lisboa, 26 de junho de 1915.

O Governador

(a) J. A. de Sousa Rodrigues

necido tão rapidamente que os invasores não tinham tempo para passarem vales ou darem dinheiro. Mas como recompensa, proferiam n'uma ou n'outra casa as palavras «Bom povo».

No dia 17 as tropas allemãs sahiram em direcção a Dixmude, para a costa, para reforçarem as forças allemãs entre Ostende e Nieuport. Uns cem homens ficaram occupando Roulers. Na manhã seguinte, muito cedo, ouviu-se na estrada de Dixmude o brado: «Os francezes veem ahi!» Dezesete francezes appareceram vindos do lado de Ypres e duas horas depois duzentos dragões francezes os seguiam. Occultaram-se n'um pequeno bosque. Os cem allemães que estavam na cidade sahiram para irem ter ao logar onde elles estavam e que conheciam talvez por meio dos seus espiões. Uma escaramuça se deu no pequeno bosque e ás 3 horas da tarde apenas 40 sobreviventes das tropas allemãs retiraram para a cidade.

N'essa mesma tarde muitas tropas francezas entraram na cidade e durante a noite chegaram mais. Ergueram na praça do mercado e nas ruas barricadas. Metralhadoras foram collocadas ás esquinas das ruas e nos portaes de algumas casas. Canhões foram postos em posição n'uma das proximidades da cidade.

No dia seguinte de manhã, segunda-feira, muitas tropas allemãs appareceram, vindas da direcção de Bruges e Ghent. Collocaram os seus canhões em trez aldeias—Hooglede, Ardoye e Iseghem.—Na primeira d'essas aldeias especialmente occupavam uma boa posição, no meio de um outeiro. O povo flamengo diz que o campanario da egreja de Hooglede é tão alto como a torre de Roulers, que mede 245 pés.

Os allemães collocaram os seus canhões no cimo da egreja d'essa aldeia, d'onde avistavam Roulers abaixo d'elles. A artilharia franceza abriu a acção e os allemães durante algum tempo não responderam. O relogio de Roulers tinha dado as 12 horas quando elles abriram fogo e começaram a chover sobre a cidade as granadas. A população refugiou-se nos subterraneos, esperando anciosamente o que ia acontecer. O bombardeamento proseguiu. Tectos se afundaram, paredes se desmoronaram. A torre da egreja de Nossa Senhora ruiu. Uma granada cahiu sobre o tecto da egreja de S. Miguel e causou muitos damnos. Incendios rebentaram em diversos sitios.

N'esse meio tempo a infantaria allemã tentava approximar-se da cidade. As suas tropas avançadas fortificaram-se em carruagens do caminho de ferro na estação da linha Reveren-Roulers, mas a artilharia franceza abriu fogo da estrada de Dixmude e destruiu as carruagens. Mais tropas vieram á tarde e os allemães conseguiram penetrar na cidade. A lucta continuou nas ruas, mas os francezes foram obrigados a retirar. Recuaram em boa ordem com todos os seus canhões e tomaram de novo posição em East Nieukerke, a uns cinco kilometros a sudoeste.

Cahiu a noite e de muito longe se podiam vêr as chammas de Roulers que ardia. N'essa noite, porém, os inglezes avançaram de Ypres e acamparam proximo de Moorslede, estando perto dos francezes, junto do velho campo de batalha de Rozebeke.»

Ao mesmo tempo que as tropas de sir Henry Rawlinson avançavam sobre Menin, o terceiro corpo punha-se em movimento para a margem sul do Lys, desde Armentières, para auxiliar o corpo de cavallaria a atravessar para a margem direita. Para operar essa travessia, o inimigo entre o terceiro corpo e Lille tinha primeiro de ser repellido vigorosamente. Na noite de 17, ás forças inglezas fazia frente o 19.º corpo saxão, reforçado, apoz a tomada de Lille, pelo menos por uma divisão do setimo corpo e por trez ou quatro divisões de cavallaria.

Apesar da disparidade de forças, o general Pulteney atacou no dia 18, mas pouco poude avançar. Ao anoitecer a sua sexta divisão havia tomado Radhinghem e occupava essa

localidade, La Vallée, Ennetières, Capinghem e um ponto a 270 metros a leste de Halte.

O primeiro regimento do Norte de Stafford estava combatendo em redor de Wez Macquart. A quarta divisão guarnecia a linha de L'Epinette ao Lys até um ponto a 360 metros ao sul de Frelinghien e d'ahi a um ponto no Lys a uns oitocentos metros a sudeste de Le Gheir. O corpo de reserva estava na estação de Armentières, tendo o seu flanco direito em contacto com o corpo de cavallaria de Conneau. A sudoeste, em Aubers, começava a ala esquerda da força de Smith-Dorrien, que durante o dia 18 foi violentamente, mas sem resultado, atacada pelos allemães entre Lille e La Bassée. A esquerda da reserva de Pulteney juntou-se á cavallaria e, atraz d'esta, na margem norte do Lys, a setima divisão de infantaria estava avançando sobre Menin.

No dia 19, sir Rawlinson, tendo a divisão de cavallaria de Byng á sua esquerda, tentou repellir o inimigo de Menin, mas isso era superior ás suas forças. O seu corpo—o quarto—estava um tanto ou quanto exhausto por constantes marchas e combates e os allemães estavam em força muito superior. Pelas 10 horas da manhã a setima brigada de cavallaria, atacada por grandes massas do inimigo vindas de Roulers, que, como acima dizemos, havia sido occupada pelos allemães, recuou uns mil e duzentos metros para uma forte posição. A bateria «K» da Real Artilharia a Cavallo, que havia sido addida á brigada, entrou em acção ao norte de Moorslede e prestou grande auxilio. A sexta brigada de cavallaria, com a bateria «C», avançou de S. Pedro e, apoz uma pequena mas violenta acção, apoderou-se de Ledeghem e Rolleghemcappelle. Mas o inimigo, vindo de Roulers, continuava a avançar e a setima brigada de cavallaria retirou para as terras altas a leste de Moorslede.

Isso deixou exposto o flanco da sexta brigada e como grandes forças estavam avançando de Courtrai foi-lhe ordenado que retirasse gradualmente sobre Mooreslede e d'ahi para Poelcapelle. Essa retirada era coberta pela setima brigada, a qual, sob um fogo temivel, retirou para Zonnebeke. Os francezes tomaram Passchendaele, ao norte d'essa localidade.

O ataque dos allemães ás forças do general Byng levou sir Henry Rawlinson a não atacar Menin, porque entendeu não dever expôr as suas forças a uma derrota que se lhe afigurava certa.

No dia 19 de tarde sir John French teve uma entrevista com sir Douglas Hair, o qual recebeu instrucções para avançar com o primeiro corpo por Ypres para Thourout. O seu objectivo immediato era a tomada de Bruges. Se essa cidade fôsse tomada, as communicações dos allemães que atacavam a linha do Yser seriam cortadas. Depois da sua tomada, sir Douglas, se tal fôsse possivel, repelliria o inimigo para Ghent. Mas ficava ao seu arbitrio depois de ter atravessado Ypres o avançar ou sobre Bruges ou o Lys.

O generalissimo inglez combinára com o general de Mitry que a sua cavallaria operaria á esquerda, emquanto a divisão de cavallaria do general Byng operaria á direita do primeiro corpo. A setima divisão de infantaria operaria em conformidade com os movimentos do primeiro corpo. Quanto ao corpo de cavallaria e ao terceiro e segundo corpos, nas margens norte e sul do Lys, ficariam na defensiva. As forças que o inimigo havia accumulado na sua fronte eram enormes. A divisão de Lahore, da força expedicionaria indiana, chegou ao seu ponto de concentração, na retaguarda do segundo corpo, nos dias 19 e 20 d'outubro.

O primeiro corpo, no dia 20, occupou uma linha que se estendia de Elverdinghe até ao cruzamento da estrada a uns oitocentos metros a noroeste de Zonnebeke. A batalha de Ypres ia começar; a do Yser durava havia quatro dias. Durante a lucta de La Bassée a Nieuport as batalhas de Arras e Roye-Péronne continuavam ao sul ao longo d'uma linha que tinha a extensão de cêrca de cento e sessenta kilometros.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1762 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA —Sexta-feira, 2 de Julho de 1915 | Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Uma campanha

E' conhecida a questão politica grega. Quando rompeu a conflagração europeia, estava á frente do governo hellenico o primeiro estadista da Grecia, o sr. Venizellos. Coberto de serviços ao seu paiz, tendo não só conseguido reconstituir as suas finanças e o seu exercito, mas ainda assumir na questão balkanica uma preponderancia manifesta, de que usou para engrandecer a sua patria, o sr. Venizellos teve a visão nitida da grande garantia d'um brilhante futuro para a Grecia, desde que ella assumisse uma attitude decidida acompanhando os alliados.

Mas considerações de ordem dymnastica, que, seja dito de passagem, mais uma vez comprovam os inconvenientes do regimen monarchico, vieram transtornar o patriotico plano do sr. Venizellos. O rei da Grecia, além de ser um admirador da famosa *kultur* germanica, é casado com uma irmã do imperador da Allemanha. Os allemães tinham este trunfo no seu jogo, e elle os animou a fazerem, com melhor exito, na Grecia, a campanha tendenciosa ou subterranea, que em outros paizes teem tentado. A certa altura, o sr. Venizellos, reconhecendo a divergencia de vistas que existia entre elle e o soberano, teve de dar a sua demissão.

Iam, porém, realisar-se em breve as eleições, e o sr. Venizellos recorreu, com absoluta confiança, ao suffragio dos seus concidadãos. Não se illudiu na espectativa. Venceu as eleições, alcançou maioria parlamentar, e desde logo se aprestou a tomar conta do governo, fortalecido com uma evidente indicação nacional. Se o gabinete Gounaris não deu logo a sua demissão, foi porque o estado do rei, que se encontra enfermo, ainda lh'o não consentiu. Mas não restava ainda ha bem poucos dias duvida alguma de que o sr. Venizellos iria occupar o poder e pôr em pratica o programma da guerra, quando novas manobras, a que se refere hoje o sr. Paulo Osorio n'uma folha da manhã, vieram demonstrar que os manejos allemães proseguem, no desesperado intuito de confundir e desnortear a opinião publica da Grecia e de levar o rei a um acto que, a realisar-se, será da maior gravidade.

Com effeito, o barão Shenk, que dirige a propaganda allemã em Athenas, recebeu de Berlim ordens terminantes, e como é de prever todos os fundos necessarios para lançar mão dos ultimos recursos. E de que genero são os ultimos recursos deixa-o prever o incidente desencadeado, e que consiste em apparecer uma personalidade em destaque na Grecia, o sr. Rhallis, que tendo feito com o sr. Venizellos a campanha eleitoral e tendo sido eleito pela Attica, vem agora declarar publicamente que o sr. Venizellos não procede com uma grande intenção patriotica, mas sim por ambições pessoaes, acariciando a idéa de crear uma Republica grega e de se tornar seu presidente.

Por muito phantastica que seja esta accusação, ella produziu já o effeito de perturbar a opinião publica, dando ensejo a irritantes debates, e o seu alvo immediato é dar um pretexto ao rei para dissolver o parlamento que o suffragio nacional livremente acaba de eleger.

A faculdade da dissolução vae porventura servir um revoltante crime. E assim se comprova quanto ella é perigosa, podendo prestar-se a satisfazer os mais odiosos designios. A vontade nacional cederá perante a vontade do rei, e para que ella tenha justificação desvirtuam-se as intenções mais puras, prejudica-se o futuro d'um paiz, faz-se com que elle, por hesitações deploraveis, appareça n'uma situação deprimente perante o mundo, recorrendo a campanhas que seriam miserandamente idiotas se não fossem abominavelmente vis.

Quando as expressões da vontade nacional são desconhecidas ou calladas, mercê d'uma faculdade que é a consagração d'um poder absoluto, já incompativel com os regimens representativos, só resta aos povos o caminho da insurreição. E' o resultado de manter sobre um poder, que é o maior e o mais legitimo d'esses regimens, o legislativo, uma supremacia que é fructo d'um privilegio, e por isso mesmo incompativel com a razão e com a soberania popular.

Documentos importantes

O sr. Leotte do Rego mandou hoje para a meza da camara dos deputados estes requerimentos:

Requeiro que pelo ministerio dos estrangeiros me sejam enviadas copias dos seguintes documentos:

Telegrammas expedidos pelo governo sahido do acto revolucionario de 14 de maio ás legações, participando a constituição do ministerio e o restabelecimento da ordem; correspondencia trocada com a legação de Paris sobre as declarações feitas á imprensa franceza pelo nosso ministro em França, a proposito do acto revolucionario; inquerito sobre o afundamento de dois vapores da nossa marinha mercante por submersiveis allemães.

Pelo ministerio da guerra: Relatorios e estudos feitos pela commissão de aviação; nota dos officiaes que fazem parte d'essa commissão ou outros que já tenham praticado em aviação e possuam cartas de aviador; nota de material de guerra ou mechanismos para o seu fabrico encommendados no estrangeiro antes da guerra, que não chegaram a vir para o paiz.

Pelo ministerio da marinha:

1.º, ordem dimanada do gabinete do ministro da marinha, em 31 de maio proximo passado, para o commandante do cruzador *Vasco da Gama*, para ser dada liberdade aos membros do governo Pimenta de Castro e ao capitão de mar e guerra Machado dos Santos; 2.º, relatorio do commandante das forças navaes sobre o que occorreu durante a permanencia d'aquelles cidadãos a bordo dos navios em que estiveram internados; 3.º, nota do material de guerra, torpedos, armas, pistolas, cartuchame, etc., que estava em fabrico no estrangeiro ao rebentar a guerra, que não chegou a vir para a Portugal; 4.º, nota da despeza feita com a missão de recepção e fiscalisação de material naval no estrangeiro durante os ultimos dois annos; 5.º, copia dos pareceres ou relatorios das estações competentes relativas a um projecto de reparações a fazer no cruzador *Almirante Reis* no estrangeiro; 6.º, instrucções dadas ao commando da divisão naval pelo ex-ministro Augusto Neuparth logo depois da sessão paralmentar de 3 de agosto e aos navios isolados que se encontravam nos archipelagos e colonias; 7.º, instrucções dadas á força armada pelo ex-ministro Xavier de Brito sobre procedimentos para com os belligerantes; 8.º, instrucções dadas pela majoria general da armada aos navios encarregados de vigiar a passagem de submarinos allemães na nossa costa, que se abasteçam de combustivel; 9.º, instrucções dadas ao destroyer *Guadiana* para a commissão que vae hoje desempenhar ao Porto.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 3$550 do sr. W. G. Leeuwen, vice-consul da Hollanda em S. Thomé.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

UM CRUZEIRO NA COSTA

A festiva recepção no Porto

aos marinheiros da divisão naval portugueza

... Ao longe, quasi na linha do horisonte, navegava para o sul um navio de guerra, cuja bandeira a distancia tornava irreconhecivel. Um official aponta-me vagamente qualquer coisa no mar:

—Não vê?

—O cruzador...

—Não. O submarino. Além, aquelle traçosito branco...

Procuro anciosamente com a vista. Ah, sim! Lá está: uma linha, um fio que se desloca rapidamente sobre as ondas... Agora, com o binoculo, vejo-o distinctamente, navegando na mesma direcção do cruzador, todo branco de espuma, delicado e fragil como um brinquedo. E interrogo:

—Francez? Inglez?...

Os officiaes examinam attentamente o mar. Um d'elles, por fim, poisa o binoculo declarando:

—Inglez. Vi-lhe agora a bandeira.

Volto-me para alguem e formulo em tom confidencial a hypothese:

—Se fôsse allemão? Se nos atacasse...

O meu interlocutor descerra os labios n'um sorriso indefinivel, e por unica resposta indica-me os canhões do «Vasco da Gama», arrogantemente voltados para o horisonte.

—Vão promptos?

—Levamos quatro peças sempre dispostas a fazer fogo, noite e dia. Em alguns segundos estariamos em circumstancias de nos defender.

Foi este, durante todo o cruzeiro da divisão naval, o unico encontro que tivemos com navios de guerra estrangeiros. Até Leixões, onde chegámos no domingo de manhã, a viagem decorreu normal. Ao norte das Berlengas surprehendeu-nos uma nortada rija, o que impediu o torpedeiro de seguir comnosco, embora tivesse já carregado em Lisboa o indispensavel combustivel. Os dois «destroyers» chegaram, por determinação do sr. Leotte do Rego, um pouco mais cedo do que nós ao porto de Leixões, com um balanço tão terrivel durante a travessia que nem velhos lobos do mar familiarisados com a tormenta escaparam de enjoar...

No entanto, a fadiga de constantes fainas e manobras foi para officiaes e guarnições bem compensada com a carinhosa recepção que os portuenses lhe souberam fazer. Em vão procuro, nas minhas reminiscencias, mais grandioso espectaculo do que esse a que meus olhos assistiram na festa infantil em honra da marinha de guerra portugueza, que se realisou na sala immensa do Palacio de Cristal.

Alguns milhares de creanças enchiam totalmente a galeria que circunda o salão, e, agitando no ar bandeiras nacionaes, saudavam os marinheiros com delirante enthusiasmo. A «Portugueza», entoada em coro por essas vozes infantis, tinha a vibração emocionante dos clarins de batalha, tocando á carga. E ao passo que duzentas praças, destacadas da divisão naval, desfilavam em formatura, sob o commando dos seus officiaes, até tomarem logar no estrado que se levanta ao fundo, uma multidão immensa, nada menos de onze ou quinze mil pessoas, invadia litteralmente a sala, os lenços agitavam-se, os vivas e as palmas succediam-se ininterruptos.

Sobre uma tribuna, ao centro, tomaram logar o commandante do «Vasco da Gama» e os seus camaradas, cujo apparecimento foi recebido com uma salva de palmas tão calorosa como jámais ouvi. Recordo-me de ouvir, no meio da festa, a seguinte reflexão que alguem me segredou, alludindo ao enthusiasmo das galerias:

—Quando a Republica soube já crear raizes no coração das creanças, é inutil admittir-se que haja forças humanas capazes de a derrubar...

Não ha... Não ha... Para bordo segui com essa consoladora convicção no fundo d'alma. Essas creanças saberão, mais tarde, emendar os muitos erros que temos praticado e completar, com as suas virtudes civicas educadas desde o inicio da vida social, a obra de regeneração patria que atravez de todas as contrariedades se esboçou.

Hão de essas creanças vêr, estou certo d'isso, que a aspiração suprema dos marinheiros portuguezes se realisou integralmente, quando, em vez de cançados e anachronicos navios, elles dispuzerem de uma forte esquadra que corresponda ao seu valor e seja digna do seu patriotismo.

A vista do soberbo espectaculo que no Porto presenciei domingo ultimo é bem de molde a restituir a fé aos que a perderam e a reanimal-a n'aquelles que a sentiram enfraquecer. Esse espectaculo renuncio eu a descrevel-o. Limito-me tão sómente a registar a grata impressão que me deixou no espirito e cuja recordação por certo se não apagará jámais da memoria dos marinheiros.

A' noite, os navios sahiram de Leixões e fizeram-se ao mar. Segunda-feira de manhã effectuou ainda a divisão algumas manobras ao largo da barra, e, terminado o cruzeiro, entrou no Tejo ao começo da tarde, fundeando como de costume no respectivo quadro.

Ao fechar aqui as minhas notas de reporter, apenas, á laia de commentario, desejaria frisar o interesse altamente educativo que revestiu esta viagem de alguns dias. Não vejo bem por que razão os poucos navios que possuimos devem, por via de regra, permanecer fundeados em frente de Lisboa. Antes, pelo contrario, deveria no meu entender ser essa precisamente a situação excepcional. A visita constante dos nossos portos, o cruzeiro permanente dos nossos mares seria de inconcebivel vantagem para a marinha e para o paiz inteiro, o qual, objectivamente, se habituaria a considerar, contra o pessimismo commum, que Portugal não fallece á mingua de homens dispostos a defendel-o, embora sejam fracos os meios materiaes de que dispõe.

Hermano Neves.

Poeira da Arcada

Os leitores de folhetins são creaturas pobres de imaginação que julgam que o mundo é regulado por potencias misteriosas que se comprazem em atormentar os orphãos e as donzellas, só para regalarem os ocios e as curiosidades dos amadores de aventuras extraordinarias. Quando pegam n'um jornal, lançam logo os seus olhos para o fundo da pagina, onde bandidos da peor especie se embrenham por bosques e matagaes para mais afoitamente martirisarem a creancinha que roubaram aos nobres condes seus paes, a fim de lhe empalmarem grossas sommas. Tamanha crueldade fal-os chorar. E com taes lagrimas elles demonstram que a sua sensibilidade, sendo prompta e facil em commover-se, se exerce no vacuo, perdendo-se esterilmente como os rios que morrem nos areaes.

* *

A politica interessa, grandemente, os portuguezes, homens e mulheres. Este interesse, porém, não se acompanha de estudo e reflexão. E' um processo commodo para semear palavras, com emphase e com certa intenção maliciosa. As discussões sobre a vida publica facilitam aos timidos algumas attitudes energicas e aos doidos uma vaga sombra de juizo. Quando o acaso nos collocar no meio de taes procellas, ganharemos alguma coisa se, tapando os ouvidos, estudarmos a phisionomia dos verbalistas. Chega a gente a convencer-se que ha caras cuja expressão se transtorna tanto com as explosões da rethotica que se nos figura arder n'ellas uma ira tão brava como a do vento, quando uiva nas ramarias clamorosas dos pinhaes. Tudo isso, depois de bem apurado, não tem mais consistencia que um rolo de fumo. E' com sentimentos falsos que se governam principalmente os povos preguiçosos.

* *

Leio n'um jornal que o leite que se bebe em Lisboa não é de boa qualidade. No emtanto, as vaccarias crescem: Isto quer dizer que o commercio medra ás vezes com lucros sufficientes para construir predios, onde se podiam levantar pelourinhos.

Noticias parlamentares

A commissão administrativa do Congresso apressou-se em tomar as providencias que o caso do buffete reclamava. Tratou, com todo o empenho, de attender as relamações que lhe foram dirigidas e já deu ordem, segundo consta, para se acabar com «aquillo», chamando um outro fornecedor, que offerece, ao que se diz pelo Parlamento, todas as garantias de ser mais asseado, menos mesquinho e mais comedido nos preços dos viveres que o actual. Oxalá que estes bons prognosticos não falhem, para que a taberna quasi ignobil que se instalou no Congresso, para nos levar a pelle e nos abarrotar de nojo, desappareça d'ali quanto antes.

* *

O sr. Leotte do Rego tomou hoje assento, pela primeira vez, na Camara dos Deputados. O illustre marinheiro e representante, em Côrtes, da cidade de Lisboa, escolheu logar na direita da Camara, junto de outros deputados da maioria que, por falta de *fauteuils* n'outro ponto da sala, ali teem tambem as suas carteiras. E' inutil dizer que causou certa sensação a entrada do sr. Leotte do Rego na Camara.

* *

O sr. ministro da justiça, depois de uma brilhante exposição, na qual apontou certos inconvenientes da legislação vigente, mandou hoje para a mesa um projecto de lei pelo qual os bens arrestados por effeito da lei da separação, que estavam anteriormente sob a administração das juntas de parochia, provindos das irmandades, confrarias, misericordias ou outras associações de assistencia, beneficencia ou piedade, legal ou ilegalmente erectas, dissolvidas ou extinctas por qualquer motivo, serão restituidos á posse d'aquelles corpos administrativos e encorporados nos seus bens proprios. Estes bens são destinados a fins de assistencia.

As fileiras evolucionistas foram hoje reforçadas com o seu mais desejado e mais cotado elemento dos que pela primeira vez as urnas trouxeram agora á Camara. O sr. dr. José Maria Gomes deu, effectivamente, entrada no Congresso e na tarde de hoje ninguem, como elle, foi objecto de mais viva curiosidade n'aquelle placido hemiciclo de S. Bento. Baixo, atarracado, hombros largos, nutrido, trigueiro, fronte alta e franzida, dois olhitos que se afogam por detraz dos oculos minusculos, o rev. Gomes, cuja corôa elle nem sequer disfarça, impõe-se ao primeiro golpe de vista e affirma-se, aos olhos de todos os que o examinam, como uma estranha e forte individualidade. Deve ser um rude combatente, e o evolucionismo, acolhendo-o com girandolas gloriosas de encomios, talvez não lhe faça ainda toda a justiça. Dará, qualquer dia, as suas provas o sr. dr. José Maria Gomes. Veremos quem fica a escorrer sob o seu verbo tradicionalmente *rieur* e sarcasta...

EM TORNO DA GUERRA

As perdas dos imperios centraes

e o papel representado no conflicto pela Russia

O reputado escriptor militar inglez sr. Hilaire Belloc calcula d'esta maneira no *Land and Water* as perdas totaes dos dois imperios desde o começo da guerra:

Em primeiro logar devemos notar que n'estes seis mezes de guerra de trincheiras tem sido maior a perda de vidas humanas do que fôra nos combates em campo descoberto; isto é, que a média de 1 morto por 7 feridos das primeiras phases da campanha na linha occidental deixou de ser a verificada na guerra de trincheiras, em que o bombardeamento intensivo de posições fixas, a distancias já conhecidas, produz uma mais elevada proporção de mortos em relação ás perdas totaes.

As do exercito britannico em França foram até 31 de maio 258.069 homens, isto é, oscillaram entre um terço e um quarto das forças totaes.

N'esta cifra os mortos figuram por um quinto, e aos quatro quintos restantes pertencem os feridos e os prisioneiros. E' preciso advertir que na cifra dos mortos estão incluidos os que morreram de doenças, e assim a proporção dos mortos britannicos apresenta-se mais elevada do que se seria se a fizessemos em eguaes condições á dos allemães, em cujas listas não figuram os mortos por doença ou em consequencia dos ferimentos recebidos, pois que as organisam sobre o proprio campo de batalha.

Ora se a proporção dos mortos para as perdas totaes é, no exercito inglez, de 1 para 5, sendo as listas organisadas nas condições que descrevemos, deve esta proporção nas forças allemãs ser, pelo menos, de 1 para 6, baseando-nos nos numeros fornecidos pela propria Allemanha, e nas condições já expostas. Se soubermos, pois, o numero de mortos allemães, pode-se calcular o total das perdas da Allemanha em mortos, feridos e extraviados, com excepção dos doentes. O numero de mortos não o colhemos exacto para toda a Allemanha, mas apenas para a Prussia; antes da ultima grande offensiva dos imperiaes na Galicia era, approximadamente, 250.000.

Multiplicando este numero por 6, obtemos 1.500:000 homens só para as forças prussianas; mas temos que juntar-lhes ainda perto de um quinto para os outros Estados allemães, e obteremos então 1.800:000 homens para o imperio todo. Junte-se-lhes mais 80 % para os austriacos—é approximadamente a proporção dos effectivos entre os dois alliados—e chegaremos ao total de 3.240:000 baixas para os dois imperios entre mortos, feridos e desapparecidos, não contando os doentes nem as perdas da ultima campanha da Galicia, que teem sido enormes. Avaliando, pois, muito baixo, pode dizer-se que até agora teem os imperios alliados de trez a quatro milhões de homens fóra de combate.

Concluindo: as forças vivas das duas nações, em homens, teem soffrido desde o começo da guerra uma quebra que se pode avaliar, em globo, em 50 %. E' um facto irrefutavel, de capital importancia, e contra o qual se quebram os mais valiosos raciocinios dos mais teimosos pessimistas.

* *

Da revista hebdomadaria ingleza *The Spectator*:

Nada ha mais bello sob o ponto de vista militar, do mais cavalheiresco sob o ponto de vista moral, nem de mais ousado sob o ponto de vista politico, do que a acção da Russia desde o começo da guerra; a tomada, ou antes, a evacuação de Lemberg não faz modificar esta opinião.

Não padece duvida que o avanço allemão será detido n'um ponto qualquer, como o foi no oeste antes de chegar a Paris. A questão está em saber qual será esse ponto.

Mesmo apesar da reoccupação de Lemberg, ainda mesmo que tomem Varsovia, encontrar-se-hão os allemães perante um problema triplamente difficil de resolver. Se continuam a avançar e tentam penetrar na Russia europeia, terão que augmentar cada vez mais as suas tropas, que proporcionar-lhes cada vez mais reforços, que sujeitar-se cada vez mais ás arduas difficuldades dos transportes; se tentam conservar-se no mesmo posto e fixar-se em trincheiras, vêr-se-hão forçados á tarefa gigantesca de construirem uma linha de entrincheiramentos desde a fronteira da Romania até ao norte de Libau, tendo que occupar na conservação d'esta enorme linha pelo menos dois milhões de homens e um numero incalculavel de canhões. E admittindo mesmo que possam obter estas grandes quantidades de soldados e boccas de fogo, ainda assim a linha ficará tão fraca que sem difficuldade os russos a forçarão n'um ou varios pontos conforme lhes convier.

A terceira solução que se apresenta aos allemães é, depois de terem infligido uma séria derrota aos russos, em campo aberto, conservarem dois ou tres exercitos moveis na vigilancia da fronteira e retirar do oriente a grande massa das suas tropas para as lançar contra os alliados em França ou contra a fronteira italiana.

Mas este plano — em theoria magnifico—na pratica é de difficilima realisação, porque os russos a todos os momentos cahiriam sobre um adversario que não estão dispostos a deixar de perseguir.

Não é a longa duração da guerra caso para affectar a resistencia russa; as guerras demoradas, para a Russia, teem a vantagem de pôr em evidencia o seu enorme poder. Só agora, depois de onze mezes de combate, começa a Russia a entrar na plenitude dos seus recursos em homens e em munições; pode dizer-se que até hoje ainda não fez sentir na Polonia a força que lhe conferem os seus 170 milhões de habitantes, mas tambem podemos estar certos de que não tardará o momento em que o faça.

Não se deixem pois illudir pelas noticias desanimadoras de derrotas russas ou de esmagadoras victorias austro-allemãs, fundadas no facto de os nossos alliados terem evacuado Lemberg, como já tinham evacuado a praça de *Przemysl*, e como talvez ainda tenham que fazer em Varsovia; se os russos pouco se inquietam com isso, porque havemos nós de inquietar-nos mais do que elles?

O unico effeito que estes revezes teem produzido em Petrogrado e em Moscou é dar ao povo mais energia, tornando mais firme a sua vontade, a sua determinação de combater até alcançar a victoria.

O ANNIVERSARIO DE "A CAPITAL,,

Entrou hontem no seu 6.º anno de existencia «A Capital». Para commemorar esse facto, grato a todos os que n'esta casa trabalham, se reuniram em jantar intimo no hotel Internacional os seus redactores e collaboradores effectivos, faltando apenas alguns, muito poucos, por motivo justificado.

Os convivas foram: Manuel Guimarães, Mayer Garção, Avelino de

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 2-7-915

Carta a um sacerdote germanophilo

Com sincero assombro acabo de saber, meu reverendo amigo, que nos ultimos tempos, contra velhos habitos que eu suppunha para sempre invenciveis, vem consagrando á leitura uma boa parte dos seus longos ocios, apenas interrompidos pela celebração da missa quotidiana e pela sesta bem resonada sobre o colchão de folhelho, que sua ama, com uma sollicitude quasi conjugal, lhe renova e afofa cada manhã. Passei, ao informarem-me de que não dispensava o «A B C», em cujas paginas segue attentamente a historia da guerra contada á maneira do sr. Luca de Tena e dos seus illustres collaboradores, e de que todos os dias faz votos pelo triumpho definitivo dos exercitos germanicos, na infantil e estolida illusão de que a victoria da Allemanha traria com ella a dos ideaes que o seu espirito retrogrado, affeiçoado a principios e costumes cuja época passou para não mais resuscitar, anceia vêr de novo restaurados e dominando o mundo. Não são, pois, propriamente, as virtudes patrioticas e guerreiras dos allemães, os seus espantosos recursos de toda a ordem, a preparação de tantos annos, a tenacidade com que proseguem na tremenda lucta cujo desfecho ainda não está previsto o que causa a admiração de vossa reverencia e provoca o seu enthusiasmo: é o pensamento de que, vencedores os teutões, o clero virá a ser em nossa terra, como outr'ora foi, o primeiro estado. A despeito de lutherano, Guilherme II é para vossa reverencia um instrumento de Deus destinado a infligir á França livre-pensadora e athêa o castigo que merece. O kaiser victorioso seria a religião liberta e dignificada, seria a Egreja victoriosa, porque as republicas cederiam o logar ás monarchias por direito divino e vossa reverencia ainda espera contemplar com lagrimas de jubilosa commoção, antes de ser chamado a contas no céu, o restabelecimento do throno d'el-rei D. João III, de inquisitorial memoria...

Semelhante criterio, se assim se lhe póde chamar, não abona muito a bondade do seu coração e ainda menos a robustez do seu engenho e a cultura do seu cerebro. Vossa reverencia, não já como latino mas sobretudo como catholico, apenas deve desejar a derrota da heretica Allemanha, secular inimiga da sua fé, e, em plena paz, perseguidora descaroavel da sua Egreja, contra cujos ministros tem commettido na guerra os mais repellentes attentados e contra cujos templos a sua furia iconoclasta se desencadeou com uma sanha nunca até hoje excedida!

* *

Se vossa reverencia deletreasse o francez como o castelhano, desde que andou pela Galliza, de barba hirsuta e corôa tapada, inculcando-se victima das hostilidades republicanas, enviar-lhe-hia uma brochura que hontem li d'um folego e que tem por titulo «La conversion d'un catholique germanophile». Trata-se da carta aberta de Emilio Prüm, chefe do partido catholico luxemburguez, a Mathias Erzberger, deputado ao Reichstag, leader do Centro Catholico Allemão. O notabilissimo documento foi impedido de circular e apprehendido na Allemanha. Traduziu-o René Johannet que á versão da carta aberta juntou a noticia do processo intentado pelo sr. Elzberger contra o sr. Prüm, as novas accusações por este formuladas e a historia resumida da evolução pangermanista do Centro Catholico Allemão que actualmente está longe de representar as idéas e os sentimentos de Windthorst. Não é possivel fazer n'uma breve carta a synthese d'esse volume sensacional de 190 paginas, que os catholicos que por ahi andam afadigados na organisação d'um centro pelo modelo allemão deviam lêr e meditar. No seu ultimo capitulo se demonstra que é na Allemanha que está o perigo para o catholicismo e bastava lançar uma vista de olhos pelos capitulos anteriores para que essa convicção se radicasse desde logo. Não conhece vossa reverencia, por certo, Emilio Prüm. O chefe do partido catholico luxemburguez não é positivamente o que foi o sr. Jacintho Candido. Membro do comité permanente dos congressos eucharisticos internacionaes, commendador da ordem pontificia de S. Silvestre, antigo deputado, burgomestre de Clervaux, industrial de carreira, dedicando todas as sympathias á Allemanha, o sr. Prüm era, por catholicismo, antifrancez, segundo esclarece o seu biographo. As atrocidades allemãs na Belgica converteram-no. Porque era catholico, o eminente politico luxemburguez passou a ser anti-allemão. E, todavia, acompanhára, de perto, o movimento catholico da Allemanha contemporanea, tomára parte nos congressos catholicos allemães, mantinha relações pessoaes com muitos dos chefes do Centro e escrevia nas revistas d'esse grande partido.

Dirigindo-se a Mathias Erzberger, o illustre luxemburguez affirmou saber muito bem que o Centro actual já não quer continuar a ser um partido catholico e que a sua propria direcção recusou implacavelmente admittir que ao Centro, na sua actividade politica, social e cultural, deve manter-se essencialmente de accordo com o ensino catholico». Cumpre encarar o Centro, d'ora avante, apenas como um partido allemão interconfessional, puramente nacionalista. Lembra-se vossa reverencia das declarações do nosso Jacintho Candido na Camara dos pares, quando se imaginava chefe d'um grande e poderoso partido catholico em que podiam militar atheus?

* *

Abstenho-me de referir a vossa reverencia as interessantissimas revelações de Prüm sobre o livre-pensamento allemão, saturado de nietzcheismo e posto ao serviço do pangermanismo, livre-pensamento bem diverso do dos paizes latinos, pois que n'estes as suas bases são o anti-militarismo e o pacifismo internacional. Quero simplesmente apontar certos factos que não constituindo novidade, vossa reverencia é, no entanto, forçado a acreditar, visto que veneraveis testemunhas o confirmam. O bispo de Namur, monsenhor Heylen, na carta pastoral relativa á ultima quaresma, e dirigida aos seus diocesanos, menciona a profanação e a destruição das egrejas belgas, os horriveis ultrages de que foram alvo os clerigos da sua diocese, onde logo em agosto os allemães chacinaram barbaramente vinte e cinco sacerdotes e religiosos isentos de toda a culpa, maltratando e martyrisando muitos outros. O mesmo bispo dá livre curso á sua dôr profunda a proposito de «milhares e milhares de civis» da sua diocese que foram cruelmente trucidados, sem que se pudesse estabelecer, de modo irrecusavel, a culpabilidade d'uma unica d'essas pobres victimas dos allemães que arrasaram um sem numero de localidades, não deixando pedra sobre pedra e perpetrando horriveis sacrilegios que monsenhor Heylen deplora amargamente. A este insigne prelado enclausuraram-no os invasores n'um pequeno quarto da camara municipal sem um leito e sem uma cadeira sequer! Os allemães lançaram fogo ao edificio e monsenhor Heylen e outros ecclesiasticos prisioneiros como elle livraram-se das chammas, precipitando-se d'uma janella...

O bispo de Liége, monsenhor Rutten, com perto de oitenta annos, foi feito refens, levado para a cidadella onde, durante uma hora, o obrigaram a conservar-se de pé e sem abrigo sob uma chuva torrencial, mettendo-o, por fim, n'uma estrebaria. O bispo de Tournai, com a mesma edade, levado, além d'outros notaveis como refens da sua cidade episcopal para Bruxellas pela estrada de Ath, sob o sol ardente de agosto, mal podendo suster-se, tamanho o cansaço e o peso dos annos e das amarguras, foi brutalmente ferido por um dos soldados que acompanhavam o comboio de prisioneiros e não tardou que morresse... O cardeal Mercier, arcebispo de Malines, publicou os nomes dos sacerdotes e religiosos da sua diocese assassinados pelos allemães, sob ridiculos pretextos. Emilio Prüm transcreve documentos do sabio e austero cardeal em que esses nomes se encontram...

* *

Os catholicos allemães não tiveram uma palavra de protesto ou, pelo menos, de piedade perante a matança dos belgas seus irmãos em crenças e dos ministros de Deus, que as tropas germanicas chegaram a despojar das suas vestes e a deixar nús em pleno ar livre. E' que o Deus dos allemães, ainda o dos catholicos, não se confunde com o dos belgas nem com o dos portuguezes que tenham religião. O seu Christo, como affirmou um collaborador do «Tago», folha em que escrevem os catholicos do Centro, é allemão até á medula.

Ponho ponto. Mas antes de findar quero lembrar a vossa reverencia que a Allemanha que devastou a Belgica e dizimou a sua população catholica, distinguindo especialmente nas torturas o clero, é a mesma que depois, encarcerou e exilou arcebispos e bispos e, entre tantas outras medidas contra a Egreja catholica, ainda agora auctorisadas por lei, chegou a prohibir a administração dos sacramentos. A Allemanha protectora do catholicismo! Que sarcasmo...

Avelino de Almeida

Almeida, Garibaldi Falcão, Hermano Neves, Herculano Nunes, Adelino Mendes, D. Virginia Quaresma, dr. Joaquim Manso, Ferreira Martins, André Brun, Alvaro de Lima, dr. José Pontes, Silva Passos, Christiano Tavares, João Paulo Freire, Alberto de Sousa e Victorino Triguei-ros.

Ao fim do jantar deu-nos a honra da sua assistencia o sr. dr. Bernardino Machado, que foi saudar em Manuel Guimarães a obra feita pela «Capital» em prol da Republica e da Patria, palavras que nos foram gratissimas por partirem do illustre estadista.

Durante o jantar e o dia de hontem recebemos muitos telegrammas e cartas de felicitação, que n'este logar agradecemos, e entre os quaes seja-nos permittido destacar os dos nossos prezados amigos e collaboradores dr. Julio Dantas, que uma ligeira enfermidade inhibiu de comparecer, Guedes d'Oliveira, Silva Esteves e dr. Bethencourt Ferreira, do commandante e officiaes do cruzador «Vasco da Gama» e dos officiaes inferiores do contra-torpedeiro «Douro».

Festa de caracter intimo, n'ella apenas se trocaram brindes intimos, recordando os ausentes e saudando todos os que á «Capital» consagram a sua amizade.

Aos nossos camaradas d'imprensa, especialisando o «Diario de Noticias» e «A Republica», que para nós tiveram palavras de carinho pelo nosso anniversario os nossos sinceros agradecimentos.

Migalhas

A medalha

Quando na aurora da Republica vi supprimir as condecorações e titulos, disse aos meus mais intimos botões que não tardariam a reapparecer esses penduricalhos e berbicachos. Hontem foi entregue na Camara uma proposta tendente a crear a medalha de 14 de maio. Logo que seja approvada, podem ter a certeza de que outras virão, pois que, se esta se destina a premiar a coragem, é bom não esquecer que existem outras virtudes civicas e theologaes dignas tambem de apreço e de registo. A prudencia, por exemplo. E, assim, porque se não ha de crear a «commenda dos que não tomaram parte no 14 de maio?» Justo é tambem premiar aquelles valorosos que tencionam sempre comparecer em todos os actos revolucionarios e á ultima hora faltam por motivos imprevistos. Para os que teem esse costume proponho o «habito dos que tiveram muita vontade de tomar parte no 14 de maio».

Como não ha nada mais feio do que a injustiça, é preciso não olvidar o resto dos portuguezes e condecoremos tambem os que não estavam em Lisboa no 14 de maio, os que não tinham nascido n'essa data e os que tinham fallecido pouco antes.

Não pretendo apoucar com as minhas palavras a acção revolucionaria que restabeleceu a Republica no caminho d'onde pretendiam desvial-a. Lamento simplesmente que, apoz se ter estabelecido o principio nobre de que ninguem reclamaria recompensas dos seus feitos, surja agora a idéia de se compensar a vaidade de certos com a exhibição d'um pedaço de fita.

André Brun.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Conductores de carroças

Reune a assembleia geral depois d'amanhã, ás 14 horas, sendo a ordem dos trabalhos: apreciar e discutir a maneira de evitar os choques dos electricos pelas trazeiras das carroças; estudar e apreciar a maneira de manter um delegado effectivo da classe; apreciar umas declarações do secretario da direcção, e resolver sobre ordenados, cótos, lanternas, guardas da noite, horas de trabalho e descanço semanal.

ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

A innovação dos auditores fiscaes

terá porventura alguma razão que a justifique?

Publicamos as seguintes considerações sobre um assumpto em que não temos ainda opinião formada e apenas a titulo de subsidiar o esclarecimento de uma questão que importa ventilar-se. E', pois, superfluo declarar que, sem que isso envolva o menor desprimor para o signatario do artigo, as opiniões n'elle expressas são da sua inteira e exclusiva responsabilidade.

Em 1901 foram regulamentados os serviços de fazenda coloniaes, regulamentação que, se produziu effeitos beneficos na arrecadação de receitas e fiscalisação de despezas, muito deixou a desejar, sob outros aspectos, na sua applicação pratica devido não só ás suas imperfeições, como tambem ao recrutamento da maior parte do pessoal não ter sido feito convenientemente, tendo-se tratado em muitos casos de servir afilhados sem qualidades nem conhecimentos necessarios para bom desempenho das attribuições que lhes eram conferidas.

Depois de varias alterações áquelle regulamento de que nunca resultou apreciavel melhoria dos serviços, porque o remedio efficaz seria cortar o mal pela raiz, mandando para casa todos os incompetentes e punindo com severidade aquelles que abusando das attribuições que a lei lhes conferia levantavam conflictos, que nunca deviam dar-se, e que ás vezes eram resultantes de questiunculas pessoaes, appareceu em 1912 a reforma dos serviços de fazenda de Angola e Moçambique.

Levantou-se contra ella grande campanha baseada no augmento de despeza que acarretava com a creação de novos logares.

O augmento de despeza foi e é ainda bem compensado por uma maior fiscalisação nas receitas e despezas e, um dia, quando serenamente se apreciarem quantos abusos se evitaram com a creação das inspecções de fazenda districtaes, n'aquellas duas vastissimas provincias, os atacantes da reforma de 1912 hão de convencer-se que a despeza foi bem compensada com os lucros que d'ahi auferiu o Estado.

Sabemos que se opinou que em logar da creação dos inspectores de fazenda nos districtos se tivessem dado mais largas attribuições aos escrivães de fazenda, mas é evidente que a essas attribuições, e por consequencia a maiores responsabilidades, havia de corresponder melhor pagamento sendo inevitavel o augmento de despeza e não se obviando aos conflictos e questões que se levantariam todas as vezes que os escrivães de fazenda tivessem de se pronunciar sobre assumptos que dissessem respeito a funccionarios ou serviços dirigidos por empregados de maior categoria que a sua.

Além d'isso necessario é que se attenda que cada districto d'aquellas duas colonias representa vastissima extensão de territorio e que conforme se vae fazendo a occupação e que a colonisação vae progredindo novos serviços são montados, e dentro em pouco teem importancia superior em cada districto aos identicos serviços de qualquer outra colonia, sendo perfeitamente justificado que se procurasse descentralisar o mais possivel os serviços de fazenda da capital da colonia, onde se verificou ser materialmente impossivel subordinar-se ao visto de um só inspector de fazenda a immensa papelada de colonias como Angola ou Moçambique.

Mas se essa reforma foi tão atacada causa-nos admiração que nenhuma objecção se tenha levantado á lei da autonomia financeira das colonias na parte em que creou os auditores fiscaes e seus delegados.

Os protestos seriam agora bem justificados contra tão enorme augmento de despeza. Cada colonia terá o seu auditor e cada districto o seu delegado, o que quer dizer que serão mais 22 funccionarios a nomear.

Pela mesma lei cada auditor e seu delegado não podem permanecer mais de 4 annos em cada colonia; assim, ao fim d'esse periodo, esses 22 funccionarios terão de deslocar-se, já não falando nas deslocações a effectuar por motivo de doenças e licenças antes de findo aquelle prazo.

Que enorme despeza não representa a transferencia dos 22 funccionarios todos os 4 annos para outras colonias, com as suas familias, passagens e ajudas de custo!

Occorre agora perguntar se a creação de taes logares terá razão de ser.

Em nossa opinião nada a justifica; vão tirar-se aos inspectores de fazenda certas attribuições e concedel-as áquelles funccionarios, vae duplicar-se o pessoal fiscalisante porque nas colonias e districtos onde havia um inspector passa a existir o mesmo funccionario com o nome de director dos serviços de fazenda e mais o auditor ou seu delegado.

E' evidente que estes, tendo de resolver assumptos e exercer fiscalisação sobre os directores de fazenda, hão de ter maior cathegoria e por consequencia nem os auditores nem os seus delegados poderão ter vencimentos inferiores a trez contos annuaes.

Melhor seria, pois, definirem-se bem quaes são as attribuições dos governadores e inspectores de fazenda, marcar bem até onde chegam as attribuições de uns e outros, quaes as responsabilidades para aquelles e estes pela falta de cumprimento da lei evitando-se assim conflictos e submettendo-se as divergencias de interpretação da lei aos procuradores da Republica junto das Relações em Loanda, Lourenço Marques e Gôa, aos delegados dos mesmos nos districtos e nas capitaes das colonias onde não houver procurador da Republica.

Estamos certos que o actual ministro das colonias, cujas faculdades de trabalho, tenacidade e bem orientados principios da mais severa economia nas despezas coloniaes conhecemos, não deixará regulamentar e pôr em execução a parte da lei a que nos referimos sem promover a sua alteração, evitando assim mais um pezado encargo, com a creação de novo funccionalismo, para as depauperadas finanças coloniaes, tratando antes aperfeiçoar o que existe sem augmento de despeza, o que bem facil é.

Alvaro Lereno

A provincia n'A CAPITAL

TABOA, 30.—Não teve logar no dia 21 do corrente a reunião dos elementos que o partido democratico conta n'este concelho. Dizem-nos que só se realisará quando estiverem organisadas em todas as freguezias as commissões politicas locaes que elegerão o respectivo chefe ou junta directiva.

Dizem-nos mais que, no caso de haver chefe, será escolhido o sr. dr. Caeiro da Matta, professor na Universidade e importante proprietario n'este concelho, que vem brevemente avistar-se com alguns elementos, a fim de trocar impressões sobre essa organisação.

Se assim fôr, é motivo não só para dar parabens aos democraticos do concelho, mas ao proprio concelho, que, no actual regimen, vae finalmente ter alguem de valor que saiba zelar pelos seus interesses.

—A' victima do crime de Carregozella, João Francisco Gomes, fizeram, um dia d'estes, no hospital do Coimbra, a operação do trepano. O criminoso já deu entrada na cadeia.

—Causou aqui impressão o manifesto que o candidato evolucionista dr. José Cardoso distribuiu pelo circulo de Arganil, a que este concelho pertence. N'elle historia os motivos da derrota que n'este circulo soffreu o partido evolucionista, que disputava as maiorias.

—Vae ser nomeado administrador do concelho o sr. Arnaldo Craveiro, que, com competencia, já exerceu o mesmo logar durante a vigencia do primeiro ministerio a que presidiu o sr. dr. José de Castro.

—Como mandei dizer, o acto eleitoral decorreu aqui socegadamente, notando-se na assembleia da séde do concelho bastantes abstenções. Nas outras trez assembleias foi o acto bastante concorrido, principalmente em Covas e Mouronho, que, respectivamente, foram quasi em «chapa» para os democraticos e para os unionistas.

—O tempo irregular que tem feito já vae desagradando aos lavradores, que estão na contingencia de, como no anno passado, vêrem desapparecer as colheitas do vinho e do azeite que, por ora, estão promettedoras.—(C.)

COIMBRA, 30.—Regressaram da viagem de estudo ao Gerez os alumnos da faculdade de sciencias da Universidade.

—Os enfermeiros dos hospitaes da Universidade vão representar aos poderes superiores a fim de lhes serem augmentados os vencimentos que são na verdade muito exiguos.

—Foi agora posta em execução uma postura camararia pela qual cada trem de cavallos ou automovel de fóra é obrigado a pagar uma taxa de 1$50 e 3$00 respectivamente, por cada dia que aqui permanecer a fazer serviço de praça.

—Os membros da União Republicana d'esta cidade deliberaram fundar um centro politico, tendo sido eleitos por unanimidade com plenos poderes para levar a effeito as suas aspirações os srs. dr. José J. Formosinho, presidente; capitão Mousinho de Albuquerque, vice-presidente; secretario dr. Costa Motta, vogaes srs. Sebastião Ganho e Eloy d'Amaral.

FIGUEIRA da FOZ, 30.—A convite do encarregado da I. M. Preparatoria da 5.ª divisão do exercito, vae a Cantanhede, no proximo dia 25 de julho uma columna da Cruz Vermelha d'esta cidade, a fim de se estabelecer um posto de prompto soccorro, visto realisarem-se n'esse dia e n'essa localidade as provas finaes dos nucleos do 2.º grau da I. M. Preparatoria que constarão de jogos sportivos, tactica militar etc. Tambem será inaugurada a carreira de tiro.

Na festa tomará parte a banda de musica de infantaria 28.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos Deputados

Approvam-se por unanimidade duas propostas do sr. Leotte do Rego, uma saudando as tropas expedicionarias e outra de congratulação pelas palavras do sr. Carnegie

A Camara principia a funccionar pouco depois das 15 horas falando, depois de approvada a acta, com 75 deputados presentes, o sr. Gonçalves Brandão, que se refere ao funccionamento da Escola Normal de Villa Real, por elle julgado incompleto, pedindo, por isso, ás estações competentes as medidas precisas para que elle melhore. O sr. ministro da instrucção responde que o animam os melhores desejos de beneficiar o ensino normal, e põe ao dispôr do sr. Brandão todos os esclarecimentos de que elle necessite a respeito das questões de que tratou. O sr ministro da justiça faz varias considerações sobre um projecto de lei que manda para a mesa, entregando ás juntas de parochia certos bens que lhes pertencem e cujos rendimentos só podem ser applicados a obras de beneficencia. O sr. Francisco Cruz cae a fundo sobre os politicos e protesta contra o abandono a que tem estado votada a freguezia da Praia, concelho da Barquinha, pelo que respeita a communicações telegraphicas, telephonicas e postaes. O sr. ministro do fomento responde que attenderá, na medida do possivel, as reclamações do orador.

O sr. Leotte do Rego, que vem á Camara pela primeira vez, cumprimenta os seus collegas e dirige ao presidente, como homem honesto e austero que é, as maiores saudações. Fala com tanto maior prazer quanto é certo ter sido o sr. Azevedo Coutinho o presidente d'aquelle governo cuja queda foi acolhida festivamente pela imprensa d'aquelles cujos soldados invadiram a nossa Africa e cujos navios já metteram no fundo alguns navios portuguezes. Lê, depois, a seguinte proposta:

Proponho que sejam enviados telegrammas pela mesa ao sr. general Pereira d'Eça e ao sr. tenente-coronel Massano de Amorim, chefes das expedições militares que se encontram em Angola e Moçambique, por motivo da guerra, saudando esses prestigiosos officiaes e todos os homens d'armas sob as suas ordens, exprimindo-lhes, ao mesmo tempo, o inabalavel convencimento de todos os membros d'esta casa do parlamento, de que todos elles saberão levar a cabo a sua ardua missão, sempre com brilho e com honra para a Patria e para as armas portuguezas, saudando tambem, e com especial affecto, esses valorosos officiaes e soldados que no combate de Naulila ficaram prisioneiros das tropas do sudoeste allemão e que ainda hoje se encontram fóra do territorio patrio.

Põe, depois, em destaque as palavras proferidas pelo ministro da Inglaterra, quando da imponente manifestação do povo de Lisboa ás nações alliadas e apresenta a seguinte proposta:

Proponho que na acta d'esta sessão se registe o profundo reconhecimento e simpathia com que a Camara dos Deputados acolhe as palavras pronunciadas pelo sr. Carnegie, ministro da Inglaterra em Portugal, quando do cortejo ás legações considerando-as como prova incontroversa de que se mantem inalteravel a consideração que á grande e nobre nação ingleza a nação alliada merece, exprimindo tambem os seus votos pelo triumpho final da causa sagrada da liberdade, que é a sua causa e a de todas as nações que a seu lado sangue generoso estão vertendo em todos os campos de batalha. Depois, lê requerimentos pedindo documentos pelos diversos ministerios, sendo ouvido por toda a Camara com a mais profunda attenção. As propostas são immediatamente lidas na mesa e approvadas, com urgencia e dispensa do Regimento, por unanimidade. O sr. ministro da justiça diz que esse acto da Camara representa que todos alimentam o desejo de vêr o nome portuguez honrado por aquelles que em Africa teem o encargo de o manter cheio de prestigio. Os desejos do governo, n'esse sentido, não podem ser mais ardentes nem mais vivos tambem. O sr. Aresta Branco profere tambem algumas palavras de saudação ás tropas que se encontram em Africa. O sr. Virgolino Chaves quer que se reprima o jogo d'azar, apesar de pertencer ao numero dos que entendem que o jogo deve ser regulamentado. Entretanto, entende que emquanto a lei não permittir que se jogue não ha remedio senão cumprir a lei. E presentemente joga-se em todo o paiz e principalmente em Lisboa e nos arredores com o mais inacreditavel descaro. O sr. ministro da justiça diz que a ideia do governo é a do orador. A lei vae ser rigorosamente cumprida. O sr. Portocarrero manda para a mesa um projecto mandando submetter a uma junta medica todos os officiaes dos quadros de reserva e reformados, para averiguar rigorosamente os que ainda são aptos para serviço activo. O orador justifica o seu projecto dizendo que ha no exercito uma grande falta de officiaes, á qual é preciso obviar quanto antes.

Na ordem do dia, elegem-se commissões. Para a de obras publicas são eleitos os srs. Vasco de Vasconcellos, Ribeiro de Carvalho, Ernesto Navarro, Alvaro Pope, Antonio Maria da Silva, Francisco Cabral, Antonio da Fonseca, Victorino Godinho e Costa Junior; para a de legislação criminal, os srs. Antonio Portugal, Pereira Junior, João Gonçalves, Armando M. Guedes, Bernardo Lucas, Alberto Xavier, Carlos Olavo, Antonio Dias e Pestana Junior; para a de legislação civil e commercial, os srs. Manuel Granjo, Pereira Junior, Antonio Portugal, Joaquim d'Oliveira, Virgolino Chaves, Germano Martins, Abilio Marçal, Barbosa de Magalhães e Abrahão de Carvalho; para a de legislação operaria, os srs. Ribeiro de Carvalho, Alfredo Soares, Angelo Vaz, Sá Pereira, Marreiros Netto, Jayme Cortezão, João Canavarro, Alfredo Ladeira e Costa Junior.

A commissão de pescarias fica composta pelos srs. Fernandes Costa, Simas Machado, Arthur Costa, Urbano Rodrigues, Augusto Nobre, Marreiros Netto, Virgolino Chaves, Freitas Ribeiro, Mendes Cabeçadas, Sá Pereira e Nunes Loureiro.

Em seguida encerra-se a sessão. A proxima é na segunda-feira.

A grande guerra

As operações no theatro occidental

PARIS, 2.—Communicação official das 15 horas.

Houve vivo canhoneio durante toda a noite em grande numero de pontos da linha combate de nomeadamente na região de Woesten a noroeste de Ypres; na de Souchez e na de Verneuil ao norte do Aisne. Depois de um violento e continuo bombardeamento, os granadeiros inimigos deram cerca das duas horas, um ataque contra as nossas posições do caminho de Ablain a Angres, ao norte da estrada de Bethune, o qual se mallogrou por completo. Proximo de La Boiselle uma das nossas minas destruiu as obras de fortificação avançadas do inimigo. Em Argonne a lucta de artilharia continuou violentissima durante tôda a noite, tendo havido apenas um ataque de infantaria appoiado por grandes lança-bombas e granadas de gazes asfixiantes, mas foi repellido pelas forças de reserva.

Ha tambem noticia de ter havido uma tentativa de ataque de infantaria no bosque Le Pretre, tentativa que havia sido precedida de violenta preparação pela artilharia.

O fogo da nossa infantaria paralisou os movimentos inimigos.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 2.—Official.—A offensiva inimiga contra os rios Wieprg e Bug continua.

Os combates das guardas da retaguarda teem sido pertinazes.

Na Galicia, nos dias 29 e 30 de junho, repellimos todos os ataques inimigos e infligimos aos adversarios perdas consideraveis, tendo feito mil prisioneiros.

No resto da linha houve completo socego.—(*Havas*).

O ministerio das munições inglez

LONDRES, 2.—A Camara dos Communs approvou por unanimidade um projecto de lei creando o ministerio das munições.—(*Havas*).

A revolução no Mexico

PARIS, 2.—Telegrapham do Mexico aos jornaes parisienses que a tentativa dos partidarios de Carranza para se apoderarem da capital se mallogrou.

Os carranzistas entraram na cidade mas foram d'ella repellidos.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Os srs. Alfredo Soares e Joaquim Brandão estiveram hoje no ministerio do fomento a pedir ao respectivo ministro que mande proceder a reparações na angra de Cezimbra, que se encontra quasi obstruida, o que causa enormes transtornos á classe piscatoria, em virtude de ser esse o unico ponto onde podem, em occasião de temporal, abrigar-se barcos n'aquella parte da costa.

O sr. presidente da Republica, por intermedio do seu secretario particular, sr. Levy Bensabat, mandou entregar á Assistencia Publica a quantia de 100 escudos, donativo que o sr. Luiz Filippe da Matta irá amanhã agradecer.

O director geral da Agricultura indeferiu o requerimento de diversos lavradores, que pediam auctorisação para arrecadar nos celeiros das fabricas o trigo que se encontra á debulha, porque alguns d'elles não possuem celeiros e o genero se deteriora nas eiras.

—Ao ministerio das colonias estão chegando os projectos das cartas organicas das colonias enviadas pelos respectivos governadores.

—No rapido da tarde seguiu hoje para Ponte de Lima o sr. ministro das colonias que regressa a Lisboa na proxima segunda feira.

—O sr. ministro da guerra vesita amanhã o edificio da Manutenção Militar.

—Vae ser construido um gimnasio dependencia ao liceu Central, em Castello Branco, estando o projecto já approvado pelo sr. ministro da instrucção publica, e orçada a despeza em 1.200$00.

—Os juizes dos tribunaes criminaes de Lisboa officiaram ao ministerio da justiça pedindo uma força diaria de 30 praças da guarda republicana ou do exercito a fim da ordem no edificio da Boa-Hora se encontrar sempre assegurada durante o serviço de audiencias.

—O sr. Jorge Saavedra conferenciou hoje com o sr. ministro do interior e com o sr. governador civil sobre a questão levantada com o secretario da administração do concelho de Arruda dos Vinhos, resolvendo-se proceder a uma sindicancia aos actos d'aquelle funccionario, conforme elle proprio tinha requerido.

—A bordo do couraçado *Vasco da Gama* realisa-se ámanhã um almoço offerecido pelo sr. Leotte do Rego ao sr. governador civil de Lisboa.

—O sr. Caldeira Scevola, commissario de policia do Porto, conferenciou hoje com o director de investigação criminal.

—O governador de Cabo Verde informou o ministerio das colonias de que está fundeado em S. Vicente o cruzador inglez *Highflyer*, a fim de se abastecer de carvão e provimentos e proceder a reparações. No mesmo porto tambem está fundeada a canhoneira *Ibo*.

—Deve largar ámanhã para Leixões o destroyer *Guadiana*, a fim de comboiar para Lisboa um dos vapores allemães ali fundeados, ficando assim mais desafogado o quadro dos navios d'aquelle porto.

—O governador de Cabo Verde sahiu hoje de S. Vicente para a cidade da Praia.

—A camara municipal de Gaya representou ao governo pedindo que os edificios parochiaes d'aquelle concelho, quasi todos construidos á custa dos parochianos, sejam cedidos gratuitamente para escolas de instrucção primaria, visto não haver ali padres pensionistas, por todos se terem recusado a receber a pensão.

—Com o ministro do interior conferenciou o governador civil de Aveiro, que ámanhã parte a tomar posse do seu cargo.

PEQUENAS NOTICIAS

—Raul Augusto, o «Raul da Carvoeira», indigitado auctor da morte do estivador Augusto Soares Dias, o «Cabeça», foi hoje enviado para juizo, embora se mantivesse em obstinada negativa, tendo oito testemunhas asseverado a sua culpabilidade. Por nada se ter provado contra elle, foi restituido á liberdade o maritimo Antonio Marques, que fôra preso como implicado no mesmo caso.

A questão do Douro

O Centro Commercial do Porto enviou uma representação ao governo secundando as enviadas pelas camaras municipaes, associações e sindicatos agricolas da região duriense e da Associação Commercial do Potro, para empregar os seus bons officios junto do governo inglez a fim de que o artigo 6.º do tratado de commercio entre Portugal e Inglaterra seja aclarado de modo a que os legitimos interesses da região do Douro, unica productora do vinho do Porto, fiquem clara e plenamente garantidos e salvaguardados.

A Associação dos Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal tambem telegraphou ao governo no mesmo sentido.

Revolucionarios civis

No final da sessão da camara municipal, hoje realisada, o presidente da commissão executiva, sr. dr. Levy Marques da Costa, participou ter hontem recebido uma commissão de revolucionarios civis, que ia solicitar que nos serviços municipaes fossem de preferencia admittidos os revolucionarios.

A camara, ao votar a proposta n'uma sessão anterior apresentada pelo sr. Abel Sobrosa, com relação á admissão de pessoal, pronunciára-se já sobre escolha do pessoal que fosse genuinamente republicano. Por isso hoje confirmou essa resolução, resolvendo que, em egualdade de condições, teriam preferencia aos logares municipaes os revolucionarios.

Notas parlamentares

Reuniram hoje, effectivamente, no Congresso, os deputados pelo Porto, a fim de se occuparem da questão do tratado de commercio anglo-luso. Trocadas impressões diversas, reconheceram todos que se deviam promulgar medidas e continuar as negociações para conseguir que a marca dos vinhos do Porto seja apenas destinada aos vinhos produzidos na região do Douro.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7|16	36 5|16
Londres, 90 d|v	36 7|8	—
Paris, cheque	$73	$74
Allemanha, cheque	$27,2	$28
Hollanda, cheque	$54,5	$55,5
Madrid, cheque	1$28	1$30
New York	1$37	1$38,5
Rio s|Londres	12 5|8	—
Libras	6$56	6$66
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,55	39,45
» » 500$	40,40 c|j	39,45
» » 100$	40,40 c|j	39,45

Obrigações do Estado: 4 0|0 1888, 21$70; 4 1|2 88-89 coup. 59$.

Externas: 1.ª serie 71$00 e 3.ª 74$60 c|j.

Acções: Ultramarino, 110$50; Assucar, 39$80; Moçambique, 3$20; Phosphoros, coup., 55$; Tabacos, coup., 74$60.

Obrigações: Caminhos de Ferro de Benguella, 75$50.

O contrabando allemão na Suecia

Escrevem de Petrogrado:

O contrabando que os allemães mais ou menos engenhosamente tratam de praticar nos paizes neutraes está-lhes dando bellos resultados na Suecia onde, a despeito d'uma rigorosa vigilancia, os nossos inimigos conseguem adquirir e transportar para o seu paiz as mercadorias de que precisam, principalmente cobre e carvão de coke.

No principio do mez de maio, notou a policia do porto de Stokolmo que o navio mercante allemão «Charlotte» que ali fôra para carregar potassa mergulhava tanto na agua que quando a carga estava toda embarcada mais parecia que o navio mettera ferro do que potassa.

Os agentes do porto communicaram a sua observação ás auctoridades alfandegarias, e estas indo a bordo verificaram que os saccos estavam cheios de desperdicios de cobre cobertos com uma ligeira camada do producto que ostensivamente fôra carregado.

Mais ainda. A «Charlotte» soffrera reparações; examinadas, verificou-se que os concertos executados tinham tido por fim substituir todas as peças metallicas do navio por outras só de cobre; as escadas e varios apparelhos eram feitos com espessas placas de cobre, os corrimãos e puxadores de portas, ao contrario do habitual, eram feitos de cobre macisso; as portas internas das vigias eram feitas de cobre puro.

Os suecos confiscaram não só o carregamento, mas tambem o precioso navio.

Noticia o «Dagens Nyheter», de Stokolmo, que o tribunal de Malmoe—littoral do Baltico—condemnou ao pagamento de multas varios negociantes que tentaram exportar fraudulentamente mercadorias cuja expedição está prohibida; além das multas, determinou o tribunal a confiscação dos artigos incriminados, entre os quaes figuravam: um lote de calçado valendo 6.500 corôas e couros salgados. Hontem apprehenderam as auctoridades do porto cinco toneis com acido oleico falsamente despachados como contendo sabão.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O anão feiticeiro»

Traducção de Camara Lima, que n'ella poz todo o seu cuidado de homem de lettras com uma reputação feita, a Parceria Antonio Maria Pereira lançou no mercado esta obra de Walter Scott, o 10.º volume da sua collecção «Auctores celebres». E' bem conhecido o auctor para que precisemos fazer a critica do novo livro. Por isso nos limitamos a noticiar o seu apparecimento.

«O ensino profissional» e «Arrufadas de Coimbra» por D. Sebastião Pessanha

São duas plaquettes, que particularmente se recommendam pela sua parte material, que revela verdadeiro gosto artistico. O sr. D. Sebastião Pessanha, no primeiro dos mencionados opusculos faz a reproducção d'um artigo de jornal em que o auctor emitte opiniões acerca da reorganisação do ensino industrial e profissional.

O outro opusculo, muito interessante é uma contribuição para o estudo da doçaria popular e religiosa em Portugal. Na capa apresenta um bello desenho de Alberto Sousa, que illustrou deliciosamente as breves paginas do folheto.

Em resumo: duas edições que honram as officinas onde foram executadas e que revelam um moço publicista de talento, cujo espirito curioso e illustrado se ha de, por certo, affirmar em futuros trabalhos.

SPORT

A severidade dos regulamentos...

A tal questão sportiva de amadores e profissionaes já produziu um caso triste.

Sabem o que succede? Simplesmente o seguinte:—Soares Junior é considerado profissional em ciclismo desde o proximo domingo 4 em deante!..

O facto justifica-se porque Soares faça profissão de corredor de bicicleta, dispute um premio em dinheiro ou consinta que o seu nome sirva de reclamo a casa commercial? Não. A União Velocipedica declara-o profissional porque vae correr um «match» com o hespanhol Lazaro Vilada!

Eis tudo.

A severidade do regulamento assim o impõe e a União, como exemplar cumpridora da lei estatuida, assim o determina!

Em todo o caso, a União, n'este assumpto, no qual já absorveu uma grande dose de officios, não procedeu bem. Devemos dizer que procedeu mal e precipitadamente. E vamos proval-o.

No domingo 27, effectuou-se um «match» entre os dois corredores. A União consentiu-o e, n'estas circumstancias, foi contra o regulamento. Explicou, porém, que a auctorisação, excepcionalmente concedida, estava justificada por um caso de patriotismo, qual era o de um corredor portuguez demonstrar a um corredor hespanhol que por Lisboa tambem havia «valentes».

Succedeu uma circumstancia lamentavel. O corredor hespanhol venceu o campeão portuguez, mas por tão reduzida differença que se impunha o «match-desforra». Soares Junior quiz luctar outra vez. O seu pundonor e brio sportivo exigiam nova tentativa. Consequentemente, este segundo desafio é a continuação do primeiro, que a União consentiu e regulamentou.

Como se comprehende então que o match se realise contra o regulamento e se prohiba o outro em identicas circumstancias? Não se percebe e talvez que os senhores da União não comprehendam tambem.

Ou não será patriotico o portuguez querer vingar-se d'uma tareia que lhe deu o hespanhol?

Eis explicada a razão por que o sr. Soares Junior, que não exerce a profissão de velocipedia, passa a ser um profissional do ciclismo!... E' extravagante!... Argumenta-se com a lei, mas esta foi estatuida para ser interpretrada segundo a logica e o bom senso. Mesmo que estas coisas regulamentares no «sport» variam a cada momento e algumas são bem originaes e extravagantes. Lembra-nos, por exemplo, aquella lei da Federação Portugueza, que chama profissionaes de «sport» aos jornalistas!...

E' pena que a officiomania e a regulamentomania retrogradas e velhas appareçam arrogantes a prejudicar o que é progressivo!..

E se a lei está antiquada, que a revoguem e a adaptem ás circumstancias actuaes... Era melhor, para evitar estes casos. Porque é lamentavel que elles se repitam e na occasião em que á frente da União ha gente que deseja caminhar direito...

Nota do dia

O concurso internacional de balões

Chegou hoje á fronteira o material que os «spostmens» hespanhoes enviam para o concurso dos balões esphericos. São trez: o *Bayo*, o *Vizcaya* e o *Montaña*. Os seus pilotos são todos amadores do Real Aero Club de Hespanha, com situações de destaque no paiz visinho, e que teem dedicado á propaganda do athletismo o melhor da sua energia e do seu esforço intellectual, um d'elles é Ricardo Ferry, director do «Heraldo Desportivo».

Algumas anecdotas

Não foi no ceu nem no inferno, foi no mesmo sitio...

Contámos hontem uma anecdota servindo-nos do nome dos jogadores de soco Smithe e Ryan. Hoje vamos contar uma scena identica na qual é protagonista o celebre jogador de soco John Sullivan, que durante vinte annos foi campeão do mundo.

Um dia Sullivan bateu-se com o professor John M. Laflin, quando estava no apogeu da sua força. Foi em 1884 e em Madison Square. Ao 2.º «round», Sullivan recebeu um socco no estomago, mas tão violento que foi projectado a terra, os braços pendentes, quasi inanimado, quasi morto! Tombou desastradamente. Quando lá para se erguer, Laflin quiz avançar outra vez.

—Vou acabar comtigo...

—Pois acaba, que para outra vez as pagarás.

—Quando?

—No ceu ou no inferno, para onde irás comigo...

Mas Laflin nada fez porque o «gong» soou, salvando o grande campeão. O minuto de descanço permittiu-lhe readquirir o folego. No terceiro «round» precipitou-se sobre Laflin e como um selvagem fez-lhe o nariz em sangue, rasgou-lhe mais a bocca, fechou-lhe o olho direito e atontou-o com dois soccos na cabeça que Laflin pediu misericordia, e abandonou.

—Ah! patife, já foges...

—Fujo e vou para o inferno para me ver livre de ti.

—Então para onde vou eu?

—Para o ceu, ajudar S. Pedro em guarda portão, porque és um bom cerbero...

Noticias

Entre nós

Um repto em fórma

Recebemos a seguinte carta, cuja publicação nos é pedida:

Sr. redactor.—João Joaquim d'Azevedo, athleta michaelense, achando-se de passagem em Lisboa, desafia todos os jogadores de «box» dando um premio de trinta escudos a quem o vença. Peço a publicação d'esta carta no seu muito acreditado jornal e reconhecido agradeço.—*João Joaquim d'Azevedo.*

Club Naval de Lisboa

Communica a secção de natação d'este club que no proximo domingo pelas 7 horas se realisa um treino official de *water-polo* para a escolha dos nadadores para os differentes *teams*, armando-se o rectangulo para esse fim.

Pede-se a todos os nadadores que não faltem, pois é da maxima conveniencia e urgencia que todos compareçam.

União Velocipedica Portugueza

Continúa aberta a inscripção para o passeio ciclista á Amadora, organisado pela União Velocipedica Portugueza, que se effectua no dia 11 do corrente. A' séde da U. V. P. teem affluido grande numero de inscriptores, notando-se entre elles muitos ciclistas da velha guarda, que quizeram assim demonstrar o seu amor pela U. V. P., e podendo esta tambem orgulhar-se de ainda possuir o interesse de elementos que n'outros tempos trabalharam para o seu engrandecimento. O almoço realisar-se-ha no restaurante Central que fica proximo dos Recreios Desportivos.

As festas de domingo no Stadium

Devem ser imponentes as festas de ciclismo e de motociclismo que se realisam no proximo domingo no Velodromo do Stadium.

A bilheteira abre ámanhã ainda na casa do «Ouro Americano», junto ao café Suisso.

E' certa a participação no programma dos famosos corredores Innocencio Pinto, Arido de Albuquerque, Manuel Neves, Lazaro Vilada, Soares Junior, Raposo, etc.

Grupo Sporting Nacional

Na reunião da direcção da passada quinta-feira, ficou resolvido adiar o campeonato d'este anno para o dia 4 de julho pelas 7 horas, no percurso de 100 kilometros, sendo o itinerario o da taça Portugal.

Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria n.os 15 e 26

Estas Sociedades realisam no proximo domingo as provas finaes da instrucção em conjuncto, com o seguinte programma: 1.º Entrega das bandeiras ás Sociedades. 2.º Continencia á bandeira nacional. 3.º Escola de Pelotão, Sociedades n.º 15 e 26. 4.º Lançamento d'um pontão de quadros, Sociedade n.º 15. 5.º Gimnastica sueca, Sociedades n.os 15 e 26. 6.º Provas desportivas para a disputa da taça e offerecida pela inspecção da 1.ª divisão do exercito. Saltos em altura c|c. Saltos em comprimento c|c, corridas de 100 metros, estafetas 3×100 e lucta de tracção. 7.º Telegraphia otica, Sociedades n.os 15 e 26. 8.º Esgrima de baionetas, Sociedade n.º 26. Continencia á bandeira nacional.

Albergue das Creanças Abandonadas

Realisa-se depois d'ámanhã uma sessão solemne dedicada á memoria do conde de S. Marçal, o benemerito que legou áquella casa de beneficencia grande parte da sua fortuna, mercê do que poude essa util instituição tomar o desenvolvimento que hoje tem.

Foi feito grande numero de convites, e apoz a sessão solemne proceder-se-ha á inauguração de uma lapide com o nome do fallecido, collocada n'uma das fachadas do edificio.

Após essa cerimonia, começarão nos jardins as festas commemorativas do anniversario, que tanto brilho teem revestido, e que constarão de exercicios de sport, concerto musical em que toma parte a banda Concentração Musical 24 de Agosto (Banda da Republica) e uma banda composta de musicos militares. A' noite recita por amadores, no elegante theatrinho ali estabelecido, e na qual tomarão parte as internadas do Albergue.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—A mulher do proximo.

POLITHEAMA—A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A's 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

HOJE — *Politeama* — Primeira representação da comedia em 3 actos de Nancey e Rioux, *O sr. juiz*, adaptação de André Brun.

Ao correr da penna

Morreu o Fortes e confesso que tenho pena d'elle. Parecia ser um bom homem e era tão pittoresco! Em certos dias de bom humor, era uma boa fortuna encontral-o, sental-o á mesa de um café, ouvil-o discretear sobre coisas de theatro. Cada vez que o via recordava-me uma das muitas anedoctas que a seu proposito se contavam. Foi o caso que, de certa vez, e no Rio de Janeiro, Fortes, zelando os interesses da empreza a que pertencia como secretario, entendeu que a permanencia dos contractadores junto das bilheteiras do theatro era contraria ao decoro do atrio, e obteve da delegacia da policia a expulsão dos vendilhões do templo. Um dos da sucia guardou-lhe rancor, e certa tarde, quando Fortes sahia magestoso do theatro, o velhaco esperava on'uma esquina, alça uma pedra do chão e com ella abre brecha na nuca do nosso homem. Esta cambaleia, restabelece o seu equilibrio, leva a mão ao local do sinistro, retira-a cheia de sangue e então, com um grande gesto, alça os bigodes, volta-se para a frontaria do theatro e exclama como D. Fuas do Alcacer-Kibir:

—Por minha dama!...

Ultimamente a sua dama *era o Politeama. Amigo intimo do proprietario, vira os alicerces sahirem do chão, desenhar-se a fórma da sala e pouco a pouco definirem-se os ultimos detalhes. Para elle não havia melhor casa de espectaculos no mundo sublunar que habitamos. Puxassem-lhe pela lingua e ouvil-o-hiam discretear horas seguidas sobre a acustica e o chauffage, sobre a architectura do edificio e os melhoramentos do palco. Pobre Fortes! Morreu e tenho pena d'elle.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Realisa no domingo, 11, a sua festa no theatro Moderno a actriz *Zina Novaes*, com a primeira representação da peça em um acto *Marquez de Rocagny*, de A. Batalha, a comedia em trez actos *As alegrias do lar*, de Moura Cabral, numeros de canto por discipulos de Arthur Trindade e de dança pelo professor Magalhães Pedroso.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

O programma do espectaculo do proximo domingo no imponente Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, de homenagem aos graciosos duettistas Petits Walter, tem muitos attractivos de valor. Além do grande concerto simphonico pela orchestra de senhoras, dirigida pelo engenheiro sr. Frederico Taveira, apresentam-se no acto do «intermezzo» o baritono Caldeira em trechos da «Carmen» e dos «Palhaços», o sr. David Levy em imitação de ventriloquos, um solo de harpa, um concerto de guitarra e violoncello. Os pequeninos duettistas apresentam um programma completamente novo.

—Com o theatro Politheama continuam as negociações para se organisarem nos mezes de setembro, outubro e novembro numeros de variedades, de grande espectaculo.

—Dedicada á intelligente pianista D. Juliana de Sousa Bastos realisa-se no dia 8, no theatro Moderno, uma festa em que tomam parte o baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo), seus discipulos D. Elvira de Sousa, D. Aida Cruz e Sousa, Antonio Caldeira, Pavia Magalhães, Antonio Peixoto e o laureado do Conservatorio Felix do Amaral.

—Entrearam-se hontem no theatro Salão dos Anjos os duettistas Les Izabeli, cantores de opera e operetta. Executaram a «danse apache».

—Repete-se hoje no Olympia o «Coração reboide», graciosa comedia que tem agradado. A'manhã, em «soirée» da moda extraordinaria, pagará em revista todos os successos da semana, acompanhados de um variado programma de concerto, em que figuram o «Guarany», de C. Gomes, e o «Rouet d'Omphale», de Saint-Saens.

—O excentrico brazileiro A. Albuquerque é quem está escrevendo o novo repertorio que este anno os duettistas Geraldos levam ao Brazil. Albuquerque vae egualmente contractado com os sympathicos duettistas, devendo os dois numeros começar a sua «tournée» pelo Pará, com as festas de N. S. da Nazareth, que veem fazendo juntos desde 1909.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

EM COIMBRA

Festas da Rainha Santa

Os dois primeiros dias decorrem extraordinariamente animados

COIMBRA, 2.—Hontem e hoje, primeiros dias das festas da cidade, Coimbra apresenta um aspecto triumphal. Milhares de forasteiros invadem as ruas do velho centro universitario, attrahidos de todos os pontos do paiz. Todos os conimbricenses reconhecem que nunca a cidade foi tão concorrida por esta occasião e que jámais os festejos populares da Rainha Santa se effectuaram com tanta ordem e enthusiasmo. Anda-se dificilmente pelas ruas da Baixa, transformadas em collossaes formigueiros humanos, constituindo um espectaculo admiravel de movimento e colorido. Todos os meios do transporte despejam para a cidade grupos e grupos de forasteiros, podendo dizer-se que os arredores ficaram despovoados e a affluencia de visitantes não afrouxa um momento. Não ha um logar vago nos hoteis e hospedarias, vendo-se os retardatarios obrigados a recorrer á hospitalidade particular. São innumeras as familias que tiveram de recorrer a esse meio, para não terem de ficar na rua.

O transito de vehiculos foi prohibido nas ruas do Visconde da Luz, Calçada, praça do Commercio e rua do Sargento Mór. O commercio associou-se á iniciativa da Sociedade de Propaganda e Defeza de Coimbra, ornamentando e illuminando as frontarias dos seus estabelecimentos, apresentando-se tambem embandeirado e illuminando o edificio dos paços do concelho.

As ornamentações das ruas produzem um bello effeito.

O concurso hippico, que se realisa na insua dos Bentos, foi iniciado com grande concorrencia, obtendo o primeiro premio, 90 escudos, o sr. Germano de Oliveira.

A' noite effectuou-se o procissão sem o mais leve incidente. A imagem da Rainha Santa foi retirada ás 20 horas, em pomposo cortejo, do templo do antigo convento das Claristas, chegando á cidade depois das 22 horas. Junto á ponte de Santa Clara foi queimado um «bouquet» de 500 duzias de foguetes de côres, produzindo um effeito deslumbrante.

As illuminações excederam toda a espectativa. A banda dos Orphãos de S. Caetano, que ha alguns annos se não apresentava em publico, esteve tocando n'um coreto da rua da Praça 8 de Maio á passagem do cortejo religioso.

Hoje milhares de pessoas visitaram a egreja de Santa Cruz, onde a imagem da Rainha Santa, magnifico trabalho de Teixeira Lopes, se encontra em exposição, e ao mesmo tempo admirar o extraordinario lavor artistico do pulpito d'aquelle templo.

A' noite realisa-se o festival no parque de Santa Cruz, constituido por illuminações, concertos pela banda do 23 e philarmonica 1 de Maio, danças e descantes populares.

O serviço da policia tem merecido todos os elogios. Agentes especiaes detiveram em hoteis e pela cidade individuos suspeitos de serem amigos do alheio, os quaes foram internados na Penitenciaria, d'onde sahirão apenas depois de concluidos os festejos.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Sergio Augusto, morador no Hotel Marcolino, rua da Padaria, 38, por entrar na tabacaria da rua da Escola Polithechnica, 257, e ali tentar rebater um vigesimo viciado, que dizia ter o premio de 600 escudos.

—Maria Leonor, moradora no beco dos Vidros, 9, loja, queixou-se á policia de que uma sua visinha de nome Clotilde, moradora no 3.º andar, se recusa a entregar-lhe a quantia de 60 escudos que em tempos lhe deu a guardar, allegando tel-a entregue a um individuo que em seu nome lh'a foi pedir.

—No hospital de S. José recolheram: á enfermaria n.º 1, Sebastião José Ferreira, de 11 annos, morador na rua da Boavista, 62, 2.º, que na sua residencia se queimou com agua a ferver; á enfermaria n.º 4, Alfredo Mendonça, empregado na Companhia do Gaz, morador na rua Saraiva de Carvalho, 227, que travando-se em desordem na rua 24 de Julho com um individuo de nome Abel, ficou ferido gravemente na cabeça; á enfermaria n.º 5, Antonio Francisco Santos, carroceiro, morador na Portella de Sacavem, que tendo sido colhido pela carroça de que era conductor ficou muito ferido nas pernas, e Antonio Luiz Petinga, remador da Alfandega, que a bordo do rebocador «Villa Franca» tentou suicidar-se disparando um tiro no ouvido.

—No hospital Estephania recolheu á enfermaria n.º 4 o menor João Almeida, de 17 mezes, morador em Aldegallega, que por ter dado uma queda na sua residencia ficou muito ferido pelo corpo.

Movimento maritimo

Bordeus, «Garona» (Brazil)......	3
Archipelago dos Açores, «Funchal»....	5
Gibral. e Barc. «Venesia» (New-York)	5
New-York, v. Aç. «Roma» (Gibraltar)	6
Mad. Braz. R. Prata «Amazon» (Liv.)	6
Vigo e Inglat. «Araguaya» (Brazil)......	7

não desejavam um rompimento.

A 9 de setembro, a Porta mandou uma nota ás potencias, na qual annunciava a abolição das Capitulações a partir de 1 d'outubro. Os proprios embaixadores allemão e austriaco deram mostras de resentimento contra esse modo de proceder e no dia seguinte uma nota egual foi enviada á Sublime Porta pelas seis grandes potencias, na qual se dizia que o regimen das Capitulações não era uma instituição autonoma do imperio, mas o resultado de tratados internacionaes, entendimentos diplomaticos e actos contractuaes de differentes especies. Não podia, por isso, ser abolido sem consentimento das partes contractantes e visto não ter havido um entendimento entre o governo ottomano e os das respectivas potencias, os embaixadores recusavam-se a reconhecer como valida a resolução unilateral da Sublime Porta.

General sir Horace Smith-Dorrien

As Capitulações, como se deve saber, diziam respeito á liberdade de culto diverso do official em local apropriado, á nomeação de sacerdotes e á manutenção de casas religiosas sob a exclusiva fiscalisação dos representantes dos governos das potencias a que essas casas religiosas e esses sacerdotes pertenciam. Eram uma garantia contra o excesso do fanatismo musulmano.

Toda a area dos Dardanellos, Constantinopla e o Bosphoro tornavam-se em breve e rapidamente nada mais nada menos do que um «enclave» allemão. Comboios especiaes cheios de marinheiros allemães com officiaes passavam pela Bulgaria e em fins d'agosto os que por esse modo haviam entrado na Turquia passavam de seiscentos. A accrescentar a isso, muitos reservistas allemães chegavam e foram para a guarnição dos fortes dos Dardanellos. O almirante allemão que estava a bordo dos cruzadores «Goeben» e «Breslau» e o governo allemão eram senhores absolutos da situação e estavam aptos a um golpe de força quando d'isso necessitassem, exercendo pressão sobre a opinião publica para reclamar o começo das hostilidades.

Quando o embaixador britannico voltou a Londres, no seu relatorio expoz com a maior clareza tudo o que se havia passado antes da ruptura das relações diplomaticas, referindo os processos para tal fim empregados.

A victoria allemã na guerra europeia—dizia-se na Turquia—era certa. A perpetua ameaça da Russia á Turquia podia, suggestionava-se, ser removida por uma alliança com a Allemanha e a Austria. O Egypto poderia voltar a fazer parte do imperio. A India e outras regiões musulmanas, onde se ia dilatando a influencia do christianismo, podiam tornar a fazer parte do caliphado de Constantinopla. A Turquia sahiria da guerra como uma grande potencia do Oriente, asism como a Allemanha era uma grande potencia do Occidente.

Todos os meios eram postos em pratica para influenciar a opinião publica contra os alliados, com a connivencia, e muitas vezes mesmo com a cooperação das auctoridades publicas. Todos os jornaes turcos de Constantinopla se tornaram orgãos allemães; exalçavam todo o successo real ou imaginario da Allemanha ou da Austria e reduziam a proporções

dos enredos diplomaticos. A Turquia esteve em guerra com a Italia de 1911 a 1912 e com a diplomacia austriaca tambem tinha tempestuosas passagens nos ultimos annos, principalmente depois da revolução dos Jovens Turcos quando a Austria-Hungria, em outubro de 1908, declarára de subito a annexação das provincias da Bosnia e da Herzegovina. Mas com a Allemanha, desde a subida de Guilherme II ao throno, tinham augmentado as relações intimas. Bismarck havia declarado que a questão do Oriente não valia sequer os ossos d'um granadeiro da Pomerania, mas a politica allemã que depois se seguiu mudára por completo. Resolvera-se que a Allemanha seria o patrono da Turquia.

Nos dias da tirannia de Abdul Hamid foi facil negocio arranjar uma «côterie» palaciana em Yildiz Kiosk, e por esse meio começou a Allemanha a sua politica de ascendencia commercial, tratando dos seus interesses e da exploração da grande riqueza mineral do imperio.

O kaiser foi a Constantinopla e visitou a Palestina, porque era para a Turquia asiatica que se voltavam os olhos dos allemães. «Penetração pacifica» era o seu methodo e como a Turquia tinha sempre difficuldades de dinheiro a Allemanha encontrou muitas opportunidades para affirmar o seu predominio n'esse paiz. Construir os caminhos de ferro, ser o seu banqueiro, ensinar os seus soldados, vender-lhe os canhões Krupp e dominar a sua diplomacia, taes eram os objectivos que ella tinha em mira, na esperança de que um dia, por alguma serie de acontecimentos dramaticos, ou gradual e quasi imperceptivelmente, o sceptro do sultão na Asia passasse do fraco imperio oriental para as mãos do imperador allemão.

A subida ao poder dos Jovens Turcos em 1908 poz em cheque durante algum tempo a marcha da influencia allemã em Constantinopla e os amigos de Abdul Hamid ficaram fóra da côrte.

Mas os allemães tinham a boa sorte de ter como representante em Constantinopla o barão Marschall von Bieberstein, um habilissimo diplomata, que rapidamente conquistou a confiança do novo partido e o fez persuadir de que, quer estivessem os Velhos Turcos quer os Jovens Turcos no poder, os interesses do imperio nas suas relações com as potencias estranhas haviam ficado precisamente os mesmos e que, fôssem quaes fôssem os defeitos que tivesse tido a administração interna de Abdul Hamid, a sua politica externa havia sido feita com habilidade sob o ponto de vista da salvação do seu paiz.

E' evidente que isto era precisamente o reverso da verdade, porque Abdul Hamid, nos seus longos annos de tirania, não só havia concorrido para que os interesses internos fôssem descuidados, como fizera com que a posição da Turquia internacionalmente perigasse, expondo-a a uma longa serie de humilhações e d'ella se arredasse a amizade da Grán-Bretanha e da França, as duas potencias mediterraneas que tanto a haviam auxiliado.

A annexação, pela Austria, da Bosnia e Herzegovina, e a declaração italiana da guerra contra a Turquia collocaram a Allemanha n'uma posição excessivamente difficultosa, mas conseguiu manter a sua influencia em Constantinopla atravez d'esses agitados periodos.

Veiu em seguida a desastrosa guerra da Turquia com os alliados balkanicos, em que as sympathias da Allemanha—escusado será dizel-o—estavam do lado da Turquia, embora a amizade allemã se limitasse a bons desejos e a deixasse digerir as suas derrotas o melhor que pudesse. Seguiu-se a guerra entre a Bulgaria e os seus primeiros alliados, a Servia e a Grecia, e quando, no fim, se fez o tratado de Bucharest, o imperador allemão apressou-se a assegurar a retenção de Andrinopla pela Turquia. O estado maior general allemão devia ter ficado desilludido quanto á capacidade militar dos seus amigos, mas nem por isso deixava de estar resolvido a continuar o seu velho programma de explorar a Turquia e tinha um plano definitivo para a arrastar a tomar

parte no conflicto europeu, que não estava distante.

Quando finalmente rebentou a Grande Guerra, tornou-se evidente que a neutralidade turca não duraria por muito tempo. Complicações em breve surgiram. A 3 d'agosto, o ministro dos estrangeiros inglez sir Edward Grey deu instrucções a Beaumont, o encarregado de negocios inglez, para informar o governo turco de que a Gran-Bretanha desejava tomar posse do navio de guerra «Sultão Osmen», então em construcção na casa Armstrong, Whitworth & C.°

O grão vizir assegurou que a Turquia tencionava observar uma estricta neutralidade e declarou que a mobilisação turca, já começada, havia sido apenas ordenada porque o governo desejava não ser surprehendido por qualquer aggressão.

Sir Edward Grey replicou expressando a sua convicção de que o governo turco devia apreciar a necessidade que a Inglaterra tinha de tomar posse de todos os navios ahi em construcção, para seu uso proprio, e prometteu que a Turquia seria indemnisada dos prejuizos que de tal facto lhe adviessem. Accrescentou ainda que, se a Turquia se conservasse neutral, nenhuma alteração seria feita no «statu quo» do Egypto.

A Allemanha, porém, rapidamente desmentiu as palavras do grão-vizir. No dia 10 d'agosto, os cruzadores allemães «Goeben» e «Breslau» chegaram aos Dardanellos. Era dever da Turquia, como potencia neutral, declarar que não podiam passar e apenas conceder-lhes o prazo de vinte e quatro horas, ou para desarmarem, ou para sahirem do estreito. No dia seguinte, o mundo ficou assombrado ao saber que o governo ottomano havia comprado esses dois cruzadores.

O grão-vizir informou o encarregado de negocios inglez que o facto fôra devido á retenção, pela Gran-Bretanha, do cruzador «Sultão Osman». A Turquia, disse elle, tinha de comprar um navio para estar em egualdade de circumstancias com a Grecia na questão das ilhas, accrescentando que a compra não obedecia a intuito algum de fazer guerra á Russia.

Ao mesmo tempo perguntou se a missão naval britannica podia continuar a permanecer ali. A tal pergunta respondeu sir Edward Grey que, se as tripulações do «Goeben» e do «Breslau» retirassem para a Allemanha, não precisava de retirar a missão naval britannica. O almirante Limpus recebia uma mensagem em que se lhe participava que iam ser escolhidas tripulações para os dois cruzadores e que estes seriam enviados para o mar de Marmara até ao fim da guerra.

Isto passava-se a 14 d'agosto, mas no dia seguinte tanto o almirante como os outros officiaes da missão naval foram substituidos nos commandos que exerciam por officiaes turcos e receberam ordem para, no caso de ficarem, trabalharem no ministerio da marinha. Uma estranha explicação d'esta mutação foi dada pelo grão-vizir, que, no dia seguinte, assegurou solemnemente á Gran-Bretanha que a neutralidade turca seria mantida.

Um certo numero de technicos allemães foi deixado no «Goeben» e no «Breslau», porque os turcos não sabiam governal-os bem e não se entendiam com as machinas.

O grão-vizir diariamente fazia affirmações aos embaixadores das potencias da Entente de que a neutralidade seria mantida a todo o custo, ao passo que o ministro da guerra, Enver Pachá, fazia uma activa propaganda com o fim de que a Turquia adherisse immediatamente á Triplice Alliança. Não só o exercito mobilisou, mas um novo campo de minas foi collocado nos Dardanellos na primeira semana d'agosto e os preparativos para a guerra faziam-se cada dia com maior evidencia.

A attitude da Inglaterra foi de benevola espectativa e de impeccavel correcção. A 18 d'agosto o encarregado de negocios recebia instrucções, como os seus collegas da Entente, para declarar ao governo tur-

co que, se a Turquia observasse uma estricta neutralidade durante a guerra, a Inglaterra, a França e a Russia garantiriam a sua independencia e integridade.

Quando o embaixador britannico sir Louis Mallet, que no principio da guerra estava com licença, voltou a occupar o seu posto telegraphou a sir Edward Grey, a 18 d'agosto, participando-lhe que lhe havia sido feita uma cordeal recepção pelo grão vizir e que embora a situação fôsse delicada esperava que o governo inglez usaria de paciencia, a fim de não se precipitarem os acontecimentos. Em resposta á pergunta sobre se as tripulações allemãs eram mandadas para a Allemanha e que garantias dava o grão visir de que o «Goeben» e o «Breslau» não seriam empregados contra a Inglaterra e a Russia, o ministro respondeu que elles não iriam nem para o mar Negro, nem para o Mediterraneo. Accrescentava sir Louis Mallet, pelo que lhe fôra dado observar e pelas affirmações do grão vizir, que estava absolutamente convencido da sinceridade d'esse alto funccionario.

Comtudo a lucta entre os dois partidos na Turquia era tão grande que, no dia 19, o embaixador britannico telegraphava: «Em vista da possibilidade de se tentar um golpe d'Estado, com o apoio do «Goeben» em cooperação com as auctoridades militares, por influencia dos allemães, que exercem aqui uma verdadeira preponderancia, devo declarar que na minha opinião a presença da armada britannica nos Dardanellos é necessaria. A situação é gravissima, apesar das affirmações que me faz o grão vizir».

A fim de evitar um conflicto, sir Edward Grey não quiz levar longe de mais a questão do «Goeben» e do «Breslau». Informou o embaixador turco em Londres de que a Turquia nada tinha a receiar da Gran-Bretanha e que a sua integridade seria preservada nas condições de paz que dissessem respeito ao Extremo Oriente, comtanto que ella observasse uma estricta neutralidade durante a guerra, guarnecesse os cruzadores allemães com tripulações turcas, dispensando os allemães, e désse todas as facilidades aos navios mercantes inglezes, como era de uso antes de rebentar a guerra.

A Turquia recebeu essa proposta de modo extraordinario e no dia 20 Djemal Pacha, ministro da marinha, n'uma entrevista que teve com sir Louis Mallet, fez a assombrosa proposta das Capitulações serem immediatamente abolidas; dos dois navios de guerra turcos adquiridos pela Gran-Bretanha no principio da guerra serem entregues; da interferencia nos negocios internos da Turquia deixar de exercer-se; da Thracia Occidental ser restituida á Turquia se a Bulgaria se juntasse á Triplice Alliança; das ilhas gregas lhe serem restituidas.

Mesmo em face d'esses extraordinarios pedidos, sir Edward Grey respondeu que desejava evitar toda a discussão e os embaixadores inglez, francez e russo dirigiram a seguinte communicação á Porta:

«Se o governo turco repatriar immediatamente os officiaes allemães e as tripulações do «Goeben» e «Breslau», fizer por escripto a affirmação de que todas as facilidades serão dadas para a pacifica e ininterrupta passagem dos navios mercantes e que todas as obrigações de neutralidade serão observadas pela Turquia durante a presente guerra, as tres potencias alliadas por seu turno garantem, com respeito ás Capitulações, terminar com a sua jurisdicção extra territorial logo que uma administração judicial satisfaça as condições n'ellas estatuidas.

Garantirão tambem por escripto que respeitarão a independencia e a integridade da Turquia e comprometem-se a que condições algumas no tratado de paz e no fim da guerra prejudiquem essa independencia e integridade».

Foi tempo perdido. O partido da guerra no gabinete turco, embora em minoria, serviu-se dos canhões do «Goeben» para dominar o proprio sultão, se necessario fôsse, e continuar a arrastar os seus collegas que

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1763 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 3 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A execução d'uma lei

Uma nota officiosa communica que se vae tratar urgentemente de dar a execução á lei do affastamento dos funccionarios publicos para defeza da Republica. Sendo, na realidade, uma questão urgente, é tambem uma questão melindrosa, porque, se se trata de defender a Republica, o que é essencial, não é menos certo que tem de se attender aos principios da justiça, que para a Republica essenciaes são tambem.

O que se torna indispensavel para que estes principios se conciliem é a adopção d'um criterio na descriminação das responsabilidades dos funccionarios, porque, adoptado elle, mais facil será proceder com exactidão, não correndo o risco de ferir alguem injustificadamente emquanto verdadeiros culpados se escapem pelas malhas, mercê da sua astucia e da sua hypocrisia. Nada mais lamentavel seria, com effeito, do que corrermos o risco de ficarem permanecendo no serviço publico monarchicos com a mascara de republicanos, emquanto fossem postos na rua verdadeiros republicanos, apodados de monarchicos.

O criterio a que nos referimos parece-nos que se póde estabelecer averiguando quem é «prejudicial» á Republica. E' mais facil e é mais necessaria esta averiguação do que a simples suspeita, a accusação gratuita ou a chamada certeza moral. Prejudicial é quem prejudica,— e quem prejudica, prejudica com actos ou com palavras e gestos que teem uma importancia equivalente a esses actos, e como taes devem ser considerados.

E que entendemos nós que prejudica a Republica? Entendemos o que é prejudicial aos seus principios, o que é prejudicial ao seu progresso, o que é prejudicial ao seu espirito de renovação, o que é prejudicial ao prestigio e á grandeza da patria, com a Republica consubstanciada.

Quem é prejudicial, quem assim embaraça a marcha da Republica, deve ser affastado das funcções publicas, tanto mais que tal procedimento é absolutamente incompativel com o compromisso de lealdade ás instituições vigentes a que todos os que servem o Estado se obrigaram.

Dentro d'esta norma não ha que indagar se se trata de monarchicos ou republicanos. Se se trata d'um monarchico, o seu procedimento é indigno, mas se se trata d'um republicano não o é menos, se não o é mais, porque quem de tal fórma se comporta só é republicano no nome.

Se ha monarchicos nos serviços publicos, só se pode admittir que n'elles permaneçam dando provas d'uma absoluta lealdade e correcção para com a Republica. Pelo menos, a neutralidade politica tem de lhes ser inteiramente exigida. Mas não ha duvida de que muitos monarchicos correspondem a esta norma justa e rigorosa. As suas velhas convicções permanecem no dominio inviolavel da sua consciencia, e elles dão ao Estado republicano o concurso d'um labor probo e honesto. Emquanto assim se conservarem, elles não são prejudiciaes á Republica.

Mas sempre que por actos, ou palavras que surtam effeitos prejudiciaes á Republica, os que servem a Republica demonstrem o seu espirito de hostilidade contra ella, a lei do affastamento deve-lhes ser severamente applicada, sem que ninguem tenha o direito de macular a sua execução, apodando-a de vingativa, persiguidora ou originada em baixos interesses pessoaes.

Procedendo-se assim, com um inflexivel espirito de justiça e com o vigor que uma viva fé republicana deve imprimir a todos os actos dos que teem a missão de zelar pela segurança e pela defeza da Republica, missão de tão altas responsabilidades, realisar-se-hão os ardentes desejos do povo republicano, honrando-se e fortalecendo-se a Republica.

Poeira da Arcada

Estamos em pleno periodo de exames. Milhares de estudantes vão sendo submettidos a interrogatorios sobre materias leccionadas, durante os oito mezes de trabalhos escolares. A sciencia, graduada e doseada pelo ensino dos mestres, torna-se a informadora e a educadora dos espiritos juvenis. As intelligencias incultas cristalisam em rotinas, obsecam-se na treva. Por isso as escolas modernas enchem-se de curiosidades que denunciam ambições e de inquietações que encerram promessas largas. O saber é uma funcção da existencia. Todavia, os exames são o processo mais empirico para determinar a cultura de um mancebo. Sempre é bom ir dizendo que a palavra cultura significa o desenvolvimento harmonico de um ser, a fim de dar o maximo rendimento como homem e valor.

**

Fomos hontem ao theatro, fartos como andamos das alegrias insulsas ou exangues da vida quotidiana. Não ganhámos muito com a lembrança. Rimo-nos um pedaço, mas sentiamos ao mesmo tempo uma certa pena com as graças do espectaculo. E' que o riso, ás vezes, vem-nos aos labios como uma especie de bilis dos nossos nervos doloridos.

**

Os jornaes francezes dizem que a Allemanha anceia pela paz. A respeito da França, a imprensa allemã affirma a mesma coisa. Parece-nos, pois, que a paz é um pomo que ambos desejam comer, encarregando o adversario de lhe tirar primeiro as cascas.

Apetites de trincheiras...

**

O reitor do liceu da Povoa de Varzim foi espancado por alguns escolares que se julgaram prejudicados no apuramento do seu merito e applicação. Como a mocidade é generosa! Cabulam um anno inteiro e no fim ainda encontram no seu animo disposição bastante para demonstrarem que só n'uma casa de correcção elles se disciplinariam para o estudo e o trabalho.

"O amor em Portugal no seculo XVIII,,

Embora se encontre, felizmente, melhor dos incommodos que o teem retido em casa, o nosso illustre amigo e eminente collaborador sr. Julio Dantas não poude enviar-nos o folhetim, que hoje deviamos publicar, da brilhantissima serie de estudos historicos a que deu o titulo de «O amor em Portugal no seculo XVIII» e que até agora ainda não foi interrompida.

Julio Dantas conta enviar-nos o novo capitulo do seu esplendido trabalho de modo a proseguir na terça-feira a publicação do folhetim que tamanho agrado tem produzido entre os nossos leitores.

Fazemos os mais sinceros votos pelo prompto restabelecimento do insigne academico.

ATRAVEZ DOS PARTIDOS

O sr. Brito Camacho abandona a politica?

O sr. dr. Brito Camacho parte depois d'ámanhã para uma estancia balnear do norte, devendo seguir, poucos dias depois, para França e Italia, onde vae tomar um trasantlantico que o conduzirá n'uma viagem de repouso ao Novo Mundo.

O chefe da União Republicana, que ha muito se encontrava na posse dos respectivos passaportes para essa digressão internacional, demorou a partida a fim de assistir, segundo affirmam, a uma reunião dos accionistas da «Lucta», que deve effectuar-se hoje. A importancia d'essa reunião, é ainda um elemento do partido unionista que nol-o diz, está na circumstancia de haver um graduado partidario do sr. Brito Camacho, com interferencia quasi decisiva n'aquella empreza jornalistica, que pretende readquirir a sua independencia politica, do que resultará não só a perda de um marechal nas hostes do partido unionista, mas até o desapparecimento do seu orgão na imprensa.

Migalhas

Os inuteis

De Losques, o espirituoso caricaturista da alta sociedade franceza, o Bonnat da ponta de lapis, acaba de ser citado na ordem do exercito francez. Sargento bombardeador da esquadrilha aerea V. 110, teve o seu apparelho fortemente damnificado, uma mão gravemente contusa e poude, apesar de tudo, rematar a missão de confiança em que fôra investido e regressar ao seu ponto de partida.

Ora aqui teem v. ex.as um homem que, ha mezes, passeiava, de sorriso nos labios e caderno de apontamentos no bolso pelos «pelouses» de Longchamps e Auteuil, pelos corredores de primeiras representações e pelos «halls» dos casinos elegantes das praias de bom tom. Mal pegava no lapis, todas as curiosidades indagavam quem ia ser a victima. Cada qual procurava o ensejo de cahir sob a critica do seu traço, pois entrar nos albuns de De Losques era uma das maiores consagrações mundanas.

Aquelles que, por essa epoca, eram os bonzos importantes da vida franceza, encolhiam os hombros com desdem, quando lhes apontavam esse rabiscador de bonecos. Era um divertidor, um fabricante de frivolidade, mais um soprador de bolas de sabão a juntar a tantos outros inuteis.

Agora eil-o no mais arriscado logar do combate, jogando cada dia e cada hora com a vida, que no entender de muitos elle tão inutilmente empregava na frizes; eil-o lançando dos ares com a mesma mão com que desenhou tantas «charges» os engenhos de morte que hão de ajudar a libertar a França. E não é elle só. As trincheiras da grande guerra estão cheias de artistas, de pintores, de auctores dramaticos, de actores, de humoristas. Chegou o momento dos «inuteis» demonstrarem que o não são.

André Brun.

EM TORNO DA GUERRA

A crise ingleza das munições

Jean Cruppi, enviado especial do «Matin», prosegue no seu inquerito

Quando cheguei a Inglaterra, em principios de junho, estava a crise das munições em toda a sua plenitude. O sr. Asquith acabava de formar o seu ministerio com homens de todos os partidos; para justificar o paradoxo parlamentar da sua composição bastava ao gabinete de coalisão reduzir o seu programma á conhecida phrase da Convenção: «A ordem do dia é a victoria». Mas a phrase por si só não bastava, era preciso um homem que a proferisse. Onde está o nosso Danton?—perguntavam todos os inglezes. Offereceu-se Lloyd George para desempenhar esse papel primacial; sabel-o-ha desempenhar? Tal é a questão.

Vejamos primeiro quem é este homem.

E' indiscutivelmente um grande orador; o seu discurso de Manchester conservar-se-ha nas anthologias, e um Macaulay surgirá que classifique esta philippica na lista dos discursos celebres.

Lloyd George adora a multidão; sabe dominal-a, commovel-a, fazer-lhe vibrar a alma como o teclado de um piano; alternadamente insinuante e brutal, humorista e familiar, este gaulez de cabelleira prateada, com as suas phrases pittorescas, o seu espirito esfuseante, as suas alternativas familiares, é na verdade d'um encanto irresistivel.

Sabe-o bem, e é esse o seu maior defeito, dizem os que com elle convivem; um d'estes, que tambem é um dos seus maiores admiradores, contou-me que discutindo um dia os dois, sósinhos, Lloyd George em vão se esforçava para convencel-o.

—Acabemos com isto, disse elle por fim; para que estou eu a cançar-me para o convencer, exclusivamente a si? Basta-me abrir a porta, sahir á rua e dirigir-me aos que passam; o sr. ficará na sua, mas á multidão convencel-a-hei!

Os que sabem arrastar, seduzir as multidões, muitas vezes são em demasia ciosos do seu poder, e não raramente, para o conservarem, são elles proprios que se deixam arrastar e seduzir.

No caso sujeito não ha, porém, motivos para este receio; o que o povo inglez espera de Lloyd George não é tanto o seu encanto oratorio como o valor da sua acção e firmeza de tribuno. Sabe-o ministro e logo, desde 3 de junho, em Manchester, metteu mãos á obra.

Como se apresenta o problema que ao gabinete de coalisão cumpre resolver? E' um problema operario immensamente delicado, e para se apreciar a importancia dos obstaculos com que tem esbarrado a campanha das munições bastará saber-se que o espirito inglez tem horror á ideia do serviço obrigatorio militar ou industrial.

**

Qualquer cidadão do Reino Unido é um guarda cioso da sua propria independencia; não admitte que se lhe imponham, e na sua concepção da vida a ideia de contracto, de consentimento livre predomina a tudo. Ora é no meio operario que esta maneira de pensar é mais profundamente absoluta; o trabalhador manual fechou-se na fortaleza syndical e, submettendo-se elle proprio aos mais duros regulamentos, conseguiu assim tratar d'egual para egual com o patronato.

Foi por isto que Lloyd George entendeu e muito bem que em vez de compellir devia contractar, e assim a acção do gabinete tem que comprehender dois periodos: uma phase contractual d'entendimento e de persuasão, e depois a de obrigação, se a persuasão não der os necessarios resultados.

Pelo que poude deprehender do que ouvi, julgo que as vontades inglezas, mesmo nos meios mais radicaes, cederão se fôr preciso perante o serviço obrigatorio por sorteio; mas é justo e muito honroso que o ministro das munições tente primeiro, e afincadamente, chegar a um accordo. Até agora nada indica que essa tentativa não seja coroada de bom exito, tanto mais que os estadistas unionistas, pelo menos aquelles com quem falei, entram no debate das questões operarias animados das mais largas vistas e melhores disposições.

Por seu lado o operario inglez reconhece agora toda a extensão do perigo; tem chefes patriotas e intelligentes que o instruem nos seus deveres e a isso se deve o vêr-se a grande *ideia* do alistamento industrial voluntario progredir rapidamente nos espiritos.

O que se procura é chegar no mais curto prazo a ultrapassar as potencias centraes, principalmente na producção mensal de oito milhões d'obuzes.

A que meios se recorre para o conseguir? Exactamente os mesmos com que se conseguiu milhões d'alistamentos militares; na segunda feira passada abriu o Estado cento e oitenta postos de alistamento industrial. Se a tentativa fôr feliz, como os primeiros resultados permittem esperar, será mantido o systema de alistamento livre.

Se o não fôr, será preciso recorrer, e sem demora, ao recutamento por sorteio, mas então a adopção d'este methodo será justificada pelo insuccesso das tentativas contractuaes, que estão no temperamento do paiz.

Tudo isto parece harmonico e logico, o que é preciso é que se ande depressa; o ministerio é accentuadamente d'esta opinião pois que a experiencia do recrutamento industrial voluntario durará apenas uma semana. O prazo está quasi extincto.

Entretanto excellentes medidas teem sido tomadas, taes como a da divisão do paiz em dez zonas de munições; cada uma d'ellas fica sob a direcção d'uma commissão local de industriaes que recebe os orçamentos e as amostras dos trabalhos a executar, secundado por engenheiros peritos e representantes da guerra e da marinha.

Este mechanismo está já funccionando, e por isso poude, um d'estes ultimos dias, lord Kitchener escrever ao sr. Ben Tillet: «Alegro-me podendo affirmar que d'aqui para o futuro fica melhorada a producção d'obuzes com fortes explosivos».

Mas organisar a producção não é tudo; para a manter e augmentar é necessario fazer uma rigorosa caçada aos açambarcadores de materias primas cujo vil interesse é provocar a alta nos preços. N'este intuito, resolveu o Estado apoderar-se, se tanto fôr preciso, da fiscalisação total dos mercados de metaes.

E' um bello acto d'energia que mereco a mais franca approvação; os nossos amigos inglezes começaram a pôr de lado umas certas fraquezas, a applicação em demasia commoda do «business os usual»—negocios como de costume.

Foi preciso romper, na ilha inviolada, com os habitos do desdenhoso «deixa correr», em demasia propicio para os exportadores sem escrupulos e para os interesses dos inimigos.

N'estas circumstancias parece estar d'ora avante garantida uma intensa producção de material de guerra, graças, principalmente, ao accordo acabado de fazer entre os chefes das Uniões Industriaes e o ministro das munições com o fim de, durante a guerra, tornar mais suaves os regulamentos do trabalho, o imperioso codigo das associações syndicaes.

Não haverá gréves nem d'operarios nem de patrões quando se trate de munições de guerra; qualquer questão que se levante será submettida a arbitragem obrigatoria, e se tanto fôr preciso, o governo fará regressar da linha de combate os mechanicos mais habilitados que lá andarem.

**

Ao mesmo tempo era preciso dar uma satisfação á opinião justamente sobresaltada com a ideia dos excessivos interesses que alguns egoistas poderiam realisar n'esta hora de guerra; a este respeito não encontrei ninguem em Inglaterra que não estivesse d'accordo com o sentimento operario.

E' a parte principal do problema, disseram-me muitas vezes. Um ministro unionista, de nome celebre, e que se lisongeia de ser discipulo do sr. Ribot, disse-me ha dias:

—Para salvar a patria prestar-se-hiam os nossos operarios a todos os sacrificios; mas para enriquecer os patrões, isso não.

E' por isso que o decreto das munições encerra uma clausula que limita os beneficios dos industriaes que trabalharem por conta do Estado.

Taes são, em conjuncto, as rodas do mechanismo que o gabinete de cohesão corajosamente pôz em movimento; esperemos o resultado d'este esforço, com a maxima confiança, tanto mais que os nossos visinhos não cessam de repetir: obras, e não palavras.

Os actos testemunham a sua boa vontade, e a prova é o accordo ácêrca do material de guerra, realisado entre o novo sub-secretario de Estado e o ministro das munições; este accordo cujo assumpto pertence á defeza nacional é duplamente instructivo pois que mais uma vez attesta a commum vontade dos alliados em se concertarem a todos os respeitos, e a de se concertarem a valer.

Cada minuto que se ganhe evitando papeladas, hesitações e demoras mais lutos nos poupa e mais nos approxima da victoria, porque em Inglaterra como em França, sejam quaes forem os sacrificios de dinheiro que nos imponha a guerra, o velho proloquio: «Time is money» perdeu a opportunidade.

Hoje, o tempo é sangue.

Jean Cruppi

O ANNIVERSARIO DE "A CAPITAL,,

Continuam os amigos de *A Capital* a enviar-nos cumprimentos pelo nosso 6.º aniversario. Entre as pessoas que nos enviaram telegrammas e cartas de felicitação contam-se os srs. José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, visconde de S. Luiz Braga, Publio de Brito, Henrique Pontes, dr. A. Sá Nogueira, dr. Sousa Costa e sua esposa, a sr.ª D. Emilia de Sousa Costa e João Carlos Marques.

A todos os nossos sinceros agradecimentos, bem como ao nosso presado collega *O Povo*.

Um zeppelin destruido em Bruxellas

PARIS, 3.—Telegrapham de Amsterdam ao *Petit Parisien* que o *Echo Belge* annuncia ter explodido na quarta-feira em Bruxellas um zeppelin, no momento em que sahia do hangar. Desconhece-se a sorte da tripulação.—(*Havas*).

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica.

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$00 do sr. F. G.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Um almoço a bordo do "Vasco da Gama"

O commandante do «Vasco da Gama» reuniu hoje n'um almoço intimo, a bordo d'aquelle navio, os srs. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho, presidente da Camara dos deputados, Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, dr. Affonso Costa, Pereira Osorio, governador civil do Porto, e Marianno Martins, governador civil de Lisboa.

Os convidados do sr. Leotte do Rego chegaram a bordo pouco depois das 13 horas, começando pouco depois a servir-se a refeição na sala de jantar do commando, em cuja meza brilhavam pratas e crystaes e lindas flôres. Ao almoço, além dos convidados, assistiu apenas o immediato sr. Pereira da Silva.

Ao «champagne» trocaram-se brindes affectuosissimos entre os quaes justo é destacar o do sr. Leotte do Rego ao sr. governador civil do Porto, saudando n'elle a população da cidade invicta que tão gentil e galhardamente recebeu os representantes da marinha.

O almoço terminou cerca das 15 horas, visitando os convidados demoradamente todo o navio.

Durante o almoço, uma numerosa commissão de revolucionarios civis dirigiu-se a bordo do cruzador «Vasco da Gama», a fim de cumprimentar o sr. Leotte do Rego, aproveitando o ensejo de estar ali o sr. dr. Affonso Costa, para lhes affirmar que essa commissão espera que a lei de defeza da Republica, indicada pelos revolucionarios de 14 de maio, não soffra delongas na sua applicação.

Essa commissão, a que se juntaram muitos outros populares, aguardou, no Caes das Columnas, a sahida dos convidados do commandante do «Vasco da Gama», acclamando enthusiasticamente o sr. dr. Affonso Costa e Pereira Osorio.

ATRAVEZ DAS ESCOLAS

Os novos artistas dramaticos

As provas de ámanhã no theatro Nacional

Obtiveram classificação para concorrer a premios do 3.º e ultimo anno do curso na Escola da Arte de Representar quatro artistas-discipulos: D. Celeste Leitão, D. Luiza Lopes, Adelino Ripado e Fernando Osorio. As duas discipulas disputam premios no ultimo quadro da peça de Garrett, *Frei Luiz de Sousa*, interpretando ambas o papel de *Maria*; os dois discipulos disputam premios no 2.º acto da peça de Shakespeare, adaptação de Julio Dantas, *Rei Lear* interpretando ambos o papel de *Bobo*. Cada uma d'estas peças será representada duas vezes, primeiro por um, depois por outro dos concorrentes, sendo a ordem das provas tiradas á sorte.

A representação do ultimo quadro do *Frei Luiz de Souza* tem esta distribuição:

Maria, D. Celeste Leitão e D. Luiza Lopes; *Manuel de Souza*, Armando Baptista; *O Prior de Bemfica*, Vital dos Santos; *O Romeiro*, Seixas Pereira; *Frei Jorge*, Parissy de Campos; *Telmo Paes*, Victor Moraes.

As scenas do 2.º acto do *Rei Lear* teem como interpretes:

O Bobo, Adelino Ripado e Fernando Osorio; *Lear*, Vital dos Santos; *Kent*, Armando Baptista; *Oswaldo*, Seixas Pereira; *Curan*, Parissy de Campos.

No salão nobre do theatro das 14 ás 17 horas far-se-ha exposição das *maquettes* executadas pelos alumnos do 1.º anno do curso de scenographia. Expõem trabalhos os discipulos-scenographos srs.: Americo Valente, Annibal David, José Vasco Alcino de Souza, Leandro Calderon, Manuel José Pereira, Manuel d'Oliveira, Pedro da Silva e Raul d'Azevedo Campos.

A AVIAÇÃO EM PORTUGAL

Anda ou não anda?

Para se dedicarem ao officio de aviadores, offerecem-se muitos marinheiros

Ainda e sempre a aviação... Sabe-se que existem para ahi uns poucos de apparelhos mas não se sabe quando poderemos vel-os voar no ceu de Portugal, cada vez mais azul, louvado Deus. Sabe-se ainda que ha uma commissão destinada a occupar-se das coisas aeronauticas da nossa terra, mas ignora-se o que ella haja feito para que tenhamos, dentro em pouco, um bom corpo de aviadores militares. E' certo que se deu já ordem para que se construa rapidamente, em sitio conveniente, o aerodromo que será a nossa escola de aviadores. Mas tambem não o é menos que não podemos por emquanto erguer louvores a uma realidade promettedora que á aviação se refira. Entretanto, não falta quem se interesse, e a valer, pela navegação aerea, quem a deseje prompta e sabiamente organisada, quem se disponha mesmo a aceital-a com a sua dedicação e o seu sacrificio. Eis o motivo por que, de tudo quanto ao velho problema, de tão difficil solução entre nós, a fazermos juizo pelo que se passa nas regiões officiaes, diz respeito, só uma coisa positiva ha:—a de se offerecerem para apprender a manejar aeroplanos alguns portuguezes, cujo brio e amor pela sua Patria não podem ser postos em duvida. Hoje publica a *Capital* uma longa lista de marinheiros que officialmente declararam querer aprender o mister de aviador. São elles:

405, serralheiro de 1.ª classe, Antonio Pedro do Nascimento Junior; 2256, artifice-torpedeiro-electricista de 2.ª classe, Arthur dos Santos; 1180, cabo artilheiro, Candido Neves da Costa; 1352, 1.º artilheiro, José Gonçalves; 2140, 1.º art. Felismino F. da Silva; 2500, 1.º art. Domingos Nunes Junior; 2726, 2.º art. Manuel Antonio da Costa; 2732, 2.º art. Amaro Monteiro Tavares; 2735, 2.º art. José do Nascimento Pereira; 3036, 2.º art. Casimiro Duarte; 3327, 2.º art. João Carlos Rato Junior; 3347, 2.º art. Deolindo Moreira Ramos; 3386, 2.º art. José S. Cardoso; 3402, 2.º art. Carlos d'Oliveira Ramos; 3594, 2.º art. Antonio de Mattos; 3466, grumete João Evangelista; 3698, grum. Manuel Moreira; 3746, grum. José Joaquim; 3806, grum. Alexandre Guerreiro; 680, cabo-fogueiro Sebastião Anselmo; 1099, cabo-fog. Francisco José Varella; 1286, 1.º fogueiro Joaquim Ignacio de Figueiredo; 1344, 1.º fog. Joaquim Pinto Junior; 1449, 1.º fog. João Baptista; 1469, 1.º fog. Manuel Lucas; 1485, 1.º fog. José Antonio; 1522, 1.º fog. José Pereira Cardoso; 1487, 2.º fogueiro Luiz Pedro Boulanger; 1873, 2.º fog. Francisco Fernandes; 2199, 2.º fog. Francisco S. Calixto; 2250, 2.º fog. José Maximino de Moura; 2497, 2.º fog. Antonio Carlos Perdigão; 2540, 2.º fog. José Pereira Cardoso; 2599, 2.º fog. Francisco Munhá; 2690, 2.º fog. Antonio Manuel Garcia; 2701, 2.º fog. Manuel da Silva; 2807, chegador Benedicto Moraes; 2811, cheg. Arthur Frade; 2857, cheg. Antonio Salvador; 2901, cheg. Manuel Paulo; 3541, cheg. Manuel Moita; 3902, cheg. José Pinhão; 3391, cheg. Antonio Maria; 4050, cheg. Antonio Vieira; 1195, cabo-marinheiro, T. S., Joaquim Augusto Ferreira; 2139, 1.º mar., T. S., Alfredo Fernandes Coito; 3032, 1.º mar., T. S., Dario Marques da Cunha; 3744, 2.º mar., T. S., Annibal S. Branco; 4123, 2.º mar., T. S., Antonio S. Oliveira; 3096, 1.º grumete Francisco Henriques; 3778, 1.º grum. Henrique D. das Neves; 3857, 1.º grum. Armando Ferreira; 3887, 1.º grum. Alberto dos Santos Felicidades; 4154, 1.º grum. Francisco Arriagas; 4156, 1.º grum. David Antonio Ribeiro; 4031, 1.º grum Antonio Vicente Rolaço; 4173, 1.º grum. Abel Pinto Ferreira; 4180, 1.º grum. Alfredo Francisco da Silva; 4182, 1.º fog. Domingos; 4194, 1.º fog. Manuel F. Alves; 4202, 1.º grum. Alfredo Ferreira dos Santos; 4096, 2.º grum. João Mauricio; 4201, 2.º grum. Manuel Pinto; 4576, 2.º grum. Mario Fernandes; 531, cabo-torpedeiro Hermenegildo; 1883, 1.º torp. Manuel da Silva; 2101, 1.º torp. Antonio Augusto dos Santos; 1393, cozinheiro de 2.ª classe, João Dias; 1458, ejcamara João M. Caminha.

O sr. tenente José Barbosa dos Santos Leite, do 5.º grupo de metralhadoras, tambem ha dias declarou no ministerio da guerra querer ser admittido á frequencia da escola de aviação e os civis que possuem desejos eguaes são já em elevado numero. Todos os offerecimentos que este jornal receber, com a indicação do nome, edade, morada e profissão, serão publicados. A ver se isto anda e sae, de uma vez, da apathia em que cahiu...

Os italianos occupam Talmino

PARIS, 3. — O *Petit Journal* e o *New-York Herald* inserem um telegramma de Roma noticiando que os italianos occuparam Tolmino em seguida a um encarniçado combate.—(*Havas*).

O que pensa do "A B C,,?

España, o brilhantissimo semanario madrileno, que se impõe pelas suas idéas liberaes e pelo merecimento dos seus collaboradores politicos e litterarios, abriu um inquerito ácêrca da opinião que muitas das mais illustres mentalidades hespanholas formam do diario *A B C*. Vamos reproduzir, ao acaso, algumas das respostas insertas nas columnas de *España* sob o titulo acima.

Do celebre litterato Valle-Inclan:

Pede-me a minha opinião sobre o *A B C* e devo dizer-lhe que ha dias me honrou com identica pergunta um redactor d'aquella gazeta e não me foi possivel dar-lhe resposta adequada. Como nunca fui leitor do *A B C*, são-me absolutamente desconhecidos os seus meritos e as suas culpas. Apenas sei que pertence á mesma vara do *Blanco y Negro*. Mas isso só tem remedio quando existir uma lei que prohiba a certas mentalidades fundar periodicos.

De Faustino Prieto, ex-presidente da Camara de Propriedade Urbana:

Fui dos primeiros assignantes de *A B C*, com o enthusiasmo e a esperança que desperta em mim toda a novidade que póde significar uma renovação, uma mudança de posição nos nossos infelizes costumes politico-sociaes. Hoje não leio esse periodico, de que já deixei, ha annos, de ser assignante.

Ha n'isto uma opinião? Não sei. Submetto o caso á sua hermeneutica e aceito, antecipadamente, a sua interpretação orthodoxa.

Como monarchico-conservador, regalista e anti-clerical, como o foram Cánovas del Castillo e o meu chorado amigo e chefe D. Francisco Silvela, applaudo o patriotico trabalho que os senhores veem realisando para libertar esta desgraçada nação da insuportavel tirannia jesuitica e offereço-me aos senhores—confessado e commungado como bom catholico—para quanto me creiam util.

Jubilado voluntario da administração e da politica, não procuro posições nem sollicito votos. Coincido com os senhores em desinteresse e não busco outra satisfação além da do dever cumprido.

De Miguel de Unamuno, o famoso ex-reitor da Universidade de Salamanca:

Não me é possivel dar-lhe a minha opinião sobre o caracter e a tendencia do diario *A B C* e não posso dar-lh'a pela razão obvia de que, mal o conhecendo, não posso ter opinião directa sobre elle. Apenas li muito poucos, pouquissimos numeros d'esse diario, muito de longe em longe, quasi sempre para matar o tempo, andando em viagem. De ordinario pegui-lhe para ver os bonecos. E tão pouco quero cahir na tentação—em mim muito aguda—de aprecial-o pelas pessoas que sei que o tomam como primeiro almoço intellectual e pelas que m'o elogiaram. Seria talvez um juizo injusto. Apenas direi que são essas pessoas que me elogiam *A B C* as que fazem que não sinta interesse algum em conhecel-o e muito bem pudera ser a culpa—se a houver—dos elogiadores. Lembro-me de uma fabula... Mas basta...

De Miguel Moyrata, cathedratico da Universidade Central:

Como defensor de ideias atavicas e orgão de determinadas associações religiosas, o *A B C* é um bom periodico; é até demasiado culto e illustrado para a sua arcaica significação.

Do dr. Gustavo Pittaluga, da Real Academia de Medicina:

A B C? Em tempos de paz, demasiados touros; em tempos de guerra, demasiados allemães.

O 14 DE MAIO

Como no Rio de Janeiro se soube da revolução

A attitude do sr. Duarte Leite

Do «Commercio do Porto», chegado esta tarde a Lisboa, transcrevemos o seguinte d'uma carta do seu correspondente no Rio, datada de 10 de junho:

O movimento revolucionario em Portugal, que derrubou o ministerio do sr. Pimenta de Castro do poder, causou aqui grande sensação.

A colonia portugueza no Brazil é enorme e tudo o que diz respeito a Portugal a interessa.

A noticia do movimento revolucionario estoirou como uma bomba, fazendo até esquecer os acontecimentos da grande guerra, que preoccupam todos os espiritos.

Os jornaes nos seus «placards» affixaram boletins, referindo as noticias que iam chegando, e os «reporters» correram á legação portugueza a pedir informações, pois as primeiras chegadas eram muito deficientes.

Foi uma verdadeira decepção. O embaixador portuguez recusou-se a receber os jornalistas que o procuravam. Alguns descobriram que o sr. Duarte Leite se achava n'uma «terrasse» da avenida Rio Branco, no «bar» do mesmo nome e ahi o assediaram; mas nada conseguiram. No dia seguinte, todos se referiram ao modo pouco gentil como tinham sido recebidos pelo representante de Portugal, contrastando com a gentileza com que todos os diplomatas tratam os jornalistas brazileiros.

Desde que ha qualquer facto de importancia no mundo, o jornalismo carioca corre nos representantes dos paizes interessados e todos lhes dão noticias, que são largamente publicadas, desfazendo muitas vezes más impressões causadas por telegrammas tendenciosos.

O embaixador de Portugal, porém, não o entende assim e isso levou muitos jornaes a fazer criticas asperas sobre o nosso paiz.

Agora mesmo, com a guerra euro-

peia, vêmos os ministros da França, da Inglaterra, da Russia, da Belgica, da Italia, da Allemanha e da Austria procurarem os jornaes, importando-se pouco com as sympathias que cada um possa ter pelos paizes em lucta, e dar noticias, mostrar os telegrammas que recebem, e, ainda mais, diariamente fornecerem copia dos telegrammas officiaes que recebem da marcha das operações. E nenhum jornal se nega a publicar tudo isso.

Da revolução em Portugal, a primeira noticia exacta a respeito dos acontecimentos foi fornecida pelo ministerio do exterior, que deu aos jornaes copia dos telegrammas que recebia do sr. dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil em Lisboa.

A seguir, os jornaes principaes estabeleceram um serviço especial de informações telegraphicas de Hespanha, Paris e Londres, em que, a par de muita verdade, vinha tambem muito exaggero. Pois nem assim a embaixada portugueza se dignou emendar a mão!

"O Espadarte"

entrou hoje no Tejo immerso, pela primeira vez

O submersivel *Espadarte*, que ultimamente tem realisado uma serie de exercicios fóra da barra, continuou hoje esses mesmos exercicios, tendo permanecido em immersão durante duas horas e meia. Foi na bahia de Cascaes que o *Espadarte* começou a immergir, junto do vapor *Mineiro*, do serviço dos torpedos fixos, que ali se encontrava fazendo exercicios de lançamento de minas. Da bahia de Cascaes, o submersivel navegou completamente immerso até ao Cabo Razo, entrando depois a barra em completa immersão. O *Espadarte* subiu o Tejo e veiu apparecer á superficie em Belem, perto da sua boia, á qual amarrou.

Teem uma parte bem interessante os exercicios effectuados hoje pelo primeiro barco submarino com que foi dotada a marinha portugueza. E vem a ser a de, pela primeira vez, o *Espadarte* ter transposto a barra immerso, não tendo por isso sido assignalado pelos apparelhos semaphoricos e deixando, por egual motivo, de ser transmittido para a direcção dos correios e telegraphos o habitual telegramma annunciando a passagem do referido barco. Sabendo-se como é perigosa e difficil a navegação submarina no Tejo, por virtude da diversidade de correntes e do lodo que cobre o fundo do rio, pode avaliar-se bem do arrojo da tripulação do *Espadarte* ao realisar a brilhante travessia de hoje.

POLITEAMA

Unanime opinião da imprensa da capital

Um verdadeiro exito

O SR. JUIZ

Adaptação de André Brun

Transcrevemos do *Seculo* de hoje, critica do talentoso escriptor **Accacio de Paiva**:

«E o caso é que o espectador não dá por mal empregado esse tempo; os auctores e o adaptador, para quem a graça *é familiar, conseguem provocar o riso* em todos os actos e tambem a attenção do publico, porque o entrecho emaranha-se de scena para scena e a curiosidade de quem assiste é altamente excitada, á espera dos desenlaces. De modo que, com estes elementos, «O sr. Juiz» é das peças que hão de resistir este verão muito mais do que as duas que a antecederam no mesmo theatro, e de muito má bocca será quem exigir mais de um trabalho que não tem senão a pretenção de distrahir pela gargalhada.

Do *Diario de Noticias*, critica do distincto comediographo **Eduardo Coelho**:

André Brun procurou o mais possivel aproveitar em equivalencia portugueza «l'entrain spirituel» do trabalho francez e conseguiu o seu fim, que foi fazer rir o publico durante os trez actos do «Sr. Juiz» que o actor Ignacio detalhou com o merito que lhe é peculiar.

Dos restantes interpretes, devem mencionar-se Palmyra Torres na «Ariette» inventiva, Adelia Pereira na «Euphemia» personagem que esta artista exteriorisou com excellente boa vontade, Maria Pia e Dolores e ainda dos homens Pato Moniz, Tristão, Luciano, não desmanchando os outros artistas nos seus pequeninos papeis o conjuncto do «Sr. Juiz», que apezar de ter sido ensaiado «au grand galop», nos pareceu entretanto certo.

O publico applaudiu os artistas nos finaes de todos os actos e o adaptador tambem veiu ao palco, o que quer dizer que a peça agradou.

Pareceu-nos ser essa a opinião geral e desde o momento em que o «supremo critico» julgou com applausos «O sr. Juiz», esses applausos de certo constituem uma absolvição das criminosas e involuntarias venturas por que passa o pobre «André» na pelle do actor Ignacio.

Logo, é peça para fazer carreira sem precisar «apellar da sentença» de hontem.

Da Lucta, do primoroso escriptor **Forjaz Sampaio**:

E' engraçada a valer a comedia que hontem pela primeira vez subiu á scena no Polytheama. Comedia a achará o publico, que ri a valer, mas o pobre juiz das peripecias infinitas esse é que a considera seguramente uma tragedia. Sim, porque ha creaturas a quem succedem coisas pouco mais ou menos como aquellas. Ha. Quando apparecem no theatro dão vontade de rir e a gente ri a valer com aquelle juiz, aquella Arlete Bachelin que é a sr.ª Palmyra Torres, com toda aquella gente. A comedia é uma serie de desgraças que succedem a um juiz e dão vontade de rir. O desempenho, confiado a Ignacio, Luciano, Pato Moniz, Casimiro Tristão, Palmyra, Maria Pia, Maria Dolores, etc., foi bom. A peça está bem desempenhada, bem adaptada e bem marcada. E se ás vezes, poucas, é fresca, tambem se lhe perdoa com este espantoso calor que ameaça derreter a gente.

A'manhã:

1.º domingo em que se representa

O SR. JUIZ

EDUCAÇAO FEMININA

A proposito de um decreto

Porque se não instituem cursos profissionaes para raparigas?

O governo teve ha dias um belle gesto a favor da educação feminina, decretando a fundação de um curso annexo ao lyceu do Carmo. Não é difficil attingir os motivos que levaram os homens cultos e experimentados que se encontram officialmente á frente da obra de educação nacional a conceber o plano d'esse curso. E' que a mulher portugueza, naturalmente intelligente e viva, com o espirito irrequieto sempre prompto a aventurar-se em horisontes mais largos, vendo-se de surpreza libertada de certos preconceitos que a algemavam á rotina, começou a querer engrossar o numero de bachareis que já, desde alguns annos, vinha alarmando o paiz. O curso annexo, com uma feição pratica, destina-se a habilitar as nossas raparigas a bem desempenharem os seus deveres domesticos, a fazer d'ellas boas donas de casa, ao mesmo tempo que evita a sua agglomeração nas escolas superiores.

Foi este criterio, sem duvida, que presidiu ao decreto do governo. Resta-nos, porém, saber se esse curso não podia ter sido substituido por uma obra mais moderna e de resultados praticos mais apreciaveis. Ora precisamos, antes de tudo, fazer salientar que a invasão da mulher nas escolas secundarias e superiores traduz-se, geralmente, n'um dos muitos aspectos por que se nos apresenta a questão economica dos nossos dias.

Ella procura diplomar-se por esses cursos para obter uma collocação que lhe garanta um meio de vida. Ora o curso annexo ao lyceu feminino não a afastará decerto da preoccupação pela «strugge fur life», continuando, consequentemente, as nossas raparigas a pretender os graus de bachareis em numero que representa a ameaça entrevista pelo auctor do decreto. O que ha a fazer então é crear cursos profissionaes, a exemplo do que se fez na Suissa, na Belgica e em outros paizes ainda que á educação feminina teem votado especiaes attenções e carinhos. Depois de um curso de preparação litteraria e scientifica seguir-se-hiam cursos praticos, como de telegraphista, de empregadas nos correios, de corte, de florista, de professora, de desenhista, de habilitação commercial, etc. Não ficaria assim resolvido o problema de agglomeração feminina nas escolas superiores?

**

A sr.ª D. Anna de Castro Osorio, no seu elegante gabinete de trabalho cheio de livros e de papeis, falanos sobre a representação que o Gremio Carolina Angelo vae dirigir ao governo e, a proposito, emitte as seguintes considerações sobre o decreto do curso annexo:

—Estudámol-o, sob todos os aspectos, e não comprehendemos o seu alcance. Desviar a mulher portugueza das carreiras que exigem habilitações das escolas superiores? Mas nós acreditamos que isso não acontecerá. Além de que não é razoavel que se estejam a sobrecarregar, com o estudo de mais disciplinas, as alumnas do lyceu cuja applicação está já tão dividida. Calcule que a frequencia d'esse curso é obrigatoria o que representa um esforço extraordinario, como as proprias professoras do lyceu o estão declarando.

—Será esse, então, um dos pontos apresentados pelo Gremio Feminista Carolina Angelo?

—Sim. Trataremos da educação secundaria, em geral, especialisando o estudo sobre o decreto que consideramos improficuo. A primeira parte da nossa representação é, porém, consagrada ao ensino primario, aventando o Gremio a ideia de se crearem os logares de inspectoras primarias que seria de toda a vantagem para as escolas, ao mesmo tempo que representaria um gesto liberal da parte do governo em favor da mulher, facultando-lhe mais uma collocação.

A sr.ª D. Antonia Bermudes que, no momento, se acha tambem presente, refere-nos o pensamento a que obedeceu a fundação do Gremio, destinado a desenvolver uma activa e bem orientada propaganda feminista, indo do estado do problema da educação á defeza do suffragio feminino.

—Mas é necessario que lhe frise—diz-nos a intelligente fundadora do Gremio—que o suffragio defendemol-o sómente como um meio—como um meio para novas e mais largas conquistas da mulher no campo social e economico. Tenho fé em que o nosso trabalho será proficuo, porque, sendo o Gremio uma secção autonoma do Grande Oriente Luzitano Unido, contamos com os principios de liberdade, de justiça e de solidariedade affirmados por todos os nossos irmãos maçons. Foi a Maçonaria Portugueza a primeira que nivelou os direitos do homem e da mulher. Esperamos que, praticamente, os seus filiados a não esqueçam tambem.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

No Salão Olimpia hoje e ámanhã passam-se em revista todos os exitos da semana.

—Noticias chegadas hoje de Madrid annunciam que chega a Lisboa na proxima semana o emprezario do circo Parish, d'aquella cidade.

—Hontem, para fazer uma surpreza aos socios dos Recreios Desportivos da Amadora, os srs. Santos Mattos e Antonio Correia fizeram passar duas peliculas cinematographicas n'um «écran» ao ar livre, no «rink» da patinagem da Amadora. E' mais uma bella distracção n'aquella progressiva terra.

—Os casinos de Algés e Estoril vão apresentar, entre as suas varias diversões, numeros de variedades.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 2—Emquanto se procedia ás principaes operações ultimamente noticiadas, o official general que commanda os novos corpos de exercito da Zelandia e da Australia recebeu instrucções para emprehender umas determinadas demonstrações no norte com o fim de impedir o inimigo de destacar tropas para a area do sul. Um pouco antes do meio dia, depois de um bombardeamento pelas peças de bordo, a segunda brigada de cavallaria ligeira e a terceira de infantaria marcharam pelo flanco direito da posição e avançaram 700 metros, encontrando então o inimigo em grande força. Entretanto a nossa artilharia bombardeava efficazmente as reservas inimigas.

Pelas 2 horas e 30 da tarde o inimigo parecia estar preparando um contra ataque, mas foi obrigado a retroceder pelos nossos morteiros e metralhadoras. As nossas tropas regressaram á sua posição sob a protecção do fogo das nossas metralhadoras e artilharia, que fez um consideravel morticinio entre os turcos, não só n'este momento como tambem durante todo o dia.

Depois de anoitecer fizeram-se novas demonstrações egualmente efficazes. Consta que o 8.º corpo fez 180 prisioneiros desde o dia 28 de junho. Um prisioneiro circassiano trouxe para o interior das nossas linhas um soldado raso ferido, pertencente aos Royal Scots, e debaixo de fogo.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*)

Presidente da Republica

Cumprimentos e recepção do ministro da Russia

O sr. presidente da Republica deu hoje recepção no Paço de Belem, onde chegou pouco antes das 15 horas, em automovel, sendo-lhe feita pela respectiva guarda a devida continencia.

A's 15 horas recebia o sr. Luiz Filipe da Matta, provedor da Assistencia Publica, que lhe foi agradecer a offerta de cem escudos que á Assistencia o sr. dr. Theophilo Braga mandara entregar. Seguiu-se uma delegação composta dos srs. dr. Albino Vieira da Rocha, dr. Manuel de Vasconcellos, dr. Antonio Cabreira, João José Frederico Bartholomeu e Pedro Lapa, representantes das seguintes mezas dos institutos annexos á Academia de Sciencias: Instituto Trabalhos Sociaes, Instituto Theophiliano e Instituto Antonio Cabreira.

Em nome dos commissionados, falou o sr. dr. Vieira da Rocha, dizendo que a commissão vinha cumprimentar o sr. dr. Theophilo Braga pela sua justa ascensão ao mais alto cargo da magistratura portugueza. Saudou-o como verdadeiro sabio do meio intellectual portuguez, gloria da nossa Republica, pela qual tanto trabalhou durante cincoenta annos de intenso labor intellectual. Terminou recordando os tempos em que, como discipulo, lhe acceitava as suas licções de mestre no Curso Superior de Lettras.

O sr. dr. Theophilo Braga agradeceu, commovido, as palavras do sr. dr. Vieira da Rocha.

O sr. ministro da Russia, que em seguida foi recebido, foi apresentado pelo 1.º official servindo de secretario geral sr. Barreto da Cruz. Durante alguns minutos o representante da Russia e o sr. presidente da Republica conversaram amistosamente.

O sr. dr. Theophilo Braga recebeu ainda, como n'outro logar dizemos, a commissão organisadora do sarau no theatro de S. Carlos, e em audiencia intima duas senhoras, depois do que ficou com os seus secretarios aguardando os ministros que ás 17 horas ali foram á assignatura.

Da Amadora

Festa de homenagem aos Petits Walter

Amanhã, no sumptuoso Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, realisa-se um espectaculo de homenagem aos graciosos duettistas Petits Walter, filhos do popular «clown» Little Walter, que teem na progressiva povoação o carinho e interesse de muitos amiguinhos. O programma completo d'este bello festival é o seguinte:

Primeira parte:—Grande concerto symphonico por uma orchestra de arco, dirigida pelo sr. F. Taveira.—I «Minuete», Beethoven; II «Esquecendo», J. Passos; III «Morte de Ase», Grieg; IV «Canção de Amor», pizzicato, Taubert; V «A um lirio», Macdowel; VI «Ephemera», José Padua.

A orchestra é formada pelas sr.as D. Aida Freitas, D. Albertina Silva, D. Beatriz Silva, D. Emma Silva, D. Gabriella Cordeiro, D. Herminia de Oliveira, D. Irene Freitas, D. Maria da Conceição Baptista, D. Maria Henriqueta Ruas, D. Mathilde da Conceição Taveira, D. Mathilde Erchsnann Taveira e pelos srs. Antonio Campos Silva, Armando Silva, Armando Leça, Fausto Caldeira, Francisco Pacheco do Canto e Castro, Frederico Taveira (filho), Francisco Ventura, Francisco Vianna Ruas, dr. Freneket Canedo, José da Costa Campos, José da Costa Moura, Pedro Simões e Julio Ruas.

Segunda parte. — *a)* «Boy-Scouts», *b)* «En la Bombi», pelos duettistas Petits Walter; *a)* «Berceuse», *b)* «Danses Tziganes», concerto de violino pelo sr. Francisco Pacheco do Canto e Castro, com acompanhamento de piano pelo sr. L. Santos. Imitação de ventriloquia, pelo sr. David Levy. *a)* Prologo dos «Palhaços», *b)* aria do toureador da «Carmen», pelo baritono sr. Antonio Caldeira. Sólo de harpa, pela sr.ª D. Albertina Silva. «Rondó, de Beriot, concerto de violino, violoncello e piano, pelas sr.as D. Aida Freitas, D. Irene Freitas e sr. Armando Leça. *a)* «Vassourinha» e «Abanador», *b)* «Canto patriotico belga», pelos duettistas Petits Walter.

Terceira parte.—Grande concerto symphonico. — I «Il été une fois», conto; II «Melodia», sólo de violoncello, com acompanhamento de piano, escripto expressamente pelo professor sr. J. Passos para o seu discipulo Néné Walter; III «Intermezzo», J. Athos; IV «Madrigal», Simonetty; V «El clavel», V. Monti.

Homenagem á memoria d'um policia

Uma commissão de guardas civicos da 3.ª esquadra, composta do cabo 161 e dos guardas 222, 965 e 1333, adquiriu por meio de subscripção uma corôa que ámanhã será deposta sobre a sepultura do seu collega 880, Miguel Augusto da Silva, morto por occasião do assalto á Escola de Guerra.

O fallecido era um sincero e dedicado republicano, tendo servido o regimen com a maior dedicação. A commissão convida por este meio os marinheiros e as aggremiações civis que queiram incorporar-se na manifestação a reunir pelas 16 horas á porta da entrada central do cemiterio do Alto de S. João.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu pelas 18 horas no ministerio da marinha.

—Devendo começar brevemente os exercicios de mergulhador na Escola Pratica de Torpedos e Electricidade, foi feito convite ás praças de marinha que desejem receber essa instrucção.

—Por portaria de hoje foi nomeado encarregado do commando do cruzador «S. Gabriel» o capitão-tenente sr. Luiz Constantino de Lima.

—O director da colonia penal agricola do Bom Despacho requisitou ao ministro da justiça 10 condemnados para colonos d'essa instituição, que assim abrirá immediatamente.

A aviação em Portugal

Nada se resolveu ainda ácerca do pedido de demissão apresentado pela commissão de aviação, motivo por que os seus trabalhos estão paralysados, visto os seus membros se considerarem demissionarios.

O concurso nacional de tiro

realisar-se-ha este anno, terminando no dia 5 d'outubro

Foi resolvido pelo sr. ministro da guerra que no corrente anno se realise o concurso nacional de tiro commemorativo do anniversario da proclamação da Republica, e que annualmente se costuma realisar na carreira de tiro de Pedrouços, não se tendo realisado o do anno findo por motivos de todos conhecidos.

O concurso d'este anno não terá tão grande numero de provas como os dos annos anteriores, estando já a elaborar-se um novo programma, reduzindo-as por forma que o concurso termine impreterivelmente no dia 5 de outubro, realisando-se n'esse dia a distribuição solemne dos premios e entrega de medalhas aos atiradores já premiados nos concursos passados e que ainda as não receberam.

No concursos serão disputados os premios até agora offerecidos, e que são em avultado numero, e ainda os que forem enviados ao juri até á data do concurso, que será fixada em breves dias.

Victimas da revolução

O sarau do theatro de S. Carlos

O sr. presidente da Republica foi hoje procurado pela commissão organisadora do sarau litterario-musical que a favor das victimas da revolução de 14 de maio se deve realisar no theatro S. Carlos, e que ia convidar o sr. dr. Theophilo Braga a assistir a essa festa. A commissão compunha-se do maestro sr. Fernandes Fão e dos srs. José Sebastião Pacheco, João Martins Casal, João Nunes dos Santos e José da Costa, que foi quem, usando da palavra, fez o convite, que o sr. presidente da Republica acceitou, agradecendo.

O sarau realisa-se no proximo dia 11 do corrente, e dividir-se-ha em tres partes: 1.ª e 3.ª, concerto pela grande banda formada por elementos da guarda republicana e outros, e ampliada por instrumentos de corda, sob a regencia do maestro Fernandes Fão; e a 2.ª parte preenchida por recitativos dos nossos primeiros artistas dramaticos.

Festas associativas

No Club Recreativo Luzitano começam hoje as festas promovidas por uma commissão de senhoras que ao Club offerece um lindo estandarte de séda branca bordado a ouro e matiz. A entrega realisa-se ás 22 horas, seguindo-se concerto pela orchestra do Club e baile. A'manhã ha recita pelo grupo dramatico do Club com a primeira representação da peça de Ibsen «A casa da boneca» seguida tambem de baile. A commissão é composta das sr.as D. Maria José Antunes, D. Laura Gonçalves, D. Domingas Silva, D. Henriqueta da Fonseca, D. Maria Ferraios, D. Laura Sampaio, D. Virginia Mauricio, D. Alice Marques, D. Antonia Alberto Augusta, D. Guilhermina Valle Domingues, D. Lucinda Marques, D. Perpetua Esteves e D. Rosa Paes.

No Grupo Dramatico Lisbonense ha ámanhã recita com a comedia «O genro do Caetano», seguindo-se baile, abrilhantando a festa a tuna «Os conscientes».

Tambem no Club Taurino Manuel dos Santos ha ámanhã sarau dramatico com dois actos de variedades e o vaudeville «O filho do Zacharias», seguido de baile.

A Sociedade Musical Ordem e Progresso, da rua do Conde, commemora o seu 17.º anniversario com recita hoje, ás 21 horas, e ámanhã, ás 15 horas, sessão solemne, ás 16 concerto pelo quartetto Urceira, e ás 18 pela banda da Sociedade Alumnos de Apollo, ás 21 horas sarau á franceza.

Na Academia 1.º de Setembro de 1867, realisam-se ámanhã as festas do 2.º anniversario do grupo dramatico André Pereira, havendo ás 15 horas sessão solemne abrilhantada pelo sextetto da tuna dos Caixeiros, ás 21 sarau dramatico na esplanada, tocando o grupo de bandolinistas Maria Luiza, e em seguida baile.

PEQUENAS NOTICIAS

No Liceu Camões realisa amanhã, ás 14 horas, o reitor da Universidade de Lisboa uma conferencia sobre o thema «A extensão universitaria», a convite da Liga Portugueza dos Educadores, a qual convidou por intermedio do reitor o professorado superior, convite que por falta de tempo não foi possivel transmittir devidamente.

—No hospital de S. José deram entrada: na enfermaria 4, José Antonio Gabado, morador em Venda Nova, que deu uma queda na estação de Bemfica, ficando contuso pelo corpo, e José Leal, trabalhador, residente no Bombarral, ali colhido por um carro de que era conductor ficando ferido nos pés e contuso pelo corpo; na enfermaria 8, Francisco Maria, trabalhador e morador na rua da Cruz, em Alcantara, 56, que na doca de Alcantara foi colhido pelos estilhaços d'um tiro de dinamite que lhe produziram contusões pelo corpo e ferimento no olho esquerdo.

A provincia n'A CAPITAL

GOUVEIA, 2.—Quando hontem, na Serra da Estrella, se procedia ao lançamento dos barcos na Lagôa comprida, deu-se um grave desastre, visto que, voltando-se o barco, cahiram na lagôa quatro excursionistas, trez dos quaes conseguiram salvar-se, o mesmo não succedendo com o quarto, o sr. Antonio dos Santos Cunha, de 50 annos, solteiro, natural de Ceia, que ali tinha ido assistir á inauguração d'esse importante melhoramento. O cadaver ainda não appareceu.

Por motivo do desastre, não foi aberto hontem o dique da Lagôa, que alimenta a turbina da central da Empreza Hydro-Electrica da Serra da Estrella.

Para evitar desastres semelhantes seria conveniente que houvesse ali um salva-vidas.

COIMBRA, 2.—Continuam os festejos. O sr. bispo-conde celebrou hoje missa no altar da Rainha Santa, em Santa Cruz, com acompanhamento do orgão.

As illuminações das ruas continuam despertando interesse.

No Parque de Santa Cruz realisou-se esta noite um brilhantissimo festival com illuminações a arcos voltaicos, focos de luz Wizerd, á veneziana e á moda do Minho, muzica e descantes populares.

O numero de forasteiros tem augmentado de hontem para hoje consideravelmente.

—Foi nomeado commissario da policia civica o capitão de infantaria 23 sr. Luiz José da Matta.

A Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 10 realisa no proximo dia 11 um passeio militar á bonita villa de Condeixa, devendo partir d'esta cidade de madrugada e regressar á noite.

—Começam em 5 do corrente os exames do periodo transitorio da faculdade de direito e os exames de estado da parte fundamental de sciencias economicas e politicas.

—Na repartição de finanças d'este concelho está em reclamação de 1 a 10 do corrente a matriz de contribuição industrial.

—A viação electrica rendeu hontem 231$00.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Luiz Augusto Midosi Moreira Bahuto, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 14 horas, da rua Nova das Terras, 48, Arcolena, para o cemiterio da Ajuda.

Tambem falleceu a sr.ª D. Margarida Rosa Macieira Bonneville, sahindo o funeral ámanhã, ás 11 horas, da avenida Defensores de Chaves, 2, 4.º, para o cemiterio Occidental.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

2614	20:000$
4157	2:000$

4017	600$	1986	100$
1487	200$	2205	100$
1578	200$	2302	100$
338	200$	4641	100$
472	100$	4997	100$
623	100$	5971	100$

Pela marinha

Exercicios de torpedos e de artilharia—Escolas para o pessoal de fogo—Os aspirantes

Na proxima quarta-feira sahem para o mar o «Douro», o «Guadiana», o «Espadarte» e o torpedeiro n.º 3, que vão fazer exercicios de lançamento de torpedos e de artilharia. O commandante superior da divisão naval determinou que, a bordo de todos os navios e a partir da proxima semana, funccionem diariamente escolas profissionaes para fogueiros e chegadores sob a direcção do engenheiro chefe ou de delegados seus, para execução d'um programma de instrucção já organisado.

Os aspirantes de marinha vão ser mandados embarcar immediatamente para fazer o seu tirocinio de embarque durante as ferias.

Leotte do Rego

As praças da guarda fiscal vão ámanhã, pelas 14 horas, fazer uma manifestação ao commandante Leotte do Rego, devendo para esse fim reunir no Arsenal da Marinha, á hora indicada.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Não tendo podido, por motivo de força maior, reunir a assembleia geral, é esta novamente convocada para o dia 6, ás 20 e meia horas.

Affastamento de serviço

Foi hoje levado á assignatura o decreto mandando separar do serviço, com o vencimento mensal de 144$00, o vice-almirante do quadro auxiliar sr. José Maria Teixeira Guimarães.

Ficam assim afastados do serviço todos os ministros do governo Pimenta de Castro, com excepção do sr. dr. Nunes da Ponte, que não exerce cargo algum publico.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 3/8	36 1/4
Londres, 90 d/v.. . .	36 13/16	—
Paris, cheque. . . .	$73	$73,6
Allemanha, cheque .	$27,2	$28
Hollanda, cheque . .	$54,5	$55,5
Madrid, cheque . . .	1$28,5	1$29,5
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres. . . .	12 3/8	—
Libras.	6$55	6$65
Agio do ouro.	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,55	39,45
» » 500$	—	39,45
» » 100$	—	39,45

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$10; 4 1/2 88-89 asst., 50$50.

Externas: 3.ª serie 72$70.

Acções: Ultramarino, 180$; Economia Portugueza, 19$70; Phosphoros, coup. 55$; C. N. Caminhos de Ferro, 40$.

Obrigações: Prediaes, 5 0/0, 85$ cj.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Portugal»

D'esta revista dedicada a Portugal, suas colonias, commercio, historia, litteratura e arte, redigida em inglez pelo sr. W. A. Bentley, sahiu o numero 2, correspondente a março. Bem escripta, mantem os creditos adquiridos por occasião da sua apresentação, sendo o seu preço apenas de 10 centavos.

SPORT

A'manhã, no Stadium

Realisa-se ámanhã um novo espectaculo no Stadium de Lisboa. Para elle chamamos a attenção do grande publico, com a consciencia de que o reclamo é necessario, porque o Stadium necessita ser visto, ser apreciado nos seus intuitos patrioticos e ser auxiliado na sua cruzada de propaganda. E' que os seus proprietarios, desprezando em absoluto os interesses monetarios, procuram apenas transformar aquelle amplo recinto do Lumiar n'uma escola de athletismo, á semelhança da que existia em Reims e que foi um dos propulsores da grande melhoria physica da raça franceza.

Podem argumentar os despeitados e póde apparecer uma duvida na grande massa anonyma sobre esses desinteresses monetarios quando se annunciam espectaculos com profissionaes do athletismo e com entradas pagas. Taes argumentos, porém, eram ridiculos e taes supposições eram ingenuas. E' que o Stadium, por maiores que sejam as suas receitas, nunca cobrirá o juro do capital n'elle empregado e porque todo o dinheiro obtido serve unicamente para melhoramento e alargamento do parque. Se assim não fôsse ainda a censura era infundada. O Stadium de Berlim, com approvação e exigencia do «kaiser», offerecia frequentes espectaculos, onde ninguem discutia ganancia, para olhar apenas á formação athletica de individuos fortes, com os quaes esse ambicioso coroado pensava effectivar o sonho de absorpção do mundo. Identicos espectaculos se fazem em Stockolmo, se fazem em S. Luiz e em Londres.

Citando exemplos, comprovamos factos e citando-os justificamos a fórma reclamativa que traçámos para auxiliar o Stadium.

***

O espectaculo de ámanhã tem muito interesse. Colloca n'um desafio, para uma desforra, dois campeões de velocipedia de Portugal e de Hespanha. N'um «scratch» nacional, reune os oito mais fortes amadores que temos no paiz dando assim motivo a uma prova-exame e definitiva do seu merecimento. Dá a amadores a faculdade de disputarem as suas corridas de motocicletas, sem limite de força. Annuncia uma nova corrida entre os temerarios corredores de motocicletes, aquelles que não teem «consciencia» do perigo, que não teem medo e que estão familiarisados com loucas velocidades de mais de 90 kilometros á hora.

No «match» de bicicletas todos os prognosticos de victoria são faliveis porque no ultimo domingo Lazaro Vilada e Soares Junior affirmaram-se muito eguaes de «fórma» e de treino. Ganhou o corredor hespanhol por um erro de tactica de Soares. Este deixou-o «partir» em primeiro logar aos 200 metros. A'manhã Soares tem sobre o seu competidor a ancia de ganhar e o desejo insaciavel de vencer porque não quer que Vilada sáia de Lisboa satisfeito com a sua opinião de que os portuguezes ainda estão fracos!... Disse-o um dia e Soares negou-o. Resta proval-o.

O programma detalhado do espectaculo, que começa ás 4 horas e meia precisas, porque o jury e os corredores foram convocados para as 4 horas, é o seguinte:

I—1.ª serie da corrida «Nacional»: 1, Carlos Fernandes; 2, Antonio José Christiano; 3, Victor Pereira Batalha; 4, João Ferreira. São apurados os dois primeiros para a «final», sendo, n'esta, os premios 3 objectos d'arte.

II—1.ª «mão» do «Match internacional de bicicleta», corrida em 3 «mãos», por adição de pontos e 2 objectos d'arte, sendo cada «mão» de 3 voltas (1.500 metros), entre o campeão de Hespanha Lazaro Vilada e o campeão portuguez Soares Junior.

III—2.ª serie da corrida «Nacional»; 5, Ramiro Madeira; 6, Alfredo Luiz Piedade; 7, Flariani, e 8, Joaquim Raposo.

IV—Corrida de «Motocicletas «amadores» em 20 voltas (10 kilometros)—Premios, 3 objectos d'arte: 1, José Azambuja; 2, Raul Affonso, e 3, N. N.

V—1.ª serie da corrida de «Motocicletas», que será disputada em duas series de 15 voltas e uma «final» de 30 voltas, para a qual serão apurados o primeiro de cada serie e o segundo mais rapido. Trez objectos d'arte no valor de 60 escudos. «1.ª serie»: 1, N. N.; 2, Manuel Neves, ambos em machinas de 10-12 H. P.

VI—Segunda mão do «match internacional».

VII—Segunda serie da corrida de «Motocicletas»: 3, Arido de Albuquerque; 4, Innocencio Pinto, ambos em motocicletas de 9-11 H. P.

—VIII—Final da corrida «Nacional».

IX—Final do «match internacional» de bicicletas.

X—Final em 15 kilometros da corrida de motocicletas.

O regulamento é o da União Velocipedica Portugueza.

Nota do dia

O concurso internacional de balões

No comboio rapido de hoje seguiu para Valencia de Alcantara o sr. Francisco Calejo, o devotado amigo do «sport» que, prompta e obsequiosamente, collocou á disposição do Stadium e do Aero Club de Portugal a ua iniciativa e boa vontade na organisação do Primeiro Campeonato Internacional de balões esphericos.

Vae a Valencia de Alcantara facilitar os trabalhos de reexpedição do material aeronautico utilisado pelos pilotos hespanhoes que concorrerem á prova. Ali se entenderá com o sr. Manuel Puebla a quem foram consignados pelo Real Aero Club de Hespanha os balões «Vizcaya», «Montana» e «Bayo».

Todo o material deve estar em Lisboa na proxima segunda-feira e a primeira prova de ensaio realisa-se na quinta-feira proxima. O campeonato está marcado para domingo 11.

Algumas anecdotas

O mais duro adversario de Mac Vea...

Lembram-se de Sam Mac Vea, o famoso jogador de socco que sustentou, uma tarde, no Campo Pequeno, um combate-exhibição com Fred Drumond? E' elle que descreve o seu assalto mais difficil na sua longa carreira athletica.

«Foi em 14 de fevereiro de 1905 que encontrei em Los Angeles Kid Karter, menos pesado do que eu mas *excepcionalmente forte e d'uma coragem* pasmosa.

«Atirei-o a terra pelo menos 11 vezes nos 11 «rounds» que durou a nossa batalha. Dei-lhe soccos que eram sufficientes para derrubar um touro, mas de todas as vezes elle se erguia, terrivel e feroz.

«A sua coragem começava a desanimar-me e *perguntava* aos meus «segundos»:

«—Como hei de dar cabo d'este diabo?

«—A' bruta...

«—Mas á bruta bato-lhe eu. Parece de ferro...

«Ataquei-o com selvageria e dei-lhe um murro no peito. Cahiu como uma massa! Esteve dezeseis minutos sem sentidos! Pois quando se ergueu, a primeira pergunta que fez foi:

«—Onde está esse animal, que o quero morder, quebrar-lhe os ossos e matal-o se fôr preciso!».

Noticias

ENTRE NÓS

Club Internacional de Foot-Ball

Foi-nos communicada a mudança da séde d'este antigo club para a rua Garrett, 62, 2.º, onde o Internacional vae fazer magnificas installações, entre as quaes um gymnasio completo para preparação dos seus athletas.

Dizem-nos tambem que o campo das Laranjeiras vae soffrer importantes melhoramentos, estando a nova direcção da presidencia do dr. Candido Sotto Mayor, na melhor das intenções de transformar completamente o club Internacional de Foot-Ball.

Tennis na Amadora

No magnifico «court» de «tennis» junto ao «rink» de patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora, realisam-se ámanhã os treinos para o proximo campeonato local, no qual se vão inscrever numerosos amadores e muitas senhoras. O interesse é tanto que foram designados varios «matchs» a começar das 5 da manhã.

O dia de ámanhã nos Recreios de Carcavellos

Devem estar muito animadas ámanhã nos «Recreios de Carcavellos» as reuniões de patinagem e de «tennis», a que costumam concorrer familias e «sportsmen» de Lisboa, Cascaes, Carcavellos, Estoris, Oeiras, etc. A patinagem faz-se no amplo salão proprio para esse fim, e o «tennis» será praticado nos dois novos e bem construidos «courts», onde brevemente será disputado um grande torneio com valiosos premios.

Os «Recreios» facultam a todos os «sportsmen» á utilisação das suas magnificas installações.

Grande premio de Julho

O Sport Club Progresso vae organisar o «Grande Premio de Julho», que é uma corrida pedestre de 6 kilometros para corredores principiantes. Tem muita importancia esta prova porque nunca em Portugal se inscreveram tantos corredores n'uma corrida pedestre, pois que a inscripção do primeiro anno attingiu 142 concorrentes.

Sabemos que a commissão sportiva do Progresso está empregando todos os esforços para que o «Grande Premio de Julho» de 1915 não seja inferior, em brilhantismo e concorrencia, ao primeiro e que para isso vae convidar todos os clubs de sport para que se façam representar.

Um passeio ciclista

Uma commissão de rapazes do bairro Andrade realisa no dia 1 de agosto o seu passeio annual, a Torres Vedras, com um almoço n'um dos melhores hoteis.

Campo do Club dos Caçadores

Continuam ámanhã os treinos de tiro aos pratos n'este novo campo, no Stadium de Lisboa, em vista de não se poder effectuar o concurso de tiro aos pardaes que ficou transferido por motivos imprevistos. As provas começam ás 3 e meia horas da tarde, e em vista de haver corridas no velodromo, a entrada para o campo de tiro é feita pela séde do Sporting, na Alameda das Linhás de Torres, 51, ou pelo portão a seguir.

No Liceu de Pedro Nunes

Realisam-se ámanhã no Parque de Jogos d'este liceu as provas de instrucção das Sociedades de I. M. P. n.os 20 e 15, installadas respectivamente n'aquelle estabelecimento e na Escola Academica. Além das provas de preparação militar que a lei obriga a prestar, contém o programma um campeonato sportivo, em que se disputará uma taça offerecida pela inspecção de infantaria da 1.ª divisão do exercito. O valor artistico da taça, que tem estado exposta no salão de sport, e sobretudo o seu significado moral, devem contribuir poderosamente para que as provas sejam duramente disputadas.

Para assistir ao acto, que começa ás 16 horas e ao qual deve concorrer uma banda regimental, foram convidados os ministros da guerra e instrucção.

Em propaganda do escotismo

Parte ámanhã em viagem a pé, pelo paiz, o sr. João Pereira Ribeiro Nobre, guia da patrulha «Girafa» da União dos Escoteiros Lusos. Vae, em missão de propaganda do escotismo e dizer o que é essa bella educação moral e phisica. Para se despedirem d'este escoteiro, foram convidados a comparecer os socios da União dos Escoteiros Lusos, na praça dos Restauradores, ás 8 da manhã.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Fóco de infecção

A rua do Arco do Marquez de Alegrete é um verdadeiro fóco de infecção, principalmente com o tempo que vae decorrendo. Assim nol-o communicam os moradores d'essa rua e das proximas, que já pediram providencias á camara municipal, sem que até hoje tenham sido attendidos.

As ovarinas depositam ali os detritos de peixe, que apodrecem exhalando um cheiro nauseabundo, que põe em risco a vida dos moradores. Urge que se providencie.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—A mulher do proximo.

POLITHEAMA—A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Primeiras representações

POLITHEAMA—«O sr. juiz», comedia de Nancey e Rioux, adaptada por André Brun.

O adaptador da desopilante farça que hontem subiu á scena, com grande exito de gargalhada, no Politheama, reduzindo «O sr. Juiz» a moldes compativeis com os recursos dos nossos theatros e dos nossos comicos, mais uma vez demonstrou os seus meritos de comediographo e humorista apreciado e applaudido, quer no palco, quer na imprensa. André Brun juntou um novo e excellente trabalho a tantos outros que já lhe grangearam uma bella reputação e o publico, que enchia o Politheama, ao ovacional-o, quando appareceu nos finaes de acto com os seus interpretes, patenteou-lhe a muita sympathia que nutre pelo seu nome e pela sua obra.

«O sr. Juiz» é, com effeito, uma comedia burlesca que consegue admiravelmente realisar o objectivo dos auctores: fazer rir sem esforço e aguçar de acto para acto a curiosidade dos espectadores, atravez das mais extraordinarias e hilariantes peripecias. Não lhe falta nada do que é preciso para que taes peças agradem: o marido atraiçoado, a quem a mulher préga a partida na menina do olho; a amante com a mania de ter idéas salvadoras que redundam todas em desastres; o futuro sogro, que finge de austero, mas que frequenta os mesmos logares de prazer por onde se gasta o futuro genro; a galderia, para a qual andar em fralda de camisa constitue um habito; o coronel conquistador, á cata de mulheres que se rendam aos seus appetites libidinosos e ás suas notas de banco; o galuno, que se finge surdo-mudo para melhor pôr em pratica as suas incriveis habilidades; numerosas personagens grotescas, collaborando n'uma enredadissima trama de episodios, qual d'elles o mais imprevisto e todos ligados por um fio de logica, em torno d'um episodio-fulcro: uma fita cinematographica, cuja exhibição convem impedir, porque n'ella foram involuntariamente colhidos em flagrante o sr. juiz, que está noivo, e a mulher casada com quem elle mantém relações amorosas.

No desempenho salientaram-se Ignacio Peixoto e Adelia Pereira, secundados por outros artistas de valor, como Maria Pia, Palmyra Torres e Pato Moniz, convindo citar tambem Tristão, Gil Ferreira e Othelo de Carvalho. E' certo que Palmyra Torres, por exemplo, está evidentemente deslocada em semelhante genero theatral; que Luciano de Castro mal se lhe adapta e que gente nova, como Clemente Pinto, necessita de escola e de mestres que lhe ensinem o a b c da arte de representar; mas as deficiencias que, por estes e outros motivos, os exigentes notem na interpretação de «O sr. Juiz» são sobejamente compensadas pela magnifica urdidura da farça, que tem principio, meio e fim, além de verdadeira graça que André Brun não desperdiçou, porque ninguem melhor do que elle a saberia aproveitar.

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

Publicou-se mais um numero do *Album theatral*. Cuidado, como sempre, na parte artistica, insere um retrato de Joaquim d'Almeida com um bello e justo artigo de Avelino de Sousa.

Arthur Rodrigues realisa, na proxima segunda feira, a sua festa annual no Apollo. Além da *Rosa Tiranna*, com todos os seus attractivos, o espectaculo contém um acto do «folies bergere», em que tomam parte Delphina Victor, Georgina Gonçalves, Zulmira Miranda, Duque e Gaby, Joaquim Costa, Rodrigues Chaves, Theodoro Santos, Arthur Castro, Aurelio Ribeiro, dois afamados guitarristas e um tercetto de bailarinas hespanholas. O festejado, com os seus camaradas José Victor, Roldão e Aurelio Ribeiro, desempenharão a *cégada* do *Fado e Maxixe*.

Variétés no Coliseu dos Recreios

Aproveitando a passagem por Lisboa da celebre bailarina Mariucha e dos mais notaveis concertistas hespanhoes de bandurra e viola *Los Alpinos*, a empreza do Coliseu contractou esses dois magnificos numeros que tomam parte em trez unicos espectaculos, começando o primeiro esta noite.

Mariucha bailará o «Tango» e o «Garrotin» em que não tem quem a eguale, assim como a «Jota» e «Malagueña».

Os Alpinos executarão trechos musicaes variados. O espectaculo é permanente, em duas sessões, mas fazendo-se pelo preço de uma só.

O programma de hoje é o seguinte:

Primeira sessão—1.ª parte (animatographo), 1.º «La Marcha», pela orchestra, Daquin; 2.º «Vida nos abysmos do Mar»; 3.º «Quando a terra treme», (3 partes); 4.º «Venus raptada por Bigodinho», (comica).

2.ª Parte (Variétés)—1.º «Bébé, marcha», pela orchestra, Carosio; 2.º Estreia de Los Alpinos, concertistas; 1.º «Grande Marcha», Mozart; 2.º «Pot-Pourri» (Canções Hespanholas), Morá; 3.º Estreia de Mariucha, bailarina; 1.º «Pasa-Calle»; 2.º «Jota»; 3.º «Garrotin», Intervallo.

Segunda sessão—1.ª Parte (animatographo), 1.º Intermezzo, pela orchestra, Metallo; 2.º «Creanças Hollandezas», 3.º «A Tatuagem» (8 partes), dramatica; 4.º «Conquistas do Chauffeur», comica.

2.ª Parte (Variétés)—1.º Toburk, «marche», pela orchestra, Brunetti; 2.º Los Alpinos, concertistas; 1.º «Cavalleria Rusticana», Mascagni; 2.º «Alegria de La Huerta», Chueca; 3.º Mariucha, bailarina, 1.º «Pasa-Calle»; 2.º «Malagueñas»; 3.º «Tango».

Novo casino

Em S. José de Ribamar, junto á alameda de Algés inaugura-se ámanhã um luxuoso casino denominado Casino S. José de Ribamar, montado com um grande luxo e conforto. Os seus proprietarios vão promover festas ao ar livre na ampla explanada illuminada a luz electrica com um elegante coreto-palco onde serão apresentadas novidades. Todos os dias haverá jantares-concertos, para os quaes foi contractado um sextetto composto de professores portuguezes.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores, «Funchal»....	5
Gibral. e Barc. «Venesia» (New-York)	5
New-York, v. Aç. «Roma» (Gibraltar)	6
Mad. Braz. R. Prata «Amazon» (Liv.)	6
Vigo e Inglat. «Araguaya» (Brazil).....	7

Touradas

Campo Pequeno—E' a seguinte a distribuição da corrida de ámanhã, em festa artistica do estimado cavalleiro José Casimiro:

1.º touro, para José Casimiro; 2.º, Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete; 3.º, Thomaz da Rocha e Custodio Domingos; 4.º, Manuel Casimiro; 5.º, Luciano e Daniel do Nascimento; 6.º, José Casimiro; 7.º, Torres Branco e Carlos Gonçalves; 8.º, Daniel, Rocha e Luciano; 9.º, Manuel Casimiro, a cavallo, e José Casimiro, a pé; 10.º, Cadete e Custodio Domingos.

A corrida principia ás 17 horas.

Margarida Rosa Macieira Bonneville

Falleceu

João Bonneville, Antonio Bonneville, ausente, Julietta Macieira Bonneville Franco, seu marido, Augusto Cisneiros Franco e seu filho, Margarida Queriol Macieira e seus filhos, Maria Emilia Marques Macieira, Julia Moreira Macieira e Arthur Eugenio Macieira e sua mulher, cumprem o doloroso dever de participarem a todos os seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido levar da vida presente sua muito querida filha, irmã, cunhada, tia e sobrinha e que o seu funeral terá logar ámanhã, 4 do corrente, pelas 11 horas da manhã, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia Avenida Defensores de Chaves, 2, 4.º, esquerdo, para o cemiterio Occidental.

Luiz Augusto Midosi Moreira Bahuto

Falleceu

Genoveva Domingos Bahuto, Pedro Carlos Midosi Bahuto, sua mulher e filhos, Maria Thereza Midosi Bahuto Pereira da Silva, seu marido e filhos, Carlota Bahuto Felix, seus filhos e noras, Esthephania Bahuto de Sousa, sua filha e genro, Antonio Pedro Moreira Bahuto, João Domingues e sua irmã, participam o fallecimento de seu chorado marido, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral terá logar amanhã, 4 do corrente, pelas 2 horas da tarde, sahindo o funeral de sua casa Rua Nova das Terras n.º 48, Arcolena, Belem, para o cemiterio da Ajuda. Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignem assistir a este acto.

alguma e nenhum dos ministros se atreveu a propôr a expulsão da missão militar. O partido da guerra havia mostrado a sua intenção de ir para a frente, fazendo publicar um communicado em que se dizia que os primeiros actos de hostilidade no Mar Negro tinham partido da Russia. Falsa e grotesca como era, tal invenção conseguiu enganar muita gente.

Não era possivel provar que os ministros haviam tido previo conhecimento do golpe preparado pelo almirante allemão, mas póde ter-se a certeza de que Enver Pacha sabia-o e é muito provavel que Talaat Bey era tambem cumplice.

A historia da provocação russa era uma desculpa e se o relatorio official do governo russo não fôsse sufficiente para o provar, posso provar á evidencia que as ordens para começar as hostilidades foram dadas á entrada do Bosphoro na tarde de 27 d'outubro em resultado d'uma conspiração entre os representantes allemães em Constantinopla e uma pequena facção turca sem escrupulos.

O meu collega russo sahiu de Constantinopla sem incidente na tarde de 31 d'outubro. A minha partida foi combinada para a tarde seguinte e sahi para Dedeagatch, acompanhado pelo pessoal da embaixada e pela missão composta de sessenta officiaes e suas familias; os conselheiros britannicos ao serviço do governo turco e muitos outros subditos britannicos acompanharam-me.

O meu collega francez com o pessoal da embaixada sahiu no mesmo comboio.

Devido á louca recusa das auctoridades militares no ultimo momento em permittirem a partida de grande numero de inglezes e francezes que queriam seguir em um comboio que devia sahir antes d'aquelle que me conduzia, a estação do caminho de ferro foi durante algumas horas theatro de indescriptivel confusão e tumultos.

Os meus protestos e os do embaixador francez não foram attendidos e apoz demorada discussão conseguimos entregar o caso ao embaixador dos Estados Unidos, que empregou toda a sua influencia para conseguir que os nossos concidadãos partissem no dia seguinte. O subchefe do protocollo da Sublime Porta e o chefe do gabinete particular do ministro dos negocios estrangeiros vieram apresentar-nos as suas despedidas na estação do caminho de ferro e dois secretarios da repartição politica do ministerio acompanharam-nos até á fronteira».

O embaixador dos Estados Unidos da America, Morgenthau, ficou encarregado dos interesses francezes e inglezes em Constantinopla. O embaixador italiano ficou encarregado dos interesses russos.

minimas todos os seus desastres ou revezes. A agencia telegraphica semi-official, que era apenas uma repartição do ministerio do interior, fôra collocada á disposição da propaganda allemã.

Principalmente contra a Inglaterra concitára-se o odio do povo, servindo para isso á maravilha a retenção dos dois cruzadores que ao tempo, como dissemos, ali estavam sendo construidos e que eram o «Sultão Osman» e o «Reshadie». A população havia contribuido em larga escala para a acquisição d'esses dois

O major-general sir Archibald Murray

«dreadnoughts» e escusado é dizer que sensação causára o facto d'elles não serem entregues, devido á força das circumstancias.

No Comité União e Progresso, o principal organisador do movimento dos Jovens Turcos, que tinha a sua séde em Salonica, havia-se dado uma scisão apoz o seu grande triumpho de 1908, devido a uma vasta rêde de intrigas propositadamente alimentadas pelos seus adversarios. Comtudo havia ainda um grupo firme, do qual os mais poderosos membros eram: Enver Pachá, ministro da guerra; Djemal Pachá, ministro da marinha; Talaat Bey, ministro do interior, e Djavid Bey, ministro das finanças.

D'esses, só Djavid Bey era apologista da neutralidade, e Berlim, vendo que elle a coisa alguma se rendia, forçou-o a sahir do ministerio. Enver Pachá era partidario declarado da Allemanha. Talaat Bey, descripto por sir Louis Mallet como «o mais poderoso civil no gabinete e o mais conspicuo dos «leaders» do Comité», era tambem um adherente, embora em principios de outubro se suppozesse o contrario. Djemal Pachá fingiu-se partidario da neutralidade, mas apenas durante o tempo que foi necessario para conservar occultos os preparativos que se estavam fazendo.

Contra elles, pelo menos apparentemente, estavam o sultão, o grão vizir, Djavid Bey e os restantes membros do ministerio, sufficientes para constituirem maioria contra uma aventura desesperada, mas essa maioria não tinha meios para se revoltar contra os canhões do «Goeben» e do «Breslau».

Aos germanophilos e aos proprios allemães não convinha que o grão-vizir apresentasse a sua demissão, assim como não lhes convinha um golpe de Estado. Como o embaixador britannico expõe no seu relatorio, só na ultima extremidade o monarcha, a quem os germanophilos proislamicos acclamavam como uma esperança do Islam e a quem os devotos d'algumas localidades se haviam habituado a considerar como um verdadeiro crente, correria o risco de escandalisar o mundo musulmano, a quem elle esperava arremeçar contra a Inglaterra, á Russia e a França, usando dos canhões do «Goeben» para obrigar o califa-sultão a fazer o que pretendia.

A 21 de setembro, o embaixador britannico esteve com o sultão pela ultima vez e leu-lhe uma carta pessoal do rei Jorge em que este expressava o seu profundo pezar por as exigencias de inesperadas circumstancias terem compellido a Gran-Bretanha a reter os dois

«dreadnoughts» que se destinavam á armada turca e exprimia a esperança de que a resolução de restituir esses navios á Turquia no fim da guerra bastaria a provar que a sua retenção era devida, «não a uma intenção inimiga para com um imperio a nós ligado por uma amizade de mais de um seculo». «O meu soberano—disse o embaixador—confia em que a Turquia nada fará que impeça o governo de proceder em harmonia com esta resolução, que manterá estricta e absoluta neutralidade durante a presente guerra e que se não demorará em pôr fim a certos factos contrarios á neutralidade que teem causado certa anciedade, como por exemplo a attitude do governo turco».

O sultão ouviu a mensagem em silencio, mas, quando o mestre de ceremonias traduziu a parte que continha as palavras «certos factos contrarios á neutralidade», quebrou esse silencio e declarou que facto algum de quebra da neutralidade havia sido praticado pela Turquia.

Entre esses factos havia muitos mais do que o caso do «Goeben» e do «Breslau». Navios mercantes inglezes trazendo carregamentos da Russia para o Mediterraneo haviam sido, durante o mez d'agosto, sujeitos a demoras e revistados nos Dardanellos e por causa d'um incidente em Chanak o governo turco fôra obrigado a dar uma satisfação. Por outro lado, o caso do «Goeben» e do «Breslau» obrigára a armada ingleza a exercer grande vigilancia á entrada dos estreitos, o que causára serias preoccupações aos turcos.

A 26 de setembro, um destroyer turco foi obrigado a parar fóra dos Dardanellos e teve de voltar para traz. Por isso, o commandante militar fechou os estreitos e apesar das affirmativas feitas pelo grão vizir não tornaram a ser abertos. O «Goeben» e o «Breslau» fizeram cruzeiros no mar Negro e numerosos navios allemães, dos quaes os mais importantes eram o «Corcovado» e o «General», serviram de auxiliares a essa armada allemã do mar Negro.

Communicações secretas com o estado maior general allemão foram estabelecidas no principio d'agosto por meio de telegraphia sem fios do «Corcovado», que estava ancorado em frente da embaixada allemã em Therapia. Outros navios allemães içavam quando lhes appetecia a bandeira turca, a fim de tornar mais faceis as suas viagens, ou occultarem a sua nacionalidade quando estavam ancorados, e uma repartição foi organisada na embaixada allemã com o fim de adquirir provisões para o governo allemão e para os seus navios.

No meiado de setembro calculava-se que só em Constantinopla havia mais de 4.000 soldados e marinheiros allemães. Os officiaes da missão militar germanica, dirigida pelo general Liman von Sanders, desenvolveram uma enorme actividade e foram os principaes organisadores dos preparativos da Syria, que ameaçavam directamente o Egypto e que se tornaram uma causa de preoccupações e um thema de admoestações para o governo britannico.

Em outubro a situação aggravava-se por causa da importação de grande porção de numerario consignado ao embaixador allemão e entregue, acompanhado por guarda militar, no Banco Allemão. O total d'essa importação foi calculado em libras 4.000.000. Uma combinação definitiva se fez com o grupo de ministros favoraveis á guerra logo que esse numerario chegou á Turquia. A tentativa para attrahir o grão-vizir e leval-o a fazer a declaração de guerra foi finalmente posta de parte e na ultima semana de outubro deliberou-se dar os passos necessarios para provocar a ruptura.

A 29 d'outubro diziam do Cairo que um corpo de 2.000 beduinos fizera uma incursão na peninsula do Sinai e ocupára os poços de Magdala e que o seu objectivo era um ataque ao canal de Suez. Na manhã do mesmo dia trez torpedeiros turcos fizeram um «raid» á bahia de Odessa, afundaram o guarda-costas russo «Donetz» e causaram estragos no

navio francez «Portugal», matando dois homens da tripulação, e em trez paquetes russos. Na cidade houve tambem perda de vidas devido ao bombardeamento. Theodosia foi egualmente bombardeada.

O embaixador britannico diz que a ordem para esses ataques foi dada pelo almirante allemão na tarde de 27 d'outubro. A grave noticia chegou a Constantinopla na noite de 29 d'outubro. Mr. Bompard, embaixador francez, e sir Louis Mallet immediatamente tiveram uma conferencia com o sr. de Giers, seu collega russo, e deliberaram pedir auctorisação aos seus governos para pôrem a Porta na alternativa da ruptura de relações diplomaticas ou na revocação das missões allemãs naval e militar.

O embaixador britannico descreve assim o fim d'essa amizade de mais de um seculo, que o rei Jorge havia rememorado ao infeliz sultão Mohammed V:

«Na manhã de 30, porém, soube pelo meu collega russo que elle havia recebido instrucções do seu governo para pedir immediatamente os seus passaportes. Havia escripto ao grão-vizir pedindo-lhe uma entrevista, que sua alteza tinha marcado para o dia seguinte, devido a achar-se indisposto. Como as instrucções do sr. de Giers eram formaes, viu-se obrigado a dirigir uma nota ao grão-vizir pedindo os seus passaportes; e eu e o meu collega francez, procedendo conforme as instrucções que nos haviam sido dadas para sahirmos de Constantinopla simultaneamente quando qualquer dos embaixadores das potencias alliadas fôsse forçado a fazel-o, devido ou a uma declaração de guerra da Turquia ou a algum acto intoleravel de hostilidade, decidimos sem demora escrever ao grão-vizir e pedir-lhe por nosso turno entrevistas que nos habilitassem a cumprir as instrucções que tinhamos.

Em vista da indisposição de sua alteza não esperavamos ser recebidos n'aquelle dia, mas horas depois o grão vizir fazia-nos saber que teria o maior prazer em nos receber, e apezar da desculpa que havia dado pouco antes para não receber o embaixador russo recebeu-o n'essa tarde. A minha entrevista com o grão vizir coincidiu em parte com a do sr. de Giers e precedeu a do sr. Bompard. Foi uma entrevista penosa. Sua alteza convenceu-me da sua sinceridade protestando não ter tido conhecimento dos acontecimentos que levaram á ruptura, ao mesmo tempo que declarava que a situação era cada vez mais intrincada.

Repliquei que já não serviam affirmativas, logo desmentidas pelos factos. A crise que eu havia predito a sua alteza em quasi todas as entrevistas que com elle havia tido desde o meu regresso manifestára-se e a não ser que satisfações fôssem dadas pela revocação das missões allemãs, unica coisa que podia evitar as tentativas contra o territorio egypcio e os ataques á Russia, a guerra com os alliados era inevitavel.

O meu collega russo havia já pedido os passaportes e tive, em conformidade com as instrucções que recebera, de seguir esse procedimento. O grão vizir de novo protestou que o que o partido da guerra fizera até então fôra sem seu conhecimento e assentimento. Em resposta á duvida que exprimi quanto aos meios ao seu dispôr, disse elle que tinha ao seu lado forças moraes que podiam não triumphar, mas que luctariam até ao fim. Não tinha, porém, possibilidade de immediatamente revocar a missão allemã, mas informou-me de que estava convocado um conselho de ministros, em sua casa, n'essa tarde, no qual ia combinar com os seus collegas o evitar a guerra com as potencias alliadas.

O conselho realisou-se e, como eu tinha predito, a maioria dos ministros apoiou o grão vizir, que fez um caloroso appello em favor da paz, sendo secundado por Djavid Bey. Mas a impotencia dos ministros do sultão para fazer mais alguma coisa do que emittir um voto era evidente. A questão da revocação dos officiaes de marinha allemã foi discutida, mas não se tomou decisão

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1764 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 4 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

JUSTIÇA

O desastre de que foi victima o sr. Affonso Costa, e que determinou em Lisboa uma tão dolorosa impressão, a esta hora certamente resentida pelo paiz inteiro, dá-nos, precisamente pela intensidade d'essa impressão, uma lição que seria bem util não esquecer nos debates violentos da paixão politica. Essa lição é a de que, quando encaremos a eventualidade de se perder um homem de tal valor, os mais acerrimos antagonismos de ideias, até mesmo profundas animosidades pessoaes, cedem ante a consideração superior do que semelhante perda póde representar para a vida d'uma nação que infelizmente não conta um elevado numero de grandes capacidades politicas.

E' então a hora d'um relampago de justiça. Dir-se-hia que avançamos dezenas de annos e que é já o juizo historico que formula as suas apreciações imparciaes. Possiveis erros, um ou outro exaggero empallidecem, desfazem-se, dissipam-se ante a claridade da obra, ante a memoria da acção que engrandeceram esses homens, dando-lhes a estatura dos grandes vultos nacionaes.

***

O dr. Affonso Costa está em perigo de vida. Se o não tem já, teve um pé no limiar do tumulo. E quando a noticia do desastre de que foi victima circulou pela cidade, com a rapidez das más novas, não houve um coração que se não commovesse, não houve uma consciencia que se não perturbasse. A vida d'esse homem publico, tão discutido, em torno do qual tantas paixões se teem desencadeado, amado por uns até ao fanatismo, combatido por outros com furia, desenrolou-se aos olhos de todos os que seguem a politica do seu paiz. E n'essa vida, com a recordação da sua combatividade, veiu a memoria de todos os seus actos, de todos os seus gestos,—os actos, os gestos d'um homem que ha dez annos occupa n'este paiz uma situação preponderante, um dia fundibulario gigantesco contra uma monarchia decadente; outro, revolucionario audacioso que vibra a esse regimen os ultimos golpes; outro, estadista não menos arrojado que, implantada a Republica, a firma juridicamente com um conjuncto de leis novas e procura amparar o futuro da sua patria pelo equilibrio financeiro do Estado.

A memoria d'esses actos, d'esses gestos, permitte fixar a grandeza do seu vulto historico, e perante essa obra de toda a sua vida, amigos, indifferentes, adversarios, todos teem a percepção intima de que esse homem é um grande cidadão, destinado pelos seus talentos, pela sua energia e pelo seu trabalho a merecer as consagrações da posteridade. E em presença da eventualidade do seu desapparecimento em quantas consciencias em que alvorece a justiça não desponiará tambem o remorso!

E' preciso que esta impressão se não perca,—que ella contribua a depurar as nossas dissenções politicas dos extremos da paixão que se resolvem em injustiças e odios. Para que havemos de esperar a hora em que uma existencia vacilla, junto dos humbraes da eternidade, ou n'elles definitivamente penetrou, para comprehender que as nossas luctas de principios, os nossos conflictos de ideias, se conturbam e rebaixam com um rancor pessoal, absolutamente injustificado, porque nem sequer, na maior parte dos casos, adveem de aggravos pessoaes? O que succede com o sr. Affonso Costa succede com outros homens eminentes da Republica, com outros homens eminentes do paiz. Se ámanhã elles forem victimas d'um desastre egual, se a sua vida perigar, se desapparecer, uma impressão identica revelará um estado de espirito semelhante. Comprehenderemos as nossas injustiças, os exaggeros da nossa paixão, e em voz alta ou n'um grito intimo arrepender-nos-hemos da violencia com que uma verdadeira allucinação conturbou a clara luz do nosso espirito.

Então, aos que falleceram, desejariamos resuscital-os; aos que estão em perigo desejariamos possuir o poder maravilhoso de affastar de junto d'elles a sombra pavida da morte. Falo-hiamos pela noção da justiça, que nunca desapparece das consciencias; fal-o-hiamos pela segurança dos nossos ideaes, pelos interesses da nossa patria, pela propria grandeza da humanidade de cuja acção esses homens são particulas fortes e palpitantes.

***

Em toda a parte, os conflictos dos homens, em materia politica, assumem o caracter de luctas das ideias. Tanto estas teem de fecundas e luminosas quanto as outras teem de estereis e tenebrosas. Em toda a parte se comprehende já que os homens só devem ser apreciados como agentes d'essas ideias. Por maiores que elles sejam, a sua eliminação, o seu desapparecimento nunca representaria a liquidação do pensamento que os norteou. Os odios, os rancores são, portanto, além de selvagens, absurdos. Ninguem vence, se não convence, e para convencer não bastam golpes, injurias, imprecações: é necessaria a razão, alma das ideias, força do pensamento, vida do espirito.

Toda a solução do problema politico em Portugal está na renuncia aos processos condemnados das nossas controversias de principios. O conflicto que entre nós se observa, e que tem produzido as intransigencias irreductiveis com que tanto teem soffrido o paiz e a Republica, não repousa, na realidade, n'uma fundamental divergencia d'esses principios. Adveiu da forma como essas luctas se teem travado, advem de algumas palavras irreparaveis, d'alguns gestos de deploravel violencia. Tudo isso deriva de não se attender á noção da justiça, porque ella demonstraria aos que em taes pugnas se dilaceram a sua falta de razão, o seu esquecimento da verdade, a sua deploravel cegueira.

E vem um dia a fatalidade. O adversario, ferido por ella, cae por terra. Dir-se-hia então que uma funesta embriaguez se dissipa, e é perante esse corpo cahido que melhor reconhecemos a sua grandeza, a grandeza do seu espirito. Comprehendemos o vacuo que se produzirá pelo desapparecimento d'esse vulto, trememos pelo futuro, reconhecendo a falta que elle faria, e que será tanto maior quanto a sua substituição mais problematica se affigurará. A impressão é a mesma em todos os peitos. E no sobresalto pela causa dos principios, pelo interesse da patria, surge a justiça a definir soberanamente o caracter d'uma vida e a logica d'uma acção.

***

O que hoje succede com o dr. Affonso Costa succederia ámanhã com outros homens publicos do paiz se desgraçadamente nas mesmas circumstancias se encontrassem. Pois bem! Que d'este tristissimo incidente fique ao menos a lição que elle comporta. Já que, por momentos, nos investimos na posse do juizo historico, appliquemos as sancções d'esse juizo ao instante presente. Reconheçamos todos que temos errado, que temos sido injustos, que temos, embora, porventura, com intenções puras, enfraquecido a Republica com as nossas paixões inexoraveis. Reconheçamos a todos o logar que justamente occupem, e discutamos a sua obra sem odios nem represalias. Não fallemos só nos seus erros, se os praticam; alludamos tambem aos seus serviços, se realmente os teem prestado. A acção dos homens publicos não pode julgar-se só por um detalhe. E' preciso examinal-a em bloco, e só depois d'isso se pode concluir, com rigor, se ella foi boa ou má para as ideias e para as nações.

Em todas as eras, a dôr tem sido fecunda. Não seja infecunda agora.

MAYER GARÇÃO

"O cigarro do soldado,"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$00 do sr. F. G.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Migalhas

O "busilis,"

Com aquella penetração de espirito que me torna o rival mais conceituado de Madame Brouillard, eu já tinha previsto, n'uma «Migalha» de antes do 14 de maio, a difficuldade de se applicar a lei da separação dos ordenados e dos thalassas. Já então eu annunciava que, assim que interviesse na chimica da politica alfacinha um acido violento—no caso foram os canhões da divisão naval—logo o precipitado de côres baralhadas, d'essa epoca, se tornaria rapidamente vermelho, d'um bello vermelho uniforme. Como se hão de separar dos cargos publicos os thalassas, se não ha hoje um só para amostra n'essas secretarias do paiz? Ha — sem duvida alguma — alguns funccionarios, que criticavam asperamente a Republica, mas não era para ajudar a derrubal-a: era na boa intenção de a vêr melhorada. Realmente, pelo ar satisfeito com que elles commentavam a crise do regimen e annunciavam a restauração do outro, podia parecer que elles eram contra a Republica. Não eram. Andavam contentes para disfarçar, como aquelle policia da revista do anno, que, no tempo da monarchia, aggredia o povo dos comicios na furia d'este não proclamar mais depressa a Republica.

Já não ha thalassas, meus senhores. D'um sei eu que, em vinte e quatro horas, mudou tão rapidamente de pelle que está deputado nas Côrtes. Com medo de ir preso, metteu-se a politico. Outros apresentam tão valiosos attestados de bom comportamento, passados por republicanos profissionaes, que realmente seria uma infame perseguição o separal-os dos seus cargos. O melhor é conserval-os, especialmente como barometros. Em elles tornando a fingir que são thalassas, já os republicanos ficam sabendo que chegou o momento de fazer outra revolução. Ha um proverbio francez que diz: —«Jamais deux sans trois».

Não façamos mentir os proverbios.

André Brun.

O DESASTRE DE HONTEM

O SR. DR. AFFONSO COSTA CONTINÚA EM ESTADO GRAVE

Victima d'um desastre encontra-se em perigo de vida, no hospital de S. José, o sr. dr. Affonso Costa, chefe do partido republicano portuguez e uma das principaes, se não a principal individualidade do nosso meio politico. A importancia d'este facto grave, que não motiva só uma impressão dolorosa, mas justifica um grande receio pelo futuro sobretudo nas actuaes circumstancias politicas, certamente se ergue perante todos os cidadãos portuguezes, e sobretudo perante os amigos e correligionarios do illustre estadista republicano, devendo incutir-lhes, entre as suas naturaes anciedades, o espirito das mais patrioticas energias.

Ha esperanças de salvar o sr. dr. Affonso Costa. Confia-se em que a sua robusta constituição physica triumphe da situação terrivel em que se encontra. Para que tal succeda fazemos nós, devem fazer todos os bons patriotas, todos os bons republicanos, os mais calorosos votos. Mas se a esperança de o ver resurgir dos limiares da morte deve animar os corações, a possibilidade do seu desapparecimento não os deve enfraquecer. Pelo contrario. E' n'estes lances que a tempera dos caracteres se avalia, que o amor a uma causa deve soberanamente manifestar-se. Estão á prova as virtudes patrioticas, as energias republicanas do partido que o tem por chefe, e ao qual a sua voz, vibrante como um clarim, nunca deixou de dar estimulos de vida, de fé e de coragem.

A hora não é para desanimo. A hora é para encarar, de pé, e valorosamente, uma tremenda contingencia para a vida nacional e para a existencia da Republica. O partido republicano portuguez tem de se mostrar absolutamente digno das suas tradicções, da confiança que n'ele deposita o povo, da alta missão que lhe cabe na politica da nossa terra, onde elle representa uma força importantissima não só das instituições como dos ideaes progressivos que as determinam.

N'esta batalha da vida, em que a independencia e a liberdade d'uma patria estão em jogo, se desgraçadamente houver a prantear a queda d'um dirigente de tamanho vulto, não é o desanimo, não é a fraqueza, não é a dispersão que se podem assignalar. Pelo contrario, nunca maior firmeza foi necessaria. Nunca se tornou tão indispensavel maior resolução, orientação mais segura, energia mais comprovada. E se o seu chefe podesse, n'este momento, proferir uma voz de commando, essa palavra seria a que o seu espirito de admiravel combatividade nos auctorisa a suppôr, isto é, um brado de reunião de todas as forças, um appello vehemente á vitalidade do seu partido, para garantia da Republica e segurança da Patria.

Não basta que transitoria ou definitivamente se cale uma voz, que jámais cessou de clamar fé, energia, ardente confiança no futuro e na justiça d'um ideal. Fechada embora a bocca d'onde ella tantas vezes sahiu, a afervorar multidões, todos nós sabemos que outra não seria a expressão da sua consciencia e da sua vontade.

O partido republicano portuguez tem de se mostrar digno da missão que lhe compete. Não duvidamos de que permanecerá firme, revelando-se á altura d'essa missão. Por isso, esperando que o seu chefe volte a guial-o com todas as suas poderosas faculdades de pensamento e de acção, não duvidamos que, se a desgraça lh'o arrebatar, não desapparecerão por isso as suas energias patrioticas e republicanas. Cumpre-lhe conservar a sua unidade, retemperar-se da dôr, elevar-se tanto mais alto quanto mais fundo fôr o golpe que o venha a ferir, manter a sua unidade, n'uma palavra, continuar a ser o que tem sido até agora, atravez de todas as eventualidades, arrostasdo todos os perigos, resistindo a todos os desfallecimentos, fazendo calar todas as ambições,—isto é, o partido mais forte e mais avançado da Republica, e por isso mesmo a sua garantia mais segura, a sua mais inabalavel égide!

Antes do desastre

Hontem, terminado o almoço realisado a bordo do *Vasco da Gama*, o illustre estadista dirigiu-se para sua casa, onde esteve conversando com varios amigos e pessoas de familia, mostrando-se muito satisfeito. Jantou ás 20 horas e 30 minutos. Perto das 22 horas, acompanhado pelos srs. dr. Germano Martins, dr. José Tavares, dr. José de Abreu, Antonio Tudella, Urbano Rodrigues e por seu irmão Arthur, sahiu de casa com destino á Alameda de Algés, sempre muito bem disposto. Ao chegarem ao fim da rua Braamcamp, o sr. Urbano Rodrigues seguiu para a casa de saude da Avenida, a visitar o sr. Antonio Maria da Silva, emquanto o sr. dr. Affonso Costa e os seus companheiros aguardavam a chegada do carro para o Dafundo, em que se metteram. Meia hora depois deva-se o desastre, que alguem, malevolamente, referia pelo telephone á esposa do illustre estadista, a qual ficou bastante apprehensiva, embora não desse credito á triste noticia, porque muitas vezes lhe teem sido communicadas, tambem pelo telephone, noticias de suppostos desastres succedidos a seu marido, apenas com o fim perverso de a ferirem no seu amor de espesa. Foi o deputado Urbano Rodrigues quem a informou do que se tinha passado, indo depois a sua casa o sr. dr. Francisco Gentil.

Uma coincidencia lamentavel

Já os jornaes da manhã narraram as condições em que se produziu o tristissimo desastre. Acompanhavam o illustre estadista seu irmão, o sr. Arthur Costa, e os seus amigos dr. Germano Martins, Antonio Tudella e dr. José Tavares. Só pelo panico terrivel que se produziu dentro do carro electrico no momento da explosão é possivel explicar o gesto desvairado do sr. dr. Affonso Costa, saltando pela janella quando o carro seguia vertiginosamente pela linha fóra. Mas deu-se uma coincidencia lamentavel, no dia de hontem, e que muito devia ter contribuido tambem para aquella resolução precipitada. Foi o aviso, que o sr. dr. Affonso Costa recebeu, de que alguns dos seus inimigos machinavam contra elle novo attentado. Essa prevenção foi-lhe feita por um dos elementos civis que estiveram a bordo do «Vasco da Gama» depois do almoço que ali se realisou. E' natural que o sr. dr. Affonso Costa, ouvindo o formidavel estampido da explosão, que encheu o carro d'uma fumarada densa, suppuzesse que se tratava de qualquer bomba de dynamite arremessada pelos seus inimigos. D'ahi, o gesto desesperado de tentar salvar-se por um meio extremo.

No hospital de S. José

Dolorosa espectativa—A chegada do sr. dr. Daniel de Mattos —O boletim das 12 horas

Toda a noite se conservaram no hospital de S. José amigos dedicados do illustre estadista, procurando a todos os instantes saber informações do seu estado. A's dez horas da manhã recorda-nos ter visto ali, entre muitas outras pessoas, os srs. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, presidente da Camara dos Deputados, dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento, Victorino Guimarães, ministro das finanças, França Borges, dr. Alexandre Braga, dr. Barbosa de Magalhães, dr. João de Barros, dr. Gastão Correia Mendes, Victorino Godinho, Antonio Tudella, Lucio de Azevedo e Alfredo Pinto. Aguardavam noticias fóra do edificio, junto á entrada do corredor que conduz ás enfermarias particulares, conversando em voz baixa, divididos em pequenos grupos. Adivinhava-se bem a dolorosa espectativa em que todos se encontravam. Dentro do corredor, á esquerda, agglomeravam-se dezenas de pessoas que esperavam a vez de assignar o seu nome nas folhas destinadas aos visitantes. Um pouco mais adeante a passagem era impedida por dois bancos collocados a toda a largura do corredor.

Pouco depois das 10 horas approximou-se o sr. dr. Bernardino Machado, que vinha do quarto do enfermo. Immediatamente assediado com perguntas, s. ex.ª respondeu que havia esperanças de salvação. Um medico que tinha ido conferenciar com os seus collegas informou alguns amigos de que o doente tinha dormido um pouco durante a noite. Pela madrugada tivera accessos de delirio, mas áquella hora estava relativamente tranquillo. A hemorragia, pouco abundante, tinha desapparecido. Os medicos que o observaram mostravam-se contrarios a qualquer intervenção cirurgica. Havia que confiar na resistencia do seu organismo, posto já a prova triumphantemente quando da enfermidade que o teve ás portas da morte em junho de 1911.

Todas essas noticias são acolhidas com uma anciedade que é impossivel descrever. A multidão augmenta todos os minutos. Os automoveis e carruagens mal cabem já na ladeira do hospital fronteira a essa parte do edificio. A's dez horas e vinte minutos chega o sr. dr. Daniel de Mattos, que se apeia do automovel e se encaminha rapidamente para o corredor. N'um movimento instinctivo de respeito, todas as pessoas que ali se encontram descobrem-se á sua passagem. Elle mal repara n'isso e desapparece logo. Alguem nos communica a sua opinião, só pelas informações que lhe tinham sido prestadas ao descer do comboio. Inclinava-se a acreditar na fractura do craneo, do que ainda não havia certeza ás primeiras horas da manhã, achava impossivel a operação e considerava bom symptoma a relativa tranquillidade do doente. Sabia-se, de resto, que elle tinha já conversado um pouco e pedido agua para beber.

A's dez e meia estavam algumas centenas de pessoas em frente do corredor das enfermarias particulares. Pouco antes tinham chegado os srs. capitão-tenente Oliveira Muzanty e Correia dos Santos. A's dez e quarenta minutos apeou-se d'um automovel o sr. capitão de fragata Leotte do Rego, que se tinha conservado no hospital quasi toda a noite. Voltava a saber as ultimas noticias. Foram-lhe dadas pelos srs. dr. Alexandre Braga e Victor Hugo de Azevedo Coutinho. Um quarto de hora após a sua chegada recebeu outra noticia triste: o desastre dos marinheiros, em frente de Peniche. O sr. Leotte do Rego dirigiu-se immediatamente para o Arsenal a colher informações.

Depois da chegada do sr. dr. Daniel de Mattos os medicos examinaram novamente o enfermo e reuniram em conferencia para a redacção do boletim, que marca o seu estado ás 12 horas. E' o seguinte:

Diagnostico: fractura da base do craneo (andar medio) e fractura costal á esquerda—Pulso, 88—Respiração, 39—Temperatura, 37,8—Tratamento: repouso absoluto—Prognostico: O doente tem dormido alguns somnos. O seu estado conserva-se, porém, ainda melindroso.

Daniel de Mattos, Avelino Monteiro, Bello de Moraes, Salazar de Souza, Désiré Cambournac, Francisco Gentil, Costa Nery, Costa Santos, Azevedo Gomes.

Anciedade de noticias

O sr. ministro da Inglaterra vae informar-se do estado do enfermo

Durante todo o dia, especialmente de tarde, foi extraordinaria a affluencia de pessoas que iam ao hospital saber noticias do sr. dr. Affonso Costa. Os amigos mais intimos do illustre estadista são rodeados a todos os instantes pela multidão, que pergunta pelo seu estado com commovida anciedade.

O sr. Arthur Costa, visivelmente acabrunhado e abatido, tem permanecido quasi sempre no corredor dos quartos particulares do hospital de S. José, sentado n'uma cadeira de verga, e constantemente rodeado por amigos e correligionarios.

No corredor anda-se o mais ligeiramente possivel e não é permittido falar. Os medicos assistentes recommendam mesmo o maximo rigor no cumprimento das ordens dadas á tal respeito, visto o doente carecer do mais absoluto repouso. De minuto em minuto, porém, a porta abre-se para deixar passar mais amigos do enfermo.

Constantemente, entram boletineiros com telegrammas enviados da provincia e de Lisboa, directamente para o sr. dr. Affonso Costa ou para seu irmão, e ainda para os srs. dr. Germano Martins e Urbano Rodrigues.

O sr. Lancelot Carnegie, ministro da Inglaterra em Lisboa, vem pessoalmente saber noticias e é recebido e informado pelo sr. Urbano Rodrigues, retirando-se pouco depois com aspecto pesaroso.

Ha agora ordens mais apertadas para que no corredor não permaneçam visitantes, nem de elevada cathegoria; e a ordem cumpre-se, sendo absolutamente prohibida a entrada ali seja a quem fôr. O serviço de enfermagem é feito todo elle sob as ordens do enfermeiro chefe dos quartos particulares, sr. José Augusto da Costa.

Poeira da Arcada

Ha quem tenha tal amor ás suas opiniões que, apesar de as não macular, as guarda dentro de si, evitando submettel-as a discussão. A gente calma, em geral, assim procede. Os annos passam e as opiniões empallidecem. E um dia morrem tristemente como flores n'uma estufa. E sobre a sua campa nem as saudades tangem a melopeia das magoas.

***

Pode alguem ser poeta sem escrever versos? Até fazendo asneiras, certos homens revelam que podiam fazer poemas. No emtanto, não se decidem a isso. Porquê? E' que a poesia é um dominio tão vasto que abrange todas as aspirações. Emquanto uns afeiçoam ou jungem rimas, outros, mais vastos nos seus desejos, buscam o ideal, jogando toda a sua existencia n'uma grande aventura ou partida. São esses os que não emocionam com palavras, mas com actos.

A sua biographia tem o traçado da via-lactea e varios calvarios na sua alta curva.

***

De vez em quando, apparecem nos periodicos lamentos de paes, cujos filhos desertaram do lar domestico, sem deixar rasto. Os tristes choram a sua desdita. E pedem a toda a gente que lhes indique o paradeiro dos desgarrados. Quasi sempre ficam sem resposta. E em anciosa espectativa, os seus corações vão-se acalmando n'uma lugubre resignação. E' ordinariamente assim que se fixam as dôres mudas que se entremostram nos olhos apagados dos paes que de tanto amarem os seus filhos não souberam moderar n'elles as ambições das loucas, turbidas aventuras.

Os submarinos allemães

e a sua obra em trez mezes de guerra

A *Vossiche Zeitung* de 6 de junho publica a lista dos navios torpedeados por submarinos germanicos desde 18 de fevereiro a 18 de maio. N'essa lista não figuram senão barcos inglezes, russos e francezes, occultando-se cuidadosamente os nomes dos navios neutraes que foram egualmente afundados pelos allemães. A lista é a seguinte, por ordem chronologica:

A 18 de fevereiro, *Dinorah*, francez, 4.208 toneladas; a 20, *Cambank*, inglez, 3.112; a 23, o *Oakbey*, inglez, 1976; a 20, o *Downshire*, inglez, de 365; a 24, os navios inglezes *Westam Coast*, de 487, *Depbford*, de 1.2?8. *Harpalion*, de 5.867, *Rio Parana*, de 4.015, e *Branksome Chine*, de 2.026; a 7 de março, o *Bengrove*, inglez, de 3.840; a 9 do mesmo mez, os inglezes *Princess Victoria*, de 1.108, *Targistan*, de 3.738, *Blackwood*, de 1.230, e o francez *Gris Nez*, de 208. Até 2 de abril são victimados só navios inglezes. A 11 de março, o *August Conseul*, de 2.952; o *Florazan*, de 4.600, e o *Adenwen*, de 3.798; a 12, o *Headlands*, de 2988, o *Andalusian*, de 2.349 e o *Indian City*, de 4.645; a 13, o *Haridale*, de 3.839, e o *Invergyle*, de 1.794; a 14, o *Atlanta*, de 519; a 15, o *Fingal*, de 1.567, e o *Durham Castle*, de 8.228; a 16, o *Lenwarden*, de 990, e o *Hyndford*, de 4.286; a 17, o *Glenartney*, de 5.201, e o *Rivaulx Abbry*, de 1.166; a 18, o *Blue Jacket*, de 3.315; a 19, o *Beeswing*, de 2.002; a 27, o *Cairntorr*, de 3.588, e o *Concoad*, de 2.861; a 24, o *Delmira*, de 3.459; a 27, o *Falaba*, de 4.806, e o *Aguila*, de 2.141.

A 28 o *Vosges*, de 1.295; a 29, o *Flaminian*, de 3.500; a 30, o *Crown of Castile*, de 4.505; a 31, o *Emma*, de 1617, e o *Seven Seas*, de 632. A 1 de abril afundaram-se o *Jason*, o *Gloxinia* e o *Nellie*, respectivamente com 176, 145 e 109. A 2, o *Lockwood*, de 1.143, o *South Point*, de 3,837 e o *Paquerette*, francez, de 400; a 4, o inglez *Olicine*, de 634; o russo *Hermes*, de 1.019, e o *City of Bremen*, inglez, de 742; a 5, o *Northlands*, inglez, de 2.776, e o *Acarita*, inglez, de 171; a 7, o *Zarina*, de 154; a 8 o francez *Chateaubriand*, de 2.247; a 9 os inglezes *Elmina*, de 4.792, e o *General de Sonis*, de 2.190; a 10, o *Harpalyce*, inglez, de 5.940, e o *President*, inglez, de 647; a 11, o francez *Frederic Franc*, de 973. Segue-se nova lista de navios inglezes: a 12, o *Wayfarer*, de 9.599; a 14, são torpedeados novo navios: *Ptarmigan*, de 780; *Rapid*, de 170; *Resto*, de 169; *Rio*, de 117; *Mercia*, de 175; *Ferret*, de 157; *Stirling*, de 165; *Horatio*, de 174, e *Argentina*, de 177. A 18, o *Vanilla*, de 158; a 21, o *Envoy*, de 156; a 22, o *St. Lawrence*, de 196; a 26, o *Recolo*, de 176; a 28, o *Lilydale*, de 12?, e o *Mobile*, de 1915; a 29, o *Cherbury*, de 3.220. No mez de maio, temos: a 1, o *Edale*, de 3.110, e o russo *Svorono*, de 3.1?2; a 2, o francez *Europe*, de 4769 e os inglezes *Fulgent*, de 2.008, *Sunray*, de 165, *Cruiser*, de 155, *Martaban*, de 148, *Mercury*, de 222, *St. Georg*, de 229, *St. Louis*, de 211, e *Emblem*, de 157. A 3, os inglezes *Jolanthe*, de 180, *Hero*, de 178, *Northward Ho* de 180, *Hector*, de 179, *Progress*, de 279, *Coquet*, de 176, *Bobwhite*, de 18?, e *Scottisch Queen*, de 125. A 4, sempre inglezes: *Rugby*, de 205, e *Uxbridge*, de 146. A 5, *Scepte*, de 166, *Straiton*, de 333, *Minterne*, de 3.018 e *Earl of Latham*, de 132. A 6, *Candidate*, de 5.858, *Centurion*, de 5.945, *Truro*, de 836, *Merry Islington*, de 147, e *Don*, de 168. A 7, o *Lusitania*, de 31.350, e o *Benington*, de 131. A 8, o *Queen Wilhelmina*, de 3.590, e o *Hellenic*, de 181. Finalmente, a 18, o *Drumcree*, de 4.052.

E' esta a obra dos submarinos. Por via dos cruzadores allemães que saqueavam os mares e já felizmente foram destruidos, perdeu ainda a Inglaterra 52 navios de commercio, com um total de 205.379 toneladas.

Os 111 navios inglezes destruidos por submarinos deslocavam 215.796 toneladas. Na lista das perdas segue-se a França, com 7 navios (14.422 ton.) e a Russia, com 2 navios (4.121 ton.)

O exame da lista que publicamos indica que os allemães pouco mais conseguem do que destruir por dia um navio inimigo. Precisariam, pois, muitos annos para anniquilar por este processo a immensa marinha de commercio inimiga.

Pela carta que acompanha a estatistica da *Vossische Zeitung*, vê-se que o local mais perigoso para a navegação mercante é o Canal da Mancha, onde foram afundados 19 paquetes com um total de 60.000 toneladas.

UMA TRAGEDIA NO OCEANO

Onze marinheiros mortos

Pertenciam á guarnição do aviso «5 de Outubro», fundeado em Peniche, e tinham deixado o navio para uma pescaria

Uma noticia, sensacionalmente emocionante, circulou hoje de manhã pela cidade, a augmentar a commoção que por toda a parte despertara o desastre soffrido pelo eminente democrata sr. dr. Affonso Costa. Algumas praças da guarnição do aviso *5 de Outubro*, fundeado em Peniche, encontraram a morte no oceano, dizendo-se que o numero das victimas era consideravel. Prezas de indizivel angustia, pessoas de familia dos marinheiros acudiram immediatamente ao ministerio da marinha e ao arsenal, em busca de informações. Em nenhum d'esses pontos a tragica noticia tivera confirmação ainda e as pobres mulheres, soluçando, interrogavam dolorosamente as trepidações dos apparelhos, como se estes pudessem de um momento para o outro annunciar-lhes a triste nova do desapparecimento de um marido, de um irmão ou de um noivo.

A primeira informação recebida em Lisboa, ácerca da tragedia, teve-a o ministerio do interior, por telegramma expedido de Leiria pelo governador civil. O sr. dr. João Salema dizia:

Com verdadeiro pezar communico a V. Ex.ª que, pelas 2 horas, uma lancha do aviso *5 de Outubro*, fundeada em Peniche, tripulada por 12 marinheiros para pescar, virou-se morrendo onze e salvando-se um que foi transportado ao hospital. Telegraphei ao administrador ordenando que preste todos os serviços. (as.) Governador civil *João Salema*.

Era dolorosamente verdadeira a noticia do desastre que enlutára a marinha portugueza, se bem que reduzida nas extraordinarias proporções que a versão popular lhe attribuira de começo. Como os telegrammas não indicavam os nomes das victimas, durante toda o dia numerosas pessoas se conservaram no Arsenal e nos ministerios, entregues á mais profunda anciedade.

Ao ser conhecido officialmente o desastre, o chefe do governo apressou-se a dirigir ao commandante da divisão naval o seguinte telegramma:

Em nome do governo apresento a v. ex.ª as condolencias pelo lamentavel desastre de Peniche, que nos arrebatou onze dedicados companheiros que faziam parte da divisão sob o digno commando de v. ex.ª no aviso *5 de Outubro*.—(a) *Presidente do conselho.*

Na estação telegraphica central era tambem affixado o seguinte telegramma:

C. Carvoeiro, 3.—Informam-me terem perecido afogados esta madrugada, na praia de Peniche, onze marinheiros do aviso *5 de Outubro*, salvando-se um que deu entrada no hospital. Os cadaveres ainda não appareceram.

Entre as tripulações da divisão, surta no Tejo, a noticia do desastre produziu a mais viva e profunda commoção. As praças licenceadas, na maioria, desistiram do desembarque, tendo o commandante expedido de bordo do *Vasco da Gama* um telegramma de sentimento ao commandante e officiaes do aviso.

O desastre que tão rudemente experimentou a guarnição do *5 de Outubro* deu-se nas primeiras horas da madrugada. As praças tinham, durante o dia, combinado uma pesca e aguardavam o momento propicio, fóra do serviço, para se fazerem ao largo. Eram 12 os companheiros, munidos do indispensavel material pescatorio, suppondo-se que a embarcação levasse peso a mais e d'ahi o motivo do tristissimo acontecimento que enlutou a marinha portugueza.

Na excursão tomaram parte o 2.º contramestre n.º 465, José Augusto Rodrigues, 1.ºs marinheiros n.ºs 2.157, Ernesto de Jesus, e 2747, Manuel André, 2.º marinheiro n.º 2728, Alfredo José d'Araujo, 2.º telegraphista n.º 3764, Joaquim Francisco Affonso, 1.ºs grumetes n.ºs 3.086, José Augusto, 3.415, José Pedroso Carvalho, 2.ºs fogueiros n.º 1.693, Roberto Zau, n.º 2115, João Dias Quiterio, 2.º cozinheiro n.º 1386, Joaquim Viegas, corneteiro n.º 4.085, Alipio Martins, e o 2.º fogueiro n.º 2.304, Bernardo de Magalhães.

Voltando-se a embarcação todos os tripulantes desappareceram, sem poderem ser soccorridos, tendo escapado apenas o ultimo, que foi recolhido no hospital.

O antigo *yacht D. Amelia*, que em seguida á implantação da Republica passou a denominar-se aviso *5 de Outubro*, proseguia na praia de Peniche a missão que ha dois annos vem realisando, que é a de dotar o paiz com uma carta hidrographica das costas portuguezas. Não existia documento nacional algum d'esse genero. As cartas estrangeiras, incorrectas, defficientes, apresentavam zonas enormes sem a menor indicação, e os baixos existentes ao longo da costa, perigosissimos para a navegação, eram apenas indicados pelos pescadores das localidades. Commanda o *5 de Outubro* o capitão de mar e guerra sr. Hugo de Lacerda, a quem a hidrographia continental e colonial deve já assignalados serviços. Existem já, mercê dos trabalhos realisados n'estes dois annos, cartas perfeitissimas, em que estão consignados todos os incidentes corographicos da costa norte até ao ponto em que agora se deu o desastre, ostentando cada uma d'ellas detalhes especialissimos sobre os differentes pontos do percurso.

Assignaram esses trabalhos hidrographicos os srs. capitão-tenente Almeida Carvalho, 1.ºs tenentes Lopes, Botelho de Sousa, H. Herz e Possante e 2.ºs tenentes Serra Guedes e Frade, tanto mais dignos de elogio quanto é certo que não são especialistas n'esses estudos e que ao levan-

ULTIMAS NOTICIAS

lamento da carta dedicaram todo o seu esforço intelligente para realisar um trabalho cuja lacuna vexava a marinha portugueza.

Dentro de pouco tempo, o antigo *yacht* das explorações oceanographicas irá continuar a sua missão no littoral das colonias, visto que estão já estudados a embocadura do Tejo até cabo Raso, o porto de Setubal e uma parte da costa algarvia.

VICTIMAS DA GUERRA

Um appello do ministro de Italia

O ministro de Italia em Portugal convidou todos os italianos residentes em Lisboa ou de passagem n'esta cidade a concorer com qualquer donativo para as familias necessitadas dos mobilisados italiaos e das victimas a guerra.

A chancelaria da legação, na rua do Mundo, 2, está aberta todos os dias das 10 ás 12 horas, e o ministro chama a attenção de todos os seus compatriotas para o fim altamente patriotico e humanitario a que se destina a subscripção.

Aviação militar

Voluntarios para a frequencia da respectiva escola

A' noticia que hontem publicámos ácerca dos voluntarios de marinha que pedem para ser inscriptos nos futuros cursos de aviação temos a acrescentar o nome do tenente sr. Carlos Correia Paraizo, que desde alguns annos se tem dedicado a este estudo, existindo no ministerio da guerra varios requerimentos seus para ser admittido á frequencia da respectiva escola.

Escreve-nos tambem o sr. Firmino C. Gil, caixeiro viajante, 26 annos de edade, morador na rua Antonio Maria Cardoso, 68, 3.º, declarando desejar dedicar-se ao mister de aviador militar. Egualmente pede para ser inscripto na Escola de Aviação o sr. Joaquim Pereira Ribeiro, 2.º marinheiro signaleiro.

No Lyceu Camões

A conferencia de hoje

No lyceu Camões realisou-se hoje a conferencia promovida pela Liga Portugueza dos Educadores, sendo numerosa a assistencia tanto de professores, como de alumnos e de publico. Presidiu á sessão o sr. dr. Bernardino Machado, que começou por dizer que se achava ainda sob a intensa commoção que lhe havia causado o desastre soffrido pelo grande professor e grande estadista dr. Affonso Costa, seu companheiro não só na campanha politica, mas na campanha educativa e precisamente na obra de extensão universitaria, que dirigira no Instituto de Coimbra. Era sobre essa obra de democratisação do ensino que ia fallar com a sua grande auctoridade o eminente reitor da Universidade de Lisboa, o illustre ministro que ainda ha pouco se assignalou pelos seus serviços á causa popular, o sr. dr. Almeida Lima.

Tomando a palavra, o conferente dissertou largamente sobre todos os aspectos do thema que escolhera, tendo insistido especialmente sobre a acção universitaria, que deve ser exercida sobre o ensino secundario e primario pela mais estreita solidariedade do magisterio ao seu alto objectivo commum.

A conferencia, que foi extremamente interessante pela analyse que fez da dispersão do nosso ensino foi ao mesmo tempo um apostolado ardente pela causa da educação, feito com uma eloquencia á altura do elevado posto que o sr. dr. Almeida Lima occupa.

O auditorio manifestou-se, applaudindo-o calorosamente, falando ainda o reitor do lyceu, sr. dr. Claro da Rica, que saudou o presidente e o conferente, salientando os serviços prestados pelo ministerio da instrucção, e o sr. Elias Garcia, secretario da Liga promotora que agradeceu aos srs. drs. Bernardino Machado, Almeida Lima e Claro da Rica, encerrando seguidamente a sessão.

Centro Escolar de Belem

A direcção do Centro Escolar Republicano de Belem foi pedir ao sr. director geral d'obras publicas que intercedesse junto do sr. ministro do fomento a fim de no edificio da escola d'esse centro se proceder á umas reparações de que urgentemente carece.

A propriedade do edificio é do Estado e a escola é frequentada por mais de 140 creanças de ambos os sexos, motivo mais que sufficiente para o pedido dever ser immediatamente attendido.

Concurso

Para 3.ºs officiaes de Contabilidade Publica

Está aberto até 26 de julho para provimento das vagas existentes e das que se derem durante um anno.

Vencimento Esc. 600800

E' necessario ter mais de 18 annos e o 5.º anno dos liceus, o curso secundario de commercio ou qualquer curso superior.

HABILITA Raul Valentim Lourenço, professor de commercio da Escola Industrial e Commercial Gil Vicente, diplomado com o Curso Superior de Commercio e empregado no Monte-pio Geral.

O ensino da legislação é ministrado por um professor diplomado com o Curso Superior de Commercio e 1.º official-chefe de secção da Direcção Geral da Contabilidade Publica.

Abertura de novo curso segunda-feira, 5, ás 20 horas e meia no Collegio Nacional, rua das Pedras Negras, 24 (á Magdalena).

Pedir condições do concurso pelo correio para a R. Nova de S. Antonio, 28, 3.º

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 3.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

O dia foi assignalado por uma recrudescencia de actividade da parte da artilharia inimiga, principalmente na Belgica. Na região de Neuville, em Ecurie, Roclincourt e na linha do Somme ao Aisne respondemos, fazendo fogo sobre as trincheiras e baterias inimigas. Na margem direita do Aisne, na região de Soupir e de Troyon, assim como na Champagne (linha de Perthes a Beauséjour) lucta de minas. Na Argonne o dia foi mais calmo. Depois do malogro das ultimas tentativas, o inimigo não pronunciou mais ataques de infantaria. Nos altos do Mosa, na trincheira de Calonne e na linha de La Haye, continúa o canhoneio. Nos Vosges algumas acções de artilharia em Fontenelle e em Hartmannuviller.—(*Havas*).

PARIS, 4.—Segundo o communicado official das 15 horas, os allemães na região ao norte de Arras, na noite passada, atacaram em formações cerradas as posições francezas de Chemin Creux, sendo repellidos.

Na Argonne o fogo da fuzilaria e o canhoneio não cessaram em toda a noite. Deante de La Haye, um batalhão allemão que pronunciára um ataque foi disperso, o mesmo succedendo com um meio batalhão que egualmente tentara atacar.—(*Havas*).

Um submarino inglez afunda um navio allemão

PETROGRADO, 4.—O estado maior da marinha communica que no dia 2 do corrente ás 3 horas da tarde um submarino inglez atacou e fez ir pelos ares por meio de dois torpedos no Mar Baltico, um navio inimigo do tipo de *Deutschland*.—(*Havas*).

Morgan ferido por um agente allemão

NOVA YORK, 4.—O celebre millionario J. Pierpont Morgan, quando se encontrava no seu palacio almoçando com o embaixador da Grã-Bretanha, foi subitamente alvejado com dois tiros por um individuo que, segundo se diz, desde a vespera se escondera na sua casa. Uma das balas entrou-lhe no peito, sahindo pelo braço, a outra atravessou-lhe a coxa.

O aggressor, que foi preso, chama-se Frank Holt, de nacionalidade allemã, e era professor d'essa lingua na universidade de Cornell. Interrogado sobre os motivos do seu crime, declarou que ferira o sr. Morgan por o considerar responsavel pela remessa de armas para os alliados.—(*Corresp.*)

O progresso dos inglezes no Sudoeste Africano

PRETORIA, 4—O general Botha occupou Otavi em 1 do corente.—(*Havas*).

A importancia do facto noticiado por este telegramma resalta nitida do exame da carta geographica. Otavi é um grande centro mineiro, ao norte da colonia allemã do Sudoeste Africano. Com a sua occupação os inglezes estão na posse de quasi toda a rede ferro-viaria, faltando apenas tomarem conta dos dois pequenos ramaes que ligam Otavi, por um lado, com Toumeb, de onde partiu a expedição que massacrou os portuguezes do Cuangar, e por outro lado, com Grootfontein, que era, até ha pouco, o ultimo reducto dos allemães.

A conquista d'estas duas posições, agora que o reabastecimento das tropas do major Frank é absolutamente impossivel, deve verificar-se dentro de poucos dias.—(N a R.).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 4—(Official)—Ao Caucaso foi repellido um ataque inimigo na direcção de Olty. Na região de Karaderbant os russos apoderaram-se das alturas a oeste da aldeia de Aidarkoin. No resto da linha não houve modificação alguma.—(*Havas*).

A revolução no Mexico

Considera-se inevitavel a intervenção dos Estados Unidos

EL PASSO (Texas) 4—Em consequencia do desapparecimento do general Crozzo, que era vigiado pelo governo americano, o general Huerta foi novamente preso.

PARIS, 4, — O *New York Herald* diz que, em razão da anarchia do Mexico, se considera inevitavel a intervenção dos Estados Unidos.—(*Havas*)

Catastrophe ferro-viaria

3 mortos e 40 feridos

TACONA (Washington), 4— Cahiram de um viaducto proximo de Pramier todos os wagons de um comboio de Chicago para Milvasckee, na linha de S. Paulo. Houve 3 mortes e quarenta feridos.—(*Havas*).

TOURADAS

Campo Pequeno

A festa de José Casimiro attrahiu á praça do Campo Pequeno uma enchente colossal. Teve as honras da tarde o festejado, que no 6.º touro teve quatro ferros compridos e dois curtos applaudidos. No 8.º, em que lidava a pé, metteu dois pares de bandarilhas magnificos, mettendo Manuel Casimiro trez bons ferros. Da gente de pé estiveram todos diligentes, ouvindo muitos applausos e distinguindo-se Custodio Domingos no trabalho de muleta.

DR. AFFONSO COSTA

O que disse o dr. Daniel de Mattos—O interesse do presidente da Republica

O extraordinario interesse que desperta o estado do sr. dr. Affonso Costa e a anciedade com que se aguardam noticias das suas melhoras manifestam-se a cada instante, recebendo-se continuamente de toda a parte pedidos de informações.

Pelas 16 horas, o sr. dr. Daniel de Mattos acompanhado pelo sr. Germano Martins e Arthur Costa, esteve n'um gabinete contiguo ao quarto do enfermo, onde lhe foi entregue o seguinte telegramma:

«BOMBARRAL, 4 ás 13.—O antigo discipulo de v. ex.ª pede informação estado dr. Affonso Costa—João Carvalho».

O illustre professor respondeu:

«Estado ainda melindroso mas não peor».

Depois, voltando-se para o dr. Germano Martins, disse:

—Se elle acordar, digam-lhe que eu me fui para Coimbra por urgencia de serviço, mas que parto satisfeito com as suas progressivas melhoras. E' preciso animal-o. E é mesmo bom signal se elle, ao acordar, perguntar por mim ou por alguem.

—O sr. dr. Daniel de Mattos retirou para Coimbra no comboio das 18 e 55.

O sr. Levy Bemsabat foi em nome do sr. presidente da Republica cumprimentar a esposa do sr. dr. Affonso Costa. O sr. dr. Theophilo Braga deu ordem para que de dez em dez minutos o informassem do estado do illustre estadista.

Os srs. João Chagas e Bernardino Machado no hospital—O interesse do sr. Manuel de Arriaga

De tarde, a informarem-se da saude do sr. dr. Affonso Costa esteve tambem no hospital o sr. João Chagas, acompanhado pelo sr. Barreto da Cruz e amparado ao seu braço. O grande jornalista mostrava-se muito commovido.

Tambem pelas 17 horas esteve, pela segunda vez, no hospital o sr. dr. Bernardino Machado que se retirou pouco depois acompanhado pelo sr. dr. Almeida Lima.

Em nome da União Republicana e representando o respectivo Directorio, esteve tambem o 1.º tenente de marinha sr. Carlos Pereira.

O sr. governador civil de Lisboa foi por varias vezes informar-se pessoalmente do estado do sr. dr. Affonso Costa.

Já depois das 18 horas, esteve no hospital a informar-se o sr. Roque de Arriaga, em nome do sr. dr. Manuel de Arriaga, sendo recebido pelo sr. Urbano Rodrigues, a quem disse que seu pae sentia profundamente o desastre d'hontem o qual consternou toda a nação portugueza e fazia votos pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa.

O sr. ministro da Belgica—Os srs. ministros do interior e da justiça—Em casa do sr. dr. Affonso Costa

O sr. ministro da Belgica esteve no hospital, inscrevendo o seu nome no livro dos visitantes.

O sr. ministro do interior foi ao hospital de S. José logo que teve conhecimento do desastre. Todos os outros ministros ali estiveram ou mandaram os seus secretarios.

Da Lourinhã, onde o surprehendeu a noticia do desastre, enviou o sr. ministro da justiça o seguinte telegramma:

«Sinto profundamente o desastre de que v. ex.ª foi victima e de que acabo de ter conhecimento e faço ardentes votos pelas suas melhoras».

A casa do sr. dr. Affonso Costa voltou de tarde o seu secretario Urbano Rodrigues a tranquilisar a esposa de sua ex.ª cujo estado de espirito afflictissimo é indescriptivel. Ali foram tambem, ás primeiras horas da tarde, os srs. drs. Daniel de Mattos e Francisco Gentil.

Affluem ao hospital ennumeras pessoas

E' impossivel dar uma relação completa das pessoas que foram informarse do estado do sr. dr. Affonso Costa. Tomámos nota dos seguintes nomes, que constituem uma reduzida parte da assistencia:

Dr. Estevam de Vasconcellos, dr. Antonio Macieira, dr. Augusto de Vasconcellos, general Correia Barreto, Arantes Pedroso, dr. José de Castro, Ernesto de Vilhena, Mayer Garção, Alvaro de Castro, dr. João Paes de Vasconcellos, dr. Augusto Soares, dr. João Barroso, Alfredo Rodrigues Gaspar, João Nunes de Palma, general Judice da Costa, commandante da divisão; general Encarnação Ribeiro, Julio Archer, Tavares de Macedo, dr. Ardisson Ferreira, dr. Henrique de Vilhena, Levy Bensabat, Luiz Filippe da Matta, dr. Rodrigo Rodrigues, dr. Jorge de Oliveira, João Lopes Soares, Bartholomeu Severino, Manuel Maria Marques, tenente Florentino Martins, Ernesto Pope, Luiz Derouet, Hermano Neves, Antonio Carvalho, Abilio Fonseca Santos, alferes Alberto José Luiz, Hermano Tavares Ramos, Joaquim Faustino Duarte Madeira, João Nascimento Pereira, dr. Julio Sampaio Duarte, Liberato Augusto C. Brandão, dr. Pires de Carvalho, João A. Botto Machado, José Antonio da Silva, Antonio Camarate Campos, Francisco José de Vellasco Martins, Antonio Gabriel da Silva, José Joaquim Rodrigues Vianna, dr. Mendes Araujo, José Maria Filippe, Manuel Rodrigues Duarte, Antonio Maria Canto, Affonso dos Reis Gonçalves, André Axelino de Sousa Penalva, Casimiro Augusto de Carvalho, Antonio Augusto Baptista, João Barbosa, João de Vasconcellos, 1.º tenente Henrique Monteiro Correia da Silva, João Lopes Ramires Reis, coronel João E. Castro, Antonio Coelho Duarte, Julio Castro Rodrigues, Antonio José Ribeiro Brigadas, João Estevão Queiroz, Ernesto Augusto Asturiano, José Ferreira da Cruz, Antonio Ricardo, tenente José Maria Nunes Amorim, Annibal Antonio Bento Gomes, José de Azevedo, engenheiro Baiva Morão, Julio Carlos das Neves, José Moraes Garcia, José Barbosa, José Augusto dos Santos, deputado João Pedro de Sousa, Henrique Ramos Codina, João Esteves Ribeiro da Silva, João Antunes Baptista, Evaristo de Carvalho, dr. Tobin de Sequeira Braga, Francisco Ignacio Bonito e seu irmão Accacio, João de Moraes Corvella, 1.º sargento enfermeiro da armada, e deputado da nação Domingos Cruz, por si e pelos officiaes inferiores do exercito de terra e mar.

Carlos Fernandes, Manuel Guilherme Rufino Pereira, dr. Albino Vieira da Rocha, Januario das Neves Rosa, Arthur José Martins, sargento José Martins, capitão de fragata Antonio Pereira do Valle, Julio Casimiro Cunha, deputado Adelino Furtado, José Sobral Cid, ex-ministro da instrucção; capitão Thomaz Fernandes, dr. Lino Gameiro, Antonio Sebastião de Spinola, Augusto Rato, Caetano Gonçalves Martins, sargento Moraes Carvalho, Ricardo Alfredo, Quartin, Arnaldo Mendo, engenheiro Arthur Mendes, Luiz Viegas, Valente de Almeida Pedro J. da Veiga Fazenda, 1.º tenente João Augusto Madeira, Aureliano Lopes, Mira Fernandes, Alberto Silva Barbosa, José Garcia Marim, Casimiro Santos Nogueira, dr. Luiz Victal, Antonio Thiago da Conceição, Mario Miranda, dr. Alexandre de Sousa e Mello, Antonio Cardoso Pereira, dr. Mello da Cunha Osorio, Antonio Rodrigues da Silva, João de Mattos Marçal, J. Bayona de Vasconcellos, Antonio Marques Nogueira, José Gomes Maia, Antonio Correia de Portocarreiro Teixeira de Vasconcellos, Luiz Cesar de Lima, capitão Veiga Ventura, Ernesto Victor Gonçalves Sobral, sargento Julio Anibal Franco, Fernando Antonio Carneiro, Vasco Galvão, dr. João Tudella, capitão Chaves Cruz, dr. Joaquim Pina Callado, major Pinto Almeida, sargento David Agrea, professor João Antonio Araujo, Mario Santos, deputado Vaz Guedes, chefe Albino Sarmento, 2.º tenente Guilherme Augusto Pereira, dr. Henrique de Vasconcellos, Manuel Antonio dos Reis, dr. Matheus Teixeira de Azevedo, 1.º tenente João Carlos Costa, Albino José Baptista, Silvino Nunes Leitão, senador Ribeiro dos Santos, Ernesto Julio Navarro, dr. Arnaldo Monteiro, deputado Moura Pinto, Sabino Correia Junior, João Fernandes Almeida, Andrade Saraiva, Pedro Alcantara Costa, José Augusto Santos, João dos Santos, Silva Junior, general Simões Soares, coronel João Maria Lopes, 2.º tenente Eduardo Villarinho, Alberto da Guerra Bordallo, Antonio Maria de Castro Rodrigues, Julio Neves Ferreira, Hunabuto Cal, dr. Henrique Carlos Menezes Alarcão, senador Augusto Monteiro.

Coronel Alberto da Silveira, Cruz Magalhães, Augusto Herculano de Vasconcellos, Miguel Evaristo Carvalho Santa Martha, Fernando Castello Miranda, Adelino Martins Seixas, Carlos Costa Machado, José Fernandes, Bento Antonio Pereira, Luiz Ismael de Fragoas, Manuel Borges Mousinho da Conceição, Virgilio Guilherme de Lima, Manuel Mendes Almeida, Antonio Manuel dos Reis, Constantino Gonçalves Costa e Cunha, Francisco Borges Mousinho da Conceição, Dionisio Paes de Campos, deputado Antonio Pires Pereira Junior, Bonifacio Marques Coelho Ferreira, José Joaquim da Costa, José Maria do Lago, Viriato Ferreira Chaves, Julio Monteiro, José Vicente da Silva, Jorge José Pereira, Alfredo José Cardoso Gonçalves, D. Carolina Nobre de Carvalho, João José da Costa, Luiz Gonzaga da Silva, Abel Dias, Alvaro Bordallo d'Andrade e Sá, Theodoro Domingues Garcia, Antonio dos Santos Vieira, Augusto Dias Jorge, Antonio Napoles, governador civil da Guarda, José M. Clemente, Manuel Correia Nunes, Henrique Valentim Claudio, dr. Ramada Curto, Alexandre Ferreira, Luiz Davim Lobo, José Maria Sant'Anna Junior, Manuel Antonio Trindade, Augusto Silva Niny, Pedro Cunha Santos, Isaias Lopes, João Amaro Soares.

Ramiro Pereira, Edmundo Rovere, Vasconcellos Lomelino, dr. Almeida Cruz, dr. Amaral Cyrne, Alexandre Galvão Almeida Fernandes, Carlos Alberto Niny, Abilio J. P. da Silva, Baptista Duarte, Manuel Bento de Pinho, Pedro Eugenio Marques, Virgilio A. Cardoso, Ramiro Reis e Sousa, Seraphim Pires Ramos, Carlos de Lemos, Antonio Garcia, Mario da Cruz Pires, Julio Pereira da Cunha, deputado Pestana Junior, Alfredo May de Oliveira, José Pereira de Faria, dr. José Charteres d'Azevedo Lopes Vieira, Fernando Carlos Descartes, Egydio da Matta, Octavio Silva, dr. Antonio Pereira Reis, 1.º tenente Pereira da Silva, Gabriel de Carvalho, José Canuto da Costa, Joaquim Guimarães, João da Encarnação Meyrelles, engenheiro Urbano de Castro, Manuel Gaspar Rua, Joaquim Gonçalves, José Maria Alves Torgo, J. M. Assumpção Duarte, deputado Antonio Mantas, deputado Nunes Loureiro, Arthur Vinhó e esposa, Raul Vicente Almeida, Joaquim Furtado Saraiva, Borralho Junior, José da Costa Cravo, Nogueira Chumbinho, José Augusto Guedes, D. Maria Gonveia Martins, Bernardino dos Santos Carneiro.

Antonio Menezes, Antonio José de Sousa, administrador do concelho de Alemquer, José d'Almeida Cabral, Maceira de Magalhães, coronel Cerveira de Albuquerque, Rogerio Soares Martha, Antonio Augusto Pereira Campelo, Antonio Augusto Lara Martins, Arthur Fernandes Querido, Antonio Rodrigues Caetano, dr. José Bonito, José Francisco Augusto da Cunha, Eugenio Trindade Fidalgo Reys e Sousa, Daniel Antunes, Alfredo José do Amaral, Antonio dos Santos Tenreiro, José Sequeira, Antonio Fernandes Caldeira, Joaquim Almeida Martins, L. A. Pires, Zillo Alves da Silva, Antonio Manuel da Costa, Mario Barboza, Manuel Francisco Chaves Martins, sargento João Saraiva, Antonio Correia Pereira, Americo Pereira, José de Campos Pereira, Thomaz de Sousa Rosa, dr. Costa Gonçalves, dr. Cassiano Neves, dr. Queiroz Velloso.

D. Carolina Nobre de Carvalho, D. Clementina Relvas, irmã do sr. José Relvas; D. Maria José Brandão de Mello, srs. dr. Antonio Macieira, Santos Tavares, dr. José de Padua, Alfredo Lopes Carvalho, visconde de Pedralva, Almeida Lima, Agostinho Fortes, dr. Azevedo e Silva, procurador geral da Republica; Manuel dos Santos, director geral das alfandegas; Gouveia Pinto, Campos Pereira, dr. Carlos de Lemos, Amadeu de Freitas, Julio Maria de Lima de Sousa Larcher, representando a União Luzitana, commissão parochial da Pena, junta de parochia de Alcantara, junta de Parochia civil de Santo André, Centro Escolar Republicano Rodrigues de Freitas, Centro Escolar Democratico de Campo de Ourique.

No hospital receberam-se mais os seguintes telegrammas: Arsenio de Sousa, de Villa Real, camara municipal de Cascaes, Pombeu Trindade, de Soure, Henrique Martins, de Silves, José Vieira e Antonio Martins, do Porto, dr. João Eloy, de Pombal, commissões republicanas de Vizeu, Daniel Ramos, da Covilhã, dr. Augusto de Vasconcellos, de Madrid; José Dias da Silva, de Villa Franca de Xira, Paes de Almeida, de Vizeu.

O sr. dr. Fernandes Costa esteve no hospital de S. José a informar-se, em nome do sr. dr. Antonio José de Almeida, do estado do enfermo, fazendo votos pelas suas melhoras.

E' impossivel dar uma nota exacta de todas as colectividades que estiveram no hospital de S. José sabendo do estado do illustre estadista. Entre ellas tomámos nota das seguintes: Gremio Luz e Verdade de Campo d'Ourique, Associação do Registo Civil, Federação Portugueza do Livre Pensamento, Associação Concentração Musical 24 de Agosto, Banda da Republica; Commissão Administrativa da Junta de Parochia de S. Vicente, Junta de Parochia de Santa Izabel, Alfredo Folgado Moreno, representando a Commissão Republicana Historica Municipal de Coruche, Parochial de Couço e Centro Republicano Democratico do Couço Commissão Parochial Republicana da freguezia da Sé, Corporação dos Sargentos da Guarda Republicana, Liga Republicana das Mulheres Portuguezas.

Telegrammas recebidos no hospital

Foram em grande numero os telegrammas que durante todo o dia de hoje se receberam no hospital de S. José a pedir noticias do estado do eminente estadista.

Na impossibilidade de dar uma lista completa de todas as pessoas que os enviaram, tomamos nota das seguintes:

De Aveiro, Eduardo Silva, João Coelho, Luis Antonio, Armando Regala, Gaspar d'Oliveira, Francisco Marques e capitão Belmiro Maximo Junior; Povoa de Varzim, Santos Graça; Oliveira de Azemeis, Joaquim Gandra; Guarda, Leandro Homem, servindo de governador civil.

Braga, Cruz Teixeira; Albergaria, João Luiz de Rezende; S. Bento, Porto, Sebastião Costa; Caldas, Simões Lima; Leixões, pela junta parochial civil de Leça da Palmeira, Ignacio Machado, presidente; Salvaterra de Magos, Alvaro Barbosa; Caldas da Rainha, Maldonado Freitas; Paredes, Marques Vidal; Porto, Gonveia Peixoto, Tavares da Fonseca e Angelo Vaz; Bombarral, João Carvalho; Porto, tenente Pinto d'Oliveira: Espinho, Damasio e Montenegro; Oliveira d'Azemeis, Fernão; Porto, Manuel Pinto de Azevedo; Parede, membros da junta de parochia de S. Domingos de Rana, Alberto Cardoso Freire, Miguel Correia Branco, Josué e Augusto de Mello, Abilio Henriques Ribeiro e Jorge Antunes Flôr; Porto, Julio Gomes Santos Junior; Aveiro, Marques Costa.

Porto, familia Vasco Leão; Bragança, Antonio Teixeira; Porto, Amadeu Cardoso Meireles e Julio Ribeiro da Silva; Santarem, José Casqueiro; Porto, coronel Barreto do Couto e Macedo, 2.º commandante da guarda republicana; Lisboa, Helena Reis; Santarem, pelos officiaes, sargentos e praças de artilharia 3, Leone, major; Aveiro, José d'Oliveira Lopes, Manuel Luz Lemos e Virgilio Silva; Cascaes, Elisiario Motta Veiga; Lisboa, Eduardo Barbosa; Paço d'Arcos, por uma commissão de republicanos G. B. Andrade; Oliveira de Azemeis, Adolpho Coutinho; Figueira da Foz, Henrique Barros; Porto, Aderito, Manuel Coelho e Almeida Ribeiro; Cezimbra, pelas commissões politicas do partido democratico, o presidente da commissão municipal Virgilio Mesquita Lopes, Alijó, Torquato de Magalhães;

Amarante, Arthur da Motta Alves; Gouveia, Affonso Barata; Cezimbra, Virgilio Valada, Mario Faria Serra; Guimarães, Diamantino Leite; Alemquer, Januario Pereira; Torres Novas, capitão Moreira; Aveiro, Alberto d'Oliveira, coronel de cavallaria.

Porto, Pinto Carvalho; Braga, Carneiro Braga; Aveiro, Quintanilha; Braga, Santos, banda de infantaria 8 e Ezequiel Batoreu; Cesimbra, Centro Democratico, pelo seu presidente Mario Mesquita Lopes; Evora, capitão Joaquim José Nunes; Povoa de Varzim, Americo Castro; Porto, pessoal ferro-viario republicano da estação de S. Bento, João Gabriel, João Peão, Anthero Borges, bilheteiros, Guilherme Cruz e José Couto, fieis; Manuel Pinto Pereira, Joaquim Tavares, Antonio Carvalho, factores; Ilidio Nunes, Duarte Lopes, Arnaldo Pacheco, Manuel Garcia, escreventes e Manuel Cunha, fiel de balança, e Henrique Pereira de Oliveira; Figueira da Foz, tenente Cesar Batalha, capitão do porto; Santarem, o corpo de policia civica; Pesqueira, Adolpho Mauricio; Setubal, Adriano de Vilhena; Coimbra, secretario da commissão parochial Boscon Mealhada; Figueira Castello Rodrigo, José Alexandre; Celorico da Beira, Mario Cunha; Porto, Eleutherio Cerdeira e João Fonseca Amado; Coimbra, José Maria dos Santos Junior; Braga, José Maria de Freitas; Caldas da Rainha, Simões Lima; Amarante, Motta Alves; Figueira da Foz, Henrique de Barros; Porto, Moraes Costa; Coimbra, José Pinto e Alfredo Vaz; Oliveira de Azemeis, o escrivão do 1.º officio; Alpiarça, Manuel Duarte, pela Camara Municipal.

Porto, os presos nos quartos de malta da Relação; Gondomar, commissão politica municipal.

Do sr. Pedro Martins foi recebido o seguinte telegramma:

«Lamento profundamente o desastre e faço votos por rapidas melhoras e restabelecimento».

Do sr. Almada Negreiros, de Paris, tambem foi recebido um telegramma fazendo votos pelo prompto restabelecimento do eminente estadista.

No hospital de S. José—Entrevista com o sr. dr. Alvaro Bossa

A' porta do amplo corredor por onde se dá ingresso aos quartos particulares, a multidão consternada agglomera-se numerosa, interrogando com visivel anciedade todos os que sahem. Não é facil a entrada no edificio. Os medicos, como se sabe, recommendaram absoluto socego; foi mister evitar que o corredor se apinhasse de gente e guarnecer o pavimento com uma longa filha de capachos que abafassem o ruido dos passos ás raras pessoas que entram.

De lado a lado, á porta, estende-se uma corda, e sollicitas, algumas pessoas vigiam que só entrem medicos, amigos pessoaes e representantes da imprensa.

A mesa com os cadernos para a inscripção de visitantes encontra-se cá fóra, no jardim, entre a multidão, de que se destacam algumas *toilettes* femininas.

Transpo-mos o limiar. A cada instante apparecem individualidades conhecidas. E' o sr. dr. Alexandre Braga que voltá novamente a informar-se do estado do doente, o dr. Alvaro de Castro, que ali tem permanecido longas horas, o sr. Roque de Arriaga, que comparece em nome do ex-presidente da Republica, o sr. dr. Cassiano Neves, que interroga os seus collegas, assistentes do illustre enfermo, e tem palavras de esperança e de conforto...

Lá fóra, a cada pessoa que sae, é sempre a mesma pergunta, invariavelmente anciosa:

—Então? Então?...

Então... Ha os optimistas, para quem o peor já está passado, aquelles que se obstinam em não acreditar no perigo, tão tremenda a idéia lhes apparece no espirito, os que creem na sorte, os que desanimam, os que confiam n'um milagre... Ha de tudo. E, assim, natural é que corram impressões contradictorias, que se citem pequenos factos de onde podem deduzir-se as esperanças ou os desalentos de cada um.

Diz-se que o doente fala com perfeita lucidez ás pessoas que o rodeiam. Que pediu agua, que reconheceu todos quantos d'elle se teem approximado, e que apenas se sente cheio de grande fadiga. Outros contestam. Poucas são as pessoas que se teem approximado do dr. Affonso Costa além dos medicos que lhe assistem. Depois, o diagnostico é severo, extremamente severo. Fractura da base do craneo, andar medio... A estatistica é terrivel: não vão além de 4 por cento os casos de cura.

N'isto avistamos o dr. Alvaro Bossa da Veiga, que desde as primeiras horas do accidente tem, juntamente com os seus collegas, prodigalisado ao enfermo os seus melhores cuidados. Interpellamos o distincto medico, com a formula sacramental:

—Então?... Então?...

O nosso interlocutor meneia tristemente a cabeça. O estado do dr. Affonso Costa é infelizmente muito grave. Tem dormitado, por vezes, somnos curtos e tranquillos.

—Mas as vigilias... Lucidas?

—Não. Delirio ou sub-delirio. A fractura, como sabe, é das peores. No entanto, dentro da extrema gravidade que é caracteristica dos traumatismos d'este genero, é ainda consolador verificar que o estado do doente é o melhor que póde ser.

—Disse-se, por ahi, que o dr. Custodio Cabeça não tinha concordado com o diagnostico... Que não assignou por isso o boletim...

—Não, não... O dr. Cabeça não assignou o boletim porque estava a descançar n'essa occasião. Bem vê, não dormira toda a noite...

—E que complicações podem sobrevir?

—A encephalite... E' o espectro d'estas coisas.

—A encephalite...

—O irremediavel. No entanto, até agora ainda não appareceram os menores simptomas. O doente urinou, bem, uma bella urina, e sem auxilio algum; teve egualmente uma dejecção normal. Ha bocado a temperatura subiu um pouco: 38,2, mas normalisou-se já. A minha impressão clinica reservo-a. O meu ardentissimo desejo? Que a boa estrella que o tem sempre acompanhado e a sua robustissima constituição organica triumphem do innegavel perigo que ainda n'este instante ameaça esse eminente homem de Estado, com cuja amizade me honro e a cujo partido politico pertenço.

No Porto o desastre causa dolorosa impressão

PORTO, 4—O desastre de que foi vistima o sr. dr. Affonso Costa causou na cidade a mais dolorosa impressão, tendo ido ao governo civil innumeras pessoas saber do estado do illustre estadista e sendo enviados para Lisboa muitos telegrammas pedindo noticias.

A's 15 horas o sr. governador civil masdou affixar «placards», em que se diz que o estado geral do enfermo é tanto quanto possivel satisfactorio.

Junta de parochia de Alcantara

Em sessão de hoje foi approvada a seguinte moção do vogal sr. Almeida Santos, pelo que foi levantada immediatamente a sessão em signal de pezar por tão lamentavel acontecimento:

A Junta de parochia Civil d'Alcantara, interpretando os sentimentos d'este laborioso e heroico bairro, lamenta sincera e profundamente o grave desastre succedido ao grande portuguez, o eminente e primeiro estadista d'esta patria que tanto ama, o glorioso auctor da Lei da Separação do Estado das Egrejas e de tantos outros diplomas que honram a raça portugueza, dr. Affonso Costa, fazendo ardentes votos pelo seu rapido e completo restabelecimento, e, immediatamente após a sua abertura, encerra a sessão em signal de pesar por tão lamentavel successo.—(a) *Almeida Santos.*

Outra victima do desastre de hontem

A' enfermaria 5 recolheu o sr. José Soares de Azevedo e Castro, 31 annos, escripturario da casa Julio Gomes Ferreira, morador na Avenida da Republica, 24, 1.º, que hontem se precipitou do carro electrico na rua 24 de Julho, na occasião em que este se incendiou.

Apresenta queimaduras na cara e mãos e contusões no corpo.

O enfermo mostra-se animado

O sr. dr. Affonso Costa acordou ás 19 horas e 15 minutos, entrando n'essa occasião no quarto os srs. dr. Germano Martins e Urbano Rodrigues. O enfermo mostrava-se relativamente animado, percebendo-se que conservava o seu estado de lucidez, embora não falasse.

A junta medica deve voltar a examinal-o ás 20 horas e meia, devendo o segundo boletim ser affixado depois das 21 horas.

As Sociedades de I. M. P. escolares

Apresentaram hoje pela primeira vez as suas provas finaes

No parque do lyceu Pedro Nunes realisou-se hoje uma festa interessante motivada pelas provas finaes das sociedades de instrucção militar preparatoria *numeros* 15 e 26. D'estas, a *primeira*, presidida pelo capitão-tenente sr. Frugoso Pereira, é constituida por alumnos da Escola Academica; a segunda é constituida por alumnos do lyceu Pedro Nunes e presidida pelo respectivo reitor.

Deviam comparecer a estas provas todas as sociedades de instrucção militar preparatoria constituidas só por individuos que frequentam estabelecimentos de ensino mas as que teem os numeros 28, lyceu Passos Manuel, 27, Pensionato Arriaga, e 16, Escola Nacional, não se consideraram bastante preparadas para concorrerem a um campeonato.

O jury era composto pelo inspector de infantaria da 1.ª divisão do exercito, coronel sr. Pinto da Rocha; um delegado da Camara municipal, o vereador sr. Martins Alves e os presidentes das sociedades que deram provas.

Antes d'estas começarem, o inspector de infantaria, que se fizera acompanhar pelos seus ajudantes major sr. Quirino Pacheco e capitão sr. Geraldes, fez entrega official das respectivas bandeiras ás duas sociedades.

As bandeiras são do modelo determinado pelo ministerio da guerra; de seda, sobre-fundo branco, duas fachas cruzadas em diagonal, verde uma e outra vermelha. Ao centro vê-se o escudo portuguez, tendo por cima o numero da sociedade, e por baixo a localidade da sua séde. Feita a entrega foi içada na esplanada do parque a bandeira nacional, a que as duas sociedades fizeram continencia, emquanto a assistencia, de pé, se descobria e a banda de infantaria 1 fazia ouvir as notas vibrantes e enthusiasticas do hymno portuguez.

As duas sociedades, trabalhando juntas em numero de 64 homens, fizeram varios exercicios da escola de pelotão que foram correctivamente executados, passando-se depois ao lançamento de um pontão de quadros, que ao fim de vinte minutos estava concluido; seguiram-se-lhe exercicios de gimnastica sueca que, como a escola de pelotão, foram dirigidos pelo tenente Oliveira Tavares, instructor das duas sociedades, e professor de gimnastica do lyceu Pedro Nunes.

Houve então um intervallo para as *sociedades descançarem* que foi prehenchido com trabalhos muito interessantes apresentados pelo grupo de escoteiros d'aquelle lyceu.

Fizeram uma escalada por corda, subindo ás janelas do ultimo pavimento do edificio, descida d'um simulacro ferido, armaram barracas e uma maca, exercicios estes que mereceram muitos applausos pela rapidez e perfeição com que foram executados.

A's 18 horas começaram as provas desportivas para disputa do premio offerecido pela inspecção de infantaria da 1.ª divisão. Este premio é uma elegante e rica taça de prata com trez decimetros de altura, sobre peanha de ébano, tendo gravado o escudo portuguez e a legenda Campeonato das S. I. M. P., escolares.

As provas effectuadas foram saltos, corrida de 100 metros, corrida de estafetas 3X100 e lucta de tracção, que despertaram grande interesse. Houve ainda exercicios de telegraphia optica, e de esgrima de bayoneta, terminando a festa pela continencia á bandeira.

Foi grande a concorrencia do publico, que accudiu a presenciar as primeiras provas dadas pelas novas sociedades militares.

Varios grupos de escoteiros, em manifestação de solidariedade, foram assistir á festa vendo-se o grupo n.º 2, da Academia de Estudos Livres; n.º 3, do lyceu Pedro Nunes; n.º 5, da Escola Normal; n.º 9, da Escola Rodrigues Sampaio.

A classificação das provas foi a seguinte:

Saltos em extensão ganhou a sociedade 26 por 56 pontos; corridas de estafetas sociedade 26 por 2 pontos; lucta de tracção sociedade 15 por 2 pontos; saltos em altura sociedade 26 por 4 pontos; corrida de 100 metros sociedade 26 por 5 pontos.

Ganhou a taça a sociedade 26 por 68 pontos contra 32.

Os novos artistas dramaticos

As provas de hoje no theatro Nacional

Uma promettedora esperança da scena portugueza: Luiza Lopes

A intensa calma do dia de hoje, que para o fim da tarde uma *fresca viração* attenuou, não impediu que o theatro Nacional se enchesse totalmente por motivo das provas finaes de alguns alumnos da Escola da Arte de Representar. A entrada na sala, exceptuados os camarotes e as frisas, foi publica como de costume. Entre as pessoas convidadas, viam-se homens de lettras, artistas dramaticos, jornalistas, numerosas senhoras, e a platéa regorgitava de gente moça, não faltando os amigos e camaradas dos juvenis comediantes que vão encetar carreira. Não havia um logar vago desde as cadeiras de orchestra até aos camarotes de terceira ordem e ás torrinhas.

A primeira alumna a dar a sua prova foi Celeste Leitão, a cuja graça e formosura já temos prestado a nossa homenagem e que ha de vir a ser uma encantadora ingenua de comedia. N'aquelle maravilhoso scenario do ultimo quadro de «Frei Luiz de Sousa», obra-prima de Luigi Manini, o extraordinario scenographo que, tantos annos residente n'este paiz, não deixou discipulos, Celeste Leitão recitou, com a sua linda voz, de um agradibilissimo timbre, o grande monologo de «Maria» ante os paes que se dispõem a vestir o habito dominicano. A recitação, dado o temperamento artistico da interprete, póde classificar-se de correcta, mas esteve longe da indispensavel vehemencia que o caracter e as palavras da filha de Magdalena de Vilhena requerem e a situação reclama. Celeste Leitão obteve, por unanimidade, o segundo premio, além de calorosos applausos do publico.

O panno subiu de novo para a repetição do quadro do drama de Garrett com Luiza Lopes no papel de «Maria». Desde que ha annos Delphina Cruz n'esse mesmo palco viveu, com rara commoção, a tragica figura feminina, que é das mais bellas creações do genio do restaurador do nosso theatro, nunca até agora ella havia sido interpretada por uma forma tão perfeita e tão empolgante. Desde que penetra no templo, com um grito estrangulado de angustia, até que cae morta aos pés de seus paes, Luiza Lopes *absorve* e *domina* todas as attenções, encarnando a personagem, dizendo, representando e sentindo a sua dôr, a sua anciedade, a sua vergonha, o seu horror de se julgar filha do adulterio, com uma arte simplesmente admiravel em quem tenta os primeiros passos na carreira dramatica. E' uma difficil prova de exame o monologo-rajada de «Maria», mas a talentosa actrizinha, á qual o futuro—a nossa convicção é cada vez mais funda—reserva excepcionaes triumphos, venceu-a com a mesma galhardia que tem assignalado todas as outras precedentes provas que registámos com o merecido louvor. Soube emprestar ao papel toda a enorme vibração dramatica que elle exige; teve inflexões soberbas e a scena da morte impressionou profundamente os espectadores, porque a queda foi, na verdade, d'uma grandeza tragica de que só teem o segredo os artistas de eleição. A' Luiza Lopes coube, por unanimidade, o primeiro premio e a sala, em peso, fez-lhe uma ovação enthusiastica e prolongadissima, que ella deve tomar com o melhor estimulo para proseguir estudando *sem repouso*.

Os alumnos Fernando Osorio e Adolino Ripado disseram e representaram o monologo do «Bobo» do «Rei Lear», na adaptação de Julio Dantas. Ambos tiveram o terceiro premio, o primeiro por unanimidade e o segundo por maioria. A prova era muito superior aos recursos dos dois alumnos, que, todavia, possuem qualidades apreciaveis.

A. de A.

Anniversario da "Capital,,

Continuamos recebendo cumprimentos pelo facto de entrarmos no 6.º anno da nossa publicação. Entre os que tiveram essa penhorante gentileza, que agradecemos, citaremos a direcção do Nucleo de Instrucção «Lux» e o nosso presado correspondente em Portalegre, sr. João de Brito.

VISITAS DE ESTUDO

UNIVERSIDADE LIVRE

Um numeroso grupo de socios e alumnos d'esta collectividade visitou hoje as installações electricas da Companhia Carris de Ferro. Os visitantes foram amavelmente recebidos pelo engenheiro sr. Winter, que os elucidou sobre o *funccionamento dos varios machinismos geradores*, distribuidores da corrente pelas varias zonas da cidade e das machinas recuperadoras da electricidade. Na casa das caldeiras tiveram os visitantes occasião de admirar os aperfeiçoamentos introduzidos n'estas installações, onde a propria carga das fornalhas é feita automaticamente. A visita terminou pelas 15 horas.

No Centro Andrade Neves

Inauguração de uma bandeira

No Centro Escolar Republicano Andrade Neves realisou-se hoje uma festa para inauguração da nova bandeira, adquirida por uma commissão de senhoras de que era presidente a sr.ª D. Maria Amelia e thesoureira a sr.ª D. Lucinda de Faria.

A's 14 horas foram as creanças da escola do Centro a casa da sr.ª D. Maria Amelia, acompanhadas da professora sr.ª D. Eugenia Andrade Silva e de muitos populares, sendo-lhes entregue a bandeira que conduziram para o centro, onde foi içada por entre salvas de palmas e girandolas de foguetes. Em seguida, o sr. Joaquim Marques dos Santos, secretariado pela sr.ª D. Eugenia Andrade Silva e pelo sr. Adão Prado, abriu a sessão, agradecendo ás senhoras que compunham a commissão a sua bella iniciativa e mostrando as difficuldades com que luctam os amigos da escola para a manter aberta, não faltando assim com a instrucção ás 60 creanças que a frequentam. Appella para os paes, pedindo que contribuam com uma pequena quota, visto a escola não ter subsidio algum do Estado, pois a Camara Municipal diz não ter verba, evitando-se assim o seu encerramento.

Seguiu-se concerto musical pelo Grupo do Centro e *kermesse*, havendo á noite sarau.

Homenagem á memoria de um policia

A' manifestação, no Alto de S. João, á memoria do policia 880, Miguel Augusto da Silva, morto a quando do assalto á Escola de Guerra, compareceram umas quatrocentas pessoas, tendo discursado junto do tumulo os srs. Carlos Casales, Carlos d'Almeida e Adolpho A. Magalhães, cabo civico Silva e guardas 857, 1693 e 878. A' mãe do fallecido foi entregue a quantia de 11$32, que sobejou da compra da corôa que sobre a campa foi deposta.

SPORT

Um jogo athletico e bem portuguez

Quando se fez um inquerito á existencia dos jogadores de jogo de pau que ha pelo paiz, o nosso collega Mario Sant'Anna, que se encarregou d'esse inquerito para os antigos «Sports Illustrados», escreveu:

«E' o jogo de pau, sem duvida, a nossa esgrima nacional. Nenhum outro paiz se orgulha de possuir como jogo seu de ataque e defeza a vistosa e dificil arte de manejar um pau. E, pela forma como o emprego d'esta arma é feito com uma serie interminavel de golpes, paradas e respostas, segundo a opportunidade do combatente e as qualidades do adversario, o jogo de pau assume as proporções de uma esgrima artistica e emocionante.

Que digam os estrangeiros a quem tem sido dado admirar em Lisboa um assalto entre dois bons amadores porque nos applausos vibrantes com que manifestam o seu enthusiasmo, se nota traorinario que n'elles desperta o movitraordinario que 'eles desperta o movimentado jogo. Quem tenha assistido a saraus publicos, em que o jogo de pau é sempre numero indispensavel, terá visto nos estrangeiros que assistam um acolhimento caloroso aos jogadores. E, ainda, recordando-se as festas ultimas organisadas pelo Gimnasio Club é caso de lembrarmos as que, conforme o seu habito, a prestimosa aggremiação offerece aos artistas do Coliseu, na sua costumada visita annual ao Gimnasio. Acostumados aos maiores rasgos de audacia e ás mais valiosas demonstrações de força e agilidade, esses artistas não tem dominado o seu interesse vivissimo ante os assaltos de pau.

O nosso publico, por sua parte, segue emocionado as peripecias do combate e sublinha com exclamações de enthusiasmo e admiração as passagens mais perigosas ou mais movimentadas, até que uma tempestade de applausos, a custo reprimidos durante o assalto, estala no final, ensurdecedora e prolongada.

Mas nem só como arte de combater se impõe o jogo de pau. Assim como não se faz esgrima de espada, de sabre ou de florete, com o fim principal de andar a dar estocadas em toda a gente, assim como não se faz lucta ou «box» para se andar a subjugar ou soccar por habito, assim tambem ninguem faz jogo de pau com intuitos de arruaceiro. Como todas as artes de combate, o jogo de pau constitue uma verdadeira ginastica, e no seu caso é ella tão completa e util que não ha escola bem montada que o não possua, nem club de boa cathegoria que o não inclua nas suas classes. A frente d'esses escola a Academica, e á frente d'esses clubs o Gimnasio, a antiga e prestante collectividade.»

Escreve-se assim, e as coisas são realmente assim, mas o que é verdade é que nas provas officiaes de athletismo nunca appareceu esse jogo caracterisadamente portuguez. Podia figurar pelo menos em «exhibições», tal como se fez, por exemplo, em Stockolmo, e em Londres, com sports não «classicos».

Um falso alarme n'um club onde se jogava...

E' de Nobre Martins, nosso camarada no jornalismo e antigo jornalista de sport, a seguinte anecdota:

«Já morreu, e em condições bem tristes por signal, um rapaz que, conhecendo bem pouco de sport, deu a esta causa o melhor do seu esforço mantendo, á custa de uma serie enorme de sacrificios, uma revista illustrada de especialidade e que, no seu tempo, foi, sem duvida nenhuma, a que melhor se publicava em Lisboa.

«Uma madrugada, em certo club sportivo, pelas regiões altissimas dos quartos e quintos andares, jogava-se escandalosamente a batota e a roleta. O nosso heroe, como um bom estroina, lá estava tambem a fazer a sua parada ao $2, numero seu predilecto e que lhe «comeu» muitas vezes a mezada inteirinha.

«Convem, no entanto, esclarecer que, se a auctoridade alguma vez reprimiu a jogatina, n'aquella epocha a vigilancia foi loucura o exagero, motivo por que no club em questão, para evitar qualquer assalto policial, não havia porta que não tivesse uma campainha, nem recanto que não abrigasse um «vigia» attento e cauteloso.

A certa altura uma das taes campainhas de alarme toca ruidosamente. O banqueiro e os «pontos», attonitos e absortos, empallidecem; a luz quasi se apagou e, quando já ninguem se entendia, eis que alguem rompe por um dos corredores, gritando furiosamente. Isto mais foi assustar os pobres parceiros. De repente uma porta abriu-se misteriosamente e a turba dos jogadores saiu por ella, indo dar ao quintal do club onde se viam junto de um pequeno lago, com peixes vermelhos umas paralelas de madeira para as levadas por acaso.

«N'uma afflição facil de comprehender cada qual começou a fazer qualquer coisa a fim e que se a policia ali fosse parar, suppuzesse que ninguem estava jogando. O nosso homem, mais nervoso do que nenhum outro, tinha trepado para as parallelas e, sem saber como, fazia elevações de tal forma primorosas, que envergonharia o mais distincto dos gymnastas. Entretanto, pelas casas do club, o mesmo cidadão da gritaria continuava a berrar como um possesso, alteando a voz, á medida que ia percorrendo a casa e não encontrava viv'alma.

«Por fim «divisa» aberta uma janella e lembra-se e assomar a ella. Lá de cima, olhando para baixo, elle viu a pandega que ia no quintal e, attentando no meu pobre amigo, gritou-lhe:

—O' rapaz, pára com isso, que me roubas a gloria!...

«E' que o interpellante, assim tomado por policia, era um professor de gymnastica e esgrima, o qual, se já não sabia ao Capitolio, anda sempre prestes a «anichar-se» n'um bom logar, visto que o officio de andar pelas batotas de madrugada o mais que podia render era uma «corôa de armacão».

O concurso internacional de balões

Chega amanhã todo o material de aerostação que deve servir, no proximo concurso internacional de balões esphericos, aos pilotos hespanhoes que veem representar o Real Aero Club de Hespanha. A primeira prova do ensaio realisa-se na proxima quinta feira. O concurso, a cuja organisação preside o Aero Club de Portugal, realisa-se no domingo, 11, estando a largada dos aerostatos marcada para as 18 horas.

Inscreveram-se para o torneio os distintos amadores, notabilissimos *sportsmen* do paiz visinho:

D. Eduardo Magdalena
D. Francisco Rodrigues de la Torre
D. Francisco del Valle
D. Ricardo Luiz Ferry

que não querem nenhum reclamo aos seus meritos sportivos—que são muitos—porque, sendo authenticos amadores, fazem este *sport* da aerostação por capricho de homem que procura as emoções e os perigos, para os quaes possue em lucta contra elles a coragem e decisão phisica.

Estes notabilissimos aeronautas utilisam, n'este concurso, que pela primeira vez se realisa em Portugal, os seguintes balões:

Baya, de 1:200 metros cubicos.
Montana, de 2:000 metros cubicos.
Viscaya, de 900 metros cubicos.

Noticias

ENTRE NÓS

Grupo Sportivo da Sociedade J. R. Cordeiro

E' no proximo dia 8 d'agosto que se realisa um grandioso sarau sportivo na esplanada d'esta sociedade para o qual se conta com valiosissimos elementos amadores.

E' com grande enthusiasmo que estão ensaiando os amadores d'este grupo. Espera-se que esta festa seja brilhante.

Gymnasio Club Portuguez

A secção de natação convida todos os consocios que saibam nadar a favor de enviarem os seus nomes á respectiva direcção.

Escoteiros de Portugal

Deve realisar-se no proximo domingo, 11, pelas 21 horas, com a assistencia do ministro da instrucção publica, uma sessão destinada a significar aos escoteiros dos diversos grupos a satisfação da sua direcção central pela sua acção humanitaria exercida durante os ultimos acontecimentos. A sessão effectua-se na rua da Emenda, 53.

Albergue das Creanças Abandonadas

E' adiada a sessão de homenagem que hoje se devia realisar

A inauguração da lapide e medalhão que hoje devia realisar-se no Albergue das Creanças Abandonadas, assim como a sessão solemne á memoria do conde de S. Marçal, foram adiadas em virtude de tanto o sr. presidente da Republica como o do ministerio terem mandado participar que não assistiriam á ceremonia por motivo do grave desastre de que foi victima o sr. dr. Affonso Costa, manifestando ao mesmo tempo o seu empenho em comparecerem á tal solemnidade em outra occasião.

Em vista d'isso e compartilhando o sentimento de desgosto que motivava a ausencia dos srs. presidentes da Republica e do governo, os corpos gerentes do Albergue resolveram propôr á assembléa geral o adiamento da ceremonia projectada, o que foi approvado, devendo opportunamente ser marcado o dia para a ceremonia alludida.

A GUERRA AEREA

Um duello nos ares

Londres, 1 de Julho

O aviador inglez Marc Helsen, tripulante do um biplano de marca franceza que recentemente abateu um avião inimigo, relata o seu feito n'estes termos:

«Deixára o aerodromo ás trez horas da madrugada e chegára sobre Ypres, á altura approximada de 2:000 metros, quando vi apparecer um aviatik; o piloto allemão immediatamente tratou de pôr-se em fuga, mas, passados dez minutos do vôo rapido, tinha-o alcançado e voava n'um plano superior ao d'elle. Começou logo o combate; primeiro, o meu observador dirigiu-lho um fogo de salva a uma quinze metros de distancia, attingindo-o n'uma aza.

O aviatik respondeu com a sua metralhadora e uma balla veiu bater-nos na capota a um decimetro do reservatorio de essencia. Occorreu-me então um estratagema com que sempre me dei bem. Deixei descer o biplano perpendicularmente; o aviador allemão, julgando que era a queda, desceu tambem, mas em vôo aplanado. Elevei-me então bruscamente e achei-me a uns cinco metros por cima d'elle; o meu observador apontou a carabina, fez fogo, e a balla foi alojar-se no braço do piloto allemão, mas este, parecendo que nem dera pelo ferimento, continuou a equilibrar o apparelho. Mandou-se-lhe segunda balla; d'esta vez, foi apanhado em cheio o reservatorio de essencia, o apparelho incendiou-se, cahiu e foi esmagar-se no chão.

Parei o motor e descemos em espiral; chegados ao sólo, approximámo-nos dos destroços do aviatik. Constituiam uma massa informe e fumegante: a armação estava reduzida a pequenos fragmentos e sob o motor jazia inerte o corpo do observador, carbonisado, e ao lado um montão de farrapos de carne meio calcinada.

Afastámo-nos com a satisfação do dever cumprido, mas não sem nos-termos descoberto perante o que restava d'aquelles a quem a sorte das batalhas inutilmente sacrificára».

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Não ha espectáculo.
POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Ro-ça tirana—Revista.

Agenda da semana

SEGUNDA-FEIRA—*Apollo*—Recita de Arthur Rodrigues—*Rosa tiranna*, um acto de *Folies Bergères*.

TERÇA-FEIRA—*Salão da Trindade*—Primeira representação de *O Barão Grog*, do Camara Manuel e Mello Vieira, musica de Fortês Robello.

QUARTA-FEIRA — *Avenida* — Primeira representação de *Marido com sorte*, de Keroul e Barré, traducção do Alberto Barbosa.

Medalhões

Arthur Rodrigues

Faz amanhã a sua festa no Apolo o joven Arthur Rodrigues. Não se pode dizer d'elle que seja um moço que dá esperanças, pois, embora isso custe ao festejado, devo aqui revelar que, com aquelle corpinho de rapazelho, aquela voz de frango que anda a estudar para gallo, Arthur Rodrigues já representava quado nós nascemos. Dizem certas más linguas que foi companheiro de Emilia das Neves e de Tabora quando este fazia galãs. Há evidentemente exagero, assim como ha má fé nos que affirmam que o Arthur perteceu á distribuição do primeiro auto de Gil Vicente. Mas, emfim, a idade pouco importa para o caso. O que nos interessa é que Arthur Rodrigues é um bello rapaz e um bom artista, especialista em papeis de levar pancada, como o «Gabirú» do «Sol e Sombra», o «Picanço» do «D'alto a baixo» e o «Sr. Lopes» da «Rosa Tiranna». Estas são trez creações em que elle collaborou utilmente com os auctores. Muitas outras poderiamos apontar aqui, algumas d'elas datando do seculo passado. Sympathico e socegado, modesto e consciencioso, engraçado sem pretensões, Arthur Rodrigues tem jus á estima geral. A sua festa seja, pois, brilhante e concorrida. O publico assim o tenha entendido o mande executar.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Não estando concluida a traducção de «La part du feu», que devia ser representada no Politheama, será representada a seguir ao «Sr. Juiz» a «Mulher do commissario», arranjo de Eduardo Garrido.

A «tournée» Mendonça de Carvalho estreia-se na proxima quarta-feira no Porto com a «Visinha do lado».

—Devem começar brevemente na Trindade os ensaios da nova revista de Taveira.

No estrangeiro

—Na Comedia Franceza serão representadas na futura temporada a «Gioconda» de D'Annunzio e «Le coup d'aile» de François de Curel.

Circos & Music-halls

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Os esplendidos espectaculos no Coliseu dos Recreios

O Coliseu tem tido uma concorrencia fóra do vulgar, com os seus belos espectaculos de «variétés» e animatographo. Hontem estrearam-se dois esplendidos numeros: a bella Marinucha, celebre e galante bailarina, rainha da graça e do salero, e «Los Alpinos», que são os mais notaveis concertistas de bandurra e viola que tem vindo a Lisboa. No espectaculo de hoje, dois numeros apresentam programma variado nas duas sessões e no animatographo haverá pelliculas interessantes.

Amanhã em espectaculo da moda, grandioso programma.

O Coliseu fecha até sabbado, realisando n'esse dia um novo espectaculo.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Operarios electricistas

Para assumpto de seu interesse são convidados a reunir ámanhã, ás 21 horas, prefixas, na rua Infante D. Henrique, 24, 1.º.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Amnistia a fallidos e julgados

Por occasião dos indultos concedidos em 5 de Outubro a varios crimes, foram incluidos os fallidos e julgados a essa data. Pelo 14 de Maio vieram os mesmos indultos mas não abrangendo os fallidos e julgados. Ora seria uma obra meritoria—diz-nos o sr. A. A.—abranger esses homens, muitos d'elles obrigados a fallir pela força das circumstancias e que não podem assim rehabilitar-se.

Ahi fica o alvitre.

A provincia e A CAPITAL

TAVIRA, 3.—Hoje realisou-se aqui uma grande manifestação como protesto contra a violencia que se pretende levar a effeito de transferir a séde do regimento de infantaria 4 para Faro. Assistiram cerca de 3:000 pessoas em que se achavam representadas todas as classes sociaes. O commercio e a industria encerraram as suas portas e o operariado deixou de trabalhar. Houve um comicio em que tomaram parte os cidadãos dr. Frederico Antonio e Abreu Chagas, dr. Manuel Simões da Costa, dr. Antonio Fernando Pires Padinha, dr. Antonio Francisco de Sousa e José Maria dos Santos, falando diversos oradores que salientaram d'uma forma clara a justiça que a esta terra assiste em ter aqui uma séde do regimento de ha mais d'um seculo; terminando com vivientos vivas á Republica, á Patria e ao regimento de infantaria 4. Em signal de sentimento está a bandeira da camara municipal a meia haste. Reina grandissimo descontentamento, tanto na classe civil como militar.

PORTALEGRE, 3.—Tomou hoje posse do logar de governador civil do districto, o sr. dr. Joaquim Lopes Portilheiro Junior, sendo a posse conferida pelo ex-governador dr. Caldeira Queiroz, tendo assistido a ella muito povo, usando da palavra o novo governador, dr. Caldeira Queiroz e José Marques Lemos.

Saudando o novo magistrado, e auguramos que saberá seguir a orientação do seu antecessor, fazendo uma politica sinceramente republicana.

—Consta-nos que pelo ministerio do fomento foi já auctorisada a verba de 3:500 escudos para a adaptação do paço episcopal a tribunal, obra ha tanto tempo reclamada pelo municipio d'esta cidade. Apesar do governo ter auctorisado já esta obra, que será um excellente melhoramento para esta cidade, pois o tribunal era uma sala ridicula, sem condições algumas, estas obras não são sufficientes para attenuar a grande crise de trabalho que está lavrando em todo o districto.

A realisação de um emprestimo para a immediata construcção do caminho de ferro de Estremoz a Castello de Vide seria a melhor medida que o governo poderia tomar para attenuar a grande crise de trabalho. Esse importante melhoramento, além de vir tirar as classes proletarias da mais cruciante miseria a que estão sendo arrastadas devido á grande crise de trabalho, seria a mais importante obra de fomento que n'este districto se podia realisar.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores, «Funchal»...	5
Gibral. e Barc. «Venesia» (New-York)	5
New-York, v. Aç. «Roma» (Gibraltar)	6
Mad. Braz. R. Prata «Amazon» (Liv.)	6
Vigo e Inglat. «Araguaya» (Brazil)...	7

150.000 homens, emquanto as forças russas não eram provavelmente mais de 100.000.

O 11.º corpo, auxiliado por uma divisão de soldados arabes do 13.º, devia conter os russos em Koprukeni, emquanto o 10.º e o 9.º rodariam sobre a sua esquerda para a linha de Olty e Id a Koprukeni. O 10.º devia concentrar-se em Id e o 9.º tomaria logar no centro. Entretanto, muito ao norte, uma outra força, uma parte do 1.º corpo, avançaria sobre Ardahan, com Kars e o corte do caminho de ferro russo dos russos como seu principal objectivo.

Quando a offensiva turca começou, o 11.º corpo obrigou os russos a recuarem para Khorosan, que fica a cêrca de quarenta e oito kilometros ao sul de Sarikamish, travando-se violenta lucta na semana do Natal. N'esse meio tempo, o 9.º e o 10.º corpos estavam luctando no meio de grandes geleiras e fundas neves e tremendas altitudes montanhosas, e chegaram a Sarikamish no dia de Natal, mas não entraram ali. O 1.º corpo, vindo do valle do rio Chorok, atravessou uma montanha de 8.000 pés d'altura e cahindo sobre Ardahan repelliu uma pequena força russa d'uns 4.000 homens, no dia 1 de janeiro.

Com a fronte russa derrotada em Khorosan, com as alturas Saganuk em Sarikamish occupadas pelo 9.º corpo turco, com o 10.º atacando violentamente o caminho de ferro exactamente atraz d'elle e o 1.º occupando Ardahan, esse extraordinariamente ambicioso projecto de envolvimento parecia, relativamente, estar proximo a alcançar pleno exito, apesar das difficuldades de conseguir uma occupação combinada entre a massa das montanhas cobertas de neve, sem estradas ou caminhos de ferro, e com poucas possibilidades de communicação entre as columnas ou de uma acção synchrona.

Afinal, como era de esperar, essas difficuldades concorreram muito para a derrota do inimigo. O 10.º corpo foi o primeiro a soffrer. Pela tarde de 29 de dezembro começou a recuar e no dia de Anno Bom foi repellido a sua direita. A 3 de janeiro os russos chegaram em força e repelliram o 1.º corpo de Ardahan. Com o 10.º e o 1.º corpos em retirada, o 9.º, que estava ainda combatendo desesperadamente em Sarikamish, foi vencido por completo e varrido totalmente. O unico corpo que não tinha sido ainda batido, o 11.º, nada poude, comtudo, fazer para o auxiliar, porque estava em lucta com a vanguarda da columna russa em Khorosan e durante mais d'uma semana não pode conseguir coisa alguma.

Iskan Pacha, com todo o seu estado maior, incluindo os officiaes allemães addidos, e o 11.º corpo que elle commandava, uma parte do qual havia conseguido chegar a Sarikamish, rendeu-se. Os melhores resumos d'essas operações são os dois seguintes communicados officiaes datados de 6 de janeiro. O primeiro é do estado maior general do exercito do Caucaso:

«No fim de novembro, o grosso do terceiro exercito turco pôz-se em movimento em direcção á região a leste de Erzrum. Era precedido por dois corpos de exercito, com um corpo de reserva proximo a Hassan Kala.

Em conformidade com o plano de Enver Pacha, o terceiro exercito operaria do seguinte modo: o 9.º e o 10.º corpos avançariam na direcção de Olty de modo a formarem a ala da defensiva turca, emquanto o 11.º corpo receberia ordem para manter a sua posição, que estava fortemente organisada, e para attrahir sobre elle, por uma demonstração estrategica, as nossas tropas. No caso das tropas russas tomarem uma offensiva energica, esse corpo receberia ordem para recuar sobre a fortaleza de Erzrum, attrahindo as nossas forças. O 10.º corpo turco avançaria em duas columnas, a primeira das quaes, uma forte divisão, marchando para Id, pelo valle do Olty Chai, emquanto a segunda, constituida por duas fortes divisões, marcharia para Ardost, pelo valle de Servy Chai. O 9.º corpo d'exer-

CAPITULO VIII

A campanha no Caucaso

Quando a crise europeia estalou em fins de julho, os turcos começaram immediatamente a mobilisação. Fez-se vagarosamente, mas em fins d'outubro, quando a Turquia interveiu no conflicto europeu, o exercito compunha-se de 500.000 homens mais ou menos exercitados e de uns 250.000 nos depositos de reserva.

Os corpos de exercito estavam distribuidos do seguinte modo: em Constantinopla e nos arredores estavam o primeiro, terceiro e quinto corpos e parte do sexto. Havia tambem as tropas de defeza dos Bosphoro, tres ou quatro brigadas de cavallaria, algumas tropas kurdas e outras, poucas, nos depositos de reserva. Póde avaliar-se no todo em 200.000 homens os que estavam no districto de Constantinopla.

Na Thracia estavam o segundo e quasi todo o sexto corpos, com trez brigadas de cavallaria e os guarda-fronteiras; estavam distribuidos entre Andrinopla, Dimotika e Kirke Kilisse. Em Smyrna permanecia parte do quarto corpo d'exercito, cuja força principal estava concentrada em Panderma.

Na Palestina encontrava-se o oitavo corpo com toda a sua força, uns 40.000 homens, numerosos corpos irregulares de arabes e cavallaria.

Examinemos o fim d'essa distribuição militar. Na Europa, os turcos tinham ainda territorio na Thracia, que se estendia até ao Balkans no norte, e as cidades de Andrinopla, Dimotika e Rodosto ao norte e oeste. Eram restos da antiga Turquia da Europa e, militarmente, como se disse, mais pequenos do que um dos taludes das famosas linhas de Tchataldja, que defendiam Constantinopla pelo lado da terra. Tanto antes como depois da guerra balkanica a principal massa das tropas turcas tinha-se conservado na Europa com o fim de defenderem a capital e ainda porque era ardente desejo dos Jovens Turcos reconquistarem o territorio perdido na ultima guerra.

O segundo grupo de tropas estava no Caucaso, para operar contra a Russia, ao passo que o terceiro se achava concentrado na Syria e nas fronteiras do Egypto. Emquanto durasse a neutralidade bulgara, o exercito turco ficava livre no Caucaso.

O 9.º, o 10.º e o 11.º corpos achavam-se, em principios de novembro, divididos em trez divisões, tendo cada divisão dez batalhões. Havia tambem trez brigadas de cavallaria e, além d'isso, guerrilhas tinham sido formadas na fronteira persa pa-

ra um «raid» n'esse paiz.

Como a Turquia entrou na lucta no começo de novembro, cria-se geralmente que as operações militares não principiariam desde logo no Caucaso e que a campanha seria adiada para a primavera do corrente anno. Com um extenso e arido deserto na sua frente, na direcção do Egypto, onde o canal de Suez e todas as outras condições amontoavam difficuldades sobre difficuldades, com a Bulgaria e a Grecia ainda neutraes, com a fronteira russa sepultada em neve, com os navios sem se poderem fazer ao mar largo e incapazes de «raids» a não ser no Mar Negro, parecia que a participação da Turquia na guerra pouco mais seria durante alguns mezes do que nominal.

Major-general Allenby

Em todas as campanhas anteriores contra a Russia o inverno tinha prejudicado as operações no Caucaso. Deve ser considerado como uma prova de energia e resolução dos turcos sob o commando dos seus dirigentes allemães o facto de, contra a espectativa geral, não quererem deixar passar o inverno sem mostrarem toda a sua força e não receiarem arrostar os horrores d'uma campanha em pleno inverno n'aquellas geladas alturas cobertas de neve.

A fronteira caucasiana é, na realidade, de uma enorme importancia para a Turquia. Entre esta e o Egypto ha a barreira do deserto e mais longe, para o sudeste, na Mesopotamia, provavelmente não estava preparada para a rapidez com que os inglezes enviaram uma expedição do golpho Persico ao Tigre. Mas no Caucaso estava sempre frente a frente com a sua antiga inimiga, e quando a fatal decisão de entrar na guerra foi tomada em Constantinopla, cada turco soube bem que, quer no inverno, quer na primavera, uma lucta desesperada se ia travar entre as hostes do sultão e o poder da Russia.

Não ha duvida de que a Allemanha suppunha que, por uma immediata e vigorosa offensiva turca no Caucaso, a Russia seria forçada a destacar grandes massas de tropas das que estavam no theatro da guerra na Polonia e assim affrouxaria a pressão sobre ella exercida ou sobre a Austria, mas os russos estavam preparados completamente para fazer face á Turquia, cujos fins tinham sido percebidos desde que a crise europeia tomára as proporções que veiu a assumir. O exercito russo no Caucaso ficou no seu posto e quando a Turquia declarou a guerra não foi necessario arredar um só homem da frente da Polonia.

Tinha havido muitas alterações na fronteira russo-turca do Caucaso, mas o grande isthmo entre o Mar Negro e o Caspio era ainda o inevitavel theatro da guerra. Ahi a fronteira sul da Russia segue successivamente com a Turquia e a Persia ao longo d'uma linha que vae n'uma direcção sudeste desde o Mar Negro ao Caspio. A fronteira russo-turca é uma muralha de rochedos correndo desde o Mar Negro, para oeste até ao grande Ararat a leste. Na sua extremidade occidental ha uma passagem pelo mar que póde ser comparada á estrada na fronteira franco-hespanhola que fica entre os Pyrineus occidentaes e a curva da bahia de Biscaya. O resto é uma

emmaranhada cadeia montanhosa descendo para grandes ravinas e de novo subindo para o Ararat.

A fronteira russo-persa, que se lhe segue, corre atravez uma região muito baixa ao longo do curso do grande rio Araxes para o Caspio.

A grande cidade russa do Caucaso é a linda Tiflis, a velha capital da Georgia. Fica a meio caminho entre Batum no Mar Negro e Baku no Caspio, e para o norte de Tiflis correm uma estrada e o novo caminho de ferro. Ao sul corre um outro caminho de ferro, atravessando a grande fortaleza de Kars, para Sarikamish, perto da fronteira turca. Em Alexandropol ha uma bifurcação e um caminho de ferro que corre para leste, por Erivan, para Julfa na fronteira persa. A linha de Kars corre por entre uma cadeia d'altas montanhas e ao sul ha uma serie de cumes que sobem para o planalto armenio do lado turco.

Sarikamish está a seis mil pés e por detraz d'ella ha elevações de 10.000 e 11.000 pés acima do mar.

Poucos dias depois do primeiro «raid» turco na costa do Mar Negro, as tropas rusass atravéssaram a fronteira e depois de varias escaramuças com as guardas avançadas turcas tomaram uma posição perto de Koprukeni, na estrada para Erzrun, mas a 13 de novembro foram obrigadas a recuar perante forças superiores. Recebendo reforços, depois de trez dias de combate, os russos de novo ficaram de posse d'essa posição, no dia 20. Essa victoria inicial, porém, era uma demonstração e não um avanço em força. A Transcaucasia era para a Russia um theatro secundario de guerra e a estrategia ahi seguida era conservar-se na defensiva durante os mezes de inverno.

Os turcos não tinham, comtudo, a intenção de permanecerem na defensiva e no fim de novembro começaram a desenvolver um avanço. Como já dissémos, o 9.º, o 10.º e o 11.º corpos de exercito haviam, um mez antes, sido concentrados em Erzrum, a mais importante praça fortificada da Turquia na Asia, correspondendo a Andrinopla na fronteira europeia.

A concentração russa fizera-se em Kars e foi entre essas duas fortalezas da fronteira que a lucta dos primeiros dias se travou. A distancia que as separa é de cento e sessenta kilometros. Ambas estão situadas a seis mil pés de altitude e a montanha que entre ellas corre attinge consideravel elevação. Toda a região intermediaria é um conjuncto de cadeias de montanhas e de altos valles cobertos de neves.

O plano preparado pelos allemães para os turcos era o mais querido de todos ao coração do estado maior allemão. Propunham-se repetir com os turcos o mesmo que von Kluck fizera contra os exercitos francez e inglez em França e von Hindenburg contra os russos em frente de Varsovia e tentar envolver o inimigo. Os allemães presumiram, e presumiram bem, que os russos fariam avançar o seu principal exercito pela estrada de Kars a Erzrum, porque, a não ser pelo lado persa, é o unico caminho para grandes massas de tropas, não obstante a testa do caminho de ferro de Sarikamish n'essa estrada ficar apenas a vinte e quatro kilometros da fronteira turca.

Deter e atacar os russos na estrada de Erzrum com o 11.º corpo de exercito turco e ao mesmo tempo fazer avançar columnas pela esquerda para um ataque envolvente contra Kars e o flanco direito russo, tal era na sua essencia o plano allemão. Para o executar com exito era necessario que Enver Pacha dispuzesse de mais tropas que o inimigo. A 37.ª divisão do 13.º corpo de Bagdad foi trazida para reforçar o 11.º corpo de exercito contra a fronte russa e parte do 1.º corpo de exercito foi trazida pelo mar de Constantinopla para Trebizonda, a fim de avançar da costa contra Ardahan e completar assim a extrema esquerda turca no movimento envolvente aos russos.

Póde, por isso, calcular-se que Enver Pacha dispunha de mais de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1765 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 5 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

As circumstancias politicas

E' mais animador o estado do sr. Affonso Costa, mas mesmo realisando-se a hipothese mais provavel, que é aquella a que tendem todas as esperanças, ainda assim não é de presumir que antes d'um praso bastante longo, que poderia ter limite na occasião em que o parlamento reúna para a legislatura ordinaria, a iniciar em 2 de dezembro, seja possivel a constituição d'um novo governo a que o illustre estadista, chefe do partido que dispõe da maioria parlamentar, possa imprimir uma orientação vasta e segura.

E' preciso contar sempre com o imprevisto, na vida dos Estados, e o triste incidente agora occorrido mais uma vez, d'uma maneira flagrante, o vem demonstrar. E são as condições d'esse imprevisto que obrigam muitas vezes a modificar as resoluções dos homens e a marcha dos acontecimentos.

Assim, o actual ministerio, que, porventura, se julgou destinado apenas a effectuar uma transição rapida, occupando-se quasi apenas do negocios de expediente, vê-se em presença d'uma missão mais alta, e levado a assumir responsabilidades muito maiores.

No actual estado da politica portugueza, perante uma situação das mais melindrosas e complicadas em que se tem visto envolvida a existencia nacional, um lapso de tempo que pode dilatar-se a perto de cinco mezes representa uma tal somma de eventualidades, revela uma tal perspectiva de factos que nem se podem prever, que seria loucura julgar possivel vencer esse periodo em circumstancias de simples espectativas, ou de meras soluções transitorias.

O governo actual tem de occupar as cadeiras do poder, durante muito mais tempo do que o calculado, porque só deve substituil-o um governo genuinamente partidario, representante das forças organisadas da democracia que o suffragio popular robusteceu, significando-lhes a sua confiança para gerir os destinos do paiz. Esse governo partidario não se affigura viavel emquanto o chefe do partido a que nos referimos não estiver na plenitude de toda a sua actividade, inteiramente restabelecido do tremendo abalo que soffreu. Qualquer governo que sem a sua orientação se constituisse não seria aquelle governo forte que a nação espera para a obra de reorganisação e progresso que é indispensavel realisar com pulso firme e verdadeiro genio politico.

O dever politico consiste em amoldarem-se ás circumstancias, procedendo em conformidade com a sua existencia, que se não póde dissimular. E conforme essas circumstancias variam, assim os homens teem de proceder, não esquecendo as suas ideias, os seus principios, os seus planos, mas procurando realisal-os nas condições novas que os factos estabelecem.

O governo actual tem de mostrar-se á altura d'essa situação, estudando-a conscienciosamente e amoldando-se ás iniciativas que ella determina. Não é já um governo de simples transição, que poderia manter-se n'um papel relativamente modesto e apagado. E' um governo que tem de governar com largueza de vistas, comprehendendo que cinco mezes não são cinco dias, e que n'esses cinco mezes factos importantissimos se terão de passar, não podendo admittir dilação para que sobre elles se tomem resoluções immediatas.

Para que o governo, assim chamado a uma acção superior, se sinta alentado para o desempenho d'uma missão importantissima, que circumstancias imprevistas lhe impuzeram, necessario se torna que a opinião publica o robusteça com a sua confiança e o seu apoio. E' preciso que nos compenetremos de que os homens que o compõem estão realisando um sacrificio, e que não ha direito de lhes exigir um redobramento do seu esforço sem os compensar com um augmento de confiança.

O governo sabe o que o paiz quer, e que a opinião republicana reclama. E' preciso tambem que o paiz e a opinião republicana se não esqueçam de que o governo só pode realisar a sua missão dando-lhe o paiz e a opinião republicana todo o apoio de que elle carece.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes, com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito. O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

Migalhas

Plebiscito

Voltando ainda ao caso da applicação da lei da Separação das convicções e do pãosinho mensal, parece-me que, n'esta tarefa de se apurar quaes os funccionarios civis e militares contrarios ao regimen, se poderia adoptar com vantagem o systhema da consulta pessoal, um plebiscito, por assim dizer.

O plebiscito foi preconisado por Paiva Couceiro para desfazer o que elle chamava o equivoco nacional e saber-se afim o que queria a população de Portugal. O ministerio Pimenta de Castro, se não tem cahido do Terreiro do Paço abaixo, teria cahido no plebiscito. Pois bem. Hoje que ha duvidas em saber se ha thalassas nas secretarias e nos quarteis, pergunte-se aos proprios que estão em suspeita. Ninguem o sabe melhor do que elles. Dê-se vinte e quatro horas a cada funccionario do governo para por escripto responder á seguinte pergunta: «O sr. é ou não é republicano?»

Dir-me-hão que a pergunta é ociosa, que tal consulta se fez ha cinco annos, quando se assignaram compromissos de honra de servir lealmente o regimen nascente. D'accordo; mas a Republica é mulher e todos sabemos que as mulheres teem por habito estar sempre perguntando aos que lhe são caros—e olhem que ha funccionarios carissimos:—«Gostas de mim?» A Republica já perguntou uma vez. Pergunte outra. Já lá vão cinco annos sobre a primeira declaração de amor e todos os psichologos estão de accordo em dizer que na paixão o que ha de mais certo, quasi sempre, é a saciedade. Para mais os portuguezes são tão voluveis! Talvez assim tivessemos ensejo de apurar uma meia duzia, que tivesse o pudor de declarar:—«Não, filha, já não gosto de ti».

André Brun.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$850 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Recordações da Argonne

A Legião estrangeira

O que diz um portuguez que n'ella combateu

Apresentaram-no-lo ha pouco, ali a baixo, n'um casual encontro de passeio. E' um rapaz de estatura mediana, trigueiro, o apparenta ahi os seus 26 annos. Muito modesto e simples. Tão simples, tão modesto, que as suas primeiras palavras ao pedirmos-lhe a narrativa da vida de campanha foram a rogar que não lhe falassemos no nome. Andando, vemol-o coxear sensivelmente. A perna direita move-se inteiriça, hirta, como se lhe tivessem immobilisado a articulação do joelho. O ex-legionario explica:

—Foi um estilhaço de granada que me esphacelou a rotula. Fui ferido cinco vezes; da ultima, n'uma carga de baioneta. Sete horas fiquei no terreno á espera de soccorros clinicos. Depois de tratado, reformaram-me e aqui estou agora inactivo.

—Como sentou praça na Legião? Encontrava-se já em França quando estalou a guerra?

—Não senhor. Fui apresentar-me em Marselha no mez de agosto. Como já fôra soldado, tive uns dias de exercicio apenas e segui logo para a linha de fogo. Assisti á batalha de Marne em La-Fére-Champenoise...

—Os allemães batiam-se bem?

—A principio, lindamente. Nunca imaginei. Com muita coragem, muito sangue frio... Mas depois que começaram a retirar, esmoreceram muito. Abandonavam peças e material, enterravam os mortos nos jardins, á pressa, em covas de dois palmos...

—Onde permaneceu durante mais tempo?

—Na Argonne.

—Um sector arriscado...

—Era considerado um logar de honra. Para lá foi mandada a legião estrangeira e a dos garibaldinos. Nós, os da legião, temos sempre, como é natural, os postos mais arriscados, porque somos voluntarios e nos inscrevemos dispostos a morrer. E teem morrido innumeros. Imagine que actualmente já não haverá mais de duas companhias completas ...

—Em todo o caso, a Legião opera sempre em concordancia com as outras unidades, insinuámos.

—E' claro. Mas a fórma de combater é que é differente. Ahi tem, por exemplo, a construcção das trincheiras: quando é preciso avançar, collocam-se quatro homens de picareta e arma na mão, promptos á primeira voz. Então, os nossos artilheiros dirigem o fogo das suas peças para o local onde deve ser construida a nova trincheira, quatro obuzes cahem no terreno, abrindo cada um a sua cova com a violencia da explosão. N'esse instante, ouve-se um toque de apito e os quatro homens precipitam-se n'uma carreira louca, até chegarem ás covas, onde se occultam, começando logo a excavar a trincheira.

—Os recontros corpo a corpo devem ser frequentes, na Argone...

—Frequentissimos. Quando nos encontramos a 50 metros dos allemães deixamos de atirar, porque o sisthema da espingarda Lebel, carregando os cartuchos no deposito a um e um, não é proprio para combater a curta distancia. De resto, este methodo tem dado excellente resultado, visto que a Argone está quasi toda reconquistada.

O terreno é ganho palmo a palmo...

—Diga antes centimetro a centimetro. Calcula-se que cada metro de avanço custa a vida de trez homens.

—Fazem muitos prisioneiros?

—Não se passa um dia em que não venham, isolados ou em grupos por vezes muito numerosos, pedir quartel. Fogem das linhas inimigas aproveitando a escuridão da noite e quando presentem proximo as nossas avançadas escondem-se até ao romper d'alva. A's primeiras horas da manhã, é sabido, surgem do terreno em frente das sentinellas, de braços erguidos, implorando perdão. O prussiano, em regra, é antipathico e orgulhoso. O saxonio, o bavaro e o wurtemburguez são em geral boa gente, anciosa por se ver livre d'aquelles assados...

—Qual é a sua impressão ácerca do estado actual da campanha. Essa linha invariavel que vae desde o Mar do Norte até á fronteira da Suissa não parece provar que os allemães dispõem ainda de muita resistencia?

—De maneira nenhuma. Esse facto prova apenas que Joffre não julga ainda chegada a opportunidade de libertar o solo da França com vantagem para os alliados.

—Ess'agora ...

—Sim senhor. A linha actual tem uma grande vantagem. Pela sua enorme extensão, conseguimos immobilisar ali 2.500:000 allemães. Se Joffre mandasse avançar, conseguiria, sem duvida, levar o inimigo até á linha da sua fronteira, que a Allemanha pode guarnecer muito bem com 500:000 homens apenas. Ficavam, portanto, 2 milhões de soldados livres para atirar sobre a Russia, o que n'este momento não convem de maneira alguma.

E o nosso compatriota termina a palestra affirmando a sua absoluta convicção de que a campanha terminará pela victoria, completa e decisiva, das tropas alliadas.

POLITICA HESPANHOLA

A attitude dos mauristas

O comité central de acção maurista enviou aos jornaes uma curiosa nota que entendemos dever resumir. Os conservadores que ficaram fieis ao sr. Maura declaram que a proclamação da chefatura do sr. Dato, realisada por senadores e deputados das maiorias parlamentares, não é um phenomeno distincto da «deserção collectiva» por elles effectuada em outubro de 1913, mas a consequencia prevista d'esse facto. Tres particularidades assignalam, todavia, os mauristas, quanto ao acontecimento agora produzido. Eil-as:

Primeira. Escolher para semelhante acto de politica interna o proprio momento em que o governo recommenda que se ponham de lado as questões partidarias a que se preste attenção, exclusivamente, ao problema internacional.

Segunda. Reputar opportuno que o partido conservador signifique a sua confiança a alguns dos seus componentes no dia immediato áquelle em que lh'a negou elemento tão tipicamente conservador como o capital.

Terceira. Perseverar na perigosa affirmação de que a confiança régia basta, não já para sustentar governos de occasião, mas tambem para cimentar chefaturas que aspiram a ser perduraveis.

Frisando estas particularidades, e nos termos que deixamos transcriptos, o Comité central de acção maurista diz que não necessita discutir as qualidades de estadista do sr. Dato, mas crê do seu dever reiterar a affirmação de que, separados do governo e dos representantes em côrtes que o seguem, existe em Hespanha «uma democracia conservadora que ractifica a sua confiança nas doutrinas, processos e exemplos do sr. Maura, do qual o governo poderá apenas conservar—segundo a phrase do sr. Dato—uma respeitosa recordação, mas a quem outros muitos hespanhoes estão dispostos a não abandonar».

Em resumo: a dissidencia conservadora, a que o sr. Dato se referiu no discurso que pronunciou ao ser investido solemnemente na chefia do partido, mantem-se, como ha dois annos, e os mauristas aguardam a sua vez...

Poeira da Arcada

Póde um sujeito ser filho de paes humildes e pensar que, se fôssem outras as suas raizes, talvez a sorte o enchesse de favores. Nós temos uma grande facilidade em nos imaginarmos differentes do que realmente somos. Ha pelintras que sonham com thesouros. Tristes poetas errantes atiram-se a mulheres impossiveis—imperatrizes, archiduquezas ou altas damas palatinas. Todavia estes casos denunciam manias, psichoses hesitantes, merecendo, portanto, indulgencia e até simpathia. O que ninguem certamente perdoará é a impudencia de um qualquer malcatrefe que, com o toutiço a impar de vaidades litterarias ou outras, decreta para si uma ascendencia tão subida que os seus verdadeiros progenitores teem de confessar que se enganaram, dando-lhe o ser.

***

A guerra é a mãe de todos os flagellos.

A suas mãos sangrentas semeiam a Dr, a Morte e o Lucto com largueza, fazendo dos campos e das cidades um só panorama de tragedia. Tudo se liga para infernar a vida dos soldados. Multiplicam-se-lhes os obstaculos, ameaças, traições, perdições. As moscas são o seu mais recente inimigo. Não só se tornam incommodas com as suas picadellas, mas tambem perigosas, porque propagam germens deleterios. Qual o melhor meio de as combater? Envolver o rosto com uma gaze, durante o somno, ou refrescal-o com um leque, durante o dia. Os jornaes francezes não se cançam de pedir ás senhoras que mandem para as trincheiras os véus e leques de que não necessitem. E as remessas hão sido abundantes. Eis como as frioleiras mais frivolas da indumentaria feminina acabam por entrar no dominio das coisas sérias e uteis.

***

Em Coimbra desenrolou-se hontem a procissão da Rainha Santa. Espectaculo magestoso para toda a gente, principalmente para os que ligam ao estudo da vida religiosa um interesse superior. Não houve uma só nota discordante. Crentes e não crentes souberam concertar-se para criar uma clara atmosphera de respeito e de tolerancia. Nem a Republica prejudicou a fé do povo nem o povo se cohibiu para significar a sua devoção áquella que, no seu tempo, tanto trabalhou para effectivar a paz entre os homens.

Um antigo discurso françophilo de Vázquez de Mella

MADRID, 4.—Causou extraordinaria impressão no publico a reproducção, feita nas columnas da *Correspondencia de España*, de um discurso ha annos proferido pelo sr. Vázquez de Mella no congresso e em que se preconisam as vantagens de uma alliança hispano-franco-russa e se combatem a Allemanha e a Triplice alliança. O orador tradicionalista, como se sabe, diz hoje precisamente o contrario.—(*Corresp.*).

Eleições em Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 5.—São os seguintes os resultados apurados até hontem á noite:

Deputados: Dr. Antonio Franco, democratico, 1.587 votos; dr. Marianno Arruda, democratico, 1.243; dr. Jacintho Gago Faria Maia, unionista, 1.167.

Senadores: Dr. João Francisco de Sousa, democratico, 1.636 votos; Rodrigo Guerra Alvares Cabral, democratico, 1.366; dr. Antonio Alves Oliveira, unionista, 1.219.

Devem ser estes os eleitos, embora faltem ainda os resultados das assembléas de Povoação e Villa do Campo, que pouco podem influir na votação geral.

Para deputados seguiram-se na ordem de votação: Hermano Medeiros, unionista, 1.104 votos; coronel Goulard de Medeiros, 402; Machado Santos, 371; Augusto Costa Rito, socialista, 253.

Para senadores: Christovam Moniz, unionista, 1.051 votos; general Pimenta de Castro, 475; vice-almirante Xavier de Brito, 428.

O attentado contra millionario Morgano

NEW YORK, 4.—Segundo o «Herald» de New York, Holt declarou que teria attentado contra a vida de Wilson se tivesse escapado. A policia reconheceu que elle tinha premeditado trez attentados.—(Havas).

NEW-YORK, 4.—O boletim sobre o estado do banqueiro Morgan diz que nenhuma das balas entrou no abdomen e que não foi attingido qualquer osso. O estado do sr. Morgan é o mais favoravel possivel.—(Havas).

Congresso Nacional

Camara dos Deputados

Homenagem unanime ao dr. Affonso Costa

O sr. Azevedo Coutinho, ás 14,50, diz que estão presentes 53 deputados e abre a sessão. Do governo, está o sr. ministro do fomento. Galerias quasi desertas. Lida e approvada a acta, é concedido um mez de licença ao sr. Virgolino Chaves. O sr. Azevedo Coutinho refere-se ao desastre de que foi victima o sr. Affonso Costa e diz que elle commoveu profundamente todos os bons patriotas, amigos da Republica. O destino está sendo adverso aos homens publicos d'este paiz. Depois do sr. João Chagas, victima d'um ataque pessoal, o sr. Affonso Costa, cujos serviços á Patria e ás instituições são incalculaveis. Propõe, por isso, que na acta se lance um voto de pezar pelo desastre que feriu esse homem publico, honra e lustre do Parlamento. O sr. Barbosa de Magalhães associa-se por parte da maioria e diz que aos receios e á magua dos primeiros momentos veiu juntar-se já a esperança, sendo por isso de crer que a saude volte a animar aquello que a fatalidade feriu. O paiz inteiro sentiu profundamente o desastre de que o sr. Affonso Costa foi victima. E' que ninguem como elle consubstancia e representa o regimen em que vivemos e queremos viver. O sr. Simas Machado, pelos evolucionistas, diz que o seu partido sente sinceramente a desgraça de que foi victima o sr. Affonso Costa. Faz, e fazem os seus correligionarios, os mais ardentes votos para que o illustre republicano volte quanto antes a illustrar o Parlamento com a sua eloquencia e com o seu talento.

O sr. Aresta Branco diz que não são precisas palavras. Pela União Republicana, deseja que o sr. Affonso Costa volte quanto antes á Camara, para continuar a enchel-a com o seu prestigio. O sr. ministro da justiça diz que o sr. Affonso Costa, por qualquer face que o encarem, é um grande homem. Como causidico, nunca houve outro tão arguto, tão conspicuo, tão delicado na maneira como dirige todas as causas que lhe entregam. Como politico, é o que está escripto na consciencia de todos os republicanos. Como patriota, elle tem sacrificado tudo ao seu paiz, desde a fortuna á vida. Elle consubstancia a Republica portugueza e consubstancia o regimen implantado á custa de tantos sacrificios. Hontem foi um dia de luto. No dia em que se souber que o sr. Affonso Costa está livre do perigo, será esse um dia de alegria nacional. O governo associa-se á homenagem da camara ao sr. Affonso Costa. O sr. Castro Meyrelles, catholico, reconhece no sr. Affonso Costa qualidades de combatividade, energia e talento que não são vulgares. E muito embora seja um inimigo politico do chefe democratico, como no coração dos catholicos não pode haver odios mas bondade, deseja sinceramente que o sr. Affonso Costa se restabeleça.

Voto de sentimento pelos onze marinheiros mortos

O sr. Leotte do Rego dirige tambem algumas palavras de elogio e de pesar ao sr. Affonso Costa e propõe que na acta se lance um voto de sentimento pela morte dos onze marinheiros que pereceram hontem afogados em Peniche. Associam-se o sr. Aresta Branco, pelos unionistas; o sr. Simas Machado, pelos evolucionistas; o sr. Costa Junior, pelos socialistas; o sr. ministro da justiça, pelo governo, e o sr. Alexandre Braga, pelos democraticos. Este deputado refere-se tambem ao desastre que attingiu o sr. Affonso Costa e associa-se pessoalmente á manifestação da Camara. Quanto á catastrophe de Peniche, lamenta-a compungidamente e diz que ella foi ferir cidadãos que ainda ha pouco prestaram ao paiz o maior serviço que podiam prestar-lhe. A corporação da armada é digna do amor, do respeito e da admiração de todos. O sr. Castro Meyrelles associa-se tambem ao voto proposto pelo sr. Leotto do Rego e diz que deseja que ás suas glorias a marinha portugueza accrescente novas glorias. Tanto o voto proposto pela presidencia como o da iniciativa do sr. Leotto do Rego são em seguida approvados por unanimidade.

Faz-se a inscripção para antes da ordem do dia. O sr. Alfredo Ladeira quer que a regulamentação das horas de trabalho se faça, quanto antes, em todo o paiz. Até hoje, só quatro ou cinco camaras cumpriram a lei, e isso não pode ser. O governo poderá lembrar ás camaras, por intermedio dos governadores civis e por meio d'uma circular, a conveniencia de obedecerem quanto antes á lei? O sr. ministro do fomento diz que informará o seu collega do interior e affirma que tem o maior desejo de prestar aos empregados do commercio todo o seu apoio. O sr. Fernandes Costa requer que lhe forneçam a nota que o ministro da marinha enviou ao commandante do *Vasco da Gama*, para serem postos em liberdade os ministros da dictadura e a resposta que a essa nota deu aquelle official.

O regimen cerealifero—A lei do affastamento de funccionarios

O sr. ministro do fomento mandou para a mesa uma proposta de lei modificando o actual regimen cerealifero e auctorisando a importação, no futuro anno cerealifero, de 120 milhões de kilogrammas de trigo. O sr. presidente do ministerio diz que a lei referente aos funccionarios publicos precisa de ser aclarada, para se applicar devidamente.

O sr. Eduardo de Sousa—E' a lei da fome.

O orador—Mas é uma lei de defeza da Republica.

O sr. Antonio Fonseca—E' uma piada, mas sem graça nenhuma.

O orador continúa fazendo a justificação da sua consulta, que é redigida nos termos seguintes:

Votou o congresso da Republica e foram publicadas em o «Diario do Governo» de 16 de junho passado as leis n.os 320, 321 e 322 relativas ao afastamento do serviço dos funccionarios civis e militares que não dão uma completa garantia da sua adhesão á Republica e á Constituição. Está o governo disposto a usar da auctorisação que n'esse sentido lhe foi conferida e para isso tem já organisado o regulamento que julga necessario e adequado á boa execução das referidas leis.

Surge no entanto uma duvida que o governo não póde resolver, visto tratar-se da *interpretação* de algumas palavras do texto legal e que constitue uma attribuição privativa do Congresso da Republica, expressa no n.º 1 do art. 26 da Constituição Politica. O art. 1.º da lei n.º 219 estatue que o governo fica auctorisado a separar do serviço os funccionarios que não deem completa garantia de adhesão á Republica e á Constituição mas estabelece que esta auctorisação lhe é concedida desde já e *por uma vez sómente*, palavras que são susceptiveis de duas interpretações diversas, cada uma determinando um procedimento differente por parte do Poder Executivo.

Devem entender-se no sentido de que o governo tem de decretar n'um só despacho, por cada ministerio, a separação dos funccionarios que julgar nas condições do artigo ou devem interpretar-se como o teem sido as palavras analogas do art. 27 da Constituição da Republica?

Tal é a duvida que o governo expõe ao vosso esclarecido criterio e que só póde ser resolvida pela elaboração e votação de uma lei interpretativa das palavras citadas, na fórma e termos prescriptos na Constituição da Republica.

(Veja-se a continuação nas «Ultimas noticias»)

No Senado

Abriu a sessão ás 14,40, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches.

Presentes 24 senadores, que ouviram lêr o expediente e approvaram a acta.

O sr. presidente refere-se com pesar ao desastre succedido ao sr. dr. Affonso Costa e propõe que na acta seja lançado um voto de sentimento por tão lamentavel occorrencia.

O sr. Estevam de Vasconcellos, em nome do partido democratico, associa-se a esse voto de sentimento, fazendo-o despido de paixões e da amizade pessoal que o liga ao sr. dr. Affonso Costa. Quer

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 5-7-915

CHRONICA MUSICAL

Baladas, rondós e bailadas

Além da musica instrumental ao som da qual se dançava, como já vimos, tambem no seculo XIII se dançaram certas canções. N'esta fórma de arte entravam trez elementos: a musica, a poesia e a dança. Entravam na sua execução um protagonista, «o que canta primeiro», e um côro. Para que a execução não resultasse confusa, tornava-se necessario que o papel de cada um fôsse determinado. D'ahi a creação dos generos de fórma fixa, que mais tarde se precisarão e multiplicarão, deixando, porém, de ser dançados: tem, pois, razão Jeanroy quando diz que todos os generos liricos de fórma fixa se destinavam primitivamente á dança. Na época que nos occupa são dois os generos mais em voga: a «balada» e o «rondó».

Investigações recentes estabeleceram a existencia de danças mimadas, especie de drama embrionario: era o que se chamava «balerie», que traduziremos «bailada».

Vejamos sumáriamente o que é cada um d'estes trez generos.

A «balada» não é ainda, n'esta época, de fórma tão rigorosamente precisa como veiu a ser mais tarde; a sua caracteristica differencial é a presença d'um estribilho no fim de cada estrophe: era a parte que competia ao côro. Para exemplo, damos a primeira estrophe d'uma das mais simples e de fórma mais antiga. Esta balada *offerece* a particularidade da intercalação d'uma *exclamação* entre cada verso. A parte em italico é a que o côro cantava.

> A l'entrada del tems clar
> *Eya!*
> Per joia recomençar
> *Eya!*
> E per jelos irritar
> *Eya!*
> Vol la regina mostrar
> Qu'el es si amorosa.
> *Alavi', alavia, jelos, jelos,*
> *Laissaz nos*
> *Laissaz nos*
> *Bailar entre nos, entre nos.*

«Na volta do tempo claro, para recomeçar a alegria e irritar os ciumentos, quer a rainha mostrar que está muito apaixonada. Rua, rua, ciumentos, deixai-nos, deixai-nos bailar entre nós, entre nós.»

E' ainda o motivo favorito dos troveiros, a perseguição constante dos ciumentos, que são, como já accentuámos, os maridos.

O «rondó», contrariamente ás outras fórmas, deriva, não da poesia popular, mas da poesia latina. De facto, nos seculos XII e XIII, abundam os «rondós» em latim. Mas, emquanto estes teem muitas estrophes, os rondós em lingua vulgar teem apenas uma. E' o que então se chama «rondel sengle», que no seculo XIV se desenvolverá largamente.

No tempo dos troveiros o rondó é d'uma extrema simplicidade, sendo gerado por um mote de dois versos. Este mote é uma frase poetica popularisada, ás vezes um rifão, encontrando-se o mesmo mote não só em varios rondós, mas ainda n'outros generos poeticos. O rondó vem a ser o desenvolvimento da ideia do mote, segundo uma regra fixa. Representemos por A B os dois versos do motte; o rondó continua por um verso «a» que rima com A, seguindo-se mais dois versos «a b», cada um dos quaes rima com os versos correspondentes do mote; a estrophe termina pela repetição do mote. Assim se fórma uma estrophe de oito versos, segundo a formula

A B «a» A «a b» A B

Da propria formula se deduz facilmente a interpretação do rondó: o protagonista cantava toda a peça, o côro apenas os versos pertencentes ao mote. Um exemplo tornará clara a explicação; os versos em italico são os cantados pelo côro.

> *Ensi va qui amours*
> *Demaine a son commant.*
> A qui que soit dolours,
> *Ensi va qui amours,*
> As mauvais est longours
> Nos biens mais non porquant.
> *Ensi va qui amours*
> *Demaine a son commant.*

A construcção musical corresponde exactamente á construcção poetica, sendo, para os versos eguaes, eguaes as phrases melodicas. O interesse musical d'este genero de canção é dos maiores, por isso que o «rondó» classico, que nos apparece cinco seculos depois, é a resultante logica da evolução do «rondó» dançado.

Vejámos agora o que é a «bailada». Durante muito tempo, uma certa cathegoria de canções de dança não conseguiram obter uma interpretação satisfatoria, por isso que, embora os versos se entendessem, a supposição de que uns eram cantados pelo protagonista, outros pelo côro, tornava o sentido da poesia absolutamente inintelligivel. Foi o professor do Collegio de França, Joseph Bédier, quem propôz uma interpretação nova, que resolve a questão, e dá a esse genero de canções um enorme interesse. Essa interpretação vem n'um artigo intitulado «Les plus anciennes danses françaises», publicado em 1906 na «Rèvue des Deux Mondes».

Depois de observar que essas canções de dança são frias e inexpressivas se as suppozermos dançadas como as outras, por uma roda de pessoas formando cadeia aberta ou fechada, diz Bédier:

«Se suppozermos personagens de bailado dançando no meio da roda esses fragments de canções de dança animar-se-hão d'um movimento mais expressivo. Muitos d'esses textos mostram que as pessoas que os dançavam não tinham as mãos dadas, como na «roda» ordinaria, o que lhes immobilisaria os braços, mas que, como tão bem diz o auctor de «Guillaume de Dole», «dançam e cantam com os braços e as mãos». Alguns fragmentos levam-nos a imaginar não «dois grupos», dois coros alternados, mas duas ou trez pessoas formando uma scena».

Partindo d'esta ideia, Bédier consegue reconstituir alguns scenarios de dança, que poderiam executar-se nos solares para matar os ocios dos dias de chuva ou das longas noites de inverno. Assim as «bailadas» seriam o theatro da sociedade feudal no seculo XIII, verdadeiros jogos de sala, cantados e mimados.

E' o jogo da «capella» florida, que representa uma dama que brinca, sósinha, com uma corôa de flores n'um bosque e que vae com um joven senhor que um «menestrel de viola» lhe enviou. E' a bailada da rainha da primavera, cuja primeira estrophe é a que damos como exemplo da balada. E' o bosque de amor, bosque misterioso e sagrado, onde só os amorosos podem entrar. E' uma scena de rapto e a pantomima d'uma dama que procura evitar o ciumento que a espreita. E' ainda um outro thema de dança, a copla de «Bele Aelis», que fez furor no seculo XIII. O ultimo troveiro que a utilisou, Baude de la Quarière, fez sobre esta copla uma canção cheia de minucias encantadoras, mas cujo conjuncto é quasi inintelligivel.

«Cada uma das phrases, diz Bédier, é clara e linda, e estas phrases claras, postas a seguir, são obscuras».

Temos de suppor uma peça dialogada.

«Depois de cada copla d'uma das personagens, continua Bédier, o coro canta sete versos. Semelhante ao coro d'uma comedia grega, associa-se aos sentimentos dos principaes actores. Excita-os no amor e lembra-lhes n'esses sete versos os principaes preceitos do amor cortez. Depois, nos cinco ultimos versos da estrophe, representa-se uma segunda scenasinha de bailado, cantando cada um dos actores por sua vez... A peça de Baude representa, em nossa opinião, uma dança «estilisada», mais um espectaculo organisado que um divertimento proporcionado pelos castellãos a si proprios, e o côro podia representar um papel musical e não coreographico».

Segundo esta interpretação, a «Bele Aelis» de Baude seria não já uma canção, mas uma peça theatral rudimentar.

Ainda a este genero pertence o «jogo do vigia»; mas d'essa bailada falaremos n'outra chronica, quando tratarmos das canções de alva.

Este rapido e sinthetico exame das canções de dança medievaes mostra como esses jogos e divertimentos senhoriaes, em que se entretinham as pessoas grandes, se parecem com os jogos e danças infantis de hoje; é que a ingenuidade dos costumes fazia assemelhar-se a psichologia d'um barbudo barão do seculo XIII á de uma loira creança do seculo XX.

Humberto de Avellar

lembrar apenas o elevado talento e as grandes faculdades de trabalho do chefe do partido democratico, que tem servido a Republica com inalteravel amor e patriotismo. Está certo que não ha no paiz um só republicano que o não reconheça e que não deseje o restabelecimento do sr. dr. Affonso Costa. Está seguro tambem de que os mesmos sentimentos animam todos os senadores, sem distincção de partidos. (Apoiados de toda a Camara).

O orador termina fazendo votos pelas rapidas melhoras do sr. dr. Affonso Costa.

O sr. Pedro Martins, pelos evolucionistas, diz que, sejam quaes fôrem as divergencias entre o seu partido e o democratico, cumpre o dever de se associar a esse voto, reconhecendo que o sr. dr. Affonso Costa é uma poderosa intelligencia e uma grande actividade de que a Patria e a Republica carecem. Faz, portanto, votos pelas melhoras do illustre enfermo, affirmando não ser isso um cumprimento banal, mas a expressão d'um sincero desejo.

O sr. Alberto da Silveira, em nome da União Republicana, lamenta profundamente o desastre succedido ao sr. dr. Affonso Costa, fazendo-o com tanta maior sinceridade, quanto é certo que foi das primeiras pessoas a dirigir-se ao hospital, a saber da saude do enfermo, a cujo talento e patriotismo presta homenagem. Diz que carecemos da sua vida, como da de todos os bons republicanos que á causa da Patria dedicam o melhor da sua intelligencia e do seu esforço. Em nome da União Republicana, portanto, faz votos ardentes por que em breve o sr. dr. Affonso Costa possa regressar á sua vida normal.

O sr. Paes Gomes associa-se ao voto da presidencia e propõe que na acta seja lançado um outro de profundo sentimento pelo desastre occorrido na costa de Peniche, de que foram victimas onze marinheiros.

Associam-se, com sentidas palavras, a esse voto, os srs. Alberto da Silveira, pela União Republicana, e Estevão de Vasconcellos, pelo partido democratico.

O sr. Celestino de Almeida pede a comparencia, na proxima sessão, do sr. ministro do fomento, com quem deseja tratar de assumptos de interesse publico.

O sr. Paes Abranches mandou para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro das finanças sobre a exportação de lãs sujas, que considera prejudicial para a agricultura.

Passou-se á ordem do dia—eleição de dois vogaes para o conselho fiscal da Caixa Geral dos Depositos, um effectivo e um substituto, ficando eleitos, respectivamente, os srs. Paes de Almeida e Silva Barreto. O sr. presidente lembra a conveniencia de se instalarem já as commissões eleitas, para apresentarem os seus trabalhos, e o sr. Estevão de Vasconcellos, para tal effeito, pede aos seus collegas que não saiam do edificio.

Em seguida foi encerrada a sessão, devendo a proxima realisar-se talvez na quinta-feira.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

RECREIOS DA AMADORA —A festa dos Petits Walter.

A prova de que os engraçados duetistas Petits Walter teem muitas simpathias e muitos amigos deu-a hontem o bello espectaculo realisado no imponente salão dos Recreios Desportivos da Amadora. O programma reunia distinctos amadores, que o engenheiro sr. Frederico Taveira agrupou constituindo uma bella orchestra simphonica e deu razão aos applausos da enorme assistencia quando se realisou um acto de intermezzo. N'este o sr. Francisco Canto e Castro executou muito bem, em violino, a Berceuse de Ranzal e as Dansas Tziganes de Nacker. O baritono Antonio Caldeira cantou, com brilho, o prologo dos Palhaçose a area da Carmen. O sr. David Levy imitou primorosamente o ventriloquo Moreno, que esteve em Lisboa no anno passado. Por surpreza appareceu em scena a menina Maria Luiza Matheus, dizendo com muita correcção dois monologos. No rondó de Beriot, as sr.as D. Aida e D. Irene Freitas, com o professor Armando Leça, mantiveram-se com superior distinção.

Nos concertos da orchestra e sob a direcção intelligente do engenheiro F. Taveira, executaram-se varios trechos classicos e outros de musica ligeira, sendo bisados o pizzicato de Tauberi e a Ephemera do dr. José de Padua. O conjuncto era magnifico, harmonico e deixou excellente impressão até nos criticos mais exigentes.

Os pequenitos Walter apresentaram o seu programma de duetos comicos e canções patrioticas, nos quaes não teem comparações e são inimitaveis. Eugene Walter, o irrequieto Néné, fez a surpreza de cantar a Menina Rosa, vestindo e representando como o faz seu pae, o clown Walter. No dueto "Vassourinha e Abanador" a menina Helene Walter ostentava um lindo vestido, com pintura caracteristica, feita por M.me Mathilde Taveira. E como este, muitos outros brindes receberam os graciosos duetistas dos seus amiguinhos da Amadora...

Noticias

ENTRE NÓS

No Salão Olympia estreia-se hoje a «Velhice do actor», prodigiosa creação de Signoret e em que figuram Alexander e a formosa Robini.

—No Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora realisa-se na quarta-feira, ás 21 horas, um festival concerto promovido pelo professor de guitarra o eximio solista Julio Silva com a collaboração da pianista e primorosa «diseuse» M.me Rita Reinach Camara, laureada do Conservatorio de Milão, e do applaudidissimo tenor bandolinista-concertista Julio Camara, laureado do Conservatorio de Lisboa.

—A empreza do Theatro Salão dos Anjos, contratou os artistas The Argentinos.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Aurora Lopes Domingues, filha do sr. Joaquim Lopes, estimado funccionario superior da Companhia do Caminhos de Ferro Portuguezes. O funeral da extincta, senhora dotada de excellentes qualidades, pelo que a sua perda é muito sentida, realisa-se ámanhã, ás 10 horas, da calçada de Santo André, 40, 2.º, para o Alto de S. João.

Movimento associativo

Commissão parochial republicana do Sacramento

Reune ámanhã, ás 20 horas e meia, devendo comparecer todos os seus vogaes.

ULTIMAS NOTICIAS

Noticias parlamentares

Os deputados e senadores da União Republicana reuniram hoje, no Centro respectivo, para apreciarem e discutirem a attitude a seguir no Parlamento, em face do regulamento da lei que manda separar do serviço os funccionarios publicos desafectos ao regimen. Segundo consta, os parlamentares unionistas resolveram declarar-se em intransigente opposição a esse diploma, tendo, n'esse sentido, sido feitas affirmações, as mais cathegoricas e terminantes.

***

O sr. ministro dos estrangeiros declarou hoje, na camara dos deputados, encontrar-se habilitado a responder á interpellação do sr. Mello Barreto sobre a crise do Douro e ratificação do tratado de commercio com a Inglaterra. Fazendo essa declaração, o sr. Augusto Soares fez sentir a necessidade do importante assumpto se discutir quanto antes, o que fez com que o sr. presidente marcasse a interpellação para a ordem do dia de ámanhã.

***

Placido, comedido e sobrio o sr. dr. Castro Meyrelles, deputado catholico que hoje se estreou, revelou-se, indubitavelmente, um apreciavel orador sacro. Virá a sua eloquencia, correcta e marcadamente litteraria, a adaptar-se ás exigencias parlamentares, tão cheias de surpreza e de imprevisto? Terá ella esse dom precioso da espontaneidade, sem a qual não ha oradores seja em que Parlamento fôr? Oxalá. E' que quem assim principia fica obrigado a continuar e a revelar-se cada vez melhor. Para vêr, ao menos, se os eleitores de Oliveira de Azemeis se aferveram ainda mais nas suas crenças...

***

Constituiram-se hoje, na Camara, varias commissões. E entre ellas a de redacção, que escolheu para relator o sr. dr. Eduardo de Sousa. A'manhã devem ser eleitas as ultimas commissões, parecendo que ainda esta semana se iniciará a discussão do orçamento das receitas. Entretanto, a Camara occupar-se-ha de varios projectos pendentes, alguns d'elles provenientes do Senado.

***

O sr. Leotte do Rego, no breve discurso que hoje proferiu na Camara dos Deputados, poz, principalmente, a importancia dos serviços que á defeza nacional o sr. dr. Affonso Costa tem prestado, e o interesse que sempre lhe mereceu a Armada, por cuja renovação elle combateu sempre, não perdendo nunca ensejo de affirmar a necessidade de se dotar a nossa marinha de guerra com o material indispensavel.

GENTE PARA TUDO...

Uma recita do "Orpheu"!

Entre outras producções scenicas pensam em representar um «drama dinamico»...

Graças a Deus, ha gente para tudo. Nunca, porém, as boas tradições historicas foram tão religiosamente respeitadas como n'esse grupo de inoffensivos futuristas que se propõem enriquecer a teratologia litteraria e artistica da nossa terra, publicando o *Orpheu*, planeando conferencias e dispondo-se até a exhibir a maluqueira no tablado de um theatro. Os antigos reis não dispensavam, na côrte, o concurso dos bobos. Ha pessoas que imaginam ser ainda indispensavel esse concurso á vida das sociedades do nosso tempo...

A *ultima* é uma recita *paulica*, planeada em segredo, destinada a irritar o burguezismo artistico e a crear mais um motivo para que se fale no assumpto, porque esses pobres moços, afinal, não desejam outra coisa mais senão que se fale d'elles. Bem ou mal, pouco importa. O essencial é que não fiquem ignorados. E, na realidade, tem-se-lhes satisfeito essa ingenua aspiração.

Pois apesar da recita ter sido preparada em segredo, já alguma coisa d'isso transpirou nos cafés. O *clou* do espectaculo é um *drama dinamico* (!) intitulado *A bebedeira*, representado por... pernas. O panno sóbe apenas até á altura do joelho dos actores, de fórma que o espectador não vê mais do que pernas humanas, pernas de cadeiras, pernas de mesas, tudo isto illuminado por estranhos effeitos de luz, dançando coisas macabras e desconnexas...

A realisar-se, porém, a recita, envolve um perigo para o publico, porque é natural que as batatas encareçam.

Com vista á commissão reguladora dos preços dos generos de primeira necessidade...

A grande guerra

Submarinos allemães afundados — Ataques austriacos repellidos

PARIS, 5.—Telegrapham de Delfzijl ao *Telegraaf* que o submarino U-30, que se afundou na embocadura do Ems, foi posto a fluctuar, tendo apenas fallecido um tripulante. O submarino foi rebocado para Emden.

Um dos nossos torpedeiros abalroou com um submersivel allemão que desappareceu, soffrendo o torpedeiro avarias insignificantes.

Na região de Radom tomámos as trincheiras occupadas por varios batalhões austriacos.

Na direcção de Bykhave repellimos os ataques inimigos. O desfecho do combate não é ainda conhecido.

Tomámos a aldeia de Tarjimeki que o inimigo nos havia tomado.

As nossas patrulhas, depois de haverem obstado ao avanço inimigo sobre Gnila Lipa, retiraram em direcção a Zolota Lipa.—(*Havas*).

O estado do sr. dr. Affonso Costa é animador

embora se mantenha ainda melindroso

Respirava-se hoje no hospital de S. José uma atmosphera de maior confiança. A dolorosa espectativa de hontem tinha-se transformado n'uma serenidade cheia de optimismo, todos acreditando que estava passado o momento de maior perigo. Ao sr. Botto Machado, que tinha entrado no quarto do ferido ás 10 horas da manhã, ouvimos nós dizer:

—Não tenho duvidas. Acredito absolutamente que se salva, porque assim é preciso. E ha de salvar-se.

As suas palavras fortes, onde transparecia o allivio de quem se sente liberto d'um grande pezadello, vieram dar uma grande impressão de confiança ás pessoas que as escutaram. O sr. dr. Alexandre Braga é tambem dos que acreditam absolutamente em que o perigo será vencido.

—Não sei dizer porque... Talvez por confiar muito na resistencia admiravel do seu organismo. Desde a primeira hora, sou dos que esperam a todos os instantes a noticia das melhoras definitivas e salvadoras!

Entre os numerosos populares que acodem a saber noticias e que as aguardam cá fóra, deante do corredor estabelecem-se palestras animadas, discute-se o incidente, apreciam-se e confrontam-se os dizeres dos boletins. O carinhoso optimismo d'alguns leva-os a não acreditarem sequer na existencia do perigo. Ha quem sustente acaloradamente, firmando-se na supposta opinião de um distincto operador, que não ha fractura alguma na base do craneo.

—Ha apenas uma fenda. Se houvesse fractura, a hemorragia continuava e o doente não conservaria o seu estado de lucidez...

Essas palavras correm de bocca em bocca, creando novos alentos, dando esperanças aos mais pessimistas. Os que as proferem não sabem nada de medicina nem de cirurgia; basta-lhes o seu desejo de salvação do doente para que os prognosticos lhes saiam consoladores. Um popular que descia, quando entrámos, a ladeira fronteira ao edificio, dizia quasi indignado para um companheiro:

O enfermo pergunta "o que ha"

Outras phrases que elle tem proferido durante o dia

—Em perigo de morte? Podia lá ser...

A's primeiras horas da tarde o sr. Urbano Rodrigues entrou no quarto do illustre enfermo, acompanhado pelo sr. dr. Francisco Gentil. A primeira pergunta feita pelo sr. dr. Affonso Costa foi esta:

—Que ha?

E accrescentou logo:

—Que diz por ahi o povo?

Estas perguntas parecem significar que s. ex.ª, embora não sabendo o que se passou, tem a noção vaga de que o seu mal é resultado d'um crime. Porventura voltou ao seu espirito, indecisamente, a ideia d'um attentado.

O sr. Urbano Rodrigues procurou saber se elle se recordava da explosão no carro electrico, se poderia reconstituir a scena do desastre. Mas nada. O sr. dr. Affonso Costa apenas respondeu:

—Sim, fomos passear no carro...

Mais nada. Como é natural, evitou-se fatigar o enfermo não se empregando esforços que pudessem fazer desapparecer a amnesia que elle mostrava.

Depois de beber um copo de agua, que elle proprio pedira, voltou-se para os medicos e teve esta phrase:

—E' de Vidago.

Mais tarde, tendo pedido novamente agua, deram-lhe leite. Mas não quiz, dizendo:

—Não. Leite, agora, não. Quero antes agua.

A certa altura, quando lhe entregaram o thermometro para se verificar a temperatura novamente, elle observou, um pouco mal humorado:

—Tantas vezes o thermometro... Se eu tenho pouca febre...

Todo o dia de hoje tem sido perfeita a sua lucidez. Conhece todas as pessoas que entram no quarto e cumprimenta-as com um forte aperto de mão.

De manhã manifestou uma grande curiosidade em saber que doença tinha. O sr. dr. Francisco Gentil respondeu-lhe que era a fractura d'uma costella. Voltou então a perguntar:

—E na cabeça? O que é que eu tenho?

Dada a resposta, retorquiu, apontando o penso:

—Ah! então não posso tirar isto.

Telegrammas do sr. Eusebio Leão, Alves da Veiga, Regis de Oliveira, José de Alpoim e Guerra Junqueiro

O sr. dr. José de Castro e os srs. ministros do fomento, colonias justiça e instrucção estiveram pessoalmente a informar-se do estado de saude do sr. dr. Affonso Costa pelas 12 horas, retirando-se um pouco mais satisfeitos com as noticias obtidas.

Tambem vimos nos corredores dos quartos particulares os srs. dr. Bernardino Machado, dr. Carlos Amaro, Visconde S. Luiz Braga, Innocencio Camacho, commandante da policia, Pires de Carvalho, Paes Gomes, Celestino d'Almeida, Sá Pereira, dr. Vicente Ferreira, José Montez, Alvaro Pope, João Damas, familia general Carvalhal, dr. Teixeira de Azevedo, dr. Paes d'Almeida, Henrique de Vilhena, José Joaquim de Vilhena, governador civil de Beja, Gonçalves Teixeira e varios outros amigos pessoaes e politicos do chefe do partido democratico.

Além dos telegrammas já mencionados receberam-se mais os seguintes: de Roma, do sr. Euzebio Leão: e do Havre, do sr. Alves da Veiga.

O sr. dr. Regis d'Oliveira tambem enviou o seguinte ao sr. Urbano Rodrigues: Coimbra. Em caminho Vidago soube triste accidente dr. Affonso Costa. Rogo inscreva meu nome visitantes, transmittir familia sinceros votos pelo prompto restabelecimento eminente homem de Estado.»

Tambem o sr. conselheiro Alpoim enviou o seguinte telegramma: «Senador Arthur Costa. Seu irmão Affonso teve sempre para mim demonstrações de simpathia e estima em occasiões dolorosas da minha vida. Venho significar a v. ex.ª quanto sinto desastre occorrido pedindo o favor de lhe transmittir quanto ser possa os votos feitos pelo seu restabelecimento.—José Maria de Alpoim».

O sr. Arthur Costa recebeu ainda do Porto o seguinte telegramma: «Peço noticias seu irmão cujas melhoras muito desejo.—Guerra Junqueiro».

Boletins medicos

Hoje foram affixados os seguintes boletins, que uma enorme agglomeração de povo lia avidamente:

Boletim das 9 horas:— Pulso, 88; respiração, 33; temperatura, 37,9. Desappareceram por completo os simptomas de perturbação cerebral. Estado do doente ainda muito melindroso mas animador. (aa)—Bello de Moraes, Francisco Gentil, Costa Santos e Pulido Valente.

Boletim das 13 horas:—Pulso, 84; respiração, 32; temperatura, 37,7. (aa)—Salazar de Souza e Costa Santos.

Boletim das 14 horas: Pulso 88; respiração, 30; temperatura, 38,1. O doente conserva-se perfeitamente lucido e relativamente calmo. (aa)—Salazar de Souza e Costa Santos.

Este ultimo boletim foi feito a pedido do sr. presidente da Camara dos Deputados, para ser affixado nos Passos Perdidos.

Varias notas

Cerca das 13 horas, o sr. governador civil, acompanhado pelo sr. Alfredo Pinto, foi á residencia do sr. dr. Affonso Costa, á rua Braamcamp, para acompanhar a esposa do illustre enfermo ao hospital de S. José.

Além dos srs. Marianno Martins e Alfredo Pinto, acompanharam a sr.ª D. Alzira Costa os srs. dr. José Tavares e esposa, Arthur Costa e dr. Alvaro Costa, chegando ao hospital por volta das 14 horas.

A esposa do sr. dr. Affonso Costa e madame Tavares, que já haviam estado no hospital até de madrugada, dirigiram-se logo para junto do leito do enfermo, que passou a tarde tranquillamente, dormindo algumas vezes.

***

O sr. dr. Velloso Rebello, conselheiro da embaixada do Brazil, assim que soube do desastre, foi immediatamente ao hospital informar-se do estado do sr. dr. Affonso Costa.

***

O cabo de marinheiros Joaquim Ferreira veiu á nossa redacção, em nome de todas as praças de marinha que constituem a divisão naval, expressar-nos os votos que formulam pelo prompto restabelecimento do eminente estadista.

***

O chefe Murtinheira, da 2.ª secção, mandou officiar ao administrador do concelho de Oeiras pedindo-lhe para que intime a comparecer ámanhã no governo civil a sr.ª D. Emilia Lopes da Silva, residente em Santo Amaro de Oeiras, que seguia no electrico incendiado e que ficou com o cabello chamuscado e algumas queimaduras.

Segundo consta, realisa-se ámanhã o exame directo ao carro electrico n.º 355 que se encontra isolado no «hangar» de Santo Amaro.

***

A's 17,30 esteve tambem no hospital o sr. Feio Terenas, em seu nome e no do partido evolucionista.

***

Ao hospital de S. José continuaram chegando hoje numerosos telegrammas pedindo noticias do estado do sr. dr. Affonso Costa.

***

Já hoje esteve no hospital, a informar-se do estado do enfermo, o sr. dr. Magalhães Lima.

Continúa a affluencia de visitantes ao hospital de S. José

Entre as muitas pessoas e representantes de corporações que hoje foram ao hospital, tomámos nota das seguintes:

Antonio José da Rocha, João Veneza, dr. Augusto Gonçalves de Freitas, Manuel Victor, Herculano Martinho Charneca, Mario de Carvalho, Carlos Leça, Joaquim Portilheiro, capitão Maia Pinto, Pedro Moraes da Costa, Alfredo Gomes Nunes, Humberto Cal, Castanheira de Moura, general Oliveira Garção, Alberto Cardoso Pires de Figueiredo, Antonio José da Silva Coimbra, Carlos Ferreira Pires, Joaquim da Costa, Anselmo Braamcamp Freire, Mello Barreto, C. A. Soller, João Matta da Fonseca, Gaspar da Rocha Diniz, Luiz Victal, dr. Abrahão de Carvalho, Antonio da Silva Päosinho, Joaquim Manuel Cabral, 1.º tenente-medico; Carlos Augusto Fernandes Serra, José Ernesto de Barros Lima, J. G. Peixinho, Pedro Aguiar Gomes Junior, Francisco Luiz, João Maria Rodrigues, A. G. Picotas Falcão, guarda-mór da Camara Municipal de Lisboa em nome do senado municipal; Americo Pereira, João do Nascimento Pereira, D. Maria Francisca Franco, F. Teixeira de Queiroz, Arthur Augusto Machado, Manuel Maria de Oliveira Gomes, Manuel Maria da Costa Veiga, Raul Achilles de Sampaio, Alberto de Sá Marques de Figueiredo, Jeronymo Thomaz Marques, Guilherme de Freitas Brito, Antonio Maria Cardoso, José Fernandes Marques.

Joaquim Maria Gregorio, Thomaz de Aguiar Brito, Miguel Antonio Bento, dr. Maximiano Faria, conselho executivo do Gremio Escolar Republicano Thomaz Cabreira, Antonio Thomaz Soares de Aguir Ritto, José Victorino Paes, direcção do Centro Republicano Portuguez do Barreiro, Pedro Botto Machado, pela direcção do Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima, commissão parochial republicana da freguezia de S. José, Claro da Ricca, Centro Republicano Democratico de Setubal, Thomaz Mascarenhas, Nafaldino da Graça, Centro Republicano Latino Coelho, Manuel Soixas de Brito Bettencourt, Perfeito Sanmiguel Gomez, José dos Reis, dr. Gomes da Silva, Vellez Caroço, João Baptista dos Santos, Francisco da Silva Passos, actor Costa Nunes, Hanital Paixão, José de Carvalho, Fernando Evangelino Gomes Guimarães, Leopoldo Freire, Associação do Registo Civil de Paço d'Arcos, Francisco Raymundo Estrella, Ricardo Alfredo Quartin.

José Cupertino Ribeiro Junior, capitão de fragata Antonio Pereira do Valle, Antonio Henrique de Oliveira e Silva, Idomeu Rocha, José Bagarra, Isidoro Eleuterio da Silva, Mrs J. M. W. Bleck, Charles Henry Bleck, Maximo Simões Correia, José Pereira Pinto, Faustino Costa, de Alhos Vedros, José Carlos Martins Lavado, Modesto da Silva, Virgilio Paulo Lory, A. de Andrade, a direcção do Grupo Dramatico Victor Hugo, Joaquim Moniz de Oliveira Simões, Henrique Valentim Claudio, tenente coronel Alves Pedrosa, de inpantaria 1, José Maria Costa, Eduardo Rodrigues, José Martins Ferreira, Maximiano Rodrigues, José Francisco Canha, João Vilhena de Loyos, Pedro Terenas, José Maria Ribeiro, Manuel Francisco Mendes, José Martins Calixto da Fonseca, José Manuel de Oliveira e Castro, Julio M. C. Silva, Luiz Correia Saraiva, Antonio do Almeida Mello Junior, Adelino Furtado, deputado; Candido do Figueiredo, José do Patronino Martins, Francisco Antonio Mesquita, J. W. H. Bleck, consul geral de S. M. helenica, João Antonio Borges, Alberto Telles, Manuel Matheus Alves, Julio Bento da Silva, Centro Escolar Dr. Estevam do Vasconcellos, Francisco José de Vellasco Martins, direcção da Associação Cultual A Oriental, dr. Velez Caroço.

Antonio Egydio Dias d'Almeida, Antonio Martins Areias, Manuel dos Santos Coelho, Remigio A. Gil Spinola Barreto, Vasco Gonçalves Marques, D. C. Lezameta, Julio S. Champalimaud, José Faria Silva Freitas, F. A. Dulio Ribeiro, Guilherme Pereira Silva e Sousa, João Carrington Simões Costa, Bernardo Meyrelles Leite, João Robalo dos Santos, José Francisco Teixeira de Azevedo, Antonio Abranches Ferrão, João Cesario Costa Santos, A. Lobo Alves, José Cezario Fiatho Villão, João Torrado Silva, Henrique Martins Cordeiro, Mario de Carvalho, Francisco José Guerreiro Junior, Eduardo R. Costa, José Damião Felix, José Gonçalves Cardoso, Francisco Augusto Cabral Sacadura, Cesar de Lima Alves, José Maria Baptista, A. C. Mourão, E. C. Camezuli Ferreira, José Quartin, André de Sousa Manaças, Felix Alves do Mello, Elvira da Silva Ribeiro, Augusto José Vieira, Luiz Simões Henriques, João Romão Pereira, Daniel José dos Santos, José Ignacio de Goes, Antonio F. Reynaud, João Carlos de Mello Barreto, Ignacio Baptista Ferreira.

Eurico Jayme Ribeiro d'Almeida Viçoso, Centro Republicano e commissão parochial da Lapa, João dos Santos Monteiro, Balduino Gameiro da Matta, Manuel dos Santos, Antonio J. D. Santos Oliveira pela junta de parochia de Carnaxide, Antonio Candido Duarte, A. Alexandre C. d'Almeida, Antonio Carlos Nogueira Bastos, José Augusto de Castella, Domingos Sousa Pinto Moreira, Arnaldo Correia da Graça, José Maria Marques, Bento Mantua, José Joaquim C. Ferreira, José da Silva Ferreira, Salomão Levy, Joaquim de Pina Freire Correia, Virginia d'Azevedo Cruz Pereira, José Augusto Pereira, J. P. Patton Sá Vianna, José do Nascimento, actor Joaquim d'Almeida, Antonio dos Santos Vieira, Julio Monteiro, João L. Cardoso Guedes, José Sequeira, Manuel Cyro da Silva, Eduardo Xavier Madeira, Fortunato Pereira, João Augusto Madeira, Anna de Castro Osorio, M. F. Correia Saraiva, Francisco Alves Porto, Angelo R. Peixoto, José dos Reis Alcantara, Coimbra Duque, João Antunes Gomes, Antonio Gaspar, Carlos Paredes, Caetano José Soares, Augusto Cesar Dias, Joaquim Pessoa, C. Augusto do Rego, João Pinto d'Almeida Ribeiro, Leopoldina Rodrigues Lima, Annibal Sá Nogueira, Agostinho Barbosa Souto Maior, Carlos Alberto Vidal, Luiz Fernandes de Pinho, Benito Carbal Esteves, Aprigio Augusto Serra e Moura, Alfredo do Nascimento, Cypriano Lima, Lino de Macedo, Antonio Pires Pereira Junior, José Luiz Quintão, Augusto de Mattos Cid, Antonio Pereira d'Oliveira Mattos.

Fernando Emydio da Silva, João Catanho de Menezes Junior, Fernando Chaby, Pato Moniz, Casimiro Freire, D. Maria Amalia Oliva Achilles Gonçalves, Tovar de Lemos, Pedro de Castro, José Augusto da Cunha, F. Fernandes Costa, José Nunes da Matta, Carlos Barral Moniz Tavares, dr. Simões Carneiro, dr. José Amado, Columbano Bordallo Pinheiro, Ricardo Paes Gomes, dr. Sousa Costa, Magalhães Fonseca, Gastão Rodrigues, D. Palmyra Torres, Albino José Baptista, Julio Guedes Deronet, D. Natividade Ximenes, D. Maria Mello Carvalhal, Matheus Teixeira de Azevedo.

Além d'estes nomes, que são de pessoas que deixaram os seus cartões, ha mais uma lista que, até ás 17 horas, continha 660 assignaturas.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos deputados

(*Continuação da 1.ª pagina*)

A consulta transformada em proposta é admittida e enviada á commissão de legislação civil. O sr. ministro das finanças envia para a mesa emendas ao orçamento, das quaes resulta um augmento de despeza na importancia de 24 contos. O sr. Souza Dias renova a iniciativa de um projecto de lei apresentado pelo antigo deputado Montez, pelo qual se auctorisa a camara de Benavente a receber da commissão local de soccorro ás victimas do terramoto um bairro operario para ser desamortisado em determinadas condições. A seguir entra-se na ordem do dia—eleição de commissões.

Para a commissão dos correios e telegraphos são eleitos os srs.: Moraes Rosa, Eduardo d'Almeida, Cruz e Souza, Antonio Maria da Silva, Lucio de Azevedo, Francisco Trancoso, Antonio Fernandes, Victorino Godinho e José Augusto Pereira; para a de estatistica os srs.: Gonçalves Brandão, Constantino d'Oliveira, Malva do Valle, Pires de Campos, Mello Barreto, Ramada Curto, Sá Pereira, Lima Bastos, Gama Ochôa; para a de minas os srs. Antonio Mantas, Moraes Rosa, Antonio Portugal, Nunes Loureiro, Adriano Pimenta, Alberto Xavier, Carlos Olavo, Lucio de Azevedo e Ernesto Navarro. Elege-se ainda de commissão de negocios ecclesiasticos, sendo eleitos os srs.: Castro Meyrelles, Casimiro de Sá, José Maria Gomes, Domingos Pereira, Adelino Furtado, Pestana Junior, João Soares, Arthur Costa e Martins Paiva.

Por ultimo elege-se o sr. Arthur Ribeiro para a commissão de acquisição de material naval.

Antes de encerrar a sessão, o sr. Ramos da Costa participa que recebeu animadoras noticias do sr. Affonso Costa, que foi visitado pelo sr. ministro de Inglaterra. A proxima sessão é ámanhã.

EM PENICHE

Onze marinheiros afogados

O desastre foi devido a uma fatal imprudencia

O ministerio da marinha, a proposito do desastre hontem succedido em frente de Peniche, forneceu hoje á imprensa a seguinte nota officiosa:

O desastre succedido em Peniche e no qual perderam a vida onze praças da marinhagem, que andavam passeando n'uma baleira teve logar no local denominado Medão, a meio caminho entre Peniche e a praia da Consolação, em costa muito batida, tendo-se virado a baleira do aviso «Cinco de Outubro» por ter sido apanhada de improviso pelo rôlo do mar.

O contra-mestre José Rodrigues que governava a baleira recebera instrucções do official immediato, o qual, por indicações do commandante do aviso muito lhe recommendára que deviam ir pescar em frente de uma praia de banhos que fica pelo norte do portinho de revez, sitio muito abrigado e onde nenhum perigo correriam e só a grande imprudencia de se não terem seguido as instrucções recebidas, conforme declara o unico sobrevivente 2.º fogueiro n.º 2.304, deu origem a tão grande fatalidade que veiu enlutar a marinha de guerra portugueza.

O aviso «Cinco de Outubro» voltará todos os dias a Peniche a fim de ver se recolhe algum dos cadaveres e reconhecer a sua identidade.

Em nome das guarnições dos navios que compõem a divisão naval, o cabo marinheiro sr. Joaquim Ferreira pede-nos que, por este meio, apresentemos os pezames ás familias dos seus infelizes camaradas.

Aviação militar

Até hoje, offereceram-se 2 officiaes do exercito, 3 sargentos, 1 civil e 94 cabos e marinheiros

Da guarnição do cruzador *Almirante Reis* desejam fazer a sua inscripção na Escola de Aviação Militar as seguintes praças:

1.º artilheiro n.º 1874, José Rodrigues; 2.os artilheiros n.º 3403, João Nobre Novaes; n.º 2912, Antonio Guerreiro; n.º 3405, José Marreiros Lopes; n.º 3538, José Ferreira; n.º 3421, Bonifacio Nascimento Bruno; n.º 3422, Antonio Julio dos Reis, n.º 3153, Eduardo Fernandes Aleixo; n.º 3803, João Monteiro Alves; n.º 2988, Francisco José Novaes; n.º 3781, Farncisco de Sousa Maia; cabo fogueiro n.º 499, Antonio Augusto; chegadores n.º 3940, João Francisco da Rocha; n.º 3179, Antonio Leite; 1.º grumete n.º 2942, Antonio Gil; 2.os grumetes n.º 4278, Fernão Marques Sobreiro; n.º 4377, Manuel da Costa Junior; n.º 4517, Antonio Matta Lopes; n.º 4432, Adolpho de Jesus; n.º 4295, Antonio Cardoso da Silva; n.º 4455, João Pedro Lopes; n.º 4266, Manuel Augusto; 1.os torpedeiros n.º 2136, Antonio Moreira Dias; n.º 2046, Antonio de Freitas; n.º 2036, Carlos d'Oliveira; serralheiro de 2.ª classe, n.º 408, Manuel José de Faria.

Egualmente deseja seguir a profissão de piloto-aviador o 2.º cabo n.º 32 da 2.ª bateria de montanha (Ponta Delgada) Antonio Raposo dos Santos.

São pois em numero de 100 os candidatos que até agora se desejam inscrever por intermedio das columnas d'este jornal, onde continuaremos publicando os offerecimentos que nos forem sendo enviados.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro da justiça conferenciaram os srs. dr. Teixeira d'Azevedo, presidente da Relação de Lisboa, e Silva Bruschy, director geral da fazenda publica. Com o das finanças, demoradamente, o governador e a direcção do Banco de Portugal.

—Reune no proximo dia 8, pelas 13 horas, o conselho superior de promoções para julgamento em audiencia publica do processo de recurso relativo ao tenente coronel de cavallaria sr. Thomaz de Sousa Rosa.

—Foi collocado na disponibilidade o tenente coronel de infantaria Feliciano do N. Pinto, e na reserva o coronel Alexandre José Sarsfield.

—A fim de satisfazer um pedido da direcção geral das colonias de dois medicos navaes para prestarem serviço na expedição de Moçambique, foi feito convite aos 1.os e 2.os tenentos medicos que voluntariamente desejem desempenhar esta commissão, a fazerem as suas declarações na majoria general da armada.

Marinha de guerra

Divisão naval de defeza e instrucção

Foi hoje assignada a portaria mandando constituir immediatamente uma divisão naval de defeza e instrucção, composta dos cruzadores *Vasco da Gama*, *Almirante Reis*, *Republica* e *Adamastor*, contra-torpedeiros *Guadiana* e *Douro*, torpedeiros 2 e 3, submersivel *Espadarte* e vapor *Lidador*. O commando superior é confiado ao capitão de fragata Jayme Daniel Leotte do Rego, commandante interino do *Vasco da Gama*, devendo ser completadas com urgencia as lotações dos navios que constitem essa divisão e ordenando-se que ultimem o mais rapidamente possivel os fabricos a que estão procedendo o *Almirante Reis* e o *Republica*.

Os aspirantes de marinha embarcarão com a divisão naval para fins de instrucção.

Vindo do Porto, entrou hoje a barra a canhoneira *Beira*.

Navios inglezes no Tejo

Entraram hoje de manhã no Tejo o monitor n.º 15 da marinha de guerra ingleza com o vapor carvoeiro da mesma nacionalidade *Queen Adelaide*, que fundearam junto á margem esquerda, em frente do Posto Maritimo de Desinfecção, vindo qualquer d'elles de Plymouth.

O monitor n.º 15, do commando do capitão Castle, é uma curiosa unidade naval do novo modelo, adoptado na armada britannica, expressamente destinado a operar junto das costas.

O navio de guerra esteve durante o dia mettendo carvão.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 3/8	36 1/4
Londres, 90 d/v. . .	36 15/16	—
Paris, cheque. . .	$73	$73,6
Allemanha, cheque	$27,2	$28
Hollanda, cheque	$54,5	$55,5
Madrid, cheque . .	1$28	1$29
New York . . .	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres. .	12 3/8	—
Libras. . . .	6$55	6$66
Agio do ouro. . .	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

			Assent.	Comp.
Titulos de		1.000$	39,55	—
»	»	500$	39,55	—
»	»	100$	39,55	39,50

Externas: 1.ª serie, 71$70 e 3.ª, 72$80. Acções: Banco de Portugal, 174$; Economia Portugueza, 19$60; Assucar, 39$80. Obrigações: Ambacas, 88$90.

Regimen cerealifero

E apresentada á Camara uma proposta de lei alterando-o

O sr. ministro do fomento levou hoje á Camara a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º—A partir do dia 1 de agosto proximo futuro e até ao fim do anno cerealifero de 1915-1916, todas as fabricas de moagem matriculadas, excepto as que unicamente forneçam farinhas para o fabrico de massas e os moinhos e azenhas que só fabriquem farinhas em rama, serão obrigadas a produzir dois tipos de farinha de trigo (1.ª e 2.ª qualidades) com as percentagens de extracção, respectivamente, de 15 e 63 por cento, ao preço de $16 e $09 por kilogramma na cidade de Lisboa e os mesmos preços accrescidos de $00 (2) na cidade do Porto.

Art. 2.º—Emquanto vigorarem os preços das farinhas de trigo referidas no artigo anterior, considerar-se-ha de $08(2) o preço normal por kilogramma do trigo com que todas as fabricas de moagem, matriculadas ou não, hajam de laborar.

Art. 3.º—O trigo nacional adquirido pelas fabricas de moagem, matriculadas ou não, será comprado ao vendedor ao preço da tabella a que se refere a base 1.ª da lei de 14 de julho de 1899, devendo as fabricas de moagem pagar ao Estado $01(2) por cada kilogramma de trigo nacional que adquirirem.

§ unico.—A fiscalisação d'este pagamento será executada pela guarda fiscal e demais pessoal da fiscalisação do ministerio das finanças.

Art. 4.º—No anno cerealifero de 1915-1916 fica auctorisada a importação de 120 milhões de kilogrammas de trigo exotico, cujo despacho será permittido até ao dia 31 de julho de 1916, para consumo no continente da Republica e archipelagos da Madeira e Açores.

Art. 5.º—A importação do trigo a que se refere o artigo anterior será totalmente feita pela moagem matriculada e commerciantes de cereaes susceptiveis da responsabilidade correlativa a este encargo, se assim o declararem á Direcção Geral da Agricultura até ao dia 12 do corrente mez.

§ unico. Esta faculdade é extensiva á Manutenção Militar para a quantidade que julgar necessaria á laboração das suas fabricas e sem dependencia da declaração estabelecida n'este artigo.

Art. 6.º—Como garantia do Estado, depositarão os importadores, por cada milhão de kilos de trigo a adquirir, a quantia de 6:000 escudos em dinheiro ou titulos da divida publica portugueza ou bilhetes do thesouro.

Art. 7.º—A falta de importação nos prazos consignados no respectivo regulamento determina a perda immediata dos depositos em favor do Estado, o qual poderá ainda demandar os responsaveis pela differença de prejuizo, se porventura este exceder a importancia d'aquelles depositos.

Art. 8.º—No caso de ter expirado o praso estabelecido no artigo 5.º sem que a moagem matriculada e os commerciantes de cereaes tenham feito as declarações para a total acquisição do trigo exotico, a sua importação será feita pelo Estado.

Art. 9.º—E' fixado em $00,01 (um centesimo de centavo) por kilogramma o direito para o trigo que fôr importado nos termos d'esta lei.

Art. 10—Emquanto vigorarem os preços das farinhas de trigo fixados no artigo 1.º d'este diploma, as fabricas de moagem matriculadas são obrigadas a receber o trigo exotico importado pelo governo, ao preço por que tiver sido adquirido, cif-Tejo, cif-Leixões e cif-portos das capitaes dos districtos insulares.

Art. 11.º—Durante o anno de 1915-1916 são mantidas as disposições relativas a tipos e preços de pão expressos nos decretos n.os 1309, 1371 e 1483.

Art. 12.º—Continúa em vigor o regulamento para o commercio dos trigos e dos productos da sua farinação e panificação, de 26 de junho de 1899 e bem assim toda a demais legislação posterior que não contrarie as disposições d'esta lei.

Art. 13.º—Todos os terrenos em cultura cerealifera que forem semeados de trigo no anno cultural de 1915-1916 gosarão do beneficio de 50 centavos por hectare, beneficio que por meio de um titulo de annulação será encontrado nas contribuições do anno de 1915 a pagar em 1916.

Art. 14.º—O governo fará os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei. (a) *José de Castro, José Augusto Ferreira da Silva, João Catanho de Menezes, Victorino Marques de Carvalho Guimarães, Augusto Luiz Vieira Soares, Manuel Monteiro.*

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital Escudos 600.000$00

O Conselho de Administração faz publico, para evitar equivocos, que o sr. Alfredo de Brito, tendo sido suspenso em 10 de março ultimo do logar de administrador delegado, em virtude das accusações graves que lhe foram feitas, foi demittido do mesmo logar, por votação unanime dos Conselhos de Administração e Fiscal, em 17 de junho findo, em presença das conclusões gravissimas a que chegou, nos inqueritos a que procedeu, o ex.mo Commissario do Governo, junto d'esta Companhia.

Mais se annuncia que o sr. Marcos Bensabat, deixou de ser administrador d'esta Companhia, por ter perdido a qualidade de accionista, vendendo em 16 de abril p. p. as suas acções, embora em 31 de maio fizesse averbar outras acções, o que comtudo não lhe fez recuperar a qualidade de administrador, que havia perdido por lei.

Na assembleia geral dos accionistas que ámanhã se realisa, será apresentada, como já é do dominio publico, uma proposta para a *emissão de acções preferenciaes*, com o fim de restaurar a Companhia e recomeçar a laboração em condições de exito, *valorisando-se assim cada vez mais as acções ordinarias, absolutamente depreciadas* por erros de administração, de que foi um dos factores principaes o ex-administrador delegado Alfredo de Brito.

Os srs. accionistas apreciarão a proposta e votal-a-hão, se a julgarem util aos seus interesses.

Lisboa, 5 de julho de 1915.

Pela Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense
O Presidente do Conselho de Administração
(a) *Augusto Domingos Ogando dos Santos*

SPORT

Hontem, no Stadium

Foi uma boa tarde de «sport» a de hontem no Velodromo do Stadium, mas não foi uma tarde que nos contentasse, porque o corredor portuguez Soares Junior foi nitidamente batido pelo campeão hespanhol Lazaro Vilada. E' facto que ganhou uma serie do «match», victoria que a numerosa assistencia applaudiu com uma grande ovação, mas na segunda serie foi bem dominado embora por uma pequena differença e na terceira e ultima «mal existiu» deante de Vilada, perdendo por aguns comprimentos de machina! Foi esta ultima serie que entristeceu todos os que a viram, entre elles numerosos admiradores de Soares e que se lembram ainda das suas tardes de Palhavã. Qual a razão que levou Soares Junior a não «arrancar» ao mesmo tempo que o hespanhol aos 200 metros? Não sabemos. Deu-nos a impressão de que se distrahira e que o hespanhol o surprehendera.

O certo é que em volta d'este «match» se fez um grande barulho reclamativo mas elle não correspondeu ao que queriam os amigos do «sport» nacional. Argumenta-se ainda com mil razões, mas todas ellas desapparecem deante do facto comprovado de que Soares Junior foi vencido no dia 27 de junho e voltou a ser vencido no dia 4 de julho. Não estará ainda em «fórma»? Talvez, mas n'esse caso que treine mais e com boa orientação. Mas hontem se não tinha a «fórma», como corredor devia defender-se com a tactica. Ora, hontem, Soares Junior, que era dos corredores mais intelligentes de Palhavã, fez uma corrida como qualquer principiante! Devia saber que entre dois corredores de egual força, a victoria pertence em geral ao que «arranca» primeiro aos 200 metros. Depois n'aquella lucta «sur place» para apanhar a «cabeça», viu-se ainda dominado pelo hespanhol!...

Em resumo: foi pena que assim succedesse e que o resultado do desafio motivasse da grande maioria dos espectadores a opinião de que Raposo e Madeira eram capazes de melhor fazer o de mais resistir ao campeão hespanhol. Isto equivale a dizer que aquelles vencedores da «nacional» de hontem são superiores a Soares Junior. Será assim? Talvez, mas a prova já é difficil de encontrar porque aquelles são «amadores» e Soares Junior foi considerado profissional pela União Velocipedica.

Entre os motociclistas amadores, Raul Affonso, que fez uma bella corrida, ganhou outra vez. E' invencivel, emquanto tiver a sua machina, que além de ser muito rapida é muito regular. Hontem, José Mendes obrigou-o a «largar», mas apesar d'isso a sua superioridade foi manifesta.

As corridas de motocicletas de força tiveram a novidade de reapparecer J. Mattos, montando a motociclete do hespanhol Villada, com a qual havia treinado apenas duas vezes mas com a qual se conseguiu manter perto do seu competidor Manuel Neves durante 15 voltas de pista. A corrida final foi ganha pelo famoso Innocencio Pinto com uma coragem excepcional que o levou a alcançar a media nos 15 kilometros de 85 km. e 960 metros á hora, tendo dado voltas a 19'' 4/5, o que equivale á velocidade vertiginosa de mais de 90 kilometros á hora! Hontem, Innocencio Pinto conseguiu, pela primeira vez, a proeza de ganhar ao temerario Arido de Albuquerque por uma volta de pista!

Esta superioridade de Innocencio Pinto levou os organisadores dos espectaculos do Stadium a modificar os seus planos de corridas dando a estas um grande interesse emotivo. E' por esta razão, que para a proxima quinta-feira, por occasião da ascenção d'um balão espherico, feita como «prova-ensaio» do proximo concurso internacional, se verificará um «handicap» de motocicletas, no qual Innocencio Pinto partirá «scratchman», dando avanço de meia volta de pista, isto é, de 250 metros, aos seus competidores Manuel Neves e Arido de Albuquerque. Ora este, no domingo, 27, perdeu apenas por 21 metros!...

Nota do dia

O concurso internacional de balões

Por telegramma chegado hontem de Madrid foi annunciado á commissão organisadora do proximo concurso internacional de balões esphericos que o sr. D. Francisco del Valle, primitivamente inscripto, vinha substituido pelo piloto internacional D. Salvador Garcia de Pruneda que tem algumas dezenas de ascenções em globo.

O concurso será iniciado na proxima quinta-feira com a largada d'um aerostato. E' a prova-ensaio do grande certamen, marcado para domingo proximo e que o Aero Club de Portugal vae dirigir.

Os pilotos hespanhoes que veem a Lisboa são authenticos *sportsmen* que prohibiram todo o exagero reclamativo das suas pessoas, porque não querem confundir-se como profissionaes. São os melhores elementos do Real Aero Club de Hespanha, alguns dos quaes occupam n'esta importante collectividade cargos directivos. São amadores, a quem o nosso athletismo vae, certamente, receber com as honras de illustres visitantes. Sabemos já que em sua honra se projectam algumas festas, entre ellas uma *velada* na Sala d'Armas Carlos Gonçalves e um banquete dos jornalistas sportivos ao seu intelligente camarada D. Ricardo Luiz Ferry, chronista do «Heraldo de Madrid» e que é um dos pilotos concorrentes.

Os aeronautas hespanhoes chegam a Lisboa na proxima quarta-feira, mas todo o seu material chegou hoje de madrugada. N'este inclue-se, além dos aerostatos, todos os apparelhos registadores de altitudes.

Hontem chegaram os encarregados do parque aerostatico de Madrid, que veem proceder hoje e ámanhã á desemballagem dos esphericos e proceder depois, sob a direcção dos aeronautas, ao enchimento dos globos.

Algumas anecdotas

Como nasceu a gloria de Carpentier...

No athletismo, como em todas as coisas da actividade humana, a celebridade alcança-se n'um momento e n'um segundo apenas que é o inicio de uma vida de glorias triumphantes. Pois a gloria do hoje celeberrimo Carpentier nasceu em outubro de 1911, quando sustentou, então com 17 annos de edade, o seu grande combate de socco com o campeão de Inglaterra Young Josephs.

Pois o garoto de 17 annos, Carpentier, massacrou litteralmente aquelle que os inglezes consideravam como homem cuja sciencia, ou mesmo poder, tornaram quasi invulneravel.

E essa victoria, conquistada em condições que assombraram as gentes da Grã-Bretanha, marcou, verdadeiramente, uma das grandes datas do athletismo francez.

Leon Manaud, o redactor de *L'Auto* descreveu a batalha e é quasi pungente a maneira como Carpentier esmagou o seu adversario.

«Desde o terceiro *round* que Young Josephs está batido. Não se trata agora senão de saber se elle poderá, graças á sua sciencia, escapar ao *konock-out* que viria decidir o seu *record*. Depressa, porém, se torna evidente que Josephs não póde ir até ao fim do combate.

Ao quarto *round*, vacilla e titubia como um homem embriagado. Carpentier aperta-o, persegue-o, acabrunha-o.

Ao sexto *round* tomba, emfim, o seu rival. O inglez levanta-se. Duas vezes, ainda, Carpentier manda-o á terra. Ao oitavo *round* Josephs torna a cahir. D'esta vez não se levanta senão ao oitavo segundo. Desde então é o massacre. Carpentier, inexoravel, dando combate como se se tratasse de affirmar para sempre, deante de todo esse publico inglez, uma superioridade que, apezar de tudo, ainda elle não queria reconhecer aos campeões francezes, pune o adversario, sem quartel.

E estamos no fim. Ao *nono round* o campeão da Inglaterra é ainda tombado trez vezes aos pés do seu adversario, bello como um joven deus.

Os segundos de Young Josephs resignam-se então ao gesto fatal; o seu homem já não é senão um destroço humano, já se não levanta senão por um milagre de energia.

Então, poupam-lhe elles o golpe decisivo; confessam que o seu homem está irremediavelmente vencido; atiram a esponja para o *ring* e transportam em braços o homem que, até agora, jámais conhecera tamanha derrota».

Leon Manaud ainda nos contou o seguinte dialogo travado entre um inglez e um dos segundos de Josephs

—Mas o petiz é diabolico...

—E', vem do inferno para atirar para o ceu com os mais forte jogadores...

—Como?

—Dando-lhes murros para lhes fazer vêr as estrellas...

Noticias

Entre nós

Club Naval de Lisboa

Reuniu no dia 1 do corrente o juri da festa de 27 de junho, promovida pelo Club Naval de Lisboa, em Algés. O juri apreciou e validou os seguintes resultados das provas:

Vela—*Center-boards*—1.º premio medalhas de prata. N.º 6 «Shamrock». Proprietario, Bernardino Dias. Tripulantes, Frederico Burnay, Diogo Avila e Antonio Neuparth Vieira.—2.º premio, medalhas de prata. N.º 4, «Ariel I». Proprietario, Duarte Bello. Tripulantes, Duarte Bello, Boaventura Bello e Fernando Costa.—*Embarcações de armações diversas*—1.º premio, medalhas de prata. «Tagide». Proprietario e tripulante, Jorge Guerreiro Ferro.

Remo—1.º premio. «Gabriella», 6 remos. Timoneiro, Augusto Neupart Vieira. Remadores, Thomez de Aquino, Jacintho Farias, Carlos Rima, Manuel Brazão, Augusto Vieira e Humberto Ramos.—«Liz», 1.º premio, 4 remos. Timoneiro, Francisco Amoedo. Remadores, Manuel Rodrigues, Mario Vasques, Adolpho Burnay, Rozendo Silva.—«Ave», 1.º *premio, pair-oar*. Timoneiro, Mario França. Remadores, Henrique Telles e José Mourão.—Medalhas de cobre.

Motor—Record em Portugal do gazolina «Vatapá», timonado por Alberto Lavandeira. Fez 1:350 metros em 1 minuto e 2 segundos. Média, 78 kilometros por hora!

No triangulo, tendo por lado 1350 metros, 5 voltas, 20,350 kilometros em 15'49'' 1/5.

Natação: Corrida para nadadores de Algés e Dafundo, 1.º premio, medalha de cobre, João Duarte Holbeche.

Concurso de embarcações ornamentadas. Batalha de flores.

O juri, constatando o grande numero de embarcações artisticamente enfeitadas que tomaram parte na batalha de flores, o que prova o enthusiasmo que levantou no nosso meio a iniciativa do sr. João de Sousa Aguiar, resolveu conferir os seguintes premios.

1.º premio—Objecto de arte offerecido pelo Casino Lusitano do Dafundo «Oscar» propriedade de Affonso H. Cabral.

2.º premio—Offerecido pelo Casino de Algés, «Cisne», propriedade de Eduardo de Sousa.

3.º premio—Offerecido pelo Grupo Recreativo do Algés. Escalar propriedade de João Duarte Holbeche.

Grande Premio de Julho

E' no dia 25 do corrente que se realisa esta prova pedestre de 6 kilometros organisada pelo Sport Club Progresso e destinada a principiantes não medalhados. O 1.º premio para esta prova é uma artistica medalha de ouro e prata, 2.º e 3.º medalhas de «vermeil», 4.º 5.º e 6.º medalhas de prata e do 7.º ao 15.º medalhas de cobre. Além d'estes premios ha ainda varios objectos d'arte, devendo estes premios ser brevemente expostos.

A inscripção, que é gratuita, abre ámanhã, 5, na séde do Sport Club Progresso rua dos Caetanos, 34.

Casino S. José de Ribamar

A inauguração d'este Casino, hontem realisada, constituiu um verdadeiro acontecimento, devido á fórma brilhante como decorreu e aos numeros executados primorosamente pelo sextetto. O jantar foi concorridissimo, vendo-se muitas familias da sociedade elegante.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Monte-pio do clero secular portuguez

Do relatorio d'esta associação de soccorros mutuos, successora da Irmandade dos clerigos pobres de Lisboa, vê-se que no anno findo a receita foi de 4.305$49,5 e a despeza de 3.929$06,5, havendo portanto um saldo de 376$43.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Não ha espectaculo.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

HOJE—*Apollo*—Recita de Arthur Rodrigues—*Rosa tiranna*, um acto do *Folies Bergères*.

AMANHÃ—*Salão da Trindade*—Primeira representação de *O Barão Grog*, de Camara Manuel e Mello Vieira, musica de Fortée Robello.

QUARTA-FEIRA — *Avenida* — Primeira representação de *Marido com sorte*, de Keroul e Barré, traducção do Alberto Barbosa.

Eden—Recita dos auctores de *O diabo a quatro*.

Boatos e informações

Os duetistas Geraldos e o maestro Nicolino Milano acham-se em Olhão, onde teem tido um grande exito, devendo seguir para varias terras do Algarve e Alemtejo.

Circos & Music-halls

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

"Povo d'Idanha,,

Em Idanha-a-Nova sahiu ante-hontem o primeiro numero do semanario «Povo d'Idanha», que enfileira no partido republicano portuguez. Ao novo collega as nossas saudações.

Chaves perdidas

O sr. Antonio Baptista Netto do Casal encontrou no dia 20 de junho, n'um carro do Lumiar para Lisboa, ás 20 horas, n'um banco d'esse carro, uma argola com quatro chaves, duas das quaes de cofre inglez. Veiu hoje depositai-as na nossa redacção onde serão entregues a quem provar pertencerem-lhe.

Festas associativas

No Club Estephania realisa-se no sabbado o ultimo concerto da actual epocha, em que toma parte a orchestra composta de 30 executantes sob a regencia do sr. Henrique d'Alarcão. Findo o concerto ha baile, abrilhantado por um quintetto.

Touradas

Campo Pequeno—Realisa-se no proximo domingo a festa artistica do apreciado bandarilheiro Jorge Cadete, que preparou um magnifico programma. O gado é do lavrador sr. Silva Victorino.

NATURISMO

As maçãs

Agua 84
Albumina 1
Oleo 0,5
Assucar 14
Saes 0,5

O melhor dos fructos europeus é a maçã. Comidas com a casca, bem mastigadas, as maçãs, pela polpa, saes, assucares e lastro, são o sucedaneo das bananas n'este paiz, levando vantagem serem mais accessiveis e perdurarem algumas quasi um anno. As melhores maçãs para effeitos curativos são as que sejam levemente acidas (reinetas, etc.). As mais nutritivas são as malapios. Para as pessoas que padeçam dos nervos e do cerebro, pelo phosphoro que ha nas maçãs e sobretudo na casca, as maçãs são um alimento calmante de enorme valor. O seu acido malico dissolve os calculos nos rins e no figado e das articulações: são o melhor dos processos de tratar as doenças por vicios nutritivos. Acalmam a acidez do estomago. As maçãs são o melhor bicarbonato de sodio natural: os seus saes são convertidos em carbonatos alcalinos correctores da acidez anomala do estomago. A polpa da maçã acida cura os olhos inflamados e todas as mucosas alteradas da garganta e bocca, etc. O uso das maçãs na Dieta torna a pelle mais estragada em fina e delicada cutis.

Quem queira tomar um chá sem os malefícios do chá da China ou dos Açores ou de Caylão ou do Paraguay, mau pelas purinas, pode tomar chá de maçã que é muito proveitoso sem assucar.

As maçãs, nas suas variedades e coloridos, aspectos e formas, teem uma interminavel serie que agrada ao paladar e á vista. Possuem um ether calmante e sodorifero. A maçã não é o fructo prohibido. E' o fructo melhor para o homem viver com saude.

Porto, (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

PEQUENAS NOTICIAS

Com o titulo «A Gleba» sahiu o primeiro numero d'um quinzenario academico e litterario; que se apresenta interessante.

O espectaculo de hoje no Colyseu

A nova série de variedades

Com um surprehendente espectaculo da moda terminam hoje os espectaculos no Colyseu, que reabre no proximo sabbado com um programma de grande novidade, em que apparecerão esplendidos numeros do *Variétés*.

No programma d'esta noite figuram os dois ultimos grandes successos: a bella e gentilissima bailarina Marincha, encantadora e viva nos seus bailes hespanhoes, e os Alpinos, insignes concertistas de bandurra e viola.

No *écran* exibir-se-hão os melhores *films*, tanto dramaticos como comicos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 3.—Realisou-se o concurso hippico com os numeros, *Nacional* e *Grande premio de Coimbra*.

O festival realisado hontem no Parque de Santa Cruz rendeu, segundo nos informam mais de 2:000$00.

A serenata no Mondego foi magnifica e produziu um effeito deslumbrante.

Os comboios teem despejado hoje na Princeza do Mondego muitos milhares de forasteiros, que veem assistir aos festejos.

Como medida preventiva a policia prendeu 18 amigos do alheio com largos cadastros na policia do Porto, Lisboa e até nas provincias.

O *fogo* queimado ás 22 horas na margem esquerda do Mondego foi mais uma prova do bom gosto dos pirothechnicos que o confeccionaram.

Continuam as illuminações e os descantes populares em varios pontos da cidade.

SANTAREM, 3.—A camara continúa com actividade nas diligencias para a normalisação do abastecimento de agua na cidade, começando pela captação das nascentes das Assacaias e reparações nas machinas elevadoras, terminado o que projecta contractar a construcção de um filtro no Tejo, proximo á margem esquerda, onde, e com grande abundancia, possa ser feita a futura captação, ao abrigo dos principios scientificos e preceitos higienicos.

Feita a installação de captação, pensa a Camara levantar a tubagem desde as Assacaias á Ribeira, n'uma extenção superior a trez mil metros e como ella seja de maior diametro, aproveital-a para a canalisação das ruas principaes, passando a d'estas para as ruas menos populosas. E' para esta projectada obra e para tratar da viação em algumas freguezias ruraes que o senado municipal vae ser ouvido, em sessão conjuncta no proximo dia 6.

—A banda dos bombeiros municipaes realisa em seu beneficio, no dia 11 d'este mez, uma corrida de vaccas na praça d'esta cidade.

—Prosegue com actividade a faina da colheita do trigo, que este anno é diminuta, devido á demorada invernia, outro tanto succedendo com outros generos.

—A carestia da vida está sendo aggravada de dia para dia com a elevação incessante e até escandalosa dos generos de primeira necessidade, sem que para tal abuso sejam tomadas providencias.

Movimento maritimo

New-York, v. Aç. «Roma» (Gibraltar) 6
Mad. Braz. R. Prata «Amazon» (Liv.) 6
Vigo e Inglat.ª «Araguaya» (Brazil)..... 7

mando de Hassan ed Din Pacha desenvolveram uma vigorosa offensiva no meiado de dezembro e um combate se travou em Dutukht, no qual se tentou envolver os russos. Estes porém, estavam em guarda e recuaram a tempo, depois de haverem infligido grandes perdas aos arabes.

Durante o mez de janeiro não houve noticia de outro qualquer combate n'essa região e é muito provavel que as forças turcas tivessem recuado para Erzrum.

Uma terceira columna russa avançou do angulo das fronteiras russo-persa, onde as tribus Makuli eram alliadas do exercito russo, e a 3 de novembro occupou a famosa, mas agora abandonada, cidade de Bayazid, no sopé do monte Ararat, seguindo d'ali em direcção a Van. Não ha outra noticia dos seus feitos e, ao que é de presumir, cooperou com as duas columnas que atravessaram a fronteira turco-persa. As operações n'esta ultima e mais oriental fronteira chamam-nos a attenção.

O facto de, embora a Persia ser neutral, tanto a Turquia como a Russia terem guerreado em solo persa exige uma explicação. Não deixa de ser curioso, mas examinando a situação local vê-se facilmente o motivo de se ter dado esse facto.

A fronteira russo-turco-persa tem a forma d'um T., sendo a haste formada pela fronteira turco-persa. Se a Persia estivesse apta a defender-se, a Russia e a Turquia apenas poderiam encontrar-se no terminus da fronteira, de um lado da qual havia a praça de Erzrum, ficando Kars do outro lado. Mas a Persia não estava para tal preparada, tinha uma fronteira cuja linha havia sido assumpto de disputas entre ella e a Turquia desde tempos immemoriaes e tinha soffrido durante os annos anteriores continuas invasões turcas. Numerosas commissões mixtas para dicidir essa questão da fronteira tinham sido nomeadas nos ultimos cincoenta annos. A Inglaterra e a Russia, como potencias mediadoras, tinham tido sempre representantes n'essas commissões e havia-se calculado que durante o periodo que durára a miseravel disputa, só á Inglaterra haviam custado as despezas 150.000 libras.

Em 1913 pareceu finalmente que a questão entrava n'uma phase decisiva. Um accordo foi assignado em Constantinopla entre os governos turco e persa e outra commissão mixta foi nomeada para proceder á delimitação da fronteira em conformidade com esse accordo. As quatro nações, Russia, Inglaterra, Turquia e Persia estavam representadas e o consul geral inglez em Tabriz, A. C. Wratislaw, d'ella fazia parte. A commissão começou o seu trabalho pelo golpho Persico e não o havia ainda concluido quando rebentou a guerra.

Os turcos nos dez annos anteriores haviam sido especialmente audaciosos nas suas agressões na parte norte da fronteira e tinham mudado os marcos e as guaritas dos guarda-fronteiras de modo a ficarem senhores de todos os pontos estrategicos do lado occidental do lago Urmia. A rica provincia persa de Azurbeijan tinha cahido n'um grande estado de anarchia e fraqueza e a auctoridade do governo persa de nada valia. Sob o ponto de vista militar, por isso, o lado oriental do T a que nos referimos tornou-se de vital importancia tanto para a Turquia como para a Russia.

Com os turcos occupando todos os pontos estrategicos e atravessando com facilidade a fronteira, era claro que no principio da guerra russo-turca a Turquia podia não só atacar por esses pontos, onde a fronteira é montanhosa e difficil, mas por toda a Persia do lado oriental onde a entrada é muito mais facil.

Os russos, por isso, haviam sido forçados a sustentar a sua influencia e auctoridade em Azurbeijan.

Uma opportunidade surgiu em 1909 durante uma guerra civil na Persia, quando o partido constitucional em Tabriz foi cercado pelas forças de Mohammed Ali Shah. Em abril d'esse anno, os governos britannico e russo estavam exercendo

cito turco devia tomar a offensiva na abertura entre o 10.º e o 11.º corpos.

As nossas tropas na região do Olty, apesar da superioridade numerica do inimigo, detiveram corajosamente um avanço turco e, por meio de contra ataques, infligiram grandes perdas ao inimigo.

No entretanto, certificámo-nos de que uma forte columna ottomana, reforçada pela população musulmana rebelde, avançava pelos desfiladeiros de Panjouretsk e Yalanuz-Djamsh para Ardahan. A nossa guarnição, que estava occupando esse ponto, recuou em boa ordem depois de ter combatido durante 17 dias».

O segundo communicado, tambem datado de 6 de janeiro, é do quartel general russo e diz:

«No Caucaso, tendo recebido reforços, atacámos no domingo as tropas turcas concentradas em Ardahan e infligimos uma completa derrota ao inimigo, tomando-lhe a bandeira do 8.º regimento, que formava parte da guarnição de Constantinopla.

Durante a phase final da acção descobrimos que o grosso das forças turcas—especialmente o 9.º e o 10.º corpos de exercito—havia tomado a offensiva contra Sarikamish. Esse movimento, feito por estradas montanhosas cobertas de neve, atravez ravinas em extremo fundas, foi executado quasi que sem comboios de abastecimento e artilharia de campanha, embora as tropas turcas estivessem providas abundantemente de munições de guerra.

O inimigo planeou a operação contando principalmente com a sympathia e o auxilio dos musulmanos naturaes da região, que tinham sido previamente preparados por emissarios turcos.

A tarefa das nossas tropas era deter as grandes forças do inimigo n'essa fronte e organisar uma barreira sufficientemente forte para derrotar o 9.º e o 10.º corpos d'exercito turcos.

Apesar da extraordinaria difficuldade d'essa tarefa, do rigoroso inverno e da necessidade de luctar em desfiladeiros montanhosos cobertos de neve e a uma altitude de 10.000 pés, as nossas valentes tropas do Caucaso, apoz desesperado combate, que se prolongou por mais de dez dias, executaram brilhantemente a excepcional tarefa que lhes competia.

Tendo repellido os phreneticos ataques dos turcos na fronte e em Sarikamish, envolveram e anniquilaram quasi todos os dois corpos de exercito turcos, aprisionando o resto d'esses corpos, juntamente com o seu commandante em chefe, tres generaes de divisão, o estado maior, numerosos officiaes, milhares de soldados, artilharia, metralhadoras e bagagens.

A intensa lucta na fronte principal como é natural exigiu uma mudança na formação das nossas forças nos districtos de importancia secundaria e a approximação de alguns dos nossos destacamentos da fronteira.

Os tropheus que tomámos são numerosos.

A perseguição do inimigo continua».

O proprio Iskan Pacha afirmou considerar a sua derrota como devida principalmente ao inverno e ás condições intransitaveis das estradas. Do 9.º corpo, apenas 6.000 homens alcançaram Sarikamish. Ahi, os russos atacaram-nos e depois de seis noites de ataques renderam-se. Os prisioneiros mal se podiam ter de pé, tal o seu estado de exhaustão e fome. Os officiaes estavam desvairados pela insubordinação dos homens, que deitaram fóra as armas e avançaram para os russos para se entregarem.

Por diversas vezes os russos faziam avançar as suas cosinhas para a fronte da linha e os turcos, quando sentiam o cheiro da comida, deixavam immediatamente de combater e rendiam-se. Depois de comerem beijavam as mãos dos captores. Descripções de scenas no campo de batalha por testemunhas oculares dizem que o sangue corria em ondas. A lucta foi especialmente terri-

Caixa Economica Portugueza

São avisados os srs. depositantes da Caixa Economica Portugueza, que, desde 7 de julho, inclusivé, em deante, poderão apresentar n'esta Repartição as suas cadernetas para n'ellas lhe serem escripturados os juros liquidados e capitalisados no dia 1 de julho.

Para maior facilidade de serviço e menos incommodo dos depositantes, as cadernetas serão recebidas, as da primeira serie, na rua Aurea, 4, 6 e 8 e as da segunda série no largo do Calhariz, segundo a sua numeração, nos dias abaixo designados:

1.ª SERIE

Dia	N.os			
7		1	a	8000
8	»	8001	a	11000
9	»	11001	a	12500
10	»	12501	a	13000
12	»	13001	a	13400
13	»	13401	a	13800
14	»	13801	a	14200
15	»	14201	a	14500
16	»	14501	a	14800
17	»	14801	a	15100
19	»	15101	a	15400
20	»	15401	a	15700
21	»	15701	a	16000
22	»	16001	a	16300
23	»	16301	a	16600
24	»	16601	a	16900
26	»	16901	a	17200
27	»	17201	a	17500
28	»	17501	a	17800
29	»	17801	a	18100
30	»	18101	a	18400
31	»	18401	a	18600

2.ª SERIE

Dia	N.os			
7		1	a	100
8	»	101	a	200
9	»	201	a	300
10	»	301	a	400
12	»	401	a	600
13	»	601	a	800

As cadernetas que nos dias acima designados não forem apresentadas para escripturação de juros serão recebidas para esse fim todas as segundas feiras, não feriado, de cada semana, a contar de 1 de agosto.

Caixa Economica Portugueza, 9 de Junho de 1915.

O chefe de serviços
J. Antonio de Campos Henriques

Ministerio da justiça

Bens das Congregações religiosas

LEILÃO

Paramentos religiosos e outros objectos

Faz-se saber que no dia 11 de julho proximo futuro e dias seguintes, nas salas do extincto **Convento do Sacramento,** rua do Sacramento, Alcantara, se procederá á venda em hasta publica dos paramentos religiosos e outros objectos que pertenceram ás congregações extinctas.

As condições de venda serão patentes no acto da praça.

Ministerio da justiça, repartição da Commissão das Extinctas Congregações Religiosas, em 18 de junho de 1915.

O chefe de repartição,
Eurico de Seabra.

vel em duas eminencias, tendo uma funda ravina entre ellas.

Ahi a lucta tomou tal violencia que foi litteralmente impossivel dar um passo sem tropeçar em cadaveres e 1.500 mortos foram deixados só n'um pequeno espaço.

Parece que durante a assombrosa defeza de Sarikamish, de 25 a 28 de dezembro, foi apenas um pequeno numero de russos o que tomou a offensiva contra uma divisão inteira turca, até chegarem reforços. Essa heroica acção salvou a cidade. Os russos avançaram em marchas forçadas atravez d'uma profunda neve, travando lucta com o inimigo a cerca de vinte kilometros da cidade.

Os esfarrapados, esfomeados e meio gelados turcos formavam densas columnas. As metralhadoras deixaram-nos approximar a trezentos passos e varreram-nos litteralmente, mas novas columnas occuparam o logar das primeiras. Os russos retiraram para leste, passo a passo. O inimigo, comprehendendo que cada hora, cada minuto era precioso no caso de Sarikamish dever ser tomada, avançou com o phrenesi do desespero, combatendo mesmo nas trevas. As columnas turcas precipitaram-se sobre a linha russa que, recuando com todo o sangue frio, vendia caro cada pollegada de terreno.

Os turcos, ebrios de fanatismo, faziam um fogo infernal. Os russos carregaram-nos á bayoneta, infligindo-lhes perdas enormes. O inimigo quebrou as linhas muitas vezes, mas os officiaes allemães obrigavam-nos, ameaçando-os com revolvers, a avançar, até que os russos, sob o pezo d'uma grande superioridade numerica, foram forçados a retirar para quatro a cinco kilometros de Sarikamish. Mais artilharia turca chegou n'esta conjunctura, mas a artilharia russa replicou-lhe com exito, e, recebendo reforços, o demorado combate terminou n'uma brilhante victoria.

A valentia dos russos fez assim cahir por terra o plano dos estrategicos allemães para infligirem um subito golpe nas forças russas, que lhes eram inferiores, envolverem as vanguardas, a retaguarda e os flancos, apparecerem por meio de marchas forçadas em Sarikamish, cortarem os russos, tomarem Ardahan e avançarem para o norte d'uma direcção de onde não eram esperados.

A rendição do 9.º corpo em Sarikamish não deixou de ter certa influencia no esforço dos turcos. Embora o 11.º corpo se não tivesse podido mover a tempo de salvar o 9.º, fez um valente esforço para auxiliar a retirada do 10.º Passou por detraz de Khorosan e seguiu a marchas forçadas para Kara-Urgan, a uns trinta e oito kilometros de Sarikamish. Os russos foram assim obrigados a deixar de perseguir o 10.º corpo e dirigiram-se para aquella localidade, onde se travou demorada e violenta lucta. Essa lucta prolongou-se durante toda a segunda semana de janeiro, e em breve as vantagens foram das tropas russas, que no dia 14 anniquilaram á bayoneta todo o 52.º regimento, excepto o commandante, os officiaes do estado maior e alguns homens, que foram aprisionados.

Em Yenikoi uma batalha que durou dois dias terminou pela derrota d'uma parte da 32.ª divisão turca, que fugiu precipitadamente, depois de grandes perdas e de abandonar dois canhões e os seus trens de bagagens. Só n'uma carga de cavallaria, os turcos perderam trezentos mortos e feridos pelas espadas d'um regimento de cossacos siberianos. A 17 de janeiro um telegramma do exercito do Caucaso annunciava que a batalha de Kara-Urgan, que havia durado trez dias sob uma continua tempestade de neve, terminára por uma victoria para a Russia. Graças ao valor dos regimentos do Caucaso e do Turkestan e dos cossacos siberianos, a resistencia do inimigo estava quebrada. As suas retaguardas, que estavam cobrindo a retirada, foram anniquiladas, os restos do exercito turco foram varridos e os flancos e a fronte fugiram para Erzrum.

A perseguição foi feita com vigor, mas a tremenda tempestade de neve foi um obstaculo gigantesco e o 11.º

corpo conseguiu assim refugiar-se n'essa praça forte. Comtudo os russos não só repelliram a sua retaguarda, como ainda o seu flanco direito, privando-o assim da opportunidade de operar ao longo da estrada Kara-Urgan-Koprukeui. Isso concorreu para a grande batalha a oeste, em Yenikoi, que representou o ultimo estadio do 11.º corpo.

Entretanto ao norte os russos continuavam a alcançar successos sobre o 1.º corpo, que havia sido repellido de Ardahan. Todo o valle do Chorok foi limpo de inimigos. As difficuldades dos turcos eram augmentadas ainda pela acção dos russos, cortando-lhes as communicações por mar. Na primeira semana de janeiro, quasi simultaneamente com os signaes de derrota das forças turcas em terra, os russos obtinham uma victoria por mar. Em Sinope, um cruzador russo atacou o cruzador turco «Medjieh», que comboiava um transporte. Este foi mettido a pique e o cruzador fugiu.

Logar-tenente general sir Douglas Haig

A 6 de janeiro, a armada do Mar Negro atacou o «Breslau» e o «Hamidieh» e causou-lhes serios damnos emquanto ao longo da costa grande numero de pequenos navios turcos eram afundados. O «Goeben» estava a esse tempo fóra d'acção; disse-se que tinha batido n'uma mina á entrada do Bosphoro em dezembro e estava ainda em reparações em Constantinopla. A 15 de janeiro, os torpedeiros russos metteram a pique o grande paquete «Georgios», proximo de Sinope, assim como muitos navios de vela que abasteciam o exercito turco e a armada de munições de guerra, provisões e carvão. Antes de serem destruidas essas embarcações, ás tripulações foi dado o escolherem ou encalharem ou serem aprisionadas e levadas para Sebastopol.

Tal é o resumo da principal lucta no Caucaso nos fins do mez de janeiro. Aos russos ficou livre o caminho para Erzrum, onde os turcos estavam á pressa tentando uma nova concentração, emquanto ao noroeste os restos do 1.º e 10.º corpos tinham effectuado a sua juncção e estavam tentando uma nova offensiva. Na região em roda do rio Chorok e na do Sultão Selim os turcos na manhã de 20 desenvolveram vigorosos ataques, que foram repellidos. Em Olty tambem retomaram a offensiva fazendo avançar uma columna, que foi, porém, obrigada a recuar com grandes perdas.

Temos agora de voltar os olhos mais para leste. Quando a principal columna russa atravessou a fronteira turca em novembro e avançou para Koprukeui, uma segunda columna entrou em territorio turco a oitenta kilometros mais a leste, a meio caminho entre Khorosan e Bayazid, apoderando-se, a 8 de novembro, de Kara Kilissa. Uma semana mais tarde encontrou o inimigo a dezeseis kilometros ao norte de Dutukht e, fazendo-o recuar, apoderou-se da cidade.

N'esse districto os turcos empregaram os regimentos arabes do 13.º corpo, e, tomando a offensiva, travaram uma violenta batalha a 22 de novembro. O resultado ficou indeciso e no mez seguinte nova batalha se deu no valle Alashgird. Reforços arabes tinham vindo de Bagdad, por via Bitlis e Erzrum. Sob o com-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1736 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA —Terça-feira, 6 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina da impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Obra a fazer

N'um dos seus ultimos artigos, o importante orgão madrileno «El Imparcial» refere-se a um movimento que se vae observando nos differentes paizes europeus, em consequencia da prolongação da guerra, cujo termo nenhuma previsão fundamentada póde realmente marcar. A esse movimento deu-se o nome, adequado ás circumstancias bellicas actuaes, de «mobilisação agricola».

Em que consiste a mobilisação agricola?

A mobilisação agricola consiste nos preparativos urgentes que requer a imperiosa necessidade de attender á subsistencia publica. Cada paiz reconhece que tem de contar comsigo para que a fome não venha dar-lhe um golpe fatal. Essa necessidade manifesta-se nos paizes em guerra e nos paizes neutraes, que antigamente contavam com os recursos das outras nações.

Assim, já circula pela imprensa de todo o mundo a noticia de que o governo austriaco deu ordem para se aproveitarem todas as terras do imperio aptas á producção de substancias alimenticias. Na Allemanha já se aproveitam os jardins, os parques publicos, os mais reduzidos espaços em que se póde ensaiar uma cultura. A Inglaterra, apesar de se ter demorado mais em attender ao problema, porque conta com o dominio do mar para o seu abastecimento, acabou de nomear uma commissão technica, cuja missão é propôr ao governo os meios necessarios para augmentar, na medida que os recursos nacionaes proporcionem, a producção de generos alimenticios. O presidente d'essa commissão é lord Milner, defensor constante do maior aproveitamento das energias productoras do solo britannico. E na Hespanha, nossa visinha, o governo acaba de publicar circulares exhortando os proprietarios a augmentar as suas culturas.

Identica resolução se nos impõe, e consideral-a-hemos relativamente facil se attendermos a que Portugal é precisamente um paiz onde largos tractos de terreno se encontram inteiramente incultos. Já não são pequenas as difficuldades que a conflagração europeia nos tem occasionado. Urge pensar que a guerra não dá indicios de terminação, nem mesmo n'uma data bastante affastada, e d'ahi o devermos proceder por fórma a eximir-nos á mais atroz das suas calamidades.

As circumstancias auxiliam esse proposito. Sômos um paiz apathico, de escassas iniciativas, mas n'um lapso relativamente curto as convulsões politicas teem-nos dado impulsos consideraveis. Tivemos em menos de cinco annos duas revoluções. E' nas occasiões em que movimentos d'essa ordem abalam o organismo nacional que se encontram situações propicias a rasgadas iniciativas. Quem duvida hoje de que se as grandes leis basilares da Republica não houvessem sido decretadas ainda em periodo revolucionario, ellas ainda não teriam existencia real? Passado esse periodo, recahimos na *inercia, na hesitação*, no indifferentismo, na apathia. Novamente uma convulsão revolucionaria nos poz de pé, com o sangue girando apressadamente nas veias. Porque se não ha de fazer em materia economica, no dominio mais do que todos importante da vida, que é a alimentação publica, o que se fez com um fim declaradamente politico?

De movimentos como o 5 de outubro e o 14 de maio ficam, sem duvida, impressões dolorosas, pelo sangue que se derramou. Mas além da victoria dos fins concretos que determinaram essas revoluções deve ficar tambem o estimulo de energias novas. O mesmo diremos da guerra actual, que sob tantos pontos de vista nos affecta. Que ao menos ella dê em resultado acordar-nos, sacudir as nossas forças, estimular o nosso espirito

O que seria bem difficil conseguir pela simples lettra d'uma lei póde e deve a imperiosa necessidade de conseguil-o com a rapidez que a solução do problema requer. Portugal precisa crear riqueza publica. As iniciativas que entre nós despertar a mobilisação agricola, a que n'outros paizes se procede, não crearão um estado de coisas transitorio. Serão, assim o devemos todos reclamar e acreditar, o inicio d'uma obra de desenvolvimento de que o paiz necessita para firmar as bases do seu futuro.

Poeira da Arcada

Holt attentou contra a existencia de Morgan, o multimillionario. As balas não lhe furaram o abdomen. Teve sorte! Quando a morte não se apodera dos orgãos digestivos de um ricaço, este permanece na posse de todas as suas faculdades. Entre os milhões e a digestão ha um accordo tão intimo que o espirito é desnecessario. Em montões de ouro, a avareza descobre prazeres infernaes. Encara o mundo e os homens como uma rica materia prima para amoedar. Dinheiro, muito dinheiro.

***

Uma Harpia a sugar o sangue dos pobres, para poder demonstrar que a cubiça é tão absurda que morre pelo mesmo processo que a penuria inventou para os famintos.

Uma commissão de proprietarios da Amadora dirigiu-se ao chefe do districto, para que este dê força á auctoridade local que quer impedir o restabelecimento das casas de batota. Receberam uma resposta satisfatoria.

Entre Lisboa e a Amadora, que grande differença de temperatura... moral!

***

Uma pobre senhora, emquanto fazia as suas orações na egreja de S. Thiago, descurou-se tanto na defeza das suas temporalidades que uma gatuna, que a seu lado resava com inquieto fervor, furtou-lhe uma malinha, na qual dormiam honestamente sessenta e cinco escudos. Parece que deu parte á policia, mas esta, que sabe bem como se conquista o céo, disse-lhe que a bemaventurança lhe ficava garantida. Pelo que respeita aos escudos, o melhor que tinha a fazer era escudar-se na protecção divina.

Aviação militar

Novos offerecimentos

Augmenta de dia para dia o numero dos voluntarios, tanto militares como civis, que pretendem dedicar-se ao mister de piloto-aviador, o que vem demonstrar mais uma vez que não é por falta de quem queira aprender que em Portugal não ha já aviação.

Hoje registamos os offerecimentos dos srs.: Avelino dos Santos Araujo, de 20 annos, empregado no commercio e residente na rua dos Caminhos de Ferro, 104, 2.º; João Fernandes d'Almeida, de 18 annos, empregado d'escriptorio, calçada do Cardeal, 9, 1.º; Antonio Ferreira de Carvalho, 18 annos, empregado de escriptorio, calçada do Cascão, 5, 2.º, D.; José Pinho d'Almeida, licenceado da companhia de aerosteiros no primeiro anno em que ella se fundou com o numero 30/30, residente na rua de S. Miguel, 16, 2.º, e Lino Carlos da Silva Ferreira, fiscal de 2.ª classe dos impostos e morador no largo do Soccorro, 11, 2.º, E.

Dos offerecimentos que recebermos continuaremos a dar nota a vêr se assim se acorda nas regiões officiaes.

QUESTÃO COMPLICADA

O tratado com a Inglaterra e as marcas regionaes

Porque não se respeitou n'elle o que a tal respeito ficou estipulado no convenio de Madrid?

A questão do Douro é uma questão importante. Precisa, por isso, de ser resolvida com ponderação. Mais: necessita de que a justiça presida a quantas soluções se adoptarem. Não se póde, de animo leve, sentenciar sobre ella. Seria um erro dos mais graves. Até onde vae a razão do Douro? Onde terminam os limites para as suas reclamações? Assiste-lhe, porventura, o direito de protestar contra a projectada extincção da sua tradicional marca de vinhos? Devem os lavradores do Douro pugnar pelo exclusivo da designação «Vinhos do Porto», applicada apenas aos productos vinicolas generosos da sua região? Sobre o assumpto ha doutrina internacional estabelecida e sanccionada por varias nações, incluindo a propria Inglaterra.

Tem toda a gente que haja ouvido falar do assumpto, conhecimento de que existe uma coisa chamada convenio de Madrid, na qual a questão das marcas regionaes ficou perfeitamente esclarecida. O que se diz n'esse convenio? Que protecção se concede n'elle aos productos regionaes e, especialmente, aos vinhos só produzidos em determinadas regiões? Vejamol-o. Logo no artigo primeiro, o referido convenio, assignado na capital hespanhola em 14 de abril de 1891, entre Portugal, Brazil, Hespanha, França, Gran-Bretanha, Guatemala, Suissa e Tunisia, se diz o seguinte:

> Todo e qualquer producto que apresentar uma falsa indicação de proveniencia, na qual fôr, directa ou indirectamente, indicado um dos Estados contractantes ou um local situado em algum d'elles como paiz ou como local de origem, será apprehendido no acto da importação em cada um dos seus Estados.

Isto é claro. Os Estados que assignaram o convenio não admittem que em qualquer d'elles appareçam á venda productos com a proveniencia falsamente indicada, quer essa proveniencia seja um Estado ou uma parte apenas d'esse Estado. Portanto, vinhos do Porto, de Xerez, da Madeira ou d'Alicante, para não falar em tantos outros, que appareçam nos mercados sem serem produzidos nas regiões proprias, teriam de ser fatalmente apprehendidos, segundo a doutrina explicita do artigo primeiro do convenio de Madrid. Não conheciam os negociadores portuguezes do tratado de commercio com a Inglaterra esta disposição do referido convenio? E, se a conheciam, porque não harmonisaram com ella esse mesmo tratado?

Mas ha mais e mais terminante ainda. E' o que dispõe o artigo quarto do mesmo convenio. Diz elle:

> Os tribunaes de cada paiz terão de decidir quaes são as denominações que, em razão do seu caracter generico, não ficam sujeitas ás disposições do presente convenio, não se comprehendendo comtudo na reserva estatuida por este artigo as denominações regionaes de proveniencia dos productos vinicolas.

Se o artigo primeiro não deixa margem a duvidas, este é tudo quanto póde haver de mais cathegorico e de mais terminante. Os Estados contractantes tinham, á data da assignatura do convenio, em tanta conta as marcas regionaes dos productos vinicolas que nem sequer achavam necessaria a intervenção dos tribunaes quando os seus productos fossem falsificados e apprehendidos. Era um caso arrumado. Os vinhos licorosos do Douro, conhecidos nos mercados mundiaes pela designação de vinhos do Porto, não podiam nunca ser fabricados fóra da região respectiva. Querer transformal-os em «tipo», dar-lhes uma designação generica, semelhante á de «agua de Colonia» e á de «coiro da Russia», que em qualquer parte podem ser fabricados, era coisa que os negociadores do convenio nem sequer se atreviam a admittir.

E assim, é opportuno perguntar em que se escudaram os negociadores do tratado de commercio com a Inglaterra para transformar os vinhos do Porto, producto regional, no vinho do Porto, designação generica, indicadora d'um tipo, applicada a todos os vinhos licorosos produzidos em Portugal. Foi o desconhecimento do convenio de Madrid que os levou a isso? N'esse caso, é preciso remediar o mal feito, quanto mais não seja por um principio de justiça e de respeito á lei, absolutamente sagrado. O artigo quarto é imperativo. A Inglaterra, respeitadora, como nenhum outro paiz, da palavra dada, ha de querer acatal-o. Tratemos, por isso, de o aproveitar em beneficio dos vinhos do Porto, cuja marca não póde perder-se, sob pena de se prejudicar irremediavelmente uma região que não é, decerto, nem das mais ricas nem das mais felizes da terra portugueza.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$50 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Anniversario de "A Capital,,

A direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, na sua reunião de 3, segundo nos communica em carta o secretario, sr. Miguel da Paz Oliveira, resolveu enviar-nos as suas felicitações por motivo do nosso anniversario. A' direcção da util e valiosa collectividade os nossos sinceros agradecimentos.

Aos nossos collegas do semanario *Pontas de Fogo* egual agradecimento pela gentileza dos seus cumprimentos.

ANTIPATHICO FUTURISMO

Os poetas do "Orpheu"

não passam, afinal, de creaturas de maus sentimentos

A nossa noticia de hontem ácerca de uma recita planeada pelos futuristas do *Orpheu* parece que não agradou a esses pobres maniacos. Pelo menos assim se depreende de uma carta que hoje nos foi entregue, assignada pelo *engenheiro e poeta sensacionista* Alvaro de Campos, onde, a proposito, se insultam todos quanto fazem parte do jornalismo portuguez.

Não nos indigna a injuria, apenas porque não offende quem quer mas simplesmente quem pode. Os cerebros destrambelhados do *Orpheu* não podem injuriar ninguem. Mas a carta contem uma repugnante allusão ao desastre de que foi victima o sr. dr. Affonso Costa, e essa faz-nos modificar bastante o conceito em que tinhamos os *sensacionistas*. Pobres maniacos? Não. Creaturas de vis e baixos sentimentos é que são todos quantos concordam com o irritante periodo final da referida carta, que é textualmente o seguinte:

> De resto seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo *n'uma hora tão deliciosamente mechanica em que a propria Providencia Divina se serve dos carros electricos para os seus altos ensinamentos.*

Isto sim, indigna e revolta. E de hoje em deante, podem os futuristas, até ha pouco simplesmente ridiculos, agora ridiculos e maus, contar com uma nova fórma de tratamento por parte dos jornalistas que estupidamente pretendem insultar.

Noticias parlamentares

O sr. Ramos da Costa está empenhado em conseguir submetter as commissões parlamentares a preceitos regulamentares, de que as julga affastadas, com prejuizo dos interesses do paiz. Para esse fim enviou hoje para a meza da Camara dos Deputados um projecto de regulamento que, se fosse cumprido, reduziria a formulas militares o que até aqui tem sido tudo o que ha de mais paisano. De vez em quando tem d'estas coisas originaes o sr. Ramos da Costa. Mas como a Camara não pensa como elle, fica em geral, para seu desgosto, tudo na mesma...

***

Acompanhando uma commissão de adventicios da alfandega do Porto, o sr. Costa Junior, deputado socialista, avistou-se hoje com o sr. ministro das finanças, a fim de lhe pedir que attenda as reclamações d'aquella classe. Querem os adventicios da referida casa fiscal que se installe quanto antes a caixa de aposentações que ali deve funccionar e que se elabore o respectivo regulamento. O sr. Victorino Guimarães prometteu attender a commissão e ouvir a Associação de Classe dos Adventicios quando se tratasse de elaborar o regulamento pedido.

***

Dia de estreias hoje, na Camara. Primeiro, a eloquencia raciocinada e clara do sr. Domingos Cruz, que sabe pensar e dizer correntemente e com brilho o que pensa. Depois o sr. Mello Barreto, que levantou de novo, do quasi esquecimento em que jaziam, as suas qualidades de correctissimo e distincto parlamentar. A seguir, o sr. Vasco de Vasconcellos, cuja voz eguala, em som, a sua estatura, e cujo poder de expressão é digno d'uma menção honrosa. Villa Real fez-se lembrar pelo sr. Azeredo Antas, que fala como quem sobe nos pulinhos um longa escada e que teve o condão de não se fazer ouvir. Dia de estreias, dia de surprezas. Entretanto, ainda hoje, apesar de se fazer a apologia do vinho do Douro—o nectar dos nectares—não irrompeu no Parlamento a eloquencia que deslumbra, tão rara ella é.

***

Só na quinta-feira haverá sessão no Senado. Constituida essa Camara, viu-se repentinamente n'esta grave collisão — a de ter de interromper os seus trabalhos por falta de materia prima, como uma fabrica que fecha por não ter que laborar. Está, pois, em plena crise de projectos a segunda Camara da Republica. Sommemol-a a todas as outras que affligem a nossa terra, e façamos votos para que ella se prolongue, tão certo é, de todas as crises suas parceiras, ser ella a que menos póde attingir a harmonia nacional.

***

O sr. ministro dos estrangeiros, respondendo ao sr. Mello Barreto, fel-o em termos que não deixam duvidas. De duas uma: ou se ractifica o tratado com a Inglaterra tal como o Parlamento inglez o approvou, ou esse tratado, denunciando-se por sim, expirado o praso para a sua ratificação, deixará de existir. Qual dos males é o menor? Pelo debate de hoje, não se conseguiu sabel-o. E foi pena...

***

Estão mais constituidas: a commissão de legislação civil, que ficou com o sr. Barbosa de Magalhães por presidente e com o sr. Abrahão de Carvalho por secretario, e a de finanças, cujo presidente ficou sendo o sr. Ramos da Costa, tendo sido escolhido para secretario o sr. João Lopes Soares.

EM TORNO DA GUERRA

A victoria da Allemanha e a derrota da França

Eis o que ambiciona o orgão do Centro Catholico portuguez e quaes os motivos porque assim pensa

O sacerdote germanophilo a quem ha dias enderecei uma carta aberta por intermedio d'este jornal, com algumas observações ácêrca dos crimes perpetrados pelos allemães na Belgica e na França, não me respondeu. A «Liberdade», porém, deu-me a honra de replicar a essa carta em artigo de fundo. O diario portuense é hoje, como se sabe, o mais importante defensor das idéas catholicas em Portugal e o orgão do Centro catholico portuguez, recentemente fundado e a cuja acção se deve o haverem sido eleitos nas ultimas eleições geraes um deputado e um senador que se propõem pugnar pelas reivindicações formuladas no programma do mesmo centro. Cumpre-me confessar que o artigo da «Liberdade» produziu no meu espirito uma desoladora impressão. Vae o leitor avalial-a, se tiver paciencia para lançar uma vista de olhos sobre a succinta analyse que procurarei fazer dos reparos que me oppoz a mencionada gazeta.

***

Discorda a «Liberdade» da opinião por mim emittida de que um latino e um catholico, só porque é uma e outra coisa, apenas póde desejar a derrota da Allemanha, inimiga secular do catholicismo e em plena paz perseguidora da Egreja, tendo como principal escopo n'esta tremenda guerra o estabelecimento da hegemonia germanica não só na Europa mas em todo o mundo. A «Liberdade», latina e catholica, e que affirma não ser germanophila, prefere a derrota dos alliados pelas especiosas razões que enumera. Quaes são ellas? Vale a pena resumil-as.

A victoria dos alliados, segundo o orgão catholico portuense, seria sobretudo a da Inglaterra que lhe «é mais antipathica que a Allemanha». Na Inglaterra, os catholicos, nomeadamente os irlandezes, «teem passado pelas maiores provações» e não foi possivel constituir lá, como na Allemanha, um Centro Catholico, «que chegou a ser o arbitro da politica do Imperio», porque os poderes constituidos impediram com ferocidade a sua organisação. A «Liberdade» confessa que a Allemanha foi perseguidora, mas accrescenta que «reconheceu o seu erro e cedeu» e que «procura hoje viver com a Egreja e cérca o Santo Padre de attenções e homenagens». Além d'isso, tem a seu lado «a christianissima Austria». Convem que vença, para que a França, victima do «sectarismo radical e maçonico, inimigo mil vezes *peor* que qualquer religião adversa», possa voltar á sua fé e á tradição e readquira a grandeza moral que lhe falta e sem a qual todo o progresso é impossivel. A França, no conceito da «Liberdade», encontra-se governada por «homens monstruosos» que não hesitam em hostilisar e diffamar as crenças dos mais valentes defensores da autonomia nacional». Vencida a França, «faria caminho a idéa conservadora, veriam os latinos a necessidade da ordem, da disciplina, da tenacidade de que tão bellos exemplos nos está dando a Allemanha». A França triumphante seria «a oppressão da Egreja, o odio á idéa conservadora, á tradição e á disciplina intellectual e moral», embora os catholicos sejam «os verdadeiros heroes e vencedores»... Ora a França, segundo a «Liberdade», tem de expiar até o fim e cumprir o castigo que o céu envia ás nações que como «a França e Portugal cahiram na apostasia e foram infieis ao seu destino».

Comquanto assegure que não é germanophilo, o orgão do Centro catholico portuguez exprime-se d'este modo e ao mesmo tempo accusa severamente a maçonaria franceza e proclama que «a Italia foi arrastada para a guerra pelas lojas, cujo plano confessado é acabar com a «lei das garantias», sujeitando o Pontifice ao direito commum».

***

Ignoro se Deus mandou dizer á «Liberdade» que a França, para expiar até o fim as suas culpas, ha de ser vencida e esmagada pelos allemães, não lhe bastando para semelhante expiação os soffrimentos heroicamente supportados de um anno de guerra. Mas sei que em França a união das almas é absoluta e per*feita*; que se estabeleceram treguas nas luctas religiosas e politicas; que ha um unico partido,—o da patria franceza; que para a defeza d'esta se juntaram todos, como um só homem, sem uma discrepancia, não sendo os catholicos os unicos «verdadeiros heroes», porque cada soldado, cada cidadão, cada mulher, cada creança procura ardentemente sel-o e com effeito o tem sido. O bloco que hoje existe e domina em França constituem-no governantes e governados, militares e civis, catholicos e não catholicos, e a admiravel harmonia de sentimentos, a comprovada energia da resistencia, a firme esperança no triumpho não offerecem duvidas a ninguem. A vida espiritual da nação, tem porventura encontrado serios obstaculos por banda dos poderes publicos? Quem lêr com algum interesse os jornaes por certo sabe como aos catholicos ainda não foi impedido nos exercitos, antes foi facilitado, o exercicio das praticas da sua religião e a cada passo deparamos noticias de ceremonias cultuaes em que officiam e prégam sacerdotes que sobre os seus uniformes militares envergam os paramentos ecclesiasticos. Renasceu a fé religiosa em França e não seria mais intensa nem geraria mais beneficos resultados pelo facto do governo reatar desde já as relações com a Santa Sé, acabando com o que a «Liberdade» classifica de «vergonhosa excepção». Onde, pois, n'este momento, a hostilidade e a diffamação das crenças catholicas por parte dos homens que governam a França? Como concluir que a victoria final dos francezes significaria, a breve trecho, uma perseguição religiosa? Para o suppôr, ha o mesmo fundamento que, na hypothese da derrota, haveria para crer no regresso a um passado que não volta, como o desejariam o sacerdote a quem escrevi e a «Liberdade»...

A folha portuense exaggera a respeito da Italia como a proposito da França. Melhor: adopta um estreitissimo criterio, indiscutivelmente sectario, ao apreciar as causas que levaram a Italia ao campo de batalha. As supremas razões nacionaes da intervenção italiana no formidavel conflicto europeu são conhecidas de todos. Cae no ridiculo quem tomar a serio que a Italia se metteu em empreza tamanha para supprimir a lei das garantias, precisamente quando o Vaticano assume um papel sympathico e patriotico em tão grave conjunctura e o governo consagra singular solicitude ao problema dos interesses religiosos do exercito, curando d'elles de accordo com Bento XV. A «Liberdade» procede d'uma fórma deploravel ao pretender amesquinhar assim a attitude da Italia e ao falsear as intenções dos homens em cujas mãos se encontram os destinos d'um grande povo...

***

A «Liberdade», anciando pelo triumpho teutonico, não tem, a exemplo dos catholicos allemães, uma palavra de piedade e muito menos de revolta em face dos espantosos crimes perpetrados, a coberto do estado de guerra, pelas tropas germanicas na catholica Belgica e de que dão testemunho pessoas que merecem todo o credito, como são as primeiras figuras episcopaes d'aquella desditosa nação. A folha por-

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 6-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXIV

Maridos cucos

Sabem como no tempo de D. João V chamavam aos maridos infelizes? E' o Bispo do Grão-Pará que o diz: chamavam-lhe «cucos».

Porquê? Frei Joseph Queiroz não entra em pormenores. Mas sabe-se. O cuco é uma ave que tem o máu costume de pôr ovos no ninho dos outros;—por antithese, o século XVIII portuguez chamou «cuco» ao marido que deixava entrar os outros no ninho d'elle. Havia, segundo os papeis dos conventos e as mercurines do tempo, muitas espécies de «cucos». Os maridos infelizes foram pittorescamente classificados pelos moralistas portuguezes de 1720—ao que parece, pela phantasia turbulenta d'algum frade bernardo de Bouro ou de Tarouca—encontrando-se ainda, n'algumas terras da Beira, a tradição remota d'essa classificação. «Cuco», em geral, era o marido d'uma mulher infiel; «ante-cuco», o homem casado com mulher que fôra d'outro ou d'outros antes do casamento mas que se portava bem depois de casada; «recuco», o marido de mulher que fôra d'outro ou d'outros antes do casamento e que continuava a portar-se mal depois de casada; «chicismeiro», o marido que sabia das infidelidades da companheira e não se importava com ellas; «ribeirinho», o marido consentidor, que ainda por cima recebia e obsequiava os amantes da mulher; finalmente, «assombrado», o marido que estivera para ser cuco por um triz, mas que o não chegára a ser por milagre. Desde as salas do Paço até ás viellas da Madragôa, desde as casas solarengas hirsutas de cunhaes d'armas até ás hortas do Ducado gralhantes e bezoantes de povo, a Lisboa fidalga do século XVIII, d'esse admiravel século que, na phrase de M.me de Genlis, «a affiché le scandale, mais a connu l'amour», transbordou de cucos e de recucos, de chicismeiros e de ribeirinhos, de ante-cucos e de assombrados. Foram tantas, entre nós, as intrigas amorosas, tantos os maridos infelizes, e tão frequentes os escarneos publicos a que elles estavam sujeitos, que as circumstancias aconselharam a publicação do alvará de 26 de setembro de 1769 e obrigaram o marquez de Pombal a mandar prohibir sob pena de Aljube, por outro alvará célebre, que se persistisse no desagradavel costume de pendurar chavelhos nas portas de toda a gente.

Como explicar a revoada de infelicidades dos maridos setecentistas? Pela fragil virtude da mulher portugueza, que, na opinião do «ci-devant» duque Du Châtelet, «excedia no galanteio todas as mulheres da Europa»? Decerto. Mas não tenhamos a injustiça de a culpar a ella só. A grande razão dos desastres conjugaes na sociedade lisboeta do século XVIII está muito na fragilidade das mulheres; mas está, mais ainda, no ciume dos maridos.

No ciume?—perguntarão. Mas o ciume não é um effeito? Não. Foi uma causa. Os portuguezes passaram sempre por ser os homens mais ciumentos do mundo. «Ciumentos e beatos»,—diz Montesquieu, em 1723. «Muito dados a ciumes»,—insiste Dalrymple, que nos visitou em 1774. «Vis, soberbos, escarnecedores, presumpçosos, ignorantes e excessivamente ciumentos das mulheres»,—accrescenta o Duque du Châtelet, espécie de jornalista impertinente que visitou em 1777 o marquez de Pombal. E o allemão Link conclue, em 1797, n'um repellão de mau humor: «ciumentos e tenebrosos». Ha n'estas impressões dos estrangeiros que nos visitaram, nem sempre rigorosamente delicadas, uma evidente suggestão da Hespanha; mas ainda fica uma grande parte de verdade para Portugal. O portuguez do tempo de D. João V e de D. José foi ciumento por indole, por fatalidade, por herança, por caracter, por essa desconfiança taciturna que lhe adveio da sua hereditariedade torva de beatos e de inquisidores, por essa orgulhosa hypertrophia do sentimento da posse que constituiu n'elle a noção fundamental da honra. O seu ciume obstinado e violento explica todos os seus desastres matrimoniaes. O seu errado conceito da nobreza do lar e do respeito patriarchal da familia, levando o portuguez a fechar a mulher a sete chaves, a guardal-a estiolada em recamaras e oratorios, a mandal-a espiar por lacaios e mochillas, a accusal-a da sua propria belleza como d'um crime, a affligil-a de desconfianças que eram vexames, a tortural-a de suspeitas que eram affrontas,—foi creando pouco a pouco, *mesmo nas mais dóceis, mesmo nas mais recatadas*, um natural instincto de revolta, um irreprimivel sentimento de dignidade offendida, que foi a razão suprema de todos os adulterios e a dolorosa justificação de todos os crimes. Refugiado na noção estreita de moral conjugal que lhe apresentava a mulher como uma baixella de prata, fechada e aferrolhada todo o anno para só sahir da arca por festas,—o marido portuguez do século XVIII, na preoccupação absorvente de não ser enganado, fez tudo quanto era preciso para não poder deixar de o ser. Foi á sua educação de cavallariça e de mosteiro, de picadeiro e de oratorio; foi á sua falsa noção do respeito pela mulher; foi, acima de tudo, ao supersticioso horror que á sua fidalguissima carcassa causava a idéa de ser cuco,—que elle deveu, incontestavelmente, a gloria de o ter sido.

Mas—coisa curiosa!—o portuguez, que tinha ciumes de toda a gente, ciumes de tudo o que o rodeava, ciumes d'um candieiro, ciumes d'um cão de fralda, ciumes d'um papel de solfa, ciumes d'um pé de vento,—só não era cioso da maior peste que mettia em casa: o frade. Para a luz do dia,—rótulas fechadas. Para sandálias de frade,—portas abertas. E' Montesquieu que o diz, em 1722: «O portuguez não é capaz de deixar a mulher sósinha, durante meia hora, com um velho de oitenta annos; mas consente, da melhor vontade, que ella se feche no quarto, o dia inteiro, com o franciscano robusto que a confessa». E o auctor desconhecido da «Description de la ville de Lisbonne», publicada em Paris em 1738, accrescenta: «As mulheres portuguezas não teem licença para falar senão com frades; fóra d'isso, entreteem-se em casa, por dentro das gelosias, a olhar quem passa na rua». Era o frade que as ensinava a lêr; era o frade que as consolava; era o frade que lhes levava as indulgencias e as folhinhas de Lausperennes; era o frade que cantava com ellas moteles á viola, que lhes dobava nos braços as meadas de sêda, que lhes levava na manga do habito as cartas d'amor; era o frade, sempre o frade, que a colera dos maridos ou a vara de prata dos alcaides encontrava invariavelmente, sofraldando o chiote, chocalhando as camândulas, resmungando o breviario, no fundo de todos os dramas domesticos e de todas as intrigas d'alcova. Foi um frade capucho que facilitou, em 1724, a fuga para Tuy do marquez de Gouvêa D. João com a mulher de D. Lourenço de Lencastre; foi por causa d'um frade que, em 5 de dezembro de 1733, o fidalgo Luiz Alvares d'Andrade mandou matar por um mulato a mulher D. Michaela Joanna; foi com um frade trino, frei André Guilherme, que o cirurgião Isac Elliot surprehendeu a mulher sobre um espreguiçadeiro de damasco, matando-os a ambos com as facas do officio e com tiros de pistola em 26 de novembro de 1731; sempre que, n'uma alcova do século XVIII se levantava o cortinado d'um leito, era a face sanguinea, a face bestial do frade que surgia, entre potes de prata, encapuzada na testeira negra do capello, as avarcas ás costas, o olho felpudo piscando, como um diabo de illuminura pendurado nas lettras d'oiro d'um antiphonário...

> *Por que é que os frades de Bouro*
> *Fazem tanto casamento?*
> *Para haver moças casadas*
> *Que os vão cafar ao convento...*

O cuco nobre, o cuco fidalgo, o cuco que se esquartelava a esmaltes e metaes no lecto doirado da Sala dos Veados,—vingava-se, assassinando. Ou, *melhor ainda*, mandava matar por um negro ou por um mulato. Calderon de La Barca, no «Medico de su Honra», tinha ditado a lei da nobreza: «la sangraré!». Foi o tuclal» do século XVIII. Matava-se por simples denuncias, por méras suspeitas. «Os maridos portuguezes, conhecendo a extrema fraqueza das mulheres que Deus lhes deu—diz ainda o duque Du Châtelet—nunca as largam, fecham-nas em casa, correm-lhes as rótulas, vigiam-nas dia e noite, e se encontram viv'alma que desperte suspeitas, cravam-lhe no coração a faca que trazem sempre comsigo». Mas a lei não dava ao marido o direito de matar; era ella que punia. Cucos e recucos, chicismeiros e ribeirinhos, tinham o seu caso previsto no Livro 5.º das «Ordenações» e no alvará de 26 de setembro de 1769. Se o marido accusava,—adultero e adultera soffriam morte natural, com perda dos bens para o marido e filhos; se o marido não accusava,—degredo dos dois para Angola por dez annos; se o marido perdoava a mulher,—degredo perpétuo do adultero para o Maranhão; se o marido consentia,—degredo perpétuo dos tres, o adultero para Angola, marido e mulher para o Brazil...

E tudo isto, porquê?

E' Lorenzo Gozzi que o responde, em Veneza, ao velho doge Mazin:

—Por que os maridos não sabem amar...

JULIO DANTAS.

SABBADO, 9:

XXV—Ruas sujas

tuense guarda um significativo silencio. Mas fala das «attenções e homenagens» da Allemanha para com o pontifice romano, fala do Centro catholico allemão e do procedimento inglez perante os que professam crenças catholicas, com o evidente proposito de justificar as suas benevolencias relativamente aos allemães adversarios dos francezes e a sua má vontade pelo que respeita aos inglezes alliados da França. A mesma cainheza de criterio, as mesmas opiniões erroneas e falsas, que caracterisam o que expendeu ácêrca da Italia, assignalam taes assertos. Urge não deixar correr a falsidade e o erro. A tarefa de os combater e pulverisar impõe-se como das mais necessarias e já agora prometto leval-a a cabo.

Avelino de Almeida

MUSICA

Audição de alumnos

No salão do Conservatorio, realisa-se no dia 11, ás 21 horas, uma audição de alumnos do professor sr. Arthur Trindade.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

Alfredo de Brito e Marcos Bensabat, fazem publico que as insinuações publicadas hoje pelo Presidente do Conselho de Administração, sómente visam a levar os *senhores accionistas* a approvarem as «Propostas» de expoliação dos bens que pertencem aos mesmos senhores accionistas.

As taes graves accusações nada teem com uma tal expoliação, porque pertence aos tribunaes resolver o que os expoliadores da honra alheia insinuam ter sido praticado por Alfredo de Brito.

Mas quando mesmo Alfredo de Brito houvesse praticado tudo o que haja de peior, não é com insinuações que se defende a expoliação que se quer fazer aos senhores accionistas, pretendendo arrancar da assembleia auctorisação para emittir 400 contos em acções privilegiadas facultando aos tomadores da emissão coisas taes que dentro de dois annos a Companhia deixará de possuir os terrenos e deverá mais 250 contos do que hoje deve, se tambem não tiver perdido as restantes propriedades, porque segundo o livro publicado á ultima hora, quem o estudar com cuidado, perceberá que se trata sómente de extorquir todos os bens de valor que a Companhia possue.

Entretanto affirmam que a cilada que lhes prepararam esses salvadores, são derivadas da tenaz opposição que fizeram aos seus projectos todos elles tendentes á expoliação dos bens dos senhores accionistas, como foram:

1.º—Hypothecar por dois annos aos credores do Porto todos os bens da Companhia incluindo as fabricas com prejuizo não só dos accionistas mas dos credores de Lisboa e dos obrigaccionistas não privilegiados.

2.º—Emittirem-se 500 contos de novas obrigações hypothecarias que seriam tomadas a 50 p. c. para os tomadores poderem beneficiarem...

3.º—Offerta d'um emprestimo de 400 contos, mas com a annulação do capital acções.

A todos estes projectos rejeitados em absoluto por Alfredo de Brito e pelo ex.mo sr. dr. Cunha e Costa nomeados, bem como o sr. Anselmo Vieira, pelo Conselho, para em commissão tratarem da venda auctorisada pela assembleia geral de 30 de novembro, oppoz-se tambem o ex.mo sr. dr. Cunha e Costa, o qual até declarou que não consentiria que se praticasse o menor acto que por qualquer fórma prejudicasse por completo os senhores accionistas.

Como lhes não convinha opposição intelligente e honesta, do mesmo Doutor, praticaram nova cilada, elliminando a commissão de que elle fazia parte e nomeando então administrador da Companhia o sr. Anselmo Vieira.

Os signatarios tambem se oppuzeram tenazmente a uma proposta dos representantes dos obrigacionistas convidando o conselho a promover a fallencia da Companhia.

Vê-se em todo o procedimento de aquelles salvadores a mais manifesta má fé, afastando todos os que não annuiam aos seus desejos de expoliação do que pertence aos senhores accionistas.

E assim na escuridão e á vontade abusaram da boa fé do Governo para obter o decreto tal qual se acha, decreto que nenhuma das companhias que se encontram em difficuldades financeiras aproveitou, porque os seus directores não pensam em expoliarem os seus accionistas.

Declaram mais que Marcos Bensabat, como outros vogaes do Conselho como o sr. Anselmo Vieira feito á ultima hora Administrador, incluindo o Presidente, não possuiam uma unica acção da Companhia quando eleitos e ainda mesmo muitos mezes depois, porque as que se achavam averbadas em seus nomes, como as depositadas para garantir a sua responsabilidade, pertencem aos respectivos donos.

As 5 acções averbadas ao sr. Presidente pertencem ao ex.mo sr. José Thomaz d'Araujo Couto.

As 5 acções averbadas ao sr. Santos Farinha pertencem a Alfredo de Brito.

As 3 acções averbadas a Marcos Bensabat pertencem ao ex.mo sr. Carlos Supardo Barbara.

No anno que findou todos estes senhores compraram 10 acções cada um para substituir as averbadas e as depositadas e poderem entregar estas aos seus donos.

O sr. Presidente averbou porém 5 acções á si e 5 a sua mulher, mas até hoje não nos consta tivesse substituido as 10 acções do seu deposito porque ao seu dono ainda não foram entregues.

O sr. Santos Farinha averbou e depositou depois de 10 de março findo as 10 acções, restituindo aquellas a seu dono.

Marcos Bensabat, mandou averbar as suas 10 acções em principios de maio para egualmente as depositarem e substituirem pelas que lhe não pertencem.

Marcos Bensabat só agora comprehende a cilada que lhe prepararam por não ter accedido a fazer parte do «complot» que se organisou para afastar Alfredo de Brito, quando da convocação da assembleia geral, mandando buscar as suas acções viu com surpreza que as tinham averbado com data de 31 de maio e hoje vê com maior surpreza que as 5 acções pertencentes ao ex.mo sr. Carlos Supardo Barbara foram averbadas a outro na data de 16 d'abril.

Quanto ao resto não nos parece esta a occasião opportuna para apreciar accusações que possam desfazer os rasgados encomios feitos a Alfredo de Brito não só nas assembleias geraes como nas reuniões da Direcção anterior e do actual conselho de administação, como consta das respectivas actas, salvo se tambem n'estas se preparou alguma cilada.

Lisboa, 6 de julho de 1915.

Alfredo de Brito
Marcos Bensabat

Vestuario academico

Na proxima sexta feira, pelas 16 horas, a convite do sr. dr. Almeida Lima, reunem na aula de calculo da faculdade de sciencias os alumnos de todas as faculdades e escola de pharmacia da Universidade de Lisboa, a fim de se resolver sobre a adopção do vestuario academico.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos Deputados

O sr. Mello Barreto realisa a sua interpellação ao sr. ministro dos negocios estrangeiros sobre o tratado do commercio com a Inglaterra

Feita a chamada e lida a acta, averigua-se que não ha numero para que a Camara funccione desde logo. O sr. Azevedo Coutinho é quem preside. Bancada do governo deserta. Galerias pouco menos do que isso. Afinal, a sessão principia com 68 deputados. No expediente lêem-se communicações de deputados e telegrammas de varias camaras do sul, protestando contra as exigencias do Douro. O sr. Ramos da Costa envia para a mesa um projecto de regulamento das commissões parlamentares, que julga necessario, em virtude do regimento da Camara não se occupar do assumpto. O sr. Alfredo Ladeira manda para a mesa um projecto de lei regulando a situação dos guardas de saude do porto de Lisboa, cujo quadro foi ha tempos reduzido, não se tendo cumprido até agora preceitos existentes na proposta do inspector de sanidade, que alvitrou a reducção dos mesmos guardas de 24 a 16.

O sr. Domingos Cruz, que é sargento da armada, explica os motivos por que apresentou a sua candidatura, todos elles de ordem patriotica, sobresahindo de entre elles o desejo ardente de contribuir para que a Republica seja cada vez mais prestigiosa e o paiz cada vez mais prospero. Faz a apologia do regimen e dos homens que o servem. Diz que lhe causaram boa impressão as palavras com que, na declaração presidencial, se alludé á nossa situação internacional. Crê que vamos definitivamente tomar o logar que nos compete. A affronta de Naulila e os attentados contra navios portuguezes vão ser, afinal, vingados. Assim o querem o exercito, a armada e o povo. Mudando de assumpto, o orador lamenta que a armada não possua ainda uma reorganisação inteiramente moderna e democratica e pede ao governo que cuide do assumpto, porque nenhum outro mais preoccupa a corporação a que pertence.

Termina mandando para a meza um projecto de lei regulando a situação e a classificação dos officiaes inferiores da armada.

O sr. Simas Machado põe em evidencia o papel que as metralhadoras teem desempenhado no actual conflicto europeu. Ora, o nosso material d'esse genero é antiquado, pesado e sem a mobilidade que se lhe torna indispensavel. Para que tal situação termine, renova a iniciativa de um projecto que em tempos trouxe ao Parlamento e no qual o material-metralhadoras era completamente remodelado. Que a Camara o discuta com urgencia, são os seus mais ardentes desejos. O sr. Barbosa de Magalhães manda á meza uma representação da camara de Aveiro, acompanhada pelo respectivo projecto de lei, convertendo em central o liceu nacional de Aveiro. O sr. ministro das finanças, respondendo ao sr. Domingos Cruz, diz que o governo está animado do maior desejo de reorganisar em novas e modernas bases a corporação da armada, tencionando na proxima sessão legislativa, se ainda occupar as cadeiras do poder, apresentar ao Congresso uma proposta n'esse sentido.

Na ordem do dia, o sr. Mello Barreto realisa a sua interpellação sobre o artigo 6.º do tratado de commercio anglo-luso. Sauda o presidente, como imparcial e desapaixonado. Depois cumprimenta o sr. ministro dos estrangeiros, um dos mais *illustres* estadistas que a *Republica* nos revelou. Quando se discutiu o tratado no Parlamento, ainda não era deputado. Se o fosse tel-o-hia combatido. Lamenta que não esteja na Camara o sr. Freire d'Andrade, negociador do artigo 6.º, que se passar como está irá arruinar a agricultura do Douro. O negociador do tratado não ouviu bem a Associação de Agricultura nem uma só das collectividades que mais de perto conhecem a questão. Não é a primeira vez que na Camara se occupa da questão e algumas vantagens alcançou na lei de 1908.

E' que o Douro merece, pela sua resignação admiravel e pela situação afflictiva em que de ha muito se encontra, as maiores sympathias. Agora, joga-se a sua sorte. Está incondicionalmente a seu lado. Historia rapidamente o que tem sido a questão duriense e diz que as negociações para um tratado de commercio com a Inglaterra só no tempo da Republica, ahi por abril de 1911, se intensificaram. O Douro exultou, por julgar que os seus legitimos direitos iam ser attendidos e respeitados. Mas as suas esperanças foram illusorias. O negociador portuguez do tratado não só não fez modificar em nosso favor a escala alcoolica ingleza, como nem sequer impoz as nossas marcas regionaes. O convenio de Madrid não se respeitou e os vinhos do Porto e da Madeira passaram a constituir tipos genericos. Succedeu o contrario quando se negociou o tratado de commercio com a Allemanha, onde ficou bem expresso que vinhos do Porto eram só os da região do Douro. Ali se assentou em que a marca Porto não designava a qualidade mas a procedencia. No tratado com a Inglaterra, não se conseguiu nada d'isso; e emquanto se mantinha a marca *Madeira*, para os vinhos licorosos d'essa ilha, dizia-se, no respectivo texto, que vinhos do Porto eram todos os vinhos licorosos de Portugal. Se houve necessidade de fixar a origem do vinho da Madeira, porque não se fixou a dos vinho do Porto? Ha n'isto alguma coisa de extraordinario e de misterioso, que não se percebe com facilidade.

E' claro que o Douro, alarmado, trouxe ao Parlamento os seus protestos, dos quaes resultou a approvação d'uma aclaração ao artigo VI, proposta pelo sr. Bernardo Lucas, na qual se dizia que vinhos do Porto eram apenas os vinhos produzidos na região do Douro e exportados pela barra do Porto. Foi uma disposição legal que ficou em vigor levando ao Douro uma merecida tranquilidade, que só se desfez quando se soube que o tratado ia ser ratificado tal como se negociara primitivamente. O Douro, então, sentiu-se dominado por uma excitação extraordinaria, só extincta perante a affirmação do sr. presidente do ministerio para o governador de Villa Real, dizendo-lhe que os interesses do Douro seriam respeitados quando o tratado a ratificasse. E' essa promessa do governo que está de pé. O Douro não admitte, porque seria absurdo, que a lei não se cumpra e que a aclaração Bernardo Lucas fique sendo lettra morta. O Parlamento resolveu já em definitivo o assumpto e de harmonia com a Constituição. O que ha então a fazer agora? Negociar uma nova convenção, onde se fixe definitivamente a doutrina do esclarecimento que o nosso Parlamento approvou. Não seria caso novo que a Inglaterra permittisse modificar o tratado negociado comnosco. Quando, da guerra anglo-boer, as tropas inglezas passaram pelo nosso porto da Beira, fizeram-no em virtude d'uma clausula introduzida n'um tratado, posteriormente á sua negociação. Persiste, d'esta vez, a Inglaterra na sua intransigencia? N'esse caso, é preferivel renunciar o contracto, tão certo é a sua ratificação representar a ruina da região duriense e um rude golpe vibrado na economia nacional. O Douro pode ainda salvar-se. O governo que evite a sua perda. Termina enviando para a meza uma moção, na qual confia em que o governo fará valer a ratificação Bernardo Lucas ou adiará a ratificação do tratado até que pelas duas partes contractantes seja negociada uma convenção adicional em que o assumpto se liquide segundo os interesses de todos. A moção admittida. O sr. Paiva Gomes requer a generalisação do debate. Approvado.

O sr. Mello Barreto, cujo discurso causa excellente impressão, é muito cumprimentado.

O sr. ministro dos estrangeiros diz que as considerações do sr. Mello Barreto lhe parecem falhas de opportunidade. A Camara já concedeu ao poder executivo auctorisação para ratificar o tratado. Elle, porém, ainda não usou d'ella. O Parlamento portuguez approvou o tratado, mas para que tudo se esclarecesse disse á Inglaterra o que devia entender-se por vinho do Porto. Impõe isso a modificação do tratado? Crê que não. Disse o sr. Mello Barreto que o Douro exige ou a alteração do tratado ou a sua denuncia. Parece-lhe extraordinario. Então o Douro vê-se livre de todos os falsos Portos estrangeiros e não se julga ainda satisfeito? O governo, em seu entender, só póde ratificar o tratado quando esgotar todos os meios ao seu alcance para conseguir que a Inglaterra o modifique.

O sr. Vasco de Vasconcellos lamenta os termos em que se exprimiu o sr. ministro dos estrangeiros, que foi d'uma precisão lamentavel. Historia o conflicto existente entre o norte e o sul e diz que se ha quem falsifique o vinho do Porto não é o Douro quem tem culpa d'isso, mas aquelles que devendo fazer cumprir as leis d'isso não cuida. Prova com numeros que o Douro é quem principalmente fornece a Inglaterra de vinhos generosos e entende que, por causa de certas praxes e de deveres de cortezia, não se pode lançar na miseria uma região inteira. Vem, porventura o Douro absorver outras marcas de vinhos? Não. A sua marca tradicional é que corre risco de se perder. A aclaração ao artigo VI, votada pelo Parlamento, é uma lei do Paiz, tem de ser cumprida. Se a Inglaterra a não reconhecer, só ha um caminho a seguir—adiar *sine die* a ratificação do tratado, que se negociou sem que se consultasse quem, sobre o assumpto, podia dizer coisas interessantes. Depois, attender o Douro é servir o sul, que já hoje ali colloca para cima de 15.000 pipas de aguardente que correspondem a cem mil pipas de vinho. Não é coisa para desprezar.

O Azeredo Antas discorda da doutrina do sr. ministro dos estrangeiros, por entender que o tratado não pode ser ratificado despresando-se a aclaração Bernardo Lucas, que é lei do Paiz e que tem de ser cumprida.

O orador termina com uma moção, na qual opina que o tratado não seja ratificado senão pelo Parlamento e de harmonia com a aclaração de janeiro. O sr. Urbano Rodrigues faz do tratado a mais calorosa defeza, por o considerar extremamente util ao nosso paiz. Elle deve ser ratificado, e quanto antes, para que termine a situação de inferioridade em que a Inglaterra ficou perante a Allemanha, depois de negociado o tratado do commercio entre Portugal e aquella nação. O tratado impede que na Inglaterra entrem de futuro os falsos *Portos* estrangeiros. Não será isso uma enorme vantagem concedida á região duriense? O artigo VI não é o que devia ser? Talvez. O actual ministro dos estrangeiros já disse que, se fosse elle o negociador do tratado, tel-o-hia feito n'outros termos. Era logico. Mas agora é tarde para reconsiderar. A Inglaterra não vê com bons olhos que, depois do tratado assignado, se pretenda alteral-o. Muitas das pessoas que se occupam d'esta questão ignoram por completo como se negoceiam tratados d'esta natureza. Denunciar o tratado é prejudicar a Madeira e o proprio Douro, cuja defeza está, principalmente, n'uma boa defeza e n'uma propaganda ainda melhor dos seus vinhos. Os proprios amadores do vinho do Porto serão, em Inglaterra, os seus principaes defensores. Se os tribunaes inglezes já condemnam agora os falsificadores, porque hão de absolvel-os de futuro?

O sr. Francisco Cruz principia por mandar para a mesa uma moção convidando o governo a fazer quanto antes a ratificação do tratado. Depois, borda varias considerações e diz que pela barra do Porto sae, como vinho do Douro, muito vinho do sul. E nem pode deixar de ser assim, desde que o Douro não produz mais de 20:000 pipas e de que a Inglaterra, só á sua parte, consome para cima de 40:000 pipas.

O sr. Almeida Ribeiro entende que o tratado deve ser ratificado tal como foi assignado, não cumprindo ao governo ceder perante ameaças de nenhuma especie que tenham por fim desvial-o da observancia do seu dever. Para ámanhã, fica a continuação do debate. Antes de se encerrar a sessão, o sr. Antonio Fonseca envia para a meza uma representação da camara de Trancoso sobre a lei da caça, e o sr. Mello Barreto lê um telegramma da Regua, no qual os viticultores dizem que só admittem a ratificação do tratado desde que a acclaração Bernardo Lucas seja tomada em consideração.

NOTAS DIVERSAS

Sahiu hoje a barra o monitor inglez n.º 15.

—Uma commissão de operarios das obras do palacio de Queluz procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe entregar uma representação pedindo que os pagamentos sejam feitos semanalmente, visto que estão recebendo com atrazo, o que lhes causa transtorno. O sr. Manuel Monteiro prometteu providenciar.

—O novo governador civil de Beja, sr. Gomes Vilhena, e o deputado sr. Ernesto de Vilhena conferenciaram hoje com o sr. ministro do fomento sobre a dotação das estradas d'aquelle districto e com o sr. ministro do interior. O sr. Gomes Vilhena parte ámanhã a tomar posse do seu cargo.

—As eleições em Cabo Verde realisam-se no dia 25.

Operações na Guiné

BISSAU, 6.—As operações proseguem com exito, podendo considerar-se finda a resistencia dos indigenas. A columna segue para Niombo, ultima *étape*, faltando apenas limpar a ilha dos rebeldes grumetes que provocaram a rebeldia.—*(Correspondente)*.

Em Marrocos

RABAT, 6.—Uma columna franceza dispersou nos dias 25 e 28 de junho os rebeldes que tinham sido reunidos nas margens do rio Uerra pelo ex-protegido allemão Ali Ben Adeslam. As perdas dos rebeldes foram consideraveis. Os chefes pediram «aman». Está estabelecido o socego.—(Havas).

PEQUENAS NOTICIAS

A policia está procedendo a averiguações para encontrar Mercedes Villa Castim, de nacionalidade hespanhola, que desappareceu da sua residencia, na rua do Seculo, 158, A, 2.º. Tambem da sua residencia *villa* Freire, ao Dafundo, desappareceu Eliza Barbosa Ribeiro da Costa.

DR. AFFONSO COSTA

Accentuam-se, felizmente, as suas melhoras

Um dos signaes mais animadores das melhoras do eminente homem publico consiste no interesse que, desde hontem, manifesta por tudo quanto o rodeia. As minimas coisas lhe prendem a attenção. Vê um tubo de ensaio, proximo do leito, e interroga:

—Para que é aquillo?

—Para analisar as urinas...

—Mas eu tenho porventura albumina?—pergunta o illustre enfermo.

Dizem-lhe que não, que se trata apenas de vigiar attentamente o bom funccionamento de todos os orgãos. A certa altura, conversando com uma das raras pessoas a quem é permittido entrar no quarto, pergunta:

—Mas então fui eu só que me atirei do carro electrico?

—Houve mais duas pessoas — respondem.

—E ficaram mal?

—Estão mal...

Ha um momento de silencio. O sr. dr. Affonso Costa retoma a palavra:

—Mas porque motivo me não agarraram quando me precipitei?...

Hoje de manhã, um amigo intimo conta-lhe que succedeu novo desastre, semelhante áquelle que o victimou e quasi no mesmo local.

—E atirou-se alguem?—interroga o enfermo.

Dizem-lhe que sim, que ha feridos. Ao mesmo tempo, a pessoa que está junto do leito commenta:

—O doutor foi realmente precipitado. Saltar assim, de um carro em velocidade... Podia ter sido fatal...

—E' claro! — replica o enfermo.—Queriam talvez que eu ficasse lá dentro, no meio da fumarada...

Conhece perfeitamente todas as pessoas que d'elle se approximam. Por vezes tem um ligeiro commentario humoristico. Estavam collocando pó no local da fractura das costellas, por causa do adhesivo, e elle, sorrindo:

—Já me tratam como as creanças. A pó de arroz...

A sua extrema vivacidade traduz-se no que os medicos e enfermeiros classificam já de rabujice. As unicas dôres que sente são as das costellas partidas, o que de resto não tem a menor gravidade.

Um dos medicos que d'elle se approximou dizia-nos ha pouco, radiante:

—Ah! meus amigos. Felizmente o Affonso escapa. Se elle até já está rabugento...

Hoje, o sr. dr. Monjardino foi visital-o. Ha tempos, o illustre enfermo tinha-lhe falado em qualquer assumpto que implicava uma resposta positiva ou negativa. O dr. Monjardino não tivera ainda occasião de dar essa resposta. Ao vêl-o, porém, o sr. dr. Affonso Costa recordou-se immediatamente do caso e acolheu-o com as seguintes palavras:

—Vem então dizer-me que sim?!...

Tem-se alimentado exclusivamente a leite e agua de Vidago sem relutancia e com absoluta facilidade. Esta manhã declarou que a cama em que se encontrava era incommoda e pediu que lhe mandassem uma outra de casa. Assim se fez, por volta das 16 horas. Auxiliaram-n'o a mudar de leito os srs. dr. Cambournac e o enfermeiro Costa, estando egualmente presentes os srs. drs. Francisco Gentil e Salazar de Sousa. O eminente homem publico, entretanto, declarava que queria ir esta semana ainda ao Porto, em virtude de uma inquirição de testemunhas que marcára para sexta feira proxima!

—Dou-lhe a minha palavra de honra que não vae, affirmou peremptoriamente o sr. dr. Gentil.

O sr. dr. Affonso Costa manifestou então uma viva contrariedade. A sua iniciativa e vigor evidenceiam-se a cada passo. Queria sentar-se um pouco antes de mudar de leito, chegou a pedir os sapatos... Os medicos não consentiram, mas o doente quasi não precisou de auxilio estranho para se transportar para a sua cama.

Por todos estes episodios se vê como a robustissima constituição organica do doente tem resistido ao abalo soffrido. Pareço, de resto, que o diagnostico do dr. Cabeça é que tem mais probabilidades de corresponder á verdadeira lesão soffrida. Como se sabe, o illustre cirurgião opinou sempre que se tratava de uma *fenda no rochedo*, aliás pouco profunda.

Esta manhã, pelas 9 horas e meia, foram affixados os seguintes boletins.

Pulso, 76; respiração, 26; temperatura, 37,5. As melhoras acentuam-se (aa) Francisco Gentil, Bello de Moraes, Costa Santos, Pulido Valente.

Boletim radiographico:

A observação radiographica do thorax confirmou a fractura costal já diagnosticada e mostrou não haver derrame pleural. (a) Dr. Feio e Castro.

A affluencia de visitantes ao hospital—Cumprimentos e saudações

A sr.ª D. Alzira Costa, que havia retirado do hospital pelas 7 horas, regressou ao meio-dia, conservando-se quasi ininterruptamente junto de seu esposo.

A affluencia de amigos e correligionarios do illustre enfermo tem sido ainda hoje enorme.

Ao meio dia esteve alí o sr. presidente do ministerio acompanhado pelos srs. Paula Pacheco e Belleza de Andrade, e durante o dia, os srs. Manuel Alegre e esposa, Barros Queiroz, Angelo Vaz, governador civil de Lisboa, Freitas Ribeiro, dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento; Coronel Canto, commandante da Guarda Republicana do Porto; George de Franco, em seu nome e no de sua mãe marqueza de Franco e Almodovar; Coronel Cerveira de Albuquerque, coronel Freire de Andrade, major Pinto de Almeida, dr. Esteves da Fonseca; visconde de Pedralva, dr. Costa Gonçalves, major Cezinandro Marques, tenente coronel Alves de Mattos, J. Franco de Mattos, director da Agencia «Havas» em Portugal; deputado unionista Moura Pinto, general Arbués Moreira, Carlos Bleck, dr. Silva Passos, J. Bleck, consul; engenheiro Sousa Bual, alferes Ferreira do Carmo, Soares Varella, 2.º commandante da Escola de Guerra.

Jorge Nunes, dr. Custodio Paiva, Jorge da Silveira Duarte d'Almeida, consul de Portugal em Boston, dr. Virgilio Roque, Tude de Sousa, director da Colonia Penal Agricola de Cintra; dr. Paes Gomes, dr. José Ernesto Barros Lima, coronel Alfredo Caldeira, inspector de artilharia; Ernesto Navarro, engenheiro; Arthur da Silva Casal Ribeiro, Francisco Luiz Ramos, official da Armada; tenente Pires Pereira, deputado; F. Fernandes Costa, presidente da Junta de Credito Publico; Augusto Carreira de Sousa, coronel de artilharia Nobre da Veiga, Fausto de Figueiredo, Nunes da Matta, lente da Escola Naval; Augusto Salter Cid, tenente Almeida Mattos, da guarda republicana; Domingos Tarrozo, José Faria Theotonio, de Serpa, juiz de direito; dr. Heriander Ribeiro, dr. Damião José Lourenço Junior, José Maria Pereira, senador; coronel Mousinho de Albuquerque, general Correia Barreto, dr. Evaristo de Carvalho, dr. Pinto de Carvalho, dr. Santhiago Sanches, dr. José Bonito, general Carvalhal, commandante da guarda republicana.

Tenente Quaresma, da guarda republicana; tenente Florentino Martins, dr. Alberto da Conceição Ferreira, deputado Antonio Antas, Antonio Bernardo, administrador de Almada; capitão José Maria Martins, pharmaceutico; Dias Monteiro, secretario de finanças; Guilherme Gomes, presidente da camara de Oeiras; dr. Pinto de Miranda, Manuel Guimarães, etc.

O sr. dr. Julio Marques de Vilhena encarregou seu filho, o sr. Ernesto de Vilhena, de ir ao hospital de S. José manifestar o seu sentimento e apresentar os seus votos pelas melhoras do illustre estadista.

No hospital esteve tambem uma commissão de 11 soldados de infantaria 2, em nome dos seus camaradas do regimento.

Ininterruptamente veem sempre chegando novos visitantes. Já depois das 18 horas ainda tomamos nota dos seguintes: Luiz de Sá Cardoso, consul da Bolivia, general Carvalhal, acompanhado pelo sr. Sá Cardoso; Albino José Baptista, dr. Silva Pereira, Virgilio Cruz, sub-inspector do movimento dos caminhos de Ferro do Sul; coronel Francisco Joaquim Alberto, a informar-se do estado do seu chefe politico e a desejar-lhe melhoras em seu nome e no dos seus correligionarios de Arruda dos Vinhos; João José Goulão, escrivão de direito; major João de Deus Pires, dr. Santos Paiva, Antonio Alexandre de Mattos, juiz de direito; general Moniz Tavares, general José de Brito Freire e Vasconcellos, general Henrique Rosa, 2.º tenente João Soeiro; professor Cunha Belem, tenente Abel Augusto de Sousa Penalva, capitão Moura Olava, Luiz Leopoldo Flores, consul general et chargé d'affaires de Portugal; architecto Ventura Terra e muitos outros.

Pela tarde estiveram tambem no hospital os actores Henrique Alves, Ignacio Peixoto e Alvaro Cabral, o sr. Faustino da Fonseca, pela commissão municipal de Lisboa, e deputações de sargentos das escolas de torpedos de Paço d'Arcos e Val de Zebro, e o sr. Tavares de Mello em nome do sr. dr. Magalhães Lima.

O ministro de Portugal em Londres enviou o telegramma seguinte:

«Sinto profundamente o desastre e faço de todo o coração votos pelo seu rapido restabelecimento.»

Além d'esto, muitissimos outros foram recebidos, entre elles dos srs. Marnoco e Sousa, dr. Antão de Carvalho, visconde da Marinha Grande, etc.

A sr. D. Alzira Costa, recebeu, entre outros, o telegramma seguinte:

«Conselho de administração da Companhia docas e caminhos de ferro peninsulares, contristado pelo grave accidente succedido illustre estadista esposo v. ex.ª, associa-se ao seu pesar fazendo votos para que melhoras do notavel cidadão se accentuem rapidamente. (a) presidente conselho, Henrique Kendall; secretario Ferreira Gonçalves.

Notas varias

Uma commissão de ferro-viarios do Sul e Sueste entregou ao sr. Arthur Costa uma mensagem em que se exprime o pezar que o desastre de que foi victima o eminente estadista causou n'aquella classe e se expressam os votos porque progridam as suas melhoras. Essa mensagem é assignada pelos srs:

Francisco dos Santos Viegas, Julio Pereira da Cunha, João Eduardo Duarte, José Lourenço Conceição Leitão, José Antonio Pires, José Maria Purificação Gaspar, Ernesto Monteiro, Seraphim Antonio Passos, Henrique Martins, Salomão Crugeira Carvalho, Francisco Ignacio Viegas Junior, Alfredo David Matheus, Manuel Henriques Pausinho, José Gomes, Joaquim José Loureiro, Carlos Affonso Coutinho, Dimas de Saude, Gabriel Rodrigues, José Ferreira, Raphael Menezes, Augusto Proença, Alexandre Pereira, Antonio Marques Silva, Fernando Magno, José Sousa Martins, Faustino Costa, José Gomes, João José Lança, José Oliveira, Antonio Vinagres, Luiz Fernandes, Manuel Gaspar Santos, Antonio Vicente e José Joaquim.

* * *

Os medicos que ás 18 horas e meia reuniram em conferencia acharam tão satisfatorio o estado do sr. dr. Affonso Costa que a partir d'ámanhã passam a dar apenas um boletim por dia.

* * *

O sr. dr. Bernardino Machado esteve junto do leito durante uns cinco minutos. O sr. dr. Affonso Costa, durante a tarde, tem mostrado desejos de conversar, pelo que os medicos assistentes recommendam a maxima brevidade nas visitas.

De manhã, o sr. dr. Affonso Costa manifestou desejos de vêr o sr. dr. Bernardino Machado e de lhe falar.

* * *

A's 6 horas da tarde, precisando o doente erguer-se um pouco do leito, o sr. dr. Manuel Alegre precipitou-se para o auxiliar. O sr. dr. Affonso Costa, sorrindo, explicou que não precisava que o ajudassem, e começou a soerguer-se sósinho.

* * *

Um dos filhos do eminente homem publico, o Fernando, fez hoje exame do 1.º grau e ficou approvado. Foi em seguida visitar seu pae, que ficou satisfeitissimo, e com elle conversou durante alguns minutos.

Investigações policiaes

A proposito do desastre de que foi victima o sr. dr. Affonso Costa, a policia tem procedido a investigações para saber a identidade dos passageiros que seguiam na plataforma da frente do carro incendiado, na occasião do desastre para serem ouvidas sobre o assumpto, e como não tem conseguido espera que essas pessoas voluntariamente se apresentem.

Ainda hoje não feita o exame directo ao carro que motivou o desastre.

Na enfermaria 5 do hospital de S. José foi hoje interrogado pelo chefe Murtinheira José Soares d'Azevedo e Castro, aquelle individuo que tambem se atirou do electrico em que seguia o sr. dr. Affonso Costa.

CONDEIXA-A-NOVA, 5.—O desastre succedido ao eminente estadista dr. Affonso Costa causou aqui a maior consternação. A commissão municipal telegraphou immediatamente ao directorio a pedir noticias do illustre enfermo. A anciedade é grande.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Luiz Domingos, bemquisto commerciante estabelecido na rua do Commercio, 25 a 29, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, da rua de S. Mamede, 26, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Um duello em Coimbra

entre dois officiaes do exercito

Hoje, ás 18 horas, deve ter-se realisado em Coimbra um duello entre o sr. Ribeiro da Fonseca, tenente de cavallaria, e o sr. Amavel Granger, official miliciano.

O primeiro exerceu um papel de destaque, juntamente com mais trez camaradas, quando da constituição do governo Pimenta de Castro. Recordam-se os nossos leitores de que os officiaes do exercito srs. Oscar Torres, Ribeiro da Fonseca, Antonio Maia e Alfredo Guimarães estavam em Estremoz na occasião em que lá chegou a noticia de que o sr. Pimenta de Castro tinha tomado posse de todas as pastas. Formaram na parada o esquadrão a que pertenciam e dispuzeram-se a defender a lei e a Constituição da Republica.

O sr. Amavel Granger, que era tenente, pertencia ao numero dos officiaes que defendiam com mais calor a dictadura. Triumphante a revolução de 14 de maio, pediu a sua demissão de official do exercito, mas, como não tivesse o tempo necessario para essa demissão lhe ser concedida, passou á situação de official miliciano.

As causas do duello filiam-se no concurso hippico realisado em Coimbra. Alguns officiaes menos affectos ás instituições resolveram apresentar-se no concurso á paisana, o que não é permittido pelos regulamentos militares. O sr. Ribeiro da Fonseca, que é dedicadamente republicano, combateu essa resolução, refutando os argumentos dos que a defendium e procurando impedir que ella fôsse por deante até ao fim. D'aqui resultou uma troca de palavras mais vivas entre aquelle official e o sr. Amavel Granger, que decidiu mandar-lhe então as suas testemunhas.

Até á hora do nosso jornal entrar na machina não recebemos noticia alguma com informações do encontro.

Incendio violento

Pelas 13 horas e meia declarou-se hoje incendio com grande violencia no predio da rua do Recolhimento ao Castello, que tem os numeros 49 e 51 e se compõe de loja, primeiro andar e aguas furtadas, formando o primeiro andar rez-do-chão para um pequeno quintal resguardado por um gradeamento que dá para a estreita rua.

Dado o signal de alarme, varios populares se dirigiram á estação de incendios n.º 28, que fica proxima, mas o encarregado oppoz-se á sahida da bomba. Entretanto avançava para o local todo o material do districto, tanto dos municipaes como dos voluntarios, tendo comparecido o sr. Francisco Carlos Parente, commandante dos bombeiros, e todo o pessoal superior.

A agua não sahia das boccas de incendio com a pressão sufficiente, pelo que se pediu para a Camara municipal que fossem para ali mandados os carros das regas, o que se fez, seguindo para o Castello umas trinta carroças. Tambem o commandante de infantaria 16 pôz á disposição dos bombeiros a agua d'uma cisterna ahi existente, de egual modo procedendo o sr. Antonio Cerqueira, dono d'um predio proximo.

Praças de infantaria 16 auxiliaram os bombeiros, considerando-se o incendio dominado duas horas depois. Do predio apenas ficaram de pé as paredes. O resto tudo desappareceu, vendo-se entre os destroços ferros de cama, colchões e outros objectos, tudo inutilisado. Os prejuizos dos inquilinos são totaes.

O predio pertence ao sr. Lucas Gomes da Silva Reis morador na rua Nova da Piedade, 54, 3.º

Na ambulancia dos voluntarios receberam curativo o sr. Gomes da Costa, ajudante do corpo de bombeiros, e o bombeiro municipal numero 152. A' hora a que escrevemos continua o rescaldo vendo-se no local muitos populares contidos pela guarda republicana e por policias.

O desastre do "5 d'Outubro,,

O mar arroja á praia os cadaveres de duas victimas

No ministerio da *marinha* foi hoje recebido um telegramma do governador civil de Leiria, communicando que no sitio de Medões, na costa sul, a dois kilometros de Peniche, appareceram dois cadaveres de marinheiros, victimas do desastre de pesca. Verificou-se serem João Dias Quiterio, 2.º fogueiro n.º 2115; e José Pedroza de Carvalho, 1.º grumete n.º 3415.

N'aquelle ministerio continuam a ser recebidos telegrammas de sentimento, entre os quaes um do governador civil de Vizeu em seu nome e no da população da cidade; do administrador do concelho de Belmonte, em nome do povo e um officio do presidente da associação dos auxiliares de pesca, noticiando ter exarado na acta um voto de sentimento pelo desastre.

Expedições ás colonias

Embarque de subsistencias

Por determinação da commissão de subsistencias do ministerio das colonias. Começou hoje o embarque, a bordo do vapor «Dondo», de tres mil metros cubicos de generos alimenticios e forragens, com destino ás forças expedicionarias de Angola.

O vapor «Peninsular» que foi fretado pelo governo para conduzir mais subsistencias para aquella colonia demorar-se-ha em Lisboa o tempo indispensavel para proceder a uma limpeza necessaria.

A'manhã ou depois será annunciada a arrematação de generos para Moçambique, devendo ser expedidos no vapor de 1 de agosto.

A grande guerra

As operações contra os turcos

LONDRES, 6.—Pormenores do ataque feito pelos turcos na noite de 29 para 30 de junho: Cêrca das 2 horas da madrugada os projectores de bordo do navio de guerra britanico «Scorpion» descobriram um ataque turco proximo do mar a noroeste de Krithia. Este ataque veiu sob um fogo de enfiada de artilharia de grosso calibre, soffrendo o inimigo grandes perdas. Os turcos mais avançados chegaram a 40 metros de distancia das nossas trincheiras, e apenas poucos retrocederam. Houve uns poucos de ataques durante o resto da noite mas algumas posições tomadas pelos turcos foram retomadas por completo por nós na manhã seguinte e á bayoneta. A's 5,30 da manhã os turcos avançaram de Krithia para o barranco e foram dispersados pelas nossas metralhadoras. As perdas turcas aqui foram de 1.500 a 2.000 mortos.

Pelas dez horas da manhã de 30 de junho os turcos atacaram novamente com bombas uma parte das trincheiras ao norte, tomadas por nós em 28. As nossas tropas indianas não poderam ser contidas na retaguarda, e sahindo para fóra das nossas trincheiras lançaram-se sobre o inimigo empregando as suas longas facas originaes, fazendo grande morticinio. O ataque turco terminou por uma completa derrota. Os corpos australiano e da Nova Zelandia estiveram sujeitos durante uma hora a um bombardeamento de artilharia sendo por fim atacados com muita intrepidez pelos turcos. O ataque turco mallogrou-se todavia, em consequencia de um trabalho de sapa dissimulado e que ia sahir á retaguarda das forças inimigas atacantes, que ficaram entretanto debaixo de um fogo destruidor. Os turcos fizeram ainda um outro ataque ás 3 horas da manhã de 30 de junho mas foram egualmente repellidos. Os prisioneiros affirmam que este ataque foi devido á presença de Enver Pacha no dia 29 de junho, o qual insistiu por que os australianos fôssem immediatamente repellidos para o mar.

Mais tarde em 2 de julho depois de um violento bombardeamento dos nossos postos avançados por meio de granadas ultra-explosivas, a infantaria inimiga avançou mas foi repellida, pelos efficazes tiros do «Scorpion», assim como pelos das nossas metralhadoras.

Pelas 7 horas da manhã os turcos recomeçaram o bombardeamento e fizeram um ataque, estando debaixo de um bem dirigido fogo de «shrapnel» ao mesmo tempo que os nossos indios e outros regimentos despejavam sobre elles um violento fogo. Os officiaes turcos foram vistos incitando os seus homens a avançar, mas elles não podiam affrontar o nosso fogo e retiravam em desordem. O solo em frente das nossas trincheiras está juncado de cadaveres de turcos, e o barranco e o valle estão cheios d'elles. Sir Yan Hamilton calcula as perdas turcas entre 28 de junho a 2 de julho em 5.150 mortos e 15.000 feridos.—(Havas).

O parlamento inglez institue o recenseamento

LONDRES, 6. — A Camara dos Communs approvou em segunda leitura por 253 votos contra 30 um projecto de lei instituindo o recenseamento.—*(Havas)*.

Os russos contra os austro-allemães

PETROGRADO, 7.—Official. — Na região de Lublin o *inimigo progredia* entre Krasnich e a ribeira de Wieprz. Repellimos todos os ataques entre Wieprz e Bug occidental e fizemos em Sokal algumas centenas de prisioneiros.—*(Havas)*.

PETROGRADO, 6. — No Caucaso, segundo uma *communicação official*, na região de Karaderbiant, os russos atacaram dois esquadrões de Suwarie, que *na fuga arrastaram comsigo a infantaria*.—(Havas).

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 5.—Durante a semana que terminou em 30 de junho entraram ou sahiram dos portos do Reino Unido 1899 navios, dos quaes foram afundados cinco inglezes (total da tonelagem 11626) e mais 14 navios de pesca (total da tonelagem 1297.—*(Informação official recebida na legação britannica em Lisboa)*.

A guerra no ar

LONDES, 6.—O almirantado britannico annuncia o seguinte: Um communicado official allemão publicado em 4 de julho diz que um avião allemão tinha lançado bombas sobre o forte de Languard em Harwich e sobre a esquadrilha de destroyers britannicos. Os factos verdadeiros que deram origem áquella noticia são os seguintes: No sabbado de manhã um aeroplano e um hydro-avião allemães appareceram ao largo de Harwich, voando muito alto. Os nossos aviões partiram immediatamente e repelliram-os.

Os aviões allemães lançaram algumas bombas no mar e fugiram, voando sempre a grande altura.—*(Informação official recebida na legação britannica em Lisboa)*.

LONDRES, 6.— Official.— Um avião e um hydro-avião allemães appareceram no sabbado ao largo de Harwich. Como lhe demos caça, fugiram, lançando as suas bombas no mar. *(Havas)*.

Arte applicada

Termina no dia 12 o praso para entrega dos objectos que devem figurar na exposição de arte applicada, promovida pelos Desportos de Bemfica e que, a avaliar pelos já entregues, deve assumir grande brilhantismo.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

A empreza do salão dos Anjos contractou a coupletista Conchita Barnabé e o artista Papolin 1.º. Estreiam-se na quinta-feira.

—A'manhã, no salão Olympia realisa-se uma soirée elegante extraordinaria e estreia-se um *film* em 2 partes «Timidez de Max».

—No animatographo do Rocio, nos dias 7 e 8, exibem-se as primeiras series da fita «Catalina» e as restantes nos dias seguintes.

—O circo Parish de Madrid prolongou por mais uns dias a sua temporada. Por este facto ficou adiada a chegada do sr. Leonard Parish e do *clown* Little Walter.

—Recebemos a visita, que agradecemos, do *trio Cabello*, que vae trabalhar no theatro Apolo, formado de bailarinas e «espadaretologas».

SPORT

O concurso internacional de balões

Na quinta-feira realisa-se no campo do Stadium a primeira prova ensaio do Concurso Internacional de Balões Esphericos, bella iniciativa do sr. José Roquette (Alvalade), que o Aero Club de Portugal organisa, regulamenta e dirige. Faz-se a ascenção de um aerostato tripulado por um dos aeronautas hespanhoes que chegam amanhã a Lisboa. O balão para esta primeira ascenção deve ser o Viscaya, de 900 metros cubicos.

O concurso é uma absoluta novidade em Portugal porque até agora apenas se tinha visto a ascenção de um só globo e sem objectivo sportivo. E' talvez uma loucura pela sua organisação, porque só se encontram difficuldades para a fazer vingar. Para se fazer uma ligeira ideia d'estas difficuldades, basta dizer que nos caminhos de ferro houve engano no wagon em que vinham os aerostatos, que a Alfandega exige mais de trez contos para garantia não sabemos de quê e que a mesma Alfandega não teve tempo para fazer o despacho minutos antes de encerrar o expediente deixando esse grande trabalho para amanhã de manhã.

E tudo isto succede quando se annuncia um concurso internacional de balões, com pilotos amadores, com representantes do Real Aero Club de Hespanha, concurso que tem utilidade e que serve de estudo. Quando nos outros paizes se realisa um certamen d'esta natureza, tudo quanto seja facilitar constitue uma obrigação... E' triste!...

Os aeronautas hespanhoes chegam ámanhã no rapido da tarde. Na estação devem comparecer muitos sportsmen, porque vão aguardar algumas das maiores notabilidades do meio sportivo hespanhol, entre elles D. Ricardo Luiz Ferry, que tem sido, no paiz visinho, o grande propagandista da educação phisica e do athletismo e que dirige actualmente o «Heraldo Desportivo». O Stadium, os jornalistas de sport e alguns clubs, entre elles o Sporting Club de Portugal e Aero Club, convidaram os seus amigos e socios a comparecer na «gare».

***

O programma da proxima quinta feira no Stadium inclue, além da ascenção d'um aerostato, corridos de bicicletas e de motocicletas, tendo estas o grande interesse de um handicap, em que Innocencio Pinto dá o avanço de 250 metros aos seus competidores Arido de Albuquerque e Manuel Neves e em que os trez vão tentar o record da volta de pista lançado.

Nota do dia

Soares Junior profissional ou amador?

Soares Junior correu no ultimo domingo o seu desafio de bicicleta contra o hespanhol Lazaro Vilada. Por este facto, a União Velocipedica vae passal-o á categoria de corredor profissional, sendo coherente com o aviso que tinha feito á direcção do Velodromo na occasião em que lhe approvou as corridas.

Mas terá razão a União n'este acto? Tem em face do regulamento mas não a tem porque a propria União saltou por cima do regulamento auctorisando o mesmo desafio com o mesmo hespanhol nas corridas anteriores.

Dá-se, porém, o facto como consumado. Sendo assim, já poderemos vêr Soares Junior em lucta com Raposo que passará á profissional, com Dias Maia e Antonio Silva, estes dois inactivos até agora porque não tinham contra quem luctar. E este grupo já póde luctar com os estrangeiros que se annunciam.

Mas, a nossa critica ao acto da União não foi feita para que, mantendo a sua resolução, beneficiasse os programmas. Não. Nunca foi. Fizemos critica porque o acto é injusto e para lhe demonstrar que os regulamentos estão velhos e necessitam d'uma profunda remodelação.

Sabe a União o que está succedendo? E' que continúa a considerar amador quem devia ser considerado profissional, porque recebendo objectos d'arte os vende immediatamente. E faz *profissional* o mais enthusiasta dos nossos *amadores*...

Tratem pois dos regulamentos, que estão velhos, e acabem com estes ridiculos.

Algumas anecdotas

O general French em frente da morte e de camisa arregaçada nos punhos...

A maioria dos soldados dos exercitos do marechal French é constituida por gente do «sport», que adora o seu commandante porque foi em tempos um athleta e porque aprecia muito os actos de audacia e de temeridade dos seus homens de athletismo.

Quando French esteve na Africa do Sul, em campanha, era um dos que animava a sua tropa na pratica dos jogos de força e de destreza. Agora faz o mesmo nos campos do norte da França. E por esse facto augmentou a sua popularidade.

Os soldados chamam-lhe, amigavelmente, o «general da camisa». A razão d'esta phrase explicou-a agora um jornalista da «Manchester Gazette», que foi ouvir do general o elogio dos seus homens de combate.

—French tinha o costume, em Africa, todas as manhãs, durante as manobras, de sahir da sua tenda em ceroulas e camisa, para fazer uma pequena marcha a pé, dar alguns saltos e executar exercicios gimnasticos. A este proposito, o jornalista da «Manchester» conta a seguinte historia:

«Um correspondente de guerra veiu propositadamente ao campo do general para o vêr e lhe falar. Encontrou um soldado em camisa e as mangas arregaçadas comendo um bocado de pão. Deu-lhe o cavallo a guardar. O general—porque era elle—guardou o cavallo. Depois quando o jornalista, envergonhado, voltou, pedindo desculpa do seu erro, French disse-lhe:

—«Não tem que me pedir desculpa. E explique bem, no seu artigo, que diante da morte, em traje de gimnasta e em mangas de camisa, todos os homens são eguaes.»

Noticias

ENTRE NÓS

Gymnasio Club Portuguez

A direcção d'este Club Portuguez tem no seu programma o desenvolvimento da natação, não só promovendo o concurso do Club em todas as provas, que vão ser disputadas na proxima epoca, como abrindo uma classe de natação sob a direcção do professor sr. Walter Awata. Esta deve inaugurar-se em 1 de agosto na praia de Pedrouços.

Está aberta entre os socios uma subscripção para a compra d'uma jangada onde a direcção possa instalar a dita classe, tendo já subscripto muitos socios, entre os quaes ha o maior enthusiasmo por tão util e desejada iniciativa.

Escoteiros Lusos da Juventude Republicana

Continúa com grande enthusiasmo a inscripção de escoteiros n'este grupo, tendo havido no domingo ultimo exercicio em conjuncto com o 1.º grupo, mostrando todos os escoteiros boa vontade na execução que era feita com extraordinaria presteza. Foram nomeados Joaquim José e Arnaldo Simões Fitas, respectivamente, guia e sub-guia da patrulha «Melros».

Pede-se a comparencia de todos os escoteiros na proxima quarta-feira aos exercicios de signaleiros marchas.

A direcção reune no proximo sabbado para resolver varios assumptos e elaborar o programma de exercicio de campo que se realisa no proximo domingo, 11 do corrente.

Water Polo no Club Naval de Lisboa

Reuniu na quarta-feira passada, sob a presidencia do secretario inspector dos Soccorros a naufragos, sr. Hypacio de Brion, o juri do campeonato de Water Polo organisado por este Club. Approvaram-se as inscripções dos seguintes *teams*: Sport Algés e Dafundo, Gimnasio Club Portuguez, Associação Naval de Lisboa, Club Naval de Lisboa e Club Internacional de Foot-ball, que por esta ordem ficaram ennumerados, conforme se tirou á sorte, para a realisação dos differentes *matchs*.

A ordem dos desafios é como se segue: no primeiro dia, 17 do corrente, pelas 17 horas, 1 com 2 e 3 com 4; segundo dia, 31 de julho, 1 com 3 e 2 com 5; terceiro dia, 14 de agosto, 1 com 4 e 3 com 5; quarto dia, 22 de agosto, 1 com 5 e 2 com 4; quinto e ultimo dia, 29 de agosto, 2 com 3 e 4 com 5.

Os primeiros desafios são pois no dia 17 do corrente, o primeiro entre S. A. D. e G. C. P., o segundo entre A. N. L. e C. N. L., sendo referee do primeiro Arnold Stocker, do Club Naval, e do segundo Carlos Villar, do Club Internacional de Foot-ball.

Os jogadores distinguir-se-hão pelas côres dos barretes que será aquella da bandeira que representa o seu club.

Os desafios serão todos jogados em frente do Club Naval, Caes da Viscondessa (a Santos), e a elles poderão assistir, de dentro do Club Naval, todos os jogadores inscriptos, bem como os socios dos clubs em jogo.

A lista dos jogadores deve ser entregue na secretaria do Club Naval, pelos respectivos clubs que ainda o não hajam feito, até ao dia 12 do corrente para serem devidamente apreciadas na reunião do juri de 14 do corrente.

O juri na sua ultima reunião resolveu que cada club tenha de apresentar até ao dia 12 do corrente uma bandeira com as suas côres e que servirá para o referee na occasião do desafio, conforme manda o regulamento.

O Club Naval, que tem trabalhado pela causa justa e humanitaria da natação, regista com prazer a inscripção dos principaes clubs de Lisboa, de cujos delegados ao juri recebeu as mais calorosas felicitações pela fórma correcta e imparcial como tem tratado este tão importante assumpto.

O principe da Baviera

faz declarações lisongeiras para os francezes

Nova York, 1 de julho

O «New York Times» publica um telegramma do seu enviado especial na linha allemã occidental em que relata uma entrevista que teve com o principe herdeiro Rupprecht da Baviera.

Começou o principe por exprimir o seu pezar por não ter sido enviado para a frente oriental a ajudar os seus camaradas bavaros a esmagar os russos. «Aqui, accrescentou, sou a bigorna; lá seria o martello. A minha missão em França é resistir.»

O principe da Baviera, que commanda o exercito mais forte que os allemães teem na frente occidental, está pasmado da enorme quantidade de munições que n'estes ultimos tempos teem consumido os francezes.

«Pelos meus calculos, disse elle, devem os francezes ter empregado na sua nova offensiva contra o meu exercito de 3 a 4 milhões d'obuzes; durante seis semanas a sua artilharia mandou-nos, em media, 100.000 obuzes por dia. Não exagerava o communicado francez affirmando que n'um só dia a sua artilharia nos enviára 300.000 obuzes, cifra que constitue um maximo n'esta frente.

Reconhece o principe que a offensiva franceza fez recuar a linha allemã e não occulta estar convencido de que n'um dado momento proseguirá ainda com maior numero de canhões e de soldados.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Marido com sorte.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Ro a tirana—Revista.

Agenda da semana

HOJE — *Salão da Trindade* — Primeira representação de *Lord Grog*, de Camara Manuel e Mello Vieira, musica de Fortée Robello.

AMANHÃ —*Avenida* — Primeira representação de *Marido com sorte*, de Keroul e Barré, traducção de Alberto Barbosa.

Eden—Recita dos auctores de *O diabo a quatro*.

Boatos e informações

ENTRE NÓS

Na recita dos auctores do *Diabo a quatro* estreiam-se varios numeros novos, entre os quaes fados cantados por uma estreiante, Fernanda Coutinho, e o duetto *Francophila e Germanophila*, por Luiza Durão e Egidia de Oliveira.

A revista *Pum*, em scena no Porto, foi ampliada com um quadro novo, *A casa de Orates*.

A *tournée* Chaby despediu-se hontem no Porto, representando *As calças da auctoridade*.

Circos & Music-halls

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Sociedade de Geographia

E' amanhã que, pelas 21 horas, se realisa n'esta Sociedade a conferencia de Mr. George de Tribolet sobre a «Obra colonial portugueza em Lourenço Marques nos ultimos annos». O conferente, que é um verdadeiro erudito e perfeito conhecedor d'aquella região da Africa Oriental, prestará na sua conferencia a justiça devida ao trabalho colonial portuguez n'aquella importante colonia.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Ao sr. ministro da justiça

Escreve-nos o preso Emilio Eglezias pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. ministro da justiça para o que com elle se passa. Foi condemnado a prisão e multa e a ser entregue ao governo a fim de ser expulso do paiz, como estrangeiro, pois é hespanhol. Acabou já de cumprir a pena, mas ha cinco mezes que espera pela expulsão, sem que até hoje isso se tenha feito. Pede, por isso, que se cumpra a lei.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de escriptorios

Para discutir os quesitos que a Associação Commercial de Lojistas propõe aos commerciantes, são convidados todos os empregados de escriptorio do ramo commissões e consignações, socios e não socios, a comparecerem amanhã, pelas 21 horas, na nova séde d'esta collectividade, rua da Magdalena, 225, 1.º.

Movimento maritimo

Vigo e Inglat. «Araguaya» (Brazil)...... 7

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Carta patriotica»

Em luxuosa edição do nosso collega *O Moçambique* e impressa e distribuida por meio d'uma subscripção aberta entre os republicanos democraticos de Moçambique, foi publicada a carta que de bordo do *Alcantara*, quando a caminho de Inglaterra, escreveu o tenente de cavallaria Oscar Monteiro Torres, dirigida aos officiaes, sargentos e soldados do exercito portuguez. Abrem-na umas ligeiras palavras que revelam o patriotismo dos democraticos d'aquella provincia ultramarina.

«Reinado tragico»

Em edição da casa Lello & Irmão, do Porto, sahiu este livro original de João Grave. Do seu valor diz de sobejo a acceitação que esse bello romance obteve a quando da sua publicação em folhetins no nosso collega *Diario de Noticias*. Passando-se a sua acção n'uma das epochas mais agitadas e de maior esplendor da vida portugueza, João Grave descreve-nol-a com o mesmo brilho que põe em todas as suas obras, com um soberano poder de evocação que transporta o leitor a esse tempo, fazendo perpassar na sua frente as scenas tão vividas e palpitantes como se a ellas assistisse.

«Sempre virgem»

Em segunda edição sahiu este romance, original do dr. Sousa Costa. O que é e o que vale a obra disse-o a critica ao apreciar-o quando elle appareceu. Mas o seu valor comprova-o, e brilhantemente, o facto da segunda edição, caso que não é muito vulgar em originaes portuguezes. Sousa Costa podia disso orgulhar-se, se o seu feitio não fôsse avesso á vaidade, como é.

«Cartilha moderna»

O professor sr. Manuel Antunes Amor publicou em nova edição, refundida e ampliada, a segunda parte da sua *Cartilha moderna* (leitura), obedecendo ao methodo legographico analitico-sinthetico de ensino inicial educativo. Obra pedagogica de valor e que vem confirmar a merecida reputação de que o sr. Amor de ha muito gosa.

Pela instrucção

Escola na Damaia

Uma commissão, composta dos srs. A. Nunes da Silva, F. B. Pinto Saraiva, J. F. Augusto Rodrigues, Joaquim Bento da Costa, Manuel d'Almeida Soares e Raul de Campos Palermo, distribuiu profusamente uma circular sollicitando donativos para a escola que resolveram instituir na Damaia, visto que esta localidade, apenas a 18 minutos de distancia pelo comboio, partindo do Rocio, tem 130 creanças em edade escolar, que não podem instruir-se ou por falta de recursos, ou pelas grandes distancias a percorrer para encontrar uma escola official.

Iniciativa digna de todo o louvor a tomada pela commissão e a que, estamos certos, não faltará o apoio d'aquelles a quem foi dirigido o appello.

Cantina escolar «5 d'outubro»

Pelo relatorio, agora publicado, d'esta cantina da freguezia dos Anjos, vê-se que a receita em 1914 foi de 761$22,5 e a despeza de 664$13, havendo portanto um saldo de 97$09,5, que junto ao entregue pela commissão executiva, de 10$48,5, perfaz o total de 107$58. O numero de socios em 31 de dezembro findo era de 235. A assembleia geral, para discutir esse relatorio, reune hoje, ás 21 horas.

D'ahi a cinco annos o poder wahabita estava parcialmente restabelecido e durante o seculo XIX a historia da Arabia central gira sobre a rivalidade entre as casas de Ibn Rashid e de Ibn Saud. Essas disputas duram ainda hoje, ainda que, presentemente, a familia do ultimo tenha quasi por completo o predominio.

Major general Pulteney

Comtudo, uns dez annos, ou pouco mais talvez, antes de rebentar a Grande Guerra, trez cruzadores inglezes tinham desembarcado uma força armada de canhões em Koweit e trincheiras tinham sido levantadas em redor da cidade, a fim de a salvar do ataque d'um exercito sob o commando dos representantes de Ibn Rhasid.

Estas evocações podem parecer antiquadas e pouco importantes, mas teem a maior opportunidade. O movimento wahabita existe e amoldou-se ás condições modernas. A rivalidade entre as casas de Ibn Rashid e de Ibn Saud continúa a ser um factor dominante na politica arabica. Uma das consequencias que póde trazer o resultado da guerra é a do futuro da Arabia. Não é um resultado local, como parece. Affecta todo o islamismo, porque envolve as cidades sagrada e a peregrinação a Meca.

Um dos desejos de Ibn Saud era um porto no golpho Persico e mais do que uma vez solicitou a protecção britannica, embora nunca lhe fôsse concedida. Ha muito que teria tomado os portos turcos de Bida e Ojeir, na peninsula de Katar, se não fôsse o receio de represalias turcas pelo mar. Até 1913 a veneravel e velhissima corveta turca estacionada em Basra era sufficiente para os fazer permanecer nas suas cidades e oasis. Nunca se viu caso em que o poder maritimo da mais insignificante especie fôsse exercido tão plenamente.

Os turcos, como dissémos, nunca foram senhores de qualquer parte da margem occidental do golpho até fins do ultimo seculo. Guarneceram Basra e a pequena cidade de Fao, á entrada de Shatt-al-Arab, onde tinham uma coisa a que por delicadeza se chamava forte. Para além ficam os areiaes da Arabia, onde os «iradés» do sultão não tinham valor algum.

Os sheiks de Koweit conservaram-se independentes, embora a prudencia os levasse a estarem em relações amigaveis com os seus visinhos. Ao sul da sua cidade fica a região de El Hasa, com um ou dois ferteis oasis em que existem cidades. Ao sul de El Hasa fica a peninsula de El Katar. Tanto em El Hasa como em El Katar as tribus arabes vivem em liberdade. Para além de El Katar ficam os territorios dos chefes da Costa dos Piratas, com quem a Gran-Bretanha fez tratados em que se accordou que elles guardariam paz e se absteriam de actos de pirataria.

Os turcos manteem relações de quando em quando interrompidas com os chefes wahabitas da Arabia Central, que ou acceitam as advertencias que lhes são feitas pelo distante sultão, ou as desrespeitam, conforme lhes convem.

forte pressão em Teheran para obrigar o shah a dar uma constituição, mas n'esse meio tempo Tabriz, que havia soffrido um cerco de trez mezes, estava reduzida á ultima extremidade.

O shah demorava-se em acceder aos desejos das duas potencias, esperando a queda de Tabriz, que daria immensa força á sua situação. Na propria cidade receiava-se um ataque aos consulados estrangeiros e as colonias ingleza e russa fizeram um appello urgente aos seus governos, pedindo-lhes que fossem protegidas militarmente.

A Inglaterra e a Russia deliberaram, por isso, que Tabriz seria auxiliada por tropas russas e uma expedição militar foi enviada de Julfa para abrir caminho e abastecer a cidade. Desde então, destacamentos de tropas russas estavam sempre em Tabriz e mais tarde entendeu-se ser necessario mandar uma forte guarda militar para o consulado em Koi, correspondendo os turcos a isso, fazendo o mesmo em Suj Bulak.

A Russia e a Turquia estavam, por isso, occupando militarmente parte d'essa provincia quando a guerra rebentou.

Duas columnas russas foram mandadas, atravessando a fronteira persa, para a Turquia, pelos desfiladeiros de Kotur e Khanesur, que estão a cêrca de quarenta e oito kilometros de distancia e ficam entre a extremidade norte do lago Urmia e Van. Essas columnas repelliram os turcos em novembro e bateram-nos entre Dilman e Kotur. A 1 de dezembro de novo os bateram em Serai e Bashkola. Os turcos retiraram para Van, mas foram reforçados e de novo tomaram a offensiva, mas para soffrerem nova derrota.

Mais ao sul, uma massa de tropas kurdas avançou de ambos os lados da fronteira sobre Tabriz, da direcção de Suj Bulak. Os russos não esperaram que os turcos desrespeitassem a neutralidade da Persia para operarem um largo movimento atravez de Azurbeijan, tendo retirado primeiro o pequeno destacamento que tinham em Tabriz, confiando em que Suj-ed-Dowleh, o activo governador persa de Azurbeijan, offereceria a resistencia necessaria aos kurdos. O governador, porém, era incapaz de grandes esforços e depois d'uma escaramuça em Maragha os turcos occuparam Tabriz no principio de janeiro e avançaram para Sufian e Marand pela estrada de Julfa. Os seus successos, porém, foram de pouca duração. Um destacamento russo derrotou-os em Sufian e tornou a entrar em Tabriz no dia 30 de janeiro.

CAPITULO IX

A invasão de Chaldéa

Um dos effeitos immediatos da entrada da Turquia no conflicto europeu foi estender a area da guerra ao golpho Persico. As hostilidades começaram em breve, á entrada do golpho, entre os turcos e uma força de tropas inglezas e indianas. Em pouco tempo os inglezes derrotaram os turcos, tomaram o importante porto de Basra, apoderaram-se do delta do Tigres e do Euphrates e repelliram os restos das forças turcas, n'um longo percurso, para o norte, para Bagdad.

As operações assim iniciadas formaram uma campanha completamente separada. Foram de grande importancia politica porque vibraram um golpe no sonho allemão de um dominio estendendo-se para o Oriente medio. Basra devia ser o terminus do caminho de ferro de Bagdad, que representava a maior empreza allemã na politica mundial. A sua queda privou os allemães do accesso aos mares da Asia do sul. As suas consequencias politicas excederam a sua significação militar.

A potencia que dominar no golpho Persico exercerá incontestada influencia no Oriente medio. A Allemanha percebera o seu valor ha muito tempo e ha uns dez annos conseguira ahi estabelecer a sua influencia. Durante o actual seculo os problemas politico e economico que se ligam com o golpho attrahiram enormemente a attenção. A guerra não os resolveu ainda, mas uma concepção melhor do caracter d'esse mar—chamemos-lhe assim—e dos acontecimentos dados na sua visinhança é essencial para bem se comprehender os vastos horizontes que se abrirão apoz a guerra.

Nenhum outro mar interior possue, como o golpho Persico, uma tão antiga e tão estranha historia, nenhum é tão pouco conhecido e visitado. A sua estreita entrada fica n'um longinquo recanto do mar da Arabia.

A região em redor de Basra foi o theatro das primeiras operações da campanha na Mesopotamia e no golpho, mas ellas estenderam-se a todo o golpho Persico.

Os turcos haviam tentado disputar de diversos modos e meios a predominante e pacifica influencia que a Inglaterra exercia ali ha trezentos annos. Depois de haverem feito uma combinação com os allemães, a lucta contra os interesses britannicos augmentou de intensidade. Quando os turcos combateram em frente de Basra, faziam-no pelo dominio do golpho, o que lhes daria a posse do caminho mais curto para a India.

Desde o tempo em que Ertoghrul com um bando de quatrocentos cavalleiros venceu o exercito mongolico proximo de Angora no decimo terceiro seculo, dando assim o primeiro passo para a fundação do imperio ottomano, os turcos olharam sempre mais para o occidente do

que para o oriente. Tinham já fundas raizes na Asia, mas era o engodo da conquista europeia que constantemente os trazia para o occidente, até a onda ser detida ás portas de Vienna. Comtudo, não deixaram de estender o seu dominio na Asia e na Africa.

Conquistaram o Egypto no primeiro quartel do seculo XVI e n'esse mesmo seculo o sultão Suleiman, o Magnificente, effectuou a primeira tomada de Bagdad. Foi repellido da cidade pelos persas e só em 1638 o sultão Amurad IV appareceu em frente de Bagdad com um immenso exercito, a recuperou e ahi hasteou a bandeira turca. Trinta annos depois, em 1668, os turcos avançaram sobre Basra, tomaram-na e chegaram pela primeira vez ás margens do golpho Persico.

Não está bem assente se os inglezes chegaram primeiro que os turcos ás aguas do golpho. A primeira vez que as armas britannicas alcançaram ahi uma victoria foi a 19 de janeiro de 1622, quando uma força ingleza sitiou um forte portuguez na ilha de Kishm, que fica em frente de Ormuz, e o tomou quinze dias depois. Dois mezes mais tarde, os inglezes, combatendo alliados com um exercito persa, apoderaram-se da cidade e da ilha de Ormuz, de onde repelliram os portuguezes. Fez-se um tratado com a Persia, pelo qual conservavam dois navios ali constantemente para defenderem o golpho. Esse numero subiu mais tarde a cinco e desde esse tempo a policia do mar e o protectorado do golpho, assim como o seu poder e influencia nunca foram disputados.

Os turcos pouco se importaram com a Mesopotamia e com as terras dos deltas. Como em outras partes do seu imperio, a sua influencia assemelha-se a um ferro em braza sobre o paiz e não o deixa progredir. Nada fizeram tambem para estender a sua influencia além dos valles do Tigres e do Euphrates na direcção da Arabia. O turco nunca foi o verdadeiro senhor da Arabia e nunca o ha de ser. No principio do seculo XVIII o vali turco de Bagdad não reconheceu a auctoridade de Stambul e fez da cidade e de todas as regiões do sul até ao golpho Persico um Estado independente. O seu successor pediu a protecção da India ingleza e requisitou officiaes inglezes para instructores dos seus exercitos. Alguns officiaes lhe foram mandados, mas quando o governo central soube, mezes depois, d'esse facto, censurou-o asperamente.

Londres preferia ficar em boas relações com a Porta e nada lhe importava o futuro da Mesopotamia. Os officiaes foram chamados e no começo do seculo XIX o sultão tinha gradualmente recuperado a sua velha auctoridade. Se não fôra esse acto do governo, a Mesopotamia seria um protectorado inglez ha mais d'um seculo.

O apparecimento dos Wahabitas na Arabia teve grande effeito sobre a fortuna do povo nas margens arabicas do golpho e sobre a posição dos turcos n'essas regiões. O movimento Wahabita foi essencialmente uma tentativa para voltar á primitiva simplicidade da fé islamica e com o decorrer do tempo removeu o mundo do Islam até aos alicerces.

Os Wahabitas começaram a tomar força na ultima metade do seculo decimo oitavo. Propagaram as suas doutrinas pela espada e quando chegou o seculo decimo nono tinham conquistado quasi toda a Arabia. Em breve chegaram ao golpho Persico e apenas o receio do crescente poder inglez os afastou de Muscate, a capital de Oman. Entraram na Mesopotamia em 1801 e tomaram Medina e Meca, profanando o tumulo de Mahomet, tornando-se finalmente tão formidaveis que o sultão da Turquia viu que o seu califado estava em perigo.

Persuadiu Mehemet Ali, o pachá do Egypto, a mandar exercitos egypcios contra os Wahabitas. Essas forças vagarosamente dominaram a Arabia, mas levou-lhes sete annos a dominar o movimento wahabita. Alcançaram a victoria final em 1818, mas nem os turcos nem os egypcios podiam guarnecer a Arabia central permanentemente.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1767 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 7 de Julho de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

DISCIPLINA

Deu-se em Coimbra um incidente entre militares, que terminou por um recontro pelas armas. Esse incidente teve origem no facto de haver officiaes que pretendiam concorrer ao concurso hippico, em cavallos do Estado, sem irem fardados. A forma por que essa questão pessoal se liquidou não nos permitte questionar commentarios. São-nos, todavia, licitas algumas palavras de reparo ao estado de espirito que porventura originou esse facto, que se nos affigura tão lamentavel quanto inconveniente.

Todos os symptomas de hostilidade a um regimen e a um acto politico que o restituiu á integridade dos seus principios, como entre nós succedeu, não são admissiveis da parte de quem maiores exemplos de disciplina tem o dever de dar á sociedade portugueza. E se tal acontecer como poderemos eximir-nos ás illações que d'esse procedimento logicamente resultarem?

A revolução de 14 de maio não foi feita contra nenhuma classe. Nem o podia ser, visto que os seus fins simplesmente se dirigiam a restabelecer o absoluto respeito da lei, e a lei a todas as classes assegura direitos e consideração, e por isso mesmo todas se devem encontrar bem dentro das suas prescripções que, impondo deveres, asseguram direitos.

A Republica é uma forma de governo tão respeitavel, pelo menos, como as outras. De todas as classes espera o concurso necessario para a boa ordem e a segurança do Estado. A todas presta o culto que merecem esses elementos sociaes. Não é admissivel que contra ella se revelem más vontades que cheguem a assumir o aspecto de desprezo ou de hostilidade.

Repetidas vezes se tem clamado que a sociedade portugueza está indisciplinada. O que a experiencia tem demonstrado é que se essa indisciplina existe ella não se manifesta, como se pretende fazer acreditar, do lado das chamadas camadas inferiores, que teem dado notaveis e brilhantes provas de que teem a noção civica do respeito á lei, que é a formula mais genuina da disciplina social. Foram ellas que não duvidaram derramar o seu sangue para acabar com um estado de coisas que era a negação do regimen legal da nação. Se as demonstrações de indisciplina veem das camadas superiores, não só não ha o direito de accusar de indisciplina as outras, como essas camadas falham á funcção que lhes está determinada no Estado, e que é essencialmente ponderadora, ordeira e regrada.

E' necessario accentuar estas considerações, porque da sua observancia advirá a tranquillidade social. De contrario, correremos o risco de novos conflictos que não são proveitosos para ninguem.

A Republica Portugueza tem que manter, serenamente, no perfeito equilibrio de todas as funcções do Estado, e para isso urge que todas as classes se mantenham dentro da disciplina, que a todos se impõe como um dever, e que será para todos a garantia dos seus direitos.

DR. AFFONSO COSTA

Aggravou-se o estado do illustre enfermo

Quando esta manhã chegámos ao hospital de S. José e subimos a ingreme ladeira da portaria exterior conduz ao corredor dos quartos particulares e nós logo nos rostos contristados dos numerosos visitantes uma nuvem de tristeza a embaciar a alegria da vespera. O ambiente moral d'aquelles grupos pesava. Havia uma atmosphera de impressionante acabrunhamento. Falava-se em voz baixa, e á pergunta invariavel dos que chegavam sobre o que havia de novo respondia-se invariavelmente:— Não está melhor...

No espirito dos mais optimistas, quiçá dos mais dedicados correligionarios, a duvida, porém, estabelecia-o uma boa esperança traduzia-se na affirmação de que o boletim não fôr ainda affixado...

Junto á vedação exterior, aos grupos, sob as arvores copadas, a multidão crescia anciosa, quasi pedindo que o boletim se não fizesse esperar. Eram 13 e meia quando, no tronco enorme d'uma arvore que fica á direita de quem sobe junto á ponte-passagem para o corredor, foi affixado o boletim das 13 horas cujo conhecido, avidamente lido e passado de bocca em bocca, deixou toda aquella gente consternada.

O boletim que os srs. drs. Avelino Monteiro, Francisco Gentil, Costa Nery, Costa Santos e Pulido Valente assignaram era o seguinte:

«Pulso, 76; respiração, 30; temperatura, 37,9. O doente fatigou-se hontem demasiadamente com as visitas. Passou a noite agitada chegando algumas vezes a ter sub-delirio. O corrimento pelo ouvido augmentou. Torna-se indispensavel repouso absoluto como teve nos primeiros dias».

Este boletim conhecido a breve trecho nos pontos mais frequentados da cidade pela publicidade dos «placards» por amigos que iam deixando o hospital, levou ali novamente uma quantidade enorme de povo que era rigorosamente contida longe da porta por fortes cordões ligados d'arvore em arvore. Os proprios que chegavam eram os primeiros a achar logico tal rigor e a lastimar que o mesmo se não tivesse feito hontem, porque —accrescentavam— talvez se tal se houvesse feito, hoje o illustre enfermo não estivesse peior.

Um grupo, sobre a ponte-passagem, conversavam os srs. dr. Sousa Junior, dr. Pina d'Almeida e Elysio de Castro, senadores, sendo o sr. dr. Sousa Junior de opinião que o sr. dr. Affonso Costa, embora um pouco fatigado pelo dia de hontem, não peorara de modo a que fosse alarmante o seu estado.

A entrada do corredor dos camarotes de verga, atravessados, deixavam apenas uma estreitissima coxia de passagem. Junto d'elles dois dedicados amigos do dr. Affonso Costa vigiavam a entrada. Chega o sr. capitão de fragata Leote do Rego, conseguindo passar o primeiro cordão, mas não indo mais além da entrada do corredor, onde se informa, solicito, do estado do illustre enfermo, retirando-se depois evidentemente pezaroso. Na mesma occasião, em nome dos officiaes que compõem o gabinete do ministro da guerra, chegou o sr. capitão Salvador José da Cruz.

No corredor encontra-se o sr. dr. Germano Martins que, alem dos medicos assistentes, é a unica pessoa que pode ir até junto do leito. Acercámo-nos, pedindo informações.

—O sr. dr. Affonso Costa, diz-nos o dedicado amigo do eminente homem publico, passou realmente peior, a noite de hontem: Comprehende... Visitas... conversas, e deu-se o que era de prever, um aggravamento da doença. A noite passou-a agitada, delirando por vezes, e sendo preciso, de madrugada, o sr. dr. Costa Nery applicar-lhe uma injecção de morphina. Depois acalmou um pouco. De manhã, notou-se-lhe um crescimento de serosidade no corrimento do ouvido, e o doente voltou a delirar. Agora, porém, descança, e, certamente com o repouso absoluto preconisado pelos medicos e rigorosamente respeitado, ha de melhorar. Temos essa esperança».

No quarto do doente tem permanecido toda a manhã o sr. dr. Costa Santos e depois das 14 horas d'hoje esteve lá tambem durante bastante tempo o sr. dr. Bello de Moraes. A sr.ª D. Alzira Costa retirou do hospital já depois das cinco horas da manhã para ir descançar um pouco.

Como frisámos, deu-se hoje após a publicação do boletim um recrudescimento de visitantes que ali foram informar-se directamente do estado do illustre chefe do partido democratico e deixar os seus cartões de visita. Entre elles ha innumeros officiaes superiores e inferiores do exercito e da armada, a maioria dos quaes ali teem ido todos os dias e cujos nomes já mencionámos, empregados publicos, parlamentares e muitos populares que de hora a hora fazem avolumar o numero de bilhetes de visita que enchem uma larga bandeja. Em nome do sr. presidente da Republica esteve lá hoje, logo de manhã, o sr. Levy Bensabat.

* *

O sr. dr. João Damas, deputado e amigo intimo do sr. dr. Affonso Costa, informou-nos de que carece de fundamento a noticia, publicada em todos os jornaes, de que elle e muitos outros amigos se demoraram hontem á cabeceira do illustre enfermo. Estiveram todos no corredor que conduz aos quartos particulares. O sr. dr. Damas apenas entrou uma vez no quarto onde se encontra o sr. dr. Affonso Costa, num momento em que elle estava a dormir, e demorando-se ali poucos instantes.

EM TORNO DA GUERRA

Os francezes nos Dardanellos

Como os seus navios de guerra se abastecem de viveres e se aprovisionam de carvão e munições

O reabastecimento dos navios de guerra é um problema bastante complexo de cujas difficuldades o publico mal póde fazer idéa; ordenar a uma esquadra que se dirija a qualquer ponto é facil, o difficil é garantir-lhe o reabastecimento de viveres, agua potavel, carvão e munições. Sem revelar segredos que importam á defeza nacional franceza, podemos fornecer algumas informações ácerca da maneira como os navios da França nos Dardanellos se reabastecem.

Tratemos primeiro dos viveres.

O gado vivo vae de França ou da Tunisia em navios mercantes requisitados para esse transporte; os escaleres e as baleiras das differentes unidades de combate atracam a estes barcos, e para ellos se vae passando o gado. Uma operação que é tão, pois nas regras não ha entre os navios de guerra, onde o acommodam, ao abrigo do mau tempo, em barracas de madeira para este effeito armadas no convez. Um couraçado do typo «Justice», cuja equipagem regula por oitocentos homens, consome por dia, em media, dois bois.

As rezes, depois de abatidas, são examinadas pelo medico de bordo, que, se reconhece estarem em bom estado, auctorisa o seu consumo. Como os bois não estão habituados a andar embarcados soffrem bastante no mar, e é frequente as rezes conservadas, por economia, muito tempo a bordo, tornarem-se tuberculosas, sendo n'esse caso atiradas ao mar.

Todos os navios de guerra dispõem d'uma grande provisão de carne de conserva, em latas, conhecida pela designação de «macaco», que a marinhagem aprecia muito. Em tempo de paz distribuiam-a pela guarnição, mas agora é reservada a maior parte para as tropas que combatem nas trincheiras, sendo raras as guarnições dos navios podem comel-a.

O grande consumo que durante os primeiros seis mezes da guerra se fez da carne fresca exige agora que se seja parcimonioso no seu uso, recorrendo-se á carne congelada.

O navio russo «Czar Nicolau II» que andava no mar alto quando rebentou a guerra, é que reabastece as esquadras d'esta carne, indo dos Dardanellos ao Adriatico levar aos alliados as porções necessarias para o consumo durante determinados periodos.

* *

O reabastecimento de carvão faz-se no mar alto quando está bom tempo, ou então n'um porto de qualquer nação alliada; tem sido o de Malta o porto preferido desde o começo das operações.

No mar alto, barcos carvoeiros, requisitados, que veem de Cardiff carregados, atracam aos navios de guerra e aprovisionam-os de combustivel. A guarnição d'estes é dividida em dois grupos, indo um para os porões do barco carvoeiro encher saccas, e ficando o outro a bordo para as receber e despejal-as por alçapões especiaes, abertos no convez, que por mangueiras de lona correspondem aos paioes de carvão. As saccas cheias são presas a um cabo de aço que se enrola em um sarilho movido a vapor, e içadas em cachos de dez ou doze para o convez do navio de guerra.

Por este systema consegue-se embarcar, em media, 120 toneladas n'uma hora, o que é um rapido serviço.

Emquanto a maior parte da gente de bordo está occupada n'esta tarefa, estão nos cestos da gavea e nas pontes varios homens vigiando o mar, perscrutando cuidadosamente o horizonte, para avisar da approximação sempre possivel de qualquer periscopio; se algum apparece, os gageiros dão immediatamente signal, e emquanto os dois navios, sempre atracados, fogem, o fogo da artilharia secundaria de bordo concentra-se sobre o ponto indicado.

Quando, por mau tempo, o estado do mar não consente o reabastecimento ao largo, a esquadra e as flotilhas procuram um abrigo na costa onde o serviço se faz como no alto mar.

N'estas circumstancias, para evitar a surpreza d'um ataque de submarinos, todos os escaleres a vapor das unidades de combate, armados com metralhadoras ou canhões de 47, se afastam algumas milhas em torno da esquadra, vigiando a superficie do mar em toda a zona circumjacente; quando se prevê que a demora será grande estende-se a larga distancia as redes de protecção contra os submersiveis, e o reabastecimento effectua-se com toda a segurança.

Quando ancorados nos portos, o carvão que os navios recebem é muitas vezes em fórma de tijollos; n'esse caso, as falúas carregadas atracam ao longo dos navios, e a marinhagem, formando cadeia, vae passando de mão em mão os parallelipipedos até aos alçapões dos paioes.

Este systema não dá grandes resultados, no entanto é preferido pela equipagem por não causar tanta poeira.

Ha dez mezes que as esquadras de cruzeiro, apesar da fadiga d'uma vigilancia continua e do enervamento d'esta vida particularmente extenuante, de quatro em quatro dias mettem carvão, sem o menor queixume da marinhagem por este fatigante serviço.

* *

Quanto ás munições, o reabastecimento faz-se de preferencia n'um porto; é perigosissimo, e exige a maxima attenção no dia do embarque que iça-se no tope d'um mastro uma grande bandeira encarnada; é o signal exigido pelos regulamentos da armada quando se procede a este serviço.

Os obuzes são transportados em falúas, indo cada um cuidadosamente fechado n'uma especie de cesto de aço, a que dão o nome de «lanterna», e sendo içado por meio de cordas que o levam encostado a duas traves para que não oscille, e depois collocado e amarrado n'um carro que rola sobre carris, e assim transportado até ao alçapão que communica com o paiol de munições para onde o descem com todos os cuidados. No paiol são collocados em ruimas, mas isolados uns dos outros de maneira que os balanços do navio não determinem choques entre elles.

Os antigos obuzes ainda exigiam maiores cuidados, pois que bastava o mais ligeiro choque para os fazer explodir; os actuaes demandam um prolongado movimento giratorio antes de ficarem promptos para a explosão.

Migalhas

O milagre

O caso do dr. Affonso Costa tem seus quês de milagroso. E' possivel que os medicos illustres que o teem acompanhado exaggerassem, no primeiro momento, a severidade dos seus prognosticos, errando, como é humano, nos seus diagnosticos. E' natural que a formidavel reacção do doente ajudasse as suas rapidas melhoras. Emquanto, porém, tudo se não explicar, pela sciencia, não se desvanecerá em muitos espiritos a impressão de que na marcha do deploravel accidente, que ia victimando o chefe democratico, interveiu um factor sobrenatural.

Não tenhamos a ingenuidade de suppôr a humanidade melhor do que ella é. A terrivel noticia, que circulou no domingo á noite, deve ter alegrado algumas almas amassadas de mesquinhez e de fel. Em compensação, alvoroçou com sincera angustia um tão grande numero de corações —quantos d'elles desinteressados da politica—tão sinceros e fervorosos votos se fizeram por esse paiz fóra pela salvação do ferido, que talvez tenha sido a força mysteriosa de todos esses desejos convergentes que realisou o milagre, desmentindo as previsões da sciencia e contradictor das estatisticas.

Se havia tantos milhares de espiritos interessados, de cerebros tensos, de sensibilidades recusando-se a admittir a possibilidade de vêr Affonso Costa desapparecer n'um desastre estupido, deixem-nos acreditar que foi essa atmosphera de sympathia vehemente o sopro de cura que beneficiou o ambiente do quarto do hospital onde o enfermo entrára quasi moribundo e a carinhosa fada que operou onde os medicos cruzavam os braços n'uma impotencia forçada.

Emquanto a sciencia não explicar o caso, como ella sabe explicar tudo, tenhamos nós todos, os amigos obscuros e desinteressados de Affonso Costa, este ingenuo consolo de suppôr que contribuimos com o nosso desejo para a realisação do milagre.

André Brun.

Poeira da Arcada

Quando a Desgraça bate a qualquer porta, ninguem lhe responde. O seu modo de se annunciar precipita os ritmos dos corações descuidados, levando-os a medir seculos em alguns segundos. As pancadas são tão imperiosas, porém, que se percebe logo que ella não arredará passo, emquanto não fôr recebida. E consegue-o. Nunca ninguem obteve d'ella um gesto de renuncia, no momento em que um destino funesto tem de cumprir-se. Os olhares podem subir ao céo, mas os pés dos padecentes não se arredarão da terra, até que não hajam dado a esta o tributo de lagrimas sufficientes para se resgatarem do seu jugo.

* *

A historia presta-se a ser escripta por toda a gente, porque os factos são de sua natureza passivos, falando, portanto, ás mais differentes linguagens. Estudar, evocar ou resuscitar uma época consiste em esquecer ao passado a acção contagiosa das paixões que nos dominam. Se as sombras do nosso corpo nunca se alongam tanto que os nossos olhos as não possam alcançar, as da nossa alma vão tão longe como o nosso amor, ou tão longe como o quão largamente os historiadores teem levado o prestigio do nosso seculo!

A aviação militar

Sobe dia a dia o numero de voluntarios que desejam frequentar a escola d'aviação que—ao que se diz nas estancias officiaes — vae abrir brevemente. Hoje registamos os seguintes offerecimentos:

Armando Martins de Carvalho e Costa, 1.º cabo licenciado do regimento de infantaria 5, morador na avenida Defensores de Chaves, 2, 1.º E.; Francisco Fernandes Junior, travessa do Forno, 35, 3.º D.; João Pereira da Silva Lopes, empregado no commercio, rua do Passadiço, 8, 1.º; Augusto Stegner Marques, 2.º cabo apontador do regimento de artilharia 1, actualmente na reserva; Sericio Augusto de Mello, travessa do Meio do Forte, 1, cave, direito; Eduardo Gomes, de 19 annos, rua Gomes Freire, 108, 1.º; Edmundo de Mello, de 18 annos, travessa do Oliveira, a S. Lazaro, 16, loja; Manuel Antonio Ferreira, rua da Palma, 206, 2.º E.; Euzebio de Mello Junior, travessa do Oliveira, á S. Lazaro, 16, loja; José Barbosa Ribeiro da Costa, rua Freire, Dáfundo, 4, 3.º; Antonio Diniz Runa, rua Fernandes da Fonseca, 25, 3.º D.; João Coutinho, rua da Bempostinha, 24, 2.º; Horacio Oliveira Santos, escadinhas do Jordão, villas Eduardo, 2; Herculano Alberto d'Andrade, empregado no Collegio Nacional, rua das Pedras Negras, 24.

Este ultimo voluntario já entregou no dia 14 de junho um requerimento no ministerio da guerra, solicitando a sua admissão na escola.

UM GRANDE PROJECTO

A irrigação do Alemtejo

Segundo o padre Himalaya, a região beneficiada compensará todos os esforços e sacrificios por maiores que sejam

O rev. Himalaya, que trouxe da sua larga permanencia na America do Norte um pouco d'aquelle espirito phantasioso e audaz que escalda os cerebros «yanchees», levantou no seio da Academia de Sciencias a voz prophetica do resurgimento do Alemtejo, que elle viu através do seu coração de patriota e dos seus notaveis conhecimentos de scientista, transformado no mais luxuriante, rico e productivo vergel de Portugal.

Andavamos anciosos de encontrar o padre Himalaya para que nos dissesse por que artes magicas se dispunha a interessar os apathicos companheiros da Academia de Sciencias n'aquella patriotica iniciativa e, quando em torno d'ella os houvesse reunido e feito vibrar na mesma aspiração, qual o processo pratico para realisar, entre o Tejo e o Guadiana, o milagre de Moisés que dessedentou os sequiosos companheiros do chefe do povo eleito.

Tivemos hoje essa fortuna. De volta da fabrica de «himalayte», o illustre homem de sciencia entrava na séde d'aquella companhia. Não podia dispôr de muito tempo para satisfazer a nossa curiosidade. Gentilmente, porém, esboça a largo traço a sua idéa que procurará defender e impôr a todo o custo não só nas aggremiações scientificas, mas ainda por meio da imprensa.

—Não desisto do meu plano, diz o rev. Himalaya. Sei antecipadamente que um projecto d'esta magnitude não se leva a cabo senão depois de uma lucta demorada. Estou disposto a não ceder a nenhuma difficuldade e a esperar que passem annos sem vêr approximar-se uma possivel realisação. Clamarei sempre, constantemente, pela transformação do nosso Alemtejo, que póde e deve vir a ser o celleiro de Portugal, o horto privilegiado da nossa terra que hoje quasi deixamos morrer de sede.

—E quaes são os processos que v. ex.ª preconisa para que tal maravilha se opere, perguntámos.

—A irrigação e colonisação do Alemtejo, que me propuz resolver, não são problemas que se exponham n'uma simples palestra ou conferencia e muito menos n'uma conversa que se destina a ser condensada n'um artigo de jornal. A vastissima região, á qual é preciso levar os beneficios que a sciencia e a industria põem ao alcance do homem, terá de ser dividida em varias zonas, attendendo ás necessidades de cada uma. No alto Alemtejo, por exemplo, entendo que deve ser construido um grande deposito d'aguas, arrancadas ao Tejo. N'outros pontos o systema de irrigação será outro, conforme o estudo das exigencias locaes. Creio que se deve usar entre nós o procedimento americano...

—Os trabalhos de irrigação levariam quantias fabulosas.

—São precisamente essas emprezas que sugam capitaes enormes que justamente produzem maiores lucros. A transformação do Alemtejo, de região sequiosa e arida em terra productiva e capaz de produzir riqueza nacional, não se faz evidentemente com alguns miseros vintens. Mas tudo quanto ahi se empregue dará os respectivos resultados. Essa região pode-nos dar o que nos falta na alimentação e até produzir o bastante para que exportemos até mesmo trigo, sem que pretendamos fazer concorrencia aos grandes paizes cerealiferos. Mas temos culturas especiaes que bem podiam merecer todo o nosso carinho, compensando-nos largamente de todo o esforço que lhe dedicassemos. N'esta quadra do anno, vêem-se por ahi á venda as mais bellas primicias das nossas arvores fructiferas, que nos paizes do Norte se fazem pagar a peso de ouro. Collocar essa região em condições de produzir o preciso para as nossas necessidades e para levar ao estrangeiro, é um plano possivel de realisar e que não cançarei de defender...

O Papa e a França

As declarações do summo pontifice ao director da «Revue hebdomadaire»

O sr. Fernando Laudet, antigo secretario da embaixada de França no Vaticano e actual director da «Revue hebdomadaire», regressou agora a Paris, de Roma, onde, fez hontem oito dias, foi recebido em audiencia pelo papa.

E' nos seguintes termos que, no «Figaro» publica as suas impressões da entrevista com Benedicto XV:

Fui introduzido na grande sala da bibliotheca onde Benedicto XV dá audiencia, bem differente da acanhada saleta onde Leão XIII nos recebia sob a pressão do seu luminoso olhar. O papa veiu receber-me ao meio da sala, arrastando-me amavelmente para junto da sua secretaria que fica n'um dos extremos do compartimento e obrigando-me a sentar-me junto d'elle, sem me dar tempo a concluir as genuflexões da etiqueta.

A edade, ou talvez a supremacia do seu cargo, parece terem-lhe imprimido na physionomia angulosa uma expressão de bondade e suave tristeza que lhe adoça a severidade. Os minutos eram preciosos; não podia desperdiçal-os.

Apressei-me, pois, em expôr ao papa a profunda sensação que tinham causado em França as suas declarações ao redactor da «Liberté», exposição que elle ouviu attentamente; quando, porém, pronunciei a palavra «neutralidade», sem me dar tempo a explicar-lhe o meu pensamento, interrompeu-me com vivacidade, dizendo:

—E' preciso que a França fique bem convencida de que neutralidade não quer dizer indifferença; continuo estimando a França como ha quinze annos. Estimo a França como é natural, mas não só essa; estimo a França toda.

E como lê nos meus olhos uma surpreza commovida por aquellas palavras, pegou-me effusivamente nas mãos, dizendo-me:

—Pois chegou a pôl-o em duvida?...

—De forma alguma, Santissimo Padre, respondi eu um tanto comprometido.

A conversação proseguiu, e as palavras, os argumentos, as impressões succederam-se; queria falar e ouvir ao mesmo tempo. Deixava as phrases em meio para escutal-o, sem perder uma palavra.

«Faço tanto quanto posso fazer, disse o papa. Uma franceza escreveu-me communicando-me que seu filho, prisioneiro na Allemanha, morria de fome; immediatamente empreguei todos os esforços para que certos prisioneiros fossem internados na Suissa. Soube que os francezes tinham creado o «Soccorro nacional», instituição onde a caridade realisara a união de todos os partidos; sem demora lhe remetti o meu modesto obolo...

«Orei implorando a paz, com o pensamento unico de obter do Senhor que restituisse a tranquillidade ao mundo subvertido. O seu paiz suspeitou de mim e explicou as minhas preces como um meio de disfarçar a intenção de favorecer os desejos da Allemanha! Mas deixemos isso... Fala-me da cathedral de Reims, contra a qual os allemães continuam encarniçados. Mas logo ao primeiro bombardeamento eu encarreguei o cardeal arcebispo de Colonia de expressar ao imperador o

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 7-7-915

CHRONICA SCIENTIFICA

O frio industrial

Os resultados imprevistos alcançados no laboratorio pelo emprego das temperaturas muito baixas são muito importantes scientificamente, como já tivemos occasião de indicar, tratando do ar liquido, mas não bastam para explicar todo o interesse que a producção do frio artificial merece hoje a todos os que cuidam dos progressos materiaes, derivados do desenvolvimento mais activo de qualquer ramo industrial ou commercial. São tantas as applicações que na actualidade se fazem do refrigerador, ou se acham em via de ser tentadas, que não seria possivel enumeral-as aqui, tendo apenas cabimento para dar conta de algumas que, pela sua capital importancia, merecem ficar mais á attenção do publico. O que era, não ha muito, uma excepção, tornou-se uma quasi vulgaridade. Por toda a parte a fabricação do gelo adquiriu as proporções de uma grande industria e poderia a sua producção servir de medida para um certo grau de aperfeiçoamento e de actividade, em varias manifestações de trabalho.

Sabe-se que um dos empregos mais largamente feitos do frio, desde alguns annos, é a conservação dos generos de alimentação. As substancias animaes e vegetaes soffrem, principalmente na quadra estival, processos de deterioração, que muito as desvalorisam e tornam improprias para o consumo. As carnes dão o typo d'essas alterações, que occasionam ás vezes graves prejuizos, tanto no ponto de vista hygienico, como no ponto de vista commercial; tornando-se desagradaveis e incommodas, e tornando-se perigosas e prejudiciaes.

As temperaturas relativamente elevadas favorecem a decomposição das materias organicas; facilitam a pullulação dos germens e portanto a putrefacção. Pelo contrario, a producção de baixas temperaturas constitue, na época presente, um meio facil e economico de impedir os estragos causados pela decomposição.

A industria frigorifica, só por este lado, adquire uma expansão consideravel creando-se grandes armazens, camaras ou depositos limitados, para a preservação dos alimentos mais susceptiveis, que por esta forma teem uma conservação segura e pouco dispendiosa. Hoje não se comprehende um matadouro que não possua installação frigorifica.

Annexamente aos processos de conservação dos alimentos, figura a questão dos transportes, de que depende muito o abastecimento das grandes urbes populosas, cujo ventre insondavel absorve os milhões de kilogrammas, que mal imaginamos pela estatistica.

Em presença dos actuaes systemas de refrigeração, torna-se desnecessario acompanhar em comboios e navios as rezes que hão de ser abatidas, ás vezes á distancia respeitaveis. As camaras frigorificas a bordo dos grandes navios de carga e os vagons egualmente adaptados n'este sentido dispensam aquellas disposições incommodas, insalubres, mal cheirosas e roubadoras de espaço e passam a transportar com aceio as carnes congeladas.

Para dar ideia do extraordinario desenvolvimento attingido por este systema, diremos que nos Estados Unidos o numero de vagons munidos de refrigeradores orça por cerca de 100.000.

O frio industrial não garante sómente a boa conservação das carnes e de outros alimentos de primeira necessidade; facilita o seu transporte em grande escala e favorece d'esse modo o trafego.

As condições do peixe são ainda mais attendiveis do que as da carne, em vista da rapidez de decomposição a que aquelle está sujeito, perante as mesmas causas. Para este imprescindivel recurso de abastecimento, a industria frigorifica tem um valor e uma vantagem verdadeiramente excepcional. Sem isso, a quantidade de toneladas de peixe que se perdia! Além d'isto, os processos de conserva pelo frio facultam o alargamento de uma arte muito productiva—a pesca—que não pode restringir-se, por condições naturaes e pelas exigencias do consumo, a um exercicio costeiro, acanhado e dependente. E' necessario ir buscar ao largo o peixe que falta tantas vezes nas aguas territoriaes. Os barcos de pesca, mediante a salvaguarda do frigorifico, vão buscar o peixe a mares muito distantes e d'ahi o poder-se saborear em Paris, em tempos normaes, o pescado em aguas mauritanicas, mais abundantes no genero. A refrigeração artificial veiu pois promover um desenvolvimento consideravel das pescarias, permittindo a conservação do peixe fresco e por muitos dias até ao porto de desembarque.

* *

O que se pratica com a carne e o peixe, sob este ponto de vista, egualmente se applica ao leite, aos ovos, á manteiga, ás fructas.

E' tambem nos Estados Unidos onde se conta maior numero de depositos frigorificos, para preservação d'estes productos alimentares. Reconhecer-se-ha a importancia de esta attribuição do frio artificial, sabendo-se que a Inglaterra se abastece annualmente de mais de 80.000 toneladas de manteiga, que recebia, em grande parte, da Australia e da Russia.

Os fructos, que são objecto de um commercio consideravel em toda a parte, podem encontrar o seu mercado mais favoravel, longe do seu paiz de origem, graças ao emprego da refrigeração. D'esta fórma, não é necessario colhel-os em verde, para os exportar, visto como supportam refrigerados as contingencias de transporte, n'um grau sufficiente de maturidade.

Muitas industrias, outr'ora de uma producção acanhada, experimentaram os beneficios de uma latitude muito maior de producção e da melhoria de processo, devidos á intervenção do frio.

E' o que succede actualmente com os lacticinios e com a fabricação da cerveja, pelo emprego de apparelhos frigorificos.

* *

Não se trata hoje simplesmente de industrialisar localmente o frio, nas suas já multiplas applicações; existem installações e amplia-se o seu emprego, para operar o resfriamento a distancia, excluindo o emprego do gelo; de modo que o frio se tornou transportavel, como o aquecimento, utilisavel portanto onde quer que seja, por meio de machinas e canalisações apropriadas. A differença está em que, em vez de fazer circular a agua quente ou o vapor d'agua, que abandonam no trajecto as calorias, que possuem introduzem-se n'aquelles um liquido ou um gaz resfriado n'um apparelho especial, e que vão passar subtrahe aos corpos com que se acha em contacto, aquecendo-se, um certo numero de calorias, voltando, n'uma especie de circulação, á machina geradora, onde é de novo posto em acção. Comprehende-se a vantagem de semelhante engenho, nos sitios onde a elevação de temperatura torna a vida insupportavel ao homem. E' ainda na America do Norte que esta invenção entrou, de um modo pratico, na esphera da civilisação, havendo em bom numero de cidades onde o frio é distribuido aos domicilios, tal como o aquecimento n'outras partes.

Não ha muitos annos, esta commodidade hygienica, estacionaria deante da exigencia do custo; porém, hoje a producção economica do frio deixa realisar o ideal de uma habitação de temperatura constante, desde que se lhe possa fornecer, por tubagens especiaes, o aquecimento e o fresco. A generalisação d'esta pratica, em logares de agglomeração de pessoas, não seria um meio de tão requintado commodo, mas, como diziamos, uma necessidade hygienica, em certos paizes, para a manutenção de hospitaes, quarteis, casas de espectaculos, etc., que muitas vezes os excessos de temperatura constituem em sitios deveras desagradaveis e insalubres.

* *

As applicações indirectas do frio, com o serem de data mais recente, não teem menor importancia do que aquellas a que de leve acabamos de alludir, n'uma rapida impressão de conjuncto.

Bastaria, para prova, recordar quanto as industrias chimicas e a metallurgia exigem a activação das combustões, forçando por isso um consumo de oxigenio, que é o agente principal d'essas combustões, evitando ou compensando as perdas de calor, que o emprego do ar, pela inercia do azoto, necessariamente acarreta. A extracção do oxigenio do ar liquido, portanto, ainda pela acção do frio intenso, solucionou praticamente o problema, fornecendo, por baixo preço, uma grande quantidade de metros cubicos de aquelle gaz, o que d'antes se tornava dispendioso, pelos processos chimicos e electricos.

Para os altos fornos, a dissecação do ar comprimido pode fazer-se pelo emprego do frio, introduzindo uma vantagem economicamente apreciavel n'esse systema de fabricação do ferro.

Das numerosas applicações do frio industrial mencionamos apenas algumas que, pela sua importancia, affirmam a extensão e utilidade do processo. Deixemos de parte muitas outras, que embora de menor alcance não deixam de avolumar constantemente o numero de inestimaveis beneficios que a descoberta de Tellier multiplica dia a dia e de que participam variadissimos ramos de actividade humana.

J. Bethencourt [illegible]

ULTIMAS NOTICIAS

meu pezar e pedir-lhe para de futuro poupar os edificios religiosos. Respondeu que faria o que fôsse possivel... Sou porventura culpado de não ter sido cumprida a promessa?... Por mim, fiz quanto pude... e até muitas cousas que a França ainda ignora».

«Pergunta-me se condemno em principio as atrocidades praticadas... «Em principio» sómente, não; condemno-as em absoluto. Todos sabem que a Allemanha as tem praticado, mas eu é que não posso precisar a minha reprovação da fórma que alguns querem, porque me faltam os necessarios elementos!...

N'este momento soaram as «Ave-Marias» em S. Pedro, e o papa disse melancholicamente :

«Aqui apenas ouço a opinião de um dos grupos... E como arrependendo-se do que ia dizer, interrompeu-se para continuar depois: «Em todo o caso condemno francamente o martyrio dos pobres padres belgas e tantos outros horrores averiguados.»

O Padre Santo calára-se; por um instante os seus olhos brilhantes velaram-se n'um recolhimento profundo. Reconheci a sua immensa commoção e mais do que nunca avaliei o enorme pezo do seu cargo n'estes tempos tragicos que vão correndo.

Mas fôra ali apenas para falar ácerca do meu paiz, e mais uma vez acordei a sua benevolencia para com a França, tão digna da sua augusta attenção n'estes dias tão solemnes e tão graves. E como se n'uma só e ultima palavra quizesse reunir tudo quanto me dissera, accrescentou:

—Só espero pelo momento em que possa convencer plenamente a França da minha sympathia por ella...

E nem uma queixa, nem uma recriminação ácerca das antigas dissenções. Como era natural, as recordações do passado acudiam-me ao espirito e até quasi que aos labios, mas um justificado pudor me fazia calar e emmudecer ácerca do que já tão longe ia...

Inclinei-me e recebi, reverente, a sua benção.

Fernand Laudet

A Misericordia

A Santa Casa de Lisboa no anno economico de 1913-1914: receita, 327:976$18; despeza, 303:776$12

O rendimento da Santa Casa da Misericordia de Lisboa durante o exercicio de 1913-14 montou a 327:976$18, e a despeza a 303:776$12, tendo, pois, tido um saldo de 24:200$06. Da receita, as verbas mais importantes foram: a das loterias, 112:675$75; juros de inscripções 73:275$37; renda perpetua, 22:950$44; imposto nas carnes 22:793$26; consignação do thesouro, 16:744$46; e compensação do imposto sobre as inscripções 11:456$32. Da despeza, as verbas principaes são: assistencia infantil, 111:667$47; serviços medicos e pharmaceuticos, 33:911$82; legados e outros encargos, 81:794$75; sopa de caridade, 31:445$50; administração, contadoria e thesouraria, 14:810$42; recolhimento das Orphãs, 19:075$71; e subsidios para renda de casas 10:678$00.

Em papeis de credito possue a Santa Casa: fundos proprios 5.077:957$24, cujo valor effectivo se reduz a 2.165:754$13; e fundos consignados 10:180$00, cujo valor effectivo se reduz a 3:338$50.

No balneario para os pobres, installado na rua da Esperança, forneceu 14:061 banhos, tendo sido 7:336 simples, 4917 sulphorosos e 1778 alcalinos.

Os banhos simples, de limpeza, foram procurados por 4.110 homens, mais do dobro do numero de mulheres que os utilisaram, que não passou de 1.753; em compensação os banhos medicinaes foram frequentados por um numero de mulheres triplo do dos homens.

Em 30 de junho de 1914 o total dos expostos a cargo da Misericordia era 1389, tendo entrado durante o anno 505 e sahido 621.

Morreram 118, tendo sido 98 com a edade de oito dias a um anno; 13 de um a 3 annos; 4 de trez a dez annos; e 3 de dez a quinze annos, regulando a percentagem para os primeiros por 63,99; para os segundos 15,97; 2,75 para os terceiros; e 2,59 para os ultimos.

Durante o anno custeou a Misericordia 241 enterramentos tendo sido 76 de adultos e 165 de menores.

As refeições distribuidas na cozinha de S. Pedro de Alcantara, conhecidas pela designação da Sopa de Caridade, e que constam de sopa, um prato, e um pão, foram em numero de 466:472 rações.

A questão do Douro

O sr. Mello Barreto, deputado pelo circulo de Villa Real, que realisou, hontem, a sua interpellação ao sr. ministro dos negocios estrangeiros sobre a ratificação do tratado do commercio com a Inglaterra, recebeu hoje o seguinte telegramma do sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da commissão de viticultura duriense e da camara municipal da Regua:

REGUA, 6.—O Douro, representado pela sua commissão de viticultura, pelas suas camaras municipaes, pelos seus sindicatos agricolas, pelas suas associações commerciaes e pelos lavradores presentes á grande reunião d'esta noite, saúda v. ex.ª pela iniciativa tomada na sua interpellação ao sr. ministro dos estrangeiros e pela sua identificação com as legitimas reclamações regionaes, agradecendo o apoio dado a esta causa de justiça e aguardando a continuação dos seus bons officios, até ao triumpho definitivo.—O presidente da commissão de viticultura e da camara municipal da Regua, *(a) Antão de Carvalho*.

O desastre de Peniche

Ao ministerio da marinha continuam chegando cartões e telegrammas pelo desastre occorrido em Peniche, em que perderam a vida onze marinheiros.

O Centro José Falcão, de Paranhos, Porto, enviou tambem um telegramma. Da Aldegallega foi recebido o seguinte: «A commissão executiva da camara municipal de Aldegallega envia a v. ex.ª, na qualidade de chefe superior da armada, a expressão do seu maior pezar pelo desastre que enlutou a brava marinha de guerra portugueza.—O presidente, *Joaquim Maria Gregorio*.

Jantar de confraternisação na Trafaria

Uma commissão composta dos srs. Conceição Leitão, 1.º sargento Moreira e Sá Vianna deliberou levar a effeito um jantar no proximo dia 18, que se deve realisar na Trafaria, para todos os republicanos que foram presos em 25 de janeiro ultimo.

A inscripção faz-se na casa Sá Vianna, rua da Prata, 242.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se a questão do tratado de commercio com a Inglaterra

Preside o sr. Azevedo Coutinho que com 36 deputados presentes declara aberta a sessão ás 2,40. Comparecem os ministros do interior, justiça e instrucção. Galerias quasi desertas. Approva-se a acta e lê-se o expediente. O sr. Antonio Mantas manda para a mesa um projecto de lei regulando o pagamento dos ordenados aos professores e reclama contra a morosidade com que lhe fornecem documentos que pediu por varios ministerios. O sr. Pires de Campos occupa-se da questão do arroz. Portugal, produzindo apenas 500 contos d'esse cereal, consome-o na importancia de 3.000 contos. O «deficit» é enorme. Tudo aconselha extinguil-o porque é bem preferivel dedicar certos terrenos á cultura do arroz do que conserval-os em estado pantanoso, como até agora. Refere-se aos progressos da orisicultura nos campos do Liz e insta perante as commissões que teem de aprecial-os para que se desempenhem quanto antes d'essa missão.

O sr. ministro do interior apresenta um projecto de lei reduzindo os quadros dos governos civis e regulando a situação dos supranumerarios no sentido de as vagas que se derem não serem preenchidas por empregados novos.

O sr. Costa Junior apresenta tambem outro projecto remodelando os serviços pharmaceuticos militares e requer varias notas das despezas feitas, desde 1913 até agora, pelos ministerios da guerra e da marinha, com drogas, pensos e material, destinados ás expedições para Africa. O sr. Angelo Vaz pede urgencia para outro projecto auctorisando a camara do Porto a contrahir um emprestimo destinado á construcção de bairros operarios. O sr. Marianno Martins manda para a meza um projecto de lei amnistiando todas as transgressões até 20 de maio ultimo, que sejam do conhecimento do respectivo tribunal.

O sr. Sá Pereira lê á Camara palavras do sr. ministro da Inglaterra proferidas quando da manifestação ás nações alliadas, e palavras escriptas pelo ministro de Portugal em Londres, n'um officio que se diz existente no ministerio dos estrangeiros, palavras essas todas publicadas n'*A Capital* de 22 de junho. Crê que o sr. Teixeira Gomes não escreveu aquillo que lhe attribuem, porque do contrario elle não estaria, já de ha muito, no seu cargo. O sr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, respondendo, declara que no seu ministerio não existe nenhum officio com as palavras a que o orador se referiu e que foram insertas n'um jornal da tarde. Se ellas se encontram em qualquer documento particular, com isso nada tem. E aproveita a occasião para dizer á Camara que o sr. Teixeira Gomes é um funccionario distinctissimo, que lhe merece toda a confiança e se não lh'a merecesse, já o teria demittido.

Na ordem do dia prosegue o debate sobre a questão do Douro. O sr. Almeida Garrett, unionista, frisa, principalmente, a circumstancia de haver quem queira sustentar que o Douro nada tem a perder com a concorrencia dos vinhos do sul, e que, mesmo que isso se desse, o seu prejuizo encontraria facil compensação. Isso não é verdade, porque diminuindo a exportação dos vinhos do Douro, o mal que d'ahi adviria só podia remediar-se desde que subisse extraordinariamente a exportação do sul, que é cincoenta por cento mais barato que o vinho legitimo do Porto. Referindo-se á demarcação da zona dos vinhos generosos, affirma que sempre que ella se tem alargado a exportação e venda dos mesmos vinhos tem diminuido. O sr. Manuel Granjo saúda a presidencia e os chefes republicanos e insiste, principalmente, na circumstancia do parlamento inglez se ter recusado a votar um projecto de lei que lhe foi apresentado pelo governo, em obediencia a uma promessa exarada no tratado, o qual tinha por fim reprimir as falsificações no territorio do Reino Unido. Parece-lhe que essa circumstancia seria sufficiente para que o governo se recusasse a ratificar o tratado e n'esse sentido manda para a mesa uma moção.

O sr. Moraes Rosa principia por ler uma moção convidando o governo a ratificar o tratado por elle satisfazer os interesses geraes do paiz. Depois, affirma que só conhece o Douro atravez das notas impressivas que o jornalista Adelino Mendes em tempos publicou sobre essa provincia, parecendo-lhe, pela leitura d'essas notas, que a par da maior miseria ha no Douro uma especie de feudalismo, que torna ainda mais amarga a miseria do pobre, que não póde ser maior. Entretanto, o Douro tem sido protegidissimo pelo poder central, como o tem sido o Porto, a que se tem dado tudo. A superioridade dos vinhos do Douro impõe-se em toda a parte. Se assim é, porque se importa o Douro que seja exportado um Porto do sul?

Uma voz.—E para que quer o sul isso?

O orador cita numeros e estranha que, produzindo o Douro 20.000 pipas de vinho, consuma 15.000 pipas de aguardente e partindo do principio que na Inglaterra nem todos os *lórds* admitte que ali se venda outro vinho licoroso, que não sendo uma mixordia possa ficar ao alcance das bolsas menos abastadas. No sul ha magnificos vinhos licorosos, e se assim é porque se revolta o Douro contra uma concorrencia legal, quando todas as concorrencias illegaes desapparecem. Se o vinho do Douro não chega para o consumo da Inglaterra, porque não ha de permittir-se ao sul que faça tambem e livremente o seu negocio. Quanto á lei das falsificações, recusada pelos communs, o que ha? Espera que o sr. ministro o diga. No fundo, trata-se apenas d'um conflicto entre duas regiões. Sendo assim, pergunta: se o Douro, ámanhã, ficar por uns poucos de annos sem vinho, como se hão de manter os mercados que se manteem hoje com esse vinho. O regionalismo, tal como está a manifestar-se, é perigosissimo. Convem, por isso, affastal-o e reduzil-o ás devidas e justas proporções.

O sr. João Canavarro defende o Douro *á outrance*. O tratado, assim como está, não pode ser ratificado sem a aclaração do artigo VI.

O sr. João Gonçalves combate energicamente as pretensões do Douro e diz que elle não póde querer para si o exclusivo do fabrico dos vinhos licorosos. A Inglaterra repudiou todos os *Porto* que não fossem do Portugal. Como ha quem pense em denunciar o tratado, que para os interesses nacionaes tanto representa? Por motivos de ordem economica e politica, o governo só tem um caminho a seguir, ratificar o tratado. O sr. Paiva Gomes quer que a aclaração seja considerada como parte integrante do tratado, porque, sem ella, o parlamento não teria jámais approvado o mesmo tratado.

Referindo-se ás culturas possiveis do Douro, cahe a fundo sobre os que aconselham o cultivo, n'essa provincia, de tabaco, azeite, e até chá. Porque não alvitram tambem o cacau e o café? Quanto a falsificações, não é no Douro que ellas se fazem, mas no Porto, sem que os viticultores possam impedil-as. Deu-se á questão um aspecto regionalista demasiado irritante, com despreso dos interesses geraes. O tratado, tal como está, não serve para nada, porque não nos garantindo a marca dos vinhos do Porto, não protege nem os nossos cacaus, nem os cafés coloniaes, nem as fructas, nem nada. Entende, pois, que a Camara deve votar e approvar a moção do sr. Mello Barreto.

O sr. Alexandre Braga apresenta uma eça argumentação fundamentada, na qual se confia plenamente em que o governo quando ratificar o tratado, procurará salvaguardar todos os interesses em jogo. A discussão foi inopportuna, por não ser possivel discutir de novo nem o tratado nem a lei que o approvou.

Quiz-se impedir, com o debate, a approvação do contracto? Baldado empenho. O governo só tem um caminho a seguir—ratificar o tratado, porque para isso foi auctorisado. E mal andam aquelles que aconselham o Douro a não acatar as deliberações que o Poder Executivo tomou n'esse sentido. Quem ha que obrigue a illusão de submetter á sua vontade o Poder Executivo? Seria absurdo pensar em tal.

Diz-se que, para o Douro, mais vale denunciar o tratado do que ratifical-o. Só por desconhecimento se póde affirmar tal, visto a Inglaterra estar disposta a não consentir a venda, em territorio seu, de vinhos do Porto que não sejam produzidos em Portugal. Preferirá o Douro que os extrangeiros continuem a arroinal-o em vez de terem como concorrentes os seus proprios compatriotas? Não póde acredital-o, porque se assim fosse, era necessario acreditar n'uma ausencia de patriotismo de que o Douro não é capaz.

Todos somos portuguezes, por isso, não se pode favorecer os interesses de uns contra os outros. Além d'isso, como se prestaria, de futuro, a Inglaterra a negociar com um paiz que não respeita a sua assignatura posta n'um documento d'esta natureza? E' preciso não accrescentar á situação dolorosa em que nos encontramos outros argumentos que levem todo o mundo a dizer que não somos um paiz sério. Os interesses geraes do paiz não podem ser esquecidos. Os compromissos tomados interessam mais a todos os portuguezes que a ruina de uma região, por mais prospera que ella seja.

Que se attendam os direitos do Douro, mas quando e como for preciso. Não se póde consentir que vinhos que não sejam produzidos na região do Douro se façam passar por vinhos do Porto. Mas o governo tem meios de evitar essa fraude, acautellando a marca tradicional, defendendo-a, não consentindo que a desacreditem. Denunciar o tratado, seria provocar a ruina do Douro, porque nunca mais seria possivel negociar um tratado de commercio com a Inglaterra, melhor egual ou peor que este. Porque não protestaram a tempo aquelles que n'este momento se insurgem contra o tratado? O que é preciso é reprimir as falsificações, que se fazem no Porto.

A sessão terminou cêrca das 19 horas.

O turismo em Portugal

Concurso de hoteis

Tendo sido muito escassa a inscripção de hoteis no concurso aberto em abril ultimo nas regiões ao norte do Douro e ao sul do Tejo, resolveu a Sociedade Propaganda de Portugal abrir novo concurso entre os hoteis de todo o continente, com excepção de Lisboa e Porto, fundindo os premios para o primitivo concurso, isto é, ficando um premio de 1.000$00 para o primeiro classificado, um de 400$00 para o immediato, um de 200$00 para o terceiro e menções honrosas.

A inscripção far-se-ha no corrente mez; os hoteis serão visitados durante agosto e setembro e os que forem admittidos ao concurso terão o prazo de um anno para procederem aos melhoramentos precisos.

A todos os hoteis do continente foi já enviado o respectivo programma, sendo egualmente expedido o programma ás camaras municipaes, com um officio pedindo que envidem seus esforços no sentido de que os hoteis do respectivo concelho não deixem de tomar parte no concurso.

Marinha de guerra

O cruzador *Vasco da Gama* atracou á muralha do Alcantara para metter carvão.

O contra-torpedeiro *Guadiana* sahiu hoje a barra em exercicios de artilharia.

A revolução no Mexico

LAREDO, 6.—Na grande batalha travada entre as tropas de Carranza e as de Villa, proximo de Monterey as perdas elevam-se a 2.000 homens.—*(Havas)*.

Sport

A'manhã, no «Stadium»

O programma do espectaculo reune uma ascensão de um balão, corridas ciclistas e de motocicletas

Hoje de tarde, depois da chegada dos aeronautas hespanhoes D. Eduardo Magdalena e D. F. Rodriguez de la Torre, ficou definitivamente elaborado o programma do grande espectaculo de ámanhã no «Stadium». E' um programma interessante, que reune a *prova ensaio* do grande concurso de distancia entre balões, corridas de bicicletas e de motocicletas.

Na corrida ciclista entram os nossos melhores amadores srs. Carlos Fernandes, Antonio Christiano, Joaquim Raposo, Ramiro Madeira, João Ferreira, Victor Batalha e Floriani que disputarão duas series e uma final, cuja composição será determinada pelo jury das corridas.

Em motocicletas, effectuam-se duas provas: o *record* da volta de pista e o *handicap*, sendo aquelle obrigatorio para os que disputarem este. Sae *scratch* Innocencio Pinto, que dará o abono de 250 metros aos seus arrojados competidores Manuel Neves e Arido de Albuquer.

A ascenção terá logar das 5 ás 5 e meia da tarde, começando o enchimento do globo á 1 hora. As portas do «Stadium» abrem para o publico ás 3 e meia.

A ordem do programma é o seguinte:

1—1.ª serie da corrida Nacional em 3 voltas de pista.

2—2.ª serie da corrida Nacional.

3—*Records* de volta de pista (500 metros lançados) em motocicleta. O lançamento é feito em duas voltas de pista, sendo chronometrada para *record* a terceira volta.

4—Final da corrida Nacional.

5—Largada do balão espherico *Vizcaya*, pilotado pelo aeronauta hespanhol D. Francisco Rodriguez de la Torre. A ascenção serve de prova-ensaio para o grande Concurso Internacional de Balões.

6—Handicap de motocicletas, em 30 voltas (15 kilometros) sahindo Innocencio Pinto a 0 metros, Arido de Albuquerque e Manuel Neves a 250 metros. Premios d'arte no valor de 60 escudos.

—Os aeronautas hespanhoes assistem hoje ao espectaculo do theatro Avenida, onde serão acompanhados pelo sr. Francisco Calejo.

—O Aero Club de Portugal já providenciou para que por occasião das ascenções estejam prevenidos a majoria general da armada, soccorros a naufragos e sociedade da Cruz Vermelha.

PONTO FINAL...

O caso do "Orpheu,,

O seu director repelle toda a solidariedade com o «engenheiro sensacionista» Alvaro de Campos

Já no «Mundo» de hoje lemos uma carta, assignada pelos srs. Alfredo Pedro Guisado e Antonio Ferro, antigos collaboradores da revista «Orpheu», protestando contra a publicação de um manifesto politico de um sr. Raul Leal e contra a carta que hontem nos foi dirigida pelo sr. Alvaro de Campos. Ambos aquelles senhores declaram afastar-se da citada revista, pelo que sinceramente os felicitamos. Não reproduzimos essa carta, que tambem acaba de nos ser dirigida, visto pertencer já ao dominio publico.

Ha pouco procurou-nos n'esta redacção o proprio director do «Orpheu», sr. Mario de Sá Carneiro, que egualmente condemna o antipathico gesto do «sensacionista», pedindo-nos ao mesmo tempo a publicação da seguinte carta:

Sr. director d'*A Capital*.—Rogava-lhe muito instantemente o obsequio inestimavel de fazer notar no seu diario que a inesperada carta do sr. Alvaro de Campos hontem entregue n'essa redacção representa apenas um gesto individual e, por fórma alguma, uma manifestação collectiva do «Orpheu». Esta revista quero por minha parte que exerça uma acção exclusivamente artistica, deixando eu de a gerir no mesmo instante em que me convencesse de que por inspiração ou por veleidade d'algum dos meus camaradas ella pretendia ter, «como revista litteraria», qualquer opinião politica ou social—definitiva e collectiva. Mesmo no campo artistico não lhe admittiria uma opinião collectiva. De resto o sr. Alvaro de Campos procedeu tão individualmente que, do seu gesto, nem sequer julgou dever dar previo conhecimento a qualquer dos membros do comité redactorial do «Orpheu». Eis pelo que, sr. director, as palavras hontem insertas n'*A Capital* sobre este deploravel incidente devem, em real justiça, apenas attingir o sr. Alvaro de Campos—e por fórma alguma a revista «Orpheu» que nada, absolutamente nada, póde ter com os actos individuaes dos seus collaboradores ou dirigentes, ainda quando elles adornem ou reclamem os seus nomes com o epiteto de collaboradores d'essa revista: o que é seu direito visto serem-no de facto—mas o que tambem, em completa justiça, não póde vir crear responsabilidades a essa empreza.

Pela publicação d'estas linhas nas columnas do seu brilhante diario, confesso-me, sr. director, profundamente reconhecido.—De v., etc.—*Mario de Sá-Carneiro* director-gerente do «Orpheu».

Tambem o sr. Almada Negreiros, collaborador da revista, nos procurou hontem mesmo para verbalmente nos exprimir a sua absoluta discordancia com o sr. Alvaro de Campos, pseudonymo litterario do sr. Fernando Pessoa, o qual aos seus amigos, segundo nos referem confessou que, no momento em que escreveu a referida carta, se encontrava em manifesto estado de embriaguez.

N'estas condições, parece-nos opportuno pôr ponto final no desagradavel incidente.

O «DEFICIT» DE ANGOLA

Uma proposta... singular

De que fórma se pretende melhorar a situação financeira da provincia

O «Mundo» de hoje refere que pelo secretario geral do governo de Angola foi enviada ao ministerio das colonias a seguinte proposta:

Attendendo a que é verdadeiramente assustador o «deficit» apresentado no actual projecto de orçamento, o que certamente deve preoccupar ainda o mais indifferente, impõe-se uma medida de salvação publica, e emquanto durar a actual crise economica e financeira uma vez que não ha possibilidade de no actual momento conseguir um compensador augmento de receitas, proponho:

1.º Que nenhum funccionario possa receber vencimentos superiores a 3:600$.

2.º Que a todos os funccionarios que aufiram vencimentos superiores a escudos 1.800$ seja deduzida uma percentagem proporcional e progressiva nos seus vencimentos, fixada pelo governo central.

Começa-se naturalmente por estranhar que seja o secretario geral a fazer propostas ao ministerio, quando lá se encontra o governador. A'parte, porém, esse justificado reparo, parece-nos indispensavel que a possibilidade de tão singular disposição seja desde já desmentida pelo governo, visto qualquer pessoa, por muito ligeiramente que conheça as nossas questões coloniaes, não poder deixar de reconhecer ao primeiro relance o disparate que encerra tão singular proposta.

Que Angola tem um «deficit» permanente e relativamente elevado todos o sabem, assim como ninguem ignora que não póde fazer-se desapparecer esse «deficit» com um criterio tão simplista. O assumpto é vasto e complexo de mais para se resolver com dois artigos: exige considerações que é indispensavel attender. Discuta-se pois o orçamento, procure-se equilibral-o um pouco melhor sem medidas desastradas, e entretanto vamos tratar de fazer de Angola aquillo que em tempos se fez de Moçambique—uma colonia prospera e productiva, que seja uma obra digna de um povo progressivo e não uma enfezada provincia á mercê de todas as ingenuidades.

Noticias parlamentares

No projecto de lei que o sr. Pires de Campos levou hoje á Camara sobre orisicultura prescreve-se que se nomeie uma commissão composta dos directores geraes de agricultura, saude publica e serviços de hidraulica agricola, que aggregarão quem entenderem, para elaborar o respectivo regulamento, tendo em consideração as condições higienicas de defeza do pessoal trabalhador e povos visinhos, selecção de sementes, terrenos, adubos, etc. Em cada districto haverá uma commissão para effeito de fiscalisação. Os pedidos de licença devem ser despachados no prazo de 15 dias, havendo, em caso de indeferimento, recurso para a direcção geral de agricultura. O processo será gratuito.

Os terrenos pantanosos que adaptarem á cultura do arroz, durante 10 annos, não pagarão imposto; os outros terrenos terão essa isenção por 5 annos. Os orisicultores terão premios que consistirão na educação agricola gratuita de um filho, no fornecimento gratuito de sementes seleccionadas, reducção nos transportes dos caminhos de ferro, etc. As infracções por parte dos possuidores de licenças serão punidas com multas, e o governo realisará as obras hidraulicas nos rios ou seus affluentes onde as terras sejam proprias para a cultura do arroz. Os premios serão concedidos por concurso.

* * *

Não ha duvida. Os senhores legisladores creem que a sua principal missão é não comparecer na Camara a tempo e horas. Dão as 14, e a sala está deserta. Meia hora depois, ha vinte deputados perdidos pela sala, e ás 15, quando os trabalhos devem principiar, por mais heroicos esforços que o sr. dr. Balthazar Teixeira faça para arrancar o «quorum» da lista, tem de desanimar perante o impossivel. Hoje, então, por pouco se salvou a honra do convento, porque se não se lembram de chegar a correr uns poucos de legisladores, não havia maneira de contrariar o sr. Francisco Cruz, que por ser dos mais assiduos reclamava em alta voz que o Regimento se cumprisse. E tinha farta e abundante razão.

* * *

Mais Douro, mais vinho licoroso, mais eloquencia, mais oratoria, mais falacia e tudo isso para pouco mais de nada. O sr. Almeida Garrett foi quem abriu o fogo. Girandolas cerradas de figuras de rethorica. Dicção pausada. Cuidado escrupuloso em não se affastar do original. Os pergaminhos familiares pouco teem de que queixar-se. O sr. Granjo dispõe d'uma eloquencia sonhadora, capaz de nos deixar todos em extase. Elogios em barda. A certa altura, á força de invocações, dir-se-hia que o orador estava fazendo a chamada. Quanto a vinho do Porto, tudo na mesma. Até parece que nunca o provaram aquelles que, por via d'elle, puzeram hoje em acção as suas artes parlamentares. De contrario, teria sido bem maior a sua inspiração...

* * *

O deputado sr. Luiz Derouet requereu hoje, na sua Camara, que, pelo ministerio do interior, lhe seja concedida com urgencia copia integral do decreto que o demittiu de director da Imprensa Nacional e do que nomeou para o mesmo cargo o sr. Augusto Machado Santos, ambos publicados, por extracto, no «Diario do Governo» de 23 de março ultimo, 2.ª serie. Segundo consta, o processo referente á demissão do sr. Derouet ainda affecto ao Supremo Tribunal Administrativo é um verdadeiro poço de illegalidades, porque, além de não ter sido instaurado nenhum processo disciplinar, como se fez com o sr. Manuel Monteiro, nem sequer essa demissão consta de despacho ministerial. Foi uma simples ordem verbal do ministro, dada ao director geral da administração politica e civil que produziu todos os effeitos conhecidos...

As palavras do sr. Teixeira Gomes

O sr. Sá Pereira, deputado, perguntou hoje na sessão da Camara ao sr. ministro dos negocios estrangeiros se era verdade o sr. Teixeira Gomes ter escripto um officio com as palavras que «A Capital» lhe attribuiu. O sr. ministro dos negocios estrangeiros respondeu que não, que não havia officio algum do nosso ministro em Londres com aquellas palavras. E accrescentou que, se ellas existiam em qualquer documento particular com isso nada tinha.

Já tivemos occasião de dizer, a proposito d'uma explicação que a «Lucta» deu sobre o caso, que pouco nos importava que se chamasse «officio» ou «carta official» ao documento onde se encontram as palavras que o sr. Teixeira Gomes escreveu. Se se tratasse d'uma carta particular do nosso ministro em Londres, o sr. Freire de Andrade, que a recebeu, não a mandaria archivar juntamente com os outros documentos relativos á nossa participação na guerra. Ora, a carta, officio ou como queiram chamar-lhe já está archivada no ministerio dos negocios estrangeiros, contendo a phrase que textualmente reproduzimos e que o sr. Sá Pereira citou hoje no seu discurso da Camara.

Estes são os factos—e elles merecem bem todos os commentarios que nós fazemos.

NOTAS DIVERSAS

O movimento da Caixa Economica Portugueza no mez findo foi de 7.213.988$87 na totalidade, sendo 4.027.254$64 de entradas e de sahidas 3.186.734$23, do que resulta um saldo positivo na importancia de 840:520$41, que, addicionado ao do mez anterior, perfaz o total de 9.049.744$04.

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha.

—O sr. ministro dos negocios estrangeiros dá ámanhã recepção ao corpo diplomatico.

—Por ter ficado deserta a arrematação de generos alimenticios para consumo dos internados na Escola Central de Reforma, de Lisboa, passa a alimentação d'estes a ser feita por administração directa do Estado.

—Deve ir no proximo sabbado á assignatura o decreto exonerando o sr. Gaspar de Carvalho de official do registo civil de Terras do Bouro e nomeando em sua substituição o sr. Antonio Candido Costa.

—Foi feito convite aos sargentos da marinha classificados para empregos publicos de 3.ª cathegoria que desejem desde já ser providos no logar de ajudante do porteiro da Bibliotheca Nacional.

—Uma commissão de alumnos da 7.ª classe do liceu Passos Manuel, cortados por falta de media, estiveram hoje no ministerio da instrucção pedindo que seja publicada uma portaria que lhes consinta fazerem exame em outubro, como externos. Foram recebidos pelo chefe do gabinete, sr. Bartholomeu Severino, que ficou de expôr o assumpto ao ministro.

—O sr. dr. Teixeira de Queiroz, um dos directores da Companhia das Aguas teve hoje uma conferencia com o sr. governador civil a proposito da falta de agua na cidade.

PEQUENAS NOTICIAS

A casa Paulo Guedes & Saraiva, da rua Aurea, 76 a 80, lançou no mercado quatro bilhetes postaes allusivos aos acontecimentos de 14 de maio.

—Em Ponta Delgada começou a publicar-se o «Archivo da Camara Municipal de Ponta Delgada», repositorio dos actos da camara e de varios documentos que a vida municipal interessam.

—Isabel Maria, moradora em Caneças, queixou-se á policia de que lhe subtrahiram uma trouxa com roupa no valor de 59 escudos, que tinha no cubiculo do guarda portão do predio sito na Avenida Miguel Bombarda, D. S. Tambem Adelaide Ribeiro, residente na rua Luciano Cordeiro, 36, 1.º, se queixou de que da residencia da sr.ª D. Maria da Conceição Macieira Barreiro, actualmente no Monte Estoril, desappareceram differentes objectos no valor de 62 escudos.

—No praia-mar da manhã foi arrojado ao caes da Fundição o cadaver d'um individuo cuja identidade se ignora. Foi removido para a Morgue.

—A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 15 á 16 e meia horas, o seguinte programma: *Entre Xumberas*, marcha, Penella; *Ouverture Symphonica*, Fão; *Sigurd Jorsalfar*, suite, Grieg: N.º 1, *Vorspiel*, N.º 2, *Intermezo*, N.º 3, *Huldigungs marche*, Grieg; *Rapsodia em fá*, Liszt; *Eva*, selecção, Lehar; *Rapsodia da Serra do Pilar*, Moraes.

—Na enfermaria numero 4 do hospital de S. José deu entrada Marcalo de Sousa, de 19 annos, palheiro, morador na calçada do Olival, 10, 1.º, que no Barreiro tentou suicidar-se, dando um tiro no peito.

Dr. Affonso Costa

O eminente homem publico mantem-se no mesmo estado

A's 18 horas, o sr. dr. Affonso Costa, junto de quem se encontrava o sr. dr. Salazar de Sousa, mantinha-se no mesmo estado. O eminente homem publico repousava a essa hora.

De todas as terras do paiz foram recebidos inumeros telegrammas pedindo noticias do estado do illustre enfermo.

O guarda fiscal 176, Affonso Monteiro, acompanhado por sua mulher, foi ao hospital offerecer ao chefe do partido democratico um lindo ramo de flôres naturaes.

Entre os telegrammas chegados hontem figura um do sr. dr. Duarte Leite.

O conselho escolar da escola de musica do Conservatorio approvou por unanimidade uma moção apresentada pelo director, lamentando profundamente o desastre de que foi victima o sr. dr. Affonso Costa, e fazendo votos pelo seu completo e rapido restabelecimento.

Em consequencia do pedido feito pela policia, o chefe Murtinheira ouviu hoje varias pessoas que seguiam no carro incendiado, entre as quaes o individuo que travou o carro. Esse individuo declarou que o guarda-freio não fugiu, mas entrou para dentro do vehiculo. O chefe Murtinheira recebeu um officio da repartição das industrias electricas, participando que se está ali fazendo um inquerito e que em breve irá examinar o carro. Tambem recebeu um officio do administrador de Oeiras, participando que a senhora que ficou chamuscada não é ali conhecida. As diligencias policiaes continuam.

O CAMPEONATO DE BALÕES

A chegada dos aeronautas hespanhoes

Duas horas e vinte minutos... Um silvo estridente e logo depois uma espessa nuvem de fumo annunciam a chegada do rapido de Madrid.

Na «gare» é aguardado por algumas dezenas de pessoas que, embora formando varios grupos, discutem o mesmo assumpto e estão ali para um mesmo fim. São jornalistas, delegados de clubs sportivos, simples amantes do «sport» que vão ao encontro dos aeronautas hespanhoes que se propõem disputar o sensacional concurso de Balões Esphericos, organisado pelo Aero Club de Portugal.

As apresentações fazem-se espontaneamente, porque entre os que veem e os que estão não existe senão o conhecimento feito atravez da propaganda de um ideal. Mas, immediatamente, uma voz exclama:

—E Ferrer? Ferrer não vem?

Sim, Ferrer, o piloto destemido que, ao mesmo tempo, occupa as funcções de redactor sportivo do «Heraldo», não faltará tambem ao arrojado campeonato de domingo, no Stadium. Mas chegará só depois de ámanhã, sexta-feira, porque, tendo sido nomeado thesoureiro da Escola de Aviação em Madrid, ficou ainda em Hespanha para conferenciar com o ministro do fomento sobre assumptos que se prendem com as suas novas attribuições. E a conversa logo cahe sobre a fé que todos alentam pelo futuro da aerostação, sobre as difficuldades, verdadeiros escolhos, que dia a dia se veem eliminando e, finalmente, sobre a parte brilhante com que cada um dos aeronautas presentes tem contribuido para esse triumpho.

D. Eduardo Magdalena é um dos pilotos que chegaram. Governará o balão «Viscaia» que tem de capacidade novecentos metros. D. Eduardo, o mais antigo dos pilotos hespanhoes, apparenta ter pouco mais de trinta annos e um fato de alpaca cinzenta, com casaco justo e cintado, modela a sua construcção forte e resistente. Sob o bigode ruivo, tratado á americana, brinca-lhe constantemente um sorriso, se bem que, por vezes, alluda aos momentos tragicos que tem atravessado, a mais de mil metros de altura, no espaço azul de turqueza ou negro como uma immensa mancha de tinta.

—A aerostação em Hespanha acha-se muito desenvolvida?

—Sim, muito desenvolvida, principalmente a aviação militar. Temos 40 aeroplanos e 89 balões esphericos, um dos quaes dirigivel—diz-nos com enthusiasmo D. Eduardo Magdalena.

—E quaes são os governos que mais teem contribuido para esse progresso?

—Oh! não, não teem sido os governos que teem tomado a iniciativa da aerostação em Hespanha. Ella deve-se, sobretudo, ao «sport», devendo ao Real Aero Club os seus melhores triumphos.

Achamos opportuno fazer aqui um cumprimento ao distincto aeronauta. Sabemos que foi elle, com Jesus Duro, de quem teve a felicidade de ser discipulo, um dos fundadores do Real Aero Club. D. Eduardo Magdalena refere-se, a nosso pedido, ás suas viagens aereas.

—Desde 1906 que sou piloto e, de então para cá, tenho feito umas cincoenta ascensões...

—E algumas perigosas?

—Sim, algumas um tanto difficeis, pelo menos. Por occasião de uma ascensão que fiz em Valença, tive de luctar com as furias de uma grande tempestade, durante uns trez dias. Perigoso, sim, mas grande, impressionante. Não calcula o effeito produzido, a cima de mil metros de altura, pelo ribombar do trovão, quanto é espectaculoso o clarão intenso da faisca...

—E a sua ultima ascensão?

—Foi em Granada e fui cahir em Sierra Nevada, tendo ensejo ahi de disfructar um grandioso panorama. Foi apenas uma viagem de quatro horas.

—E ágora aqui em Portugal... as correntes atmosphericas não o assustam?

—Sim, sim, o vento, ... mas elle só nos poderá ser prejudicial na altura dos trabalhos preparatorios. Depois, não terá na viagem mais influencia.

Uma ultima pergunta porque os seus collegas estão a reclamal-o:—Que nos diz sobre a Alfandega?...

—Ah! A Alfandega de Lisboa quantas difficuldades oppoz á nossa viagem. Exigiu um deposito de mais de trez contos de reis e, emfim, formalidades que não parecem mostrar da parte dos poderes publicos que as estabeleceram grande sympathia pela aerostação.

—Tem razão, mas são defeitos que veem de longe e que não houve tempo ainda para vencer.

Mais um cumprimento de boas vindas, e agradecimento por esta palestra e despedimo-nos do sympathico aeronauta, com a promessa de que, no proximo domingo, o acompanharemos na viagem atravez... espaço incognito.

Os aeronautas hoje chegados a Lisboa são os srs. D. Eduardo Magdalena, como já referimos, e D. Rodrigo de La Torre.

Com elles vieram os chefes do Parque Aerostatico que ostentavam nos «bonets» e na lapela o distinctivo.

O sr. de Prueda virá ámanhã directamente de Madrid.

Na «gare» via-se o sr. coronel Hermano de Oliveira, presidente do Aero Club de Portugal e da Commissão de aviação militar, bem como outros membros da direcção e socios d'aquella collectividade.

A grande guerra

Um allemão que accusa os seus compatriotas de fautores da guerra

PARIS, 7.—A imprensa europeia occupou-se já e por varias vezes d'uma obra importante, publicada em allemão, em Lausanne, e cuja authenticidade e sinceridade é garantida por um suisso respeitavel, o dr. Anton Suter.

O auctor declara no epilogo que é allemão recto e incorruptivel, que não foi comprado e não se vende e escreveu esse livro positivamente porque ama o seu paiz. O livro intitula-se *Accuso!* N'elle define o seu auctor primeiramente a pesada responsabilidade do chanceller Bethman Hollweg que cedeu ás sollicitações imperiosas do kronprinz e da camarilha dos *junkers* pangermanistas que monopolisam os cargos civis e militares. A Allemanha queria ter a hegemonia continental graças á abstenção da Inglaterra, e d'ahi arrogar-se um dominio colonial duradouro á custa da Gran-Bretanha. E' sua opinião que o *livro branco* allemão e o *livro vermelho* austriaco são o auto de accusação mais energico que contra a Austria e a Allemanha se possa formular. Accrescenta que os dois imperios alliados não podem já contar com a victoria; quanto mais tempo durar a embriaguez mais funestas serão as consequencias para o povo allemão, mais horroroso será o despertar. Tal é o grito de alarme que um allemão perspicaz lança á face do seu paiz.—*(Havas)*.

A situação na França e na Belgica

PARIS, 7.—Communicação official das 15 h. Na região ao norte de Arras o bombardeamento continuou durante toda a noite. Foram repellidos dois ataques allemães feitos por fracos effectivos contra a estação de Souchez. Nas collinas do Meuse cerca das 21 horas, foi detido pelo nosso fogo de barreiras um novo ataque allemão contra as nossas posições da crista ao sul do barranco de Sonvaux. Os allemães atacaram ao mesmo tempo a oeste d'esta crista, onde foram egualmente repellidos. A sueste de S. Mihiel o inimigo, depois de um bombardeamento de extrema violencia, tomou esta noite a offensiva na linha que se estende desde a collina que domina a margem direita do Meuse, ao sul de Ailly, até ao local denominado *Tete de Vache* na floresta de Apremont.

Em um só ponto na região de La Vaux Fery conseguiu penetrar na nossa linha, n'uma extensão de cerca de 100 metros. No resto da linha foi em toda a parte repellido com enormissimas perdas. Na parte leste do bosque Le Pretre, entrávamos uma nova tentativa de ataque allemão precedida de lançamento de liquidos inflamaveis. No resto da linha nada occorreu digno de menção.—*(Havas)*.

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 1.—Official.—No Caucaso ao sul da cadeia de montanha Charian Dag derrotamos as forças inimigas, infligindo-lhes grandes perdas. A offensiva turca a oeste de Oklavat mallogrou-se. Um navio russo afundou um navio turco.—*(Havas)*.

O aggressor de Morgan apparece morto

NEW YORK, 7—Holt, o aggressor de Morgan, foi encontrado morto na sua cella. Parece ter-se suicidado com um tiro de revolver.—*(Havas)*.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 3/8	36 1/4
Londres, 90 d/v.	36 13/16	—
Paris, cheque	$73,2	$73,8
Allemanha, cheque	$27	$28
Hollanda, cheque	$54	$55
Madrid, cheque	1$25	1$29
New York	1$37	1$38,5
Rio s/Londres	12 5/8	—
Libras	6$55	6$66
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,55	—
» » 500$	—	39,45
» » 100$	39,55	39,55

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 21$90; 5 0/0 1909, 80$.

Externas: 1.ª serie, 71$70.

Acções: Banco de Portugal, 175$50; Lisboa e Açores, 114$. Ultramarino, port. 108$ e 11 $70 port c/j; Assucar 39$80; Phosphoros, coup. 55$.

Obrigações: Ambacas, 89$50.

SPORT

Algumas anecdotas

O que diabo será uma «velada»?

Um jornalista sportivo annunciou que entre as festas que se realisariam em homenagem dos aeronautas hespanhoes que chegaram hoje a Lisboa, se effectuaria uma *velada* na sala d'armas Carlos Gonçalves. A palavra *velada* desnorteou todos, mestre, esgrimistas e amigos. Houve reunião para a decifrar. Era uma *novidade* no sport. Que seria?

—Que diabo quer dizer isso?

—Não sei.

A decifração da charada foi dada, porém, por um amigo do jornalista e jornalista tambem de *sport*.

—A coisa é simples...

—Ora essa...

—E' uma festa á luz das velas...

A gargalhada foi geral e de resto ficaram todos como antes.

Noticias

Entre nós

Corredores de motocicleta

Nas ultimas corridas do Velodromo, o corredor Innocencio Pinto, que é um maravilhoso mechanico, tem ganho invariavelmente todas as provas. Houve quem attribuisse o facto á sua moto, como melhor e de mais força do que as outras. Para evitar essa má opinião, amanhã já Innocencio Pinto dá avanços de 250 metros aos seus mais directos competidores, Arido de Albuquerque e Manuel Neves. A empreza do Velodromo, porém, não se contenta com tão pouco e resolveu adquirir machinas eguaes em força.

Escoteiros de Portugal

A instrucção dos escoteiros do grupo n.º 9 tem continuado com actividade.

No dia 27 de junho tiveram exercicio na Tapada da Ajuda. As patrulhas do «Lobo» e do «Veado» partiram da praça Marquez de Pombal cêrca das 7 horas com um intervallo de 29 minutos. Escolhido o local do bivaque e armadas as tendas procedeu-se a diversos exercicios, na execução dos quaes todos os escoteiros se evidenciaram pela sua boa vontade de se instruirem. Regressaram ás 16 horas. No domingo, 4 do corrente, estiveram no Jardim Botannico desde as 14 horas até ás 15,30, exercitando-se em marchas e formaturas. Do Jardim Botannico dirigiram-se para o campo de jogos do lyceu Pedro Nunes, onde assistiram ás provas finaes das Sociedades de I. M. P. n.os 15 e 26. Fizeram tambem ahi algumas demonstrações.

Este grupo vae encetar uma forte propaganda no sentido de chamar a esta causa valiosos elementos que lhe podem ser uteis e a quem não falta boa vontade de concorrer para o desenvolvimento phisico, intellectual e moral do seu paiz.

Procura que seja ministrado aos escoteiros o ensino das diversas especialidades que elles podem e devem aprender. Já conta com algumas adhesões. As especialidades são: enfermeiro, aviador, cesteiro, apicultor, ferreiro, barqueiro, corneteiro, carpinteiro, cozinheiro, ciclista, vaqueiro, electricista, engenheiro, lavrador, bombeiro, ferrador, jardineiro, cavalleiro, interprete, engommadeiro, correeiro, atirador, esgrimista, pedreiro, metallurgico, mineiro, servente de hospital, musico, naturalista, guia, piloto, photographo, sapador, canalisador, avicultor, typographo, geologo, salva-vidas, pescador, astronomo, signaleiro, conductor de obras, nadador, alfaiate, funileiro, telegraphista, tecelão, pharoleiro e rachador.

As pessoas que desejem prestar a esta obra o concurso das suas aptidões podem fazel-o dirigindo-se á séde, travessa do Carmo, 11, 2.º, por carta, ou pessoalmente, todas as noites.

Tendo o sr. tenente Batalha, da Sociedade de I. M. P. n.º 9, accedido obsequiosamente ao pedido que lhe foi feito, já no domingo passado um dos escoteiros recebeu instrucção de corneteiro em conjuncto com o terno da sociedade. No proximo domingo receberão instrucção o tambor e o corneteiro d'este grupo.

O actual effectivo é de 26 escoteiros.

Durante esta semana devem comparecer na séde todos os candidatos a escoteiros que ainda não foram chamados.

Na quinta-feira, comparecerão tambem na séde todos os escoteiros devidamente uniformisados e equipados.

Na séde prestam-se todos os esclarecimentos sobre a admissão de novos socios. A quota mensal é de 10 centavos.

O novo bairro da Penha de França

é construido pela Santa Casa, em obdiencia ás disposições testamentarias d'uma senhora

A Santa Casa da Misericordia está pondo em pratica as disposições testamentarias da bemfeitora d'aquella instituição D. Carolina Picaluga Paiva de Andrade, respectivas á construcção d'um bairro em uma propriedade na estrada da Penha de França, destinada a moradia gratuita de pessoas pobres. O bairro constará de 21 casas com dois compartimentos, 3 com dois, e 2 com quatro.

Logo que este bairro esteja concluido, iniciará a Santa Casa a construcção de outro, cujas casas serão alugadas mediante rendas modicas, constando de 6 com dois compartimentos, 16 tambem com dois mas de maiores dimensões, 11 com trez, 14 com quatro, 24 com duas no rez do chão e duas no primeiro andar, e 50 com quatro no rez do chão e quatro no primeiro andar. Ao todo 121 casas.

Haverá no bairro uma cosinha que preparará uma sopa diaria para ser fornecida aos habitantes das casas gratuitas, como determinou a generosa doadora; um edificio para escolas dos dois sexos, podendo cada uma comportar 40 alumnos, e um lavadouro com logar para 22 pessoas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Para continuação de trabalhos, reúne a assembleia geral na sexta-feira, ás 20 e meia horas. Vae ser distribuido um folheto impresso com o titulo «Luz e Justiça».

MUSICA

Concerto Julio Silva

No salão nobre do theatro Nacional realisa-se depois d'ámanhã, ás 21 horas, um concerto promovido pelo professor de guitarra sr. Julio Silva, com o concurso do baritono amador sr. D. Ascenso de Siqueira Freire (S. Martinho) e dos artistas madame Rilla Camara e srs. Julio Camara, Francisco Benetó, Alberto Sarti e José Loriente. O jornalista sr. José Simões Coelho dirá versos, o promotor executará solos de guitarra e D. Ascenso de Siqueira Freire, além da «Ave Maria», de Tolsti, de «Musica proibita», de Gastaldon, e do monologo da opera «Gioconda», cantará dois fados acompanhados á guitarra.

A inauguração de variedades no Colyseu dos Recreios

O Colyseu reabre no proximo sabbado com uma excellente companhia de variedades, que deve chamar ali enorme concorrencia, pois veem grandes celebridades artisticas de fama adquirida.

Apresentar-se-ha pela primeira vez ao nosso publico o celebre artista portuguez Julio Villar, comediante parodista, o mais celebre no seu genero que tantos triumphos tem alcançado no estrangeiro.

Touradas

Campo Pequeno—Na festa de Jorge Cadete, que se realisa no proximo domingo, além do grupo de forcados, composto de amadores de Santarem, dos cavalleiros Casimiros e dos amadores Jayme Cadete, D. Carlos e D. Antonio Mascarenhas, haverá o toureio a duo por José Casimiro e Jorge Cadete, trabalho de grande luzimento que causa sempre enthusiasmo. Accresce ainda que a direcção está a cargo do cavalleiro-amador João Marcellino d'Azevedo e os touros pertencem ao ganadero Francisco da Silva Victorino, o que é mais uma garantia de exito.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Marido com sorte.
POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.
EDEN — A' 20 1/2 e 22 1/2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Rotirana — Revista.

Agenda da semana

HOJE — *Avenida* — Primeira representação de *Marido com sorte*, de Keroul e Barré, traducção de Alberto Barbosa.

Eden — Recita dos auctores do *O diabo a quatro*.

Ao correr da penna

Nem a recita do Eden é a primeira festa de homenagem dos auctores do «Diabo a quatro», nem a peça do Avenida é a primeira a que se liga o nome de Alberto Barbosa. Todos quatro estão habituados a sensações semelhantes. No emtanto, porque são meus amigos, porque aprecio o talento e as faculdades de trabalho de todos elles, aqui lhes significo a minha amizade e o meu apreço, desejando aos trez primeiros uma festa cheia de applausos e de resultados praticos, ao ultimo que o seu trabalho seja recebido com o agrado de que é merecedora a figura sympathicamente modesta e despretenciosa do traductor dos «Maridos com sorte».

Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, n'uma união que hoje assenta em bases solidas e logicas, veem travando ha annos uma serie de combates onde as estrondosas victorias abundam e onde teem sabido provar superabundantemente que não ha generos inferiores, quando sejam tratados com talento e com as qualidades technicas proprias e necessarias. Alberto Barbosa, por sua vez, tem sabido associar-se a successos, que o puzeram em destaque. N'este penoso, quasi doloroso mister de divertir o seu semelhante, todos elles fizeram o seu nome por um esforço persistente. Sei-o bem que os tenho acompanhado com o coração, alegrando-me de os vêr triumphar e tendo feito sempre os mais sinceros votos por esse triumpho. Hoje mais uma vez lhes envio a expressão da minha camaradagem e da minha amizade pessoal.

Cyrano

Noticias

Entre nós

Estreia-se hoje no Porto com a «Visinha do lado» a «tournée» Mendonça de Carvalho.

—Intitula-se «A mola real» a comedia em que está trabalhando André Brun e que se destina á futura época do theatro do Gymnasio.

—Ao que parece será representada este verão no theatro Politheama a farça militar «Les dégourdis de la 11.eme».

No estrangeiro

Parte da companhia da Comedia Franceza realisou uma serie de recitas em Genebra.

—No Conservatorio de Paris tem-se effectuado como de costume os exames finaes, muitos concorridos pelo elemento feminino.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão *Foz*, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate. Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Um discurso de lord Curzon

«As forças dos alliados augmentam e as do inimigo diminuem

Londres, 2 de julho

Apresentando um projecto de lei ácerca da fabricação de munições, pronunciou lord Curzon o seguinte discurso:

«Creio que o paiz já comprehendeu perfeitamente que luctamos pela nossa existencia, e que só concentrando todas as nossas energias e todos os nossos recursos poderemos alcançar o desejado fim. Tivemos que modificar os nossos methodos d'organisação e para isso o melhor que podiamos fazer era seguir o exemplo dado pela França, a nossa valente alliada.

«Começou esta a guerra com uma determinada reserva de munições; pois apesar de grande parte das suas provincias industriaes estar em poder do inimigo, mantem ainda a sua reserva, montando um admiravel sistema de organisação de operarios profissionaes e trabalhadores por todo o paiz.

«Tenho a certeza, concluiu o orador, de que a resolução do nosso paiz de fórma nenhuma será abalada; é preciso accentuar bem que as forças dos alliados augmentam, ao passo que as do inimigo diminuem e que ainda antes do fim do anno terão os alliados decisiva vantagem tanto em homens como em munições.»

E lord Curzon accrescentou: «Uma apreciavel melhoria e grande accoleração na producção de munições se manifestará dentro em pouco, mas logo que tudo esteja definitivamente organisado, o que será ainda este anno, ficaremos em condições de satisfazer não só ás necessidades proprias, como tambem ás dos nossos alliados mais largamente do que o fazemos agora. 46:000 homens se alistaram já no exercito industrial das munições, mas ha logar para muitos mais ainda, e o governo está certo de que muitos outros virão a alistar-se.

Os homens de sciencia já prestaram o seu concurso e os srs. Asquith e Balfour pensam em dirigir-lhes novo appello».

A camara votou o projecto, que immediatamente foi transformado em lei.

NATURISMO

A Dieta Entrophica

Para se viver conforme a verdade, não se devem comer senão os alimentos que a Natureza nos destinou. O homem é um animal frugivoro. Todos os zoologos, desde Cuvier e Milne-Edwards e todos os philosophos, desde Pitagoras a Darwin, demonstram á saciedade ser o homem frugivoro. Resta agora adaptar os habitos adquiridos e erroneos á justa ração alimentar. Quem esteja acostumado á Dieta Ignea e sangrenta tem dea pouco e pouco ir abandonando os excitantes. Uma refeição de fructa a principio, depois duas e, mais tarde, trez. Convém abandonar o café, o chá e o chocolate, depois, segundo, a carne e o peixe; mais tarde, terceiro, o leite e os ovos. N'esse periodo, então, é conveniente ser vegetalino: muitos vegetaes cosinhados com saladas cruas a uma refeição, e, a duas outras, fructas e nozes. O organismo, pouco a pouco, se habitua. O que é fundamental é ir diminuindo o sal até o extinguir. Só á custa de sal, o elemento mais perturbador das secreções, é que se podem digerir as carnes. O succo gastrico dos frugivoros não tem acido cloridrico—este acido é formado pela ingestão do cloreto de sodio (sal das cosinhas). A prova de que o sal do mar não é para o homem é que ninguem pode beber (senão por esforço) a agua do Oceano.

Demais, o sal é a causa de todas as inflammações e irritações, pois que o soro do sangue carregado de sal, desvirtua as cellulas e altera-as.

Vence-se o sal usando o limão e applicando-o nos vegetaes cosinhados com azeite sem acidez. Tempos depois pode viver-se de alimentos sem fogo, desde que se aprenda a mastigar demoradamente, se leve uma vida simples, sem excitações, e se tomem banhos de ar, sol, luz e agua, assim como se faça o exercicio e se tenha o repouso conveniente.

Só a dieta pura purifica o corpo.

Porto, (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Louise

Inquieto. Manda já noticias.

Movimento maritimo

Destino / Navio	Dia
Madeira, Brazil, R. Prata, «Amazon»	7
Vigo e Inglaterra «Araguaya»	7
Brazil e R. da Prata «Etna» (Amest)	8
Rio de Janeiro e R. Prata «Alm. Zédé»	8
Pará e Manaus «Antony» (Liverpool)	9
Rio Janeiro Santos e R. Prata «Desna»	10
Liverpool «Lanfranc» (do Pará)	12
Brazil e Rio da Prata «Gelria»	12
Africa oriental «Clan Gordon»	12
Africa occidental «Cazengo»	13
Africa oriental «Comrie Castle»	14
Brazil, R. de Prata e Pacifico «Orissa»	14
Brazil e Rio da Prata «Samara»	14
Amsterdam, etc. Frisia» (do Brazil)	15
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv)	15

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

zador inglez estava na bahia e os turcos ficaram sabendo que a sua corveta seria mettida no fundo se um unico soldado desembarcasse. Desappareceram.

Mais tarde, a corveta voltou, trazendo um alto dignitario turco, portador d'uma carta ameaçadora dirigida pelo sultão a Mubarak. De novo interveiu um cruzador inglez e em resultado d'esse auxilio o sheik ordenou á corveta que se fizesse ao largo. Então os turcos incitaram Ibn mitado pela grande e pantanosa ilha de Bubian. Por detraz d'esta ficam Khor Abdullah e Khor Zobeir, que penetram muito no caminho para Basra. Os allemães, ao que parece, pensaram em que se fizessem o terminus em Khor Abdullah ficariam n'um logar a coberto de qualquer ataque. Infelizmente para elles, surgiram difficuldades.

Mubarak invocou a sua jurisdicção sobre um ponto a 32 kilometros a noroeste d'esse porto.

Cossacos siberianos disparando uma metralhadora

Rashid a atacar Koweit e só o auxilio de trez cruzadores inglezes, como já dissémos, salvou a cidade de ser posta a saque.

Depois, os allemães serviram-se dos sobrinhos de Mubarak, que estavam exilados em territorio turco. Sahiram de Shatt-al-Arab com uma flotilha de navios indigenas, para tomarem Koweit, mas a flotilha foi dispersa por uma canhoneira ingleza. Os planos para tomar Koweit, á força foram abandonados.

Um novo processo foi instigado pelos allemães. Os allemães haviam, no emtanto, descoberto um ponto que podia servir para terminus. O lado norte da bahia de Koweit é li- Era tambem senhor indiscutivel de Bubian, que dominava a passagem para o mar. Os seus direitos foram desrespeitados e postos turcos se estabeleceram em varios pontos dentro do seu territorio, incluindo a ilha de Bubian.

A embaixada ingleza em Constantinopla estava n'esse momento excessivamente inactiva. Um incidente que se deu n'uma entrevista entre o rei Eduardo e o imperador allemão contribuira para isso. O imperador falou em Koweit, assumpto em que tinha fundo e directo interesse. O rei Eduardo tinha algumas notas escriptas n'um pedaço de papel. O im-

N'esta scena de relativa passividade surgiu o fallecido Midhat Pachá e foi com a sua apparição que começou realmente a moderna aggressão turca no golpho Persico. Midhat Pachá era homem extremamente habil e energico e nos ultimos annos incorreu no inexoravel odio do sultão Abdul Hamid porque fôra o auctor da primeira constituição turca. Pagou as suas idéas liberaes com a vida, sendo preso e ao que se suppõe assassinado em Taif, na Arabia, em 1883.

Fôra feito vali de Bagdad em 1869 e nos ultimos annos do seu poder tratava de estender a influencia turca no golpho Persico. Começou por estabelecer intimas relações com Koweit. Depois navegou pelo golpho, desembarcou uma força na costa de El Hasa, conquistou as tribus arabes e transformou a região n'um sandjak turco. Em seguida appareceu com a sua flotilha em frente da ilha de Bahrein, que «annexou», procedimento que não agradou ao governo inglez.

Pretendeu tambem exercer influencia na peninsula de El Katar, mas a Inglaterra recusou-se a reconhecer as suas pretenções. O governo de então, comtudo, acceitou e reconheceu a sua conquista de El Hasa, resolução que nos ultimos annos houve motivo demasiado para deplorar. A Inglaterra nunca teve territorio algum no golpho Persico.

Midhat Pachá foi chamado a Constantinopla em 1873 e nomeado gran-vizir. A actividade que elle fizera nascer em todas as localidades em redor de Bagdad depressa morreu e os turcos poucas perturbações causaram, relativamente, até que a influencia allemã que começou a manifestar-se no Corno-de-Ouro os estimulou a novas conquistas.

Collocaram um batalhão com alguns canhões em El Hofuf, cidade no oasis d'esse nome, que é considerada como capital de El Hasa. Tinham uma pequena guarnição no seu porto de El Katif e outra em Ojeir, na parte avançada da enseada de Bahrein. Essas tropas mantinham a soberania turca até onde chegava o alcance das suas armas, não mais longe. Recebiam tributos periodicamente, sem muitos vexames, devido á pequenez do seu numero. Em El Katar a presença dos turcos apenas se revelava por uma pequenissima força na cidade e porto de Bida. Nunca iam além das muralhas da cidade. Se assim não fizessem, seriam trucidados pelas tribus que repelliam altivamente o dominio turco. Para as populações do golpho Persico os turcos eram considerados como nocivos.

A situação foi mudando gradualmente apoz a ascensão ao throno do imperador Guilherme II. A Allemanha seguiu novas formulas de politica mundial e induziu a Turquia a alliar-se com ella. A primeira visita do imperador a Constantinopla em 1889 mostrou o desabrochar do schema do poder pan-germanico que se tornou conhecido em Berlim pelas iniciaes B. B. B.—Berlim-Bysancio-Bagdad—. Depois da guerra rebentar, um professor, preleccionando em Berlim, disse que o poder da Allemanha póde resumir-se na seguinte formula geographica—«Mar do Norte, Constantinopla, Bagdad, Oceano Indico»—. Uma outra definição favorita, attribuida ao proprio imperador, era: «uma cunha allemã alcançando de Hamburgo ao golpho Persico». O Banco Allemão tinha adquirido já a fiscalisação dos caminhos de ferro da Turquia da Europa e a locomotiva era o principal meio de dilatar a influencia allemã no Oriente Central.

O schema era grandioso. Era tambem a muitos respeitos excessivamente vago. Talvez devesse a sua origem em parte a ter sido traçado por von Moltke, que na mocidade, quando addido ao exercito turco, havia atravessado a Anatolia, estivera ás portas de Cilicia, percorrera o valle da parte superior do Euphrates e sonhára com o que seriam essas ferteis regiões no dia em que n'ellas penetrasse a civilisação.

O marechal von der Goltz Pachá, que em 1883 começára já a reorganisação das forças militares turcas, contribuiu tambem para que se arreigasse mais e mais esse plano. A

idéa de que o soldado turco póde ser utilisado como uma arma nas mãos da Allemanha estava destinada a dar extraordinarios fructos.

Pelo lado financeiro havia grandes lucros a auferir, porque a Allemanha de nada fornece a Turquia sem levar altos, mesmo excessivos preços. O projecto de fundar colonias agricolas allemãs na Asia Menor para o excesso da população da Allemanha não era nada pratico e fôra já posto de parte. Uma raça europeia altamente civilisada, procurando tirar a subsistencia da terra da Asia, não seria respeitada pela população indigena. Mais attrahente era o sonho de ter a fiscalisação e a administração das ferteis planicies do baixo Euphrates e do Tigre, fazendo d'ellas o celleiro do mundo.

Os objectivos dos allemães eram, por isso, até um certo ponto economicos, mas, acima de tudo, politicos. Precisavam de construir um grande troço de caminho de ferro do Bosphoro ao golpho Persico, com um porto n'este ultimo como terminus. Onde quer que esse porto fôsse devia ser uma fortaleza allemã. E na sua retaguarda devia haver um exercito sob a influencia allemã, pois serviria mais tarde de logar de escala para a India.

O projecto do caminho de ferro de Bagdad caminhava muito vagarosamente. No anno anterior á primeira visita do imperador ao sultão Abdul Hamid, uma companhia allemã, tendo atraz de si o Banco Allemão, obtivera a concessão d'uma pequena linha ao longo das margens asiaticas do mar de Marmara. Em resultado das diligencias do imperador, essa concessão transformou-se no projecto da construcção d'uma linha a Angora e Konia, que tomou o nome de caminho de ferro da Anatolia.

O imperador fez a sua segunda visita a Constantinopla em 1898 e depois effectuou a sua famosa peregrinação á Syria e á Terra Santa, durante a qual conquistou para sempre o apoio turco, proclamando-se protector do Islamismo. Em 1899 veiu a sequencia d'esse passo. O sultão deu a concessão da continuação do caminho de ferro da Anatolia a Bagdad e ao golpho Persico a uma companhia allemã que se intitulou «Companhia imperial ottomana do caminho de ferro de Bagdad». A concessão foi assignada por parte da Allemanha por Herr von Siemens, do Banco Allemão. Por uma outra e mais definitiva concessão feita a 5 de março de 1903 a Herr von Gwinner, tambem do Banco Allemão, a Turquia garantia o juro da construcção da linha á razão de 700 libras por anno por kilometro. O principio da garantia kilometrica, que a Allemanha exigiu invariavelmente da Turquia, era iniquo. Comtudo é de justiça dizer-se que os constructores do caminho de ferro dentro em poucos annos prescindiam da garantia nas primeiras secções da linha que tinham sido abertas ao trafico.

Na Anatolia a linha déra tambem beneficos resultados. Não ha duvida de que, com juro ou sem juro, o caminho de ferro de Bagdad foi pelo lado economico uma empreza digna de todo o louvor. A Asia precisa de caminhos de ferro e parte alguma d'esse continente precisa mais de boas linhas do que a Turquia Asiatica. A opposição que a Inglaterra fez ao projecto do caminho de ferro de Bagdad baseava-se parte na questão financeira, parte em que não era duvidoso que a Allemanha promovia a sua construcção por motivos essencialmente politicos, para contrabalançar a influencia ingleza no Oriente e especialmente no golpho Persico.

Os resultados da nova politica allemã em breve começaram a manifestar-se nas aguas do golpho. O methodo adoptado era protestar sempre que o objectivo allemão n'essas aguas era exclusivamente commercial, mas a vigilancia ingleza em breve descobriu outra das occupações dos agentes allemães. Falavam em commercio, mas, surrateiramente, pensavam em varios pontos em obter uma concessão territorial.

Os primeiros allemães que, ao que parece, commerciaram no golpho Persico, usavam a firma Wonck-

hauss & C.º e diziam-se representantes d'uma firma de Hamburgo. O seu modo de proceder era caracteristico. Chegavam em 1896 a Lingah, uma pequena cidade na costa da Persia, onde não residia europeu algum. O vice-consul inglez era, segundo um livro escripto por lord Curozn sobre a Persia, um «rechunchudo velho arabe». A firma Wonckhaus começou modestamente por negociar em conchas e madreperola, falou muito pouco de si, evitou todos os europeus, mas tratou de arranjar grande numero de conhecimentos entre a população da margem do golpho.

No anno seguinte, o governo allemão, sem fazer barulho, estabelecia um vice-consulado em Bushire. N'essa occasião, havia em todo o golpho apenas seis subditos allemães.

Em 1899, depois de ser assignada a primeira concessão do caminho de ferro de Bagdad, as coisas caminharam rapidamente. O velho cruzador allemão «Arcona» entrou no golpho quando vinha de regresso da China. Deliberou-se que escolhesse um terminus bom para o caminho de ferro. Gastou algum tempo em visitar diversas bahias, mas não poude ir de Shatt-al-Arab a Basra, por não conseguir entrar na foz d'aquelle rio. N'esse mesmo anno, um pouco mais tarde, um bando de allemães appareceu em Bunder Abbas. Disseram-se homens de sciencia, mas não eram com certeza astronomos. Desappareceram tão mysteriosamente como tinham chegado.

Em 1900, Herr Stemrich, que era então consul geral em Constantinopla, atravessou a Turquia da Asia á testa d'uma missão que ia fazer os estudos do projectado caminho de ferro. Entre os membros d'essa commissão ia o addido militar em Constantinopla. Herr Stemrich chegou a Koweit, onde foi recebido cortezmente por Mubarak, a quem explicou que a companhia do caminho de ferro de Bagdad desejava estabelecer o seu terminus nas margens da bahia de Koweit. Precisava adquirir um local em Ras Kathama, á entrada da bahia, e aforar uns trinta kilometros quadrados de terreno em volta d'esse local. O sheik Mubarak recusou-se a fazer o negocio, porque desconfiou dos visitantes. Sabia, como todos os mahometanos, que a Allemanha havia contrahido uma especie de mysteriosa alliança com os turcos. Desejava não ter contractos com quaesquer amigos dos turcos, porque estes estavam constantemente tentando minar a sua posição.

Houve ainda um outro motivo para a recusa. O sheik Mubarak havia assignado, a 23 de janeiro de 1899, um accordo secreto com a Inglaterra, pelo qual, em compensação de certas vantagens, elle se compromettia, entre outras coisas, a não aforar ou dispôr de qualquer porção do seu territorio a qualquer governo ou subdito d'uma potencia estranha sem previo consentimento da Gran-Bretanha. Esse accordo era uma parte da resposta ingleza á visita do kaiser ao sultão no anno anterior, cujos resultados não eram desconhecidos nem em Londres, nem em Simla. Fôra concluido um mez depois da chegada de lord Curzon á India como vice-rei e quasi que o primeiro assumpto de que elle tratou logo que tomou posse do seu logar.

Os allemães não se deram por derrotados. Se não podiam obter o terminus da linha pela persuasão, iam tratar de o obter á força, servindo-se para isso dos seus manequins, os turcos. No fim do anno de 1900, o sheik Mubarak resolveu tomar parte na lucta na Asia Central entre os partidarios de Ibn Rashid e Ibn Saud. Levou um pequeno exercito para o interior, em auxilio de Ibn Saud, foi surprehendido por uma emboscada n'um fundo desfiladeiro quando regressava da cidade de Hail e soffreu um grande revez.

A sua fraqueza, temporaria foi aproveitada pelos allemães. No principio de 1901 uma corveta turca cheia de tropas appareceu na bahia de Koweit e o seu commandante declarou que se propunha tomar posse da cidade. A Inglaterra havia sido prevenida do que se passava e fizera os seus preparativos. Um cru-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1768 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 8 de Julho de 1915 | Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A acção do governo

No seu discurso, pronunciado após a eleição que o elevou á suprema magistratura da Republica, disse o sr. Theophilo Braga: «Governar é coordenar». Eis uma profunda verdade. Nos tempos que vão correndo, outra não póde ser a acção directiva dos que occupam as cadeiras do poder. Governa-se com os governados, de tal fórma a educação civica se manifesta já nas massas conscientes das nações.

Por isso mesmo se tornou, simultaneamente, mais facil e mais difficil a acção dos governos. Mais facil porque se restringiu o dominio das suas iniciativas. Antigamente, o seu esforço de pensamento e realisação tinha de ser enorme. Eram elles que tinham de estudar em todos os seus aspectos os problemas, de averiguar os interesses das classes, de fixar o superior interesse do paiz. Hoje os problemas apparecem-lhes já expostos com clareza. Cada classe define as suas reivindicações. A opinião publica manifesta-se por meio de todos os seus orgãos, e estabelece o seu criterio. Mas tambem o seu papel é mais difficil porque se lhe torna necessario attender todas essas reclamações, todos os pontos de vista ennunciados, e descriminar n'ellas a porção de justiça que encerram. Coordenando assim os elementos para a solução do problema, o seu trabalho não é já d'uma superior iniciativa, mas d'uma ponderação não menos superior que exige da sua parte faculdades de intelligencia e imparcialidade que não é vulgar reunirem-se, mas que authentica os verdadeiros homens de governo do nosso tempo.

Vêem estas considerações a proposito da questão suscitada pelo celebre artigo 6.º do tratado com a Inglaterra, em que se debatem tantos elevados interesses. A verdade é que esse problema, de sua natureza complicado, se encontra esclarecido pelas reclamações que as classes e as regiões interessadas a seu respeito teem formulado. Nós sabemos já o que querem os viticultores do Douro; sabemos já o que querem os viticultores do sul. Sabemos o que pretende o commercio, conhecemos os aspectos até politicos que essa questão tem assumido. Não se póde dizer que o problema não esteja exposto com clareza, e por isso mesmo o governo, na resolução que tomar, não poderá allegar qualquer desconhecimento do assumpto, a existencia de qualquer equivoco, obscuridades de nenhuma especie, tanto mais que o proprio artigo, que tantos debates provoca, mostra tambem que a Inglaterra revelou d'uma maneira clara a fórma por que comprehende a questão.

Que resta ao governo? Coordenar, isto é, fazer obra de governo. E essa obra consistirá em attender a todos os pontos justos das exposições feitas, procurando em seguida crear uma situação em que todos, na linha da justiça, se possam considerar satisfeitos.

Não sabemos se será difficil. Sabemos que é isto o que lhe cumpre fazer. E confiamos em que o fará. Esta questão é d'aquellas em que nenhuma paixão é admissivel, porque se trata de interesses respeitaveis, que são interesses do paiz e por isso merecem a mais desvelada attenção e não podem suscitar outro desejo que não seja o desejo de acertar.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$850 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Poeira da Arcada

As ruas de Lisboa, mal regadas, mal calcetadas ou ensaibradas, não se tornando uma fonte de arrelias para peões e cavalleiros.

O vento levanta n'ellas nuvens de pó, as regas convertem-nas em lamaçaes. Poucas as que offerecem um piso suave e facil.

Não ajudará isto a explicar o ar preoccupado e macambusio de todos os alfacinhas?

* * *

Ha juizes em Portugal que não ganham para decentemente se sustentarem a si e ás suas familias. Em compensação teem de manter virtudes indomaveis, inaccessiveis a qualquer especie de seducção. Dentro de uma situação economica desgastradora, elles teem de cultivar o heroismo, sem uma fallencia. E' por isso que a justiça se torna uma verdadeira tormenta para os que a servem, applicando-a com alma recta.

* * *

Contra o funccionamento desenfreado das tavolagens o commercio de Lisboa vae protestar, pedindo que se cumpra a lei. E' provavel que a sua voz seja escutada. Durante uns mezes, as salas de jogo cerrarão portas e janellas á espera de melhores dias. Estes chegarão, infallivelmente. As artes de rapina encontram sempre azo para se exercerem. Basta-lhes aproveitar um d'aquelles momentos em que o imperio da lei diminue até ao ponto de não comportar todas as cubiças da besta humana.

O anniversario d'A CAPITAL

E' avesso ao nosso feitio o falar de nós proprios, mas não podemos deixar de mencionar, entre muitas outras cartas que ainda a proposito do nosso anniversario teem sido enviadas, uma que acabamos de receber da marinhagem do «Douro», em que os bravos marinheiros nos saudam e terminam com um viva á Republica e outro á «Capital» e ao seu director.

Tambem a direcção da Sociedade Promotora de Instrucção Popular nos envia as suas saudações.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

O que escreveu o sr. Teixeira Gomes

A proposito do que hontem disse o sr. ministro dos estrangeiros, respondendo a um deputado que o interrogou ácerca d'umas palavras do ministro de Portugal em Londres, escreve a «Lucta»:

> Negou que haja no seu ministerio qualquer documento official em que se encontrem as palavras que um jornal lhe attribuiu, e a que nós já aqui fizemos referencia.

Ora não foi bem assim que se exprimiu o sr. ministro dos estrangeiros, como se póde verificar no proprio extracto parlamentar da «Lucta». Segundo esse extracto, o sr. ministro dos estrangeiros declarou que «no seu ministerio não existe officio do nosso ministro em Londres com taes palavras; se ellas estão escriptas em qualquer documento particular, nada tem com isso.»

Como se vê, não é bem a mesma coisa. As palavras do sr. Teixeira Gomes, que reproduzimos, foram realmente escriptas pelo ministro de Portugal em Londres e pertencem a uma carta que o mesmo diplomata endereçou ao sr. Freire d'Andrade, em resposta a outra que o então ministro dos estrangeiros lhe enviára por mão d'um seu filho. Tratar-se-ha d'uma carta particular, mas o certo é que o sr. Freire d'Andrade entendeu conveniente archival-a no ministerio dos negocios estrangeiros com outros documentos relativos á questão a que diz respeito.

Nada inventámos, pois, e as opiniões do sr. Teixeira Gomes não teem diversa significação nem diverso alcance por serem exarados em papel de cartas e não o serem em papel de officios.

ACOSSADOS DO COVIL...

Os allemães no limiar de Angola

Como poderemos manter na actual conjunctura a inviolabilidade do territorio da nossa provincia

Já por telegramma de origem official sabemos que no primeiro dia d'este mez o general Botha occupou Otavi, approximando-se assim consideravelmente dos ultimos reductos allemães do Sudoeste Africano, que são, como já referimos, Tsumeb e Grootfontein.

Ora tanto em Grootfontein como em Tsumeb, a situação dos allemães é manifestamente insustentavel. A região, ainda por excellencia, não possue quasi recurso algum que permitta alimentarem-se os dois ou tres mil homens que não capitularam em Windhuk. A agua é escassa e má. E' pois natural que no momento em que escrevemos essas forças tenham já abandonado as duas testas de caminho de ferro e iniciado a marcha para a nossa fronteira mais proxima, que é precisamente a linha dos fortes de Cuangar e Mucusso, onde, é bom lembrar, não temos presentemente occupação.

Procedendo assim, os allemães procuram, em primeiro logar, regiões de mais facil reabastecimento, onde possam viver com os recursos locaes, e onde, além d'isso, tão facilmente os não vão incommodar as tropas sul africanas, visto que teriam de se affastar bastante das suas bases de operações. De resto, desde que atravessem o rio Cubango, os restos da guarnição do Sudoeste Africano começam a pisar territorio portuguez, e é portanto aos portuguezes que compete o entenderem-se com elles, desarmando-os e aprisionando-os a todos.

Resumindo: os allemães estão no limiar de Angola. Vejamos em que situação nos encontramos para fazer face a essa nova contingencia.

As forças portuguezas estacionam presentemente ao longo da carreteira que liga o Lubango com o Humbe, havendo já n'este local uma forte columna de 1.500 homens. Parte das nossas tropas, porém, continuam a permanecer inactivas em Mossamedes, em virtude da difficuldade de reabastecer fortes contingentes no planalto, por via da manifesta insufficiencia do respectivo caminho de ferro. Devemos accrescentar que nem o estado sanitario d'essas forças nem a sua inacção n'uma cidade que não possue recursos para as manter se prestam a optimismos.

Pois bem. Do excellente porto do Lobito parte para o interior, como todos sabem, uma linha ferrea excellente, cujo extremo deve n'este momento attingir o Bihé. Porque não se fazem marchar para o Huambo, em pleno planalto de Benguella, as tropas portuguezas que inutilmente permanecem em Mossamedes? Na linha Lubango-Humbe ficariam apenas as forças indispensaveis á occupação dos territorios revoltados—Cuamato e Cuanhama. No Huambo estabelecer-se-hia o grosso da nossa expedição, destacando postos avançados para Caconda e Cassinga, que é a linha natural de penetração do Cubango medio.

São multiplas as vantagens d'esta solução. Em primeiro logar, os soldados europeus encontra-se-hiam immediatamente n'um clima muito melhor que o de Mossamedes, o que faria desde logo modificar o pessimo estado sanitario das forças. Por outro lado, a sua acção poderia assim tornar-se efficaz, visto que, na linha dos grandes valles e seguindo o trilho classico das caravanas no sertão, facilmente poderiam acudir ao ponto onde a sua presença se tornasse indispensavel.

Não procedendo assim, parece-nos muito difficil garantir a inviolabilidade do territorio nacional, ou pelo menos castigar a ousadia dos que o tenham violado. O que é necessario, absolutamente necessario até, muito mais do que á primeira vista póde parecer, é fazermos com que os allemães acossados por Botha nos encontrem pela frente no momento opportuno, e as tropas sul-africanas possam então contar com o nosso apoio para liquidar tudo rapidamente.

Isto já não é obrigação de alliados, é o inilludivel dever de uma nação autonoma e livre.

Aviação militar

São já 122 os voluntarios que se offerecem

Sobe já a 122 o numero de voluntarios que pretendem matricular-se como alumnos aviadores-pilotos na escola cuja abertura se annunciou para breve. D'esse numero fazem parte dois officiaes do exercito, tres sargentos, dezenove civis e noventa e oito cabos, marinheiros e praças do exercito.

Hoje temos a registar os nomes dos srs.: Abilio Duarte Franco, licenciado de infantaria e empregado de escriptorio, morador na rua da Veronica, 130, 1.º; Arnaldo Fernandes Bandeira, escripturario da Companhia do Gaz, rua das Escolas Geraes, 130, 3.º E.; Eugenio de Penha Coutinho, rua do Salitre, 31, 2.º D. O nome do voluntario que hontem dissemos ter-se offerecido é João Pereira da Silva Lopo e não Lopes, como sahiu.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

Dr. Affonso Costa

Não se encontra peor o illustre enfermo

A noticia que circulava esta manhã quando chegámos ao hospital de S. José era que o sr. dr. Affonso Costa passava relativamente melhor.

Logo á entrada do portão exterior, um grupo de dedicados amigos do illustre estadista vinha de colher informações. Subindo a ingreme ladeira que conduz aos quartos particulares, um marinheiro, typo sadio e forte, perguntava ancioso pelo estado do doente e, como um dos que desciam era seu conhecido, interrogou:

—Então, está melhor?

Como lhe respondessem affirmativamente, apertou a mão á pessoa interrogada e affastou-se, proferindo estas palavras:

—Ainda bem! Ainda bem!

Nos corredores, o sr. Antonio Tudella conversa em voz baixa com o sr. dr. Alberto Madureira e mais dois outros facultativos do hospital. Continuamente, boletineiros chegam, trazendo mãos-cheias de telegrammas, que o sr. Tudella e o sr. dr. Bossa da Veiga recebem. São telegrammas que continuam vindo de todos os pontos do paiz, pedindo noticias ou fazendo votos pelo prompto restabelecimento.

Sobre a mesa dos visitantes, a bandeja enche-se de cartões de visita, e os cadernos de nomes.

A um lado do jardim, sob a sombra fresca do arvoredo, o sr. Levy Bensabat inquire, em nome do sr. presidente da Republica, o estado de saude do dr. Affonso Costa.

Como hontem, como nos demais dias, outras personalidades vão chegando para saber noticias. Os srs. ministros da justiça e do fomento, parlamentares, gente do fôro e gente da imprensa, medicos, burocratas, operarios. E' uma romaria constante.

Mas o costumado boletim não apparece, e uma como que excitação nervosa se apodera dos mais impacientes.

Sabendo d'isto, o sr. dr. Alberto Madureira combinou com os seus collegas fazer-se ainda de dia um novo boletim, embora o ultimo tivesse sido fornecido á imprensa ás 4 da madrugada.

E assim se fez. Pouco depois do meio dia, era affixado nos logares do costume o seguinte:

«Boletim das 12 horas: Pulso, 84; respiração, 24; temperatura, 38,5. Estado geral mantem-se sem aggravamento. Impõe-se repouso absoluto. (aa) Costa Nery, Francisco Gentil, Avelino Monteiro, Alberto Madureira».

Informámo-nos depois. O sr. dr. Affonso Costa, que passara a noite menos agitado, descançou das 7 ás 9 menos um quarto, hora a que o sr. dr. Costa Santos lhe fez o penso do ouvido. Não houve necessidade de nova injecção de morphina, continuando o doente socegado d'essa hora em deante. Recobrou novamente a sua perfeita lucidez, podendo dizer-se, segundo opinião do sr. dr. Madureira, que hoje se encontra bastante melhor. Queixa-se ainda do seu rheumatismo. A sr.ª D. Alzira Costa, que estivera de noite no hospital, retirou para casa pouco depois das 7 horas, continuando vigilantes os medicos assistentes e os seus amigos mais intimos.

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 8.—Official.—Entre o Vistula e o Wieprz, na região de Lublin e no curso superior da ribeira de Ourjendovka, foram repellidos todos os ataques inimigos, por vezes violentos.

Na estrada do Krasnik contra-atacámos e obrigámos o inimigo a passar á defensiva. Fizemos dois mil prisioneiros e tomámos varias metralhadoras.

A tentativa de avanço do inimigo, entre o Wieprz e o Bug, foi facilmente entravada, assim como na estrada que vem do Lvoff.

Nas outras linhas de combate não houve alteração.—(*Havas*).

Um cruzador italiano afundado por um submarino austriaco

ROMA, 8.—Um communicado official do ministerio da marinha diz que o cruzador *Amalfi* foi mettido no fundo, por um submersivel austriaco quando aquelle andava procedendo a um reconhecimento no alto Adriatico. Salvou-se toda a tripulação.—(*Havas*).

A acção dos aviadores italianos

ROMA, 8.—Communicado official.—Os combates de Platsua o Carso continuam com progressos lentos mas constantes. De 4 a 7 do corrente fizemos 1:400 prisioneiros. Um dirigivel italiano bombardeou o caminho de ferro do norte de Opcina.

Os aviadores italianos bombardearam tambem o aerodromo de Aiseviz za, onde causaram incendios, e a gare de Nabresina, regressando indemnes.—(*Havas*).

O sr. Poincaré visita as tropas

PARIS, 8.—O presidente Poincaré visitou, na terça e quarta feira, as linhas de defesa de Hobuterne e o terreno ganho na herdade de Toutvent, indo em seguida felicitar os corpos do exercito que tomam parte nas operações ao norte de Arras.—(*Havas*).

Marinha de guerra

Hoje de madrugada sahiu para o mar, em exercicios, parte da divisão naval de defeza e instrucção, tendo seguido os contra-torpedeiros «Guadiana» e «Douro», o submersivel «Espadarte», o rebocador «Lidador» e o torpedeiro n.º 3.

Não está ainda fixado o dia em que sahirão as restantes unidades da divisão.

Os passageiros do "Moçambique,,

DAKAR, 7.—Radio de bordo da vapor *Moçambique*:

Os passageiros de 2.ª classe do *Moçambique* estão todos bons e cumprimentam suas familias.—(a) *Tavares*.—(*Havas*).

COISAS NAVAES

Os novos serviços para sargentos

A reorganisação geral da armada destinar-lhes-ha os de aviação e telegraphia sem fios

O sr. Domingos Cruz, sargento do corpo de saude da armada, levou ao parlamento, na sua qualidade de deputado, um projecto de lei que, sendo interessante, é, todavia, incompleto. Trata esse diploma, necessario e até imprescindivel, de reorganisar a corporação dos sargentos navaes, á qual o proponente pertence, moldando-a em bases novas, mais ou menos parecidas com as vigoram n'outras marinhas e, portanto, modernas e consentaneas com os fins e com a missão que os sargentos da armada teem de realisar.

No projecto em questão extingue-se uma ou duas das especialidades em que se dividem presentemente os serviços destinados aos officiaes inferiores da marinha de guerra. Os chamados sargentos de serviço geral desapparecem, procurando o sr. Domingos Cruz dar maior harmonia á corporação de que faz parte e que—diga-se de passagem—tão honesta e brilhantemente representa no parlamento. Mas o auctor do projecto, decerto por motivos bem ponderosos, não creou especialidades novas, que são fundamentaes e que não podem, ao reorganisar-se a corporação dos sargentos da armada, ser esquecidas. O sr. Domingos Cruz não incluiu no seu trabalho nem os sargentos da telegraphia sem fios nem os sargentos aviadores. Porquê?

—E' que o meu projecto, responde o sr. Domingos Cruz, destina-se, principalmente a remediar certas necessidades cuja existencia não póde ser mais perniciosa. Dentro do existente, procurei fazer o mais que pude, sem de maneira nenhuma pretender aconselhar ou alvitrar uma remodelação radical de serviços, que só uma reforma completa dos serviços navaes póde levar a cabo. Concordo com a objecção que fazem ao meu projecto e até me louvo por a ter provocado. Effectivamente, já hoje, em nenhuma marinha do mundo, póde deixar de haver corpos de aviadores e de telegraphia sem fios devidamente organisados e remunerados. E o aviador ou o telegraphista tem de ter aberta deante de si a carreira que se offerece aos que seguem as outras especialidades. Deve poder ser sargento como o são os artilheiros, os da administração naval, os dos serviços de saude, etc.

«Mas, como vê, trata-se d'um assumpto tão vasto e d'uma questão tão importante, que só quando se remodelarem por completo todos os serviços da nossa marinha de guerra e de dotar essa corporação com a organisação que lhe compete, para que possa desempenhar cabalmente o seu dever, se deve estudar esse aspecto curioso do problema naval. Ha, pendente do Congresso, um projecto de reforma naval que, se não é o que todos os que fazem parte da marinha desejam, contem, entretanto, disposições salutares e preceitos de grande alcance, que não podem ser despresados. Pois é necessario que esse trabalho se discuta e se melhore. Urge refundil-o, remodelal-o, actualisal-o, adaptal-o, e quanto antes, ás necessidades da nossa marinha de guerra. Quando se fará isso? Ouvi que no inicio da proxima sessão legislativa—lá para dezembro. *Pois n'essa altura é que* tenciono propôr a creação das especialidades a que se referiu. Na reorganisação geral da armada é que hão de vir a figurar os sargentos aviadores e da telegraphia *sem fios*, serviços esses d'uma importancia maxima, como os factos o estão a cada momento demonstrando».

O parlamento, segundo se deprehende das palavras do sr. Domingos Cruz, está disposto, emfim, a dotar a armada com a organisação que ella de ha muito reclama. Ahi está uma noticia que deve alegrar todos os que verdadeiramente se interessam pela armada e desejam vêl-a em condições de progredir e honrar, cada vez mais, o seu paiz.

A PROPOSITO DE BALÕES

PAUTAS ANTIGAS...

A Alfandega cobra de direitos por um aerostato cinco vezes o seu valor

Imaginemos que um bello dia qualquer «sportman» audacioso, seduzido pelas invariaveis narrativas cheias de enthusiasmo que as revistas estrangeiras publicam ácerca de viagens em balão espherico, se lembra de praticar entre nós esse exercicio tão vulgarisado lá fóra. A sua phantasia de meridional começa desde logo a trabalhar. O seu espirito começa a antegosar o encanto de uma «largada», da ascensão progressiva ás camadas superiores da atmosphera, do ambiente puro e fresco, do ar virgem das grandes altitudes, da amplidão dos horisontes, da vastidão impressionante dos espaços vazios... Informa-se, pede orçamentos para as casas constructoras, e acaba por averiguar que um balão de media capacidade, completo, com barquinha, cordame, valvulas, costura de misericordia, etc., lhe póde ser fornecido por qualquer coisa como 1.000 francos, ou sejam 200 escudos, em epochas normaes.

Como o «sportman» deve ser antes de tudo previdente, não esquece que por cada ascensão que realise tem de contar com a despeza do enchimento. Partamos do principio que o typo adoptado é o balão de 600 metros cubicos de capacidade. A despeza de gaz, a quatro centavos o metro cubico, eleva-se portanto a 24 escudos. O resto são despezas relativamente insignificantes ou muito contingentes que não vale a pena fazer figurar no orçamento. Em resumo, o nosso audacioso «sportman» decide-se a mandar vir o balão. A breve trecho, sabe que está na Alfandega. Pede a conta dos direitos de importação. Mostram-lh'a, e elle pasma.

—Mil escudos.

—Como mil escudos?

—Sim, um conto...

—Mas ahi deve haver equivoco. O que eu mandei vir foi um balão, comprehende bem? Um balão, d'estes em que se sóbe, que possuem um envolucro e teem uma barquinha de verga... Custou-me duzentos mil reis...

—Não ha o menor equivoco. Os direitos a pagar pelo balão sóbem a mil escudos.

Attonito, o «sportman», que difficilmente acredita no que ouve, pede que lhe mostrem a pauta, no artigo «Balão». E ahi começa a fazer-se luz no seu espirito. O artigo «Balão» não existe na pauta. Procura «Aerostato»: tambem não existe. Parece o diccionario da Academia.

—N'esse caso, por via de que subtilezas tenho eu que pagar mil escudos de direitos? Será para proteger a industria nacional?

—E' muito simples. Como o artigo não está designado na pauta, e a parte essencial do balão é o envolucro de seda envernizada, applica-se-lhe a tarifa da seda. Seda em obra. Pesou-se o balão, e deu—mil escudos.

—De fórma que importar um aerostato ou um «manton» de Manilla, para as nossas alfandegas, é uma e a mesma coisa...

—Precisamente.

O mais verosimil é que o nosso «sportman» abandone o balão á alfandega e a seductora ideia a quem não souber como ha de gastar o seu dinheiro.

Mas não pára aqui o paradoxo. Supponhamos que do Aero Club de Paris ou de Londres vem um amador com o fim de realisar entre nós algumas ascensões livres. Ouviu falar do decantado azul do nosso céo, do bucolismo da nossa paisagem, da brandura dos nossos costumes, e quer vêr tudo isso do alto. O seu balão só entra com a condição de depositar a importancia dos respectivos direitos, que lhe será restituida quando retirar de novo. Muito bem: e se o aerostato, impellido pelos ventos, fôr cahir em Hespanha? E se se perder no mar? E se se incendiar na occasião do enchimento? Acabou-se: em qualquer d'estas hypotheses, o dinheiro foi alma que cahiu no in-

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 8-7-915

O culto da bondade

A guerra actual foi fulminante de desillusão para todos os pacifistas. O seu culto da bondade considerou-a impossivel, e todos confiadamente dormiram com as portas abertas, convencidos de que chegáramos a *uma altura* em que nunca mais seria aggredido um homem, invadido um lar, saqueada uma fazenda. O czar Nicolau era pacifista, como Carnegie. Todo o seu sonho, como todo o seu esforço, se fixavam no desarmamento geral e com elle na confraternisação dos povos e na paz universal. O rei Jorge de Inglaterra era egualmente pacifista. A sua confiança na duradoura paz tornava inactivos os seus arsenaes, desertas as casernas dos seus mercenarios e tranquillas as fabricas das suas munições. A França não acreditava por sua vez na guerra. Muito tempo antes da brutalidade allemã os boletins meteorologicos registavam que quando na França o vento soprava do oeste chovia agua abundante, emquanto que mal mudasse de rumo para leste choviam balões allemães. O director do Observatorio de Paris não previa por junto, como o saragoçano. Mas se pensasse, como este illustre hespanhol, em prevêr para quinze dias, ser-lhe-hia facil enganar-se na distribuição das neves, das borrascas, dos granizos e dos vendavaes, que nunca se enganaria na chuva de balões. O curioso, dizia um chronista do Paris mais puro, é que quando um balão é civil, se assim é permittido consideral-o, nunca passa a fronteira. Mas quando é militar e tripulado por officiaes, invariavelmente passa por cima dos fortes e vem dar um pequeno passeio na admiravel França.

Naturalmente, os francezes, sempre gentis, acolhiam os aeronautas com o seu melhor sorriso, emquanto estes, sempre palidos, depois de terem passado a noite no circulo militar para onde os camaradas da França cavalheirescamente os conduziam, recolhiam o aerostato, tomavam o comboio de Strasburgo ou de Metz, e regressavam á Allemanha sorridentes, agradecidos... e esclarecidos.

A associar a este estado de alma confiado e lirico, a opposição á lei dos tres annos derrubava ministerios e produzia allucinações de colera. Os socialistas allemães compromettiam-se honradamente e formalmente a impedir a guerra; e a França deixava-se embalar na suave canção da bondade humana, para todo o sempre fundada nos espiritos e cimentada nos corações. Que resultou? A maior explosão de perfidia, de felonia e de maldade que ainda foi registada desde que a Historia existe.

Desenganemo-nos. A bondade humana é uma ficção. Esta expressão: «Tenha a bondade...» é uma formula convencional e hipocrita, como era a do «Deus guarde V. Ex.ª» e já hoje, quem sabe em quantos casos, a da «Saude e Fraternidade». Só Deus é bom. Mas é bom emquanto nos encaminha e engrandece a fortuna, quando nos firma o bem-estar, quando nos dá o sol que nos aquece e a carapinhada de morango que nos refresca; bom quando nos evita um desastre ou um credor; quando nos faz applaudir uma peça ou vingar uma conquista; quando nos premeia um decimo ou nos mata um bom tio, amigo, testador e rico. Ao contrario, quando nos nega tudo, um exito ou um cigarro, uma entrevista feliz ou uma entrada de borla, nós olhamol-o de soslaio, accusamol-o de falsear as suas attribuições, e, lentamente, tornamo-nos livres pensadores como Littré ou o sr. dr. Magalhães Lima. Algumas vezes mesmo lhe attribuimos algumas perversidades, e consideramos: Será uma prova de maldade afogar uma ninhada de gatos, salvando apenas um? Será. Mas o que ha de dizer-se do Todo Poderoso que afogou a humanidade para só aproveitar Noé e os companheiros? Porque ha de condemnar-se quem afoga quatro gatos e não ha de fulminar-se quem afoga sem boias, sem salva-vidas, sem escaleres de bordo a humanidade inteira?

A bondade de Christo patenteando uma face a quem lhe esbofeteasse a outra só póde explicar-se por um divino respeito pelos preceitos da symetria. Ha quem leve a veneração por esses preceitos até ao ponto de morar só n'uma casa de duas janellas e uma porta ao meio, com o numero 88, o mais symetrico dos numeros. De todos os modos, não é a bondade que impera; é o interesse, pouco importando que esse interesse seja moral ou seja material.

E' no interesse que se filia a propria bondade dos santos. Santo Osmoudo, que nascera guerreiro e nobre, lettrado, rico e illustre, distribuiu todos os seus rendimentos pelas egrejas e pelos pobres, depois da morte do senhor seu pae. Seguiu Guilherme o Conquistador, que lhe deu o titulo de conde de Orset e o bispado de Salisbury, mas o seu zelo pelas coisas divinas foi tão grande e tão reconhecido que o papa Callixto III canonisou-o, apesar de Callixto. Porque foi que santo Osmoudo renunciou aos bens terrenos? Por desinteresse absoluto? Não, mas porque essa renuncia representava a conquista dos bens celestes.

Tambem Origenes, o Adamantino, que não foi santo porque um Callixto lhe faltou, largamente mereceu a santidade, e se não passou as passas do Algarve (ao tempo não havia commercio de exportação) supportou os maximos trabalhos e martirios, *foi carregado de ferros*, teve gargalheiras ao pescoço e calcetas nos pés, foi maltratado, atormentado, conspurcado, e tudo soffreu com a mais unionista das resignações. E tambem por inteiro desinteresse? Egualmente não, antes porque suppunha realisar uma transferencia de valores, pagando em soffrimentos na terra aquillo que devia receber em bemaventuranças no céu. Como santo Osmoudo ou como Origenes, o Adamantino, para só falar em martires exquisitos, a egreja conta centenas, conta milhares talvez de bemaventurados, cuja lista occuparia a collecção do «Times». Mas por muito grande que tivesse sido a bondade de todos, muito maior foi o interesse, e só o interesse determina o homem, mesmo para ser santo.

Temos, em consequencia, que a bondade é uma falsa virtude e que aquella que julgamos existir é apenas um conjuncto de preceitos que o proprio interesse impõe ao nosso forçado convivio. Em rigor, o homem é de sua natureza um bicho sem bondade. Suppôr o contrario é incorrer n'um erro sem perdão, e se a alguma conclusão temos de chegar é seccamente e estreitamente a esta:

Não ha homens bons; o que ha é muito boas mulheres.

Guedes de Oliveira

ferno e não mais é restituido.

Ora o mais curioso é que Portugal é o unico paiz da Europa onde as coisas se passam assim. Em todos os outros, os aerostatos destinados a «certamens» publicos e a ser tripulados por amadores inscriptos em qualquer Aero-Club entram e saham, livremente, sem a menor sombra de complicação.

A titulo de curiosidade, diremos ainda que um aeroplano (cuja importação já foi prevista na pauta) custa de direitos 55 escudos. O aerostato, a não ser que seja de papel, paga pelo menos a enormidade citada, o que não depõe muito a favor dos nossos sentimentos progressivos...

A alliança franco-belga

Os discursos dos srs. Steeg e Barthou, no Havre

Havre, 4 de julho

Realisou-se no Grand Theatre uma reunião organisada pela alliança franco-belga, a que assistiram os presidentes d'honra srs. Steeg e Barthou; o chefe da casa militar do rei dos belgas o general sr. Jungblut; o presidente da camara dos deputados, sr. Schollaert; membros do governo belga e o ministro d'Estado.

O sr. Steeg, presidente da Liga, expoz o fim da alliança franco-belga, e descreveu a situação angustiosa, material e moral, dos belgas.

O sr. Carton de Wiart, ministro da justiça, depois de, em nome do governo, ter agradecido á alliança franco-belga, e ao seu presidente, o sr. Steeg, saudou no sr. Barthou o homem d'Estado de largas vistas e inquebrantavel vontade, que é uma das gorias da tribuna franceza.

Ao contrario do que diz o rifão, affirmando que nos maus dias se affastam os amigos, a Belgica violada e endolorida, mas corajosa e confiante, sente-se hoje confortada pelas sympathias dos homens de bem de todos os paizes alliados, e até dos paizes neutraes.

Ao reconhecimento de que está possuida para com a França, que era uma das potencias garantias da neutralidade e que tão generosa foi na sua hospitalidade, junta á admiração pelo bello exemplo d'energia moral, de invencivel tenacidade e de heroismo que está dando ao mundo essa grande nação, cuja alma é verdadeiramente dominadora do corpo que anima.

Sob o governo d'um rei que nobremente a personifica, sejam quaes foram os sacrificios já feitos pela causa da honra e da fé jurada entre nações, a Belgica orgulha-se por luctar e soffrer ao lado das nações que encarnam o futuro da civilisação.

A seguir ao sr. Carton de Wiart, usou da palavra o sr. Louis Barthou que disse sentir-se orgulhoso voltando ao Havre, onde defendera a lei dos tres annos, para affirmar a indissoluvel união de todos os francezes, resolvidos a quaesquer sacrificios para a libertação do territorio nacional e do territorio da Belgica tão heroicamente fiel aos principios da honra.

Evocou o presidente do conselho as cynicas condições em que se deu a violação da neutralidade belga e a nobreza do povo martyr cujas victimas se envergonhariam de trocar a sua desgraça, segundo a bella expressão do sr. Wiart, pelas felicidades que lhes offerece o bandido invasor. Depois de ter feito o elogio do rei Alberto, o grande cidadão e grande soldado que na resistencia encarna as tradições e as esperanças da nação, e a quem o destino, por direito, deve uma desforra; depois de ter prestado homenagem ás virtudes que á rainha Elisabeth valeram a admiração do mundo inteiro, proclamou o sr. Louis Barthou o dever que cabe á França de ir com todos os seus alliados até ao termo da lucta que perfida e violentamente lhe foi imposta, até conseguirem a libertação dos territorios violados.

«Este dever, disse o orador, confunde-se para a França com a sua existencia e com a sua honra. Os proprios mortos se sentiriam deshonrados e sahiriam das suas campas se a fadiga, se um desfallecimento viesse inutilisar a lição e fazer perder o premio do sacrificio. A' maneira que se vae penetrando nas linhas de trincheiras sente-se levantar no coração a certeza da victoria. Sem duvida que a victoria será dura, cara, e difficilmente comprada á custa de novos e dolorosos sacrificios, mas a salvação da França, o seu futuro, a sua segurança e a restituição das provincias perdidas valem bem a perseverança d'acção e a união de todas as forças vivas e activas da nação para que afinal se alcance o fim communmente ambicionado.

«Nunca um grande povo deu mais grandioso exemplo. A sua causa e a do direito violado, a da justiça illudida, a da civilisação ameaçada pela barbarie, que utilisa a sciencia para se tornar mais odientamente selvagem. Uma paz precipitada seria uma vergonha ou um suicidio; não póde haver paz honrosa e duravel emquanto a Allemanha não pagar o seu resgate arrastando as cadeias com que teve a orgulhosa loucura de querer agrilhoar a Europa. Sobre a lage funeraria do desconhecido cavalleiro do seculo XV, sepultado em Numur, lê-se uma inscripção que deve ser a divisa dos alliados:

«Hora soará em que tudo se pagará».

«Apressemos nos arsenaes, nas fabricas, nos laboratorios, com todo o nosso esforço e com toda a nossa confiança a hora inevitavel em que a Allemanha pagará os crimes de que deve contas a toda a Humanidade».

Enthusiasticas acclamações coroaram estas palavras, e uma calorosa ovação envolveu no mesmo fremito o antigo presidente do conselho, a Belgica e a França.

O celebre artista Julio Villar no Colyseu

Depois de ámanhã o Colyseu apresenta uma inauguração sensacional, com um delicioso espectaculo de variedades e animatographo, programma escolhido e variado, do melhor que ha nos dois generos para todos os paladares.

O publico de Lisboa vae ter occasião de apreciar e admirar o illustre comediante parodista Julio Villar, unico artista portuguez no seu genero,—musical, excentrico e cantante. E' uma celebridade nacional, que nós não tivemos ainda ensejo de vêr, pois que as suas «tournées» teem sido feitas todas pelo estrangeiro.

Além de Julio Villar, outras attracções artisticas se apresentarão e, no animatographo, serão exhibidos os mais maravilhosos e interessantes «films».

ULTIMAS NOTICIAS

O tratado de commercio com a Inglaterra

O que nos diz o sr. Freire de Andrade, que o subscreveu como ministro dos estrangeiros

O sr. Freire de Andrade foi o ministro dos negocios estrangeiros que assignou o tratado de commercio com a Inglaterra, que tão largo debate vem provocando agora na Camara a proposito da interpellação que o sr. Mello Barreto fez ao sr. dr. Augusto Soares. Pareceu-nos opportuno o momento para ouvir d'aquelle antigo ministro as razões que elle póde apresentar em defeza do tratado, visto tratar-se d'uma questão de primacial interesse não só para a região do Douro como para todo o paiz. Eis o que nos disse o sr. Freire de Andrade:

—Entendi sempre que ao governo cumpria defender os interesses geraes do paiz e não os de qualquer região, por isso que os interesses das localidades devem ceder perante os interesses geraes.

«São de considerar e ponderar os argumentos apresentados quer pelos representantes do norte, quer do sul do paiz, mas de sentir é que, antes do tratado ser assignado, os representantes do commercio do norte não tivessem usado dos meios que as leis lhes garantem para se fazerem ouvir. Infelizmente, por via de regra, as corporações consultivas do governo não exercem o seu papel como o deveriam fazer, sendo já um trabalho bem grande o de as reunir. Quando a tempo, nada dizem; depois do facto consumado, as energias que faltaram para uma intervenção opportuna reunem-se para criticar e censurar.

«Não é meu feitio deixar para o dia seguinte o que se póde fazer hoje; e por isso, depois de ouvir as estações competentes, concluí o tratado de commercio, que havia dezenas de annos se discutia. Para o poder assignar muito concorreu o trabalho que encontrei feito pelos meus antecessores. Se alguma coisa no tratado ha de bom, com elles é meu dever compartilhar os louvores, mas não as censuras do que lá porventura se encontre de mau, visto que todas as responsabilidades me ficaram cabendo na hora em que assignei o tratado. O parlamento approvou-o, e, a meu vêr, fazendo-o, prestou um serviço ao paiz.

«Não quero pronunciar-me sobre os argumentos invocados por cada uma das partes directamente interessadas, apesar de ter formada a minha opinião sobre o assumpto. Sou dos que acreditam que a melhor defeza dos vinhos do Douro consistirá no credito das respectivas marcas e na seriedade das transacções. Os proprios viticultores podiam formar cooperativas para collocarem os seus vinhos mais vantajosamente do que entregando-os, como agora succede, aos commerciantes, que são quasi todos inglezes. Apesar da muita consideração que esses subditos da nação alliada me merecem, eu preferiria que os viticultores do Douro, no seu proprio interesse, dispensassem esses intermediarios estrangeiros.

«Tenho a convicção de que as reclamações do Douro podiam ser attendidas em leis internas, como, por exemplo, a que estabelecesse uma fiscalisação rigorosa pela barra do Porto e de Leixões, lançando-se ao mar todo o vinho falsificado. Ao mesmo tempo, podia o governo portuguez impedir que sahisse pela barra de Lisboa qualquer vinho com a marca Porto, que, assim, só na Inglaterra poderia ser posta.

—Diz-se que a Camara dos Communs não approvou uma proposta do governo inglez que ia satisfazer o compromisso do artigo sexto...

—A Camara dos Communs, quando approvou o tratado, approvou logo a prohibição da venda de todos os vinhos do Porto que não fossem de Portugal. Recordo-me até que, tendo um dos membros da Camara perguntado se tambem seria prohibida a venda do vinho do Porto fabricado em Inglaterra, o ministro respectivo respondeu que sim. De resto, o tratado diz que, emquanto o governo inglez não tornar effectiva aquella prohibição, o tratado não entrará em vigor.

—Sobre o convenio de Madrid...

—A Inglaterra nunca reconheceu a interpretação que se quer dar a esse convenio a proposito das marcas, e essa declaração é feita no proprio tratado, a proposito dos direitos concedidos aos vinhos do Porto e da Madeira.

«Se, durante annos e annos, as grandes marcas de vinho do Porto não perderam os seus creditos, apesar da concorrencia dos vinhos portuguezes que para lá eram mandados e dos da California, da Hespanha, da Allemanha e ainda de outros paizes, não me é facil comprehender como os possam perder quando os seus unicos concorrentes forem os nossos vinhos do sul, tanto mais que o governo portuguez póde tomar medidas para limitar essa concorrencia.

NECESSIDADES DO EXERCITO

Serviços pharmaceuticos

O que diz o deputado dr. Costa Junior, acerca do seu projecto, creando um quadro especial

O deputado socialista pelo Porto, sr. dr. Costa Junior, apresentou hontem, na respectiva camara, um projecto de lei relativo á organisação dos serviços pharmaceuticos no exercito. Como em todos os termos e tons se teem posto em evidencia as deficiencias da nossa organisação militar, principalmente desde o momento em que se verificou a possibilidade da nossa intervenção na guerra actual, entendemos dever consultar o distincto medico, auctor do projecto, acerca dos referidos serviços que n'elle se pretendem melhorar.

—O relatorio que antecede o meu projecto esclarece a questão, tanto quanto possivel. A reorganisação do exercito decretada em maio de 1911 levou sensiveis melhoramentos á classe que se destinava, creando até especialidades que muito bem poderiam ser dispensadas. Todavia esqueceu-se do serviço pharmaceutico, cujo quadro está em manifesta inferioridade, em relação aos outros. O serviço pharmaceutico encontra-se desprovido dos recursos necessarios ás exigencias no meio militar e absolutamente em condições de não poder progredir. Essa situação agrava consideravelmente o thesouro publico, pois o Estado vê-se obrigado a recorrer á industria particular quando precisa de fazer as suas requisições e sabe-se bem o que isso custa. Ainda ultimamente para as expedições ás colonias teve de comprar mais de 80 contos de productos pharmaceuticos, o que lhe não aconteceria decerto se tivesse um quadro sufficiente de pharmaceuticos com os necessarios laboratorios. Sem esses elementos, o erario publico tem de pagar as especialidades pharmaceuticas dez vezes mais caras do que lhe custariam se as manipulasse em installações proprias.

«Os serviços pharmaceuticos do exercito portuguez são constituidos por um quadro de 8 officiaes. A Belgica possuia em 1898 mais 46 e em Hespanha actualmente esse quadro é composto por 115 officiaes. Os pharmaceuticos portuguezes no exercito estão assim distribuidos: um major, sr. Pereira da Silva, collocado na secção do ministerio da guerra, um alferes, que por signal é meu irmão, no hospital da Estrella, um tenente em Angola, junto da expedição, um no hospital de Belem, um major no hospital militar do Porto, um capitão em Chaves e um alferes em Elvas. O recrutamento do pessoal pharmaceutico é positivamente feito á sorte. Procuram-se de preferencia os recenseados que hajam praticado pharmacia e na sua falta os que se inclinem a esses serviços. Comprehende-se, n'estes casos, as deficiencias que se notam nos serviços. Eu sei que meu irmão, por vezes, tem de manipular medicamentos para 500 doentes e jámais obteve uma licença disciplinar!

«Urge acabar com tão deprimente situação, tanto mais que o Estado na occasião propria lhe reconhecerá as vantagens. Em Hespanha, onde se instituiu o Laboratorio de sanidade militar, com séde em Madrid, verificou-se em pouco tempo alcançar por esse meio notaveis economias. E' necessario que entre nós se proceda de modo semelhante.

«Segundo a proposta que apresentei, continua o sr. dr. Costa Junior, o laboratorio terá a sua séde em Lisboa, com delegações em Coimbra e Porto. Fará as acquisições dos productos directamente no mercado interno quando houver producção nacional ou nos mercados estrangeiros, fazendo depois a sua expedição quer em natureza ou em formas pharmaceuticas apropriadas para os depositos, sucursaes ou estabelecimentos hospitalares. A economia que resulta dos fornecimentos feitos em taes condições basta, estou certo, para fazer face ás despezas de laboração.

«Segundo o projecto o quadro ficará constituido por 24 officiaes pharmaceuticos, quando em harmonia com a mobilisação do exercito devem ser 32 e augmenta-se o corpo auxiliar nos hospitaes de 3.ª classe e enfermarias regimentaes o pessoal pharmaceutico substituirá os amanuenses.

Sei tambem, conclue o sr. dr. Costa Junior, que as associações de pharmaceuticos de Lisboa, Porto e Coimbra vão reunir e pugnar pela approvação do projecto que tive a honra de submetter á camara dos deputados.

Dr. Affonso Costa

Será publicado ainda hoje um novo boletim

De tarde, o sr. dr. Affonso Costa esteve menos agitado. A's 19 horas descansava, tendo junto de si o sr. dr. Pulido Valente e seu irmão, o sr. dr. Arthur Costa. O boletim official de hoje será publicado ás 22 horas, para o que se esperava no hospital a vinda dos srs. drs. Gentil e Costa Nery.

Não se realisou, como fôra annunciado, o exame judicial directo ao carro em que se deu o desastre, e parece que não se realisará, porque a repartição das industrias electricas já procedeu á sua vistoria e não reclamou a interferencia da policia, á qual só é dado intervir em incidentes identicos quando essa repartição lh'o sollicite.

Noticias parlamentares

O projecto que o sr. Costa Junior apresentou hoje na Camara sobre a abolição do imposto sobre o bacalhau determina que todos os armadores de barcos nacionaes empregados na pesca do bacalhau sejam obrigados a manifestar o producto obtido; que o governo, ouvida a commissão de pescarias da Camara dos Deputados, fixe annualmente qual o preço maximo por que o kilogramma de pescado deverá ser vendido aos commerciantes a retalho; que os commerciantes retalhistas não possam vender o bacalhau por preço superior ao fixado pelo governo, accrescido d'uma percentagem de 15 por cento em cada kilogramma; que só seja permittida a importação de bacalhau estrangeiro quando o nacional se encontre esgotado e seja insufficiente para as necessidades do consumo, devendo tambem n'este caso ser fixado o preço maximo da sua venda; que todo o bacalhau nacional que não seja dado a manifesto seja apprehendido e os seus detentores remettidos ao poder judicial, como causadores de prejuizos a terceiros; que todo o commerciante que venda o bacalhau nacional por preço superior ao fixado pelo governo e sua respectiva percentagem, ou que o venda como estrangeiro, tenha esse bacalhau apprehendido, sendo o revendedor entregue ao poder judicial pelo crime de burla. O projecto sobre o arroz é redigido, pouco mais ou menos, nos mesmos termos.

***

Annuncia-se já um outro debate demorado e renhido na Camara dos Deputados, para d'aqui a poucos dias. Dar-lhe-ha origem a lei que altera o actual regimen cerealifero, levada ao parlamento pelo sr. Manuel Monteiro. Ao que consta, estão-se erguendo em torno d'esse diploma protestos varios, que terão quem, em plena Camara, os perfilhe. D'ahi, esperar-se uma discussão que estará, certamente, muito longe de decorrer serena, dada a importancia dos assumptos em jogo.

***

Affirmou hoje, na Camara dos Deputados, o sr. Alexandre Braga que por detraz da questão do Douro anda uma especulação politica, que convem desmascarar para evitar surprezas. O sr. Azeredo Antas protestou e outros deputados pelo Douro fizeram o mesmo. Entretanto, o sr. Alexandre Braga falou com tal energia d'esse aspecto do conflicto que em todos ficou a impressão de que as suas palavras correspondiam á verdade. E se assim é, convem perguntar o que os especuladores pretendem do Douro, região que não vive nem abundante nem feliz. Augmentar-lhe a miseria? Seria um hediondo crime.

***

A segunda commissão de verificação de poderes, reunida hoje, deliberou validar a eleição da Covilhã. Por esse motivo, ficam aptos a tomar o seu lógar na Camara os srs. Helder Ribeiro e Simão Tarouca, democraticos, e João Cabral de Castro Freire Falcão, unionista.

A lei dos funccionarios

A sua applicação far-se-ha com a maior brevidade

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, por parte da commissão de legislação civil, mandou hoje para a mesa o parecer da mesma commissão sobre a consulta que o governo ha dias levou ao parlamento, a proposito da applicação da lei sobre os funccionarios publicos. N'esse parecer, a commissão diz que a referida lei deve applicar-se com a maior brevidade, elaborando-se, para cada ministerio, um decreto que regule a sua execução. Os evolucionistas Antonio Portugal e Pereira Junior, assignaram o parecer. O sr. Manuel Granjo tambem concordou com a commissão, não assignando o parecer por estar ausente.

Ordem do Exercito

A *Ordem do Exercito*, hoje sahida, traz, entre outras disposições, as seguintes:

Colloca na reserva o coronel do estado maior de engenharia Pedro Gomes Teixeira e o general de divisão José de Oliveira Garção de Carvalho Campello de Andrade.

Demitte do serviço do exercito, a seu pedido: o capitão medico de artilharia 4 Pedro Maria de Macedo da Cunha Coutinho, o tenente medico miliciano Francisco Mendonça Pinto de Sousa, o capitão de cavallaria 7 Antonio de Mello Pinto de Gusmão Calheiros; nos termos do n.º 1 do artigo 110.º do regulamento para a organisação de reservas, os alferes milicianos Raul da Costa Couvreur e Raymundo Sergio de Quintanilha e Mendonça.

NOTAS DIVERSAS

O governador civil de Braga, sr. dr. Eduardo Machado Cruz, conferenciou hoje com o sr. ministro da instrucção sobre a creação de escolas no seu districto e reparação de edificios escolares; com o do fomento sobre a dotação de estradas e a approvação dos estatutos da Associação de Classe dos Marchantes de Braga, e com o da justiça sobre a reforma do notariado. O sr. dr. Machado Cruz conferenciou, tambem, com os srs. ministros do interior e da guerra.

—Apresentou-se hoje no ministerio das colonias o novo governador de Benguella, 1.º tenente sr. Lami, que fica fazendo serviço no gabinete até receber ordem para partir.

—A junta da parochia do Campo Grande conferenciou hoje com o sr. governador civil sobre assumptos da policia. Tambem conferenciou com o sr. Marianno Martins o sr. Ruy Alves da Cunha, administrador do concelho de Loures, sobre uma infracção á lei praticada por alguns padeiros d'aquelle concelho e pedindo um posto da guarda republicana em Sacavem.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Felicidade Perpetua Ramires da Silva, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 14 horas, sahindo do largo de Arroyos, 174, para o cemiterio oriental.

Tambem falleceu a sr.ª D. Maria Thomazia Correia Dias, sahindo o funeral ámanhã, ás 15 horas, da rua Saraiva de Carvalho, 33, para o cemiterio dos Prazeres.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação de propaganda feminista

A reunião que se devia realisar no dia 5 ficou adiada para o proximo domingo, 11, pelas 17 horas, devendo comparecer todos os socios e subscriptores da Escola Menagère.

Academia Recreio Artistico

Vestindo creanças

Passando no proximo mez d'agosto o 60.º anniversario da Academia Recreio Artistico, resolveu a sua direcção commemorar esse acto vestindo algumas creanças pobres, as quaes devem apresentar-se no proximo dia 15, pelas 22 horas, na séde d'aquella instituição, rua dos Fanqueiros, 286, 1.º.

Iniciativa digna de todo o louvor a da direcção da antiga collectividade.

PEQUENAS NOTICIAS

Adão Tavares, sem residencia em Lisboa, onde chegou para embarcar para o Brazil, queixou-se á policia de que na praça D. Luiz havia sido burlado em 100 escudos por dois individuos desconhecidos. Tambem Domingos Fernandes Loureiro, soldado do ultramar, se queixou de que hontem, ao desembarcar do paquete «Malange», entregou ao moço de fretes n.º 1004 uma mala de mão contendo duas lettras no valor de 240 escudos cada uma e outros objectos, tudo na importancia de 500 escudos, tendo o moço desapparecido.

—Na enfermaria 14 do hospital de S. José deu entrada Gracinda Martins, moradora na travessa das Necessidades, 10, 1.º, que tentou suicidar-se ingerindo uma porção de sal de azedas. Na enfermaria 5 ficou Antonio Pinto, morador na calçada de S. João da Praça, pateo numero 1, que em Xabregas deu uma queda ficando contuso pelo corpo.

—Manuel Marques, varredor da camara foi atropelado por um electrico na rua da Junqueira. Recolheu á sua casa depois de receber curativo no banco do hospital.

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos Deputados principiou o debate sobre o tratado de commercio com a Inglaterra

Sessenta e oito deputados presentes. A's 14,45, o sr. Azevedo Coutinho abre a sessão. Do governo, estão os srs. ministros da justiça e da instrucção. O primeiro a falar é o sr. Costa Junior, que manda para a mesa dois projectos de lei, um abolindo os direitos sobre o bacalhau nacional e outro dispondo a mesma coisa sobre o arroz produzido em Portugal. A Camara concede a urgencia que o auctor pede. O sr. F. José Pereira apresenta um projecto regulando o exercicio da pharmacia em Portugal. O sr. Angelo Vaz renova a iniciativa de um projecto de lei do sr. Macedo Pinto, sobre escolas moveis portuguezas. O sr. Ribeira Brava pergunta se ainda pertence ao exercito um official que no tempo da ditadura exerceu o cargo de governador civil da Madeira, e ao qual dirigiu um qualificativo insultante sem que elle se desafrontasse. O sr. ministro da justiça replica que transmittirá ao seu collega da guerra aquella pergunta. O sr. Alfredo Ladeira reclama que se empreguem todos os esforços para que termine o açambarcamento dos generos alimenticios e se fiscalisem apertadamente os preços, que cada vez mais exaggerados são. Referindo-se á policia, affirma que ella é pessima e que o governo tem o dever instante de a remodelar quanto antes. O sr. Pestana Junior diz que depois da fatalidade que aconteceu ao sr. Affonso Costa, a reacção monarchica alliada á reacção militarista se prepara para levar a effeito alguma coisa de affrontoso e de criminoso, visto ser contra a Republica que se trama n'este instante. A gente de agora é a mesma de janeiro. O que pensa o governo fazer para reprimir, com o appoio de todos os republicanos, o que se planeia? O sr. ministro da justiça replica que o governo não tergiversará e empregará todos os meios para reprimir até ao fim toda e qualquer perturbação da ordem que por acaso possa surgir. E não obstante poderem os homens estar divididos por opiniões differentes, crê que todos os lados da Camara darão ao gabinete, no momento preciso, todo o appoio que o gabinete necessitar.

O sr. Julio Martins: — Mas, afinal, o que ha?

—De mais o sabem todos!—respondem muitas vozes ao mesmo tempo.

Ha troca de phrases azedas entre o centro e a esquerda, phrases que não se entendem e que se perdem no sussurro e no vozear que enchem toda a sala. O sr. Azevedo Coutinho consegue, porém, pôr termo ao incidente e entra-se, sem mais demora, na ordem do dia.

O sr. Alexandre Braga prosegue no uso da palavra sobre a questão do Douro. No telegramma que o sr. José de Castro dirigiu ao governador de Villa Real não ha o compromisso de que o tratado não será ratificado sem a aclaração do artigo 6.º Da parte do Douro houve, pelo menos, negligencia. Varias das commissões que hoje protestam contra o tratado foram convidadas a vir a Lisboa e não vieram, como cá não puzeram os pés quando do governo Azevedo Coutinho. Mas logo que a dictadura surgiu, os protestos appareceram, e o movimento politico contra o tratado intensificou-se.

O sr. Azeredo Antas—Se assim é, posso affirmar a v. ex.ª que n'esse movimento entraram politicos de todos os partidos, tendo-o dirigido especialmente os democraticos!

Se n'elle houve mettidos republicanos, deve-se isso á sua boa fé. Mas os especuladores politicos não faltaram, como os factos provam. Em quanto durou a dictadura, pediu-se, sollicitou-se. Logo que ella desappareceu, ameaçou-se e fizeram-se imposições. E' que estava perto a lucta eleitoral. A suspeita que resulta do que se passou sobre os dirigentes do movimento de reacção do Douro leva a crer que só se pensava prejudicar a nação e a Republica. Está disposto a dizer a verdade, porque, fazendo-o, presta ao Douro um altissimo serviço. E' que, como homem do norte que é, tem por essa provincia a maior simpathia. O Douro não tem razão de queixa, porque para elle se estabeleceu um previlegio que não existe em nenhum paiz do mundo—o da restrição da barra do Porto. Pois bom, isso não lhe basta, e o Douro vem agora pedir que não possam exportar-se vinhos licorosos portuguezes que não sejam os seus. E' inconcebivel, e d'essa e d'outras exigencias resulta evidente o proposito de crear ao governo e á Republica difficuldades politicas graves.

Não pode ter duvidas sobre o caminho que o governo terá. Os compromissos tomados serão respeitados. A interpellação foi inconveniente e pouco opportuna. E' preciso não esquecer quanto a questão é delicada e não abusar do escrupulo do sr. ministro dos estrangeiros, acceitando o debate n'esta occasião. O governo disse o que tinha a dizer. E desde que a lei de 23 de janeiro é lei do paiz, nada mais ha a fazer do que cumpril-a e ratificar, portanto, o tratado. O tempo em que o vinho do Douro se encontrava só em campo passou. Os outros fabricantes de vinho modificaram os seus processos de producção e venda. O Douro estacionou. D'ahi, encontrar-se hoje em situação inferior ás dos outros productores de vinhos generosos, que sabem produzir mais e mais barato. Toda a protecção legitima que o Douro precisar tel-a-ha do Parlamento. Se elle sabe isso, se elle não ignora que os poderes publicos e o Parlamento lhe dariam a garantia de juro para uma grande empreza que se destinasse a fazer a propaganda e a collocação dos seus vinhos, para que está ainda a querer viver do providencialismo? Os governos da Republica darão ao Douro todos os meios de fiscalisação de que elle precisar, salvaguardar-lhe-hão todos os seus interesses e não permittirão que do sul saiam vinhos licorosos com a marca de Porto. Mas que se acautele o Douro com os falsos amigos, que bem podem acarretar-lhe irremediaveis e tremendos prejuizos.

O sr. Antonio Macieira lê uma moção na qual se convida o governo a ratificar o tratado quando o julgar opportuno; a trazer ao Parlamento uma proposta de lei que torne efficaz a fiscalisação dos vinhos, de maneira que não saiam pela barra de Lisboa vinhos do Porto que não sejam legitimos, e a encetar negociações com a Inglaterra para que n'esse paiz se promulgue uma lei que tenha por fim reprimir as falsificações dos mesmos vinhos. Justificando a moção, o orador diz que seria indecoroso levar o governo a não respeitar o tratado, porque isso nos collocaria na contingencia de não podermos, tão cedo, assignar outro. Não nega razão ao Douro. Mas que a faça valer como fôr justo e que o governo trate de fazer promulgar as leis a que se refere na sua moção, as quaes trarão para o Douro um beneficio enorme.

O sr. Urbano Rodrigues requer que a materia se dê por discutida sem prejuizo dos oradores inscriptos.

O sr. Malva do Valle protesta.

—Lá se perde a questão do Douro!—objecta o sr. Rodrigo Rodrigues.

O sr. Malva do Valle, exaltadissimo:

—Para fazer ápartes, é preciso ter auctoridade e cathegoria. E v. ex.ª não dispõe de auctoridade scientifica nem intellectual para isso!

E sahindo da sala:

—V. ex.ª não se convence de que é tacanhamente intellectual!

O debate continúa. O sr. Azeredo Antas diz que não se trata de politica e affirma que nas commissões que se organisaram para defeza do Douro ha representantes de todos os partidos. Volta a insistir nos telegrammas que o chefe do governo enviou em tempos ao governador civil de Villa Real e affirma que elle se comprometteu a não ratificar o tratado sem a aclaração do artigo VI. Promettem-se ao Douro leis que garantam as suas marcas. Mas essas leis só podem vir tarde, e assim, quando ellas chegarem, bem provavel é que o Douro haja morrido de fome. O sr. Angelo Vaz defende tambem os interesses do Douro e diz que o sul não tem razão quando pretende, á sombra da marca *Porto*, fazer o seu negocio.

O sr. Malva do Valle, diz: O Douro só pode produzir vinho e não pode produzir pão. Ninguem logrará prover-lhe o contrario, nem o proprio sr. Rodrigo Rodrigues, cuja intellectualidade é das mais notaveis, não lhe chegando, porém, para tomar parte n'este debate.

E se o Douro não póde produzir pão, está condemnado á fome e a emigrar, se lhe desvalorisarem o vinho.

Não ha outros oradores inscriptos, devendo ser approvada a moção do sr. Alexandre Braga.

No Senado

A sessão abriu ás 14,45, presidindo o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches.

A' chamada responderam 24 senadores, que approvaram a acta e ouviram lêr o expediente, sem reparos de qualquer especie.

Na bancada ministerial, pouco depois de aberta a sessão, appareceu o sr. ministro das finanças.

São enviadas para a mesa alguns pareceres das commissões já installadas, entre ellas as de finanças e colonias.

O sr. José Maria Pereira dirige-se ao sr. ministro das finanças, em nome dos proprietarios do concelho de Abrantes, pedindo a sua ex.ª que marque prazo para se fazerem as avaliações requeridas, pois que esses e todos os outros proprietarios se consideram lesados com o augmento espantoso da contribuição predial.

O sr. ministro das finanças prometteu providencias para attender as justas reclamações dos proprietarios.

O sr. Pina Lopes, que fala pela primeira vez, dirige as suas saudações ao sr. presidente e ao Senado, e aproveita o ensejo para pedir ao sr. ministro das finanças que sejam augmentados os vencimentos das praças de pret da guarda fiscal, cuja situação é bastante lamentavel, em vista da falta de recursos com que todos luctam. Espera que o sr. Victorino Guimarães attenda sem demora as justas reclamações d'aquella corporação, que tantos e tão bons serviços tem prestado ao paiz e á Republica.

O sr. ministro das finanças promette satisfazer em breve o pedido que acaba de lhe ser feito e presta homenagem aos bons e patrioticos serviços prestados pela guarda fiscal.

O sr. Estevam de Vasconcellos pede que seja publicado no «Summario das Sessões» o parecer da commissão de finanças sobre o projecto 73-B, a fim de que possa ser discutido na sessão de ámanhã.

Como não tenham sido marcados trabalhos para a ordem do dia, o sr. presidente encerra a sessão, marcando a seguinte para ámanhã, á hora regimental.

Para ordem do dia está marcada a interpellação do sr. Paes Abranches ao sr. ministro das finanças sobre a exportação de lãs sujas.

O governo brazileiro

RIO DE JANEIRO, 8.—Pediu a demissão o sr. Sabino Barroso, ministro das finanças, devido ao mau estado da sua saude. Substituil-o-ha o sr. Cologeras, ministro da agricultura. Para ministro da agricultura foi nomeado o sr. José Bezerra.—(Havas).

Sport

O concurso de balões no «Stadium»

Em virtude de uma pequena formalidade que restava cumprir, á empreza do «Stadium» do Campo Grande foi hoje notificada a prohibição de largada dos balões esphericos que tinham annunciado. Esclarecido, porém, o caso, e cumprida essa formalidade, revogou-se já superiormente a ordem, devendo realisar-se o concurso de balões, conforme se projectava, no proximo domingo.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 8.—Communicação official de hoje, ás 15 horas.—Na região ao norte de Arras desenrolaram-se durante a tarde e a noite varias acções de infantaria, bastante violentas. Entre Angres e Souchez, ao norte da estrada de Bethune a Arras, foi completamente repellido um ataque allemão, que tinha sido precedido de um forte bombardeamento.

Ao norte da estação de Souchez um ataque que nós pronunciámos permittiu que nos approximassemos da povoação; apoderámo-nos d'uma linha de trincheiras allemãs, depois de termos exterminado todos os seus defensores a tiros de granadas e de petardos e progredimos para além da mesma povoação, fizemos alguns prisioneiros e tomámos um canhão ao inimigo. A cidade Soissons foi bombardeada. Na Argonne a fusilaria e o canhoneio duraram toda a noite. Ao romper do dia, na região «Maria Thereza» os allemães tentaram sahir das trincheiras, mas foram repellidos. Entre o Mosa e o Mosela foi muito agitada a noite. Na floresta de Apremont e no bosque Le Pretre bombardeamento e fogo de mosquetaria, acompanhado do arremesso de bombas e de petardos, mas sem qualquer acção da infantaria, a não ser entre Iey, em La Haye, e o bosque Le Pretre, onde foram paralysados dois ataques do inimigo.—(Havas).

A acção ingleza no theatro occidental

LONDRES, 7.—O marechal *sir* John French communicou o seguinte com a data de 6:

«Depois do meu ultimo relatorio não houve mudança na situação da nossa linha. O combate tem-se limitado principalmente a duellos intermittentes de artilharia, sendo uma das caracteristicas d'este combate o emprego feito pelo inimigo de grande quantidade de granadas de gazes, especialmente nas visinhanças de Ypres. Durante este periodo o inimigo fez explodir oito minas em differentes pontos mas sem que tivesse causado qualquer estrago nas nossas trincheiras. Por outro lado em 30 de junho, fizemos ir pelos ares 50 metros da linha de combate inimiga ao norte de Neuve Chapelle.

Na tarde de 4 do corrente ao norte de Ypres, os nossos morteiros fizeram ir pelos ares um trabalho de sapa allemão, e um pelotão da nossa infantaria avançou, depois, com o fim de completar a sua destruição. Os poucos allemães que sobreviveram ao bombardeamento foram expulsos, encontrando-se na sapa uma metralhadora destruida. O nosso pelotão depois de haver cumprido a sua missão de destruição voltou para a nossa trincheira, tendo soffrido muito poucas perdas.

O relatorio allemão de 5 do corrente, pretende haverem os allemães repellido um ataque britannico com sangrentas perdas para nós na estrada de Pilken, só se póde referir ao seguinte incidente:

Na manhã de 5 do corrente um contingente allemão arremessou-se sobre as nossas barricadas na linha ferrea de Ypres a Roulers depois de as haverem bombardeado durante duas horas, conseguindo tomal-as mas um contra-ataque feito pelas nossas tropas reconquistou immediatamente as sobreditas barricadas.

Esta manhã na extrema esquerda ao norte de Ypres tomámos cerca de 200 metros de trincheiras inimigas e fizemos 80 prisioneiros.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 3/8	36 1/4
Londres, 90 d/v. . .	36 13/16	—
Paris, cheque. . . .	$73,2	$73,8
Allemanha, cheque .	$27,2	$28
Hollanda, cheque . .	$54,5	$55,5
Madrid, cheque . . .	1$23	1$29,5
New York	1$37	1$38,5
Rio s/Londres. . . .	12 5/8	—
Libras.	6$55	6$66
Agio do ouro. . . .	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,40
» » 500$	39,55	39,45
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado:—3 0/0 1905, 9$15; 4 0/0 1888, 21$90; 4 1/2 88-89, coup., 59$00.

Externas:—1.ª serie, 71$70; 3.ª, 72$80; e cautellas de 3.ª, 2$70.

Acções:—Lisboa & Açores, 114$50; Economia Portugueza, 19$60; Tagus, 101$20; Aguas, 89$40; Cazengo, 1$15; Phosphoros, coup., 55$20; Tabacos, coup., 55$20; Tabacos, coup., 74$80.

Obrigações:—Aguas, 6 0/0, 90$50; Norte e Leste, 1.º grau, 726; Panificação, 49$70 e 51$ c/j; Caminhos de ferro de Benguella, 77$.

SPORT

Approxima-se a concordia?

Pedem-nos uma opinião sobre a provavel concordia que no praso de 24 horas se vae fazer entre todos os clubs sportivos, ingressando todas as collectividades para a Federação Portugueza. Não temos opinião definida e aguardamos o que se resolver para noticiarmos apenas o que se fizer.

O nosso papel é o de criticar factos, analysar factos e orientar questões, para que do conjunto nasça qualquer coisa de proveitoso para a marcha e progresso do athletismo em Portugal. Mais nada. De resto não nos mettemos na vida intima dos clubs.

Noticias

Entre nós

Uma festa educativa nos Escoteiros de Portugal

No proximo domingo pelas 21 horas, realisa-se na séde da Associação dos Escoteiros de Portugal, rua da Emenda 53, uma sessão destinada a significar aos escoteiros a satisfação da direcção central pela sua acção humanitaria exercida durante os ultimos acontecimentos.

Foram convidados a assistir á sessão os srs. ministro de instrucção publica e presidente do ministerio, tomando parte n'ella todos os grupos de escoteiros com séde em Lisboa sendo facultada a entrada a todas as pessoas que se interessam pelo desenvolvimento do escotismo no nosso paiz.

No Bombarral

Organisada pelo Sport Club e debaixo do regulamento da União Velocipedica realisa-se no dia 12 do corrente uma corrida de bicicleta com o itinerario: Bombarral, Lourinhã, Porto-Lobo, Serra d'El-Rei, Dagorda, Bombarral, no total de 60 kilometros.

Grand-premio de julho

Realisa-se no dia 25 do corrente esta corrida pedestre destinada aos principiantes não medalhados, no percurso de 8 kilometros. A inscripção, que é gratis, já está aberta na séde do Club organisador. A fim de dar mais brilhantismo a esta prova e para que ella pudesse obter maior numero de concorrentes a commissão sportiva do Sport Club Progresso convidou varios clubs dos arredores e Setubal e Barreiro para que enviassemos os seus concorrentes.

Os premios constam de 15 medalhas e varios objectos de arte cabendo ao vencedor uma medalha de ouro e prata.

Pela União Velocipedica...

Pedem-nos a publicação da seguinte carta: *Sr. redactor.*—Publicando o Boletim official da União Velocipedica Portugueza, relativo ao mez de fevereiro do corrente anno, uma acta da sessão da direcção effectuada em 8 do mesmo mez, venho por esta forma tornar publico que sendo eu secretario da direcção n'essa data, aquella não contem a expressão da verdade e ainda que nenhum dos meus ex-collegas da direcção assignou tal documento. Lamento ainda profundamente que a actual direcção forjasse essas actas para fazer a sua publicação, quando no Congresso ultimo o sr. Francisco Cordeiro, da Federação Portugueza de Sports, esclareceu devidamente o assumpto e declarou peremptoriamente que o deposito feito por essa Federação na U. V. P. havia sido satisfeito na data precisa em que foi reclamado.—De v.—*Carlos Neves.*

Grupo de Escoteiros Lusos n.º 2, do Gremio Juventude Republicana

Partiu effectivamente no domingo passado, pelas 8,30 horas, o sr. João Pereira Ribeiro Nobre, que vae fazer a viagem a pé á volta de Portugal, depois de ser cumprimentado por muitos amigos e bastantes escoteiros de varios grupos. N'esse acto fizeram-se representar a União dos Exploradores Lusos Grupo de Escoteiros Sapadores Mineiros, respectivamente pelos srs. Joaquim Silva, Alberto Caldeira e Cesar Ferreira. Compareceu igualmente o presidente da União dos Escoteiros Lusos, sr. Alberto d'Almeida, e escoteiros do 1.º e 2.º grupos da mesma União, os srs. Americo de Mesquita e Eduardo Santos Namura e guias Delfim Teixeira e Joaquim José Boleiro. As patrulhas do Tigre do 1.º grupo e o do Melro do 2.º compareceram na sua maxima força.

Muito povo se foi juntando de forma que quando Ribeiro partiu, teve uma despedida muito affectuosa. A' hora a que esta se fez já o sr. Ribeiro chegou a Mafra, sendo muito bem recebido pela população.

No boudoir

Hygiene da Belleza

Primeiramente aquillo que mais temos que ter presente no nosso espirito é que todas as emoções fortes, quer de dôr, quer de prazer, se reflectem no rosto. Evitemos, pois, podendo ser, as grandes, as fortes commoções.

As vigilias, o habito de lêr na cama até altas horas da noite, as crises de nervos com ou sem lagrimas, um regimen de vida irregular são motivo mais do que sufficiente para alterar o brilho da cutis e cavar rugas mais ou menos profundas, mas sempre duradoiras. Não só, porém, ao que acima deixo dito é necessario recorrer para se conservar o assetinado, a lisura do rosto. Necessario se torna ter o maximo cuidado—tenho dito e repito—na alimentação.

Devemos banir da nossa mesa o café e o vinho, principalmente o vinho muito alcoolisado. As carnes salgadas e mesmo as carnes frescas, sejam ellas de que qualidade forem, são tambem altamente prejudiciaes.

De preferencia, a nossa alimentação deve compor-se de vegetaes frescos, de fructas, coroaes, alguns ovos e leite fresco.

Continuarei estes conselhos no proximo artigo e, agora, passo a responder ás senhoras que me consultaram.

Leonilde.—Durante o tempo que estiver na praia, tenha o maximo cuidado com a pelle. Trate-a com todo o carinho. Olhe que não exaggero. Apanhe sol, ar, luz; mas é necessario ter methodo, e é necessario não expor a cutis, coberta de cremes que rançam e de aguas em que entrem o oxido de zinco e o benjoim em excesso, aos raios do sol e ás brisas salinas. Um tratamento methodico e intelligente impõe-se. Vou dar-lhe uma receita de facil execução. Lave o rosto com agua tepida de manhã e á noite. (A agua tepida convem-lhe). N'estas lavagens empregue Loção de amendoas, «Pompadour», em vez de sabonete. Uma vez por semana, lave com clara de ovo. Bate-se a clara de ovo em *castello*, unta-se a pelle, deixa-se assim estar 15 minutos e, seguidamente, passa-se por duas ou trez aguas tepidas.

* * *

Laurinha—Lave o rosto durante oito dias seguidos com agua de semeas.

Faça uso do creme acimtalá. Alisa a pelle e contrahe os póros dilatados. Convém ás pelles seccas. Pode usar-se no corpo. E' até absolutamente necessario a quem soffre da desagradavel *pelle de galinha.*

* * *

Uma pallida—Faça applicações de pannos molhados em agua distillada muito quente e logo em seguida substitua os pannos quentes por um pano embebido em agua de rosas fria, até gelada, podendo ser. Os panos quentes conservam-se sobre o rosto 5 minutos e os frios outros 5. Pode tambem usar o «Secret Pompadour» (rôse) ou o «Rouge Pompadour». Mas não deixe de experimentar durante alguns dias o tratamento indicado.

* * *

Uma sardenta—Ha por ahi annunciados varios remedios para as sardas. Todos se dizem efficazes; mas na maior parte das vezes a sua efficacia é nulla. Eu posso affirmar-vos que a agua antilolica Pompadour tem realisado verdadeiras curas; mas isto não quer dizer que uma ou outra vez não tenha falhado. Experimente esta preparação bem simples: agua oxigenada e leite em partes eguaes. Applicar no rosto, durante duas horas seguidas, pachos de algodão hidrophilo molhado n'esta mistura. Usa-se diariamente durante um mez. Ha sardas que cedem a este tratamento.

* * *

Mimi Pinson—Nunca mais tive noticias da minha amiga. Interessa-me tanto o caso!

* * *

Luiza—Os «Depilatorios Pompadour» livral-a-hão para sempre dos desagradaveis pellos.

* * *

M. Lourença—Respondo particularmente.

Iole Salviati

Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro

José Augusto Prestes volta a assumir a presidencia

Em officio do Gremio Republicano Portuguez, prestigiosa aggremiação politica do Rio de Janeiro, somos informados de ter assumido a presidencia d'essa collectividade o nosso distincto compatriota sr. José Augusto Prestes, cujos serviços á causa republicana e, em geral, á numerosa colonia da capital federal são sobejamente conhecidos. O Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, ao qual o governo da Republica Portugueza conferiu já um justo galardão pelos exemplos de dedicação civica e patriotica que tem dado constantemente, em todas as conjecturas, á vida nacional entregou de novo os seus destinos collectivos á prestigiosa figura que mais contribuiu para que o Gremio Portuguez merecesse os titulos de benemerito que a nação portugueza lhe concedeu por intermedio do governo da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado.

Os novos corpos gerentes do Gremio Republicano Portuguez são assim constituidos:

Direcção:—presidente, dr. José Augusto Prestes; Vice-presidente, João Henrique Bastos Torres; 1.º secretario, Luiz Augusto Accioli; 2.º, Domingos Robalinho; 1.º thesoureiro, Chrysostomo Cardoso; 2.º, Henrique Pinto dos Santos; 1.º procurador, Raul da Silva Campos; 2.º, Alberto Guedes Vilarinho; bibliothecario, Joaquim Patricio da Cruz.

Conselho fiscal:—Manuel José Lebrão, Rufino Augusto Pires, Manuel da Silva Mattos, Augusto Constante e José Ferraz Monteiro.

Assembléa geral:—presidente, Julio Barbosa, vice-presidente, Francisco Antonio de M. Carneiro; 1.º secretario, Raymundo José Maria; 2.º Alfredo Pires do Rio. Supplentes:—Jorge Morano e Domingos Campos.

Prisioneiros de guerra

Quantos fizeram até 14 de junho os allemães e austriacos?

A *Vossische Zeitung* diz que se encontram na Allemanha e na Austria, como prisioneiros de guerra, 1.610:000 inimigos. A descriminação, segundo o mesmo jornal, é feita da seguinte fórma:

1.240:000	russos
255:000	francezes
24:000	inglezes
41:000	belgas
50:000	servios

A fonte é suspeita, mas reproduzimos a nota, a titulo de curiosidade.

A lista omitte 64 portuguezes, aprisionados em Africa, após o combate de Naulila.

ESPECTACULOS

Cartaz de amanhã

AVENIDA — A's 21 — Marido com sorte.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rotirana—Revista.

Primeiras representações

AVENIDA—«Maridos com sorte» (La veine (de...), trez actos de Kerouf e Barrès, trad. de Alberto Barbosa.

Duas bellas raparigas casadas, muito amiguinhas dos seus esposos, decidem enganal-os com o intuito de promoverem a felicidade d'elles, por cujo intermedio sabem que uma dama qualquer consolidou a ventura do seu lar tornando cuco o marido. Se bem o pensaram melhor o fizeram e o caso é que os esposos atraiçoados conseguiram ambos o que ambicionavam: um ser promovido no ministerio, o outro fechar um importante negocio. Eis o fulcro da indiscriptivel comedia burlesca que foi representada no Avenida pelo excellente grupo de artistas que n'aquella casa de espectaculos explora com a indispensavel desenvoltura o genero a que chamam do Palais-Royal e que com mais precisão se denominaria theatro de fralda de camisa e de cuecas.

A realisação do projecto das duas bellas raparigas, que são Albertina de Oliveira e Luz Velloso, ambas muito bem enroupadas por baixo e por cima e muito graciosas, dá origem a uma cadeia de episodios excessivamente hilariantes e convenientemente despidos na altura propria, que é quando n'um hotel as dedicadas mulherinhas se encontram com os homens que tiraram á sorte para a facada no matrimonio: um robusto luctador de circo, que Raphael Marques, de «maillot» curto e bigodaça bigodeira, interpreta á maravilha, e o secretario d'um principe ottomano, chefe dos eunucos, encarregado de aliciar meninas para o seu amo, e a que Luiz Bravo, com voz de «pipi», justificativa da aludida realista de «meia dose», dá um apreciavel desempenho. Mas, por circumstancias que seria escabroso referir, nem o eunuco nem o luctador veem a ser os cumplices n'aquelle duplo e bem intencionado adulterio. Dois janotas, Jorge Grave e Francisco Judicibus, que cortejam as raparigas, logram apanhal-as no momento critico e coadjuvam-nas com toda a delicadeza nos seus propositos de traição, em certo hotel de Caen onde, sem ellas o saberem, se encontram os respectivos maridos, Henrique de Albuquerque e Luiz Pinto, este ultimo atraiçoando a mulher com uma artista de circo, Pilar Monteiro, que ao «vaudeville» das forças concede periodicamente o favor da sua intimidade...

Todas estas personagens e ainda outras como um americano, Carlos Shore, a quem a mosca-morta da mulher, Miltina Neves, engana com varios, e Judith Rodrigues, uma velha, estupida e imperdigada senhora que não abre a bocca sem proferir grossa asneira, mantem os espectadores em permanente gargalhada, tão picarescas são as situações e tamanha a barafunda, sobretudo no segundo acto, em que a competencia de Augusto de Mello como ensaiador se patenteou mais uma vez.

O «vaudeville» bem traduzido por Alberto Barbosa, que talvez pudesse ter sido mais parcimonioso na serie de disparates e syllabadas, que Judith Rodrigues, boa caracteristica, aliás profere com admiravel facilidade, obteve um desempenho digno de applauso por parte de todos os interpretes e não lhe regatearam palmas os que deliram com estas historias de cucos, ante-cucos, recucos, chiscimeiros e assombrados, que constituem as delicias dos lisboetas frequentadores de theatros na presente estação. E, com effeito, poder-se-hiam representar no inverno, sem grave risco de constipações, bronchites e pneumonias para actores e actrizes, semelhantes comedias em que as pernas e os collos assim tão a descoberto se movimentam e mostram?

A. de A.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

Progressos da Amadora—A direcção dos Recreios Desportivos da Amadora, sempre activa e deligente em proporcionar aos seus consocios e familias as maiores distracções, acaba de inaugurar uma diversão muito interessante e que foi acolhida com geral agrado.

No bello recinto da patinagem, foi collocado um grande «écran», onde são exibidos films de novidade. Todas as noites durante as sessões de patinagem serão passadas as mais modernas pelliculas, tornando assim o alegre recinto ao ar livre d'uma constante festa. Centenares de pessoas assistem aos exercicios dos patinadores e ás exhibições das fitas, que se vão passando com intervallos de patinagem.

E' uma novidade que veiu trazer aos Recreios Desportivos uma animação extraordinaria, tendo-se inscripto este mez mais de 100 socios. Hoje na sessão da moda serão passados novos films de completa novidade, e espera-se de Lisboa grande numero de socios.

—No Olimpia repete-se hoje a «Timidez da Maxe», em que o inimitavel comico é inexcedivel de graça e desenvoltura.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella,—A's 21,30—Soldado chocolate.

Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

NATURISMO

AZEITE

O bom azeite sem acidez e sendo possivel «virgem», resultante da expersão dos bagos negros das oliveiras argenteas, é um dos melhores oleos comestiveis e como é absolutamente necessario usar na alimentação um «hidrocarbonado gordo» devem os naturistas dar a preferencia ao azeite extra e fino, oleico, neutro. Serve para deitar com limão nas raizes e folhas de plantas tenras imprescindiveis á saude organica. O azeite é um forte alimento respiratorio e laxativo brando assim como vermifogo: dissolve os calculos dos rins e do figado. Quem presar o bem phisico deve usar o azeite. Os athletas friccionam-se com azeite. E bom melhor fariam as damas se em vez de cosmeticos butiraceos utilisassem azeite neutro. Para o inverno é uma fonte de calor comido com bananas, figos seccos ou maçãs dôces. O capitão Diamont, naturista de S. Francisco da California, com 120 annos e que anda por dia 20 kilom. ainda de bicicleta, faz um grande uso de azeite, que é um dos maiores «elixires da longa vida»...

Porto, (Fonte-da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

O estado dos espiritos na Allemanha

Christiania, 1 de julho

No jornal *Verdens Gang*, publica o sr. Karl Know as seguintes informações ácerca do estado dos espiritos na Allemanha.

«Foi prohibido aos jornaes publicarem seja o que fôr que possa desanimar o publico; quanto mais a guerra se prolonga mais augmenta o odio contra os inimigos. As mulheres, principalmente, estão a tal ponto fanatisadas que é impossivel discutir ou mesmo conversar com ellas; os homens, esses estão mais tranquillos. O que é para estranhar é que seja exactamente com os officiaes que mais rasoavelmente se póde falar a respeito dos inimigos.

Com relação aos francezes os sentimentos são relativamente moderados; mas contra os outros adversarios cresce a irritação de dia para dia, cabendo aos italianos a maior parte. A seu respeito ouvem-se as mais violentas palavras.

Que no fim de contas a irritação dos allemães generalisou-se contra todos os estrangeiros, mesmo contra os dos paizes neutraes, indignando-se por as simpathias d'estes irem todas para os alliados; os allemães estão persuadidos da justiça da sua causa e não comprehendem como os neutraes possam ter uma opinião differente da allemã. Esta decepção faz com que digam d'elles: «Malditos neutraes! era bem melhor que se juntassem já aos nossos inimigos; ao menos assim poderiamos mandar os nossos soldados applicar-lhes o castigo que merecem».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Carpinteiros, Caixoteiros e artes correlativas

Do relatorio ve-se que a receita no anno findo, com o saldo que existia, foi de 312$44,5, sendo a despeza de 86$31, pelo que passou para 1915 o saldo de 226$13,5. O numero de socios que fica existindo é de 50.

EXCURSÕES E PASSEIOS

Realisa-se, como já dissemos, no proximo domingo, o passeio fluvial a S. Julião da Barra e Villa Franca de Xira, promovido pela Sociedade Recreio Operario «A Portugal», estando os bilhetes, cujo custo é de $45, á venda na séde da Sociedade. Em Villa Franca ha *pic-nic* e jogos sportivos no jardim.

Movimento maritimo

Pará e Manaus «Antony» (Liverpool).	9
Rio Janeiro Santos e R. Prata «Desna»	10
Liverpool «Lanfranc» (do Pará)...........	12
Brazil e Rio da Prata «Gelria»..............	12
Africa oriental «Clan Gordon».............	12
Africa occidental «Cazengo»................	13
Africa oriental «Comrie Castle»...........	14
Brazil, R. de Prata e Pacifico «Orissa»	11
Brazil e Rio da Prata «Samara»............	14
Amsterdam, etc. Frisia» (do Brazil)....	15
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv)..	15

o petroleo em diversos pontos da Persia, tanto a sul como a oeste, o campo mais vasto d'essa exploração era em Maidan-i-Naphtum (a planicie da naphta), a cerca de duzentos e quarenta kilometros a nordeste da fabrica de Abadan. Uma linha fôra construida entre Abadan e essa planicie, que mal chegava para dar vasão ao movimento, tão grande este era.

A invasão da Persia e a tomada da Tabriz mostraram desde logo que a Turquia não tencionava respeitar a neutralidade d'aquelle imperio, havendo portanto quasi a certeza de que se apoderaria ou tentaria apoderar-se das installações de Abadan, mas o governo inglez estava bem provido quando principiou a Grande Guerra e o almirantado não necessitava de recorrer á producção da Companhia Anglo-Persa para abastecer os navios.

O general Delamain seguiu além de Abadan e foi ancorar a meia hora de caminho em Saniyeh, a cerca de cincoenta e seis kilometros do mar. Desembarcou ahi a sua brigada na margem turca, sem encontrar opposição, mas fel-o com alguma difficuldade, porque a margem era muito alta e o terreno muito humido e escorregadio. A brigada entrincheirou-se ahi fortemente, esperando reforços.

Não esteve muito tempo em paz.. Ao romper do dia 11 de novembro os postos avançados foram atacados por uma grande força turca, que, evidentemente, tinha vindo de Basra. Os turcos foram rapidamente repellidos pelos maharattas, mas estabeleceram-se n'uma aldeia d'onde só poderiam ser desalojados empregando um grande esforço.

O 20.º reg. de Punjabis fez um contra-ataque, apoiado pelo fogo de uma bateria de montanha. O major Ducat foi ferido mortalmente quando valorosamente guiava uma companhia de Punjabis ao assalto da aldeia.

O inimigo foi finalmente derrotado e recuou levando os canhões que tinha nos flancos. As suas perdas subiram a mais de 80 homens. As perdas inglezas foram muito pequenas, ficando gravemente ferido o capitão Franks, dos Maharattas.

No dia 13, ao romper da aurora, o logar tenente general sir Arthur Barrett, que fôra nomeado para dirigir as operações contra Basra, chegou com alguns transportes á foz do Shatt-el-Arab. Os reforços compunham-se da brigada Ahmednagar, sob o commando do brigadeiro general W. H. Dobbie, brigada que comprehendia o primeiro batalhão de Oxford e de infantaria Bucks Light, do 119.º de infantaria (regimento Mooltan) e do 103.º de Maharattas; da brigada Belgaum, sob o commando do brigadeiro general C. I. Fry, comprehendendo o 2.º regimento de Norfolks, o 10.º de Mahrattas, o 120.º de Infantaria Rajputana e o 7.º de Rajputs. Havia tambem trez baterias da Real Artilharia de Campanha, o 48.º de Peoneiros, o 3.º de Sapadores e Mineiros e o 33.º de Cavallaria ligeira, estando este sob o commando do tenente coronel Wogan Browne. Esse regimento distinguira-se no golpho em 1857 e as cargas que dera na batalha de Khooshaub tinham um logar especial nos annaes da cavallaria.

As tropas que citamos não representavam a força total empregada na Mesopotamia, mas sim os primeiros reforços que ahi chegaram.

No dia 14, os transportes atravessaram a barra ás 6 horas da manhã e acompanhados por alguns paquetes armados em guerra subiram o rio. Chegaram a Saniyeh ás 10 horas e o coronel sir Percy Cox veiu apresentar-se a sir Arthur Barrett.

Sir Percy Cox tinha sido residente britannico e consul geral no golpho Persico e conhecia como nenhum outro inglez residente na região os problemas da Persia, Arabia, Mesopotamia e do golpho. Era simultaneamente soldado e diplomata. Durante annos havia tido o golpho Persico nas mãos. Não havia um unico sheik que não confiasse na sua justiça e na sua imparcialidade. Era sempre o arbitro por elles escolhido para resolver as suas questões, o

perador perguntou-lhe se lhe podia dar essas notas, e, sob resposta affirmativa, serviu-se d'ellas, impropriamente, como d'uma communicação official. Essas notas continham uma duvida admissivel. A politica britannica em Koweit resentiu-se. Os postos em Bubian ahi ficaram apoz um protesto formal, com muito pezar de Mubarak, que tinha appellado lealmente para a Inglaterra, mas que não foi apoiado como devia ser.

Ahi ficaram até quasi principiar a guerra, embora á Allemanha tivesse annunciado a sua intenção de fazer o terminus do caminho de ferro em Basra. Nunca abandonára o seu desejo de chegar a Koweit. Uma das clausulas do accordo anglo-turco sobre o caminho de ferro de Bagdad, que não chegou a ser assignado devido ao rebentar da guerra, referia-se á residencia d'um official turco em Koweit. Seria um permanente centro de intriga como o era o alto commissario turco no Cairo.

Os allemães mexiam-se activamente no golpho. A firma Wonckhaus, que tão humildemente começára por comprar conchas em Lingah, rapidamente se transformou n'uma grande e prospera empreza. Em 1901 os seus escriptorios foram mudados para a ilha de Bahrein. Uma nova succursal foi aberta em Basra e uma outra em Bunder Abbas. A casa em Bahrein dentro em pouco foi theatro d'um incidente internacional. O sheikh Isa, de Bahrein, tinha questões serias com um sobrinho turbulento, o qual tinha um sequito de turculentos amigos do alheio. Um d'elles assaltou uma das feitorias Wonckhaus e um individuo de nome Bahnsen, auxiliar de Wonckhaus, foi maltratado. O incidente teve pouca importancia, mas foi um pretexto para intervir que a Allemanha aproveitou immediatamente.

Exigiu reparações sem demora. D'ahi a trez dias chegava uma canhoneira ingleza levando a bordo o residente no golpho Persico. Foi paga a quantia de 66 libras a Bahnsen e os que haviam tomado parte no assalto foram açoutados publicamente e em seguida banidos.

Em 1905 a Allemanha mostrou desejos de entrar em relações directas com o sheik de Bahrein, mas foi-lhe respondido que as relações externas do sheik, com o seu consentimento, estavam sob a fiscalisação da Inglaterra.

O golpho Persico é certamente o local mais antigo das primitivas civilisações do mundo. Entre os povos que teem tentado estudar Bahrein poucos ha que não creiam que houve ahi o mais alto desenvolvimento da raça humana. A collecção de tumulos que se encontram no interior da ilha surprehende os viajantes que os teem examinado.

Em todas as epochas ahi teem ido aventureiros de todas as nações—inglezes, arabes, persas, portuguezes, gregos, phenicios, babylonios, chaldeus, todos os que teem sido peoneiros da humanidade civilisada. Os seus passos ficam impressos atravez as edades, embora tenham deixado muito poucas recordações.

Porque tanta gente vae a Bahrein? Uma simples palavra responde á pergunta—perolas—. Até hoje, Bahrein tem o maior commercio de perolas do golpho Persico. Em annos bons, manda para Paris e New-York, por via de Bombaim e de Surate, perolas no valor d'um milhão de libras. O grande banco perolifero estende-se por mais de metade do comprimento do lado occidental do golpho, começando proximo de Abu Musa, em frente de Shargah, fazendo uma curva em roda da ilha de Halul, passando proximo de El Katar e terminando finalmente n'um ponto proximo de Musalamiya, onde começam os territorios do sheik de Koweit.

Pequena parte do banco fica em aguas territoriaes e, por isso, o direito á pesca faz surgir uma questão de lei internacional. As pescarias de perolas durante muitos seculos teem sido exercidas por communidades arabes nas margens occidentaes do golpho, pelo que se póde dizer que adquiriram um certo direito sobre ellas.

Felicidade Perpetua Ramires da Silva

FALLECEU

Matilde Ramires dos Reis e seu marido, Virginia Ramires Cardoso Pereira e seu marido, Gabriel José Ramires Junior, Francisco Antonio Ramires, sobrinho e sua mulher, Joaquim Pereira Cardoso (ausente) e Elisa de Castro Ramires participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de sua presada tia e cunhada realisando-se o seu funeral ámanhã 9, pelas 2 horas e sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, largo de Arroyos, 174, para o cemiterio oriental.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Maria Thomasia Correia Dias

FALLECEU

Anna Candida de Jesus Dias, Dr. José Correia Dias e mulher, Ignez Candida Dias e Castro, Thomasia Correia Dias Saraiva Lima, marido e filha, Anna Correia Dias Thomé e Manuel Rodrigues Duarte, mulher e filhos participam o fallecimento de sua saudosa neta, sobrinha e prima e que o seu funeral terá logar amanhã, 19, ás 15 horas, sahindo o prestito funebro, a pé, da sua casa, rua Saraiva de Carvalho, 33, para o cemiterio Occidental.

Uma canhoneira ingleza faz a policia do banco durante a estação das pescarias e mantem a ordem entre os pescadores. Varias pessoas emprehendedoras da Inglaterra, da India e de outras nacionalidades, que quizeram ter n'elle participação, foram prevenidas para o não fazerem pelo governo inglez.

A Allemanha pensava differentemente. Quando a firma Wonckhaus se mudou para Bahrein, augmentou o commercio de perolas e tratou de obter do sultão uma concessão, invocando o pretexto de que Midhat Pachá havia «annexado» a ilha. Os allemães diziam querer explorar o banco por methodos «scientificos» e o sultão teria a sua quota parte.

O sultão não tinha o mais pequeno interesse territorial ou financeiro nos bancos de perolas. Não tinha tambem o direito de conceder um monopolio no golpho. Comtudo preparava-se para conceder o que os allemães pediam, quando interveiu a Gran-Bretanha.

Mas o teutão não descoroçoa com facilidade. Os agentes allemães em Constantinopla estavam tentando persuadir o sultão para lhes aforar a ilha de Halul, no centro do golpho, a noventa e seis kilometros a leste de Bida, o porto da peninsula de El Katar. Halul é uma ilha de trez a quatro kilometros de circumferencia. Tem um bom ancoradouro e não tem agua, mas, como em Bunder Abbas e n'outros pontos do golpho, essa falta póde ser supprida por condensadores. E' um ponto de reunião para a flotilha de pescadores de perolas e é considerada como propriedade em commum de todos os sheiks que mandam barcos á pescaria.

E' tão turca como a ilha de Bombaim, mas a potencia que tivesse a sua posse com certeza ahi quereria exercer a sua fiscalisação na pesca de perolas.

Os allemães fizeram nova tentativa e d'esta vez com mais exito. Pensaram em estabelecer direitos sobre a ilha de Abu Musa, a oitenta kilometros a noroeste da cidade de Shargah, na Costa dos Piratas. Essa ilha pertencera sempre aos sheiks da Shargah e é ahi que começa o grande banco de perolas. Foi a proposito de Abu Musa que a Allemanha deu signaes de discutir abertamente o predominio da influencia ingleza no golpho Persico. A ilha ficou, porém, em poder do sheik.

Todos estes processos de que os allemães se serviam mostram como disputavam a influencia ingleza.

Brigadeiro general sir Philip Chetwoode

Prosigamos, porém, na narrativa dos acontecimentos da actualidade. A 29 d'outubro de 1914, os navios de guerra allemães haviam bombardeado as cidades russas na costa do Mar Negro, e no dia 30 sir Louis Mallet, embaixador inglez em Constantinopla, pedia os seus passaportes. A ruptura de relações entre a Gran-Bretanha e a Turquia tinha sido anciosamente esperada pela pequena colonia ingleza em Basra e muitos membros d'essa colonia sahiram para Mohammerah, em territorio persa, no dia 27.

A canhoneira «Espiègle», de 1.070 toneladas, 13 1/4 nós de velocidade e armada com quatro canhões, esti-

vera no rio Karun, perto de Mohammerah, durante algumas semanas. A 31 d'outubro mais inglezes chegaram, vindos de Basra, mas quando alguns tentavam d'ahi sahir foram impedidos de o fazer.

No dia 2 de novembro, o consul inglez, Bullard, e os restantes membros da colonia embarcaram n'um paquete turco. Todos, excepto o consul, foram obrigados a desembarcar, dizendo o governador de Basra que havia recebido instrucções telegraphicas de Constantinopla a tal respeito. Quando Basra foi tomada, foram ahi encontradas todas as pessoas que haviam sido detidas.

O mesmo succedeu em Bagdad. Só ao consul inglez e sua familia e ao consul francez foi permittido sahirem. Fizeram a viagem pelo Tigre, n'uma lancha, que foi apprehendida ao chegar a Basra, continuando os viajantes a viagem n'um paquete turco. Os europeus presos foram depois salvos, mas diz-se que foram transferidos para uma cidade na Asia Menor.

O governo da India, que tem a seu cargo as operações do golpho, algum tempo antes de rebentar a guerra, entendera prudente reforçar ahi as suas forças. A brigada Poona, sob o commando do brigadeiro general W. S. Delamain, fôra mandada para a ilha de Bahrein. Compunha-se do 20.º regimento de infantaria (Brownlow Punjabis), do 2.º de cavallaria, do 17.º de Maharattas e do 104.º de caçadores de Wellesley. Era acompanhada pela 23.ª bateria de montanha (Peshawar) e pela 30.ª bateria de montanha.

A brigada tornou a embarcar e dirigiu-se para Shatt-al-Arab a 7 de novembro. Ahi, á entrada foi tomada a pequena localidade de Fao, onde existia um forte turco, que foi reduzido ao silencio no espaço d'uma hora. Parte da brigada com uma força de marinha do navio «Ocean» desembarcou e a localidade foi occupada. A invasão da Chaldéa começára.

Não era a primeira vez que forças inglezas navegavam em Shatt-al-Arab. Durante a guerra com a Persia em 1857, sir Henry Havelock entrára no rio com 4.000 homens e tomára Mohammerah. N'essa occasião, tinham tomado parte nas operações os regimentos de Seaforth Highlanders e o de Staffordshire. O primeiro subiu o rio Karun e tomou a cidade de Ahwaz, façanha que foi quasi immediatamente esquecida devido a ter-se dado a revolta na India.

Tendo occupado Fao, onde deixou um destacamento de infantaria indigena, o general Delamain avançou pelo rio dentro com o grosso da sua brigada, a mais de quarenta de oito kilometros. A viagem não se póde chamar pittoresca. A margem turca é cheia de arvores, por detraz das quaes ficam pantanos e desertos. A margem persa é menos coberta de arvores, mas a terra ahi é verde. As margens são suaves e o rio entre ellas é fundo.

Na margem da ilha de Abadan, do lado persa, fica a nova e vasta fabrica da Companhia de Petroleo Anglo-Persa, que abastecia as embarcações da armada. A sua poderosa estação de electricidade e os seus machinismos para benzina e essencia eram uma verdadeira tentação para o inimigo.

Quando a expedição ahi chegou, a fabrica estava sendo guardada pela canhoneira «Espiègle». Na noite anterior, duas pequenas canhoneiras turcas tinham-se approximado do local. A «Espiègle» esperou-as e apoz uma troca de tiros fel-as afastar. De manhã tambem a canhoneira ingleza bombardeára e arrazára um posto turco. Os turcos tinham alguns canhões occultos e responderam vigorosamente ao bombardeamento.

A fabrica em Abadan foi fundada em virtude d'uma concessão feita em 1901 ao subdito britannico W. K. D'Arcy para explorar os terrenos petroliferos em todo o imperio persa. O concessionario começou elle proprio a exploração, mas a concessão foi transferida em 1909 para a Companhia Anglo-Persa.

Embora a companhia explorasse

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1759 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Admin.stração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 9 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A policia

Hontem, ás 11 horas da noite, em pleno largo de Camões, onde actualmente se realisa uma «kermesse» promovida pela Associação dos Bombeiros, e na occasião em que maior era a concorrencia do publico, um bando de desordeiros irrompeu pelo largo, que é um dos pontos mais centraes de Lisboa, *desrespeitando*, provocando, brutalisando toda a gente, homens, mulheres e creanças. Dois policias a quem se deu o conhecimento do facto limitaram-se a encolher philosophicamente os hombros. Os desordeiros continuaram nas suas tropelias, e durante mais d'uma hora insultaram e espancaram as pessoas que se haviam atrevido a protestar contra o seu procedimento. Nenhuma acção policial se registou, e os desordeiros ficaram gosando a impunidade dos seus actos.

Não é já a primeira vez que se constata esta inercia policial. Successos graves se teem mesmo desen*rolado nas* barbas dos pseudo-representantes da auctoridade. A policia parece ter-se convencido que o seu papel é não fazer nada, e uma população de 560.000 habitantes encontra-se hoje —esta é a inilludivel verdade— inteiramente falta da segurança que as auctoridades lhe devem garantir.

Encontram-se pelas ruas da cidade os policias, a dois e dois. Teem os seus terçados, teem os seus revolveres. Em casos como o de hontem, a dois passos do governo civil, rapidamente deveriam obter o reforço que necessitassem. Mas os policias não se incommodam, e realmente dá vontade de perguntar para que envergam uma farda, para que trazem um terçado, para que usam um revolver. Não teem só por si a auctoridade, teem por si a força, como a teem todas as policias do mundo. E acharão que as suas armas são insufficientes? Necessitam de peças de artilharia? Desejam bombas de gazes asphyxiantes? Ou reclamarão automoveis blindados?

Como a situação se observa, tanto valeria mandal-os para a rua sem um canivete no bolso nem uma badine na mão. Servem apenas para desprestigiar mais a auctoridade, que, se soffre reconhecendo-se que não tem agentes que a sirvam, mais soffre ainda sujeitando-se na pessoa d'esses agentes a semelhante annulação do seu prestigio.

Eis um estado de coisas que não póde continuar. Dir-se-hia que a policia está apostada em comprometter o regimen, em lhe dar provas continuas da sua má vontade. No periodo da dictadura, distinguiu-se pela sua brutalidade, acutilando quem simplesmente victoriava a Republica. Agora, tendo-se feito uma revolução que provou que a Republica é um facto, eil-a que parece dar a entender que com a Republica não póde haver policia, sendo a ordem um mytho na capital do paiz.

A policia continua com os mesmos meios de repressão que sempre teve, usando as mesmas armas que sempre usou. Todavia, não intervem. Dir-se-hia que se compraz na desordem, que intensamente se regosija com ella, entendendo, porventura, que a sua missão não póde ser outra senão a que lhe ensinaram no tempo da monarchia: espadeirar os republicanos. Ou isso,—ou nada.

Poderão os agentes ter culpas, mas quem as tem seguramente são os seus chefes. As queixas são continuas; elles não podem allegar ignorancia sobre o pessimo policiamento de Lisboa. E todavia nenhumas providencias tomam para modificar a situação. Preciso é pois que o governo tome essas providencias, que teem de ser urgentes e radicaes.

O SUL DE ANGOLA

em via de ser occupado pelas nossas forças

No ministerio das colonias foi hoje recebido o seguinte telegramma:

Ministerio das colonias—Lisboa—A's 14 horas do dia 7 do corrente o destacamento destinado ao Humbe entrava na fortaleza sem ter disparado um tiro, tendo feito uma bonita marcha e tendo sido arvorada a bandeira nacional, a qual foi devidamente saudada por todas as praças do mesmo destacamento, que pessoalmente acompanhei. A's 15 horas entrava com toda a correcção o destacamento da Dongoena, cujo serviço, segundo sou informado, deu o melhor resultado e foi habilmente dirigido. Apezar de grandes difficuldades no abastecimento de agua aqui e durante a marcha, a disposição das tropas é magnifica. No dia 10 regresso aos Gambos, a fim de continuar a regular a marcha de concentração das restantes forças.— *General governador.*

Como esclarecimento a este telegramma recordaremos apenas o seguinte:

Após a infeliz jornada de Naulila, a 18 de dezembro, todos os nossos postos de occupação para o sul dos Gambos foram abandonados, revoltando-se o gentio por instigação dos allemães e saqueando tudo quanto não poude ser transportado na retirada. Desde então é esta a primeira vez que a bandeira nacional tremula á vista dos cuamatas, a cuja submissão se vae proceder agora energicamente.

Pertence tambem ao plano de operações o estabelecimento do nosso dominio effectivo no Cuanhama, onde até hoje o dominio portuguez nunca fôra exercido directamente.

Os dois fortes destacamentos a que se refere o telegramma acima reproduzido partiram dos Gambos para o sul ha poucos dias. O primeiro, sob o commando directo do general Pereira d'Eça, seguiu o valle do Caculovar, que é o caminho habitual do Humbe; quanto ao segundo destacamento, que attingiu a Dongoena (a algumas horas de marcha de Naulila), fez o seu trajecto mais por oeste, atravez da região do Otchinjau.

Bom é accentuar que o objectivo d'essas forças se limita, por emquanto, a restabelecer a nossa soberania nas regiões citadas. Os allemães abandonaram-n'as ha muito, e não é provavel que, como já tivemos occasião de demonstrar, procurem novamente invadir-nos pela mesma fronteira. A marcha dos allemães deve estar-se effectuando, sob a perseguição das tropas sul-africanas, na direcção da nossa fronteira do Cubango, a cerca de quatrocentos kilometros para leste do ponto onde actualmente se encontra o general Pereira d'Eça.

A QUESTÃO DO DOURO

A marca "Porto„ foi creada pelos vinhos da Bairrada — Os interesses do paiz

A questão do Douro é das mais complicadas que teem surgido entre nós. Por isso mesmo, todas as opiniões que possam esclarecel-a e que sejam auctorisadas devem ser tornadas publicas, porque orientar os que do importantissimo problema se occupam, discutindo-o e apreciando-o, é prestar um valioso serviço ao Douro, ao sul e ao paiz. O sr. Ferreira Lopes é um dos homens que melhor conhecem a questão, dadas as funcções directivas que desempenha á frente d'uma das mais poderosas companhias vinicolas de Portugal. E' elle quem vae dizer, sem paixão nem sombra de espirito aggressivo, quanto a sua experiencia lhe tem ensinado n'esta lucta tremenda que ha tantos annos vem travada entre os vinhos licorosos do Douro e os que no Douro não sejam produzidos. Principia por se referir ao tratado de commercio anglo-luso esse technico de auctoridade incontestavel. E diz:

—Argumenta-se para ahi que os negociadores do tratado, por parte do governo portuguez, não fizeram caso do convenio de Madrid. Não fizeram nem podiam fazer, porque a Inglaterra, apesar de ter assignada esse diploma, reservou-se sempre o direito de o interpretar como entendesse. Nunca o tomou á lettra, como pretendem os viticultores do Douro, e a opinião que ella fórma sobre o que no convenio se dispõe está bem expressa na declaração que acompanha e fecha o tratado, a qual diz, textualmente, o seguinte:

«O plenipotenciario do governo de S. Magestade Britannica declara, no acto da assignatura do tratado, que a concessão do governo de S. Magestade Britannica, constante do artigo 6.º do tratado, é feita unicamente em troca de melhoria de tratamento aduaneiro concedido ás mercadorias inglezas pelo governo portuguez, e sem prejuizo das opiniões das duas partes contractantes, relativamente á exacta interpretação que se deve dar ao artigo 4.º do Convenio de Madrid, de 14 de abril de 1891...»

«Como se vê, continua o sr. Ferreira Lopes, a Inglaterra considera a marca «Porto» applicada aos nossos vinhos licorosos como um valor commercial e por esse motivo permittiu sempre a venda nos seus mercados de varios «Portos», desde que indicassem a procedencia. Podia não ser assim? Podia, porque tudo é possivel. E n'esse caso, o Douro tinha razão emquanto durasse a lei regional que lhe deu o exclusivo da barra do Porto. Mas tambem n'esse caso não havia motivo para celebrar o tratado, visto a Inglaterra, em troca do que nós lhe damos, não poder conceder-nos a vantagem constante do artigo VI. D'aqui se conclue que o tratado assenta sobre interesses economicos e não sobre direitos adquiridos ou anteriormente estipulados.

«Mas em que assentam as reclamações do Douro? N'uma base falsa. Ellas partem do principio de que a marca «Porto» pertence só aos vinhos do Douro. Isso não é assim. Ainda o Douro não produzia uma gotta de vinho licoroso e já aquella marca existia, creada e mantida pelos vinhos da «Bairrada», exportados pela barra do Porto. Mais ainda. A'parte o *monopolio concedido* pelo marquez de Pombal á Companhia dos vinhos do Alto Douro e alimentado só por vinhos velhos de qualidades nobres e exceptuado um outro pequeno periodo que lhe succedeu, tendo esse monopolio e esse periodo terminado a pedido dos viticultores *durienses, a marca* Porto foi sempre alimentada por vinhos licorosos de todo o paiz. Se não fosse assim, teria o governo João Franco, ao dar o exclusivo da barra do Porto ao Douro, compensado o Centro e o Sul, como o fez, concedendo-lhes o exclusivo do fabrico da aguardente? Além d'isso, os vinhos da região duriense vendem-se em Londres com a designação de «Douro Port», emquanto os outros são conhecidos pelo nome de «Lisbon Port».

«Onde ha a confusão? Que mais deve o Douro exigir? Não estão, porventura, bem definidas as regiões vinicolas de Portugal? Póde uma região ultrapassar os seus direitos sem attender aos interesses geraes do Paiz? O tratado não se fez entre o Douro e a Inglaterra, mas entre Portugal e a nação alliada, e por isso, o Sul o que quer é que os seus vinhos não sejam desfavorecidos no mercado inglez, que outra vantagem nos não dê além da do artigo VI. Se o Douro fosse o unico beneficiado, os vinhos portuguezes ficariam egualados aos das outras nações. Quem os compensaria dos prejuizos que d'ahi adviriam. Fica a questão da aguardente. O que vale ella para o Sul, desde que a sua aguardente está sempre sujeita ás especulações do commercio do Norte e desde que ali se queima vinho sempre que a aguardente sóbe de preço? Perdeu-se, n'esta questão, a noção das coisas, indo-se até ao ponto de se affirmar que o tratado, tal como se encontra, é prejudicial ao Paiz. Como, se a Inglaterra se compromette a não deixar, de futuro, que se vendam no seu territorio vinhos com a designação de «Porto» que não sejam produzidos em Portugal? Até aqui, o Douro tinha uma boa meia duzia de concorrentes. Agora, fica só com um. Como se comprehende que fique peor? Presentemente, vendem-se em Inglaterra cincoenta mil pipas de falsos «Portos». O Douro e o Sul não collocam ali mais de trinta e quatro mil. Que mal vem ao Douro que o Sul conquiste para si parte do mercado que está hoje nas mãos dos estrangeiros?

«O tratado traz vantagens para o Douro. Mas não ha duvida que quem mais lucra com elle é o Sul, porque são os seus vinhos licorosos que, pelo seu preço, podem bater na Inglaterra os vinhos estrangeiros. Quanto a uma supposta absorpção de marca, o Sul não quer nem póde fazel-a. A lei prohibe-lh'o terminantemente. E não póde realisal-a principalmente por serem inglezes quasi todos os grandes exportadores de vinhos para Inglaterra, não havendo entre elles um só que não saiba ou conheça a origem dos productos com que negoceia. Este argumento é que vale, porque os negociantes inglezes, com os seus creditos firmados, hão de esforçar-se por os manter em vez de os deixarem perder.

E para fechar, o sr. Ferreira Lopes diz ainda:

—Em minha consciencia, entendo que é esta a melhor maneira de encarar a questão. O Douro tem, principalmente, no exclusivo da barra do Porto, a razão dos seus males. Extinga-o, viva com a gente do Sul como pódem viver dois bons amigos e verá como o tratado com a Inglaterra será para todos uma fonte de prosperidade e riqueza.

Dr. Affonso Costa

Accentuam-se as melhoras do illustre enfermo

O sr. dr. Affonso Costa manteve hoje, durante o dia, o estado de relativa tranquillidade hontem manifestado.

A's dez horas da manhã foi affixado o seguinte boletim:

«Pulsações, 76; respiração, 24; temperatura, 37,9. O doente continua tranquillo».

Assignaram este boletim os srs. drs. Avelino Monteiro, Costa Nery, Costa Santos e Alberto Madureira.

Junto do illustre enfermo passaram a noite e parte do dia de hoje sua esposa e o sr. dr. Germano Martins, sempre acompanhados por um dos medicos assistentes, que de manhã foi o sr. dr. Costa Nery e de tarde o sr. dr. Alberto Madureira. Durante a noite esteve o sr. dr. Pulido Valente.

Ao hospital continuam affluindo grande numero de telegrammas e visitantes. O sr. dr. Bernardino Machado, que hoje esteve retido em casa com um ligeiro ataque de grippe, encarregou seu filho, o sr. Miguel Machado, de colher informações sobre a marcha da doença. Egualmente ali foram hoje, ou mandaram, todas as individualidades politicas que pela saude do sr. dr. Affonso Costa se teem quotidianamente interessado.

A sr.ª D. Alzira Costa retirou do hospital já depois das 14 horas.

Se não sobrevier qualquer complicação inesperada, só ámanhã será publicado novo boletim.

Os hespanhoes em Marrocos

MADRID, 9.—O residente na zona hespanhola de Marrocos, o general Marina, pediu a sua demissão por motivo de falta de saude, sendo substituido pelo general Jordana, que era o commandante de Melilla. O general Silvestre, commandante da zona de Larache, está indigitado para o quartel general do soberano e os generaes Aizpuru e Villalba, respectivamente, para Melilla e Larache.—*(Havas).*

Migalhas

Noticias da Grecia

O meu representante em Athenas communica-me que a attitude do governo Goumaris está provocando certa agitação popular. Varias manifestações se teem realisado, reclamando-se que os ministros sejam demittidos e levados perante os tribunaes, sob o fundamento de que os imperios centraes os corromperam e ha quem receie que o presidente do conselho, longe de attender ás reclamações do povo grego, dê um golpe de Estado, dissolvendo a camara dos deputados.

Escusado será pensar em perguntar ao Praxedes a sua opinião sobre o caso. Com trinta e oito graus de latitude á sombra—como elle diz—o animal acha-se impossibilitado de alinhavar duas ideias seguidas.

Pela minha parte tive um certo desgosto em vêr o tal sr. Goumaris plagiar tão relesmente o nosso sempre chorado general Pimenta de Castro. O tal estadista da Grecia ainda não mandou fechar o parlamento; mas a coisa está por pouco, segundo me communicam as noticias que transcrovo.

Ora aqui teem v. ex.as. Nós com um trabalhão doido para conseguirmos ser o povo mais estravagante da Europa em materia politica e afinal para quê? Para sêrmos servilmente copiados por um Goumaris qualquer. Pois que experimente fazer o seu golpesinho d'Estado e talvez eu lhe remetta como encommenda postal uma grosa de revolucionarios sortidos que em menos de vinte e quatro horas fazem com que elle se veja grego.

André Brun.

O CONVENIO DA PESCA

As exigencias hespanholas obrigam os delegados portuguezes a desistir das negociações

Voltam a embrulhar-se as coisas em Hespanha, a respeito do convenio de pesca nas aguas territoriaes. Falharam mais uma vez as negociações, estabelecida a irreductibilidade entre portuguezes e hespanhoes, sendo de esperar que os nossos compatriotas regressem da capital do visinho reino sem terem accrescentado nada ao estado anterior da questão.

Um illustre official de marinha, que tem sido informado amiudadamente dos trabalhos realisados pela commissão mixta, a quem hoje procurámos, para que nos elucidasse sobre este assumpto, confessa desde logo a sua convicção no insuccesso do accordo entre os dois paizes para levar a bom termo o litigio entre pescadores portuguezes e hespanhoes.

—As questões em vez de se simplificarem, complicam-se, accrescenta quem é uma authentica auctoridade no assumpto; ha pouco mais d'um anno voltou de Madrid o sr. Almeida d'Eça, que sendo um distincto official de marinha é ao mesmo tempo uma competencia em direito internacional. Foi delegado do governo para na capital hespanhola tratar das bases do convenio da pesca. Não foi possivel arrancar ao nosso representante qualquer concessão e d'ahi o ter elle voltado, ficando tudo na mesma. «Es muy duro, muy duro», diziam os nossos visinhos. Ora se duas pessoas sem nenhum interesse directo ou pessoal no assumpto não puderam estabelecer um accordo, como poderão chegar a esse resultado os delegados officiaes, a que se juntaram quatro individuos de cada lado, representando os interesses em jogo? Resulta d'este facto que, se foi difficil a missão do anterior delegado, sr. Almeida d'Eça, torna-se inteiramente impossivel aquella a que preside o sr. Alvaro Fererira.

«Convem lembrar, prosegue o nosso interlocutor, que a regulamentação da pesca em aguas territoriaes anda annexa ao tratado de commercio e navegação. Esse tratado, que vigorou dez annos, sendo prorogado por mais dois, segundo determinava uma das clausulas, foi denunciado ha trez annos. Tem-se diligenciado fazer um novo tratado com o paiz vizinho, mas as exigencias d'este paiz no que respeita ás condições da pesca veem-no adiando constantemente.

—E quaes são essas exigencias?

—São exigencias que brigam com o brio e a dignidade nacional, pois representam condições a que nenhum outro paiz se submette. O governo hespanhol pretende simplesmente a «mancomunidade», isto é, a reciprocidade da pesca nas aguas territoriaes e que o julgamento das transgressões seja feito pelas auctoridades do paiz em cujas aguas essas transgressões forem praticadas.

«Tenho absoluta certeza de que nenhum vogal da commissão portugueza transigirá em qualquer d'esses pontos, por muito que alguem, seja qual fôr a sua situação, haja feito acreditar na sua possibilidade. De maneira nenhuma se póde admittir a reciprocidade de pesca. A costa portugueza no Algarve e no norte é abundante; em Hespanha é escassa. Os hespanhoes exercem a industria da conserva e do peixe prensado. Se não teem que chegue, é natural que o comprem onde houver. Não se comprehende que o vão pescar livremente á casa alheia, sem a menor compensação. No que respeita ao julgamento das transgressões observa-se a mesma situação deprimente para o nosso prestigio. Convem dizer que as auctoridades hespanholas, julgando as transgressões dos seus pescadores, usam d'uma benevolencia que instiga á pratica da mesma trangressão. As penalidades convidam a que o pescador surprehendido pela calmaria chame voluntariamente o auxilio da canhoneira da fiscalisação para o conduzir a Ayamonte. Um reboque por cinco duros não é nada caro!

—E, denunciado o tratado, qual o procedimento das auctoridades?

—Actualmente os pescadores hespanhoes, surprehendidos a pescar em aguas territoriaes, são detidos e apprehendido o *carregamento* e imposta uma pesada multa. Apesar d'isso o abuso continua. Os pescadores da Galliza descem até Aveiro e tanto os do norte como os do sul teem dado occasião a variadas e multiplas questões diplomaticas. E' essa situação de permanente conflicto e por isso mesmo haveria toda a vantagem em que o convenio fôsse estipulado, salvaguardando-se, é claro, os legitimos interesses da classe piscatoria de Portugal.

«Em vista do que se está passando ou os hespanhoes entendem que esses interesses não devem ser respeitados ou não querem realmente celebrar novo tratado de commercio e, então, tudo lhes serve de pretexto para protelar essa situação.

«Estão bem entregues os interesses portuguezes n'essa reunião. O sr. contra-almirante Alvaro Ferreira, delegado do governo conhece bem as necessidades locaes. Exerceu já as funcções de chefe do departamento maritimo do Algarve. Os delegados das collectividades de pesca são os srs. Judice Fialho, o maior industrial da pesca em Portugal, Frederico Ramires, indutsrial-armador de grandes conhecimentos technicos e invulgar cultura, dr. Carlos Fuzeta, advogado, José Barbosa e dr. Moreira de Carvalho, representando o Centro. A nenhum d'elles falta competencia e patriotismo para tratar esta questão, que todos desejam vêr liquidada mas sem quebra da dignidade nacional.

"O cigarro do soldado„

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$50 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

* * *

Da casa collocada no estabelecimento A Competidora, da rua dos Correeiros, 161 a 171, pertencente ao sr. José Pedro Gomes, foi recebida na nossa administração a quantia de 2$70,5.

Poeira da Arcada

O problema das subsistencias, dentro de pouco tempo, deve revestir-se de aspectos inquietantes.

Entretanto, ninguem dirá que um perigo nos ameaça. Sujeitos que teem o espirito difficil, mas a piada prompta, dizem para nos socegar:

—As difficuldades da vida vencem-se com paciencia. A guerra ha de habituar-nos a roer as unhas para illudimos a fome. No dia em que nós cons-

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 9-7-915

Os catholicos e a Allemanha

Não comprehendo—sinceramente o confesso—como um catholico portuguez, de crenças radicadas e espirito culto, prefira n'essa qualidade a victoria da Allemanha á da França. As razões de tal preferencia, adduzidas pelo mais importante orgão jornalistico que entre nós defende as idéas catholicas, são inadmissiveis porque contrariam a verdade historica e affrontam o sentimento da justiça. A «Liberdade» assegura que, se a Allemanha, onde «foi possivel e consentida a constituição de um Centro Catholico, que chegou a ser o arbitro da politica do imperio, perseguiu o catholicismo, por fim «reconheceu o seu erro e cedeu» e «procura hoje viver com a Egreja e cerca o Santo Padre de attenções e homenagens». Vencida a França, «onde o Estado é atheu e perseguidor», assevera a «Liberdade» que «faria caminho a idéa conservadora, veriam os latinos a necessidade da ordem, da disciplina, da tenacidade de que tão bellos exemplos nos está dando a Allemanha». Ponderem-se e desfiguem-se as razões da gazeta portuense, começando pelo que toca ao catholicismo allemão.

* * *

O Centro foi sempre, e hoje mais do que nunca, um partido politico, embora durante annos se empenhasse ardentemente na defeza dos interesses catholicos e se impuzesse como uma organisação e uma força cuja influencia na vida nacional os governos houveram de ter em conta. A evolução, porém, que se operou no seu modo de ser, a opposição de criterios entre os seus membros mais preponderantes, a ambição de governo que se apossou de alguns d'elles originaram a crise em que os catholicos puros soffreram um violento cheque. O estabelecimento do inter-confessionalismo no seio do Centro, com todas as luctas e todos os escandalos que á sua volta se desenrolaram, e a organisação dos poderosos syndicatos operarios mixtos, em que catholicos e protestantes acamaradam, tiveram menos por objectivo a causa da religião do que a do imperio e serviram mais os interesses do kaiser do que os da Egreja. Factos posteriores e bem eloquentes—póde haver maior eloquencia que a da guerra actual?—vieram comprovar tudo isto. O pangermanismo venceu o catholicismo dentro das instituições fundadas e desenvolvidas com a benção do Papa e os homens que n'ellas predominam, e que lhes imprimem orientação e impulso, frequentemente fecharam os ouvidos ás indicações pontificaes e n'este mesmo instante as desprezam quando não contradizem o chefe supremo da Egreja. Da scisão entre os catholicos resultaram, como se sabe, as duas famosas direcções: a de Colonia, que é a preconisadora da alliança com os protestantes, e que mal escuta Roma, quando não a escarnece, mas que se impõe no Centro, e a de Berlim, que se mantem dedicada á Santa Sé e que, por isso mesmo, se vê perseguida e desvalorisada. Foi a direcção de Colonia que affirmou ser o Centro um partido politico, assente n'uma base christã, esclarecendo, porém, que o seu christianismo apenas abrange as doutrinas communs aos protestantes e aos catholicos, uma especie de super-christianismo seleccionado de toda a confissão definida. D'esta arte o Centro, descatholicisando-se, cooperou parlamentarmente em 1911 com os liberaes e os socialistas para se crearem escolas não confessionaes na Alsacia-Lorena e tratou de repellir o concurso de eminentes catholicos tradicionaes, cuja presença na camara desagradava aos protestantes!

A imprensa do Centro, consagrando á campanha em prol do interconfessionalismo e do nacionalismo a sua actividade fervorosa, esqueceu-se de combater o movimento livre-pensador e a obra dos circulos monistas e dos apostolos do nietzscheismo, adversarios dos principios christãos, porque se identificou com esta ao fomentar o pan-germanismo, seu unico idolo. O «Tag», a folha de Berlim em que collaboram as figuras mais representativas do Centro, alludindo ao renascimento religioso suscitado pela guerra na Allemanha, considerou-o «um regresso ao paganismo germanico» e escreveu com desvanecimento: «A velha fé dos nossos antepassados pagãos revive em nós!» A força é tudo e Mathias Erzberger, o leader actual do Centro catholico allemão, para quem a palavra de honra tem o mesmo valor do que os tratados para Bethman-Hollweg, ainda ha pouco, fazendo a sua apologia, clamava que era da falta de escrupulos, da maior ausencia de escrupulos, do maximo rigor e da destruição de cidades inteiras que estava pendente a victoria. Bento XV recommendava, ao mesmo tempo, que na invasão se poupassem absolutamente as populações civis e se não fosse além do que as necessidades da occupação militar exigissem. Mas como haviam os allemães de, na guerra, prestar ouvidos ao romano pontifice, quando na paz o não quizeram escutar ou apenas muito contrariados o attenderam?

* * *

Satisfaz-se com pouco a «Liberdade»... Porque Guilherme II subiu trez vezes as escadas do Vaticano, porque a Prussia tem mantido um representante junto da Santa Sé, porque o imperador, na sua febre de arengar, prégou alguns sermões, dando-se ares de inspirado e de mystico, e fez esculpir os seus traços phisionomicos na figura do propheta Daniel para a frontaria d'uma cathedral, conclue d'ahi que a Allemanha procura viver com a Egreja e cerca de attenções e homenagens o seu chefe supremo? As homenagens e as attenções porventura dispensadas pela Allemanha official ao summo pontifice obedecem simplesmente a intuitos politicos e não é por via d'ellas que póde ajuizar-se da importancia e da situação do catholicismo no imperio. Convem relembrar que, a despeito d'essas attenções e homenagens e dos esforços do Centro, quando ainda não infectado, o regalismo tão condemnado n'outros paizes nunca desappareceu da Allemanha, onde a soberania do Estado em materia ecclesiastica ainda dispõe de um bem fornecido arsenal de leis. Mas os proprios catholicos allemães não se confundem com quaesquer outros, ficando celebres muitos dos seus actos de independencia e até de rebellião, que causaram sobresaltos e amarguras em Roma. O ruidoso incidente provocado pela encyclica «Pascendi», contra a qual tantos protestos se ergueram entre o clero e o professorado catholico da Allemanha, a ponto da Santa Sé recuar, bastaria como exemplo... Uma voz auctorisadissima recordou recentemente o facto. O «Tijd», grande jornal catholico de Amsterdam, ouviu-o da bocca de monsenhor Baudrillart, um dos mais illustres sacerdotes da archidiocese parisiense e sabio reitor da Universidade catholica. E vem a proposito dizer que os catholicos allemães ainda até agora não conseguiram fundar um instituto semelhante... Lembrou o jornalista ao insigne vigario geral de Paris que os catholicos allemães accusavam os seus correligionarios francezes de compromettêr a unidade catholica e a sujeição devida ao Pae commum dos fieis. Monsenhor Baudrillart respondeu:

«Explica-se tal sollicitude, dada a sua procedencia, mas na verdade é muito para estranhar no espirito e nos labios de homens que ha tanto annos alardeiam uma independencia tamanha em relação ao Papa que falam sem cessar do catholicismo allemão, do Deus allemão! Sob o pontificado de Leão XIII, não se gabou o Centro de haver triumphado porque fizera frente ao Papa? E o caso do juramento anti-modernista? E o da primeira communhão ás creanças? E o da encyclica sobre S. Carlos Borromeu? E o dos syndicatos christãos? Todos os modernistas nos diziam: «Mas olhem para os catholicos allemães. Vejam como resistem bem! Bravo... Os senhores apenas sabem submetter-se!» E' verdade. Nós, catholicos francezes, apenas sabemos submetter-nos ao Papa. Não receie, por isso, qualquer scisma da nossa parte...»

E, como o jornalista observasse que os catholicos francezes não estão organisados á maneira dos allemães, o reitor da Universidade catholica de Paris replicou:

«Não ha duvida, e admiro como o senhor essa organisação, embora com reservas. Primeiro, pelo que nos diz respeito, a situação é muito differente na França e na Allemanha; as eleições no nosso paiz obedecem a tendencias politicas e a interesses locaes que o systema eleitoral torna predominantes; os funccionarios são innumeros e poderosos; os candidatos, ainda os mais radicaes, raras vezes se mostram anti-religiosos no seu circulo. Não obstante temos alcançado exitos notaveis. Quando o nosso Comité se constituiu, o presidente do conselho municipal de Paris e o presidente da deputação provincial do Sena, ambos eleitos e ambos catholicos e praticando a sua religião, quizeram figurar entre os seus membros. Aqui outra reserva, e esta respeita aos catholicos allemães: a sua organisação é, sem duvida, forte; mas fez do Centro um partido sobretudo politico e que de dia para dia o é mais. Catholicos independentes perante o Papa e domesticados para com o imperador. Consinta que exprima todo o meu pensamento: o nosso governo é, na verdade, hostil aos catholicos, mas todavia não trocariamos a nossa situação pela dos catholicos allemães. O veneravel abbade mitrado de uma Trappa franceza escrevia-me, com data de 14 de novembro ultimo, esta significativa phrase: «Se reparassemos em que, no fundo, o catholicismo em França, apezar do combismo, gosa de mais liberdades essenciaes do que n'essa Allemanha que tão caro faz pagar ao alto como ao baixo clero certos privilegios accidentaes!» E é verdade. Note-se, por exemplo, a liberdade do ensino. Onde estão as universidades catholicas allemãs? Alguns professores catholicos, as mais das vezes de doutrinas suspeitas, perdidos no meio de racionalistas e de protestantes? Onde estão os collegios exclusivamente catholicos? Onde os pequenos seminarios incolumes do jugo do Estado, com pessoal exclusivamente ecclesiastico e unicamente sujeitos aos seus bispos? O mesmo se póde dizer ácerca d'outras liberdades...»

* * *

A folha portuense dirá que a paixão patriotica empana o claro entendimento de monsenhor Baudrillart, mas não ousará ir mais longe porque nenhuma objecção concreta é possivel formular contra o que elle affirmou ao jornalista de Amsterdam. Quer a «Liberdade» a victoria da Allemanha, porque seria a ordem, a disciplina, a tradição restauradas nos paizes latinos, e a derrota da França que só assim se veria liberta dos «homens monstruosos» que a governam. O collaborador do «Tijd» interrogou o reitor da Universidade catholica de Paris sobre este ponto:

«Resta-me fazer uma pergunta, monsenhor. Em todas as coisas ha que considerar o fim. Não seria a victoria da França a victoria da franc-maçonaria e os catholicos de todos os paizes não terão o direito de temer as consequencias de triumpho semelhante? Quero reconhecer que não se incriminaram com razão os catholicos francezes, mas elles não são, na verdade, quem manda.»

Eis a resposta de monsenhor Baudrillart:

«Mas são os catholicos quem manda na Allemanha? Diz que a victoria da França seria a da franc-maçonaria; posso responder-lhe que a victoria da Allemanha seria a do protestantismo e do livre pensamento, de um livre pensamento terrivelmente radical.» O sabio sacerdote accrescentou que, «ainda sob um governo sujeito ás influencias maçonicas, a França permanece sendo uma nação catholica e exerce no mundo uma acção summamente util» e que, pelo contrario, «a Allemanha, até com um governo que se declara religioso exerce com os seus pensadores e os que se inspiram nos seus escriptos uma acção ora protestante ora, no fundo, anti-christã». As suas ultimas palavras foram estas: «A Egreja catholica não tem, por conseguinte, nenhum interesse na victoria da Allemanha.»

* * *

E aqui estão alguns dos motivos por que eu supponho que um padre portuguez, como latino e como catholico, só podia appetecer a derrota da Allemanha, que assolou a Belgica, arrasando os seus templos e trucidando o seu clero...

guirmos com o minimo de satisfações aguentar uma alegria feita de renuncia, teremos resolvido o problema das subsistencias».

***

Luiza Sergio publicou agora O methodo Montessori, *segundo volume da Bibliotheca de Educação, iniciada pela Renascença Portugueza.*

E' um trabalho de propaganda intelligente que visa levar ao conhecimento do publico os principios pedagogicos que Maria Montessori revelou ou apurou nos seus ensaios e provas da Casa dei Bambini. *A auctora, para quem as questões educativas assumem um alto interesse, inspira-se principalmente n'esta verdade:—que a liberdade só se fórma e educa á medida que a consciencia se desenvolve, como indice da harmonia do nosso ser. As creanças que unicamente são enigmas, quando os educadores se fazem cegos ou lunaticos, movendo-se, accionando, seguindo a voz do instincto ou obedecendo aos rithmos obscuros de um organismo que se busca e adivinha, fornecem as indicações sufficientes para levarem os que teem a seu cargo educar-lhes os sentidos e preparar-lhes o advento da razão a um leccionato facil, proficuo e, sobretudo, natural.*

Foi assim que Maria Montessori alcançou prodigios. Luiza Sergio, escrevendo o seu livrinho, contribue nobremente para varrer as ideias falsas, de uma velha pedagogia viciosa, tão enraizada entre nós.

A CRENDICE POPULAR

Peixeira accusada de bruxa

E' apedrejada e maltratada, escapando a custo da furia da multidão

As duas praças da Ribeira Nova estiveram hoje de manhã em completo reboliço, de que ia sendo victima uma pobre peixeira, Anna Soares, de 47 annos, casada com o maritimo Manuel Maria, residente na rua Vicente Borga, 31, 3.°, onde vive tambem, n'um quarto alugado, uma outra peixeira, Maria Augusta, viuva ha mais de 17 annos. A Anna Soares é natural de Ovar, e a Maria Augusta de Bulheiros, concelho de Estarreja.

A Anna tinha um sobrinho, o exmarinheiro João Simões, que tendo recebido baixa por incapacidade physica e não podendo trabalhar começou sendo bastante protegido por ella. Em casa da Anna estava então Rosa Faustina, mais conhecida pela Rosa Patarrana, filha de Manuel Franco e Rosa Faustina, já fallecida, rapariga bastante nova ainda, azougada e de quem no sitio se começava murmurando.

Ou por convivencia, ou porque realmente gostasse d'ella, o João Simões namorou-a e juntou-se com ella, não sem que a tia e a sua amiga Maria Augusta tenazmente se oppuzessem a isso, ficando as duas mulheres de mal com os dois quando viram os seus conselhos desattendidos.

Tempos depois, o João Simões, minado pela tuberculose, fallecia deixando já a Rosa Patarrana contagiada da mesma doença. Houve logo no sitio quem dissesse que o rapaz fôra victima de maus olhados, attribuindo a culpa á tia e á sua amiga. Por isso sempre que alguma d'ellas passava era certo ouvir-se por parte das amigas da Patarrana: —Lá vae a bruxa...

A doença foi produzindo os seus effeitos, e a Rosa veiu a fallecer na segunda-feira, tendo-lhe as amigas feito hontem o funeral.

Se da primeira vez a Anna Soares fôra acoimada de bruxa, agora muito mais, tendo-se organisado no sitio um verdadeiro «complot» contra a pobre mulher. Isto não obstou, porém, a que ella deixasse de tratar da sua vida, completamente despreoccupada com os ditos e mexericos da varinagem, que a perseguia. Hoje, como de costume, acompanhada por uma sua sobrinha, irmã do fallecido, rapariga vinda ha pouco mais de cinco mezes de Aveiro, de 18 annos, chamada Maria da Gloria Soares, orphã de pae e filha de Maria Augusta Soares, dirigiu-se a Anna Soares, após a venda de peixe, ao mercado horticola da Ribeira Nova. Uma vez ali, quando se preparava para comprar uns legumes, as amigas da Patarrana, que se encontravam no mercado do peixe, lobrigando-a e á sobrinha, acercaram-se d'ella immediatamente, enxovalhando-a com dichotes obscenos e accusando-a de ter morto o sobrinho e a amante d'este. Bem alto protestava a pobre creatura que mal algum fizera. A breve trecho, rapazes e homens, juntando-se ás varinas, em numero superior a quinhentas pessoas, com ellas faziam côro, pouco se importando com a razão do seu gesto.

Em frente, a guarda do mercado, que bem podia ter evitado toda esta balburdia, ficava-se impassivel, emquanto a muito custo as duas mulheres se dirigiam para os lados do Conde Barão, pela rua do Instituto Industrial.

Havia já quem accusasse a mulher de ter morto a propria filha e de outras horriveis coisas; e, como a rua é muitissimo estreita, n'um dado momento, a Anna Soares sentiu cahir-lhe nas costas e na cabeça uma chuvião de pedras, depois do que a multidão, cahindo sobre ella, lhe levou o chapéu e a canastra, despojando-a tambem d'um brinco e da algibeira que continha perto de cinco escudos e onde estavam as chaves da casa, que egualmente desappareceram. Foi n'esta altura que appareceu a policia, os guardas n.os 848 e 1098, que a muito custo, e ajudados por dois civis, conseguiram proteger a pobre mulher, trazendo-a para a esquadra da Boa Vista, onde a fomos encontrar lavada em lagrimas, lastimando os disparates de que fôra victima. A sobrinha havia desapparecido e a Maria Augusta escapou da assoada por ter vindo mais tarde da venda.

A policia tomou conta do caso e procede a averiguações.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

Nos deputados

O caso do major Vicente de Freitas—Porto de Lisboa e Avenida da India—Eleição de commissões

Preside o sr. Azevedo Coutinho. O sr. Domingos Cruz procede á chamada e o sr. Alfredo Soares lê a acta. Presentes 64 deputados. Ministerio ausente. Galerias pouco menos do desertas. O sr. Rodrigo Rodrigues refere-se á troca de palavras que hontem se deu entre elle e o sr. Malva do Valle, dizendo que na phrase que proferiu não quiz melindrar aquelle deputado. O seu valor intellectual só elle o julga, sendo-lhe indifferente tanto os louvores como os vituperios dos amigos ou dos inimigos. O presidente regista as palavras do sr. Rodrigo Rodrigues e manda lêr o expediente, no qual ha varios telegrammas do Douro protestando contra a ractificação do tratado com a Inglaterra. Depois a acta é approvada.

O sr. Simas Machado diz que o sr. Ribeira Brava, ao referir-se a um conflicto que teve com o ex-governador civil do Funchal, alludiu, em termos que não julga muito primorosos, á commissão technica de infantaria, á qual já pertenceu, cumprindo-lhe dizer á camara que d'ella fazem parte officiaes muito distinctos, aos quaes presta toda a sua homenagem. O sr. Ribeira Brava esclarece as suas palavras e diz que não teve o menor intuito de ser desagradavel áquella collectividade. O sr. Urbano Rodrigues renova a iniciativa de um projecto de lei que trouxe o anno passado á camara, alterando a lei da caça, que tal como está é prejudicialissima, transformando o exercicio da caça n'um *sport* só para ricos. Entende que a lei deve ser remodelada por completo, mas como isso levará muito tempo julga que o seu projecto deve ser discutido já, por vir fazer justiça a quem a merece. O sr. Francisco Cruz, referindo-se ao mesmo assumpto, lamenta, com o rubor nas faces, que a lei da caça, por elle trazida ao parlamento, tenha servido para se fazer contra elle, dentro e fóra do Parlamento, uma politica que classifica de miseravel.

Teem-no accusado de principal responsavel pela referida lei, quando é certo que quem a votou foi a maioria, que não era sua. Termina enviando para a meza algumas emendas á lei, para as quaes pede urgencia e dispensa do regimento. A maioria que as approve e todos os clamores que se teem levantado contra a lei desapparecerão desde já.

O sr. presidente do ministerio trata da questão levantada pelo sr. Ribeira Brava a proposito do official José Vicente de Freitas, com quem aquelle deputado teve conflicto no Funchal. Aquelle official não está em commissão, mas no estado maior da arma. E' possivel que seja separado do serviço, mas por ora não é possivel fazel-o por não poder applicar-se a lei que tal auctorisa. Entende que deve haver o maior cuidado quando hajam de ser feitas referencias ao exercito para evitar que se aggravem situações já de si pouco lisongeiras. Como chefe do exercito, pede que se lhe dirijam pessoalmente todos os que quizerem occupar-se de questões como esta, toda de caracter pessoal. São ellas as que mais prejudicam qualquer corporação, seja qual for. O sr. Ribeira Brava diz que teve a cautella de manifestar o seu respeito e a sua consideração pelo exercito. Mas uma coisa é esse exercito e outra são aquelles que, tendo jurado sobre a bandeira da Republica, não teem praticado senão actos indignos, contrarios ao regimen. Allude, indignado, á campanha que contra elle se levantou a proposito da junta agricola da Madeira e diz que precisava de applicar na fronte do major Vicente de Freitas o ferrete infamante que acaba de applicar-lhe. O chefe do governo diz que aceita as explicações do sr. Ribeira Brava, na parte em que ellas se referem ao exercito portuguez. Fica-se sabendo assim que o exercito não foi enxovalhado. E, posto isto, a questão tomou uma feição tão pessoal que não se occupará mais d'ella. Entende mesmo que o incidente não devia ser tratado na camara.

O sr. Ramos da Costa renova a iniciativa de varios projectos de lei e pede ao governo que mande proceder ás obras da terceira secção do Porto de Lisboa e conclusão da avenida da India. As obras estão calculadas em mil contos e os terrenos a conquistar ao Tejo valem, pelo menos, 1.200 contos. O sr. ministro do interior regista as palavras do sr. Ramos da Costa e diz que o governo procurará attendel-as. O sr. Urbano Rodrigues volta a occupar-se da caça. Não teve nunca intenção de ferir ninguem. Ouviu o sr. Francisco Cruz falar de eleições e de politica miseravel. Isso não era com elle, decerto. O sr. João Gonçalves queixa-se de não ter sido realisado gratuitamente o registo d'obito d'um indigente n'uma conservatoria de Lisboa. O sr. Adelino Furtado diz que o caso se passou na conservatoria a seu cargo e affirma que todos os indigentes e os extremamente pobres teem ali os seus actos civis inteiramente gratuitos. O sr. ministro da justiça responde que tomará o caso na devida conta.

Passa-se á ordem do dia, sendo approvada a moção do sr. Alexandre Braga, sobre a questão do Douro. Depois, procede-se á eleição de commissões. Para a dos estrangeiros são eleitos os srs. Antonio Macieira, Urbano Rodrigues, Mello Barreto, João de Deus, José d'Abreu, Antonio Fonseca, Julio Martins, Vasconcellos e Sá e Manuel Granjo. A de petições fica constituida pelos srs. Domingos Cruz, Marques da Costa, Pires de Campos, Alfredo Ladeira, João Camoezas, Sergio Tarouca, Antonio Mantas, Gonçalves Brandão e Castro Meyrelles. Para a do regimento são eleitos os srs. Francisco Heredia, Raymundo Meira, Guilherme Godinho, Alfredo de Sousa, Carvalho Mourão, Pereira Junior e Moraes Rosa.

A de saude e assistencia terá por vogaes os srs: Angelo Vaz, Luiz Ricardo, Firmino da Costa, Francisco José Pereira, Arthur Leitão, Almeida Garrett, Crisostomo Antunes, Alfredo Soares e Eduardo de Sousa.

O sr. Aresta Branco pede que se pague aos funccionarios que foram afastados do serviço por virtude da lei dos funccionarios. Refere-se tambem á exportação das lãs sujas e diz que teme que á sombra da lei que a prohibiu se faça uma especulação das mais condenaveis. O sr. ministro das finanças promette estudar o assumpto e providenciar como fôr de justiça. Termina enviando para a meza algumas propostas de lei. Em seguida encerrou-se a sessão.

No Senado

Professores primarios—Lãs sujas—O problema da pesca

A chamada fez-se ás 14,30, estando na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches.

Presentes 28 senadores e na bancada do governo o sr. ministro das finanças.

Nas galerias... os continuos.

A acta da sessão anterior foi approvada sem discussão e ao ler-se o expediente o sr. Botto Machado insistiu por documentos que pedira, pela pasta da guerra.

Antes da ordem, o sr. Estevam de Vasconcellos manda para a meza a declaração de que renova a iniciativa d'um projecto de lei que apresentára na Camara dos Deputados quando ministro do fomento, creando uma direcção geral de trabalho e previdencia social e um instituto de trabalhos sociaes.

Não pede urgencia para a sua discussão, porque sabe serem precarias as nossas condições financeiras, mas defende a necessidade da approvação de tal projecto, que, todavia, pouca despeza implica.

O sr. Elysio de Castro manda para a mesa um projecto de lei determinando que sejam providos definitivamente os professores primarios não diplomados, desde que tenham mais de trez annos de bom serviço.

Entrando-se na ordem do dia, o sr. Paes Abranches realisa a sua interpellação ao sr. ministro das finanças, acêrca da exportação de lãs sujas.

Considera um alto prejuizo para a agricultura essa exportação, o que só se póde evitar revogando o decreto ultimo que regula essa exportação e deixando apenas em vigor o decreto de março, que estabelece o imposto de 10 escudos por cada 100 kilos. O ultimo decreto só podia ser feito para proteger a industria, quando é certo que esta só precisa de lãs finas e não de lãs pretas, que se produzem em quantidade muito superior ás necessidades da mesma industria. Pede, pois, a revogação do ultimo decreto, augmentando o imposto de exportação de lãs sujas.

Responde o sr. ministro das finanças. Lê representações de varias associações, umas pedindo que se mantenha o ultimo decreto, outras que elle seja revogado. O que se vê é que são divergentes os interesses do commercio, da industria, e da agricultura, n'esta questão. Não teve tempo para a estudar devidamente, porque o orçamento lhe tem tomado todo o tempo; mas dirá que o ultimo decreto é da responsabilidade do sr. Thomé de Barros Queiroz, a cuja intelligencia, saber e honestidade folga em prestar homenagem. E s. ex.ª, que é uma sumidade em materia commercial e financeira, deve ter estudado e resolvido bem o assumpto. No emtanto, vae mandar proceder aos necessarios inqueritos, a vêr se harmonisa todos os interesses.

Foi depois approvada sem discussão a proposta de lei reconhecendo como revolucionario militar, para o effeito das leis, o cidadão José Pinho Correia.

Entra em discussão a proposta de lei regulando a situação e promoção dos fiscaes dos impostos, em determinadas condições.

O sr. José Maria Pereira analisa o parecer da commissão de finanças, entendendo que essa commissão não viu certas difficuldades na execução do projecto, que precisava ser estudado mais cuidadosamente. Elle devia ser votado como o entendera a commissão de finanças transacta, e o orador transforma esse seu parecer n'uma proposta, requerendo depois que o projecto volte á commissão de finanças, para que de novo estude a questão.

O sr. Estevam de Vasconcellos concorda e o Senado assim resolve.

Estando presente o sr. ministro da marinha, o sr. Arantes Pedroso pede a palavra, referindo-se á maneira como se está exercendo a pesca na nossa costa. Os barcos hespanhoes exercem a pesca de uma forma escandalosa e vexatoria para nós, sem respeito algum pelo tratado que regula esta questão.

Pede a sua ex.ª providencias para que a fiscalisação se faça em melhores condições, agora principalmente entre Vianna e Caminha, que é onde os pescadores hespanhoes estão praticando maiores abusos.

Reclama, depois, a revogação de uma parte de um decreto do sr. Fernandes Costa, sobre a promoção de cabos de manobras.

O sr. ministro da marinha (José de Castro) diz que o tratado foi denunciado e que em Madrid se está tratando da questão. Concorda que a fiscalisação é deficiente, devendo n'ella empregar-se seis ou mais barcos, e para tal empregará os seus esforços. Com respeito aos casos de violação da lei diz que elles muitas vezes se dão de accordo entre os pescadores hespanhoes e portuguezes, não podendo estes ser dignos de tal nome, violando, mancommunados com estrangeiros, as leis do seu paiz.

Sobre os cabos de manobras, promette estudar o assumpto e providenciar.

E, nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, marcando a proxima para ...

A obra das Escolas Moveis

Como se combate o analphabetismo—O que reclamam os professores

A obra realisada pelas Escolas Moveis no nosso paiz impõe-se já hoje ao respeito de quantos consideram a guerra ao analphabeto como uma condição indispensavel da prosperidade nacional. E' elle o natural inimigo de todas as rasgadas iniciativas, de todas as formulas innovadoras, que representem uma conquista feita ao passado pelas energias que procuram visionar o futuro.

—Quantos analphabetos desappareceram já com o ensino das Escolas Moveis?

O sr. João Bernardo Gomes, o inspector d'essas Escolas, que tem cuidado a valer do seu desenvolvimento, respondeu-nos um dia d'estes a essa pergunta, n'uma palestra rapida que com elle travámos no seu gabinete.

—Muitos milhares, disse-nos. Pelas provas que ainda ha pouco recebi, verifica-se que ha escolas onde aprenderam a ler, só n'este anno lectivo, trinta e quarenta adultos, que eram analphabetos pela simples razão de que o Estado nunca tinha procurado combater a sua ignorancia. Nas visitas que frequentemente faço aos pontos do paiz onde estão installadas as escolas tenho tido occasião de sentir o carinho, a sympathia que rodeia o professor. Fazem festas em sua honra, improvisam serenatas, bailados, e, quando se trata dos exercicios a que eu assisto, todos querem provar que são os mais habilitados.

«Ha uma freguezia do districto de Santarem onde a escola está mal installada, n'um predio velho, sem que a sala tenha dimensões que comportem todos os alumnos. Pois recebi agora communicação official de que vae ser construido um edificio novo, sob promessa da escola ficar ali mais um anno. Foi o povo da terra que tomou essa deliberação. O dono do terreno cedeu-o gratuitamente; a madeira e os outros materiaes são tambem arranjados quasi de graça. Os trabalhadores são os alumnos, que destinam os domingos e as folgas do campo para a construcção da escola. Veja o que isso representa de dedicação!

«E' preciso notar-se que a funcção do professor das escolas moveis não consta exclusivamente em ensinar a ler e a escrever. Esse trabalho é completado pela republicanisação das populações onde se encontram, mostrando as vantagens da Republica, explicando as suas leis, expondo os direitos e deveres de cada cidadão, fazendo, emfim, um combate sem treguas á campanha dos elementos reaccionarios contra o regimen. Por isso mesmo todos os professores foram escolhidos entre elementos republicanos, que inspiravam segura confiança do seu amor á Republica.

—Diz-se que esses professores vão apresentar algumas reclamações...

—Já li essa noticia n'um jornal. Supponho que vão pedir certas garantias, que eu considero absolutamente justas. N'este momento trabalho no regulamento das escolas, onde serão deferidas algumas das reclamações que elles teem direito a apresentar. Os professores não diplomados, com seis annos de bom e effectivo serviço, terão garantias identicas, em certas condições, ás dos professores diplomados. E' essa uma das concessões legitimas que o Estado deve fazer a esses incançaveis trabalhadores.

«Ha um outro ponto a que é preciso attender. E' a situação em que ficam, durante os mezes de agosto e setembro, os professores que conquistaram o direito a novo contracto. Sem vencimento algum, como podem elles sustentar-se até outubro, que é o periodo em que as escolas começam novamente a funccionar? Sou de opinião que lhes deve ser dada uma gratificação de 50 escudos no fim do anno lectivo, que é, de resto, uma compensação justa dos seus esforços. Para isso conto muito com a boa vontade do sr. dr. Balthazar Teixeira, relator do orçamento da instrucção, e sobretudo confio no seu amor pelas escolas moveis e no seu interesse por tudo quanto diz respeito á melhoria de situação dos professores. Elle tem sido um defensor acerrimo da obra das escolas moveis, e isto me auctorisa a dizer que a gratificação só não será concedida se não houver meio de deslocar ou alterar algumas verbas do orçamento do ministerio.

—Quantos annos calcula de duração das Escolas Moveis?

—Quinze a vinte annos. Ao fim d'esse periodo, devem tornar-se desnecessarias, pelo menos com a organisação que hoje possuem. E creia que terão prestado á causa da instrucção e á Republica os mais altos e apreciaveis serviços.

A grande guerra

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 8.—A noite de 3 para 4 do corrente decorreu em socego na secção norte, mas ás 4 horas da manhã o inimigo iniciou um violento bombardeamento sobre as nossas trincheiras. Todas as peças anteriormente em uso contra nós bem como algumas novas estiveram em acção, mas o bombardeamento cessou cerca das 6 horas da manhã, sem causar grandes estragos. No estreito tambem esteve um navio de guerra turco fazendo fogo tendo arremessado umas 20 granadas.

Na secção sul os turcos mantiveram violenta fusilaria ao longo de toda a linha, durante a noite, mas não sahiram das suas trincheiras. A's 4 horas da manhã as suas baterias romperam fogo com uma violencia como até agora ainda se não tinha dado. Pelo menos umas 5:000 cargas de artilharia foram gastas por elles. Este bombardeamento era o inicio de um ataque geral com especiaes esforços em varios pontos. O principal esforço foi feito no ponto onde a divisão naval britannica se ligava á linha franceza. Aqui, ás 7 horas e meia os turcos fizeram recuar as nossas forças avançadas e assim tomaram uma parte da linha occupada pela divisão naval.

Alguns turcos puzeram pé, por momentos, nas nossas trincheiras, mas foram immediatamente repellidos por um contra-ataque nosso. Um outro ataque turco sobre a direita da 29.ª divisão foi completamente varrido pelo fogo de fuzilaria e metralhadoras. No flanco esquerdo britannico, o inimigo concentrou-se n'um pequeno barranco a nordeste das trincheiras que recentemente tomámos e tentou varios ataques, mas nenhum se pode effectuar devido á firmeza das nossas tropas e ao fogo efficaz da nossa artilharia. O resultado d'este ataque além de redundar em completo revez fez com que o inimigo augmentasse consideravelmente as suas recentes perdas, ao passo que as nossas foram insignificantes e o ataque nenhuma impressão causou na nossa linha. Parece concluir-se, em vista da natureza desconcentrada dos seus ataques, que o inimigo está luctando com difficuldades para fazer avançar a sua infantaria a fim de affrontar o nosso fogo.—*(Havas.)*

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 9—Official.—No rio Chelmentka Ojitz repellimos todos os ataques allemães, soffrendo o inimigo grandes perdas. Na esquerda do Vistula, apesar do emprego de gazes asphixiantes, repellimos um ataque allemão. Na região de Lublin desenvolvemos, com successo, a offensiva começada no sector Ourjendorff Dykhava, infligindo ao inimigo terriveis perdas ao longo do Dystritza. Fizemos 11:000 prisioneiros e tomámos algumas dezenas de metralhadoras. Estamos perseguindo o inimigo.—*(Havas.)*

Os progressos dos alliados no theatro occidental

PARIS, 9.—Communicação official das 15 h. Do mar ao Aisne registou-se apenas durante a noite um combate de artilharia bastante intenso em redor de Souchez; bombardeamento lento mas continuo em Arras, canhoneio violento entre o Oise e o Aisne no planalto de Nouvron. Em Champagne houve lucta de minas; e em Argonne fuzilaria e canhoneio, mas sem lucta de infantaria. Entre o Meuse e o Moselle a noite foi movimentada. Entre Fey e Hail e Bois le Pretre, reconquistámos por meio de combate de granadas 150 metros das trincheiras perdidas em 4 de julho. Em Croix des Carmes, o inimigo atacou de tarde uma linha de 350 metros de extensão, primeiro por bombardeamento e em seguida com torpedos aereos e lançamento de liquidos inflammaveis. Depois de haver conseguido penetrar no nosso entrincheiramento da primeira linha, os allemães foram repellidos por um contra-ataque immediato, não conseguindo manter-se senão em alguns elementos mais avançados da nossa trincheira. Nos Vosges, na região de Bem de Spat a Fontenelle alcançámos um notavel successo. Depois de havermos expulso o inimigo da parte da nossa antiga linha de entrincheiramento que elle nos havia tomado em 22 de junho, assenhoreámo-nos de todas as organizações defensivas allemãs desde a collina a sueste de Fontenelle até á estrada de Launois a Moyenmoutier. O ganho total representa um avanço de 700 metros sobre 600 de largo. Fizemos prisioneiros 19 officiaes entre os quaes um commandante de batalhão, dois medicos, 767 soldados não feridos pertencentes a 7 batalhões differentes. As nossas ambulancias recolheram um official e 32 soldados allemães feridos. Tomámos uma peça de 37, duas metralhadoras, varios lança-bombas e grande quantidade de munições. Desde o romper da manhã que o inimigo está canhoneando violentamente as posições perdidas.—*(Havas)*.

A Italia contra a Austria

ROMA, 8.—Communicação do grande estado-maior italiano de 8 de julho:

Nas ultimas 24 horas não se deu qualquer acontecimento notavel, que tenha importancia particular. A acção nas differentes linhas de batalha continúa a desenvolver-se regularmente.—(a) *Cardona.—(Havas).*

No sudoeste africano allemão

CIDADE DO CABO, 9.—Um telegramma official de Pretoria diz que o general Botha acceitou a capitulação completa da força allemã do sudoeste africano allemão.—*(Havas)*.

NOTAS DIVERSAS

Uma commissão de proprietarios do Casal Ventoso procurou o chefe do districto, a quem pediu para que fosse collocado um posto de policia n'aquelle local, á rua Maria Pia.

—O presidente da camara de Cezimbra procurou o sr. Marianno Martins para tratar assumptos do seu concelho. Tambem uma commissão da Associação dos Corretores de Hoteis procurou hoje o sr. governador civil, a fim de lhe pedir providencias contra os individuos que fazem corretagem clandestina a bordo dos vapores que tocam no nosso porto. O sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. Marianno Martins, communicou-lhe que ia ser apresentado ao Parlamento um projecto regulando esses serviços e que antes a Associação dos correctores seria ouvida.

—Uma commissão de alumnos de todos os liceus de Lisboa dirigiu-se hoje ao sr. ministro da instrucção, a fim de pedir que lhes seja facultado o poderem fazer em outubro os seus exames. Foram recebidos pelo secretario geral do ministerio, que, reconhecendo a inteira justiça do pedido, prometteu interessar-se por elle junto do respectivo ministro.

O "Livro Azul"

O consul inglez em Loanda faz justiça á agricultura de S. Thomé

LONDRES, 8.—Foi hoje publicado o *Livro azul* referente á mão d'obra, contractada, na Africa occidental portugueza. O livro, que forma um grosso volume, insere no final numerosos relatorios das auctoridades consulares, e, no passo que um vice-consul diz que todos os serviçaes repatriados que por elle foram interrogados lhe declararam cathegoricamente que não queriam voltar a S. Thomé, por seu turno, o consul geral inglez em Loanda, Mr. Hall Hall, em extensos relatorios, manifesta muitas vezes o seu apreço pelo tratamento dos serviçaes os quaes, na generalidade, parecem perfeitamente felizes e contentes, e cita varios casos de serviçaes que, repatriados, voltaram para S. Thomé.—*(Reuter)*.

Aviação militar

Mais cinco candidatos á futura escola de pilotos aereos

Procuraram-nos os operarios electricistas do Arsenal de Marinha, srs. Jayme Alves das Neves, Frederico Lopes e João de Oliveira Machado, pedindo para que inscrevamos os seus nomes na lista dos voluntarios de aviação. O primeiro d'elles já fez, de resto, em setembro de 1912, identico offerecimento.

Egualmente pedem para frequentar a escola de aviação, em carta que nos enviam do Porto, os srs. Francisco de Aragão, rua 31 de Janeiro, 134, e Antonio Alves Castello, 1.° cabo telegraphista n.° 256.

Entre os militares tanto de terra como de mar que se teem offerecido para alumnos de aviadores-pilotos, o governo vae, segundo nota da Arcada, escolher os que pelas suas condições estejam no caso de se dedicarem á aviação e envial-os-ha para as escolas militares de França, a fazerem ahi a aprendizagem.

Noticias parlamentares

Recebeu hoje, por agora, a ultima pásada de terra a questão do Douro. Foi um diluvio de rhetorica e uma avalanche de argumentos de toda a especie que acabaram com a approvação da moção do sr. dr. Alexandre Braga. Quererá isso dizer que se ficou sabendo, indubitavelmente, quem tem razão? A Camara manteve o debate n'um campo que a honra e com uma devoção que a nobilita. Mas nem por isso appareceu quem proferisse a «solemnia verba». Essa, de resto, talvez não se oiça nunca, tanto se complicou uma questão de que dependem interesses importantissimos e, no fundo, irreconciliaveis. A intransigencia tem d'estas coisas, frequentemente.

***

O registo civil soffreu hoje no Parlamento a primeira arremettida. Foi o sr. João Gonçalves que lh'a vibrou, levando ao Parlamento queixas d'alguem a quem não fizeram um registo gratuito, apezar de não ter onde cahir morto. Questão de formula—replicou o sr. Adelino Furtado, que dirige uma conservatoria em Lisboa. Gratuitamente, só pódem ser attendidos na sua repartição os que forem reconhecidamente indigentes. Resta saber onde começa a pobreza e termina a indigencia, para que a lei seja bem applicada. Como se afinal, n'estas coisas de registo, os ricos não déssem e de sóbra para não se levar a pelle aos que o não são...

***

A Camara do Porto convidou os deputados por essa cidade a assistirem amanhã a uma grande reunião que se effectuará nos paços do concelho da capital do norte e na qual se tratará de organisar a defeza da região duriense e da marca dos seus vinhos. O sr. Domingos Cruz declarou hoje na Camara, ainda a proposito da questão do Douro, que votou pela ratificação do tratado, por o considerar indispensavel, e o sr. Angelo Vaz fez declaração egual.

***

O sr. Manuel Granjo enviou hoje para a meza da sua Camara uma nota de interpelação ao sr. ministro do fomento sobre a construcção da linha ferrea de Vidago a Chaves. Por sua vez, o sr. Ernesto de Vilhena fez a communicação de que estava constituida a commissão de colonias, que ficou presidida pelo sr. Almeida Ribeiro. Secretario é o sr. Vilhena. Quasi todas as outras commissões estão em via de constituir-se, tendo-se eleito hoje as que ainda faltava eleger.

***

O sr. dr. Arthur Leitão recebeu de Coimbra um telegramma participando-lhe que a camara d'aquella cidade não cumpre a lei, recusando-se a regulamentar as horas de trabalho. Aquelle deputado fez chegar a reclamação ao sr. ministro do interior, que respondeu não ter lei que o habilite a obrigar a camara a fazer a referida regulamentação. Lembrará, porém, ao governador civil a conveniencia de fazer lembrar á camara em questão que lhe cumpre obedecer á lei.

***

Já foi distribuido o parecer do orçamento das receitas, que o sr. Alvaro de Castro enviou hontem para a meza. Segunda-feira, principiará a discussão d'esse documento, sendo provavel que muito em breve comece a haver sessões nocturnas para que esse e os outros pareceres orçamentaes se votem até ao fim do mez. A commissão aconselha á Camara que approve o orçamento das receitas na generalidade e todas as verbas propostas com as modificações apresentadas pelo ministro das finanças.

Aggredido e roubado

No hotel Garcia está hospedado José de Barros, chegado ha dias do Rio de Janeiro. Hontem entrou n'uma taberna da rua do Amparo, a fim de comer, levando comsigo uma carteira contendo 2 0 escudos e uma lettra na importancia de 850 escudos. A certa altura um desconhecido aggrediu-o a soco e metteu-lhe a mão no bolso, roubando-lhe a carteira, pondo-se seguidamente em fuga. José de Barros ficou ferido na cabeça, indo receber curativo ao hospital de S. José e participou o caso á policia que anda no encalço do gatuno.

Marinha de guerra

Regressou hoje do Tejo a flotilha composta dos contra-torpedeiros «Douro» e «Guadiana», submersivel «Espadarte», rebocador «Lidador» e torpedeiro n.° 3, que hontem sahiram a barra em exercicios.

D'um combóio á linha

CANIAS, 9.—Pelas 18 horas, o soldado do grupo dos caminhos de ferro n.° 716, Antonio de Carvalho, natural de Idanha-a-Nova, que vinha no rapido de Cascaes, cahiu á linha, ao passar junto da estação do caminho de ferro d'esta localidade. Ficou com gravissimos ferimentos na cabeça, sendo conduzido no automovel do campo entrincheirado ao hospital da Estrella.

O soldado, que foi hoje mesmo licenceado, vinha, ao que parece, embriagado.

Ainda o caso do "Orpheu,,

Mais uma carta

O correio trouxe-nos a seguinte carta:

Sr. director d'*A Capital*.—Só hoje tendo tido conhecimento do caso do «Orpheu» peço a v. o favor de juntar ás declarações dos meus ex.mos amigos Alfredo Guisado e Antonio Ferro esta carta em que, como collaborador que fui d'essa revista, publicamente affirmo não compartilhar das ideas politicas dos srs. Alvaro de Campos e Raul Leal, expandidas n'uma carta dirigida a essa redacção e n'um manifesto ha dias distribuido. Da publicação d'estas linhas espero ser devedor a v., de quem sou com muita consideração.—*Côrtes Rodrigues.*

Como se vê, vae-se fazendo o vacuo em torno do «engenheiro-sensacionista» Alvaro de Campos e do «pamphletario-futurista» Raul Leal. E' o resultado do seu antipathico gesto. O «sensacionista» era considerado quasi como um propheta entre os seus collegas do «Orpheu». Chamavam-lhe—o Mestre! Cahiu do pedestal, até para os proprios discipulos, que já levam a irreverencia a negar-lhe o talento. «Sic transit gloria...».

PEQUENAS NOTICIAS

Luiz Rufino Bellas, morador na rua Andrade, 46, cave, quando hoje procedia a umas escavações no quintal da sua residencia encontrou uma ossada humana que ali estava enterrada. Participado o caso á policia, compareceu o sub-delegado de saude, que a mandou remover para o cemiterio.

—A policia procura Maria Silvina da Conceição, de 69 annos, que desappareceu da calçada de Santo André, 13, 3.°.

—Foram curar-se ao banco do hospital de S. José: Ventura Pereira, empregado nos Armazens do Chiado e morador na travessa dos Lagares, 8 1.°, aggredido com uma facada nas costas e outra no braço esquerdo, na rua do Arco do Bandeira, por Manuel Francisco Nogueira, que foi preso, e Antonio Francisco, becco do Peixinho, 20, que foi aggredido com uma facada no ventre por uma mulher com quem se travou de razões na rua Marquez do Alegrete.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/16	36 3/16
Londres, 90 d/v	36 3/4	—
Paris, cheque	$73,5	$71
Allemanha, cheque	$27,2	$28
Hollanda, cheque	$54,5	$55,5
Madrid, cheque	1$28,5	1$29,5
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres	13	—
Libras	6$55	6$66
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,45
» » 500$	39,55	—
» » 100$	—	39,60

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$15.
Externas: 1.ª serie, 71$80.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Conductores de carroças

Reune a assembleia geral depois d'amanhã, ás 13 horas, sendo a ordem dos trabalhos: apreciar e discutir a maneira de evitar os choques dos electricos pelas trazeiras das carroças; estudar e apreciar a maneira de manter um delegado effectivo da classe; apreciar umas declarações do secretario da direcção e resolver sobre ordenados, côtos, lanternas, guardas da noite, horas do trabalho e descanço semanal.

NATURISMO

Os tomates

94 agua
1 proteina
0,5 oleo
4 assucar
0,5 saes

Os tomates (Licoperescum esculentum L) são um delicioso fructo-legume, restaurador da saude e um fortificante precioso, quando comidos crús. O fogo altera-lhes o valor. «Maçã do amor» lhe chamam os francezes e com razão. Uma salada de tomates, com cebola e pepino, temperada só com azeite virgem e limão, é delicioso prato, em todas as mesas. Tambem se fazem magnificas sopas crudivoras esmagando tomates, juntando-lhe cebola ralada e cenouras com salsa, azeite e limão. Melhor é, porém, comer tomates como quem come maçãs. A sua polpa parece melancia. Possuem os tomates (que é melhor usar não muito maduros) muito valor curativo. São o melhor desobstruinte do figado o, melhor *colagogo*, usando termos medicos. As pessoas doentes do figado teem ao seu alcance um remedio-alimento preciosissimo no tomate, que alguns sabios teem alcunhado erroneamente de prejudicial á saude.

Os tomates não teem nenhum acido funesto. E' que procuram normalisar os orgãos doentes e fluidificar o sangue, libertando-o dos toxicos. Tal o motivo por que causam crises varias, absolutamente salutares porém. E' o succo dos tomates diluido em agua (tomatada) uma das bebidas mais salutares e util, magnifica para tirar a sêde. Os cancerosos aproveitam muito com o uso dos tomates, assim como de toda a alimentação pura. Todas as massas de tomate são más. Só os tomates crús, ao natural, é que teem valor therapeutico e nutritivo.

Porto, (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

SPORT

Trabalhos do Club Naval de Lisboa

Estão decorrendo com bastante regularidade os treinos para as differentes provas que este Club organisa e em que toma parte.

Na passada reunião da junta directora verificou-se com prazer a boa marcha de todos os assumptos que dizem respeito ao sport nautico e ao Club em especial, mais se notando a simpathia que o Club Naval está despertando no nosso publico, que se interessa pelas suas provas, como se vê pela grande affluencia de socios novos que estão entrando. N'esta ultima reunião approvaram-se perto de 30 propostas.

Em todas as secções se trabalha com vontade e todas ellas vão progredindo como se vê pelas provas que organisam.

Assim, a secção de remo formou já as suas tripulações para as proximas regatas na Azambuja e na Figueira da Fóz, escolhendo elementos de valor, alguns dos quaes remadores antigos em quem o enthusiasmo pelo remo ainda não resfriou, achando-se promptos para defender o pavilhão do seu Club com a mesma avidez de gloria como o fizeram outr'ora.

A tripulação que vae á corrida da Taça Azambuja, que se realisa no dia 25 d'este mez, é composta por antigos e prestimosos remadores d'este Club, como Cosme Damião (voga), Eloy Soares Franco, Bom de Souza Carneiro, Adolpho Burnay e Eugenio de Noronha (timoneiro).

Teem treinado com regularidade e estão animados dos melhores desejos de defender com brio as cores do seu Club.

A junta directora fretou propositadamente um vapor para os socios e suas familias poderem ir á Azambuja assistir á regata.

A tripulação que vae á Figueira disputar a «Taça Mondego» no dia 8 de setembro está quasi formada e entre os tripulantes contam-se os mais fortes remadores portuguezes, como Xavier de Brito e Rogerio de Almeida, que tantas provas teem dado dos seus conhecimentos do remo e da sua força.

Em vela trabalha-se tambem activamente e já está aprasada para agosto uma serie de trez corridas para disputa da «Taça Patria», offerta do venerando ex-presidente da Republica, sr. Manuel de Arriaga. Esta prova é para a classe de conter-boards e organisada pelo Club Naval de Lisboa, conforme se estipulou na ultima reunião da junta directora, á qual assistiam o presidente da secção de vela Frederico Burnay, um dos nossos melhores na arte de marear e Duarte Bello, captain da classe dos conter-boards, um dos novos e com muito boa vontade de acertar, os quaes resolveram entre si marcar esta regata, estabelendo-se ahi as demais condições da dita prova.

Assim se verifica com exactidão a boa vontade que este club dedica ao sport da vela não se poupando a sacrificios para que elle seja o que deve ser n'um club nautico da importancia do Club Naval, fazendo-lhe a propaganda e arranjando escolas onde os novos se possam dedicar e aprender.

No proximo domingo parte para Cascaes o palhabote «Nautilus» que o Estado confiou á guarda do Club Naval, bem como a chalupa, propriedade d'este Club, depois das reparações importantes que soffreram.

O palhabote sae sob o commando do distincto «yachtman» Joaquim Mil-homens, a quem muito se deve pela dedicação com que dirigiu os trabalhos da sua reparação.

E' um enthusiasta pela navegação á vela e ao mesmo tempo uma competencia.

Já ha trez tripulações formadas para passeios de instrucção a bordo do «Nautilus».

Por tudo isto se vê quanto o Club Naval tem trabalhado, não falando ainda nas importantes provas de natação a que a imprensa se tem referido largamente e que elle organisa, as provas de remo ultimamente annunciadas, passeios, etc., mostrando o desejo que a junta directora tem de acertar no desempenho do cargo que a assembleia geral lhe conferiu.—C.

Nota do dia

O concurso internacional de balões

Pela falta de cumprimento d'uma formalidade official, o ministerio da guerra não consentiu hontem a ascenção do balão «Vizcaya». Essa formalidade foi cumprida e com auctorisação superior se verificará, no proximo domingo, o campeonato internacional de balões espheri-cos, com o premio d'uma «Taça» para o aerostato que fizer a maior viagem. Qual será essa viagem? Não se pode prever porque depende exclusivamente do vento que dominar no proximo domingo. Se esse vento fôr favoravel aos propositos dos aeronautas, isto é, se os levar por cima da terra firme, os srs. D. Eduardo Magdalena e D. Salvador de Pruneda e D. Francisco Rodrigues de la Torre deixam-se permanecer no espaço o tempo que poderem, indo o mais longe possivel. Qualquer d'elles tem no seu «activo» de sportsmen viagens superiores a 300 kilometros! Um dos balões que toma parte no concurso do Stadium, o «Montañés», que é um gigante de 2.000 metros cubicos de capacidade, alto como um 4.º andar d'um predio da «baixa», é um globo «internacional», que já serviu para representar o Aero Club de Hespanha em concursos sportivos internacionaes, como o da celebre «Taça Gordon Bennett». Uma vez, o «Montañés» pilotado pelo capitão Kindelan fez perto de 300 kilometros, parando apenas junto ao mar do Norte!

No domingo, os balões «Vizcaya», «Bayo» e «Montañés» não levam apenas os seus pilotos, respectivamente os srs. D. Eduardo Magdalena, D. Salvador de Pruneda e D. Francisco de la Torre. Nas suas «barquinhas», seguem como viajantes os conhecidos e talentosos jornalistas dr. Hermano Neves, nosso prezado camarada de redacção, Oldemiro Cesar, do «Seculo», D. Virginia Quaresma, correspondente do jornal fluminense «A Epoca» e tambem nossa querida camarada da «Capital» e ainda outros jornalistas segundo as indicações dos pilotos e «poder» do gaz de illuminação.

As operações de enchimento dos balões começam ás 6 horas da manhã de domingo, no campo do Stadium, sob a direcção dos commissarios do Aero Club de Portugal e dos aeronautas estando encarregados do serviço o sr. Asisclo Santos, do parque de Madrid, e Amedeo Vilita.

* *

O programma do espectaculo de domingo não comprehende apenas a ascenção dos 3 balões inscriptos no concurso. Completa-se com um bello programma velocipedico que reune uma corrida nacional e a surpreza da primeira corrida profissional de velocipedistas portuguezes que receberão objectos d'arte como premio. N'esta corrida já se apresenta Soares Junior, que luctará pela primeira vez com Joaquim Raposo, que muitos consideram superior a elle, com Dias Maia, o nosso grande «routier» e João Silva.

Em motocicletas de força, a lucta deve ser emocionante, porque o invencivel Innocencio Pinto, a pedido de amigos e da direcção do Stadium, promptifica-se a dar o avanço d'uma volta completa de pista, isto é, de 500 metros, aos seus temerarios competidores Manuel Neves e Arido de Albuquerque.

Algumas anecdotas

O' homem cala-te, que estou adormecido...

Peter Maher, de origem irlandeza, foi um dos jogadores de socco que teve mais celebridade e mais popularidade em New York e mesmo em toda a America. Era um rapagão forte e muito bom camarada, que só teve o defeito de não saber retirar-se a tempo. Levou muita pancada nos seus ultimos annos, ainda assim menos pancada do que a que deu quando estava em «fórma». Peter foi um excellente «fighter» dotado d'um socco terrivel e que agradava sempre ao publico porque se batia com extrema coragem.

Outra qualidade recommendava Peter Maher que era o seu espirito, rico de improviso, opportuno na «piada». Fazia rir os espectadores e os amigos.

O seu memoravel combate com Kid Mac Koy em janeiro de 1900, foi terminado por um incidente que n'estes ultimos quinze annos tem sido imitado pelos «clowns» de circo e pelos comicos dos «music-halls».

Peter bateu-se como um leão durante os quatro primeiros «rounds». No quinto Mac Koy deu-lhe tão grande socco em «saca-rolhas» no estomago, que adormeceu o irlandez, por uma meia hora!... Os «segundos» de Maher tiveram difficuldade em reanimal-o e a fazer com que fosse, a pé, para o vestiario.

Quando seguia, cambaleante, para o camarim, seguia-o uma multidão de curiosos e admiradores. Um d'estes disse-lhe:

—Não desesperes, amigo Peter. Serás mais feliz para a outra vez...

—O' homem cala-te e deixa-me tranquillo. Tu não vês que estou com os sentidos perdidos?

Noticias

Entre nós

Passeio da U. V. P.

Realisa-se no proximo domingo o primeiro passeio official d'esta epoca, promovido pela nossa federação velocipedica. Entre os unionistas ha grande enthusiasmo por está excursão que se annuncia interessante pela assistencia de unionistas da velha guarda como Barros e Germano Ribeiro, Ezequiel Garcia, Sena Cardoso, Alvaro Gaia e ainda outros antigos velocipedistas, hoje retirados das pugnas sportivas mas ainda verdadeiros apaixonados da União Velocipedica e cuja presença tornará o passeio uma bella festa de confraternisação entre os velhos e novos dirigentes do ciclismo nacional.

A inscripção continúa aberta e encerra-se definitivamente amanhã, ás 23 horas.

Grupo Sport Cruz Quebrada

Tomou hontem posse a nova direcção do G. S. C. Q., que ficou constituida pelos srs. Elizeu de Carvalho, Romerito Pampulim, Antonio Freire de Andrade Tavares, Alfredo Pordigão e Manuel Carabé.

Sport Club Progresso

Reuniu hontem em sessão ordinaria a direcção d'este Club.

Tratou da representação nos Jogos Sportivos Nacionaes de 1915, resolvendo enviar concorrentes ás provas de sports athleticos, corridas de resistencia e de velocidade velocipedicas.

Continúa aberta a inscripção para a corrida pedestre de 6 k.m. «Grande Premio de Julho», reservada a principiantes não medalhados.

Approvou socios os srs. Luiz Romero, Luiz Rebello, Jorge de Sousa, Eurico Galriça, José Galriça, José Ferreira, José Monteiro, Samuel Fonseca e Carlos Moraes.

Natação no Club Naval de Lisboa

Continuam muito animados os treinos de natação e water-polo, vendo-se bastantes nadadores todas as tardes no caes do club.

Ha grande animação pelo water-polo, cujo campeonato tem o seu inicio no dia 17 do corrente, com dois desafios, o primeiro entre o Sport Algés e Dafundo e Gimnasio Club Portuguez e o segundo entre a Associação Naval e o Club Naval.

Já se está trabalhando afincadamente na organisação do campeonato de 100 metros e corridas para praças da armada e do exercito que se realisam no dia 1.º de agosto e cuja inscripção termina no dia 15 d'este mez.

Arnold Stocker, presidente da secção de natação e water-polo, reune officiaes do water-polo para sabbado e domingo de tarde, armando-se o rectangulo e pedindo a todos os nadadores do Club que não faltem para se apurar a equipe que ha de representar o Club Naval no campeonato de water-polo, bem como mais desafios amigaveis que se tenciona levar a effeito.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruz Vermelha

Para expediente e tratar da casa de saude, reune no dia 12, ás 21 horas, a commissão central, na séde da Sociedade, praça do Commercio.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Marido com sorte.

POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.

EDEN — A' 20 1|2 e 22 1|2 — O diabo a quatro.

APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Rosa tirana — Revista.

Ao correr da penna

Dizia-me hontem um emprezario:

—O commercio de theatro é o mais infeliz dos commercios da praça de Lisboa. Os boticarios levantam os preços das especialidades porque vinham da Allemanha, os mercadores de fazendas augmentam-nos o custo de qualquer tecido, porque vem da Inglaterra e o preço dos fretes cresceu desmarcadamente, os negociantes d'outras frivolidades encarecem-nas porque vinham de França e o cambio está altissimo. As proprias collarejas vendem as ginjas a doze vintens o kilo porque... lá teem as suas razões. Já eu, desgraçado emprezario, que tenho visto quasi dobrar nos ultimos annos o preço dos artistas, que augmentei os direitos de auctor, que pago mais caro pelo scenario e guarda roupa, não posso sequer pensar em augmentar um centavo em qualquer logar. Pelo contrario, porque o publico escasseia e os theatros augmentam, tenho que tratar de baratear os bilhetes, organisar espectaculos por sessões, etc. Imagine que effeito faria se eu annunciasse nos cartazes que devido a tudo estar mais caro ia accrescer qualquer pequena parcella compensadora no custo do divertimento que trato de impingir. Deitavam-me fogo no kiosque. Você já viu uma injustiça assim?

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A companhia Mendonça de Carvalho, que tem estado em Thomar, só ámanhã se estreia no Porto com a comedia em quatro actos *A visinha do lado*.

A magica de Pereira Coelho, Gustavo Sequeira e Xavier Marques *As portas do sol* será representada no theatro Politheama.

Consta que o actor Antonio Gomes vae fazer parte da companhia do theatro Politheama.

No estrangeiro

A companhia Galhardo, na sua estreia no Rio de Janeiro realisou uma receita de seis contos e quinhentos mil réis fracos, a maior que se tem feito n'aquelle theatro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE — A's 20 e 22 — Companhia infantil — Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, — A's 21,30 — Soldado chocolate.

Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Festas associativas

E' o seguinte o programma do concerto que amanhã, ás 21 horas, se realisa no Club Estephania:

Primeira parte — *Egmont*, «ouverture», Beethoven, pela orchestra; Aria da opera *Samsão e Dalila*, Saint Saens, pel sr.ª D. Ermelinda Cordeiro; Solo de harpa pela sr.ª D. Maria Albertina Silva; *Patrouille*, marche caractéristique, A. Hasselmans; *Le Reveil des Sylphes*, morceau de concert, E. Boussagal; Cavatina de *Micaela* da ... Bizet; pela sr.ª D. Maria Pires Marinho.

Segunda parte — *Ballade et Polonaise*, Vieuxtemps, solo de violino pela sr.ª D. Fernanda de Bourbon, com acompanhamento de orchestra; *Menuet*, orchestra de arco, B. Godart; *Marche Hongroise* da opera «Damnation de Faust», H. Berlioz, pela orchestra; *Nonner de saxophones*, pelo grupo Feijão, *Mort d'Ase*, *Danse d'Anitra*, Grieg; *Choral*, Bach; *Ave Maria*, da opera «Othello», Verdi.

Findo o concerto ha baile.

No Lisboa Club ha depois de amanhã recita promovida pela direcção com a ... *A filha do saltimbanco*, seguindo-se baile.

Tambem no Club Manuel dos Santos ha depois de amanhã festa em homenagem aos socios Manuel de Jesus Marques e Silva e Manuel de Jesus Pintasilgo, com a representação da opereta *Amor á ingleza*, um acto de variedades e o «vaudeville» *O bailarino*. Abrilhanta a festa, a que se segue baile, um quintetto.

Na Sociedade de Instrucção Guilherme Cossoul ha depois d'amanhã baile promovido pela direcção.

Coliseu dos Recreios

Reabre ámanhã o Colyseu. E' um acontecimento, pois que o elegante e vasto theatro é o mais commodo e o mais fresco n'esta quadra que atravessamos, com as suas 11 ventoinhas electricas, e os seus altos respiradouros.

A inauguração faz-se com dois bellos e surprehendentes programmas de variedades e animatographo, duas sessões completamente differentes. Das 9 ás 10 e meia peliculas e variedades e das 10 e meia á meia noite outras peliculas e outras variedades, tudo isto por 200 réis nos fauteuils e 100 reis na geral.

Estreia-se o notavel comediante parodista portuguez Julio Villar, consagrado em todos os centros do estrangeiro, e que é uma verdadeira celebridade nacional. No animatographo exhibem-se os melhores «films» da actualidade.

Caixa Economica Operaria

Esta cooperativa inaugura depois de amanhã a sua nova secção de padaria, havendo tambem exposição do salão animatographico, que será aberto ao publico ás 10 horas. A's 17 realisa-se uma sessão solemne abrilhantada por uma banda musical.

Touradas

THOMAR, 9.—Realisa-se domingo a primeira corrida da epocha, em que tomam parte o cavalleiro Morgado de Covas, o «espada» Alfarero e os bandarilheiros Manuel dos Santos, José da Costa, Leopoldo Alves, «Malagueño» e o promotor da corrida, Custodio Domingos. Os touros são do dr. Assis, d'Alhandra.

Louise

Socegado. Confiadamente espero seja assim.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Enfermeiros da armada

Por lei de 14 de agosto de 1892 e pela de abril de 1895 foi creado o quadro auxiliar dos officiaes provenientes das classes do estado menor da armada.

A partir d'estas datas passaram os sargentos e os seus equiparados a ter ingresso no quadro dos officiaes, nas suas alturas e antiguidades, menos os enfermeiros que, sendo em tudo equiparados aos sargentes, ficaram excluidos d'aquella regalia, sem motivo justificado e com manifesto prejuizo para a classe, pois, actualmente, ha primeiros sargentos enfermeiros que deviam ser guardas-marinha.

Para o facto pedem-nos que chamemos a attenção do ministro da marinha.

A Companhia do Gaz não cumpre os seus contractos

O sr. Raul Vieira mudou para a rua do Conde Redondo, 33, 4.º. Quiz ter gaz em casa e para isso tratou de saber o que tinha a fazer. Na Companhia exigiram-lhe ou fiador, ou caução. Não quiz incommodar ninguem e depositou a caução exigida. Pois ha mais de oito dias que isso se passou e nada de lhe pôrem o gaz em casa. Dirigindo-se hoje á secção das reclamações da Companhia, ahi lhe foi dito que não tinham material para poder ser attendido o seu pedido.

Diz-nos o sr. Raul Vieira que não se comprehende como lhe acceitassem uma caução sabendo já que não podiam servil-o e que se não póde admittir que uma companhia que tem o monopolio do fornecimento do gaz não sirva o publico, quando este precisa do artigo que constitue exactamente o objecto d'esse monopolio. Appella por isso para quem possa e entenda que se deve providenciar.

Falta de agua nas Picôas

Na rua Pinheiro Chagas, no bairro das Picôas, a falta d'agua é constante, embora os empregados da Companhia se obstinem em affirmar que alli não ha essa falta. Tal é a queixa que nos faz o sr. José Rodrigues Prietro, ao qual, segundo nos contou, ao dirigir-se á Companhia a reclamar, pois que um dos seus inquilinos lhe deixou já a casa por esse motivo, foi respondido que podia rescindir o contracto d'avença que tem, que a Companhia lhe acceitava a rescisão. Quer isto dizer que, em vez de se tomarem providencias, como devia fazer-se immediatamente, a Companhia responde ainda d'um modo altivo aos que no seu justo direito se queixam.

A quem competir pede o sr. Prietro que intervenha.

Festa de homenagem

Sarau e baile

Promovida por uma commissão de alumnos e amigos, realisa-se amanhã, ás 21 horas, no salão do theatro de S. Carlos uma festa em homenagem ao professor de dança sr. Luiz M. da Silva. Haverá recitação de versos, trechos de canto pela sr.ª D. Regina d'Almeida e mademoiselle Cruz e Sousa e pelos srs. D. Francisco de Sousa Coutinho e Antonio Caldeira, solo de harpa pela sr.ª D. Maria Ame... de Frazão, de violino pelo sr. ... e de violoncello pelo sr. João Passos. Seguir-se-ha a apresentação das danças originaes chineza Ta Tao e americana Rouli-Rouli, pela sr.ª D. Alice Prista e pelo sr. Luiz M. da Silva.

Findo o sarau, ha baile.

Movimento maritimo

Pará e Manaus «Antony» (Liverpool).	9
Rio Janeiro Santos e R. Prata «Desna»	10
Liverpool «Lanfranc» (do Pará)	12
Brazil e Rio da Prata «Gelria»	12
Africa oriental «Clan Gordon»	12
Africa occidental «Cazengo»	13
Africa oriental «Conrie Castle»	14
Brazil, R. da Prata e Pacifico «Orissa»	14
Brazil e Rio da Prata «Samara»	14
Amsterdam, etc. Frisia» (do Brazil)	15
Brazil e Rio da Prata «Sallesta» (Liv)	15

Os habitantes da cidade receberam a mudança com o maior socego e como entre elles não havia ficado turco algum, receberam cordealmente os inglezes. O major Browolow foi nomeado governador militar e installou a sua residencia no edificio onde estivera o consulado allemão. O consul allemão e mais cinco prisioneiros foram mandados para Bombaim. A expedição publicou um pequeno jornal, o «Basra Times», em inglez e arabe, para as tropas e para os habitantes.

No principio de dezembro formou-se um acampamento para parte da força e duas baterias de montanha, em Magil, a cêrca de seis kilometros

Brigadeiro general H. H. Wilson

e meio do rio. Magil era um deposito de material para o caminho de ferro de Bagdad-Basra.

Foram ahi encontradas grandes quantidades de pertences de caminho de ferro, incluindo milhares de rails. Os allemães haviam construido um caes, além de muitos outros edificios. Os empregados tinham fugido e as duas espaçosas e confortaveis casas que haviam construido estavam vazias. Proximo de Magil o novo canal do Euphrates entra no Tigre e d'ahi até ao mar, os dois rios juntos são conhecidos pelo nome de Shatt-al-Arab.

Soube-se que n'essa occasião os turcos, que retiravam, se haviam concentrado em Kurna, a uns oitenta kilometros de Basra, onde o velho e agora parcialmente entulhado canal do Euphrates se junta ao Tigre.

Os arabes crêem que Kurna foi o logar do Paraizo terreal. Ahi, o Tigres tem a largura de duzentos e setenta metros. Acima de Kurna, estreita, mas a parte difficultosa da navegação só começa a quarenta e oito kilometros mais longe e prolonga-se por cêrca de cento e vinte e oito kilometros. O rio espraia-se entre Kurna e Bagdad, dizendo-se que cobre quasi oitocentos kilometros entre as duas povoações. O caminho por terra, d'uma a outra localidade, atravez do deserto, é apenas de quatrocentos e oitenta kilometros.

O Tigre está mais baixo de setembro a novembro, começando n'esse mez a subir gradualmente. Attinge o ponto mais alto de maio a junho.

E' navegavel para embarcações de grande calado, mas só n'essa epocha do anno, até Bagdad.

A 2 de dezembro resolveu-se mandar uma columna em dois paquetes para Kurna. Embarcou no dia seguinte e fez-se de vela ás 8 horas da noite. A columna compunha-se de uma secção da Real Artilharia de Campanha, de meia companhia do 3.º de Sapadores e Mineiros, do 104.º de Caçadores de Wellesley, do 110.º de Mahrattas e d'um destacamento do Norfolks, com uma secção de ambulancias. Era commandada pelo tenente-coronel Frazer, do 110.º de Mahrattas.

Os paquetes iam armados com dois canhões cada um. A flotilha naval que os acompanhava era constituida pelas canhoneiras «Espiègle», «Odin» e «Lawrence», pelas lanchas armadas «Miner» (54 toneladas) e «Shaitan» e pelo yacht «Lewis Pelly» (100 toneladas).

que fazia com o maior criterio e, como dizemos, com absoluta justiça.

As suas responsabilidades datavam de 1889, quando fôra o primeiro a ir a Muscate fazer um accordo com o governador de Oman. Tinha-se encontrado por diversas vezes em situações criticas, visto que a Allemanha não fôra a unica potencia que durante esse longo periodo pensára n'uma politica aggressiva no golpho.

Sahira-se sempre bem de todas essas situações e conseguira vencer as difficuldades que havia encontrado no seu caminho.

Depois d'essa entrevista com sir Percy Cox, a 14 de novembro o general Barrett resolveu adiar até ao dia seguinte o desembarque das suas forças. O acampamento da brigada de Poona estava humido, pois tinha chovido durante dois dias.

No dia 15, as tropas começaram a desembarcar, mas só depois das 2 horas da tarde.

No entretanto, sabendo o general Barrett que o inimigo occupava um ponto a cerca de uns seis kilometros e meio ao norte da aldeia de Sahain, ordenou ao general Delamain que se dirigisse para ahi com a brigada de Poona, o que este fez, levando comsigo as duas baterias de montanha, a cavallaria, o 117.º de Marhattas e o 104.º de Caçadores de Wellesley. O 20.º de Punjabis seguiu como reserva.

Os turcos deviam ser uns 2.000, sendo a terça parte d'essa força de auxiliares arabes.

Occupavam uma posição no centro d'uma plantação de palmeiras, que se estendia por detraz do rio n'esse ponto por cerca de trez kilometros e para além da qual se segue o deserto.

A cavallaria avançou contra a direita turca, metade do 104.º atacou o centro, a outra metade com o 117.º puzeram-se em movimento contra a esquerda do inimigo, por entre as palmeiras. A «Espiègle» e a «Odin» collaboraram na acção, fazendo fogo do rio. Os turcos abriram fogo quando as tropas inglezas estavam a novecentos metros e os seus canhões auxiliaram-nos, mas a sua resistencia em breve foi vencida. O 117.º, que fôra reforçado com o 20.º, chegou á aldeia de Sahain, mas não conseguiu varrer por completo o inimigo.

Em todo o resto da fronte os turcos recuaram, mas, como a acção fôra apenas um reconhecimento, a brigada voltou para o seu acampamento. Os inglezes tiveram dois officiaes feridos e treze soldados mortos e oitenta e seis feridos.

No dia 16 houve descanço, mas do lado do rio notava-se um certo movimento. O grosso da guarnição de Basra estava avançando e havia receios pela sorte dos europeus que estavam detidos na cidade. No dia 17, toda a força avançou para o norte ás 5 horas e meia da manhã e travou-se a acção que decidiu da sorte de Basra e do delta. A posição em Sahain, que havia sido atacada no dia 15, tinha sido completamente evacuada. Apoz uma marcha de cerca de quatorze kilometros estabeleceu-se o contacto com os turcos em Sahil, proximo do rio. Estavam n'uma posição fortemente entrincheirada e tinham doze canhões, principalmente Krupps. Dois dos canhões estavam proximo das trincheiras e os restantes n'um palmar a cerca de mil e oitocentos metros na retaguarda.

O general Fry e parte da brigada Belgaum avançaram, sendo a maior parte d'esse avanço feito em campo aberto. O terreno era de difficil pizo e quando a acção começou, cahiu uma grande chovada e saraivada, que durou cerca de meia hora, transformando-o n'um pantano. Os turcos abriram fogo entre as 9 e 10 horas com shrapnels. As baterias britannicas cobriram o avanço, fazendo fogo as de montanha para as trincheiras turcas, emquanto as de campanha canhoneavam as baterias turcas que estavam no palmar.

As duas canhoneiras tinham mudado de posição no rio e enfiavam o flanco esquerdo turco. O fogo de fuzilaria feito pelo inimigo era todo mau. Foi durante esse avanço em ordem aberta, sem possibilidade de

ser coberto, que se deram muitas das perdas inglezas. A infantaria atacante, tanto britannica como indiana, avançou valorosamente e imperturbavelmente. O general Barrett telegraphou depois ao secretario do Estado da India que «as tropas se tinham portado esplendidamente».

As trincheiras turcas estavam sendo bombardeadas com encarniçamento. Todos os canhões das baterias e dos navios estavam agora vomitando fogo sobre ellas, ao mesmo tempo que sobre ellas convergia tambem o da fuzilaria. Uma bateria ingleza começou a atacar a direita turca. A infantaria estava a trezentos e sessenta metros. Ia precipitar-se n'uma carga á baioneta, mas os turcos não esperaram por ella. Abandonaram as trincheiras e fugiram. A acção estava vencida e n'esse momento Basra estava salva.

Quando o inimigo fugiu, a principio deitou a correr, mas em breve teve de parar, porque era impossivel fazel-o no terreno encharcado como estava. As tropas britannicas perseguiram-no, emquanto as baterias faziam fogo sobre os fugitivos. A perseguição prolongou-se por cerca de dois kilometros, mas a cavallaria não podia carregar n'um terreno d'aquelles.

A acção em Sahil estava terminada ás 4 horas da tarde. As perdas inglezas foram: mortos, trez officiaes; soldados, trinta e cinco; feridos, quinze officiaes, trezentos soldados. O general Barrett ficou ferido por ter rebentado uma granada a seus pés. Das tropas indianas as perdas orçaram por cento e trinta homens, tendo morrido trez officiaes, entre elles o major Mercer e o capitão Frank Middleton, que prestára muitos serviços na Africa do Sul. A maior parte das perdas foram na brigada do general Delamain, mas a do general Fry tambem soffreu muito.

O 104.º de caçadores de Wellesley entrou no acampamento turco e apoderou-se de grande quantidade de tendas, munições, espingardas, vinte camellos e quarenta mulas. Duas peças de montanha foram tambem tomadas. As perdas turcas não podem ser precisadas, mas tiveram centenas de mortos e os europeus em Basra contavam depois que elles haviam levado grande numero de feridos, avaliados em 2.000, embora o numero pareça excessivo. Foram feitos cento e cincoenta prisioneiros, incluindo trez officiaes.

Parte da expedição acampou perto do campo de batalha e o resto recuou para Saniyeh. Uma tempestade que sobreveiu á tarde afundou grande numero de embarcações no rio. Dez homens se afogaram e perdeu-se grande porção de provisões. Os trez dias que se seguiram foram de repouso, de que os homens bem precisavam. Alguns reconhecimentos se fizeram e a força foi mais ou menos perturbada pelos batedores turcos.

No dia 21, chegou ao acampamento a inesperada noticia de que os turcos haviam evacuado Basra no meio do maior panico e que os arabes estavam approximando-se da cidade. O general Barrett resolveu avançar. Tinha ao seu dispôr dois pequenos paquetes da casa Lynch. Embarcou o regimento de Norfolks, com o general Fry e o estado maior da brigada Belgaum, dois canhões e o 110.º de Mahrattas. Ao resto da expedição ordenou-se que atravessasse o deserto em direcção a Basra, marchando toda a noite.

Os turcos haviam tentado obstruir o rio em Balyniyeh, a cerca de doze kilometros além de Sahil. Tinham afundado o «Eckbatana», da Hamburg-Amerika, de 5.000 toneladas, o «John O'Scott», pertencente aos proprios turcos, e um velho navio de Fao. Na margem, n'esse ponto, tinham uma bateria Krupp em posição. Como todas as coisas turcas, a obstrucção fôra mal feita. A «Espiègle» e a «Odin» conseguiram atravessar o rio e deram cabo da bateria.

Os paquetes com a expedição sahiram de Saniyeh ás 9 horas e meia da noite, chegaram ao ponto obstruido pela 1 hora da manhã, esperaram que amanhecesse e passaram ás 7 horas da manhã. A's 8 horas e um

quarto foram alcançados por um bote trazendo uma communicação urgente do consul americano em que se dizia que os arabes continuavam a approximar-se da cidade e que as vidas dos europeus corriam perigo. A's 9 horas estavam á vista da cidade e viram rólos de fumo negro. Tinha sido incendiado o porto turco. A «Odin», a «Espiègle» e a «Lawrence» haviam já chegado e a cidade estava salva.

Um quarto de hora depois a bandeira allemã que fluctuava sobre o imponente consulado allemão era arriada e a insignia naval ingleza hasteada em seu logar.

A columna que seguira pelo deserto chegou a Basra ao meio dia e acampou fóra da cidade n'esse dia, estando um tanto exhausta depois de uma marcha forçada de quarenta e oito kilometros. Os europeus que havia na cidade estavam todos vivos. Tinham-lhes prohibido sahirem de casa, pondo-lhes guardas para tal fim.

A cidade e o porto de Basra foram famosos no Oriente durante seculos. O porto foi creado primeiramente pelo califa Omar em 638, n'um local a alguns kilometros da sua presente situação. Nos dias do califado de Bagdad era um grande emporio de trafico e commercio e foi de Basra que Sindbad o Marinheiro, que não é uma personagem mythica, sahiu para as suas memoraveis viagens.

Os turcos em breve deram causa a que o porto decahisse, depois de o terem tomado em 1668. Nos tempos modernos a sua prosperidade reviveu muito, tendo um largo commercio. A exportação subiu em 1912 a libras 3.246.000 e a importação a libras 2.653.000. A conquista d'uma cidade com um commercio annual de seis milhões de libras esterlinas era importante.

A Basra chamaram a Veneza do Oriente, mas tal titulo é demasiado lisongeiro. Não tem edificios lindos e as suas casas, baixas, teem todas o mesmo caracter. A unica belleza que possue é a dos pomares de palmeiras, dos jardins e dos numerosos canaes que a atravessam, mas esses canaes são uma origem constante de febres. A parte principal da cidade, um bairro com estreitas e não calçadas ruas, fica a uns tres kilometros do rio. A população anda por uns 60.000 habitantes, mas ha muitos nos suburbios. E' uma curiosa mistura de raças, incluindo judeus e armenios. Os turcos são poucos, podendo dizer-se que são só os empregados do governo e a guarnição. O turco por muito tempo dominou no delta do Euphrates, mas nunca pensou em se estabelecer alli.

Os allemães haviam feito sonhos de futuro sobre Basra e a principio o seu objectivo não era politico, pois não haviam pensado nunca em sahir das margens do golpho. Haviam feito de Basra uma Hamburgo oriental, como muitas vezes declararam. Em situação assemelha-se muito á cidade sobre o Elba. A barra precisa de ser dragada, o mesmo succedendo com o canal do Shatt-al-Arab, mas kilometros de magnificos caes podem ser construidos em ambos os lados do rio em frente de Basra, onde o rio tem a largura de oitocentos metros.

Quando os ferteis valles do Tigre e do Euphrates fôrem bem cultivados e irrigados, Basra tem um grande e prospero futuro. Essa obra será feita, mas não por mãos allemãs.

A expedição ingleza fez a sua entrada solemne na cidade no dia 23, sendo as tropas aboletadas, occupando algumas os abandonados quarteis turcos e outros edificios publicos. Os notaveis da cidade vieram esperar as forças á entrada e uma proclamação em que se diziam as razões da occupação e se annunciavam as amigaveis intenções do governo inglez foi lida em arabe. A bandeira ingleza foi hasteada em presença da guarda de honra fornecida pelos navios e pelo regimento de Norfolk. As tropas apresentaram armas, tres «urrahs» foram dados pelo rei-imperador e os navios deram uma salva de trinta e um tiros.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1770 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 10 de Julho de 1915

Telephones n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

OUTROS VISINHOS

A nova situação politica da provincia de Angola

Qual é perante a conquista do sudoeste africano pelo general Botha?

Os ultimos telegrammas de Africa annunciam já o termo das operações militares contra os allemães da Damaralandia. Segundo esses telegrammas, Botha teria acceitado a rendição das tropas inimigas concentradas em Tsumeb, o que colloca definitivamente na posse da União Sul Africana os territorios do antigo Sudoeste Africano Allemão. Finalisada a guerra, encontrar-se-ha o congresso da Paz em face de mais um facto consumado, e o pavilhão germanico não mais voltará decerto a tremular n'essas regiões.

Vejamos as consequencias proximas e remotas que a nova visinhança do Sul de Angola representa para nós.

Em primeiro logar, como resultado immediato d'este desfecho, aliás previsto, só temos que congratular-nos com a libertação dos prisioneiros que a 18 de dezembro nos foram feitos em Naulila. A estas horas certamente já o heroico tenente Aragão e os seus companheiros de exilio devem estar gosando as doçuras da liberdade, cumprindo-nos não esquecer, para futuro ajuste de contas, que mais valeu para o conseguir a intervenção armada dos alliados que a presença em Berlim de um representante portuguez, o qual, de resto, não deve ter deixado de se esforçar por obter essa libertação. Por outro lado, um dos objectivos das nossas forças expedicionarias de Angola, e dos que mais teem dado que fallar e que pensar, desappareceu egualmente com a capitulação de Tsumeb. Com effeito, a hypothese de uma nova incursão allemã no Sul de Angola, seja na fronteira de Cubango, seja pela linha de communicações do Cuanhama, está afastada por completo. A's tropas portuguezas do commando do general Pereira d'Eça só resta em Angola proceder á occupação dos territorios habitados pelo gentio rebelde. A sua cooperação com os nossos alliados, de futuro, será também muito necessaria na Africa Occidental Allemã, onde existem ainda residuos das antigas tropas de occupação.

Mas ficará assim tudo liquidado para nós? Longe d'isso. O nosso dever de nação colonisadora continua a impor-nos graves obrigações no Sul de Angola. Essa região vae, dentro em breve, encontrar-se n'uma situação muito semelhante á que teve Lourenço Marques n'um dado momento da sua historia. Elucidando:

A visinha colonia da Damaralandia, com por mais de uma vez aqui temos accentuado, é pobrissima em portos naturaes. Foi essa a razão da cubiça, tanta vez manifestada por allemães, ácerca dos nossos portos do sul da Provincia: Bahia dos Tigres, Porto Alexandre e Mossamedes. O desenvolvimento sempre crescente das explorações mineiras de cobre no norte do paiz dia mais indispensavel a construcção de um caminho de ferro que, partindo de aquelle ponto e atravessando o Cunene a juzante dos cataractas Monteneggro, venha entestar em qualquer dos citados pontos do littoral. A bahia dos Tigres (supposto que era esse o porto escolhido, em virtude da maior facilidade de para lá canalisar as aguas do Cunene) ficaria assim para os centros mineiros da Damaralandia, em situação identica á de Lourenço Marques perante as do Transvaal.

E claro que podem argumentar com a existencia de Walfish-Bay, que está destinado a servir de testa ao caminho de ferro já existente de Swakopmund, que passou a ser inglez. Mas tambem na outra costa existia Durban, e nem por isso deixámos de nos ver sujeitos á obrigação de desenvolver quanto possivel Lourenço Marques.

De tudo isto se infere claramente que o Governo de Angola tem de entrar muito breve n'um periodo intensivo de progresso. Todos esses problemas, tanta vez discutidos e tanta vez protelados, como o do caminho de ferro de Mossamedes, a agricultura e colonisação do Planalto, a occupação effectiva das fronteiras, etc., acabam de ser singularmente actualisados com os ultimos acontecimentos. uQe as lições do passado nos aproveitem, que se não esqueçam os erros praticados, as indemnisações aos primitivos concessionarios da linha ferrea de Lourenço Marques, os pontos fracos do convenio e tantos. Que as lições do passado nos não custaram. E' um momento historico que se repete. Temos o dever de o aproveitar melhor.

O ministerio francez das munições

O que o sub-secretario de Estado disse a um jornalista sobre a obra que pensa realisar junto do ministerio da guerra

Paris, 4 de julho

Mal se entra no gabinete do sr. Albert Thomas, uma coisa nos attrahe e fixa o olhar: um desenho, sem moldura, na parede fronteira á sua enorme mesa de trabalho, representando um alto forno, negro, vomitando carvão e fogo pelas gigantescas chaminés, imponente de força e actividade. Por baixo, sobre uma credencia encostada á parede, ergue-se uma estatueta branca de neve: um recruta de 1915 carregando á baioneta.

O symbolo é tão claro, traduz tão frisantemente a nova alliança da sciencia technica com a coragem marcial que denuncia á vontade ponderada, reflectida, de quem o escolheu para dar uma alma áquelle mobiliario banal.

Ao vêr-nos, o sr. Albert Thomas sorri; não se sente deslocado n'aquelle quadro o universitario pacifista; o doutrinario da cidade futura, completamente mostra-nos ainda uma outra flurinha de Sèvres, um pittoresco soldado do antigo regimen. E accentua assim que a sua obra de hoje é a continuadora da França d'então.

«A victoria, diz-nos o sub-secretario d'Estado com um tom de voz grave, ha de alcançar-se á custa dos nossos obstinados esforços.

Acabemos as impaciencias, e trabalhemos com toda a nossa boa vontade, com toda a nossa intelligencia, com todos os nossos musculos. A nova forma que assumiu a guerra mostrou-nos para onde devíamos dirigir os nossos esforços. Logo depois da batalha do Marne ficámos sabendo que deviamos augmentar consideravelmente as munições; fizemol-o.

Estes ultimos mezes mostrou-nos a experiencia dos campos de batalha que precisavamos fabricar dez vezes mais; fizemol-o.

A direcção da artilharia tornou-se um organismo completo que, espero-o, estará á altura da sua missão e corresponderá á confiança que se pede ao paiz.

Vê-mir obrigado, continuou Albert Thomas, a deslazer os antigos quadros e a crear tres novos.

Os novos serviços: technico, industrial, operario

Tenho um «serviço technico», composto actualmente por tres officiaes de valor que representam da frente de combate. A minha primeira idéa foi crear um serviço d'informações e de ligação com os parlamentarios; mas foi preciso ir mais longe. Muitos homens esclarecidos perguntam com inquietação se na immensidade de invenções que quotidianamente surgem do nosso maravilhoso solo, não passará desapercebida a que nos trará a libertação.

Pela minha parte, não creio que uma só invenção possa decidir da victoria. Bem sei que é preciso não dar ouvidos a doidos; no entanto eu quero que aqui todos se esforcem por facilitar a tarefa da eminente commissão de sabios chamada a pronunciar-se no assumpto. Se rá este primeiro exame o encargo do meu serviço technico.

O «serviço industrial» tem por fim centralisar todos os offerecimentos dos industriaes, de superintender sobre a creação e utilisação de machinas e ferramenta, de contribuir para o desenvolvimento das grandes emprezas e agrupamento das emprezas pequenas. A' testa d'este serviço pus um antigo operario que pela sua intelligencia e energia se guindou até ás mais altas direcções industriaes. Trabalhará ao lado dos engenheiros da Polytechnica e dos normalistas do gabinete, accrescentou o sr. Albert Thomas com uma pontinha de malicia. E' um serviço de grande futuro.

Temos já nota de mais de um milhar d'industriaes que nos fizeram offerecimentos; pensamos ainda em pedir, dentro em pouco, a declaração obrigatoria de todos os tornos, machinas d'ondular e de perfurar. Este recenseamento determinará uma definitiva distribuição do trabalho.

Por ultimo creei o «serviço operario». Existia já no ministerio da guerra uma repartição especial d'assumptos operarios dirigida por um major; alarguei-a e confiei-lhe o encargo de proceder á chamada dos operarios e á fiscalisação do seu emprego nas fabricas. Os telegrammas do ministro da guerra de 9 e 11 de junho simplificam as formalidades; já alguns milhares d'operarios regressaram das linhas de combate.

As circumscripções industriaes

Tornou-se necessaria uma reorganisação geral para facilitar esta nova funcção da defeza nacional. A'manhã será creada uma fiscalisação da mão d'obra nos quadros do nosso serviço de forjas. Os decretos estão promptos; serão mobilisados inspectores de trabalho com a graduação de officiaes d'administração militar. A seu lado ponho officiaes feridos ou convalescentes que darão a esta obra administrativa o estimulo e actividade necessarios; trata-se de constituir um verdadeiro exercito industrial, formado com quadros solidos.

Acabaram as demoras

Deixa pois de haver atrazos. Passando da linha de fogo ás fabricas, os operarios não deixam de ser militares; mudam apenas de serviço. Quero que o paiz se compenetre bem de que não ha differenças entre os francezes; todos combatem.

Do alto do logar que occupo, continuou com animação o sr. Albert Thomas, peço a esta nação de tão bom senso e de tanta generosidade que não se deixe illudir por um falso sentimento n'esta hora tão grave. Que ella se convença de que tanto se morre na linha do fogo como se pode morrer tambem ao lado d'uma fabrica. Não faltam exemplos. Toda a França está em armas; todos nós tambem sómos soldados.»

E' novamente os olhos do sr. Albert Thomas se fixaram sobre a vivida allegoria do seu gabinete: a fabrica por traz do combatente. (Le Matin).

Aviação militar

Mais candidatos a pilotos-aviadores

Vieram á nossa redacção pedir para se inscrever no numero dos que se offerecem para frequentar a escola de aviação os srs. José Braz Barbosa, morador na travessa da Palmeira, 70, 1.º; Arthur da Silva Oliveira, beco da Cardosa, 8, loja, e Francisco Bandeira, travessa do Oliveira, a S. Lazaro, 4.

Por carta dirigem-nos egual pedido os srs: José da Silva Motta, rua da Bella Vista á Lapa, 9 e 11; José Lourenço Higgs e Alfredo da Silva Alexandre, empregados telegrapho-postaes em exercicio na 4.ª secção postal; Aryes Lourenço Freire Sonior, 2.º cabo licenciado da 3.ª bateria de artilharia 1, Escadinhas do Duque, 29, 2.º; João Pereira de Figueiredo, empregado de escriptorio, travessa de Sant'Anna, 35, 2.º; Arthur dos Santos, ajudante de *chauffeur*, rua de S. João da Matta, 85, 3.º; Raul da Costa Rosa, empregado publico, rua dos Cavalleiros, 48, 1.º, e José Alves Pinheiro, empregado de escriptorio, rua da Barroca, 72, 2.º

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$50 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «cigarro do soldado».

O que se escreve e o que se lê

Ao ouvido de M.me X.

por Julio Dantas

Não ficarão—e ainda bem!—sepultadas nas columnas d'um jornal, a cujá ephemera existencia estariam sujeitas se anonymos e apaixonados admiradores as não recortassem e coleccionassem quasi com devoção, as formosissimas chronicas hebdomadarias de Julio Dantas no *Primeiro de Janeiro*, sob a epigraphe de «Quintas-feiras». A livraria Chardron, de Lélo & Irmão, acaba de publicar, n'uma edição primorosa, mais uma serie d'essas chronicas que todas as semanas se aguardam com profundo interesse e de que nos fica sempre um raro prazer espiritual e que o grande escriptor agora enfeixou, dando-lhe o titulo suggestivo de «Ao ouvido de M.me X.» E de que fala Julio Dantas á dama incognita do seu novo e esplendido volume? Fala-lhe das mulheres, de arte, da guerra, do passado, evocando uma personagem ou um episodio de outros tempos com o mesmo singular poder, o mesmo colorido magistral, a mesma sagacidade psychologica, a mesma inexcedivel belleza de fórma que caracterisam os seus breves e subtis estudos sobre gente da nossa época, os seus deliciosos commentarios e as suas annotações, por vezes tão finamente ironicas, da vida contemporanea...

Julio Dantas—admiravel poeta e dramaturgo dos mais illustres, ainda quando não escreve em verso ou para o theatro—patenteia nas suas chronicas todas as qualidades de excepção que assignalam a obra do auctor da «Ceia dos cardeaes» e do «Viriato tragico». Ha capitulos no volume que acaba de vir á luz que são pequeninos, intensos dramas ou rendilhados poemas, que possuem a scintillancia de joias; como outros ha em que o erudito, o historiador, o critico, o «charmeur» mostram ainda uma vez quanto valem e o estylista provoca, de pagina para pagina, inedictas impressões de encanto e deslumbramento... Julio Dantas é hoje, com effeito, um dos indiscutiveis mestres da prosa portugueza e da cuja opulencia verbal e de cuja harmonia a sua já vasta e magnifica obra dá testemunho.

«Ao ouvido de M.me X.» vae escoltar-se em breves dias, como succedeu ás «Figuras de hontem e de hoje», a primeira serie de chronicas colligidas, e decerto outras series d'essas joias, tão pouco academicos, hoje um dos mais brilhantes e fecundos polygraphos que honram a litteratura nacional.

Poeira da Arcada

As ruas da cidade accusam um desleixo digno de uma população ignara, preguiçosa e rasteijante. Vela sobre ellas uma providencia que se esqueceu no ceio, como um carcoeiro na limpeza da sua caraça.

Quem se queira convencer de quanto póde, entre nós, a arte vil de embaraçar os pés do caminhante com ciladas e riscos de toda a casta, que palmilhe algumas das novas avenidas, a parte da Rotunda.

Camadas de pó que o vento, a toda a hora, revolve, cobrindo o espaço de nuvens escuras e afeiando os predios, carregando-os de tons pardacentos. As arvores dos passeios, as plantas e flôres dos jardins morrem suffocadas n'uma atmosphera irrespiravel. Do viandante é bom nem falar, porque este tem na sua sina a promessa de dolorosos transes. A chuva, a lama, os vendavaes, as pedras e os barrancos do caminho, tudo se conjura para lhe metter a alma no inferno.

E elle sempre macio e suave, como os cordeiros que a innocencia protege contra o desespero.

* *

Um algarvio de Loulé, depois de mourejar uns annos em Lourenço Marques, decidiu-se a regressar á patria, trazendo comsigo as suas economias. Desembarcado em Lisboa, entrou com elle o desejo de compensar-se das privações soffridas em Africa, entrando a todo o panno nos dominios confusos da borracheira. Bebeu-lhe, e com tanta gana que conseguiu ser tosado e roubado, á porta da taberna onde tão brilhantemente quebrára as suas bellas tradições de tino e governo.

Apenas o tontiço lhe começou a girar com ordem e methodo, poz as mãos na cabeça e correu á policia a apresentar a sua queixa. O homem está inconsolavel, sentindo no corpo dores que na sua atrapalhação elle não sabe explicar bem. Devem ser das cacetadas. Todavia estas affligem-no menos que o sarripio de mil e quatrocentos escudos, em que depositava as suas melhores esperanças.

Chora como uma criancinha. Lagrimas perdidas, todavia. Quem tão estupidamente chama para si a desdita o que tinha a fazer de melhor era confundir-se na vergonha eterna da sua triste loucura. Reembarcava-se, refazia-se em Lourenço Marques do seu perdido bem e voltava depois á metropole com uma condição de perfeito juizo.

O velho e historico paço de Cintra

A veneranda reliquia architectonica vae ser restituida ao que primitivamente foi

O velho paço de Cintra está em via de soffrer uma completa remodelação. Tudo o que n'elle ha a mais está a ponto de desapparecer, congregando-se n'este momento esforços porfiados e intelligentes para que a preciosissima maravilha architectonica, o melhor que no genero possuimos, volte dentro em pouco ao que foi nos tempos remotos de D. João I, D. Manuel e D. Affonso V. E' o conselho dos monumentos nacionaes, que tão relevantes serviços tem prestado á arte portugueza, que está cuidando de fazer a resurreição do magnifico palacio onde a revolução de 5 d'Outubro foi surprehender, neurasthenica e voluntariamente sequestrada da vida, esse espectro de rainha que se chamou D. Maria Pia de Saboya. Como delegado do technico do conselho, preside nos trabalhos o sr. Rosendo Carvalheira, que foi tambem o encarregado de elaborar o plano das obras a levar a cabo no precioso alcaçar. Do que ha feito foi já hontem informar-se o conselho, tendo estado em Cintra, para esse fim, os srs. Ventura Terra, presidente, Luciano Freire, secretario, e Lopes de Mendonça, Adães Bermudes, D. José Pessanha, José Alexandre Soares, Costa Motta, Rosendo Carvalheira, Velloso Salgado, Cordeiro de Sousa e José de Figueiredo. Visitaram tambem o paço de Cintra, no dia d'hontem, os srs. Manoel Monteiro, ministro do fomento, e Silva Bruschy, secretario geral do ministerio das finanças.

—Afinal, o que se cuida fazer no Paço de Cintra?

—Muito—replica o sr. dr. José de Figueiredo ao ouvir formular esta pergunta. E o que ha feito justifica, e de sobra, tudo quanto o sr. Rosendo Carvalheira, com o assentimento do conselho, pretende e julga indispensavel fazer. O velho e formosissimo Paço ficará extraordinariamente valorisado com as modificações que vae soffrer. Com as descobertas que o sr. Rosendo Carvalheira teve a felicidade de fazer, e que foram a consequencia das suas bem orientadas pesquizas, a capella, por exemplo, que está perdida, quasi por completo, no estado primitivo, e pôde-se-ha tambem fazer a reconstituição da antiga torre do Estandarte, que tão bem fica nos celebres desenhos de Duarte Darmas, reconduzindo-se ao seu antigo estado as divisões do primeiro andar, na parte em que ultimamente eram os aposentos da rainha senhora D. Maria Pia. Em outros trechos tambem o Paço ganhará immenso com a effectivação do projecto, ao qual o sr. ministro do fomento, um illustre archeologo, que foi um dos mais notaveis collaboradores de Rocha Peixoto, prometteu hontem, em Cintra, todo o seu apoio.

«Uma das descobertas mais importantes é a de duas janellas do mais rendilhado e fino lavor, abertas sobre o altar mór e a altura do ultimo terço da parede. Ellas, só por si, valorisam extraordinariamente essa parte do edificio. Ainda na capella, é tambem da mais alta importancia a descoberta de varios frescos, que estavam occultos pelos velhos retabulos barrocos que o sr. Rosendo Carvalheira, com tanto proveito para a arte, deslocou. Uma outra descoberta põem de pé um problema de grande importancia para a historia do edificio, já hontem ventilado por alguns dos vogaes do conselho em Cintra, e sobre o qual ha já hoje elementos que me permittem fazer uma communicação ao mesmo conselho, resolvendo-o definitivamente. O projecto do sr. Rosendo Carvalheira, na parte relativa ao arranjo do terreno que circunda o Paço, será ainda discutido na proxima sessão do conselho, por não se ter chegado hontem a uma conclusão definitiva sobre o assumpto.

—E o arranjo interno?

—Com a creação da inspecção dos museus regionaes, o arranjo interno fica a meu cargo, continuando administrativamente o edificio na dependencia do ministerio das finanças, que, graças ao criterio do sr. Manoel Bruschy, tão bem tem cuidado d'elle. O sr. dr. Martins de Carvalho foi varias vezes accusado pela forma como procedeu ao arranjo actual; mas é de justiça dizer-se que elle procedeu optimamente em todas as desobstrucções que ordenou no edificio, valorisando bastante a «Sala das Audiencias» e pondo a descoberto a «loggia» do corpo manuelino do lado nascente. A justificação do referido arranjo tem-na o sr. Martins de Carvalho nas condições em que o fez, dispondo de pouquissimo tempo. O caso do Paço de Cintra é especialissimo e de difficil solução. O edificio, ahi, é tudo. Não pode, portanto, sacrificar-se o continente ao conteúdo, como se faz geralmente nos museus, em que o recheio é quasi tudo, sendo o edificio, por assim dizer, um accessorio. Em Cintra não pode proceder-se assim. O recheio, se é admissivel ali, deve concorrer para a valorisação do Paço que é, verdadeiramente, a maravilha das maravilhas. Fazer, portanto, do Paço de Cintra um museu, isto é, um deposito de coisas, seria criminoso, desde que essas coisas, por mais bellas que fossem, trouxessem prejuizo a qualquer detalhe do Paço.

O ideal seria reconstituil-o inteiramente no seu arranjo, quer dizer, mobilal-o e decoral-o como elle o foi nos tempos aureos de D. João I, D. Affonso V, D. Manoel e D. João IV, epochas de que o Paço guarda tão fundas marcas. Mas, hoje, em Portugal, mobiliario dos seculos XV e XVI pode quasi dizer-se que não existe, tão raras são, entre nós, e actualmente, essas reliquias. A solução, portanto, será esta: decoral-o com o que se possa ainda obter d'essas epochas remotas, ou mobiliario com caracter das suas divisas, utilisando ainda para a sua decoração as peças, já um pouco menos raras entre nós, do seculo XVII, cujo estylo é ainda um prolongamento do seculo anterior, tendo sempre bem presente que o que se deve valorisar é o edificio e que, por isso, entre pejal-o com mobiliario antagonico com o seu estylo ou deixal-o vazio de todo, seria a ultima a unica acceitavel d'estas duas soluções».

UM QUADRO CELEBRE

Vem restaurar a Lisboa o "Calvario,, da Sé de Vizeu

Porque se não faz a exposição publica da obra do Grão Vasco?

N'uma das ultimas reuniões do conselho superior d'arte e archeologia o illustre architecto sr. Ventura Terra chamou a attenção dos seus collegas para o celebre quadro de Grão-Vasco «O Calvario», que embelleza uma das capellas da Sé de Vizeu. E' essa, na opinião dos entendidos, a melhor obra do grande artista portuguez, sendo de lastimar que a obra do Grão-Vasco fosse confiada de ruina que paira sobre a preciosa tabua. Aconselhou o sr. Ventura Terra que a obra de João Vasco fosse confiada, para os effeitos da restauração, á irrecusavel competencia de Luciano Freire, o artista que tão maravilhosamente operou a resurreição dos quadros de Nuno Gonçalves que actualmente enriquecem o museu das Janellas Verdes e que vieram accrescentar á arte portugueza o valor e o brilho de que muitos a consideravam completamente desprovida.

Quando principiará o sr. Luciano Freire a sua delicada, benedictina e patriotica tarefa? Não se sabe, posto que a ameaça de destruição que peza sobre o magnifico quadro não permitta que a situação se prolongue, conforme o parecer do illustre architecto que ao assumpto se referiu.

A obra do Grão-Vasco soffreu restaurações, que foram executadas por um artista amador. O merito d'esses trabalhos resistiu corajosamente a essas manifestações de «carinho artistico» por vezes tão prejudicial se não mais do que a propria acção do tempo e desleixo dos homens. Os retabulos do Grão-Vasco, que ornam a Sé de Vizeu, dos quaes quasi nenhum apresenta as bellezas primitivas, são hoje motivo de peregrinação d'aquelle historico templo, que o pincel do nosso grande pintor excepcionalmente valorisa. Parece, em vista da proposta do sr. Ventura Terra, chamando a Lisboa o precioso quadro, que seria possivel ao conselho facilitar a admiração d'esse valioso exemplar da nossa pintura antiga a quem não pôde fazer romarias aos pontos onde se encontram todos os bellos trabalhos d'arte nacional. Estamos certos que recorrer a fazer essa exposição o museu d'arte e archeologia teria conquistado incontestavelmente os titulos aos agradecimentos de todos os amadores de producções artisticas.

ATRAVEZ DO ESPAÇO

O primeiro concurso internacional de balões

Realisa-se ámanhã no campo do Stadium

Todas as grandes capitaes europeias e americanas teem presenciado concursos internacionaes de balões esphericos. São celebres as lutas para as Taças Gordon Bennett e para os Grandes Premios dos Aero Clubs de Londres, Paris, Berlim, Madrid, Roma e S. Luiz. Todas estas provas teem motivado maravilhosas e impressionantes viagens, que levaram o conde de La Vaulx até á Russia, depois de 1925 kilometros de percurso; o coronel suisso Schaeck, de Paris á Noruega, mantendo-o 73 horas no ar, das quaes 41 sobre o Mar do Norte; que conduziram Rumpelmeyer até á Siberia e depois Dubonet até á Siberia tambem, batendo o percurso de La Vaulx até o approximar dos 2.000 kilometros! E fallamos simplesmente n'estas viagens porque o concurso de ámanhã é como foram essas viagens, feitas para um concurso de distancia, isto é, para a maior viagem, prova de grande estimulo, mais emocionante que a posse d'uma Taça, que tem parecido e que se disputam o valor insistivel de lembrar o primeiro certamen d'este genero que se realisa em Portugal.

São concorrentes quatro aeronautas hespanhoes, unicos que se inscreveram n'um concurso aberto a toda a gente, concurso absolutamente sportivo, como, de resto, não se ser sempre aquelles que se fazem com balões livres, esphericos, que caminham sem direcção, ao capricho do vento, pondo unicamente á prova a coragem dos pilotos. E é porque este concurso tem apenas um caracter sportivo que se justifica a admira-

Casa dos Espartilhos

Um attentado contra o sultão do Egypto

ALEXANDRIA, 9.—Uma bomba arremessada por uma janella foi cair ao pé dos cavallos que tiravam a carruagem do sultão quando este se dirigia para a Mesquita. A bomba não explodiu e o seu auctor conseguiu escapar-se.—(Havas).

FOLHETIM D'"A CAPITAL" 10-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXV

Ruas sujas

Batem as Avé-Marias em Santo Estevam d'Alfama. Respondem em surdina, picando a nevoa da tarde, as garridas de bronze de todos os mosteiros. Os ultimos gaivotões bravos revoam para as bandas do rio. O céu resplende como um grande mosaico doirado. E' a hora.

O alfamista abotoa a sua polaina de saragoça; enfia um barrete de la verde com orelheiras; entesta sobre o barrete o seu chapeu chamorro de abaorar; deita o capote ás costas; mette-lhe na manga uma choupa de lamina flamenga, polida, luzidia, e, quando a ultima badalada do sino passa o revôo da ultima pomba, a caminho da sua Cythéra de tairocas e de cães, de mendigos e de navalhas, de violas e de oratorios: a rua suja. Mette a uma belesga alumiada de ressaltos; galga uma escadaria de pedra esbeiçada; para, tomando o vento, na volta d'um cunhal d'arvoar; benze-se de arremesso ao cruzar as grades d'um nicho;—conhecido como cão ruivo entre a malfa-baixa do bairro, achapoira o sombreiro para os olhos, amortece os passos, rebuça-se na murça do ferragoulo, enfia, de perna á fava, para a sua ruela. A'quella hora, nem dia, nem noite, a alfurja mourisca, amparada de gigantes e bocejando páteos, semeada de postigos e de paineis da Virgem, a ponta alta dos telhados de sol,—formiga de michos, de lacaios, de marujos, de ratinhos, de mariolas de capote, de leigarraços vadios, de ciganos, de eguariços, de capigorros, de patifes de viola, de estudantes de verdemilho, de toda a sorte de fidalguia vagabunda dos curros e dos palacios, das cavallariças e dos mosteiros, que fura, e grunhe, e faqueja, rodeando fregonas trinchudas de mantéu amarello e sócos, mulatas enormes tilintantes de soalhas doiradas e de veronicas de Santa Rita de Cassia, saloias mitradas de carapuços e de bolsas, com sobrancelhas ramalhudas e carapaças de abbadessa, dryadas chulas de rengo branco e rolête, desnalgando-se, sapateando, rebolando os peitos no dança do arromba e do taco-taraco. O alfamista escôa-se, ouve aqui um zangarreio de viola, dá de hombros além a uma mulata, conhecida, esgueirha os olhos quando uma pateja de prata retine na pedra d'um poial,—mas passa de largo,—limita-se a espiar, a vigiar. E' a hora dos outros. A d'elle, senhor d'aquelle becco, galo d'aquelle poleiro,—não chegou ainda. Vem mais tarde, noite feita, com a arca repilgada e a candeia accesa, quando os postigos se fecham, as rotulas cáem e a rua dorme. Elle é a ave nocturna. Elle é o rufião preferido e adorado. De dia, quando as mulheres se acocoram ao sol pelos poiaes das portas e os ciganos trazem os marcos para os canecos,—o alfamista assiste, familiar, lendo aos dois soalheiros a «Princeza Magalona» e a «Clara Lopes, cristaleira de Coimbra», enramando coraes, gemendo tonilhos brejeiros, assobiando aos cães da viella, que espalham com o focinho as testeiradas de esterco. Se alguem as insulta, é elle que responde. Se alguem lhes toca, é elle que salta. Vêem aquella rascas, saracoteada, de saia de carro de ouro, e chapins altos de Valença? Possui-a,—quem quer a possue. Mas um só homem tem o direito de a ultrajar, de a ensanguentar, de a pisar a pés, de a arrastar pelos cabellos no lagedo da rua: é elle. Durante as horas em que a michéla é de toda a gente,—o alfamista espia-a de longe, calcula-lhe as pratas ganhas, cruza-lhe a porta. Depois quando a noite avança, e os cães fogem, e os cegos da sanfona desapparecem, e os fradres goliardos, enxalmados em capotes de saragoça, saem das tabernas, e a tumba negra da Misericordia recolhe os mortos,—a mulher passa a ser d'elle. Elle só, e sempre, é o dono. D'ahi por diante, tres vezes a luz da candeia, sombras que se projectam de longe, e o alfamista, D. Quixote de ruas-sujas, mendigo d'amor, ergue-

blocho como um grande de Hespanha, arrasta-se, entesta o sombreiro, esconde a cara no rebuço como mandam as regras da gualdaria, escoa-se, chega-se, rasteja, ganha a porta,—e entra. Mas, ás vezes, os silvos que respondem são dois, são trez. O catre e os braços da fregona vão ser disputados a sangue. Trez capuzes avançam na sombra. Trez ferros chispam. E' o instante da navalha.

O quitó foi no seculo XVIII o symbolo do amor galante. A navalha, ou melhor, a choupa flamenga, pode considerar-se o symbolo do amor plebeu. E' em volta d'esse palmo e meio de ferro repassado de paixão, que se jogam todos os ciumes, todas as preferencias, todas as rivalidades. A' sua vista, os pellos criçam-se, as pistolas aperram-se, os proprios quadrilheiros tremem e apavoram-se. Todos os cadaveres encontrados, em poças de sangue, nas callejas da Alfama, nas ruellas da Mouraria, nas quelhas da Madragoa e do Bairro Alto, teem os ventres rasgados por choupas como por ferros de taurio. D. Pedro II, pelo alvará de 23 de julho de 1678, prohibira, sob pena de degredo para Angola e cincoenta cruzados para captivos, que se trouxessem «facas agudas, de ponta de diamantes, de sovela e de ponta de viveira», verdadeiros punhaes dos alfamistas e marujos, estendendo a prohibição, por alvará de 18 de novembro de 1687, aos bordões e facas que costumavam trazer os moços de liteireiros, os sottas-cocheiros, lacaios e mochilas de casas nobres. Apezar d'isso, as mortes succedem-se. Os proprios corregedores vacillam na repressão. Em 24 de outubro de 1702, Manoel Dias, que fôra criado da rainha D. Catharina de Inglaterra, escondido no convento de S. Vicente, a sua ferida, de quem não havia queixa; não conto isto por novidade, porque esta terra já está costumada a vêr semelhantes horrores e sempre na Quaresma se desobriga com umas poucas de mortes». Mal bruxolea nas ruas, de longe em longe, a candeia d'um oratorio. A escuridão profunda favorece os crimes. «Todas as noites ha mortos e feridos, sem ter nem som, se n'um tinte nem guarita—escreve Joseph Soares da Silva, na sua «Gazeta»—e isto logo das Ave Marias por diante». Embarcadiços e marujos infestam a Alfama, embrulhados em ferragoulos de burel, armados de choupas agudas, disputando o leitão das maranhas e a prata amoedada dos seus babus. «Em todas as mortes que se fazem continuadas e que eram muito frequentes—diz o irmão de Manoel de Figueiredo, evocando a Lisboa de 1740—se nomeavam marujos, destros e insignes em brigar, fraçando o capote no braço esquerdo, e com um punhal de tres quinas na mão direita, peça rica a que chamavam faca de ponta de diamante, atacavam ainda aos que traziam espada, ou tambem com choupa, ou faca flamenga, peça de pouco valor e tão vulgar nas tendas como o queijo flamengo». D. João V passa os ultimos annos da sua vida combatendo essas duas inflorescencias da rua-suja: o capuz e a faca. Em 1742 assigna o «alvará dos capuzes», prohibindo os embuçados e mandando perseguir os vadios pelas portarias dos conventos; em 1749, a dois passos da morte, expede o «alvará das facas», prohibindo, sob pena de polé, o uso das sovélas e das choupas de Flandres. Nada se conseguiu. De armas de duello e de bravura, de nobreza plebéa e de orgulho amoroso,—as choupas flamengas, as facas de ponta de diamante, os punhaes de ponta de oliveira, tornam-se, com o andar do tempo, armas de traição e de roubo. A cavallaria rusticana converte-se em pilhagem immunda. «Os ladrões n'esta côrte são tantos—diz o «Folheto de Lisboa», jornal de manuscripto de 9 de janeiro de 1740—que ninguem pode sahir de noite fora de casa depois das Ave Marias». De nada vale a sola do carrasco nem a marca a fogo do Limoeiro. Em maio de 1742 armam-se no Rocio duas polés pintadas de verde, para apoiar quem roube para além d'um cruzado. Inutil tambem. Os «palmilhas sudas» atacam as sêges e os coches, põem a choupa aos peitos dos fidalgos, pedem a bolsa,—e não tiram senão desenove vintens. O horror da faca invade os proprios estrangeiros. Twiss, viajante inglez que nos visita em 1773, fala impressionantemente da escuridão das ruas de Lisboa, onde, poucos dias antes, vira matar um italiano, e descreve o povo, com suggestões de Hespanha: «Os homens usam capotes compridos, grande chapéu derrubado, e trazem escondida na manga uma faca de fio tão fino, que é capaz de cortar pelo meio um escudo d'ouro».

Procurou-se, durante um seculo, remedio para os crimes das ruas sujas, onde as rascoas já traziam choupas nas ligas, amavam as facadas, roubavam a prata das Egrejas e usavam bolsilhos falsos nos guarda-pés de milaneza vermelha. Ninguem o encontrou,—nem Diogo de Mendonça, nem o cardeal da Motta, nem frei Gaspar Moscoso, nem o jesuita Carbonne, nem Pombal, nem a Academia dos Singulares, nem a Academia de todos os quadrilheiros, nem a vara de prata de todos os corregedores. Pois bem: esse milagre, que ninguem fizera, fel-o em 1780 um homem gordo, placido, methodico, que appareceu um dia na côrte com o habito de Christo ao pescoço e o «Tratado da Policia» de Willebrand debaixo do braço: o Intendente Diogo Ignacio de Pina Manique. Como? Levantando forcas? Derramando sangue? Não. Muito simplesmente: illuminando a cidade.

Desde esse dia, o terror da rua-suja acabou.

JULIO DANTAS

Terça-feira, 13:

XXVI — A esssença d'ambar

ção do jornalista Ricardo Ferry, quando chegou hoje a Lisboa.

—Mas porque prohibiram a «provaensaio»?

—Apenas pela falta de cumprimento d'uma formalidade legal. Foi justificada essa prohibição, de resto immediatamente levantada por ordem dos srs. ministros da guerra e do interior.

—Mas hoje, em viagem para Lisboa, ouvi commentar que o motivo era realmente de ordem militar.

—Não...

—Tambem não acreditamos porque se tratava de balões esphericos e não de dirigiveis ou aeroplanos, que evidentemente estariam sujeitos a regulamentação especial como succede em todos os paizes. E para evitar taes duvidas, os nossos pilotos ficariam muito honrados em levar na sua companhia officiaes do exercito portuguez.

—Mas não succedeu assim...

E explicámos então o caso, evidentemente explorado por muitos, mas que não teve a importancia que se lhe quiz dar.

A auctorisação superior foi concedida. E com os aeronautas, dos melhores de Hespanha e dos melhores da actualidade, vão jornalistas portuguezes, os nossos camaradas D. Virginia Quaresma e dr. Hermano Neves, rapaz excepcional de coragem, temerario, que já soffreu as agradaveis e impressivas emoções—que tantos temem e perante as quaes tantos se acobardam—de viajar pela Africa Central, de navegar em submarino, de subir em balão, de subir em aeroplano e sentir o «frisson» das grandes velocidades e dos grandes perigos.

Tambem segue n'um dos balões o jornalista sr. Oldemiro Cesar.

Os dez mandamentos de guerra allemães

Genebra, 6 de julho

... compartimentos das carruagens dos caminhos de ferro allemães está affixada a seguinte nota sob a epigraphe de «Os dez mandamentos de guerra»:

1.º—Come apenas o necessario; não comas no intervallo das refeições. Procedendo assim gosarás saude.

2.º—Guarda o teu pão como um objecto sagrado, e aproveita-o até á ultima migalha no teu alimento. Com as codeas faz-se uma sopa deliciosa.

3.º—Economisa a manteiga e a banha; em logar de pôres manteiga no pão põe-lhe xarope ou marmelada. A maior parte da banha é importada do estrangeiro.

4.º—Alimenta-te com leite e queijo e aproveita o leite desnatado e o leite coagulado.

5.º—Usa de muito assucar na comida; o assucar é um alimento de primeira ordem.

6.º—Cose as batatas com a pelle, e farás uma economia de 20 por cento.

7.º—Diminue o consumo de cerveja e outras bebidas alcoolicas; assim augmentarás as nossas reservas de trigo e batatas com que se fabrica a cerveja e o alcool.

8.º—Come legumes e fructa, e cultiva de legumes o mais pequeno pedaço de terra de que disponhas. Economisa as conservas emquanto puderes empregar legumes frescos.

9.º—Não deites nada fóra. Emprega os restos na alimentação do gado, mas tem cuidado não vá n'elles alguma substancia prejudicial.

10.º—Cosinha e aquece-te com gaz e coke.

P. S.—Seguindo estes mandamentos serves a tua patria; por isso todos devem seguil-os, mesmo os que estão em circumstancias de continuarem vivendo como d'antes.—(a) *A direcção dos caminhos de ferro.*

"Calvario de mulher"

de D. Maria Feyo

Brado de uma alma de mulher revoltada contra as convenções sociaes, contra a escravidão de metade do genero humano á outra metade, o sexo fragil ao sexo forte, tal é, em poucas palavras, o thema do novo livro *Calvario de mulher*, que hoje ou amanhã deve apparecer nas montras das livrarias.

Mas D. Maria Feyo, que tem vivido, que tem chorado, que tem soffrido, liberta o seu espirito de todas as dores e de todas as angustias e aspira a realisar um sonho que germinou na sua alma, que lhe avassallou o espirito e a que pretende dar vulto: a creação de congresso permanente de educação, humanidade, arte e pacifismo, que seria um centro de permanente expansão moral, uma agencia de todas as bellas idéas novas e de todas as obras emancipadoras.

Utopia, sonho irrealisavel? Talvez, mas D. Maria Feyo defende a sua obra com tal ardor, com tanta convicção que natural é que crie proselytos e que o que hoje parece um sonho seja amanhã uma realidade. *Calvario de mulher* tem paginas de grande sentimento, cuja leitura nos commove.

Exposição de bellas artes

A exposição installada na Sociedade Nacional de Bellas Artes está amanhã patente gratuitamente ao publico, estando-o egualmente na segunda feira, á noite.

A exposição encerra-se no dia 15.

Movimento academico

Para tratar de um assumpto da maior importancia e urgencia, foram convidados os alumnos da faculdade de medicina que concluem este anno o 4.º anno (periodo transitorio) a comparecer na Esco... ... 12 horas.

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Affonso Costa

Sentiu hoje ligeiros allivios

O sr. dr. Affonso Costa passou o dia de hoje com ligeiras intermittencias, dormindo.

Das 3 ás 6 horas da madrugada teve um periodo bastante excitado. A's 9 horas o sr. dr. Madureira, que passara a noite junto do doente, fez o penso do ouvido, voltando o sr. dr. Affonso Costa a descansar.

De manhã esteve no hospital, trocando impressões com o sr. dr. Madureira, o sr. dr. Francisco Gentil que se demorou pouco tempo. Egualmente ali foi o sr. dr. Julio de Mattos, que não quiz passar da porta do quarto para não accordar o doente, a essa hora, 12,30, ainda descançando. A's 7 horas da manhã, o sr. dr. Costa Nery tambem esteve com o sr. dr. Madureira a informar-se da maneira como o sr. dr. Affonso Costa passara a noite.

Continuam-se recebendo no hospital muitos telegrammas e cartas, continuando tambem a maioria de amigos e correligionarios a deixar os seus cartões e a informar-se da marcha da doença.

Durante o dia de hoje foram novamente ao hospital deputados, senadores, officiaes do exercito e empregados publicos que nos dias anteriores ali teem comparecido.

A's 14,30 horas foi affixado o seguinte boletim:

Pulso, 76; respiração, 24; temperatura, 36,6.

O estado geral mantem-se sem alteração.— (aa), Avelino Monteiro, C. Bello Moraes, Costa Nery, Francisco Gentil.

A junta parochial de Santos-o-Velho, na sua sessão de 7 do corrente, approvou e exarou na acta da sessão um voto de profundo sentimento pelo desastre e votos pelo rapido restabelecimento. Egual procedimento teve para com o illustre enfermo a junta de parochia da Lapa.

A's 16 horas chegou ao hospital a sr.ª D. Alzira Costa, acompanhada pela esposa do sr. dr. José Tavares. Como o enfermo estivesse dormindo estas senhoras não entraram no quarto.

Os sargentos do 1.º batalhão da 3.ª companhia da guarda republicana estiveram no hospital a informar-se do estado do sr. dr. Affonso Costa. Tambem ali voltaram os srs. presidente do ministerio e ministro do fomento e capitão Tavares de Carvalho em nome do sr. ministro do interior.

Candidaturas pelo ultramar

Eis a nota das candidaturas apresentadas pelas provincias ultramarinas:

Moçambique—Deputados: dr. Alfredo de Magalhães e Constantino Martins.

Timor—Deputados: Arthur Tamagnini de Sousa Barbosa, Alfredo Maria da Costa e Andrade; senadores: João Duarte de Menezes; Abel Fontoura da Costa.

India—Deputados: José Miguel Lambertini Prazeres da Costa; senador: Manuel Eduardo Correia.

Guiné—Deputado; Manuel Nunes Oliveira; senador: Antonio da Silva Gouveia.

Angola—Deputados: Alfredo Augusto Lisboa de Lima, Viriato Zepherino Passalaque, Joaquim Maria Lima Carvalho; senador: Antonio Bernardino Roque.

Cabo Verde—Deputados: José Barbosa, Henrique Vieira Vasconcellos; senadores: João Augusto Martins, Viriato Gomes da Fonseca.

Colhido e morto por uma machina

Em frente do molhe numero 6, foi esta manhã, ás 6,5 horas colhido pela machina 81 João dos Santos, fogueiro dos caminhos de ferro, de 62 annos, casado, morador na rua da Senhora da Gloria, 29, 2.º, que teve morte instantanea.

O cadaver foi removido para a Morgue.

Assumptos coloniaes

Na segunda feira, ás 21 e meia horas, na séde da União da Agricultura, Commercio e Industria, rua do Mundo, 20, 1.º, realisa o general sr. Joaquim Machado uma conferencia sobre o que observou na provincia de Moçambique e que interessa á nossa agricultura, commercio e industria.

A Escola de Guerra

reabre na proxima semana

Na Ordem da Escola de Guerra publica-se esta tarde o seguinte documento:

Copia—Serviço da Republica—Secretaria da Guerra—Repartição do Gabinete—Lisboa 28 de junho de 1915—N.º 590—Ao sr. Commadnante da Escola de Guerra—Lisboa—Do Chefe da repartição do gabinete—Sua Ex.ª o Ministro da Guerra tendo lido attentamente os relatorios e mais documentos ácerca dos factos occorridos em 15 de maio findo, na Escola do mui digno commando de V. Ex.ª, encarrega-me de lhe transmittir que, como aliás já esperava, constatou a justa imparcialidade com que procederam os officiaes encarregados da investigação. Esses factos, devidos certamente a um equivoco, talvez explicavel pela excitação da massa popular, mas seguramente lamentaveis, sobresaltaram, na confusão dos primeiros momentos, a consciencia do povo republicano; hoje, porém, estando os animos por completo serenos e a vida do Paiz perfeitamente normalisada, podem elles ser justa e imparcialmente apreciados á luz brilhante da Verdade.—Sua Ex.ª o Ministro da Guerra, depois da leitura do preciso relatorio de V. Ex.ª e dos documentos que o acompanham, tem plena certeza de que os alumnos d'essa Escola em cousa alguma pretenderam tolher o movimento revolucionario de 14 de maio nem tão pouco apoiaram os actos da dictadura que, sem o menor respeito pelo sentimento nacional, violou a Constituição Politica da Republica que a todos nós cumpre acatar e defender.—Nem podia deixar de ser assim. No primeiro estabelecimento de instrucção e educação militar do Paiz dirigido por quem, como V. Ex.ª, deu sempre sobejas provas de um alto espirito liberal e dedicou á causa publica o melhor do seu intelligente esforço e acendrado patriotismo, não podiam, de modo algum, os alumnos, futuros officiaes do exercito, ter manifestado sentimentos menos nobres e elevados ou hostis ás instituições republicanas que a Nação livremente adoptou.—Reconhecida esta verdade que muito concorre para mais ainda levantar o prestigio d'esse estabelecimento, cuja honra foi, por momentos, injustamente ferida, cessam os motivos que determinaram o encerramento dos trabalhos escolares. N'esta conformidade, S. Ex.ª o Ministro da Guerra reiterando, em nome do Governo, a sua plena confiança em V. Ex.ª, encarrega-me de dizer que concorda com o exposto por V. Ex.ª na sua nota n.º 141 de 19 do corrente ácerca da proposta dos officiaes subalternos do corpo de alumnos, da tolerancia necessaria do uso de fardamento e mais disposições, dignando-se V. Ex.ª indicar a esta Repartição a data mais conveniente para a reabertura da Escola e fixar o plano de trabalhos a encetar desde essa data, ficando para este effeito, desde já, auctorisado a alterar qualquer praso de tempo prescripto no respectivo regulamento. (a) *Roberto da Cunha Baptista*, major d'artilharia e serviço do Estado Maior.

Segundo nos informam, a reabertura da Escola realisar-se-ha na proxima segunda ou terça-feira, devendo os exames começar na sexta-feira immediata.

Presidente da Republica

Na recepção do sr. presidente da Republica estiveram hoje, a cumprimentos, os srs. ministros da Belgica, Inglaterra e Hespanha. O sr. dr. Theophilo Braga estava acompanhado pelo 1.º official sr. Barreto da Cruz e pelo seu secretario sr. Levy Bensabat.

Contra a exportação

O comicio d'amanhã

A Federação da Construcção Civil e a commissão Inter-Sindical fizeram distribuir profusamente um manifesto em que se convida o povo a comparecer no comicio que amanhã, ás 14 horas, se realisa no parque Eduardo VII, para se protestar contra a exportação da batata e da cebola.

Entendem os signatarios que tal exportação não deve ser permittida, pois que fará com que augmentem os preços, levando portanto o povo á fome.

Sport

No Stadium realisa-se ámanhã o concurso de balões e um bello programma

Ha enorme anciedade em assistir ámanhã ao espectaculo no Stadium porque á novidade do concurso de balões accresce á novidade tambem dos aeronautas srs. D. Eduardo Magdalena, D. Francisco Rodrigues de la Torre e D. Salvador Garcia de Pruneda, levarem na sua companhia jornalistas lisbonenses.

***

O programma do espectaculo é magnifico e completo. Além da grande novidade do concurso dos balões dá a surpreza da primeira corrida de ciclistas profissionaes portuguezes que disputam premios de objectos d'arte e um *handicap* de motocicletas, em que o famoso e invencivel Innocencio Pinto dá o avanço d'uma volta de pista aos seus temerarios competidores Arido de Albuquerque e Manuel Neves.

O programma, cuja execução começa ás 16 horas e meia, reune o seguinte:

I—1.ª serie da corrida *Nacional*, que será disputada em duas series e uma repescagem de 3 voltas de pista (1.500 metros), para apurar para a *final* trez corredores, que receberão trez objectos d'arte. Inscreveram-se para estas provas os srs. Albano Ferreira, João Ferreira, Joaquim Raposo, Floriani, *Carlos Fernandes*, Victor Batalha, Antonio José Christiano, Silva Amaral e Ramiro Madeira. As series serão designadas pelo juri.

II—2.ª serie da corrida *Nacional*.

III—Repescagem da corrida *Nacional*, para apuramento d'um corredor, que junto aos dois primeiros classificados das series, formam os trez corredores que disputam a *final*. Segue o intervallo.

IV—Final da corrida Nacional.

V—Grande handicap de motocicletas, em 35 voltas de pista com 3 objectos d'arte no valor de 60 escudos. Innocencio Pinto parte *scratchman* a 0 metros dando abonos a Manuel Neves e Arido de Albuquerque a 500 metros (uma volta de pista).

VI—Corrida de ciclistas fortes, profissionaes para disputar 3 objectos d'arte, no valor de 8, 5 e 3 escudos. Uma serie unica de 3 voltas (1500 metros). Inscreveram-se os srs. Dias Maia, João Silva, Joaquim Raposo e Soares Junior.

O regulamento d'estas corridas é o da União Velocipedica Portugueza.

***

A subida dos trez balões *Viscaya*, *Baio* e *Montaña* faz-se durante as horas do espectaculo e quando a commissão technica do Aero Club, d'accordo com os aeronautas, achar mais conveniente.

O enchimento dos 3 balões começa ás 6 da manhã, sob a direcção dos encarregados do parque de aerostação de Madrid, srs. Asiscio Santos e Amedeo Viiita. E' necessario bastante tempo para encher os globos, que são enormes, sendo um d'elles, o *Montaña*, alto de 18 metros, isto é, a altura d'um 4.º andar, enorme e colossal de bojo.

O regulamento do concurso de balões

O Aero Club de Portugal organisou para o concurso o seguinte regulamento:

Natureza do concurso: Distancia sem escala e sem *handicap*.

Premios: O premio constará de uma Taça que será propriedade do aeronauta vencedor.

Cathegoria: Os aerostatos poderão ser de 2.ª, 3.ª, 4.ª ou 5.ª cathegorias.

Gaz: O gaz de illuminação será obrigatorio para todos os concorrentes e fornecido gratuitamente pelo Stadium de Lisboa.

Concorrentes: São admittidos todos os pilotos titulares do *Brevet* de piloto de aerostato da Federação Aeronautica Internacional.

Inscripções: A inscripção, que será gratuita, realisar-se-ha até ao dia 9 de julho no Aero-Club de Portugal, travessa da Gloria, 22, 2.º

Tiragem á sorte: Effectuar-se-ha no dia 10 de julho, no Stadium de Lisboa, pelas 19.

Material: Os concorrentes são rigorosamente obrigados a apresentar o seu material no Stadium de Lisboa no dia 10 de julho, até ás 19 horas.

Condições impostas aos concorrentes.—Os aerostatos serão obrigados a ostentar a bandeira da nacionalidade e o pavilhão do Club a que pertence o aeronauta commandante.

O diagramma da ascensão será exigido e fornecido por um barometro registrador que os concorrentes deverão apresentar aos commissarios desportivos duas horas antes da partida, a fim de ser sellado.

O processo regulamentar será acompanhado de uma carta onde se marcará o local exacto da aterragem.

O telegramma regulamentar será endereçado da seguinte fórma:—Aero-Club, Lisboa.

Os concorrentes deverão fazer chegar ao Aero-Club de Portugal os seus documentos de viagem dentro do praso regulamentar, dos quaes se passará recibo.

Largadas.—As largadas serão dadas no Stadium de Lisboa, no domingo 11 de julho de 1915, desde as 17 horas, com intervallo de 3 minutos, segundo a ordem de tiragem á sorte.

Commissarios desportivos.—A. Gonçalves Pinto, C. Soares Branco e P. Ribeiro de Almeida.

Commissario geral.—Dr. Tadella de Castro.

Noticias

Escoteiros de Portugal

A commissão executiva d'esta Associação procurou ante-hontem os srs. ministro da instrucção e presidente do ministerio, a quem foi convidar para assistir á sessão solemne que deve realisar-se ámanhã domingo, pelas 21 horas. A este convite accedeu o sr. presidente do ministerio que exprimiu á commissão executiva a sua muita admiração pelo movimento do escotismo no nosso paiz tendo para com ella palavras de louvor que demonstram o muito apreço em que elle tem tudo que se relacione com o *scouting*, mormente a sua parte moral.

Patinagem e «tennis» na Amadora

Teem logar ámanhã as costumadas reuniões elegantes nos Recreios Desportivos da Amadora. As sessões de patinagem realisam-se das 3 ás 6 da tarde e das 8 ás 12 da noite.

—O campeonato de «Tennis» de Men's Singles, e o torneio de Men's Double á americana começam no dia 25 do corrente havendo 3 premios para os dois concursos. A inscripção está aberta nos Recreios Desportivos, podendo inscrever-se os socios até ao dia 17.

—O pic-nic a Bellas realisa-se no dia 25 do corrente e terá logar na quinta do Senhor da Serra.

—Na proxima segunda feira, continúa o animatographo ao ar livre no intervallo das sessões de patinagem, sendo gratuito para os socios e senhoras de sua familia. E' uma novidade que a todos agradou pelas aprazíveis horas que se passam no lindo recinto da patinagem.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 10.—Communicação official das 15 horas.

Na região ao norte de Arras repellimos algumas tentativas de ataque allemãs ás nossas posições do caminho de Angres a Souchez. Esta noite no Labyrintho houve combate de granadas sem modificação da frente do combate de qualquer dos campos. Em Champagne na linha de Perthes a Peranjour entre a cota 196 e o fortim foi apanhada pelo nossos fogos de infantaria e de artilharia uma força de ataque que foi dispersada com sensiveis perdas. Na Lorena o inimigo atacou com um batalhão as nossas posições proximo de Lejotroy mas foi repellido.

Nada mais occorreu no resto da linha digno de menção a não ser combates de artilharia nomeadamente na floresta de Grunont, no bosque Le Bretro e em Fontenelle, onde o inimigo não contra-atacou e se limitou a canhonear por duas vezes as posições que perdera.

O recenseamento dos prisioneiros feitos nos combates do dia 8 accusa um total de 881, entre os quaes 21 officiaes.

Os nossos aviões bombardearam hontem as gares de Arnaville e de Bayonville, assim como os abarracamentos militares de Norroy. Lançaram 22 granadas e mil flechas.—(*Havas*).

Os inglezes causam graves perdas aos allemães

LONDRES, 9.—Sir John French communica o seguinte:

Desde a ultima empreza feliz ao norte de Ypres, por mim communicada em 6 do corrente, o inimigo fez repetidas tentativas para rehaver as suas trincheiras perdidas. Todos os seus contra-ataques foram embargados pela efficaz cooperação da nossa artilharia e da franceza. Esta manhã depois de um duello de bombas que durou dois dias e duas noites, o inimigo cedeu terreno ao longo do canal, o que nos habilitou a ampliar os nossos ganhos. Além dos prisioneiros já noticiados, temos a accrescentar a tomada de varias metralhadoras e morteiros de trincheira. Todas as informações indicam que as perdas inimigas, principalmente nas tentativas de contra-ataque, foram graves.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Os allemães do sudoeste africano vão ser internados

LONDRES, 7.—O governador geral da União da Africa do Sul telegraphou ao secretario de Estado das Colonias o seguinte communicado official do quartel general da Defeza, em Pretoria, em 9 de julho ás 2 h. da mad.:—O general Botha acceitou do governador Seitz a rendição de todas as forças allemãs do Sudoeste d'Africa. Cessaram as hostilidades terminando a campanha assim com feliz exito. Todos os subditos allemães e as forças da mesma nacionalidade serão internados nos territorios da União, tão depressa quanto as facilidades de utilisação de transportes o permittam.—(*Havas*).

—No ministerio das colonias foi hoje recebida communicação official de terem terminado as operações das forças inglezas no sudoeste africano, tendo-se rendido as forças allemãs que ainda ali havia.

As auctoridades inglezas mandaram proceder a averiguações sobre o paradeiro dos officiaes e soldados portuguezes que foram aprisionados em Naulilla, a fim de serem immediatamente postos em liberdade.

Um protesto da Suecia perante o governo allemão

STOCKOLMO, 9.—A Suecia protestou junto do governo de Berlim contra a abertura pelos allemães da parte do correio e dos postaes do navio Bjorn, aprisionado pelos allemães.—(*Havas*).

As relações franco-italianas

PARIS, 10.—O general Porro, subchefe do estado maior italiano, chegou a Paris e visitou os srs. Poincaré, Millerand, Viviani e Delcassé, com os quaes conversou largamente.—(*Havas*).

A Allemanha e o afundamento do «Lusitania»

AMSTERDAM, 10.—Um telegramma official de Berlim dá o texto da resposta da Allemanha á nota americana ácerca do afundamento do *Lusitania*. O governo allemão esforça-se por tornar os alliados responsaveis pelas providencias tomadas pela Allemanha relativamente á guerra submarina. O governo allemão espera que os Estados Unidos garantirão que os navios que tranportem passageiros não conduzirão d'ora avante contrabando de guerra.—(*Havas*).

Quando fecha o Congresso?

E' quasi certo que tem de ir além do dia 6 de agosto

Não está determinada ainda a data de encerramento dos trabalhos do Congresso. Calculou-se que a ultima sessão se realisasse a 6 de agosto, com a eleição do presidente da Republica, mas parece que até essa altura não ha tempo de discutir e votar todos os orçamentos e ainda alguns projectos de lei que esperam a approvação do Congresso.

Um deputado com quem falámos hoje sobre o assumpto exprimiu-se d'este modo:

—Estamos quasi a meados do mez. A proposta do sr. ministro do fomento sobre o regimen cerealifero não deixará de ser largamente discutida, gastando-se algumas sessões n'esse debate. Alguns dos outros ministros apresentaram tambem propostas cuja approvação consideram indispensavel. Como pódem os orçamentos ser votados até ao fim do mez? Só de afogadilho, em sessões nocturnas, sem que os deputados e senadores possam inteirar-se conscienciosamente das materias em discussão.

«Alguns dos meus collegas da Camara pretendem ainda que esta sessão extraordinaria seja aproveitada para a approvação do regimento pois que ainda está em vigor o da Assembleia Nacional Constituinte. A sua discussão, feita mesmo com relativa rapidez, não deixaria de occupar a ordem do dia de 5 ou 6 sessões. O novo regimento começaria a vigorar na primeira sessão ordinaria d'este Congresso, isto é, a 2 de dezembro.

«Não vejo como tudo isso possa fazer-se até ao dia 6 d'agosto, descontando-se ainda as sessões que não deixarão de ser occupadas por debates de caracter politico. De resto, a experiencia do trabalho intenso nas vesperas do encerramento do Congresso tem dado sempre resultados deploraveis. Passa a viver-se em plena confusão, ninguem sabendo, muitas vezes, o que approva nem o que regeita.

—Mas, se não se votarem os orçamentos até ao fim d'este mez será necessaria a approvação d'outro duodecimo...

—E não é preferivel seguir esse caminho a repetir-se o exemplo d'uma lamentavel precipitação em trabalhos legislativos? A ninguem, senão á dictadura, podem attribuir-se as culpas dos duodecimos. Foi ella que impediu a realisação das eleições no seu praso normal. Depois da revolução de 14 de maio, os proprios partidos opposicionistas foram os primeiros a reclamar o adiamento das eleições, bem sabendo que esse adiamento causava a impossibilidade de se votarem as leis orçamentaes no praso fixado na Constituição.

«Deixe-me dizer-lhe ainda que n'esta sessão extraordinaria se deviam approvar algumas medidas urgentes de caracter economico, que contribuissem, directa ou indirectamente, para a attenuação da carestia da vida. Ella persegue, como um flagello, as classes trabalhadoras, e bom seria que o Congresso iniciasse os seus trabalhos por estudar a sério esse problema. Eu sei que elle não se resolve com meia duzia de projectos de lei, mas estou convencido que algumas medidas economicas que podem votar-se iriam reflectir-se vantajosamente na situação dos menos protegidos da fortuna.

A questão do Douro

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director—No numero de hontem do seu jornal, sob o titulo—A questão do Douro—affirma v., fundado na opinião do sr. Ferreira Lopes, que a marca—Porto—foi creada pelos vinhos da Bairrada e aquelle senhor, fundado decerto apenas na sua auctoridade, affirma tambem que ainda o Douro não produzia uma gotta de vinho licoroso e já aquella marca existia, creada e mantida pelos vinhos da Bairrada, exportados pela barra do Porto!

Peço áquelle senhor que leia o relatorio de 9 de março de 1864, elaborado pela commissão nomeada em virtude da resolução parlamentar de 29 de julho de 1861 e ahi e nos documentos que o acompanham encontrará a historia dos vinhos do Douro e reconhecerá quanto afastadas da verdade estão as suas affirmações.

Virá então no conhecimento de que os vinhos da Bairrada e outros, depois de creada e acreditada ha muitos annos a marca dos vinhos do Douro, serviram para as adulterações e falsificações, que em muito concorreram para o descredito dos vinhos do Porto, que só readquiriram o seu bom nome com a creação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

O relatorio a que me refiro, interessantissimo e firmado por nomes de distinctos homens publicos, é hoje raro, mas póde, querendo, encontral-o no archivo da Camara dos senhores deputados.

Por ahi se vê, que a lucta, as adulterações e falsificações veem de longe e que a pretenção da usurpação da marca, que se deseja levar a cabo até com a falsificação da historia, não é só de agora.

Desculpe-me a impertinencia e creia-me—De v., *João José da Silva Costa*.

A "kermesse,, dos Voluntarios de Lisboa

No coreto da praça Luiz de Camões, virá tocar ámanhã á noite, abrilhantando a kermesse dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, a banda dos Voluntarios de Cascaes, que ha quinze annos se não faz ouvir em Lisboa.

E' uma attenção delicada para com os seus collegas da capital, representando ao mesmo tempo um bello passatempo para o publico, que tem occasião de passar umas horas entretido, ao mesmo tempo que póde concorrer para uma obra de utilidade, auxiliando a benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu hoje, pelas 10 horas, no ministerio da marinha.

—Partiu hoje para o Porto o sr. ministro da instrucção, que regressa a Lisboa na proxima segunda-feira. No mesmo comboio seguiu tambem o capitão sr. Maia Pinto, chefe do gabinete do sr. ministro das colonias.

—O «Diario do Governo» de terça-feira publicará o decreto transferindo para a Junta Geral do Districto de Vianna do Castello a verba de 100.000$, para as obras do novo edificio do governo civil e da Avenida.

—O contra-torpedeiro «Guadiana» saiu hoje a barra, tendo andado em exercicios de artilharia em frente do Cabo Carvoeiro.

—A legação d'Italia publicou o aviso de que todos os militares com licença e os comprehendidos no decreto geral de mobilisação que estejam residindo em Portugal e nas ilhas adjacentes teem de se apresentar até ao dia 31 do corrente, sob pena de serem considerados desertores os que o não fizerem.

O incendio da rua do Ouro

Prejuizos de 20:000$

O incendio que esta madrugada se manifestou no predio da rua do Ouro, que tem o numero 292, só ás 7 horas foi dominado, devido á falta de agua com que a principio os bombeiros luctaram.

O predio compõe-se de dois corpos e torneja para o Rocio. Nos baixos estão installados varios armazens de fazendas e na escada ha uma pequena officina de ourivesaria. No 1.º andar, lado esquerdo, é o escriptorio da Agencia Photographica e do lado direito o consultorio do cirurgião dentista sr. Alberto Lacerda. Tanto nos armazens como no primeiro andar houve prejuizos causados pela agua. O mesmo aconteceu no segundo andar, onde ha, do lado esquerdo, os consultorios dos srs. drs. Arnaldo d'Almeida, Simões Alves, Martins Grillo e José d'Abreu, e do direito o do sr. C. J. Alves da Rocha. No 3.º andar, lado esquerdo, é a residencia do sr. Francisco Luiz Torres, que ali vive com sua familia e que tem a casa segura na Companhia Portugal, sendo ahi os prejuizos importantes. O quarto de dormir do filho do dono da casa abateu por completo, desapparecendo todos os objectos que ahi havia, com excepção de um pequeno armario com livros. No lado direito reside com sua esposa e uma sobrinha, o sr. Antonio José da Costa, proprietario da papelaria Costa, da rua da Prata. No quarto andar, formado por mansardas, era a officina de relojoaria do sr. Botelho, que teve prejuizos importantissimos, visto que lhe desappareceram muitos relogios, medalhas, correntes e outros objectos. Do outro lado era uma casa de hospedes pertencente a Elvira de Jesus e onde estavam hospedados Mathilde Machado e seu sobrinho, com seguro na Companhia Prosperidade, em 500 escudos, um alfaiate de nome Rufino, com seguro na Companhia Popular em 200 escudos, e Theodosio Augusto Barata.

Os moradores do predio, ao serem prevenidos do incendio pelo guarda nocturno Manuel Simões, sahiram precipitadamente para a rua, vindo muitas senhoras em roupas brancas, apenas cobertas com casacos de abafo.

O ataque foi bem dirigido, mas isso não obstou a que o 4.º andar fosse devorado pelo fogo. O telhado abateu por completo e o fogo ainda passou ao pavimento inferior.

Presume-se que o incendio começasse n'umas cadeiras que o marido da dona da casa de hospedes, de nome Paco, havia levado momentos antes para casa. Os prejuizos em todos os andares calculam-se em 20 contos. No local juntou-se muita gente, tendo comparecido todo o material do districto e pessoal superior dos bombeiros.

PEQUENAS NOTICIAS

Tendo a auditoria administrativa julgado improcedente a reclamação da Associação dos *chauffeurs* sobre o regulamento para automoveis e *chauffeurs*, de 20 de agosto do anno findo, vae este entrar brevemente em execução.

—No hospital Estephania, na enfermaria 5, entrou Maria dos Santos, moradora na rua da Mãe d'Agua, 3, 4.º, que na sua residencia foi aggredida com um pontapé no ventre pelo homem com quem vive. No hospital de S. José, entraram: na enfermaria 4, Joaquim Oliveira, serralheiro, de Setubal, que quando ali mexia n'uma espingarda a deixou cahir, disparando-se, e ferindo-o na perna direita, e na enfermaria 10 Filippe Bernardo, guarda da Penitenciaria, que na sua residencia, largo de Sant'Anna, 5, caiu, fracturando a perna direita.

—O sr. commandante da policia recommendou a todos os chefes e cabos de policia de que lhes fica prohibido receber presos ou recolhel-os nos calabouços, quando sejam as suas prisões effectuadas por pessoas estranhas á policia, sem que os captores apresentem n'esse acto, por escripto, a respectiva participação em que concretamente justifiquem o motivo da captura.

—Francisco Gomes, residente no becco do Monte, queixou-se á policia de que na praça de D. Pedro, foi burlado por um desconhecido que lhe roubou a quantia de 70 escudos e o aggrediu com soccos e bofetadas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Quanto ao pagamento da contribuição industrial, resolveu a assembléa geral que uma commissão procurasse o sr. ministro da marinha, para com elle tratar do assumpto. A nova reunião é na terça feira, ás 20 e meia horas.

Gremio Beira-Vouga

Para discussão e approvação dos estatutos, reune amanhã, ás 14 horas, a assembléa geral, na séde, calçada do Monte, 68, 2.º.

Syndicato ferro-viario

Reune a assembléa geral depois de amanhã, na Caixa Economica Operaria, para a commissão nomeada em 29 de maio dar conhecimento a todo o pessoal das resoluções tomadas pela Companhia.

A provincia n'A CAPITAL

THOMAR, 9.—N'essa cidade realisou-se o casamento do sr. Jorge de Carvalho com a sr.ª D. Isaura d'Oliveira, sendo testemunhas por parte da noiva sua mãe sr.ª D. Augusta Cruz e seu pae sr. Angelino José da Cruz e por parte do noivo sua irmã sr.ª D. Georgelina de Carvalho e seu pae sr. Antonio Teixeira de Carvalho.

A cerimonia, que revestiu caracter muito intimo, realisou-se em casa dos paes da noiva, sendo offerecido aos convidados um copo d'agua, findo o qual os noivos retiraram para o norte.

FIGUEIRA DA FOZ, 9.—A Figueira anima-se e enche-se de vida. No Bairro Novo nota-se grande azafama por toda a parte para solemnisarem a abertura official da presente epocha balnear que ha de ter logar no proximo dia 15 como de costume. O elegante e sumptuoso Casino Peninsular abre já ámanhã, mas só inicia os concertos musicaes pelo sextetto Benetó lá para a entrada do proximo mez.

Consta-nos que n'esta elegante casa de recreio haverá este anno grandes surprezas, pois o seu director-gerente sr. Virgilio Paiva Santos, que já aqui se encontra com sua familia, tem contractos fechados com verdadeiras novidades artisticas.

A affluencia de banhistas, quer portuguezes, quer hespanhoes, tem sido grande n'estes ultimos dias, pois os differentes comboios que aqui chegam trazem já muitas familias que veem veranear para esta encantadora praia.

—Não é verdade que a camara municipal tenha contribuido com importancia alguma para a delegação da Cruz Vermelha d'esta cidade, conforme disse o sr. vice-presidente na sessão do dia 30 do mez passado.

—O movimento da população no concelho da Figueira desde 1 de janeiro a 30 de junho do corrente anno foi o seguinte: nascimentos 605, casamentos 145, obitos 387.

—Continúa sendo magnifico o estado sanitario d'esta cidade.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque . . .	36 1/4	36 1/8
Londres, 90 d/v. . .	36 11/16	—
Paris, cheque . . .	$73,7	$74,2
Allemanha, cheque .	$27,2	$28
Hollanda, cheque . .	$54,5	$55,5
Madrid, cheque . . .	1$29	1$30
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres . . .	13 1/16	—
Libras	6$55	6$67
Agio do ouro	40 °/o	45 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	39,50
» » 500$	—	39,60
» » 100$	—	39,65

Obrigações d'Estado: 4 1/2 1905, coup. 82$50.

Externas: 1.ª serie, 71$80.

Acções: Banco de Portugal, 176$50; Lisboa & Açores, 114$30; Assucar, 39$80; Phosphoros, coup., 55$50 e nominaes 55$; Tabacos, coup., 75$.

Obrigações: Ultramarino, hipothecarias, 92$20.

O QUE O PORTO PRECISA

Melhoramentos no rio Douro e um caminho de ferro de Leixões á Alfandega

O Douro pode ser um bello porto

PORTO, 9

—Está assignado—diz-nos o illustrado negociante sr. Pinto Torres—o contracto de emprestimo de 400 contos, com a Caixa Geral dos Depositos, para o primeiro troço de linha ferrea a ligar, por Contumil, o porto de Leixões com a rêde geral das linhas ferreas. E' um melhoramento importante, não ha duvida. Mas...

—Não concorda?

—Não é bem assim. Essa ligação de Leixões para Contumil só póde dar resultado, só póde «valer»—depois de concluido o porto de Leixões. Ora, pelo que se está vendo, a conclusão do porto artificial ainda está... não se sabe para d'aqui a quantos annos. O trafico commercial da cidade exige, antes de mais nada melhoramentos no Douro.

«O trafico commercial da cidade necessita ser facilitado, já pelo alargamento da barra, já pelo desaçoriamento do rio, acompanhado dos imprescindiveis caes acostaveis com os respectivos apparelhos de carga e descarga, docas de abrigo, etc., e bem assim com o indispensavel caminho de ferro da alfandega a Leixões, como valiosissima medida para servir os interesses do Porto e Gaya, ligação que nunca deixou de ser considerada, quando nacionaes ou estrangeiros estudaram as obras de Leixões, desde que este porto é comprehendido como complemento do porto do Douro.

—Mas essas obras, só a linha da alfandega, devem ficar carissimas. Demais, o plano do porto de Leixões foi approvado pelo parlamento. Houve até festas grandiosas na cidade quando aqui vieram, para o inaugurar, o illustre estadista sr. dr. Affonso Costa e o sr. Antonio Maria da Silva, então ministro do fomento.

—Bem sei, bem sei o v. deve saber que eu sou radical e dos maiores admiradores do grande vulto que é o sr. dr. Affonso Costa. Mas... Eu lhe conto. Approvado que foi o plano de Leixões e vendo-se que perigava o commercio ribeirinho, se não se votassem tambem medidas tendentes a salvaguardar a intensidade do trafego da cidade e de Gaya, dirigiu-se á camara dos deputados e ao Senado uma commissão, e conseguiu que fosse votada uma emenda que auctorisava a junta autonoma a adeantar—para o caminho de ferro de Leixões á Alfandega—600.000$00. Isto, porém, não é sufficiente. E, assim, é que eu, devotando-me de alma e coração ao progredimento d'esta terra, me dirigi aos deputados eleitos pelo Porto, n'um «memorandum» de que lhe dou o seguinte extracto:

Não sendo os 600.000$00 quantia sufficiente para que simultaneamente se construam caes acostaveis, visto que pelo menos tres kilometros de caes teem de ser construidos desde o Douro á Alfandega, porque entre estes dois pontos a linha necessariamente terá de ser marginal, facil é verificar que mais que a quantia votada custará o caes na extensão indicada.

Como para as obras que a nossa barra e o rio Douro requer se façam, para apresentar um porto de harmonia com as necessidades modernas do commercio acompanhando na proporção do seu movimento os grandes portos de Hamburgo, Anvers, Marselha, Bilbao, etc., seja necessario um enorme capital, o que por certo não estará de harmonia com as condições financeiras da Republica, espera e pede a v. ex.a o signatario, para com a sua acção no parlamento, como legitimo representante d'esta cidade, conseguir pelo menos o que a todos se afigura de primeira e absoluta necessidade: a ligação ferro-viaria alludida para evitar d'uma vez para sempre os enormes prejuizos que soffre o commercio no inverno, que por falta de communicações entre o Douro e Leixões por temporal, cheias, correntes, etc., durante muito tempo e quasi todos os annos não póde receber quaesquer mercadorias, deficiencia que aquelle melhoramento importante vinha annular.

Se, como querem, urge adaptar a um porto verdadeiramente commercial o porto de Leixões, com os seus caes acostaveis e respectivos apparelhos de carga e descarga, urge egualmente como consequencia immediata a sua ligação com a alfandega do Porto, por meio d'um caminho de ferro.

—Mas ha mais—diz-nos ainda o sr. Pinto Torres, n'um gesto alegre, de convicção.—E' que, no Douro, no nosso rio, se podem fazer grandes melhoramentos, adaptando-o a um bello porto maritimo. E' o que eu fiz ver na ultima parte do meu «memorandum». Veja.

E leu-nos:

A bem dos interesses d'esta cidade e no desejo de poder dentro dos recursos ao meu alcance demonstrar a v. ex.as quanto se poderia fazer no rio Douro, no tocante a melhoramentos necessarios para o adaptar a um excellente porto em esplendidas condições para um trafego continuo e activo, venho chamar a attenção de v. ex.as para a comparação que estabeleço entre este e o rio Nervion em Hespanha, um dos que em tudo mais se parece com o nosso Douro, já no seu relevo, já nas cheias periodicas a que é sujeito.

Não é demais fazer lembrar sempre que o pouco que no nosso rio se tem feito se deve ao imposto para o qual, sob a rubrica de «Praça do Commercio» todos nós temos contribuido, o que demonstra ser esta cidade systematicamente abandonada do poder central, contando só com a sua energia e actividade, que não podem supprir o que de definitivo é necessario fazer-se.

Bem sei que ha quem diga que é difficil, se não impossivel, adaptar-se o rio Douro a um porto em condições de satisfazer ás necessidades sempre progressivas que necessariamente adviriam com a sua construcção, mas a meu vêr essas affirmações não teem base para poderem ser tomadas em linha de conta, e que só servem para entorpecer a acção dos que sonham para esta terra com a riqueza que um porto commercial digno de tal nome necessariamente traz, permittindo que o trafego em toda a sua grandeza possa n'elle ser feito, sem o excluir como de bom accesso aos grandes trasantlanticos, que Leixões nem sempre pode receber, como por vezes se tem visto, em beneficio do porto de Vigo. Assim acontece com os da Mala Real Hollandeza, Ingleza e alguns da Companhia do Pacifico.

Como digo, é o rio Nervion o que na peninsula, pela sua configuração mais se approxima do Douro. Tem um curso de 71 kilometros, atravessa a cidade de Bilbao a 13 kilometros da sua foz (cidade esta apenas com 90.000 habitantes) e onde antigamente só entravam pequenos navios com 6 a 9 pés, obrigados ainda a fundear a 4 e 6 kilometros da foz, onde por vezes ficavam semanas e mezes até, sujeitos ás maresias do mar da Biscaya.

Trataram de o adaptar a um porto moderno e no seu alargamento e rebaixamento gastáram 60 milhões de pesetas (12 milhões de escudos) ficando um porto modelar, com caes acostaveis onde vapores de 5.000 toneladas fazem as suas cargas e descargas. Começa com uma largura de 60 metros no caes de Bilbao até chegar a 160 metros na sua foz, tendo esta grandiosa obra ainda evitado as cheias que então attingiam 4 a 6 metros acima do caes e que nunca mais se repetiram desde 1888. De hoje em deante não ha difficuldades em obras hydraulicas, desde que tantas maravilhas se teem feito, e por isso o nosso rio Douro podia egualmente ser adaptado ao mais moderno e exigente porto, desde que todas as vontades e energias se congregassem para este fim, devendo fazer notar que o rio Nervion foi ainda dotado com um porto exterior intitulado Abra, que abrange uma superficie molhada de 287 hectares, ou seja maior tres vezes que o porto de Leixões, com profundidades de 6 a 15 metros, o que protege efficazmente a entrada no Nervion que é especialmente destinada para abrigo, escala e operações commerciaes dos grandes trasantlanticos.

Jantares concertos

No Casino de S. José de Ribamar
ALGÉS

E' o seguinte o *menu* do jantar concerto de amanhã:

Potages
Purée Saint Germain
Consommé Vermicelle
Hors d'Oeuvre
Petits patés de crevettes
Poisson
Filets de turbot sauce tartare
Entrée
Tournedos Henri IV
Légume
Haricots verts à l'Anglaise
Rôti
Dindonneau à la Broche
Salade
Laitue
Entremets
Bavarois a la Vanille
Glace aux fraises
Patisserie assortie
Dessert

Prix 80 centavos

Programma do concerto

I parte

Gruta de Fingal—ouverture, Mendelsohn
Chant sans paroles—Tschaikovsky
Ephemera—J. de Padua
Madame Butterfly—selection, Puccini

II parte

La mazorca Roja—selection, Serrano
Ronde nocturne—Charmettes
Gioconda-bal—Ponchielli
Zimbo-Zimbo—Siroux

Casino de S. José de Ribamar

Os jantares-concertos n'este bello Casino teem tido extraordinaria concorrencia, o que não admira, pois não só quem ali vae se deleita com bella musica, como é muito bem servido. A prova do que assim é está no «menu» do jantar de ámanhã, que publicamos n'outro logar do nosso jornal e para o qual chamamos a attenção dos leitores.

Brevemente, no coreto-palco apresentar-se-hão varias novidades de actualidade.

TOURADAS

Campo Pequeno.—E' a seguinte a distribuição dos touros para a corrida d'ámanhã, festa artistica do estimado bandarilheiro Jorge Cadete: 1.º, para Manuel Casimiro; 2.º, Carlos Mascarenhas e Jayme Cadete; 3.º, T. da Rocha, A. dos Santos e D. do Nascimento; 4.º, José Casimiro; 5.º, Jorge Cadete (a sós); 6.º, José Casimiro e Jorge Cadete (a duo); 7.º, Jayme Cadete e Antonio Mascarenhas; 8.º, Manuel Casimiro; 9.º, A. dos Santos, D. do Nascimento e T. da Rocha; 10.º, Antonio Mascarenhas e Carlos Mascarenhas.

A corrida principia ás 17 horas e é dirigida pelo cavalleiro amador sr. João Marcellino d'Azevedo.

NATURISMO

Os limões

Agua 90
Proteina 1
Oleo 0,5
Assucar 8
Saes 0,5

Uns companheiros admiraveis do naturista são os limões. Eis os fructos mais desinfectantes e germicidas que ha sobre a terra. No suco puro dos limões morrem em pouco tempo todos os microbios. Uma cultura de bacilos virgula do colera, deitada n'um copo d'agua, fica esterelisada pelo summo do limão. Uma limonada sem assucar (é um mau elemento o perfido assucar) é a melhor bebida que pode tomar um doente agudo em febril acesso, bebida aos golos; activa o afluxo da bilis, fluidifica as secreções entericas e desinfecta o colon onde geralmente ha fermentações anormaes. E' util o limão para a gotta, malaria, rheumatismo e escorbuto e para todas as doenças da nutrição. Applicado sobre todas as ulceras desinfecta e purifica os tecidos. Para a diphteria originaria das gallinhas onde toma o nome de gogo, é um tonico precioso, comido, em gargarejos, chupado, nas saladas etc. Para as palpitações do coração em dozes progressivas quando se cumpre uma dieta sem toxicos é excellente. As frieiras passam com fricções de suco d'este fructo. As damas, se querem ter uma pelle setinea e sem manchas e sardas, usem externamente e internamente o limão.

Para impedir toda e qualquer doença infecciosa nada ha melhor que apoz os contactos suspeitos lavar e friccionar demoradamente com o suco puro d'este fructo que bem devia ter uma cultura extensa n'este paiz. O limão fornece uma grande quantidade de acido citrico que lhe dá enorme valor curativo e antitoxico. Vale o seu peso d'oiro cada pomo citrino...

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Festas associativas

No Centro Andrade Neves ha ámanhã festa infantil dedicada á professora sr.a D. Eugenia d'Andrade da Silva, constando de sessão solemne, copo de agua, baile infantil, valsa a premio e canto coral.

Hoje, na Academia Recreio Artistico, na rua dos Fanqueiros, 286, 1.º, ha sarau dramatico seguido de baile.

O grupo dramatico André Pereira, da Academia 1.º de Setembro de 1867, commemora o seu 12.º anniversario, ámanhã, com alvorada ás 5 horas, concerto ás 16 e baile ás 22, abrilhantado por uma banda de musica.

No Albergue das Creanças abandonadas continuam ámanhã as festas do anniversario, sendo validos os bilhetes distribuidos com a data de junho. A «matinée» começa ás 17 horas e n'ella terão entrada as creanças protegidas por outras instituições de caridade.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Marido com sorte.
POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.
EDEN — A's 20 1/2 e 22 1/2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Rosa tirana — Revista.

Boatos e informações

E' ámanhã que se realisa no theatro Moderno a festa artistica da actriz Zina Novaes, com a representação da comedia em um acto «Marquez do Rovagny», de Bernardo Batalha, um acto de variedades e a comedia em 3 actos «Alegrias do lar», de Moura Cabral.

Circos & Music-halls

Inaugura-se hoje a nova temporada no Coliseu dos Recreios, o theatro mais concorrido e mais fresco da estação calmosa. O seu programma de hoje é constituido por attracções de variedades, intercaladas no programma animatographico. Entre outras, teremos occasião de ver em Lisboa o celebre comediante parodista Julio Villar, que é artista muito consagrado no estrangeiro. Fazem parte do delicado espectaculo a celebre Mariucha, bailarina insigne, o applaudido transformista Silva Carvalho e as notaveis concertistas «Les Algerinas».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.
SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella,—A's 21,30—Soldado chocolate.
Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

1686	12:000$
4924	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
4201	400$	1685	100$
3585	200$	4678	100$
6251	200$	4884	100$
7339	200$	4989	100$
131	100$	6512	100$
612	100$	7242	100$
931	100$	7359	100$
1157	100$	7526	100$
1596	100$	7531	100$

Cursos de férias

No lyceu Pedro Nunes, na secretaria da Associação escolar, está aberta a inscripção para os cursos de ferias de francez, inglez e photographia, regidos respectivamente pelos srs. L. Hersivet, S. Torrie e Borges.

A "Marselhéza,, nas escolas inglezas

Londres, 6 de julho

Durante a sessão de hoje do condado de Londres, o sr. Gilbert, presidente da commissão de educação, annunciou que, em communidade de ideias com a França, tinham sido enviadas instrucções a todas as escolas do condado para suggerir ás creanças quando sahem da escola que cantem a «Marselheza».

O dr. Scott Lidgett, em nome do conselho, apoiou essa deliberação.

«Approvamos, disse, quaesquer esforços tendentes a levar ao conhecimento de toda a população de Londres, e particularmente ás creanças, os admiraveis serviços da nossa grande alliada. Espero que os laços que a ella nos unem não só nos ajudarão a atravessar esta crise, mas constituirão tambem um precioso e fecundo penhor para o progresso das futuras gerações da França e da Inglaterra».

O czar e a Polonia

Uma noticia digna de menção chega agora da Russia: a da abertura das conferencias mixtas de personalidades polacos e altos funccionarios russos que devem, conjunctamente, elaborar a carta d'autonomia da Polonia, tendo presidido á sessão o primeiro ministro sr Goremykine.

Trata-se de realisar a promessa feita á nação polaca no manifesto do grão duque Nicolau em começos do outomno do anno passado. Não deve causar admiração a demora, porque a realisação da promessa exigia mudança de tendencias de uma parte do governo russo e do seu pessoal mais elevado; a modificação ministerial feita agora pelo czar facilitou a execução da promessa.

Esta renovação do ministerio é da mais alta influencia. O czar reconheceu, sem duvida, por algumas insufficiencias que precisava de novos collaboradores não só para a obra da guerra, mas tambem para a da futura paz, e poz de parte os elementos d'espirito restricto e retrogrado, de centralismo intolerante que desempenham ainda papeis importantes no governo russo.

Além d'isto, manifestou a sua intenção de recorrer á Duma mais frequentemente do que até agora.

Estas modificações que devem tornar a administração russa mais activa e mais efficaz, que podem abrir uma nova era para o grande imperio moscovita não podiam deixar de repercutir-se nos negocios da Polonia.

Foram os elementos politicos agora eliminados pelo czar que obstinadamente se oppuzeram á concessão da autonomia da Polonia; a propria vontade imperial se quebrou perante a sua resistencia quando, ainda antes da guerra, Nicolau II deu a sua approvação a um projecto que permittia o uso da lingua polaca nas municipalidades da Polonia russa, que duas vezes foi regeitado pelo Conselho do Imperio.

Hoje essas resistencias desappareceram dramatico seguido de baile.
da alguma, da propria Russia, que beneficiará d'um regimen mais largo e liberal.

Movimento maritimo

Liverpool «Lanfranc» (do Pará)	12
Brazil e Rio da Prata «Gelria»	12
Africa oriental «Clan Gordon»	12
Africa occidental «Cazengo»	13
Africa oriental «Comrie Castle»	14
Brazil, R. da Prata e Pacifico «Orissa»	14
Brazil e Rio da Prata «Samara»	14
Amsterdam, etc. «Frisia» (do Brazil)	15
Brazil e Rio da Prata «Salltist» (Liv)	15

CAPITULO X

Os belgas na batalha do Yser

Em 1914, as maiores e mais decisivas batalhas no theatro occidental da guerra foram as do Marne e Ypres, que já descrevemos.

Sob o titulo de batalha do Ypres, incluimos a lucta desde o dia 16 de outubro entre o mar e Nieuport-Bains e Dixmude, vulgarmente conhecida por batalha do Yser, e a lucta que começou no dia 19 d'esse mez desde Dixmude atravez de Ypres até Armentières no Lys, e de ahi até La Bassée.

A batalha do Yser póde ser dividida em duas partes. Na primeira, os belgas, com o auxilio d'uma brigada de marinha franceza sob o commando do almirante Ronarc'h, defenderam o curso inferior do Yser e o seu canal desde 16 a 23 d'outubro. Na segunda, o grosso dos fatigados mas valentes soldados do rei Alberto recuou, sendo o seu logar tomado por parte do exercito do general d'Urbal.

Só em 17 de novembro a batalha de Ypres findou. A batalha do Marne durou uma semana; a de Ypres um mez.

Quem venceu a primeira foram os francezes, embora auxiliados valiosamente pelo exercito inglez. A batalha de Ypres foi vencida pelos esforços conjunctos de inglezes, francezes e belgas e cada uma das nações alliadas póde orgulhar-se de ter contribuido para a victoria. Foi—como se conta que Joffre disse—«a maior batalha do mundo.»

Durante o mez d'outubro o imperador Guilherme esteve na fronteira occidental a vigiar as operações e no dia 25 annunciou-se que o chefe do estado maior general, o general von Moltke, havia dado uma queda e que o ministro da guerra prussiano, o general von Falkenhayn, o tinha substituido. Em breve se soube, porém, que Moltke não cahira, mas sim fôra exonerado e que tal mudança provinha de divergencias acerca do plano de campanha. Moltke, ao que parece, insistira em que o primeiro e principal objectivo estrategico devia ser quebrar as linhas dos alliados em Verdun, ao passo que o kaiser, não podendo chegar a Paris, era obsediado pelo desejo de se apoderar da costa e do Canal para melhor prosecução da guerra contra a Inglaterra.

Moltke desappareceu e até dezembro, quando foi nomeado definitivamente chefe do estado maior general, Falkenhayn accumulou esse posto com o de ministro da guerra. Tinha cincoenta e trez annos e apenas estivera no ministerio um anno. Tinha sido chefe do estado maior no 16.º corpo d'exercito em Metz, mas era mais conhecido pelo seu trabalho na China, no estado maior do conde Waldersee na expedição de 1900, quando as tropas allemãs ti-

O «Lewis Pelly» é o «yacht» do residente britannico em Korweit e n'essa occasião levava tres canhões e uma Maxim. Não se esperava grande resistencia, mas a força ia preparada para o que desse e viesse.

A expedição chegou a um ponto a cerca de seis kilometros e meio abaixo de Kurna na manhã seguinte e as tropas desembarcaram na margem esquerda—a oriental—. Emquanto as forças avançavam por terra, a «Espiègle» e a «Lawrence» seguiram rio acima, com as lanchas armadas. A «Odin» ficára guardando o local do desembarque. O canal navegavel n'esse ponto era muito estreito e os navios estavam constantemente tocando no lodo. Ancoraram n'um logar um pouco mais largo e travaram combate com as baterias turcas da margem esquerda que estavam occultas nos palmares. Tambem bombardearam Kurna. Os pequenos paquetes podiam mover-se melhor devido ao pequeno calado de agua, de modo que se approximaram da margem e fizeram uso dos seus canhões. As lanchas foram sempre deveras temerarias, mas a «Miner» foi attingida por uma bala na linha abaixo d'agua e teve de recuar. A «Lawrence» foi tambem attingida por uma granada.

Havia uma aldeia chamada Mezera a alguma distancia da margem, na esquerda da posição turca. O tenente coronel Frazer indicou-a aos navios para a bombardearem, o que fizeram, saudando-a com lyddite e destruindo-a no praso de meia hora.

As tropas entretanto avançavam pela planicie e varreram a aldeia e as trincheiras turcas. Os sobreviventes atravessaram o rio para Kurna em botes. A columna estava então em frente da cidade, a qual fica no meio de denso arvoredo no ponto onde o velho canal do Euphrates encontra o Tigre. Era evidente que Kurna estava muito melhor fortificada do que se havia supposto. Havia ahi trincheiras e as casas, poucas das quaes se podiam avistar, tinham setteiras. Uma tremenda fuzilaria sibilava atravez da torrente. Não havia meio de se atravessar e por isso as tropas inglezas tiveram de recuar para o local onde haviam desembarcado.

Entrincheiraram-se ahi, porque os turcos estavam em numero superior e um ataque era para receiar. Não atacaram, mas viu-se depois que durante aquella noite haviam recebido grandes reforços. A columna do tenente coronel Frazer não era sufficientemente forte para a missão de que fôra incumbida. Apesar d'isso, foram tomados dois canhões turcos, que haviam sido reduzidos ao silencio pelos navios. Um foi trazido para o acampamento, mas o outro teve de ser deixado e uma tentativa para o ir buscar no dia seguinte não deu resultado, devido ao violento canhoneio.

Uma mensagem urgente foi enviada para Basra pedindo reforços, procedendo-se n'esse meio tempo ao exame dos estragos soffridos. A «Miner» tinha apanhado uma granada na machina e encalhara no lodo, mas na mesma noite foi desencalhada e posta a fluctuar. A «Lawrence» recebera uma granada na linha de fluctuação e tinha o dynamo destruido. As lanchas foram attingidas diversas vezes. As perdas nas tropas eram um official e trez soldados inglezes feridos e um official e dezenove soldados indianos mortos e cerca de sessenta feridos.

A 5 de dezembro, um sabbado, quasi nada se deu e no dia 6 chegou de Basra, com importantes reforços, o brigadeiro general Fry. Esses reforços constavam do 7.º de Rajputs, do resto do regimento de Norfolk, d'uma bateria de campanha e d'outra de montanha.

A esse tempo os turcos tinham atravessado de novo o rio e haviam reoccupado Mezera. Fizeram uma tentativa para avançarem contra o acampamento, mas foram dispersos por uma saraivada de shrapnels.

Kurna não estava ainda tomada e foi violenta a lucta para se chegar a esse resultado. Na manhã de 7, recomeçou a lucta iniciada no dia 5, nas mesmas condições, embora n'essa occasião os inglezes estivessem já em grande força. Mezera foi de-

novo tomada, as trincheiras turcas foram varridas e os turcos que escaparam fugiram, atravessando o rio, mas um fogo violentissimo vindo das casas com setteiras de Kurna fez deter as operações n'esse dia.

N'essa occasião, parte das forças britannicas bivacaram perto de Mezera e guarneceram a margem esquerda em frente de Kurna. Trez canhões foram tomados n'esse dia, e feitos cem prisioneiros, entre os quaes trez officiaes. Durante a noite os turcos dispararam umas poucas de granadas, mas no resto ficaram inactivos.

General sir Horace Smith-Dorrien

A flotilha, que de novo entrára em combate n'esse dia, tinha soffrido sérias avarias. A «Espiègle» fôra attingida por diversas vezes. A «Miner» foi a pique, mas de novo foi posta a fluctuar. A «Lewis Pelly» foi avariada na ponte de commando por uma granada que matou o commandante, J. G. M. Elkes. O homem da roda do leme foi ferido e parte da roda arrancada. Uma ultima bala avariou o leme da «Shaitom», que teve de retirar.

Tornava-se evidente que o unico meio de tomar Kurna era atravessar o rio Tigre da parte de cima da cidade. De manhã cedo, no dia 8, dois batalhões, o 104.º e o 110.º, subiram ao longo do rio, levando duas peças de montanha. Alguns sapadores atravessaram a nado para a outra margem, levando uma espia a que ia preso um cabo d'aço. Com o auxilio d'esse cabo uma ponte foi construida e os dois batalhões, com os seus canhões, atravessaram sem encontrarem opposição. Voltaram para traz pela margem direita—a occidental—, ameaçaram a posição turca pelo flanco e pela retaguarda e apoderaram-se dos suburbios de Kurna. Não foi feita tentativa alguma para a tomar e a pequena força entrincheirou-se nos palmares proximo da cidade.

Cêrca da meia noite, as sentinellas nos navios que estavam abaixo de Kurna avistaram uma pequena embarcação descendo o rio, toda illuminada. Trazia trez officiaes turcos, portadores d'uma mensagem de Subhy Bey, o governador de Basra, que estava então commandando as forças n'essa cidade. Propunha render-se, mas com a condição das suas tropas poderem sahir com as armas. O general Fry insistiu em que a rendição se fizesse sem condições.

A' 1 hora da tarde do dia 9 o que restava da guarnição turca appareceu na frente das trincheiras e depôz as armas. Grande parte havia fugido durante a noite para a região circumjacente e sabia-se que muitas embarcações iam subindo a corrente em direcção a Bagdad. Os dois batalhões indianos que tinham atravessado para o lado de Kurna formaram em redor da guarnição. O general Fry, sir Percy Cox e o official naval mais antigo dirigiram-se para a margem com os seus ajudantes. Os officiaes turcos approximaram-se e entregaram as espadas. O general Fry não acceitou a de Subhi Bey como homenagem á sua valentia. Os prisioneiros eram em numero de 42 officiaes e 1.021 soldados. Foram tomados muitos canhões. As perdas turcas em Kurna e Mezera crê-se terem sido pelo menos de 1.000 homens, ou talvez mais.

Um official escreveu que só a força que elle commandava havia en-

terrado 200 mortos encontrados em uma trincheira. Kurna soffreu muito com o bombardeamento inglez. Os prisioneiros foram mandados para a India. As perdas inglezas nos dias 7 e 8 foram: um official britannico morto e tres feridos e 40 soldados indianos mortos e 120 feridos.

As operações em Kurna deram aos inglezes o dominio da região do delta, mas entendeu-se necessario deixar uma forte columna n'aquella cidade e que uma outra atravessasse o rio em Mezera. Arranjaram campos bem entrincheirados e prepararam-se para ahi se estabelecerem. As cercanias não eram nada convidativas. Para além dos palmares só se via o deserto e os mosquitos eram uma praga que atacava os homens de dia e de noite.

Em janeiro, uma força de perto de 5.000 turcos, com seis canhões, acampou no Canal Ratta, a cêrca de onze kilometros ao norte do acampamento de Mezera. As tropas inglezas, apoiadas por trez canhoneiras, sahiram d'esta aldeia, em reconhecimento, no dia 20. Os postos avançados do inimigo foram obrigados a atravessar o canal e o seu acampamento bombardeado. Os inglezes tiveram a perda de 50 homens entre mortos e feridos.

Lord Hardinge de Penshurst, vice-rei e governador geral da India, sob cuja direcção superior começára a invasão da Chaldéa, deu uma volta pelo golpho Persico e pelo territorio conquistado no fim de janeiro. Visitou Muscate, Bahrein, Koweit, Mohammerah e outros logares, chegando a Basra a 4 de fevereiro. Ahi foi recebido pelos indigenas que lhe entregaram uma mensagem de boas vindas, na qual se expressava a esperança de que a occupação ingleza seria permanente.

Em seguida subiu o rio até Kurna e Mezera, visitando os postos mais avançados da expedição. Tambem de Basra, pelo deserto, se dirigiu a Shaiba e outras localidades.

Os ataques a Muscate nos dias 10 e 11 de janeiro, que foram repellidos por destacamentos do 95.º de Infantaria Russell e do 102.º de Granadeiros de Bombaim, teem apenas uma pequena connexão com a Grande Guerra. Eram o principio d'uma revolta local contra o sultão de Oman, que se manifestára já dois annos antes e era talvez estimulada e renascia de actividade pela noticia de que o mundo estava em armas. A cidade e o districto estavam em absoluto socego quando lord Hardinge chegou algum tempo depois.

O capitão William Henry Shakespear, residente britannico em Koweit, foi morto na Arabia Central, no mez de fevereiro, quando desempenhava uma missão especial junto de Ibn Saud, que estava em lucta com alguns dos seus visinhos. Era um magnifico soldado e politico, pelo que a sua morte foi uma grande perda.

Foi grande a surpreza em fins de fevereiro quando os europeus que tinham estado em Bagdad, uns cincoenta approximadamente, chegaram ás margens do Mediterraneo. Foram inesperadamente soltos por ordem de Djemal Pacha, que fôra vali de Bagdad e talvez não tenha esquecido velhas amizades. Nove mulheres inglezas e algumas creanças ficaram em Bagdad, a cargo do dr. Johnson, um velho missionario. Não lhes foi permittido o partirem, mas crê-se que não lhes succedeu mal algum.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1771 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 11 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O convenio da pesca

Segundo informa o «Diario de Noticias», de hoje, em telegramma do seu correspondente de Madrid, os delegados portuguezes ao convenio da pesca entregaram ante-hontem aos commissionados hespanhoes um documento definitivo em que explicam porque se negam a discutir a base unica proposta por estes ultimos, allegando falta de poderes para tratar o assumpto sob esses aspectos. Ainda segundo as mesmas informações, a commissão hespanhola propunha-se a responder quando se realisasse a nova sessão, que devia ser a ultima, e que estava marcada para hoje, devendo o sr. Augusto de Vasconcellos, nosso representante em Madrid, ter conferenciado hontem com o ministro de negocios estrangeiros de Hespanha.

A base de que se trata versa sobre a reciprocidade da pesca nas aguas territoriaes dos dois paizes.

Ora cumpre saber que emquanto as aguas portuguezas são abundantes em peixe, elle escasseia extremamente nas aguas hespanholas. N'estes termos, a reciprocidade só daria vantagens á Hespanha, porque os nossos pescadores, reconhecendo que não lhes dava compensação a pesca nas aguas hespanholas, acabariam por não se utilisarem da concessão que seria decerto largamente aproveitada pelos hespanhoes, que passariam a pescar quasi exclusivamente nas aguas nossas.

Como se isto ainda fôsse pouco, eis que, por informações ainda do mesmo jornal, publicadas no seu numero de sabbado, se sabe que a Galliza formula imposições, relativas ao assumpto, que teem tanto de extraordinarias como de inacceitaveis. Essas imposições consistem em que sobre a sardinha, prensada ou fresca, em caixas, de origem portugueza, se lance, á sua entrada em Hespanha, um imposto verdadeiramente prohibitivo.

Quer dizer: não só os portuguezes nada ganhariam, para o desenvolvimento da sua pesca, com a concessão de effectuarem em aguas hespanholas, onde não ha peixe, como se veriam diminuida pela concorrencia dos hespanhoes, nas nossas aguas, e, ainda por cima, a sua exportação para Hespanha seria ferida de morte pelo estabelecimento do imposto que a Galliza reclama.

A sardinha portugueza deixaria de entrar na Galliza como sardinha portugueza. Seria sardinha hespanhola, e a Galliza veria desenvolver-se prosperamente a sua industria, á custa da ruina da nossa. Taes seriam as vantagens do celebre convenio.

N'estas condições é evidente que elle não pode realisar-se. Não seria um accordo, com mutuas vantagens, effectivas e reaes, mas uma extorsão que em caso algum o nosso governo poderia permittir. Mas a esta altura occorre perguntar para que se reuniu esta reunião de delegados dos dois paizes, para que se projectou um convenio d'esta natureza, quando era já sabido, e o nosso representante em Madrid, não o podia ignorar, depois da ruptura das negociações do tratado de commercio em 1913, que a Hespanha formularia tão inacceitaveis propostas.

Migalhas

Indignação inutil

A proposito d'algumas timidas observações que aqui foram feitas ás Companhias das Aguas e do Gaz, tenho recebido dezenas de cartas de patriotas exaltados, encorajando-me a persistir n'uma campanha contra esses monopolios irritantes. Chovem tambem as queixas contra os electricos e os telephones e a Camara Municipal tambem é mimoseada com acres recriminações. A situação é, na verdade, justificativa das maiores indignações. A Companhia das Aguas, além de nos matar á sêde, deixa arder tranquillamente os predios, que teem a ingenuidade de se incendiarem. A do Gaz vexa meio mundo e põe a cidade ás escuras. Apontaram-me ha dias uma rua cerca do Matadouro, que não tem um unico candieiro. O serviço dos electricos é caro e deficiente. Só se cuida das linhas, que dão rendimento. Quanto aos telephones, além da pessima organisação dos seus serviços materiaes, arranjou com a duplicação dos numeros um sistema admiravel, em virtude do qual passo os meus dias a receber pedidos de encommendas destinados a uma mercearia do bairro Estephania que tem o mesmo numero do que eu, ao passo que varias pessoas, tendo querido communicar commigo, se queixam de que pelos fios só obtiveram como resposta: —«Sabe que mais? Batatas!»

Mas para que reclamar, meus queridos senhores? De duas, uma: ou os poderes publicos teem os meios de fazer entrar essas companhias na ordem ou não teem. Se não teem, paciencia e, se teem mais paciencia ainda vos aconselho que tenhaes, pois, se estaes á espera de que se occupem d'este assumpto aquelles que nos governam, posso garantir-vos que muito tendes que esperar. Emquanto não arderem os quatro bairros de Lisboa, emquanto a Boa Vista não fôr por ares e ventos e emquanto o respeitavel publico não fizer, por sua conta e iniciativa, um 14 de maio contra a dictadura dos electricos e telephones, os citados poderes, que teem muito mais em que pensar, não darão sequer pela existencia dos queixumes publicos.

André Brun.

Poeira da Arcada

A religião preoccupa absorventemente o nosso instincto prophetico. O homem, occupando uma pequenissima fracção do espaço e do tempo, com a visão religiosa do universo e da vida, tenta illimitar-se abraçando n'um só olhar ou n'uma só prece o visivel e o invisivel. Esta é a maior aspiração humana. Entre o orgulho e a humildade, as almas piedosas realisam a sua rota de triumphos e decepções de esperanças e desesperos. Os hypocritas escapam facilmente a estes conflictos de consciencia.

***

A Boa-Hora é um antro escuro, sujo e repellente. A justiça vive lá como uma flor n'um charco. No dia em que os seus muros forem arrazados, terá desapparecido um grande fóco de infecção. Fazia-se uma galeria excepcional de typos, estudando as especies que o crime macula nos nossos bairros de costumes estercorarios. O tribunal da Boa-Hora, porém, ajuda a explicar a existencia de tanta gente mal fadada. Se a Mouraria e a Alfama são sitios onde só se vae com precaução, para ir á Boa-Hora não é necessario menor cuidado. A sociedade tem d'estes achados para egualar os extremos.

***

A velhice não é desdouro para ninguem e muitas vezes resulta um alto titulo de gloria. Tudo está em não deixar, para traz dos cincoenta, alguns traços biographicos pouco limpos. Ha velhos que aos sessenta e setenta annos olham para si com tanta satisfação como se fossem moços. Homem que nunca comprometteu a dignidade do seu caracter é inaccessivel a duvidas sobre a sua pessoa, mantendo-se, portanto, em pleno estado de força e graça.

EM FRANÇA

Os operarios mobilisados forjam armamento para a victoria

(DO ENVIADO ESPECIAL DO «MATIN»)

Creusot, julho.

Na imaginação do povo, Creusot é o grande arsenal civil da França. Não é tão importante como o Essen prussiano ao qual muitos o comparam, mas é o berço d'uma immensa organisação metallurgica que os srs. Schneider desenvolveram em outras regiões e que, antes da guerra, occupavam 23.000 operarios.

Antes da abertura das hostilidades Creusot occupava mais de 13.000 operarios, mas a 15 d'agosto, por causa da mobilisação, este numero desceu a metade. Como se suppunha que os arsenaes nacionaes seriam sufficientes para o reabastecimento de munições da nossa artilharia, pouquissimos engenheiros e operarios mobilisaveis foram deixados na fabrica.

Prolongando-se a guerra, começou-se a chegar ás encommendas; foi então a direcção auctorisada a recrutar operarios entre territoriaes velhos do depósito.

Mas d'estes homens, uns não conheciam o trabalho, e outros não podiam resistir ás duras fadigas da metallurgia; por fim, á custa de muito se procurar por todos os pontos do paiz, conseguiu-se reunir em Creusot o numero habitual de operarios.

A instituição d'um sub-secretariado das munições e as medidas que se lhe seguiram, principalmente o regresso das linhas dos operarios metallurgicos, vão permittir que a grande cidade augmente a sua população até onde o consentir a ferramenta e machinismo disponiveis. No entanto, o engenheiro em chefe das minas que, como major, exerce aqui a fiscalisação militar, impedirá que um excessivo numero d'operarios retirados das linhas de fogo prejudique o rendimento individual; é preciso que cada um produza tanto quanto as suas forças lhe permittirem.

Como tivessem sido suspensas as encommendas da industria civil para os paizes estrangeiros não alliados, e até as do ministerio da marinha, a producção tinha augmentado bastante, apesar da falta de pessoal, e dentro em pouco será ainda dez vezes superior.

Dizendo que Creusot fabrica principalmente canhões e obuzes não trahimos um segredo da Defeza Nacional; d'aqui sahe o nosso endiabrado 75, como já tinha sahido o seu irmão, o valente 105, e os latagões de marinha que apesar de escarrarem grosso são tão facilmente manejaveis; d'aqui sahe um sortimento completo d'obuzeiros, uns já conhecidos, e outros ainda ineditos, que dão lições aos boches sobre a questão da artilharia pezada.

Os obuzes fabricam-os em todos os cantos. Como a ferramenta e machinismos eram insufficientes, foi preciso crear utensilios novos; foram montadas prensas, construidos tornos, installados innumeros tornos, nem todos facilmente, mas sempre com aquella inventiva feliz e decisiva tão caracteristica dos francezes. N'este momento, parte do Creusot é uma vasta fabrica d'obuzes; toneladas e toneladas de ferro entram por um lado e sahem pelo outro, sob a fórma de milhares e milhares d'obuzes.

O aspecto de Creusot de noite é verdadeiramente phantastico.

A perder de vista, para a direita e para a esquerda, no valle só se veem chaminés em erupção, d'onde sahem enormes pennachos de fumo, orlados d'um branco deslumbrante á luz crua das luas electricas; o barulho é ensurdecedor. A atmosphera está impregnada de carvão, mas respira-se com delicia ao lembrarmo-nos que é elle que nos está fornecendo as forças necessarias para a libertação da patria.

Conduzidos por um guia experiente e seguro, descemos aquelle sympathico inferno cujo accesso não é facil.

Deixando os altos fornos esbraseados, mas onde o metal não está ainda liquidifeito, entramos nas officinas de laminagem; para um profano parece uma scena de phantasmagoria. Por toda a parte corre fogo; nos ares circulam enormes barras incandescentes, descem sobre as machinas de laminar, são engulidas, estiram-se, tornam a desapparecer para voltarem mais estiradas ainda, até se tornarem tão compridas e delgadas como postes telegraphicos, e como se fossem animadas de vontade propria, alongam-se pelo solo e dirigem-se para as machinas de serrar que as retalham em pequenos troços rubros, n'um repuchar deslumbrante de scentelhas como chuva d'ouro.

Operarios armados de tenazes enormes empurram estes rolos que ao passarem por nós nos chamuscam as pernas; olhamol-os sem terror, são obuzes de 75, recemnascidos.

Nas officinas metallurgicas onde os obuzes são ogivados, temperados, e levados quasi á sua fórma definitiva, o pessoal é relativamente restricto porque as operações são rapidamente feitas; o acabamento do obuz é que exige tempo e muita mão d'obra.

Por isso as officinas d'artilharia offerecem um quadro extraordinario de actividade; os tornos e outras machinas quasi a cavallo uns nos outros roncam permanentemente, e os operarios que com elles trabalham mal levantam a cabeça para o visitante nocturno. Aos pés levantam-se-lhes pilhas d'obuzes. Entre os homens, vemos mulheres fazendo os mesmos serviços ou marcando os projecteis; as machinas com que trabalham estão ornamentadas com flôres delicadas, a feminina que põe uma ironia singular em todas aquellas obras para destruição.

As officinas succedem-se; n'umas vestem-se de cobre as 75, n'outras guarnecem-se os shrapnells, e todas aquellas massas metallicamente brilhantes vão sendo amontoadas em vagonetes, enviadas á recepção militar, pintadas, e expedidas para outros pontos onde vão ser armadas e aprompladas para empregar.

Calcaremos os kilometros de caminhos que fizemos depois nas officinas de fabricação de canhões; por toda a parte o mesmo rumor de colmeia laboriosa, por toda a parte a mesma applicação ao trabalho.

A officina comprehendeu o seu dever.

Os operarios trabalham mais do que podem

Não ha a menor descontinuidade n'esta formidavel producção, salvo a pausa hebdomadaria de doze horas para a reparação das machinas e ferramentas nas fundições de aço e nos altos fornos, onde o trabalho é tão exhaustivo, o descanço é restricto, trabalhando os operarios doze horas, em periodos eguaes, de dia e de noite, com uma hora para almoçar e outra para jantar ou cear, mesmo na officina.

No fim da semana, ao render dos partidos, chegam a trabalhar dezoito horas. Só com muita prudencia se póde ir a tal extremidade, porque o rendimento do trabalho depressa baixaria, mas são os proprios operarios que timbram muitas vezes em trabalhar mais do que a sua obrigação.

—Duas horas, dizem os chefes, correspondem a tantos obuzes, ao reabastecimento de tantas baterias. Vejam lá se querem que os nossos artilheiros não possam fazer fogo porque vocês perderam duas horas!...

E quando se torna necessario proferil-as, estas palavras produzem um effeito magico. Os pedreiros que, para reparar os fornos, esperam que elles arrefeçam, passam a entrar n'elles mal os tijollos deixam de estar esbraziados. Um operario da fundição de aço desmaiou uma vez por causa do intenso calor; mal reabriu os olhos, o que pediu foi que o não substituissem. Muitos adoecem por excesso de trabalho; é tal a applicação de todos, que augmentou o rendimento do trabalho em relação á unidade do tempo.

Não conversam, nem perdem tempo com palavras inuteis; dir-se-hia que por cima de todas aquellas cabeças curvadas sobre o trabalho uma voz incessantemente grita: «Canhões e obuzes! mais canhões, e mais obuzes!

Com saudades da linha de fogo

O exemplo veiu de cima; a antiga casa Creusot, tão ciosa dos seus processos, espalha-os agora por todos que querem conhecel-os, distribue os seus planos, divulga as suas mais secretas receitas pelos seus concorrentes de hontem, que hoje só querem fabricar canhões, muitos canhões, e obuzes, milhões d'obuzes. E' a abnegação em todos os graus, é a «União Sagrada».

Nas declarações que o sr. Albert Thomas, o novo sub-secretario d'Estado se dignou fazer-nos, disse-nos que já não havia mobilisados de fabrica, nem mobilisados de linha: todos os francezes eram soldados. Aos que duvidam d'estas palavras quero contar-lhes um caso que se deu com um operario de Creusot que fôra chamado da linha de fogo.

Depois de estar trabalhando uns dias, pediu uma pequena licença, que lhe foi negada; contrariado com a recusa, sahiram-lhe espontaneamente estas palavras:

—Antes na linha de fogo; ao menos lá sempre a gente descançava mais!

Achava a fabrica peior e tinha saudades do campo de batalha...

Aviação militar

Augmenta dia a dia o numero de inscripções

Na nossa redacção vieram deixar os seus nomes, como candidatos á frequencia das escolas de aviação os srs.: Alberto Pereira Gil, soldado licenceado de infantaria 1, residente na rua do Ferregial de Baixo, 17, 3.º; Armando de Sousa, avenida da Liberdade, 67, 5.º, E.; José Jacintho Figueiredo, travessa da Cruz do Desterro, 99, loja.

Por carta pedem-nos que inscrevamos os seus nomes os srs. Manuel dos Santos, 1.º sargento machinista a bordo do torpedeiro n.º 1, no Tejo, e José Roque dos Santos, sargento miliciano de infantaria 23, residente na calçada dos Apostolos, em Coimbra. O 1.º sargento Manuel dos Santos já em 1912 requereu ao ministerio da guerra para frequentar a escola de aviação que, então, se dizia ir fundar-se.

A censura

Exageros que não se comprehendem

A censura continua a ser exercida sobre os telegrammas noticiosos expedidos para o estrangeiro por fórma verdadeiramente deploravel. Acabamos de ver as copias authenticas de dois telegrammas que não seguiram o seu destino porque a censura entendeu estarem incursos no famoso artigo 7.º. Subscrevia-os a sr.ª D. Alice Oram. O primeiro, dirigido ao «Daily News», de Londres, dizia textualmente:

«O dr. Affonso Costa continúa em estado melindroso. Os medicos conservam-se dia e noite á sua cabeceira. Ao hospital concorrem centenas de pessoas a pedir noticias. E' grande a anciedade publica.»

O segundo telegramma, tambem expedido para Londres com o endereço «Exchange Cornhill» era concebido nos termos seguintes:

«O dr. Affonso Costa continúa em estado melindroso.»

Poderá alguem explicar o motivo por que se impediu a expedição telegraphica d'estas noticias que correspondem á verdade e cujo conhecimento no estrangeiro de modo algum póde prejudicar-nos? Por maior que seja a amplitude, extraordinariamente elastica, do tal artigo 7.º, haverá porventura meio de o applicar sem escandalo aos mencionados telegrammas da sr.ª D. Alice Oram? Os exaggeros da censura não se comprehendem. Custa-nos a crêr que o censor ignore a lingua ingleza, em que foram redigidos os telegrammas, e ainda menos admittimos a hypothese, por absurda, de que elle se deixe dominar por qualquer sombra de má vontade contra a jornalista, que firma os telegrammas. Mais uma vez fazemos votos por que o zelo da censura se não continue a manifestar com prejuizo do bom senso e tambem dos interesses da imprensa e de quem n'ella trabalha...

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$50 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Bens das congregações

O leilão de hoje rendeu 700 escudos

Começou hoje, ás 12 horas, no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, o leilão de grande numero de magnificos paramentos de diversas congregações extinctas, além d'outros objectos, como imagens e quadros de pouca importancia, presidindo ao acto o vogal da commissão jurisdiccional dos bens das congregações religiosas sr. Gonçalves Neves. Os serviços do leilão são desempenhados pelos srs. Humberto Junqueiro, guarda-livros; Raphael Luiz da Silva, amanuense, e José Augusto Pereira Pimentel, empregado externo da referida commissão, e a vigilancia foi exercida por 10 policias.

O leilão prosegue amanhã e depois, ás 12 horas, interrompendo-se na quarta quinta e sexta-feira e sabbado, para continuar no domingo, ás mesmas horas. As entregas serão feitas nos tres dias immediatos ao ultimo dia de leilão em cada semana, das 12 ás 16 horas, não podendo ficar para a semana seguinte a entrega dos objectos arrematados.

A praça de hoje rendeu 700 escudos, pouco mais ou menos.

EXERCICIOS NAVAES

O "Douro" e o "Guadiana" foram torpedeados pelo "Espadarte"

Todos aquelles que, pugnando pela reorganisação da nossa armada, teem defendido a acquisição de submarinos devem estar hoje satisfeitos não só pelo papel brilhantissimo, seguro e efficaz desempenhado por esses barcos na guerra actual, como tambem pelo magnifico e concludente resultado dos exercicios navaes realisados em Cezimbra, sob as ordens superiores do commandante Leotte do Rego.

Para todos os officiaes embarcados nos navios da divisão e principalmente no «Douro» e «Guadiana» a impressão recebida devia ter sido a de que a arma naval—submarino—é sem a mais pequena sombra de duvida de effeitos seguros e terriveis, consequencia da sua invisibilidade e das suas magnificas qualidades evolutivas.

O submersivel largou de Lisboa para o mar com destino a Cezimbra, uma hora antes da divisão naval composta dos destroyers «Douro» e «Guadiana» e torpedeiro n.º 3, tendo instrucções para atacar os destroyers em qualquer ponto do caminho, sabendo estes que o submersivel os atacaria e exercendo portanto a maxima vigilancia possivel tendente a avistar os periscopios do «Espadarte» a tempo de, por um augmento de velocidade e rapida mudança de rumo, conseguirem evitar ou tornar improficuo o ataque. Infelizmente para esses navios, apesar da velocidade e da cuidada vigilancia a que sujeitaram a superficie do mar, foram atacados pelo submersivel ás distancias de 300 metros o «Guadiana» e 600 o «Douro», isto é, «teriam sido afundados segura e inevitavelmente!»

Emquanto os destroyers não conseguiram vêr, ali ao pé de si, o «Espadarte», este, em frente de Cezimbra e estando immerso, avistou os destroyers logo que estes montaram o Cabo Espichel, o que bem mostra que ao contrario do que se dizia—que o submarino era cego—ele vê... e muito longe!

A arma empregada pelos submarinos é, como todos sabem, o torpedo, cuja segurança de trajectoria tem tambem sido posta em duvida por varios contradictores (não confundir com conspiradores) do submarino, e para que o leitor não fique duvidando que os nossos lindos destroyers teriam sido afundados se «de verdad» fôssem pelo «Espadarte» lançados torpedos, eu vou esclarecel-o com numeros e com factos.

Os destroyers «Douro» e «Guadiana» (esses já hoje mortos-vivos) teem 73 metros de comprido e o torpedo tem para um lançamento a 1.000 metros a velocidade de 77.800 metros á hora, isto é, gastaria meio minuto a attingir o «Douro» e um quarto de minuto o «Guadiana», tempos pequenissimos para que qualquer causa de desvio actuasse no torpedo de modo a este errar um alvo tão comprido, além de que o torpedo é uma arma certeirissima, e tanto assim que o «Espadarte» nos seus lançamentos nunca errou o alvo e nos exercicios em Cezimbra na ultima quinta-feira lançou um torpedo a um kilometro sobre um alvo de 25 metros, cortando-o ao meio, e n'um outro exercicio á mesma distancia de um kilometro lançou um torpedo attingindo o alvo que tinha... cinco metros!

Não tenha pois o leitor duvidas, nem as tenha nenhum portuguez sinceramente patriota — d'aquelles que querem «que isto vá por deante»— :o submarino é a arma certeira e invisivel, segura e fatal que, de hoje para o futuro, nenhuma nação que preze a integridade do seu territorio e queira assegurada a communicação com o exterior póde deixar de ter.

Nós já temos... um!

A. Serrão Machado
2.º tenente de marinha

Flôres de piedade

Tal é o estado dos espiritos no momento presente, que ninguem concebe a imparcialidade.

Uma alma que se eleve serena e justa e aponte com tristeza a loucura formidavel que atira uns contra os outros os povos mais civilisados é immediatamente accusada de traição por uns ou por outros e tem que soffrer perseguições.

O soberbo artigo publicado por Romain Roland em setembro do anno passado despenhou sobre elle a colera dos seus compatriotas. A critica franceza desencadeou-se contra aquella obra prima de arte e de sublime comprehensão, e ousou recortar trechos que, isolados do contexto, perdiam a sua significação veradadeira. Tudo se julga atravez das paixões e as almas tão fortes que conseguem subir, isolar-se e vêr, como de um ninho de aguia, o torvelinho de demencia collectiva que esfrangalha a humanidade, são apontadas como anormalidades.

Tudo se confunde e todos os valores se transformam.

Os que tinham conseguido libertar-se do passado e voltavam para o futuro o seu esforço e a sua fé deixaram-se agrilhoar de novo pelas ideias antigas de violencia.

O que faz a Egreja que pretende existir com o fim de espalhar entre os homens os ensinamentos divinos de amor e de perdão?

Os chefes religiosos combatem, pregam a cruzada das carnificinas, e ensinam os povos a pedir a Deus a victoria, cada qual para a sua patria como se aquelle Deus a quem imploram não tivesse dito que todos os homens sobre a terra eram seus filhos e deviam amar-se como irmãos.

Que fazem os sabios cuja patria era o mundo e que trabalhavam para diminuir as dôres dos homens e augmentar-lhes o patrimonio de luz sem pensarem em fronteiras?

Inventam engenhos de guerra e de tortura, incitam a juventude ao combate, atiram para os campos de batalha com os mais novos, os mais robustos, os mais perfeitos, os que eram a esperança de um futuro melhor.

***

O que seria de nós, pobres fieis da bondade e da belleza da vida, se algumas estrellas cahidas do céu não viessem alumiar a terra que de repente se tornou tenebrosa? O que seria de nós n'estas horas em que os mais poderosos e os mais civilisados se entredevoram anniquilando as nossas esperanças n'um ideal crescente de perfeição, se as flôres da piedade humana não desabrochassem, apesar de tudo, entre o sangue e as cinzas?

Os jornaes e as revistas da nossa terra só nos contam os horrores da guerra, as torturas e as heroicidades dos campos de batalha. A pouco e pouco vae-se educando a alma popular, que o ideal republicano desejava libertar dos moldes antigos, na crença de que a virtude só se conquista a golpes de violencia. D'aqui ao desencadear da crueldade, que espreita no fundo dos corações latinos, é um passo apenas.

Ninguem nos diz o que ha de bello e de sublime espalhado sobre tantos horrores, ninguem nos conta o que a humanidade tem feito pela humanidade, ninguem nos mostra a bandeira de bondade e de amor que atravez de tudo vae caminhando sem distinguir raças nem patrias.

E' preciso saber-se os esforços feitos na Hollanda para salvar a unidade moral da Europa, a caridade incançavel e os enormes sacrificios da Suissa para acudir e minorar a desgraça dos prisioneiros, dos feridos, das victimas cahidas em ambos os campos.

N'uma serie de nobilissimos artigos, a «Gazetta de Zurich» ennumerou ha tempos as differentes e importantissimas obras de solidariedade humana que a Suissa tem realisado no decorrer da guerra actual.

Esses artigos deviam ser traduzi-

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 11-7-915

Hoje

O meu camarada Avelino de Almeida assombra-se de que haja catholicos em Portugal que desejem o triumpho da Allemanha, que massacrou o clero belga e derrubou os seus templos. O que ainda mais surprehende é a attitude do proprio Pontifice que, diga-se o que se disser, bem claramente tem revelado que lhe é, pelo menos, indifferente que esses horrores se produzam, comtanto que triumphe o pensamento da auctoridade despotica e oppressiva sobre o pensamento da liberdade, desafogada e progressiva. A verdade é que se está assistindo a um espectaculo singularissimo: o de vêrmos a consciencia religiosa subordinada a uma idéa politica.

Sempre, em todos os tempos, a fé religiosa sobrepujou o credo politico. Não tem havido no mundo nada mais absorvente, mais dominador do que a religião. Deante d'ella tudo tem desapparecido: patria, raça, affectos de familia, o proprio soberano e orgulhoso amor. As tragedias retumbantes ou obscuras e silenciosas que a religião tem originado não teem conta. São como as lagrimas e como as vagas do mar.

Todavia, eis que chegamos ao seculo XX, e a religião é relegada para um plano secundario. Porventura a mais forte de todas, a religião catholica, que se diria inflexivel na sua tradição e no apego ao seu dogma, cede a um pensamento politico. E que pensamento politico é esse? O da auctoridade terrena, o da magestade real, quando precisamente essa religião se fundou com um espirito de liberdade e uma absoluta renuncia dos orgulhos do mundo.

***

Debalde se imaginaria possivel um phenomeno mais elucidativo dos tempos que vão correndo. Sim: é bem uma crise definitiva do velho conflicto travado entre a liberdade e o despotismo. Este ultimo tem revestido todas as fórmas, tem-se amparado a todas as forças que reputou poder conciliar para a sua causa. Por vezes, o mundo tem assistido a verdadeiras surpresas, e a menor não é certamente a d'esta espantosa inversão da moral christã que o catholicismo dominante representa. Mas nunca, como n'este momento, se tornou mais patente a alliança tacita que se pensou definir conjugando a Cruz e a Espada,—como se a espada não fôsse a de Malcho e a cruz a de Jesus Christo!

O que reage, nas salas doiradas do Vaticano, ou nas redacções de gazetas como aquella a que Avelino de Almeida se refere, é o espirito conservador. Melhor diremos: o espirito retrogrado. Espirito conservador não existe na realidade. As sociedades modernas estão divididas em dois grandes campos. N'um d'elles só se pensa em voltar para traz; no outro só se pensa em andar para a frente. A causa dos alliados é a do progresso; a causa dos seus inimigos é a da reacção.

Para que essa reacção se effectue, os dirigentes do catholicismo não se importam que até alguns dos seus membros sejam trucidados. Não se importam que alguns dos seus templos sejam derrubados. Lançam isso á conta de contingencias forçosas, derivadas do jogo das circumstancias. Já na cruzada contra os Albigenses, o legado do Papa, que acompanhava Simão de Montfort, exclamava ao dizerem-lhe que, em Beziers, que ia ser investida, havia muitos catholicos: «Matem tudo, que Deus reconhecerá os que lhe pertencem!» Que importa, agora que se trata de muito mais que abafar uma heresia local, o sacrificio d'alguns padres, de algumas religiosas, que a invasão germanica massacra para impôr ao mundo, com o sceptro e a espada, o dogma ferreo da auctoridade? Que importa que seja derruida, até á ultima flôr de pedra, a cathedral de Reims, expresão d'um catholicismo intransigente, mas puro? Se ámanhã, com um atheu, fôsse possivel jugular as energias d'uma humanidade que se quer libertar definitivamente do jugo dos seus senhores, o papa beijaria a mão d'esse atheu. Tamanho é o odio que a liberdade inspira ao espirito reaccionario!

***

Assim, assistiremos ao desapparecimento da consciencia religiosa, definida no catholicismo, ou estamos em face d'um seu eclypse? Pela primeira vez, o dogma religioso é sobrepujado pelo dogma politico. Ha muito tempo que este phenomeno se pronunciava. Agora é patente. Presenciamos o mais formidavel conflicto que tem sido dado aos homens presenciar, e a batalha nas almas não é menos assombrosa do que a guerra que entre si travam os exercitos.

Pela minha parte não duvido, não duvidarei nunca do inevitavel desfecho. Ha uma religião soberana, cuja essencia em todas as religiões se observou emquanto ellas se não desnaturam e pervertem. Essa religião é a do progresso. Esse progresso adivinha-se, sente-se, revela-se em todas as manifestações do espirito humano. E' fructo d'elle a moral de Confucius como a moral de Christo. Palpita na insurreição mental de Luthero e de Calvino. Observa-se em cada passo dado pelo livre exame, como se observa em cada nova crença. E o espirito que vivifica esse progresso, a sua essencia, a sua alma, a sua luz, o seu ideal, não são outros se não os da Liberdade.

Este impulso espiritual concretisa-se em nossas eras n'um movimento politico. Todas as revoluções, todas as modificações dos Estados que temos presenciado são o resultado infallivel da corrente progressiva das idéas que constantemente perpassa atravez das arterias da civilisação, como um sangue generoso que se robustece com os globulos vivificantes de novas e incessantes conquistas do espirito. Não foi debalde que Guttemberg inventou essa fieira de typos moveis de imprensa que se haviam de mobilisar como um exercito de invulneraveis combatentes. Não foi debalde que divinas figuras de pensadores cruzaram o mundo inteiro, utilisando a chamma viva da palavra no incendio redemptor de consciencias, abrazadas na sêde da perfeição.

Suppõe-se que a palavra vôa nos ares, como uma ave gloriosa abrindo as azas da liberdade? Suppõe-se que a folha escripta a desfralda, como uma bandeira á luz do sol, fazendo de cada phrase um lemma do direito? Engano! Palavra e escripta minam as sociedades. Introduzem-se na terra, abalam globos, e ninguem lhes conhece a posição exacta senão pelos abalos que ellas produzem. Quando tomba uma autocracia, foram ellas que lhe roeram as raizes. Foi o progresso que triumphou.

A' superficie tudo parece inalteravel. Dir-se-hia uma terra esteril, em que multidões de escravos agonisam de inercia. E quando essa terra estremece, quando esses escravos se erguem, quasi se grita: Milagre! Milagre? Não! Em cada um d'esses escravos que tudo supportavam havia já um cidadão, disposto a tudo arriscar. A sua consciencia esclarecera-se progressivamente; não é impunemente que dia a dia, hora a hora, os tribunos clamam, os poetas cantam, os publicistas escrevem, e a idéa da liberdade, afeiçoada por tantas mãos intrepidas e diligentes, como uma estatua formosissima, surge, visionada em figura de deusa, para a paixão, para o sacrificio e para a victoria da humanidade que a contempla.

Se ha verdade no mundo, essa verdade é a da corrente democratica que o atravessa. Em nossos dias, ella por todas as fórmas se evidencia, abrindo um sulco de luz em cada paiz que percorre. A França, que até uma certa data da Republica só tinha o nome, é hoje uma Republica a valer, authenticando-se como tal por actos da democracia mais pura; a Inglaterra funda a sua politica sobre o estabelecimento, em bases solidas, dos principios da liberdade que a engrandecem; a Russia experimenta os effeitos da sua revolução que foi o movimento mais collossalmente espontaneo que porventura se regista na historia dos povos; o Japão, civilisando-se, tornou um povo livre e forte; paizes orientaes, como a Persia, sacudiram o jugo dos seus satrapas e penetram, embora lentamente, como a China, nas vias do progresso moderno.

E' isto uma vertigem? E' isto um delirio? E' isto uma febre? Tantos factos coincidindo, ou succedendo-se, e resolvendo-se na maior conflagração de que ha memoria, não demonstram, pelo contrario, a existencia d'uma lei poderosa de que são as logicas resultantes? Não se vê n'isto o progresso caminhando sempre? Não será assim, por que tem de ser assim?

MAYER GARÇÃO

dos, reproduzidos nos nossos jornaes, espalhados pelo nosso povo excellente para lhe descançar a vista e a alma das visões constantes que lhe apresentam de mortandades e de crimes.

A agencia dos prisioneiros de guerra da Cruz Vermelha, o «Bureau» de repatriação dos internados civis, a administração dos correios federaes que realisa um labor immenso e desinteressado pela transmissão gratuita das cartas, encommendas, valles, etc., destinados aos prisioneiros de guerra de todos os paizes, são obras profundas e duradouras, de uma belleza moral que o tempo nunca poderá alterar.

Ha mais ainda. Entre as duas nações que na hora presente mais se odeiam, essa flôr maravilhosa da piedade humana desabrocha e espalha os seus perfumes divinos. E' justamente entre a Allemanha e a Inglaterra, que durante o combate sangrento se ataram e se manteem os laços mais nobres de soccorro mutuo ás miserias do inimigo.

Temos em Londres o «Comité de soccorros aos allemães, austriacos e hungaros necessitados». (Emergency committee for the assistance of germans, austrians and hungarians in distress).

Esta obra, que se espalha por uma grande parte da Inglaterra, paga as despezas de repatriação dos civis sem recursos, acompanha na sua viagem de volta aos lares as mulheres e raparigas allemãs, hospitaliza familias allemãs pobres e dá-lhes trabalho.

Uma outra sociedade ingleza sustenta mil e quinhentas familias allemãs e austriacas.

Uma terceira pagou as despezas de repatriação a oitocentas mulheres allemãs.

Em compensação fundou-se em Berlim um «bureau» analogo de informações e soccorros para os allemães no estrangeiro e para os estrangeiros na Allemanha. Esta associação, que tem prestado relevantissimos serviços, vê constantemente levantar-se no seu caminho desconfianças e obstaculos da parte do «chauvinismo» germanico; mas, corajosa e tenaz, lucta e o bem que espalha augmenta de dia para dia, envolvendo na mesma onda de amor amigos e inimigos, porque os gemidos e as lagrimas não teem patria.

Destacamos de um dos relatorios d'esta associação allemã algumas phrases que são mais bellas do que os gritos de victoria nos campos de batalha.

«Podemos ser uteis ao proximo, a inimigos innocentes em quem viamos apenas irmãos e irmãs...»

«A tragedia que por todos os lados trasborda da terra enche o nosso ser de um respeito religioso pelo soffrimento humano, de um amor ardente e de uma necessidade de acção que alarga as nossas almas e deixa apenas logar para sentimentos de affirmação e de actividade bemfazeja».

«Os laços que unem os homens entre si affectam raizes mais profundas do nosso ser do que os abysmos que os separam».

Que estas ideias verdadeiramente grandes e fecundas nos sirvam de repouso e nos appareçam como uma esperança de redempção, na hora turva que atravessamos.

Virginia de Castro e Almeida

Abalo de terra

Pelas 11 horas e meia foi hoje sentido em Lisboa um tremor de terra, um tanto violento e com a duração de trez a quatro segundos. Foi registado pelo sismographo do Observatorio Metereologico da Escola Polytechnica, mas só ámanhã se poderá conhecer a sua direcção e intensidade.

QUESTÕES D'ARTE

Figura symbolica da Republica

Um alvitre

A proposito da acquisição da figura symbolica da Republica, que ao que se diz, vae ser feita, recebemos a seguinte carta:

Sr. director do jornal *A Capital*.—Fallando-se no seu jornal em data de 1 do corrente d'um concurso que pensa abrir-se para a acquisição d'uma estatua symbolica da Republica que figurará na sala da Camara dos Deputados, e dizendo-se tambem que alguns «panneaux» decorativos irão ser encommendados a um pintor, não seria justo, havendo em Portugal novos pintores além dos já consagrados, anciando por poderem mostrar as suas capacidades de compositores e coloristas, que para de alguma fórma se estimular o meio artistico, fôsse aberto um concurso de esbocêta entre os pintores portuguezes?

E' um alvitre que corro pressuroso a entregar nas mãos de v., um tão grande propugnador no seu jornal das campanhas d'arte, ás quaes v. não poupa nunca as columnas d'*A Capital* e nas quaes espero encontrar agora um logar acolhedor.

Muito grato ficaria a v., sr. director.—*um artista, constante leitor do seu jornal.*

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Em sessão magna, reuniu hoje esta classe, apreciando a fórma de se evitar os choques dos carros electricos com as carroças e deliberando-se enviar um officio á Companhia Carris de Ferro de Lisboa, pedindo-lhe providencias.

Foi approvada uma moção propondo um voto de louvor á imprensa, por ter tratado da questão referente ao mau estado em que se encontra o «macdam» das ruas e louvando a camara municipal pelas providencias já tomadas. Deliberou-se manter um delegado da classe para tratar de assumptos que dizem respeito a reclamações de conductores de carroças. Tambem foi apreciado o procedimento do secretario da direcção, sr. José Ferreira, ficando assente que este senhor seja chamado a prestar declarações na proxima reunião da classe.

Por ultimo tratou-se de assumptos referentes aos ordenados do pessoal, fornecimento de côtos e lanternas, para illuminação de carroças, horario de trabalho e [illegible] semanal.

Pensões a 200 pescadores

Uma proposta que vae ser submettida á approvação da Camara

O relator do orçamento do ministerio da marinha, capitão de fragata sr. Leotte do Rego, vae apresentar uma proposta que deve merecer a approvação de toda a Camara, pois que visa um fim altamente sympathico e benemerito, sem sobrecarregar as despezas do Estado. Trata-se da protecção aos trabalhadores do mar, os pobres pescadores, que, depois de levarem uma vida de constantes riscos, se encontram sujeitos aos horrores da miseria quando a invalidez os impossibilita de embarcar.

Essa protecção já foi estabelecida em 1909, por uma lei que nunca chegou a entrar na pratica definitivamente. Os pescadores que se invalidassem no seu mister seriam soccorridos por um fundo proveniente da venda da pescaria perdida e das multas pagas em virtude das leis em vigor sobre o exercicio da pesca. Um anno depois determinou-se que fôsse destinada para o mesmo fundo uma sexta parte das licenças a que ficavam sujeitos os vapores de pesca com redes a reboque. Isso produz o rendimento annual de 2.200 escudos. O sr Leotte do Rego vae propôr que a essa verba se juntem mais 340 escudos, que constituem o juro de 6.427 escudos, importancia adquirida com as subscripções para a compra d'um navio que substituisse o «S. Raphael». Proporá tambem para aquelle fundo o subsidio annual de 6.000 escudos, o que, tudo sommado com o rendimento annual das licenças e vendas de pesca, produz a verba de 15.540 escudos. A sua applicação far-se-ha desde já concedendo-se 200 pensões de 72 escudos a pescadores reconhecidamente invalidos dos 3 departamentos maritimos e das capitanias das ilhas, sendo preferidos para esse effeito os que tiverem familia mais numerosa.

Tal é a proposta a que alludimos, certos de que recahirão sobre ella todas as sympathias da Camara.

Uma romagem de marinheiros

ao cemiterio do Alto de S. João, no proximo dia 14

Alguns marinheiros do «Almirante Reis» tomaram a iniciativa de ir ao cemiterio do Alto de S. João na proxima quarta-feira, dia 14, depôr uma corôa na sepultura de dois camaradas que morreram n'aquelle mesmo dia do mez de maio—o dia em que estalou a revolução. O commandante da divisão naval, informado d'esse desejo, consentiu que todas as praças dos navios de guerra se encorporassem n'aquella manifestação de homenagem e de saudade, sollicitando ao seu camarada commandante do corpo de marinheiros que egual consentimento fôsse dado ás praças do seu commando.

N'essa piedosa romagem todas as praças irão sob formatura, acompanhadas pelos respectivos sargentos e officiaes. Depois de depôrem a corôa na sepultura dos seus camaradas, irão até junto do tumulo do grande portuguez e marinheiro que se chamou Candido dos Reis.

MOVIMENTO COOPERATIVISTA

Na Caixa Economica Operaria

Na séde d'esta collectividade houve hoje festa para solemnisar a reabertura da sua secção de padaria, que estava encerrada ha mais de um anno, devido a um incendio.

Pelas 11 horas foi servido um copo de agua aos convidados, falando n'essa occasião o sr. Fernandes Alves, Francisco Maria da Silva, João Baptista Macedo e Manuel Bravo, que se referiram ao movimento cooperativista, elogiando as installações que acabavam de ser restauradas e a forma como estavam montados os serviços.

O edificio foi franqueado ao publico, que percorreu as novas installações, dormitorio, casa de banho, retrete, fornos e amassaria. Os dois fornos comportam amassaduras que importam em 70$00, em cada forno. Estas dependencias ficam no primeiro andar. No rez-do-chão está a casa de venda de pão para os socios e para o publico, tendo vendido durante os 5 dias em que já esteve funccionando uma media de 50$ diarios.

A's 14 horas e meia houve sessão animatographica, dedicada aos filhos dos socios, que tinham entrada gratuita.

Pelas 18 horas o sr. João de Deus, secretariado pelos srs. Serra e Arthur Ferreira, abriu a sessão solemne, elogiando a obra que acabava de ser levada a cabo e o interesse que as classes trabalhadoras veem demonstrando pelas cooperativas.

Falaram ainda entre outros os srs. Fernandes Alves e Augusto José Vieira, sobre a emancipação do operariado e o cooperativismo e suas conveniencias.

Abrilhantou a sessão um grupo da banda do Commando Geral de Artilharia.

PEQUENAS NOTICIAS

N'um poço da quinta da Torre, nos Olivaes, appareceu o cadaver de um individuo cuja identidade se desconhece. O cadaver foi retirado por alguns bombeiros, sendo removido para a Morgue.

—Para juizo é amanhã enviado Antonio Bastos, ou Eduardo dos Santos ou ainda Antonio dos Santos, accusado de andar vendendo cautelas de 5 centavos viciadas.

TOURADAS

Campo Pequeno.—A festa de Jorge Cadete attrahiu á praça uma casa regular. As honras da tarde couberam a José Casimiro, que no 4.º touro metteu um soberbo par. Manuel Casimiro teve tambem ferros bons, sendo ambos os cavalleiros muito applaudidos.

O festejado no 5.º touro teve dois bons pares. Os amadores Mascarenhas trabalharam esplendidamente e Alfredo dos Santos e Daniel do Nascimento distinguiram-se no trabalho de capotes.

O grupo de forcados, forte e muito leal, teve boas pegas, especialmente no 1.º e 4.º touros.

NO PORTO

Cosinhas economicas nas parochias civis

Trata-se de cohibir a mendicidade nas ruas

Porto, 10

O actual governador civil do Porto, sr. dr. Pereira Osorio, está demonstrando uma actividade de trabalho e ideias generosas, de verdadeira solidariedade social, de protecção aos que precisam, de carinho aos que soffrem—que muito o honra—e que, cada vez mais, o salienta e o distingue como bom republicano, authenticamente democratico devotado de alma e coração a tudo o que represente a effectividade da assistencia do Estado ás classes pobres.

Assim, na reunião da grande commissão de assistencia publica, ante-hontem realisada sob a sua presidencia, o sr. dr. Pereira Osorio apresentou um plano novo de assistencia ás classes desprotegidas, não só aos operarios sem trabalho, mas aos que—sem ser operarios—luctam com a miseria e com a fome.

—Que plano é esse?—perguntámos hoje.—O relato dos jornaes fala que se concertará n'uma reunião de todas as juntas de parochia da cidade...

E alguem, que muito priva com o illustre chefe do districto, respondeu-nos:

—O sr. dr. Pereira Osorio de ha muito que vem estudando o problema da assistencia ás classes pobres. As actuaes Cosinhas Economicas não o resolvem. Ficam carissimas á Assistencia Publica e não servem, não vão aonde é preciso que se vá... As actuaes cosinhas, apenas 3, não teem condições de vida... Os donativos particulares falharam. Demais, muitos operarios vão empregar-se, estando já muitos outros empregados. E' necessario que esta obra de assistencia se alargue e se expanda. Não é só o operario desempregado que precisa. Ha muita mais gente que precisa tambem. Que precisa talvez mais. Depois, é indispensavel acabar com o espectaculo miserando dos mendigos que pejam as ruas, dando á cidade uma nota de pobreza e de miseria andrajosa e pelintra.

—Mas, no novo plano do sr. governador civil, entra a questão da mendicidade?

—E' talvez o aspecto mais interessante e pratico. A ideia do sr. dr. Pereira Osorio é crear-se uma Cosinha Economica em cada parochia civil, administrada cada uma pela junta respectiva. As Juntas fazem o cadastro dos pobres necessitados, —note bem—*necessitados*—não é dos que fazem do pedir officio e modo de vida. Seja operario sem trabalho, seja um vencido da vida. Não ha selecções. A Cosinha é para todos os que realmente precisem.

—Como se sustenta?

—Pelo cofre das Juntas porque são ellas as que fiscalisam. E, se os seus recursos não chegarem, officiarão á grande commissão da Assistencia Publica e esta as subsidiará.

E, d'esta maneira, acabará tambem a mendicidade pelas ruas...

Se um pobre for encontrado a mendigar, a policia inquire de que freguezia é natural e para a respectiva Junta de Parochia o envia.

E' verdadeiramente pobre?. Não abusa da caridade do publico? A Junta inscreve-o no cadastro e elle fica a receber os beneficios da Cosinha Economica.

—E casa, alugueis?

—Ah! Isso é de pequena monta. As Juntas de Parochia já até agora teem pago muitos alugueis, e continuam pagando.

Demais, o que é mais indispensavel é... a alimentação.

O problema da habitação é outro. Muito especialmente para as classes trabalhadoras, que labutam, que estão na actividade do braço, em fabricas e officinas.

Para os que «cahiram», para os que estão na inactividade, doentes, mendigos, desgraçados,—para estes não falta uma telha vã, um abrigo.

O que lhes falta—e isso quer remediar o sr. governador civil—é uma alimentação certa e constante, que os livre de andar de porta em porta, rotos, miseraveis, esqueleticos—soffrendo a dor immensa e angustiada de quem pede... e dando á cidade um aspecto de... antigas e remotas procissões macabras e grotescas, atravez das ruas até ás portas dos conventos...

Não. Os nossos pobres de hoje não precisam ir ás portarias fradescas buscar a sopa e receber do alto das varandas as codeas lançadas nos aventaes das mulheres por frades nedios e sensuaes.

Não. A Sociedade moderna é que se encarrega, ella propria, de velar e cuidar pelo bem-estar dos cidadãos. E não o faz por favor, por esmola. Fal-o n'um gesto de justiça social.

Pelo hospital

Aggressões á facada, á pedrada e a tiro—Queda desastrosa

Marcel Dupont, o «Francez d'Alcantara», de 16 annos, morador na travessa d'Alcantara, pateo 6, porta 5, andava a noite passada, acompanhado pelo seu amigo João Augusto, o «Caçador», intromettendo-se com quem encontrava. Na rua do Livramento, metteu-se com o 1.º grumete da armada Antonio Maria, n.º 3510, que lhe applicou uma bofetada. Marcel Dupont respondeu, dando-lhe uma facada na mão. O marinheiro, puxando tambem por uma faca, vibrou-lhe uma facada ao ventre, pelo que o «Francez d'Alcantara» foi conduzido ao hospital de S. José, onde lhe foi feita a operação da laparatomia pelo sr. dr. Ricardo Jorge, ficando depois, em estado grave, na enfermaria 3. O marinheiro, depois de curado, foi preso para o quartel.

Na enfermaria de Santo Antonio do mesmo hospital deram entrada Antonio Joaquim Pereira Boavida, de 14 annos, morador em Aldeia Gallega, que cahiu d'um pinheiro, ficando com a espinha fracturada, e José de Jesus, de 26 annos, trabalhador, de Massucha, Azambuja, a quem, hontem, ao largar do trabalho, um companheiro de nome Antonio Gabriel fracturou o craneo com uma pedra.

No banco do hospital receberam curativo: Antonio Chrysostomo, estabelecido com taberna no largo do Calvario, 5, que hoje pelas 9 horas da manhã foi encontrado quasi asphyxiado na cama, em virtude d'uma rotura de gaz, tendo-lhe valido a intervenção d'alguns freguezes do estabelecimento, que passando ali áquella hora e vendo a porta fechada, a arrombaram, salvando-o assim d'uma morte certa; Ignacia Domingues, moradora em Telheiras de Baixo, que foi aggredida com trez facadas pelo homem com quem vive, Antonio Gomes, peixeiro; e Antonio Henriques, que tendo-se envolvido em desordem, no largo 28 de Janeiro, com Henrique do Amaral, foi por este aggredido com um tiro, penetrando-lhe a bala na cabeça, mas tanto á superficie que foi extrahida com facilidade, sendo depois de curado removido para o governo civil, onde já se encontrava o aggressor.

ULTIMAS NOTICIAS

O COMICIO DE HOJE

A exportação de generos alimenticios

não deve permittir-se, pois veem augmentar a carestia da vida

Quatorze horas em ponto. Galgando os comoros barrentos e escalvados do Parque Eduardo VII, grupos de operarios avançam sob um sol que queima. Chegámos ao alto. Sob uma arvore de longas ramadas para uma carroça em cima da qual vae installar-se a mesa da presidencia. A dois passos fica-nos o obelisco geodesico, e lá para o fundo a cidade faiscando lume com o Tejo deslisando manso, muito azul, quebrando a monotonia dos terrenos pardacentos da Outra Banda. Em volta da carroça umas centenas de populares na maior parte da Federação da Construcção Civil e a Commissão Inter-Sindical da mesma industria, que veem para ouvir os protestos contra a carestia da vida em geral e em especial contra a exportação da batata e da cebola.

A carroça, larga, de taipaes, abarrota de oradores. Ha mais de vinte delegados d'outras tantas associações inscriptos para falar.

O sr. Gualdino Rosa, tomando a presidencia, abre o comicio, dizendo ao que vem: presidir a um comicio de protesto intransigente contra os açambarcadores. E que não haja politica. Que tudo seja contra a crise da fome que assoberba a classe trabalhadora.

Secretariam-no os srs. Manuel José Soares e José Antunes. Lê-se o expediente. São adhesões de varias classes da provincia: do Barreiro, Elvas, Evora e apresentação de delegados dos varios nucleos operarios, sindicalistas e libertarios de Lisboa.

Fizeram-se representar:—Associação de classe dos fundidores de metaes, operarios dos tecidos de seda, nucleo juventude libertaria, associação de classe dos serventes de officinas industriaes 23 de junho de 1906, associação de classe dos operarios da companhia das aguas de Lisboa, associação de classe da união dos pintores de construcção civil, união das mulheres anarchistas, associação de classe dos operarios da construcção civil do Barreiro.

Fala em primeiro logar o sr. Joaquim Cardozo, que se insurge com vehemencia contra a exportação que hoje se faz pela barra de Lisboa a pretexto de fornecer navios estrangeiros. Isto não pode ser e é preciso que não continue.

Segue-se-lhe o sr. Jeronymo de Sousa, delegado da união operaria nacional, que é de opinião de que a crise actual só se resolve pela acção directa do povo.

E como? Indo ás lojas e pagando os generos não pelos preços que o merceeiro quer, mas por aquillo que o povo entender rasoavel. Este comicio, diz, não é mais do que uma sessão preparatoria para um grande comicio que as circumstancias em breve hão-de exigir. Não se comprehende que se estoja fazendo hoje exportação de batata quando o nosso paiz a não tem para semente. Isto é um crime, que é preciso evitar a todo o transe.

O sr. Antonio Rosa salienta a pouca concorrencia de operarios ao comicio, lamentando que os seus collegas de Lisboa e arredores prefiram ir para as hortas e para a Outra Banda pandegar e beber, gastando a féria e prejudicando a saude. A'cerca dos generos alimenticios salienta a carestia e contra ella protesta com vehemencia.

Fala agora uma operaria, a sr.ª Margarida Paula, figura simples de mulher do povo, de cabellos já embranquecidos e que fala com bastante correcção, com grande sentimento mesmo. Lastima não vêr no comicio mais mulheres. Ha apenas duas. Porquê? E' isto que a entristece porque a mulher devia preoccupar-se mais com a situação social. Isto já não vae, exclama, com comicios, com propagandas, com conferencias. Ha quatro annos que ella se sacrifica. Já está cançada. Talvez não volte a um tablado de comicio. A hora é grave. Isto já não vae assim. Isto vae com a consciencia social, isto vae com a revolta de nós todos. Mas onde estão as mulheres que deviam estar ali? Ellas que venham. Que deixem em casa as cuias, as saias travadinhas e os chapeus e venham para os comicios trabalhar e propugnar pelo bem de todos. A hora é gravissima. Olhe-se para além fronteiras, onde morrem os filhos do povo e ande-se para a frente.

O sr. João Caldeira, rude e energico, só vê uma maneira de vencer a crise: a associação de todos os camaradas.

Falam ainda os srs. Julio Ferreira de Mattos, pelos ferro-viarios; Antonio Rodrigues, pela classe de união dos pintores; Arthur Ignacio, pelos serventes de officinas industriaes; Pinto Malheiro e por fim o velho propagandista Bartholomeu Constantino, experimentado por 36 annos de agitação e de lucta. Historia a sua vida de lucta e a sua inproficuidade. Expande as suas velhas theorias de socialismo-anarchista, a sua maneira de vêr sobre a fecundidade da patria portugueza, que é preciso cuidar, amanhar e fazer progredir.

No final foi approvada, por acclamação, a moção da Federação das Associações de Classe da Construcção Civil na região do sul, cujas conclusões são: protestar contra a exportação dos generos alimenticios; não consentir que os generos continuem pelo preço exhorbitante a que se encontram; lembrar ao governo a necessidade do desenvolvimento das industrias nacionaes e a irrigação do Alemtejo para melhor facilitar a producção e extinguir o *deficit* cerealifero; que caso os preços dos generos alimenticios não voltem á sua situação antes da guerra, a Federação da Construcção Civil e União dos Sidicatos elabore uma tabella de preços em conformidade com os salarios, e com a approvação do povo n'um novo comicio que se conhecerá; finalmente, dar conhecimento d'estas resoluções ao governo.

Eram 17 horas, quando todos começaram debandando, em boa paz, sem que, durante o comicio, tivesse havido qualquer incidente desagradavel.

Foi tambem approvada uma moção de protesto contra o encerramento da secção da Associação dos Trabalhadores Ruraes do Concelho de Odemira, no Valle de S. Thiago.

Dr. Affonso Costa

Infelizmente, não se accentuaram hoje as melhoras do illustre enfermo

O sr. dr. Affonso Costa não se encontra, infelizmente, melhor. Pelas 15 horas e meia, foi redigido o seguinte boletim:

Pulso, 62; respiração, 26; temperatura 38, 1. Noite agitada. Sub-delirio. Está hoje mais abatido, sem porém apresentar qualquer signal concreto de complicação. (aa.) Julio de Mattos, Carlos Bello de Moraes e Costa Nery.

A's 17,45 reuniram-se novamente em conferencia os srs. drs. Costa Nery, Costa Santos, Madureira, Avelino Monteiro, Bello de Moraes, Julio de Mattos, Carlos de Mello e Sant'Anna Leite.

Tanto durante a noite como durante o dia de hoje conservaram-se no hospital os srs. dr. José de Abreu, Antonio Tudella, Arthur Costa, dr. Alvaro Costa, Urbano Rodrigues e dr. Germano Martins.

A romaria ao hospital de S. José a saber noticias do illustre enfermo foi enorme, continuando-se a receber innumeros telegrammas.

NOTAS DIVERSAS

No quadro dos 2.os tenentes da armada faltam actualmente 49. Para remediar quanto possivel essa falta, o relator do orçamento do ministerio da marinha vae propôr que, durante 2 annos, os officiaes subalternos não possam ser destacados para serviço em companhias privilegiadas nem entrar no goso de licença illimitada.

Vae ser tambem apresentada, na discussão do mesmo orçamento, uma proposta organisando, sem augmento de despeza, o quadro dos telegraphistas da armada, creando-se postos até sargentos-ajudantes, equivalentes a outros que já existem em varias classes da armada. Para a entrada n'esse quadro serão exigidas habilitações especiaes, entre ellas exames de geographia e de pratica da lingua franceza e ingleza.

* *

Por iniciativa do sr. ministro da marinha vae ser introduzida no orçamento do seu ministerio uma alteração aos vencimentos das praças do corpo de marinheiros da armada, de graduação inferior a segundo sargento e equiparados, em serviço. Ficará assim satisfeita uma antiga e justa aspiração d'aquellas praças.

Sport

Jogos Sportivos Nacionaes

Sob a presidencia do sr. Hypacio de Brion realisou-se hoje na doca do Bom Successo a prova de natação de 1500 metros, prova que deu inicio aos Jogos Sportivos Nacionaes.

Juri, concorrentes, marcação de pista, tudo a horas e completo.

Deu o seguinte resultado: 1.º, Carlos Sobral, do C. I. F. que fez o percurso em 31m. 34 s. e 3⁄5.

2.º—Boaventura Bello, do C. I. F.

3.º—Alberto Portugal, da A. N. L.

4.º—Fernando Costa, da A. N. L.

Ao Club Internacional cabe, pois, o diploma de honra e a taça de 1:500 metros, de que fica de posse definitiva.

Carlos Sobral é o campeão de Portugal de natação de 1:500 metros.

Ganhou pela terceira vez esta dura prova, tendo, portanto, direito ao titulo de campeão, a um diploma de honra e a medalha de ouro que a Federação Portugueza de Sports confere ao vencedor de trez annos seguidos de qualquer prova.

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 11.—Official. Na margem esquerda do Vistula os allemães evacuaram no dia 9 do corrente as ultimas trincheiras, perto de Gumine. Ao sul de Vulkolaz e de Gorny repellimos os ataques encarniçados á aldeia de Byatriboa. O inimigo retirou desordenadamente entre Weprez, Bug e Zoltaia Lipa, depois de repellidos os seus ataques. No Caucaso, na região do littoral, dispersámos uma columna de comboios turcos e repellimos todos os ataques ás outras linhas.—(Havas).

PETROGRADO, 11.—A Cruz Vermelha annuncia que os gazes asphyxiantes allemães são actualmente mais densos e mais mortiferos.—(Havas).

Os italianos apoderam-se de posições austriacas

ROMA, 10.—Diz uma communicação official que os fortes ataques inimigos feitos desde o vale de Aone até ao cume de Vallone Iranza e nas margens do Isonzo foram todos repellidos. Apoderámo-nos das posições inimigas de Halgasaria e Costa Hella no Adige e no monte Tofano e das situadas no vale de Travaneures.—(Havas).

As operações na França e na Belgica

PARIS, 11.—Communicação official, de hoje ás 15 horas. O exercito britannico repelliu hontem á noite um ataque allemão que a principio se tinha fixado em alguns elementos da primeira linha e que d'ella foi expulso por um contra-ataque immediato. Na região ao norte de Arras as nossas tropas acabaram de desalojar o inimigo d'alguns elementos de trincheiras onde elle tinha podido manter-se. Na linha que tomamos no dia 8 ao norte da estação de Souchez foi durante a noite repellido um contra ataque inimigo. Em outros pontos da linha ha noticia de canhoneio, que foi particularmente violento na região de Nieuport, no sector do Aisne, bem como na Lorena, no bosque Le Pretre e proximo da ponte de Moncel. Um dos nossos aviões abateu esta manhã nos arredores de Altkirch um *aviatik* allemão, o qual cahiu á vista das nossas linhas.—(*Havas*).

NO STADIUM

O CONCURSO DE AEROSTATOS

Apenas subiu o «Vizcaya», que levou na barquinha o nosso redactor Hermano Neves

Tres horas. No Stadium, o «Vizcaya» e o «Baio», bamboleando-se ao sabor da aragem fresca, erguem no espaço limpido os bojos rotundos e immensos. Rodas de saloios reforçam as amarras d'arame, retezando mais as cordas, que de vez em quando, vincando fundo o tafetá fino, os soerguem lentamente do chão salpicado de relva denegrida. Uma banda ao longe, geme qualquer dolente melodia, que chega até mim. Duas motos, uma azul, outra griz, abalam-me os ouvidos com o estampido secco das explosões. Passam por mim, cortando a pista, como settas despedidas por braços invenciveis de gigantes. Ainda as fixa, em certos momentos, a minha anciosa retina.

Tres e um quarto. O publico começa a agglomerar-se d'um e d'outro lado, junto do tapume, que veda a pista. Nas extremidades das tribunas, aproveitando a sombra, ha grupos compactos, que alastram como manchas densas de sombra. Pelos outeiros visinhos, os curiosos tomam posições, acolhendo-se sob as oliveiras tristes, que irrompem da verdura avelludada e terna dos vinhedos, que nascem, como cabelleiras toucadas de fresco, do terreno alvadio, pelludo e nu. No grande espaço que a pista delimita, os mirones não faltam. As espheras fluidas continuam a dançar ao sabor da ventania, que sopra cada vez mais rija, das bandas do noroeste. Tornar-se-ha mais violenta? Para onde arremessará ella, n'esta tarde agreste, cheia de sol d'outomno, os balões colossaes que d'aqui por pouco vão erguer-se, pelo ar fóra, em busca dos destinos que só o acaso marca?

Tres e quarenta e cinco. Os aeronautas preparam placidamente as duas ascensões. Um d'elles, baixo, secco, diligente, não pára um instante. Dir-se-hia que só d'elle depende o resultado d'esta esplendida festa sportiva. Nas tribunas, principiam a enfileirar-se os espectadores. O vento tende a amainar. As motos não deixam de deslizar como trombas devastadoras pela larga pista macdamisada que circunda o Stadium. Os saloios, agora, fazem inauditos esforços para que o «Vizcaya» não oscile em demasia. Principia a haver anciedade. Os meus collegas Hermano Neves e Oldemiro Cesar olham, como quem fixa um destino incerto, as grandes espheras que hão de arrastal-os pelo céu de Portugal, quasi virgem de aventuras d'esta natureza.

Quatro horas. O «Montaña» não sobe. E' a novidade triste que um desolado desconhecido vem trazer-me, nervoso e desalentado. Effectivamente, a carcassa do grande aerostato mal se ergue do chão poeirento. Uma larga tubagem de lona tenta em vão enchel-o. Não ha gaz. A Companhia não pode fornecer mais de 200 metros cubicos por hora. Seriam precisas dez horas para o aerostato poder acompanhar os outros dois. A noticia espalha-se rapidamente e causa tristeza. O «Vizcaya» muda de poiso. Os saloios, alijando os saccos d'areia, conduzem-no para uma das extremidades do Stadium. E'-lhe applicada a mangueira. Completam-lhe o enchimento. Vem a barquinha. Um forte cesto de verga, forrado d'um tecido ás riscas brancas e vermelhas, para proteger os aeronautas do frio e do vento. O hespanhol, falado á pressa, ginga-me nos ouvidos em saccudidelas vivas de vozes de commando.

Quatro e trinta. O «Vizcaya» tem já ligada a barquinha. Os saloios, n'este momento, não teem mãos a medir. De vez em quando, o aerostato, batido pelo vento, dá tamanhos bordos que quasi roça pelo chão o bojo amarello dourado. Lançam-lhe espias, que duas filas de trabalhadores seguram. Hermano Neves e o piloto Magdalena tomam logar na «nacelle». O publico não perde um unico detalhe do que se passa. Ao pé de mim, o homem do gaz pede-me que lhe ponha o nome cá na gazeta. Deferido. Chama-se elle João Macieira. Aqui vol-o apresento.

Quatro e quarenta. Principiaram as corridas de bicicletas. As silhuetas dos ciclistas curvam-se para a pista como lagartos collossaes, em fuga desordenada e afflictiva. A camisola azul e branca do sr. Soares é toda um poema de sentimentalismo piegas. Sempre é bom haver gente firme nas suas convicções. Se não fôsse assim, não haveria regimens consistentes, nem ciclistas piegas.

Grupos de curiosos, «sportsmen» a valer e a fingir, fazem prelecções sobre navegação aerea. Que deve ser coisa perigosa, dizem uns, que não passa, afinal, de vulgar divertimento, accrescentam outros. E' uma e outra coisa, decerto. Mas tambem ha n'estas coisas de voar, quando o homem se mette n'ellas, e deixa de ser o que é para se transformar em ave ligeira, dominadora dos espaços, como já o é das aguas revoltas, tanta coragem e tanto heroismo, que toda a nossa indifferença, acordando surprehendida, se transformou em admiração e sympathia. E o «Viscaya» continua a bambolear-se, como uma mancha de desespero, por sobre as cabeças que para elle se erguem deslumbradas. O publico agora protesta. Cahe um diluvio de vaias sobre um cyclista que tomou a deanteira aos outros e que é accusado de deslealdade. Coisas que o povo não perdôa...

Quatro e quarenta e cinco. O «Viscaya» fica quasi ao desamparo, na «pelouse», como uma laranja descommunal, prestes a rolar pela terra arida, impellida por um bando invencivel de athletas. A minha collega Virginia Quaresma está irritadissima. O que ella lhe diz, santo Deus! Os nervos desafinaram-se-lhe e aquella viagem aerea que não a deixaram realisar ficará sendo para ella, por toda a vida, um tormentoso pezadello. Bem certo é que não é a paciencia a maior virtude das senhoras.

Cinco e dez. Sereno, magestoso, sem um repelião violento, o «Viscaya» larga. A banda executa o hymno hespanhol. Toda a gente se descobre. A brisa de noroeste impelle o globo em direcção ás avenidas novas. Lá em cima, quasi não bole bafo de aragem. A flamula do Aero Club hespanhol cahe flacida ao longo do cordame da barquinha. Ha applausos, ahs! prolongados de admiração. A pouco e pouco, como um organismo consciente, o aerostato sóbe, sóbe sempre, lentamente, como quem segue, conscientemente, um caminho conhecido. O sr. José de Castro, presidente do ministerio, assiste, da tribuna central, á ascensão. O sr. Magdalena, para que o meu camarada Hermano não fique em terra, pratica uma loucura. O lastro que o acompanha não vae além de cinco saccos de areia. A ancora fica cá em baixo estatelada no chão.

—Boa viagem! Boa viagem!

Cinco e vinte. Ao longe, no horizonte todo azul, vogando n'um mar de seda, o «Viscaya» poisa como se, apertado entre duas correntes, ficasse imovel, a quinhentos metros d'altura, a espreitar o que se passa cá em baixo... A cidade nova, sob a sua mancha luzidia, deve parecer uma poalha vaga, pintalgando bizarramente os valles e as colinas. O aerostato manobra como se um leme docil o dominasse. E avança, e retrocede, e torna a avançar, para vir em seguida, novamente, até nós, como se a vontade do aeronauta fosse aterrar no ponto d'onde largou. A loucura das motos, batendo-se em velocidades doidas, faz esquecer o balão, suspenso na immensidade serena e firme. E o «Bayo»?

Seis e quarenta. Vae tambem subir o «Bayo». Mil metros cubicos. Os mesmos saloios, a mesma gente, Stadium á cunha. Enthusiasmo, alegria, animação. Ligam-se as espias da rede, chega-se a barquinha, o aerostato oscila como oscilava o «Viscaya». Com o sr. La Torre subirão o sr. Oldemiro Cesar e o sr. Sabbo, do Aero-Club. A meada de cordas desembrulha-se a pouco e pouco. E' um labyrintho que se desfaz. O vento, cá em baixo, sopra rijo. Os saccos d'areia arrastam-se pelo chão. Largo tempo de espectativa. O sr. José de Castro faz menção de se retirar. O «Viscaya», sobre as terras do Arieiro, batido pelo sol já á beira da agonia, parece uma lua cheia de agosto, apopletica, sanguinea, doente...

Seis horas. A ascensão do «Bayo» deve tardar ainda por mais d'um quarto d'hora. Entretanto o «Viscaya» descerá e terminará assim esta esplendida festa aeronautica, a mais emocionante de quantas se se teem realisado em Portugal.

Adelino Mendes

*

A's 19 e 15:—O segundo balão, o *Bayo*, não subiu por falta de força ascencional e por virtude da violencia do vento. O piloto que já estava na barquinha com o ajudante viu-se obrigado a abrir a fenda de salvação, esvasiando-se o balão rapidamente.

O publico invadiu o campo, não causando porém, estragos.

A's 19 horas, o *Viscaya* via-se ainda no espaço, seguindo em direcção a Torres Vedras, a grande altura.

CONTOS E CHRONICAS

"QUO VADIS,"

Lisboa despovôa-se. Começou o exodo da alfacinha que abandona a capital com rumo ás praias ou aos campos, fazendo escala forçada pelo intestino grosso do tunel do Rocio ou pela linha marginal que, partindo da estrumeira do Caes do Sodré tem o seu «terminus» no caneiro de Cascaes.

N'uma ancia enorme de conhecer outra poeira e outras moscas, o alfacinha encrava o seu orçamento privado e eil-o que aluga um jazigo de familia onde se arruma com a mulher, as filhas, o gramophone, a sogra e outros trastes de uso caseiro.

Escolhido o jazigo, faz-se a expedição do mobiliario e nada existe de mais desolador do que o aspecto d'essas carroças que atravessam a cidade fazendo tremelicar o desconjuntado recheio da casa das Soizas, Jas Pires, ou das Mesquitas. Que tristeza! Que pelintrice!

Sob a minha janella está parada uma carroça tirada por um mizero cavallo esqueletico, focil. O pobrezinho é todo armado em costellas, estylo professor primario — iria jurar-se de ha muito já que não tem noticias da mangedoura. O carroceiro discute com o seu irmão inferior e dirige-lhe uma interpellação que até parece que estamos a assistir a uma sessão em S. Bento. Em certa altura do discurso, o carroceiro toma o freio nos dentes, excede-se e profere phrases que attingem a honra da familia do cavallo: este responde com dois coices e fica com a palavra reservada para a sessão seguinte.

Na rua, cahidos da carroça, veem-se duas chapelleiras, um manequim de verga e uma banheira pequena. E' n'aquella banheira de semi-cupio, que toda a familia terá de tomar banho; quer esses banhos sejam dos chamados de semi-cupio quer sejam de cupio inteiro.

O resto da mobilia, em estylo Januario I, afina pela mesma bitola: Um venerando sophá, flacido, cheio de hernias no baixo ventre, serve de base á cabeceira de uma cama e encosta o espaldar contramoldado a um colchão envolto em remendado lençol, especie de guarda-pó preservativo contra os indiscretos olhares que facilmente descobririam que o Quim, apesar dos seus 12 annos feitos, usa dormir descuidado. Ainda dentro da carroça, veem-se umas 3 camas, um fogão esburacado, o gramophone, uma commoda de pau santo a imitar casquinha pintada e um caixote com os petrechos da cozinha, muito enfarruscados, a attestarem o desleixo da criada em collaboração com a dona da casa.

No cimo da desmantelada mobilia apparece-nos um estaleiro com um papagaio cinzento que, com extranha attenção, escuta curiosamente os palavrões do carroceiro, aprendendo assim, pelo systema Berlitz, algumas phrases curtas e de effeito seguro.

Ao vêr o recheio d'essa casa de campo, eu penso: Que razão, que motivo imperioso obrigará tantos Mesquitas a deixarem o seu 3.º andar modestamente aconchegado para se irem encafuar á beira de uma estrada empoeirada e suja? Para «mudarem de ar»? Não, «para se darem ares». E' assim que, á custa de mil sacrificios, essa gente compra o caro e estupido direito de dizer-nos com fingida naturalidade:

—Lisboa é simplesmente detestavel! Nós todos os annos vamos para fóra. Este anno estamos em Paço d'Arcos.

O que chamará o Mesquita: estar em Paço d'Arcos? Viver n'uma gaveta? Ser comido pélas moscas e mosquitos? Para quê? Para vêr se arranja casamento para alguma das filhas sortidas? E não se lembra o Mesquita de que a Marianinha, a Tana e a Didi são muito propensas á transpiração e que, ao fim de 15 dias de «cotillons» pulados, demandam muito maior calado d'agua do que a que comporta essa banheira!

Mesquita, porque não fazes como eu que expedi a familia para o Estoril, com porte pago, e me deixei ficar em Lisboa? Conheces acaso algum sitio onde melhor se passe o verão? Já viste alguma arvore que dê tanta sombra como um quarteirão da rua Augusta? Já experimentaste o fresco delicioso da rua do Arco do Bandeira, ahi pelas 2 horas da tarde, com o arsinho encanado pelo buraquinho do arco? Tu ignoras que o sol nunca entrou na rua do Arco do Bandeira?

Mesquita, confessa que fizeste grossa asneira em deixares a capital. Quando hoje, á noite, chegares á tua casa, pensas talvez que vaes estirar-te na tua caminha? Puro engano! Quando lá chegáres terás de armar as camas da Marianinha, da Tana, do Quim e da Didi; depois, extenuado, exhausto, cheio de mataduras, vaes dormir na tua cama, a unica que não pudeste armar porque os parafusos esqueceram em Lisboa. Vaes dormir no chão, tendo por meza de cabeceira um caixote de velas ou uma chapelleira tão arrombada como tu. Queres lêr o teu jornalsinho da noite? Onde é que o encontras? Vamos, Mesquita, confessa que fizeste uma tremenda asneira. Se não fôsse o respeito que deves a ti proprio e á tua familia, tu, n'esta hora amarga, desabafarias com um grande palavrão. Tu dirias talvez... O quê?? Quem foi que soltou essa exclamação incorrectissima?!! Tu não ouviste, Mesquita? Pois fica sabendo que foi o maldito do papagaio. Eu logo vi que o systema Berlitz, ministrado pelo carroceiro, havia de dar aquelle resultado. Aquella phrase é o commentario justo que tu não te atreves a proferir. Pois tu deixaste a tua casa, as tuas commodidades, para vires dormir no chão! Pois quem tem razão é o papagaio, amigo Mesquita!

V. Chagas Roquette

NATURISMO

A alface

95 agua
0,02 pro'eina
0,05 oleo
0,3 glicere
0,1 saes

A alface faz a melhor das saladas e para quem seja de Lisboa é um simbolo feliz. Talvez não haja no mundo mais tenras alfaces que as da capital. A alface é rica em ferro, magnesio calcio e potassio. E muito util aos convalescentes e pelo lactucario que possue tem propriedades somniferas. Salada de alface, cebola, tomate com azeito e limão e algumas ervilhas cruas, é uma refeição substancial, anti-septica, curativa e ao mesmo tempo depuradora. As alfaces devem ser muito bem lavadas e ripadas com as mãos. As alfaces mais tenras são as melhores e mais saborosas. Em Paris cultivam-se as alfaces em rodomas de vidro; são optimas tambem.

Quem quizer ter saude uso da alface.

Porto (Fonte da Moura)

Dr. Amilcar de Sousa

Onze filhos nas linhas de fogo

Beziers, 7 de julho

Está um ferido no hospital dos Franciscanos, chamado Caurton, de Calhary Marne, um dos doze filhos que seus paes deram á patria. O pae do ferido tem 68annos e a mãe 65; tem doze filhos e oito filhas vivos. Onze filhos estão na linha de fogo, cinco genros e um neto combatem na Alsacia e no Norte; dos onze filhos, seis estão feridos.

Nos dias de festa reunem á mesa 57 filhos e netos.

O que quer a Bulgaria

Roma, 7 de julho

O *Secolo* publica o extracto de uma entrevista com o sr. Malinoff, antigo presidente do conselho da Bulgaria, chefe da opposição democratica:

«Pessoalmente, considero a retirada russa na Galicia como um incidente secundario, sem outro effeito que não seja o de prolongar a guerra. Estou convencido de que por fim a *Quadruple entente* vencerá, e julgo que convém orientar a politica da Bulgaria de maneira a intervir ao lado dos alliados contra a Turquia.

Creio poder affirmar-lhe que a Bulgaria marchará com a *Entente*, se esta lhe conceder e garantir a realisação das suas aspirações nacionaes, que apenas consistem na execução do tratado servio-bulgaro de 1912, e na restituição dos territorios perdidos por occasião da segunda guerra balkanica».

SPORT

Federação Portugueza de Sports

Nos «courts» do Club Portuguez de «Lawn-tennis», em Santa Martha, realisa-se nos dias 15, 17, 18 e 20, a prova de «lawn-tennis» d'estes jogos.

Na séde da Federação effectuou-se hontem a reunião conjuncta da commissão organisadora dos jogos com os delegados dos clubs inscriptos na prova de «lawn-tennis», sendo eleita a respectiva secção sportiva que ficou composta dos srs. Carlos Villar, Armando d'Aguiar e João Sassetti, a qual reunirá amanhã, ás 21,30, a fim de estabelecer os encontros e respectivas horas, em que estes se devem realisar e de escolher o juiz arbitro.

Gimnasio Club Portuguez

Teem estado bastante concorridos os treinos de «water-polo», de manhã, em Pedrouços. Já estão á venda na séde do club os emblemas para os nadadores e «équipes» de «water-polo», sendo o primeiro desafio para o campeonato organisado pelo Club Naval, no dia 17 do corrente entre o Gimnasio e o Grupo de Algés e Dafundo.

A pedido dos socios frequentadores da sala d'armas a direcção mantem durante o verão a classe de esgrima dirigida por Antonio Martins. Na quinta-feira passada a sessão esteve muito animada, tendo feito varios assaltos os srs. Gomes, C. Fernandes, Cardoso, V. Rodrigues, Rijo, Pompinuyon, Simões, Fonseca e Castanheira.

Sport Club Progresso

Continuam os trabalhos de organisação do «Grande Premio de Julho» e da formação de um «team» de «foot-ball», e campo proprio. Ficaram apurados para a «équipe» ciclista representativa do club na actual epocha os srs. Alberto Luiz, José Salles e João Ferreira.

Club Naval de Lisboa

A disputa da taça Heredia tem logar no dia 18, em frente d'Algés, n'uma pista em quadrilatero, que representa um percurso de 4 kilometros, sendo a corrida de 5 voltas, ou seja 20 kilometros, que os concorrentes teem de percorrer n'um tempo maximo de 2 e meia horas. A prova, cujo regulamento foi feito pela secção de motor e approvado pela commissão de regatas do Club Naval, é feita por um sistema especial, podendo dizer-se desde já que não entra como factor para a victoria, só a velocidade, mas tambem a regularidade de motor, gasto de gazolina, etc., o que dá probabilidades de vencer a todos os barcos por menos andamento que tenham.

O jury é composto pelo vice-comodoro do Club Naval, sr. Duarte Holbeche, D. Francisco Heredia e Carlos Carvalho.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Marido com sorte.
POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.
EDEN — A' 20 1|2 e 22 1|2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Ra tirana — Revista.

Ao correr da penna

Continuando na analise da revista de 1858 de que aqui temos falado, dir lhes-hei, meus amados irmãos, que o primeiro quadro do primeiro acto—já lhes descrevi o prologo—abre com um côro de trabalhadores das obras do Estado empregados na decoração das ruas por occasião dos festejos com que Lisboa se prepara a receber a provincia. Já então os operarios d'essas obras não faziam senão «cera» e os varredores cruzavam os braços á espera que os vestidos de cauda comprida limpassem as ruas. A seguir veem dois provincianos com muito medo de serem burlados pelos vigaristas da epocha, e Lisboa, a commére, *faz a sua entrada seguida do seu factotum, ao passo que entra a Provincia acompanhada do compadre que é—como já se disse—o cometa de 1858. Já então a Provincia se queixava amargamente de que Lisboa a desprezava, entretida com a politica, e já então os Noticiaristas—chamavam-se assim os jornalistas de agora—levavam a vida a inventar carapetões. O Cometa canta uns* couplets *sobre a chronica, indispensavel em qualquer jornal e os auctores rendem homenagem ao* Diario de Noticias. *Entra seguidamente um grupo de vivandeiras dos regimentos da provincia, queixosas de terem sido alvo da troça das gazetas, e o Commercio de Angola expõe as suas razões contra a abolição da escravatura. Um negro liberto, exprime na musica d'um lundum a sua alegria e pouco depois a proposito das ornamentações publicas serem todas em papelão, o compadre recita uma* nota parola *sobre a abundancia dos papelões—ou seja no calão da epocha os paspalhões—na sociedade alfacinha.*

Um dos couplets *é o seguinte:*

O guerreiro que ás balas se esquiva
Mas prompto é p'ra qualquer procissão
E ás paradas coberto vae d'habitos
Com certeza é tambem papelão.

Como se vê d'este principio de quadro, facil seria aproveitarmos hoje todas as ideias criticas n'elle contidas. De resto, veremos, pela peça fóra, que Lisboa mudou talvez de aspecto. O fundo é absolutamente o mesmo.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Por communicações telegraphicas e telephonicas recebidas esta madrugada, sabe-se que a estreia da companhia do Gimnasio no Aguia d'Ouro do Porto constituiu um exito pouco vulgar na capital do Norte. A comedia *A visinha do lado*, representada perante uma sala a transbordar, agradou extraordinariamente, sendo os artistas ovacionados em todos os finaes de actos e tendo havido no final da peça sete chamadas.

A actriz Maria Falcão deve chegar brevemente a Lisboa para fazer parte da companhia do Politeama. A distincta artista, que ha annos não trabalha em Lisboa, estreiar-se-ha na comedia de Francis de Crosset *Le bonheur, mesdames*...

Dissemos ha dias que a peça de Pereira Coelho, Gustavo Sequeira e Xavier Marques *As portas do sol* seria representada no theatro Politeama. E' no theatro Apollo que essa peça subirá á scena.

Circos & Music-halls

Estreiou-se hontem, no Coliseu dos Recreios, uma bella troupe de variedades composta de elementos de explendido valor, como Mariucha, a celebre e *formosa* bailarina, o festejado transformista Silva Carvalho e os notaveis caracteristicos *Los Alpinos*. Mas o *clou* da noite foi a estreia do celebre artista portuguez Julio Villar, comediante parodista que agradou á numerosa assistencia, nas cançonetas que cantou com vivacidade e chiste comico. No animatographo exhibiu-se um lindissimo programma. No espectaculo de hoje, 2.ª apresentação de Julio Villar, Silva Carvalho, Mariucha e *Los Alpinos*, e novos programmas animatographicos. Amanhã espectaculo da moda dedicado á sociedade elegante, com programmas completamente novos.

—O *film* que no elegante cinema Olympia se estreia amanhã, com o titulo algo myterioso de *Trez de copas*, é no seu genero o mais notavel que se tem visto em Lisboa. Aproveitando uma acção dramatica intensa e bem conduzida, o auctor imaginou uma serie de episodios emocionantes, de scenas interessantissimas, de situações extraordinarias e imprevistas, ainda que verosimeis, em que as personagens a cada passo se encontram em eminente risco, conservando presa até final a attenção do espectador. Junte-se a isto um desempenho correctissimo, uma execução photographica primorosa, a belleza natural dos logares onde se desenrola parte da acção, e teremos a justificação do successo obtido em toda a parte pelo *Trez de copas*, successo que, estamos certos, se confirmará amanhã no Olympia. A primeira sessão começa ás 20 horas precisas.

—O agente artistico Branga realisa amanhã a sua festa artistica no theatro Salão dos Anjos, apresentando-se sete numeros de variedades.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.
SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate.
Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 9.—Deu entrada no hospital da Universidade, com o pé direito decepado e muitas contusões pelo corpo, Manuel Lourenço da Costa, trabalhador natural de Portalegre, colhido pelo comboio n'um apeadeiro proximo a Cantanhede, quando corria pela linha a fim de salvar duas mulheres que estavam em risco de serem esmagadas pelo comboio. Foi victima da sua dedicação.

—Esteve n'esta cidade, acompanhado pelo seu secretario, o sr. dr. Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil, que visitou os melhores monumentos, dando um passeio em carro pelos arrabaldes da cidade, que achou encantadores.

—Reuniu o Senado Universitario para a eleição do novo reitor, logar vago pela exoneração do sr. Guilherme Moreira. Foi eleito o professor da Faculdade de Direito, sr. dr. Marnoco e Sousa.

—Está a concurso o logar de mestre de ferradores da Escola Nacional de Agricultura, dando-se na secretaria da mesma escola, os esclarecimentos de que careçam os concorrentes.

—Vae reapparecer brevemente o jornal *A Democracia*, que foi orgão n'esta cidade do Partido Republicano Portuguez.

alliadas que estavam em movimento para o norte do Lys. Estas forças comprehendiam duas divisões de infantaria territorial do general Bidon (a 87.ª e a 89.ª), quatro divisões de cavallaria do general De Mitry, o corpo de cavallaria inglez e o 3.º corpo tambem inglez.

Assim, duas extensas linhas de homens inimigos estavam avançando uma contra outra, cada uma d'ellas esforçando-se por dominar a ala avançada do adversario.

Uma rapida narrativa do que se passára antes de 16 d'outubro é necessaria para tornar bem comprehensivel a situação.

A 20 *de setembro* o generalissimo Joffre iniciára o seu movimento envolvente entre o Canal Inglez e o Scheldt contra as communicações allemãs. O inimigo, depois de investir Antuerpia, concentrára-se por um contra movimento sobre Lille e Ypres, ameaçando assim Dunkerke, Calais e Bourgogne. Para fazer frente á offensiva allemã, lord Kitchner havia mandado forças de marinha sob o commando do general Paris e a 3.ª divisão de cavallaria e a 7.ª de infantaria sob o commando de sir Henry Rawlinson, para Ostende e Zeebrugge.

Antuerpia tinha sido tomada no dia 9 d'outubro, mas, antes, o grosso do exercito belga havia retirado e desde esse momento sir Rawlinson e o contra-almirante Ronarc'h podiam cobrir a ulterior retirada d'essas tropas para uma posição nas margens do canalisado Yser entre Dixmude e o mar em Nieuport-Bains.

Ghent, Bruges, Ostende foram sendo perdidas successivamente e a costa belga desde Ostende até á fronteira hollandeza cahiu nas mãos do inimigo. Já a 15 d'outubro a guarda avançada do 3.º corpo allemão estava em movimento por Ostende sobre Nieuport e Dixmude.

N'este meio tempo, na noite de 11 para 12, Ghent fôra evacuada por parte da 7.ª divisão (sob o commando de Capper) e pelos marinheiros de Ronarc'h. Estes abriam a marcha. Para animarem os seus homens, os officiaes deixaram os automoveis e marcharam a pé. Ao romper do dia chegaram a Aeltre, onde pararam para tomar uma refeição. A's 4 horas da tarde a columna chegava a Thielt, onde as tropas de Capper entravam duas horas depois. Atraz d'ella vinham uns 50 mil allemães, mas a noite passára sem o inimigo perturbar os francezes ou os inglezes. O maire d'uma aldeia havia, á custa da vida, lançado o inimigo n'uma falsa pista. Na manhã seguinte—dia 13—um «Taube», cujo observador se tentava orientar ácerca da posição da columna, foi abatido pelos inglezes. A's 3 horas da tarde os marinheiros chegavam a Thourot.

A 7.ª divisão, que tinha sido precedida um dia pela divisão de cavallaria de Byng, avançou sobre Roulers, estando, na tarde de 16, disposta desde Passchendaele, por Niewemolen, até Zonnebeke. D'aqui a Gheluvelt e d'esta ultima localidade a Zandvoorde estendia-se a divisão de infantaria de Capper, por detraz da qual ficavam os bosques a leste de Ypres.

A idéa do rei Alberto era travar uma lucta demorada sobre uma fronte que coincidisse com a linha Menin-Roulers-Thourot - Ghistelles, emquanto as munições e bagagens belgas estavam retirando de Ostende e Bruges. A aldeia de Ghistelles fica na estrada principal de Bruges a Nieuport e na linha do caminho de ferro de Thourot a Ostende. Para esse fim, a marinha de Ronarc'h occuparia uma posição atraz de Thourot, ficando no bosque de Wijnendaale ao norte e a estação de Cortemarck ao sul. Em Cortemarck cruzam os caminhos de ferro de Dunkerke e Ypres.

Ensopados pelo nevoeiro e pela chuva incessante e perseguidos por grandes massas de allemães, os marinheiros francezes sahiram de Thourot no dia 14 para occuparem o seu logar na linha de batalha, mas á meia noite o almirante Ronarc'h recebeu ordem para continuar a retirada para a região de Dixmude. De Menin a Ghisteles ha uma distan-

nham sido aconselhadas pelo kaiser a imitarem os hunos de Attila.

A estrategia adoptada pelo kaiser e por Falkenhayn havia sido justa e severamente criticada. Pensaram simultaneamente em Varsovia e Calais e entenderam que em nenhum dos theatros da guerra eram assaz fortes para alcançar o desejado successo. Implacavelmente, mas em vão, sacrificaram tropas de todas as armas e de todas as edades, incluindo grande numero de velhos e de rapazes que se haviam offerecido voluntariamente no principio da guerra. Se a empreza tivesse sido coroada de exito, seria mais de resultados politicos do que militares.

Era necessario apoziguar a impaciencia do imperador, mas tambem não era menos necessario entreter o povo allemão com a promessa de resultados brilhantes.

Os preparativos para assegurar o successo no principio da guerra, para impressionar o mundo com o poderio da Allemanha, haviam sido enormes e feitos sem olhar a despezas. Embora a tactica da infantaria allemã fosse antiquada, a machina militar allemã era, no conjuncto, a mais perfeita até hoje construida. O exercito tinha sido provido de tudo quanto era necessario, desde o mais insignificante pormenor do equipamento até aos gigantescos canhões destinados a baterem as fortificações permanentes da Belgica e da França.

Os paizes onde se ia dar a invasão haviam sido estudados com o maior cuidado. Estavam cheios de espiões e traidores d'ambos os sexos, de todas as classes da sociedade. Innumeraveis installações de telegraphia sem fios e telephonicas no tempo de paz haviam sido escondidas no solo estrangeiro para pôr os allemães ao facto dos movimentos dos seus inimigos. Soldados mesmo haviam sido exercitados em servir-se das azas dos moinhos para darem informações. Os innumeraveis disfarces—uniformes inglezes, belgas, francezes e russos, fatos de mulheres, sotainas de padres—com que os soldados allemães muitas vezes se apresentam durante a guerra, mostram quão pormenorizadamente a obra tinha sido feita.

Quaes eram os pensamentos e as sensações, em outubro de 1914, de aquelles que haviam provocado a guerra? Tinham envenenado o povo allemão e o enthusiasmo d'este, se não era irresistivel, era tremendo. Os tratados em que o governo prussiano interviera haviam sido desrespeitados. A lei internacional desrespeitada era. Os horrores das antigas revoluções tinham sido renovados pelos exercitos do soberano que em agosto se declarára guarda da lei europeia e da ordem. «Quando sahimos da Belgica—escreveu um official saxão no seu diario, a 26 de agosto—deixámos todas as aldeias em chammas. E' como na guerra dos Trinta Annos,—accrescentou elle—matança e fogo por toda a parte.»

Major-general Robb

Um aviador que voou sobre as linhas allemãs em Charleroi durante o mez d'agosto disse que os allemães «cobriam as planicies como um mar movediço». Esse mar de seres humanos—matando, incendiando, roubando—tinha-se espraiado em direcção

a Paris. «As medidas que podem ser tomadas por um Estado contra outro a fim de alcançar o objectivo da guerra, para obrigar um dos adversarios a submetter-se á vontade do outro, podem resumir-se nas duas idéas de Violencia e Astucia».

Assim instruia o estado maior general allemão os seus soldados.

Os olhos do kaiser começavam agora a avaliar as proporções reaes da tarefa a que tinha mettido hombros. A despeito do barbaro exemplo dado em Louvain, os belgas continuavam a sua heroica resistencia. Os inglezes haviam feito o maior mal possivel ás massas de Kluck. Os exercitos francezes, inspirados pelo frio e resoluto Joffre, não se davam por batidos. Verdun não fôra tomada e os allemães, á vista do kaiser, não haviam conseguido penetrar atravez da abertura de Nancy. O desesperado esforço para romper o centro francez por detraz do Marne tinha sido repellido por Foch; o ataque de Manoury ás communicações de Kluck forçára os invasores a retirarem para aquem do Aisne. Haviam reforçado as suas linhas e bombardeado a cathedral de Reims.

No entretanto, a Prussia Oriental tinha sido invadida pela Russia e apesar de von Hindenburg na região dos lagos Masurios lhes ter infligido uma seria derrota, nenhum outro successo havia sido por elle ou pelos seus collegas austriacos alcançado no theatro oriental da guerra.

Muito pelo contrario. Os russos, em combate apoz combate, haviam esmagado os austriacos, dominado a Galicia, tomado Lemberg e cercado Przemysl, approximando-se de Cracovia. As suas guardas avançadas estavam nos Carpathos. Se os atravessassem invadiriam a Hungria; se, mascarando Cracovia, entrassem na Silesia, estariam no meio de uma das duas mais importantes regiões industriaes da Allemanha.

Nem mesmo da fronteira servia tinham vindo boas noticias. Os montanhezes haviam repellido a expedição austriaca que ia castigal-os—segundo se disse—infligindo-lhes serias perdas. A Turquia não se resolvera ainda a tomar o partido da Dupla Alliança e dia a dia o sentimento anti-allemão augmentava na Italia e na Rumania.

No mar, os allemães não tinham obtido melhor resultado. A sua soberba frota commercial estava refugiada nos portos neutraes, afundada ou aprisionada. O «Emden» e outros, poucos, cruzadores andavam ainda no mar alto, mas a maioria dos navios de guerra estava no canal de Kiel ou a coberto das fortalezas da costa. Nem sequer haviam obtido o dominio do Baltico! Os navios inglezes e francezes dominavam o oceano allemão, o Canal e o Mediterraneo. Como consequencia de tal estado de coisas, os negocios da Allemanha e da Austria-Hungria começaram a soffrer, paralysando pouco a pouco. O algodão, base de todos os explosivos modernos, e o cobre, tão necessario para o fabrico de granadas, iam rareando dia a dia.

No ultramar, as colonias allemãs iam cahindo, uma a uma, em poder dos alliados. Os japonezes tinham cercado Tsing-Tau e a sua tomada não podia demorar. Os Estados Unidos tinham-se irritado com as atrocidades commettidas na Belgica e o velho amigo do kaiser, o ex-presidente Roosevelt, denunciara os seus auctores em linguagem sem peias. A India, leal desde o cabo Comorim até Peshawur, estava mandando tropas para o theatro da guerra e os seus principes punham as suas pessoas e as suas riquezas á disposição do imperio.

O Egypto preparava-se para resistir a qualquer invasão, o kediva Abbas refugiava-se em Constantinopla, ficando seu tio no seu logar, independente e não se reconhecendo feudatario do califa. O Canadá, a Australia e a Nova Zelandia estavam enviando a sua mocidade para a fronte. Em poucos mezes, exercito apoz exercito poderia atravessar o Canal para se juntar ás forças de sir John French, do general Joffre e do rei Alberto.

O Luxemburgo, nove decimas partes da Belgica, com Liège, Bruxellas, Antuerpia e Ostende, e uma consid-

ravel porção da França estavam, é facto, em poder dos allemães, mas isso não tinha a importancia que elles lhe quizeram attribuir e que á primeira vista se affigurava.

O moderno Moltke, animado pelo espirito de seu tio, entendia que o principal esforço dos allemães devia ser dirigido contra Verdun; as exigencias politicas pediam alguma coisa mais espectaculosa. Ao mesmo tempo que Hindenburg se apoderasse de Varsovia, o kaiser queria pessoalmente limpar a Belgica dos alliados, annexal-a, tomar Calais e d'ahi avançar sobre a Inglaterra e sobre Paris ao mesmo tempo.

Em conformidade com esses planos, desde o começo de outubro, corpo atraz de corpo tinha sido trazido para o espaço entre o Lys e o mar, até se reunirem quinze, agrupados em dois exercitos, e com elles quatro corpos de cavallaria. O exercito mais proximo da costa estava sob o commando do duque de Wurtemberg, o outro era commandado pelo principe herdeiro da Baviera. O todo formava uma força egual, se não maior que as hostes com que Napoleão atravessára o Niemen para invadir a Russia em 1812.

Taes eram as condições quando as batalhas do Yser e de Ypres começaram.

Para estimular o enthusiasmo e o patriotismo do povo allemão, os mais extravagantes boatos eram postos em circulação pelo governo imperial. Por exemplo, dias antes fôra publicado n'um jornal de Hamburgo um «telegramma de Stockholmo», em que se dizia:

«Na semana passada enormes frotas de transportes formavam quasi que uma ponte ininterrupta sobre o Canal entre Ramsgate, Dover e Folkestone, na costa ingleza, e Dunkerke, Calais e Boulogne na costa franceza. A imprensa ingleza declara que é para a Gran-Bretanha uma lucta de vida ou morte».

Mas, extravagantes como parecem ter sido as idéas dos allemães sobre o valor para a Allemanha da linha da costa desde Ostende até ao Sena, pode admittir-se que, se as suas tropas tivessem podido apoderar-se de Dunkerke, Calais, Boulogne, Etaples, foz do Somme, Diepe e Havre, as probabilidades de exito para o projecto do dominio do mundo teriam recebido um vigoroso impulso. As principaes bases navaes da armada britannica estavam ao alcance de Calais e Boulogne, e uma vez tomados estes portos e fazendo d'elles bases para os submarinos e aviadores allemães, ficariam em perigo as principaes communicações das armadas que guardavam a costa leste da Inglaterra e a Escocia.

Harwich, Chatham, Dover e Portsmouth teriam com certeza sido bombardeadas pelos aviadores e a população de Londres receberia frequentes visitas dos «taubes» e dos zeppelins, porque a distancia entre Calais e a capital da Inglaterra é pouco mais de cento e sessenta kilometros—duas horas de jornada—. Havia mais possibilidades dos aviadores allemães, partindo de Calais ou de Boulogne, causarem serias avarias em Londres. «Raids» maritimos ás costas de Essex, Kent e Sussex seriam ordenados pelos homens a quem pouco importa a vida das suas tropas, para espalharem o terror na Inglaterra.

Se, além d'isso, os allemães obtivessem successos como em agosto e abrissem caminho para Amiens, as communicações das tropas inglezas que estavam em França teriam de obliquar para St. Nazaire, na foz do Loire. O exercito de Maud'huy, se isso se desse, teria de evacuar Arras e juntar-se ao de Castelnau na planicie entre o Somme e o Oise. O prestigio das armas allemãs, maltratado na batalha do Marne e não exalçado pelas do Aisne, Roye-Péronne e Arras, rehabilitar-se-hia.

As forças enviadas pelo kaiser em seguimento do exercito belga, do corpo de Rawlinson e das forças de marinha do contra-almirante Ronarc'h, que retiravam de Antuerpia e Ghent para a fronteira franco-belga, tinham forçosamente de se encontrar com ellas e as outras tropas

EDITAL

Vasco Guedes de Vasconcellos, Administrador do 2.º Bairro de Lisboa.

Faz saber que tendo a firma Silva & Neves requerido alvará de licença n'esta administração para ter em deposito no seu estabelecimento de Drogaria na Rua da Prata, n.º 229 e 231 e Rua dos Correeiros, 160 e 168, parochia de S. Nicolau d'este bairro, liquidos alcoolicos e inflammaveis, gazolina em quantidades superiores a 200 kilos e carbureto em quantidade superior a 50 kilos, e estando os depositos d'estas substancias incluidos nas quantidades designadas acima, respectivamente pelos decretos de 1903 e 23 de abril de 1908 na 1.ª classe da tabella annexa ao decreto de 21 de outubro de 1863 com a indicação de inconveniente de risco de incendio; são por este meio convidadas as auctoridades publicas, os chefes ou gerentes de qualquer estabelecimento, e todas as pessoas interessadas a expôr no praso de trinta dias, e por escripto n'esta secretaria os motivos de opposição que tenham de fazer á concessão da licença requerida; pelo que se publicam este, e outros eguaes, nos logares do costume.

Lisboa e Administração do 2.º Bairro, 10 de julho de 1915.

Eu, Manuel Dias Ferreira, secretario, o subscrevi.

Vasco Guedes de Vasconcellos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1772 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 12 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Depois da guerra

Tendo triumphado dos allemães da Damaralandia, a União Sul Africana offereceu ao governo inglez um contingente de tropas para combater junto dos alliados, nos campos de batalha da Europa. O governo inglez acceitou.

Eis um facto que convem accentuar, porque elle representa uma indicação cuja importancia não é licito desconhecer: Não serão muito numerosas as forças que a União vae juntar aos exercitos da Europa. Mas o governo inglez apressou-se a acceital-as, e sejam 30.000 homens, 20.000 ou 10.000, considera-as como um elemento apreciavel de reforço. Essa acceitação pressurosa contradiz singularmente a opinião dos que julgam que os alliados só concedem importancia ao concurso de milhões de homens. A guerra chegou a um ponto em que cada homem como cada granada tem já um valor muito attendivel, de tal fórma ella tem sido mortifera e de tal fórma tem consumido as munições de campanha.

A «Capital» defendeu sempre a participação de Portugal na guerra. Sob diversissimos aspectos aqui demonstrámos que esse era o nosso dever e n'isso estava o nosso interesse. Evidentemente todas as attitudes perante a guerra impõem as respectivas responsabilidades. Não fugimos ás nossas. N'este jornal temos acompanhado as differentes modalidades do conflicto internacional, e quando elle terminar estaremos habilitados a constatar o que se fez e o que se deveria ter feito.

Porventura não entraremos na guerra, mas, concluida ella, a ninguem restará duvida sobre a melhor politica aconselhada. Vencerá a Allemanha? E' hypothese pouco provavel, mas a dar-se não nos illudimos sobre a situação que será creada a Portugal. Não dissimulamos a nossos proprios olhos os riscos que essa victoria nos fará correr. Mas vencendo os alliados, nem por isso nos podemos considerar isentos de perigos e difficuldades, precisamente porque a nossa attitude nunca se definiu d'uma fórma bem clara, desassombrada e terminante perante o conflicto em que se jogou a sorte de tantas nações.

A União Sul Africana, tendo repellido os allemães de territorios circumvisinhos dos nossos, augmenta ainda o valor dos seus serviços, offerecendo á Inglaterra um contingente para a guerra europeia. A sua situação, n'esses pontos da Africa, tornar-se-ha dominante. Até que ponto poderá ella influir nos nossos destinos? Até que ponto affectará os nossos interesses?

Terminada uma rude campanha, a União não descançou um instante no concurso que presta aos inglezes. Immediatamente lhe offereceu um contingente para a guerra, ou seja aquillo mesmo com que Portugal esteve a ponto de contribuir para a causa dos alliados, e que até agora lhe não remetteu, apesar de solemnes declarações em tal sentido feitas.

Haverá no fim da guerra responsabilidades a descriminar? Que todos assumam as suas, e ver-se-ha quem melhor pensou em servir o seu paiz, em servir a Republica e em servir a humanidade. Ver-se-ha quem melhor pensou em valorisar a nossa situação internacional, em effectivar sacrificios cuja compensação seria o prestigio patrio e a segurança de todos os direitos de Portugal.

A phrase do sr. Deschanel, affirmando que, no fim da guerra, caso a victoria coubesse aos alliados, todos os outros paizes seriam tratados conforme a parte que houvessem dado para a realisação d'essa victoria, não deve nunca apagar-se da nossa memoria, porque ella illumina o futuro das nações.

O anniversario d'"A Capital"

A guarnição do cruzador *Vasco da Gama* teve a gentileza de nos enviar as suas congratulações pelo anniversario do nosso jornal, fazendo ao mesmo tempo votos porque elle tenha um prospero futuro.

Aos bravos marinheiros os nossos mais cordeaes agradecimentos.

Poeira da Arcada

A memoria dos homens é prompta no esquecer. Se a ingratidão a ajuda, então torna-se promptissima. Em poucos dias, cae no olvido o nome mais acclamado. Santos Luz que um furacão de desgraça atirou para a morte, ainda antes da sua hora derradeira, já era um esquecido. O silencio sorveu-o instantaneamente. Elle que fôra um poeta sempre inclinado sobre a sua dôr, que reflectia a dôr anonima dos humildes, sumiu-se como um desconhecido, um vago deambulante desafortunado. O seu nome exigia um momento de attenção piedosa, um carinho de saudade sobre o seu coval. Que ao menos os seus raros amigos salvem a sua memoria, relembrando esse homem sobre o qual pesou sempre um mau fado que lhe ensombrou a sua alma, sempre em borrascas e tormentas.

* *

Perante a guerra europeia, os escriptores e artistas portuguezes teem-se mantido n'um mutismo quasi absoluto. A neutralidade e o sentimento da nossa raça fingem ignorar que a civilisação latina atravessa a sua crise mais perigosa. João de Barros, n'um brilhantissimo artigo publicado no Mundo, *de sabbado passado, protesta contra o facto e pede a fundação da Liga pelos Alliados. Serão escutadas as suas palavras? Esperamos que não se percam na confusão em que as turbas se remexam para escaparem ao tormento de não terem uma ideia ou aspiração que as anime com fogo de altos desejos.*

* *

Morreram já na guerra perto de mil estudantes de direito, da Faculdade de Paris.

Quasi todos rapazes de vinte a vinte e dois annos, offereceram á patria a sua mocidade e, offerecendo-a, encurtaram bastantemente os seus dias, de maneira a poderem vencer n'um relampago a distancia que os separava da immortalidade.

A França representa uma tão viva labareda de espirito que os seus filhos arrojados e heroicos, quando a morte os colhe, ainda crescem em fulgor.

Aviação militar

Novos offerecimentos de voluntarios

Para frequentarem a escola de aviação offerecem-se os srs.: Domingos Alberto, soldado licenceado n.º 123 da 6.ª companhia de infantaria 2, classificado de atirador especial e morador no Alto da Boa Vista, Calhariz de Bemfica, 46; João Ferreira da Silva Lemos, empregado no commercio e licenceado do exercito, rua Filinto Elysio, 9, 2.º D.; Duarte Victorino de Carvalho Rodrigues, 1.º sargento conductor de machinas, embarcado na canhoneira *Zaire*; Alvaro Pedro Gomes, morador na *villa* Olimpia, Sacavem; Wenceslau Florindo da Costa, antigo soldado de infantaria 16, rua do Norte, 117, 2.º, D.

Como se vê, augmenta dia a dia o numero dos que pretendem frequentar a escola de aviação. Resta agora saber quando é que as estações officias se dispõem a tornar em realidade o que por ora não passa d'um desejo.

Trinta kilometros de balão

Sobre Lisboa e sobre o Tejo a mil metros de altitude

O que Hermano Neves viu da barquinha do «Viscaya» — A ascensão e a descida do aerostato

Estou vivo. Milagre? Sorte? Sei apenas que estou vivo e são. Um pouco pisado, um tanto sacudido, mas apalpando-me todo não encontro uma arranhadura sequer. Adivinho muitos leitores sorrindo ao lerem este exordio: pois quê? Uma coisa banalissima, subir em balão! Uma coisa que tanta gente tem feito sem o menor espanto...

De accordo. Muita gente tem subido em balão, mas creio que muito poucos teem descido em Alcochete.

D. Eduardo Magdalena e Hermano Neves

A minha surpreza provém, não de ter escapado dos ares, mas de ter regressado incolume da terra. E revendo agora pausadamente, de camaradagem com o meu cigarro, as impressões de hontem, começo a acreditar que ainda com o sol alto no horisonte, á hora nervosa da partida, já no ceu brilhava uma estrella singular que nos guiou e protegeu, especialmente depois de pisarmos de novo o solo do planeta.

Brilhava, certamente. Nós não a vimos, nem admira. D. Eduardo Magdalena, atarefado com a «pesagem» do balão, eu ancioso e absorto... Confusamente, mãos amigas estendiam-se-me de fóra, a barquinha oscillava com um pendulo doido, o vento refrescára. Fóra, dirigiam a «largada» D. Salvador de Pruneda e D. Ricardo Ferry, com a «maestria» da sua longa pratica e do seu vasto saber. O «Viscaya» fazia-me lembrar a celebre rã saltadora de Edgard Põe; dir-se-hia que o largo bojo amarello estava cheio, não de gaz, mas de chumbo de caça.

—Fóra mais um sacco de lastro!

Alijamos um sacco, dois, trez, sete. O aerostato não sobe. Um dos membros do Aero-Club communica-me:

—Tem paciencia! E' preciso ficares em terra...

Resigno-me. Magdalena, porém, está visivelmente contrariado, quer-me levar a todo o custo. Passa-me para as mãos um sacco de areia, pede-me que o despeje no momento opportuno. Agora, o balão manifesta um pouco de força ascencional. Ouço bradar:

—E' ficticia! E' ficticia!

—Quantos saccos de areia leva?—pergunta Pruneda.

—Cinco e meio!

E' pouquissimo. Nunca ninguem partiu com tão pouco lastro. E' o mesmo que iniciar uma viagem á volta do mundo com meia duzia de vintens na algibeira. Mas Magdalena insiste, e de subito vejo o solo afastar-se vertiginosamente de nós. Abranjo, n'um relance, o Stadium em peso, coalhado de gente, e—curioso e paradoxal phenomeno!—a ultima pessoa que distingo com nitidez é a mais minuscula de todas: o meu pequenito Mario, de pé sobre a bancada da tribuna, com a sua blusa maruja vermelha como uma papoula, agitando o lencinho branco sobre o mar de cabeças...

Subimos, quasi na vertical, sobre o Campo Grande. Já o lago, com as canôas, o relvado marginal e o arvoredo em torno, evoca no meu espirito a visão d'esses jardins em miniatura que os japonezes fazem medrar sob uma «vitrine» de salão. O vento impelle-nos docemente para o sul. O aerostato parece equilibrar-se a 800 metros: dir-se-hia que parou nos ares. A minha sensação? A de um silencio absoluto, a de uma absoluta immobilidade. Lá abaixo, Lisboa: as casas muito brancas, os telhados muito vermelhos; tudo muito pequenino, como os famosos brinquedos de Nuremberg; os alinhamentos das ruas e avenidas, nitidos como uma planta topographica; os macissos de verdura aqui e além, lembrando velhas manchas de musgo, o Tejo, com barquitos de creança e velas dispersas vogando na superficie lisa como um vidro...

Quasi na vertical do ponto em que a calma nos immobilisou fica a praça de touros. E' uma insignificante «cuvette», negra de povo, com os seus quatro torreões ostentando bandeiras, e a arena clara... Espera! Movem-se no meio d'ella como que formigas. Affirmamo-nos mais... Lá está: o touro corre atraz de um cavallo branco, os capinhas saltam para a praça, a musica toca qualquer coisa, muito longinqua e muito vaga. Mas o aerostato segue outra vez, docemente, docemente, deslisando atravez da atmosphera luminosa que nos envolve, e começa de novo a subir, e o horizonte a alargar cada vez mais, e o mar a dilatar-se... E' admiravel. Vê-se o oceano para lá da Serra de Cintra, que emerge do poente como um paiz de sonho, como o scenario de uma peça phantastica; vê-se muito para além da barra, vê-se todo o contorno da peninsula de Setubal, e sobre a Arrabida, e a costa, ao sul da foz do Sado, a perder-se na esfumaçada neblina do horisonte. E' uma carta geographica essa maravilha sobre a qual me debruço, absorto, no meio do silencio. De subito, um sopro que passa, rapido, quasi instantaneo. D. Eduardo Magdalena pergunta-me:

—Sentiu?

—Senti. Pareceu-me vento, respondi admirado. Suppuz que nunca se sentia vento, em balão.

—Quer dizer que mudámos de corrente. Entrámos n'outra camada atmospherica.

Com effeito, minutos depois, reconhecemos que o aerostato se move em sentido contrario. Approximamo-nos novamente do Stadium. Uma nuvem passa em frente do sol, e o meu companheiro, como um avaro que tem de separar-se do seu thesouro, prepara-se para sacrificar algumas colheres de areia. Explica-me:

—Essa nuvem, occultando o sol, é o bastante para nos obrigar a descer. Ha um ligeiro abaixamento de temperatura, o gaz condensa-se dentro do envolucro... Temos que sacrificar algum lastro, conclue, com ar penalisado.

Descemos com effeito. Em parte, a areia cahe dentro da barquinha, signal caracteristico das descidas bruscas. A's 6 horas em ponto estamos a 500 metros, sobre os campos de Camarate. Em baixo, o povo agrupa-se para nos vêr, e grita, n'uma ladainha indecisa que parece um murmurio...

Nas eiras esquecem-se os trabalhos agricolas, as carroças param no meio das estradas que serpenteiam caprichosamente ao longo da planicie. Porque tudo quanto vemos é plano, inexoravelmente plano. A algumas centenas de metros deixa de distinguir-se o relevo do solo.

A largada do «Viscaya»

Mas o lastro lançado á terra é tambem semente fecunda: fez a sua obrigação. Subimos de novo a 950 metros. Um quarto de hora depois estamos a 900, mas como claramente nos approximamos da agua, o meu prudente companheiro deixa o aerostato descer de novo. 750, 650, 600, 550 metros. Para a margem, sempre para a margem... Estamos entre Sacavem e o Lumiar.

A's 18 e 27 minutos temos gasto meio sacco de lastro: o cumulo da economia!

O «Viscaya» fica algum tempo equilibrado a 550 metros, em seguida sóbe um pouco, para logo tornar a baixar a pouco mais de 400 metros. Passamos sobre o rio de Sacavem, proximo da foz, a menos de meio kilometro de altitude, ás 6 horas e 57 minutos. Vae desapparecendo na neblina, ao longe, o disco rubro do sol. Dir-se-hia que se desfaz, que se dilue, que se funde. O gaz está prestes a condensar-se, porque a temperatura refresca. Magdalena diz-me:

—Soffre de rheumatismo? Parece-me que vamos tomar um banho...

Solta-se o «guide-rope», um grosso cabo de 80 metros que desce ondeando como uma serpente até se quedar na mesma immobilidade que nos rodeia. Mais lastro! Subimos? Sim, um pouco: 550 metros. Mas o destino é inflexivel: estamos sobre as aguas no canal que sepára da margem o Mouchão da Povoa. São 7 horas e dezoito minutos. Para além, para o sul, o Mar da Palha parece não ter fim.

Observando a ponta do «guide-rope», noto que se inflecte terrivelmente. E' que em baixo, mais proximo das aguas, o vento sopra com violencia. Mais lastro, mais lastro! Se subissemos um pouco, talvez pudessemos molhar-nos proximo da margem. Providencialmente, uma brisa fresca impelle-nos de novo para a terra: consulto o altimetro: justos ceus! Subimos realmente cincoenta metros. Sente-se um forte cheiro a gaz, depois voltamos a descer. Em baixo, as salinas parecem telhados de estufas. Comboios correm ao longo da via; na estrada um automovel parece que nos segue...

Mas o que mais me interessa agora é a manobra. Sete e cincoenta e cinco: estâmos a 200 metros, sobre o Mouchão: o «Vizcaya» corre direito ao Mar da Palha. Oito horas em ponto: descemos mais ainda, sacrificam-se os ultimos saccos de lastro, vestem-se os cintos de salvação. Na barquinha reina um admiravel bom humor. Empolga-me a curiosidade. Tres minutos depois, a ponta do «guide-rope» fustiga as aguas, retalhando-as n'um longo sulco de espuma, e d'ahi por deante são oito minutos de carreira vertiginosa, indescriptivel, verdadeiramente emocionante. Magdalena está encantado: é a primeira vez, na sua longa pratica, que isto lhe succede. O balão equilibra-se a 50 metros, e, correndo sempre, sem uma aragem, sem outro ruido mais que o murmurio das aguas que nos acaricia o ouvido, eis-nos em frente de Alcochete, onde já se avistam, correndo, inumeros populares.

—Agarrem o cabo! grito-lhes, fazendo com as mãos um porta-voz.

O «guide-rope» salta da agua, abre na vasa da baixa mar um longo e rapido golpe, atravessa a estrada marginal. Os primeiros que o seguram rolam sobre o pó... Em vez de os auxiliarem, os outros correm para a barquinha, que vae afflorando já as bandeiras do milho n'um campo adjacente. Resultado: um choque formidavel no terreno, que nos obriga a flectir as pernas dentro do nosso fragil cesto de verga. Mais um salto enorme, da altura de um quinto andar, e eis-nos de novo em terra, seguros por quarenta homenzarrões sollicitos que nos rodeiam, que nos abraçam, que nos puxam, e falam ao mesmo tempo, no meio da mais indescriptivel confusão. O aerostato, como um animal bravio, tenta fugir e sacode-nos em bruscos repelões. D. Eduardo Magdalena, para o esvasiar por completo, vae a puxar a fita vermelha que deve rasgar uma enorme costura no hemispherio superior, mas a manobra é prejudicada pela affluencia assustadora de populares, a fita parte-se. Só resta o recurso da valvula. Mas n'este momento alguns homens, de navalha em punho, suppondo decerto praticar a obra mais meritoria d'este mundo, agarram-se ás cordas e rasgam o ventre do balão. O gaz começa jorrando com abundancia *pela ferida*.

E' então que vejo, n'um relance, o tremendo perigo que nos cerca. Centenas de pessoas acotovellam-se em torno de nós; maritimos, trabalhadores, gente humilde ávida de prestar serviços mas inconsciente como uma creança de dois annos. Duas duzias de latagões, segurando-se á rêde, trepam pelo globo acima, e ao ver alguns de cigarro na bocca, sapateando um batuque infernal sobre o envolucro semi-cheio, sinto-me empallidecer de medo pela primeira vez. Ainda n'este momento me custa a comprehender como se não deu uma explosão terrivel.

Mas a barafunda não terminava. A muito custo, supplicando, implorando, apellando para o patriotismo e para a honradez d'esses homens, consegui que se affastassem. Mas sob o envolucro presenti que se agitava alguem. A ver... Levanta-se um boccado, e vejo um homem, estrangulado na rede, esperneando e agitando convulsivo os braços, n'um estertor. De todos os lados se precipitam. Na ancia de o salvar, puxam as cordas em todos os sentidos. E' o garrote. Mais uns segundos, e o homem morre ás mãos dos que pretendem salval-o.

D. Eduardo Magdalena, a quem dois populares quizeram já cortar o collarinho á faca, suppondo que o aeronauta suffocava não pela pressão dos importunos, mas pela pressão da camisa, acode resolutamente, arranca uma navalha das mãos de um circumstante e corta as cordas em torno da cabeça do homem. Salvou-lhe a vida.

Em compensação, só encontrámos para jantar, no «Martinho» da terra, um minguado cachucho frito que nos soube a pouco. A' hora da maré o ultimo vapor partia de Alcochete, para conduzir a Lisboa os forasteiros da tourada. Esquecia-me dizer que houvera tourada, e o vinho correra em abundancia: o que explica um pouco as difficuldades que tivemos. Saltámos no Terreiro do Paço, depois da uma hora da noite e fômos, cada qual para seu lado, dormir tranquillamente um somno sem duvida bem merecido.

Dizem-me que em Alcochete ha um administrador do concelho e varias praças da guarda republicana. Pode ser. Mas não vimos nem um nem outras. Em todo o caso, se existe, aqui lhe deixo indicada uma tarefa, para compensar o não lhe termos causado o menor incommodo: o meu companheiro, na occasião em que saltámos da barquinha, confiou o seu altimetro a um sollicito cavalheiro que se esqueceu depois de lh'o tornar a entregar. E' uma coisa redonda, «do feitio d'um despertador», como asseguram muitas pessoas de Alcochete que me garantiram saber quem o possue. Era grande favor e parece-me facil encontral-o.

Hermano Neves.

Dr. Affonso Costa

O boletim das 14 horas é mais animador

São um pouco mais animadoras as noticias colhidas hoje no hospital sobre o estado do sr. dr. Affonso Costa. O illustre enfermo começou melhorando de madrugada, pelas tres horas. A excitação desappareceu, voltou a lucidez e diminuiu consideravelmente a prostração. Durante a manhã, o enfermo teve alguns somnos relativamente tranquillos.

Ao meio dia, reuniram-se em conferencia, no quarto n.º 7, os srs. drs. Avelino Monteiro, Alberto Madureira, Costa Nery, Costa Santos, Carlos de Mello, Francisco Gentil, Julio de Mattos, Pulido Valente, Cambournac, Sousa Junior, Sant'Anna Leite, Bello de Moraes e Salazar de Sousa. A conferencia durou até ás 14 e um quarto, sendo as suas conclusões reservadas. Assignado depois pelos srs. drs. Francisco Gentil, Bello de Moraes e Costa Nery, foi mandado affixar o seguinte boletim das 14 horas:

«Pulso, 68; respiração, 18; temperatura, 37,5. Alguns allivios».

Não deve ser hoje affixado qualquer outro, a não ser que o sr. dr. Affonso Costa peore, o que não é esperado pelos assistentes.

A's 14 e 45 a sr.ª D. Alzira Costa, acompanhada pelas esposas dos srs. drs. José Tavares e Manuel Alegre e pelo sr. dr. José Bessa, deu entrada no hospital, dirigindo-se immediatamente para o quarto de seu marido que a recebeu com visivel satisfação e perfeita lucidez, inquirindo se os seus dois filhos mais no

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 12-7-915

CHRONICA MUSICAL

Pastoraes e Canções de alva

A «pastoral» é um dos mais antigos generos lyricos. O seu nome vem de «*pastorella*», canto de pastoras, e não de «pastoralia», canto consagrado ás coisas rusticas. A pastoral era naturalmente uma fórma da poesia popular, canto monologado de uma pastora, rapariga que quer um amigo ou mal casada que deseja um amante. Depois transformou-se n'um dialogo entre a pastora e o pastor. N'esta altura, o genero perde a feição popular, aristocratisado pelos trovadores e troveiros que lhe introduzem um cavalleiro a dialogar com a pastora. São estas as pastoraes que os cancioneiros nos conservam. Vejamos como Jeanroy, nas suas já citadas «Origines», nos precisa o seu thema ordinario.

«Um cavalleiro—que é o *proprio poeta*—erra pelos campos ao nascer do sol, presa de cuidados ou tristezas de amor. N'um prado ou ao longo d'um atalho, encontra uma joven pastora, ordinariamente occupada a tecer uma capella de flôres ou a cantar alguma canção, e cuja belleza o deslumbra. Apeia-se do cavallo e offerece-lhe o seu amor d'uma maneira *mais* ou menos discreta. Até aqui todas as peças se parecem: os nossos poetas não se permittiram introduzir uma só variante n'este começo consagrado; mas a aventura póde seguir diversos caminhos. Muitas vezes—é o caso mais frequente—a pastora faz-se longo tempo rogada: recusa-se a acreditar n'uma paixão tão subitamente concebida e declarada; desculpa-se com a inferioridade da sua condição e simplicidade de trajo e manda o cavalleiro para as mulheres da sua egualha, ou então allega a presença do pae que trabalha ali perto ou a do amigo.

«Mas o *galante cavalleiro tem resposta para tudo*; protesta o seu amor, não menos ardente que subito; expande-se em *elogios enthusiasticos* da belleza da pastora, indigna-se por ella viver *nos campos*, jura que merecia habitar um palacio, que o filho do rei se julgaria feliz se a tivesse por amiga. Propõe-lhe leval-a, fazer-lhe partilhar o seu solar, cumulal-a de riquezas.

«Se ella recusa, elle está prompto a pegar na enxada para viver mais perto d'ella. Muitas vezes não é necessario recorrer a estas falaciosas *promessas*, e a vista d'uma joia, d'uma peliça forrada, d'um vestido de escarlate, d'um annel de ouro, basta para tornar a bella muito menos intratavel.

«Quando ella se obstina na recusa, o cavalleiro não hesita em tomar pela força o que não poude obter pela persuasão. Escusado será dizer que depois esquece as suas promessas, torna a montar a cavallo e prosegue tranquillamente o seu caminho.

«As coisas nem sempre se passam tão simplesmente: a pastora chama ás vezes por soccorro. O pae, os irmãos ou o amigo sahem d'um bosque visinho e protegem-lhe energicamente a virtude. Quando o cavalleiro vê que a força não está do seu lado, não hesita:

> Lors n'oi je talent de rire,
> Quant irié vi le pastor...
> Elle me commence à dire:
> «Revenés arier, biaus sire;
> Je vos otroi mon amor!»
> Mais por tot l'or de l'empire,
> Ne fuisse tornés vers lor.

«Quando elle tenta resistir, nem sempre leva a melhor, e acontece que não se retira sem ter recebido correctivo, o que de resto o poeta confessa do melhor grado».

De todas as canções de amor é esta a mais galante, por vezes mesmo francamente libertina. Mas a graça da fórma tira-lhe o que poderia considerar-se chocante, tornando-as das mais graciosas producções da lirica medieval. A musica, ligeira mas fina, contribui para lhes augmentar o encanto.

Embora primitivamente a pastoral fôsse um genero popular, *escripto por poetas oriundos do povo e para elle*, desde os meados do seculo XII, epoca em que os trovadores começaram a cultivar o genero, perdeu esse caracter; de modo que as pastoras falam como damas, visto os trovadores serem, mesmo no campo, poetas de sala. Os proprios troveiros, apesar de mais naturaes, tambem não conseguem dissimular o artificio. O que dizemos da lettra, acontece egualmente com a musica, que é d'uma composição tão perfeita como a de qualquer outro genero lirico, e em que debalde se procuraria a ária de avena ou gaita de folles, melodia authenticamente popular.

A «canção de alva» tem como caracteristica o emprego da palavra «alba» no fim de cada estrophe. Esta canção não tem nada de commum com a «alvorada», que só nos apparece no seculo XV. Este genero das canções de alva foi principalmente cultivado pelos trovadores allemães, «Minnesaenger». De trovadores provençaes apenas existem sete, e de troveiros francezes quatro, emquanto d'aquelles ha mais de cem.

O assumpto é, em regra, a descripção dos sentimentos que a apparição do dia inspira aos amantes que se vêem obrigados a separar-se depois d'uma noite de amor. Em geral o entrecho é o seguinte: dois amantes aproveitam-se da noite para estar juntos; o dia vae nascer sem que elles dêem por isso, de modo que é necessaria uma prevenção d'um terceiro para que o amante saia a tempo de não ser descoberto. Essa prevenção pode ser um canto de ave que annuncia o dia, um amigo que chama, um guarda que vela. Em regra é este ultimo, o «gaite», quem se encarrega de prevenir. Ha para isso uma razão: nos solares medievaes um vigia collocado no alto d'uma torre annunciava em voz alta as horas da noite e o nascer do sol, bem como era encarregado de dar o alarme no caso de vêr alguma coisa suspeita. O «sereno», especie de guarda-noturno de algumas povoações hespanholas, representa a ultima revivescencia do «gaite». Assim, é em geral esse vigia quem nas canções de alva se encarrega de prevenir a castellã e o seu amante de que são horas de terminar a «cauza doussana» (coisa doce). Mas ás vezes é um amigo quem faz este papel, nem sempre efficaz, pois acontece os seus appellos serem vãos. Os amantes recusam-se a ouvir a calhandra que «trait lou jor», como Romeu: «Não, não é o dia, não é a calhandra, é o rouxinol, *mensageiro dos amantes*».

O grande duetto de amor do segundo acto de «Tristão e Isolda» é uma canção de alva largamente desenvolvida. Esta observação, que julgo ser feita aqui pela primeira vez, parece-me *incontestavel*: o facto dos amantes não estarem no «quarto encortinado», como os trovadores nol-os apresentam, é uma simples questão de scenario; de resto, todas as condições do genero se verificam, sendo o «gaite» representado pela fiel Brangânia, que do alto da torre previne os amantes de que o dia se approxima, prevenção vã como em muitas canções de «Minnesaenger». E que isto tenha sido propositado, não deve causar estranheza, sabida como é a *preoccupação* de Wagner pelo rigor historico, tanto quanto um drama musical o pode comportar; é, pois, absolutamente natural e até logico que elle tenha empregado uma fórma lirica mais ou menos contemporanea da acção, embora estilisada e desenvolvida em moldes modernos, ou antes, wagnerianos. Nem este facto é unico na obra de Wagner; poderiamos citar outros, porventura menos caracteristicos, se isso não nos affastasse excessivamente do assumpto d'esta chronica.

Vimos já qual é, geralmente, o assumpto das canções de alva; algumas ha, comtudo, de caracter accentuadamente religioso, como a de Guiraut de Borneilh, «Reis glorios, verais lums et clartatz», uma das *mais antigas* e cuja melodia é d'uma rara e estranha grandeza; a de Guilheim de Autpol, das mais recentes e cuja musica se perdeu, «Esperanza de totz ferms esperans», que é uma oração á Virgem, em que os termos são os da phraseologia das sequencias latinas; e até na «alba», «Bem platz longa nuech oscura», de Folquet de Marselha ou do seu contemporaneo Cadenel, que, apesar de profana, está escripta sobre uma melodia de fórma nitidamente religiosa.

Estes factos levaram o dr. Johann Beck, a filiar os generos liricos na musica religiosa, contra a opinião corrente em França, que os filia, como já dissemos, nas fórmas populares. Mas isto é um grave problema de origens, cuja discussão seria descabida n'este logar.

Ha, finalmente, um outro genero de canção de alva, escripto em lingua de «oil», e portanto obra de troveiros, d'uma extrema complicação. A sua leitura, tal como o manuscripto nol-a conserva, é inintelligivel: isso fez que apparecessem varias interpretações, sendo a de Jeanroy a mais verosimil. N'esta canção, «Gaite de la tor», entram tres personagens, o amante, o amigo que espreita e o vigia da torre, que fallam alternadamente, o que leva Bédia a suppôr que se trata d'um jogo de sociedade no genero das bailadas, pequenina peça mimada que se ensaiaria nos solares e a que se chamaria «jogo do vigia».

Eis, resumidissimamente, as caracteristicas dos principaes generos de canções com personagens; passaremos agora á «poesia cortez», o genero lirico provençal por excellencia.

Humberto de Avelar

ULTIMAS NOTICIAS

ros haviam já feito exame e ficado bem.

Como as noticias hontem publicadas dêssem o sr. dr. Affonso Costa como tendo passado um pouco peior, a romaria de hoje ao hospital de S. José redobrou, todos anciando ouvir da parte dos amigos que mais de perto convivem com os medicos assistentes as ultimas noticias sobre o estado do doente. E como ellas fôssem um tanto mais animadoras, toda essa gente se retirava, menos preoccupada.

Junto á porta do corredor dos quartos particulares, lembra-nos ter visto os srs.: Levy Bensabat, em nome do sr. presidente da Republica; Freire Andrade, dr. Pedro Martins, general Barreto, senador Silva Barreto, dr. Hermano Medeiros, dr. Oliveira Vinagre, visconde de S. Luiz Braga, dr. Ricardo Jorge, senador Elysio de Castro, ministro das finanças, dr. Alexandre Braga e o sr. Lancelot Carnegie, ministro da Inglaterra em Portugal.

Foram ainda innumeros os telegrammas recebidos, entre os quaes das juntas de parochia de Louredo, Amarante, Moncarapacho, Alemquer, consul Godinho, de Tuy, etc.

Em frente de todos os «placards» onde foi affixado o boletim das 14 horas juntou-se bastante gente que visivelmente demonstrava a satisfação pelas melhoras. E durante todo o dia, no jardim do hospital, esperando sempre noticias novas, varios grupos permaneceram, trocando impressões, interrogando os medicos e consultando os mais intimos amigos do illustre estadista.

Teixeira Gomes

Já chegou a Lisboa o sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres.

Uma declaração

A proposito do parecer sobre a lei dos funccionarios, o sr. Antonio José d'Almeida mandou para a meza da Camara a seguinte declaração de voto do partido evolucionista:

A opposição evolucionista não discute o parecer emittido sobre a expressão, «por uma vez sómente», da lei n.º 139, de 16 de junho ultimo, pela razão simples de que esse parecer não comporta discussão. De facto ao governo suscitaram-se duvidas sobre aquella expressão, pedindo ao Congresso que as aclarasse. A Camara dos Deputados, pela sua commissão de legislação civil e commercial, já se declarou e como a opposição evolucionista concorda com a aclaração, o que não podia deixar de ser, attendendo a que os seus representantes assignaram o parecer, dispensa-se de sobre o assumpto levantar discussão. Isso todavia não quer dizer que a opposição evolucionista transija sob qualquer fórma com o significado das leis de separação dos funccionarios, tambem chamadas de defeza da Republica. O partido evolucionista continua na sua velha opinião de que é preciso defender as instituições, e, por isso, se deve proceder de maneira que impondo-se o respeito por ellas se não degradem os principios de Justiça, nem se ofendam as bases da moral politica. Na legislação vigente existiam já disposições sufficientes para se determinar proficuamente a salvaguarda do regimen. As leis promulgadas em 16 de junho ultimo, e a que o partido evolucionista foi absolutamente estranho, são leis de excepção que nem sequer teem a attenuar-lhes o significado a existencia de um risco grave para o regimen ou a necessidade imperiosa de armar o governo com indispensaveis elementos de defeza. De resto são leis já discutidas e votadas. Se ellas voltassem á discussão quando mais não fôsse a pretexto de no parlamento se regulamentarem, como o governo declarou necessario n'uma nota officiosa, a opposição evolucionista sustentaria sobre ellas um largo debate.

Não podendo já discutil-as, limita-se a declarar, por ser esta a primeira vez que parlamentarmente se lhe offerece ensejo para isso, que engeita qualquer especie de solidariedade com taes leis e que se agora, por intermedio dos seus representantes na respectiva commissão, interveiu na aclaração solicitada pelo governo é porque entendeu do seu dever circunscrever a prorogativa que uma compreensão latitudinaria da expressão «por uma vez sómente» punha nas mãos do poder executivo. A opposição evolucionista interveiu no campo da interpretação juridica no unico intuito de dar ás leis sobre a separação dos funccionarios um significado mais consentaneo com os principios da liberdade e justiça que a Constituição da Republica invoca nas primeiras palavras do seu texto. Ao governo agora compete applicar as leis. A elle por inteiro caberão as responsabilidades d'esse facto, que nada terá de glorioso. As chamadas exigencias da revolução vão ser satisfeitas pelo poder executivo. Que este as satisfaça como entender. O partido evolucionista não lhe dá para o effeito a menor solidariedade, limitando-se, no final, visto que outra coisa não póde fazer, á apreciação severa e imparcial das consequencias de umas leis que não eram precisas e do procedimento do governo, que devia ter sido o primeiro a declarar ao Congresso que dispensava diplomas de excepção, por ter nas leis e nos regulamentos em vigor meios energicos, efficazes e honestos de fazer uma legitima defeza da Republica.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos deputados

O desastre da «Ibo»—O regimen cerealifero—A questão do assucar—O orçamento de receita

A primeira chamada não acousa mais de quarenta presenças. A's trez horas ainda não ha numero para approvar a acta. Faz-se a segunda chamada. Respondem 78 e approva-se a acta, lendo-se seguidamente o expediente. Do governo comparecem os srs. dr. José de Castro e ministros da justiça, das finanças e interior. O sr. presidente do ministerio diz que a nossa marinha de guerra está sendo victima de successivos desastres, que enlutam e entristecem todos os portuguezes. A seguir ao desastre de Peniche ha a lamentar o que acaba de dar-se a bordo da canhoneira *Ibo*, em Cabo Verde, a qual ficou quasi perdida, morrendo dois marinheiros. Acudiu um cruzador inglez, que prestou os devidos soccorros, pelo que envia, em nome do Paiz, os maiores agradecimentos á nação amiga e alliada. Propõe que na acta se lance um voto de sentimento pela catastrophe que acaba de communicar á camara e que não deixará de causar no espirito publico a maior impressão. Associam-se, pelos unionistas, o sr. Aresta Branco; pelos evolucionistas, o sr. Simas Machado, e o sr. Costa Junior, pelos socialistas. O sr. José Maria Gomes, depois de saudar a presidencia, a camara e os representantes da imprensa que fazem serviço na camara e que tanto collaboram com o Parlamento, censura asperamente o chefe do governo por, na ultima sessão, se haver referido, com elogio, ao duelo. Não comprehende que o chefe do governo d'um paiz onde o duelo é prohibido proceda assim, e insurge-se, por isso, contra as palavras do sr. José de Castro, que não tem duvida nenhuma em considerar impensadas ou precipitadas.

O chefe do governo replica que ha classes que não podem deixar de se desafrontar publicamente das injurias recebidas. O exercito pertence a esse numero, e se o duello é mau e condemnavel, e é-o, certamente, a verdade é que não se encontrou ainda meio melhor de lavar os aggravos que attinjam a honra d'aquelles que fazem parte do exercito, a não ser que haja quem prefira o punhal, o tiro ou o cacete. E' contra o duello, mas não o pode ser contra o meio de desafronta que elle representa. A Allemanha militarista admitte o duello.

O sr. Eduardo de Sousa:—Mas a Inglaterra prohibe-o...

—E' que lá—respónde o orador—as injurias pagam-se em libras.

O sr. Castro Meyrelles associa-se ao voto proposto, o que é, seguidamente, approvado. O sr. Arthur Leitão envia para a meza um projecto de lei creando uma Relação Judicial em Coimbra. Justificando o seu projecto, o orador diz que elle representa a satisfação d'uma instante necessidade e é uma prova de simpathia que a Republica dá á cidade de Coimbra, tão nobre e tão profundamente republicana. Alem d'isso, a Relação de Coimbra seria uma magnifica escola pratica para alumnos e professores de direito da Universidade de Coimbra. O governo provisorio extinguiu a relação de Ponta Delgada para crear outra no continente. Parece-lhe, pois, que é chegada a hora de estabelecer em Coimbra o tribunal de segunda instancia que julga inteiramente indispensavel para uma boa administração da justiça. Pede a urgencia, que é concedida. O sr. ministro da justiça, retificando algumas palavras do sr. Arthur Leitão, diz que elle, ao affirmar que a justiça era ministrada com morosidade, não quiz, decerto, deprimir a magistratura, mas affirmar apenas que os tribunaes não dão rapido andamento aos assumptos em que interveem, por falta de tempo. O sr. Antonio Mantas occupa-se da questão da lã suja, protestando contra certas tendencias que lhe pareceu ver por parte do governo no sentido de se permittir a exportação d'esse producto. O sr. ministro das finanças dá explicações, tendentes a conciliar aquelles que defendem a saida da lã e os que a combatem.

O sr. Aresta Branco envia para a meza um projecto de lei sobre o regimen cerealifero e pede que elle seja discutido juntamente com outro que o sr. ministro do fomento ha dias trouxe a esta camara. O sr. Costa Junior protesta contra a exorbitancia por que se está vendendo o assucar, que é mal feito e mal refinado, e diz que á sombra d'esse genero se praticam varios abusos. E como não lhe consta que os falsificadores de viveres sejam castigados, requer que pelo ministerio do interior lhe seja fornecida uma nota dos processos instaurados por virtude de fraudes simples e perigosas nos generos alimenticios, acompanhada d'outra nota referente ás analises feitas no Instituto de Higiene desde 1913 até agora. O sr. Nunes Loureiro entende que a sobretaxa lançada sobre a lã deve ser mantida emquanto durar a guerra. Os lavradores teem um pouco de remedio na sua mão. Desde que se livrem do intermediario, a questão simplifica-se e desapparecem as razões de queixa por parte de todos. A questão é importante e não pode deixar de ser estudada e resolvida com criterio. O sr. ministro das finanças responde que antes de trazer á camara qualquer proposta referente ao assumpto procurara attender todos os interesses e diz que a proposito da importação de lãs da Inglaterra o governo está disposto a tomar as providencias que julgar necessarias.

Na ordem do dia começa a discutir-se o parecer sobre o orçamento das receitas. O sr. ministro das finanças manda para a meza varias emendas ao orçamento, justificando-as e mostrando á camara a conveniencia de serem integralmente approvadas. O sr. Fernandes Costa começa por mandar para a meza esta moção: «A Camara, lamentando que o orçamento para o anno economico de 1915-1916 seja apresentado com desequilibrio, manifestando um *defficit* de difficil apuramento, mas que pode ser avaliado em importancia muito superior a cinco mil contos, não considerando as despezas resultantes da guerra europeia e colonial, pois attendendo a essas pode calcular-se que o *defficit* será muito superior a 40.000 contos, lamenta e estranha que a apresentação do orçamento não seja acompanhada dos esclarecimentos precisos, justificativos de tão ruinosa perspectiva, nem de providencias financeiras que revelem ao paiz qual é a orientação do governo em tão melindrosa situação nacional.»

Justificando a sua moção, o orador insiste na necessidade do governo trazer ao Parlamento um conjuncto de medidas financeiras que, representando um plano de administração economica e financeira solido, livre o Paiz da situação afflictiva em que elle manifestamente se encontra agora. N'essa obra de redempção, que fará a Republica opulenta, respeitosa e rica, devem collaborar todos os partidos, aos quaes compete trabalhar para que as contas republicanas sejam o que devem ser—honestas, serias e limpas.

O sr. Ferreira da Fonseca requer que entre em discussão o projecto que auctorisa a camara do Porto a contrahir um emprestimo de trez mil contos, destinados á execução do projecto dos novos arruamentos de aquella cidade. O sr. Costa Junior alvitra que d'esse emprestimo se destinem dez por cento, em vez de seis, a bairros operarios, apresentando uma emenda n'esse sentido. O sr. Adriano Pimenta quer que quatro por cento se consagrem a escolas d'artes e officios. O sr. Costa Junior concorda, combatendo, portanto, varias razões em contrario que o sr. Ferreira da Fonseca aduz e que se fundamentam, sobretudo, na impossibilidade em que a camara ficará de cumprir a lei, se a emenda passar. Ella é, porém, approvada, sendo-o tambem o projecto, com uma alteração no artigo I, § unico, que dá á camara a faculdade de gastar até 6 0|0 do emprestimo com bairros operarios e 4 0|0 com as escolas acima indicadas.

Entra depois em discussão o parecer da commissão de legislação civil sobre a consulta da lei referente aos funccionarios publicos. O sr. Ferreira da Fonseca diz que a referida commissão, como delegada da camara, não podia interpretar a referida lei, como ainda ha dias um congresso resolveu. O sr. Aresta Branco entende que o projecto só serve para «interpretar uma duvida» que surgiu ao governo quando tratou de applicar a lei. Manda para a mesa uma declaração, em nome dos unionistas, negando o seu voto ao parecer e deixando ao governo a responsabilidade que possa advir da sua approvação. O sr. Antonio José d'Almeida manda tambem para a mesa uma declaração de voto, rejeitando o parecer, o qual é approvado depois do sr. Alexandre Braga concordar com elle, por parte da maioria.

O sr. Julio Martins, antes de se encerrar a sessão, refere-se a factos passados em Monforte, onde os democraticos se preparavam para maltratar os evolucionistas, o que não levaram a effeito por motivos que não veem para o caso. O sr. ministro do interior prometteu informar-se. A proxima sessão é segunda-feira.

No Senado

Pensões a parochos—O desastre da «Ibo»—Escola Naval

Abriu a sessão ás 2,40, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Paes Abranches.

Responderam á chamada 26 senadores, que approvaram a acta sem discussão.

O sr. Gonçalves Marques requer 15 dias de licença, que lhe são concedidos.

O sr. Estevam de Vasconcellos envia para a mesa um novo projecto sobre a creação da direcção geral de trabalho e previdencia.

Entra em discussão o projecto de lei declarando sem effeito o decreto n.º 1.082, de 24 de novembro de 1914, e substituindo o artigo 5.º da lei de 10 de julho de 1912, que creou a marinha colonial.

O sr. Arantes Pedroso defende o projecto, tendo palavras de elogio para o ex-deputado Nunes Ribeiro, que o apresentára na outra camara.

E depois o projecto foi approvado na generalidade e na especialidade.

Sem discussão alguma, foi em seguida approvada a proposta de lei que destina dois terços dos rendimentos dos bens que pertenceram á extincta collegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, ás despezas do lyceu da mesma cidade.

Entra em discussão a proposta de lei concedendo aos ministros da religião catholica Henrique Rodriguez y Rodriguez, hespanhol, parocho colado na freguezia da Graça do Divor, concelho de Evora, e Antonio Mello, italiano, parocho colado na freguezia de João Antão, concelho da Guarda, ambos naturalisados cidadãos portuguezes, a pensão a que se refere a lei da separação e a do 17 de agosto de 1911, a qual lhes será arbitrada nos termos das mesmas leis.

O sr. Pedro Martins diz que se trata de um acto de justiça e deseja saber desde quando começará a ser paga a pensão.

O sr. Daniel Rodrigues diz que o pagamento se fará desde que começou a vigorar a lei da separação.

O sr. Pedro Martins manda para a meza uma proposta para que a pensão comece a ser vencida desde que foi requerida.

O sr. Fortunato da Fonseca apresentou uma emenda de redacção, e com essas propostas foram approvados os artigos 1.º e 2.º.

Sobre o artigo 3.º falou o sr. Affonso de Lemos, começando por dizer que dava o seu voto ao projecto, achando-o um acto de justiça, tratando-se, de mais a mais, de duas creaturas de avançada edade, que merecem a confiança do Estado. Todavia, acha fóra de proposito que se diga que a esses pensionistas serão concedidas todas as regalias da lei da separação, como se fosse a «portuguezes de nascimento».

O sr. Daniel Rodrigues explica que se trata assim de defender a lei da separação.

O sr. Pedro Martins é da mesma opinião e em seguida é o projecto approvado por completo.

N'esta altura entra na sala o sr. ministro interino da marinha (José de Castro) que, pedindo a palavra para um negocio urgente, se refere com magoa ao desastre succedido a bordo da canhoneira *Ibo*, propondo que na acta se lance um voto de sentimento por tão triste occorrencia.

Associam-se a esse voto os srs. Estevão de Vasconcellos, pelos democraticos, Celestino de Almeida, pelos evolucionistas, José Maria Pereira, pela União Republicana, Silva Gonçalves, pelos catholicos de Braga, e Arantes Pedroso.

O sr. presidente diz que vae officiar ao sr. ministro da Inglaterra, a agradecer-lhe o auxilio que á canhoneira *Ibo* prestou o cruzador inglez *Highflyer*.

O sr. ministro da marinha agradece a manifestação de sentimento da Camara e o voto de pesar é approvado por unanimidade.

Entra em seguida em discussão a proposta de lei determinando que os logares de lentes da Escola Naval sejam providos por decreto, mediante concurso documental perante o respectivo conselho de instrucção, a que só poderão concorrer os officiaes de marinha: 1.ºs tenentes habilitados com o tirocinio de embarque para o posto immediato, e capitães-tenentes.

O sr. Pedro Martins combate a alinea a do artigo 1.º do projecto, que determina que os concursos possam ser abertos quando o governo o entenda. Protesta contra tal concessão e propõe a eliminação da referida alinea.

Explicaram o que n'ella se determina, os srs. Arantes Pedroso, Rodrigues Gaspar e Celestino de Almeida, sendo o projecto approvado e regeitada a emenda.

Em seguida foi encerrada a sessão e marcada a seguinte para ámanhã, sendo a ordem do dia a interpellação do sr. Jeronymo de Mattos ao sr. ministro dos estrangeiros, sobre o tratado de commercio com a Inglaterra.

Marinha de guerra

Foram mandados aprontar com urgencia os trabalhos de reparação do cruzador *Republica*.

O contra-torpedeiro *Douro* vae entrar no dique para reparações urgentes.

Pelo ministerio da marinha foi dada ordem ao commando do corpo de marinheiros para mandar completar urgentemente a lotação da canhoneira *Beira*.

Um congresso em Valladolid

Em outubro proximo deve realisar-se em Valladolid, a importante cidade universitaria, um congresso scientifico, que deve assumir uma importancia grande. A Sociedade para o Avanço das Sciencias em Hespanha, que é a organisadora d'essa reunião de sabios, convidou para n'ella tomar parte o sr. dr. Costa Lobo, lente de mathematica da Universidade de Coimbra, o qual, acceitando o convite, fará no Congresso uma conferencia sobre «atmospheras e temperaturas astraes». Como é sabido, o sr. dr. Costa Lobo é um dos nossos primeiros cultores das sciencias astronomicas.

PEQUENAS NOTICIAS

Com o titulo «Maldição ao kaiser», sahiu um pequeno folheto, cujo preço é de $04, contendo duas pequenas poesias: a «Maldição» e «Adeus de namorada».

—Catharina de Jesus, moradora na Porteila, cahiu d'um carro electrico no Rocio, fracturando o braço direito. Depois de pensada no banco do hospital, recolheu a casa.

—A policia procura a menor de 12 annos Porsopia Flores, que desappareceu da calçada de S. João da Praça, 29, 1.º.

—Evangelista Lopes, moradora na rua da Senhora do Monte, 16, 3.º, queixou-se de que na Praça dos Restauradores um grupo de individuos desconhecidos a haviam assaltado, aggredindo-a com soccos e pontapés, subtrahindo-lhe por essa occasião uma cadeia e medalha de ouro no valor de 18 escudos.

—Para o 3.º juizo foi enviado David Evangelista Eloy, morador na quinta do Biagi, 82, accusado de ter furtado objectos de ouro e prata no valor de 1.582$23 a seu patrão Leal & Coutinho, com casa de penhores na travessa das Izabeis, 2, 1.º, sendo-lhe apprehendidos objectos no valor de 800 escudos.

Um almoço no Martinho

Offerece-o o Aero Club de Portugal aos aeronautas hespanhoes, á direcção do Stadium e ao dr. Hermano Neves

A direcção do Aero Club de Portugal teve hoje uma penhorante gentileza com os aeronautas hespanhoes D. Ricardo Ferry, D. Salvador Pruneda, D. Francisco de la Torre e D. Eduardo Magdalena. Offereceu-lhes um almoço no café Martinho, para o qual teve a amabilidade de convidar a direcção do Stadium, representada pelos srs. José Holtreman Roquette (Alvalade), dr. José Pontes e Francisco Vieira, e o nosso camarada de redacção dr. Hermano Neves, que os aeronautas chamam *el hombre* e no qual reconhecem taes qualidades que lhe «revolucionaram» a cabeça, querendo transformal-o n'um piloto, obrigando-o apenas a mais trez ascenções, que já lhe marcaram em Madrid. Os aeronautas hespanhoes felicitaram-n'o calorosamente, e o capitão de engenharia D. Salvador de Pruneda, n'um brinde directo, saudou o nosso camarada exigindo que elle, brevemente, fosse piloto de um balão em que elle seria o passageiro. O intelligente jornalista do *Heraldo* D. Ricardo Ferry corroborou as palavras do seu compatriota, fazendo valor o que de Hermano Neves lhe dissera o rico *sportsman* D. Eduardo Magdalena, seu companheiro de 30 kilometros de balão.

Fizeram-se saudações especiaes aos Aero Club de Hespanha e Portugal, á união amigavel dos dois paizes, a José Alvalade pelo seu arrojo na construcção do Stadium. D. Ricardo Ferry, n'um brinde enthusiastico e correctissimo, agradeceu em nome de todos e do Aero Club de Hespanha, de que é secretario, as penhorantes amabilidades dos portuguezes e as palavras elogiosas para a obra do seu Club, proferidas pelo coronel de engenheiros Hermano d'Oliveira e pelo capitão de engenharia Ribeiro d'Almeida.

Conversou-se muito e discutiu-se a tarde de hontem no Stadium e aquella «irritabilidade» nervosa do D. Virginia Quaresma, Oldemiro Cesar e engenheiro civil Augusto Sabbo por não poderem subir. Na verdade, os dois jornalistas, especialmente D. Virginia Quaresma, e o engenheiro ainda hoje se desesperaram contra a Companhia do Gaz, que lhes roubou o prazer de ver Lisboa lá do espaço e de bem alto...

Ao almoço assistiram os srs. Sanches de Castro, Jayme Martins Coelho, Francisco Callejo, capitão Ribeiro d'Almeida, dr. José Pontes, capitão de engenharia Silveira e Castro, capitão de engenharia hespanhola D. Salvador Pruneda, capitão Correia Neves, D. Francisco de la Torre, tenente Soares Branco, Francisco Vieira, capitão Gonçalves Pinto, dr. Hermano Neves, José Roquette (Alvalade), coronel Hermano d'Oliveira, D. Ricardo Ferry, dr. Tudela de Castro e D. Eduardo Magdalena.

Noticias parlamentares

Toda a gente se queixa de que os generos alimenticios, em Lisboa, são, em geral, maus, quando não são falsificados. Mas o que poucos sabem é que a fiscalisação respectiva se tornou quasi inutil, em virtude da policia administrativa archivar, sistematicamente, quantos processos lhe são enviados contra os falsificadores, os quaes, por esse motivo, ficam impunes. Para pôr cobro a isso, o sr. Costa Junior requereu hoje na Camara uma nota dos processos instaurados, a qual, a ser-lhe fornecida, revelará coisas bem interessantes...

* * *

Principiou a discussão do orçamento. Já não era sem tempo. O sr. ministro das finanças, apresentando e justificando varias emendas, disse que o «deficit», proveniente da diminuição de receitas, ascende já a 4.500 contos. Esse facto determina varias correcções, que é urgente fazer no projecto inicial. O sr. Fernandes Costa, por sua vez, calculou o mesmo «deficit» em cinco mil contos e disse que o «deficit» total ultrapassaria trinta mil contos. Contando, é claro, com as despezas feitas e a fazer com as operações militares em Africa.

* * *

A questão das lãs ameaça transformar-se n'uma coisa semelhante á questão do Douro. Que pena o sr. Barroso não estar na Camara para a esclarecer com as suas preciosas luzes! Mas está o sr. Mantas e devemos confessar que, fazendo-lhes relembrar o seu collega já quasi esquecido, honra soberbamente o appelido que, se não é de lã, parece. Mas, afinal, póde exportar-se lã, não póde? Os especialistas que respondam e que digam á Camara quanto antes qual a orientação que os interesses dos industriaes, do productor, do consumidor e das proprias ovelhas aconselham...

* * *

O sr. Ernesto de Vilhena, que é o relator do orçamento das despezas do ministerio das finanças, tem o respectivo parecer quasi elaborado. Diz-se que se trata d'um documento bastante detalhado, no qual se propõem alterações varias, figurando entre ellas uma relativa aos operarios da Companhia dos Tabacos. A sentença arbitral de 6 de junho de 1913 vae a ser cumprida, incluindo-se no orçamento, ao que consta, uma verba de cinco contos, resultando d'ahi poder ser admittido á reforma um maior numero de operarios.

* * *

Pela lei que concedeu a autonomia administrativa ás colonias, passaram a ser encargo da metropole as despezas feitas com a remessa de degredados e vadios para as provincias ultramarinas. Essas despezas sobem a duzentos contos, estando o sr. Ernesto de Vilhena disposto a fazer com que essas importancias passem para o ministerio das colonias, tendo já hoje, para fundamentar os seus propositos, requerido uma nota das despezas com a passagem e conservação em cada colonia, dentro ou fóra de estabelecimentos penaes, com os condemnados que tenham ido da metropole em 1914-1915.

Tremor de terra

O tremor de terra hontem sentido em Lisboa começou pelas 11 horas, 29 minutos e 24 segundos. O sismographo do Observatorio Meteorologico Infante D. Luiz registou a duração do abalo que foi de 13 minutos, tendo sido a sua intensidade maxima de 8 segundos. A direcção foi a de norte-sul.

COIMBRA, 11.—Hoje, pelas 11,5, sentiu-se n'esta cidade um pequeno abalo de terra, de pouca duração. Nos arrabaldes tambem o phenomeno sismico se sentiu.

COIMBRA, 11.—Falleceu hoje a esposa do antigo professor sr. Maximiano Cunha, director do collegio de S. Pedro. A' familia enlutada os nossos pezames.

A questão da carne

Pedindo a prohibição de exportação de gado

A direcção da «Abastecedora de gados», sociedade constituida, como se sabe, pela maioria dos proprietarios de talhos de Lisboa, entregou hoje uma representação ao sr. ministro das finanças, em que se pede que não seja permittida a exportação, que se pretende fazer, de 200 bois por semana para França.

Diz a direcção da Abastecedora que, permittindo-se tal exportação, o preço do gado encarecerá d'um modo extraordinario e que a maioria dos talhos de Lisboa terá de fechar, pois que no paiz não ha gado sufficiente para o consumo interno e para mandar para o estrangeiro 270 cabeças por semana, visto que para Gibraltar sahem já 70.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 12.—Communicação official das 15 horas. Houve grande actividade durante a noite em diversos pontos da linha, no sector ao norte de Arras. O inimigo, depois de haver arremessado grande numero de projecteis asphyxiantes, tentou cerca da meia noite, ao sul de Souchez, um ataque que se lhe mallogrou. Um segundo ataque feito pelas 2 horas da madrugada permittiu-lhe occupar o cemiterio e alguns elementos de trincheira immediatamente adjacentes. Proseguiu então uma lucta vivissima de granadas nas trincheiras a sueste de Neuville Saint Vaast sem ganho apreciavel para nenhuma das partes. Nos planaltos ao norte do Oise houve bombardeamento reciproco que foi particularmente violento na região de Quennevieres e Nouvron. Em Argonne lucta de petardos e minas com intervenção da nossa artilharia. Em Woevre o inimigo canhoneou violentamente Fresnes en Woevre com granadas de todos os calibres e tentou varios ataques, um proximo de Saultz en Woevre e outros na floresta de Apremont en La Vaux Ferry e Tete de Vache, os quaes foram todos repellidos.

Nos Vosges os allemães fizeram explodir uma mina nas proximidades das nossas posições a sudoeste de Ammertzwiller, fazendo depois avançar uma importante força atacante composta de algumas companhias, mas foram repellidas com perdas importantes, tendo nós feito alguns prisioneiros.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 12.—Official.—Proximo de Bystriatza repellimos um ataque e infligimos ao inimigo perdas importantes.

Ao sul de Bykhava tomámos 3 metralhadoras e aprisionámos 900 soldados e 19 officiaes.—(*Havas*).

No Sudoeste Africano: os prisioneiros allemães

PRETORIA, 12.—Official. O total dos prisioneiros allemães no Sudoeste Africano é de 3497 officiaes e soldados.—(*Havas*).

A revolução no Mexico

WASHINGTON, 11.—O general carranzista Gonzalez occupou hontem de manhã a capital do Mexico.—(*Havas*).

Fallecimentos

Falleceu o sr. Raymundo José da Costa, sub-chefe de secção no Monte-pio Geral, realisando-se o funeral amanhã, ás 17 horas, da rua Cidade da Horta, 65, para o cemiterio oriental.

Tambem hoje falleceu a sr.ª D. Sarah dos Anjos, regente da escola Elias Garcia e filha do commerciante sr. Silvestre dos Anjos.

NOTAS DIVERSAS

No ministerio da marinha reuniu, pelas 10 horas, o conselho de ministros.

—Não se chegou a effectuar hoje a abertura do novo anno lectivo na Escola de Guerra. Alguns alumnos, que não tiveram occasião de ser informados de que a cerimonia foi transferida *sine die*, chegaram a comparecer no edificio da escola.

—O sr. ministro dos estrangeiros conferenciou hoje com o sr. Carnegie, ministro de Inglaterra.

—O sr. dr. Bernardino Machado, que tencionava, por motivo da morte de D. Francisco Giner, ir a Madrid de visita á Instituição de Livre Ensino, da qual é professor honorario, adiou a sua partida em consequencia do estado do dr. Affonso Costa.

UMA NOVA DESGRAÇA

Dá-se uma explosão a bordo da canhoneira "Ibo"

No incendio que em seguida se produziu, morreram dois marinheiros, ficando seis feridos, dois dos quaes gravemente

Mais um transe doloroso atravessa n'este momento a briosa marinha de guerra portugueza, attingida por uma nova catastrophe. A bordo da canhoneira «Ibo», em serviço de fiscalisação no Atlantico, nas immediações de Cabo Verde, produziu-se uma explosão, seguida de incendio que poz em risco a vida dos valentes marinheiros que constituem a guarnição d'aquelle barco de guerra. A noticia do desastre, que produziu, como era natural, a mais profunda emoção na corporação da armada, foi communicada pelo commandante da «Ibo», capitão tenente Octavio Augusto Mattos Moreira, á majoria general da armada, no seguinte telegramma, expedido de S. Vicente de Cabo Verde, hontem, ás 20,15 horas:

Hoje, navegando para Santo Antão, houve explosão no paiol das tintas, originando violento incendio á vante na coberta da marinhagem. Os prejuizos n'esse ponto são quasi totaes. Entrei em S. Vicente, onde encontrei o cruzador inglez «Highfleyer», que auxiliou a extinguir o incendio. Quando estiverem esgotados os porões communicarei todas as avarias. Houve duas mortes: a do grumete n.º 3439, Pereira Rodrigues e a do artilheiro 3135, Martins Rosendo; dois feridos gravemente, que são o torpedeiro 2543, Domingos Fernandes e o artilheiro 3583, João Mendes, além de quatro praças de marinhagem ligeiramente feridas. Restante pessoal sem novidade. Gratissimo ao commandante, officiaes e praças do «Highfleyer» pelo seu grande auxilio.

No ministerio da marinha foi *egualmente* recebido um telegramma em que a catastrophe se descreve com identicos pormenores e no ministerio das colonias foi recebido um telegramma que ás referidas informações accrescenta que as avarias são totaes na coberta de vante.

O governador de Cabo Verde, informado do valioso serviço prestado pelo cruzador inglez na extincção do incendio, telegraphou ao commandante agradecendo-lhe os serviços prestados.

A marinhagem da «Ibo», que se encontrava n'aquellas aguas desde que foi acompanhar a primeira expedição a Angola, desembarcou em S. Vicente, sendo alojada no quartel.

Capitão tenente Bernardo Moreira

O seu fallecimento

Victimado por uma lesão cardiaca, falleceu hoje o capitão tenente sr. Bernardo de Mello e Castro Moreira, commandante do contra-torpedeiro *Guadiana*.

Não tinha ainda 47 annos, pois nascera em 9 de outubro de 1868, tendo-se alistado no corpo de alumnos da Escola Naval em 1887, sendo promovido a aspirante de 2.ª classe em 1888, á 1.ª em 1890, a guarda-marinha em 1891, a 2.º tenente em 1892, a 1.º em 1898 e ao posto que actualmente tinha em 1911.

Era cavalleiro das extinctas ordens da Torre e Espada e de Aviz, ordem de 1.ª classe do Merito Naval de Hespanha; possuia as medalhas de prata de serviços distinctos no ultramar, de bons serviços e de comportamento exemplar.

Serviu na corveta *Affonso d'Albuquerque* e canhoneira *D. Luiz*, foi immediato do *Vasco da Gama*, commandante da 1.ª e 2.ª brigadas do corpo de marinheiros, das canhoneiras *Rio Ave* e *Cacongo* e da esquadrilha do Zambeze; secretario do conselho administrativo do corpo de marinheiros; ajudante dos serviços maritimos e secretario da administração do Arsenal da Marinha, vogal dos conselhos de guerra, chefe da 2.ª secção da majoria, além d'outras commissões que exerceu. Fôra louvado muitas vezes por serviços prestados ao Estado.

O funeral realisa-se ámanhã, ás 16 horas, sahindo o prestito funebre da Avenida 5 de Outubro, F D, rez-do-chão, para o cemiterio oriental.

Bens das congregações

Proseguiu hoje, no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, o leilão de grande numero de paramentos de diversas congregações extinctas. O rendimento foi na importancia de 800 escudos approximadamente.

O leilão continúa ámanhã, ás 12 horas, havendo ainda por vender muitos paramentos valiosos, além dos que, pela sua antiguidade e valor, foram escolhidos pelo director do Museu Nacional d'Arte Antiga para este estabelecimento.

Como já dissemos, o leilão é interrompido na quarta-feira, para recomeçar no domingo, ás 12 horas, sendo os dias de intervallo destinados ás entregas dos objectos arrematados, das 12 ás 16 horas.

O acto foi presidido pelo sr. Gonçalves Neves, vogal da commissão jurisdicional das congregações.

SPORT

Combates de «box» em Portugal

Recebemos hontem a seguinte carta:— Sr. redactor d'«A Capital»—*Respondendo ao repto lançado pelo sr. João Joaquim de Azevedo (mais conhecido por «dentes de aço» venho tornar publico que da melhor vontade acceito o «match de box» desde que o meu adversario tenha probabilidades de encontrar algum emprezario que se encarregue de prover ás necessidades que o mesmo origine.*

Será isso possivel em Portugal? Se assim fôr, pode o sr. Azevedo estar cêrto de que terei muito prazer em acceitar o seu desafio em que parece transparecer uma tal ou qual vaidade. Agradecendo a publicação d'estas linhas, subscrevo-me—Manuel Loureiro Grillo.

Está carta é do campeão de Portugal de força entre profissionaes. Tem um relativo interesse porque pode dar motivo a um combate violento e que não será o primeiro entre os dois athletas. Talvez muitos tinham esquecido o primeiro desafio, mas *A Capital*, empenhada no seu noticiario completo, vae lembral-o. Realisou-se n'uma tarde na praça de touros de Algés, no domingo seguinte áquelle em que Azevedo, dizendo-se como agora invencivel, tinha dado uma «tareia» no simpathico e forte Filippe da Costa, ha pouco fallecido. Manuel Grillo desafrontou o companheiro, dando uma formidavel carga de «pancadaria» no seu adversario, que chegou a saltar pelas cordas do «ring», em direcção á porta do cavalleiro, fugindo para não mais apparecer!...

Estará agora Azevedo mais forte? Não o sabemos mas continuamos na persuasão de que não poderá bater-se com Manuel Grillo, tanto mais que este foi um «trainer» de Bazilio d'Oliveira e está portanto «trabalhado».

Nota do dia

Os temerarios do motociclismo

A festa de hontem no Stadium, aparte o interesse pelo campeonato internacional de balões esphericos, tinha dois attractivos importantes: um a corrida ciclista de profissionaes, na qual Soares Junior, agora em melhor *fórma*, bateu nitidamente os seus competidores, depois d'uma linda corrida e n'uma *embalagem* formidavel;—outro o *handicap* de motociclismo que foi uma emocionante prova, na qual os corredores se aventuraram, louca e temerariamente, ás maiores velocidades. Innocencio Pinto, corajosamente, mas com a temeridade desculpada por um excellente methodo de corrida, lançou a sua *Indian* até á velocidade de 92 kilometros e 500 metros á hora! E' espantoso, tanto mais que a pista é de terra batida! Isto prova que os nossos motociclistas são loucamente aventureiros.

Algumas anecdotas

O cura queria ir para o ceu mais devagar!..

Está em moda a aerostação. N'este caso tem a maxima opportunidade a seguinte peripecia succedida ha cento e vinte annos com um cura, que estava ao serviço no exercito do celebre general Jourdain quando este defendia a terra de França, pela primeira vez republicana, contra a invasão estrangeira.

O padre mostrava immenso desejo de subir n'um balão espherico, confiado ao capitão Coutele, que seria celebrisar em Fleurus. O commandante consentiu na viagem. O padre apreston-se, mettendo-se na barquinha e esteve sorridente até ao momento da largada. Quando o balão subiu, muito rapido e muito veloz para o espaço, o cura teve medo, tanto medo, que gritava, pedindo misericordia e implorando a compaixão do piloto. Para lhe fazer a vontade e para evitar uma possivel congestão ao rotundo padre, o piloto desceu! O commandante Jourdain chamou-o.

—Que foi isso, padre? Teve medo de ir para o ceu?

—Tive.

—Porquê?

—E' que ia muito depressa... Prefiro ir para o ceu a rufos de tambor, *ouvindo* o cantochão dos meus collegas, cá em terra.

—Depois de morto, como sabe v. a maneira de o enterrarem?

—Certamente devagar porque sou pesado e devem querer carne boa para adubo de terra!

NATURISMO

Uvas

1,5 de proteina
1,5 0,0 oleo
41 assucar
1 saes

Vem ahi o tempo das uvas! N'essa quadra só tem fome quem quer. 3 kilos d'uva por dia bastam para viver e ter saude. Loiras ou negras, as uvas são condensadas fontes de energia e de vigor. Como amo as uvas colhidas na vinha, quando ainda não estão maduras! Cada bago que como o mastigo, sinto-me com mais vigor. A sua glicosa é assimilavel e pura. Não precisa de ser digerida pelos sucos digestivos. As videiras encarregaram-se de fabricar o assucar melhor de todos. Com os seus saes e cascas bem mastigadas as uvas são laxativas.

Desde tempos imemoriaes as uvas são afamadas para cura. Plinio e Hipocrates, Auchard Limen amaram as uvas que quando passas teem requintado valor.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 11.—Pelas estiagem dos ultimos dias, estão quasi perdidas as searas do monte, que chegaram a ser promettedoras.

Todos os generos de primeira necessidade vão subindo dia a dia, o que redunda n'uma grande miseria para as classes trabalhadoras.

BEIRAN, 11.—O estabelecimento thermal e hotel na Fadagosa abre no dia 1 de agosto, esperando-se este anno muita concorrencia.

—Está melhor o sr. dr. Antonio Mattos Magalhães, que ha tempos se encontra na casa de saude do dr. Decio Ferreira, n'essa cidade.

—Foi collocado na delegação da alfandega de Elvas o sr. Marcos Pinto Bastos, 1.º aspirante, que ha tempos se encontrava em Lisboa com sua familia.

BARREIRO, 10.—No Salão Recreio do Povo realisa no dia 29 o Centro Republicano Portuguez um espectaculo em beneficio da sua escola, com fitas animatographicas e variedades. A direcção do Centro recebeu já a adhesão a esta simpathica festa do habil pintor sem mãos Joaquim Mendes, que tão applaudido foi nos ultimos espectaculos. Tambem espera o concurso da banda Agricola Lavradiense. Toma parte no espectaculo o orpheon da escola, cantando himnos patrioticos.

—Consorciou-se civilmente n'esta villa o sr. José Luiz Dupont de Sousa, empregado dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, com a sr.ª D. Francelina d'Almeida Reis, servindo de padrinhos os srs. Antonio dos Anjos Nogueira d'Araujo, Joaquim Candido Padeira J., Quiteria Gloria Caldas e Manuel Augusto da Cruz Netto.

—Regressou a esta villa, vindo de sua terra natal (Funchal), o sr. Antonio dos Anjos Nogueira de Araujo, official do Registo Civil d'este concelho.

CONDEIXA-A-NOVA, 10.—O conflicto travado entre senadores municipaes evolucionistas e democraticos, d'este concelho, continúa sem solução. Os vereadores democraticos accusam o senador tenente José Balthazar dos Santos, evolucionista, de ter perdido o seu mandato por ter faltado a uma serie de sessões sem motivo justificado, não consentindo que esse senhor tome parte nos trabalhos da camara. Os evolucionistas teimam, por sua vez, em collocar o referido cidadão na commissão executiva, no logar de presidente. O resultado de tudo isto é o senado municipal não reunir, com graves prejuizos dos municipes. Não sabemos, nem pretendemos saber, a quem cabem as responsabilidades d'esta questão, mas o que não deixaremos de lamentar é que o sr. juiz auditor d'este districto, a quem o caso está affecto, as não tenha apurado, castigando os delinquentes, indo até á dissolução d'este corpo administrativo se tanto fôr preciso.

Preciso é que o sr. ministro do interior tome energicas e urgentes providencias para a rapida solução d'esta questão, que crêmos ser unica, no genero, em todo o paiz, porque os interesses dos povos não podem e não devem estar á mercê do capricho politico de meia duzia de individuos.

Bernardo de Mello e Castro Moreira

Capitão-tenente da armada

Falleceu

Apolonia da Costa Teixeira Moreira e familia participam a todos os seus parentes e pessoas de amisade que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito saudoso marido, filho, irmão, genro, cunhado e tio e que o seu funeral terá logar ámanhã, 13 do corrente, ás 4 horas da tarde, e sahirá da sua residencia na Avenida 5 de Outubro, F. D, r/c, para o cemiterio do Alto de S. João.

Não fazem convites especiaes pelo estado de consternação em que se encontram.

Serviços pharmaceuticos no exercito

A direcção dos estudantes de pharmacia dirigiu ao sr. presidente da camara dos deputados a seguinte representação:

A direcção da Associação dos Estudantes de Pharmacia da Universidade de Lisboa, tendo conhecimento do projecto que se propõe remodelar os serviços pharmaceuticos militares, da iniciativa do illustre deputado dr. José Antonio da Costa Junior, e reconhecendo que essa reorganisação vem contribuir para o maior desenvolvimento e prestigio da classe pharmaceutica a que em breve se honrará de pertencer, tomou a deliberação de se dirigir a v. ex.ª, congratulando-se com aquelle illustre deputado pela sua espontanea e generosa iniciativa, e para solicitar de v. ex.ª a sua valiosa intervenção no sentido de se obter rapido andamento e completa approvação do referido projecto.

Transmittindo, por este meio, a v. ex.ª os votos d'esta Associação, nada mais temos em vista do que manifestar o grande interesse que ligamos a tudo quanto se relaciona com os progressos dos serviços pharmaceuticos intimamente identificados com o ensino scientifico e pratico das materias que frequentamos, e simultaneamente patentear a nossa indelevel gratidão a quem mostra desejos de promover o prestigio d'uma classe que tão esquecida tem andado dos poderes publicos.

A'manhã devem reunir as associações escolares de Coimbra e Porto a fim de secundarem a iniciativa dos seus collegas da Universidade de Lisboa.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Agua que se não póde beber

O sr. Gabriel Duarte, morador na rua Diario de Noticias, 127, 1.º, E., tinha em casa um contador tão velho e tão escangalhado que pediu a sua substituição. A Companhia attendeu a reclamação, mas mandou substituil-o por um outro em tal estado que ha quatro dias não ha modo de obter agua limpa, tanta é a quantidade de ferrugem que o contador tem interiormente.

Queixa-se o reclamante de que se sirvam tão mal os consumidores e de que, tendo agua em casa, é como se a não tivesse, vendo-se forçado a anda-la a comprar aos barris.

Inspectores da fiscalisação dos impostos

Os inspectores de 2.ª classe do corpo de fiscalisação dos impostos, addidos, antigos chefes de secção da guarda fiscal, vão pedir ás camaras melhoria de pensão, que é de 300$00, por terem sido julgados incapazes de serviço, quando foram mandados apresentar á junta de saude.

Pedem que, a exemplo do que se tem feito aos militares, lhes sejam conservados todos os seus vencimentos orçamentaes, ou sejam 480$00 aos que foram chefes de secção de 1.ª e 420$00 aos de 2.ª Se tal se não puder fazer, que a pensão que lhes fôr fixada seja egual ao vencimento de categoria dos seus collegas de 2.ª classe collocados no quadro da fiscalisação dos impostos.

Reuniões academicas

Pedem-nos a publicação do seguinte convite:

Os alumnos da faculdade de medicina que concluem o 4.º anno (periodo transitorio) devem comparecer ámanhã, ás 10 horas, no hospital escolar, a fim de effectivar as resoluções hoje tomadas.

Grande Casino Internacional Mont'Estoril

Concerto todas as noites
aos domingos e quintas-feiras
Matinées

Roga-se aos socios que ainda não tenham bilhete d'entrada a fineza de o requisitarem á Direcção.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA —A's 21— Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Circos & Music-halls

No brilhante espectaculo da moda que hoje se realisa no Coliseu dos Recreios, o celebre artista portuguez Julio Villar apresentará um novo programma de canç onetas e fará intermedios comicos originaes. No maravilhoso espectaculo entram o notavel artista transformista Silva Carvalho, que é todas as noites applaudidissimo, a encantadora bailarina *Mariucha* e os notaveis concertistas *Los Alpinos*.

São exhibidas novas pelliculas no animatographo.

A'manhã e quarta feira não ha espectaculo. Na quinta feira, uma estreia sensacional.

—[illegible]

—Estreia-se hoje no Olimpia *O Trez de copas* que, a avaliar pelo successo que obteve no estrangeiro, deve causar sensação em Lisboa.

—A empreza do Salão dos Anjos acaba de contractar os ductistas «Les Rosalis» que se estreiam quinta feira, 15.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella,—A's 21,30—Soldado chocolate. Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Centro Leotte do Rego

A sua inauguração official

Realisa-se no proximo domingo, ás 13 horas, no theatro de S. Carlos, a sessão commemorativa da inauguração official d'este Centro, dedicada ás nações alliadas e ao seu patrono. Conta-se com que a ella assistam os srs. ministros de Inglaterra, França, Russia, Belgica, Japão, Italia e Servia, embaixador do Brazil, presidente da Republica, governo, etc, sendo abrilhantada pelas bandas da guarda republicana, infantaria 5 e marinheiros, e pelo orpheon do Albergue das Creanças Abandonadas. Os bilhetes para este festival estão no Centro Bernardino Machado, em Alcantara, chapelaria Guerra, travessa de S. Domingos, 42, e todas as noites, das 20 ás 23 horas, na séde do Centro Thomaz Cabreira, rua Alves Correia, 85, 2.º, (antiga rua de S. José), e no Centro Democratico, rua Ivens, 35, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Movimento maritimo

Brazil, R. da Prata e Pacifico «Orissa»	13
Bra. e R. da Pra. «Samara (de Bord.)	14
Amsterdam, etc. Frisia» (do Brazil)....	15
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv)..	15

Ameaças dos allemães aos industriaes suissos

Londres, 6 de julho

As trez grandes emprezas allemãs especialisadas no commercio das materias corantes e productos de anilina, acabam de dirigir uma circular aos seus clientes suissos para lhes pedir que interrompam todas as relações commerciaes com a França e a Inglaterra. Os commerciantes allemães declaram que se os clientes suissos se não prestarem a satisfazer este pedido, cessarão de mandar-lhes as suas mercadorias.

Industriaes de padaria

São convidados todos a reunir amanhã, 13 pela 1 hora da tarde na rua de S. Bernardo (Cooperativa Probidade), a fim de protestarmos contra a representação da mosagem na parte que se refere ao augmento de preço da farinha e a reducção da percentagem de extracção.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Colonias portuguezas em paizes estrangeiros

A Sociedade de Geographia reuniu em volume, que acaba de pôr á venda na sua séde e nas principaes livrarias, ao preço de $50, o conjuncto de relatorios dos consules portuguezes no estrangeiro, provocados por um questionario que a Sociedade lhes enviou por iniciativa do seu secretario perpetuo, sr. Ernesto de Vasconcellos, a fim de se poder organisar um recenseamento tão completo quanto possivel da existencia e profissão dos nossos compatriotas que foram levados pelas necessidades da vida a regiões longinquas.

Publicados primeiramente no Boletim da Sociedade, esses relatorios são d'um valor apreciavel pelas importantes informações que conteem relativos aos differentes paizes onde os portuguezes vão desenvolver a sua actividade.

Lingua Esperanto

No Lisbona Esperantista Grupo, rua das Gaivotas, 5, ao Conde Barão, effectua-se amanhã, pelas 21 horas, uma sessão publica de propaganda esperantista, em que falarão os srs. Rodolpho Horner e B. Martins d'Almeida, respectivamente sobre «A superioridade do Esperanto como lingua internacional» e «O Esperanto como agente de pacificação».

TOURADAS

Campo Pequeno—Realisa-se no domingo a festa de Thomaz da Rocha, sendo o curro composto de 11 touros, dez dos lavradores Robertos e um, para ser lidado a sós pelo festejado, offerecido pelo lavrador Simão da Veiga. Veem dois *espadas*, um dos quaes Bombita.

magnifica, de Dixmude, por Pervyse e Ramscappelle, para Nieuport.

Tanto Nieuport como Dixmude eram cidades de consideravel importancia. Nas cercanias da primeira tinha tido logar a batalha das Dunas, em 1600, em que os hollandezes, sob o commando de Mauricio de Orange, haviam derrotado os hespanhoes. Um mercado em estylo gothico, uma linda egreja com uma torre massiça, uma camara municipal e as reliquias d'um castello de templarios eram os principaes monumentos architectonicos d'essa socegada cidadesinha d'uns 3.500 habitantes. Dixmude tinha uma egreja magnifica e era um centro para os rendeiros que vinham ali negociar os seus productos para exportação para Inglaterra.

General sir Ian Hamilton

A quasi dois kilometros além de Nieuport fica Nieuport-Bains, onde o Yser entra no mar. Era uma pequena praia com um largo dique jogo de «golf», muitos hoteis e «villas» muito bonitas.

De Ostende a Dunkerke, ao longo da praia ficavam as dunas, grandes montes de areia, tendo alguns plantações de arvores. Marginando as dunas do lado sul corre o canal de Dunkerke, por Furnes, a Nieuport.

Furnes, onde as reservas belgas tinham ultimamente estacionado, era uma cidade d'uns 6.000 habitantes, tendo como principaes attractivos uma velha praça, um campanario e o côro da egreja de St. Walburga e a alta torre da egreja de S. Nicolau. Era ligada com o Yser pelo canal de Loo, que fórma uma triplice barreira contra um inimigo depois d'este ter atravessado o Yser e o caminho de ferro entre Dixmude e Nieuport.

Um paquete de correio, um canal, uma estrada ligam Furnes com Nieuport, uma estrada Furnes com Pervyse, um caminho de ferro e uma estrada (passando por Pervyse) Furnes com Dixmude; uma estrada e um pequeno caminho de ferro Furnes com Ypres.

Muitas das estradas n'essa região não eram sufficientemente largas para que dois vehiculos passassem a par.

Se deixassem as estradas, os allemães teriam de abrir caminho atravez de sebes, diques, jardins e campos, e o caracter pantanoso do solo impedil-os-hia de fazerem ahi fortificações. As trincheiras podiam rapidamente ser inundadas e como a terra fica inferior ao nivel do mar os belgas podiam, abrindo os diques, transformar os campos n'um mar emquanto o espaço entre o Yser e o talude do caminho de ferro podia tambem ser inundado. Mais longe, o flanco das columnas em movimento entre o mar e Schoore estava exposto ao fogo dos canhões dos alliados.

Os ataques contra Dixmude ou as suas visinhanças são comprehensiveis, mas, lembrando que Dunkerke era fortificada, é difficil comprehender as razões dos persistentes assaltos allemães á posição norte de Dixmude. A unica explicação é que o duque de Wurtemberg e os seus conselheiros imaginavam que os belgas estavam desmoralisados. Se assim era ou não, iam em breve os allemães sabel-o.

cia de quasi quarenta e oito kilometros e na noite de 14, quando os allemães estavam em Bruges e approximando-se de Ostende, as forças á disposição do rei Alberto eram demasiado fracas para guarnecerem tão extensa fronte.

Os pantanos em redor de Ghistelles podiam ser torneados pelo lado de Ostende e, como os allemães occupassem algumas das pontes que atravessavam o Lys a oeste de Menin, a ala direita do rei Alberto, mesmo contando com o auxilio que lhe podia ser prestado pelo corpo de cavallaria britannica e pelo 3.º corpo inglez, poderia encontrar-se em perigo imminente. Resolveu-se trazer todo o exercito belga para o Yser e deixar ahi o general d'Urbal com uma parte do 8.º exercito francez, o corpo de Rawlinson, o corpo de cavallaria e o 3.º corpo inglez para occuparem o espaço entre o Yser em Dixmude e o Lys.

A's 4 horas da manhã, sob uma chuva persistente, os marinheiros francezes, com a retaguarda protegida por alguma artilharia belga, sahiram para Zarren e Wercken, na estrada de Dixmude.

A estrada ia cheia de fugitivos, que se afastavam para os lados para deixarem passar a columna. Quando o dia despontava, grupos d'essa pobre gente se viam com os olhos marejados de lagrimas ao contemplarem a retirada dos defensores do seu infeliz paiz.

Deixando Ronarc'h no dia 15 approximando-se de Dixmude, vejamos o que n'este meio tempo succedia na região entre Dixmude e La Bassée.

A sudoeste de Dixmude, ao Yser junta-se um canal do Ypres, e de Ypres outro canal corre para o Lys em Comines. No dia 12, quando a vanguarda do exercito belga chegou a Furnes—quatorze kilometros e meio a oeste de Nieuport pela estrada para Dunkerke—e quando as tropas de sir Henry Rawlinson seguiam de Bruges a Ghent para a visinhança de Roulers—vinte kilometros a nordeste de Ypres—uma consideravel força allemã estava occupando o oeste da linha Comines-Ypres. A sua direita ficou n'uma eminencia, a dezesete kilometros ao sudoeste de Ypres, a sua esquerda estava no Lys em Estaires.

Do Lys ao sul, no canal Aire-Béthune-La Bassée-Lille uma outra força de allemães estava entrincheirada. A esquerda d'essa força juntou-se á que fazia frente ao general Maud'huy, cujo exercito estava disposto de Béthune, por Arras, a Albert sobre o Ancre, onde tomava contacto com o exercito do general Castelnau que operava entre o Somme e o Oise.

Se os allemães pudessem ter-se mantido na eminencia a sudoeste de Ypres e entre essa eminencia e o Lys, em breve teriam sido reforçados por parte do exercito que havia tomado Antuerpia e pelos corpos que estavam proximos a entrar em Lille. Da linha Mont-des-Cats-Meteren-Estaires podiam ter proseguido na marcha entre o Yser e o Lys sobre Dunkerke, Calais e Boulogne, isolando os belgas no Yser e ameaçando a esquerda do exercito de Maud'huy.

Felizmente, a direita da posição allemã ao norte do Lys foi no dia 13 d'outubro envolvida pela divisão de Byng pelo lado de Roulers e pelo general d'Urbal pelo lado de Dunkerke, sendo ao mesmo tempo atacada pelo corpo de cavallaria ingleza, emquanto o 3.º corpo, vindo de Hazebrouck, avançava contra o seu centro e a sua esquerda.

Entre o Lys e o canal Aire-Béthune-La Bassée-Lille, os allemães foram repellidos pelo corpo de cavallaria do general Conneau e pelo 2.º corpo de exercito inglez. Quando Lille se estava rendendo, os francezes, vindos de Dunkerke, entraram em Ypres, o corpo de cavallaria britannica apoderou-se de Mont-des-Cats, a extremidade occidental da eminencia, e o 3.º corpo tomou Meteren, ao sul da mesma eminencia. A cavallaria de sir Henry Rawlinson—divisão de Byng—destacou patrulhas para Comines e no dia seguinte—14—passou por Ypres e occupou Kemmel e Wytschaete na extremidade oriental da eminencia.

do resto da qual os allemães foram desalojados pelo corpo de cavallaria.

No mesmo dia, Messines, ao sul de Wytschaete, foi tomada e o 3.º corpo entrou em Bailleul. No dia 15, aquelle em que os allemães se apoderaram de Ostende, o generalissimo inglez sir John French mandou o corpo de cavallaria e o 3.º corpo para o Lys e a linha d'aquelle rio desde Aire até Armentières e a margem norte até um ponto a oito kilometros abaixo de Armentières estavam, ao pôr do sol, em poder dos alliados.

No dia 16, os allemães evacuaram Armentières e na mesma data, emquanto os inglezes e os francezes, ao norte e ao sul do Lys, continuavam ainda a offensiva, os allemães atacaram Dixmude e a batalha do Yser começou.

A ala esquerda dos alliados estendia-se de Compiègne, atravez de Albert, Arras, Béthune, Armentières, Ypres e Dixmude, até á costa em Nieuport-Bains. Como os alliados tinham o dominio do mar, os allemães não podiam pôr em pratica a sua manobra favorita de flanquearem o inimigo e no mez seguinte eram obrigados a limitar os seus esforços contra a linha dos alliados entre Nieuport e Béthune ou entre Béthune e Compiègne.

Já mais ou menos descrevemos n'esta obra a região em que as batalhas do Yser e de Ypres se deram. Entre o Lys e o Scheldt o paiz é essencialmente industrial e agricola, entre o Lys e o mar agricola e pastoril. Olhando para leste da montanha de Kemmel, na eminencia de Mont-des-Cats, á direita vêem-se a distancia as chaminés das fabricas de Lille, ao sul o Lys.

Do lado de Lille para o Lys o terreno é plano e em tempo chuvoso fórma uma toalha de agua que desce gradualmente para a margem baixa em que ficam as aldeias de Givenchy, Aubers, Fromelles e Radinghem. Cerca de Givenchy, que fica a pouco mais de trez kilometros a oeste de La Bassée, colossaes montes de lava se erguem para o céu. Radinghem está a uns oito kilometros a oeste de Lille e á mesma distancia ao sul de Armentières. O canal La Bassée-Lille fica para além d'essa eminencia.

A trinta e dois kilometros, na frente de Kemmel, fica Courtrai sobre o Lys e, ao norte, Roulers. Ao sul do caminho de ferro de Roulers a Ypres estende-se um grande tracto de bosques de Wytschaete a Zonnebeke. Na planicie abaixo, para a esquerda, vêem-se, um pouco a leste, as torres e os telhados de Ypres, outr'ora capital da Flandres Occidental. A nove kilometros e meio a leste do canal de Ypres ao Yser começa a floresta de Houthulst.

Indo do Yser, por Dixmude, para o mar, e a trinta e dois kilometros de Dixmude e a vinte e cinco e meio a sudoeste de Nieuport-Bains fica Dunkerke.

Do mar a Dixmude ha uns dezeseis kilometros, de Dixmude a Ypres vinte e meio, de Ypres a Armentières dezenove e do Lys a Armentières até Bethune vinte e quatro. A linha occupada pelas tropas alliadas no dia 16 d'outubro media perto de noventa e seis kilometros, seguia a margem norte do Yser de Nieuport a Dixmude e d'essa cidade em redor da orla oriental da floresta de Houthulst.

De Nieuport a Dixmude a linha era guarnecida pelos belgas, auxiliados por 6.000 marinheiros francezes de Ronarc'h, que occupavam Dixmude e as visinhanças com postos avançados até á frente. D'essa cidade estendiam-se por Zonnebeke e Gheluvelt, onde estavam as tropas de Rawlinson, para Warneton no Lys. Entre os marinheiros francezes e inglezes estavam as divisões territoriaes francezas e parte da cavallaria franceza. De Warneton, o corpo de cavallaria britannica, o 3.º corpo, a cavallaria de Conneau e o 2.º corpo guarneciam uma linha curva atravez dos outeiros occidentaes de Aubers a Béthune.

A 16 d'outubro a posição dos belgas era a seguinte:

A 2.ª divisão belga estacionava em roda de Nieuport; á sua direita estava a 1.ª divisão; atraz d'esta

para Dixmude, ficava a 4.ª. Depois vieram os marinheiros francezes commandados pelo contra-almirante Ronarc'h com a 5.ª divisão belga em seu auxilio. O total da força não ia além de 40.000 homens.

Uma patrulha do 2.º regimento inglez de Guardas havia sido repellida de Staden na estrada de Roulers para Dixmude e uma grande força do inimigo estava a oeste de Staden na floresta de Houthulst e a sudeste em Oostnieuwkerke. A 7.ª brigada de cavallaria ingleza foi, por isso, no dia 16, mandada, por Ypres, para o sul da floresta e até ao anoitecer occupou a linha Bixschoote-Poelcapelle.

Os movimentos dos territoriaes francezes e da cavallaria iam ter importante alcance na defeza de Dixmude. Ao pôr do sol renderam a 7.ª brigada de cavallaria, que se pôz em movimento na direcção sudeste, para Passchendaele. Ao anoitecer a frente do Yser de Nieuport a Dixmude era guarnecida por destacamentos belgas, que occupavam as aldeias de Lombartzyde, Mannekensvere, Schoore, Leke, Keyem e Beerst.

De Thourout, ligada por uma linha de caminho de ferro de via simples com Bruges e Roulers e por uma linha de via dupla com Ostende, uma importante estrada corre para Ostende. Outras estradas entroncam n'essa e levam ao Yser. As aldeias de Beerst e Keyem ficam nas que se dirigem para o Yser. A oeste de Schoore uma outra passa por Mannekensvere para Nieuport, emquanto Lombartzyde fica a kilometro e meio a leste de Nieuport na estrada que pela costa segue para Ostende.

Emquanto os belgas estivessem senhores de Lombartzyde, do terreno a leste de Nieuport e das aldeias que acabamos de citar, os allemães não podiam servir-se das estradas para o Yser e da de Thourout-Ostende, que corre ao sul, por Roulers, para Menin e que é costeada por uma linha de caminho de ferro de via unica. A estrada Thourout-Ostende não é, porém, a unica que conduz ao Yser, pelo lado de leste.

Em Roulers, uma estrada corre ao noroeste para Dixmude, a qual ia formar a linha de avanço para os allemães vindos de Ghent para atacar Ronarc'h.

Na generalidade, o plano allemão contava com a tomada de Dixmude, o esmagamento dos belgas e um avanço para envolver a esquerda dos alliados.

Ao sul da estrada Roulers-Dixmude fica a floresta de Houthulst, que não podia ser deixada pelos allemães no seu flanco e que, por tal motivo, foi theatro de violentos combates.

Do valor das aldeias ao norte do Yser dizemos acima. Para além d'ellas, de Dixmude a Nieuport-Bains fica o canalisado Yser, que attinge de quinze a vinte pés abaixo do nivel da margem. Ha um caminho de sirga pedregoso que corre ao longo d'elle e que fórma uma magnifica muralha. Entre esse caminho de sirga e a muralha ha uma margem de cerca de dois pés d'altura, sufficiente para servir d'abrigo a um homem que está fazendo fogo. O canal segue n'uma ligeira curva de Dixmude a Nieuport. A meio caminho quasi entre as duas cidades toma a direcção de leste. De cada lado da base do cordão assim formado ha uma pequena aldeia—Tervaete e Schoorbakke—amontoadas em redor d'uma ponte.

A oeste do canal ficam campos planos, divididos em herdades e interceptados aqui e ali por canaes mais pequenos. A linha de caminho de ferro que liga Dixmude com Nieuport fica a uns trez kilometros do canal. As principaes pontes sobre o Yser são em Nieuport, Mannekensvere, Schoorbakke, Tervaete (proximo de Keyem) e Dixmude. A posse d'essas pontes era de grande importancia para os assaltantes, para um ataque, para os defensores, para uma vigorosa defeza.

O caminho de ferro formava uma segunda linha na qual os belgas podiam oppôr-se aos allemães, se estes atravessassem o canal. Atraz do caminho de ferro ficava a estrada,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1773 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 13 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Filhos do povo

A'manhã, segundo se encontra annunciado, vão os marinheiros ao Alto de S. João depôr uma corôa na sepultura de dois camaradas seus, mortos no movimento de 14 de maio. Mas não se limita a essa homenagem a sua ida ao cemiterio. Esse preito, a que tudo indica se associarão os seus camaradas do exercito, será extensivo á memoria dos officiaes de marinha que morreram, defendendo a causa do governo Pimenta de Castro, na supposição de que cumpriam inteiramente o seu dever, e por fim saudar-se-ha, junto da sua derradeira jazida, a memoria do illustre marinheiro e grande democrata Candido dos Reis, morto nos primeiros tiros da Republica, a cujo advento consagrara uma vida inteira.

A romagem de ámanhã tem um significado que não deve passar despercebido. Não é um simples acto sentimental. E' a confirmação d'uma attitude, é um empenho de cohesão, é a evidenciação d'uma vigilancia zelosa e dedicadissima para a boa marcha da Republica.

Os marinheiros, que tomaram esta iniciativa tão simpathica, mais uma vez mostram que estão unidos, que constituem um verdadeiro bloco para a defeza das instituições republicanas e para a dignificação da Patria. Elles representam o nucleo mais firme da sociedade portugueza. Com o seu criterio simplista, mas justo, reconheceram que era necessario velar pela Republica, de armas na mão, para que ella não estivesse sujeita ás eventualidades dos golpes de Estado, das dictaduras, das deturpações dos seus principios, servindo, consciente ou inconscientemente, ás ambições d'uns ou ás traiçoeiras manobras de outros. Uma força d'esta ordem, só utilisavel para a defeza dos grandes principios, para a segurança das liberdades publicas, para a manutenção do prestigio da patria, é base preciosa para a normalidade do systema e para o desenvolvimento do paiz, no respeito á lei que ella assegura e na ordem e na tranquillidade que ella garante.

Mas ha ainda o empenho de cohesão que a marinha manifesta, irmanando-se aos seus camaradas do exercito, na preoccupação benemerita de estabelecer a unidade de elementos que nas sociedades, regularmente constituidas, não podem nem devem andar desassociados. Exercito e marinha são formados pelos mesmos filhos do povo. Cabe-lhes a mesma missão. A Republica a ambos dignificou. Servindo a democracia servem a sua propria causa, a causa do povo d'onde vieram, para onde voltarão, melhor diremos, a que nunca deixam de pertencer.

Todos estes propositos se concretisam n'uma obra de vigilancia pelos destinos da Republica, que são os destinos da Patria. Velam pela sua segurança, velam pela sua integridade. Amoravelmente contemplam os seus progressos, e resolutamente defendem a sua existencia. A esta grande conquista da soberania popular, os filhos do povo, que vestem uma farda, nunca a deixarão subjugar, nem pela violencia nem pela traição.

E' consolador reconhecer a existencia d'esta consciencia collectiva. Não se perdeu a semente da propaganda democratica que, durante quarenta annos, incutiu no espirito popular a noção dos seus direitos e dos seus deveres. Já não ha forças armadas que sejam levas de carneiros ou hordas de pretorianos. Hoje soldados e marinheiros guiam-se pelas ideias. Cada um d'elles é um cidadão. Já não são possiveis as «Saldanhadas». Para que se erga um braço armado é necessario que se revolte uma consciencia abrazada no culto do direito e da liberdade.

Essa caracteristica observa-se nos exercitos das nações mais civilisadas. No momento agudo da crise que ficou sendo conhecida pelo nome de questão Dreyfus, quando Derouléde lançou a mão á rédea do cavallo do general Roget, que regressava da parada de Longchamps, incitando-o a marchar contra o Elyseu, o general, que era um acerrimo anti-dreyfusista, percorreu com os olhos as fileiras dos seus soldados. Só viu semblantes retrahidos, ou em que se patenteavam as resoluções energicas do protesto. O general não cedeu ao appello que correspondia os seus mais fervorosos sentimentos. N'esse dia provou-se que o exercito francez era já o exercito d'uma grande democracia.

A marinha e o exercito, em Portugal, são tambem a defeza armada d'uma viva e authentica democracia.

Poeira da Arcada

N'este periodo fogoso de exames, tão necessario para a formação mental da juventude como o sarampo ou a grippe, os papás veem-se gregos para dar animo aos seus filhos que á hora fatidica torna lividos, receando despenhar-se com todo um anno de cabuladas vigilias, no pelago morno das vocações improductivas. E' necessario abalar o juri que atira perguntas á timidez gaga dos examinandos, sem respeito algum pela angustia que resulta da miseria extreme de um cerebro varrido de conhecimentos, de um pavor louco, desabalado que agita os peitos juvenís como uma procella.

Intervem a choradinha carta de empenho, a cartola que deambula pelas escolas, a salvaguardar innocencias que a sciencia não polluirá jámais. Que milagres se não conseguem! Ainda ha pouco vimos o Luisinho, vencedor nas provas da terceira classe, colhido nos braços da sua enternecida mamã, cobrindo-o de beijos, como se tivesse escapado de algum incendio... Lindo espectaculo!

Luisinho é preguiçoso como uma cigarra, mas crente em milagres como uma aldeia. Ainda não foi reprovado, graças ao alecrim bento que a familia queima junto do oratorio familiar. Deus o proteja, que deve vir a ser um bello monumento de estulticia diplomada!

* * *

Nem todos os austriacos veem com bons olhos a intervenção crescente da Allemanha nos negocios militares e outros do seu paiz. Entre elles, o principe de Hohenlohe que jura nunca mais voltar a pisar a terra em que nasceu e se cobriu de glorias palatinas. Junto ao lago de Lugano, com sua esposa, elle erra horas esquecidas, á espera de uma occasião feliz que lhe permitta internar-se em Paris e consumir ahi o resto dos seus dias no silencio, no estudo e na liberdade. O mundo parece-lhe deserto, escarpado, hediondo. Só Paris o tenta com a seducção multiplicada da sua vida imaginada por um espirito fino e vibrado em prazeres suaves, seductivos e discretos. A guerra detem o principe na fronteira italiana. Logo que a paz seja assignada, elle irá mudar na França vencedora a patria de todos os que, por muito amarga que seja a sua condição, sempre creem que, depois de Athenas e Florença, ainda existe na terra uma cidade em que cabem todas as manifestações do pensamento.

Aviação militar

A' extensa lista que vimos dando de voluntarios que se offerecem para frequentar a futura escola de aviação temos hoje a acrescentar os nomes dos srs.: Raul da Costa Rosa, empregado publico, morador na rua dos Cavalleiros, 48, 1.º; Eduardo Nunes, rua Andrade Corvo, A. B., 4.º, D.; Ernesto Rodrigues Pinho, rua Sete Castellos (ao Alto do Pina), 27, rez-do-chão, E.; Henrique Waldemar Lopes Vianna, empregado telegrapho-postal, praça das Flôres, 5, 1.º; J. Heitor Junior, rua d'Alcantara, 40; Justino Silva, travessa de S. Mamede, 60, 3.º; José Chaves, rua de Sant'Anna, 9, rez-do-chão; Manuel Pedro Ignacio, licenceado de artilharia 1, rua José Estevam, 14, rez-do-chão; José Augusto da Fonseca, rua do Barão, 43, 3.º D.

PREPARANDO O FUTURO

O ensino primario particular e o que diz D. Amalia Luazes

Baixinha, nervosa, faladora, eloquente, n'uma azafama continua, o vestuario preto, sem nenhum arrebique proprio do sexo, o casquete de crepe a coroar-lhe a fronte marfinea e ampla, a grandeza de alma em contraste com a pequenez da figura, toda a bondade d'um coração de mãe á flôr dos olhos negros, enormes e humidos,—Amalia Luazes é um impressionante exemplo de coragem na lucta pelos interesses tão criminosamente descurados das creanças! Dobam-se os dias, succedem-se as desillusões, não faltam as amarguras intimas e, assignalando a sua passagem, mal lhe deixam um fio de prata no cabello quasi rebelde ou o vestigio d'uma ruga no largo rosto, expressivo e franco... A idéa fixa, o sonho de sempre, a preoccupação de todas as horas permanecem inalteraveis, como se os embaraços, as resistencias, os escolhos a vencer não fôssem de molde a desanimar as energias mais fortes e a desfazer os mais risonhos optimismos.

A professora Luazes pensa constantemente nas creanças, mas a sua enternecida solicitude não a restringe ao ambito da escola a cuja frente se encontra: ella empenhou-se dedicadamente na causa dos filhinhos dos seus collegas, para que se lhes assegurasse, aos desafortunados, a educação e o futuro, e n'este momento esforça-se por que se solucione um problema de vastidão e consequencias muito maiores, que é o da saude moral e phisica dos milhares de pequenitos que frequentam as escolas primarias não officiaes, estabelecimentos esses cujas condições em tantos casos são, sem duvida, para lastimar. Quem quererá acompanhal-a no seu patriotico apostolado? Conseguirá, porventura, as adhesões de que precisa para que fructifiquem os seus esforços? As difficuldades menos faceis de remover não as accumulará principalmente quem deveria tomar a peito a tarefa de coadjuval-a n'esta campanha sôbre todas sympathica?

Um futuro bem proximo nol-o vae dizer, demonstrando-nos por fórma inilludivel se as affirmações quotidianas de que urge trabalhar pela vigorisação da raça não passam de meras phrases declamatorias, vazias de sentido e de sinceridade...

* * *

Regulamentaram-se as horas de trabalho dos empregados de commercio. Foi uma grande conquista social que levou longos annos a realisar e em que o preconceito e a exploração soffreram um cheque formidavel. Está regulamentado tambem o horario nas escolas primarias officiaes, onde o limite maximo de trabalho é de cinco horas. Mas para os chamados collegios particulares não existe regulamentação, de maneira que na sua quasi totalidade elles representam o papel de ruins creches, a que os paes confiam em deposito os filhinhos durante o maior numero de horas possivel, interessando-se menos por que aprendam alguma coisa do que pela sua detenção, que lhes permitte labutar mais despreoccupadamente nos seus officios ou industria. E eis aqui o pavoroso drama!

Em qualquer rua ou travessa se improvisa um collegio. Na sua installação desattendem-se rudimentares preceitos hygienicos: faltam a luz e o ar, desconhece-se o mobiliario proprio, amontoam-se as creanças n'um cubiculo e para ali as reteem, como que n'uma prisão, forçando-as á immobilidade horas seguidas. Ha, certamente, excepções, não alludindo já aos bons estabelecimentos de ensino livre em que se professa a instrucção primaria, além dos cursos secundarios e outros. Mas a regra geral é aquella.

Enclausurar creanças de tenra edade em recintos improprios, sob o pretexto de que as instruem e educam, só porque assim as sujeitam e as fazem papaguear uma cartilha, é um feio delicto em que os paes e os mestres teem como cumplices o municipio e o Estado. As culpas dos paes, que preferem a escola particular á escola official, são attenuadas, amiude, pela circumstancia de não terem a quem confiar os filhos quando a faina diaria os obriga a sahir de casa, motivo respeitavel que não podem allegar as damas que, para andarem, n'uma roda-viva, pelos animatographos, pelos theatros, pelos chás-tangos, entretem com os pequenitos aos cuidados mercenarios das servas... Ao municipio ou ao Estado é que se não perdôa tamanha incuria. Cabem-lhe gravissimas responsabilidades no atrophiamento a que d'esta arte vemos irremissivelmente condemnada a infancia...

* * *

Emquanto lá fóra se desenvolvem as colonias escolares de ferias e a propria camara municipal de Madrid acaba de as inaugurar, entre nós consente-se que pullulem os maus collegios-depositos e não se procura evitar os resultados contraproducentes da sua frequencia, submettendo-os, pelo menos, ao horario official!

Constituem legião os pequeninos opprimidos para os quaes a professora Luazes chama as attenções dos poderes publicos e de quantos fôrem susceptiveis de se commover com o abandono a que tem sido votada a infancia. Ninguem ousa negar que á assistencia infantil, obra de iniciativa particular a que só tarde e a custo chegou a cooperação official, se devem louvaveis serviços. Os aspectos do problema são, porém, numerosos e complexos. Um d'elles é o que essa senhora, que trabalha, como ella affirma com desvanecimento para o futuro da sua patria, nos acabou, ainda ha pouco, de traçar e que, pallidamente e de corrida, deixamos esboçado. A actividade febril e a eloquencia calorosa e persuasiva de Amalia Luazes hão de triumphar n'esta empreza. Ajudal-a-hemos com enthusiastico alvoroço, porque não ha causa mais justa do que a sua.

Avelino de Almeida

TRABALHO PERDIDO...

Projectos que caducaram

Alguns destinavam-se a resolver problemas do mais alto interesse nacional

Na passada legislatura foram apresentadas centenas de projectos que nenhuma das Camaras chegou a apreciar. Alguns ainda tiveram a sorte de receber o parecer das commissões respectivas, mas a quasi totalidade por lá ficou a dormir o somno dos justos ou... das coisas inuteis.

Em abono da verdade deve dizer-se que muitos d'elles mereciam melhor sorte, pelo estudo e trabalho que representam e porque se destinavam a resolver problemas que carecem, ha longos annos, de solução. Foi pena que as commissões, durante os tres annos e meio de duração do anterior Congresso, não tivessem tempo de fazer uma selecção criteriosa entre os projectos que recebiam, pondo de parte os que obedeciam a restrictas conveniencias de caracter partidario ou de vantagem pessoal para os interessados, e formulando pareceres sobre os que representavam a satisfação de interesses geraes. E' certo que, passados vinte dias, os projectos podem ser discutidos sem o parecer das commissões. Mas comprehende-se que essa disposição seja meramente theorica, sabendo-se quanto é difficil, muitas vezes, fazer discutir os projectos que receberam parecer.

Vamos destacar alguns projectos de iniciativa dos governos e que ficaram pendentes na Camara dos Deputados na anterior legislatura.

Da sessão legislativa de 1911-1912:

Reorganisando a guarda fiscal.

—Estabelecendo o pagamento de direitos pautaes em ouro.

—Auctorisando o governo a celebrar um novo contracto com o Banco de Portugal.

—Auctorisando o governo a fazer a conversão da divida interna.

—Auctorisando o governo a proceder ás obras necessarias para o estabelecimento do Arsenal de Marinha na margem esquerda do Tejo.

Da sessão de 1912-1913:

—Criando a Ordem dos Advogados.

—Reorganisando os serviços medico-forenses.

—Facilitando a revisão das sentenças criminaes.

—Auctorisando o governo a pôr a concurso a installação de postos de telegraphia sem fios nas colonias.

Da sessão de 1913-1914:

Fixando as incompatibilidades politicas.

—Estabelecendo as bases de uma carreira de navegação para o Brazil.

—Regulando o estabelecimento de bancos populares.

—Auctorisando o governo a contractar com uma sociedade portugueza a construcção d'um arsenal e de uma esquadra.

—Criando na Agencia Financial do Rio de Janeiro um fundo especial destinado á repatriação de portuguezes.

E' indubitavel que todos esses projectos iam satisfazer reclamações que veem sendo apresentadas aos poderes publicos desde longa data. Muitos outros ainda poderiamos citar em condições identicas, apresentados por membros dos governos, devendo notar-se que um grande numero se destina a resolver questões coloniaes.

Todos elles caducaram, por virtude da deliberação tomada pelo actual Congresso. Porque não ha de ser renovada a iniciativa dos que representam maior interesse e maior urgencia, aproveitando-se o trabalho feito?

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 13.—Official.—Na região de Ednaboro fizemos explodir algumas minas allemãs e repellimos a offensiva inimiga entre Lupissa e Larogosa. Na região de Lublin, levámos a cabo a offensiva e occupámos as posições designadas na margem direita do Ourjendwka. No Bug repellimos todos os ataques inimigos.—*(Havas).*

Do Lumiar a Alcochete em balão

Graphico da viagem do «Viscaya», do Lumiar a Alcochete, traçado por Hermano Neves

PREPARANDO A VICTORIA

O recrutamento em Inglaterra e um discurso de lord Kitchener

Londres, 9 de julho

Teve logar esta tarde em Guild Hall uma grande manifestação patriotica, tendo por essa occasião usado da palavra lord Kitchener que falou ácerca do recrutamento.

Logo ás dez horas da manhã uma innumera multidão começara a agglomerar-se nas ruas que levam a Guild Hall, onde varios batalhões estavam postados para fazerem a guarda d'honra ao ministro da guerra que disfruta de grande popularidade no bairro commercial de Londres. Mal appareceu o automovel do ministro, estrondearam os vivas, chapeus e lenços esvoejaram, ao meio do mais vibrante enthusiasmo.

A ideia principal do discurso de lord Kitchener foi: até agora tem sido satisfatorio o resultado do recrutamento, mas precisamos de maior numero d'homens.

«Aproveito, disse o ministro inglez, o amavel convite do *lord-maire* de Londres para vir fazer aqui, no historico Guild Hall, um novo e mais largo appello á mocidade ingleza».

Fez depois o elogio dos soldados dos dominios coloniaes que se batem ao lado dos seus camaradas inglezes e francezes nos campos de batalha de França e dos Dardanellos e citou o seguinte dito de Napoleão: Tendo-lhe perguntado alguem quaes eram as trez coisas indispensaveis na guerra, respondeu: dinheiro, dinheiro e dinheiro!

«Hoje dir-vos-hei, com uma ligeira variante, as trez coisas que se precisa são homens, material e dinheiro.

Pelo que diz respeito a dinheiro, o successo do emprestimo por meio do qual o obtemos; é principalmente devido ao elemento commercial, quanto ao material, a maneira energica com que o novo ministro das munições está organisando a sua producção mostra-nos que, por este lado, a questão se resolve favoravelmente. Resta nos a questão vital da necessidade de homens e é por causa d'ella que hoje aqui vim falar-vos.

Fiz já saber aos meus compatriotas que a lucta será não sómente dura, mas tambem prolongada; declarei-lhes já que terei necessidade de homens, de muitos homens, até ao completo esmagamento do inimigo. Hoje, repito-lhes o mesmo, e com maior insistencia. A situação agora é melhor do que a de ha dez mezes, mas, no emtanto, conserva-se ainda grave.

A methodica preparação da Allemanha, durante quarenta annos de esforços, deu-lhe uma organisação militar completa; nunca, até agora, um qualquer paiz se tinha ainda organisado tão poderosamente para impôr as suas vontades ás outras nações. Mas, como, graças a esta preparação, logo desde o principio da guerra poude a Allemanha empregar todos os seus recursos, a sua força de resistencia tende a diminuir, ao passo que a nossa, porque não dispuzemos a principio de todos os recursos, tende a augmentar».

Disse depois não existir já a falta de equipamentos e munições que não permittia se pedisse maior numero de homens, e accrescentou:

«O registo nacional vae fazer-nos saber quantos homens ha entre 19 e 40 annos que não trabalham em munições; todos aquelles cuja constituição fisica o permitta, e de preferencia os que não sejam casados, serão considerados como possiveis candidatos ás fileiras do nosso grande exercito.

E' inutil gritar em altas vozes qual o effectivo que precisamos; frequentemente se tem dito que amplas informações quanto ao numero de homens e logares de concentração estimulariam o alistamento; é certo, mas tambem é certissimo que essas informações seriam preciosas para os nossos adversarios. Foi para mim motivo de grande satisfação saber que um principe allemão exercendo um alto commando confessava a sua absoluta ignorancia ácerca dos nossos novos exercitos».

Como um verdadeiro soldado, lord Kitchener terminou o seu discurso com energicas exhortações:

«A duas cathegorias de homens se dirige o meu appello: 1.º aos que, empregados de qualquer forma n'um trabalho que se relacione com o exercito, são considerados indispensaveis; 2.º áquelles que procuram eximir-se com falsas desculpas. O facto do paiz vos aconselhar a alistar-vos, sem que vol-o ordene, não quer dizer que não seja vosso dever o fazel-o. Não vos sentis capazes de partir espontaneamente? Mas qual será o vosso merito se apenas partirdes quando vierem buscar-vos? Em que se manifesta o vosso patriotismo? Não me compete a mim indicar-vos qual seja o vosso dever, mas á vossa consciencia. Interrogae-a, e decidir-vos, mas depressa. Sede probos para com vós mesmos, e procedei de maneira a não terdes de que vos envergonhar perante ella.

«Soa n'este momento uma hora solemne para a nossa existencia nacional, e portanto para todos os inglezes; agora ou nunca devemos sentir-lhe a gravidade.

Não poupemos cousa alguma, nada recusemos, não recuamos perante seja o que fôr para que possamos accelerar com todo o nosso esforço o impulso que dará a victoria á nossa causa, conservando-nos a honra e a liberdade».

A pesca em Cabo Verde

Uma riqueza que se não sabe aproveitar

Ha pouco mais de um mez, um palhabote, o «Loanda», da praça da Ericeira, fez-se de vela e foi para a nossa colonia de Cabo Verde pescar. Pairou 40 dias a algumas milhas da ilha do Sal, a nordeste da ilha da Boa-Vista, e com pescadores, na maioria das proprias ilhas, conseguiu em quarenta dias o melhor de oitenta toneladas de peixe, o que reduzido a dinheiro deve dar 12.000 escudos ou 12 contos.

Um nosso collega do «Futuro de Cabo Verde» resolveu entrevistar o capitão do navio, e publicou a summula da palestra no mesmo jornal, que foi transcripta ha dias n'um diario de Lisboa.

D'essa palestra, todos quantos não são conhecedores do assumpto pódem concluir que não ha em Cabo Verde peixe que dê para uma exploração intensiva, havendo no entanto o sufficiente para uma exploração lucrativa; que os pescadores não são maus, «mas não mostram vida», e, a respeito de sal o que usaram era de inferior qualidade e não servia para a salga do peixe. Resumindo, com todos estes senões, que renderam 12 contos em 40 dias, podemos applicar o dictado que é costume em Portugal é «comer e dizer mal».

Não tem a provincia de Cabo Verde sorte, é o caso. Os seus mares teem peixe em abundancia, e ou com redes de arrasto ou á linha, a pesca podia ser uma rendozissima industria, onde as classes trabalhadoras poderiam conseguir um salario rendoso durante quasi todo o anno, que as poria a coberto das fomes periodicas que assolam o mesmo archipelago mercê da falta de providencias officiaes. Infelizmente, o que se vê é repetirem-se constantemente as experiencias, mas não se consegue o estabelecimento de nenhuma empreza, umas vezes porque os capitalistas não estão para isso, porque o juro de 3 por cento é o maximo da ambição, outras porque o governo empata, chegando-se portanto a descrêr, com justo fundamento, que se queira providenciar para diminuir os desastrosos effeitos das crises de subsistencias por falta de chuvas, e irremediaveis n'estes seculos mais proximos se a arborisação do archipelago continua a ser o que até agora tem sido.

O estado actual da industria da pesca em Cabo Verde, é extraordinariamente primitivo. Os methodos usados são a pesca á linha exercida em botes de remos tripulados por 3 a 4 homens e as pequenas redes de arrasto para terra. Em quasi todas as ilhas pesca-se diariamente para o consumo local, e a exportação para fóra do archipelago é diminutissima, como se vê das estatisti-

FOLHETIM D'«A CAPITAL» · 13-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXVI

A essencia d'ambar

Na tarde de 10 de maio de 1742, tinham batido as quatro horas na torre da Capella Real, D. João V mandou chamar á sala dos Embaixadores o cardeal da Motta. Principiou o despacho. De repente, quando o rei se debruça, empunhando o oculo d'oiro, sobre um alvará de mercê, um accidente cerebral fulmina-o. Levam-no em braços para o quarto, arrancam-lhe a cabelleira de França, despem-no até ás servilhas e ás meias-calças, e balofo, inerte, a bocca flaccida soprando, estendem-no sobre a cama. Correm archeiros. A rainha grita. A noticia espalha-se. Medicos, cirurgiões, boticarios invadem o quarto, gesticulam, farejam, verificam a paralysia do lado esquerdo, estendem os pescoços em volta do rei, sarjam-no, sangram-no nas mãos, aconchegam-lhe aos pés tijollos em braza, mettem-lhe pela bocca abaixo purgas de xarope aureo e de pós cornichinos. Os corredores do Paço coalham-se de frades, de communidades, de imagens, de reliquias,—os marianos com o braço de Santa Thereza, os dominicanos com a Senhora do Rosario, os theatinos com o Senhor dos Passos. Franciscanos, loyos, balthazares, barbadinhos, sahem, de cruz alçada, em procissão pelas ruas. A rainha, aos berros no oratorio, quer que a deixem ir á Madre de Deus, descalça, resar pelo rei. Ouvem-se preces. Ha sinos que dobram, pelos mosteiros, cuidando o rei morto. A guarda dos tudescos fórma, lampejando alabardas. E' o Patriarcha que chega, debaixo de pallio, com a benção papal. D. João V, soerguido nos braços dos cardeaes da Cunha e da Motta, gelatinoso, hediondo, recebe o barrete de Santo André Avelino, advogado contra as appoplexias, que os padres caetanos lhe enfiam na cabeça. A tarde cáe, n'um clarão tranquillo. Os medicos da junta, chamados á pressa, reunem-se na sala dos Escudeiros, em volta d'uma bacia de prata e d'um gomil d'agua ás mãos, vociferando, interrogando-se, discutindo. Não falta um só. Estão todos: o doutor Antonio da Costa Falcão, capello amarello do Paço, cirurgião-mór do reino; o doutor Pestana, sempre de capa, volta e cabelleira de nós, á antiga; o medico Kaupers, que põe carmim e usa «moscas» como uma dama; o doutor «Carapinho», que não larga a sua mula de gualdrapa cinzenta; o velho Bernardes; o arguto Ortigão, predilecto do rei; o austriaco Witte, que viéra com a rainha. As opiniões dividem-se. Kaupers e Falcão attribuem o accidente ao mau habito de D. João V dar despacho depois de comer; o «Carapinho», o doutor Ortigão e o medico Witte accusam os cirurgiões José Ricord e Pedro d'Arvellos Spinola de terem produzido a doença do monarcha, seccando-lhe com unguento de oiro as ulceras que elle tinha nas pernas; o doutor Pimenta, sybillino, affirma que Sua Magestade teria evitado o mal «se não comesse tanto doce e não ouvisse tantas historias da carochinha»; mas o parecer que produz verdadeira sensação entre os medicos é o do velho e rabujento doutor Bernardes, mumia enorme cheia de rheumatismo, de insolencia e de cruzes brancas de Malta: «o que ha de matar el-rei é a comica Petronilha e é a essencia d'ambar que lhe dá João Jacques». Os capellos do Paço entreolham-se. O cardeal da Motta, que assiste ao fim da junta, tem uma ligeira crispação de beiços, compõe sobre a murça vermelha a sua dupla cruz bysantina e conclue, franzindo os sobr'olhos:

—Pois sahirá da côrte a italiana.

Petronilha Trabó Brazilii era uma mediocre cantora d'opera, estrabica e esculptural, por cujo seio um Medicis podia ter moldado a sua taça d'oiro, e que passava em Roma por ter sido amante do cardeal Cavallarini. Viera para Lisboa, em 1725, com a companhia das irmãs Paghetti, e D. João V enamorára-se d'ella, vendo-a, em 1739, atravez da rótula d'uma frisura dos Condes, fazer o «travesti» de Aniceto n'um «drama per musica» de D. Bernardo Gayo. Mas, ao tempo, D. João V tinha já cincoenta e dois annos,—e, pelo menos, trinta e oito d'uma vida sexual intensa, em que semeara pelos mosteiros de clarissas e de bernardas a faixa contraveirada de prata das bastardias, passara de catre em catre, por braços de saloias e de ciganas, de mulatas e de regateiras, e chegára até ao desvio homosexual, como o avô D. João IV com o cantor Pissano, pelas noites de mysterio e de maresia do Terreiro do Paço da Ribeira. Estava fatigado por toda a casta de excessos e por um «sénium» precoce de fim de raça, que trouxéra ao seu orgulho de amoroso a ameaça d'uma decrepitude. Essa ameaça espreitava-o de longe. Já, annos antes, ordenara a D. Luiz da Cunha que consultasse o grande Boerhaave, ácerca da raiz do ginsão, que Curvo Semmedo considerava «admiravel remedio para qualquer enfermo prostrado, desfallecido ou esfalfado». O fauno ficara a dormir, bebado de agua-benta, sobre as pias de prata de Odivellas. Os encantos de Petronilha não tinham conseguido dispertal-o. Pedira ao velho medico Bernardes um remedio que, como o elixir d'oiro do Roger Bacon, o restituisse á mocidade: n'essa mesma noite fôra encontrar, aberto á cabeceira da cama, o «Elogio da Velhice», de Cicero. Em 1778, Arthur William Cestigan, no seu livro «Sketches of Society and manners in Portugal in a series of letters from to bis brother in London», de que existe uma versão portugueza manuscripta no codice 612 de «Pombalina», diz que «D. João V dissipou a sua vida com clerigos e mulheres, e, decahido pela idade, tomou cantharidas, que o reduziram a uma summa frouxidão». Não foram cantharidas: foi a essencia d'ambar. Era um soluto alcalino do «ambar gris», «ambarum griseum», «ambra cineritia», que em 1735 o auctor da «Pharmacopéa Tubalens» considerava «um excellente fortificante do cérebro, coração e estomago», e que João Jacques de Magalhães mandava preparar, ao que parece em França, para uso secreto de Sua Magestade. O bispo do Grão-Pará mette o caso no seu capuz de escandalos: «João Jacques de Magalhães deu a essencia de ambar ao senhor D. João V, de que resultaram os sabidos effeitos, para os quaes o acompanhava um Manuel da Costa. Dizia o doutor Bernardes, seu physico-mór: Cure-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manoel da Costa, que sabe o que elle fez». Durante quasi tres annos, desde que instalara a italiana n'uma casa a par do convento de Santo Antonio dos Capuchos, até que cahira fulminado, na Sala dos Embaixadores, aos pés do cardeal da Motta, D. João V nunca mais tinha entrado na alcôva da Petronilha, para ser recebido «in vestito di confidenza», sem sentir, sem palpar primeiro, dentro da algibeira da casaca, o vidrinho doirado da essencia d'ambar...

Nei giorni tuoi felici
Ricordati di me...

Um mez depois do accidente, o rei melhora. Fala-se em banhos sulfurosos. No dia em que move o braço leso, os frades, em procissão, trazem-lhe o braço de prata com as reliquias de S. Bento. O cardeal da Cunha, embrulhado a tremer na sua purpura, cheio de medos de bruxas e de trovões, benze tudo em volta do rei,—o leito, as cadeiras, as reliquias, as imagens, as tijellinhas da sangria, os frascos das bichas, a grande cabelleira de França que Sua Magestade enfia para ouvir missa e para receber os embaixadores estrangeiros. Cincoenta e dois dias depois, D. João V já move a perna. Em signal de jubilo, eleva á dignidade de monsenhores doze cónegos da Bazilica Patriarchal. Pela primeira vez, quando os oratorianos lhe trazem para a cabeceira da cama a imagem da Senhora das Necessidades, o rei fala a Frei Gaspar, ao medico Ortigão e ao cardeal da Motta no seu desejo de ir vêr a Petronilha. Dissuadem-no. D. João V insiste. Promettem-lhe que a verá na volta das Caldas. Logo que o rei embarca no caes da India, vestido de negro, amparado ao jesuita Carbone e ao cirurgião Soares Freire,—o cardeal da Motta manda o corregedor do Rocio com dois meirinhos á casa de Santo Antonio dos Capuchos intimar a italiana a retirar-se immediatamente para Hespanha. Tres dias depois, de noite, a Petronilha, em côche da Casa Real, seguida—diz o cavalheiro d'Oliveira—de trinta azemolas carregadas de pratas e de alfayas, sahia da côrte com destino desconhecido...

—Ha ainda estes frascos de essencia d'ambar,—diz João Jacques de Magalhães apresentando ao secretario de Estado tres pequenos frascos de vidro de Veneza, mordidos de flôres d'oiro como tres joias.—Vossa Eminencia quer que se deitem ao fogo?

O velho cardeal da Motta remira-os, hesita, olha em volta, pisca um olho voluptuoso de Sileno e estende a mão tremula a João Jacques:

—Ao fogo? Não. Dá cá...

JULIO DANTAS

SABBADO, 17:

XXVII -- Bruxedos d'amor

cas de 1913, em que a exportação total não passou de 2.075 escudos. As ilhas em que a pesca é mais intensa são a do Maio, Boa Vista e Sal, todas productoras de sal, e a povoação dos Carvoeiros, na costa sul da ilha de Santo Antão. E' das trez primeiras ilhas que se exporta peixe secco e salgado para as outras ilhas e para fóra do archipelago. O peixe secco e salgado que os pescadores preparam assim, por não terem consumo local, é vendido aos commerciantes a 4 centavos o kilo a troco de generos e é exportado para as outras ilhas a 5 centavos o kilo, a dinheiro. Como se vê é uma miseria, e n'estas apertadas circumstancias não ha desenvolvimento possivel para a pesca. Nos Carvoeiros da ilha de Santo Antão, a pesca é para o meio, exercida em maior escala. Se bem que os barcos sejam empregados, as redes de arrasto para terra abundam. O peixe tem extraordinaria procura em toda a ilha, porque sendo a restante parte da costa de grandes profundidades e mau mar os pescadores não encontram peixe semanas seguidas, e a população dirige-se aos Carvoeiros a trocar toda a especie de generos por peixe, que é só secco e se vende a 16 centavos o kilo.

Nas trez ilhas orientaes e nos Carvoeiros a pesca intensiva de arrasto para terra, como os cercos fixos e volantes, podia ser tentada sem receio de falta de exito, ponto está que se conte de antemão com a collocação de todo o pescado, o que actualmente não succede, pois muitas vezes tem que se consumir na propria ilha o peixe com menos de 30 cent., que é o que abunda em muitos mezes proximo ás costas. A pesca do peixe grosso é de ordinario feita ao largo, mas encontra-se com relativa abundancia o badejo (substituto do bacalhau), a alvacória (similar do atum), a brintelha, tainha, goraz, bicuda, dobrada, ruta, papagaio, bonito, garôpa, corvina, fassola, plombeta, além de muitos outros, entre os quaes o linguado (a que chamam minguado) e a lula, que não aproveitam.

A pesca da lagosta seria tambem uma reindosissima industria nas ilhas do Maio, Boa-Vista e Sal. De ordinario, os pescadores sabendo onde estão as lagosteiras não procuram a lagosta, e quando apanham uma ou outra, o preço certo «é 1 centavo», para não perderem tudo. E, quando algum vapor extraordinario passa por essas ilhas, os pescadores procuram então as lagostas que vendem «por 10 centavos».

Nas ilhas orientaes do Sal, Boa-Vista e Maio, ha muito e bom sal. Na ilha do Sal, o melhor sal é o gema da Pedra do Lume, seguindo-se-lhe em qualidade o sal natural da ilha de Maio, cujas salinas, a do Estado despresada e as dos particulares, teem uma area superior a 40 hectares, produzindo annualmente para cima de cinco milhões de kilos, não exportando mais de 1,5 milhão.

Nos depositos do caes o sal vende-se a 1$20 o moio de 2.400 l.os e posto a bordo 2$40 egual medida. O sal da Pedra do Lume e o da ilha do Maio, é de optima qualidade e muito apreciado na costa de Africa, Senegal e Gambia, para onde é exportado regularmente.

Segundo as estatisticas officiaes, a população piscatoria de Cabo Verde compõe-se de 814 homens, a maioria dos quaes empregam botes arrendados, pagando aos armadores de 1/3 a 1/2 do peixe pescado em cada dia. Na pesca á rede a pescaria é dividida, de ordinario, em partes eguaes entre o proprietario e os homens da faina.

Os botes empregados na pesca, para dois ou trez remos, são de ordinario feitos com taboado de caixotes, e custam em media 30$. As redes de arrasto, fabricadas com fio de cordel ordinario, não teem mais de 100 metros, tendo sacco para o pescado. São deitadas por um só bote, que acompanha a rede durante o arrasto, e puxadas para terra a braços.

Nos Carvoeiros, o feitio de 1 kilo de rede paga-se por 30 centavos.

Ahi teem os nossos leitores o que é a pesca em Cabo Verde. Os mares das ilhas de Cabo Verde pódem garantir exito seguro a trez ou quatro boas emprezas de pesca que ali se estabeleçam. Não falta peixe, não falta bom sal, não faltam bons braços dos naturaes das ilhas conhecidos por esse mundo fóra como destemidos. O mar durante 11 mezes no anno é bom, e tem bom vento. Em agosto ou setembro é que é o tempo dos temporaes do sul em que o mar é então perigoso. O que falta em Cabo Verde, como falta em tudo quanto é portuguez é iniciativa de saber aproveitar o que é bom. Ha boas ideias, lindos planos, mas não apparece dinheiro, a mola de todo o progresso. D'ahi a nossa penuria que nós mesmos cultivamos.

Armando Xavier da Fonseca

Pelo hospital

Com um tiro n'uma perna—Atropellados—Mãe espancada ao querer vêr a filha

Na officina de serralheiro de José Domingos Barreiros, na rua do Assucar, está como aprendiz Ricardo da Conceição, de 14 annos, filho de Severino Feliciano e de Maria da Conceição, morador na rua de Marvilla, 27. Hontem, foi elle á quinta das Calambas, aos Olivaes, e encontrando ali uma arma carregada, taes voltas lhe deu que ella se disparou, alojando-se-lhe a carga na perna direita. Conduzido ao hospital de S. José, recolheu á enfermaria 4 depois de pensado.

A' mesma enfermaria recolheram Manuel Teixeira Maia, descarregador, morador na rua do Alvito, 41, loja, que ao passar no Rocio, foi atropellado por um carro electrico ficando ferido no pé esquerdo, e João José Rodrigues, maritimo, morador na travessa do Alcaide, 5, 2.º, que quando transitava pelo largo do Conde Barão foi atropellado por um carro electrico, recebendo contusões pelo corpo.

Em tempos, viveram maritalmente Luiz Joaquim Calça, residente na quinta das Gallinheiras, e Rosalina da Conceição, de 21 annos, moradora na rua João do Outeiro, 35, 1.º, tendo havido uma filhinha que se encontra em companhia do pae, não consentindo elle que a mãe a veja. Hontem dirigiu-se ali a Rosalina para incognitamente vêr a filha, mas sendo descoberta pelo Calça foi por este aggredida com soccos e pontapés, ficando muito contusa pelo corpo. Soccorrida por varias pessoas, foi conduzida ao hospital de S. José, recolhendo á enfermaria numero 14 depois de pensada no Banco.

PEQUENAS NOTICIAS

Na Sociedade de Geographia, realisa-se depois de ámanhã, ás 21 horas, uma conferencia, acompanhada de projecções luminosas, sobre a «Protecção e assistencia ás populações indigenas de Angola», pelo socio sr. dr. Ferreira Diniz, secretario dos negocios indigenas e curador geral da mesma provincia.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

CAMARA DOS DEPUTADOS

A proposito do projectado desterro de dois padres, estabelece-se acalorada discussão.—O orçamento de receitas

Faz-se a chamada e ás 14,50 ha na sala 16 deputados. Le-se a acta, missão de que o sr. Alfredo Soares se desempenha o mais vagarosamente possivel, para que os retardatarios cheguem a tempo. E chegam, porque ás 15,10 reunem-se 72 legisladores e a sessão principia. Approvam-se a acta e um voto de sentimento pela morte d'um irmão do sr. Mello Barreto, deputado. Do governo estão os srs. ministros da justiça e finanças. O sr. Domingos Cruz manda para a meza dois projectos de lei, um prohibindo os abonos por tarefas ou serões em todas as repartições e serviços do Estado e outro prohibindo a sahida dos respectivos quadros ao pessoal da corporação da armada em serviço da sua especialidade em todas as dependencias do ministerio das colonias. O sr. Castro Meirelles protesta contra o projectado desterro de dois padres, pena essa que não pode justificar-se em face da lei da separação. A proposito, affirma que os padres podem e devem exercer os seus direitos politicos, porque, fazendo-o, contribuirão poderosamente para a pacificação dentro da Republica. Depois, pretende-se castigar os sacerdotes em questão por terem praticado actos de culto externo que a auctoridade administrativa permittiu. O governo, o mais que podia fazer, era relaxar os arguidos ao poder judicial e ali se averiguaria se elles haviam ou não prevaricado. O sr. ministro da justiça, em resposta, diz que o governo respeitará sempre o partido catholico, emquanto elle se conservar dentro da lei. Quanto ao facto concreto a que o orador se referiu, dirá que os despachos respectivos não appareceram ainda na folha official, não podendo o governo ser responsavel por noticias que os jornaes publiquem.

Quanto á licença concedida aos alludidos sacerdotes, dirá que ella só podia ser utilisada no exercicio das suas funcções. Elles proprios, porém, confessaram que fóra d'isso tinham usado os seus habitos talares. Por esse motivo, não pode deixar de lhes ser applicada a lei. O rev. Castro Meyrelles, replicando, diz que do debate lhe veiu a certeza de que os seus collegas no sacerdocio, a que se referira, iam ser castigados. Volta, porém, a insistir que do facto dos dois sacerdotes terem apparecido em publico com habitos talares não resultou para a Republica o menor desprestigio.

O sr. ministro da justiça treplica, seguindo-se no uso da palavra o rev. José Maria Gomes que, referindo-se especialmente á lei da separação, que não é boa, affirma que os agentes do poder central que a teem executado a teem tornado de tal maneira vexatoria que sobre ella cahiu um odioso enorme. E, todavia, no fundo, não se trata senão de ninharias, que bem podem ser arredadas tendo com isso tudo a ganhar a Republica e todos. Mas a obsessão politica tem-se opposto a isso, de maneira que a grande obra de conciliação que é preciso realisar ainda não passou de aspiração.

O sr. Pestana Junior interrompe. Não póde consentir que na sua frente se profiram taes palavras. Ha ruido, começo de tumulto.

O orador continúa. Queria ter a eloquencia precisa para convencer toda a gente e todos os que o cercam da boa doutrina. Integrou-se na Republica e deseja, com fé ardente, que ella se consolide. Mas não podemos admittir que á sombra d'uma lei má se pratiquem todas as violencias, levadas á pratica quasi sempre por agentes do governo ignorantes, d'alguns dos quaes tem visto provas ortographicas verdadeiramente encantadoras. A um padre que disse mal da Republica e andou de habitos talares applicaram-se dois mezes de suspensão; a outro que só andou de capa e batina impoz-se pena egual. Não ha justiça, porque o que foi pouco para um foi muito para outro. Se os padres teem direitos é preciso respeitar-lhos. Se os não teem, assente-se tambem n'isso, para que elles saibam o regimen em que vivem.

O sr. ministro da justiça, em resposta, diz que na applicação da lei da separação tem sido sempre tão benigno quanto possivel, não condemnando jámais sem ter provas absolutas e concretas. No caso presente estranha que o accusem e contra elle se insurjam os catholicos com assento na Camara sem conhecerem o processo, argumentando apenas com hypotheses possiveis ou provaveis.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o orçamento das receitas. O sr. ministro das finanças, respondendo ao sr. Fernandes Costa, lastima tanto como aquelle deputado que o orçamento se discuta em tão más condições e que as circumstancias obrigassem a recorrer á pratica dos duodecimos. Está perfeitamente d'accordo na necessidade de fazer um estudo cuidado e meticuloso do orçamento. Dado o facto de estar apenas ha vinte dias no ministerio, assoberbado com o despacho normal e com a revisão orçamental, não lhe era possivel, por absoluta falta de tempo, apresentar medidas que attenuassem ou diminuissem o *deficit* que se annuncia. Tal resultado não nos deve atemorisar, pois o mesmo succede em quasi todos os paizes que atravessam uma grande crise economica e financeira. Promette apresentar brevemente um relatorio detalhado, em que fará a historia do *deficit* do anno economico findo e o estudo critico dos creditos auctorisados. Protesta contra a accusação de que os governos anteriores teem sido d'um desleixo inqualificavel na administração financeira e economica do paiz e salienta a obra de regeneração financeira realisada pelo sr. dr. Affonso Costa. No caso de em 2 de dezembro occupar ainda a pasta das finanças, trará ao Parlamento varias medidas de caracter financeiro, entre as quaes a reforma da contribuição industrial.

Termina fazendo suas as palavras do sr Fernandes Costa, em que, referindo-se á creação da riqueza nacional, acha que essa obra grandiosa carece, para se effectivar, do concurso de todos os partidos, n'uma politica serena, fecunda e elevada, para a qual todos teem de trabalhar. Applaudindo tão patrioticos intuitos, appella para a boa vontade de todos, a fim de que se torne uma realidade e que todos os partidos, perante tão altos interesses, abatam as suas bandeiras e se unam na defeza da economia nacional, d'onde sahirá o engrandecimento do paiz.

O sr. Ernesto de Vilhena occupa-se, especialmente, das relações da metropole com as colonias, pedindo que revertam para estas certas receitas que indevidamente figuram no orçamento metropolitano. Elogia o parecer, que assignou por concordar com a generalidade das suas disposições, mas fez desde logo tenção de se occupar d'essas disposições conforme mais patriotico lhe parecesse. Lembra á Camara que o primeiro Congresso da Republica approvou as leis organicas financeira e civil do ultramar, que representam a mais profunda e benefica reforma que se tem realisado desde que se aboliu a escravidão, e reclama a sua exacta observancia. Lembra tambem que a todas as disposições anteriormente adoptadas, que concediam ás colonias liberdades e garantias, se seguiu sempre por parte do governo da metropole um movimento de reacção, e que é indispensavel que o mesmo não succeda em relação áquellas duas leis organicas, para que a Republica possa dizer que não falseia os principios que uma vez estabeleceu.

Examina depois diversas rubricas do orçamento das receitas pedindo a sua suppressão e passagem para os orçamentos coloniaes, apresentando n'esse sentido uma proposta.

O sr. Aresta Branco esmiuça demoradamente o parecer em discussão e põe em relevo varias verbas que julga avaliadas excessivamente.

A'manhã ha sessão.

No Senado

O tratado com a Inglaterra

A's 14,30 abriu a sessão, havendo respondido á chamada 25 senadores.

Na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Paes Abranches.

A acta foi approvada sem discussão, leu-se o expediente e em seguida entrou-se nos trabalhos de antes da ordem do dia.

O sr. Lima Duque manda para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro das colonias, a quem deseja interrogar sobre o effectivo das forças em operações no sul de Angola.

O sr. Estevam de Vasconcellos apresenta um requerimento para que lhe seja fornecida, pelo ministerio da instrucção, nota dos alumnos dos lyceus que teem feito exames na segunda epocha e dos que teem sido reprovados na parte escripta.

Não havendo mais quem falasse, devia entrar-se na ordem do dia—interpelação do padre sr. Jeronymo de Mattos ao sr. ministro dos estrangeiros sobre o tratado de commercio com a Inglaterra.

Como, porém, o ministro não estivesse presente, o sr. presidente interrompeu a sessão até que elle comparecesse.

Eram 15 horas.

Um quarto de hora depois chegava o sr. dr. Augusto Soares, sendo reaberta a sessão e dada a palavra ao sr. padre Mattos. Começou o orador por saudar commovidamente o sr. presidente e o Senado, e, prestando homenagem ao sr. ministro dos estrangeiros, declarou que a sua interpelação não teria caracter politico.

E' filho do Douro e por isso ha de defender sempre os interesses d'essa região profundamente aggravados pelo governo do sr. Bernardino Machado, guiado pela mão cruel do sr. Freire de Andrade. O Douro ficou assim reduzido á miseria e á fome, a que é preciso pôr termo, tendo que ficar entendido e consignado que vinhos do Porto são apenas os da região duriense e exportados pela barra do Douro.

Historia a campanha feita no parlamento, nos comicios e na imprensa a favor do Douro e dos seus vinhos, e diz que quando as justas reclamações d'aquella região iam ser satisfeitas é que surgiu, empunhado pelo sr. Freire de Andrade, um dos espiritos mais cultos e mais brilhantes da nossa terra, o gladio da base 6.ª do tratado, que foi embebido em pleno coração do Douro, extinguindo a marca regional dos seus vinhos e creando a marca industrial. Entende que o tratado não pode ser ratificado sem a respectiva aclaração de accordo entre as duas partes contractantes. Se o não fôr, o tratado caduca sophismando a questão os que defendem doutrina contraria. Pode o sr. ministro dos estrangeiros ratificar o tratado sem a aclaração da base 6.ª, mas n'esse deve trazer ao parlamento uma lei que prohiba a exportação de todos os vinhos licorosos que não tenham a marca do Douro ou outras garantidas por lei. Só assim podem ser salvaguardados os interesses legitimos da região duriense, até que o governo entre em novas negociações com o governo inglez. O Douro precisa que se lhe fale claro, estando saciado já de mistificações. E' assim que lhe tem de falar o sr. ministro dos estrangeiros.

Termina enviando para a mesa a seguinte moção:

Considerando que o poder executivo, nos termos do n.º 7 do art. 47.º da Constituição Politica da Republica Portugueza, não pode ratificar os tratados de commercio sem approvação do Congresso:

Considerando que o Congresso no uso legitimo das suas attribuições do n.º 15 do art. 26.º da mesma Constituição approvou para ser ratificado o tratado de commercio negociado entre Portugal e a Inglaterra, com o aditamento ao n.º 6.º que estabelece doutrina restrictiva alterando assim fundamentalmente o texto do citado artigo;

Considerando que a doutrina do aditamento ou acclaração está em conformidade com as leis economicas da nação e com o texto dos convenios internacionaes;

O Senado confia em que o poder executivo ratifique o tratado de commercio Luso-Britannico nos precisos termos em que a aclaração ao n.º 6.º ficou sendo, como já era, lei do paiz. Se, porém, das notas reversaes trocadas entre as duas nações amigas, esta dourina aclaretoria não tiver, obtido o assentimento do governo inglez o Senado confia em que o governo protele a ratificação até que se habilite com medidas legislativas tendentes a impedir no Reino Unido a venda de vinhos do Porto que não sejam exportados pela barra do Porto e provenientes da região demarcada do Douro. Só por esta forma o Senado julga salvaguardados os legitimos interresses do Douro e honradas as promessas que sua ex.ª o sr. presidente do ministerio fez solemnemente áquella região.

Sala das sessões do Senado, em 13 de julho de 1915.—(a) Jeronymo de Mattos Ribeiro dos Santos.

Responde o sr. ministro dos estrangeiros. Diz que o discurso do sr. padre Jeronimo de Mattos é dos mais eloquentes, sensatos e correctos que se teem feito sobre a questão. Quer o Douro que se lhe fale a linguagem da verdade: é o que faz mais uma vez, lamentando que o mesmo não tenham feito, muitas vezes, os proprios representantes do Douro. Affirma, e está certo de que fala a verdade inteira, que o tratado tem de ser ractificado tal como está, pois de contrario o Douro nunca mais terá ensejo de entabolar negeciações com a Inglaterra, de molde a defender os seus interesses como elles agora o serão. E' esta a verdade.

O sr. Celestiino d'Almeida:—Requeiro a generalisação do debate.

Approvado.

Tem a palavra o sr. Teixeira Rebello, que começa por protestar contra as palavras do sr. Alexandre Braga, proferidas na outra Camara sobre a questão, sendo chamado á ordem pelo sr. presidente.

O orador, proseguindo, defende com calor os interesses do Douro, dizendo que elle não pede senão aquillo a que tem legitimo direito e que o tratado é verdadeiramente leonino e ruinoso para a região duriense.

O sr. João Maria da Costa, representante do districto de Santarem e viticultor, louva-se nas palavras do sr. ministro dos estrangeiros, de que a não ratificação do tratado acarretaria grandes prejuizos para o paiz. Defende a região do sul e diz que são tambem difficeis as suas circumstancias, devido ás difficuldades que o Douro lhe cria. As bellas palavras do sr. padre Jeronimo de Mattos não passaram de musica celestial. Os viticultores do norte accusam os do sul de falsificadores, mas de mais se sabe que as falsificações se fazem no norte, onde apenas uma pequena area produz os vinhos licorosos especiaes. O sul tem vinhos tão bons como o norte e não precisa falsifical-os.

O sr. Carlos Richeter:—No sul o que ha é mixordia!

O orador:—Mixordia é o que se faz no norte!

Durante alguns segundos o norte e o sul invectivitam-se, conseguindo por fim o sr. João Maria da Costa concluir por dizer que a ratificação do tratado se impõe, por um dever de patriotismo.

Fala depois o sr. Pedro Martins. Comprehende o interesse d'este debate, mas não pode deixar de estranhar que na questão tivesse entrado o sr. presidente do ministerio, fazendo ao povo do Douro promessas que não pode cumprir, segundo a propria declaração do sr. ministro dos estrangeiros de que o tratado seria ratificado tal qual está. Como se comprehende então a attitude do sr. presidente do ministerio, fazendo officialmente promessas que não poderá cumprir? Sendo assim, sua ex.ª para se penitenciar do erro só tem uma coisa a fazer, sendo escusado dizer qual é.

O sr. presidente do ministerio explica que os telegrammas que enviou ao Douro apenas mostravam o desejo que o governo tinha de não ser ratificado o tratado sem a aclaração da base 6.ª Eram desejos patrioticos e nada mais. Affirma ainda que os telegrammas foram feitos de accordo com o governo e em conselho de ministros.

Julga assim ter explicado a sua attitude ao Senado.

O sr. Lima Duque:

—V. ex.ª esclareceu o Senado como advogado e não como presidente do ministerio...

O sr. Carlos Richeter diz que este tratado, sem a aclaração da base 6.ª, leva o Douro ao Calvario e o préga na cruz. Não é certo que os proprietarios do norte não tivessem apresentado a tempo as suas reclamações; o que parece é haver predilecção pelo sul, talvez por elle estar mais perto do Terreiro do Paço.

Diz que o tratado não póde ser considerado approvado sem a aclaração. De resto, o antigo ministro do fomento sr. Nunes da Ponte dissera que a Inglaterra acceitava a aclaração da base 6.ª

O sr. ministro dos estrangeiros:—Não sei se o sr. dr. Nunes da Ponte disse isso mas se o disse faltou absolutamente á verdade.

Estando a dar a hora, o sr. Sousa Junior requereu a publicação no «Summario» do projecto de lei abrindo um credito de 3:000 contos para a Camara do Porto, a fim de ser discutido depois de ámanhã.

Em seguida foi encerrada a sessão.

A proxima sessão é ámanhã.

A MANIFESTAÇÃO D'AMANHÃ

A marinha presta homenagem aos mortos do 14 de Maio

Todos os navios de guerra enviam delegações ao cortejo que se dirige ao cemiterio

Realisa-se ámanhã, conforme se noticion, a peregrinação dos marinheiros ao cemiterio do Alto de S. João, em visita aos covaes onde estão sepultados os seus camaradas mortos por occasião do movimento revolucionario de 14 de maio. A marinha de guerra faz-se representar largamente n'essa piedosa manifestação, que abrange a memoria de todos os que succumbiram n'essa lucta contra a dictadura, seja qual fôr o campo em que se bateram. O cortejo, em que devem tomar parte mais de mil praças d'armada, organisa-se no Terreiro do Paço e n'elle se encorporam delegações das guarnições de todos os barcos que constituem a divisão naval. O prestito deve passar das 15 para as 16 horas na rua do Ouro, sendo acompanhado por trez bandas militares, incluindo a charanga do corpo de marinheiros.

As deputações dos vazos de guerra encorporam-se no cortejo por ordem de antiguidade, sendo cada uma d'ellas commandada por um official. Depois das guarnições formam os sargentos ao serviço da armada, em numero superior a cem e por ultimo, fechando o prestito, os commandantes e officialidade das diversas unidades que tomaram parte na revolução.

A' cabeça do cortejo seguem os automoveis conduzindo corôas e *bouquets* de flores que vão ser depostas sobre as campas dos mortos de 14 de maio.

O sr. presidente da Republica e o ministro da marinha, sr. dr. José de Castro, associam-se á manifestação, mandando depôr sobre as campas flores artificiaes, que foram confeccionadas, estando ali em exposição, na «Camelia Branca». O do chefe de Estado é constituido por lilazes, dhalias, lyrios e amores perfeitos, tendo a seguinte dedicatoria: *Pela Patria que taes filhos honram—14 de maio de 1915—Presidente da Republica 14-VII-1915.*

A do sr. ministro da marinha é formada por chrisanthemos, lirios, rosas, lilazes e junquilhos tendo a seguinte inscripção: *Aos marinheiros mortos pelo 14 de maio, em defesa da Patria, da Republica e da Constituição.—O ministro da marinha José de Castro.*

No cemiterio pronunciam-se apenas trez discursos: o do commandante da divisão, pela officialidade; o do sr. Domingos Cruz, pela corporação dos sargentos, e o de uma praça.

A piedosa romaria, da iniciativa da guarnição do cruzador *Almirante Reis*, irá tambem passar, em continencia, deante do tumulo do saudoso chefe revolucionario que deu o nome áquelle navio de guerra, o qual se encontra, como se sabe, n'aquelle cemiterio.

Os contingentes que desembarcam dos varios navios de guerra formam pelas 13 horas e meia no Terreiro do Paço.

As praças envergam o uniforme de camisola azul e calça branca. As delegações que tomam parte no cortejo são: *Vasco da Gama*: 1 official, 3 sargentos, 150 praças, 1 corneteiro; *Almirante Reis*: 1 official, dois sargentos, 100 praças, 1 corneteiro; *Republica*: 1 official, 2 sargentos, 90 praças, 1 corneteiro; *Admastor*: 1 official, 3 sargentos, 130 praças, 1 corneteiro; *S. Gabriel*: 1 sargento, 40 praças; *D. Fernando*: 1 official, 2 sargentos, 80 praças, 1 corneteiro; *Douro*: 1 sargento, 30 praças; *Guadiana*: 1 sargento, 30 praças; *Beira*: 1 sargento, 20 praças; *Espadarte*: 1 sargento, 10 praças; *Torpedeiro 3*: 1 sargento, 10 praças; *Torpedeiro 2*: 1 sargento, 10 praças; *Berrio*: 1 sargento, 10 praças.

O quartel e escola de torpedos teem para representação um numero ilimitado.

A banda de marinheiros toma parte no cortejo, a seguir aos automoveis conduzindo as corôas, mantendo-se, depois, a seguinte ordem: corporação dos officiaes inferiores dos navios e do quartel, escola de torpedos, corpo de marinheiros, contingentes, que observarão a seguinte escala: *Vasco da Gama, D. Fernando, Adamastor, Republica, S. Gabriel, Douro, Almirante Reis, Beira, Espadarte*, torpedeiro n.º 2, *Guadiana, Berrio* e torpedeiro n.º 3, fechando o prestito os automoveis conduzindo a officialidade.

O sr. ministro da guerra ordenou aos commandos dos regimentos da guarnição de Lisboa que nomeiem pelotões devidamente commandados e desarmados, acompanhados das respectivas bandas de musica, a fim de se incorporarem na manifestação, devendo estar formados no Terreiro do Paço, ás 14 horas.

Dr. Affonso Costa

Accentuam-se os allivios experimentados hontem

Era outro o ambiente d'hoje no hospital de S. José. Voltara um pouco aquelle contentamento das horas boas. O sr. dr. Affonso Costa não só mantinha os allivios hontem experimentados como ainda apparentava maior socego. A noite passara-a sem excitações, e ás 9 e 45 alimentou-se pela primeira vez com dois ovos quentes e um caldo de carne que tomou sem esforço, antes com agrado. Depois dormiu um longo somno até ás 11, hora a que acordou, conversando um pouco com o sr. dr. Madureira que, desde manhã, permanecia á sua cabeceira, só deixando o quarto do enfermo quando, ás 12 e 30, o substituiu o sr. dr. Salazar de Sousa que esteve até ás 14, indo o sr. dr. Costa Nery até ás 17 e 30. O sr. dr. Nery foi substituido pelo seu collega Madureira, devendo ficar esta noite no quarto do sr. dr. Affonso Costa, primeiro o sr. dr. Pulido Valente, e depois o sr. dr. Costa Santos.

Durante o dia estiveram tambem ali os srs. drs. Cambournac e Julio de Mattos. O sr. dr. Daniel de Mattos esteve das 11 para o meio dia, indo de seguida a casa do sr. dr. Affonso Costa, informar sua esposa do estado do illustre enfermo. O sr. dr. Daniel de Mattos sahiu do quarto do doente bem impressionado.

A's 15 e 30, acompanhada pelas sr.as D. Emilia Tavares e D. Margarida Alegre, chegou ao hospital a sr.ª D. Alzira Costa que não entrou immediatamente no quarto visto a essa hora seu marido se encontrar novamente descançando.

Além do sr. Arthur Costa e Antonio Tudella estiveram sempre vigilantes a noite de hontem e madrugada de hoje os srs. Urbano Rodrigues e Elysio de Castro.

Ao meio dia de hoje, assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery, foi affixado o seguinte boletim:

«Pulso, 65; respiração, 24; temperatura, 37,2. Accentuam-se os allivios experimentados hontem».

A saber noticias continuou a ir hoje ao hospital muita gente. Lembramo-nos ter visto á porta do corredor a pedir pessoalmente informações os sr. dr. Teixeira de Queiroz, Marianno Martins, dr. Costa Gonçalves, capitão Salvador, ministro da justiça, dr. Paes de Carvalho, Levy Bensabat, dr. Paes d'Almeida, João Maria da Costa, Sá Pereira, dr. Barbosa de Magalhães, Victorino Godinho, senador Madureira, Lima Bayard e dr. Levy Marques da Costa, em nome da Camara Municipal de Lisboa.

Entre os innumeros telegrammas que ainda hoje foram recebidos, havia um do Lubango do sr. major Affonso Palla, senador, e outros de varias collectividades como Centro Escolar dr. Bernardino Machado, de Alcantara, Associação de Classe dos Officiaes de Barbeiro e Cabelleireiro, do Porto, Gremio Independencia, administradores de Silves, Gouveia e Porto de Mós, Centro Republicano Victoria, do Porto, Terra Vianna, de Paris, capitães Lage e Ernesto Franco, de Vizeu, etc.

Entre a varia correspondencia recebida havia tambem uma carta da sr.ª D. Julia de Brito e Cunha, declarando que por motivos de doença se não ia pessoalmente informar do estado de saude do sr. dr. Affonso Costa, mas que de todo o coração fazia votos a Deus pelo seu prompto restabelecimento.

* *

A's 19 horas o estado do sr. dr. Affonso Costa mantinha-se animador.

O sr. dr. Daniel de Mattos, que por duas vezes mais voltou ao hospital, retirou pelas 16 e 45 bastante satisfeito com as melhoras apresentadas.

O regimen cerealifero

Na séde da Cooperativa Probidade, na rua de S. Bernardo, reuniram hoje os industriaes de padaria a fim de protestarem contra a representação da moagem na parte que se erefere ao augmento do preço da farinha e á reducção da percentagem de extração. Depois de larga discussão foi resolvido que a direcção da Associação de Classe dos Industriaes de Padaria Independentes fizesse entrega de uma representação ao parlamento, pedindo que a proposta aprentada em 7 do corrente pelo sr. ministro do fomento fique tal qual está elaborada. A' sessão assistiu um representante dos panificadores do Porto.

RECLAMAÇÕES OPERARIAS

Os operarios manipuladores de pão

pedem o domingo para descançar, dez horas de trabalho e augmento de salario

Realisou-se hoje a annunciada reunião dos operarios das padarias. Constituida a mesa sob a presidencia do sr. João Alves Ribeiro, secretariado pelos srs. Salvador Pedro Gonçalves e João Maria Major, o presidente explicou que os fins da mesma eram conhecidos de toda a classe, por constarem do manifesto que havia sido distribuido profusamente e que eram reclamar: do Estado—descanço ao domingo durante todo o dia e regulamentação da lei das dez horas de trabalho na industria, na parte referente á panificação; do patronato—augmento de 40 réis ao pessoal que trabalha a secco; creação de uma bolsa de trabalho annexa á associação e participação administrativa d'esta na projectada Caixa de Auxilio que a Companhia Nacional de Moagem, proprietaria das padarias da extincta Companhia de Panificação Lisbonense, vae fundar para o seu pessoal.

O sr. Sousa Neves, escripturario da associação, fez a leitura das representações sobre o descanço semanal dirigidas ao sr. governador civil, á camara municipal e ao sr. ministro do interior, bem como a da representação sobre a regulamentação das horas de trabalho dirigida ao sr. ministro do fomento.

Sobre estes documentos, cuja leitura foi saudada com applausos, usaram da palavra os srs. Henriques da Silva, João Maria Major, Nunes da Trindade, Salvador Pedro Gonçalves e outros, sendo approvada uma moção, apresentada pelo sr. Henriqeus da Silva, para que se officiasse a todos os industriaes de padaria para que o augmento de 40 réis comece a vigorar no dia 1 de agosto e, caso não annuissem a essa reclamação, se convocasse um comicio publico, onde se determinaria o caminho a seguir em relação aos industriaes que não cumprissem as reclamações da classe e se esclarecesse o publico sobre a justiça d'essas reclamações.

Approvadas as representações, uma commissão delegada da associação foi entregal-as ás instancias competentes, acompanhada por todos os assistentes, umas mil pessoas.

A multidão seguiu para o governo civil, onde a commissão foi recebida pelo sr. Marianno Martins; depois á Camara Municipal, onde foi recebida pelo sr. Abel Sebrosa, que ficou de apresentar na primeira reunião a representação, e finalmente foi postar-se em frente dos ministerios do interior e do fomento, onde foram entregar as respectivas reclamações.

Não houve a minima nota discordante e em todas as instancias officiaes foram entregues exemplares do manifesto da classe.

A commissão volta em breves dias á Camara Municipal e aos ministerios do interior e do fomento a saber da resposta das suas representações.

Noticias parlamentares

O clero teve hoje na camara as honras da tarde. Bateu-se galhardamente, não ha duvida, e tambem soube levar sem gemer em demasia. Tarde de sermões sob a cupula quasi funebre de S. Bento? Não. Aquillo ainda hoje não se transformou em cripta. Mas a verdade é que ficam bem ao Parlamento vozes discordantes como aquellas que lá se ergueram hoje, ora ironicas ora ardentes, ora condemnadoras, ora reivindicadoras, ora sarcasticas...

* *

Como as questões se eternisam n'este Paiz e como ellas vão, contra a vontade dos homens, atravez dos dias, dos mezes e dos annos, avançando e rolando, complicando-se cada vez mais, sem encontrarem quem lhes córte o nó emmaranhado que as imobilisa! O anno passado, fez-se um ruido immenso em volta da creação do districto de Lamego. Tudo inutil. A linda cidade continuou na dependencia de Vizeu sem lograr vêr no Paço do Bispo um illustre governador civil. Attender-lhe-hão este anno os desejos? Talvez. Para isso vão empregar todos os esforços os seus representantes em Côrtes.

* *

Errare... Os senhores sabem o resto. Foi hontem. O sr. Antonio Fonseca falava e os seus collegas palravam como se estivessem em sitio publico, comprando melões, regateando preços com lindas e rubicundas colarejas. E o sr. Fonseca, onde disse branco sahiu preto. O que queria elle? Que se constituissem escolas d'artes e officios no Porto. E queria ainda que se ficasse sabendo que não cabia no artigo 27.º da Constituição a interpretação que se dava á lei dos funccionarios, por ser contraria ao que o Congresso tem resolvido por mais de uma vez. Os senhores sabem o que sahiu, não é verdade? Seja tudo em desconto dos nossos peccados...

* *

Ao que se diz, na proxima *Ordem do Exercito* serão auctorisados os concursos para os sargentos, a exemplo do que se tem feito nos annos anteriores, e que os officiaes inferiores serão tambem auctorisados a fundar uma revista para orientação da classe, assumpto esse que foi tratado junto do respectivo ministro pelo deputado sr. Domingos Cruz. Os sargentos, ao que consta, pretendem tambem fazer parte do Montepio Official, indo n'esse sentido o mesmo deputado officiar áquella collectividade.

* *

O sr. Balthasar Teixeira, primeiro secretario da Camara dos Deputados, recebeu já as bases para o concurso que vae ser aberto entre artistas nacionaes para acquisição da estatua da Republica, que na mesma camara será collocada. O auctor das referidas bases e o illustre architecto Ventura Terra e a commissão administrativa do congresso reunirá na proxima quinta-feira, para se occupar do interessantissimo assumpto.

* *

A commissão do orçamento, reunida hoje, discutiu e approvou o parecer sobre o orçamento do ministerio da justiça de que é auctor o sr. Antonio Macieira. Esse parecer foi mesmo hoje enviado para a meza e deve ser composto e impresso a tempo de poder ser dado para a ordem do dia de segunda-feira proxima.

Congresso Regional Algarvio

Proseguem activamente os trabalhos do Congresso Regional Algarvio, que por iniciativa da Sociedade Propaganda de Portugal se vae realisar em setembro proximo na Praia da Rocha, continuando a ser recebidas valiosas adhesões a tão util iniciativa. A Associação Commercial de Lisboa, na sua ultima reunião, elegeu o seu vice-presidente, sr. Alberto Macieira, para a representar no Congresso.

A commissão executiva reune na proxima sexta-feira, sob a presidencia do sr. Thomaz Cabreira.

Bens congreganistas

Hoje, o leilão de paramentos de varias congregações extinctas, no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, rendeu approximadamente 500 escudos.

A'manhã, depois e sexta-feira, realisam-se as entregas, das 12 ás 16 horas, não podendo nenhuma ficar addiada para a semana proxima.

O leilão continua no domingo, ás 12 horas.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune hoje, pelas 21 horas, no ministerio da marinha.

—Conferenciaram com o sr. ministro do interior o 2.º commandante da guarda republicana, coronel sr. Pedroso de Lima, sobre a remodelação de alguns serviços d'aquella guarda, e o governador civil de Leiria sobre assumptos do seu districto.

—Apresentou-se no ministerio dos negocios estrangeiros o sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres. Com o sr. dr. Augusto Soares conferenciou hoje o encarregado de negocios da Noruega.

Os aeronautas hespanhoes

Almoço em Cintra

Os aviadores hespanhoes que estão entre nós foram hoje almoçar a Cintra, na companhia dos nossos camaradas Hermano Neves e dr. José Pontes, fazendo-se a direcção do Stadium representar pelo seu proprietario, sr. José Holtreman Roquette (Alvalade), e pelo secretario sr. Francisco Vieira.

D'essa encantadora villa recebemos o seguinte telegramma, que muito nos penhorou:

CINTRA, 13.—Eduardo Magdalena, Salvador Pruneda, Francisco de la Torre, a direcção do Stadium e a imprensa sportiva saudam *A Capital* e o seu director.—*Francisco Vieira.*

No Rio de Janeiro

Varias classes em gréve

RIO DE JANEIRO, 13.—Estão em gréve os *chauffeurs*, os restaurantes e as padarias. Funccionam guardados pela policia. Considera-se malograda a gréve geral. O socego é completo.—(*Corresp.*)

A explosão na "Ibo"

Os prejuizos são quasi totaes

A explosão dada na canhoneira «Ibo» foi originada por se ter pegado fogo a uma pouca de estopa, communicando-se a uma porção de agua-raz. Os prejuizos são quasi totaes, tendo a casa das caldeiras ficado destruida por completo, assim como os alojamentos do estado menor.

A tripulação, com excepção da 2.ª brigada, perdeu todos os seus haveres. O estado dos feridos é satisfatorio.

O governador de Cabo Verde partiu hoje da Praia para S. Vicente, a bordo do cruzador inglez «Highflyer», pelo seu commandante offerecido para tal fim.

A grande guerra

Os alliados repellem ataques dos allemães—Proezas dos aviões

PARIS, 13.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Deante das nossas posições do «Labirinto» houve esta noite um ataque allemão feito sob a protecção de violentos tiros de barreira sendo os assaltantes dizimados completamente e repellidos para as suas linhas. Na floresta de Apremont região de Regniéville e bosque Le Prêtre combate a tiros de granada, fuzilaria e canhoneio. Nos Vosges foi repellida a tentativa d'um ataque dos allemães que visava a defeza da ponte occupada por nós na margem leste do Iecht em Soudernach. Uma esquadra aerea n'um effectivo de 35 aviões apesar d'um vento de 18,50 m. voou esta manhã por cima da gare estrategica que os allemães estabeleceram em Vigneulles-les-Hattonchatel e bombardearam-a. Esta gare serve ao mesmo tempo a trincheira de Calonne e a da floresta de Apremont. Importantissimos aprovisionamentos de todas as qualidades e particularmente munições ali estavam concentradas. Os nossos aviões de 171 granadas, lançaram sobre os objectivos designados 90. O bombardeamento determinou incendios em algumas casas. Apesar de fortemente canhoneados, todos os nossos apparelhos regressaram.—(Havas).

O movimento naval nos portos britannicos

LONDRES, 12.—O almirantado britannico annuncia que durante a semana terminada em 7 do corrente entraram e sahiram dos portos do Reino Unido 1:369 navios, dos quaes foram afundados 10 pelos submarinos allemães, sendo o total da tonelagem 31,068 toneladas. N'este periodo não foram afundados navios de pesca.—(*Inf. offi. recebida na legação britannica em Lisboa*).

A destruição do «Königsberg»

LONDRES, 12.—Summario do communicado do almirantado:

Desde outubro que o *Königsberg* se havia refugiado a alguma distancia do rio Rufigi (Africa oriental allemã) n'uma posição difficil e onde somente navios de pequeno calado d'agua o poderiam atacar. Ultimamente os monitores do rio *Severn* e *Mersey* foram enviados para auxiliar as operações. No dia 4 do corrente, depois da situação do inimigo ter sido determida pelos aviões, os monitores entraram no rio e abriram fogo ao qual o inimigo respondeu. O *Mersey* foi attingido duas vezes, tendo quatro mortos e quatro feridos. O fogo certeiro era difficultado pelo matagal, mas depois de seis horas de combate o *Königsberg* estava em fogo mas continuava a fazer uso de uma peça. Para completar a sua destruição foi feito um novo ataque no dia 11 do corrente. O commandante em chefe informa que o *Königsberg* está agora completamente destruido.—(*Informação official recebida na legação britannica de Lisboa*).

INTERESSES DE CLASSE

Os empregados das administrações dos concelho

pedem que seja posto em vigor o novo Codigo Administrativo, o que attenuará a sua precaria situação

Uma commissão, composta dos srs. Joaquim Camillo Ribeiro, Joaquim Neves Telles Jordão, José Telles Feio e José Antonio da Silva, em nome dos seus collegas, empregados das administrações dos concelhos, chama a nossa attenção para a representação que essa classe acaba de dirigir ao parlamento. D'ella se vê que a sua classe se encontra n'uma situação angustiosa, que se deve tratar de modificar o com urgencia. Não se comprehende que a um empregado, que tem de viver com decencia, se deem por mez apenas 10$00. Será uma obra de verdadeira justiça a que o parlamento fará attendendo os peticionarios.

A representação é do teor seguinte:

Excellentissimos Senhores Deputados.—Ninguem póde negar que o novo regimen, desde a sua implantação, tem prodigalisado inumeros beneficios aos cidadãos que compõem as classes que prestam serviço ao Estado, elevando os seus vencimentos e dando-lhes garantias que outrora não tinham.

Ha, porém, uma classe que embora não fosse esquecida, não se aquece ainda ao sol bemfazejo da Republica.

E' a classe dos empregados das administrações dos concelhos.

Na actualidade os proventos dos logares de secretario, amanuense e official de diligencias estão immensamente reduzidos.

Na sua quasi totalidade eram os primeiros d'aquelles funccionarios os secretarios das antigas juntas do arbitramento das congruas parochiaes; extinctas estas, com ellas desappareceram as gratificações assás importantes, que aquelles recebiam pelos serviços prestados.

Das administrações desappareceram as execuções fiscaes administrativas.

Passou para as camaras municipaes a organisação dos processos de habilitação para a fundação de estabelecimentos incommodos, insalubres ou perigosos, pertencentes á 3.ª classe.

Tudo isso occasionou graves prejuizos.

Accresce ainda que muitos secretarios, tendo já pago ha annos os antigos direitos de mercê, encontram-se agora, alguns no ultimo quartel da vida, descontando mensalmente do seu ordenado a prestação destinada ao pagamento dos direitos de encarte.

Se precaria é a situação actual dos secretarios, a dos amanuenses é tristissima, quasi desesperada.

Se os vencimentos dos secretarios são insignificantes os dos amanuenses são insignificantissimos.

Se os emolumentos dos secretarios são diminutos os dos amanuenses podem considerar-se nullos.

Como ha de viver um empregado casado e com filhos, tendo de sustentar sua familia, vestir, calçar e educar, ainda que modestamente, seus filhos, sustentar e remunerar pelo menos uma servente, satisfazer a renda da casa e as contribuições, pagar ao medico e á pharmacia e apresentar-se decentemente vestido na sua secretaria, recebendo por mez nos concelhos de 1.ª ordem 13$33 e nos demais 10$00, quando a vida por toda a parte está carissima?!

Da miseria em que vivem os officiaes de diligencias, depois que lhes tiraram as execuções administrativas, não nos atrevemos a falar; vivem apenas com os seus limitadissimos ordenados que nos concelhos de 1.ª ordem são 8$33 e nos outros 6$66 mensaes!!

Estando já approvada pela camara de Vossas Excellencias a parte do codigo administrativo que ainda não está em execução e sobre a qual já tambem se pronunciou o Senado, os abaixo assignados veem respeitosamente rogar a Vossas Excellencias se dignem patrocinar a sua causa que é merecedora de toda a justiça, deliberando seja convertida já em lei aquella parte do novo codigo, ou, não acceitando Vossas Excellencias as emendas do Senado, determinem se cumpra o preceituado no artigo 33 da Constituição, a fim de ser posta em vigor o mais breve possivel a tabella dos vencimentos dos funccionarios administrativos que faz parte do novo codigo, o que, além de não ir sobrecarregar o cofre do Estado, representa um acto da mais inteira justiça.

A representação é subscripta pelos seguintes empregados:

Pezo da Regua: Antonio Joaquim da Silva Marinheiro, José Guedes Leite e Izolino Correia F. Almeida Junior.—Mealhada: José Iria Pereira d'Oliveira.—Barcellos: Scamdino Pereira Esteves, Joaquim Antonio Pereira, Rodrigo Augusto Machado, Emilio da Cunha Velho Pinto Rosa e Francisco José Fernandes.—Amarante: Avelino Teixeira de Magalhães.—Penafiel: Alvaro Ribeiro Cerqueira, Antonio José Viola e José Maria Miranda Veiga.—Belmonte: José Luiz Rebello e Alfredo Pereira de Sousa.—Lousada: Constantino Coelho d'Oliveira, Humberto Coelho Freire de Oliveira e Anthero de Magalhães Barros.—Guimarães: Manuel de Freitas Aguiar, Accacio Machado de Faria Oliveira, Joaquim d'Oliveira Pinto e José de Sousa Roiz.—Anadia: Alfredo Ribeiro das Neves de Mattos Viegas e João d'Almeida Salgado.—Paredes: Abilio Monteiro de Sousa Magalhães, Victorino Ferreira da Costa e Julio Cezar de Moraes Alão.—Gondomar: Alexandre Mendes Barbosa, Alfredo Correia da Silva e Amancio Novaes França.—Campo Maior: Francisco Maria da Silva, João Pedro Ruivo e Manuel da Conceição Motta.—Guarda: Eduardo Augusto Martins Cardoso, Abilio d'Almeida, Antonio Augusto Proença, João Antonio de Pina e Francisco José Simão.—Almada: Henrique da Costa Mello, Elysiario Augusto Passos Monteiro, Josephino Pinto Soares e Eugenio Augusto da Costa Neves.—Coimbra: Francisco da Fonseca e Antonio de Moura.

Arronches: José Antonio Felix dos Santos e José Mathias Branco.—Santarem: José Franco das Neves Junior, José Joaquim Cabral Callieiros e Alfredo da Silva Soares.—Alcanena: Joaquim Rodrigues da Avó.—Niza: Julio Alves de Mattos e Albano da Cruz Curado Biscaia.—Setubal: Manuel José Palhão, Francisco Cordeiro, José Manuel Ferreira Mendonça e Arthur E. O'Neil.—Figueira da Foz: Elysio Augusto Antunes, Joaquim Francisco Marques, Carlos d'Oliveira Martins e Augusto Rosa.

Louzã: Farncisco Correia Figueiredo e Adriano José de Carvalho.—Castello Branco: Manuel dos Santos Gil.—Ponte do Sôr: Manuel Martins Cardigas.—Villa Nova da Cerveira: Gonçalo Emilio de Portugal Marreca, Emilio Antonio Pereira de Amorim e André Antonio de Sousa Carvalho.—Castello de Vide: José Dionizio Transmontano e José Maximo Canario.—Elvas: Joaquim José Ferreira, Manuel Firmino Gama, Pompeu Guerra Anjos, Antonio Eduardo Correia e José Joaquim da Silva Carvalho.—Portalegre: Luiz de Sousó Gomes, João Antonio Barreto, Amadeu Louzada e Francisco d'Oliveira Gueifão.—Villa Nova de Gaya: João Fererira Guimarães, Alberto Guedes Moreira, Paulo Pereira dos Santos, Francisco Pinto Ferreira Junior e Thomaz S. Oliveira.

Montemor-o-Velho: Quirino Julio Forte Coelho Sampaio, João Castanheira de Carvalho, Joaquim Maria Lopes Maranha e José Mendes dos Santos.—Feira: Francisco Maciel Ferraz e Lima.—Monção: Adriano Augusto Pinto Junior, Jacintho José de Macedo Magalhães e Carlos Dantas de Sousa Aragão.—Carregal do Sal: José Rodrigues de Sousa e Antonio Joaquim do Amaral.—Tondella: Annibal de Figueiredo e Teobaldo de Figueiredo.—Albergaria-a-Velha: Manuel de Maria Mendonça, Fernando Augusto Henriques Pinheiro e Benjamim da Silva Vallinho.—Ovar: Guilherme Bressane Leite Perry e Manuel Gomes dos Santos Regueira.—Oliveira de Azemeis: Miguel Castro, José de Andrade Serodio.—Vizeu: Jeronymo Paes Rosa.—Mortagua: Francisco Homem de Gouveia e Sousa e José Correia Ferreira Lobo.—Arganil: Antonio Nunes de Carvalho e Antonio Dias de Mendonça Galvão.—Esposende: João Magalhães, Pantaleão Bento da Rocha e Cyrillo Augusto de Miranda.—Espinho: Jeronymo Alves Moreira. Mattozinhos: Jeronymo Henriques d'Oliveira, Custodio Gonçalves de Figueiredo e Albino d'Oliveira Ribeiro.—Cabeceira de Bastos: Manuel Esteves Ribeiro Seára, Guilherme Pereira Leite, Augusto Alves Basto e Eduardo Augusto d'Azevedo.—Baião: Antonio Alberto da Cunha Vasconcellos, Antonio de Sequeira Varejão, João Pereira Pinto Carvalhal e Luiz Maria Leite de Araujo.—Vallongo: João de Sousa Fernandes da Luz.—Villa Real: José de Carvalho Araujo, Manuel José Botelho, Antonio Alves, Jos éAntonio de Lima, Francisco de Araujo, Rodrigo Henriques Mourão e Antonio Augusto osas.—Mondim de Bastos: Cassiano Olimpio Taveira.—Alcochete: Manuel Lopes Lourenço e Nicolau José.—Redondo: Numa Pompilio de Mello Furtado.—Aviz: Alfredo Barreto da Guerra Paes e Joaquim de Figueiredo.—Villa Nova de Ourem: Julio Ribeiro da Silva Lopes.—Montemor-o-Novo: Cypriano d'Oliveira Barreto, José Francisco Fragoso e José Luiz Fialho Ferro.—Figueiró dos Vinhos: Carlos d'Araujo Lacerda e Camillo d'Araujo Lacerda.—Villa Verde: Avelino do Nascimento Peixoto, Manuel Baptista Pereira, Annibal Feio Soares d'Azevedo e Fernando Filippe Ramos.—Povoa de Lanhoso: Raul Caldas.—Sinfães: Christovam Pinto Brochado de Vasconcellos, Antonio Pinto Cardoso de Menezes e Alexandre Pinto Illydio.—Bragança: José Antonio Lopes.—Ribeira de Pena: Augusto Cesar Fernandes e José Borges de Sampaio.—Boticas: Antonio de Seixas Alves Pires.—Trancoso: Jayme Ribeiro Botelho Ferreira.—Macedo de Cavalleiros: José Custodio Valente e Americo d'Assumpção Lopes.—Panella: Augusto Ramos Pereira.—Sardoal: João de Saldanha Fonseca e Serra.—Moita: João Luiz da Cruz e Manuel de Carvalho.—Fundão: Alberto Rodrigues Isaac, Joaquim dos Santos Barata e Alfredo Rodrigues d'Oliveira.—Manteigas: Manuel Maximo.

Monforte: José Augusto da Silva Portel.—Pinhel: Victor Antonio Tavares Ferreira e Manuel Antonio Ferreira.—Mezão Frio: Antonio Pinto da Costa e José Correia da Silva Junior.—Méda: José Maria Ramos e Celestino Augusto Felicio.—Covilhã: Joaquim Camillo Ribeiro, Joaquim Neves Telles Jordão, José Telles Feio, José Antonio da Silva, Antonio Pombo e Agostinho Luiz Nunes.—Thomar: Antonio Augusto Neves e Manuel do Nascimento.—Fornos d'Algodres: José Augusto Coelho Flôr e Francisco Gomes d'Andrade Furtado.—Sabugal: Alfredo José de Carvalho, José Augusto Martins Paiva e Manuel Lourenço.—Vagos: Evaristo Correia da Rocha.—Villa Nova de Paiva: Antonio Heitor Jacome.—Torres Vedras: Joaquim Nicolau Jorge.—Goes: Virgilio Duarte Nogueira e Adelino da Costa Alves Ribeiro.—Taboaço: Alvaro d'Azevedo Osorio.—Gouveia: Lourenço Cezar d'Abrantes Barbas.—Alvaiazere: Benjamim da Motta Sobrinho e Lino Lyder Frazão de Lonet Delgado.—Mora: João José Ferreira.—Peniche: Joaquim Gaudino de Carvalho.—Beja: Diogo da Silva Pereira e Cunha, José Silverio de Mira e Antonio Arnaldo Baptista da Silva.—Aldeia Gallega: Joaquim dos Santos Oliveira e Candido José Rodrigues d'Annunciação.—Barreiro: Augusto Cesar de Vasconcellos e Ayres Luciano de Vasconcellos.—Alemquer: João Baptista da Costa Reis, Gustavo Ferreira de Pina e Alexandre Lapa Lopes.—Serpa: Francisco Manuel Espada e Antonio dos Santos Ribeiro.—Santhiago do Cacem: Augusto Costa, Manuel Caeiro e Bernardo Guerreiro.—Villa Velha de Rodam: Antonio Esteves Caramona e Joaquim Marques dos Santos.—Odemira: Francisco Serrão Varella Junior e João Domingos Coreria da Silva Alão.—Obidos: José Paulo Garcia da Costa Penucho.—Ferreira do Zezere: Bernardino da Silva Martins.—Mira: João Carlos Moreira da Silva.—Alpiarça: Celestiano José Caiado, Bernardino José Mira e José Rosado Dordio Carvalho.—Famalicão: Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio, José Augusto Sampaio, Annibal Amilcar de Sousa Fernandes, Alberto Lopes da Silva José da Cruz Oliveira e Augusto da Costa Cameira.—Oliveira do Hospital: Alberto Borges e Antonio Joaquim Coelho.—Chaves: João da Silva Bravo, João Filippe Rodrigues de Sousa, Antonio José Rodrigues, Delfim Maria e Antonio José d'Abreu Lopes Guimarães.—Villa Flôr: José Joaquim Trigo Valente.—Fernancelhe: Adão Augusto Sobral.—Terras do Bouro: Abel Augusto Leite Ribeiro e Manuel Joaquim Martins.

Santa Martha de Penaguião: Julio Candido Pereira Cabral.—Alijó: Sebastião Nobrega Pinto Pizarro, José Maria Alves e Torquato Ribeiro.—S. Pedro do Sul: José Joaquim Couceiro e João Correia Leite.—Alfandega da Fé: Abel Maria Cardoso.—Lagos: Victor Seixas Gomes.—Ferreira do Alemtejo: Adelino Ferreira de Mello.—Rezende: Antonio Maximo Pereira do Nascimento e Silva e José Joaquim Correia.—Tarouca: Aloysio d'Azevedo Osorio e José Sarmento da Costa.—Borba: Marianno do Patrocinio Proença Affonso.—Cezimbra: João Gomes Covas e Augusto dos Santos Formiga.—Tavira: Alvaro Mendes Torres, João Rodrigues Faria, Manuel Rodrigues Centeno, Jacintho Paulo dos Santos e Verissimo Pereira Pombo.—Lagoa: Mathias José Pinto e Antonio Lapa Fernandes Manuel.—Loulé: David Francisco Aragão Teixeira e Francisco d'Assis Leal.—Castro Verde: Antonio Maria de Brito Torres e Antonio Joaquim Fernandes.—Aljezur: Carlos Delfim Crato Fogaça.—Reguengos: Manuel Heliodoro Ramalho e Constantino Pinheiro Ramalho.—Mourão: Joaquim Caetano Proença e Antonio José da Silva Peres.—Paredes de Coura: José A. Pedreira Bacellar e Gustavo Duriez Esteves Pereira.—Carrazeda de Anciães: Alfredo Pereira de Sampaio.—Caminha: Josino Elias Gonçalves Franco e Sebastião Serafim de Amorim Junior.—Villa do Conde: Claudemiro Teixeira da Silva, Antonio da Silva Martins, José Teixeira da Silva e Luiz Falcão Magalhães.—Tabua: Agostinho Joaquim Borges, Anthero Pinto Soares Albergaria e Antonio do Carmo.—Penalva do Castello: Francisco Cabral Pinto e José Lopes Craveiro.—Bombarral: Franklin da Silva Nunes.—Barranco: Theodoro de Carvalho.—Cascaes: Emygdio Francisco Baptista, Armando de Oliveira e Manuel Ferreira.—Aljortel: Antonio Rodrigues Affonso, Manuel da Silva Pires Rico Junior.—Arcos de Valdevez: Julio Cesar Valerio, Antonio Augusto Felgueiras Bastos, Casimiro da Piedade e Antonio Loureiro.

DATAS HISTORICAS

O 14 de julho

Passando ámanhã o anniversario da tomada da Bastilha, o dia da festa nacional da França, a Associação do Registo Civil commemora essa data com uma sessão solemne, que se realisará pelas 21 horas, abrilhantando-a a tuna da escola n.º 1 e fazendo uso da palavra alguns propagandistas do livre pensamento.

A entrada é publica.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA —A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Ao correr da penna

Deixámos o primeiro quadro da Revista de 1858 na altura da troça aos papelões da epocha. Vemos surgir logo depois a Boa Vista, queixando-se de terem construido uma muralh. onde ella tinha uma praia e uma rua ..o logar dos seus becos. Que teria hoje que dizer a Boa Vista da estação do caminho de ferro, do mercado das hortaliças e sobretudo da Companhia do Gaz? Seguem-se criticas ás reformas de construcção—pois já?—e á facilidade com que se conferem empregos a pessoas incompetentes. Lisboa querendo civilisar a Provincia leva-a ao basar do grande tom. E' o quadro de phantasia, tal como se faz hoje, pouco mais ou menos. Ahi se criticam as modas da epoca e principalmente as saias de balão. Vemos os ferreiros do Arsenal occupados a construir a armação em ferro das elegancias dos nossos avós e o compadre não podia deixar de cantar as suas coplas acerca dos artefactos da gomma elastica então em plena voga. Pouco depois termina o quadro e passamos á apotheose em que se apresenta um grande fogo de vistas. N'esse ponto devemos accentuar um grande progresso devido á electricidade. Por muito magnificente que fosse o final de então que seria elle ao pé das mil rodinhas de lampadas a girar que hoje em dia nos apresentam?

Cyrano

Boatos e informações

No theatro Politheama entrou hontem em ensaios a comedia burlesca *A amante do meu genro*, traducção do francez. No mesmo theatro entrará brevemente em ensaios uma comedia-revista em um acto e trez quadros de André Brun com musica de Fernando Moutinho.

● A seguir aos *Maridos com sorte* representar-se-hão no Avenida *Les dragées d'Hercule*, traducção de João Soller, no desempenho da qual entrará a actriz Angela Pinto.

● Está-se tratando da organisação d'uma companhia de revista para o theatro da Rua dos Condes.

● A epoca do inverno na Trindade abrirá em outubro com a peça que Eduardo Schwalbach destinava á epoca de verão.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

O Coliseu vae apresentar na quinta-feira a estreia das Hermanas España, duettistas com transformações, que cultivam o genero de zarzuela chica, canções comicas, com bailados á mistura. E' um numero de grande attracção, tanto mais que as duas hespanholas são formosas. No programma d'esta noite apresentam-se as grandes novidades da companhia, como Julio Villar, o celebre comediante parodista, o festejado e notavel transformista Silva Carvalho, Marincha, a bella bailarina, e Los Alpinos. As sessões cinematographicas são differentes e constituidas por novos quadros.

—No Olimpia repetem-se hoje os trez primeiros episodios do «Trez de copas», que hontem agradaram immenso, e estreiam-se ámanhã, em «soirée» elegante extraordinaria, dois novos episodios do mesmo «film».

—O clown Little Walter chega depois de ámanhã a Lisboa.

COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate.

Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Beneficencia particular

Um concurso de aventaes

Promovido pela Associação de beneficencia e Instrucção do Campo Grande realisa-se no proximo domingo, no Campo Grande, um concurso de aventaes, que será disputado pelas meninas de Bemfica e Campo Grande, havendo seis premios para as que melhor se apresentarem.

O jury, formado por seis senhoras, reune para a respectiva classificação ás 18 horas, em local reservado, proximo da barraca da kermesse, estabelecida entre o novo coreto e a lagôa dos barcos.

Não ha limite de numero de concorrentes ao concurso, não podendo porém ser admittido quem não provar que reside em qualquer das freguezias de Bemfica e Campo Grande.

A kermesse, que se vêm realisando em beneficio da Associação de beneficencia local apresentará na tarde de domingo novas prendas e será abrilhantada pela banda da Sociedade Euterpe Musical de Bemfica.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro 27 de Abril

Para tratar de assumpto urgente e inadiavel, reune ámanhã, ás 21 e meia horas, o conselho executivo.

"As Constituintes de 1911,,

Continua tendo a maior acceitação esta obra, da auctoria d'um funccionario do parlamento e que contém 237 retratos e as biographias dos membros do Congresso. Livro historico e de consulta, tem sido ultimamente adquirido por quasi todos os novos senadores e deputados.

alliados não haviam feito progressos que fôssem de importancia.

O inimigo na fronte Thourout-Ostende alcançára tambem uma grande victoria contra os belgas. Beerst, entre Keyem e Dixmude, fôra tomada e desesperados esforços foram feitos para tomar Keyem e repellir a 4.ª divisão para além do Yser. Para a salvar, os marinheiros francezes e a 5.ª divisão belga receberam ordem de avançarem de Dixmude e retomarem Beerst, atravessarem a estrada d'essa aldeia para Thourout e occuparem os bosques Praet-Bosch ao norte da estrada.

Apoiado pela 5.ª divisão belga, o batalhão do commandante Mauros pôz-se em marcha ás 10 horas da manhã de Eessen para Vladsloo e Hoograde, e dois batalhões da reserva de Ronarc'h atravessaram Dixmude e marcharam sobre Beerst, emquanto os allemães se entrincheiravam nas casas e na egreja. O terreno em frente da aldeia era completamente plano e cortado por diques cheios de agua, offerecendo apenas como abrigo uma ou outra sebe que separava as herdades. Os marinheiros tinham de avançar vagarosamente, de rastos. O tenente Maussion de Candé, que se ergueu impensadamente, foi morto e a cada momento um marinheiro cahia entre as beterrabas. O tenente Pertus ficou com a côxa atravessada quando ia conduzindo a sua companhia, e o tenente de Blois foi alvejado minutos depois. As perdas do batalhão foram taes que um outro foi mandado avançar.

Sequiosos de vingança e animados pelo exemplo que lhes davam os officiaes, os homens estavam resolvidos a antes morrer do que ceder terreno. Seguindo o commandante Varney, que dirigia o ataque, o batalhão em pezo avançou. As casas foram tomadas uma apoz outra, depois de uma terrivel lucta em cada uma d'ellas.

A lucta continuou. Ronarc'h mandou um outro batalhão da sua reserva para substituir aquelle que tão valentemente tinha combatido e que voltou para Dixmude. A' direita, Mauros desemboccou de Vladsloo, d'onde, com o auxilio das metralhadoras belgas, havia desalojado o inimigo. A 5.ª divisão belga prolongou a fronte em lucta para a direita e escalonou parte da sua força na retaguarda.

Estas magnificas disposições em breve deram bons resultados e pelas 5 horas da tarde Beerst era tomada. A noite approximava-se e o contra-almirante ordenou ao commandante Varney que tomasse nas cercanias de Beerst as medidas de defeza necessarias para poder resistir a um contra-ataque. Apenas se tinha mettido mãos á obra, o commandante belga ordenou a Ronarc'h para de novo os seus marinheiros occuparem a posição primitiva em volta de Dixmude. O effeito da victoria allemã em Roulers tornava-se visivel. O general Michel recebera a noticia de que uma columna estava avançando pelo lado de leste sobre Dixmude. A's 11 horas da noite a brigada de marinha voltava aos seus acantonamentos em Caeskerke e St. Jacques-Cappelle. Olhando para a retaguarda, via-se que Vladsloo, que cahira nas mãos dos allemães, estava em chammas. A retirada dos marinheiros e da 5.ª divisão belga tornou Keyem insustentavel. Durante a noite foi occupada pelo inimigo e a 4.ª divisão belga teve de recuar para detraz do Yser.

No outro extremo do campo de batalha os allemães entre Keyem e Nieuport haviam bombardeado violentamente a 1.ª divisão belga emquanto as suas columnas do lado de Ostende estavam assaltando Lombartzyde, defendida pela 2.ª divisão. Esses ataques foram repellidos. Antes, porém, de Lombartzyde e Nieuport cahirem nas mãos dos allemães, estes iam ter uma inesperada demonstração da supremacia naval dos alliados.

Uma flotilha naval, de que faziam parte tres monitores, que haviam sido feitos para o governo do Brazil e de que o almirantado britannico tinha tomado posse, havia sido mandada, sob o commando do contra-almirante Hood, para a costa belga.

Havia um ponto na posição dos alliados no Yser, que era de importancia capital—Dixmude, cuja posse era necessaria por causa de qualquer avanço decisivo das forças do flanco direito allemão. Mas não bastava a sua posse: era necessario poder d'ahi sahir se necessario fôsse e dominar o terreno em volta para o norte, oeste e sul, que havia sido varrido pelos alliados, tanto quanto o permittia um desenvolvimento allemão em força. Se assim não fôsse, ficaria a vantagem do lado das tropas do kaiser, que estariam aptas a atacarem a direita, a esquerda, o centro, e os alliados, se não pudessem deter a corrente, teriam de recuar deante d'elles, expondo assim a ala esquerda das forças de d'Urbal a um ataque de flanco.

Como já dissémos, no dia 15 o contra-almirante Ronarc'h com os seus 6.000 marinheiros havia retirado de Thourout para Dixmude.

Perto de Eessen um batalhão sob o commando de Kerros fôra incumbido de guardar as estradas que n'esse ponto desemboccam de Vladsloo ao norte, de Roulers a sudeste e de Poelcappelle e da floresta de Houthulst ao sul. O commandante Mauros com outro batalhão atravessou para a estrada Ypres-Dixmude e occupou Woumen. Outros quatro batalhões com os canhões pertencentes a uma companhia entraram em Dixmude cerca do meio dia e postaram-se além do Yser. Um destacamento estava collocado proximo da aldeia de Beerst ao norte da cidade e a leste do canal. Ao sul da capella de Nossa Senhora do Bom Soccorro um abrigo natural para a artilharia fôra encontrado.

Apenas os homens tinham acampado foram chamados para auxiliar uma companhia de engenharia belga para pôrem as eminencias de Dixmude em estado de defeza. Não havia um momento a perder. Já os allemães estavam arremeçando granadas para dentro da cidade e de tarde um automovel blindado allemão, vindo de Zarren, fizera fogo contra os postos avançados em frente de Eessen.

A' posição de Ronarc'h podia tornar-se perigosa.

Tendo apenas quarenta e nove annos e sendo o mais novo dos almirantes francezes, Ronarc'h tinha a experiencia da guerra em terra, pois, como Falkenhayn, estivera na China.* Acompanhára a columna Seymour que fôra mandada em soccorro das legações europeias cercadas pelos boxers em Pekin. Taciturno, meditativo, como Joffre, viu que os seus homens não eram em numero sufficiente e que a maior parte d'elles estavam mal exercitados. Por fins de setembro recebera ordem para formar uma brigada de dois regimentos—seis batalhões e uma companhia de metralhadoras—e tivera de recrutal-a principalmente entre rapazes muito novos.

Os seus marinheiros tinham pelejado valorosamente na batalha de Melle, mas não podia prevêr que admiraveis provas de coragem elles estavam prestes a dar. Os belgas que os auxiliavam eram varridos por um fogo constante. Guarnecer uma linha tão extensa com as forças que tinha ao seu dispôr parecia mais uma temeridade do que outra coisa.

Ronarc'h entendeu-se com o general Michel, que estava commandando os alliados no Yser, e foi-lhe dada permissão para encurtar a linha de defeza em roda de Dixmude.

Os ultimos vagons com as munições do exercito belga tinham passado por Furnes e estavam, ao longo do caminho de ferro, a fim de abastecerem, sendo necessario, quaesquer tropas, a leste de Dixmude.

Ronarc'h retirou os seus postos avançados e dividiu a defeza de Dixmude em dois sectores. No do norte collocou o commandante Delage com o 1.º regimento, no do sul o commandante Varney com o 2.º. Um batalhão d'este foi deixado na estação de Caeskerke, onde se cruzam os caminhos de ferro de Furnes e Nieuport. Das duas baterias belgas, uma foi collocada ao sul do caminho de ferro para Furnes, a outra ao norte de Caeskerke. Um telephone as ligava com a grande fabrica de moagens

de Dixmude, onde uma plataforma de cimento armado havia sido construida por uma firma allemã antes da guerra. Era um ponto excellente d'onde todo o valle do Yser podia ser bombardeado pela artilharia pezada, e a despeza da construcção da fabrica fôra sem duvida alguma paga pelo ministerio da guerra allemão. N'aquelle momento, porém, era um posto importantissimo do qual o fogo dos canhões belgas ia ser dirigido com o maior cuidado.

No cruzamento das estradas de Dixmude para Pervyse e Oudecappelle estava a companhia de metralhadoras. O canal do Yser nas proximidades de Dixmude era guardado por infantaria belga da 5.ª divisão. Ao sul de Neucappelle a cavallaria franceza guarnecia a estrada que em Loo atravessa o canal do Yser para Furnes e se junta, além de Loo, á estrada de Furnes-Ypres. Parte da cavallaria com que o general d'Urbal tinha penetrado na floresta de Houthulst avançára até Clercken, a leste de Woumen.

Os esforços dos allemães contra os belgas e os marinheiros de Ronarc'h no dia 16 limitaram-se a principio a um reconhecimento e a entrincheirarem-se em Middlekerke no dique de Ostende e em Westende, que está em frente de Lombartzyde. Um «Taube» voára sobre Dunkerke, onde estava o principal deposito de abastecimento do exercito franco-belga. De duas bombas que pelo aviador haviam sido arremeçadas, uma cahira no areal, outra no mar.

Ao pôr do sol, d'uma dobra do terreno proximo de Eessen, a artilharia pezada allemã (canhões de 10 e 15 cm.) bombardeou durante algum tempo os francezes e os belgas que defendiam Dixmude. De subito a artilharia calou-se e massas de infantaria foram vistas avançando para um ataque. Foram repellidas, mas a lucta prolongou-se durante toda a noite de 16. Cerca da meia noite um ataque desesperado dos allemães foi coroado de exito. As trincheiras francezas não eram defendidas por arames farpados. Os defensores recuaram para os suburbios da cidade e esperaram reforços. Ao romper do dia um contra-ataque foi dado e retomadas as trincheiras que haviam sido perdidas.

Não houve mais ataques n'esse dia contra Dixmude e ás 11 horas da manhã a artilharia allemã cessou o fogo. A cidade pouco soffrera.

Durante o dia 17, cinco baterias de artilharia belga sob o commando do coronel Wleschoumes foram reforçar os poucos canhões que estavam em posição por detraz de Dixmude. Ronarc'h tinha agora ao seu dispôr setenta e duas peças. Mas é preciso não esquecer que os belgas não tinham artilharia pezada que egualasse a allemã e tão gastos estavam os seus canhões de campanha pelo constante uso que o seu tiro não era certeiro. Ronarc'h ligou telephonicamente as novas baterias com o seu quartel general em Caeskerke. Propunha-se tel-as sob a sua immediata direcção, mas auctorisou os artilheiros a fazer fogo para onde quer que a fuzilaria e especialmente as descargas de metralhadoras indicassem que um ataque de infantaria estava imminente. N'esse dia, os postos avançados dos belgas nas aldeias a leste do Yser fóram tambem bombardeados pelos allemães.

A tarde de 17 e todo o dia 18 foram passados em socego pelos defensores de Dixmude, que no dia 18 foram visitados pelo rei Alberto.

«E' um rei modelar—escreve um marinheiro—vi-o nas trincheiras. E' um homem na realidade.»

O descanço dado a Ronarc'h, que lhe permittiu e aos seus camaradas belgas pôrem Dixmude em estado relativamente completo de defeza, foi devido á offensiva tomada nos dias 17, 18 e 19 pelo general d'Urbal, á sua direita por sir Henry Rawlinson e a oeste d'este pelo corpo de cavallaria britannica e pelo 3.° corpo.

As tropas allemãs que estavam em movimento por Roulers sobre Dixmude e parte das quaes tinham repellido a patrulha ingleza dos Guardas de Staden e haviam penetrado na floresta de Houthulst no dia 16, foram no dia seguinte atacadas por quatro divisões de cavalla-

ria franceza sob o commando do general de Mitry. Os francezes varreram os allemães da floresta e avançaram para Roulers e para a estrada de Roulers a Dixmude.

A esquerda de Mitry chegou a Clercken, ao norte da floresta na estrada de Poelcappelle a Dixmude, e no dia 18 foi pedido o auxilio de Ronarc'h para o avanço sobre Thourout, onde, assim como em Roulers, o general d'Urbal estava prestes a entrar, emquanto Rawlinson estava em movimento sobre Menin. Ronarc'h mandou o commandante Mauros para Eessen com um batalhão do 2.° regimento de marinha e dois automoveis blindados belgas. Alguns cadaveres e cavallos mortos abandonados na estrada indicavam o sitio onde os allemães tinham estado. Quando os francezes entraram em Eessen, o inimigo havia retirado.

Mauros fez alto em Eessen, mas dois regimentos de tropas montadas africanas, temporariamente collocadas sob as ordens de Ronarc'h, avançaram em ordem extensa para Boveckerke e para os bosques de Couckelare. Os alliados tinham quasi recuperado a posição de Ghistelles a Menin que o rei Alberto e o seu estado maior haviam a principio escolhido para a defeza e que fôra abandonada apoz a queda de Ghent.

Dixmude não foi atacada no dia 18, mas, emquanto os francezes estavam avançando sobre Thourout, os allemães da linha Thourout-Ostende atacaram os postos avançados belgas de Lombartzyde a Keyem. A batalha começou de manhã. Os belgas bateram-se com uma coragem soberba, mas foram vencidos pelo numero e antes do pôr do sol os allemães tinham-se assenhoreado de Mannekensvere e de Keyem. Se pudessem atravessar o Yser a oeste da primeira d'essas localidades torneariam o centro da posição belga de Nieuport, emquanto de Keyem poderiam marchar sobre Dixmude ou, atravessando o lado sul do Yser, chegar a Pervyse e romper a linha belga.

A margem leste do Yser ia ser reoccupada, Keyem retomada embora á custa d'um grande esforço e a 4.ª divisão belga por um brilhante ataque nocturno repelliu o inimigo da aldeia.

Este successo e o fazer recuar os allemães para além de Keyem no dia seguinte foram do mais alto valor para a causa dos alliados. Muitos belgas tinham chegado a crer que os allemães ficariam finalmente victoriosos e custava-lhes a dar credito ao que viam quando o inimigo voltou costas e deitou a fugir. Cessaram de fazer fogo, exclamando: «Vejam, vejam como elles correm!»

No dia 19, os allemães receberam ordem para atravessar o Yser a «todo o custo» e, a fim de facilitar o ataque contra Dixmude, columnas sahidas de Bruges e de Ghent foram mandadas avançar sobre Roulers. A cidade foi atacada por tres lados—de Hooglede ao noroeste, de Ardoye ao nordeste e de Iseghem a leste. A artilharia, assestada n'essas localidades, começou bombardeando Roulers ao meio dia e á tarde o inimigo entrava na cidade. Os francezes retiravam para Oostnieuwkerke e a estrada de Roulers a Dixmude estava de novo em poder dos allemães, que não haviam sido desalojados de Menin por sir Rawlinson. Nas margens norte e sul do Lys tambem os

O marechal de campo sir John French

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1774 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 14 de Julho de 1915 | Telephone n.º 2238 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

DUAS DATAS

No dia de hoje realisa-se uma commemoração nacional, regista-se uma data da humanidade,—e muito embora, pela diversidade dos paizes que as archivam na sua historia, e pela differença da epoca em que occorreram, se pudessem julgar alheias uma á outra, o facto é que entre ellas existe uma intima relação. Sem o acontecimento que uma rememora, a outra não seria possivel, e esta, na sua eclosão triumphante, fez na realidade reflorir a que lhe deu origem e inspiração.

A data é a do 14 de julho, de que a França fez uma ephemeride nacional, mas que pertence á humanidade, por tal fórma a revolução que ella iniciou emancipou todo o mundo opprimido e escravo, dando-lhe para seu guia, como um facho, a ideia da liberdade.

Com o admiravel movimento que n'esse dia predestinado se effectuou, tomando uma fortaleza symbolica das tyrannias do passado, o mundo inteiro ainda hoje gemeria sob o jugo dos seus senhores. Esse grande gesto popular annunciou a liberdade a todos os homens, e por isso não admira que até em S. Petersburgo, na capital do despotico imperio dos tzares, os traseuntes se abraçassem pelas ruas, quando souberam que a Bastilha tinha caido. Era a intuição sublime dos povos, desvendando-lhes o seu futuro resgatado.

Um soldado que era um poeta, algum tempo depois, deu a expressão immortal da poesia ao facto espantoso que se realisara na França. Esse poeta escreveu as estrophes da «Marselheza», e a «Marselheza» era já o hymno do resgate de todos os povos, porque se não pensava só em defender a França, mas em diffundir a liberdade. Hoje a França vae solemnemente conduzir ao Pantheon as suas cinzas, mais uma vez simbolisando em Rouget de L'Isle, no momento em que a liberdade está de novo em perigo, o anceio d'essa liberdade, elevado á altura do maior designio dos homens.

Só o 14 de maio, em Portugal, se fez pela liberdade, representada nos principios da democracia, e se se fez espontaneamente, pelo impulso consciente do povo, é porque ha mais de cem annos, n'um dia sublime que illumina a historia como um pharol, outro povo marchou, guiado por uma predestinação maravilhosa, á conquista dos seus direitos, derrubando a força dos seus oppressores.

Estes dois factos ligam-se, pois, d'uma maneira intima e logica. Um é o resultado do outro, e ao mesmo tempo justifica-o gloriosamente, por constituir mais uma prova d'aquella acção atravez das eras que Clemenceau definiu pomposamente quando disse: «A Revolução continua». Porque o espirito da grande Revolução é o que palpita em todas as reivindicações modernas, até nas menos avançadas que pretendem a renovação total das sociedades.

Esse espirito da Revolução, esse espirito democratico, esse espirito republicano é o que abrasa o povo portuguez, communicando-lhe a fé extraordinaria que é o segredo do seu heroismo, a garantia das suas victorias e o estimulo dos seus progressos. Hoje os marinheiros, os soldados, os revolucionarios, o povo, os homens, as forças do governo, do magnifico movimento de 14 de maio, que se fez pela liberdade e pelo direito, marcham, na romagem em que vincam a sua acção na sociedade portugueza, não só illuminados pela gloria do seu acto como aureolados pelos principios que a grande Revolução estabeleceu e que crearam a sua consciencia de cidadãos.

Poeira da Arcada

O espiritismo não é uma sciencia, porque não assenta em certezas, mas sim uma ambição louca de captar em nosso proveito forças invisiveis que, talvez, d'aqui a alguns seculos já estejam utilmente estudadas. Quando alguem se entrega a investigações e a praticas espiritas, não procura, pois, satisfazer as simples curiosidades da sua razão, pretendendo entrar milagrosamente n'um dominio ignorado, onde a materia perde os seus direitos.

Os espiritistas estendem os seus braços para lá do que não é de espantar que só colham vento. As suas cabeças andam facilmente á roda, entrando muitas vezes pela loucura dentro com ancia e desespero. E' este o seu processo mais usual de travar relações com o Desconhecido.

⁂

Muitos dos collegios que por ahi se improvisam em ruas e ruellas representam para a infancia um optimo processo de lhe vencer a rebeldia prometedora do seu ser ancioso de moldar-se, segundo o seu instincto de liberdade. Das nove da manhã ás cinco da tarde, mestras e mestres rivalisam de zelo para sujeitarem á imobilidade de bancos e carteiras creaturinhas, cujo organismo só pelo movimento e a acção chegaria a ordenar-se e a compôr-se harmonicamente, obedecendo ao rithmo das energias n'elle dispertas. Cinco ou seis annos de tal regimen enclausuram sufficientemente uma alma, de maneira a perturbar-lhe para sempre a visão clara, optimista das coisas e da vida.

⁂

Faz hoje 126 annos que cahiu a Bastilha.

O movimento que então se iniciou ainda não attingiu o seu termo. A guerra actual é um dos seus incidentes, o mais grandioso, o mais tragico. A liberdade, sendo um methodo unico de preparar e valorisar homens, é tambem o mais sujeito a desvios e falsificações. E' por isso que cada uma das suas conquistas provoca cóleras em todos os que vivem exclusivamente da degradação humana.

Um invento portuguez

«Dorme» ha cinco annos no ministerio da guerra, sem que se lhe tenha prestado attenção

O constructor civil sr. José Thomaz de Sousa requereu, em dezembro de 1910, ao governo provisorio, para ser auxiliado na construcção de um apparelho do seu invento destinado á aviação a que pôz o nome «Aeronautico Gusmão». Esse requerimento foi acompanhado d'uma memoria descriptiva e dos respectivos desenhos.

Como não tivesse recebido resposta alguma, em 30 d'abril findo dirigiu ao ministerio da guerra novo requerimento pedindo que lhe fôssem restituidos essa memoria descriptiva e os desenhos, a fim de d'elles se poder servir, caso lhe conviesse, visto que até hoje nem lhe fôra concedido subsidio algum, nem ao menos os governos haviam mandado proceder a quaesquer experiencias, a fim de se saber se o apparelho era ou não utilisavel.

Queixa-se o sr. Thomaz de Sousa, de tal facto, e estranha que assim se proceda. Para o facto chamamos a attenção do sr. ministro da guerra.

Aviação militar

Mais 8 offerecimentos

Militares e civis accorrem todos os dias a inscrever-se para frequentarem a escola de aviação. E os que á nossa redacção veem manifestam o desejo vehemente de que se não fique em palavras; que se vejam obras, dizem, e que o governo aproveite a boa vontade de tantos e tantos que desejam ser uteis ao seu paiz.

Hoje lemos a registar os nomes dos srs.: Manuel Francisco e Jayme Alves das Neves, operarios electricistas do Arsenal da Marinha; Paulo Augusto da Costa e Raul Belmonte, serralheiros, do mesmo Arsenal; Carlos da Silva, torneiro mechanico, morador no rua de S. João da Matta, 129, 1.º, D.; José André Godinho, tambem torneiro mechanico, rua d'Artilharia 1, 10, loja; Joaquim Fernandes, «chauffeur», rua Victor Bastos, a Campolide, 8; Luiz Armando do Valle, serralheiro, rua da Assumpção, 53, 4.º.

OS BELLOS GESTOS

Um rasgo de Augusto Rosa

O grande actor offerece ao Museu Nacional de Arte Antiga a sua preciosa collecção artistica

Já um dia *A Capital* teve ensejo de dizer que a vivenda de Augusto Rosa, situada n'aquelle aristocratico bairro da Sé, era um verdadeiro thesouro de obras de arte, algumas do mais subido valor. E já então a enternecedora e captivante noticia de que o comediante illustre offerecia ao museu nacional de arte antiga todo o recheio artistico da sua casa era conhecida de alguem que, por bem comprehensiveis melindres, se absteve de a lançar para o grande publico e de a exaltar como era de justiça. Hoje, porém, esses melindres desappareceram. Quem convive com artistas e lida, vagamente que seja, com esse mundo especial onde raras vezes se fala de outra coisa que não sejam antiguidades, velhos quadros, velhas faianças e velhas mobilias, já não ignora que as collecções de Augusto Rosa e do sua mulher, uma illustre senhora que é uma das primeiras figuras da sociedade lisboeta, ficarão pertencendo, por morte do ultimo, ao Museu Nacional de Arte Antiga. Impõe-se á admiração de todos nós o «gesto» magnanimo do grande artista? Que respondam aquelles que o egoismo roe e que, possuidores de largos meios de fortuna e, muitas vezes, de preciosas raridades artisticas, preferem que estas passem para as mãos de estranhos, frequentemente incapazes, sequer, do lhes tocarem, a vel-as na posse do museu, que as guardaria com infinito carinho e por meio d'ellas faria para sempre relembrada a memoria dos doadores.

Teriam, comtudo, grande interesse para o thesouro das Janellas Verdes as collecções de Augusto Rosa? E' o sr. José de Figueiredo que vae responder a esta pergunta. Oiçamol-o:

—A casa do eminente actor, diz o director do Museu d'Arte Antiga, contem objectos do alto valor. E' que o pae de Augusto, artista d'um certo merito, foi um apaixonado collecionador de coisas antigas, o que demonstra uma requintada sensibilidade artistica, rara na epoca em que elle viveu e em que as pessoas que possuiam obras d'arte, por herança, e que desejavam, em geral, ora desfazerem-se d'ellas, trocando frequentemente precioso mobiliario dos seculos idos por outro, sem caracter e banal, seu contemporaneo. A predilecção artistica do Pae Rosa, á qual seu filho rende, no seu livro, um tão enternecido culto, está, por exemplo, documentada no busto de Garrett, existente no atrio do Theatro Nacional. E' uma esculptura que, se não é uma obra-prima, se suporta em todo o caso, tal é o seu caracter, a approximação d'essa verdadeira maravilha que é o busto de Emilia das Neves, do grande Soares dos Reis. Pae Rosa, além de ser o grande actor que foi, e o apreciavel esculptor que se revelou n'esse busto e n'outros trabalhos seus, collecionou tudo o que lhe veiu á mão e que possuia alguma parcella de belleza. Do que era e do gosto que o guiava temos tido prova que o quanto era seguro o seu faro de verdadeiro amador de antiguidades tem-se uma ideia, vendo no museu das Janellas Verdes os quadros que, por seu intermedio, ali entraram e, entre elles, a allegoria á Promulgação da Constituição de 1820, de Domingos Antonio de Sequeira, que, sendo, sem duvida, uma das melhores obras do grande mestre portuguez, era tambem n'essa epoca em que o artista era tão imperfeitamente apreciado aquelle que Pae Rosa mais apreciava.

«Com diversas vendas que o grande actor se viu obrigado a fazer, e com a divisão após a sua morte, por seus filhos João e Augusto, este ultimo veiu a ficar com uma parte minima do muito que possuiu pelas mãos prodigas de seu Pae. Mas o respeito natural pelas coisas de arte, fez com que Augusto Rosa tivesse ido augmentando sempre esse nucleo primitivo, e com o succedeu que sua mulher, a sr.ª D. Leonor de Castro Guedes, fosse, além de uma dama do grande cultura, uma verdadeira apaixonada pelas coisas de arte, o para mais, dona, por herança, de objectos artisticos de valor, resulta que o recheio artistico da linda casa de Augusto Rosa é, á parte uns dois ou tres dos nossos grandes collecionadores, um dos mais interessantes e escolhidos de Lisboa. A doação de Augusto Rosa e sua esposa, que fazem desde já dadiva ao «Museu Nacional de Arte Antiga» de tudo aquillo que os cerca excluindo d'entre o que elles possuem, é uma offerta valiosissima, devendo destacar-se a parte da ceramica, em que, quer em porcellanas, quer em faianças, ha peças de grande valor. Eu não se devem esquecer tambem as pinturas, d'entre as quaes algumas ha que enriquecerão a respectiva secção do museu, pois, é ainda digna de registo a maneira excepcional como é feita a doação. Só verdadeiros artistas, o artista na mais alta accepção da palavra, a saberiam realisar como ellos a realisam.

«Dados desde já, embora continuem na posse do um e do outro durante a sua vida, Augusto Rosa e sua esposa —foram estes os termos em que me annunciaram a doação—consideram-se simples depositarios d'esses objectos, como se, de facto, a sua casa não fosse senão uma secção do museu a meu cargo.

«E não posso esquecer as horas que ali passei, a inventariar o que vae ser doado ao museu, com Augusto Rosa e sua mulher, mostrando-me ambos uma a uma as peças da sua collecção, afim de que nem uma só que tivesse qualquer interesse escapasse á minha investigação. Por ultimo, devo dizer-lhe que Augusto Rosa é um dos mais dedicados «amigos do Museu», desde que se fundou esse grupo, que tão relevantes serviços tem prestado e prestará á arte nacional. Que mais prova do amisade podia elle dar do que legar á casa que dirijo tudo o que o cerca e que para elle tem representado um dos maiores encantos da sua vida?

Effectivamente, o acto de Augusto Rosa e de sua illustre esposa não necessita que o exaltem. Impõe-se por si e exalta que frutifique...

O 14 de julho

A recepção na legação de França—Amigaveis referencias a Portugal nos discursos trocados

Commemorando o glorioso anniversario da tomada da Bastilha, realisou-se esta manhã na legação de França, a Santos-o-Velho, a costumada recepção.

O sr. Daeschner, ministro plenipotenciario da França, recebeu os cumprimentos da sua colonia, acompanhado pelos srs. Montille, secretario; La Belbege, vice-consul, e Monteiro de Paiva, chanceller.

Ao saudar o representante do seu paiz, o sr. Touzet, presidente da camara do commercio franceza, relembrou a data heroica de 14 de julho, accentuando que ella representava de grande para a França e para a liberdade e fez votos pelo triumpho proximo e completo dos alliados. Alludiu tambem ao 14 de maio, regosijando-se por ver que as instituições republicanas foram consolidadas em Portugal, mercê do movimento d'esse dia, em que cooperaram o povo e a força publica. Regosijou-se tambem pela eleição do sr. Theophilo Braga e do facto da nação portugueza já ter demonstrado por differentes vezes a sua sympathia pelos alliados e principalmente pela França e que a formada historica do 14 de maio se effectuou contra um governo germanophilo.

O sr. ministro, agradecendo em termos calorosos o sentidos as saudações á França e cumprimentando a colonia franceza, referiu-se ao magnifico exemplo dado pela França na sua união, no seu patriotismo e no sacrificio heroico do seu exercito e da sua armada. Quanto ás palavras proferidas pelo sr. Touzet, ácerca de Portugal, congratulava-se com a sympathia do povo portuguez pela sua patria. O 14 de maio foi, com effeito, a consolidação do regimen republicano em Portugal e a escolha do sr. dr. Theophilo Braga para presidente da Republica enchia-o de jubilo, porque Theophilo Braga é um grande cidadão e honra da nação portugueza.

Entre os membros da colonia franceza que compareceram á recepção tomámos nota dos srs.:

Albert Nandin, Marius Lathelize, A. Combet de Larenne, director das Companhias reunidas Gaz e Electricidade; Rouou, René Pouymayou, Eugène Pernot, director do Avenida Palace Hotel; Georges Studier, director do Francfort Hotel; Numa Serriere, Jean Bayart, Charles Lebrore, engenheiro, professor ordinario do Instituto superior technico; Armand St. Supery, Leon Gouvernal, Henry Dupuy, Leon Belpeu, Adrien Faure, Germain Combés, Leon Reynaud, Henri Navel, Emile Guilleaume, Georges Chaigneau, Louis Ferrer, G. Mathieu, Georges Dubedout, Arthur Baron Cabrier, G. A. Bernard, Alfred H. V. Bobe, Jean Daniel Seillou, director da Berlitz School of Languages; François Goeltz, A. Vincent, Emile Ribes, R. Moser, A. Riviere, Elisabeth Chaffal, Albert Beauvalet de Taffard, Pierre Espinosa, J. Martinet, Paul Marthe, Casimir Coumaiz, L. B. Jackowski M. Kersivel, Leon Lacombe, Eugene Poeydaban, P. Dusaux, Leon Durand, Gabriel Pouymayou, J. Auban, Maurice Milt, François Isidore Vesgien, Georges Ernest, E. Schweickardt, S. E. C. Besson, Leopold Blanchet, Charles Thilbert, Gabriel de Bilbao, etc.

Cumprimentaram tambem o sr. Daeschner os srs.:

Eduardo João Burnay, Edouard Burnay, condessa de Burnay, coronel João Maria Lopes, O'Neil, J. N. H. Bleck, Jean de Becker-Remy, secretario da legação belga; Baldomero F. Gayan, encarregado dos negocios da Republica Argentina; Antonio da Costa Cabral, J. Franco de Mattos, coronel Thomas J. Birch, enviado extraordinario junto do ministro plenipotenciario dos Estados Unidos da America, e James G. Beilly, secretario da legação americana.

Entre os varios telegrammas recebidos hoje na legação franceza figuram um do sr. dr. Magalhães Lima e outro do sr. Bessière, combatente do exercito francez de 1870, actualmente a banhos na Praia das Maçãs.

O sr. Lonceiot Carnegie, ministro da Inglaterra em Portugal, foi tambem á legação franceza deixar o seu cartão.

Dr. Affonso Costa

Progridem as melhoras do illustre enfermo

O sr. dr. Affonso Costa teve hoje consideraveis melhoras. Embora ainda não livre de perigo, o illustre enfermo já hoje teve duas refeições: ás 9 horas, metade d'uma «omelette» e tres laranjas; e ás 14, dois ovos quentes, duas laranjas e uma maçã.

Tem dormido somnos reparadores e a excitação de ante-hontem desappareceu.

A sr.ª D. Alzira Costa voltou para o hospital ás 14 e 30, estando durante alguns minutos com sua filha junto de seu marido.

Ás 17 e 30, o sr. dr. Affonso Costa estava novamente descançando.

O boletim d'hoje, affixado ás 12 horas e assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery, dava as seguintes observações medicas: pulso, 65; respiração, 24; e temperatura, 37.

Junto do sr. dr. Affonso Costa esteve durante o dia e permanecerá esta noite o sr. dr. Alberto Madureira, que das 19 ás 21 horas será substituido pelo sr. dr. Costa Santos.

No hospital entre os varios visitantes d'hoje estiveram os srs. Feio Terenas, por si e pelos funccionarios do Congresso, Epygidio de Figueiredo por si e pela commissão executiva da camara de Cascaes, senador Botto Machado, Sebastião Mestre Santos, general Corrêa Barreto, ministro da justiça e Levy Bensabat, pelo sr. presidente da Republica.

Foram egualmente recebidos muitos telegrammas e entre elles dos srs. padre Mattos, de Barrancos; administrador de Serrancelhe; Amorim Lemos Junior, juiz do Congo; governadores civis de Vianna do Castello e da Guarda, e centros republicanos de Faro, Monchique e Guimarães; da camara municipal de Ovar, e do sr. Silva Graça, de Vichy.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4850 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A descida do "Viscaya,, em Alcochete

Um barometro que apparece

Quando, ao começo da noite do ultimo domingo, o balão «Vizcaya», tripulado por D. Eduardo Magdalena e pelo nosso presado camarada de redacção Hermano Neves, desceu em Alcochete, desappareceu na confusão do momento um aliimetro que fazia parte do material do aeronauta. Hontem veiu a Lisboa entregal-o um cavalheiro d'ali, e o arrojado «sportsmen» hespanhol, desconhecendo o nome d'essa pessoa, pede-nos que por intermedio do nosso jornal lhe manifestemos a expressão do seu reconhecimento.

E a proposito: no artigo de Hermano Neves relativo á ascensão do aerostato, ha uma referencia á «celebre rã saltadora de Edgard Pöe». Qualquer pessoa reparou decerto no lapso, tão comprehensivel de resto dentro do trabalho, ás vezes vertiginoso, que representa um artigo de jornal. Quasi que era, portanto, superfluo, dizer-se que, onde está Edgard Pöe, deve antes ler-se Mark Twain.

A PROVINCIA E A ARTE

Os quadros do Grão Vasco

O que a proposito d'elles escreve o sr. Almeida Moreira, director do Museu regional de Vizeu

«Sr. redactor:—Não falando já—por infundado e injustificavel—do alarme levantado n'esta cidade (e que eu procurei acalmar) com a noticia sobre o quadro «O Calvario», de Grão Vasco, publicada no seu jornal de sabbado, e ha poucas horas aqui chegado, não quero deixar passar sem rectificação alguns pontos essenciaes d'essa noticia, na parte que se refere ao estado dos quadros da serie attribuida a Grão Vasco.

Assim, nem todos os quadros d'essa série existentes na Sé soffreram restaurações, como na referida noticia se diz.

Apenas em dois—no «Baptismo de Christo» e no «S. Sebastião»—foram, em tempo, preenchidas as falhas de tinta que elles tinham. Essa operação, a que fujo de chamar restauração, foi feita pouco antes da visita do rei D. Luiz e da rainha D. Maria Pia a Vizeu, em 1882.

Como entre todas as «taboas» a mais damnificada é a de «S. Sebastião», é esta, como facilmente se deprehende, a que está mais repintada.

O proprio quadro «O Calvario» não está repintado. Está, sim, muito deteriorado; mas isso é principalmente devido aos maus tratos que soffreu, ao que se diz, para se lhe tirar um decalque por occasião da visita de Raczynski, ahi por 1843, e que serviu para a reproducção lithographica que acompanha o seu «Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal», publicado em 1847, e ainda no local em que elle tem sempre estado, e d'onde em breve, felizmente, sahirá, assim que se installe o museu, no antigo Paço dos Bispos, annexo á Sé.

Ora, sendo assim, claro é que a affirmação a seguir feita no mesmo artigo e que me venho referindo, de que «quasi nenhum dos quadros da Sé apresenta as bellezas primitivas» cahe, naturalmente, pela base.

Além do opulento e magestoso quadro o «S. Pedro», que não tem um traço repintado, nenhum dos pequenos quadros, em numero de doze, e que constituiam as predelas dos quatro grandes retabulos que primitivamente estavam nas suas respectivas capellas, tem o menor retoque; e alguns d'elles são verdadeiras joias artisticas, como o «S. Jeronymo», «Santa Margarida», «Santo André» e «S. João Evangelista», e ainda outros, que apresentam «toda a sua belleza primitiva».

E isto não falando nas 14 «taboas» que formavam o sumptuoso retabulo da capella-mór, as quaes tambem não teem o mais leve retoque, que José de Figueiredo attribue ao pintor portuguez Jorge Affonso,—companheiro de Christovam de Figueiredo—o mestre do «Paraiso», e que tendo tido um logar de destaque no movimento esthetico de Portugal no principio do seculo XVI foi, possivelmente, o mestre de Grão Vasco.

Feitas estas ligeiras rectificações deixe-me v. dizer-lhe que ninguem mais do que eu está empenhado em que os quadros de Vizeu, mais necessitados de tratamento, vão a Lisboa para serem entregues aos cuidados do incomparavel e insigne mestre Luciano Freire.

Mas eu sei bem como a sua officina de restauração está cheia de quadros, que elle, com o seu grande talento e grande sensibilidade artistica, sem descanço, vae, pacientemente, restituindo á sua primitiva belleza, como o mais habil e delicado «operador» de quadros.

Só d'aqui, de Vizeu, lhe estão entregues seis; sem falar nos dos museus de Lisboa, Porto e Coimbra, e ainda nos de Lamego que brevemente para lá seguirão.

Por isso, sendo ainda que o quadro de «S. Sebastião» seja o mais deteriorado de todos, attendendo a que «O Calvario», pela sua composição e movimentação, o primeiro dos quadros da série de Grão Vasco, e, sem duvida, um dos mais notaveis quadros primitivos portuguezes, impunha-se naturalmente, sem hesitações, que fôsse este o primeiro grande quadro de Vizeu a ser entregue ás mãos nobilissimas e carinhosas de Luciano Freire, como aliaz o sr. Ventura Terra tinha proposto n'uma das ultimas reuniões do Conselho Superior de Arte e Archeologia, em seguida á sua visita a Vizeu, e como ficou assente, na semana passada, com o meu querido amigo e illustre director do Museu de Arte Antiga e inspector dos museus regionaes, dr. José de Figueiredo, por occasião do sua estada n'esta cidade.

Finalmente, uma vez concluido o trabalho de Luciano Freire, justissimo é que o precioso quadro antes de regressar ao museu e ao ambiente para que foi creado seja exposto no Museu de Arte Antiga, por um ou dois mezes, o maximo, a fim de poder ser admirado por todos aquelles que ainda se interessam pelas coisas de arte do nosso paiz, e que não possam fazer a «romaria» até Vizeu.

Se bem que—vá lá um pouco de propaganda a favor do turismo—essa «romaria», de Lisboa á patria de Viriato, faz-se actualmente (ás segundas, quintas-feiras e sabbados) apenas em sete horas, das 8 e meia da manhã (rapido do Porto) ás 3 e meia da tarde.—De v. etc.—Francisco de Almeida Moreira, vogal auxiliar do Conselho de Arte e Archeologia e director do Museu Regional de Vizeu.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos deputados

A explosão na Companhia do Gaz — A falta de agua em Lisboa — O orçamento das receitas

A sessão principia ás 15 horas e dez minutos, sendo a acta approvada, sem discussão, por 71 deputados. O sr. Mello Barreto agradece o voto de sentimento que a Camara approvou pela morte de seu irmão. Na leitura do expediente são lidas cartas dos srs. Urbano Rodrigues, Arthur Costa, Germano Martins e José Bessa de Carvalho solicitando alguns dias de licença e que lhes sejam relevadas as faltas dadas até hoje. Assim se resolve.

O sr. Antonio Macieira, em negocio urgente, propõe que se nomeie uma delegação em que entrem representantes de todos os lados da Camara para se encorporar no cortejo, que se realisa hoje, de homenagem aos marinheiros mortos na revolução de 14 de maio. Entende que a Camara prestará assim um acto de justiça, accentuando que todos os partidos ali representados não devem recusar-se a tomar parte na homenagem que o orador propõe.

E' approvado.

O sr. Ramos da Costa pede que as commissões reunam quando são convocadas para isso, solicitando tambem licença para a commissão de finanças reunir durante a sessão.

O sr. presidente annuncia que a commissão proposta pelo sr. Antonio Macieira ficava assim constituida: Antonio Macieira, João de Barros, Costa Junior, Gonçalves Brandão, Antonio Portugal, Martins Cardoso e Armando Ochôa.

Antes da ordem do dia, o primeiro orador a usar da palavra é o sr. Silvas Machado, que trata da situação precaria em que se encontram os funccionarios das administrações dos concelhos, alludindo a uma portaria do ministerio do interior que impediu que fôssem pagos os seus vencimentos. Refere-se por deante um augmento de vencimento proposto por algumas camaras municipaes aquelles funccionarios. Termina pedindo que seja posta em discussão a parte do codigo administrativo já approvada no Senado e que a Camara ainda não votou.

A seguir, fala o sr. Ernesto Navarro, que começa por saudar a presidencia e os seus collegas da Camara. Referindo-se depois á explosão que se deu em outubro de 1914 na Companhia do Gaz, á rua da Boavista, cita as conclusões do relatorio apresentado pela commissão encarregada de estudar as causas d'aquelle desastre. Sustenta, apoiado n'essas conclusões, que a Companhia nem se importou com a segurança publica nem com a vida dos seus operarios. O sr. ministro das finanças responde que transmittirá ao seu collega do fomento as considerações formuladas pelo sr. Ernesto Navarro.

O sr. Victorino Godinho chama a attenção do governo e da Camara para a falta de agua que se nota em Lisboa, pedindo que a Companhia das Aguas seja obrigada a cumprir as obrigações que lhe são impostas pelo contracto. Não pode continuar a situação actual. Ha bairros que estão á mercê de qualquer incendio. Existe tambem o perigo da captação das aguas, que facilmente podem ser feita no canal de Alviella, pois que é cidade absolutamente desprovida de agua. O sr. ministro das finanças responde que o governo não descurará o assumpto, que tambem considera grave. O sr. ministro do fomento procurará resolvel-o de harmonia com a Camara Municipal.

Entra-se na ordem do dia, que é a discussão do orçamento das receitas. Volta a usar da palavra o sr. ministro das finanças, que começa por agradecer as palavras amaveis que o sr. Aresta Branco lhe dirigiu na sessão de hontem, registando tambem com prazer os propositos, manifestados pelos parlamentares da União Republicana, de cooperarem com o governo na sua obra...

FOLHETIM D'«A CAPITAL» 14-7-915

CHRONICA SCIENTIFICA

O enchimento dos aerostatos

...de os tempos, tempos do engenhoso apparelho attribuido ao padre Bartholomeu de Gusmão, que se procura insuflar nos envolucros impermeabilisados um gaz muito mais leve que o ar.

Logo nas primeiras phases da aerostação, o enchimento dos balões constituiu um serio problema, que ainda hoje, na plena posse de muitos e variados meios de produzir o gaz necessario para esse fim, tem uma solução dificil na pratica e nem sempre feliz no seu exito, como ainda no domingo vimos no «Stadium», de que resultou fruste o annunciado certamen aeronautico.

As primeiras tentativas para encher de gaz hydrogenio os balões, comquanto attribuidas aos Montgolfier, só tiveram uma realisação coroada de exito annos mais tarde, executadas pelo physico Charles e industrialisadas depois, em proveito da aerostação militar incipiente.

O rendimento, porém, apesar das dimensões avantajadas do apparelho, era minimo, sendo necessarias muitas horas para a repleccão de um aerostato de volume diminuto.

A substituição do gaz hidrogenio pelo gaz illuminante não constituiu uma decisiva vantagem porque não só a força ascensional é menor com este ultimo (1200 grans para o hidrogenio e 750 para o gaz da hulha), mas o seu fornecimento é muitas vezes irregular e deficiente, o que impediu no domingo a ascensão projectada.

Depois da guerra de 1870, em que os aerostatos tiveram um papel tão importante, a aerostação entrou n'uma phase de estudo experimental e, por isso, o que deu origem ao melhor dos seus ... forças, desenvolvendo-se sobretudo no sentido da arte militar, á qual previu bem que ella traria um auxilio inestimavel.

A fabricação do gaz tem sido por isso objecto de uma solicita attenção da parte dos technicos, no intuito de alcançar ao mesmo tempo o bom rendimento e a economia de tempo e de dinheiro. Não iremos referir-nos a todos os processos que teem sido reduzidos á experiencia, alguns dos quaes teem apenas um interesse theorico ou historico.

Notaremos de passagem aquelles que a pratica de alguma maneira sanccionou, como um progresso ou uma applicação feliz e concorrem para o aperfeiçoamento d'esta invenção, e que a guerra moderna utilisa completamente em seu proveito.

⁂

Os processos classicos da producção do hidrogenio, preferivel pela sua leveza e, portanto, pela sua maior força ascensional, foram mais de uma vez aproveitados e ampliados por uma fabricação industrial, no intento de um rendimento maior. Teem o inconveniente de serem pouco portateis, no ponto de vista militar. Por isso os estudos foram orientados no sentido de tornar transportaveis os apparelhos e ainda os tubos de gaz, para onde quer que os balões tenham de ser lançados. D'ahi a invenção de outros modos de producção do gaz, a fim de a reduzir á constituição de um material guerreiro, hoje indispensavel aos exercitos bem equipados e munidos.

A reacção entre o acido sulphurico e o metal, ferro ou zinco, foi por muito tempo empregada com este intuito, mas possuem hoje apenas uma curiosidade historica, em presença dos novos processos que a sciencia descobriu, de obter precioso gaz, evitando as dificuldades inherentes ao transporte de pesadas viaturas e complicados apparelhos.

D'estes meios uns pedem exclusivamente á chimica o resultado maximo, outros fazem intervir as forças physicas, especialmente a electricidade, por exemplo, pela decomposição (electrolise) da agua ou de uma solução salina, como pode ser a soda. Taes são os processos derivados do incremento da industria d'este sal, que, ha alguns annos, occupava grandes fabricas, ligada ao qual são typos a de Griesheim, ligada ao parque aerostatico de Francfort e a succursal de Compiègne, que antes da guerra actual fornecia os estabelecimentos de Clément-Bayard, para a fabricação de dirigiveis. Seja como fôr, o gaz preferido, em França e na Allemanha, como na Inglaterra, é o hidrogenio, quer se obtenha por processos electroliticos, ou meramente chimicos, quer se empregue directamente, quer se use sob a fórma de gaz comprimido em tubos de aço, que são transportados com relativa facilidade.

O problema do fornecimento d'este corpo adquiriu, desde certa data, um incremento consideravel pelo motivo da construcção dos grandes aeronaves, principalmente na Allemanha, onde os «zeppelins» attingem uma cubagem enorme e cujo modelo mais recente mede 30.000 m. c.

⁂

O transporte do hidrogenio em tubos não satisfaz inteiramente como solução, visto que o balão de minima capacidade exige uma quantidade d'estes tubos, cujo deslocamento é oneroso, demorado e perigoso. Por isso, nos ultimos tempos, a aerostação viu renovar processos, que se julgavam para sempre postos de parte, tratando-se da fabricação do gaz «in loco», modificando-os de uma maneira vantajosa e economica.

Estes processos derivam do emprego de inventos, que muito prestam, á industria da producção dos gazes, simplificando as operações, que é de um grande apreço em campanha. Ainda que pareça impossivel, a verdade é que se póde transportar tanto o oxigenio, como o hidrogenio, sob uma fórma solida, isto é, constituido por um corpo capaz de deixar envolver o gaz ao contacto de um outro corpo, com o qual reage. Assim o peroxido de sodio, (oxilito) em contacto com a agua, produz uma certa quantidade de oxigenio e o hidreto de calcio, desdobra-se, quando humedecido por aquelle liquido em cal e hidrogenio. Pode calcular-se que um kilo d'este composto desenvolve approximadamente 1 m. c. do gaz.

Mais modernamente, o «silicol» liberta o oxigenio, pela decomposição de uma liga de silicio, por uma solução concentrada de soda. N'este caso, o corpo utilisado é o ferro-silicio, menos dispendioso que o silicio e permittindo empregar uma solução bastante concentrada de soda.

Outros meios, mais ou menos artificiosos, não offerecem vantagens que os habilitem a fazer carreira; por isso os não mencionamos aqui. Um d'elles, porém, merece allusão. E' o que aproveita a reacção da «hidrogenite» e da soda caustica, pelo aquecimento. A hidrogenite é uma mistura de ferro-silicio e de soda, reduzidos a pó. Pela acção do calor, desenvolve uma quantidade relativamente grande de gaz. Este meio tem sido posto em pratica pelo Aero Club de França.

Por ultimo, o exercito allemão adopta um systema de origem hollandeza, o qual consiste na fabricação de um gaz de illuminação, mais leve que o ordinario, contendo uma grande porção de hidrogenio e que póde servir para os dois effeitos (dar luz e encher os balões). E' o gaz da hulha, que se enriquece de hidrogenio e de hidro-carboretos, pela pulverisação de uma mistura de alcatrão e de petroleo sobre o coke tornado incandescente por uma insuflação periodica de ar. Esta transformação executa-se sobre vagons apropriados, que levam os gazogenios e accessorios para a producção do gaz é necessaria.

Nem sempre as proximidades de uma fabrica póde facilitar o enchimento dos balões aerostaticos e, dadas as contingencias do fornecimento que ella tem de fazer, ou por consequencia da installação do parque aerostatico fóra do seu alcance, são muito para considerar na pratica todos estes systemas, que dispensam aos aeronautas as quantidades precisas do gaz preferido, na proximidade do sitio onde tenham de se elevar.

J. Bethencourt Ferreira

mica e financeira. Defende os calculos de previsão feitos no orçamento, respondendo ás accusações formuladas a tal respeito pelo sr. Aresta Branco que as reputou exageradas. O orador demonstra em apreciação de outros argumentos apresentados por aquelle deputado, sendo ouvido com grande attenção por toda a Camara.

A libertação dos prisioneiros de Naulila—A situação em Angola

O sr. ministro das colonias, em negocio urgente, participa á camara que já estão libertos os prisioneiros do combate de Naulila. Manifesta calorosamente o seu jubilo por esse facto, fazendo tambem votos muito sinceros pelo definitivo triumpho das armas inglezas.

O sr. Aresta Branco, em nome da União Republicana, associa-se ao voto do sr. ministro das colonias pela victoria das armas inglezas, felicitando-se pelo rapido regresso ao territorio patrio dos prisioneiros do combate de Naulila. Pergunta depois se, estando já occupado o sudoeste allemão e tendo capitulado as forças allemãs, ainda é necessaria a permanencia de 10.000 homens no sul de Angola. Entende que basta a força necessaria para fazer a occupação effectiva dos nossos territorios. Pergunta tambem se é inconveniente que o paiz conheça agora as affirmações contidas no relatorio do sr. Alves Roçadas, a quem elogia calorosamente pela sua bravura e pelas suas qualidades de distincto militar. Quer tambem saber se é necessario que continue em Moçambique a expedição que ali se encontra. No caso contrario, deve proceder-se á repatriação d'essas forças, por um principio de humanidade e por economia.

O sr. ministro das colonias responde que muito estima que o sr. Aresta Branco se associasse aos votos formulados pelo orador. Em resposta ás perguntas d'aquelle deputado, diz que a situação se modificou muito em Angola. Foi a ameaça do perigo allemão, que nos foi cruelmente patenteado pelo massacre de Cuangar e pelo ataque de Naulila, que determinou que nós mandassemos para aquella provincia um contingente tão numeroso como o que lá se encontra. Hoje, o governo ainda ignora se existem algumas tropas, regulares ou irregulares, no territorio allemão, perto da nossa fronteira, apesar da capitulação assignada entre o general Botha e o governador do sudoeste allemão, que não é militar.

A verdade é que os incidentes da guerra provocaram uma certa efferverescencia no elemento indigena, chegando o orador a recear, quando governador de Angola, que se pronunciasse uma revolta geral do gentio d'aquella provincia, o que seria mais para temer do que a propria invasão allemã. Essa predisposição de revolta manifestada pelo indigena deve attribuir-se a erros lamentaveis de administração, mas póde affirmar á camara que só no tempo da Republica é que se tem procurado remediar esses erros. As medidas tomadas n'esse sentido tiveram o seu principio de applicação no governo do sr. Manuel Maria Coelho, devendo tambem citar o nome do sr. Carvalhal Henriques, que no governo de Mossamedes seguiu tambem uma util orientação. Foram continuadas depois pelo orador, procurando desfazer-se a má impressão que uma grande parte do gentio possuia da occupação portugueza. A respeito da acção militar n'aquella provincia, diz que muito se deve ao exercito portuguez, sendo justo salientar o nome do sr. Alves Roçadas.

O orador calcula em 500.000 o numero de indigenas armados na provincia de Angola, o que representa um perigo para a effectividade da nossa soberania. Além d'isso, houve recentes actos de indisciplina e de traição d'uma parte do gentio contra nós. E' preciso que esses actos sejam castigados severamente, para que não continue o habito de se estabelecerem armisticios que não passam de meros intervallos entre as campanhas coloniaes. Para isso será precisa toda a força que se encontra no sul de Angola? Calcula que não, mas não póde affirmal-o com segurança. Já consultou sobre esse ponto o sr. general Pereira d'Eça, confiando na sua alta competencia.

Ainda não recebeu o relatorio do sr. Alves Roçadas, mas está certo de que, a não ser n'um ponto ou n'outro, não haverá inconveniencia alguma em tornar publicas as suas palavras. Póde desde já affirmar que o sr. Alves Roçadas se bateu em Naulila como um valente, honrando o nome glorioso do exercito portuguez. Quanto á expedição que se encontra em Moçambique, o governo está estudando o assumpto, na certeza de que os nossos soldados só lá se demorarão emquanto a sua permanencia fôr indispensavel.

O sr. Alvaro de Castro, em nome do grupo parlamentar democratico, associa-se aos votos do ministro das colonias. O mesmo faz, em nome dos evolucionistas, o sr. Simas Machado, elogiando especialmente o bravo tenente Aragão.

O sr. Constancio d'Oliveira aprecia largamente o orçamento geral das receitas depois de ter dirigido os seus cumprimentos ao sr. presidente, por ser a primeira vez que usa da palavra na Camara. O sr. Casimiro Rodrigues de Sá justifica a seguinte moção, que manda para a mesa: «A Camara, considerando que o Orçamento Geral do Estado não vem acompanhado dos elementos indispensaveis para a sua conveniente apreciação, passa á ordem do dia».

A sessão foi encerrada ás 18 horas e 40 minutos, marcando-se a immediata para amanhã.

No Senado

Em favor dos sargentos e praças da revolução — O tratado luso-britannico

A's 14,35 o sr. presidente, general Correia Barreto, mandou proceder á chamada, respondendo á voz do secretario, sr. Paes Abranches, 27 senadores.

O sr. Lourenço Sêrro leu a acta, que foi approvada sem discussão, nada havendo de notavel no expediente.

Antes da ordem do dia, e estando presente o sr. ministro das colonias, foi dada a palavra ao sr. Arantes Pedroso: Disse que havia jurado a si mesmo não largar de mão o assumpto da pesca, tanto na metropole como nas colonias, por considerar a questão de grande valor para a economia nacional. Conta o que de proveitoso tem feito a iniciativa particular franceza na Africa, e diz que o nosso mar de Cabo Verde é muito fertil em pesca, tornando-se apenas necessario proceder ali a estudos, auxiliando-se uma empreza que se pretende ali fundar, tendo o sr. Meneres apresentado o respectivo projecto no ministerio das colonias. Existe em Cabo Verde um peixe que, devidamente curado e salgado, se approxima muito do bacalhau, e a sua pesca e importação em muito contribuiria para de certo modo minorar as difficuldades de alimentação dos pobres.

O sr. ministro das colonias respondeu que se interessava muito pelo assumpto e que ia tomar as devidas providencias.

Em seguida mandou para a meza uma proposta para ser nomeado governador da Guiné o sr. José Antonio de Almeida Sequeira, 1.º tenente medico.

Os srs. Nunes Garcia e Silva Barreto requerem documentos pelos ministerios da instrucção e finanças.

O sr. Estevam de Vasconcellos: Realisando-se hoje uma manifestação, sem caracter politico, de homenagem aos marinheiros e mais victimas da revolução de 14 de maio, propõe que o Senado se associe a essa manifestação para o representar no cemiterio.

O sr. Antonio Maria Baptista, em nome do exercito de terra, associa-se á justa manifestação aos que morreram batendo-se pela Constituição.

A proposta foi approvada por unanimidade, nomeando o sr. presidente, para constituirem a deputação, os srs. Affonso de Lemos, Bacta Neves e Antonio Maria Baptista.

O sr. Antonio Maria Baptista, entendendo que a homenagem deve ser tambem aos vivos, que pela mesma Constituição se bateram, apresenta um projecto de lei determinando que sejam trancadas todas as penas disciplinares applicadas até 14 de maio aos sargentos e equiparados e mais praças de terra e mar, que combateram na revolução.

O sr. Sousa Junior:

—Requeiro urgencia e dispensa do Regimento para a discussão d'esse projecto.

Faz-se a chamada, sendo a urgencia approvada por 26 votos contra 7.

O sr. Pedro Martins define a attitude da minoria evolucionista, regeitando a urgencia: não o fez por hostilidade ás entidades visadas no projecto, mas porque entendia que todos os projectos devem seguir seus tramites, indo ás respectivas commissões. O que não póde ser é que a maioria imponha a urgencia para qualquer projecto, fiada na superioridade dos seus votos. Não é contrario ao projecto, mas á urgencia assim imposta.

O sr. Estevam de Vasconcellos diz que é tambem contra os pedidos de urgencia, mas n'este caso não se trata de assumpto que careça de largo estudo.

O sr. Sousa Junior explica que pediu a urgencia apenas pela solemnidade do dia, em que a marinha vae prestar homenagem a todos os que se bateram no 14 de maio.

O sr. Pedro Martins concorda em tal caso com o projecto e diz que a esquerda da Camara lhe dá o seu voto.

O projecto foi depois approvado por unanimidade e dispensada a sua ultima redacção.

Passa-se á ordem do dia.

Continua a discutir-se o tratado de commercio com a Inglaterra. Fala em primeiro logar o sr. Celestino de Almeida, que declara não ser pelo norte nem pelo sul, interessando-se em geral por todo o paiz. Analisa o tratado e expõe a sua maneira de vêr a proposito do que é preciso fazer para que tanto o norte como o sul defendam os seus interesses, pondo termo a rivalidades. Mesmo que o projecto seja ractificado como está, é preciso que todos os interessados depois, dentro e fóra do parlamento, assentem n'um conjuncto de medidas que sejam efficazes para de futuro assegurar os interesses da viticultura portugueza.

O sr. ministro dos estrangeiros reedita as breves considerações hontem feitas: que se o tratado não fôr ractificado agora, como está, o Douro não voltará a ter ensejo de realisar as suas aspirações.

O sr. Sousa Junior apresenta uma moção de ordem, pela qual o Senado confia em que o governo saberá, ractificado o tratado, zelar os interesses da região duriense. Diz depois que se trata d'uma questão meramente economica.

«O Senado, tendo ouvido as declarações do sr. ministro dos estrangeiros, confia que o governo, seja qual fôr a sua resolução, quanto á opportunidade de ractificar o tratado luso-britannico, assegurará opportunamente e da maneira mais conveniente, pratica e proficua, os legitimos interesses da região duriense».

Diz depois que a questão é economica e não de politica partidaria, e assim não se manifesta pelo norte nem pelo sul, em especial. Não é ao governo que se deve pedir o remedio, pois os parlamentares, como legisladores, teem na sua mão o fazerem depois um projecto de lei com que garantam melhor os interesses do Douro. Estranhou depois que o sr. Pedro Martins tivesse hontem chamado ao debate o sr. presidente do ministerio quando, como já disse, se não trata d'uma questão politica, não sendo o governo democratico, mas nacional.

A moção foi admittida.

O sr. Jeronimo de Mattos apresenta o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—E' prohibida a exportação dos vinhos licorosos que não forem os produzidos na região demarcada do Douro pela barra do Porto e os considerados pelas suas marcas tradicionaes, garantidos por lei.

Paragrapho unico—A doutrina d'este artigo é de caracter provisorio e vigorará até que na legislação ingleza entre a acclaração ao artigo 6.º do tratado de commercio e navegação luso-britannico, votada na sessão do Congresso de 23 de janeiro de 1915.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O sr. Pedro Martins justifica as perguntas que fez ao sr. presidente do ministerio, a respeito das promessas feitas por sua ex.ª ao Douro e que não podem ser cumpridas segundo as declarações do sr. ministro dos estrangeiros. Não pode approvar a moção, porque ella é de confiança ao sr. presidente do ministerio, cujas explicações não satisfizeram o Senado, nem o Douro, nem o paiz.

O sr. ministro dos estrangeiros não se conforma com as accusações feitas ao sr. presidente do ministerio, dizendo que elle procedera de accordo com o governo.

O sr. Sousa Junior volta a affirmar que o governo é nacional e que os outros partidos tambem deviam estar n'elle representados.

O sr. José Maria Pereira:

—As urnas falaram bem claro!

Após uma troca de apartes passou-se á votação da moção hontem apresentada pelo sr. Jeronimo de Mattos, que, a requerimento do auctor, foi nominal, sendo rejeitada por 24 votos contra 11.

Para a votação da moção do sr. Sousa Junior requereu o sr. Pedro Martins votação nominal.

Foi approvada a moção por 25 votos contra 12.

O sr. ministro das colonias diz que o governo recebera communicação de haverem apparecido os portuguezes feitos prisioneiros no combate de Naulila. Congratula-se com o paiz por esse facto e pela brilhante victoria alcançada em Africa pela nossa alliada Inglaterra, propondo que se envie uma saudação ao governo inglez. Declára que já foram tomadas providencias para o regresso dos libertados.

Congratulam-se com tal noticia e associam-se á saudação á Inglaterra os srs. Estevam de Vasconcellos, pelos democraticos, Pedro Martins, pelos evolucionistas e José Maria Pereira, pelos unionistas.

A proposta de saudação foi approvada por acclamação.

A proxima sessão é ámanhã.

COLLECTIVIDADES REPUBLICANAS

Centro Leotte do Rego

A sua inauguração no domingo

Como já dissemos, é no domingo, pelas 13 horas, que no theatro de S. Carlos se realisa a sessão solemne de inauguração do novo Centro Republicano Leotte do Rego.

A festa será abrilhantada pelas bandas da guarda republicana, infantaria 5 e de marinha, pelo orpheon do Albergue das Creanças Abandonadas, composto de grande numero de executantes, e pelo coro das educandas do Asilo de Santa Catharina, sob a habil direcção do seu regente, o sr. Manuel Gomes, entoando tanto um como o outro himnos patrioticos e canções populares.

Farão uso da palavra alguns dos vultos mais em evidencia do partido republicano portuguez, honrando o acto com a sua presença os srs. presidente da Republica, governo, representantes da Camara dos Deputados e do Senado, Camara Municipal, general da 1.ª divisão, governador civil, etc.

A guarda de honra ás entidades officiaes será feita por uma força de marinheiros, bem como o policiamento da sala, fazendo a guarda de honra no palco os grupos de escoteiros.

Será recitada uma poesia alegorica ao acto por um dos nossos melhores artistas.

A entrada é por bilhetes de convite, os quaes serão distribuidos hoje, das 20 ás 23, na séde do Centro Democratico, rua Ivens, 35.

O conselho director avisa por esta forma, na impossibilidade de o fazer directamente, todos os seus dignos consocios a reclamarem os seus bilhetes hoje, no local e hora acima indicado, visto restarem muito poucos.

O tenente Aragão

e os seus companheiros de captiveiro

Conforme *A Capital* previra, os prisioneiros portuguezes que os allemães nos tinham arrebatado no combate de Naulila foram libertos em Tsumeb, na occasião em que, perante o general Botha, capitularam as ultimas tropas da guarnição allemã.

Dizem os ultimos telegrammas que se está tratando de os conduzir a Cape-Tonw, de onde partem os vapores da Castle Mail em travessia directa para a Madeira, levando pouco mais de 15 dias em chegar a Europa. E' natural, portanto, que antes de um mez o tenente Aragão e os seus bravos companheiros se encontrem em Lisboa, onde certamente serão recebidos com o enthusiasmo que o seu valor e patriotismo amplamente justificam.

Revolucionarios reconhecidos pelo Congresso

Solicitam-nos a publicação do seguinte:

Pede-se aos camaradas empregados e desempregados a sua comparencia no dia 17, pelas 21 horas, no Centro republicano Social, á calçada de Sant'Anna, 144, 1.º D., a fim de se tratar de assumptos urgentes e inadiaveis.

RECLAMAÇÕES OPERARIAS

União dos operarios panificadores

A direcção d'esta associação, reunida em sessão extraordinaria para apreciar as reclamações dos manipuladores de pão, deliberou procurar de novo os srs. governador civil, ministros do interior e do fomento e Camara Municipal, a fim de que o descanço se mantenha tal como está, visto que nas actuaes condições dá melhores garantias ao povo, por ter pão fresco todos os dias, pois que tem pão nas padarias ao domingo até ás 11 horas e no dia seguinte á mesma hora. Quanto ao pessoal das padarias, entende que ficaria em peores condições, visto que na epocha de verão teriam que principiar com o trabalho no domingo ao meio dia, a fim de ter o pão cozido na segunda feira de manhã, e na epocha de inverno teria de principiar ao domingo de manhã com o serviço, dando-se a circumstancia de estarem as padarias fechadas todo o domingo e o pessoal dentro a trabalhar.

Quanto á intervenção dos manipuladores na projectada caixa, entende que não tem razão de ser, visto que ella por principio algum poderá abranger mais do que o pessoal da Companhia.

Colhido e morto por uma machina

Na estação dos caminhos de ferro de Campolide foi colhido por uma machina o limpador Manuel Martins, de 27 annos, morador na rua das Freiras, 38, que teve morte instantanea.

Verificado o obito pelo medico de serviço no Banco do hospital de S. José, sr. dr. Torres Pereira, o cadaver foi removido para a morgue.

PEQUENAS NOTICIAS

Da Liga dos officiaes de marinha mercante foi distribuido o seu «Boletim mensal» correspondente ao corrente mez, trazendo grande copia de dados interessantes, entre elles a continuação das erupções submarinas nos Açores pelo meteorologista sr. A. Affonso Chaves e um projecto do curso de pilotagem.

João Luiz Andrade, com «garage» na rua de Andaluz, 6, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram, por meio de arrombamento, 9 camaras de ar no valor de 72 escudos.

—De sua casa no pateo do Carvalho, em Telheiras, desappareceu na segunda-feira João Dias, casado, de 28 annos, natural de Cabanas, concelho de Carregal do Sal, encarregado da fabrica de tijolo em Telheiras, propriedade do sr. J. Lino. A familia pede a quem souber do seu paradeiro o favor de a prevenir.

—No Jardim Zoologico, ámanhã, durante o chá-tango o programma do concerto e das danças é o seguinte:

«De Loin», marcha, Sudessi; «Zerline», ouverture, Auber; «Passo da raposa» e «One setep», dança por Duque e Gaby; «Manon», selecção, Massenet; «Czardas», Mihiels; «Werther», selecção, Massenet; «Maxixe» e «Fado apache», dança por Duque e Gaby; «Marche Lorraine», L. Ganne.

ULTIMAS NOTICIAS

A MANIFESTAÇÃO DE HOJE

A armada, o exercito e o povo

vão em grande romaria ao Alto de S. João prestar homenagem aos mortos de 14 de maio

Antes das duas horas já no Terreiro do Paço ha gente em abundancia, populares, sobretudo. Individuos que não faltam á solemnidades como a que hoje se realisa, em glorificação dos heroes mortos nos dias agitados da revolução de maio. As janellas dos ministerios principiam a toucar-se de cabeças que espreitam, anciosas, para baixo. O transito começa a fazer-se a custo. Ha calor. O sol é mais aggressivo que seria para desejar. Sob as abas do arvoredo rachitico, os curiosos tomam posições. O espectaculo anima-se de momento a momento. Os primeiros contingentes de marinha formam junto da arcada occiental. Caiça branca, bonets brancos, manchas de neve, cortadas pela larga faixa azul das camizolas cingidas aos torsos fortes. De vez em quando sons de cornetas cortam o espaço. A parada promette ser grandiosa e imponente. Defronte do Caes das Columnas ha dois ou trez automoveis aguardando o commandante da divisão naval, os seus ajudantes, e os officiaes do seu sequito. Ausencia de bandeiras. A guarda, a cavallo, varre a larga praça. Evoluciona, caracoleia, enche a atmosphera limpida de ruido e de poeira. Levanta-se uma aragem fresca, que attenua a ardencia do sol. O que será esta longa romaria até ao alto de S. João, sob o calor, sob a poeira, entre o rolar constante da compacta massa humana que se prepara para emprehender a longa marcha? Chegam mais marinheiros. Os contingentes de todos os navios fundeados no Tejo veem, a pouco e pouco, tomar o seu logar. O *Vasco da Gama*, defronte do caes, parece um cetaceo descommunal, prompto para investir com as aguas tranquillas. Uma grande vela branca, desfraldada á luz crua, ri como um cantico sob a gloriosa apotheose d'este dia quente de julho... A guarda resguarda-se tambem sob as arvores pequeninas, redondas como mangericos tosquiados ha pouco. A's forças de marinha veem juntar-se contingentes do exercito de terra.

Comparecem cavallaria, artilharia; a administração militar forma á esquerda. A guarda republicana manda tambem as suas deputações, com a banda. O publico aperta-se mais para a vêr. A marcha que os musicos executam tem um não sei quê de plangente, que faz relembrar dôres, torturas, agonias soffridas com resignação, quasi com deleite. Dirige-se para terra um escaler a vapor. A sua silhueta clara rasga na agua levemente «gris» um fôfo sulco de espuma. Tres officiaes, que principiam a saltar em terra. Os dourados reluzem. Approximo-me. E' o sr. Leotte do Rego, que mal dá por mim, tão preoccupado vae com os seus ajudantes e o seu estado maior. Vêem-se no numeroso sequito os primeiros tenentes Policarpo, Fradique, Mergulhão, Paula Nogueira, Pires, Freitas da Silva e Mendes Barata e guardas marinhas Bastos, Machado e Affonso. O sr. Leotte do Rego dá ordens, conferencia com os commandantes das forças, prepara a parada, coordena, liga, estabelece a harmonia e a cohesão no immenso organismo que d'aqui a pouco entrará em movimento.

Pára defronte do ministerio da marinha um automovel amarello, cheio de corôas funebres. As flores vermelhas, como chagas a escorrer sangue, dir-se-hia que choram. Ha fitas negras com letras douradas. Alguem, que está hombro a hombro comigo, esclarece-me. Aquellas corôas são offerecidas aos mortos pelos camaradas vivos. São a homenagem das guarnições dos navios de guerra aos marinheiros que a revolução de maio victimou. Junto de mim, á beira do torreão do ministerio da guerra, vem parar um outro auto. E' o do chefe do Estado. Dentro, o sr. Luiz Bensabat. Fóra, um «groom» conduzindo uma palma de chrisantemos e saudades, coberta de crepes. E' a offerenda do sr. Theophilo Braga.

Agora, os contingentes militares occupam trez faces da magnifica praça. A multidão cresce de instante a instante. Atiro um olhar, apressado, para a rua do Ouro. Está á cunha. Não ha uma janella vasia, e em baixo, o publico em duas filas cerradas mal deixa livre a porção de rua necessaria para o cortejo desfilar. Mais toques de corneta, mais alarido, mais gritos afflictivos de clarins, transmittindo indicações á tropa, que aguarda o signal da partida. A cavallaria que abre o cortejo evoluciona, barra a rua do Ouro, impede a confusão que o povo, convergindo cada vez mais para junto dos marinheiros, póde provocar. Erguem-se sobre um verdadeiro e immenso mar de cabeças, dois ou trez estandartes enlutados. São de grupos civis, de aggremiações politicas que viram morrer na revolução alguns adeptos.

Quasi quatro horas. A cavallaria dá os primeiros passos. Começa o desfile. Estalam as palmas. Rua do Ouro acima, o avanço faz-se com lentidão. O sr. Leotte do Rego passa uma rapida revista aos contingentes. Depois toma logar no automovel que o espera e encorpora-se. A cavallaria varre a rua. Seguem-se filas de revolucionarios e familias das victimas. Muita gente de luto. Desfilam um automovel com corôas dos marinheiros e a carreta do Arsenal tambem cheia de flores. Mais automoveis, mais corôas e a guarda fiscal. Mais povo, mais revolucionarios, com soldados e marinheiros á mistura.

Corpo de marinheiros com a banda. Sargentos da armada. Uma marcha de guerra enche o espaço fino e sorridente. Causa impressão a compostura admiravel dos homens do mar. Primeiro a gente do «Vasco da Gama», depois a do «Adamastor». Homens desempenados, rijos, decididos. Um velho guarda marinha dá exemplo de resistencia á marinhagem nova e herculea. Passam o «Republica», o «S. Gabriel», o «Douro», o «Almirante Reis», o «Espadarte» e o «Guadiana». Seguem-se a banda de infanteria 2, engenharia, artilharia 1, cavallaria 2, infantaria 1, 2, e 16, administração militar, cavallaria 4, banda de infantaria 5, guarda fiscal com os seus veteranos, carregados d'annos e de serviços. A' frente, os de mais edade. Depois, a gente nova, impetuosa, de sangue na guelra. Agora, a policia, a guarda, irreprehensivel nos seus uniformes; discretos, com a banda e o terno de cornetas. Por fim, um piquete de cavallaria, o representante do chefe do Estado, automoveis com officiaes da armada, deputados, officiaes revolucionarios, o sr. Freitas Ribeiro, o sr. Sá Cardoso, o sr. Filemon d'Almeida, os officiaes do «Espadarte» e deputações de todas as unidades navaes. O sr. commandante da divisão naval vae á frente do cortejo, que desfila com inexcedivel regularidade, como se tantas centenas de homens, fossem afinal de contas, guiadas e movidas por uma vontade unica ou por uma mola soberana.

Rocio fóra, a multidão une-se, condensa-se mais e mais. O rithmo cadenciado com que os marinheiros marcham, cabeças erguidas e arcaboiços alongados para a frente, como se não se tratasse senão de um banal exercicio gymnastico, causa sensação. N'um dado instante, a rua do Ouro parece, para quem a vê cá do alto, atapetada de branco—d'um branco mate que ondula, que se agita serenamente e que, imponderabilisando-se mais e mais, chega a tomar a expressão viva d'uma captivante allegoria. Na Avenida, o cortejo desenvolve-se em toda a sua imponencia e em toda a sua extranha e empolgante belleza. A grande arteria está de passeios á cunha. Não sei porque, mas veem-me á memoria certos episodios da historia antiga, em que os povos que desejavam ser grandes se reuniam assim, em publico, nas grandes cidades, para festejarem os seus deuses e os seus heroes.

O cortejo leva largo tempo a desenrolar-se, como uma infinda columna guerreira, que avançasse cautelosamente, senhora dos seus destinos, á conquista de novos tropheus e de mais fulgurantes triumphos. Na Rotunda, a testa do cortejo obliqua á direita e toma pela avenida Duque de Loulé. Entra-se em plena cidade nova, cheirando a civilisação, com os seus predios ora banaes e triviaes, ora tocados por uma leve nota artistica que, na vulgaridade do conjuncto, chega a dar a alguns d'elles o aspecto maravilhoso de palacios. Passa-se o Matadouro, desemboca-se na Estephania e o bairro pacato e dormente desperta ao som das bandas, acorda ao contacto estimulante das notas vivas dos metaes. Passos Manuel, Almirante Reis, muita gente assistindo ao desfile. Estrada do Alto de S. João. O sr. Leotte do Rego separou-se do cortejo e passa, rapido, no seu automovel, a caminho do cemiterio. D'esta vez vê-me. Convida-me, n'um gesto secco, a acompanhal-o. Fico. Cavallaria, povo, uma onda humana que rola, que se desdobra, que faz o *rouleau* devastador, capaz de levar tudo de vencida. Passa uma varina linda, de longo chaile, chinellinha aberta e meia branca tentadora...

Vae de luto e leva flores para um irmão que o 14 de maio lhe tirou. Todo o bairro está na rua e a manifestação engrossa a cada passo que dá. Mais toques de clarim, mais gemidos afflictivos de cornetas. Um ruido vago e indefinido saturando o ar, n'esse recanto da cidade, tão parecido com uma villita provinciana. Tres soldados da guarda-fiscal conduzem outros tantos ramos de violetas. Faz-se alto. A jornada foi longa. A fadiga tirou ao cortejo a imponencia militar que de começo o caracterisou.

Cinco e quarenta. Chega-se ao Campo Santo. A cavallaria resguarda a entrada. Só entra, de começo, quem se incorpora na manifestação. Para os outros, a *consigne* é rigorosa, e ainda bem, para que não haja tumulto, alarido escusado e inutil confusão.

Uma vez na cidade dos mortos, os contingentes militares e navaes seguem o seu destino e formam junto da sepultura onde repoisam adormecidos para sempre, aquelles que, no 14 de maio, perderam a vida, luctando e combatendo. Ha, pairando sobre a multidão, um silencio triste, mixto de respeito, de veneração e commiseração. O tempo vôa. A noite vem perto. E' preciso andar depressa. Principiam os discursos. Chegam até mim palavras de saudade, que um grande sentimento patriotico dignifica e anima. O povo e a tropa ouve recolhidamente as louvores que vão cahir como braçados de rosas humidas nos tumulos dos que deram a vida pela Republica. Um raio de sol irisa, transformando-a n'uma baga de oiro, uma lagrima que corta de fugida, a pelle seca de uma mulher do povo. Abalo.

A vida é assim. Para que uns a vivam sem grandes angustias, teem outros de se deixar morrer. Tambem, se assim não fosse, nunca teriam existido nem martyres nem heroes.

Adelino Mendes

Os discursos

O sr. Domingos Cruz, sargento do corpo de saude da armada, proferiu no cemiterio o seguinte discurso:

«Marinheiros: A piedosa romagem que aqui nos reune attesta bem os vossos nobres sentimentos de abnegação, de affecto e de patriotismo. Quem, como eu, vos conhece, ha longos annos, quem, dia a dia, ausculta o nobre coração, que o vosso alcache encobre, sabe muito bem que não ha quem vos exceda em affectiva solidariedade, que é a divisa das guarnições dos nossos navios nos momentos de perigo commum.

O povo conhece-vos, através da vossa bravura e da vossa heroicidade, como fieis continuadores dos nossos maiores, que assombraram o mundo com as suas descobertas e conquistas. Hoje, ficar-vos-ha reconhecendo, com o coração cheio de ternura que, passado o momento do perigo, se abrem para dar sahida ao pranto que os tortura, pela perda dos companheiros fieis e dedicados que morreram no cumprimento do dever, ficando suspensos dos labios gelados as palavras: armada, Portugal. Com effeito, marinheiros, não vos envaideceu a gloria que obtivestes, restituindo a Portugal a Republica que elle ama, que elle venera; não vos enlouqueceram os louros colhidos, esquecendo os que cahiram a vosso lado, morrendo pelo ideal, que é o vosso ideal, defendendo a Patria, que é a vossa Patria quando a viram em perigo, collocando-se ao lado do povo, quando este sentia que, traiçoeiramente, o espoliavam do regimen, porque elle tanto soffrera, que tanto sonhára como redemptor d'esta pobre nacionalidade. Não! Cumprido o vosso dever por que ao povo jurastes defendel-o até á ultima gotta de sangue, que vos correr nas veias, eis-vos grandes, nobres, sinceros, unidos, disciplinados, n'este campo sagrado, a prestar uma saudosa homenagem a todos aquelles que, comvosco, pugnaram pela liberdade ultrajada para com todos aquelles que queriam vêr restabelecido o estatuto que fizemos e não a carta que nos deram e não conseguiram vêr realisado o seu ideal.

Marinheiros: Aqui, ante a sepultura dos nossos desditosos camaradas; aqui, onde os odios não chegam, onde as ambições emmudecem á cabeceira dos seus cadaveres, ainda quentes, juramos todos solemnemente, que havemos de continuar firmes e unidos, como um só homem, fortes e disciplinados, como membros de um exercito, que foi o assombro dos maiores governos de todo o mundo, para a defesa da nossa integridade, para a defesa do patrimonio sagrado que nos legaram os nossos maiores, para a defesa da Republica, que é o ideal santo, o ideal sublime, que fez pulsar tantos corações e a cujos destinos estão indossoluvelmente ligados os destinos da Patria, que muito idolatramos.

Marinheiros e soldados:

Firmes no posto de honra, que a Patria vos confiou, estaes attentos para todos os gestos dos que, sendo inimigos da Republica, são altamente traidores á sua Patria, porque a Republica é o regimen livremente escolhido pelo parlamento, pelo povo que só era chamado a sustentar luxuosamente os que só viviam das nossas dores, da nossa miseria. E a todos que presam o nome de portuguez é que portuguezes querem morrer abriu a republica os seus braços, a todos ligando, n'um amplexo fraternal, a todos convidando para uma obra commum de paz e de progresso.

Marinheiros e soldados: Precisamente a França, essa grande paladina das liberdades populares, commemora hoje, se não o facto mais glorioso da sua historia, e tantos elles são, certamente aquelle que mais calla no coração do seu povo heroico e guerreiro: a tomada da Bastilha. E, por ironia do destino, ha um ponto commum nos destinos que a determinaram e o 14 de maio que restabeleceu a normalidade constitucional. O 14 de julho de 1879 foi o ponto de partida para essa revolução, que havia de agitar por tal modo as sociedades, até as levar a derruir o edificio social do preconceito da casta, dos pergaminhos, e substituil-o pelo edificio amplo e luminoso, em cuja frontaria inscreveu os sagrados Direitos do Homem.

N'uma brochura celebre do tempo, dizia um pamphletario que o povo, o terceiro estado, era a nação e não era nada; tudo devia e a nada tinha direito. A' phrase de Luiz XIV *o Estado sou eu*, respondeu o mesmo pamphletario *o Estado somos nós*.

Este foi o fermento. Logo que as dissidencias surgiram, entre os nobres e o clero, provocadas pelas desegualdades de regalias, os dissidentes juntaram-se ao povo e formularam as suas reivindicações, cujos cinco projectos encerravam toda uma revolução politica, economica e social. Em 17 de junho de 1879, os deputados declararam, reunidos em assembléa nacional constituinte e em 20 do mesmo mez, faziam o juramento solemne de se não separarem, e sem ter dado uma constituição á França.

O rei, assustado, vendo faltar-lhe o campo em que assentava o seu throno, que iria baquear, decerto, em pouco, quer prohibir o parlamento de se reunir e ordena que seja evacuada a sala. Ah! Mas a revolução tinha os seus philosophos, os seus tribunos. E Mirabeau, que symbolisava a revolução, respondia, cheio de um fogo sagrado, ao que vinha encarregado de executar as ordens do rei: ide dizer a vosso amo, que nós estamos aqui pela vontade do povo e que só sahiremos pela força das baionetas. E a assembléa declarou-se inviolavel, conquistava, emfim, a sua soberania.

A' reacção da côrte e dos nobres, o povo responde com a tomada da Bastilha, iniciando-se assim, essa obra gigantesca que se chama a revolução e que brevemente devia irradiar por todo o mundo civilisado.

Pois bem, marinheiros e soldados, á semelhança da França, que n'este dia recorda os que soffreram por ella; que n'este dia, evoca a memoria dos seus mortos illustres, que prepararam o triumpho da liberdade, evoquemos nós tambem os grandes martires da Republica, esses vultos generosos e grandes de Bombarda e Candido dos Reis e todos os que os precederam ou seguiram, quer dirigindo, quer combatendo, e affirmemos, perante a sua memoria, que continuaremos a sua obra. Mas não sahiamos d'aqui sem deixar o preito da nossa saudade por todos aquelles que, embora n'um campo opposto, julgando cumprir um dever, foram victimas da sua fé, quem sabe se julgando tambem que assim serviam a Patria, que diziam extremecer.

Marinheiros e soldados: gloria aos mortos, pelo ideal que nos reune aqui e paz á alma dos vencidos sinceros».

O adeantado da hora a que terminou a imponente manifestação de hoje não nos permitte publicar os outros discursos.

Notas diversas

Na Avenida Duque de Loulé, a Associação dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses tinha a bandeira a meia haste, á passagem do cortejo. Junto da sepultura do primeiro cabo artilheiro Severino Portilho, estavam a viuva Maria do Ceu, com um filho ao colo, o pae, uma cunhada e um amigo de nome J. Moraes. Ao pé do tumulo do grumete Antonio d'Oliveira viam-se a ex-noiva Thereza Cunha, seu cunhado Eduardo Nunes, suas primas Alice e Ernestina, e o seu amigo João Paulo Vieira.

Depois dos discursos, os contingentes, abandonando o cemiterio, seguiram, acompanhados pelas bandas, para os quarteis e navios de guerra.

O sr. presidente do ministerio assistiu á organisação e desfile do cortejo de uma das janellas do gabinete do sr. ministro do fomento.

Incorporou-se no prestito uma delegação da philarmonica Alumnos de Harmonia, do largo de Santo Amaro, composta de quatro musicos fardados, com o estandarte e alguns socios da sociedade de recreio annexa.

O centro almirante Reis estava largamente representado, apresentando o estandarte com uma faixa de crepe.

No cortejo encorporaram-se tambem a commissão de vigilancia dos revolucionarios civis, o centro Rodrigues de Freitas, Pessoal do troço de mar do Arsenal de Marinha, com a bandeira, gremio Educação do Povo e grupo revolucionario da Trafaria.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 14. — Communicação official de hoje ás 15 horas:

Na Belgica depois do bombardeamento assignalado na communicação de hontem á noite, os allemães atacaram as trincheiras tomadas pelas tropas britannicas a sudoeste de Pelkn na noite de 5 para 6 de julho, na margem leste do canal. Foram facilmente repellidos. Na região ao norte de Arras não houve durante a noite senão alguns combates á granada, de trincheira para trincheira, ao norte do castello de Carleul e no «Labirinto». Arras e Soissons foram bombardeadas por granadas de grosso calibre.

Na região do Somme, em Frise e em Fay (oeste de Peronne) assim como na Champagne, proximo de Perthes, lucta de minas. Na Argonne os ataques allemães que se concentraram na região comprehendida entre «Maria Teresa» e Haute Chevauhée, foram definitivamente entravados.

Entre o Mosa e o Mosela, na floresta de Apremont, fusilaria e canhoneio sem acção da infantaria. No resto da linha nada a assignalar.—(Havas).

O emprestimo inglez de guerra

LONDRES, 14.—O ministro das finanças, falando na camara dos communs, sobre o emprestimo de guerra, disse que o resultado é tanto mais notavel quanto é certo que as bolsas estavam virtualmente fechadas e consequentemente milhares de pessoas que teriam vendido os seus valores de carteira a fim de tomarem parte no emprestimo, foram impedidas de o fazer. As subscripções consistiram pois quasi exclusivamente em especies disponiveis. A nação inteira desde os grandes banqueiros aos trabalhadores manuaes tomou parte n'esta manifestação patriotica e toda a gente deve estar reconhecida.

A emissão demonstrou o poder financeiro, sem rival, do imperio britannico, que equivale a significar a amigos e inimigos que a Gran-Bretanha não faltará á sua palavra.—(Reuter).

Exportação de generos alimenticios

Uma commissão da Federação da Construcção Civil procurou hoje o sr. presidente do ministerio, a quem entregou a moção approvada no comicio effectuado no domingo ultimo contra a carestia da vida e a exportação de generos alimenticios.

NOTAS DIVERSAS

Foi hoje assignado pelo sr. presidente da Republica o decreto exonerando do governador da Guiné o tenente coronel d'artilharia sr. Josué d'Oliveira Duque.

—O sr. ministro dos negocios estrangeiros dá ámanhã recepção ao corpo diplomatico.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 13.—Os alumnos da faculdade de lettras que tenham completado as condições legaes para exames de bacharelato em outubro deverão apresentar os seus requerimentos desde o dia 10 até 31 d'agosto.

—Por terem prohibido a entrada ás auctoridades policiaes, arvorando a bandeira brazileira na occasião do duello, vão ser processados os proprietarios da quinta das Cannas, onde este se realisou.

—Foram entregues ao poder judicial, por venderem leite adulterado, as leiteiras Emilia Dias, dos Fornos, e Anna Lourenço, de Antrezedo.

—Foi reintegrado na policia civica o chefe de esquadra José da Silva Louro, que se achava suspenso desde o movimento de maio ultimo.

—No dia 25, pelas 11 horas, n'uma dependencia da egreja da Sé Nova, serão vendidos em hasta publica, pela commissão concelhia dos bens das congregações religiosas diversos objectos, entre os quaes damascos, quadros, imagens, um tinteiro de prata, e diversos moveis.

—A requisição das auctoridades militares do Porto seguiram para ali a conhecida gatuna Aurora de Sousa Prazeres e seu irmão Alvaro Alves de Sousa, que tinham sido presos pela occasião dos festejos da Rainha Santa.

SPORT

Ora até que emfim...

A questão da proficiencia ou competencia dos professores de gymnastica e mestres de educação physica parece que vae tomar um rumo diverso do seguido até agora e que, em verdade, não era muito bom. Porque dizemos isto? Porque encontrámos ha trez dias um velho amigo e uma das mais fortes mentalidades da nossa terra, agora envolvido com assumptos que se prendem com a instrucção nacional e que nos declarou o seguinte:

—Vae d'esta vez...

—Ainda bem. Mas esses projectos abrangem todas as escolas?

—Não. Para as escolas primarias, as camaras municipaes querem a autonomia absoluta, que lhes será concedida e respeitada. Para os lyceus é que se adoptará o processo ha tanto tempo por v. defendido o de abrir concurso para professores de gymnastica, nos quaes elles demonstrem que teem competencia e proficiencia. Assim, dentro dos limites orçamentaes, que serão muito apertados, já os professores passarão á categoria de effectivos. Acaba-se a tal situação de provisorios, que elles justamente não querem».

E mais não conversámos com esse amigo, que as horas no mostrador de um relogio de estação tornavam apressado. Instantes depois, appareceu a nosso lado um medico, que na administração municipal occupa um logar importante. Demos-lhe a boa noticia e elle commentou:

—Muito bem, muito bem... Nós pensamos tambem na gimnastica e temos tido uma certa difficuldade para attender uns e outros, mas a ideia do concurso sorri e vou indical-a. Podem dizer que haverá dificuldade no juri mas quem tal diz desconhece o assumpto. Pode perfeitamente saber-se se sim ou não um professor de gimnastica tem a competencia exigida. Bastava que elle indicasse, executasse e explicasse a razão dos exercicios que ordenassem, a sua conveniencia e inconveniencia e a sua opportunidade de execução».

Pela nossa parte só temos a dizer:—ainda bem que assim se pensa e até que emfim que assim se procederá!...

Nota do dia

Blink Mac Closkey em Lisboa

Srs. emprezarios do athletismo querem aproveitar um bom elemento no profissionalismo do *ring*? Indicamos-lhes o jogador de socco inglez Blink Mac Closkey que chegou a Lisboa ha trez dias e que entre nós se demora mais alguns.

Mac Closkey é um celebre do *box*, que os *medios* francezes respeitam e que os *medios* inglezes temem. Não tem o merito d'um jogador scientifico. E' um valentão, corajoso e resistente. E' o que os francezes chamam o verdadeiro tipo de *encaisseur*.

Para avaliar o valor do *record* de Blink Mac Closkey basta um facto. Ha quatro annos appareceu em Paris o famoso campeão do mundo, dos *medios*, o americano Harry Lewis. Deram-lhe varios adversarios, dos quaes Harry se desfez facilmente. Por fim collocaram-o em frente de Closkey e este resistiu os 25 *rounds* do combate, no qual Harry não levou a melhor, antes se affirmou com extrema dificuldade, diante de Blink que tem fama de brutal e atrevido...

Algumas anecdotas

Muitos athletas, fóra do «ring», occupam posições liberaes.

Entre os jogadores de socco ha então extrema variedade d'essas profissões. Ledoux foi cosinheiro; Ketchell foi mineiro; Jewey Smith, marinheiro; Price, advogado; Billy Ehner, actor, Johnny Griffin, dentista, etc.

Vamos falar de um que tem celebridade e ainda algumas vezes tenta subir ao «ring». E' Jack O'Brien, de Philadelfia, agora advogado.

O excellente pugilista ao mesmo tempo que estudava os codigos ia esmurrando a cara de adversarios. Diz-se até que O'Brien se consagrou aos estudos juridicos para se tornar capaz da administração da sua grande fortuna e grandes propriedades ganhas com as luvas de 4 onças.

Pois com O'Brien passou-se uma scena curiosa n'um tribunal.

Advogou uma causa mas que, por ser ingrata, carecia de fortes argumentos. O juiz disse-lhe:

—Amigo O'Brien, é melhor outro fundamento juridico...

—Qual historia? Tenho a razão pelo meu lado...

—A razão da força...

—A do direito e a da força. E se aquella não fôr attendida, esta entra em funcções Com um «swing» annullo o processo e com um «directo» obtenho a sentença!...

Noticias

Entre nós

O proximo domingo no Stadium

A direcção do Stadium organisa para o proximo domingo um grande espectaculo, que tem os atractivos da estreia do corredor hespanhol Guilherme Anton, campeão de Castela; da reapparição de Lazaro Vilada; da entrada dos dois hespanhoes n'uma corrida *scratch*; da repetição a pedido geral, do emocionante *handicap* de motocicletas, no qual o temerario Innocencio Pinto dá uma volta de avanço aos corajosos Manuel Neves e Arido de Albuquerque e de uma prova de motocicletas para amadores.

Campeonato de «tennis» na Amadora

Continúa aberta nos Recreios Desportivos da Amadora a inscripção para o campeonato de Men'Singles e torneio de Men's Double á americana que se realisa no dia 25 do corrente nos courts da Amadora. A inscripção fecha no dia 17 (sabbado). O campeonato de Singles começa no dia 25, e o torneiro de Double no dia 1 de agosto alternando nos dias seguintes com o campeonato de Singles. Já estão inscriptos grande numero de socios dos Recreios e espera-se que estes torneios sejam os mais concorridos dos que se teem realisado na Amadora.

Taça Portugal

Realisa-se no proximo domingo a prova de 100 kilometros para disputa da Taça Portugal instituida pela União Velocipedica Portugueza.

A partida effectua-se ás 6 horas da manhã do Mercado Geral de Gados e a inscripção encerra-se definitivamente na sexta-feira ás 22 horas, devendo os clubs concorrentes enviar os boletins das suas equipes e nota de fiscaes á secretaria da U. V. P. onde se prestam todos os esclarecimentos sob-e a mesma corrida.

Taça Monfroy de Seixas

Com este titulo acaba o Club Naval de instituir uma Taça para o seu campeonato de 100 metros por «équipes», em natação, cuja prova terá logar no proximo dia 1 de agosto.

Esta taça foi dada ao Club pelo seu vice-comodoro, sr. Henrique Monfroy de Seixas, seu amigo devotado, onde pela sua intelligencia, dedicação e profundos conhecimentos nauticos occupa um dos postos mais elevados.

Monfroy de Seixas estima deveras o seu Club onde conta inumeros amigos e admiradores e, mais uma vez, quiz mostrar-lhe a sua sympathia, cooperando na patriotica e humanitaria obra do resurgimento da natação, em que este Club anda empenhado, estando sempre prompto a auxiliar as grandes iniciativas.

Ligou o seu nome á causa justa da natação e mais tarde, quando ella fôr aquillo a que tem direito, quando triumphar, será o seu nome bem lembrado como um dos seus protectores.

Monfroy de Seixas, além de offerecer a taça, deu a honra de aceitar o convite para presidente do jury da prova e acedeu a que ella tivesse o seu nome.

Será um dia de festa o dia primeiro de agosto para o Club Naval.

O programma, que será abrilhantado por uma banda regimental, consta d'um campeonato de natação, 100 metros, para «équipes» de 5 nadadores, para disputa da taça Monfroy de Seixas; corrida de praças da armada e do exercito, com premios pecuniarios na importancia de 35$00; um desafio de «water-polo», corrida de principiantes, etc.

Para esta festa vão ser enviados convites ao sr. Presidente da Republica, ministerio e mais auctoridades officiaes, sendo de crer, pelo grande enthusiasmo que reina entre os socios, que seja esta a primeira festa de natação mais completa que tem havido no nosso paiz.

A inscripção para o campeonato de 100 metros, bem como para as praças da armada e do exercito, termina impreterivelmente no dia 15 d'este mez.

Taça Heredia

Fechou no dia 16 a inscripção para a corrida de barcos automoveis que o Naval Club organisa no proximo domingo, 18, em frente de Algés, havendo já alguns barcos inscriptos e esperando-se a inscripção de muitos mais.

Não existindo no nosso paiz uma classe de barcos, todos do mesmo modelo e dimensão, difficil se tornava fazer um regulamento d'uma prova que não collocasse os concorrentes em manifesta condição de desegualdade. Porem, a secção de motor do Club Naval resolveu o assumpto de tal modo que satisfez a todos os proprietarios de barcos.

O sistema é do adicionamento e subtração de pontos.

Assim, cada barco, conforme o seu comprimento tem um numero de pontos marcados por cada passageiro que transporta havendo para cada medida um limite maximo do numero de passageiros; por cada 100 kg^{s}. de peso do barco sem passageiros marca-se um ponto; por cada barco com cabine fechada e que dentro contenha pelo menos dois terços da sua lotação com passageiros sentados marca-se quatro pontos; marcam-se dois pontos a cada barco que tenha toldo ou capota e que o conserve em todo o percurso da corrida. A subtração de pontos faz-se tirando dez pontos por cada litro de cilindrada e dois pontos por cada kilometro de media horaria a menos em cada volta, com relação á media da volta anterior. Havendo empate no numero de pontos marca-se a victoria ao que primeiro haja terminado o percurso.

O que por este sistema consiga sahir vencedor terá como premio a Taça, que ficará na posse definitiva do que a ganhar dois annos seguidos. Esta prova será tambem de velocidade havendo uma medalha de ouro para o que chegue em primeiro logar. Assim se satisfazem todos e deixa de subsistir o motivo de não se entrar na prova porque o barco tem pouco andamento, visto que para se ganhar a Taça a velocidade entra apenas como factor de minima importancia.

Ainda para offerecer mais vantagens aos concorrentes os dez primeiros pagarão 2$00 pela inscripção, pagando 3$00 os que forem alem d'este numero.

A todos os concorrentes ser-lhes-ha offerecido um regulamento e um questionario que elle terá de preencher e que servirá de base para o jury fazer a sua classificação.

Duarte Rhodes e D. Antonio Heredia teem sido incansaveis na organisação de esta prova, principalmente o primeiro como director da secção, envidando os seus maiores esforços para que a prova resulte com brilhantismo e o segundo auxiliando-o na organisação com a dedicação que nutre pelo automobilismo nautico e pelo seu Club.

Foi D. Antonio de Heredia, contra-comodoro do Club Naval, quem offereceu um bello casco d'um barco á secção de motos, para que em breve os socios d'este Club tenham um meio de praticar facilmente este esplendido *sport*.

Um desafio de «box»

Recebemos a seguinte carta, com que damos por finda a polemica entre dois pugilistas profissionaes: «Sr. Redactor—Tendo lido, no seu conceituado jornal, a seguir á carta em que o sr. Manuel Grilo declara acceitar o desafio de *box* que propuz a todos os *boxeurs* portuguezes, uma noticia em que a redacção d'esse jornal relembra o combate que tive com o mesmo senhor em Algés, dizendo que eu saltei as cordas do *ring*, fugindo a uma formidavel «carga de pancadaria» que o mesmo senhor me deu, venho por este meio dizer a v. que a mesma local não é a expressão da verdade, pois que tendo eu lançado um repto aos jogadores do *box* o sr. Grilo o acceitou, mas no combate não boxou, fez *savate*, isto é serviu-se de *trucs* usados pela gente que desconhece o *box*, sendo esta a rasão porque desisti, mas nunca fugindo.

Hoje, que o sr. Grilo, como v. diz, está conhecedor e treinado no *box*, tenho o maior prazer em me bater com elle até resultado definitivo, offerecendo um premio de 30$00, se eu for vencido.

Em resposta á carta do sr. Grilo, elle, mais conhecido em Lisboa do que eu com maior facilidade poderá arranjar empreza que se encarregue de prover as necessidades que o mesmo acarreta.

Agradecendo a publicação—*João Joaquim de Azevedo*».

Torneio de «tennis» em Carcavellos

Os «Recreios de Carcavellos» promovem este verão um torneio de *tennis*, que será disputado nos seus novos e magnificos *courts* e aberto aos amadores de todos os clubs. O torneio é de *men's singles* e terá um regulamento que em breve publicaremos. O inicio será no dia 15 de agosto e a inscripção abre por estes dias.

Para este torneio estão destinados os seguintes premios: 1.º uma artistica taça de prata; 2.º, uma *raquette* de boa marca; 3.º, um objecto de arte.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA —A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Boatos e informações

E' de Raphael Ferreira a traducção da peça «Le paradis», que com o titulo «A amante do meu genro» se ensaia no Politeama.

—Representa-se hoje no Porto e pela «tournée» Mendonça de Carvalho a comedia «4028 Lx.». A'manhã sóbe á scena «O homem macaco» e na proxima sexta-feira repete-se «A visinha do lado» em recita extraordinaria.

—A «tournée» Carlos de Oliveira representou em Braga a peça de Strugberg «O pae».

—No Apollo Terrasse do Porto subirá brevemente á scena a peça «O regimento vermelho». A seguir será representada a revista de Casimiro Tristão «Contos de vigario».

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

O elegante Salão Olympia estreia hoje dois episodios do «Trez de copas».

—No rapido de Madrid, chega ámanhã a Lisboa um artista querido dos lisboetas. E' o comediante Little Walter, que creou um typo inconfundivel. Vão recebel-o festivamente um grupo de amigos que prepára uma brilhante recepção, indo á «gare», acompanhando os graciosos Petits Walter. O inimitavel artista vae residir alguns dias na Amadora.

—No «rink» dos Recreios da Amadora tornaram-se diarias as sessões de animatographo ao ar livre.

—A empreza do Theatro Salão dos Anjos dá espectaculos apenas aos domingos, segundas, quintas e sabbados.

—A'manhã, no salão Olympia, reapparece a celebre cantora condessa Cenami.

—As «Hermanas España», que ámanhã se estreiam no Colyseu dos Recreios, teem no paiz visinho uma consagração especial. São duettistas de genero comico, e cantam, tambem, «couplets» engraçadissimos. Hoje, no espectaculo, além dos novos e diversos quadros nas duas sessões, escolhidos a capricho, apresentam-se os celebres artistas Julio Villar, insigne comediante parodista, Mariucha, encantadora bailarina, e Silva Carvalho, notavel transformista, e os celebres concertistas Les Alpinos.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate. Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

INTERESSES DE CLASSE

Os empregados dos governos civis

pedem que sejam attendidas as suas reclamações sobre a exiguidade de vencimentos

A' camara dos deputados foi hontem entregue a seguinte representação:

«Ex.^{mos} Senhores—Presidente e deputados da Nação»—Os funccionarios da maioria dos governos civis do paiz, abaixo assignados, veem respeitosamente apresentar a V. Ex.^{as} as reclamações que de longe veem sendo formuladas sobre a exiguidade dos seus vencimentos, e solicitar que se digne remediar tal situação, como é justo e legal.

Com effeito, a tabella dos novos vencimentos apresentada á Camara dos Senhores Deputados foi por esta approvada, assim como pelo Senado, que a manteve integralmente.

Julgam os supplicantes que, a exemplo do que está feito com relação aos artigos 334 e 335 do projecto do Codigo Administrativo que já foram promulgados como lei—pelo motivo exposto— o poder executivo, usando das faculdades que a lei lhe confere, poderá egualmente mandar, desde já, pôr em execução a referida tabella, tanto mais que ella não tem ligações com as disposições do projecto ainda por discutir, nem mesmo com as disposições transitorias, e, ao mesmo tempo, passando os emolumentos a constituir receita do Estado, não traz desequilibrio orçamental, como passamos a provar:

Excellentissimos Senhores — Pelo 19.º pertence ao n.º 74 (Projecto do Codigo Administrativo) se vê que pelo augmento de despesa com o pôr-se em execução a tabella dos vencimentos dos empregados dos governos civis o «deficit» para o Estado é de 27:201$86. Deve, porém, notar-se que a importancia dos emolumentos até hoje recebidos annualmente pelos mesmos governos civis attinge uma verba superior a esse «deficit», pois ella vae, pelo menos, até 32:334$00, assim distribuida: 19:233$00 de passaportes (toma-se como base a estatistica do anno de 1914, em que a emigração por virtude do conflicto europeu desceu talvez ao minimo);—2:601$00 de visto em passaportes anteriormente concedidos (Decreto de 25 de abril de 1907);—10:$500 dos restantes emolumentos cobrados nos governos civis (toma-se como base os recebidos no governo civil de Santarem na importancia de 504$42, no anno de 1914, a despeito de ser este districto um dos mais pequenos do paiz e por consequencia aquelle em que esta verba é mais insignificante). Accresce ainda ao exposto que augmentando os vencimentos referidos o Estado recebe correlativamente mais direitos de encarte e o imposto de rendimento dos secretarios geraes e officiaes, por estes funccionarios ficarem com vencimentos superiores a 600$00.

Appelando, pois, para o espirito de justiça de Vossas Excellencias, permittam-nos que lhes notemos que os nossos vencimentos são ainda os provisoriamente fixados por decreto de 24 de dezembro de 1836, e que tendo-nos sido tirados pela lei da caça os emolumentos, licenças de uso e porte de arma, bem como os constantes do exame dos processos de contas das corporações administrativas que pelas disposições promulgadas em 7 de agosto de 1913 passaram a constituir receita das Juntas Geraes, verbas estas com que contavamos para fazer o difficil equilibrio de um orçamento mais que mesquinho, vem ainda a lei do encarte aggravar mais e mais a nossa situação obrigando a pagar os respectivos direitos em virtude da lotação dos emolumentos a empregados que até ao presente de tal eram isentos por os seus vencimentos não attingirem o limite de 360$00.

Sendo assim insustentavel esta situação, os abaixo assignados esperam que Vossas Excellencias se dignarão dar deferimentos á sua pretensão.—A commissão delegada dos Empregados dos Governos Civis de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Beja, Castello Branco, Evora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarem, Vianna do Castello e Funchal, *Antonio Guilhermino Lopes, Aurelio Netto, Thomé d'Assumpção Ramos, Antonio José Sequeira, Pedro Augusto de Sousa Feio, dr. João Elino Ferreira Sucena, Francisco Antonio Esteves, Augusto Gonçalves da Silva, José Vital de Mattos e José Lucio Serra Ferreira.*

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Não tendo reunido a assembleia geral, ficou a nova reunião para depois d'ámanhã, ás 20 horas e meia. A'manhã começará a distribuição do folheto «Luz e justiça».

Touradas

Campo Pequeno—O programma da festa de Thomaz da Rocha, que se realisa no domingo, foi organisado com o maior cuidado. Além do espada *Bombita*, que em trez touros de cavallo estará aos «quites», entra na corrida o novilheiro *Alfarero*, que é um excellente bandarilheiro. Na lide equestre entram José Casimiro, que tambem lidará um touro a «duo» com o beneficiado, estando *Bombita* aos «quites», e Adolpho Machado. O beneficiado tambem lidará a sós o touro offerecido pelo lavrador Simão da Veiga, que sahirá com a divisa azul e amarella. Os touros destinados á lide equestre serão recolhidos a cavallo pelos campinos do sr. José Pinto Barreiros.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Desordeiros que ficam impunes

Escrevem-nos alguns moradores do Caminho do Forno do Tijolo, pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. commandante da policia para o seguinte: Hontem, pelas 23 horas, um grupo de desordeiros atacou a residencia de um pobre sapateiro, ferindo-o com duas facadas n'um pé. A mulher do aggredido gritou por soccorro, mas a policia só appareceu meia hora depois e não se incommodou em procurar qualquer dos desordeiros, embora os nomes de alguns lhe fossem indicados pela visinhança. Esse grupo de desordeiros é useiro e vezeiro em commetter ali proezas, sem que a policia se incommode em pôr côbro a tal estado de coisas.

Com vista ao sr. Camara Pestana.

Movimento maritimo

Bra. e R. da Pra. «Samara (de Bord.)	14
Amsterdam, etc. Frisia» (do Brazil)...	15
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv)..	15
Brazil e R. Prata «Samara» (Bordeus)	15
Africa occidental «Cazengo»............	15
Amsterdam «Frisia» (Brazil)............	15
Manilla, etc. «C. de Eizaquirre» (Liv.)	15
Pernb. e Maceió «Matador» (Liverp.)	16
R. J., Santos e R. Prata «Desna» (L.)...	16
Africa oriental «Lisbian» (Liverpool)	17
Brazil e R. Prata «Riuland» (Liverp.)	17
Liverpool e escalas «Ortega» (Brazil)	19
Africa oriental «Clan Gordon» (Liv.)..	19
Madeira e Açores «San Miguel».........	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)............	20

As baterias belgas que não haviam sido postas fóra d'acção abriram fogo sobre a infantaria allemã. A artilharia allemã redobrou de esforços, depois calou-se. Os allemães carregavam á baioneta. Foram repellidos e os que não morreram ou ficaram feridos retiraram, recomeçando o bombardeamento do lado de leste do canal.

Assim, o desesperado esforço dos allemães para se apoderarem de Dixmude havia sido infructifero. A' esquerda, ás 5 horas da tarde, um violento ataque, que fôra precedido d'um bombardeamento d'algumas horas, fôra feito, partindo de Schoor, contra Schoorbakke, uma aldeia um pouco ao norte da reintrancia do canal do Yser. Esse ataque havia sido repellido com grandes perdas para o inimigo. A' noite, os allemães estavam ainda na margem oriental do Yser entre Dixmude e Nieuport. O canal, n'alguns sitios, estava cheio de mortos e de moribundos.

O unico auxilio que o exercito belga recebera fôra o dos marinheiros bretões commandados por Ronarc'h e o dos canhões da flotilha dos alliados. O generalissimo Joffre conservára o 16.º de caçadores de reserva. Durante mais d'um dia os belgas e os marinheiros francezes viram-se sósinhos na defeza da linha do Yser.

No dia 22, os allemães voltaram as attenções para o sector do campo de batalha ao norte de Dixmude. A area na reintrancia do Yser entre Tervaete e Schoorbakke foi coberta de granadas e o canal atravessado em Tervaete. Um contra-ataque dado pela 1.ª divisão belga não foi bem succedido. As tropas foram reunidas e receberam ordem de novo para carregar. D'essa vez os allemães foram litteralmente repellidos para dentro do canal.

Em Schoorbakke, os belgas repelliram o inimigo e perseguiram-no em direcção a Schoor, emquanto a flotilha alliada continuava fazendo fogo sobre as trincheiras allemãs e as baterias da costa. Os aviadores inglezes pairavam sobre a região, que estava em parte inundada, para indicarem o alvo. Os vidros das janellas de Sluis, na fronteira hollandeza, ficaram feitos em migalhas e a população declarou que parecia uma trovoada distante. Tropas frescas passavam hora a hora por Bruges para reforçar a fronte allemã e os canhões mais pezados haviam sido transportados para auxiliar as baterias allemãs em Middelkerke, onde um general e o seu estado maior haviam sido mortos por uma granada disparada pela flotilha alliada. Em Ostende, todos os soldados que podiam marchar, tinham sido mandados para oeste e os hoteis estavam cheios de feridos.

Na tarde de 22, a população de Furnes assistiu a uma scena que lhe deve ter causado o maior orgulho.

Dois batalhões da 1.ª divisão belga—o 9.º de linha e o 2.º de caçadores—tinham, em virtude dos reforços francezes que deviam chegar na manhã seguinte, sido retirados das trincheiras. Eram homens de Bruxellas e de Liége que haviam guarnecido os espaços entre os fortes de Liége no começo da guerra e haviam alcançado, por isso, uma alta reputação. Cerca das 7 horas da tarde entraram em Furnes, mortos de fadiga e cobertos de lama, mas cantando a «Marselheza» a plenos pulmões. A banda dos caçadores tocava a marcha «Sambre e Mosa». Toda a população se reuniu para os vêr e foi-lhes feita uma ovação.

Poucas horas depois, a ausencia d'esses bravos do Yser ia ser lamentada. O inimigo havia recebido reforços. Levava grande numero de metralhadoras para enfiar os belgas na reintrancia do Yser. Simultaneamente, favorecidos pela escuridão da noite que, n'uma certa extensão, os protegia do fogo dos navios alliados, os allemães fizeram desesperados ataques contra a 2.ª divisão belga em frente de Nieuport e em redor de Lombartzyde.

Os belgas estavam, porém, bem providos de metralhadoras e os allemães foram repellidos. Entre elles havia pobres rapazes das escolas e

Por consequencia, a linha alliada tinha ficado não só no mar, mas n'um numero de fortes moviveis armados de peças de 6 pollegadas, eguaes ás mais pezadas que os allemães tinham então n'esse ponto. Como os monitores eram de pequeno calado, podiam approximar-se muito da costa. Aeroplanos, hydro-aviões e balões captivos ou dirigiveis indicavam aos artilheiros navaes as posições das tropas allemãs e da sua artilharia.

O paiz, todo plano, permittia que essas posições fossem vistas de muito longe. Para evitar o fogo d'artilharia das baterias allemãs os navios avançavam em zig-zague e para escaparem aos torpedos despedidos pelos submarinos caminhavam com maior velocidade. Um official do «Falcon» descreve o combate travado no dia 27 com a flotilha, descripção que se ajusta aos travados nos dias anteriores:

«Depois de patrulhar a costa, o «Falcon» tomou posição a duas milhas de Nieuport. Uma milha mais proximo da praia estavam os monitores. Elles abriram o ataque e nós secundámol-os. Não viamos nem as baterias, nem as trincheiras, mas em breve acertámos no alvo e disseram-nos os nossos officiaes que as nossas granadas cahiam dentro das trincheiras.

No primeiro dia disparámos 1.000 granadas e outros canhões fizeram fogo emquanto os navios se afastavam a toda a velocidade da costa. Os allemães trouxeram para assestar contra nós alguns dos seus canhões pezados de que se tinham servido em Antuerpia. As balas cahiam em roda de nós, mas não nos fizeram avaria alguma».

Apesar da flotilha britannica abrir fogo ao romper do dia 19, os allemães não desistiram dos seus assaltos a Lombartzyde e a Nieuport. Na manhã de 20, tomavam a herdade de Bamburg. Foi retomada, mas á noite foi abandonada pelos belgas. No centro e na direita, o inimigo, que estava já em Schoore, assim como em Mannekensvere, Keyem e Beerst, bombardeou os belgas que defendiam o canal do Yser e lançou columnas pelas estradas Keyem-Dixmude e Roulers-Dixmude sobre esta cidade.

Até ahi, os allemães apenas se haviam servido de artilharia de campanha; mas n'essa altura a artilharia pezada entrou em scena e na cidade começaram a chover os seus projecteis. A brigada belga do general Meyser foi addida á marinha de Ronarc'h, as trincheiras protegidas com arame farpado. Os repetidos ataques dos allemães foram facilmente repellidos.

O fallecido feld-marechal Roberts

Em Furnes estavam as reservas belgas.

Antes do anoitecer, chegou o hospital de campanha do dr. Heitor Munro, que tão relevantes serviços tinha já prestado aos alliados. O dr. Munro, o dr. Bevis e os restantes vinte e cinco medicos e enfermeiras, entre as quaes lady Dorothéa Feilding, filha de lord Denbigh, estavam transformando um vasto convento em hospital. O gaz na cidade havia sido cortado e os pequenos estabelecimentos eram illuminados a velas e candieiros. Em baixo, nos subterraneos abobadados, soldados estavam comendo sopa ou bebendo café e vinho. A praça principal estava

atulhada de automoveis blindados e de outros vehiculos, de bicicletas de militares, de artilharia e de vagons de provisões. O troar dos canhões ao longe era aterrador.

O dia 21 foi um dos mais criticos da gigantesca lucta entre o Lys e o mar.

Era o general Joffre quem dirigia as operações dos alliados. Tropas francezas estavam chegando para auxiliar os belgas e o rei Alberto e o generalissimo francez passaram revista ao 16.º de caçadores na praça de Furnes.

No mesmo dia disse a sir John French que mandára vir o 9.º corpo do exercito francez para Ypres e que outros reforços viriam em seguida. Era intenção sua com elles e com as tropas belgas e inglezas renovar a offensiva e repellir os allemães para leste, mas entendia que não poderia começar as operações antes do dia 24.

Mas os allemães haviam já feito recuar a linha dos alliados ao sul da floresta de Houthulst e occupado Poelcappelle e Passchendaele. A fim de fazer frente ás forças que avançavam contra Dixmude, as quatro divisões de cavallaria franceza sob o commando do general de Mitry e as duas divisões territoriaes sob o general Bidon avançaram do canal entre Dixmude e Ypres para a floresta e para o sul d'esta. Sir Douglas Haig, vindo de Ypres, estava á sua direita. Devia tomar Poelcappelle e Passchendaele. Atraz de sir Douglas estava sir Rawlinson, com a 7.ª divisão de infantaria e a 3.ª de cavallaria.

A's 2 horas da tarde o avanço tivera pleno exito, mas n'esse momento a cavallaria franceza recebeu ordem para retirar para oeste do canal de Ypres ao Yser e, devido a isso e aos ataques allemães contra Rawlinson, sir Douglas foi compellido a deter-se na linha Bixschoote-Langemarck-St. Julien-Zonnebeke. D'ahi, a batalha desde Béthune a Nieuport tornou-se quasi que unicamente defensiva da parte dos alliados.

Voltemos ás operações no Yser. A' occupação allemã de Roulers e da floresta de Houthulst, juntamente com o insuccesso de Rawlinson em tomar Menin, dera azo a que Falkenhayn, na linha Menin-Roulers-Thourout-Ostende, concentrasse as suas enormes forças n'um ponto entre o Lys e Nieuport. Os pezados canhões que vomitavam as grandes granadas explosivas haviam chegado de Antuerpia, mas a presença da flotilha britannica, provida de canhões tão poderosos como aquelles, fez com que os allemães deixassem a esquerda e atacassem o centro e a direita do exercito belga.

Ao romper do dia, o inimigo atacou os marinheiros francezes e os belgas que estavam em roda de Dixmude. Ordens haviam sido dadas aos artilheiros para alvejarem casa por casa da cidade.

E não só Dixmude foi bombardeada. Da torre da egreja de Furnes, n'aquella manhã, tão longe quanto a vista podia alcançar só se viam granadas explodindo e aldeias e casas ardendo.

Oito ataques foram feitos contra as trincheiras que protegiam Dixmude. Os allemães, muitos dos quaes haviam chegado dias antes da Allemanha e eram rapazes apenas de dezesete e dezoito annos, combateram com magnifica bravura, mas os marinheiros francezes juntaram as metralhadoras em grupos de quatro e as columnas inimigas foram em poucos segundos reduzidas a um montão de cadaveres, de feridos e de fugitivos tomados de panico. Se não fôsse o diluvio das granadas nas trincheiras e em Dixmude, a lucta teria degenerado n'uma horrorosa matança.

Não póde descrever-se o heroismo de que deram prova os marinheiros de Ronarc'h e a infantaria belga, que repelliram os assaltos das tropas do kaiser. Sob uma verdadeira chuva de granadas e de shrapnels continuaram a luctar com uma bravura inexcedivel. O que soffreram só testemunhas oculares o podem dizer.

Logo de manhã ambulancias bel-

gas tinham vindo para o improvisado hospital em Furnes, para conduzir feridos. No pateo do convento, dois automoveis ambulancias e quatro carros estavam promptos a sahir para a linha de fogo. Ao meio dia houve uma sortida. Um dos carros era guiado pelo tenente de Broqueville, filho do ministro da guerra belga. Lady Dorothéa Feilding, miss Chisholm, o dr. Heitor Munro e um americano, o dr. Gleeson, iam nos carros. Dois «chauffeurs» inglezes guiavam os automoveis ambulancias.

Atravessando as ruas de Furnes atulhadas de soldados e de vagons, os carros e as ambulancias seguiram para o campo. O sol estava ardente e ao longe linhas rectas de alamos indicavam as estradas que atravessavam pantanos e prados. Encontraram um esquadrão de cavallaria belga. Os homens estavam fatigados e cobertos de lama, mas no seu olhar lia-se a audacia e a resolução. Proximo d'elles viam-se grupos de infantaria belga, columnas de tropas francezas e uma fila interminavel de automoveis de toda a especie e feitio. Aqui e ali os militares abriam caminho no elemento civil. Velhas e jovens com creanças ao collo e outras pela mão afastavam-se vagarosamente das scenas de carnificina. Uma columna de prisioneiros allemães escoltada por cavalleiros caminhava na retaguarda. Todos elles tinham impressos no rosto os signaes da fome e do terror. Quatro mezes antes, esses infelizes eram pacificos cidadãos, vivendo em paz e socego com suas familias.

Ao sahirem de Oudecappelle, os benemeritos medicos e enfermeiras entraram no campo de batalha.

O correspondente de guerra Philipp Gibbs, que acompanhava o dr. Munro, descreve assim a scena:

«Atravessando os campos havia uma linha de aldeias, com a cidade de Dixmude um pouco á nossa direita... De cada uma d'ellas elevavam-se columnas de fumo, que se juntavam n'uma densa nuvem no horizonte. A cada momento a negrura d'essa nuvem era quebrada por clarões azues, extraordinariamente brilhantes, quando as granadas explodiam no ar... Do montão de casas em cada povoação sahiam chammas, em seguida ás explosões, que produziam um ruido aterrador. Em uma linha de 15 kilometros, o canhoneio era incessante e cada localidade era um inferno. As aldeias mais longinquas estavam já em chammas. Eu observava como essas chammas se tornavam em grandes fornalhas, d'uma belleza terrivel.»

Comparadas com taes espectaculos, o que eram as maiores batalhas da antiguidade?

De Dixmude em redor da floresta de Houthulst ao Lys, do Lys aos montes de lava proximo de La Bassée, de La Bassée atravez de Arras aos bosques de Compiègne, de Compiègne ao Mosa e do Mosa ao Jura centenas de milhares de homens estavam combatendo e matando-se uns aos outros. Os horrores da planicie do Scheldt tinham repetição no Niemen, nas planicies da Polonia e da Galicia, entre os Carpathos e sobre o Danubio. Na extremidade oriental da Asia o canhão vomitava a morte como na Europa.

A artilharia belga fôra, ao que parecia, reduzida ao silencio e no Yser aos agentes de Krupp nada os impedira de levar a cabo a sua diabolica obra. A estrada de Oudecappelle a Dixmude era varrida pelo fogo dos canhões allemães. De minuto a minuto elevava-se uma columna de fumo, deixando uma funda cavidade em que dois cavallos poderiam ter sido enterrados lado a lado. Uma das granadas explosivas cahiu n'uma bateria belga. Os seis cavallos d'uma das peças foram despedaçados, reduzidos a migalhas. Uma outra peça foi cortada em duas partes e mortos tambem os cavallos.

Ao pôr do sol, os allemães deram um ultimo ataque. Tentaram apoderar-se de Dixmude e atravessaram o Yser ao sul da cidade. A aldeia de St. Jacques Cappelle tornou-se o centro d'um violento combate.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1775 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 15 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

PATRIOTISMO

O sr. Azevedo Coutinho, cujo nome firma uma carta hoje publicada no «Seculo», e que se refere á sua attitude perante a causa monarchica, não foi feliz no pegar na penna para escrever esse documento. Não falamos já na sua linguagem contradictoria, em que tanto parece traduzir-se o esforço de quem cede a uma coacção verdadeiramente imperiosa. Não queremos entrar no assumpto principal da sua carta, em que procura protestar contra affirmações que ou corrobora ou não desfaz. Para nós a significação essencial d'essa carta está n'uma simples phrase, que lança uma singular luz sobre o criterio monarchico, em questões que, mais do que nenhumas outras, affectam o sentimento patriotico.

Vem essa phrase a proposito da participação de Portugal. Não se manifesta contrario a essa participação o sr. Avezedo Coutinho. Mas faz depender esse acto de circumstancias que, se realmente se déssem, lhe fariam perder todo o valor, convertendo n'uma situação deprimente uma situação que deverá ser, por todos os titulos, desvanecedora e honrosa. N'uma palavra, o sr. Azevedo Coutinho entende que Portugal só deveria participar «quando lhe fôsse exigido por quem de direito».

Não ha obrigações, não ha tratados, não ha compromissos que legitimem esta expressão affrontosa. As nações alliadas quando se trata de uma acção commum nunca empregam semelhantes processos. Não forçam, não mandam, não obrigam, não exigem. Por vezes mesmo é em situações que deveriam logicamente provar o valor real d'essas allianças que ellas precisamente se desfazem. Veja-se o que succedeu entre a Allemanha e a Italia. A Italia fazia parte da Triplice Alliança, e não entrou, com as suas alliadas, na guerra, como acabou por combater contra ellas. A Allemanha negociou longamente com a sua alliada, procurou convencel-a a partilhar a sua causa, mas nunca se lembrou de lh'o exigir.

Exigencias, como o sr. Azevedo Coutinho as formula, não são actos de alliados. São actos em que se reconhece um mandante e um mandatario. Para que uma nação possa fazer a outra taes exigencias é necessario que esta ultima se considere n'uma situação de dependencia que por completo a annula como paiz livre. Só se admittem n'uma situação de protectorado, com uma suzerania de facto, se não de direito. E' assim que o sr. Azevedo Coutinho, monarchico, logartenente do D. Manuel, que occupou um logar politico de destaque no regimen findo, comprehende e acceita a alliança com a Inglaterra! O que elle espera, o que elle reclama, o que elle considera justo, natural e logico, não é uma combinação entre dois governos, representando duas nações amigas livres, independentes e na posse d'uma indiscutivel soberania, combinação resultante das aspirações de dois povos, ambos espontaneamente irmanados por eguaes sentimentos e mutuos interesses: o que elle espera, o que elle reclama, o que elle deseja para se decidir é que a Inglaterra mande Portugal para a guerra.

E quem é o sr. Azevedo Coutinho? Porventura uma creatura de sentimentos baixos, um fraco, um subserviente, um mercenario, um homem desprovido de altivez patriotica? Não. O sr. Azevedo Coutinho é precisamente considerado um heroe pela sua intrepidez militar e pelo seu brio de portuguez. Pertence bem á nossa raça, pelo seu temperamento, pelos seus habitos caracteristicamente lisboetas, pela sua coragem pessoal que ninguem põe em duvida. Mas o sr. Azevedo Coutinho é um monarchico, e como tal os costumes dynasticos perverteram o seu espirito, desnaturaram o seu sentimento, deixando-lhe só as apparencias do profundo amor patrio que é necessario manter sempre acceso no coração, como o fogo vivo que illumina e aquece o coração dos povos livres.

A monarchia considerava a alliança com a Inglaterra como o sr. Azevedo Coutinho a considera. A monarchia mantinha Portugal n'uma especie de vassalagem, reconhecendo-o um protectorado no que é a ligação secular de dois povos amigos e dotados de virtudes identicas. Por isso o sr. Azevedo Coutinho, pessoalmente brioso, não se pejou de n'um documento destinado a uma larga publicidade escrever uma phrase que não pode ser lida sem queimar os labios de todos os portuguezes.

Como podem os monarchicos entender os republicanos? Como podem entender o povo? O povo que para dignificar o seu paiz, para affirmar a sua liberdade e a sua independencia, reconheceu que tinha, primeiro que tudo, de lançar abaixo a monarchia cujo espirito nacional se desvorara? O povo que fez o 5 de outubro, que fez o 14 de maio; o povo que não pode ouvir falar em monarchia e se tem levantado perante todas as tentativas da sua restauração, animado de energias invenciveis? Quando homens como o sr. Azevedo Coutinho, só por serem monarchicos, se resignam a ignominias e as acceitam como factos naturaes e assentes, é bem evidente que quem não repudiar a educação monarchica não pode ser um patriota, na acepção legitima d'este termo, que a Republica dignificou e enaltece.

UMA CARTA DE D. AMALIA LUAZES

Sr. director d'«A Capital».—A minha opinião, baseada unica e exclusivamente no desejo de vêr melhorar a situação em que se encontra a creança entre nós, levantou protestos injustificadissimos de alguns professores de ensino livre que me dizem concorrer eu para a miseria de muitas familias!

Bem longe d'isso o que desejo, no que insisto, dôa a quem doer, é em que já é tempo e mais que tempo de a mulher portugueza comprehender a sua missão de mãe, de se compenetrar de que os filhos são seus mas o Estado precisa de velar por elles quando ella não tenha competencia para isso. Os interesses legitimos do professorado livre estão garantidos, mas o que não pode é consentir-se que se abra mais um collegio seguer, sem satisfazer ás condições moraes, hygienicas e pedagogicas indispensaveis, e haver um horario commum, que satisfaça a collectividade.

Isto de se andarem a degladiar no ensino particular sobre a competencia de quem dá mais horas de aula e ensina mais barato, leva-nos a conclusões que nos abstemos de emittir...

Quem póde comprehender que se possa leccionar instrucção primaria pela mesquinhez da mensalidade que para ahi se paga? Ninguem. O que dá origem a tal barateza? Uma alluvião de collegios particulares, centros, associações protectoras da creança, etc., etc. Portanto urge que a camara municipal organise escolas infantis portuguezas, cantinas e creches e augmente o numero de escolas primarias em proporção com a densidade da população. Feito isto, dar-se-ha o resultado inverso, pois em logar de ficarem familias na miseria, terão onde ganhar a vida.

O meu desejo unico é libertar a creança despertando a attenção das entidades a quem compete vellar pelo futuro da patria que nada mais é do que criar cidadãos robustos que ámanhã a possam defender.

As acções avaliam-se pelo objectivo que visam e quanto mais humano e mais altruista elle fôr mais difficuldade terá a sua execução, porque os principios que se defendem só irão beneficiar seres indefezos. N'este caso está a ideia lançada, com a maior opportunidade, de regulamentar as horas do trabalho infantil. E' triste, mas verdadeiro. As creanças não se queixam, os paes podem dispôr dos filhos, como queiram... E' n'um paiz de analphabetos que isto se affirma! Não me offendem os vituperios, não me desarmam os argumentos da rotina seguida até hoje; pelo contrario, anima-me o maior desejo de defender os meus eleitores de 6 a 10 annos, porque nunca terão para mim uma adulação, uma lisonja, um obrigado.

Amalia Luazes

A PROVINCIA E A ARTE

OS QUADROS DE VIZEU

Uma carta do dr. José de Figueiredo, illustre inspector dos museus regionaes

Sr. director de «A Capital».—Tinha resolvido não intervir no assumpto: vinda a Lisboa do retabulo «O Calvario», do Grão Vasco, e isso apesar de ser eu, com o director do muzeu regional de Vizeu, o meu illustre amigo o sr. Francisco de Almeida Moreira, a pessoa que, por mais bem informada, melhor podia esclarecer o publico. Visto, porém, as proporções que o caso assumiu venho por dever do cargo dizer o seguinte:

1.º—Como vogal da commissão de inventario e tratamento da pintura anterior ao seculo XVII, existente em Portugal, vinha ha alguns annos, e depois de o ter já feito anteriormente, examinando repetidas vezes esse e outros paineis do grande pintor quinhentista viziense, tendo-o estudado assim minuciosamente e feito mesmo photographar no conjuncto e em pormenor. Só d'estes se fizeram cinco «clichés».

D'esses exames, um dos quaes foi feito juntamente com o meu amigo e collega da commissão, o professor Luciano Freire, chegou-se á conclusão de que o quadro apesar de bastante avariado não carecia de urgente reparação. E por isso, e de accordo com estes meus amigos e com os nossos outros collegas da commissão, o sr. D. José Pessanha e Manuel de Macedo, resolveu-se esperar pela conclusão de outros trabalhos, todos urgentissimos, que Luciano Freire tinha entre mãos. A proxima vinda de «O Calvario» a Lisboa para tratamento não foi, portanto, motivada pelas noticias agora publicadas nem pela reclamação apresentada no Congresso Superior de Bellas Artes. Era caso já de ha muito resolvido.

2.º—A meu ver o ambiente em que o quadro está teve influencia minima nas avarias que elle apresenta. As causas da sua deterioração foram, sobretudo, além da que justamente aponta o director do muzeu de Vizeu, na carta publicada n'«A Capital» de hontem, outras que nos escapam por falta de conhecimento das tribulações por que o quadro tem passado, mas a que não deve ser estranha a epoca em que o «enriqueceram» com a espectaculosa e detestavel moldura barrôca que lhe adaptaram á primitiva, depois de lh'a terem mutilado eliminando-lhe o conveniente e decorativo «guarda-pó».

E a prova de que foi assim é que as «predellas» que nunca abandonaram o painel principal e que, portanto, «soffreram» com elle a mesma acção do ambiente poucas ou nenhumas outras avarias apresentam além das que, á ponta de prego ou de canivete, lhes fizeram as mascaras dos judeus os vingativos fieis. De resto, os perigos da humidade para os quadros primitivos, a que se attribuem quasi todos os males soffridos pelos paineis d'essas remotas epocas, são, salvo casos especiaes, muito menores do que geralmente se pensa. Sobre o assumpto ha recentes trabalhos scientificos que não deixam duvidas a esse respeito. E a humidade não só não é nociva mas até é indispensavel desde que o seu quantitativo esteja em proporção com o da temperatura, motivo esse porque hoje nos museus bem organisados se tem artificialmente a humidade quando ella é necessaria, havendo para a determinação d'essa necessidade hygrometros perfeitissimos.

3.º—«O Calvario» vem a Lisboa apenas para ser restaurado, demorando-se aqui unicamente o tempo necessario para isso e mais dois mezes, que é o prazo durante o qual ficará em exposição no muzeu a meu cargo, após a conclusão do tratamento. E isto, além de justo, pois seria absurdo não aproveitar essa occasião para o mostrar aos que não possam fazer a viagem a Vizeu, viagem que é, aliaz, hoje commodissima, é ainda de grande conveniencia para esta ultima cidade, que tem tudo a lucrar com o reclamo que essa exposição fará ao seu retabulo.

Não terminarei ainda sem dizer, sr. director, que Vizeu é uma das terras portuguezas onde o amor ás coisas de arte locaes se traduz em factos concretos, merecendo o maior elogio o auxilio prestado pela camara á organisação do respectivo muzeu regional e o devotado zelo com que os srs. Francisco de Almeida Moreira, Almeida e Silva, dr. Affonso de Mello, dr. José Julio Cesar e outros vizienses se empenham pela boa conservação e augmento das collecções da cidade. Tudo o que se diga n'este ponto é pouco, e isso sobretudo fazendo-se o parallelo de Vizeu com outras terras do paiz.

Sou de v. etc.—José de Figueiredo, inspector dos muzeus regionaes.

Poeira da Arcada

João Coutinho continúa crente n'uma restauração monarchica, proxima, ou remota. Vê-se que tem a alma rija, á fé longa. Caso não veja realisados os seus desejos, dará assim á sua biographia uns laivos de sol poente. Os homens que muito esperam a realisação dos seus ideaes perdem um pouco o sentimento da realidade em que vivem. Os seus gestos, as suas palavras e os seus pensamentos, desligados das coisas e dos homens que os tocam, revestem-se d'uma poesia quixotesca cheia de encantos. Adquirem incontestavel direito ao heroismo ingenuo dos que, por uma estrada de rosas e espinhos, chegam ao esquecimento total das suas conveniencias.

***

La Correspondencia de España *promove de 4 a 16 de agosto uma excursão a Portugal, que abrangerá as nossas principaes cidades, monumentos e paisagens. Como entre os dois paizes existem malentendidos e prejuizos varios, bom será que, visitando-nos, os illustres viajantes nos vejam taes quaes somos, para assim nos julgarem com justiça. Temos alguns defeitos, mas bastantes qualidades. Com aquelles e estes se compõe o nosso caracter. Este, apreciado com verdade, garante-nos uma situação lisongeira. A' proporção que formos sendo conhecidos, ganharemos a estima dos estranhos. Abramos, portanto, porta franca aos nossos visinhos. E a proposito...*

Quando é que a Propaganda de Portugal se lembrará de promover a terras de Hespanha uma excursão egual?

***

Ruben Dario, o grande poeta latino de Nicaragua, cahiu doente em Nova York, conhecendo os horrores da miseria. Os seus concidadãos esqueceram-no. No momento em que o desespero já o angustiava, alguem veio em seu auxilio. Quem foi? Estrada Cabrera, presidente da republica de Guatemala. Fêl-o conduzir a Guatemala e tratou-o com os maiores disvelos. Ruben Dario hoje tem um amigo e uma nova patria. Por isso elle, sentindo-se feliz, prepara a obra que assignalará o penultimo quartel da sua vida.

O dr. Theophilo Braga e a imprensa allemã

A proposito de um manifesto dos intellectuaes portuguezes

A «Vossische Zeitung», n'um dos seus numeros do mez passado, reproduz na integra a traducção do documento dirigido ás Academias e Universidades dos povos civilisados pela Academia das Sciencias de Portugal, a proposito do famoso manifesto dos intellectuaes allemães. O documento era, como se sabe, assignado pr. Theophilo Braga, Alfredo Schiappa Monteiro, Antonio Cabreira e Levy Bensabat Agora, o commentario da gazeta allemã:

Quem suppuzer que se trata da *Academia (real) das Sciencias de Lisboa*, fundada em 1779, engana-se. Trata-se da Academia de Sciencias de Portugal, que foi fundada muito recentemente e tem como a outra a sua séde em Lisboa. Mas quem é o fundador d'esta famosa Academia? Nem mais nem menos que o primeiro signatario Theophilo Braga, que na sua primeira phase de presidente da nova republica a creou, depois de ter apparecido tarde e por assim dizer, por portas travessas, nos circulos academicos. Para caracterisar esta collectividade, que intencionalmente escolheu um nome parecido com o da outiga Academia, basta attentar no estilo do seu manifesto.

O auctor d'esta insidiosa noticia, usando processos que são queridos dos allemães, não diz que os trez primeiros signatarios do documento pertencem egualmente á Academia das Sciencias de Lisboa e que o dr. Theophilo Braga é uma das figuras mais justamente conhecidas e reputadas nos meios cultos da Europa e da America. Não o disse—embora possamos affirmar, com a certeza de que não erramos, que o facto lhe não era desconhecido...

Os mortos do 14 de Maio

A camara municipal aprecia o projecto do mauseleu que resolveu dedicar-lhes

Em proposta submettida ao Senado, a camara de Lisboa resolveu mandar construir no cemiterio do Alto de S. João um mausoleu destinado a receber os mortos do 14 de Maio, encarregando desde logo a repartição technica do municipio de elaborar o respectivo projecto architectonico. Esse trabalho artistico, executado pelo architecto tirocinante sr. Edmundo Tavares, um novo que viu já o seu esforço premiado no concurso do Marquez de Pombal, foi hoje presente á commissão executiva, reunida em sessão ordinaria.

O tumulo commemorativo dos combatentes mortos por occasião do movimento revolucionario-constitucional é uma obra singela, mais valendo como tributo de piedosa homenagem do que pelas suas proporções artisticas, visto que a camara lhe destinou uma verba modestissima. No ante-projecto, em que se dá ao mausoleu a maxima altura de seis metros, está orçamentada a despeza em quatro contos.

Compõe-se o monumento d'um cone, assente sobre amplo pedestal, d'um envasamento e d'uma cripta. Esta inscreve-se n'uma cruz grega, em cujos braços serão recolhidos os restos mortaes dos combatentes do 14 de Maio. No cruzeiro destacam-se quatro fortes columnas que servem de appoio á parte superior do sarcophago.

A cobertura da cripta é composta nos extremos dos ramos, pelas meias cupulas que lhe servem de limite, em seguida por arcos de volta inteira e centralmente por uma cupula muito mais elevada que é aberta superiormente, em lanternim, para illuminação e ventilação interiores. O acesso faz-se por uma escada trabalhada n'um dos ramos da escavação.

Do nivel do solo, para cima, encontramos um pequeno muro de resguardo curvado por uma grade de férro fingindo bronze e em seguida um plano inclinado no qual se cavam aberturas a fim de estabelecer illuminação e ventilação.

Sobre este plano inclinado eleva-se o pedestal do monumento, o qual é dividido em pilastras e oito medalhões representando as allegorias ás diversas corporações que no movimento se evidenciaram.

Um entabelamento e uma tabella com a seguinte legenda (14 de maio de 1915) remata esta parte do monumento.

Posteriormente em ponto analogo outra tabella contem os seguintes dizeres: (ás victimas da revolução).

A parte culminante d'este monumento é um cone, como ideia comemorativa e funeraria. Na sua parte anterior e inferior a figura da Patria em alto relevo agita no braço direito o estandarte da revolta e com o braço esquerdo defende altivamente a Constituição, e os restos mortaes dos heroes. Esta estatua é envolvida por attributos referentes á marinha, á guarda fiscal etc.

Superiormente e á parte anterior veem-se as armas da cidade de Lisboa. Na parte posterior do cone abre-se uma fresta para illuminação e ventilação interiores.

O mausoleu será construido em pedra lioz de Pero Pinheiro.

"Sem cura possivel,,

Um novo livro de André Brun

E' ámanhã posto á venda nas livrarias de Lisboa o ultimo livro do nosso camarada de redacção André Brun. *Sem cura possivel* é o remate da serie humoristica a que pertencem *Sem pés nem cabeça* e *Cada vez peor*. Como os dois volumes anteriores, compõe-se d'uma serie de contos e chronicas humoristicas.

A edição é da casa Guimarães & C.ª, da rua do Mundo.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

UMA NOVA ERA COLONIAL

BOTHALANDIA Á PORTA

Como as actuaes circumstancias impõem o desenvolvimento de Angola

A importancia dos territorios portuguezes da Africa Oriental depende, entre outros importantes factores, da circumstancia de n'elles se encontrarem situados os principaes portos de trafico do «hinterland». Assim, Lourenço Marques é antes de tudo a porta natural dos grandes centros mineiros de Johannesburg e Klerksdoop; a Beira, da Rhodesia do Sul, Chinde, Quelimane e Moçambique, da colonia ingleza do Nyassaland.

No littoral de Angola dá-se um phenomeno semelhante, mais caracteristico ainda sob determinados pontos de vista. Se o Lobito, n'um futuro proximo, ha de transformar-se no prodigioso porto de commercio da região riquissima de Katanga, tambem Mossamedes, Porto Alexandre e a bahia dos Tigres hão de representar um papel de destaque como portas de entrada para a Bothalandia, esse novo estado que a União Sul Africana acaba de annexar após o esforço conquistador das suas tropas nas desoladas terras da antiga colonia allemã do Sudoeste.

O valor da Bothalandia está longe de corresponder á sua enorme extensão. A unica occupação agricola que parece dar ali excellentes resultados é a pecuaria.

Mas, de norte a sul, encontram-se alguns centros mineiros de grande importancia, tendo nos ultimos annos tomado grande incremento a exploração dos areaes diamantiferos e a dos jazigos de cobre em Otavi, proximo do local onde acabam de capitular as ultimas forças allemãs.

Em toda a extensão do littoral, que é enorme, só ha dois portos razoaveis: Walfish-bay e Angra Pequena, quasi ao sul do territorio. Esses mesmos estão longe de egualar em qualidades naturaes qualquer dos nossos fundeadouros da bahia dos Tigres ou de Porto Alexandre. E' naturalissimo suppôr que, apenas termine a guerra, a conveniencia propria nos imponha o dever de construirmos uma linha ferrea que, partindo da bahia dos Tigres, vá encontrar o Cunene a algumas dezenas de kilometros da foz, de onde, em territorio da Bothalandia, os inglezes farão o seu prolongamento até Otavi. Não vem tambem certamente longe o dia em que d'este ultimo centro, por Tsumeb ou por Grootfontein, um novo caminho de ferro vá entroncar com o da Rhodesia na altura de Victoria-Falls. Teremos assim o primeiro grande caminho de ferro transcontinental em Africa, ligando o Atlantico com o Indico, e com os dois extremos em territorio portuguez.

Quanto á linha de Mossamedes, que actualmente se pensa remodelar e prolongar até ao Lubango, não é menos importante a sua utilidade. O prolongamento do Lubango em deante, pelo valle do Caculovar e do Cunene, virá a encontrar a linha Bahia dos Tigres-Otavi pouco mais ou menos nas alturas de Reoboth, uns oitenta kilometros ao sul da nossa fronteira da Naulila. Este prolongamento será indispensavel para completa utilisação do Planalto, cuja colonisação e agricultura só então póde convenientemente desenvolver-se. Dois mercados ficam assim abertos a esse futuro centro de producção: o maritimo, por Mossamedes, e o terrestre, que consiste no abastecimento da Bothalandia (onde, como vimos, é precaria a agricultura), pelo sul.

A urgencia de se activarem os trabalhos da linha do Lobito vae tambem tornar-se cada vez mais instante. E' preciso que o governo portuguez encontre, em habeis negociações com a respectiva companhia, a maneira de procurar os capitaes necessarios á sua rapida conclusão. Sabe-se que a tentativa allemã de participar n'esses trabalhos com vastos capitaes falhou em virtude da guerra. Mas a necessidade de procurar á Africa Central uma sahida commoda para o mar, valorisando ao mesmo tempo os immensos territorios que se estendem desde o Huambo á nossa fronteira de leste, subsiste cada vez mais imperiosa. De futuro, este caminho de ferro fará parte de uma outra linha transafricana, ligando o Atlantico ao Indico, onde a testa é egualmente no nosso porto da Beira.

Outra via de communicação accelerada: Loanda-Malange. Como todos sabem, o troço pertencente ao Estado vegeta na dependencia de uma companhia, a de Ambaca, que bastante tem contribuido para o atrazo em que se encontram as nossas coisas de Angola. A questão de Ambaca, regularisada por fórma que o caminho de ferro passe, integro, para as mãos do Estado, o seu prolongamento até Cassange e Lunda e porventura a sua ligação com o projectado caminho de ferro belga da região do Cassai—e teremos dado um grande passo para a prosperidade de Angola.

Resta-nos ainda falar de um pequeno caminho de ferro a que já por vezes temos alludido: o do enclave de Cabinda. E' uma empreza facilima: algumas dezenas de kilometros de via a assentar entre Cabinda e cotovello do Chiloango, e teriamos resolvido o problema do trafico com a fertilissma região de Mayombe, aonde já se encontram florescentes plantações de café e cacau.

Todos estes emprehendimentos, que esboçamos nas suas linhas geraes, exigem um esforço da nossa parte. A Bothalandia está á porta, e á porta ficará, como estava, o Congo belga e a Rhodesia do Norte. E' preciso que trabalhemos—e que deixemos trabalhar. Porque, se porventura o não fizermos, não faltarão depois os commentadores habituaes de todos os nossos insuccessos lançando, como um pio de ave agoirenta, os seus confusos raciocinios e recriminações e invariavelmente terminando misteriosas considerações sobre o caso com phrases lapidares do genero d'esta:

—E vae d'ahi, a União Sul Africana...

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 15.—Official — No dia 12 o inimigo passou o Nareff; no dia seguinte occupou a margem direita, onde se apoderou das nossas trincheiras n'uma extensão de duas verstas mas foi d'ali desalojado pelo nosso contra-ataque.

Importantes forças inimigas avançam entre o rio Orjitz e Lydynia sem travar combate definitivo. As nossas tropas retiraram para a segunda linha. *(Havas)*.

As operações na França e na Belgica

PARIS, 14.—Communicação official de hoje ás 23 horas. Na Belgica o inimigo bombardeou Furnes e Ostdunkerke. Como represalia fizemos tiros sobre os acantonamentos allemães de Middelkuke.

Na região ao norte do Arras os allemães tentaram por duas vezes, mas em vão, sahir das suas trincheiras, perto de Souchez. Em todo este sector foi continuo o canhoneio. Em Arras o bairro da cathedral soffreu particularmente o bombardeamento inimigo. Foram mortos 3 individuos da classe civil. No vale do Aisne acção de artilharia bastante violenta. Na Argonne atacámos desde a região a oeste da estrada do Binarville a Vienne-le-Chateau até «Maria Thereza» e em varios pontos estabelecemo-nos nas trincheiras allemãs. A oeste da floresta de Argonne os nossos ataques foram além da estrada do Servon e asseguraram-nos a posse de um pequeno bosque, conhecido pelo nome de *Bosque de Beaurrain*. Entre «Maria Thereza» e Haute Chevauchée os ganhos que o inimigo poude realisar hontem não excedem quatrocentos metros em parte alguma. Nos Vosges violento bombardeamento em La Fontenelle.

A nossa aviação, proseguindo nas suas emprezas de bombardeamento, conseguiu hontem operar a destruição da importante gare de Libercou e da bifurcação militar entre Doudi e Lille. Uma esquadra de 20 aviões lançou 24 granadas de 90 e 16 granadas de 155 sobre os edificios e vias. Os aviões e os canhões que acompanhavam a esquadra bombardearam um comboio que parou entre as duas gares e obrigaram um aeroplano, genero Albatroz, a aterrar.—*(Havas)*

Noticias parlamentares

Na sessão d'ámanhã, o sr. Ernesto de Vilhena, relator do orçamento das despezas do ministerio das finanças, enviará para a mesa o respectivo parecer, no qual, ao que se diz, se conteem disposições bem interessantes. Consta, por exemplo, que o augmento da divida fluctuante fará com que a verba orçamental destinada ao pagamento dos encargos que essa divida traz suba de 3.100 a quatro mil cento e tantos contos, importancia essa que não é ainda considerada exaggerada para o pagamento integral dos juros de todos os titulos representantes da mesma divida.

***

Vão chegando os retardatarios. Os ultimos eleitos, a pouco e pouco, tomam o seu logar sob a cupula acolhedora de S. Bento. Hoje, compareceu o sr. Helder Ribeiro, que teve uns poucos de collegas a acolhel-o, tal e qual como n'outros tempos, á entrada de S. Bento, se recebiam os noviços. Poucos faltam, dos do continente; e os das colonias, parece que já veem a caminho, n'um pobre calhambeque cançado, que ninguem pode dizer quando chegará. Pois que seja quantos antes, para que a extrema direita engrosse um pouco mais.

***

O sr. Alvaro de Castro soltou na Ca-

FOLHETIM D'A CAPITAL 15-7-915

O perigo amarello

A proposito da visita do czar Alexandre a Paris, e da exaggeração com que os parisienses descreveram as festas que lhe dedicaram, dizia o divino Eça que semelhante exaggeração era apenas um excellente systema desde longos annos adoptado pela imprensa de Paris, e que consiste em affirmar com afouta certeza, sem escrupulos e sem pudores, que tudo quanto se diz ou se faz em Paris é perfeito, do mais nobre gosto, de um esplendor soberbo, e desmedidamente superior ao que se faz e diz nas outras nações subalternas. Eça indica que nós deviamos com sofreguidão seguir em Portugal e Brazil esse lucrativo systema, e explica-lhe as vantagens na sua prosa de cristal e oiro. Tem vinte annos, talvez, o conselho do Mestre. E com tudo, seguindo-lhe mais o exemplo do que a palavra, nós continuamos a dizer laboriosamente mal do que é nosso, e de nós mesmos tambem.

Confessando a minha obscura mas incansavel parte na dissolvente tarefa, surprehendi-me exhaurido de maledicencia de consumo interno e pensei em que era tempo de produzir má-lingua de exportação. Dizer mal não custa nada, está ao alcance de todos os recursos, e se constitue um producto genuinamente nacional, não deixaria de ser bem acceite entre consumidores como os de Paris, cançados do seu sistema, e por certo ávidos de artigos exoticos. Como porém, dizer mal da França, mãe espiritual de todos nós, destruidora de privilegios, preconceitos e despotismos, sentinella sempre desperta de todas as liberdades, bella, grande, heroica, inegualavel? Outro mercado se impunha, e eis que o Japão apparece, no momento em que os jornaes o annunciam conluiado com a Russia para uma collaboração de quinhentos mil homens na guerra.

Eu nunca tive simpathia por outras raças além da minha, e o japonez, como o chinez, provocaram sempre em mim uma repugnancia phisica. A côr da sua pelle, viscosa, turva, curtida, não attrahe, e a mascara de um japonez, como a mascara de um chinez, parece vista n'um espelho deformador que as torna caricaturaes. Europeisado, com barbichas á Guise, de uniforme ou casaca, o japonez dá ainda a impressão grotesca de um general dominiquino, agaloado, empenachado, coberto de gran-cruzes,—e descalço. A sua civilisação apparece-me feita de cartão endurecido, em paisagens de biombo. Nos aspectos das suas ruas e dos seus jardins, onde predominam mulheres que lembram borboletas, e carregadores de cuecas que lembram vareiros, o maximo movimento apparece exercido por homens que desempenham funcções de pilecas, atrelados sem dignidade ao «pousse-pousse», e conduzindo creaturinhas que parecem «bibelots». Nenhuma consistencia. Tudo feito de papel, os lençoes e os balões, os cortinados e as velas dos barcos, envernizadas a charão. Nos predios e nos pavilhões, leves e frageis como gaiolas de melros, varandins de bambu com amarras de raphia. Nenhum animal possante ao serviço do homem, a não ser talvez o boi ou o zebú, mas esses mesmos adaptados ás estaturas locaes, e com elles a mula, entre nós secularmente considerada um animal de puxar bispos. Livre das suas imitações e adaptações europeias, com o rabicho dos antepassados e o bigode correndo em duas linhas ao canto da bocca, os olhos obliquos, convergentes, reluzentes e falsos, como se fôssem feitos na Marinha Grande, o japonez seria talvez um animal de jardim zoologico, onde entraria revestido de uma tão resignada paciencia como aquella que teria para contar os pellos de um carneiro. De outro modo será difficil acceital-o, como é difficil acceitar o tio Sam sem uma pêra, John Bull sem uma cartola de trintanario, um preto sem tanga e um hespanhol sem alpercatas.

***

Armado d'estas fundamentaes razões e d'estas impressões iniciaes, eu propuz-me dizer mais mal dos japonezes do que um evolucionista diria de um democratico, ou antes pelo contrario. Se a Europa temia o perigo amarello, a intervenção dos japonezes na guerra seria o escancaramento das nossas portas a esse perigo. Investiguei. Procurei argumentos e pontos vulneraveis, que me permittissem uma data de maledicencia viperina. Pois bem, não encontrei, e se o japonez continuou a meus olhos antipathico de figura, não continuou antipathico de obras. Vi n'elle um espirito de uma sagacidade extrema e de uma actividade sem limites. A sua arte, uma para maravilha de elegancia, de originalidade, de vivacidade, de graça e de expressão. Pensou um dia em ser grande e foi enorme. Viu que toda a supremacia reside na força e tornou-se temido. Se a Europa era forte porque estava armada, elle armou-se até aos dentes. Se era independente pelos progressos da sua industria, elle ultrapassou esses progressos. Se era rica pelo seu commercio, lançou-se nos negocios. Com a sua força, o seu trabalho, a sua riqueza, tornou-se tambem independente; com a sua independencia constituiu-se n'um elemento de civilisação necessario. Supprimiu o rabicho, e preferiu deixar crescer a caspa a ter de escanhoar o craneo. As suas unhas, enroscadas como macarrões, que o impediam de trabalhar e visitar o nariz, cortou-as. Transformou o seu lar n'um thesouro de amor e o seu cofre n'uma garantia de prosperidade. Todos os trambolhos, todos os estorvos, o calçado apertado e os kimonos restrictos, tudo o que lhe impedia os movimentos atirou-o fóra e caminhou. Creou arsenaes, fundou estaleiros, installou officinas, abasteceu armazens, abriu escolas, procurou mercados, nos laboratorios collocou sabios, nas escolas professores, nos navios poz almirantes, nos quarteis generaes, e fez de um logar,—uma patria. Em certa medida desnacionalisou-se. Mas é tão grande e tão forte a sua originalidade, que por muito que se esbata, adelgace e dilua fica ainda inconfundivel. Com a sua arte maravilhosa e rara, os productos dos seus «ateliers» e das suas officinas (na accepção que um portuguez pode dar a estas duas palavras), as suas faianças e os seus esmaltes, as suas lacas e as suas porcelanas, os seus bronzes e as suas incrustações, o seu mobiliario e a sua joalheria, toda a variedade, toda a phantasia, todo o gosto, o japonez não esqueceu as lettras, (todo o saber e toda a imaginação), possuindo uma litteratura rica: como nós possuimos uma circulação fiduciaria abundante e um céu azul purissimo. E para julgar da importancia dos seus livros, basta lembrar que emquanto os francezes resumem todo o saber humano em 17 frageis encadernações, e lhe chamam simplesmente «Larousse», os japonezes armazenam tudo em 105 volumes e dão-lhe este simpathico e fluente nome de «Wa-Kan-sau-saï-du-yé». Por ultimo, pondo de parte a religião presidida por um confucio ainda não separado do Estado, e na qual impera o bonzo como entre nós impera o padre, o Japão dispõe ainda de um parlamento com duas camaras, onde o cidadão lindamente pode descompôr-se,—e de um chá admiravel. Que mais querem que se deseje para a grandeza de um territorio, de um povo e de um regimen? Por muito amarello que tudo isto seja é licito consideral-o um perigo? Nunca! Quinhentos mil japonezes na guerra são alguma coisa de apreciavel e desejavel, tanto mais que, por muito mau tambem que o japonez fôsse, o allemão, tal como o temos visto, é muitissimo peor.

Guedes de Oliveira

ULTIMAS NOTICIAS

mara a voz aterrorisadora. A hora de se fazerem largas economias chegou e não podem sanccionar-se novas despezas. Por sua banda, rejeitará quantos pareceres, venham d'onde vierem, que tragam mais encargos para o Estado. Só assim se evitará que as despezas cresçam de maneira fabulosa. E' a sã doutrina, não ha duvida. Resta vêr se esta Camara, ao contrario do que a antecedeu, está disposta a transformal-a em regra de vida. Se assim fôr, oh! pretendentes, como todas as vossas ambições de bem servir o paiz irão pela agua abaixo!

**

O rev. José Maria Gomes teve hoje, na Camara, a sua primeira escaramuça violenta. Por via d'uma questão quasi mesquinha, a sua eloquencia levou-o a fazer desencadear á sua roda uma tormenta que chegou a pôr-lhe em grave risco a integridade pessoal. E' um gordo, o sr. conego Gomes, e como tal, homem de gesto lento e de mechanica difficil. A voz não lhe dá as entonações que fulminam, antes lhe amortece as apostrophes, afogando-as n'uma resonancia inimiga irreductivel da violencia. D'ahi, a crueza do ataque e o impotente esforço da defeza. Que se acautele, o sr. conego Gomes, bem minhoto e pessoa sadia. Para se ter desembaraço de lingua, é quasi sempre preciso que os braços sejam ageis para acompanharem a palavra com o gesto. De contrario... A lição d'hoje é eloquente.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Guardas Nocturnos de Lisboa

Para resolver sobre a fundação da caixa de reforma, reune a assembleia geral no dia 18, ás 12 horas.

NATURISMO

"Ata-Yoga"

Com esta epigraphe um tanto ou quanto cabalistica aos meus olhos de occidental, acaba o conhecido livreiro editor A. M. Teixeira (17 Praça dos Restauradores, Lisboa) de lançar a publico e me offertar, com uma dedicatoria sensibilisante perante a minha pertinacia naturista, um verdadeiro manual da arte de viver com saude. O seu auctor, Yoghi-Ramacia-raca, é um homem intelligente e que encara o problema da vida com um grande poder de observação. O traductor, sr. Lopes de Souza, desempenhou-se com verdadeira comprehensão do arduo trabalho, vertendo para o melhor vernaculo o trabalho indiano agora editado.

Ata-Yoga é um compendio de naturologia, interpretada pelo criterio espiritualista indiano. Todos os 32 capitulos d'esta obra ensinam a ter saude, a ser forte, vigoroso e calmo na vida. Aprende-se a respirar, a comer, a descançar e a dormir. Manda regressar o homem á natureza tanto quanto possivel. Refere-se ao prana, espirito vital. Na minha opinião prana é o azote do ar que o homem normal assimila directamente da atmosphera, pelo pulmão e pela pelle. Interpretado o prana por esta maneira positiva, nem por isso deixa de ser o livro valiosissimo. Recommendo aos meus leitores este tomo de 350 paginas. Contem praticas magnificas que levadas á risca dão saude e longividade. Fez um belo serviço o editor nosso amigo, com a publicação do *Ata-Yoga*.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Circos & Music-halls

Realisa-se hoje no Coliseu dos Recreios um espectaculo em que se estreiam as celebres e formosas «Hermanas España», duettistas comicas, que veem precedidas de grande fama. Os programmas das duas sessões são os seguintes: Primeira sessão —A's 9 horas—1.ª parte (animatographo) —1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º «A cobra»; 3.º «Lições de amor».—Intervalo— 2.ª parte (variétés)—1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º Los Alpinos, concertistas; 3.º Silva Carvalho, cançonetista transformista; 4.º Mariucha, bailarina.—Intervalo —3.ª parte (animatographo)—1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º «Habitantes dos subterraneos», 3 partes, dramatica; 3.º «Polidor e os gatos», comica.

Segunda sessão—A's 10 e meia—1.ª parte (animatographo)—1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º «Despertar de Polichinello»; 3.º «Cebolinho, pintor celebre», comica.— 2.ª parte (variétés)—1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º Estreia das «Hermanas España», duettistas; 3.º Julio Villar, comediante parodista. 3.ª parte (animatographo)—1.º Simphonia, pela orchestra; 2.º «Vigia a tua sobrinha», 2 partes; 3.º Da gloria ao occaso».

—Chegou hoje a Lisboa o famoso comediante Little Walter. Na gare era esperado por grande numero de amigos, emprezarios, artistas e pelos seus graciosos filhos Petits Walter.

—O theatro Salão dos Anjos vae representar um drama em 4 actos, para as plateias populares, interrompendo a sua serie de representações de variedades.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 —Variedades e animatographo.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate.

Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos deputados

Interrompe-se a sessão por causa d'um incidente levantado a proposito do sr. Pimenta de Castro — Vota-se o orçamento das receitas

Preside o sr. Azevedo Coutinho, que abre a sessão minutos depois das 15 horas, com 76 deputados. Approva-se a acta. Admittem-se varios projectos de lei. Do governo, estão os srs. ministros da justiça e das finanças. O sr. Domingos Cruz chama a attenção da Camara para a situação em que se encontram as praças da armada, quando reformadas, e desejaria que no orçamento se inscrevesse a verba de cinco contos para a melhorar. O sr. Ramos da Costa apresenta um projecto de lei sobre contribuição industrial, que augmentará as receitas, caso a Camara o approve, em algumas centenas de contos. O sr. Constancio de Oliveira diz que o projecto de lei referente ás pharmacias é inconveniente para as das Misericordias e de soccorros mutuos, motivo por que á Camara vae ser dirigido um protesto que elle, orador, transformará, no devido tempo, em projecto de lei. O sr. José Augusto Pereira apresenta um projecto municipalisando os serviços da illuminação electrica em Vizeu. O sr. Almeida Ribeiro chama a attenção do governo para o facto das camaras municipaes não cumprirem aquellas disposições do novo codigo administrativo que augmentaram os ordenados aos funcionarios municipaes. O sr. ministro do interior explica que se trata de um ponto de direito importante que é preciso esclarecer. Entende que o codigo ainda não está em vigor, na parte referida pelo sr. Almeida Ribeiro. Os funccionarios das camaras, por ora, só podem ser pagos pelo codigo de 1896. O ministro do interior fez já expedir uma circular, que não representando interferencia na vida municipal se destina apenas a acautelar direitos que não podem ser esquecidos. A questão só será sanada quando a Camara approvar o novo codigo.

O sr. Almeida Ribeiro explica que a portaria a que o sr. ministro se referiu se limitou apenas a prohibir as camaras de augmentarem os ordenados aos seus empregados, não percebendo como ella acautella direitos adquiridos. O sr. ministro do interior responde lendo a portaria em questão e dizendo que ella é datada de outubro de 1914. A descentralisação administrativa não pode ser apenas uma aspiração generosa do Parlamento, porque tem de ser o fructo de uma persistente campanha democratica. E, por ora, as corporações locaes ainda não dispensam o amparo do poder central. O sr. Aresta Branco apresenta um protesto do antigo guarda-mór de saude da Ilha Terceira, no qual esse funccionario se queixa de ter sido indevidamente reformado com oitenta por cento do seu ordenado. O orador insurge-se tambem contra a transferencia para Faro do regimento de infantaria 4, que sempre teve a sua séde em Tavira, aonde ha um magnifico quartel militar. De resto, ninguem o convence de que a distribuição das forças militares pelo paiz se fez de harmonia com as necessidades da defeza nacional. O sr. presidente do ministerio, em resposta, justifica a transferencia do referido corpo e diz que Faro se impoz para isso.

O sr. Aresta Branco—Bem sei, Faro quiz *gaita*.

O orador insiste em que se limitou a cumprir a lei de 1911. O batalhão de infantaria 4, devia, de ha muito, ter a séde em Faro, para onde não foi ha mais tempo por não haver installações. Mas desde que a camara de Faro tomou sobre si todas as despezas a fazer, não poude deixar de respeitar o que se encontra legislado. O sr. José Maria Gomes, depois de proferir algumas palavras que não se ouvem, critica a forma como está redigido o summario de aquella sessão em que um deputado, referindo-se ao sr. Pimenta de Castro, lhe chamou «Pimenta da India». Tem um pouco de vergonha que tal expressão se encontre no Summario das sessões. De resto, o sr. Pimento de Castro, que é um homem illustre, é um vencido, e com os vencidos é preciso ser generoso.

O sr. Marques da Costa.—Mas compare v. ex.ª a generosidade com que o temos tratado com aquella com que elle tratou *os outros!*

O orador.—Não ouço! Venha v. ex.ª falar aqui, mais perto!

E, continuando, o sr. conego Gomes continúa a fazer o elogio do chefe do governo da dictadura e a condemnar a redacção do *Summario*, por a considerar pouco politica.

—Classifico-a assim, esclarece, para não ser mais cruel!

Começa a haver grande agitação. Da esquerda partem exclamações indignadas contra o orador, em volta de quem os seus correligionarios se agrupam. O sr. Pires de Carvalho, *mesmo* junto do orador, que não deixa de falar, sacode os punhos cerrados e bate furiosamente na carteira.

—O sr. Pimenta de Castro é um general, que não vilependiou o exercito! exclama o orador.

Foi a ultima braza atirada para a polvora, prestes a incendiar-se e a explodir. O sr. Ribeira Brava intervem exaltadissimo, caminhando aggressivo para o sr. José Maria Gomes.

O presidente agita baldadamente a campainha. O socego não se restabelece e o presidente, como a agitação ameace transformar-se em tumulto, põe o chapeu e interrompe a sessão. Mas nem assim o incidente se liquida. Os animos continuam exaltadissimos, e como haja iminentes varios conflictos pessoaes, acodem pressurosos varios deputados dos mais serenos, no desejo de evitar que as coisas vão a mais. Por fim, o sr. Ribeira Brava acalma-se, o sr. José Maria Gomes põe termo ás suas considerações e aquelle chuveiro de phrases de toda a ordem que encheu a sala por minutos deu, por fim, logar á placida tranquillidade, que succede sempre ás grandes tormentas.

Reaberta a sessão, entra-se na ordem do dia. O sr. Alvaro de Castro reata o debate sobre o orçamento das receitas. Allude á nossa situação financeira e affirma que é preciso que quem tem responsabilidades n'essa situação as assuma e as não engeite. Depois, fez varias considerações sobre o rendimento dos impostos directos e indirectos, affirma que a situação financeira do paiz não é tão má como muitos dos que vêem pelo peor aspecto querem fazer acreditar. Cita, para reforçar essa sua opinião, a circumstancia de terem augmentado muito as quantias entregues na Caixa Geral dos Depositos, as quaes triplicaram comparadas com o que eram no tempo da monarchia. Quanto aos duodecimos, entende que a responsabilidade que d'elles advem pertence áquelles que não fizeram as eleições no devido tempo. Por esse motivo não se approvou, quando a Constituição manda, o orçamento geral do Estado. Termina dizendo que a hora das economias chegou e que é absolutamente preciso não augmentar de modo nenhum as despezas.

O sr. Ernesto de Vilhena diz que a metropole não tem o direito de reter em seu poder quantias que ás colonias pertencem e de que absolutamente necessitam para o seu desenvolvimento economico. Não lhe entregar essas importancias será uma curiosa maneira de pagar dividas, mas ninguem lhe chamará justa. Se tal doutrina passasse em julgado, ás colonias assistia tambem o direito de não pagarem á metropole o que á mesma metropole devessem. Propõe que no orçamento se inscreva uma verba destinada ao pagamento dos juros das quantias devidas ás colonias.

Exgotada a inscripção, o orçamento é approvado na generalidade. Na especialidade a votação faz-se por capitulos e sem discussão.

O sr. Bernardo Lucas reclama que se pague quanto antes, e de futuro em dia, aos professores de Vallongo. O sr. ministro das finanças promette transmittir a reclamação ao seu collega da instrucção. O sr. Alexandre Braga referindo-se ao incidente levantado pelo sr. José Maria Gomes, diz que a maioria não consente que se façam referencias ao dictador ou á dictadura, considerando, collectiva e individualmente, como uma affronta que lhe é dirigida toda e qualquer referencia elogiosa que ao dictador, que enxovalhou o Parlamento, se faça. Crê que, de futuro, o incidente não virá a repetir-se, porque a maioria o não consentirá. O sr. Antonio José d'Almeida, commentando as declarações do leader democratico, diz que ellas estão bem quando se referem ao partido evolucionista e dizem que elle, pela sua penna, protestou contra a violencia que não permittia que o Parlamento funccionasse.

Mas isso não basta. E' preciso que a maioria lhe diga se está resolvida a coartar-lhe o direito de se referir quando o julgar justo e opportuno ao governo do sr. Pimenta de Castro. Apoiou esse governo e terá de dizer no Parlamento por que o fez. Consente-lh'o a maioria? Precisa de o saber, para saber ainda se é ou não prisioneiro ou serventuario da maioria parlamentar. Entrou no Parlamento com um diploma honrado, que ha de honrar. Julga dispensavel a violencia, mas se ella se exercer a opposição evolucionista retirar-se-ha da camara, por n'ella não poder continuar.

O sr. Alexandre Braga congratula-se pelo effeito que tiveram as suas palavras, porque lhe dão ensejo de desfazer um equivoco que se formou no espirito do sr. Antonio José d'Almeida. A maioria não quer coartar o direito de ninguem.

Qualquer deputado pode justificar o seu procedimento politico, mas uma coisa é isso, e outra o vir fazer como que uma provocação áquelles que foram roubados nos seus direitos, o elogio d'aquelle que pretendeu enxovalhar o Parlamento e derrubar as regalias parlamentares, enxovalhando assim as instituições, como as enxovalharia exaltando a monarchia dos adeantamentos. O dictador enxovalhou todos os partidos da Republica. Por isso, não póde admittir-se que no Parlamento se erga uma voz, seja qual fôr, para o defender. E' isso o que a maioria julga uma offensa, estando disposta a não o permittir, porque não pode permittir injurias, visto ser constituida por homens dignos e homens de honra, para quem só é digno de nojo aquelle que quiz fazer d'esta raça uma recua de escravos submissos e que por pouco não se transformou em assassino covarde da Republica.

A Republica, d'uma vez para sempre, tem de ficar livre de aventureiros d'essa natureza.

O sr. Antonio José d'Almeida diz que o sr. Alexandre Braga nem respondeu com clareza á sua pergunta nem desfez as duvidas que lhe haviam nascido no espirito. Ou lhe dão toda a liberdade de que necessita para cumprir o seu dever, ou prescinde da parcella minima que querem conceder lhe.

Para justificar os seus actos e o seu apoio ao governo Pimenta de Castro, terá de o elogiar. E como ha de fazel-o, sem que da maioria se erga uma voz a dizer-lhe que se cale, porque a enxovalha e a injuria? Essa tirania seria estupenda e attentatoria da palavra justiça, que n'esta hora d'angustia tantas boccas anciosas andam a espalhar pelo mundo.

A Historia ha de dizer quem tem razão, mas, para que elle possa pronunciar-se, é preciso que possa falar sem hesitações. Quando elle tiver de defender actos de Pimenta de Castro, que o oiçam, como elle ouvirá aquelles que o accusarem. Volta a referir que preferirá, com os seus amigos retirar-se, a deixar-se ficar, sem poder dizer o que pensa. Dictadura, nenhuma. Nem a do executivo nem a parlamentar. E em nome da Republica sagrada, pede a todos que a sirvam e que lhe deem o seu amor, porque só assim ella será altiva e grande.

O sr. Alexandre Braga affirma que apenas quiz ser o interprete dos seus correligionarios. E repete que a não permissão de incidentes como o de hoje não pódo ser tida á conta de imposição, porque não é mais do que um acto de espontaneo protesto, sahido do mais fundo dos corações que o promovem outra attitude a maioria não pode ter. Fica assim definida, como era preciso, a attitude da maioria. E dizendo isso, dá por findo o incidente.

O sr. Antonio José d'Almeida insiste em que pretendem coarctar-lhe os seus direitos de critica, ameaçando-o no devido momento. Pois bem, quando pretenderem coarctar-lhe os seus direitos ir-se-ha. E exclama:

—Fiquem os srs. sósinhos, que nós ficaremos em paz com as nossas consciencias!

Em seguida encerra-se a sessão.

No Senado

Presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches.

A' chamada, feita ás 14,35, responderam 26 senadores.

Na bancada do governo, o sr. ministro das colonias.

A acta foi approvada sem discussão, e, lido o expediente, entrou-se nos trabalhos de antes da ordem do dia.

O sr. Teixeira Rebello volta a pugnar pelo Douro, entendendo que o sul se devia limitar a produzir vinhos para aguardente, que o norte consumiria, e outros para seu gasto, deixando os restantes terrenos para a cultura de cereaes.

O sr. Alberto da Silveira pergunta ao sr. ministro das colonias, em vista de sua ex.ª ter apresentado uma proposta para a nomeação de novo governador da Guiné, se já foi exonerado o governador que lá está.

O sr. ministro das colonias responde que ainda não foi, mas vae ser.

O sr. Alberto da Silveira estranha então que, á maneira antiga, se queira nomear um governador sem primeiro se demittir o que vae ser substituido. E' um mau principio com o qual o parlamento se não pode conformar.

O sr. ministro das colonias declara que a substituição é necessaria para a administração d'aquella colonia e que ao mesmo tempo que fizera a proposta mandára lavrar o decreto da exoneração.

O sr. Celestino d'Almeida lê uma local publicada n'«A Capital», acerca da censura telegraphica imposta a uns telegrammas que uma senhora ingleza, Alice Oran, correspondente de jornaes inglezes, quiz mandar para o seu paiz. Diz que esses telegrammas eram inoffensivos, e outros casos semelhantes cita, pedindo providencias para o excesso de zelo da censura telegraphica nos correios de Lisboa.

O sr. ministro do fomento explica a censura exercida, nos casos a que se referiu o sr. Celestino de Almeida, pela gravidade do momento para o paiz e pelos inconvenientes que muitas vezes ha em espalhar lá fóra factos que interessam á nossa vida publica, e fazendo-o tendenciosamente. Não é por prazer, mas conveniencia nacional, que o governo manda exercer a censura. A propria imprensa portugueza ultimamente se tem cohibido honrosamente de dar publicidade a factos que é inconveniente ou inopportuno narrar.

Passa-se á ordem do dia.

Faz-se a chamada; começam a cahir nas urnas as espheras brancas e pretas, verificando-se, ao fim, que por unanimidade havia sido eleito o sr. José Antonio de Andrade Sequeira, conforme a proposta do sr. ministro das colonias.

Sem discussão foi approvado o projecto de lei auctorisando a Camara Municipal do Porto a contrahir um emprestimo de 3.000 contos para a execução dos novos arruamentos d'aquella cidade.

Passa-se ao projecto reintegrando no magisterio primario, quando o requeiram, sem obrigação de apresentarem diploma da Escola Normal, os antigos professores que legalmente tenham sido nomeados e exercido o magisterio primario durante, pelo menos, tres annos com bom e effectivo serviço.

O sr. Lourenço Sêrro não concorda com algumas condições da lei, porque é feita para 4 ou 5 professores, devendo antes ter um caracter geral.

Os srs. Sousa Junior e Silva Barreto, da commissão de instrucção, justificam o projecto, que foi depois approvado.

Approva-se depois, sem discussão, o projecto de lei considerando incluidos no artigo 386 da pauta das alfandegas em vigor os chapeus de pasta que usam os mineiros durante o trabalho no interior das minas.

Da mesma forma foi approvado o projecto de lei determinando que o praso de validade do decreto n.º 152 de 27 de setembro de 1913 seja ampliado até que entre em vigor um novo convenio commercial com a Hespanha.

E estando assim esgotada a ordem do dia, foi encerrada a sessão, sendo a seguinte marcada para amanhã.

NOTA POLITICA

O incidente de hoje na Camara

Deu-se hoje novo incidente na Camara que motivou a interrupção dos trabalhos. Exactamente como da primeira vez, o incidente foi provocado por quaesquer referencias feitas ao sr. Pimenta de Castro.

Todos devem capacitar-se de que é cedo «ainda» para se proferir o elogio dos dictadores, dos homens que, conscientemente ou insensatamente, lançaram a Republica á beira d'um abysmo, d'onde só foi possivel tiral-a por meio de revolução. Todos devem capacitar-se d'isso, não usando nem abusando da situação de vencidos para a tentativa d'uma glorificação que nos parece imprudente e perigosa. Mas é preciso tambem dizer-se que não deve a maioria dar pretextos, ligeiros que sejam, para se affirmar que a simples citação do nome dos dictadores dentro do Congresso provoca a balburdia, a exasperação dos animos, não podendo os elementos opposicionistas justificar e expôr o sentido exacto das suas palavras.

A Historia tem de fazer-se, ha de fazer-se, não com invectivas ou phrases violentas, mas com serenidade, com a fria lucidez do raciocinio, porque só ella é compativel com os dictames da verdade e da justiça. Serenamente, sem rasgos de paixão politica, ha de provar-se todo o mal que á sociedade portugueza causou a dictadura. E até lá, até que se faça esse definitivo julgamento de responsabilidades, melhor seria que no Congresso se trabalhasse, evitando todos os incidentes susceptiveis de causarem uma irritabilidade que não se compadece, na hora que atravessamos, com os supremos interesses da Republica.

Fallecimentos

Na sua casa do Poço do Borratem, 33, 1.º, falleceu esta madrugada, após uma grave enfermidade, a sr.ª D. Gertrudes d'Oliveira e Silva, esposa do velho propagandista do movimento operario sr. Agostinho José da Silva, mãe da sr.ª D. Alice Silva Lima e sogra do sr. Henrique Lima, estabelecido com typographia na calçada de Santo André, 79. O funeral realisa-se ámanhã, ás 15 horas, para o cemiterio oriental.

Dr. Affonso Costa

Manteem-se as melhoras

Não se confirmam, felizmente, as noticias da madrugada sobre a saude do sr. dr. Affonso Costa. O illustre enfermo continua mantendo as melhoras hontem e ante-hontem manifestadas, como o confirma o seguinte boletim, affixado ás 12 horas e assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery: pulso, 60; respiração, 20; temperatura 37,1. Mesmo estado. As 14,45 a temperatura accusava 36,9.

As 11 horas o doente almoçou um linguado, trez laranjas, um pouco de doce de compota.

O sr. dr. Madureira, que ficára durante a noite, foi substituido de manhã pelos srs. drs. Pulido Valente e Costa Santos. De tarde esteve o sr. dr. Salazar de Souza, tendo tambem visitado o sr. dr. Affonso Costa os srs. drs. Gentil, Nery, Monteiro e Bello de Moraes.

A sr.ª D. Alzira Costa voltou pela tarde ao hospital. Seu marido, que dormira um somno reparador, das 4 ás 7 da manhã, passou a tarde socegado.

No hospital estiveram entre outras pessoas, a informar-se do estado do sr. dr. Affonso Costa, os srs. José Bessa, Antonio Abreu, Elysio de Castro, general Correia Barreto, ministros da justiça e do fomento, dr. Godinho Amaral, pela camara de Santa Comba Dão; senador Botto Machado, Levy Bensabat, pelo sr. presidente da Republica; senador João Maria da Costa, José Osorio da Gama e Castro, juiz do direito, etc.

Alem de varios telegrammas e de cartas foram recebidas uma mensagem do povo de Alferrarode com 131 assignaturas, officios da Associação Commercial e Industrial de Mattozinhos, Associação de Soccorros Mutuos A Victoria do Porto e outros.

Telegrapharam a pedir noticias, entre outros, os srs. Alves da Veiga e Teixeira de Souza.

Horario de trabalho

Uma commissão de estivadores procurou hoje o sr. ministro do fomento, a fim de lhe pedir que seja posto em execução o regulamento de horas de trabalho.

Foi recebida pelo chefe do gabinete, sr. João Palma, que respondeu faltar ao regulamento, para ser posto em vigor, apenas a approvação do Senado.

Manifestação funebre

á memoria do chefe Barbosa

Organisada pelo pessoal do posto da Mouraria, realisou-se hoje de manhã uma manifestação funebre á memoria do chefe Barbosa, morto por occasião do movimento de 14 de maio. Junto do portão do cemiterio do Alto de S. João reuniram quasi todos os guardas e cabos disponiveis das varias esquadras e postos policiaes, muitos commerciantes da Baixa e os srs. major Amaral, representando o commandante e demais officiaes da policia, dr. Berger e os chefes Morgado, Sarmento, Gomes, Alves Dias, Antunes, Estevinha, Amaro, Amaral, Rocha, Leal, Silva, J. Silva, Manuel Gomes, Coelho, Soares, etc.

Junto da campa, usaram da palavra enaltecendo as qualidades do finado os srs. José de Jesus, um guarda da 2.ª esquadra e um cabo da 19.ª e por ultimo o major sr. Amaral. No berço foram depostas duas corôas, uma do pessoal do posto da Mouraria e outra do pessoal da 4.ª esquadra.

Anavalhado e roubado

Um mau encontro

Esta madrugada pela meia noite e meia hora chegou a Lisboa, vindo de Villa Franca, Francisco Baptista, de 39 annos, natural e morador n'aquella villa.

Sahindo da estação do Rocio, metteu por diversas ruas e tomou pela dos Canos, onde entrou n'uma taberna, a beber um copo de vinho. Estava ahi um individuo conhecido pela alcunha de *Marujo pequeno*, que travou conversa com o Baptista, o qual lhe offereceu de beber. Não se fez rogado o *Marujo* e como visse que o recem-chegado trazia nos dedos dois grossos aneis de oiro já o não largou, sahindo com elle da taberna e guiando-o para a rua do Arco Marquez d'Alegrete.

Ali chegados, ao mesmo tempo que puxava por uma navalha e dava um golpe no rosto do Baptista, fazia qualquer signal d'ante-mão combinado e que fez apparecer nada menos de sete individuos, que trataram de despojar o provinciano dos aneis e da quantia de $50 que trazia no bolso, largando-o em seguida e desapparecendo.

O aggredido foi queixar-se ao primeiro policia que encontrou, o 771, que o acompanhou ao hospital de S. José a receber curativo. Depois foi apresentar queixa do occorrido no governo civil.

A grande guerra

Operações na França e na Belgica

PARIS, 15—Communicação official das 3 horas da tarde:

A noite foi assaz movimentada na região ao norte de Arras. Ao sul do Castello de Carleul apoderámo-nos de uma linha de trincheiras allemãs. Em torno de Neuville Saint Vaast e do Labyrintho houve combates de granadas.

Em Argonne a lucta circumscreveu-se á região situada a oeste da floresta onde haviamos avançado hontem ao norte da estrada de Servon.

Depois de uma serie de contra-ataques os allemães conseguiram voltar a pôr pé no bosque de Beaurin. No resto do sector a situação não se modificou. Entre Faye-en-Haye e o bosque Le Pretre o inimigo tentou sahir das suas trincheiras mas foi immediatamente impedido pelos nossos tiros de barreira e pelo fogo da infantaria.—(Havas).

Liceu da Povoa de Varzim

Uma sindicancia aos factos ali occorridos

O *Diario do Governo* publica ámanhã uma portaria encarregando o sr. dr. Pires de Lima, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, de proceder a um inquerito aos factos occorridos no liceu da Povoa de Varzim e nomeando para secretario do sindicante o amanuense da bibliotheca da mesma Universidade sr. Virgilio Fernandes.

Tambem o sr. ministro da instrucção assignou hoje uma portaria determinando que os alumnos d'esse liceu façam exames no liceu de Braga, em virtude dos factos anormaes ali occorridos.

Recreatorios Post-Escolares

Exposição de trabalhos

No proximo domingo, pelas 14 horas, na séde, Escola Central n.º 1, largo da Escola Municipal, será inaugurada uma exposição de trabalhos executados pelas educandas durante o anno electivo que finda, exposição destinada aos socios e ao pessoal docente e alumnos das 3.as e 4.as classes das escolas officiaes das proximidades. Como no futuro anno lectivo deve ser aberto na Escola Central n.º 18, ás Janellas Verdes, o Recreatorio n.º 2, que deverá ser frequentado por meninas que, sahindo das escolas officiaes munidas dos certificados de exame de 2.º ou 1.º grau, não continuam a estudar, foram dirigidos convites para as escolas das immediações de um e outro local.

Em honra dos visitantes algumas educandas dirão poesias, devendo tambem ser entoadas pelo grupo de canto coral algumas canções portuguezas.

Marinha de guerra

Deve largar do Tejo depois d'amanhã, pelas 8 horas, o cruzador «Adamastor» que vae fazer exercicios de artilharia e torpedos.

Para o Algarve sahiu hoje a canhoneira «Beira», a fim de substituir, no serviço de fiscalisação, o vapor «Vulcano», que regressa a Lisboa para exercicio de lançamento de torpedos em Cezimbra.

INTERESSES DE CLASSE

AJUDANTES DE SOLICITADORES

N'um opusculo que temos presente, agora publicado, o sr. Rolando da Silva advoga, com calor, as pretenções d'esta classe, que em resumo são as seguintes:

O restabelecimento official da classe; a extincção do limite de solicitadores; que se acabe com a prestação de caução; que os ajudantes, com dez annos de pratica, sejam admittidos a concurso com dispensa das habilitações litterarias actualmente exigidas; que ao serem approvados no concurso posam solicitar na Relação e Supremo Tribunal.

Parece-nos de justiça que sejam attendidas tão justas aspirações, tanto mais que não advem ao Estado augmento de despeza e certamente o actual ministro da justiça, sr. dr. Catanho de Menezes, como advogado, conhecedor, como poucos, do meio e do assumpto não retardará a apresentação ao parlamento d'um projecto de lei que vá minorar a situação de tão laboriosa clase, sendo certo que nos ultimos tempos quasi todas as classes teem sido attendidas nas suas reivindicações sociaes, difficeis n'outro regimen mas possiveis e até logicas a dentro da Republica.

SPORT

Water-polo no Club Naval de Lisboa

Reuniu hontem o juri do campeonato de water-polo que apreciou a lista dos concorrentes e ultimou os seus trabalhos para os desafios de water-polo que se realisam no sabbado proximo, pelas 17,20 horas, entre o Gimnasio Club Portuguez e o Sport Algés e Dafundo e entre a Associação Naval e o Club Naval. Em cada tarde ha dois desafios de campeonato que prenderão a attenção do publico durante uma hora com as phases interessantes e por vezes emocionantes que caracterisam este jogo.

Os socios dos clubs inscriptos no campeonato teem entrada franca no recinto do caes do Club Naval, onde poderão assistir aos desafios do water-polo. Este jogo que é por assim dizer o foot-ball dentro d'agua, tal a sua analogia com elle, é deveras animado e digno de ser visto.

NOTAS DIVERSAS

Na recepção do corpo diplomatico hoje realisada no ministerio dos negocios estrangeiros compareceram os srs. ministros da Inglaterra, Russia, Belgica e Hespanha e os encarregados de negocios do Mexico e Cuba.

—O sr. dr. Lopes Martins, ministro da instrucção, está estudando a maneira de crear no Porto uma Faculdade de Lettras. Não ficaria assim a Universidade d'aquella cidade, uma vez realisado este desejo do sr. dr. Lopes Martins, em condições identicas as duas outras existentes no paiz mas de certo modo se remedearia uma desegualdade injustificada.

—Partiu hoje no rapido de manhã para Vizeu o sr. dr. Brito Camacho. Consta que o chefe da União Republicana, que não desistiu ainda da sua viagem de repouso ao estrangeiro, antes de a iniciar voltará ainda a Lisboa.

—O sr. Alfredo Guimarães, secretario da Commissão de Turismo, conferenciou com o sr. governador civil, fazendo varias reclamações a proposito da mendicidade e corretagem no posto de desinfecção. Tambem com o sr. Mariano Martins conferenciaram o encarregado de negocios da Belgica e os administradores dos concelhos de Setubal e de Loures, este ultimo a proposito da exportação da cebola e sobre outros assumptos.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José recolheram: Manuel Joaquim, morador na rua Zophimo Pedrozo, que cahiu na sua residencia, fracturando o craneo pela base; Clemente Outerelo, caixeiro, morador na rua da Paz, 80 e 82, que se queimou com alcool na perna direita, e Agostinho Carneiro, trabalhador, residente na Enxara do Bispo, que ali cahiu de uma carroça, fracturando a perna direita.

—O sr. governador civil ordenou que a policia apprehenda todas as roletas e bancas de jogo que se encontram funccionando na feira de Santos e outros pontos da cidade.

—Beatriz das Neves, residente na rua Particular, ao Poço dos Mouros, apresentou queixa á policia declarando que os gatunos lhe entraram em casa e subtrahiram objectos de ouro e prata, na importancia de 100 escudos.

—No dia 25 realisa-se na Ericeira a feira annual de S. Thiago, havendo de Cintra carreiras de automoveis.

—Os banhos do mar ás creanças da Juncção do Bem, este anno, são dados na praia do Lagoal, em Caxias.

Aviação militar

Para frequentarem a escola de aviação registamos hoje o offerecimento dos srs: Hermenegildo Augusto Leal, escoteiro da 3.ª patrulha do 5.º grupo, morador na travessa das Bernardas, 29, 1.º; José Augusto Martins, 1.º cabo reservista d'infantaria, travessa Rebello da Silva, B, rez-do-chão; Raymundo da Conceição Bastos e Silva, empregado no commercio, rua dos Anjos, 67, 1.º, D.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 1|16	36 15|16
Londres, 90 d|v. . .	36 9|16	—
Paris, cheque. . .	$74,3	$74,8
Allemanha, cheque .	$28	$28,7
Hollanda, cheque . .	$55,3	$55,8
Madrid, cheque . . .	1$33	1$34
New York	1$38	1$40
Rio s|Londres. . . .	12 7|8	
Libras.	6$75	6$85
Agio do ouro. . . .	45 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	39,53
» » 500$	—	39,60
» » 100$	—	39,65

Obrigações d'Estado: 4 0|0 1888, 21$90, 4 1|2 88-89, assent., 60$.

Externas: 1.ª serie, 72$ e 3.ª, 73$50.

Acções: Ultramarino, 108$; Lezirias, 1.010$; Phosphoros, coup. 55$30; Tabacos, coup., 75$80.

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$50 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A Italia na guerra

O emprestimo—O gesto d'uma creança

O «Corriere della Sera» tem publicado nos seus ultimos numeros o seguinte caloroso appello ao povo italiano, a proposito do grande emprestimo que as necessidades da guerra obrigaram o governo a contrahir:

«Italianos! Lembrem-se de que esta guerra deve terminar pela nossa victoria custe o que custar. O exercito italiano não deixará de cumprir a sua missão por falta de dinheiro; o ministro das finanças obterá os fundos necessarios pela convicção ou pela violencia. Se o dinheiro não apparecer abundantemente, o Estado vêr-se-ha forçado a recorrer em breve ao imposto de guerra e á emissão de papel moeda; este ultimo é o mais pesado de todos os impostos porque faz elevar os preços de todos os artigos indispensaveis á vida.

Se não querem que nos succeda o que está succedendo na Austria, apressem-se a subscrever largamente para o emprestimo voluntario!»

**

Um rapazito de Bolonha, que mandara ao sr. Salandra, presidente do conselho, o conteudo do seu mealheiro— umas vinte liras—recebeu a seguinte carta:

«Adoravel creança: A tua carta e o sentimento que a inspirou commoveram-me profundamente. Que Deus te faça crescer no corpo e na intelligencia para que possas vêr esta Italia que tanto amas cada vez maior, mais respeitada pelos outros povos, e mais amada pelos seus filhos. Desejaria que todas as creanças da Italia seguissem o teu exemplo e sacrificassem por amor dos nossos feridos o prazer d'um brinquedo, naturalmente fabricado em terra estrangeira, talvez até pelos nossos proprios inimigos. Abraço-te effusivamente.—Salandra».

SPORT

Jogos sportivos nacionaes de 1915

A Federação Portugueza de Sports enviou-nos o seu programma e as condições de inscripção para o primeiro grupo dos jogos nacionaes.

Todas as provas se realisam no espaço de tempo que medeia entre 11 de julho e 22 de agosto.

As provas de velocipedia são realisadas sob os regulamentos da União Velocipedica Portugueza, que se encarregará da sua organisação.

Os regulamentos especiaes de cada prova serão enviados a todas as sociedades sportivas que os requisitarem á Federação. As taxas são as mesmas do anno passado, como determinou o 2.º congresso. As provas de sports athleticos e velocipedia, 1.000 metros, terão logar no magnifico Stadium de Lisboa. As provas de «law-tennis» realisar-se-hão nos «courts» do Club Portuguez de Lawn-Tennis, e as de esgrima no Jardim Zoologico (Jardim das Larangeiras).

O programma detalhado é o seguinte: 11 de julho:—Natação, 1.500 metros. (Local opportunamente annunciado). 15 de julho:— «Lawn-tenis», no Club Portuguez de Lawn-Tennis. 17 de julho: Lawn-tennis, no Club Portuguez de Lawn-Tennis. Esgrima, no Jardim Zoologico. 18 de julho: Lawn-tennis, no Club Portuguez de Lawn-Tennis. Esgrima, no Jardim Zoologico; 20 de julho: Lawn-tennis, no Club Portuguez de Lawn-Tennis; 25 de julho: Natação, 400 metros. (Local opportunamente annunciado). Sports athleticos, no Stadium de Lisboa. Velocipedia; 1.000 metros, no Stadium de Lisboa. 24, 27 e 29 de julho e 1 de agosto: Sports athleticos, no Stadium de Lisboa; 8 de agosto: Natação, 100 metros. (Local opportunamente annunciado). Water-polo, Velocipedia, 100 kilometros; 22 de agosto: Remo, ao longo da muralha norte do Tejo, entre as docas de Belem e Santo Amaro. Vela, no Tejo, no triangulo comprehendido entre Santo Amaro, Bom Successo e Lazareto.

As condições geraes de inscripção são: A inscripção para todas as provas dos Jogos Sportivos Nacionaes abriu em 10 de junho e encerra-se no dia 6 de julho, ás 24 horas prefixas.

A secretaria da Federação, durante o praso de inscripção, funciona todas as noites, das 21 ás 23 horas, na sua séde, largo do Calhariz, 29, 1.º, onde se prestam todos os esclarecimentos relativos ás provas.

A admissão dos concorentes é feita em harmonia com o Regulamento Geral dos Jogos Sportivos Nacionaes e a inscripção é exclusivamente reservada a amadores inscriptos nas sociedades filiadas na Federação.

Os boletins de inscripção deverão ser requisitados na secretaria da Federação.

As inscripções são feitas por intermedio das sociedades filiadas e, para serem validas, devem ser entregues na secretaria da Federação, dentro do praso estabelecido, acompanhadas das respectivas taxas.

E' permittida ás sociedades filiadas, da provincia, a inscripção telegraphica dos seus jogadores, as quaes ficam sem effeito se não se lhe seguir, dentro de 48 horas, a remessa dos respectivos boletins.

Nas provas por «équipes», os substitutos são inscriptos nas mesmas condições dos efectivos, mas as taxas de inscripção são reembolsaveis, quando não cheguem a tomar parte na prova.

As provas são disputadas sob os regulamentos especiaes da Federação, excepto as de velocipedia, que ficam sujeitas aos regulamentos da U. V. P.

Nota do dia

Portuguezes contra hespanhoes

No proximo domingo o Stadium de Lisboa colloca novamente em frente de ciclistas portuguezes ciclistas hespanhoes, sendo um d'estes novo em Portugal. Chama-se Guilherme Anton e tem ganho varios campeonatos no seu paiz, entre elles, o ultimo, o da região de Castela. Tem por especialidade o «meio-fundo» mas é magnifico tambem em velocidade.

E como se apresentam esses hespanhoes? Na prova «scratch», isto é, n'aquella que melhor pode demonstrar o seu merecimento athletico. Quer dizer que se apresentam a luctar em «linha» com os nossos melhores velocipedistas, como Dias Maia, Soares Junior, João Silva, Joaquim Raposo, etc.

Lazaro Vilada, no proximo domingo tambem entra pela primeira vez n'uma corrida em «linha». Quer dizer que não terá apenas que se haver com Soares Junior, desesperado pela desforra, mas com outros ciclistas que anceiam pela victoria.

Algumas anecdotas

Eis como Sam Mac Vea fez mais impressão que a estatua do commendador

E' com Sam Mac Vea, o colossal jogador de socco que já vimos em Lisboa, que se passou o seguinte, que nos contou o celebre professor de cultura phisica Edmond Desbonnet.

«Sam tem como o outro negro Johnson a paixão pelo automobilismo. Era ha quatro annos proprietario d'um soberbo carro de 60 H. P., que um «chauffeur» branco conduzia, sempre, com a maxima velocidade.

Um dia, acompanhado do seu «menager» Guiller e amigos, Sam foi dar um passeio a Nantes. Quando subiam uma rampa, ouviram repetidas vezes a buzina d'um rapido 90 H. P. que reclamava livre passagem. O «chauffeur» de Mac Vea fazia-se surdo porque lhe desgostava que alguem lhe passsse á frente. Por fim e a uma intimação do pugilista, metteu á direita e o outro carro passou como um furacão. Ao mesmo tempo, á passagem, os passageiros vomitaram um sacco de injurias.

Succede, porém, que o carro de Mac Vea, inferior nas rampas, não tinha rival nas «rectas» em plano. Este foi o motivo por que vinte minutos depois rolava dentro uma nuvem de poeira levantada pelo 90 H. P.

Por sua vez o «chauffeur» de Mac Vea atroou os ares com a sua «sereia». Mas foi em vão. Os proprietarios do 90 H. P. não fizeram caso. Furioso, o «chauffeur» passa seja como fôr, metade sobre a estrada, metade sobre um talude, levando, á passagem, ao outro carro um bocado da pintura e parte do guarda-lamas!

Quando chegou perto d'uma hospedaria do caminho, Mac Vea fez signal ao «chauffeur» para parar. Mas apenas Guiller tinha saltado a terra, chegava o outro automovel. Dar um quadruplo grito de raiva, cortar a alumagem e apertar os freios, foi para esses viajantes obra d'um instante e Guiller mal teve tempo para pedir 4 limonadas e um Pernod, e viu-se cercado de quatro rapagões em attitude aggressiva.

Para se ser «menager» d'um campeão não se é obrigado a seu um «terror» ou um policia 321 e assim Guiller, atrapalhado, medroso, esboçou umas desculpas quaesquer e resolvia retirar-se «com prudencia», quando ao ruido da altercação, Mac Vea, abrindo uma porta appareceu e perguntou:

—Que barulho é este?

—Uma questão de arbitragem, disse Guiller...

—Mas eu resolvo-a depressa...

E desceu. Mas nunca uma estatua de um Commendador apparecendo a um D. Juan produziu tamanho effeito! Os quatro valentões rodaram sobre os calcanhares, ainda esboçaram uma desculpa e marcharam em 4.ª para nunca mais serem vistos!

E com tudo isto, Guiller ficou atontado, dizendo para o seu jogador:

—Pareceste um sacarolhas puxando por um gargalo estreito. E' que os diabos eram capazes de me engulir... Ainda bem que vieste. Talvez elles vão contentes e aposto que vão pôr no carro o distico explicativo «Estragado por Mac Vea».

Noticias

Entre nós

«Tennis» na Amadora

Fecha no proximo sabbado a inscripção para o campeonato de «Men' Singles» e torneio do «Men's de-Men Doube» á americana, que se realisa no domingo, 25 do corrente, no «court» dos Recreios Desportivos da Amadora. O campeonato de «Men' Singles» começa no dia 25, e o de «Double» no dia 1 de agosto, alternando nos dias seguintes com o de «Singles».

E' já grande o numero de «tennistas» inscriptos para disputarem os premios conferidos aos vencedores das duas provas.

O ciclismo na provincia

Em Arruda dos Vinhos, no dia 27, realisam-se importantes corridas de motos e bicicletas, organisadas por uma commissão de socios da U. V. P., presidida pelo delegado da mesma federação, sr. Antonio José Goes. A incripção encontra-se aberta n'esta cidade, na secretaria da União Velocipedica.

A exportação de lãs

GOUVEIA, 14.—Para essa cidade partiram os industriaes d'esta villa, que vão pedir ao ministro do fomento que não seja permittida a exportação de lãs, pois a permittir-se, terão que fechar todas a fabricas d'aqui, o que virá lançar a população na miseria. Como se sabe, o povo d'aqui emprega-se principalmente nas fabricas.

NO PORTO

Volta a aggravar-se a questão das carnes

Nem pode fazer-se a expotação que se pretende, porque não ha gado, nem o preço da carne pode elevar-se mais

Porto, 14 de julho

A direcção da Associação dos Emprezarios de Carnes Verdes procurou hoje o sr. governador civil ponderando-lhe que o pretendido alargamento de exportação de gado—de que se fala—virá aggravar extraordinariamente, pavorosamente, as já difficeis condições de vida na cidade. O gado subirá immediatamente de preço, e os emprezarios de açougues mais uma vez terão de elevar o preço da carne—que já está muitissimo cara.

E, como alguem objectasse que os emprezarios de açougues nada perdiam porque o publico consumidor é sempre o que paga as differenças da alta dos generos, o sr. Antonio Gonçalves Seixas, presidente da Associação dos Emprezarios de Carnes Verdes, replicou:

—Não é bem assim. A carne já está cara de mais. E é preciso que se diga, que se saiba que nós não somos nem gananciosos, nem egoistas. Ha alguns mezes, por causa de não ser prohibida a exportação de 70 bois por semana, tivemos de augmentar o preço da carne. Para onde irá agora esse augmento, essa elevação, se, como se diz, a exportação passar a ser de 270?

E' um augmento fabuloso. E pensará alguem que nós poderemos augmentar o preço da carne, ressarcindo-nos do extraordinario preço a que vae subir o gado? E' um engano. Basta que lhe diga o seguinte: o consummo é que vae diminuir quasi por absoluto. Imagine que, sendo a matança semanal no Porto—antes de elevarmos, ha poucos mezes, o preço—de 400 bois, agora é, em média, de 335. A que não baixará o consumo, se se consentir que a exportação se eleve a 270 bois por semana, até perfazer as 5:000 cabeças que se pretendem exportar para França? E' pavoroso. A maior parte da gente deixará de comprar carne. Cada vez mais o problema da vida se aggravará. E nós, como toda a gente—porque tambem somos consummidores—soffreremos tambem. De mais, o problema das subsistencias tem outro aspecto desolador. E' que, segundo informações que reputo fidedignas, o peixe—que já escasseia no mercado—vae escassear muito mais. Porque, afóra alguns vapores que já estão amarrados, dois já foram vendidos para a Inglaterra—para serem empregados na caça de minas...

—Estamos em frente de uma crise aguda nas subsistencias...

—A mais terrivel por que temos passado. E' certo que talvez haja compromissos internacionaes pelos quaes Portugal tenha que enviar gados. Diz-se até que além de 5:000 bois, temos tambem de exportar 5:000 cevados. O que posso garantir-lhe é que essa exportação principalmente a de bois, se não pode fazer porque o norte não tem esse gado, e o sul está tambem exgottado.

«Seja, porém, como fôr, o problema é gravissimo, concluiu o sr. Antonio Gonçalves Seixas. E, porque assim o é, vamos ponderar ao sr. governador civil o perigo da pretendida exportação. Caso não possa deixar de fazer-se, ao menos que se limite o mais possivel, de harmonia com as necessidades do paiz.

«Que horrivel coisa é a guerra! diz-nos por fim. Mas, havemos nós de mandar os nossos gados para França e, depois, morrer de fome? Sem carne, sem peixe, o bacalhau carissimo, os proprios legumes extraordinariamente caros?»

Que o governo estude e medite bem o problema, que é o mais grave, porque affecta directamente a vida...

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA —A's 21 — Maridos com sorte.
POLITHEAMA — A's 21—O sr. juiz.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Primeiras representações

APOLLO—**Sol e moscas**, novo quadro da revista **Rosa Tiranna.**

Não melhorou a peça que actualmente se está representando no Apollo com a substituição do quadro Policia amador *pelo que hontem tivemos occasião de ouvir pela primeira vez.*

Não offerece novidade e tem a desvantagem de agradar, quando muito, a um numero limitado de espectadores que, por acaso, conheçam a technologia taurina. Depois, e d'isso não são culpados os auctores, toda a representação por parte dos artistas d'aquelle theatro, salvo raras excepções, é feita por favor, *não com o carinho e estimulo que devem presidir ao trabalho dos que amam a carreira a que se dedicam, mas com o á vontade de quem representa apenas pela necessidade de ganhar o ordenado que a empreza lhe paga. Este factor mais concorreu para que toda a representação corresse mórna, apesar dos bons esforços de Joaquim Costa, J. Victor, Arthur Rodrigues, Rafaela Bons e Magda Arruda.*

Alvaro Lima

Boatos e informações

A amante de meu genro, a peça actualmente em ensaios no Politeama, é traducção de Raphael Ferreira e de Francisco Pinto, escriptor portuguez ha annos residente no Brazil.

Além da versão d'esse grande exito do Palais Royal, que o publico de Lisboa vae apreciar em breve, os mesmos escriptores arranjaram, de collaboração, de outro grande exito parisiense, uma operetta com o titulo *A Bandeira franceza*, com musica de Adolpho Sauvinet.

● A companhia do Gimnasio representa hoje no porto *O homem macaco*. A'manhã repete a *Visinha do lado*.

● Na revista *Pum* em scena no Apollo Terrasse d'aquella cidade estreou-se um numero a *Dança do fogo* em que um artista faz a imitação da bailarina Napier Kowska.

Festas associativas

Depois de ámanhã, promovida pela direcção, ha no Club Simões Carneiro recita com a peça «O dote», seguindo-se baile.

Na Academia Instructiva Recreio Operario dos operarios das officinas dos caminhos de ferro de Norte e Leste, promovido pela commissão administrativa, ha depois de ámanhã sarau, abrilhantado por um grupo da tuna da Academia.

A provincia n'A CAPITAL

GOUVEIA, 14.—Promettem ser imponentes os festejos que se realisam n'esta villa nos dias 5, 7, 8 e 9 do proximo mez, á Senhora do Calvario, que todos os annos trazem a esta villa milhares de forasteiros.

—No proximo domingo deve seguir para a Serra da Estrella uma caravana composta dos srs. Lino Martins Coelho, José A. Almeida Fraga, padre José A. R. Belino, Antonio F. Grangeio, Antonio Gonçalves, Victor Dinho e José de Albuquerque Amaral Cardoso, que contam demorar-se ali quatro dias a fim de verem e apreciarem tudo o que é digno de vêr-se ali.

Movimento maritimo

Pernb. e Maceió «Matador» (Liverp.)	16
R. J., Santos e R. Prata «Desna» (L.)...	16
Africa oriental «Lisbian» (Liverpool)	17
Brazil e R. Prata «Riuland» (Liverp.)	17
Liverpool e escalas «Ortega» (Brazil)	19
Africa oriental «Clan Gordon» (Liv.)..	19
Madeira e Açores «San Miguel»........	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)...............	20

O primeiro objectivo, pois, nos planos austro-allemães, havia sido a reducção da Polonia—o seu isolamento e a separação do corpo principal da Russia. Se as primeiras operações ao norte pelos allemães da Prussia Oriental e no sul pelos austriacos da Galicia fossem coroadas de successo, os dois exercitos teriam feito juncção em qualquer ponto da região Brest-Litovsk-Bialystok, e, senhores de toda a Polonia, teriam uma fronte ininterrupta n'uma linha recta do Baltico aos Carpathos como base para ulteriores avanços.

Mas essas operações não foram bem succedidas. Falharam ao norte e falharam desastrosamente ao sul. A Russia fez frente aos inimigos em ambos os lados. O movimento que se seguiu dos austro-allemães tinha de tomar inevitavelmente, como tomou, a forma d'um ataque directo ao centro, ao coração da Polonia.

Nas suas primeiras operações, as potencias centraes suppozeram que tal ataque seria desnecessario. Teria sido muito mais simples e custaria muito menos se a Polonia lhes cahisse nas mãos como um ramo que se separa da arvore. E o estado maior general allemão tinha a crença de que a Polonia acceitaria com alegria a separação, e allemães e austriacos diziam que os polacos aproveitariam a opportunidade da guerra para se levantarem contra a Russia e receberem os invasores como sendo os seus salvadores.

A alternativa offerecida á Polonia era na realidade terrivel. Para se conservar fiel á Russia e resistir á invasão veria o seu solo devastado. O paiz seria invadido pelos exercitos inimigos e ia tornar-se um vasto campo de batalha. Se apenas attendessem aos seus interesses materiaes, os polacos ter-se-hiam posto ao lado dos exercitos allemães. Era o mesmo dilema que na fronte occidental tinha sido posto aos belgas. E, como os belgas, os polacos escolheram o que entenderam ser o mais nobre.

Por que motivo os allemães e os austriacos acreditavam realmente na possibilidade da amizade dos polacos, é difficil saber. A evidencia é muito contradictoria. E' certo que até então nem allemães nem austriacos haviam tido razão para duvidar da amizade dos polacos. Dois annos antes, por occasião da guerra balkanica, Vienna não pudera occultar os seus receios d'um levantamento na Polonia. Mas tal se não déra.

Na historia polaca a hostilidade contra o prussiano e o teutão fôra

General Sukhomlinoff, ministro da guerra russo

um factor de muito maior importancia que a hostilidade contra a Russia. A primeira manifestou-se durante seculos, o que não succedera com a Russia.

Desde a partilha do reino da Polonia, a população que ficára pertencendo á Austria e á Allemanha fôra tratada com maior severidade—crueldade mesmo—do que a que ficára fazendo parte do imperio russo. Se nos ultimos annos o mundo ouvira falar mais das luctas de polacos contra a Russia do que contra a Allemanha, era tal facto devido apenas á ultima d'essas potencias ter

das universidades. Um d'elles, que foi tratado pelas enfermeiras inglezas em Furnes, falava mal o francez, mas era muito delicado. Tinha sido ferido n'um pé e ficou coxo para toda a vida.

O generalissimo Joffre mandára vir de Reims uma das melhores divisões francezas, a 42.ª. Muitas baterias de canhões pezados estavam tambem chegando. No dia 23, o general Grossetti com essa divisão foi mandado render a 2.ª divisão belga em roda de Nieuport, que havia perdido Lombartzyde e que ia ficar de reserva. Nieuport e as trincheiras belgas atraz de St. Georges estavam sendo bombardeadas e Grossetti só conseguia fazer passar os seus homens em pequenos grupos pelas pontes de Nieuport. Até á tarde os francezes não haviam podido occupar as trincheiras da 2.ª divisão belga.

Entretanto, ao sul de Nieuport, os allemães estavam aproveitando a vantagem por elles alcançada na noite anterior. Avançaram para a reintrancia do Yser e a 1.ª e 4.ª divisões belgas foram repellidas para a linha do caminho de ferro entre Pervyse e Ramscappelle.

Durante o dia, os canhões pezados francezes, que estavam já em posição, começaram vomitando as suas granadas explosivas sobre as baterias allemãs e o commandante inimigo percebeu que não havia tempo a perder se queria alcançar a victoria. Um balão captivo subira a grande altura e os observadores que n'elle estavam em vão fizeram esforços por determinar a posição da artilharia pezada franceza. Entre esses canhões e os da flotilha, a situação dos allemães tornava-se de momento a momento mais perigosa.

N'esse dia os officiaes allemães em Ostende tiveram uma prova pouco agradavel da sua precaria situação na cidade. Cincoenta estavam lanchando no hotel Majestic, cujo restaurante era um dos mais sumptuosos e elegantes da Europa. A uma das janellas estava um medico naval conversando com o ajudante da brigada a que ambos pertenciam. Os officiaes estavam agrupados em pequenas mezas conversando, rindo e saboreando os melhores manjares e os mais deliciosos vinhos.

Emquanto isto se passava, da esquadra britannica, que se encontrava a quatro ou cinco milhas de distancia, um torpedeiro se havia approximado, devagarinho, da praia. Outro seguiu na sua esteira. No fim da rua do Veado, que vae dar ao grande dique, o almirante von Schröder, que tinha observado a sua approximação, estava dirigindo alguns homens da brigada naval na collocação de dois canhões ligeiros, a unica artilharia de que podiam n'aquelle momento dispôr. Com uma pressa febril os canhões foram apontados e dispararam contra o primeiro barco. Duas balas cahiram proximo d'elle. Os torpedeiros responderam immediatamente. A primeira bala ingleza foi derrubar parte da muralha, duas entraram pelas janellas do restaurante do hotel Majestic e cahiram no meio dos que se estavam banqueteando.

A segunda matou o medico, que com o seu companheiro se havia erguido para procurar um logar onde estivesse mais seguro, no meio mesmo da sala, e fel-o em bocados. Ocioso será dizer que os officiaes desappareceram n'um abrir e fechar d'olhos. Os estragos causados na sala foram immensos, ficando reduzidas mezas e cadeiras a migalhas.

Com a sua base em Ostende proxima a ser reduzida á condição de Dixmude, com a divisão de Grossetti em Nieuport, com a sua retaguarda e o flanco sob o fogo dos canhões dos navios inglezes e francezes e do oeste do da artilharia pezada, o duque de Wurtemberg durante a noite de 23 para 24 deu nada menos de quatro assaltos a Dixmude.

Se Dixmude pudesse ser tomada, podia elle abrigar a esperança de tornear os belgas entre Pervyse e Ramscappelle, apoderar-se de Furnes e repelir os belgas e a divisão de Grossetti para o mar, e, atravessando o Yser onde este não era canalisado e tivese pouca profundidade, cahir sobre a esquerda e a reta-

guarda do exercito alliado que se estendia entre Dixmude e La Bassée.

Felizmente, os marinheiros de Ronarc'h e a 5.ª divisão belga mantiveram-se firmes. Todos os assaltos foram repellidos e quando rompeu o dia 24 as trincheiras e as ruinas de Dixmude estavam ainda nas mãos dos alliados. A batalha belga do Yser havia terminado; a batalha franceza do Yser tinha começado.

Os belgas e os marinheiros francezes haviam defendido a linha do Yser durante mais de uma semana com um valor e uma coragem que serão sempre lembrados.

Os belgas haviam respondido nobremente ao appello de Joffre para defenderem a linha do Yser e as suas pontes durante quarenta e oito horas. Desde a noite do dia 16 em que os marinheiros de Ronarc'h haviam combatido contra uma força pelo menos dupla e, segundo todas as probabilidades, tripla, uma força munida de artilharia de campanha e de sitio muito superior á que entrára em acção n'esse dia, lhes foi opposta no dia 23 no Yser—e elles haviam feito frente a essa força não durante quarenta e oito horas, mas durante perto de duzentas.

Os belgas haviam mostrado que nem as terriveis provações de successivas batalhas, nem mesmo as maiores ainda da retirada haviam quebrado o seu ardor.

Estavam ainda capazes de luctar com o inimigo e de contra elle empregarem os seus mais ardentes esforços.

CAPITULO XI

O insuccesso allemão na Polonia

Vimos já o resultado, nos fins de setembro de 1914, da primeira campanha na Galicia, quando os russos haviam batido não só os austriacos em todos os lados, mas haviam obrigado o inimigo a retirar e quasi o haviam repellido de toda a provincia.

Do norte, abaixo do Vistula e atravez do San, do leste para Rawa-Ruska, passando Lemberg e Jaroslau, e ao longo da margem direita do Dniester, os exercitos russos sob o commando de Ruzsky, Yvanoff, Brusiloff e Dmitrieff, haviam feito recuar os austriacos d'uma posição apoz outra, batendo-os e desmoralisando-os, tendo perdas, em mortos, feridos e prisioneiros, de nada menos de meio milhão de homens, os exercitos de von Auffenberg, Dankl e do archiduque José Fernando, que tiveram de recuar para além do rio Wisloka, pondo-se sob a protecção dos canhões de Cracovia.

Prezmysl resistia e ainda não cahira. Entretanto, a cavallaria russa victoriosa estava varrendo o paiz ao sul até á base dos Carpathos e n'alguns logares mesmo penetrando nos desfiladeiros. Em algumas d'estas ultimas phases, pelo menos, os exercitos austriacos haviam sido reforçados por algumas divisões allemãs, que não haviam podido evitar a catastrophe militar.

Os primeiros mezes de guerra n'essa parte da fronte occidental terminaram pela humilhação da Austria, ao passo que os russos demonstraram uma rapidez de movimentos, um vigor na estrategia e na offensiva e um espirito combativo que haviam surprehendido os seus proprios amigos. Na ultima semana de setembro, o avanço russo, depois de tremendas e quasi incriveis proezas, tinha cahido—terminado o seu objectivo immediato—n'uma exhaustão momentanea e na saciedade do triumpho. Durante alguns, poucos dias, a onda parou.

A 27 de setembro começou o primeiro movimento d'uma contra-offensiva austro-allemã.

Não é necessario falar de novo na importancia estrategica da Polonia. Bastará repetir que, ficando entre os territorios dos dois imperios, estava egualmente exposta a um ataque dos allemães pelo norte e da Austria pelo sul. Por outro lado, emquanto permanecesse russa—especialmente emquanto as fortes posições fortificadas de Varsovia, Novo Georgievsk, Ywangorod e Lomza, com os seus caminhos de ferro convergentes estivesem em mãos russas—nem pelo norte nem pelo sul se poderia effectuar uma invasão da Russia, sem evidente perigo d'um ataque pela retaguarda.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1776 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 16 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O Douro

A grande manifestação de ámanhã na região dos vinhos generosos

Aquelle protesto pacifico que ha annos, na região da Champagne, os viticultores e as populações ruraes levaram a effeito para significarem o seu despeito e a sua resistencia contra a usurpação que estava a fazer-se da marca dos seus vinhos espumosos vae repetir-se ámanhã no Douro. Na Champagne, durante todo um dia, ninguem trabalhou. Pelos campos reinou o mais completo socego. Nas cidades e em todos os povoados, fecharam todas as repartições e não houve estabelecimento que abrisse. A'manhã, na região duriense, dar-se-ha um facto quasi egual e absolutamente parecido. Como se sabe, a grande commissão delegada da reunião que no dia 10 do corrente se realisou nos Paços do concelho da Camara do Porto virá ámanhã a Lisboa para pedir ao governo e ao Parlamento que não ratifique o tratado de commercio com a Inglaterra sem a aclaração do Parlamento ao artigo VI. Essa commissão, composta por individuos que representam as principaes collectividades e os municipios da região duriense, deve chegar a Lisboa no rapido da tarde, indo logo avistar-se com o sr. presidente do ministerio e demorando-se na capital até segunda feira, pelo menos, para entregar aos presidentes d'ambas as camaras as suas representações contra o tratado. Isto é o que se passará em Lisboa.

E no Douro? Ao que informam pessoas que se encontram perfeitamente ao facto da attitude que os habitantes d'essa região estão resolvidos a adoptar, decidiu-se secundar a vinda a Lisboa da commissão d'um modo impressionante. A' semelhança do que aconteceu na Champagne, o povo do Douro abandonaria tambem o trabalho, realisando assim o seu protesto tranquillo contra aquillo que elle julga ser a usurpação dos seus direitos. Em grande parte dos districtos do Porto, Villa Real, Bragança e Vizeu, a população rural não fará ámanhã absolutamente nada, os estabelecimentos não abrirão e as repartições publicas, de certa hora em deante, deixarão de funccionar. Se não estamos em erro, é a primeira vez que isto succede em Portugal. O Douro, porém, ao que se affirma, ainda não perdeu a esperança de que lhe façam justiça ou de se ver attendido, se não em tudo o que pede, pelo menos em parte. Quer elle, por exemplo, e diz-se que será essa uma das reclamações que a grande commissão sua delegada ámanhã apresentará ao sr. José de Castro, que se vote uma lei prohibindo a sahida de Portugal de qualquer vinho licoroso sem que a sua procedencia não seja bem indicada nos respectivos certificados, isto para se evitar que a designação «Porto» se applique a vinhos que não sejam produzidos na região do Douro. Mas estará o governo disposto a attender esse pedido e a seguir tal alvitre? Affirma-se que não, accrescentando-se que tudo se prepára para que o tratado seja, dentro de breves dias, ratificado.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 4$350 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A resposta do governo allemão á ultima nota norte-americana

Ainda o afundamento do «Lusitania» e o que propõe o gabinete de Berlim

Amsterdam, 9 de julho

E' concebida nos seguintes termos a nota official enviada pelo governo allemão em 10 de junho ao governo dos Estados Unidos:

«Constata com satisfação o governo imperial ao ler a nota americana que os Estados Unidos cordealmente desejam ver applicar na guerra actual os principios de humanidade. Encontra este appello forte echo na Allemanha que sempre adheriu ao principio de que é preciso fazer a guerra á força *organisada* da potencia inimiga respeitando-lhe a população civil tanto quanto seja possivel.

Bem sabe o governo dos Estados Unidos como, desde o principio da guerra e com uma insensibilidade crescente, os inimigos da Allemanha teem visado a destruição não sómente dos exercitos allemães, mas tambem da vida do povo allemão, renunciando a todas as regras do direito internacional, despresando os *direitos dos neutros*, paralisando completamente o commercio pacifico entre a Allemanha e os paizes neutraes.

Emquanto os inimigos assim abertamente declararam uma guerra implacavel visando a nossa completa destruição, nós faremos a guerra em defesa da nossa existencia nacional, e d'uma paz duravel. Fomos obrigados a adoptar a guerra de submarinos contra os methodos de guerrra adoptados pelos nossos inimigos, methodos contrarios ao direito internacional.

O caso concreto e terrivel do «Lusitania» mostra até onde os arrasta, aos nossos inimigos, o methodo de guerra que adoptaram.

A recommendação aos navios da marinha mercante ingleza para andarem armados e atacarem os submarinos, e a promessa de recompensas supprimem a distincção entre navios mercantes e de guerra, e, portanto, os passageiros que viajam a bordo d'aquelles ficam completamente expostos a todos os perigos da guerra.

Se o commandante do submarino que destruiu o «Lusitania» tivesse permittido á equipagem e aos passageiros salvarem-se nas canoas antes de despedir o torpedo, teria promovido a destruição do seu proprio navio.

Pelas experiencias feitas, afundando navios bem mais pequenos e em peior estado, era provavel que um navio grande, da tonelagem do «Lusitania» se conservasse fluctuando tempo sufficiente para permittir aos passageiros que se salvassem nas canoas, depois de torpedeado.

Circumstancias excepcionaes, principalmente a existencia a bordo de grandes quantidades de materias facilmente explosiveis, illudiram esta espectativa. E' necessario, ainda, notar que abstendo-se de torpedear o «Lusitania» milhares de caixas de munições teriam chegado ás mãos do inimigo, e o resultado teria sido milhares de *mães* e creanças allemãs ficarem privadas dos seus defensores.

A fim de evitar pôr em perigo os vapores de passageiros americanos, serão dadas instrucções aos submarinos allemães para que deixem passar os que lhes seja permittido reconhecer por signaes distinctivos especiaes, e cuja passagem lhes seja notificada com sufficiente antecedencia.

Mas espera confiadamente o governo imperial que o governo dos Estados Unidos lhe garantirá não levarem os ditos vapores qualquer contrabando.

Para fornecer meios de transporte sufficientes para os cidadãos americanos atravessarem o Atlantico, propõe o governo allemão augmentar o numero de vapores disponiveis com um numero rasoavel de vapores neutraes, cuja cifra se convencionará, que furão a viagem como navios de passageiros sob pavilhão americano nas condições já expostas para os vapores dos Estados Unidos.

No caso da America não conseguir obter para os seus passageiros numero sufficiente de navios neutraes, está o governo imperial disposto a não fazer nenhuma objecção a que a America ponha sob pavilhão dos Estados Unidos quatro paquetes de paizes inimigos, aos quaes a Allemanha garantirá a passagem com toda a segurança, nas mesmas condições indicadas para os paquetes das linhas americanas.

Termina a nota por agradecer ao presidente Wilson a sua promessa de transmittir as propostas allemãs á Inglaterra, principalmente por ellas deverem determinar uma modificação nos methodos de guerra maritima. Da melhor vontade recorrerá sempre o governo imperial aos bons officios do presidente dos Estados Unidos, e confia que com os esforços d'este, tanto no caso presente como no que se refira a garantir a liberdade dos mares, conseguirão sempre chegar-se a uma solução pacifica».

Dr. Affonso Costa

Progridem as melhoras — O illustre enfermo é visitado pelo sr. presidente da Republica

Encontra-se muito melhor o sr. dr. *Affonso Costa*. A noite foi mais socegada do que qualquer outra, e o dia de hoje passou-o bem disposto. Almoçou bem, tendo-se sentado já n'uma poltrona.

O boletim affixado hoje ás 12 horas e assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery dava as seguintes informações: «Pulsação, 60; respiração, 20, e temperatura 37. Progridem as melhoras.»

A's 11 horas, o sr. dr. Affonso Costa recebeu a visita do sr. dr. Theophilo Braga que junto do illustre enfermo permaneceu durante 15 minutos. Os dois eminentes homens da Republica abraçaram-se commovidamente.

Ao hospital foram hoje como de costume varias individualidades saber noticias, retirando-se todas satisfeitissimas com as informações recebidas.

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos deputados

A sessão não vae até ao fim por não ter comparecido a tempo o ministro das colonias

Approvada a acta, o sr. Azevedo Coutinho faz a inscripção para antes da ordem do dia. Bancada do governo deserta. *Na sala, cerca de 80 deputados*. O sr. Rodrigo Rodrigues manda para a mesa um projecto sobre serviços profissionaes. O sr. Aresta Branco protesta contra o facto de em determinada comarca de Elvas não ter sido attendida uma participação contra alguem que transgrediu a lei da caça, dada por dois guardas republicanos. Como, porém, a participação não indicava testemunhas, as auctoridades judiciaes não procederam contra o transgressor, ordenando, ainda por cima, que os guardas participantes fôssem processados. O sr. ministro da justiça responde que attenderá as observações do orador e procederá como a lei determinar e mais justo lhe parecer. O sr. Carlos Olavo renova a iniciativa d'um projecto de lei referente aos officiaes de engenharia, requisitados pelo ministerio do fomento para n'este ministerio desempenharem funcções dos engenheiros dos quadros das obras publicas, projecto que já teve parecer favoravel da respectiva commissão. O mesmo deputado apresenta ainda outro projecto relativo a importação de dois milhões de kilogrammas de milho para a Madeira, auctorisada pelo decreto de 15 de junho de 1915, e que por virtude de deficiencia da navegação actual não puderam ainda ser transportados para alli com a isenção de direitos que lhe é concedida até 31 de julho do corrente anno.

Na ordem do dia, discute-se o projecto que manda applicar a todos os portuguezes, maiores de vinte e cinco annos, ausentes de Portugal e seus dominios, até á data da promulgação d'esta lei, que por não terem cumprido as leis de recrutamento e serviço militar, por motivo de emigração, estejam sujeitos ás disposições e penas das mesmas, o disposto no artigo 9.º da lei da amnistia de 22 de fevereiro de 1914. E' approvado sem discussão, sendo-o tambem outro que determina que o concelho de Villa Nova de Gaia seja constituido pelas freguezias de Santa Marinha e Mafamude. Sobre o ultimo fala o sr. Bernardo Lucas, que foi quem trouxe o projecto á Camara, defendendo-o.

Como não esteja presente o sr. ministro das colonias, não póde realisar-se a interpellação do sr. Vasco de Vasconcellos, sobre a nomeação do sr. Rodrigo Rodrigues para o conselho colonial. Por esse motivo, é encerrada a sessão, marcando-se a seguinte para segunda-feira.

Poeira da Arcada

Hontem á noite, outra desordem na Praça de Luiz de Camões, junto á estatua do epico. E' já a terceira. Provavelmente teremos sequencia, visto que policialmente falando Lisboa está paradisiaca.

O auctor dos Lusiadas gozará assim alguns espectaculos que lhe permittirão avaliar da acção patriotica das suas estancias, nos portuguezes de 1915! A kermesse que, sob as suas vistas, funcciona e a banda que, ás quintas-feiras e domingos, lhe alarma os ouvidos, afeitos ao silencio dos seculos, attrahem muita gente—populares pacificos que passeiam pelas ruas a tristeza morna do seu olhar fatalista.

No meio da turba, calma, vaga e absorta, os desordeiros singram, procurando aventuras para a sua furia. Não perdem o seu tempo. Pedradas e pauladas sempre acham quem amachucar. Perante o homem que perdeu um dos olhos no cerco de Mazagão, renovam-se conflictos que bem provam que os nossos costumes, á medida que se vão pulindo, facilitam um systema de relações cordeaes, mui proprio para garantir a cada um a sua parcella de perigo.

As espadas já não brilham ao sol da victoria, mas as naifas, sob os bicos e focos da publica illuminação, ainda reeditam façanhas... patibulares. E' a putrefacção do heroismo.

***

A forma de imaginação que, entre nós, mais se exerce é a que se aproveita dos themas politicos para construir desvarios e romances maravilhosos. O que por ahi se inventa, urde e machina! Cada qual forja, por sua conta e risco, governos, revoluções, perseguições e intrigas. As phantasias trabalham como as aranhas. Nos cafes, nas boticas, nos clubs, nas redacções, nos theatros, nas ruas, a velar ou a sonhar, infatigavelmente o portuguez se revela fabricador de illusões e fabulas. Com a mesma intensidade, o phenomeno não se repete n'outro paiz.

Emquanto os outros suam e labutam, nós, á face do planeta, fazemos da preguiça o nosso El-Dorado. Quantos milhões de petas e boatos!

Pelo telegrapho

Sir Edward Grey restabelecido

LONDRES, 15.—Sir Edward Grey, cuja vista se beneficiou com um curto repouso o sufficiente para lhe permittir voltar ao trabalho, reassumiu hoje as suas funcções como secretario de Estado dos negocios estrangeiros. A sua apparição na camara dos Communs deu occasião a uma emocionante demonstração de regosijo de todos os partidos.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa)*.

Um espião executado

LONDRES, 16. — O reu Robert Rosenthal, que no dia 6 do corrente tinha sido condemnado á morte por espionagem, foi executado esta madrugada.—*(Havas)*.

Os italianos proseguem a offensiva

ROMA, 15.—A communicação official diz o seguinte:

Continuamos a offensiva no alto do Cadore, onde estamos destruindo agora as fortificações inimigas. Ha noticia de recontros felizes da infantaria. Apoderámo-nos do cume de Falsarage, tendo o inimigo soffrido alli fortes perdas.—*(Havas)*.

A velhice de Rouget de l'Isle e um gesto de David d'Angers

A proposito da trasladação do glorioso auctor da «Marselheza»

E' um dos capitulos mais tragicos do destino d'esses dois grandes homens que foram David d'Angers e Rouget de l'Isle, um capitulo que dá prazer evocar quando mais uma vez se faz a apotheose da «Marselheza»...

Estava-se em fins de 1826; Rouget de l'Isle, que nunca fôra rico, que successivamente conhecera o esquecimento da Revolução, o despreso do Imperio e o odio da Restauração, era um pobre homem de 70 annos, socegado, cortez, modesto, affectuoso, de bello coração e dotado d'um espirito cavalheiresco que o levaria a morrer na mais desoladora miseria, se não fossem os cuidados e diligencias dos seus dedicados amigos.

Já seis mezes antes o infeliz grande homem soffrera o que elle chamava a «unica vergonha da sua vida»: não podendo pagar uma letra de quinhentos francos que assignara n'um dia de afflicção, fôra perseguido pelo seu implacavel credor e levado para a prisão de Saint Pélagie, onde ficou com o numero 4552, durante dezesete dias, até que a mão caridosa de Beranger lhe abriu as portas como fez a tantos outros.

Apesar de curta, a sua passagem pela prisão conservara-se-lhe inolvidavel; em vão o cantor de Lisette buscava animal-o com as suas cartas tão affectuosas quanto sentidas: «Não córes por teres estado preso. A nação é que deve envergonhar-se das desgraças que teem perseguido o auctor da «Marselheza...» Rouget de l'Isle a nada attendia, e mesmo já em Choisy le Roy, na propriedade do seu velho amigo o general Blein onde fôra refugiar-se quando livre da prisão, chorava ainda, passeando sósinho, o que elle chamava a «vergonha da sua vida».

A entrada em Paris foi-lhe ainda mais dolorosa; alojado n'um hotel duvidoso do bairro latino, o auctor da «Marselheza» teve que descer, um a um, todos os degraus da mais negra miseria que bem conhecem os estudantes que não frequentam cursos, os discipulos chronicos de pintura, os intellectuaes de compridas cabelleiras e botas acalcanhadas.

Mal abrigado n'uma sobrecasaca velha, de gola encebada, as costuras brilhantes do polimento do uso, na cabeça um chapéu alto, russo, em parte já sem pelo, usando uma roupa branca muito problematica e uns sapatos rôtos, poucas vezes engraxados, *os seus contemporaneos* mostram-nol-o vagabundeando esfomeado atravez de Paris, mas sempre aprumado, com a dignidade d'um velho militar que quer morrer de pé.

Offerecendo-se em vão aos jornaes para serviços subalternos, conseguindo de vez em quando obter alguma traducção para a «Revista Britannica», em breve se viu reduzido a copiar musica ou a dar lições por um preço irrisorio. Mas dentro em pouco esses mesmos recursos lhe faltaram, e viu-se forçado a pedir esmola por casa d'alguns dos seus comprovincianos. Grétry e Méhul tinham já morrido, mas restavam ainda Charles Nodier, Tercy, Gindre de Mancy e Beranger que não esquecia Rouget de l'Isle e de vez em quando lhe fazia chegar ás mãos pequenas quantias.

Mas não se soffre uma tal miseria sem que d'ella se resinta enormemente o physico; torturado pelo rheumatico, o pobre velho cahiu de cama, occultando-se no seu recanto de sombra e dôr. Foi então que o cantor de Lisette teve a ideia de enviar a Rouget David d'Angers, para lhe reproduzir a cabeça em um medalhão que depois seria rifado em proveito do auctor da «Marselheza». David, que era um bello coração, ficou muito impressionado com a carta em que Beranger lhe expoz a ideia e resolveu ir procurar immediatamente Rouget.

Para bem se comprehender a commoção que se apossou do esculptor á vista d'uma tal miseria é preciso recordar a veneração em que elle tinha os artistas, o papel sagrado que lhes attribuia na democracia, e a altura a que os collocava. O artista popular principalmente, o que, por assim dizer, se inspira no povo ou do qual a arte é a expressão directa dos sentimentos da multidão, esse parecia-lhe verdadeiramente sagrado. Enthusiasta da Revolução, profundamente imbuido das ideias republicanas, David considerava a «Marselheza» como uma especie de canto sagrado, o canto que devia fazer reunir todos os povos n'um commum sentimento d'amor e liberdade.

Julgue-se, pois, qual seria a sua commoção quando por uma tarde chuvosa penetrou na sombria rua do Buttoir e procurou a casa onde se abrigava o auctor d'aquelle magnifico hymno d'esperança e libertação. As paginas em que conta a sua primeira visita são verdadeiramente pungentes.

A velha que encontrou na sordida escada conduziu-o silenciosamente ao quarto onde sobre um infecto grabato, a um canto, jazia «um montão de farrapos e doenças». A' entrada do visitante o montão agitou-se, e com espanto David reconheceu n'elle Rouget de l'Isle. Misero tugurio para tão grande nome! A alma generosa do esculptor revoltou-se; não podia acreditar n'aquella realidade que lhe saltava aos olhos. Mas era preciso explicar a sua presença, e com a maxima prudencia, porque os pobres são altivos e é preciso evitar melindral-os na sua facil susceptibilidade. David, que tinha tanto de bom como de talentoso, exprimiu a Rouget de l'Isle o grande desejo que tinha de reproduzir em um medalhão a cabeça do immortal auctor da «Marselheza»; expoz-lhe a grande gloria que seria para elle, esculptor, modelar aquellas feições, juntar aquella grande figura á galeria já magnifica das illustrações da epoca.

O velho Rouget não poude resistir a um pedido tão enthusiastico e ardentemente formulado, e no dia seguinte David installava-se-lhe á cabeceira com um cocho com barro, e um cavallete para o trabalho.

O pobre velho estava tão fraco que nem levantar-se podia sem o auxilio de alguem; embrulharam-o em cobertores e puzeram-o n'uma cadeira de verga, onde a custo se manteve quasi direito durante meia hora, tempo que David aproveitou para executar a obra que commovidamente trabalhava, reproduzindo as feições d'aquella grande figura cujo genio tinha creado o hymno que «despertará por todo o sempre a liberdade no coração dos povos».

Nunca um outro medalhão foi executado com tamanha rapidez e tão religiosa attenção. Para entreter Rouget, e naturalmente tambem para surprehender-lhe um reflexo da alma n'aquella pobre face crestada pela miseria, conta David que esteve sempre falando-lhe ácerca da «Marselheza», pedindo-lhe a historia da sua creação nos seus mais pequenos pormenores. O pobre velho com a sua vozita tremula evocava commovido o passado de gloria, o jantar em casa de Dietrich, a conversa, o desejo geral de oppôr um canto republicano ao «Viva Henrique IV», e a noite em que, «assaltado por uma especie de delirio» se levantou para escrever d'um jacto toda a «Marselheza».

E depois, no dia seguinte, na sala de Dietrich, a filha d'este tocando-a ao piano; a consagração do povo, do exercito... Contradicção pungente a evocação d'este passado de gloria no meio d'aquella immensa miseria, contradicção que transtornava o pobre velho, mas que melhor mostrava ainda o grande coração de David.

Concluida a obra, offereceu-a este ao sr. Lafitte que a rifou em noventa bilhetes a vinte francos cada um, immediatamente comprados, e o colossal medalhão de Rouget, em que estava gravada a primeira estrophe em musica da «Marselheza», coube em sorte a um agente de cambio, o *sr.* Justin.

Com infinitas precauções, para o não melindrar, fez-se chegar o dinheiro ás mãos do pobre velho, juntamente com uma deliciosa carta de Beranger em que este lhe enviava os seus cumprimentos. «Tem, emfim, escrevia-lhe elle, meio de novamente guarnecer o guarda-roupa: o maldito fato, para nós pobres diabos, rompe-se depressa, e ainda me lembro do tempo em que dispunha apenas de um par de calças que eu tratava com um affecto verdadeiramente paternal, mas que nem por isso deixava de me pregar frequentes partidas de mau gosto. E' verdade, accrescentava Beranger delicadamente, que eu tinha uma habilidade que ao senhor falta: sabia pregar botões e passajar. Vantagens de ser filho de alfaiate!...»

Rouget estava radiante; na sua grande alegria apenas sabia agradecer. Bemdizia de Beranger e do sr. Lafitte, e escrevia a David: «Meu caro Phidias, agradeço-lhe a honra que dispensou a um tão vulgar ser, consagrando-lhe alguns dos seus preciosos momentos», e completamente desgostoso de Paris, acceitou por fim a bondosa hospitalidade que lhe offereciam o general Blein, o sr. Vaiant e sua esposa, e toda aquella boa gente de Choisy le Roi, felizes por tel-o entre si definitivamente.

Em breve se deu a revolução de 1830, e o pobre homem teve ainda a alegria de receber uma pequena pensão do Estado, o que para elle valia mais, a Legião d'Honra, o orgulho da sua velhice.

Aviação militar

Offerecem-se para frequentar o curso de pilotos-aviadores os srs: Alvaro Julio Chaves Cordeiro Fialho, morador na rua da Atalaya, 73, 1.º D.; Manuel dos Santos Carvalho Junior, calçada do Cascão, 15, 1.º; Alvaro Ventura, rua da Bella Vista, 9; João José dos Santos, rua do Olival, 116 F.

Em férias

O sr. dr. Brito Camacho e as incoherencias do "leader" da União na "Lucta"

Annuncia-se a proxima partida do sr. dr. Brito Camacho para o estrangeiro. Occorre-nos que o conhecido homem publico, nos ocios d'essas ferias bem merecidas, queira dar-se ao trabalho de ler e meditar os artigos que desde o inicio da guerra européa tem publicado no seu jornal.

A suggestão veiu-nos da leitura do *fundo* hoje publicado n'*A Lucta* e subscripto com o seu nome, onde se encontram os seguintes periodos:

> Ainda nenhum documento official se publicou, explicando os motivos, necessariamente poderosos, que levaram o governo da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado a mandar para Africa duas columnas expedicionarias. Ellas eram grandes demais para se destinarem apenas á submissão de negros rebeldes, e não eram bastante fortes e não convenientemente organisadas para se destinarem á invasão de territorios allemães.

Parece deduzir-se que, na opinião do sr. dr. Brito Camacho, não houve razões que justificassem a remessa de forças expedicionarias para a Africa, e que a essas forças faltavam coisas varias. No emtanto, folheando a collecção do orgão unionista, deparam-se-nos a 11 de setembro um artigo de fundo, tambem firmado por aquelle chefe politico, de onde recortamos o seguinte:

> Partem hoje as forças expedicionarias, que o governo envia para a Africa, uma columna para Moçambique e a outra para Angola. E' a primeira expedição na vigencia da Republica, e tão justificada ella é que nem uma só voz ainda se ergueu para a condemnar.
>
> ....
>
> Sem a guerra, a Republica não mandaria já para a Africa forças expedicionarias, e pois que a administração das nossas provincias ultramarinas passa a fazer-se em regimen de autonomia franca e larga, talvez que não precisasse mandal-as tão cedo. Mas ao sul de Angola somos visinhos dos allemães, na costa oriental também os temos, e não é segredo para ninguem, porque o facto tem sido claramente denunciado na imprensa que esses nossos visinhos projectam installar-se em nossa casa. Se amanhã o tentarem, que mais não seja para irem á conferencia da paz levando nas mãos algum tropheu guerreiro, lá estarão os nossos bravos soldados para lhes conterem a furia, e para isso não seria necessario realisar prodigios de valor.

A 3 de outubro, n'um artigo intitulado *Participação na guerra*, o sr. dr. Brito Camacho diz:

> As duas columnas que mandâmos para a Africa, e que alli cooperarão, sendo preciso, com os nossos alliados, provam a demonstração sufficiente de que alguma coisa se fez como preparativo guerreiro desde que estalou o conflicto, porquanto ellas partiram sem lhes faltar nada.

Por ultimo, a 27 de outubro, a *Lucta* traz novo artigo do sr. dr. Brito Camacho, com o mesmo titulo, onde claramente se indica que o caminho é para a Africa. Vejamos:

> Se carecessemos amanhã de repellir qualquer aggressão que nos fizesse em Moçambique ou Angola, teriamos de contar principalmente com a nossa gente para nos defendermos...
>
> . . . .
>
> Ha uma obra util a realisar, diz o importante jornal londrino (*Daily Telegraph*) e no conflicto actual, entre o mundo civilisado e a barbarie teutonica, Portugal tem o seu logar marcado. Basta apontar para o mappa da Africa, onde em Angola e em Moçambique os portuguezes podem prestar leaes serviços á Inglaterra.

Por consequencia, o sr. dr. Brito Camacho, em setembro e outubro, achava utilissimo que mandassemos tropas para a Africa, declarava que lhes não faltava coisa alguma e previa a hipothese de nos batermos com allemães. Hoje, pelo editorial d'esta manhã, vê-se que pensa diversamente. E' um singular caso de amnésia. Não seria pois conveniente, nos ocios da sua proxima vilegiatura, reler e meditar esses artigos? Talvez ainda

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—16-7-915

EM TORNO DA GUERRA

A "christianissima Austria,,

Aquelles bons catholicos portuguezes que, não querendo ser germanophilos nem francophilos, desejam, no entanto, a victoria da Allemanha e a derrota da França, para que esta expie até o fim os seus negros peccados, ousam allegar entre as razões justificativas das suas sympathias pelos allemães o facto de combater ao lado d'estes «a christianissima Austria». O Estado austriaco —dizem os nossos bons catholicos— não é «perseguidor e atheu» como o francez; pelo contrario, «é christão e presta culto publico e solemne a Deus, como aconteceu no ultimo congresso eucharistico...»

Exprimindo-se d'este modo, a «Liberdade», considerada hoje o mais importante orgão dos catholicos portuguezes, não tem evidentemente em muita conta a sinceridade e a illustração dos seus leitores. A folha portuense que, ao examinar a presente situação da Egreja em Portugal, entende ser ella preferivel, sob numerosos aspectos, ao «statu quo ante», e que não deseja o regresso a este em caso algum, deve, para que haja coherencia nas suas opiniões, reputar as circumstancias em que o catholicismo vive na França incomparavelmente superiores ás que consentem que elle vegete na Austria, onde os grilhões dourados de um regalismo vigilante e forte paralysam toda a acção da Egreja...

Facil se torna demonstral-o.

***

O Estado austriaco já não incarna, com effeito, os principios catholicos. Acha-se secularisado. A egualdade dos cultos, o casamento civil, a emancipação da escola publica existem na Austria. «Não ha talvez—observa Imbart de la Tour— Estado catholico onde o calvinismo e o judaismo sejam mais fortes do que na Hungria». E o illustre membro da Academia das sciencias moraes e politicas de Paris accrescenta que uma das maximas do Estado consiste em respeitar todos os cultos e em protegel-os a todos, mesmo uns contra os outros. A sua intromissão, porém, nas coisas ecclesiasticas catholico-romanas é absoluta. Escolhe e nomeia os ministros da religião, amplia ou restringe o exercicio do seu ministerio, zela ciosamente a observancia das prerogativas do poder civil e, collocando o interesse politico acima das questões religiosas, evita, por meio da egualdade dos cultos, que estas se transformem em luctas de raças. A irradiação catholica não se verifica. Vivendo «sob um regimen hybrido que não é nem a liberdade nem o monopolio», o catholicismo austriaco não presta á crença universal serviços que sejam conhecidos. Leia-se Imbart de la Tour:

«Nenhum dos grandes nomes do pensamento ou da acção lhe pertencem. No seculo XIX, não teve nem um Lacordaire, nem um Newman, nem um Lavigerie, nem um Manning, nem um Gioberti, nem um Balmes. Hoje mesmo, na vida espiritual da christandade, vale menos que essas jovens egrejas da America, ás quaes está reservado um prodigioso futuro. Nenhuma grande ordem religiosa sahiu do seu seio. Debalde buscariamos nas florestas calcinantes da Africa e nas adormecidas cidades do Oriente as suas legiões de apostolos. Inutilmente procurariamos tambem na sua vida interna essa força de ideal que transforma as almas...»

Na «christianissima Austria», a incredulidade progride; o movimento social christão, tentado ha annos, foi esteril, não modificando em nada a politica geral da monarchia apostolica. O governo imperial nunca impediu que a «Alliança evangelica» allemã dirigisse e subvencionasse a propaganda protestante, de maneira que ha uns quinze annos foram arrebatados ao catholicismo austro-hungaro mais de trinta mil adeptos. O governo austriaco, ao estalar aquelle ruidoso incidente Wahrmundt, poz-se da banda do professor accusado de modernista contra a curia. Foi o governo imperial—parece que n'essa conjunctura instrumento de Guilherme II e não só de Francisco José—quem afastou do throno pontificio, em 1903, o cardeal Rampolla, que o sacro-collegio queria investir na successão de Leão XIII. A todas as providencias que podiam preparar a conversão dos slavos se oppoz a monarchia dualista e a conclusão recente da concordata entre a Servia e o Vaticano encontrou o mais obstinado adversario no governo de Vienna. Por outro lado, emquanto a França sustenta na China 740 missões e a Belgica 170, a «christianissima Austria» não tem lá nenhuma e apenas possue dois estabelecimentos religiosos em Jerusalem, onde os francezes sustentam vinte...

Convem rememorar tudo isto, *quando com tamanha devoção nos* falam na Austria christianissima e apostolica, toda exterioridades e ouropeis, e *com ingratidão tamanha* se esquecem da desditosa e verdadeiramente catholica Belgica, que ella ajudou a assolar. E convem fazel-o não para commentar, favoravel ou desfavoravelmente, a politica austriaca em materia religiosa, mas para que se ajuize da imparcialidade e da segurança de criterio dos nossos bons catholicos que, não querendo ser tomados como germanophilos, todavia se babam enternecidos perante o Estado austriaco. E porque se babam? Só porque revestiu de pompa medieval uma procissão eucharistica em que tomaram parte com honras identicas Jesus sacramentado e o velho imperador, alliado e intimo do outro que disse odiar a «superstição romana» e chamou a Luthero seu amigo!

***

Os catholicos allemães não tiveram uma palavra de protesto perante o anniquilamento da Belgica, totalmente devastada pelos exercitos germanicos que lhe *arrasaram* os templos e trucidaram o clero, dos mais dignos e prestigiosos de que se orgulha a Egreja. Os catholicos austriacos guardaram silencio egual e não deram uma insignificante mostra de pezar, vendo a justiça, que é a base da moral christã, conspurcada pelos assoladores d'um pequeno mas florescente e progressivo povo cujas prosperidades tantas vezes se attribuiram ao influxo dos principios christãos e no patriotismo e ao valor d'um partido intitulado catholico, á testa do governo longos annos. Nunca a Historia registou barbaridades tão espantosas como as commettidas pelos soldados de Guilherme II na destruição do pobre reino da Belgica, mas por mais atrozes e inconcebiveis não o foram tanto que commovessem certa imprensa que arvora como labaro a cruz e que no seu programma inscreve as maximas do Evangelho. A «Liberdade» não desconhece a attitude assumida por varios jornaes catholicos dos paizes neutros em face das tremendas desditas da Belgica martyr. Se esses, que deviam ser justos, humanos, compassivos, desassombrados, o não são, como desejar que o sejam as folhas que na Allemanha e na Austria se intitulam catholicas e prégam com um encarniçamento nunca visto o odio, a violencia, o assassinio em massa?

Mathias Erzberger, o leader do famoso Centro catholico allemão, que em 26 de agosto de 1913 dava ao «Journal de Bruxelles» a sua palavra de honra de que o mesmo Centro trabalharia por que fossem respeitados os compromissos internacionaes e affirmava que a Belgica podia contar sempre com as sympathias dos catholicos allemães; é hoje o mais feroz defensor da idéa da annexação da Belgica e quem na imprensa allemã defende as mais extranhas theorias de guerra até agora proclamadas. Eis o seu pensamento expresso nas columnas do «Nieuwe Rotterdamsche Courant» em artigo que o «Tag» reproduziu:

«... Quando a Allemanha houver decretado o bloqueio effectivo da Inglaterra, todo o navio mercante inglez deverá ser implacavelmente mettido a pique... Visto que dominamos sob os mares—se não sobre os mares—affirmemos bem alto essa superioridade. E que os nossos dirigiveis e que os nossos aeroplanos obrem de concerto com os nossos submarinos para castigarem, sem um momento de repouso, o nosso perfido inimigo! A Inglaterra tomou-nos cerca de 400 navios mercantes. A nossa resposta deve ser: por cada um d'esses navios roubados uma cidade ou uma villa inglezas destruidas. Semeemos, com o auxilio dos nossos dirigiveis, o terror e a morte entre as populações britannicas. Para nós, todos os meios devem ser bons e até se possuissemos o segredo de derramar uma chuva de fogo sobre o territorio inglez porque não nos haviamos de servir d'ella?... Tudo é preferivel á compaixão que os nossos inimigos houvessem de sentir por nós, no caso de sermos vencidos...»

***

Como o chefe do Centro catholico allemão, pensam os catholicos da Allemanha e da Austria e dir-se-hia que pensam tambem os catholicos da «Liberdade» que querem a França bem flagelada porque o Estado é «perseguidor e atheu» e a Inglaterra bem punida, porque tem feito soffrer os catholicos irlandezes e ainda não permittiu a formação d'um Centro á semelhança do que tem por leader o sr. Erzberger! Mas que ninguem se illuda ácerca dos nossos bons catholicos: Esses admiradores da «christianissima Austria» o que, no fim de contas, detestam cordealmente é tudo o que de perto ou de longe cheire a instituições liberaes e democraticas;—embora á sombra d'ellas a Egreja possa viver independente e livre...

Avelino de Almeida

fosse possivel encontrar uma explicação logica para isso em que o commum dos mortaes certamente não consegue ver mais que uma serie de espantosas e indesculpaveis incoherencias...

A divisão naval

Deve estar, por estes dias, definitivamente constituida

Dentro de poucos dias devem terminar os fabricos e reparações que estão soffrendo no Arsenal de Marinha alguns dos nossos navios de guerra. Ficará, só então, definitivamente constituida a divisão naval, da qual farão parte os cruzadores «Vasco da Gama», «Almirante Reis», «Republica» e «Adamastor»; destroyers «Douro» e «Guadiana»; torpedeiros n.os 2 e 3 e rebocadores «Lidador» e «Berrio», que receberam alguma artilharia, e canhoneira «Zaire», que se encontra em Setubal, devendo, todavia, ser substituida por outro barco de guerra, que para aquelle porto, centro de fiscalisação maritima, seguirá sem demora.

Os navios da divisão teem sahido individualmente para exercicios preparatorios de velocidade, treino de pessoal e exercicios de lançamento de torpedos e de artilharia. A'manhã, cabe a sorte ao «Adamastor» de ir para o cruzeiro da costa. O commandante superior da divisão convidou os instructores da Escola Pratica de Artilharia e da Escola de Torpedos a assistirem ás experiencias da sua especialidade. Aos exercicios d'este vaso de guerra assistirá tambem o chefe do estado maior da divisão naval, 1.º tenente Fradique, que é, ao mesmo tempo, o delegado da commissão de estudo do estado maior da armada.

Na proxima semana caberá ao «Republica» a vez de sahir para o mar. Esse navio acaba de passar por um fabrico radical, que durou quasi dois annos. As guarnições de todos os navios estão completas, e os aspirantes e guarda-marinhas embarcados vão circulando por todos os navios, assistindo assim a todos os exercicios e experiencias e fazendo tambem exercicios de machinas.

No dia 1 d'agosto deve ser posta em execução a nova ordenança geral da armada, que servirá para todos os navios. Essa ordenança está a ser revista por uma commissão composta de officiaes dos mais illustrados e enthusiastas pelo resurgimento da nossa marinha de guerra. E para que mais urgentemente esse estatuto organico, pelo qual a marinha ha tantos annos anceia, seja o que deve ser, o commandante superior da divisão propoz á majoria general da armada que tal commissão fique com caracter permanente durante um anno e com constantes relações com os navios, para que a applicação da ordenança seja harmonica e a mesma em todos os vasos de guerra, introduzindo-se successivamente todas as modificações que a experiencia aconselhe.

INTERESSES DE CLASSE

Empregados dos governos civis

A proposito da noticia que ante-hontem démos com este titulo, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Na *Capital* de hontem, jornal a cuja leitura quotidiana de ha muito me habituei com prazer, vem transcripta uma representação entregue á Camara dos Deputados, em que os empregados dos governos civis pedem melhoria de vencimento, e n'ella se diz, na parte final: «A commissão delegada dos empregados dos governos civis de: Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Beja, Castello Branco, Evora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarem, *Vianna do Castello* e Funchal», seguindo-se varias assignaturas.

O signatario, como delegado dos governos civis de Lisboa e Vianna do Castello, compareceu a uma reunião de representantes dos differentes governos civis, que, para tratar dos interesses da classe, devia realisar-se no Palacio do Congresso, no dia 12 do corrente, ás 14 horas. Ali se encontrou com alguns collegas seus, representantes dos governos civis de Castello Branco e Santarem, com quem esteve até ás 16 horas, aguardando todos a comparencia dos representantes dos demais governos civis, que não teve o prazer de ver ali. Depois de esperar durante duas horas, retirou-se, deixando na mão do seu collega de Santarem um cartão com o seu nome, locaes onde podia ser encontrado, tanto de dia como á noite, e até numeros de telephones pelos quaes mais facilmente podia ser chamado.

Até agora continuo esperando qualquer aviso, que não recebi, para reunião em que se tratasse do assumpto da representação, apesar de ter sido antecipadamente solicitada, com instancia, pelos collegas de Portalegre, iniciadores do movimento, a nomeação de um representante dos empregados do governo civil de Lisboa, e certamente tambem do de Vianna do Castello e demais governos civis.

N'esta conformidade, só hontem e pelo jornal que v. dirige com tanta competencia tive conhecimento da representação de que se trata, que por tal motivo não póde ser apresentada como assignada pelo delegado do governo civil de Vianna do Castello.

Agradecendo o favor da publicação d'esta carta, subscrevo-me de v. etc—*Francisco Bernardino Cardoso*, sub-chefe de repartição do governo civil de Lisboa, delegado d'este governo civil e do de Vianna do Castello.

Ordem do exercito

A «Ordem do Exercito» hoje distribuida insere, entre outras disposições: o decreto approvando e mandando pôr em execução as instrucções segundo as quaes deve fazer-se a nomeação do pessoal das unidades do exercito metropolitano e suas fracções que tenham de ser mobilisadas; determinando que logo que regressem á metropole as forças expedicionarias que actualmente se encontram em serviço nas colonias será, pela 3.ª repartição da 1.ª direcção geral da secretaria da guerra, mandado abrir concurso extraordinario, nas differentes unidades e serviços, para o posto de segundo sargento, ao qual é applicavel tudo quanto prescreve o regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito; e determinando que não seja permittido aos officiaes e sargentos do exercito tomarem parte nos concursos hippicos em traje civil, desde que montem cavallos propriedade do Estado.

VIDA COLONIAL

A emigração de Cabo Verde

O livro recentemente publicado pela Sociedade de Geographia de Lisboa, com o titulo «Colonias portuguezas em paizes estrangeiros» suggere-nos algumas considerações sobre a emigração de Cabo Verde para paizes estrangeiros, e principalmente para o Estado de Massachussetts da America do Norte.

O livro referido que deve ser lido por todos os portuguezes ciosos do seu bom nome em toda a parte, tem lacunas, devidas, muito naturalmente, á pouca diligencia de alguns funccionarios consulares, e no que diz respeito á forte corrente emigratoria no Estado Americano proveniente do nosso archipelago africano de Cabo Verde, como não vêmos referencias a tal respeito, sômos obrigados a vir aqui fazel-as, porque se trata de um assumpto interessantissimo.

O archipelago de Cabo Verde, a quatro dias e meio de viagem de Lisboa, é um paiz africano. Em periodos que variam de 4 em 4, a 7 em 7 *annos*, não se distribuindo as chuvas convenientemente, a principal cultura, que é a do milho, séca, sem ter produzido, o que conduz a população á horrorosa fome. No emtanto, ouve-se dizer a cada passo que a população do archipelago não tem amor ao trabalho, e por isso morre de fome, e tão capacitado d'isto está o nosso governo que ha pouco tempo decretou o trabalho obrigatorio dos indigenas, abrindo o regulamento com o artigo primeiro, fundamentalmente philosophico.—«Todo o indigena das colonias portuguezas tem a obrigação, moral e legal, de conseguir pelo trabalho os meios de subsistencia, e melhorar successivamente a sua condição social»—; em mais de duzentos artigos se estabelecem os meios de dar cumprimento á lei, e as penalidades.

Ora nós temos a qualidade de vêr ao contrario de muitos, e garantimos que o povo de Cabo Verde não é mandrião. Mas, a mandria cultiva-se ali, porque se paga a um trabalhador, por nove horas de serviço a um sol que derrete, a enorme quantia de 16 centavos diarios, e menos ainda. E' claro que isto, que não dá para um homem só comer, menos dará para melhorar a sua condição social. E, como o governo, comprehendendo a seu modo o que venha a ser colonisação, arrenda terrenos a taxas variando de 1 a 10 centavos por hectare, a grande parte da população prefere ser agricultor por conta propria, mas se a agricultura lhe rende n'alguns annos o sufficiente para comer e vestir, n'outros annos nada lhe dá, pela má destribuição das chuvas, e ahi estão as crises de fome, que o governo não previne, mas procura remediar.

A população de Cabo Verde tem boas qualidades e é arrojada. Por isso tornando-se-lhe impossivel viver na propria terra, emigra, e mantem nos paizes para onde vae o bom nome que os portuguezes gosam em toda a parte.

A emigração começou ha bons cem annos, da ilha Brava. Ao porto da Fajan de Agua, começaram aportando navios baleeiros americanos, para metter agua e refrescos. Um dia, uns mais animosos embarcaram n'uma d'essas barcas, e lá foram para a pesca do rico cetaceo, por esses mares fora, e findos dois annos de viagem aportaram a New Bedford da America do Norte. Fizeram-se as contas do oleo: tantas barricas para os officiaes, tantas para os marinheiros, descontou-se a roupa e o dinheiro fornecido, e ahi foram esses homens para terra, onde o progresso os extasiou. Assim se estabeleceu a emigração de Cabo Verde para a America do Norte.

O augmento annual da população em Cabo Verde foi em 1913 de 2,34 0/0.

A emigração total no mesmo anno, incluindo os serviçaes contractados para S. Thomé, foi de 2,28 0/0, e excluindo os serviçaes, a emigração para o estrangeiro foi de 1,53 0/0. Como se vê, sob o ponto de vista do augmento da população, a emigração de Cabo Verde, não chegando a ser egual ou maior a esse augmento, não é perniciosa.

Como diz Leroy-Beaulieux, para a economia do paiz, tal emigração não prejudica porque equivale a uma sangria pelo nariz, que não depauperando o individuo é incapaz de prevenir a apoplexia.

A emigração de Cabo Verde para a America do Norte vae n'um crescendo muito animador. Em 1911 foi de 1.474, em 1912 de 1.066 e em 1913 de 1.689.

A emigração continua a fazer-se, em boa parte, nas barcas baleeiras, que annualmente se dirigem a Cabo Verde para refazerem as marinhagens, e faz-se tambem por veleiros pertencentes a Cabo Verde, e que no mez de março transportam os emigrantes para a America, levando de 35$ a 45$ escudos por emigrante. Como se vê, a importancia das passagens só de ida, representando annualmente perto de 60:000 escudos, fica no proprio archipelago.

Vem a talho de foice assignalar aqui uma coisa que tem passado despercebida aos governos. Muitos emigrantes de Cabo Verde seguem a carreira maritima nos baleiros americanos, e para serem pilotos, immediatos ou commandantes, torna-se necessario que se naturalisem americanos para lhe serem passadas as cartas. Mais tarde esses homens conseguem ser *armadores*, e como não podem ser officiaes dos navios embandeirados em portuguezes, conservam a bandeira americana, embora sejam conhecidos como portuguezes e tenham os seus bens em Cabo Verde. Esses navios, que teem um regimen differente do nosso, não podem dedicar-se á cabotagem no archipelago, estando a maior parte do anno immobilisados. Perder-se-hia alguma coisa em determinar que aos officiaes caboverdeanos da marinha mercante, com carta americana, seria permittido o exercicio da profissão em navios portuguezes, apoz um exame de competencia, feito na capitania dos portos de Cabo Verde? Ou perigaria a Patria, chamando assim á sua bandeira portuguezes, que por necessidade estão á sombra d'uma bandeira estrangeira?

Já vimos que a emigração não traz damno á economia de Cabo Verde, porque é inferior ao augmento da população. Tambem a importancia das passagens fica nas mãos dos proprietarios do proprio archipelago; vejamos agora se os emigrantes transferem fundos para a sua terra.

O relatorio dos serviços dos correios de Cabo Verde dedica annualmente uma parte para a apreciação da quantia que os emigrantes enviam ás familias. Assim extrahimos os seguintes dados, referentes ás cartas registadas vindas da America do Norte, e que de ordinario conteem ou cheques ou notas americanas, que fixaremos em 15$ escudos:

1909	7:727
1910	8:123
1911	11:333
1912	12:410
1913	14:314

Fazendo as reducções a dinheiro, encontraremos:

1909	115:905	escudos
1910	121:845	»
1911	169:995	»
1912	186:150	»
1913	214:710	»

A esta importancia devemos juntar ainda as importancias que os que todos os annos voltam á sua terra a passar o inverno, trazem; os que veem em cada anno não são menos de 400, trazendo cada um um minimo de 200 escudos.

Ahi está, muito pela rama, quantos beneficios leva a Cabo Verde a feliz emigração para a America do Norte. Junte-se a isto a emigração para a Republica Argentina, a para o Uruguay, e ainda a para Dakar e Guiné, e teremos a noção exacta de quanto vale esta emigração.

Tiraremos então por consequencia que o caboverdeano tidos em Cabo Verde por mandriões porque não ganham mais de 16 centavos diarios, quando na America do Norte, onde o salario minimo é de 1$50 por dia, são trabalhadores, bem comportados, e assimilam a civilisação em pouco tempo. Aqui está o caso na sua nudez.

O que é pena é o analphabetismo reinar nos emigrantes. Uma vez na America, aprendem o inglez mas não sabem que palavras portuguezas correspondem ao inglez. Sahiram da terra, apenas falando creoulo, e por isso, fazendo relatorios de viagens a amigos, muitas vezes lhes ouvi falar que tinham ido a Boston no «carro de fogo», o que queria nem mais nem menos indicar o vulgar comboio.

O que se torna necessario é que o governo facilite a instrucção em Cabo Verde que é un chaos, como demonstraremos, e só assim se opporá uma providencia á ideia americana de fechar a entrada aos caboverdeanos analphabetos.

Não bastou abolir o passaporte, são necessarias muitas mais providencias.

Uma, de grande importancia, poderia o Banco Nacional Ultramarino tomal-a, no seu proprio interesse. Seria estabelecer uma agencia no Estado de Massachusetts, escolhendo entre Providence, Fall River, ou New Bedford, a cidade que maior movimento tivesse de transferencias de fundos para Cabo Verde e para os Açores.

A seguir impunha-se a necessidade de estabelecer pequenas agencias no archipelago de Cabo Verde, em todas as ilhas, para fazer desapparecer a extraordinaria exploração que se faz ali, no troco de notas e cheques, para o que todos são competentes, sem pagamento da licença e da decima de industria como cambistas. E' intoleravel que á custa do trabalho do emigrante vivam centenas de parasitas-cambistas, que levam a pele aos desgraçados que procuram o troco da moeda americana.

Armando Xavier da Fonseca

COMO A IMPRENSA HESPANHOLA

está informada ácerca de Portugal

Alguns jornaes hespanhoes deram a noticia da morte do dr. Affonso Costa, cujas melhoras felismente progridem, tendo-se até verificado este facto interessante de alguns jornaes desaffectos ao illustre estadista fazerem justiça ás suas eminentes qualidades politicas. Vê-se, por isto, a deficiencia de informação que a imprensa do paiz visinho possue ácerca das nossas coisas.

E não somos nós que o affirmamos. De um artigo do *Heraldo*, assignado pelo sr. Ruiz Ferry, um dos aeronautas hespanhoes que ha dias nos visitou, recortamos o seguinte:

«Se de tudo quanto em Portugal succede a imprensa madrilena está tão *exactamente* informada, é preferivel prescindir dos correspondentes e das agencias telegraphicas que se occuparam do assumpto. Melhor fizeram os que não disseram uma palavra».

Foi o caso que a ascenção do aerostato *Vizcaya* appareceu nos jornaes de Madrid noticiada da seguinte forma:

«Pilotava o citado balão o sr. Magdalena, acompanhado por um irmão seu e pelo sr. Reyes, redactor da *Capital*»

Quer dizer, o nosso camarada de redacção Hermano Neves foi *desdobrado* pelos jornaes de Hespanha em um irmão do aeronauta e n'um sr. Reyes que nunca fez parte da nossa redacção!

Vem a proposito transcrever as sensatas palavras com que o sr. Ruiz Ferry termina o seu artigo:

«...Podemos assegurar que começa um intenso labor de reciprocidade em materia sportiva, que não póde deixar de favorecer a fraternidade das relações entre hespanhoes e portuguezes.»

ULTIMAS NOTICIAS

No Senado

Realisa-se a interpelação ao sr. ministro das colonias sobre a situação das nossas tropas em Angola

Com o sr. general Correia Barreto na presidencia secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Lourenço Sêrro, respondem á chamada 25 *senadores*, que approvam a acta sem reparos, indo o expediente ao seu destino.

Na bancada ministerial o sr. ministro das colonias. Galerias desertas.

Antes da ordem o sr. Fortunato da Fonseca envia para a mesa um projecto de lei prohibindo a todos os funccionarios ou quaesquer entidades encarregadas do arrolamento ou conservação de objectos artisticos pertencentes ao Estado ou da sua acquisição para os muzeus nacionaes negociar em objectos da mesma natureza. No artigo 2.º diz-se que as pessoas a que se refere o artigo 1.º, que á data da promulgação d'esta lei possuirem objectos de caracter artistico, deverão no praso maximo d'um mez informar o conselho de arte e archeologia da respectiva circumscripção a fim de se fazer o respectivo inventario.

O sr. padre Silva Gonçalves insurge-se contra o facto dos padres catholicos estrangeiros terem em Portugal mais garantias de que os seus collegas nacionaes. Viu hoje no Rocio tres sacerdotes envergando habitos talares. Alguem lhe disse que não eram portuguezes, porque se o fôssem tal não podiam fazer. Como assim? Então um padre estrangeiro ha de ter em Portugal mais regalias do que um padre portuguez que pela sua patria está prompto a sacrificar-se? Para o coração de todos os senadores presentes e pelo proprio amor que á Republica devem ter lhes pede que a lei se modifique para que taes factos se não possam repetir.

O sr. Teixeira Rebello retirou o seu projecto hontem apresentado de defeza dos interesses do Douro pedindo para o substituir por outro no mesmo sentido mas com outra redacção.

O sr. Lourenço Sêrro pede explicações ao sr. ministro da instrucção sobre a admissão de alumnas no liceu Maria Pia, o que o sr. Lopes Martins faz, saudando primeiramente o Senado pelo facto de ser a primeira vez que usa da palavra n'esta casa do parlamento.

Segue-se no uso da palavra o sr. Lima Duque que faz a sua annunciada interpelação ao sr. ministro das colonias. Referindo-se ao desastre de Naulila diz que a diplomacia em nada interveiu para uma acção combinada em Angola, nem a Inglaterra coadjuvação alguma nos pediu. Foi por sua conta combatendo os allemães até os derrotar, e depois nobre e generosamente deu-nos os prisioneiros que os allemães nos tinham feito—esse punhado de bravos que pela patria heroicamente se bateram em Naulila.

Derrotados os allemães, para que é preciso agora conservar em Africa 10.000 homens? Para submetter o Cuanhama e o Cuamato? Para isso evidentemente, não, porque não é preciso. Conclue, pois, a primeira parte da sua interpellação dirigindo ao ministro das colonias as tres perguntas seguintes:

1.ª—Pensa o governo em repatriar desde já as forças que excedam o contingente necessario para a occupação do Cuamato e regiões insubmissas do sul de Angola?

2.ª—Tenciona o governo manter o regimen de expedições da metropole, ou julga preferivel a organisação d'um exercito ultramarino bastante para a defeza permanente das colonias?

3.ª—Julga o governo sufficientemente garantida a integridade do nosso territorio africano, matendo-se n'uma efficaz defensiva, ou pensa ainda em lances de conquista ou incursões de desforço?

O sr. Norton de Mattos, ministro das colonias, responde que não quiz demorar a grata noticia que dera á Camara da derrota dos allemães pela Inglaterra e da libertação dos prisioneiros portuguezes. Quanto á acção diplomatica, a que o sr. Lima Duque se referiu, tanto do actual governo, como do transacto, transmittirá as considerações ao seu collega da pasta dos estrangeiros que ao sr. Lima Duque responderá no que julgar conveniente e opportuno, visto julgar essas questões internacionaes muito melindrosas. A respeito da ida para Angola de tão numerosas forças deve declarar que foi elle orador que as pediu quando governador de Angola, não tendo, porém, quaesquer responsabilidades como ministro na organisação d'essas expedições. A culpa d'essas organisações cabe unica e exclusivamente ao gabinete Pimenta de Castro. Respondendo depois ás perguntas formuladas pelo sr. Lima Duque responderá quanto á primeira que não ha duvida de que a situação agora mudou muito em Angola, mas que o fermento da rebellião existe ainda alimentado pelos agentes allemães. E' de opinião pois que uma parte das tropas deve regressar á metropole, ficando outra parte lá, não só junto á fronteira mas para subjugar qualquer nova tentativa de revolta e até que a União Sul Africana tenha estabelecido a sua administração policial nos territorios tomados aos allemães.

Com respeito á segunda pergunta diz que tenciona apresentar ao parlamento um projecto de reorganisação do exercito colonial para Angola, onde, como em Moçambique, nos achamos em frente de raças guerreiras. E' preciso acabar com o sistema de expedições da metropole que não dão resultados e consomem muito dinheiro. Sobre a terceira pergunta declara que o governo estuda o assumpto da nossa administração em Angola que tem sido um cahos, e a proposito de offensiva ou defensiva já explicou para que deve ficar em Angola parte da expedição que lá se encontra.

O sr. Lima Duque agradece as explicações e constata que, segundo a valiosa e auctorisada explicação do sr. Norton de Mattos, a administração em Angola está um cahos. Quanto ás responsabilidades attribuidas ao sr. Pimenta de Castro, deve dizer que ellas lhe não pertencem em exclusivo. São de todos os governos.

Trocam-se ainda mais algumas explicações entre interpellante e interpellado, depois do que se entra na segunda parte da ordem do dia com a proposta de lei auctorisando a camara municipal de Albufeira a lançar o imposto de 1 por cento sobre o valor das mercadorias a exportar pelo seu porto. Approvada sem discussão nem emendas.

Segue-se depois a proposta de lei determinando que perca a qualidade de vogal de qualquer corpo administrativo todo aquelle cuja residencia, por motivo da creação d'um novo concelho ou parochia civil, deixar de fazer parte da circumscripção a que o mesmo corpo administrativo respeite.

Sobre o assumpto falam os srs. Paes Gomes e Fortunato da Fonseca, sendo a proposta approvada.

Por ultimo entra em discussão a proposta de lei interpretando o artigo 1.º da lei 319 de 16 de junho de 1915, na parte em que auctorisa o governo a separar definitivamente do serviço «por uma vez sómente» certos funccionarios no sentido em que o governo deve fazer essa separação n'um só diploma em relação a cada ministerio.

O sr. Pedro Martins lê e manda para a meza uma declaração de doutrina da minoria evolucionista, insurgindo-se depois contra a lei em discussão que acha inutil prejudicial e aggressiva, tornando o governo responsavel pelas consequencias da sua applicação. Se o governo suppôz ter ali o Capitolio da sua politica, póde muito bem ser que, ao contrario, ella venha a ser a sua Rocha Tarpeia.

Responde-lhe o sr. dr. José de Castro defendendo a lei e declarando que a ha de fazer applicar sem receio de se despenhar pela Rocha Tarpeia que tanto preoccupa o sr. dr. Pedro Martins.

O sr. Alberto da Silveira em nome dos senadores unionistas envia para a mesa uma declaração identica á apresentada já pelo seu partido na outra casa do Parlamento e na qual nega o seu voto á proposta e deixa ao governo a responsabilidade da sua execução.

O sr. Nunes Garcia defende calorosa e largamente a proposta.

O sr. ministro das finanças envia para a meza varias emendas ao orçamento das despezas do seu ministerio.

O sr. Arantes Pedroso requer, e é approvado, que a sessão seja prorogada até final discussão do projecto sobre afastamento de funccionarios.

Falam ainda os srs. Paes Gomes e Nunes Garcia, depois do que é a proposta votada e approvada sem alterações. Foi-lhe dispensada a ultima redacção.

A proxima sessão é na segunda feira á hora regimental.

UMA SENTENÇA

E' perdiz ou perdigão?

A proposito da lei da caça

O sr. dr. Aresta Branco referiu-se hoje na Camara a uma sentença muitissimo espirituosa que o juiz de Elvas houve por bem proferir no caso d'uma transgressão da lei de caça. Se o reu tivesse caçado uma perdiz seria condemnado; como caçou perdigões... foi absolvido, visto que a accusação falava em perdiz e as aves apprehendidas não passavam... de perdigões. Mas veja-se a sentença, tal qual se encontra nos respectivos autos:

Ginez Gomes, subdito hespanhol, vem accusado pelo digno agente do ministerio publico, do facto punivel pelo artigo vinte e nove, paragrapho unico, da lei da caça, de sete de julho de mil novecentos e treze, nega o arguido que esteja comprehendido na invocada disposição. *Não foram produzidas testemunhas de accusação nem de defeza*; e

Considerando que as aves apprehendidas são «perdigões ou machos de perdiz», auto de folhas oito;

Considerando que a lingua portugueza tem nomes inteiramente differentes para designar o macho ou a femea d'esta especie d'aves, como se reconhece de qualquer diccionario da lingua portugueza, como do de «Moraes» do de sinonimo de «Faria» do ultimo, digo, do Novo Diccionario Portuguez de Candido de Figueredo, para não citar mais, pois em todos elles se encontra a palavra «Perdigão»—o macho da perdiz;

Considerando que sempre que a lingua tem duas palavras differentes para designar os sexos como: gallo-gallinha, cavallo-egua, macho-mula, perdiz-perdigão, o uso de uma d'ellos indica apenas o animal de sexo e que refere;

Considerando que vulgarmente se emprega a palavra—«perdigão»—para designar o macho da «perdiz»;

Considerando que na propria linguagem de caça se empregam os dois nomes—dizendo-se caçar á «perdiz»—caçar ao «perdigão»;

Considerando que já *a ordenação*, livro quinto, folhas oito, se refere differentemente a um e outro sexo empregando os termos «perdiz» e «perdigão»;

Considerando que só pode ser crime o facto declarado punivel por uma lei, artigo primeiro do codigo penal e não pode argumentar-se por analogia ou inducção, por paridade, ou maioria de razões, citado codigo artigo dezoito;

Considerando além do exposto que nenhuma testemunha se produziu para provas de accusação e do documento de folhas seis, nenhuma disposição de lei confere qualidade de fazer fé em juizo, por tudo julgo improcedente a accusação e «absolvo» o reu sem custas nem sellos.

Elvas, dez de fevereiro de mil novecentos e quartoze.

Joaquim Antonio Serra

Entreguem-se ao arguido por termo as aves apprehendidas.

E já que tratamos de coisas judiciaes noticiemos que o Conselho Superior de Magistratura Judicial, por accordão de 8 do corrente mez, impoz ao juiz de direito da comarca de Pinhel, bacharel José de Menezes Tovar Faro e Noronha, a pena de 30$00 de multa, tendo como effeito, nos termos do artigo 4.º da lei de 12 de julho de 1912, a perda de 90 dias de antiguidade, com o atrazo de dois numeros na respectiva escala, minimo fixado na lei.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune hoje, pelas 21 horas, no ministerio da marinha.

—O sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres, tem conferenciado todas as noites com o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

—Uma commissão de guardas do Arsenal de marinha foi hoje agradecer ao respectivo ministro o ter mandado pôr em execução a lei do horario de trabalho.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciou demoradamente o industrial em Portalegre sr. Robison sobre as industrias corticeira e de lanificios.

Fallecimentos

PORTIMÃO, 15.—Victimada por uma congestão cerebral, falleceu a sr.ª D. Maria do Carmo Teixeira Bicker, que era extremamente caritativa.

GUIMARÃES, 15.—Falleceu o sr. Pedro de Guimarães, pae do medico sr. dr. Pedro de Guimarães Junior.

A questão do Douro

O sr. Mello Barreto, deputado por Villa Real, recebeu hoje o seguinte telegramma:

FREIXO DE ESPADA-Á-CINTA, 16.—A camara da minha presidencia solicita de v. ex.ª que a represente na recepção da grande commissão regional duriense, que chega a essa cidade ámanhã, no combeio rapido, para pedir ao governo que justiça seja feita ao Douro, evitando-se a sua ruina. Mais pede a v. ex.ª que acompanhe a referida commissão nas suas diligencias. Informo v. ex.ª de que a producção média do vinho generoso n'este concelho é de 1:200 pipas. (a) Presidente da camara municipal, *Gonçalves Silva.*

O sr. dr. Alfredo de Souza, deputado por Lamego, tambem recebeu o seguinte telegramma:

LAMEGO, 15.—A camara municipal de Lamego nomeou v. ex.ª representante junto da commissão duriense que vae pedir ao governo o respeito pela acclaração do tratado luso-britannico. (a) vereador servindo de presidente, *Francisco Estanislau Jorge.*

No Mexico

Comboio destruido pela explosão d'uma bomba

WASHINGTON, 16. — O governo foi informado de que uma bomba destruiu, proximo de Aprizoca, um comboio que seguia de Veracruz para Mexico, constando serem numerosos os passageiros mortos provavelmente estrangeiros.—(*Havas*).

A grande guerra

Operações na França e na Belgica

PARIS, 16.—Communicado das 15 horas:

Na região de Arras (norte) o inimigo tentou sahir das suas trincheiras ao sul do castello de Carleul mas foi immediatamente detido pelos nossos fogos de artilharia e de infantaria.

Em Argonne os nossos tiros de barreira não permittiram ao inimigo qualquer tentativa de ataque. Entre o Meuse e o Mosele a noite foi agitada mas sem acção de infantaria. Houve tambem bombardeamento do barranco de Sonvaux, combates de granadas de mão no bosque de Ailly e fusilaria e canhoneio ao norte de Flirey.

Na Lorena os allemães atacaram n'uma extensão de 3 kilometros as posições perdidas proximo de Leintrey, bombardeando simultaneamente toda a nossa linha desde a floresta de Champenoux até Vesouze fazendo alguns ataques parciaes de infantaria, sendo, porém, repellidos em toda a parte. Proximo de Leintrey depois de haver posto pé em Boqueteaux foram d'ali rechaçados por um contra-ataque immediato. Na parte sueste da floresta de Carroy as tropas de assalto que chegaram até aos nossos obstaculos de arame foram dispersas pelo nosso fogo e deixaram em nosso poder alguns prisioneiros. As perdas do inimigo parecem ser sensiveis.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 15—Official—O inimigo, tendo sido reforçado, avança agora na direcção de Goldingen. A cavallaria e os postos avançados reteem o inimigo. Entre o Vistula e o Bug repellimos os ataques inimigos. Os austriacos tomaram a offensiva no dia 13 do corrente e passaram o Dniester, perto de Ivai. Por meio de um violento bombardeamento obrigámos o inimigo a renunciar á passagem em varias localidades.—(*Havas.*)

PETROGRADO, 16.—Official.—Caucaso.—Na região de Zevan, depois de dois dias de combates, apoderámo-nos de importantes posições turcas proximo da aldeia de Sorp e tomámos quatro peças de artilharia.—(*Havas.*)

Explicações da Allemanha aos Estados Unidos

WASHINGTON, 15—O embaixador dos Estados Unidos em Berlim recebeu do governo allemão a expressão do seu pezar a respeito do torpedeamento do *Nebraskan*. A Allemanha offerece tambem a competente reparação, dizendo que o ataque áquelle barco foi um doloroso accidente.—(*Havas.*)

Aviação em Portugal

Cria-se uma commissão de propaganda e vulgarisação

A *Ordem do Exercito* hoje distribuida insere o seguinte decreto:

Tornando-se necessario desenvolver o serviço de aviação e facilitar o recrutamento do pessoal indispensavel á montagem de tão importante serviço e ao seu aproveitamento em caso de guerra: hei por bem, sob proposta dos ministros da Guerra, da Marinha e do Fomento, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' criada, junto da Commissão de Aeronautica Militar, com a qual funccionará de accordo, uma commissão de propaganda e vulgarisação da aviação em Portugal, a quem competirá a propaganda e vulgarisação da aviação por meio de conferencias e publicações, festas, provas ou concursos, procurando reunir todos os elementos que possam contribuir para o desenvolvimento da aeronavegação.

Art. 2.º A composição da commissão a que se refere o artigo anterior será a seguinte:

Presidente: o presidente da Commissão de Aeronautica Militar.

Vogaes: dois individuos da classe civil, propostos pelo ministerio do fomento; dois socios do Aero-Club de Portugal, propostos pela direcção d'este Club; um capitão ou tenente da arma de engenharia, delegado do ministerio da guerra, e um primeiro ou segundo tenente da armada, delegado do ministerio da marinha.

§ 1.º O serviço d'esta commissão é accumulavel com qualquer outro e todos os seus membros deverão ter residencia official em Lisboa.

A censura telegraphica

Uma carta de miss Alice Oram

«Sr. director».—Eu devo já á «Capital» a grande gentileza de ter publicado as minhas reclamações contra os rigores da censura telegraphica exercidos nos telegrammas que ultimamente tenho enviado para os jornaes inglezes de que sou correspondente em Lisboa. Permitta-me v., pois, que lhe fique devendo mais o grato favor de ser no seu jornal que venha oppôr um breve reparo ás declarações feitas hontem no Senado pelo sr. ministro do fomento, ao ser interpellado sobre a censura pelo illustre senador sr. Celestino de Almeida.

Entre outras coisas, disse sua ex.ª, fallando de pretendidos abusos que tenho commettido nas minhas funcções de jornalista:

«Basta dizer-se que essa senhora, no proprio dia em que o conselho de ministros resolvia um assumpto reservado, mandava para o estrangeiro tres telegrammas sobre o assumpto, que alguem lhe revelára «inconfidencialmente, tendenciosamente e criminosamente» e por certo com intuitos que não são os interesses do paiz.

Propositadamente, sr. director, sublinhei as palavras «inconfidencialmente, tendenciosamente e criminosamente», porque é inacreditavel que nos conselhos de ministros tomem parte ou a elles assistam pessoas que divulguem com semelhantes propositos resoluções que se deviam manter reservadas. Se alguem o sr. ministro do fomento visa nas suas palavras, esse alguem que lhe agradeça o temerario conceito. Quanto a mim, só me compete declarar que as pessoas que tomam parte nos conselhos ministeriaes ou a elles assistem e que divulgam entre jornalistas as suas resoluções nunca, infelizmente, serviram os meus interesses profissionaes. Creio, sr. director, que se estivesse presente o sr. ministro do interior, na occasião em que o sr. Celestino de Almeida falou dos rigores da censura telegraphica, elle, por circumstancias que todos conhecem, daria uma explicação mais cabal sobre o assumpto. De resto, da justiça das minhas reclamações teve v. ensejo de se certificar pelo texto dos telegrammas innofensivos que lhe entreguei e que a censura entendeu não deixar passar. De v., etc.—*Alice Oram.*

PEQUENAS NOTICIAS

A policia acaba de lançar a mão a uma mulher de nome Emilia da Conceição Dias, moradora no largo de Santo André, 12, 2.º, contra quem existem varias queixas accusando-a de, a pretexto de uma falsa herança avultada, ter burlado varias pessoas em importantes sommas. A Emilia, que ha cerca de um anno vinha pondo em pratica tal estratagema para extorquir dinheiro aos ingenuos, dizia ás suas victimas que tinha um advogado a quem já dera 4 contos de réis.

—A' enfermaria 11 do hospital de S. José recolheu hoje novamente, por se lhe terem aggravado os padecimentos, Maria Faria Areosa, a pequena protagonista da scena ha tempos occorrida n'uma casa da rua do Seculo, onde estava a servir.

—Foi dissolvida por commum accordo a firma Duartes, Fernandes & C.ª, com estabelecimento de cambios, papeis de credito, etc., na rua Aurea, 56 a 60, e rua da Conceição, 138 e 135, ficando a secção de drogas e productos chimicos a cargo dos socios Francisco Duarte Junior e José Duarte e de cambios e papeis de credito a cargo do socio Eduardo A. Fernandes.

—Foi preso Manuel Marques Moraes, morador na travessa da Memoria, 25, loja, por ter aggradido com facadas sua mulher Joanna Simões Marques, que recolheu ao posto da Misericordia. O estado da aggredida não é grave.

—A corporação da policia civica foi dotada com algumas bicicletas. Hoje sahiram n'ellas 6 guardas e depois de terem feito exercicos no largo de S. Carlos, na presença da officialidade do commando, percorreram diversas ruas da Baixa.

—Manuel Therezo, residente na rua do Arco do Marquez de Alegrete, 26, 2.º, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia a quantia de 89 escudos.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/16	36 15/16
Londres, 90 d/v.	36 9/16	—
Paris, cheque	$74,7	$75,8
Allemanha, cheque	$27	$28
Hollanda, cheque	$55,3	$55,8
Madrid, cheque	1$32,5	1$33,5
New York	1$38	1$40
Rio s/Londres	12 13/16	—
Libras	6$78	6$83
Agio do ouro	40 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	39,55
» » 500$	40,80 c/j.	39,60
» » 100$	40,80	—

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$80.
Externas: 1.ª serie: 72$.
Acções: Ilha do Principe, 19$8 Phosphoros, nom. 55$20.
Obrigações: Aguas, ass. 96$80; Prediaes todos 6 0/0 90$40 e 5 0/0, 87$.

SPORT

O concurso internacional de balões

Já se explicou o motivo por que, no concurso de balões, apenas se elevou o Vizcaya. N'essa explicação, toda a culpabilidade recahiu na Companhia do Gaz, que forneceu pouco e mau. Tambem n'essa explicação ficou claramente demonstrado que o Stadium estava alheio aos contratempos que motivaram que o concurso se fizesse apenas com um globo. Mais explicita, porém, sobre este assumpto é a carta que a seguir publicamos, dirigida hoje á direcção da Companhia:

Sr. presidente da direcção da Companhia do Gaz e de Electricidade de Lisboa.—*A empreza do Stadium, na Avenida das Linhas de Torres (Lumiar), informou-se a meio do mez de junho se a Companhia podia fornecer 4.000 metros cubicos de gaz, para encher trez balões, n'um dia determinado para um concurso.*

A Companhia respondeu affirmativamente, *como depois o provou exigindo o deposito de 160 escudos equivalente áquelles 4.000 metros á razão de 4 centavos.*

Depois a Companhia, segundo calculos do seu pessoal technico, *deu á Empreza do Stadium a garantia do fornecimento de 500,m3 por hora, o que equivalia a 8 horas de trabalho para enchimento dos balões. Succede, porém, que na vespera do concurso, a Companhia, demonstrando ter-se enganado nos seus calculos, exigiu que o trabalho se fizesse em 17 horas,* responsabilisando-se *por ter os trez balões cheios á hora determinada no concurso e marcada nos cartazes visados pela policia.*

Succede, porém, com manifesto prejuizo do espectaculo e provado descredito da empreza do Stadium, que ás 5 horas da tarde, marcadas para o concurso, apenas dois balões estavam mal cheios e o terceiro, cuja cubagem era de 2:000 metros cubicos, não tinha recebido mais de uns 100! Isto equivale a dizer que a Companhia errou primeiro nos seus calculos, levou o Stadium a sacrificios e despezas inuteis e não cumpriu nada do que se tinha combinado, com a aggravante de ter exigido que a installação da canalisação se fizesse por sua conta e seu pessoal, cobrando por isto 161 escudos, embora essa installação ficasse sendo propriedade da Companhia e a pudesse levantar quando quizesse!

Dizemos tambem a v. ex.ª que além da insufficiencia do gaz a qualidade se mostrou inferior, porque os balões apenas se levantavam quando das suas barquinhas se aliviava todo o lastro! Ora qualquer dos balões, que tem figurado em campeonatos internacionaes, levavam sempre mais de 18 saccos de areia e 3 passageiros! A ultima prova deram-a os mesmos balões, no concurso de Granada, ha um mez! Só em Lisboa os casos se passaram differentemente!

Em resumo: em face do insuccesso sportivo do espectaculo, diante das despezas do Stadium, das exorbitancias lamentaveis da tentativa de sahida d'um balão, dos protestos indignados do publico que exigiram intervenção policial,—os directores do Stadium, além da restituição do dinheiro cobrado a mais, pergunta a direcção da Companhia que indemnização lhe dá pelos seus prejuizos soffridos, que são publicos e que não teem discussão? Lisboa, 16 de julho de 1915. Pela empreza do Stadium, (a) José Holtreman Roquette.

Nota do dia

Ciclismo hespanhol e ciclismo portuguez

No proximo domingo, dois ciclistas hespanhoes de fama vão combater com alguns dos melhores corredores portuguezes. Um d'estes usa, com direito, o titulo de campeão. A victoria torna-se impossivel de prognosticar porque a corrida é em «linha», isto é, uma corrida em que entram todos os corredores, utilisando uma tactica differente da que se usa em «match».

Ha algum termo de comparação para avaliar da provavel victoria d'algum dos corredores, no proximo domingo no Stadium? Existe apenas o resultado dos dois ultimos desafios entre Lazaro Villada e Soares Junior. Este foi vencido mas por tão pouca differença que se podem considerar de egual força. Assim, o resultado dado pelo «match» pode ser differente no «scratch».

A indecisão nos prognosticos ainda avulta porque se estreia um ciclista madrileno, Guilhermo Anton, que dizem ser um «stayer» de merecimento e um «sprinter» com condições de triumphar. Esta corrida de portuguezes contra hespanhoes é talvez a nota dominante da festa de domingo no Stadium, fazendo parte do programma a repetição do grande «handicap» no qual Innocencio Pinto se aventura a lançar-se n'uma pequena motocicleta á mais de 82 kilometros á hora, para que possa ser perseguido pelos seus arrojados competidores Manuel Neves e Arido de Albuquerque que levam uma volta de avanço.

Algumas anecdotas

Não era nada! Eram effeitos da mostarda...

Houve na America um homem celebre nos combates de *box.* Foi Tommy West, hoje professor de cultura phisica em New York.

Na sua carreira de pugilista ha um episodio curioso. Foi no dia em que se bateu contra Jack Bonner, o mineiro de Summit Hill.

West estava administrando uma terrivel *lição* de socco ao adversario e a sua victoria estava assegurada, quando os *segundos* de Bonner polvilharam de mostarda as luvas do seu jogador. Cada vez que Bonner dava com as luvas na cara de West, o effeito da mostarda era tão forte, que West ficava quasi cego! Felizmente o cheiro da mostarda foi sentido pelo arbitro, que parou o combate e desqualificou Bonner.

West, mais tarde, voltou a realisar novo combate com o mineiro e d'essa vez deu-lhe tanta pancada que Bonner se atontou, cambaleante e com a cara em sangue!

—Que é isso homem? Que tens? Póe-te em pé! gritavam de todos os lados...

—Deixem-no, respondeu West, que não é nada... São os effeitos da sua mostarda...

Noticias

Entre nós

Uma bella festa no Atheneu Commercial

Realisa-se no proximo domingo 18, n'uma das salas do Atheneu Commercial, ás 9 horas da noite, um combate de socco de 6 «rounds» de 3 minutos cada, com um de intervallo, entre os pugilistas amadores Silva Ruivo, do Club Internacional de Foot-ball, (o vencedor do celebre pugilista hespanhol Federico Arrambide), e Herculano Rodrigues, do Atheneu Commercial e campeão do «box» do pezo medio que não teve concorrente quando do campeonato de Portugal.

Além d'este combate haverá tambem uma demonstração de «boxe» entre os campeões Placido Monteiro (leves), do Atheneu Commercial e Miguel Machado, (meios leves) do Atheneu Commercial, e entre Bazilio de Oliveira, campeão de Portugal, e um seu discipulo, Fernando Augusto Oliveira.

Executar-se-ha um assalto de lucta entre os distinctos amadores Homero Alves, do Atheneu Commercial, e Arthur Trindade, do Atheneu Commercial, e um assalto de espada entre os amadores Antonio Montez, do Atheneu Commercial, e Vasco Ribeiro, do Atheneu Commercial.

As entradas serão facultativas a todos os socios dos grupos sportivos.

Arbitrará o combate Ruivo. Herculano o sr. Mac Nicoll.

União dos Escoteiros Luzos

Antes de prestarem as honras na sessão inaugural do Centro Republicano Leotte do Rego, reunem todos os grupos de escoteiros no séde pelas 11 horas esperando que compareçam socios auxiliares e ordinarios pelo caracter importante que tem a citada reunião.

—Tem-se recebido noticias do Ribeiro Nobre que anda dando a volta a Portugal sendo as mais animadoras possiveis.

—Ultimamente tem-se inscripto grande numero de socios entre sargentos do exercito.

Convocações de foot-ball

O capitão do Sport Club Imperio pede a comparencia, domingo, em Fialho, ás 16 horas, dos jogadores: Gaspar, Rua, Santos, Nunes, Tarrozo, Xavier, Calado, Rodrigues, Belfort, Paulo, A. Tarrozo, Tostão, Chato, Daniel, Garcia.

—O capitão interino do Grupo Alfamense pede a comparencia no domingo no campo do Bom Successo em Belem, pelas 15 horas, para jogar contra o Grupo Foot-Ball Imperial, dos seguintes jogadores: Appolinario, Carlos Abrantes, Antonio Gomes, Joaquim Ferreira, Carlos Martins, N. N., Raul Baptista, Angelo, Compostor, Alvaro Santos e Pedro dos Santos.

Sport Lisboa-Bemfica

E' convocada a reunir a assembléia geral na proxima quinta feira, 22 do corrente na séde do Club, largo do Carmo, 18, 1.º e se por falta de numero não se puder realisar fica a mesma transferida para a quinta feira seguinte, 29, funccionando então com qualquer numero.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Maridos com sorte.

POLITHEAMA—A's 21—O sr. juiz.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, da calçada da Estrella, —A's 21,30—Soldado chocolate.

Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos.

Ao correr da penna

O segundo quadro da Revista de 1858 abre com um quadro da rua; sem logar determinado. A rubrica diz simplesmente Praça e não indica que a acção se passa á porta do logista que paga a scena, alliviando assim a empreza d'uma certa despeza. Verdade seja que os auctores não tiveram necessidade de pelo quadro adeante fazer referencia aos lindos chapeus que vende o sr. X ou ás ventarolas do sr. Y. Começa o quadro por umas referencias a um cháque de comboios que houve nos Olivaes. Ahi entra o compadre que vem do Passeio Publico e faz imitações dos cançonetistas Bousquet e Marval, que n'essa epoca deliciavam os nossos avós. Sobrevem um zelador da Camara, fiscal do citado Passeio Publico—era o Queiroz que fazia este papel—e cantava uns longos couplets *com o estribilho* Nas barbas da auctoridade *em que se narram os desacatos commettidos por donzellas casadas e viuvas nas ditas barbas ao favor da escuridão das alamedas. Não vá suppôr-se que as coplas são pornographicas e brejeiras. Longe d'isso: a ultima, que é sem duvida alguma a mais picante, remata-se assim:*

Até mesmo se dá seu beijinho
Nas bochechas da auctoridade

O zelador terminava a sua scena com uma sextilha, pedindo que o local fosse plantado só de salsa para que ninguem ali mais pudesse ir fazer moeda falsa.

*Não tenho tempo para ir entrevistar o pae Queiroz sobre o seu papel e sobre a Re*vista de 1858.

Nem por isso eu deixo de apontar essa entrevista aos meus camaradas do jornalismo, que muita vez andam loucos á cata de um assumpto. E continuar-se-ha.

Cyrano

Boatos e informações

Está-se procedendo a estudos a fim de dotar o futuro Republica com uma plateia girante que permitta transformar a sala de espectaculos n'uma sala horisontal á altura do palco no curto espaço de dez minutos.

No theatro do Gymnasio estão-se fazendo obras de molde a transformar por completo as escadas e corredores.

Ensaia-se no theatro Apollo uma revista de Barbosa Junior intitulada *Com trezentos diabos!*

Circos & Music-halls

Continuam a ter uma concorrencia extraordinaria os espectaculos de «variétés» e animatographo que se realisam todas as noites no Colizeu dos Recreios. Julio Villar, o impagavel e celebre comediante parodista portuguez, alcança cada vez maiores triumphos.

—No Paradis, effectua-se ámanhã uma «matinée» em que tomam parte Mario Duarte, Helena Guichard, Saul de Almeida, Antonio Peixoto, D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo) e os dançarinos Duque e Gaby.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.

Festas associativas

No Centro Escolar Republicano Evolucionista do 2.º bairro, realisa-se depois d'ámanhã a inauguração do seu grupo dramatico, havendo recita com as comedias «Um rapaz apressado» e «Os ciumes» e um acto de variedades. Em homenagem aos corpos dirigentes do Centro e aos amadores do grupo, tomam parte os artistas Esther Macedo, Eduardo Fernandes, Joaquim Macedo, Joaquim d'Oliveira e o apreciado amador José Pino.

No Gremio 5 d'Outubro ha depois de ámanhã recita com a operetta «Carvão e bolas», um acto de variedades e a comedia «Um hotel modelo», seguindo-se baile.

Esta festa dá inicio á serie de «soirées» que se realisarão em todos os domingos de agosto e cujo producto reverte em favor do cofre escolar.

A "Semeadora,,

Com este titulo começou hontem a publicar-se em Lisboa um jornal, propriedade da Empreza de propaganda feminista e defeza dos direitos da mulher. E' secretaria da redacção a distincta escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio.

Ao novo collega longa e prospera vida.

Touradas

Campo Pequeno—Já está na praça o curro para a festa de Thomaz da Rocha, que, como noticiámos, se realisa depois d'ámanhã. Cavalleiros são José Casimiro e Adolpho Machado, tomando parte na corrida o «espada» *Bombita*, o novilheiro *Alfarero* e os bandarilheiros Cadete, Luciano, Custodio Domingos, *Puntaret* e o festejado, que no 7.º touro alternará com José Casimiro. Por especial deferencia, dirige a corrida o actor Alvaro Cabral.

Asilo de S. João

N'esta instituição de beneficencia realisa-se depois d'ámanhã, ás 13 horas, uma sessão solemne commemorativa do seu anniversario e para distribuição de premios ás educandas que no anno findo mais se distinguiram.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Episodios dramaticos da Guerra Europeia»

Farto manancial de inspiração para os contistas seria a guerra actual, se porventura a realidade não excedera a mais estravagante phantasia. Devemos concordar que tudo quanto ella nos tem revelado se sobrepõe á imaginação mais fertil. O proprio Wells não teria scismado tão estravagante desenrolar de peripecias, gisado tão estranhos engenhos de guerra e nenhum artista de emoção nos conseguiria impressionar tanto como os simples «fait-divers» da horrivel carnificina. Eduardo de Noronha, que nunca deixa perder á actividade da sua penna o menor ensejo de trabalhar, começou a reunir n'uma collecção intitulada «Episodios dramaticos da guerra europeia», cujo segundo volume acaba de nos enviar, pequeninas tragedias e grandes heroismos que os jornaes nos apontam de relance. Deu-lhes uma fórma litteraria, vestiu-os da sua prosa limpida e impressionante, procurando e conseguindo dar «a nota emotiva, commovente, humana e palpitante dos terriveis lances que cada dia se desenrolam, sem a aridez de longas columnas sobre operações militares, nem de compactos trechos sobre os trabalhos das chancellarias.

«Ata-Yoga»

Com este titulo e o sub-titulo de «Arte de viver com saude», acaba a livraria Classica Editora, da praça dos Restauradores, de lançar no mercado esta obra original «Yoghi-Ramaciaraca, traducção de Lopes de Sousa.

Ata-Yoga» trata do corpo, da sua cura, bem estar, saude, força e de tudo o que respeita a manter a saude normal e natural. E', como se vê, um repositorio interessante de conselhos uteis, trazendo a indicação de numerosos e variados exercicios.

NATURISMO

Castanhas — 6 % albumina, 5 % oleo, 50 % assucar, 2 % de saes

Só os naturistas devem usar fructos oleosos em vez de productos cadavericos. E' preciso utilisarem-se das castanhas em logar do pão. As castanhas estabelecem uma transição entre as batatas e as nozes.

Necessitam da maior trituração e ensalivação para que o amido seja transformado pela ptialina em glicose. As melhores castanhas são as côtas e seccas ao sol; são o melhor meio de conservação e utilisação (avelamento). Geralmente, as castanhas cruas só são do agrado das creanças. E' que as creanças estão proximas da verdade. As castanhas cruas e aveladas, sobretudo, são, além de um alimento optimo para quem trabalha, um verdadeiro laxante mechanico.

Portugal é um paiz onde o castanheiro medra e produz em abundancia. 100 gr. de castanhas são substancia de maior valor que o pão, que seja qual fôr, a não ser crú, sem fermento nem sal, é prejudicial.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Movimento maritimo

Africa oriental «Lisbian» (Liverpool)	17
Brazil e R. Prata «Riuland» (Liverp.)	17
Liverpool e escalas «Ortega» (Brazil)	19
Africa oriental «Clan Gordon» (Liv.)..	19
Madeira e Açores «San Miguel».........	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)............	20

do, mais do que ás derrotas austriacas, aos modos arrogantes dos officiaes allemães.

Como dissemos, o primeiro movimento offensivo allemão começou a 27 de setembro. De documentos que mais tarde vieram á luz, parece que o general von Hindenburg fôra nomeado commandante em chefe das forças unidas no dia 25. Não se sabe quando começaram os preparativos para o avanço, mas desde o começo da retirada dos austriacos houvera movimentos de tropas allemãs da fronte occidental para a oriental, assim como de grandes forças allemãs na fronteira polaca de Thorn para Cracovia.

O avanço foi iniciado, apparentemente, ao mesmo tempo por quatro exercitos ou grupos de tropas separadas. O primeiro, partindo de Thorn, avançou ao longo da margem esquerda do Vistula e pelo caminho de ferro por Wloclawek. O segundo, das visinhanças de Kalisch, tinha por objectivo Lodz. O terceiro viera de Breslau e seguia, por via Czestochowa, para Pietrokow e Novo-Radomsk. O quarto, tendo a base em Cracovia, seguiu para o nordeste, pela margem esquerda do alto Vistula, para Kielce.

Esse quarto exercito era principalmente composto de tropas austriacas, tendo apenas, ao que se crê, dois corpos allemães. A força reunida dos quatro exercitos subia a cêrca de 1.500.000 homens, dos quaes um milhão ou cêrca d'isso eram allemães.

O avanço parece ter, em parte, apanhado os russos de surpreza. Tinha-se supposto que os allemães prefeririam esperar o ataque detraz da fortemente entrincheirada linha de Thorn a Czestochowa. Para as auctoridades militares russas o avanço era um engano, pois a batalha em campo raso seria mais favoravel aos russos. Tambem a principio parece ter havido alguma incerteza quanto ao objectivo allemão: se avançava para um ataque contra Varsovia e um esforço para conquistar toda a Polonia, ou se era simplesmente uma demonstração ameaçando a retaguarda dos exercitos russos na Galicia, compellindo-os assim a retirar.

Seja como fôr, os russos mostraram não ter muita pressa de se oppôrem ao novo movimento e o avanço allemão durante algum tempo não encontrou quasi resistencia. Proseguiu com incrivel rapidez.

A 3 d'outubro, o quarto exercito austro-allemão, no sul, estava em Stobnica, localidade a uns onze ou doze kilometros da fronteira polaca na margem esquerda do alto Vistula, a cêrca de meio caminho entre Cracovia e Sandomierz. A 8 d'outubro, mais ao norte, o segundo exercito chegára a Lodz, que occupára, e lançava proclamações convidando o povo a juntar-se-lhe na tarefa de «salvar a Polonia». No dia 11, o primeiro exercito estava em Sochaczew e a sua direita ou pelo menos uma força destacada do segundo exercito estava em contacto com os russos em Skierniewice. Já Varsovia ouvia o troar dos canhões do inimigo.

Emquanto ao norte as forças se approximavam assim rapidamente de Varsovia, o exercito austro-allemão tinha avançado bem, apesar da chuva torrencial que inundava o paiz, de modo que no dia 13 a lucta se estava travando em varios pontos entre Sandomierz e Iwangorod.

No dia seguinte, um communicado official de Berlim dizia que «toda a Polonia com excepção de Varsovia está em nosso poder». Se se exceptuasse uma pequena area em roda de Iwangorod, o communicado não exaggerava.

A 15 d'outubro os allemães estavam a dezeseis kilometros de Varsovia e no dia 16 avançavam ainda cinco kilometros; e não havia forças proporcionadas ás do invasor para defenderem a cidade.

O ataque a Varsovia pelo norte era muito difficil. D'esse lado, a approximação era impedida pelos rios Vistula e Narew e pela forte linha de fortificadas posições de Novo Georgievsk a Lomza. Para além d'este ponto corre o Bobr, com a fortaleza de Osowiec e uma região de panta-

esmagado por completo todo o poder de resistencia.

E' impossivel acreditar que o tão bem informado povo allemão não soubesse que os polacos o odiavam muito mais profundamente do que odiavam a Russia.

E razão tinham para isso.

Mas o povo allemão, em geral, demonstrava habitualmente uma singular ignorancia em tudo o que dizia respeito á questão polaca. As grandes massas tinham ideias falsas sobre o assumpto e quando a guerra começou acreditavam que os seus desejos se iam transformar em realidades. As altas espheras allemãs e austriacas, que conheciam melhor o estado das coisas, haviam tratado de crear uma atmosphera favoravel a uma approximação com os polacos. Ambas as potencias affirmaram a sua confiança nos habitantes da Polonia e ambas fizeram affixar proclamações em que se dizia que marchavam contra a Russia como libertadores da Polonia.

Não foi por acaso que para o bispado de Posen, cuja séde fôra durante muitos annos conservada vacante pelo governo prussiano, foi nomeado um bispo polaco logo apoz o começo da guerra.

Uma proclamação allemã caracteristica, no genero das que se teem feito durante a invasão da Polonia, foi lançada pelo general von Morgen, commandante do primeiro exercito allemão, ao avançar sobre Varsovia.

Dizia ella:

«Habitantes dos governos de Lomza e Varsovia! O exercito russo do Narew está anniquilado. Mais de 100.000 homens, com os commandos geraes dos 13.º e 15.º corpos de exercito, estão prisioneiros; trezentos canhões foram tomados. O exercito russo sob o commando do general Rennenkampf está em retirada para o leste. Os exercitos austriacos estão avançando victoriosamente da Galicia. As tropas francezas e inglezas em França teem soffrido desastrosas derrotas. A Belgica está sob a administração da Allemanha.

Venho para vós com a vanguarda dos exercitos allemães como vosso amigo. Pegae em armas; expulsae os barbaros russos, que vos escravisaram, do vosso bello paiz, que voltará a gosar da liberdade politica e religiosa. Esta é a vontade do meu poderoso e gracioso Imperador.

As minhas tropas teem ordens para vos tratar como amigos. Pagaremos o que nos fôr fornecido. Espero que nos recebam hospitaleiramente, como a alliados.

(a) Logar-tenente general von Morgen.

No reino da Polonia, setembro 1914.»

Por seu lado, os russos não tinham menos confiança nos polacos e na sua lealdade. Emissarios allemães haviam, é certo, trabalhado secretamente na Polonia muito tempo antes de rebentar a guerra. Que as suas gestões não haviam sido fructuosas demonstra-o um artigo da «Gazeta Warszawska», do dia 15 d'agosto, em que se aconselhava o povo polaco a não dar ouvidos aos allemães e austriacos, que, uma vez victoriosos, procederiam a uma nova partilha da Polonia, ainda mais ruinosa para esta.

Não se appellava n'esse artigo para a lealdade devida á Russia, mas manifestava-se claramente o odio ao teutão.

No dia seguinte o mesmo jornal e os de todo o mundo publicavam uma proclamação do generalissimo russo, que pode e deve ser considerada como um documento historico e marcando epocha no mundo. Era a promessa da reconstituição do reino da Polonia autonomo, sob a suzerania do czar.

Essa proclamação era do seguinte teor:

«Polacos! Soou a hora em que o sagrado sonho de vossos paes e de vossos avós vae finalmente ter realisação.

Ha seculo e meio que os olhos palpitantes da Polonia derramavam lagrimas, mas a sua alma não podia

morrer. Vivia com a esperança de que chegaria a hora da resurreição da nação polaca e d'uma reconciliação fraternal com a Russia.

O exercito russo traz-vos a agradavel noticia d'essa reconciliação. Desappareçam os limites que dividem a nação polaca! Que essa nação se reuna n'um todo sob o sceptro do imperador da Russia. Sob esse sceptro, a Polonia renascerá, livre na sua fé, na sua lingua e no seu governo proprio.

Apenas a Russia uma coisa espera de vós: respeito egual pelas nacionalidades ás quaes a historia vos ligou.

De coração aberto, de mão estendida fraternalmente, a Russia manda-me ao vosso encontro. Crê ella que ainda se não enferrujou a espada com que, em Grünwald, foi ferido o inimigo.

Das praias do Pacifico aos mares do Norte as forças russas estão em marcha. A aurora d'um novo dia raiou para vós.

Tornae-a brilhante, resplandecente acima de tudo, essa aurora, o signal da Cruz, symbolo da Paixão e da resurreição das nações!

(Assignado) Commandante em chefe, general ajudante Nicolau.
1 (14) Agosto, 1914.»

Se até ahi a opinião polaca hesitava em se devia prestar qualquer auxilio ás forças austro-allemãs, esta proclamação fez com que immediatamente se manifestasse a maior e mais enthusiastica lealdade pela Russia. A promessa feita pelo grão-duque Nicolau foi mais tarde confirmada por um edito imperial. Muito antes, porém, já a attitude do povo polaco havia sido definida. No dia 17 d'agosto, uma proclamação assignada pelos representantes de todos os partidos, que haviam reunido em Varsovia na vespera, preconisava a fidelidade do povo polaco á Russia e dizia que, unidos os polacos contra a Allemanha, offereciam o seu sangue em sacrificio da resurreição da sua patria.

Desde aquella data, embora os allemães continuassem com as suas falsas intrigas, nunca mais houve a menor duvida ácerca da attitude ou dos sentimentos do povo polaco. O invasor austro-allemão era o inimigo, as tropas russas eram amigos.

Só gradualmente a população da Polonia teve conhecimento da extensão das calamidades que haviam cahido sobre o seu paiz; só gradualmente os exercitos allemães invasores perderam a esperança que haviam acalentado de serem recebidos hospitaleira e amistosamente pelos polacos. No seu primeiro avanço da fronteira pareciam ter accordado em fazer o menor damno possivel. Consideravam a Polonia quasi como o seu proprio paiz e como as tropas invasoras esperavam ahi passar o inverno não tinham interesse em causar estragos. Houvera, porém, pelo menos, uma excepção.

Logo que as tropas allemãs transpuzeram a fronteira em Kalisch, parece terem-se comprazido em espalhar o terror entre a população. Casas foram incendiadas, cidadãos indefezos fuzilados, e entraram em acção o saque e a rapina. O «maire» da cidade, um dos cidadãos mais respeitaveis, foi arrancado do leito nas trevas da noite e o seu velho creado foi morto á sua vista por tentar cobrir o corpo nú de seu amo com o seu proprio casaco. Os factos são o que são, infelizmente, e nem mesmo na Belgica cidade alguma foi tratada tão brutalmente como a velha cidade de Kalisch. Nenhuma explicação foi jámais dada para tal procedimento, embora se tentasse desculpal-o allegando provocações da população civil, declarando mais tarde os allemães, com verdade ou não, que o official responsavel por isso tinha sido destituido.

Considerado, porém, no conjuncto, o avanço allemão na Polonia parece não ter sido assignalado por ultrajes contra a população civil.

Como já dissémos, tropas allemãs tinham auxiliado as forças austriacas nas ultimas phases da campanha da Galicia. Quando o insuccesso da campanha por parte dos austriacos se tornou evidente, os alle-

mães tomaram a direcção de todas as operações militares. O general von Auffenberg esteve quasi a ser exonerado do commando, querendo attribuir-se-lhe o insuccesso, não sabendo proteger o flanco do exercito de Dankl no seu avanço sobre Lublin.

Os commandantes de cinco corpos d'exercito austriaco, pelo menos—o 6.º, o 7.º, o 8.º, o 11.º e o 17.º—parece terem sido substituidos e a organisação militar austriaca foi toda ameaçada como se houvesse incorrido em desagrado. Vienna encheu-se de officiaes do estado maior allemão e officiaes allemães tomaram as

Logar-tenente general Nicolau Januschkevitch.

medidas necessarias para a defeza de Cracovia. Foi adoptado o systema de unir as divisões allemãs e austriacas, sendo tambem com as brigadas adoptado o mesmo systema e ficando a fiscalisação superior das operações confiada ao quartel general allemão.

Devemos recordar que era evidente que o plano da campanha na Galicia havia sido imposto á Austria pela sua alliada e que o chefe austriaco do estado maior, o general Konrad von Hötzendorf, nunca o approvára.

Na Austria havia, por isso, uma certa tendencia para tornar a Allemanha responsavel pelo insuccesso de esse plano. Em Vienna e em outras partes houve queixas do modo arrogante como os officiaes allemães tratavam os austriacos, quer militares, quer civis. D'ahi adveiu uma rivalidade que em breve se transformou em odio, que foi augmentando com o andar dos tempos.

Que os commandantes allemães das forças reunidas, quando em retirada davam aos austriacos a perigosa tarefa de cobrir a retaguarda dos corpos allemães, demonstra-o sufficientemente a nacionalidade dos prisioneiros feitos. Tambem na Russia se observou que quando os prisioneiros allemães e austriacos estavam juntos havia maior hostilidade entre elles do que a que mostravam para com os guardas russos. Disse-se mesmo—e parece não ser destituido completamente de fundamento o boato—que antes de terminar a campanha na Polonia a Austria fizera propostas para concluir a paz em separado, que a Russia acceitaria, com, entre outras, as seguintes condições:

Entrega da Galicia á Russia;
Entrega da Bosnia e Herzegovina á Servia e ao Montenegro;
Quebra da alliança com a Allemanha;
Reconstituição da monarchia austro-hungara em Estados federaes, um dos quaes seria a Bohemia, autonoma.

Ao que se diz, a Austria considerou essas condições demasiado humilhantes. Sem darmos credito a tudo o que se dizia ácerca dos allemães e austriacos, o certo é que desde o outomno do anno findo deixou de existir a absoluta sympathia que havia entre os dois povos alliados, embora as exigencias da situação compellissem a Austria a vincular ainda mais os laços que a uniam á sua poderosa visinha, sendo tambem evidente que no que diz respeito ás desintelligencias que trouxe a responsabilidade póde isso ser attribui-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1777 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 17 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

As cartas do sr. Azevedo Coutinho

A differença entre a primeira e a segunda—As conclusões que resultam do confronto

Os nossos leitores já conhecem a questão de que vamos occupar-nos. O sr. capitão de fragata Leotte do Rego era um velho amigo do sr. João de Azevedo Coutinho. Camaradas durante mais de trinta annos, sempre os ligára a amizade mais fraternal, radicada em provas de dedicação que nunca esquecem, por mais longa que seja a vida d'um homem, por mais agudas que sejam as divergencias politicas que venham um dia a separal-os. Essa amizade nascera no convivio das escolas e seguira pela vida fóra, na camaradagem de bordo, onde a energia se retempera e os caracteres se tornam mais fortes, e no serviço prestado em terras de Africa, onde o habito de encarar o perigo deve constituir uma escola magnifica de serenidade.

Ha dois mezes, triumphante o movimento revolucionario de 14 de maio, o sr. João de Azevedo Coutinho entendeu dever sahir de Portugal, regressando ao exilio d'onde tinha voltado pouco tempo antes. Na hora amarga da partida, bem dolorosa para o coração de todo aquelle que ama entranhadamente a sua terra, o sr. João d'Azevedo Coutinho lembrou-se do seu velho amigo e escreveu-lhe meia duzia de palavras. N'essa maguada carta não era só o amigo que falava: era o portuguez, era o militar, era o patriota. Do seu espirito linha mesmo desapparecido a ideia de acção politica que durante alguns annos o perturbára, na ancia d'uma impossivel restauração monarchica. Sahia da sua consciencia esta confissão suprema: «não me occupo de politica de especie alguma». Assim, era tambem um desilludido o homem que se retratava na sinceridade d'aquellas palavras de singela despedida.

Poucos dias depois o sr. Leotte do Rego fazia uma conferencia em que prestava a mais comovida homenagem ás qualidades do seu velho amigo. Apontava-o á admiração dos dois mil republicanos perante os quaes falava, dizendo-lhes que João Coutinho era, acima de tudo, um portuguez que muito amava a sua Patria. E por isso elle concordava com a participação de Portugal na guerra, certamente porque a considerava um dever de honra, porque a julgava necessaria aos interesses e á dignidade da sua Patria. Os dois mil republicanos que escutaram essas palavras do sr. Leotte do Rego applaudiram-nas calorosamente, sem quererem saber que o homem que indirectamente acclamavam era o mesmo que estivera em Lisboa, ha cerca de dois annos, para commandar uma revolta contra as instituições. Admiravel exemplo de quanto é generosa e justa a alma republicana!

Pois bem: um relato imperfeito d'essa conferencia serve ao sr. João de Azevedo Coutinho para pretexto d'outra carta infeliz, que só se explica prevenindo-se que ella foi dictada por pressões a que elle não soube ou não quiz resistir. João Coutinho, o auctor da primeira carta, não podia ter escripto a segunda, sem que elle estranha o guiasse com o fim perverso de collocar em conflicto com a sua propria consciencia.

Na primeira, como já salientámos, elle diz terminantemente: «não me occupo de politica de especie alguma»; na segunda, recebida em Lisboa a 11 de julho, com a data de 27 de junho, elle diz: «eu creio firmemente na restauração monarchica e creio na remissão e grandeza da nossa pobre patria pela monarchia»; na primeira diz: «concordo inteiramente com a nossa participação na guerra por fórma bem definida e positiva»; na segunda sustenta ter dito na primeira: «que Portugal devia participar na guerra quando lhe fosse isso exigido por quem de direito». Ainda na segunda carta, o sr. Azevedo Coutinho pretende affirmar ter dito na primeira que não se sahir novamente de Portugal o fazia cheio de tristeza e que, se o fazia desilludido quanto a alguns monarchicos, sabia que os republicanos sérios o estavam, e muito, com a maioria dos seus correligionarios». A verdade é que não ha, na primeira carta, uma só referencia d'essa natureza.

Que demonstra isso? Que as mais altas pressões se fizeram para obrigar o sr. João de Azevedo Coutinho a mostrar-se crente na restauração monarchica, sendo-lhe apontada, certamente, qualquer phantastica possibilidade d'ella se realisar.

Recordam-se os nossos leitores de que o sr. João de Azevedo Coutinho, pouco tempo depois da sessão de 7 de agosto de 1914 em que se estabeleceu a nossa attitude perante o conflicto europeu, enviou uma carta ao chefe do Estado offerecendo-se para tomar parte na guerra e declarando que, emquanto a situação portugueza creada pela conflagração européa se mantivesse, os monarchicos abatiam as suas bandeiras e não pensariam na restauração monarchica. Pois bem! Mais tarde, nas averiguações a que deu logar o chamado movimento de Mafra, a 20 de outubro, descobriu-se uma carta do sr. João de Azevedo Coutinho a um conspirador monarchico em que lhe dizia que, se o movimento estava prestes a rebentar, se devia marchar para a frente.

O que se deve ter passado então é o que se deve ter passado agora. Não temos duvidas a tal respeito e estamos certos de que o governo tambem as não terá. Os dirigentes monarchicos que se encontram fóra do paiz mais uma vez se convenceram de que podem tentar com exito um movimento contra a Republica. Exactamente como na succedendo em janeiro, elles contam explorar a boa fé de muitos republicanos que se encontram obsecados pelo odio contra um partido da Republica, dizendo-lhes que se trata apenas de demolir o supposto predominio d'esse partido. Estabelecida a confusão na hora tumultuaria da revolta elles podem conseguir os seus fins? Estaria realisada a sua aspiração. Não o conseguem? Ficaria então satisfeita uma parte dos seus desejos e com isso se contentariam:—a de provar-se que a Republica é um regimen de desordens, que só póde manter-se á custa de revoluções ou de constantes indisciplinas da força armada. E quem sabe se, na alma odienta de muitos inimigos da Republica, não anda um pensamento reservado de traição, tão criminoso que nós nem como simples conjectura o queremos desvendar!

portação de gado, a fim de não empobrecer os nossos mercados. Pouco ou quasi nada se fez n'esse sentido. Agora, porém, já se diz que o governo está na intenção de tomar providencias, ao menos de caracter restrictivo. Mais vale tarde do que nunca. A questão das subsistencias, que ainda ha de fazer suar algumas calvas, sob as quaes as ideias são sempre risonhas e floridas como hortencias, exige cada vez maior attenção.

O encarecimento da vida produz uma casta de desespero incompativel com a diluida e insulsa oratoria dos que pretendem deter tempestades com palavrinhas assucaradas.

* * *

Um soldadito francez conseguiu ser ferido cinco vezes, sem perigo de morte. Uma bala, por fim, chegou que lhe deixou a vida por um fio.

Percebeu que se approximava o termo da sua carreira. Antes de expirar, escreveu a seguinte carta á sua noiva:

A' nossa França querida
e a ti, nossa bandeira.
A ti, minha noiva!

Sublinho aquella palavra para te lembrar que para honra da nossa bandeira, combati infatigavelmente, não obstante cinco ferimentos successivos...

Animo, jovens recrutas!

Como eu desejaria defender sempre a fronteira, se uma sexta bala não me ferisse mortalmente! Adeus, minha querida, morro pela patria e pelas nossas tres côres. O teu muito amado

R. B.

Duas horas depois, o obscuro heroe dava a sua alma ás virtudes immortaes da França.

Dr. Affonso Costa

Manteem-se as melhoras

Manteem-se as melhoras do sr. dr. Affonso Costa.

Ao meio dia foi affixado o seguinte boletim: pulso, 72; respiração, 16; temperatura, 37. Não ha alteração a registar. (a) Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery.

A's 12 e meia o illustre enfermo almoçou com appetite. Depois dormiu até ás 15 horas, devendo ter a segunda refeição pelas 19. A's 15 horas o sr. dr. Costa Santos verificou que a temperatura era de 37,3 e pulso 70.

Hoje não foram permittidas visitas no quarto.

Além d'outras pessoas foram hoje saber pessoalmente noticias os srs. Levy Bensabat, almirante Ferreira do Amaral, capitão de fragata Leotte do Rego, general Antão de Almada, Manuel Correia Bello, Simões dos Reis, senador Madureira de Castro, Nuno de Bulhão Pato, deputado Pires de Carvalho, senador Elysio do Castro, etc.

Poeira da Arcada

Os deputados do circulo de Lisboa, juntamente com a Commissão Executiva Municipal, reuniram hoje, nos Paços do Concelho, para se occuparem dos futuros melhoramentos da capital e da entrada, nos cofres do municipio, de receitas que o Estado cobrou. Oremos que não se trata de um episodio rethorico, como tantos outros em que os vãos desejos suffocam as largas iniciativas.

Lisboa, que tem direito a ser uma grande cidade européa, prendendo as curiosidades errantes dos turistas, necessita que a serio lhe modernisem o casarão enfarruscado. Em materia de conforto, hygiene e gosto, offerece campo para todo um plano de reconstrucções, reformas e obras novas.

A' vereação actual, onde não faltam creaturas á altura das suas responsabilidades, compete, pois, acometter o problema.

* * *

Desde que rebentou a guerra, se reconheceu a necessidade de prohibir a ex-

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, de 1 ao 4850 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, sendo o ultimo um vocabulario completo. E', como já dissemos, uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Para quê?

As falsidades das folhas hespanholas

Attentado, morte e tumultos que não succederam

O que uma grande parte da imprensa madrilena publicou com a falsa noticia do fallecimento do dr. Affonso Costa mostra o pouco escrupulo com que certos jornaes se occupam dos nossos cousas e acolhem as mais graves e importantes noticias sem quererem saber se teem ou não fundamento e não indagando da seriedade da sua origem.

«El Imparcial» obteve confirmação (!) da noticia pelo seu correspondente em Badajoz e diz que o sr. Dato a recebeu de Lisboa, o que é falso. Explicando a demora que houve na chegada da nova a Madrid, escreve:

O proprio povo de Lisboa só muitas horas depois o soube. Naturalmente o governo portuguez temia que a morte de Costa provocasse alterações importantes e occultou-a o mais que lhe foi possivel... Apesar de se dizer, e continuar dizendo officialmente, que se trata d'um desgraçado incidente casual, nem um só momento desappareceu por completo a suspeita de que o occorrido fosse outra coisa muito differente. Hontem mesmo, viajantes de Lisboa chegados a Badajoz disseram que as ultimas investigações da policia demonstraram que quando Affonso Costa ia no carro electrico um homem subiu á plataforma anterior e collocou ali uma bomba que poucos momentos depois estalava.

A «Tribuna», que nos tem uma particular má vontade, informa que viajantes que merecem «inteiro credito», chegados a Badajoz, confirmaram a noticia e accrescenta que «outras informações da fronteira portugueza afirmam que as desordens se produziram já na capital lusitana», rematando assim:

A difficuldade de communicações com Portugal em consequencia da censura impede conhecer a verdade do que actual momento occorre em Lisboa, mas todos os boatos coincidem em que se produziram lamentavelmente graves successos na vizinha Republica.

Caso curioso: o unico jornal que não publicou a falsa noticia foi o «A B C».

Na imprensa de Madrid ha jornalistas distinctos, muitos d'elles de grande reputação, e com frequencia veem a Portugal enviados das folhas madrilenas que aqui teem o mais franco e fraternal acolhimento. Como se comprehende que n'essas folhas se dê guarida, com tanta facilidade, a noticias absolutamente falsas a nosso respeito e se condimentem com pormenores phantasistas cuja malevola intenção está bem patente? Para que se aproveitam todos os ensejos a fim de manter á nossa volta uma atmosphera de suspeições e de receios, baseada na hypothetica existencia d'uma anarchia social que apenas existe na mente dos adversarios da Republica? Que fins teem em vista, procedendo d'este modo para comnosco?

Não deixaria de ser interessante a sua resposta, se quizessem dal-a com sinceridade e franqueza.

O que se escreve e o que se lê

"Sem cura possivel"

por André Brun

Os editores Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, trouxeram á lume, com o titulo de «Sem cura possivel», mais uma serie de prosas originaes e adaptadas de André Brun. Quem leu o «Sem pés nem cabeça» e o «Cada vez peor», volumes em que o humorismo do auctor se estadeia com um raro brilho, não deixará de lêr a nova compilação do nosso prezado collega, em nada inferior ás precedentes. O «Sem cura possivel» comprehende: «Historias malucas», 2.ª serie; «Pensamentos e maximas», 3.ª serie; «Theatro impossivel», 3.ª serie; «Contos relampagos», «Pequenas conferencias», «Coisas varias», «Carteira de um observador» e «Fitas de animatographo», 2.ª serie.

André Brun enfeixou n'este livro coisas estupendas, a cuja leitura não resiste a pessoa mais sisuda. As subdivisões que deixamos mencionadas mal permittem entrever a variedade que caracterisa o «Sem cura possivel», cujas paginas, todas ellas repletas de graça inconfundivel e documentando uma fecunda phantasia, constituem o melhor dos remedios para macambuzios e neurasthenicos. Recommendar a leitura do novo livro de André Brun affigura-se-nos um excellente serviço, mas dado o exito dos volumes da serie a que pertence cremos bem que elle dispensa toda a recommendação e todo o elogio, bastando o nome do espirituoso auctor para que se exgote com rapidez.

Não abundam entre nós os escriptores humoristicos com o talento e a exuberancia do illustre comediographo e d'ahi cada uma das suas publicações representar um verdadeiro acontecimento de livraria. «Sem cura possivel» é um companheiro admiravel para a presente epoca de villegiatura e ficará bem depois em qualquer estante de volumes escolhidos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 16. — Operações dos Dardanellos.—Em 12 de julho as forças alliadas fizeram um ataque ao romper do dia com a sua direita e centro. Depois de um violento e confuso combate que durou todo o dia as tropas francezas e britannicas conseguiram tomar duas linhas defendidas e fortificadas linhas de trincheiras, variando o terreno ganho com o avanço entre 200 e 400 metros de fundo. A segunda phase das operações foi então emprehendida, e atacada a secção direita das linhas inimigas. Com na primeira phase a primeira linha de trincheiras foi facilmente tomada, tendo sido feito com successo um previo bombardeamento. Em seguida a este successo as tropas britannicas tomaram a segunda linha de trincheiras e avançaram a nossa linha estava consolidada a cerca de 400 metros para além das nossas primitivas posições na aquella parte do campo de lucta.

Durante aquella noite foram repellidos dois contra ataques turcos. Comtudo a direita britannica tinha avançado extraordinariamente, os turcos conseguiram por meio de um ataque com bombas, retomar uma secção de trincheiras. Esta posição porém, era vital para a segurança da nossa linha e por isso a brigada britannica naval apoiada pela artilharia franceza foi mandada avançar e retomou as ditas trincheiras. Entretanto os francezes avançaram com a sua extrema direita para a bocca do rio Kerevas Derê, e esta posição foi mantida sem difficuldade, sendo repellidos os contra-ataques inimigos.

Com estas operações levadas a bom termo, foi alcançado todo o nosso objectivo, á excepção de cerca de 300 metros que ainda continuam nas mãos dos turcos. Foram feitos 422 prisioneiros, sendo uns 200 feitos pelas tropas francezas. — (Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).

Em volta dos muzeus provinciaes

Antes de tudo, devem ser um meio de reacção contra o estrangeirismo avassalador

—O que são os muzeus provinciaes ou regionaes? A que fins devem satisfazer? Que papel lhes está marcado no rejuvenescimento d'este paiz?

Foram estas as perguntas que ha pouco, lá em baixo, no seu gabinete das *Janellas Verdes*, o sr. dr. José de Figueiredo nos ouviu formular, para lhes dar, com a costumada benevolencia, a resposta propria, proficiente e justa.

—Tratemos primeiro de definir, principia o illustre director do Muzeu Nacional d'Arte Antiga. Se na denominação que corresponda mal ao que eu penso que devem ser esses nucleos d'arte e archeologia espalhados pela provincia, e cuja direcção superior me foi agora confiada, é a de «Muzeu...» Este termo evoca logo uma fileira de salas, em que se juntam, com maior ou menor gosto e melhor ou peor methodo, series de quadros e d'outras obras artisticas. E' certo que desde o seculo XVII para cá a concepção do muzeu tem mudado muito; e por isso, os bons muzeus, que não são infelizmente muitos, estão hoje bem longe d'esses muzeus seiscentistas de que um curiosissimo quadro de Tenier nos dá, no Muzeu Imperial dos Velhos Mestres, de Vienna, um retrato fiel, reproduzindo rigorosamente a magnifica collecção de quadros italianos e flamengos do archiduque Leopoldo, governador dos Paizes Baixos, collecção de que aquelle artista era conservador. Não se póde imaginar um acervo mais desordenado. Nem logica nem harmonia. Os quadros accumulados forram inteiramente as paredes d'alto a baixo, prejudicando-se, ou antes, anniquilando-se completamente. Mas, se a concepção moderna d'um muzeu é, felizmente, differente, não sendo já o cemiterio de que fala Ruskin, nem sequer o hospital e albergue, tal como o alcunhava a critica ainda ha poucos annos, o que é certo é que o muzeu d'um grande centro tem, forçosamente, com a accumulação de obras d'arte, de ter uma ordenação que permitte difficilmente o arranjo como nós o desejariamos fazer.

«Na provincia, o caso é differente. Não ha a mesma accumulação d'obras d'arte nem o mesmo visa á demonstração, a mais completa que ser possa, da evolução artistica atravez do tempo e dos paizes. O muzeu provincial, tal como eu o entendo, tem de ser, antes de tudo, um meio de reacção contra o estrangeirismo avassalador, visando o procurando ser, essencialmente, um archivo da vida local, sob os multiplos aspectos em que esta se tenha revelado, atravez das edades. Só assim elles constituirão uma das mais seguras bases em que se póde firmar o renascimento nacional. O ideal, será, portanto, que tudo n'elle, desde a casa até ao mais insignificante objecto do seu recheio, concorra para esse fim; e n'essa orientação, tenho procurado e procurarei installar todos os muzeus provinciaes em edificios com caracter, e em que, por isso, os objectos egualmente caracteristicos mais se valorisarão. Em Evora, por exemplo, e graças ao esforço do sr. visconde da Esperança, do sr. Acisio Cannas, do actual director das obras publicas e actual governador civil, que tem sido verdadeiramente incançavel, bem como ao do sr. dr. Lopes da Silva, director do muzeu e do sr. dr. Julio Dantas, o muzeu e bibliotheca estarão dentro em pouco installados no antigo convento dos Loyos; e ahi, os visitantes ficarão deante do retabulo da antiga capella-mór tecido, sob o artesoado das abobadas, e entre as janellas rendilhadas, o ambiente proprio, em mais d'um ponto identico áquelle em que foram creados. E como esse convento foi accrescentado em epocas successivas, poder-se-ha facilmente achar meio proprio para as outras obras d'arte, de epocas menos distantes.

«Em Vizeu, trabalha-se para se obter o antigo paço episcopal, annexo á Sé e ha muitos annos occupado pelo liceu e outros estabelecimentos officiaes. E se é claro que o S. Pedro e um dos outros grandes paineis do Grão Vasco não sahirão de sobre o arcaz da sacristia em que ha mais de dois seculos foram collocados, os outros paineis d'esse pintor e muitos outros que se pintaram agora na Sé serão distribuidos pelas salas seiscentistas d'esse velho palacio, cujo caracter lão identico é ao da sacristia da Sé Viziense. E ahi, como em Evora, como nos outros muzeus provinciaes, o fito será sempre o mesmo—fazer de cada sala ou compartimento um conjuncto o mais integro possivel. Fugir-se-ha assim ao aspecto frio, pobre e desolador que o maior parte dos muzeus provinciaes offerece com as suas pretensões a grandes muzeus d'arte, não sendo, afinal, mais do que a reunião de um mutilado e disparatado bric-á-brac. Para que o seu ensinamento seja maior, dando ao indigena um conhecimento tanto quanto possivel completo da sua região, que elle o mais das vezes ignora em absoluto, na obsessão de copiar a capital, que é, infelizmente, para a maior parte dos provincianos o que são para o lisboeta Paris e as grandes cidades europeias, organisar-se-hão secções com reproducções de tudo o que de caracteristico e interessante haja na região. A velha faiança local, o antigo mobiliario regional, os motivos ornamentaes das casas, como no Algarve os tão característicos e rendilhadas chaminés e os recortados e coloridos frisos, que tão bem se ajustam ás fachadas das casas, ainda as mais humildes, tudo isso, emfim, que constitue a espiritualisação da vida provinciana, e que é no fundo senão a exteriorisação do espiritualismo da raça, tudo isso se procurará reunir, sob uma fórma que, sendo pittoresca, não deixe de ser methodica, a fim de que os muzeus provinciaes attinjam o seu duplo fim de encantar e ensinar.

Ahi está o que o sr. dr. José de Figueiredo respondeu ás perguntas que sobre o assumpto lhe dirigimos. Quem deixará de lhe dar razão e de louvar pelos intelligentes esforços que elle está empregando para bem orientar os innumeras manifestações de vitalidade e de rejuvenescimento artistico que se estão dando entre nós? Resta accrescentar que, presentemente, estão installados já ou em via de installação, além do riquissimo muzeu de Coimbra, os de Evora, Faro, Aveiro, Lamego, Vizeu e Bragança.

A aviação militar

Offereceram-se para frequentar o curso de pilotos-aviadores mais os srs.: Manuel d'Almeida, rua de S. Francisco de Paula, 146, 1.º, escoteiro inso do 4.º grupo; Alvaro Pinto Reis, rua Fernandes Thomaz, 20, 3.º; Henrique da Silva Tafulo, rua do Poço dos Negros, 187; Manuel de Magalhães de Menezes, estudante, rua de S. José, 18, 3.º, direito; Armando Soares Silva, serralheiro mechanico, travessa do Olival, 32, 2.º, esquerdo.

A ruina da Allemanha

«A razão de terminar em outubro a guerra»

Londres, 14 de julho

Escreve o *Times* que uma informação recebida da Allemanha permitte explicar as circumstancias em que o imperador emittiu a sua tão discutida prophecia: «a guerra terminará em outubro».

Parece que uma delegação de banqueiros berlinenses insistiu por uma entrevista com o kaiser, a fim de lhe

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—17-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXVII

Bruxêdos d'amor

O seculo XVIII não se limitou a tomar a sério a bruxaria: converteu-a n'uma verdadeira obsessão.

Sobre tudo durante o tempo de D. João V, houve em Portugal o invencivel terror da bruxa e do feitiço. Não era só o povo obscuro que se enchia de «alambres brancos», de cruzes de S. Bento, de vintens furados de S. Luiz; era o alto clero, era o rei, era a côrte, eram os proprios medicos, espiritos superiores alguns, os primeiros a reconhecer a existencia do bruxêdo e do malefício, a pretender determinar-lhes uma base scientifica e a instituir contra elles uma therapeutica rigorosa. D. Nuno da Cunha, inquisidor-mór do reino, especie de bicho de seda embrulhado no seu casulo de purpura de cardeal, não deixava o rei para elle conseguir «que o Papa livrasse Portugal de espiritos malignos e de feitiços», e ia de côche desendemoninhar-se, todos os dias, á casa da bruxa Catharina do Espirito Santo; D. João V, por causa das mulatas Salemas, bruxas de Setubal, que quizéram com a cumplicidade do padre Bartholomeu de Gusmão e de duas freiras de Odivelas enfeitiçal-o a elle e á madre Paula, fez reunir de madrugada o conselho de Estado e mandou formar os regimentos nas ruas; o doutor Curvo Semmedo, cubiculario do rei, observador dos mais illustres que tem tido a medicina portugueza, medico insigne que n'um dos seus livros previu claramente a origem microbiana da tisica, não se envergonhou de tomar a sério, como casos clinicos, anecdotas vulgares de bruxêdo amoroso, e aconselhou, nos suas «Observações Medico-Doutrinaes», a infallibilidade de certa bruxaria feita ás palmilhas dos sapatos dos maridos: «Aquelles que havendo sido bem casados, e muito amantes de suas mulheres, passavam a uma tal metamorphose, ou mudança odiosa, que nem as podiam vêr, nem deitar-se na mesma cama, fiz reconciliar em amizade mandando que ás escondidas untassem a palmilha dos sapatos do homem com o esterco da manceba, e a palmilha dos sapatos da manceba com o esterco do amancebado; e d'aquelle dia por diante se converteu em desagrado e aborrecimento de ambos o que até áquelle tempo tinha sido cegueira do amor lascivo occasionado de algum feitiço...»

Seria interessante estudar e inventariar todos os feitiços que povoaram Lisboa durante o seculo XVIII. Apparecem a cada passo nos processos do Santo Officio, nas paginas da «Anacephaleosis», nos livros de medicina, nas pastoraes do clero, nos versos dos poetas, nas drogas das pharmacopeas, nas crendices doiradas dos toucadores. A bruxa é a alma occulta do seculo. Debruça-se sobre os leitos quando as creanças nascem; mette-se pelos postigos das casas quando as mulheres casam; senta-se sobre os gremiaes d'oiro nos joelhos dos bispos; ladra como os cães nas alfurjas silenciosas;—preside a todos os destinos humanos, brinca com todos os corações descuidados, espreita a todas as portas felizes. Nos actos mais graves, nos momentos mais sérios da vida,—surgia a bruxa; era a bruxa o primeiro pensamento. Nascia uma creança n'uma casa: queimavam-se logo solas de sapatos velhos para sacudir as bruxas. A creança definhava, adocia: penduravam-lhe uma espada nua á cabeceira para afugentar as bruxas que lhe chupavam o sangue. A ultima filha cia bruxa quando não havia filhos; o ultimo filho era bruxo quando não havia filhas. Communidades inteiras, de cruz alçada, atravessavam as ruas para exorcisar casas nobres. Havia sitios em Lisboa, como o da Pampulha, que no seculo XVIII eram viveiros de bruxas: o peixe que as pampulheiras vendiam, sobre tudo os safios, não se podia comprar por causa dos feitiços. Procurava-se e pagava-se a peso d'oiro os filhos ultimos, que tinham a singular virtude de curar quebraduras e ajudar as mulheres no trabalho do parto. Uma lagartixa mettida na conceira d'uma porta tornava estéreis todas as femeas que havia na casa. Uma fava negra defumada pelas bruxas cegava a quem a comia. Uns ossos de serpente dentro d'um bizalho atado punham n'uma chaga o corpo d'um homem. Mas foi designadamente no bruxêdo d'amor

no «maleficio amatorio», na arte de «ligar» e de «desligar», que a lithurgia do feitiço e do contra-feitiço, especie de veneno e de contra-veneno, attingiu o delirio e o inverosimil. Chegaram até nós os nomes dos bruxos e bruxas mais frequentados do tempo de D. João V: eram a Rastolha, muito querida de freiras, e, em especial, das freiras de Sant'Anna e da amante do infante de D. Francisco; o Donato da Penha de França, bruxo-bôbo que corria as ruas descalço, com o chiote coberto de veronicas, erguendo relicarios; Catharina do Espirito Santo, protegida do cardeal da Cunha, a quem o Cavalhéiro d'Oliveira se refere no «Amusement Periodique»; a Isabel da Moita, que as franças da côrte iam consultar a Alcacer do Sal; Manoel de S. José, donato capucho, cuja mão de bocca resplandecia e que foi penitenciado no auto de fé de 18 de junho de 1741; o Anão do Duque; e, por fim, as mulatas Salemas, accusadas em 1736 de terem procurado, com certo feitiço feito com sangue, peitos de perdiz e pedaços de marmelada do Espirito Santo, por D. João V, substituir no coração do rei a madre Paula por outra freirinha bonita d'Odivellas. Todos estes profissionaes do bruxêdo d'amor usaram os mesmos processos,—quer para fazer amar, quer para fazer aborrecer, quer ainda para tornar os homens «ligados», isto é, temporariamente incapazes, por inhibição demoniaca, de cohabitar ou de consummar matrimonio com determinadas mulheres. Boticarios astutos, de capas negras pingadas e fivelas de prata nos sapatos, enriqueceram vendendo ao povo dentes de defuncto lançados sobre tijolos em braza,—estranho feitiço que despertava para o amor o organismo decrépito dos velhos e frigidez desdenhosa dos moços. O cirurgião Bernardo Pereira, na sua «Anacephaleosis Medico-Theologica» publicada em 1734, esfalfa-se a aconselhar a todos os «ligados» pelas bruxas um remedio pelo menos tão singular como o das «palmilhas» de Curvo Semmedo: «urinar n'um cemiterio pela argola da campa d'uma sepultura, ou, não sendo o maleficio inveterado, urinar pelo annel da desposada». Perante o perigo crescente da bruxa, a medicina arma-se; os capellos amarellos cogitam; os carceres da Inquisição trasbordam. —«Synonimas da loucura, vozes da nequicia, apostatas da Fé, feiticeiros e feiticeiras, benzedeiras e benzedeiros, bruxos e bruxas, mestres e mestras, tições do inferno, mulas do diabo, ministros de Satanaz, fructos da figueira de Judas!»—grita o medico Braz Luiz de Abreu, envesgando de cólera o seu olho de vidro. E as fogueiras rechinam; e a procissão amarella das mitras e das samarras segue a caminho do Campo da Lã. Agora, é o «Tio de Massarelos», bruxo insigne, cujos ossos assobiam e estalam na fogueira; logo, é sóror Ignez do Jesus, freira de S. Francisco, accusada de preparar para Angola por fazer feitiços d'amor com as contas das camândulas; outro dia é sóror Marianna do Rosario, religiosa do Sacramento de Alcantara, que sae penitenciada no auto de fé de 20 de outubro de 1748 por ter dado á luz sete gatos (Santo Officio, processo n.º 3.326); por fim, é uma das freiras de Sant'Anna possessas do demonio; é a bruxa «Dona Paula», que o Santo Tribunal relaxa por fazer um carne pelo feitiço amoroso de attrahir os homens, derramando mãos cheias de sal e entoando uma oração diabolica capaz de perder Santo Antão eremita. E o cardeal D. Nuno da Cunha treme na sua purpura; e o povo resa; e D. João V, embuçado no côche a caminho de Odivellas, leva às horas bernardas os processos dos penitenciados e lê, entre dois «Magnificat» tocados nas espinetas de xarão vermelho do convento, a oração celebre da bruxa «Dona Paula», que já corre de bocca em bocca pela cidade, e que as freiras repetem, sorrindo, applicada á pessoa do rei:

—«Esta mão cheia de sal eu deito por el-rei meu senhor, para que me venha buscar, me venha falar, e logo me venha amar, venha e não se detenha, para barrabás, para caifás, e esses signaes me não de ar cães a ladrar, bestas a passar, gatos a saltar...»

A noite cae sobre a velha Lisboa do seculo XVIII. As sombras povoam betesgas, viellas, callejas e pregos; alastram ao longo dos arcos, dos beiraes das casas, dos nichos religiosos; adelgaçam-se e estremecem na claridade vaga dos nichos e dos oratorios; enchem-se de uivos, de gemidos de pocas de sangue,—um pavor vago infiltra esse coração de Portugal, que affrontou no fim do seculo XV o mar tenebroso e que, cento e cincoenta annos depois, treme com medo das bruxas...

Terça-feira, 20.

JULIO DANTAS

XVIII — O CASQUILHO

pôr em evidencia as difficuldades financeiras da situação e os graves riscos que acarretará uma nova campanha de inverno.

Diz-se mesmo que estes financeiros chegaram a declarar que, se a guerra terminasse já e se obtivesse uma indemnisação, ainda assim a situação seria difficil; mas se a guerra se prolongar, seja qual fôr o seu resultado, o imperio allemão caminhará para uma inevitavel bancarrota.

Foi em resposta a esta representação que o imperador declarou que terminaria em outubro a guerra.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.

EDEN — A's 20 1/2 e 22 1/2 — O dia-bo a quatro.

APOLLO — A's 20,45 e 22,45 — Rosa tirana — Revista.

Circos & Music-halls

Os ultimos espectaculos de variedades e animatographo no Coliseu dos Recreios, devem chamar aquelle elegante e vasto theatro extraordinaria concorrencia. São effectivamente, dignos de serem vistos e admirados os celebres artistas Julio Villar, incomparavel comediante parodista portuguez, unico no seu genero; Silva Carvalho, brilhante transformista; Marietta a bella e graciosa bailarina, Os Ladinos, eximios guitarristas. No animatographo serão dados os melhores e mais emocionantes quadros.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Variedades e animatographo.

SALÃO DA TRINDADE — A's 20 e 22 — Companhia infantil — Lord Grog.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, sessões diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella — A's 21,30 — Soldado chocolate.

VICTIMAS DE DESASTRES

Recolheu ao hospital de S. José, enfermaria 4, Bento Ayres, de 55 annos de edade, maritimo, que andando a bordo de uma fragata, no Poço do Bispo, cahiu, fracturando a perna esquerda.

—Falleceu na enfermaria 7, do hospital de S. José, Daniel de Campos, residente na rua da Infancia, 36, que havia cahido no dia 5 do corrente da muralha do Terreiro do Paço ao Tejo.

Amanhã no Stadium

estreia-se o corredor hespanhol Anton

E' magnifico o programma de ámanhã no Stadium. E' o programma d'uma grande festa sportiva que tem o interesse emotivo d'uma louca corrida de motocicletas, em que os concorrentes hão de trabalhar por obter as mais extraordinarias velocidades, para além de 90 kilometro á hora, e o attractivo de collocar o campeão de Castella, Guilherme Anton, juntamente com o seu compatriota Lazaro Vilada, em frente dos nossos primeiros corredores. O prognostico das victorias torna-se impossivel, mesmo para os homens habituados aos assumptos de athletismo.

O programma é o seguinte: 1—1.ª serie da corrida «Internacional» na qual tomam parte Soares Junior, Joaquim Raposo e N. N.—2, segunda serie da corrida «Internacional»: Vilada, Anton e Dias Maia; 3.ª, primeira serie da corrida «Nacional»; 4.ª, segunda serie da corrida «Nacional»; 5.ª, repescagem da corrida «Internacional»; 6.ª, corrida de motocicletas para amadores; 7.ª, final da corrida «Nacional»; 8.ª, final da corrida «Internacional»; 9.ª, grande handicap de motocicletas em que Innocencio Pinto parte «scratchman» e lévam 500 metros d'avanço os temerarios corredores Manuel Neves e Arido de Albuquerque.

Movimento maritimo

Liverpool e escalas «Ortega» (Brazil)	19
Africa oriental «Clan Gordon» (Liv.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)	20

Os pavimentos da cidade

Um manifesto dos calceteiros

A Associação de Classe dos Calceteiros de Lisboa fez distribuir hoje um manifesto ácerca do calcetamento das ruas da cidade, defendendo o processo tão caracteristico de Portugal, processo que outras cidades estrangeiras teem imitado, contra o emprego de systemas exoticos, por varias vezes tentado pelo municipio, sem resultado.

Tendo sido accusado o municipio de descurar o pavimento das ruas e a classe dos calceteiros de participar nas razões de queixa contra o estado actual das ruas de Lisboa, diz-se no manifesto:

«Ha 25 annos tinha a camara municipal de Lisboa ao seu serviço 220 calceteiros, 2 conductores, 1 mestre e 11 apparelhadores. A cidade desenvolveu-se n'esse periodo de 25 annos. Crearam-se bairros novos, novas avenidas, alargou-se a esphera da cidade, e hoje, o pessoal das calçadas é composto de 200 calceteiros para 11 encarregados, 6 apparelhadores, 4 conductores, 2 contra-mestres e 2 mestres. Bastava este facto para oppôr aos argumentos aduzidos e ser a confirmação plena da nossa justiça. Pois durante 20 annos a cidade augmentou e um ponto fabuloso, transformaram-se os pavimentos, que eram em macadam e hoje são em calçada, em asphalto, betão, por betão, por pessoal, diminue-se o pessoal e ainda ha o arrojo de vir accusar os operarios, arremessando-lhe responsabilidades que lhe não pertencem».

Exames em outubro

A direcção da Liga Portugueza dos Educadores, tendo deliberado, em sessão de 10 do corrente, pugnar por que haja uma segunda epocha de exames em outubro para os alumnos reprovados nos exames dos liceus, pede a comparencia de todos os paes, encarregados de educação e alumnos, amanhã, pelas 15 horas, no Liceu de Camões, a fim de, conjunctamente, assentarem no melhor e mais productivo caminho a seguir.

A chronica do furto

O sr. José Pires, de Boticas, accidentalmente em Lisboa, hospedado no hotel Machado, sito na praça do Municipio, 32, 3.º, queixou-se á policia de que na estação do Rocio lhe furtaram a carteira contendo treze lettras de cambio cada uma no valor de 200$000 e outras na importancia de 100$000 cada, umas a saccar na terra do queixoso e outras no Banco Alliança, do Porto.

—Na ausencia da locataria os gatunos entraram na residencia de Maria Emilia Duarte Rodrigues, na rua das Chagas, 1-A, furtando-lhe objectos no valor de 184$800 réis.

Aquario Vasco da Gama

Exposição de modelos de embarcações de pesca

A'manhã inaugura-se no Aquario Vasco da Gama, situado, como se sabe, no pittoresco local do Dafundo, uma exposição de modelos de embarcações de pesca usados em Portugal. Estes modelos, que pertencem ao muzeu annexo á Commissão Central de Pescarias, teem varias vezes figurado em exposições no estrangeiro e no anno de 1914 em Genova, tendo sempre merecido os mais altos premios.

Além da exposição d'estes modelos estarão tambem expostos numerosissimos exemplares da fauna maritima pertencentes á mesma Commissão de Pescarias, o que junto ás interessantes collecções vivas que o Aquario possue proporcionará aos visitantes umas horas de agradavel e util passatempo.

O Aquario está aberto ao publico todos os dias das 11 horas da manhã ás 7 da tarde.

Architectura portugueza

Na Academia de Estudos Livres realisa ámanhã, pelas 21 horas, a segunda palestra sobre architectura portugueza o sr. Edmundo Tavares.

O programma é o seguinte:

Sé de Lisboa, Sé de Evora, Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro da Batalha, Castello de Leiria, Santa Cruz de Coimbra, Conceição Velha, Jeronymos, Torre de Belem.

Projecções electricas de clichés fornecidos pela casa Bobone illustrarão a palestra.

O ministro de Portugal em Londres regressa ao seu posto

Por via Madrid seguiu hoje para Londres a reassumir as suas funcções o sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres.

Na «gare» do Rocio estiveram a despedir-se entre outros os srs. ministro dos negocios estrangeiros e do fomento, ministro e secretario da legação ingleza, dr. Brito Camacho, José de Figueiredo, José F. Maria Pereira, Aboim Inglez, Hermano de Medeiros, coronel Freire d'Andrade, Alberto da Silveira, Moura Pinto, Pedroso Rodrigues, Vicente Ferreira, Eugenio Santos Tavares, Espirito Santo Lima, Carlos Relvas, João de Menezes, Gonçalves Teixeira, Francisco Santos Tavares e Serrão Franco.

PEQUENAS NOTICIAS

A ordem do corpo da policia publica hoje varias instrucções para a fiscalisação do regulamento de chauffeurs e automoveis. N'ellas, vem expresso que todos os «chauffeurs» profissionaes são obrigados a estar inscriptos na camara municipal, sob pena de 5$00 de multa ao «chauffeur» e 20$00 ao dono do automovel (artigo 1.º).

Nenhum «chauffeur» póde ceder o governo do automovel que lhe esteja confiado a pessoa que não esteja habilitada, sendo obrigado a apresentar a carta sempre que esta lhes seja exigida pela auctoridade, multa de 10$00 ao conductor (artigo 3.º).

ULTIMAS NOTICIAS

A aviação militar

Na Escola de Villa Nova da Rainha

Visita do ministro da guerra

Ha cerca de mez e meio, escolhido definitivamente o campo onde deve dentro em breve funccionar a Escola Portugueza de Aviação militar, começou a trabalhar-se febrilmente nas construcções destinadas ao novo estabelecimento de instrucção. O sr. dr. José de Castro, que tomou a peito a questão de dotar o paiz com uma boa defeza aerea, quiz verificar hoje pessoalmente o estado em que se encontram os trabalhos.

Para isso partiu de Lisboa esta manhã em automovel, acompanhado pelos srs. coronel Hermano de Oliveira, capitães Salvador José da Costa e Gonçalves da Silveira, tenente Florentino Martins, alferes Paula Pacheco e pelos nossos camaradas de redacção drs. José Pontes e Hermano Neves, que o ministro da guerra gentilmente mandou convidar para esta visita.

O local escolhido fica, como já opportunamente referimos, na margem do Tejo, proximo de Villa Nova da Rainha, a distancia de Lisboa, por caminho de ferro, cerca de 40 kilometros. E' um campo magnifico, de 1:200 metros de extensão por 850 de largura, situado em meio de uma extensa planicie que se estende a perder de vista para leste e para o sul. Atravez d'esse campo, sensivelmente na diagonal, correm duas vallas parallelas de drenagem, a 100 metros uma da outra, e formando um pista de quasi kilometro e meio de extensão.

Sobranceiras ao campo de aviação, na parte mais affastada do Tejo, que tem n'esse ponto 200 metros de largo, ficam as construcções: officina, *hangars* e edificio da escola. Este ultimo, bastante vasto, comporta no 1.º andar varios quartos destinados aos officiaes que forem receber instrucção na escola, e bem assim, salas para aulas, conferencias, observatorio meteorologico, etc. No andar terreo ficam os alojamentos dos sargentos e as casernas.

A Companhia dos Caminhos de ferro annuiu já ao pedido que lhe foi feito de estabelecer no local um apeadeiro e uma linha de resguardo cujos trabalhos devem ser iniciados em breve. N'este momento estão-se concluindo as edificações e procede-se aos trabalhos de drenagem e terraplenagem do terreno a poderem realisar-se as primeiras demonstrações praticas logo que a Escola disponha dos indispensaveis apparelhos e respectivos instructores. Segundo nos informam, no projecto respectivo está prevista desde já para o exercito portuguez a acquisição de 28 aviões, além dos apparelhos necessarios á instrucção dos futuros pilotos.

O sr. dr. José Castro visitou minuciosamente todas as depencias da escola, manifestando vivo interesse pelo assumpto e tendo palavras muito amaveis para com os engenheiros que teem dirigido todos os trabalhos. A' volta os visitantes almoçaram em Villa Franca de Xira, trocando-se por essa occasião brindes muito affectuosos.

Sport

Jogos Sportivos Nacionaes de 1915

A'manhã continuam as provas dos Jogos Sportivos Nacionaes. A's 13 horas tem logar a prova de natação 400 metros na doca do Bom Successo. Estão inscriptos o Club Internacional de Foot-ball e a Associação Naval de Lisboa. A's 14 horas realisa-se no Club Portuguez de «Lawn-tennis» o campeonato de Portugal, finaes. A's 16 horas effectua-se no Jardim Zoologico esgrima final. Estão inscriptos o Atheneu Commercial de Lisboa, Sala de armas Carlos Gonçalves e a Sala de armas Magalhães.

Na Amadora

Os Recreios Desportivos da Amadora continuam na sua serie de festas sportivas e recreativas offerecidas aos seus associados. Para ámanhã estão marcados treinos no «tennis» para o campeonato da Amadora que começa no domingo 25 e sessões de patinagem no vasto *rink* dos Recreios.

Taça Portugal

Realisa-se ámanhã a importante corrida de 100 kilometros da Taça Portugal, instituida pela União Velocipedica Portugueza.

A prova é disputada pelos Sport Club Escolar Bombarralense, Sporting Club de Portugal, Lusitano Club Ciclista, Sport Club Progresso e Club Sporting Club Nacional, cujas «equipes» demoradamente preparadas tornarão a corrida uma prova rigissima. A partida é dada ás 7 horas da manhã, em frente do Mercado Geral dos Gados e a chegada provavel effectua-se 3 horas depois no Campo Grande, defronte do chafariz. O juri é constituido por todos os directores da U. V. P. e a fiscalisação volante é desempenhada pelos srs. Alvaro de Sousa, Alberto Carvajol, Francisco Iglezias, Ramires d'Azevedo, Antonio Martins, José Militão, Carlos Simões e José Trindade.

Campeonato de esgrima

O torneio de esgrima da Federação começou hoje no Jardim Zoologico. Ficaram apurados para a *final* seis atiradores da sala Carlos Gonçalves, os srs. Noronha, Paiva, Gentil, C. Farinha, dr. M. Pita e Castro e Augusto Farinha, e 2 da sala Magalhães, srs. M. Beirão e Mouton Oso-

A questão do Douro

Chega a Lisboa a grande commissão que vem protestar contra a ratificação do tratado e já conferenciou com o ministro dos estrangeiros

Effectivamente, no «rapido» do Porto, chegou á estação do Rocio a grande commissão de durienses que veiu a Lisboa para protestar, junto do governo e do parlamento, contra a ratificação do tratado de commercio com a Inglaterra, sem a acclaração do artigo 6.º. A commissão era esperada pelos parlamentares da região, srs. Alfredo de Sousa, Augusto Nobre, Germano Martins, Vasco de Vasconcellos, Mello Barreto, Adriano Pimenta, Abrahão de Carvalho, Paiva Gomes, Almeida Garrett, João Canavarro, Jeronimo de Mattos, Madureira de Castro, Teixeira Rebello, Pires de Vasconcellos e Carlos Rischter; pelo sr. Soares Neves, representante das camaras de Lamego e da Regoa; pelo sr. Oliveira Soares, delegado do Centro Commercial do Porto, e por outros individuos, ficará composta pelos srs.:

Henrique Pereira, Antonio Lelo e Elisio de Mello, pela camara do Porto; Porphirio Jorim, pela camara de Gaya; Amancio Queiroz, pela de Mezão Frio; Soares Neves, Antonio Fragateiro e Jeronimo Mathias, pela da Regoa; Joaquim Carvalho, pela de Santa Martha de Penaguião; Antonio Xavier, pela de Sabroso; Manuel Adolpho Pinto Viola, pela de Alijó; dr. Abrahão de Carvalho, pela de Murça; Carlos Rischter, pela de Mirandella; Luiz de Carvalho, pela de Moncorvo; Antonio Julio Ribeiro, pela de Carrazeda de Ancijães; Mello Barreto, pela de Freixo de Espada á Cinta; Alfredo de Sousa, pela de Lamego; Arthur Ribeiro, pela de Taboaço; Julio Montenegro, pela de S. João da Pesqueira; Pires de Vasconcellos e José Joaquim Marques, pela de Foscôa, e Luiz Feliciano Garrido, pela de Méda; Eduardo Vieira de Sousa, pelo sindicato agricola de Sabrosa; capitão Tavares de Carvalho, pelo de Alijó; Albano Guedes, pelo da Pesqueira, Francisco Manuel da Costa, pelo de aSnta Martha; Antonio da Silva Cunha, pela Associação Commercial do Porto; Oliveira da Costa, pelo de Santa Martha; And'essa cidade; Guerra Junqueiro, pelos lavradores do Douro; Antonio Pereira de Sousa, pela Liga Agraria do Norte; Calem Junior, pela Associação Industrial do Porto; Antão de Carvalho e Antonio Pires de Vasconcellos, pela commissão de viticultura regional.

Da estação do Rocio, a commissão seguiu para o ministerio dos estrangeiros, onde foi recebida, no salão nobre, pelo respectivo ministro, sr. dr. Augusto Soares. O primeiro a usar da palavra foi o sr. Antonio Lelo, vereador da camara do Porto. A commissão que ali está, diz, proveiu de duas reuniões de interessados effectuadas na Regoa e no Porto, para se apreciar a pavorosa situação em que ficaria o Douro, que se julgava feliz com as leis de 1907 e 1908, se o tratado com a Inglaterra fôr ractificado sem a acclaração do artigo 6.º. Primeiro, o movimento contra o tratado mal sahira da região interessada. Agora, não. Alastrara, e a camara do Porto tomára como que a direcção do protesto que está a fazer-se ouvir cada vez mais intenso contra o artigo 6.º, que será a ruina completa do Douro, visto acabar para sempre com a marca «Porto». Extinguir essa marca é causar ao Norte um enorme prejuizo. O Douro não vem ali exigir nada. Vem pedir apenas que não o lesem. O Douro só quer uma coisa—que se prohiba terminantemente que qualquer região de Portugal applique aos seus vinhos licorosos a designação de «Porto». Mais nada. Faça-se isso, e elle ficará contente.

O sr. Antão de Carvalho exalta as qualidades de energia da raça transmontana e da gente das Beiras. Ali só ha transmontanos e beirões. Já por duas vezes se encontrou com o ministro. Da primeira, vinha desacompanhado. Agora, tem junto de si representantes de todo o Douro que veem pedir justiça. A questão deixou de ser regionalista. Hoje, pertence a todo o Norte. E está quasi em dizer que se transformou n'uma coisa nacional, visto o Norte ser a parte mais importante da nação. Os sentimentos do Douro estão sufficientemente definidos. Mas quer dizer ao ministro em que consiste o irreductivel modo de pensar d'essa região em face do artigo 6.º do tratado. Está o governo obrigado a ratificar o tratado? Pois que o faça, mas só depois de adoptar providencias que defendam por completo a marca. Já ouviu classificar de violencia esse desejo do Douro. E o que se fez ao Douro não foi, por acaso, uma cilada? O que o Douro quer é que se adoptem internamente providencias que não consintam nenhuma fraude. Que não se permitta, emquanto durarem as negociações que hão de seguir-se á ratificação do tratado, que de Portugal saia para Inglaterra outro vinho licoroso além do exportado pela barra do Porto. Tem o governo outra solução? Pois bem—apresente-a e adopte-a. O Douro acceital-a-ha. O que é preciso é que em Inglaterra não venha a vender-se como «Porto» vinho que não seja produzido no Douro. Não se trata, sequer, de attentar contra os interesses de quem quer que seja, porque o valor dos vinhos que do Sul vão para os mercados inglezes é tão pequeno que o sacrificio, por quem quer que seja feito, pouco pesa e pouco custa.

Ao sr. Antão de Carvalho, que falou com grande violencia e não menor vehemencia, segue-se o sr. ministro dos estrangeiros. A questão tem dois aspectos—o da ratificação a dar ao tratado e o das medidas que devem tomar-se para que não soffram os interesses em jogo. A ratificação não prejudicará o Douro. Está convencido d'isso. Só encára a questão pelo lado local. Está resolvido a cumprir a lei, e ao ratificar o tratado não esquecerá, nas respectivas notas, a acclaração votada pelo parlamento. Tomal-a-ha a Inglaterra na devida conta? Se não tomar, a culpa não lhe pertence. E, todavia, a ratificação é tão urgente que, se não se fizer já, bem possivel é que não venha a fazer-se.

O sr. Manuel Pestana—*Oxalá!*

O orador prosegue. Foi elle mesmo quem, no parlamento, denunciou a má redacção do artigo 6.º, por elle não corresponder ás disposições das leis portuguezas. O tratado foi levado ao parlamento, que o approvou, podendo rejeital-o. Porque o sanccionou? Quer o Douro medidas que protejam a sua marca? Pois bem: como ministro e como deputado promette todo o seu esforço a quantas medidas sejam levadas ao parlamento tendentes a dar satisfação á gente duriense. O que não póde é demorar a ratificação do tratado, porque, fazendo-o, prejudicaria principalmente o Douro, tão certo é ficar elle impossibilitado de voltar ao «statu quo ante». Dil-o, porque entende que não póde deixar de falar com toda a lealdade áquelles que o cercam.

O sr. Manuel Pestana fala longamente e diz que é monarchico. Não transigiu ainda com a Republica como não transigiu nunca com a monarchia constitucional. A resistencia do Douro é natural. O ministro substituiu-se ao Douro, cuidando-lhe dos interesses, com que direito? Para tratar de si, só o Douro é competente. Tem-se falado muito da questão duriense e até o parlamento a discutiu longamente. Mas quem se occupou d'ella não a conhecia. O que é preciso é que o vinho do Porto continue sendo só do Porto. Não pode admittir-se que acabem as falsificações no estrangeiro e continuem as nacionaes. O tratado não deve ser ratificado, mas rasgado, pura e simplesmente.

O sr. Soares Neves, insiste, principalmente, em que se desrespeitou o convenio de Madrid. Porquê? O sr. Guerra Junqueiro affirma que se trata d'um caso sinistro, mas simples. O artigo 6.º ou representa uma inepcia monstruosa ou um crime imperdoavel. Crê que é a primeira hipothese que se dá. O tratado foi redigido sem se consultar ninguem, e o artigo 6.º é contrario ás leis de 1907 e 1908, que delimitaram a região dos vinhos licorosos. Logo, ou se suppoz que essas leis estavam mortas ou que iam morrer. Trata-se, no fundo, d'um erro inqualificavel. O facto está consummado. Vejamos se tem emenda. Em seu entender, o tratado não pode ser moralmente ratificado, por o chefe do governo se ter compromettido a não o fazer sem a acclaração do artigo. Judicialmente, o tratado está denunciado, por não serem eguaes os textos votados nos parlamentos inglez e portuguez. Diz o ministro que da não ratificação só podem advir prejuizos para o Douro. Porquê? E' preciso que o Douro as conheça. E o sr. Guerra Junqueiro exclama:

— Submetto-me a um carrasco e não a um phantasma. E' contra a minha intelligencia!

D'aqui em deante, principia a reinar a confusão. Os apartes nascem de todos os lados, e o ministro, que já tinha manifestado a necessidade em que estava de se retirar ás 16,20, corta a palavra ao sr. Guerra Junqueiro e affirma que não póde gastar mais tempo a ouvil-o. Principiam as apressadas despedidas. O sr. Manuel Pestana intervem e o sr. Augusto Soares redargue-lhe:

—V. ex.ª, ha pouco, accusou os parlamentares que se occuparam da questão do Douro no parlamento de não a conhecerem. Devo dizer-lhe que foi profundamente injusto!

—Apoiado!—accode o sr. Germano Martins.

—Apoiado! gritam outros deputados e senadores presentes.

—Foi o unico que foi malcreado!—clama o sr. Adriano Pimenta. Quem quer falar assim não vem aos paços do governo da Republica!

Estabelece-se grande vozearia, ha discussões accesas e o sr. Manuel Pestana não deixa de falar e de gesticular.

—Suppunha que se tratava só de uma commissão do Douro em que os deputados não tinham nada que vêr. Mas enganei-me. Se falei, foi porque o sr. Guerra Junqueiro me convidou a isso!

O ministro retira-se, marcando nova conferencia á commissão para as 9 horas da noite. Os commissionados e os parlamentares que os acompanham abandonam tambem a pouco e pouco o salão, e continuam, escadaria abaixo, a apreciar, grandemente exaltados, o que acaba de passar-se lá em cima. Na Arcada, trocam-se impressões. E' preciso assentar no caminho a seguir, em face das declarações do governo. E marca-se desde logo uma reunião, que se effectua d'ahi a pouco n'um escriptorio da rua Augusta. A's 9 da noite, como fica dito, a conferencia com o sr. ministro dos estrangeiros continua.

A grande guerra

Na França e na Belgica — A acção dos aviões

PARIS, 16.—Communicação official de hoje, ás 23 horas.—Em Artois, acções de artilharia bastante vivas. O inimigo bombardeou a aldeia de Bully e um dos fossos da região, tendo ficado mortos dois civis. As nossas granadas incendiaram os edificios da herdade La Folie, no cume de Vimy. Na margem direita do Aisne e a oeste de Soissons, os allemães, depois de terem lançado 4.000 granadas no sector de Fontenoy, tentaram hontem á noite contra uma das nossas fortificações um golpe de mão, que falhou. Na Argonne houve relativa calma, excepto na parte oeste da floresta, onde proseguiu o canhoneio, sem qualquer acção da infantaria. Nos altos do Mosa bombardeamento violento em Eparges, na região do barranco de Sonvaux e na floresta de Aprémont.

Uma esquadrilha de 10 aviões lançou esta manhã 46 granadas de 75 e 6 bombas de grande capacidade na gare militar de Chaumy, onde estão concentrados importantes depositos de material. Em duas casas notou-se que se tinha declarado incendio.

No canal do Oise houve explosão n'um cahique.—(Havas).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 17. (Official).—Na alta Valcamoica e em Carnie repellimos todos os ataques, occupámos os desfiladeiros de Vanorocolo e Brizco.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 17. (Official).— O inimigo occupou no dia 15 a margem direita dos rios Vindana e Venta. Na linha do Narew reconduzimos as nossas tropas para a retaguarda, para uma posição concentrada na margem direita do Naréu. No resto da linha repellimos todos os ataques inimigos.—(Havas).

Morto pelo gentio

O capitão de infantaria sr. Sebastião Robi de Miranda Pereira

No ministerio das colonias recebeu-se communicação de que, no dia 10, foi morto pelo gentio de Colengua, junto ao forte de Quiteve, o capitão de infantaria sr. Sebastião Luiz de Faria Machado Pinto Robi de Miranda Pereira, tendo o seu cadaver sido conduzido para o Mulando pela força indigena de que era commandante.

O desditoso official era irmão do 2.º tenente de marinha sr. Robi, tambem morto pelo gentio na campanha do Cuamato em 1904.

Dr. Affonso Costa

Durante a tarde o sr. dr. Affonso Costa continuou passando sem alteração. De manhã foi-lhe levantado o penso do ouvido, não havendo já corrimento. O illustre estadista manifestou desejos de recolher a casa. No hospital estiveram tambem varios marinheiros do cruzador «Almirante Reis» e foram recebidas mensagens das commissões politicas de Angra, Calheta e Graciosa, e das praças da 1.ª companhia do 2.º batalhão da guarda republicana.

O Estado e a camara

Uma reunião de deputados por Lisboa

O reembolso das contribuições

A convite do presidente da commissão executiva do municipio, sr. dr. Levy Marques da Costa, reuniram hoje, nos paços do concelho, os seus collegas que no parlamento representam a cidade de Lisboa. Compareceram os srs. Alvaro de Castro, Freitas Ribeiro, Alfredo Ladeira, Sousa Rosa e os vogaes da commissão executiva srs. Abel Sebrosa, Abilio Trovisqueira, Ribeiro da Silva e Saraiva Lima. Os representantes da cidade na camara dos deputados e no municipio estiveram reunidos das 14 ás 16 horas, trocando impressões ácerca de varios *assumptos de interesse citadino*, entre os quaes avulta o debito do Estado á camara pela cobrança de contribuições que de direito ao municipio pertencem e de que se encontra de ha muito *privada*.

O sr. dr. Levy Marques da Costa, duplamente representante da cidade nas duas camaras, expoz aos seus collegas deputados a justiça que assiste á camara de Lisboa. Entende que a população da capital não deve servir apenas para exemplo de abnegação, heroismo e desinteresse, passando o Estado sobre todas as suas justas reivindicações e recusando-lhe até o que de direito lhe é devido. A situação não continuaria pelo menos com a sua cumplicidade no parlamento e por isso convidára os seus collegas na camara dos deputados para *trocar impressões ácerca da urgente*, inadiavel e imprescindivel defeza da cidade, que os elevou ao seio da representação nacional.

A reunião foi particular e, concluida ella, o sr. dr. Levy Marques da Costa, comparecendo na sessão extraordinaria do Senado, teve ensejo de lhe annunciar o resultado d'essa conferencia de que resultarão, segundo espera, os melhores beneficios para a cidade de Lisboa. Proveiu essa convicção do espirito de sympathia e de justiça com que os deputados pela capital escutaram as reclamações municipaes, dispondo-se immediatamente a cooperar com o presidente da commissão executiva nas propostas que entendesse dever apresentar no parlamento para que á cidade fosse dada legitima satisfação. Conta, portanto, em que os municipes alcançarão, por fim, que a cidade de Lisboa possa, de futuro, contar com os recursos financeiros que lhe permittam o seu progresso material, collocando-a na altura devida á situação que occupa no paiz.

Comprehende tambem, continua affirmando o sr. dr. Levy Marques da Costa, que da sua acção parlamentar e do concurso de todos os deputados por Lisboa, por muito valioso e decidido que seja, não resultará para o municipio a satisfação completa das suas reclamações. Não podem ser exigidos do Estado demasiados sacrificios, pois infelizmente são bem angustiosas as condições financeiras que elle atravessa. A camara procurará conciliar todos os interesses, evitando todas aquellas exigencias, que, sendo aliás justas, dariam como consequencia um abalo consideravel no thesouro publico. E' preciso fazer concessões e far-se-hão as que fôrem necessarias para que a camara obtenha vantagens e liquide uma situação que, a manter-se, só é prejudicial. O presidente da commissão executiva do municipio concluiu por affirmar, que os seus collegas deputados haviam delegado n'elle o encargo de apresentar no Parlamento os projectos de lei tendentes a reembolsar a camara dos recursos de que está privada e outras medidas de interesse para a cidade.

Terminadas estas considerações, que o Senado ouviu com manifesto agrado, o sr. Martinho Brederode perguntou se á referida reunião tinham comparecido todos os deputados eleitos por Lisboa ou apenas os representantes da maioria da camara.

Respondendo, o sr. dr. Levy Marques da Costa diz que, de facto, não estiveram presentes n'essa conferencia senão os deputados da maioria parlamentar. Está certo, porém, que essa circumstancia deve ser attribuida a quaesquer motivos attendiveis e não a menos sympathias pela causa da cidade. Tem razões para fazer essa affirmação. Em tempos, por esse mesmo motivo, teve ensejo de falar com o sr. dr. Antonio José de Almeida e esse chefe politico manifestou todo o seu applauso ás justas aspirações da camara. Quer crêr que a ausencia dos deputados da minoria se deve á circumstancia de não terem recebido a tempo os convites ou, tendo-os recebido, não tiveram occasião de concertarem a sua attitude n'esta questão, que evidentemente não póde ser objecto de politica partidaria. De resto, conclue o sr. dr. Levy Marques da Costa, como os deputados por Lisboa proseguirão, em sequentes reuniões, os trabalhos relativos á cidade deve admittir-se que os que hoje faltaram venham a comparecer nas seguintes.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro do fomento conferenciaram: os srs. dr. Reis Santos e Martins Santareno sobre as bolsas de trabalho; uma commissão de Santo Thyrso, acompanhada do administrador do concelho sr. Virgilio de Andrade, que veio a Lisboa para chamar a attenção do governo para o estado em que se encontram as estradas do concelho e pedir que sejam dotadas, e uma commissão de agricultores e commerciantes de Loures que reclamou contra a exportação de cebola pedindo que não seja permittida.

—O sr. ministro das colonias, acompanhado dos seus secretarios, foi hoje visitar o Jardim Colonial, sendo ali recebido pela direcção.

—O sr. dr. Antonio Joyce, governador civil de Bragança, conferenciou hoje com o sr. ministro do interior, tendo partido para o seu districto no rapido da tarde.

—O senador sr. Antonio Maria Baptista e os deputados srs. Lima Bastos e Tavares Ferreira pediram ao sr. ministro do fomento que se mande proceder a reparações na ponte de ferro entre Benavente e Salvaterra e a construcção d'uma ponte provisoria na vala nova.

—Conferenciaram hoje com o sr. governador civil os srs. director geral do ministerio dos negocios estrangeiros e governador civil do Porto.

—O secretario do sr. governador civil, sr. Alfredo Pinto, recebeu hoje uma commissão de estivadores da casa Orey Antunes, que pediu a interferencia do chefe do districto para uma questão pendente entre a sua classe e os directores d'aquella casa consignataria.

—A canhoneira *Açor* partiu de Ponta Delgada para Horta.

O QUE O PORTO PRECISA

Organismos de Assistencia Publica

Aos operarios sem trabalho, o que é preciso é dar trabalho fundando uma colonia agricola

Porto, 15 de julho

—E' certo que a iniciativa do sr. dr. Pereira Osorio, actual governador civil—dizia-nos ha pouco um intelligente professor de um dos liceus da cidade,—o seu plano de fundar em cada parochia uma Cosinha Economica merece todo o elogio e é digno de toda a sympathia. Mas, francamente, o Porto precisa de muito mais. A assistencia publica é muitissimo deficiente na segunda capital do paiz. Os factos comprovam-no de uma maneira desoladora e triste. Basta que lhe diga o seguinte: não temos a hospitalisação necessaria para doentes, e o Aljube—que é uma prisão—continúa a recolher os pobres doidos que a policia encontra pela cidade. Ainda antehontem para lá foi arrastado um! E o hospital do Conde de Ferreira vae medrando... com a hospitalisação dos doidos ricos, cujas familias podem pagar um quarto e uma diaria... Para os doidos pobres, Aljube! Ora devemos concordar que isto parece um escarneo.

«Os menores, uns sem familia, outros por ella abandonados, abundam, cada vez o seu numero é maior, maltrapilhos, escoando-se por viellas de vicio, na esteira e na carreira de futuros criminosos. A Tutoria não pode comportar mais. Além d'isto, a nossa Escola de Reforma é só para rapazes. Pois o perigo das raparigas é talvez maior para a sociedade futura. Falou-se, ha tempos, em utilisar a Quinta e casa do Sardão para uma Casa de Reforma do sexo feminino. Mas nada se fez. E o abandono, a prostituição infantil, é pavorosamente medonha.

Fazendo uma pequena pausa, o distincto professor continuou:

—As Cosinhas Economicas não resolvem o problema da Assistencia. Podem servir para minorar momentaneamente a crise grave que as classes trabalhadoras atravessam. E, para o constatar, bastará dizer-lhe que as trez cosinhas que actualmente funccionam distribuem diariamente cerca de 3:500 sopas. A de maior movimento, a da primeira zona, installada no largo da Povoa, distribuiu hoje, na refeição da manhã, 692 rações, assim discriminadas:—para a freguezia de Santo Ildefonso, 198; para a do Bomfim, 163; para a de Campanhã, 62; para a de Paranhos, 74, e para os pobres da policia que antigamente recebiam rancho no Aljube 195. A refeição da tarde é egual, sendo, por isso, de 1:384 as sopas distribuidas, só por essa Cosinha.

«E sabe quanto gasta a Assistencia, só com esta Cosinha? Cerca de um conto e cem escudos por mez. Junto a esta despeza as das outras duas Cosinhas e facilmente se verá que a Assistencia não pode com taes encargos.

—Mas o sr. governador civil, para sustentar as Cosinhas Economicas novas, administradas pelas juntas de parochia civis, conta com outros elementos...

—Eu sei. Conta conjugar todos os elementos de beneficencia de que o Porto pode dispôr. Não só os da Grande Commissão de Assistencia, mas os da Junta Geral e os da Camara Municipal. As suas intenções são boas, sympathicas, benemerentes. Mas poderá vêr realisado praticamente o seu plano? Receio muito. Demais, os organismos de assistencia exgottam-se quando se não tomam medidas de prophilaxia social no sentido de expurgar da sociedade a causa occasional da necessidade da assistencia...

E como advinhasse uma duvida da nossa parte, insistiu:

—Sim. Porque é necessaria esta assistencia? Porque é indispensavel dar de comer a trez, quatro, cinco mil familias que não teem alimento? Porque essas familias não teem trabalho. Evidentemente, o mal remedia-se de outra maneira: dando trabalho a esses milhares de braços inertes, decahidos, improductivos. Era mais economico, mais social e mais nobre. A cada passo nós ouvimos os trabalhadores desempregados dizer, quasi com lagrimas nos olhos:—«Estendemos a mão á caridade publica porque não temos trabalho... Mas o que queremos é trabalhar.»

«Ora porque não organisa o governo, por exemplo, uma colonia agricola, empregando no cultivo de terrenos baldios os milhares e milhares de braços d'esses trabalhadores?

«Não poderiamos, com essa colonia, arrotear veigas e encostas, fomentando a riqueza publica pela valorisação dos terrenos, tornando-os ferteis, tirando d'elles todo o trigo e todo o milho que, infelizmente, temos de importar todos os annos, sem que assim nos faltasse o pão para comer e sem canalisar tanto ouro para o estrangeiro?

«Ah!—diz-nos, por fim—ia mudando de assumpto... Mas dir-lhe-hei em breve como entendo que deve ser encarado o problema da Assistencia sob outros aspectos.

nebra de 6 de julho de 1906, approvada, para valer como lei, por decreto do governo provisorio de 25 de maio de 1911, e ainda contra o preceituado no § 2.° do artigo 2.° do decreto de 14 de dezembro de 1912.

Art. 2.°—Outrosim se declara que a Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha é competente para promover, nos tribunaes, o que fôr de direito para execução da carta de lei de 21 de maio de 1896, ainda não revogada.

Conferencias na Catalunha

contra a campanha da imprensa germanophila

Paris, 13 de julho

Com o fim de desfazer a má impressão causada em França pelos excessos da imprensa germanophila hespanhola, a Liga Catalã e a Socialista Catalã de Paris organisaram uma serie de conferencias pela provincia da Catalunha, dirigida pelo sr. Diaz Capdvélla.

As conferencias terminavam por uma parte exclusivamente artistica consagrada á honra da França, sendo presididas por delegados dos consulados dos paizes alliados; o producto das entradas era integralmente offerecido á Cruz Vermelha franceza. Afamados artistas dramaticos recitavam poesias d'auctores celebres como «A Guilherme II» d'Apeles Mestres; «Guilherme II» d'Auge Guimeva; «Ode á França», de Josefo Masso, etc.; distinctos artistas lyricos cantavam, em catalão, o «Chant du départ», «Le reve passe», e outras canções patrioticas francezas.

Os conferentes antes d'entrarem no assumpto destruiam a um por um os argumentos de que se servem os germanophilos hespanhoes na sua symptomatica campanha, que são principalmente a invasão de Bonaparte e a posse de Gibraltar.

O povo catalão, conhecedor da sua historia, considera como proprias as desgraças e as alegrias da França, sua patria d'origem. A Catalunha fez parte da Aquitania sob o dominio romano, e depois por espontanea vontade da população integrou-se no imperio dos francos no tempo de Carlos Magno; mais tarde tyranisada por um rei d'Aragão, pediu e obteve a protecção de Luiz XI, e por fim proclamou successivamente Luiz XIII e Luiz XIV por seu rei.

Quizeram a Liga Catalã e a Socialista Catalã em Paris, ao começo da guerra, formar em Hespanha um corpo de voluntarios, á maneira dos lendarios almogavares; não lhes foi permittido pôr em pratica a sua idéa, mas isso não impediu que mais de 5.000 catalães que estavam em França fossem avolumar as forças da Legião Estrangeira. Os que, em Hespanha, quizeram mas não puderam ir bater-se ao lado dos seus compatriotas na Legião ficavam em espirito ao lado da França, e hoje orgulham-se com a ideia de que n'esta suprema lucta para a victoria definitiva da civilisação contra a barbarie, mais de 100.000 combatentes francezes, entres elles o bravo generalissimo Joffre e o heroico general Pau, são originarios da pequena patria catalã, comprehendendo o Rousnillon, a Cerdagne, o Conflent e Vallespir...

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Para a gerencia do Atheneu Commercial de Lisboa, durante o exercicio de 1915-916, foram eleitos:

Mesa d'assembleia geral geral: Presidente, Januario Antonio d'Almeida Junior; vice-presidente, Francisco Dionisio da Silva Gama; 1.° secretario, Antonio das Neves; 2.°, Ilidio Augusto Cardoso da Cunha; 1.° vice secretario, Antonio Gonçalves Farinha; 2.°, Fortunato José Carretero.—Direcção, effectivos: Presidente, Pedro Gomes de Carvalho, vice-presidente, José de Carvalho Barroso; thesoureiro, Justino Alfaia Barcia; 1.° secretario, Ermelindo Marques Saldanha; 2.°, Antonio Libanio Correia; vogal, Silvestre Moraes do Nascimento e Manuel Lopes Nataria Junior.—Substitutos: Joaquim dos Santos Valdez, Alberto Candido d'Almeida, Antonio Pereira Duarte, Bazilio d'Oliveira e Francisco da Silva Marçal.—Conselho fiscal, effectivos: Guilherme Nunes Coimbra, Antonio Duarte Montez, José Dias de Carvalho.—Substitutos: João Bastos Pereira da Costa e Augusto Carmo.—Commissões auxiliares (presidentes): Propaganda, Raul Adriano Lourenço d'Almeida; higiene e melhoria dos caixeiros, João Lourenço Casimiro; assistencia escolar, Ramiro Luiz da Silva Moura; educação physica, Eduardo Augusto Martins Faria; cultura geral, Antonio Maria Pires; publicações e bibliotheca, Armando Mattos Pereira; relações exteriores, José Bastos.

Touradas

A festa de Thomaz da Rocha.—E' ámanhã que no Campo Pequeno se realisa a corrida d'este festejado bandarilheiro. Na montra do Salão Mimoso, da rua Augusta, estão expostos os brindes que os amigos e admiradores de Thomaz da Rocha lhe offerecem.

A corrida principia ás 17 horas, com a seguinte distribuição:

1.° touro para José Casimiro (Bombita aos quites); 2.°, Jorge Cadete e C. Domingos; 3.°, o espada Alfarero (a sós); 4.°, Adolpho Machado; 5.°, Luciano Moreira e Punteret; 6.°, (Touro do sr. Simão da Veiga) para ser lidado por Thomaz da Rocha (a sós); 7.°, José Casimiro e Thomaz da Rocha (a duo), (Bombita aos quites); 8.°, Jorge Cadete e Luciano Moreira; 9.°, Thomaz da Rocha (a sós); 10.°, Adolpho Machado; 11.°, Custodio Domingos e Punteret.

Os portadores de bilhetes d'esta corrida teem entrada especial para a corrida de domingo, 25, em Algés, organisada pela classe ovarina, bastando para isso apresentar no kiosque Sol do Rocio o respectivo talão.

E' com satisfação que ao commercio e ao publico em geral communicamos que completou 36 annos de existencia a antiga Agencia de annuncios para todos os jornaes Bastos & Gonçalves, sita na rua dos Retrozeiros, 147.

Aos seus actuaes proprietarios, srs. Eduardo Quintella Emauz Gonçalves e Eduardo Coelho de Mendonça, os nossos parabens.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

Numero	Premio	Numero	Premio
466	20:000$		
567	2:000$		
4736	600$	467	100$
1191	200$	497	100$
2053	200$	671	100$
5431	200$	1363	100$
8	100$	2751	100$
449	100$	4229	100$
465	100$	5201	100$

Carlos Augusto Pereira

FALLECEU

R. I. P.

Maria Martins Pereira, Carlos Martins Pereira, Mario Martins Pereira, Beatriz de Jesus Andrade, Francisco José Pereira, Arminda de Jesus Andrade, Maria José Andrade, Francisco Affonso da Costa e sua mulher Bernardina Paes da Costa, Antonio d'Andrade Menezes e sua mulher Soledade Christina Nogueira de Menezes participam aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o fallecimento de seu muito querido marido, pae, genro, irmão, cunhado e sobrinho Carlos Augusto Pereira e que o seu funeral se realisa ámanhã, 18 do corrente pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da egreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemiterio Oriental.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA

Falleceu

A firma Ferreiras & C.ª participa a todas as pessoas das suas relações o fallecimento do seu presado socio Carlos Augusto Pereira, e que o seu funeral se realisa ámanhã, 18 do corrente, pelas 14 horas, sahindo o prestito da egreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemiterio Oriental.

Jantares-concertos

Em consequencia da grande afluencia que teem tido os jantares concertos, que no luxuoso Casino de S. José de Ribamar, em Algés, se estão realisando com exito extraordinario, devido não só ao esmerado serviço como á execução primorosa do sextetto, os proprietarios do mesmo Casino acabam de contractar o habil mestre de cozinha, mr Arthur Ardillouse que nos dizem ser uma verdadeira maravilha na arte culinaria e bem assim pessoal de mesa devidamente habilitado.

Para nada faltar ao publico foi montada uma outra casa de jantar que reune todas as condicções.

A insignia da Cruz Vermelha

só por essa Sociedade pode ser usada

Sobre a questão, tão debatida ha tempos, da insignia da Cruz Vermelha poder ser usada n'um livro publicado pelo sr. Armando de Araujo, a *Ordem do Exercito* traz o seguinte decreto:

Art. 1.°—E' declarado nullo e insubsistente o despacho de 2 de março de 1915, proferido pela 2.ª direcção geral do ministerio da guerra, que auctorisou o cidadão Armando de Araujo a fazer uso do nome e da marca da Cruz Vermelha, n'um livro que publicou, contra o preceituado no artigo 27.° da Convenção de Ge-

Entre as tropas allemãs que soffreram maiores perdas mencionam-se o 20.° corpo de exercito e o 17.° de reserva, que entraram na lucta em redor de Blonic.

Um curioso, mas authentico pormenor das operações em frente de Varsovia é o do rei da Saxonia ter a ellas assistido com o seu sequito. Os jornaes officiosos allemães durante algum tempo haviam-se referido a um acto de grande importancia politica que devia realisar-se logo que Varsovia estivesse nas mãos dos allemães. Crê-se que esse acto era a resurreição d'uma dynastia saxonia na Polonia. O ter preparado tudo para tão dramatico acontecimento parece estar perfeitamente em concordancia com o procedimento dos allemães na guerra e póde bem calcular-se que foi a melhor replica dada pelo gran-duque e confirmada pelo czar, offerecendo um reino autonomo da Polonia sob a suzania da Russia.

Emquanto Varsovia estava atravessando momentos tão criticos, grandes combates se davam tambem na margem esquerda do Vistula, do lado opposto a Iwangorod, onde o exercito austro-allemão sob o commando do general Dankl encontrára muito maior resistencia do que nas acções de Kielce e Radom, o que havia retardado o seu avanço.

Iwangorod fica na margem oriental ou direita do Vistula a cerca de noventa e seis kilometros ao sudeste de Varsovia e era considerada como uma fortaleza de primeira ordem. Durante as operações de que nos estamos occupando, não parece que a sua segurança tivesse sido seriamente ameaçada.

A força austro-allemã contra ella mandada consistia em sete corpos d'exercito, dois dos quaes allemães, com algumas unidades addicionaes. Fôsse essa ou não a sua composição, não era bastante forte para tomar Iwangorod. Se os allemães tal esperavam, é mais um exemplo da confiança que teem em si proprios e de não avaliarem bem o inimigo. Chegando ao lado opposto da fortaleza, na margem occidental do rio, sem, ao que se tem dito, ter encontrado seria opposição no seu caminho, começou o bombardeamento com artilharia pezada no dia 16 de outubro.

Nos dias seguintes fizeram varias tentativas para atravessarem o rio por meio de pontões, mas sem resultado. O ponto d'onde o seu ataque principal era dirigido ficava nos arredores da pequena aldeia de Kozienice, um pouco ao norte, ou antes, abaixo de Iwangorod.

Kozienice fica a uns cinco kilometros do Vistula, assente n'uma elevação de terreno. A area que fica entre essa elevação e o rio estava nas melhores condições e era dominada pela estrada, que corre ao longo da margem. Os allemães e os austriacos haviam transformado essa margem n'uma linha effectiva, de defeza, embora fôsse evidente que era mais uma precaução para obedecer ás formalidades do que por terem receio d'um ataque russo.

Na noite de 20 d'outubro, porém, um destacamento de uma das divisões do Caucaso atravessou o rio do lado russo e chegou a um sopé na margem occidental antes da sua approximação ser impedida seriamente. Depois de chegarem á praia, os russos tinham ainda na sua frente perto de trez kilometros e meio de pantanos para atravessarem antes de poderem pôr-se em contacto com o inimigo.

Os allemães haviam supposto impossivel um ataque por esse lado, não tendo por isso tomado as precauções necessarias, pois, se assim fôsse, varreriam o inimigo com a sua artilharia que dominava esses pantanos.

Logo que chegaram a terreno sólido, os caucasianos, que não são das tropas russas mais doceis, parece terem avançado contra o exposto flanco austriaco com tal ardor e impetuosidade que os varreram ao primeiro assalto. Cobertos por essa vantagem inicial os russos trouxeram mais tropas até a direita austriaca ser forçada a recuar do caminho, que estava guarnecendo para um pedaço de bosque que fica

nos e lagos até e ainda além de Grodno. Principalmente depois dos allemães terem sido repellidos na fronte da Prussia Oriental, Varsovia pouco tinha a receiar de qualquer inimigo pelo norte.

Ao que parecia, os russos não viam bem quão serio era o perigo que a ameaçava, com forças de tal magnitude convergindo sobre ella de todas as partes pelo oeste e pelo sul; embora as forças que iam tomar parte no immediato ataque a Varsovia não excedessem de cinco a sete corpos d'exercito, só uma pequena porção d'ellas eram tropas de primeira linha.

Houve n'essa occasião grande discussão sobre se o general von Hindenburg enviou uma força relativamente pequena para o assalto directo a Varsovia. Não ha duvida de que os allemães esperavam tomar a praça. Tudo havia sido preparado para a sua occupação no dia 17 ou 18. O seu valor para elles como base de futuras operações contra a Russia era obvio e a sua tomada n'essa occasião, uma semana exactamente depois da queda de Antuerpia no occidente, teria o maior effeito moral.

Os allemães pensavam que as forças russas na Polonia, n'essa occasião, eram poucas. Só algumas divisões de cavallaria n'aquelle lado do Vistula eram tudo o que a força austro-allemã tivera de combater no seu avanço sobre Iwangorod. Era duvidoso se dois corpos d'exercito russos chegariam para defender Varsovia. Não havia forças consideraveis em Novo Georgievsk. Iwangorod estava mascarada e a sua guarnição sufficientemente detida pelo quarto exercito austro-allemão, não podendo, por isso, prestar qualquer auxilio; e os allemães, convencidos ainda da demora da mobilisação da Russia, acreditavam que muito tempo passaria antes de reforços poderem ser reunidos e mandados para Varsovia, ou por Brest-Litovsk, ou por Bialystok e Grono.

N'estas circumstancias, podia bem pensar-se que a meia duzia de corpos allemães sob o commando do general Mackensen, que constituiam o primeiro corpo d'exercito de invasão, eram força sufficiente para o objectivo que se tinha em vista e que podia ser vantajosamente empregada.

O segundo e o terceiro exercitos haviam avançado pela Polonia, lado a lado do primeiro. Estavam de reserva para serem empregados n'um contra-ataque contra qualquer força que os russos enviassem em auxilio de Varsovia. A natureza d'esse projectado contra-ataque, com as razões pelas quaes nunca teve logar, foi revelada na narrativa official allemã das operações publicada trez mezes depois. Entretanto, se os allemães não calcularam bem a força que era necessaria para tomar Varsovia, os russos por sua parte eram extraordinariamente lentos em tomar as medidas necessarias para a protegerem.

O general Samsonoff

O troar dos canhões do inimigo foi ouvido pela primeira vez em Varsovia na noite de 10 para 11 d'outubro. Desde esse momento, o troar

foi-se approximando mais e mais, ao passo que os aeroplanos inimigos visitavam todos os dias a cidade, o que deu azo a que se começasse a espalhar um certo panico.

As auctoridades russas durante algum tempo fizeram affixar proclamações animadoras, tentando incutir confiança no publico; mas, dia a dia, o troar da artilharia se ouvia mais distinctamente e, apparentemente, não havia signal algum de que qualquer auxilio fôsse mandado pela Russia, pelo que o desanimo se tornou profundo. O Banco do Estado, levando todos os seus archivos e reservas metallicas, transferiu a sua séde, á pressa, para Siedlice, onde, de resto, apenas ficou um ou dois dias, fugindo n'um espasmo de receio para Moscow.

N'esse meio tempo, os aeroplanos, que eram uma novidade para a população de Varsovia, causaram grandes estragos. O primeiro que se avistou foi alvo de immensa curiosidade para a população e encheu a cidade de maços de pamphletos em que se dizia que os allemães vinham salvar o povo polaco, exhortando-o a que não tivesse receio dos aeroplanos, pois damno algum seria feito á população civil, mas apenas ás tropas, e que só os edificios de natureza militar seriam destruidos.

Talvez isso fôsse acreditado durante um dia pelos polacos, mas não por mais tempo, porque os aviadores que se seguiram ao primeiro mudaram por completo de attitude. Em vez de lançarem proclamações com palavras de incitamento ácerca do «futuro da Polonia», começaram a arremeçar bombas. E deve dizer-se que, pelo menos que se saiba, nem um unico edificio de natureza militar soffreu estragos, nem um unico soldado foi ferido, embora quarenta ou mais civis fôssem mortos ou feridos e algumas propriedades particulares destruidas.

As narrativas do que succedeu n'esses dias em Varsovia são muito confusas, como é sempre inevitavel em taes circumstancias. Em Antuerpia, nos dias que precederam a sua queda, corriam os boatos mais extraordinarios; ordens para evacuar a cidade foram dadas, havendo depois contra ordem, e a maior incerteza reinava. O mesmo succedeu em Varsovia. Parece que a deliberação de evacuar a cidade foi tomada no dia 15 ou 16, tendo estado preparados comboios para os funccionarios officiaes e outras pessoas que desejavam sahir da cidade. Todos os membros da colonia ingleza e d'outras nacionalidades que não desejavam cahir nas mãos dos allemães retiraram apressadamente.

Fóra das fortificações, as poucas tropas russas estavam fazendo frente ao inimigo o mais valentemente que podiam, dada a sua proporção numerica de um para trez. De dia e de noite os vidros das janellas dos predios de Varsovia quebravam-se com o abalo produzido pelas detonações dos canhões, emquanto a população podia vêr, dos telhados das casas, as granadas explodindo ao oeste e ao sul. Feridos eram trazidos para a cidade e parecia não haver ainda signal algum de esperança de auxilio e durante um ou dois dias os polacos chegaram a pensar que haviam sido infelizes e que a despeito da sua lealdade tinham sido abandonados.

No dia 17 d'outubro, os allemães estavam tão proximos da cidade que as suas granadas explodiam já nos suburbios. Para se oppôr ao avanço do inimigo havia parte d'uma divisão d'um esplendido corpo siberiano e foi ao heroismo d'esses soldados que Varsovia deve o ter continuado em mãos russas.

Parece certo que houve um periodo de sete horas em que os allemães podiam ter entrado em Varsovia sem encontrarem resistencia. Os siberianos tinham estado combatendo durante todo o dia e achavam-se quasi que anniquilados. A sua artilharia, ao que se diz, havia recuado e elles proprios estavam em retirada, mal offerecendo resistencia na retaguarda. Pessoas vindas pelos comboios referiam que os allemães estavam entrando na cidade e que a resistencia fôra abandonada. Pela estrada de Radom marchavam os restos dos regimentos e, segundo a

versão geralmente acceite, houve quatro horas ou mais em que n'essa direcção nem um simples canhão ou uma unidade effectiva se oppôz ao avanço allemão.

Por qualquer razão incomprehensivel, porém, o inimigo, exactamente n'esse momento critico, cessou o ataque.

E' difficil saber com exactidão o que se deu durante essa acalmia da lucta allemã. Ao que parece, houve quem reunisse os restos dos regimentos dispersos e trouxesse algumas baterias para a estrada de Radom, de modo que, quando os allemães, depois d'essas horas perdidas, de novo voltaram ao ataque, encontraram a mesma opposição que anteriormente. A hypothese mais acceitavel para explicar o procedimento dos allemães é que, quando os russos recuavam, elles estavam em pouca força para poderem tomar a cidade. Embora curta, a demora foi-lhes fatal.

No dia seguinte, chegaram a Varsovia alguns reforços e ordem para se manterem. A lucta continuou e os russos soffreram terrivelmente. Mas uma noticia circulou de rua em rua, de casa em casa, com a rapidez do relampago, noticia que fez vir a população para a rua n'um fremito de regosijo e de excitamento.

«Varsovia—dizia-se—deve ser defendida a todo o custo. O gran-duque disse-o. Veem reforços a caminho». E quasi simultaneamente chegou a noticia de que esses reforços estavam realmente a chegar.

O primeiro corpo que veiu por caminho de ferro foi uma d'essas grandes unidades da Siberia e o primeiro regimento a desembarcar foi o 91.º siberiano. Logo que os soldados se apearam dos vagons, sem um momento sequer de repouso, dirigiram-se, atravessando a principal rua de Varsovia, para a ponte sobre o Vistula e, pela estrada de Jerusalem, para a fronte. Esse regimento havia-se já distinguido tanto na campanha da Galicia que uma espada de honra tinha sido offerecida ao seu commandante, o coronel Letchinsky. Esse official fôra d'uma extraordinaria bravura na lucta em frente de Lublin e nos contra-ataques que fizeram recuar os austriacos na Galicia. Ao chegar ahi, havia tomado parte effectiva nos oito dias de batalha em Rawa-Ruska e egualmente tomára parte no avanço contra Jewslau e ainda além d'essa localidade. Estava ainda em serviço activo quando chegaram as ordens para Varsovia ser soccorrida.

A população, que assistiu á sua entrada e o viu marchar pela rua principal e seguir para uma nova campanha—na qual, se diz, pelejou por oito dias consecutivos, sendo condecorado pelo gran-duque com a ordem de S. Jorge—ficou magnificamente impressionada. Mulheres e creanças, tudo correu a offerecer-lhes tabaco, fructas, pão, emfim tudo o que em taes casos se costuma offerecer. Embora fatigadissimos, os homens marchavam como veteranos.

Atraz d'esse primeiro regimento, outros vieram. E atraz d'esses ainda mais, mais artilharia, mais cavallaria, até que finalmente pareceu não terem fim as tropas que a Russia estava mandando. Desde o primeiro dia da sua chegada, Varsovia estava salva. A 21 d'outubro os allemães estavam em retirada.

Falando dos reforços que a Russia mandou para soccorrer Varsovia, um escriptor russo diz: «A marcha dos exercitos russos na margem direita do Vistula por caminhos difficilimos, quasi intransitaveis, foi uma façanha digna d'um logar honroso na historia da Grande Guerra». A força exacta d'esses exercitos era desconhecida, mas o mesmo escriptor diz que n'um dia «quatro columnas, tendo cada uma 250.000 homens, atravessaram o Vistula em dezeseis pontões» e desenvolveram na margem esquerda o avanço contra os allemães.

Antes d'estes retirarem, travou-se um violentissimo combate especialmente cerca de Blonie, mas uma grande força russa, atravessando o Vistula, esmagou a esquerda do inimigo e occupou Sochaczew. Esse movimento foi feito pelos siberianos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1778 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 18 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A questão das subsistencias

Segundo uma nota officiosa, o governo convida todos os interessados na questão das subsistencias para uma conferencia que se deve realisar d'aqui a alguns dias. Não sabemos se d'essa conferencia o governo colherá elementos novos para a sua apreciação do problema. Parece-nos que todas as classes teem já dito tudo quanto aos seus interesses se refere. Mas alguma cousa fica assente. E' que a questão necessita, cada vez com maior urgencia, d'uma solução, e que o governo se encontra tão compenetrado como o publico de que essa urgencia existe e cumpre proceder em harmonia com as necessidades instantes que ella revela.

A questão das subsistencias não é uma questão recente. Ella vem dos tempos da monarchia. Ha bastantes annos que se diz, se prova que Lisboa, por exemplo, é uma das cidades do mundo onde a vida é mais cara. Essa questão tem-se aggravado por circumstancias excepcionaes, sobretudo as que derivam da guerra, e que a todos os povos teem affligido. Com effeito, não é já a Europa que resente os effeitos da tremenda conflagração europeia; a propria America se encontra por elles seriamente attingida.

E' um aspecto do problema economico a questão das subsistencias, e o aggravamento dos seus preços mais sensivelmente se nos torna pela exiguidade dos recursos de que sobretudo as classes proletarias se queixam para attender á alta dos generos. Eis o que torna a questão mais melindrosa, e por isso mesmo o facto de ha tanto tempo ella permanecer sem solução deve preoccupar justificadamente o governo e a opinião publica.

Affigura-se-nos um erro pretender encontrar a solução desejada só nos meios normaes, apenas efficazes nas situações normaes. E' preciso não esquecer que a sociedade portugueza, como de resto todas as sociedades europeias, embora em menor grau, não se encontra hoje n'uma situação normal. No praso de poucos annos, Portugal mudou de regimen, substituindo instituições seculares, fez uma revolução para esse fim, soffreu a reacção dos vencidos, manifestada em successivos movimentos sediciosos, supportou uma dictadura, teve de fazer uma nova revolução para a derrubar, e tem soffrido, além d'isso, como as outras nações, a repercussão do formidavel choque europeu. Quem dirá que esta situação não é excepcional? E sendo excepcional, evidentemente todos os problemas da vida portugueza tomam aspectos excepcionaes, e como é possivel resolvel-os sem soluções que não sejam tambem por sua natureza excepcionaes?

Em outras condições, os processos normaes porventura conseguiriam solucionar essas questões. Nem seria possivel empregar outros meios que só nas circumstancias de excepção são admissiveis e podem ser efficazes. Em compensação, no momento actual os meios normaes é que se affiguram inefficazes e improficuos.

A questão é instante. A questão é de vida ou de morte. O governo, estudando-a convenientemente, tem que tomar as iniciativas salvadoras que uma tal situação exige.

Os socialistas francezes

A sua attitude perante a guerra

Paris, 15 de julho

Reuniu-se hontem o conselho nacional do partido socialista francez. A reunião foi um verdadeiro congresso, um congresso especial, com um ar particularmente militar. A' porta estacionavam automoveis, a cujo volante se viam soldados. Eram as carruagens dos ministros que se encontravam na sala: os cidadãos Guesde, Sembat e Albert Thomas. Entre os assistentes grande numero de socialistas, de uniforme. A defeza nacional é a aspiração, a preoccupação dominante.

Um dos oradores, vibrando de commoção patriotica, disse o seguinte, que traduz o pensamento unanime da assembleia:

«A aggressão allemã implica a questão da independencia da Belgica e de uma parte da França. O dever dos dois proletariados belga e francez é o continúa a ser o de tomar parte na guerra para impedir que as suas respectivas patrias sejam absorvidas, parcial ou totalmente, e victimas d'um criminoso plano, hoje confessado, de hegemonia imperial. Sobre a questão da Alsacia-Lorena, o partido socialista deve referir-se á moção da conferencia de Londres que reconhece a todos os povos o direito de dispor livremente dos seus destinos.

«Não podemos acolher boatos de paz sem lhe conhecer as condições e sem estarmos certos de que teem por fim o triumpho da justiça e do direito. Qualquer palavra nossa sobre uma paz precipitada apenas servirá para fazer prolongar a guerra».

Eis o que, segundo o que constou cá fóra, se disse na reunião. A entrada na sala chegou a ser prohibida até aos proprios socialistas que não estavam investidos d'um mandato regular.

A's duas primeiras sessões do conselho nacional presidiu o sr. Vandervelde, que, como se sabe, faz parte do governo belga.

A questão do Douro

A grande commissão reune no ministerio do interior

A's duas horas da tarde a grande commissão encarregada de defender os interesses da região duriense junto do governo encontra-se reunida na sala do conselho de Estado do ministerio do interior. A reunião é presidida pelo sr. dr. Antão de Carvalho e em todos os membros da commissão se nota a maior calma. São lidas varias propostas tendentes a achar uma solução definitiva ao assumpto. Procura-se, sobretudo, zelar os interesses do norte, sem, todavia, se desprezarem as reclamações do sul. E, assim, a discussão gravita em volta d'estes dois pontos:—o cumprimento da lei que prohibe a plantação da vinha e a limitação da exportação do vinho do sul. Attendendo-se a um e a outro, a questão que não é só do Douro, mas do paiz inteiro, ficará solucionada. Os oradores são de vez em quando interrompidos por apartes, mas nada que venha alterar a inquebrantavel linha de serenidade a que se impoz a grande commissão, principalmente, depois de ter tomado conhecimento dos lamentaveis acontecimentos desenrolados na Regoa.

A horas adeantadas da tarde ainda a commissão não havia assentado nas conclusões que deve submetter á apreciação do sr. ministro dos estrangeiros. Os seus trabalhos devem, porém, ficar hoje ultimados e ás 9 horas e meia da noite realisar-se-ha a conferencia entre os delegados dos viticultores do Douro e o sr. dr. Augusto Soares.

Como o novo aspecto que tomou agora a questão, depois dos representantes do norte terem assentado em acceitar em principio o tratado luso-britannico, exija providencias immediatas de caracter interno, é provavel que n'esta conferencia esteja tambem presente o sr. ministro do fomento.

O governo nada resolve sobre o assumpto, sem ouvir primeiramente os delegados do Douro, aos quaes deu plena iniciativa no estudo das bases que devem servir para a aclaração do artigo 6.º do tratado de commercio com a Inglaterra.

Dr. Affonso Costa

Manteem-se as melhoras do illustre enfermo

O estado do sr. dr. Affonso Costa tende a melhorar. Pelas 12 horas, foi affixado o seguinte boletim, assignado pelos medicos srs. drs. Francisco Gentil e Costa Nery: Pulsação, 68; respiração, 18; temperatura, 36,9. O doente continua melhorando.

Com o illustre enfermo estiveram sua esposa e filhos, sógra e cunhados e a esposa do sr. José Tavares.

A informar-se do seu estado, estiveram no hospital, entre outras pessoas, os srs. ministro das finanças e dr. Rosette, que veiu propositadamente de Coimbra para tal fim. Tambem foram hoje recebidos muitos telegrammas e cartas pedindo informações.

Pelas 12 horas o sr. dr. Affonso Costa tomou uma refeição, sendo depois d'essa hora que recebeu as pessoas de familia que acima citamos.

Cardeaes contra cardeaes

Certa imprensa catholica dos paizes neutros ao serviço da Allemanha

Os cardeaes von Bettinger, arcebispo de Munich, e von Hartmann, arcebispo de Colonia, enviaram a Guilherme II o telegramma seguinte:

Revoltados com as calumnias contra a patria allemã e contra o seu glorioso exercito contidas no livro «A guerra allemã e o catholicismo», exprimimos a vossa magestade, em nome de todo o episcopado allemão, a nossa indignação dolorosa. Não deixaremos de apresentar as nossas queixas ao chefe supremo da Egreja.

O livro a que se referem os cardeaes allemães foi publicado pelo «Comité catholico de propaganda franceza no estrangeiro» que tem como director monsenhor Baudrillart, reitor do Instituto Catholico de Paris, e como presidentes de honra os cardeaes Amette e Luçon. Eis o que n'elle se encerra: Carta do eminentissimo cardeal Amette, arcebispo de Paris; um estudo sobre «As leis chistãs da guerra», pelo conego Gaudeau; outro sobre «A cultura germanica e o catholicismo», por Georges Goyau»; outro sobre «O papel catholico da França no mundo», por um missionario; outro sobre «A guerra ás egrejas e aos padres», por François Veuillot; noticias sobre «A religião no exercito francez, pelos conegos Couget e Ardant e por monsenhor Baudrillart, documentos pontificaes e episcopaes relativos á guerra, resposta do Instituto Catholico ao manifesto dos representantes da sciencia e da arte allemãs, lista dos ecclesiasticos e dos religiosos mortos pelo inimigo.

Os cardeaes de Paris e de Reims accusados de patronos de calumniadores pelos seus collegas na purpura, os arcebispos de Colonia e Munich, hão de ter sorrido tristemente ao lerem o telegramma que deixamos reproduzido e que o *Jornal de Genève* transcreveu da *Gazeta de Colonia*. Tamanha indignação apenas significa que monsenhor Baudrillart e os seus collaboradores attingiram o alvo e disseram simplesmente a cruciante verdade. De resto, ninguem ousaria suppor Georges Goyau e as pessoas illustres que com elle cooperaram no sensacional volume capazes de deturpar os factos, muitos d'elles documentados n'um album de photographias tambem trazido a lume pelo comité. Ambas estas obras se encontram publicadas em seis linguas: francez, hespanhol, inglez, italiano, portuguez e allemão.

***

Apenas por odio ás idéas de liberdade que a França e a Inglaterra principalmente encarnam, jornaes catholicos existem nos paizes neutraes que não occultam a sua simpathia pelos allemães e desejam que a sua causa triumphe.

Na Italia, o *Osservatore Romano*, considerado como orgão officioso da Santa Sé, e a despeito das determinações d'esta, nem sempre tem observado aquella imparcialidade que para esse jornal devia constituir uma stricta obrigação. Provam o que asseguramos a sua attitude no caso do cardeal Mercier e os ataques dirigidos ao ministro da Belgica junto do Vaticano, sr. Van den Heuvel, em termos que deram origem a um chamamento á ordem.

Além do *Osservatore Romano*, mencionam-se tambem a *Unita Catholica*, *Il Labaro*, *Il Bastone*, integristos, o *Cavallo sfurtato*, de Napoles, o *Mulo*, de Bolonha, o *Cemento armado*, de Roma, etc., tendo a Santa Sé censurado alguns d'estes jornaes por estamparem caricaturas offensivas da França.

Em Hespanha, o *A B C*, que é catholico e de tendencias accentuadamente germanophilas, mantem um tom mais correcto e acolhe todas as informações. Mas o *Debate* (maurista) e sobretudo o *Correo Español* e *Truena* (integristas), são puramente allemães. Ha quem affirme que o ultimo tem como proprietarios os celebres irmãos Mannesmann, allemães, que tanto deram que falar por causa dos seus manejos em Marrocos. Reproduzem estes jornaes os telegrammas e os communica os officiaes de Berlim, os artigos da *Kolnische Wolkszeitung* (catholica), sem contar as declarações publicadas contra a Inglaterra e a França.

Constituem, no emtanto, uma minoria os jornaes catholicos que nos paizes neutraes defendem abertamente a Allemanha.

Forças expedicionarias a Angola

Offerecimento d'um grupo e uma carta d'agradecimento

Os cabos da 8.ª bateria do regimento de artilharia n.º 2, actualmente em Mossamedes e que fazem parte das forças expedicionarias a Angola, photographaram-se em grupo e enviaram um exemplar a *A Capital* com uma dedicatoria muito amavel pelo envio de exemplares do nosso jornal, que, dizem, «veem estimular deveras o nosso amor patrio».

Tambem o cabo artilheiro do batalhão expedicionario a Angola sr. J. A. Machado nos escreve dos Fornos da Cal, onde á data—13 de junho—estavam acampados, agradecendo em nome de todos os seus camaradas os exemplares que lhes temos enviado, pela leitura dos quaes conseguem saber «todas as novidades que pelo nosso querido Portugal se vão dando». Termina por saudar a Republica e os defensores da Patria.

Os nossos agradecimentos sinceros aos briosos militares, juntamente com os nossos melhores votos de que voltem vencedores e cobertos de louros.

Poeira da Arcada

Nas sociedades que atravessam periodos de renovação lenta e difficil, os homens encontram-se expostos a todas as incertezas. Os valores moraes são tão variaveis que a virtude e o vicio parecem dois pendulos, oscillando parallelos. Até pode acontecer que alternadamente descrevam a mesma curva, o que facilita aos mariolas terem palavras e gestos de pessoas honestas. Estes casos de hipocrisia parecem tão naturaes que ninguem se irrita. A conquista do céo proporciona-se assim a toda a casta de ambições. A bemaventurança é um osso devorado por muitos cães.

***

O problema das subsistencias despertou as attenções da publica governação. A nota fornecida aos jornaes da manhã claramente o indica.

Vamos v r o que vae sahir da proxima reunião de tantas entidades, na Sociedade de Geographia.

As classes pobres soffrem horrivelmente, os açambarcadores engordam como aboboras. Entre aquellas e estes, o governo tem de proceder de modo que ninguem julgue que elle queira tornar-se Jano bifronte.

***

O imperador da Allemanha que, desde o começo da guerra, tem envelhecido muito, affirmou á alta finança allemã que a paz será assignada ainda este anno. Quão bom seria que o mappa da Europa se tornasse uma superficie assás clara para os timidos e poderem encarar sem susto! Cremos, porém, que as palavras de Guilherme II não serão confirmadas pelos factos. A guerra entrará em 1916. N'este proximo futuro anno é que se decidirá em que bases assentará a civilisação dos povos. A civilisação e a justiça que os ha de reger.

UMA BRILHANTE FESTA

CENTRO REPUBLICANO LEOTTE DO REGO

Na sessão inaugural presta-se calorosa homenagem ao seu patrono e ás nações alliadas

Realisou-se hoje no theatro de S. Carlos a sessão solemne inaugural do Centro Republicano Leotte do Rego, festa dedicada ao illustre commandante das forças de mar na jornada historica de 14 de maio.

Pouco depois das 13 e meia, a vasta plateia do bello theatro encontrava-se repleta, vendo-se egualmente os camarotes apinhados.

As bandas da guarda republicana e do corpo de marinheiros iniciaram a festa, realisando um concerto que foi religiosamente escutado e enthusiasticamente applaudido, vendo-se no palco as internadas do Asilo de Santa Catharina e as do Albergue das Creanças Abandonadas.

Terminado o concerto, um grupo de alumnas do Albergue veiu ao proscenio e cantou ao piano varias canções, abrindo pela *Portugueza*, em côro, o que produziu um optimo effeito.

São 14 e meia. Surge, no palco, adeantando-se até á mesa da presidencia, o sr. Leotte do Rego, que a assistencia, em pé, acclama enthusiasmada.

Acompanham-no os srs. visconde da Ribeira Brava, Bertho Ferreira, Faustino da Fonseca, Tavares de Mello, Firmino Alves e Estevam de Vasconcellos que o sr. João Maldonado convida a assumir a presidencia.

O sr. Estevam de Vasconcellos diz quaes as conclusões do 14 de maio

O sr. Estevam de Vasconcellos, acceitando o honroso logar, declara estar ali porque nunca falta ao posto que lhe designam. Confessa-se commovido com o espectaculo que tem na sua presença e em que a alma de tanto republicano vibra em unisono para saudar o heroico marinheiro que com o seu valor e com o seu esforço contribuiu para derrubar uma dictadura affrontosa. (applausos).

Não é cedo para se fazer a historia do 14 de maio e ninguem tenha a veleidade de pensar o contrario. Não. Seria um estratagema grosseiro e illogico, inadmissivel na Republica. Duas conclusões se podem e devem tirar do 14 de maio: a consolidação da Republica e o direito de expurgar a administração publica dos inimigos do regimen.

A outra homenagem que se conjuga com o 14 de maio é a que se faz aos paizes alliados. A nossa attitude de hoje é ainda incompativel com o brio nacional. E' preciso, pois, esclarecel-a, salvando a Republica.

Duas homenagens se prestam hoje: a Leotte do Rego, a maior figura da marinha de guerra portugueza (muitas palmas), e ás nações alliadas, com as quaes estamos d'alma e coração.

Da plateia clama uma voz: «Viva o grande estadista dr. Affonso Costa!» Foi como se uma mola levantasse toda a sala. Durante minutos o nome do dr. Affonso Costa é intensamente victoriado.

O sr. Leotte do Rego saúda o chefe do Estado e defende a participação na guerra

Tem a palavra o sr. Leotte do Rego. O auditorio acclama-o novamente. O illustre official da armada começa por dirigir uma saudação ao sr. presidente da Republica. Theophilo Braga, gloria do Portugal, é um grande exemplo: o exemplo de que n'este paiz se pode ser alguem, se pode ter uma elevada situação sem esmagar os outros. Ha varias maneiras de subir: pelo elogio e pelo esforço proprio. Theophilo Braga venceu pelo seu trabalho, pelo seu caracter e pela sua intelligencia.

Saúda tambem o governo, que é genuinamente republicano. Como marinheiro e como deputado por Lisboa, pede-lhe que cumpra os mandatos do 14 de maio. Se o governo não é um governo revolucionario, foi, no entanto, como consequencia d'esse movimento que elle se poude constituir.

Duas coisas tem a fazer: sanear o funccionalismo aclarar a nossa situação internacional. Foi a generosidade do 5 de Outubro que mais depressa o paiz republicano. O orador passa a historiar os primeiros annos da Republica em que—diz—portuguezes traidores levaram o seu antipatriotismo a ir adquirir material de guerra no paiz visinho.

Referindo-se ao 21 de outubro, descreve-o picarescamente, provocando o riso da assembleia. Essa intentona foi organisada pela covardia dos que não queriam ir para a guerra e por esse mesmo motivo se organisou depois o ministerio Pimenta de Castro que, se não fosse o 14 de maio, teria entregado já em absoluto o paiz aos inimigos da Republica. Mas esse ministerio foi um sonho mau que não mais se ha de repetir, porque n'este paiz já agora não poderá haver dictaduras. (Apoiados).

O outro problema a resolver é a situação de Portugal perante o conflicto europeu. Desde o principio que Portugal tinha o dever de se collocar ao lado da Inglaterra sem ambiguidades nem hesitações. E Portugal estava realmente disposto a tomar esse caminho. A sua attitude, retumbando lá fóra, trouxe-nos uma aura de simpathia que tanto nos engrandeceu e glorificou. De repente, porém, a campanha começou. Uns por mêdo, outros por inimisade ao regimen, fizeram essa campanha e a intentona de Mafra foi fructo seu.

Certa imprensa coadjuvou o movimento, talvez até subsidiada pelo dinheiro allemão. (Muitos apoiados). O sonho mau, porém, desfez-se. Muito embora o actual governo tenha que luctar com mais difficuldades que o ministerio Azevedo Coutinho, elle, orador, tem fé em que os srs. ministros dos estrangeiros e das colonias hão de esclarecer a nossa situação perante a guerra, de modo a que estejamos onde o dever e a honra da Patria nos mandarem.

Para terminar o orador saúda as nações alliadas, começando pela ridente, patriotica e extraordinaria Italia, onde cada navio tem uma bandeira bordada ou pelas mãos rudes das operarias ou pelas mãos patricias das princezas. Depois a Belgica, povo pequeno de territorio mas enorme de grandeza moral e de heroicidade, e a França, paiz da Liberdade, facho gloriosissimo que illumina o mundo, modelo de patriotismo e onde na hora presente não ha partidos porque apenas ha francezes e onde a propria casa sindical, ha um anno o terror da policia, é hoje o santuario da Caridade... Propositadamente deixa para o fim as saudações á Inglaterra, esse paiz da diplomacia, da organisação e do trabalho.

A essas nações alliadas vão, pois, as nossas saudações.

Quanto á Allemanha, diz odial-a, não pela Allemanha mas pelo kaiser, que pretendeu esmagar o mundo, esmagando a liberdade. O seu imperio é o simbolo da tirannia, pois que esmagou a justiça e o direito.

Concluindo, o sr. Leotte do Rego recorda que ha dois homens que, pelo seu passado e pelos seus trabalhos em defeza da Patria e da Republica, merecem que especialmente se lhes citem e victoriem os nomes: um victima de uma bala, outro victima d'um desastre:—João Chagas e Affonso Costa.

Toda a plateia agora se levanta, com palmas e vivas, saudando os dois eminentes vultos e o orador, que é muito felicitado.

Findo o discurso do sr. Leotte do Rego, o sr. Estevam de Vasconcellos dá conta da correspondencia que tem sobre a meza e lê a carta do sr. ministro de Inglaterra, que é escripta em portuguez. Finda a leitura, ergue um viva á nossa alliada e as bandas tocam successivamente o himno inglez, a *Marselheza* e a *Portugueza*, no meio de manifestações delirantes da sala. Um grupo de alumnas do Asilo de Santa Catharina canta mais uma vez o himno nacional e varias canções patrioticas.

Fala o sr. Ribeira Brava—Saudações dos escoteiros

Fala o sr. Ribeira Brava. Diz que os verdadeiros portuguezes são como Leotte do Rego: avançam para a frente sem olhar os perigos nem as canceiras e sem pensarem em recompensas. Affirma que é preciso estar vigilante, visto que ainda ha quem pretenda fazer a apologia e a defeza de Pimenta de Castro. Não ha que ter medo dos monarchicos, mas ha que temer os falsos republicanos. E' preciso, pois, vencermos a campanha jesuitica que contra a Republica os seus inimigos teem ainda. O orador conclue levantando um caloroso viva á Republica, o qual é calorosamente correspondido.

Entra na sala o grupo de escoteiros lusos n.º 2, da Juventude Republicana. O sr. Delphim Teixeira, em nome do grupo, explica o que é e para que serve um escoteiro, porque se creou e para que se creou esta instituição, cujos preceitos o sr. Teixeira expõe em voz alta, clara e timbrada.

Ao som do himno nacional, o grupo começa os seus exercicios e evoluções, fazendo em primeiro logar a continencia militar, á qual se seguem o exercicio de bandeiras, que se resume n'uma saudação ao Centro Leotte do Rego e ás nações alliadas, e preparativos para escalamentos.

Falam os srs. Amandio da Conceição e Faustino da Fonseca

Findos os exercicios tem a palavra o sr. Amandio Oscar da Conceição. Como revolucionario civil, sauda Leotte do Rego e a sua obra patriotica. Alludindo á sua prisão, classifica-a de gesto odioso, contra elle tomado por não se coadunar com a politica de cobardia. (Apoiados).

Novas canções portuguezas pelas creanças do Albergue e chega a vez de falar o sr. Faustino da Fonseca. Diz que Leotte do Rego é mais do que um heroe de lenda porque o seu gesto de 14 de maio foi a consequencia logica da sua propaganda d'um anno pela intervenção de Portugal na guerra. Pena foi, porém, que o mandato de 14 de maio cahisse nas mãos debeis de ministros que não souberam cumprir esse mandato.

O orador traça a historia gloriosa da marinha de guerra que é hoje o que foi sempre: a alma sagrada da Patria vencedora. Referindo-se depois á situação do povo, diz que, apóz todos os seus triumphos, elle fica ludibriado, esmagado pelo maior dos seus inimigos, o açambarcador, que o vae matando á fome. Se o povo derrubou a dictadura politica, é preciso, necessario e imprescindivel derrubar a dictadura economica.

Um discurso do sr. tenente Oscar Monteiro Torres

Entra no palco e é immensamente ovacionado o sr. tenente Oscar Monteiro Torres, que tem a palavra. Descendo ao proscenio, o sr. Oscar Torres lê o seu discurso do qual damos os seguintes excerptos:

«Senhoras e senhores—E' hoje a primeira vez que tenho a honra de falar em publico, mas não vos assusteis por que eu não vou fazer-vos um discurso. Os meus dotes oratorios são insignificantes e, por isso, no simples intuito de acceder ao amavel e honroso convite que me foi feito pela direcção, resolvi que viria ler-vos estas linhas, aqui, em familia, como irmão que sou de todos vós, visto que somos portuguezes.

«E' como portuguez, portanto, que vou falar-vos e como me não posso abstrair da minha qualidade de militar, é como soldado tambem que vos direi o que penso e como tal vos peço que desculpeis as falhas d'esta minha palestra.

«Inaugura-se hoje um centro republicano do que é patrono o heroico marinheiro e verdadeiro portuguez que é Leotte do Rego e glorifica-se hoje, tambem, e mais uma vez, a Triple Entente, em que figura n'um plano de destaque a nossa heroica alliada—a Inglaterra.

«Só estas duas circumstancias, reunidas, me levariam a falar, porque uma é complemento da outra.

A esta, á Triple Entente, está ligada a ideia da nossa independencia e da nossa liberdade; áquelle, a Leotte do Rego, está ligada a garantia de que serão cumpridos os deveres de honra da nossa Patria para com os alliados, ou melhor, para com a nossa alliada—a Inglaterra».

Alludindo aos argumentos intrigan-

Rouget de Lisle

Solemnisando a data gloriosa do 14 de julho, a França conduziu solemnemente aos Invalidos os restos mortaes de Rouget de Lisle, e dois dias depois, n'este mesmo jornal, relembravam-se os ultimos annos da existencia desconhecida, obscura e [illegible] do homem predestinado que [illegible] para o grande movimento libertador, n'esse dia iniciado, uma expressão de potente harmonia, destinada a commover e agitar, na febre dos santos enthusiasmos emancipadores, o coração de todos os povos e a alma de todas as raças.

O exemplo de Rouget de Lisle não é isolado. Simplesmente, elle tem um aspecto especial. Na historia dos homens que dotaram a humanidade com uma obra fecunda. Não foi Rouget de Lisle o primeiro nem o ultimo dos que, tendo feito uma obra de genio, em vez de com ella ganharem a gloria e a fortuna, se vêem desconhecidos e arrostam com a penuria se não com a miseria. Nós temos o exemplo do nosso maior poeta. O valor dos «Lusiadas» não foi reconhecido, como o devia ser, pela sociedade do seu tempo. Camões expirou na obscuridade e na miseria. Não foram menos tristes os infortunios de Cervantes. E a outros talentos de menor vulto, mas vivas, palpitantes parcellas da humanidade que pensa, parcellas que brilham como estrellas no céu espiritual dos povos, não seria facil organisar a lista do seu desgraçado martyrologio.

***

Mas Rouget de Lisle produziu uma obra que rapidamente alcançou uma fama immensa. A «Marselheza» tornou-se, póde dizer-se, d'um momento para o outro, o hymno nacional da França. Quando o poeta, após uma noite de [illegible], vendo a França invadida pelo inimigo, recitou em casa de Dietrich, em pleno coração da Alsacia, as suas estrophes inspiradas, ouvidas entre lagrimas, provocando gritos, elle não imaginava que, dentro em breve, os seus versos, vibrando n'uma musica heroica, haviam de ser repetidos pelos labios de todos os combatentes da Revolução, atravessar o mundo, tornando-se a formula poetica mais profunda, mais viva, mais clamorosa do anceio da liberdade que inflama o espirito humano. De tal fórma esse hymno se integrou na alma collectiva que o seu proprio titulo lhe foi dado não pelo seu auctor, mas pelos bravos marselhezes que primeiro o adoptaram como seu canto de combate.

A popularidade do seu hymno deveria ter revertido para Rouget de Lisle. Elle conheceu a alegria suprema de vêr coroada de exito a sua inspiração d'uma noite de febre patriotica. Quantos lances de batalha se decidiram pela influencia dos sons vibrantes do hymno immortal! Quando a «Marselheza» soava, as cargas dos francezes tinham alguma coisa de vertiginoso e invencivel. Dir-se-hia que o espirito das antigas glorias se conjugava ao impeto das novas reivindicações. Tratava-se de defender o solo patrio da invasão estrangeira; tratava-se de defender a Revolução e a Republica. E, nos ares, entre a fumarada da polvora que se dissipava, porventura perpassava o vulto de Joanna de Arc, virgem e guerreira, erguendo mais resolutamente a espada ao ouvir um brado de Danton ou uma apostrophe de Mirabeau.

***

Todavia, a celebridade do grande hymno afoga a personalidade do seu auctor. Dir-se-hia que elle era tão grande, tão votado a altos destinos, que nem podia ser a obra de um homem. Adopta-o o coração de um povo, perfilha-o a humanidade livre. E sob as azas gigantescas de esse amor perde-se a individualidade de Rouget de Lisle. Hoje, mesmo, e porventura na propria França, haverá quem ignore o nome d'esse homem que, por uma predestinação sublime, encarnou em si as aspirações eternas de todo um mundo opprimido e escravo.

E' que se trata de mais alguma coisa do que d'uma obra litteraria. Falei ha pouco nos «Lusiadas», alludi ao «D. Quichote». Mencionei os nomes de Camões e de Cervantes. Essas duas obras formidaveis são monumentos de arte. Mas o povo, as suas profundas camadas, aquellas em que maior força e vitalidade residem, não as conhecem. Quando muito teem ouvido falar d'ellas. Conhecem o nome dos seus auctores. Mas nunca leram os seus livros. A «Marselheza», essa meia duzia de estrophes, essa revoada de sons, representa isto, que é bem superior, no ponto de vista das conquistas humanas: um grito que se diria vir atravez das eras estimulando as acções heroicas para as conquistas da liberdade. E não ha, no mundo, idéa mais viva, mais humana, mais eterna que a da liberdade, pela qual anceiam os espiritos mais elevados e as almas mais humildes, porque ella é para a razão o «desideratum» mais logico, para o sentimento a finalidade mais bella e para a dôr o balsamo mais doce.

***

Passa, n'uma tempestade, a Revolução; passa, n'uma visão, o Imperio. E Rouget de Lisle vê a «Marselheza» sagrada como o hymno do seu paiz; mais ainda: sabe que em toda a parte onde um povo aspira a ser livre, o seu anceio se traduz cantando a «Marselheza». A flôr do seu espirito arde, como um brazeiro. E' n'elle que se accendem todos os fachos da emancipação humana. E' n'elle que se aquece o genio dos poetas, que se tempera o aço das espadas. E n'uma obscura mansarda, onde nas longas noites glaciaes não ha uma acha de lenha para transformar n'uma estrella de vida, o pobre poeta agonisa de desolação e abandono.

Não é justo? Sem duvida. Mas não devemos surprehender-nos, como nos surprehende a miseria dos sabios ou dos artistas. Rouget de Lisle é o apostolo d'um mundo novo. O seu hymno tem o valor d'uma parabola. E nunca os apostolos deixaram de ter a sagração do martyrio. Sem elle, seriam incompletos. Podemos consideral-os como vivas, doloridas offerendas d'um holocausto que a vida offerece ao destino enygmatico para que elle seja propicio aos grandes designios da humanidade. A historia está cheia de Golgothas, a que se não ascende sem levar aos hombros uma pesada cruz.

***

Quando o pensamento se funde nos moldes d'uma arte magnifica ou se exprime nas formulas d'uma nova philosophia ou d'uma nova sciencia, elle deixa de ser uma expressão popular. A sua consagração pertence já a um publico selecto, que precisamente por o ser se deve considerar em condições de recompensar os homens que esse pensamento cristalisaram em belleza ou em verdade. Não se admitte que elles morram ao abandono, porque esse abandono representará uma maldade consciente, um egoismo infame. Mas quando alguem soube tão intimamente irmanar a sua alma com a alma das multidões, sequiosas de justiça, pobres e afflictas multidões cuja rudeza é o crime dos que gozam o beneficio de situações que a civilisação, produzida pelo esforço d'essas turbas, esclarece, que mais se póde exigir do que o amor á idéa fulgurante que uma voz predestinada clamou? Os homens passam, os homens passam. Tambem essas multidões, essa humanidade não repara que sangra, que se mutila, seguindo a vereda que os seus destinos marcam e ao fim da qual avistam a claridade d'um novo mundo.

Agora, Rouget de Lisle teve uma apotheose official. E' ainda o destino dos apostolos. Em vida são os martyres. Um dia a Posteridade faz d'elles deuses ou heroes. Mas o espirito do poeta, se adeja, como o idealismo das almas ternas o visiona, pelos espaços que a brisa refresca, levando comsigo o perfume das flôres, e se lhe é dado commover-se, na immortalidade da sua essencia, porventura só se sentirá sufficientemente glorificado quando, como em vida, ouvir subir dos labios d'uma geração ardente, entre coleras, entre sorrisos, entre lagrimas, uma estrophe ou uma harmonia do seu hymno, embora nunca o seu nome por esses labios seja proferido. O espirito puro e o pensamento incoercivel conjugar-se-hão n'esse momento no mesmo clarão, raiando na transparencia do ar e no horisonte das consciencias.

MAYER GARÇÃO

... e traiçoeiros dos que pretendem obstar ao cumprimento do nosso dever, o sr. Monteiro Torres disse:

«Um é a preparação do nosso exercito, o seu material e as suas munições; o outro relaciona-se com a vontade indomavel e intelligente de Leotte do Rego e o prestigio que elle soube crear em volta do seu nome». Desenvolvendo esse ponto de vista accrescentou:

«A rotina é tanta e a resistencia passiva é tão grande que, ao minimo desejo de se avançar no caminho das realisações immediatas, nos respondem que é impossivel; e á mais insignificante manifestação de energia e de progresso nos respondem *que não é da praxe*.

«Só argumentos contrarios nos são apresentados; em tudo se veem perigos, e por tudo se levantam difficuldades. E qual a causa de tudo isto? E' que nós herdámos um exercito viciado por 100 annos de paz. Aqui ha um cavalleiro que não póde montar por ser obeso; ali ha um artilheiro que não conhece as novas peças porque passou 10 annos a ensinar meninos; acolá é um infante que soffre de asthma e mais além um engenheiro que tem feito a sua carreira militar a construir casas. Junte-se hoje a tudo isto o numero d'aquelles que, por educação ou falsas theorias, são germanophilos, e nós teremos encontrado então os dois males mais graves de que presentemente enferma uma parte do nosso exercito.»

Mais adeante, o orador, depois de preconisar a necessidade de se seleccionar dentro do exercito os bons elementos, preparando-os para a guerra, disse, concluindo o seu discurso:

«Basta lembrar-vos, creio, que Leotte do Rego vem sendo desde agosto passado o mais denodado campeão da nossa participação na guerra e que, sendo hoje, como já o provou, um dos republicanos convictos que mais e melhor teem servido a causa da Republica, ha de ser tambem um dos alvos que os nossos inimigos mais hão de procurar attingir com as suas injurias, com as suas calumnias e com as suas infamias.

«Precavei-vos, pois, meus senhores, e teremos ganho, creiam, metade da campanha a favor da Republica e d'esta patria querida que todos nós extremecemos».

O final da sessão—Adhesões

A banda de infantaria 5, que substituiu a da guarda e a da marinha, toca o hymno nacional, e os vivas aos alliados e a Portugal com honra, levantados pelo orador, são phreneticamente applaudidos.

A' sessão assistiram os srs. Norton de Mattos, ministro das colonias, n'um camarote, e Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, á esquerda do sr. Leotte do Rego. Secretariaram a presidencia os srs. Sá Marques e Sanches Gonçalves.

As creanças do Asylo Santa Catharina voltam mais uma vez a entoar as suas canções e o sr. Estevam de Vasconcellos, agradecendo a comparencia dos verdadeiros republicanos, encerra a sessão por entre vivas á Republica, ás nações alliadas e aos vultos eminentes da Republica Portugueza. A banda toca, de novo, o hymno nacional. Ha mais palmas e vivas, e a debandada começa. Eram 17 horas e meia.

Enviaram ainda cartas o sr. França Borges, saudando Leotte do Rego; dr. Antonio Fonseca, em nome do sr. ministro do interior, agradecendo o convite e declarando que motivos estranhos á sua vontade impediram o respectivo ministro de comparecer; o sr. Freitas Ribeiro, agradecendo e dizendo porque não poude comparecer; e outra do sr. Azevedo Coutinho.

Mandaram a sua adhesão o Gremio Luz e Verdade, Gremio Juventude Republicana, Centro Escolar Republicano Magalhães Lima, commissão de vigilancia dos revolucionarios civis, Centro Republicano Portuguez do Barreiro e Centro Fraternidade Filhos da Democracia.

Officios dos representantes das nações alliadas

Na mesa foram recebidos os seguintes officios:

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Comquanto aprecie infinitamente a honra que me fazem pelo convite contido na carta de V. Ex.ª, de 29 de junho, tenho que significar o meu pesar de não poder utilisar-me de esse convite, visto ter feito regra de não assistir a quesquer reuniões que não sejam de caracter estrictamente officiaes.

V. Ex.ª comprehenderá certamente quanto me é impossivel, ainda que profundamente commovido pela dedicatoria da sessão á nobre causa das nações alliadas, fazer qualquer excepção á regra n'esta occasião.

Com a maior consideração subscrevome— De V. Ex.ª Att.º Vener. e creado— L. D. Carnegie, ministro da Inglaterra.

Sr. secretario.— Sinto-me profundamente sensibilisado com o convite que me fazeis para assistir á sessão inaugural do vosso gremio e aprecio vivamente a generosa intenção que vos inspira o desejo de consagrar esta reunião ás nações alliadas que luctam pela defeza da liberdade das nações e da justiça.

Infelizmente tenho por principio que durante a guerra não devo tomar parte em nenhuma cerimonia ou festa além das reuniões officiaes.

N'estas condições não posso fazer mais do que exprimir-vos o meu pesar por não poder acceitar o vosso amavel convite e dirigir-vos a expressão da minha mais profunda consideração.

O ministro da França: G. Daeschner.

Sr. secretario.—Tenho a honra de accusar a recepção da carta que tivestes a gentileza de me dirigir em 27 de junho ultimo.

O fim especial visado pela reunião e as calorosas expressões a respeito da minha querida Patria impressionaram-me profundamente e por isso vos dirijo os meus agradecimentos mais sinceros pela iniciativa tomada n'esta occasião pelo gremio republicano.

Vejo-me infelizmente na impossibilidade de acceitar o vosso amavel convite porquanto, de accordo com os meus collegas das potencias alliadas, tomei como principio não assistir senão ás reuniões de caracter official.

Acceitae, sr. secretario, a expressão da minha mais elevada consideração.

O ministro da Belgica, R. Le Gnait.

Uma carta do sr. Magalhães Lima

Saudo e felicito os promotores do novo centro que hoje se inaugura. Mais do que um significado pessoal reveste esta homenagem um caracter nacional. Leotte do Rego é pelo seu nome, pela sua obra e pelos seus serviços a encarnação da Patria Portugueza. Na sua heroica attitude perante a revolução que derrubou a dictadura; na sua nobre campanha em favor da nossa participação na guerra, ao lado da Inglaterra e das nações alliadas, não o inspiraram outros motivos que não fossem o levantamento da Patria abatida e a valorisação da Republica.

Por egual lhe devemos o nosso reconhecimento e a nossa solidariedade. E eu, que o acompanhei nas horas afflictivas para o seu coração de bom e leal portuguez, com jubilo intenso me associo a esta consagração, reveladora da admiração, da gratidão e da justiça a que teem direito todos os que, como Leotte do Rego, por um acto de civismo e de benemerencia honram e engrandecem a Patria e a Liberdade.—Saude e Fraternidade.—*Magalhães Lima.*

P. S.—Na impossibilidade em que me encontro por emquanto de celebrar pessoalmente o homenageado, confio esta carta ao meu dedicado amigo Tavares de Mello que me representará em espirito junto de vós.—*M. L.*

Uma carta do sr. Bernardino Machado

O sr. dr. Bernardino Machado, que não poude assistir á sessão por a essa hora ter de receber a visita, de ha muito marcada, do seu amigo o medico e professor no Porto sr. dr. Lemos Peixoto, enviou a seguinte carta:

Meus caros correligionarios e amigos—Congratulo-me deveras pela fundação do Centro Republicano Leotte do Rego, protestando-lhes toda a minha dedicação.

A união politica do nome laureado do seu illustre patrono e essa auspiciosa instituição de propaganda educativa é bem o simbolo dos laços moraes que ligam a opinião á Revolução tão intimamente que esta só se torna legitima, forte e perdurarel quando aquella se levanta e a fundamenta e prepara.

Acompanho-os egualmente na sua saudação inaugural ás nações alliadas, a cujo lado devemos estar sem a minima hesitação, timbrando em prestar-lhes um activo e efficaz concurso, não só em obediencia fiel á lettra dos tratados, mas sobretudo porque assim o impõe e reclama a integridade do nosso destino historico de nação livre, mais que nenhuma outra solidaria da nobre Grã-Bretanha.—Saude e Fraternidade — *Bernardino Machado.*

BILHETES POSTAES

Os nossos homens de sciencia

A proposito do que aqui escrevemos sobre «O dr. Theophilo Braga e a imprensa allemã», observa-nos um «constante leitor» que o sr. general Schiappa Monteiro é tambem um nome muito conhecido no mundo scientifico estrangeiro como geometra distinctissimo. Apesar da sua avançada edade, ainda collabora em muitas revistas scientificas da Europa e da America e as suas obras acham-se traduzidas em varias linguas. Não é, por isso, um nome que «apparecesse tardiamente e por portas travessas». O nosso «constante leitor» aproveita o ensejo para informar de que a Universidade de Lisboa deliberou conceder ao general Schiappa Monteiro a distincção da impressão das suas obras á custa do Estado, homenagem esta apenas prestada até agora, pelo que se refere aos nossos mathematicos, a Gomes Teixeira, o eminente professor da Academia Polithechnica do Porto.

Ainda "armada real,,?

Um artilheiro de bordo do contra-torpedeiro «Douro» escreve-nos lastimando que, após cinco annos de Republica, ainda se encontram n'aquelle barco lanternas de illuminação com as palavras:—«armada real». Accrescenta que é possivel que nos outros navios tambem as haja e diz confiar em que as auctoridades de marinha tomem as devidas providencias.

Festas associativas

No Club Simões Carneiro realisa-se hoje, pelas 21 horas, uma recita extraordinaria e um baile promovido pela direcção da Associação de classe dos operarios confeiteiros, pasteleiros e artes correlativas em favor do «Cofre de auxilio Solidariedade», constando a recita das operettas *Maestro Borvi* e *Sol de ouro* e da comedia *Pomada milagrosa.*

Eduardo Victorino de Moraes
FALLECEU

Maria Carlota de Moraes, Maria Emilia de Moraes, Palmyra de Moraes, Amelia de Moraes, Adelaide de Moraes e Silva e seu marido Henrique Mello da Silva, Paulo Fernando de Moraes, sua mulher Virginia da Cunha Moraes e filhos, Eduardo Victorino de Moraes Junior, sua mulher Alice Capello de Moraes e filhos, José de Moraes, Raul de Moraes, dr. Paulo de Moraes, e Joaquim d'Oliveira Santos, sua mulher e filhos, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença, seu muito querido marido, pae, avô, sogro, tio, sobrinho e cunhado e que o seu funeral se realisará ámanhã, 19 do corrente, pelas 17 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua residencia R. Conde Redondo, 53, 2.º, para o cemiterio occidental.

Não se fazem convites especiaes pelo estado de consternação em que se acham.

Eduardo Victorino de Moraes
FALLECEU
R. I. P.
Portella & Moraes L.da

Participam a todos os seus clientes e pessoas das suas relações o fallecimento do estremoso Pae do nosso querido amigo e socio Eduardo Victorino de Moraes Junior e que o seu funeral se realisará ámanhã, 19 do corrente, pelas 17 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da rua Conde Redondo, 53, 2.º, para o cemiterio occidental.

REVELAÇÕES CURIOSAS

O REGIMEN DOS IMPOSTOS EM CABO VERDE

O regimen dos impostos em Cabo Verde tem sido em absoluto descurado na metropole, a ponto de não se terem descoberto e remodiado as anomalias que de facto existem. Quem siga o que vamos descrever chegará á mesma conclusão do que nós: o governo central, n'este particular, actuando como mãe, poz no pequeno corpo d'uma filha de tenra edade os fatinhos de que uzava na sua velhice, não se compenetrando a nenhum respeito com que as fatiotas não servissem. E' o thema velho dos maiores economistas mundiaes, que reprovam que se applique o regimen das metropoles, paizes velhos, ás colonias, paizes novos.

Ao abrir as estatisticas da provincia de Cabo Verde, referidas ao anno de 1913 e ha pouco publicadas, o nosso primeiro cuidado foi comparar quanto cabe de imposto a um habitante de Cabo Verde, e quanto cabe a um habitante de Portugal. No nosso orçamento das receitas para 1913-1914 cabia a cada habitante 2$07(9) de impostos directos e 3$97(4) de impostos indirectos. No mesmo periodo, na provincia de Cabo Verde, o imposto directo era de $98(2) e o imposto indirecto de 2$07(9) por cada habitante. Ha, portanto, uma anomalia que se não comprende, visto que o que nos ensina o estado das riquezas coloniaes é que nos paizes novos a tributação deve ser muito mais rendosa do que nas metropoles, paizes velhos, cançados de produzirem, e cujas fontes de riqueza caminham para a exhaustão pelas constantes sangrias do imposto, que tem de ser tanto mais elevado quanto mais desenvolvidos se encontrem todos os ramos de publica administração e de fomento. E melhor reforço a esta opinião não ha do que a citação de Merivale, que fazia notar que na Nova Galles do Sul cada colono paga annualmente 2 a 3 libras sterlinas ao governo, emquanto que o habitante da Grã-Bretanha e Irlanda pagava 1 libra e 15 schellings, seja para o habitante da colonia uma differença oscilando entre 13 a 42 °/o a mais do que pagava o habitante da metropole.

Por este pouco se vê que a repartição e cobrança dos impostos nas colonias é o serviço mais arduo, devido aos demorados e profundos estudos a que tem de proceder quem queira agir com consciencia.

O que para nós foi ponto de partida para este estudo, a desproporção da tributação entre o habitante da metropole e o da colonia de Cabo Verde, pode para muitos ser um finca-pé para asseverarem que naturalmente desejamos a applicação a Cabo Verde de um regimen de tributação tal, que a colonia passe a sêr uma mina para a metropole. Tal não é o nosso fim. O que principalmente desejamos é que se consiga que a metropole deixe de fazer subvenções á colonia, para minorar os effeitos das crises de subsistencias. As metropoles só devem fazer adeantamentos ás colonias para o primeiro estabelecimento embora desde logo saibam que devem renunciar á ideia de recuperar directamente taes adeantamentos. O desenvolvimento do commercio da metropole com a colonia compensará a breve trecho o sacrificio feito, mas nunca a colonia, uma vez chegada a adulta, indemnisará a metropole, fornecendo-lhe receita para o thesouro. O que desejamos é que a metropole ponha limite ás suas despezas: Cabo Verde tem de provêr em absoluto á sua administração interior, tanto nos periodos normaes, como anormaes, porque já o pode fazer, e é isso que no decurso d'este estudo demonstraremos.

Os melhores impostos coloniaes, que pouco aggravam os colonos e não prejudicam o seu desenvolvimento, sendo os de mais facil e barata cobrança, são os direitos de importação e exportação de mercadorias e a venda de terrenos.

Na estatistica de Cabo Verde, de 1913, no capitulo das receitas, vemos que os impostos directos entravam na proporção de 30,13 0/0, os impostos indirectos na de 48,90 0/0, o do carvão na de 14,85 0/0, e os proprios nacionaes na de 6,12 0/0, dos quaes 0,55 0/0 provinham de fóros e rendas de predios. Para a cobrança dos impostos directos, no total de 145.196$46, o governo da provincia gastou 37.158$88, sejam 25,58 0/0 approximadamente, emquanto que na cobrança dos impostos indirectos, na importancia de 307.252$78, gastou 23.667$08, sejam 7,70 0/0. Nenhuma duvida resta, portanto, de que a affirmativa que o imposto indirecto é o mais productivo e o do mais facil e barata cobrança é absolutamente verdadeira, e só a razão dos numeros tem importancia, o imposto directo devia ser substituido immediatamente em Cabo Verde, por isso que, se assim como um commerciante tivesse que gastar 25$58 para receber 100$ a ruina estaria imminente, não deve o governo central permittir que uma colonia se afunde pela pratica de um sistema tão pobre de espirito, devendo muito ao contrario procurar outras receitas que não sendo gravosas para a população compensem n'uma justa medida o funccionalismo que as cobrar com, pelo menos, 10 0/0, porquanto o gasto de 7,70 0/0 com o imposto indirecto não demonstra, como vimos, sagaz economia para o Estado, mas a mais insupportavel uzura.

Os impostos a que acima nos referimos são quasi os unicos que são applicados com vantagem em todas as colonias de outros paizes e sempre se tem visto que, uma vez que a repartição dos impostos se faça com intelligencia e com taxas moderadas, dão sempre bom resultado e rendimentos sufficientemente abundantes.

Os direitos de importação nas colonias devem ser simplesmente fiscaes e não devem ter nunca o caracter proteccionista: infelizmente esta condição é impossivel vêr seguida em Cabo Verde ou em outra colonia, no futuro, visto que na base 23 da autonomia financeira das colonias, decretada, na alinea *a)* lá se foi estabelecendo a nociva pratica proteccionista a favor de artigos da metropole a troco de egual favôr de reciprocidade aos productos das colonias na sua entrada na metropole. O futuro dirá se tal pratica, só seguida pelos que ainda se encadeiam no antigo pacto *colonial*, representaro um beneficio para as colonias, o quá nós em absoluto negamos, fincados no salutar exemplo que nos dá o abandono de tal medida pelos governos coloniaes de outras nações, que viam em tal medida o sacrificio do productor colonial a favor de um numero restricto de importadores da metropole.

Os direitos de importação bem distribuidos e não sobrecarregando as mercadorias com mais de 10 °/o, não teem inconveniente economico algum. Os colonos suportam-os sem queixa e cobram-se com a maior facilidade, visto que nas colonias como Cabo Verde, accessiveis por poucos portos, limitadissimo deve ser o funccionalismo encarregado d'esse serviço, e não ha os vexames inquisitoriaes que fazem crticar os impostos de barreira.

Os direitos de importação devem incidir sobre todas as mercadorias de consumo immediato, porque as colonias, em geral, não importam materias primas para manufacturar.

Os seguintes factos, extrahidos da historia das colonias inglezas, podem servir convenientemente para se julgar do genero de artigos e mercadorias em que principalmente devem incidir os direitos de importação: a receita da Nova Galles do Sul era de 19:000 libras sterlinas, das quaes 125:000 provinham do imposto sobre os licores fortes e alcooes importados, e 17:000 provinham da taxa sobre o tabaco; o direito de 5 °/o sobre as mercadorias estrangeiras não rendia mais de 10:000 libras. Em Nova Brunswich, em 58:000 libras de receita, 49:000 provinham de impostos sobre os licores fortes, o assucar e o café e de direitos «ad valorem» sobre diversos generos e mercadorias.

Em Cabo Verde, para uma totalidade de receitas de 481:833$65 em 1913, os direitos de importação entraram na seguinte proporção, por mercadorias:

Generos alimenticios nacionaes	2,31 °/o
Generos alimenticios estrangeiros	20,94 °/o
Bebidas alcoolicas nacionaes	0,16 °/o
Bebidas alcoolicas estrangeiras	1,47 °/o
Tabaco nacional	1,14 °/o
Tecidos nacionaes	2,33 °/o
» estrangeiros	7,12 °/o
Carvão de pedra estrangeiro	14,8 °/o
Mercadorias nacionaes diversas	1,50 °/o
Mercadorias estrangeiras diversas	14,77 °/o

A incidencia dos direitos de importação sobre o valor das mercadorias repartiu-se da seguinte fórma:

Generos alimenticios nacionaes	7,34 °/o
Generos alimenticios estrangeiros	36,11 °/o
Bebidas alcoolicas nacionaes	1,14 °/o
Bebidas alcoolicas estrangeiras	66,80 °/o
Tabaco nacional	12,28 °/o
Tecidos nacionaes	7,41 °/o
Tecidos estrangeiros	24,54 °/o
Carvão de pedra estrangeiro	7,51 °/o
Diversas mercadorias nacionaes	5,52 °/o
Diversas mercadorias estrangeiras	9,10 °/o

E, para maior aclaramento d'este estudo, indicamos o valor das mercadorias importadas e o valor dos direitos pagos, que se distribuem assim:

	Valores	Direitos
Generos alimenticios nacionaes	451:876$67	11:154$50
Generos alimenticios estrangeiros	279:465$19	100:930$17
Bebidas alcoolicas nacionaes	71:197$20	812$73
Bebidas alcoolicas estrangeiras	10:740$76	7:122$05
Tabaco nacional	44:874$27	5:514$71
Tecidos nacionaes	151:936$89	11:271$79
Tecidos estrangeiros	139:873$17	34:325$61
Carvão de pedra estrangeiro	939:242$10	71:580$84
Diversas mercadorias nacionaes	131:406$42	7:256$34
Diversas mercadorias estrangeiras	780:948$79	71:168$84

Já mais atraz affirmámos que os direitos de importação, quando bem repartidos e a taxas moderadas, são os mais bem acceites. Tal, porem, não succede com os direitos de importação cobrados em Cabo Verde, como se vê dos numeros atraz publicados e do que resaltam imperdoaveis anomalias, a que se não pode chamar taxas proteccionistas, mas prohibitivas: n'um paiz onde a fome é pão nosso de cada dia, protege-se o desenvolvimento do vicio e sobrecarrega-se no genero alimenticio que vae do estrangeiro, por aqui não o haver para o consumo do paiz.

Mas ha mais e melhor. Em 1913 o governo mandou applicar um imposto de 10 centavos por litro de aguardente de canna produzida em Cabo Verde, para difficultar o alcoolismo do indigena e desenvolver a industria do fabrico do assucar para o que, ao mesmo tempo, elevou os direitos do assucar importado a 8 centavos, para, consequentemente, evitar a concorrencia do producto similar estrangeiro. Foi um conjuncto de medidas bem tomadas, se d'aqui da metropole não tivessem deitado o borrão na pintura. Ao mesmo tempo que se desejava evitar o envenenamento do indigena com aguardente, permitte-se a entrada do vinho nacional, fortemente aguardentado, pagando apenas o direito estatistico do 1 milavo por litro. Percebe-se o fim: embriagar o indigena com vinho, mas não com aguardente. Todos concordarão com a medida, menos nós. Não se deve legislar assim para as colonias.

Que o governo protege e fomenta a fome em Cabo Verde não resta a menor duvida, como protege e fomenta o vicio: emquanto o tabaco de origem nacional pagou de direitos 12,28 °/o do valor, e as bebidas nacionaes pagaram 1,14 °/o, os generos alimenticios idos do estrangeiro para Cabo Verde pagaram 36,11 °/o de direitos de importação. Mas, emquanto o habitante de Cabo Verde, embriagado pelo fumo do tabaco ou pelo vinho nacional, dormir, não se lembra de comer. Se no es vero...

Armando Xavier da Fonseca

No asilo de S. João

Uma sessão solemne que decorre interessantissima

Uma deliciosa festasinha a que hoje se realisou no Asylo de S. João, a Santa Martha. Talvez muitos dos nossos leitores ignorem a existencia d'este instituto de beneficencia particular.

Foi creado em 1862, pelo grande tribuno José Estevam e um grupo dos seus amigos. Graças ao grande liberal, o governo d'então intimara a sahida de Portugal ás irmãs da caridade, a cuja sombra a reacção religiosa, ou melhor, o jesuitismo, medrava e alargava a sua acção na sociedade portugueza; os falsos philantropos que concorriam para as despezas dos asylos entenderam que sendo retiradas as irmãs da caridade já não eram precisos os seus auxilios e os seus sentimentos altruistas apagaram-se de repente, tal qual aconteceu com as Cozinhas Economicas após a implantação da Republica.

Foi então que José Estevam, querendo patrioticamente mostrar que as mulheres portuguezas tambem sabiam educar creanças fundou, n'uma casa particular, o Asylo que a principio apenas podia manter seis creanças. A semente germinou, desenvolveu-se a planta e hoje o Asylo de S. João mantem e educa 36 creanças, na sua maioria de 6 a 11 annos, e tem um sanatorio em Parede. O seu rendimento certo é 2.594$ em papeis de credito, e a quotisação média dos associados que o manteem é, em média 1.437$

Estabeleceu a instrucção profissional, proporcionando ás suas protegidas o ensino da escripturação commercial, dactilographia, tachigraphia, costura, lavores, cozinha, e todos os serviços domesticos, além da educação litteraria, e assim algumas das antigas pupillas são hoje empregadas de casas commerciaes ou professoras de instrucção primaria.

Os trabalhos de costura e lavores que as alumnas mais adeantadas produzem são vendidos, e a sua importancia depositada na Caixa Geral, sendo-lhes entregue quando sahem do Asylo.

* *

A sala estava cheia de senhoras. Junto á mesa da presidencia estavam d'um lado as educandas com os seus vestidinhos pretos e aventaes brancos, parecendo uma bandada d'andorinhas que de subito tivessem ali pousado.

Do outro estavam varios convidados, entre os quaes se via um grupo de velhinhos do Albergue dos Invalidos do Trabalho, o representante do presidente do governo, o reitor do lyceu Pedro Nunes, o representante da Associação Commercial, os srs. drs. Carneiro de Moura e Pinheiro de Mello, membros da direcção do Asylo, professoras, etc.

Presidiu o deputado Constancio d'Oliveira, que depois de ter feito o elogio do dr. Magalhães Lima, de quem occupa o logar na sua ausencia, passou a historiar a origem do Asylo, cuja data da fundação se solemnisou hoje.

Terminado o seu discurso entregou a presidencia ao representante do chefe do governo, o capitão sr. Salvador Costa, official do gabinete do ministro da guerra, que agradeceu a honra em nome do sr. dr. José de Castro, e fez a seguir uma allocução ás creanças ácêrca da missão da mulher na sociedade portugueza.

O presidente da direcção, o general sr. Ferreira de Castro, fez a historia do asylo, a sua obra até hoje, e apresentou a situação financeira actual, passando-se depois á distribuição dos premios que consistiam em livros, estojos para escripta, sabonetes, bonecas, etc. A distribuição foi feita por ordem de merito, sendo chamada em primeiro logar por ser a mais distincta a menina Maria Christina, que apenas conta 10 annos.

Sob a direcção do professor do curso da arte de representar, sr. Antonio Pinheiro, entoaram as alumnas varias mimosissimas canções, recitaram fabulas e poesias em francez.

Usou depois da palavra o dr. Carneiro de Moura, que n'um feliz improviso salientou as qualidades affectuosas da raça portugueza a proposito das canções ouvidas, terminando por elogiar o alto espirito liberal do fundador do asylo.

O reitor do lyceu Pedro Nunes, dr. Sá e Oliveira, expoz a grande impressão que lhe causou a orientação educativa d'aquelle estabelecimento, pondo em destaque o espirito liberal que o inspira, e que ali não se faz politica sob pretexto d'educação ás creanças.

Uma lição que lhe servirá de thema para muitas reflexões tudo o que ali viu, concluc.

Falou por ultimo o representante da Associação Commercial, sr. Albert Macieira, elogiando a obra educativa do Asylo de S. João.

Duas horas depois de iniciada a festa ás quinze e meia, o presidente encerrava a sessão com palavras de agradecimento para os assistentes.

No seu discurso, o general sr. Ferreira de Castro teve amaveis palavras para a imprensa, que pela nossa parte agradecemos.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 14 do hospital de S. José deu hoje entrada Luiza Calderon moradora na rua Renato Baptista, 57 cave, que ali tentou suicidar-se por asphyxia.

Sport

Campeonato de esgrima da Federação—Nas provas hoje realisadas no Jardim Zoologico ficou classificado em primeiro logar o sr. Jorge Paiva, da sala d'armas Carlos Gonçalves.

Ultimas noticias

Material piscatorio

No Aquario Vasco da Gama são expostas as collecções que teem figurado nas exposições estrangeiras

No Aquario «Vasco da Gama», ao Dafundo, acceitavel repositorio da nossa fauna maritima, sem que, na verdade, corresponda á opulencia das nossas especialidades de mares e rios, estiveram hoje em exposição os modelos do instrumental empregado na industria da pesca, constituindo a collecção que tem representado o paiz em certamens internacionaes, como ultimamente na Italia, onde foi superiormente classificada. Algumas centenas de pessoas, manifestando um interesse fóra do vulgar, visitaram o aquario, detendo-se particularmente no exame d'esses instrumentos de labuta maritima, em que se occupam cerca de 45 mil homens e que trazem á riqueza publica o capital de 7 mil contos annualmente, segundo o affirmam duas legendas, que os organisadores da exposição mandaram affixar a um dos lados da sala.

E' sobremaneira curiosa essa exhibição do material piscatorio que occupa a sala immediata ao vestibulo. Nas paredes ostentam-se redes e sobre mezas e estantes os modelos de embarcações de pesca, adoptados em varias regiões do paiz. O amador de curiosidades tem bello campo para observações, pois ali encontra desde o modelo da armação valenciana, dedicada á pesca do atum ou da sardinha, interessante labyrintho de fios, ao modesto «ganha-pão» perfeitamente semelhante á rede de apanhar borboletas, fazendo escala pelos «covos» do mais variado feitio, pelas «tartaranhas», pelos «enxarabares» que attestam a ingenua inspiração dos trabalhadores do mar.

São egualmente curiosissimos os exemplares das diversas embarcações ribeirinhas que se empregam na pesca e entre as quaes salientaremos o «bate-bate», da bahia de Cascaes, com a sua enorme vela, a canoa com a leixeira, para a pesca da enguia, o galeão de Setubal a canoa da picada, o cahique de Cezimbra, os barcos do Seixal e Barreiro, com a sua typica disposição de velas, os «saveiros» de Aveiro e da costa de Caparica, semelhando um nascente, a traineira de 20 remos, o calão e os pittorescos barcos de Tavira e Ilhavo, tudo perfeitamente caracterisado, como se a cada uma d'aquellas cascas de noz andasse presa a feição do proprio povo que o habita e com ella conquista o pão de cada dia.

A exposição continua patente ao publico, tendo sido visitada por diversas individualidades officiaes.

No Alto de S. João

Manifestação funebre

A manifestação funebre promovida pelo Centro Eleitoral dos Defensores da Republica em homenagem aos seus fallecidos consocios Joaquim dos Santos e Antonio Primo dos Santos foi extraordinariamente concorrida, vendo-se no cortejo, que sahiu, pelas 14 horas e meia, da rua Alves Correia, uma carreta dos bombeiros levando grande numero de corôas.

A' beira das campas dos fallecidos falaram diversos oradores, exaltando as qualidades d'aquelles que á Patria e á Republica consagraram a sua vida e aconselhando os que os ouviam a seguir esse nobre exemplo. Apoz a piedosa romagem, o cortejo dispersou pelas 17 horas e meia.

Aviação militar

Para frequentarem o curso de pilotos-aviadores registamos hoje o offerecimento dos srs.: Paulo Bastos e Silva, morador na rua dos Anjos, 67, 1.º; Ludgero Gomes d'Almeida, empregado commercial em Torres Vedras; Antonio da Silva, morador na rua da Costa, 55, rez do chão; Antonio d'Azevedo, estrada do Loureiro, 7, porta 10.

Recreatorios Post Escolares

A exposição dos trabalhos das alumnas

Os Recreatorios Post-Escolares, instituição que vae conquistando dia a dia maior numero de sympathias, realisaram hoje uma festa, simples e bonita como a dos annos anteriores, para inauguração da exposição de trabalhos executados pelas educandas durante o anno lectivo que vae findar.

N'essa exposição, que era dedicada aos socios e ao pessoal docente e alumnas da 3.ª e 4.ª classes das escolas officiaes figuram bordados a branco e matiz, rendas de diversas especies, flôres, roupas brancas, malhas e desenhos, sendo alguns objectos d'um perfeito acabamento, que não estamos habituados a encontrar nas exposições d'este genero.

A's 15 horas estiveram na escola official n.º 1 o sr. Roy Telles Palhinha, vereador do pelouro da instrucção, e o inspector sr. Avellar, entoando n'essa occasião um grupo de educandas algumas canções, recitando poesias que foram muito applaudidas as educandas Maria Barbara Perdiz, Iria Ferreira, Julia Bernardo, Candida Santos e Amelia Ramos.

Como em novembro ou dezembro proximo deve ser aberto o Recreatorio n.º 2, na escola central n.º 18, ás Janellas Verdes, destinado ás alumnas sahidas das escolas officiaes, que munidas de certificado do exame do 1.º ou 2.º grau não continuem a estudar, e tendo sido feito convite ás escolas proximas d'esse bairro foram as alumnas d'essas escolas e outras acompanhadas das professoras visitar a exposição, tendo estado ali, entre outras, as escolas centraes 17, 22 e 24.

A exposição foi muito visitada.

Bens das congregações

Proseguiu hoje, no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, o leilão de variadissimos e magnificos paramentos que pertenciam a diversas congregações extinctas, presidindo ao acto o vogal da Commissão jurisdiccional das congregações, sr. Gonçalves Neves. O rendimento de hoje foi na importancia approximada de 900 escudos.

O leilão continua ámanhã e depois, ás 12 horas.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 18.—Communicado official das 15 horas:

Noite relativamente calma. Nada a assignalar a não ser algumas acções da artilharia na Belgica, perto de Saint George e em Artois, em volta de Sauchez. O ataque allemão dirigido em 16 do corrente, contra as posições que conquistámos em La Fontenelle, foi feito por dois batalhões, os quaes soffreram perdas consideraveis, conforme o demonstram as observações feitas no campo.—Havas.

No Mar Negro e á entrada do Bosphoro

PETROGRAD, 17.—(Official)— Entre o Vistula, o Wieprz e o Bug combates nos postos avançados. No Dniester continuam os combates. No Mar Negro os torpedeiros russos destruiram alguns vapores turcos. O submarino *Morge* metteu no fundo alguns barcos de vela á entrada do Bosphoro.—*(Havas).*

Crise ministerial na Grecia

ATHENAS, 17.—Foi acceito o pedido de demissão apresentado pelo sr. Zographos, por motivo da sua saude. Fica a substitui-o o sr. Gounaris presidente do conselho.—*(Havas).*

Os mineiros do Paiz de Galles

LONDRES, 17.—O mineiros do Paiz de Galles resolveram suspender o trabalho nas minas de carvão de pedra, na proxima quinta-feira, se não forem satisfeitas até lá as suas exigencias.—*(Havas).*

CONGRESSOS DE CLASSE

O dos caixeiros na Figueira da Foz

Deve realisar-se a 15 de agosto proximo, na Figueira da Foz, o 4.º Congresso nacional dos empregados no commercio.

Ao congresso vão ser presentes trez theses de opportuno interesse sobre: Descanço semanal, regulamentação de horas de trabalho, e a situação da mulher no commercio, elaboradas respectivamente pela junta (zona sul), junta zona norte da Federação Nacional dos Caixeiros, e pelo sr. Ruy Forsado, caixeiro civense.

Esperam-se representações de todas as associações de Empregados no commercio do paiz.

A junta (zona sul) em correspondencia activa com a sua congenere do norte, prepara todos os trabalhos iniciaes, these respectiva e regulamento do congresso para que estejam concluidos em tempo opportuno.

TOURADAS

Campo Pequeno—Casa boa. As honras da tarde couberam ao festejado, Thomaz da Rocha, que no 6.º touro metteu 7 bons pares. A rez, como se sabe, fôra offerecida pelo lavrador sr. Simão da Veiga e sahiu esplendida, pelo que o lavrador teve chamada especial, recebendo uma ovação.

José Casimiro no 1.º touro teve 2 ferros compridos e 1 curto de valor. Adolpho Machado, muito diligente, conseguindo no 4.º metter 2 compridos e 1 curto. O novilheiro *Alfarero* na 3.ª rez metteu 3 pares, sendo colhido no ultimo, mas sem consequencias. *Bombita* esteve regular.

BOLSA

Porto, 17 de julho de 1915

O mercado cambial tem estado com regular movimento, accentuando a firmeza pela procura ser superior á offerta. As tendencias ficam estacionarias e as seguintes taxas:

S/Londres	cheque	36 1/16	35 15/9
S/Londres	90 d/v	36 1/2	
S/Pariz	ch.	717	733
S/Madrid		1325	1335
S/Berlim		280	287
S/Amsterdam		553	558
S/New York		1380	1400

O cambio do Brazil sobre Londres peorou um ponto, ficando a 12 13/16.

Tem havido fraco movimento no mercado de fundos; entretanto, os titulos de collocação teem tido grande procura, principalmente as inscripções e a divida externa portugueza, que firmaram as suas cotações.

As acções dos Tabacos tambem melhoraram um pouco e, bem assim, as dos Phosphoros.

As obrigações do Norte e Leste, do 2.º grau, continuam desanimadas.

As acções de estabelecimentos bancarios, apezar do fraco movimento que teem tido conservam tendencia firme e os restantes valores conservam-se calmos.

Tem sido pequena a offerta de ouro, attendendo a libra o premio de 2$26.

Propaganda dos grandes emprehendimentos e das iniciativas da industria e do commercio

MAGAZINE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do MAGAZINE da «Capital»

Os grandes emprehendimentos

COMO LISBOA MATA A SÊDE...

Os trabalhos de abastecimento e distribuição das aguas contribuiram para fazer da cidade uma capital moderna e civilisada

Um pouco de historia

Ha menos de dois seculos, cada habitante de Lisboa dispunha apenas de 7 litros de agua para consumo diario

N'esta quadra canicular em que o sol implacavelmente abraza a velha cidade de marmore e de granito; em que, muitas vezes, nem a mais leve brisa agita a calida atmosphera que nos envolve, muitos terão certamente pensado, como em terrivel pesadello, no que seria Lisboa se de repente lhe faltasse a agua. Nos jardins que a aformoseam veriamos emurchecer rapidamente as plantas; ao longo das bellas avenidas as arvores perderiam o seu manto verde de folhagem, e os troncos resequidos e nús erguer-se-hiam para o ceu, contorcendo-se n'uma supplica vã, porque o ceu não lhes daria uma gota sequer que lhes matasse a sêde. Na população, dar-se-hia o exodo: um exodo sinistro e torturado por visões horrendas. Como naufragos, atravez das terras calcinadas, os habitantes arrastariam a sua miseria á procura de uma fonte onde humedecessem os labios escaldados pela febre. E para coroar esta obra de devastação, a peste não tardaria tambem que viesse, estendendo sobre a cidade morta as suas azas negras de abutre.

Tal é, em rapidas linhas esboçado, o quadro resultante d'essa hipothese tremenda. Para afastar tamanho perigo obraram-se prodigios. Poucos serão os nossos leitores que conheçam, nos seus pormenores, o mechanismo que preside á alimentação da cidade, garantindo á sua população a tranquillidade do labor quotidiano, a higiene, a saude, o exercicio normal das industrias, o funccionamento dos serviços municipaes, a limpeza dos edificios e dos logares publicos, a sombra das arvores e o viço dos jardins.

Nas linhas que se seguem vamos tentar fornecer algumas interessantissimas noções sobre este assumpto, incontestavelmente dos mais importantes para a população de Lisboa.

Primitivamente, a população da cidade, que começou por habitar o sopé da collina sobre a qual hoje se eleva o castello de S. Jorge, povoando pouco a pouco a vertente que olha para o sul, limitava-se ao uso da agua que provinha das nascentes locaes, e como quer que verificasse a sua insufficiencia, abria poços e construia cisternas destinadas a guardar a agua das chuvas. E' ainda hoje o sistema seguido em todas as sociedades de organisação rudimentar que se estabelecem no arido littoral de certas colonias.

Foram os romanos, com a sua influencia civilisadora, os primeiros que, segundo parece, resolveram abastecer Lisboa com agua vinda do longe, e conduzida nos classicos aqueductos. Pelo menos assim o affirma Leonardo Tarreano, notavel architecto do seculo XVII, que n'uma memoria apresentada a Filippe III se refere a esses trabalhos, aconselhando a utilisação das nascentes de Carenque e a adopção de um traçado conforme o antigo aqueducto romano, de que ainda hoje é possivel encontrar vestigios.

Suppõe-se tambem que, mais tarde, sob o dominio arabe, grandes trabalhos hidraulicos foram effectuados na região das nascentes de Bellas, destinados a garantir a irrigação dos terrenos proximos de Lisboa. Seja como fôr, porém, no principio da nacionalidade portugueza todas essas construcções estavam em ruinas, e o abastecimento de Lisboa reduzia-se ás nascentes da collina de S. Jorge. A agua, proveniente de camadas superficiaes, era má ou mediocre, e no emtanto de outra não puderam dispôr os habitantes da capital até fim do seculo XVIII, cuja população n'essa epocha orçava por 80.000 almas. Lisboa não dispunha, diariamente, de mais de 560 metros cubicos de agua para o consumo.

Comprehende-se quanto esta precaria situação deve ter influido na saude publica. Novamente as attenções se voltaram para as nascentes de Carenque, empreza difficil e em extremo dispendiosa, que só D. João V, com a sua tradicional liberalidade, conseguiu levar a cabo com a construcção do Aqueducto das Aguas Livres, que foi decretada pela ordenança real de 12 de maio de 1731.

Comtudo, só dezesete annos depois as *aguas livres* entraram na cidade, e os trabalhos complementares de distribuição, comportando galerias subterraneas para os diversos bairros da capital, grandes depositos, etc., não puderam considerar-se terminados senão em 1735.

A população de Lisboa era então de 180.000 habitantes; as aguas livres, no tempo da secca, não forneciam á cidade mais de 1.300 metros cubicos diarios. Fraco resultado para tão gigantesco esforço!

E' justo dizer-se, no entanto, que a situação melhorou consideravelmente no que respeita á distribuição. As aguas livres chegavam a uma altitude de 95 metros sobre o nivel do mar, o que permittia estabelecer fontes publicas em bairros elevados, cujos moradores, até então, se viam obrigados a mandar buscar agua para consumo domestico ao fundo dos valles. Foi a epocha dos aguadeiros.

Em 1835, a administração especial dos aqueductos foi supprimida, passando os respectivos serviços a correr pelo municipio. A insufficiencia do abastecimento de aguas tornava-se comtudo mais evidente de dia para dia. Era preciso ir captar muito longe o caudal de novas nascentes, e a camara não tinha recursos para tanto. Resolveu-se recorrer por isso á iniciativa particular.

Em 1856, um grupo de capitalistas portuguezes propoz-se formar a companhia da empreza das aguas de Lisboa com as seguintes obrigações: elevar a 11.300 metros cubicos diarios o volume das aguas de alimentação e construir reservatorios e canalisações que permittissem a distribuição das aguas aos domicilios.

Foi o engenheiro francez Mary quem se encarregou dos planos, que foram apresentados em julho de 1856. A sua ideia consistia em introduzir no aqueducto das Aguas Livres a agua das nascentes da Matta, no valle de Lobos, e aproveitar no percurso algumas outras nascentes de menor importancia. A area de Lisboa era dividida em trez andares, com reservatorios e canalisação independentes. Supposto que para abastecer o andar superior, na parte situada acima do nivel do aqueducto de D. João V, M. Mary recorria ao emprego do *ariete hidraulico* de Joseph Mongolfier, o que constituia realmente uma interessante innovação.

Mas os planos, aliás bem elaborados, peccavam pela base. O geologo portuguez Carlos Ribeiro demonstrou com effeito que as aguas da Matta não produziam o necessario volume. Não obstante, o governo approvou o projecto, os trabalhos começaram, até que, em 1862, se reconheceu praticamente a exactidão das previsões de Carlos Ribeiro.

Não poude assim a Companhia realisar as condições do contracto, que foi rescindido pelo governo dois annos mais tarde. Os novos recursos não tinham augmentado a alimentação diaria com mais de 500 metros cubicos.

Até 1868, os serviços passaram para a administração do Estado. O prolongamento do aqueducto das Francezas deu um pequeno supplemento de mais de 150 metros cubicos por dia, e o problema continuava portanto sem solução. Foi por essa altura que se começou a falar das nascentes do Alviella, cujos trabalhos de captação e conducção não custariam menos de 5.600 contos. A camara não tinha recursos para tanto, o governo não estava disposto a fazer nenhum emprestimo para tal fim. Pensou-se novamente na iniciativa particular, e a 6 de julho de 1868 deu-se á actual Companhia das Aguas de Lisboa a respectiva concessão, contanto que trouxesse á capital as aguas do Alviella.

Os trabalhos deviam durar longos annos. No emtanto, para reduzir quanto possivel os inconvenientes da falta de agua, a Companhia começou logo por utilisar melhor as nascentes baixas da cidade, augmentando assim os recursos de abastecimento com 1800 metros cubicos diarios.

Em 1874 houve grandes secas. A falta de agua em Lisboa originou numerosas reclamações, e para bem corresponder a esse movimento da opinião publica, o governo encarregou o geologo Carlos Ribeiro de procurar augmentar o caudal das aguas vindas pelo aqueducto de D. João V. Exploraram-se tres valles proximos do aqueducto da Matta, e em 1878 tinha-se assim augmentado a alimentação de Lisboa em mais 730 metros cubicos por dia.

Entretanto, os trabalhos de canalisação do Alviella proseguiam, e em 3 de outubro de 1880 Lisboa dispunha finalmente de mais 30.000 metros cubicos diarios de agua para consumo. Esta obra gigantesca, que consistiu em transportar agua de mais de 100 kilometros de distancia á custa de construcções onde se gastaram milhares de contos era a obrigação fundamental da Companhia, e ficou integralmente cumprida.

E' claro que a população de Lisboa tem augmentado, a area da cidade dilatou-se tambem. Torna-se já urgente augmentar os recursos de abastecimento de aguas, de forma a corresponder ás necessidades sempre crescentes dos habitantes e ás exigencias de uma moderna capital. Isso implica a construcção de novos desvios, sempre difficil e onerosa por terem de se procurar novas nascentes cada vez a maior distancia. São trabalhos que não fazem parte dos compromissos tomados pela actual companhia, e que devem ser objecto de novas convenções com o Estado.

Derivação do Alviella—A Ponte-Siphão de Sacavem

Aguas baixas, aguas altas e aguas do Alviella

As suas nascentes—A extenção dos aqueductos—Os resultados de analyses chimicas

N'um compte-rendu ligeiro, como este que vimos fazendo, é impossivel dar uma ideia exacta do modo como se faz o aproveitamento das aguas utilisadas pela Companhia no abastecimento da cidade. Alguma coisa diremos apenas sobre as nascentes e os trez tipos de agua que servem á distribuição, com referencias ás analises chimicas feitas por notaveis homens de sciencia.

As aguas que a Companhia distribue para o abastecimento de Lisboa dividem-se naturalmente em trez grupos:

1.º—«As aguas baixas ou orientaes», que nascem dentro da cidade; 2.º—«As aguas altas», que são trazidas a Lisboa pelo acqueducto de D. João V; 3.º—«As aguas do Alviella».

Aguas baixas

As nascentes do primeiro grupo encontram-se na base meridional da collina de S. Jorge. E' muito pequena a sua altitude acima do nivel do mar, não indo além de 4 metros nos pontos mais altos.

De todas as aguas da Companhia são essas as mais fortemente mineralisadas.

Foram já conhecidas dos romanos, que as aproveitaram largamente nos seus magnificos estabelecimentos thermaes, de cujos vestigios nos fala o sr. visconde de Castilho na «Lisboa antiga». A sua thermalidade, que attinge 34.º na conhecida Fonte d'El-Rei, explica-se pela hypothese d'uma longa circulação subterranea a grande profundidade. Em tempos imaginou-se que se tratava d'uma ultima manifestação da acção vulcanica que produziu a camada basaltica dos arredores de Lisboa.

Por causa da fraca altitude d'onde brotam, as aguas orientaes não podiam, sem elevação, ser utilisadas na distribuição geral. As suas nascentes foram convenientemente protegidas e isoladas na realisação do plano posto em pratica pela Companhia.

Aguas altas

A construcção do acqueducto das Aguas Livres foi levada a effeito para trazer á cidade as aguas d'uma nascente chamada «Agua Livre», que brota na vertente direita do valle de Carenque, cerca de 13 kilometros a noroeste de Lisboa. Mais tarde entraram no acqueducto aguas d'outras preveniencias, exploradas nos arredores d'aquella região. Uma parte das nascentes provem dos conglomerados lacustres das proximidades da Amadora ou da camada basaltica que se estende entre as abobadas cretacicas de Lisboa e Monsanto, ao sul, e de Bellas e Caneças, ao norte. Todos os outros mananciaes tributarios do acqueducto teem por base de alimentação os terrenos de formação d'essa ultima abobada, constituida por trez andares de rochas ou calcareo-marnosas, alternando com duas outras de grés.

A analyse chimica das aguas do acqueducto deu os resultados que são caracteristicos nas aguas potaveis de boa qualidade. Mineralisação fraca ou media; ausencia de elementos anormaes; quantidades de elementos normaes não ultrapassando geralmente os limites tolerados. A differença de origem geologica manifesta-se *principalmente* nas quantidades, relativas de cal e de *magnesia*; as aguas do cretacico são mais calcareas e menos dotadas de magnesia do que as provenientes dos terrenos basalticos. As modificações que se constatam durante o percurso na composição da agua explicam-se pela precipitação dos carbonatos de cal, magnezia e ferro, e tambem pela *mistura das aguas* do basalto, que só se effectua a partir dos arredores da Amadora. As temperaturas das aguas d'essas diversas proveniencias estão comprehendidas entre os limites extremos de 14º,6 e 20º.

Os acqueductos que trazem a Lisboa as aguas das nascentes altas teem o comprimento de 58.135 metros, pertencendo 14.104 ao aqueducto das Aguas Livres, 13.066 ao aqueducto de Caneças, 6.627 ao aqueducto das Francezas, 15.642 ao aqueducto da Matta e 8.698 a differentes galerias.

Como já referimos na parte historica, os ultimos trabalhos destinados a augmentar a alimentação do aqueducto das Aguas Livres foram começados por conta do Estado em 1874 e continuados até 1878 sob a direcção do engenheiro geologo Carlos Ribeiro. O seu objectivo era a captação, por meio de galerias de drenagem, das aguas contidas no sub-solo dos valles da Figueira, Bronco e Lobos. Em cada um d'esses tres campos de exploração construiu-se uma galeria principal e diversas galerias secundarias, segundo as direcções que foram julgadas mais convenientes para a obtenção do maximo volume de agua.

Aguas do Alviella

A nascente «Olhos d'Agua», que brota na origem do rio Alviella, é uma das mais abundantes que existem n'um circulo de 150 metros de raio em torno de Lisboa. Recebe a sua alimentação de vastos reservatorios subterraneos de calcarios cavernosos, onde se accumula uma parte muito consideravel das aguas da chuva que cahe sobre a montanha, quer porque essas aguas encontram facilmente o seu caminho no interior do massiço por meio das numerosas fendas do rochedo, quer porque a sua absorpção é favorecida pela disposição do terreno, cujo relevo corographico fórma largas bacias fechadas.

A producção da nascente varia muito com as estações. Muito grande durante o inverno e a primavera diminue successivamente até ao outomno para attingir o minimo no mez de outubro. Sob o ponto de vista da composição chimica, a agua do Alviella é considerada de muito boa qualidade. Como a altitude da nascente não dava para a alimentação directa da parte baixa da cidade, toda a agua do Alviella tem de ser elevada por meio de machinas aos reservatorios respectivos.

As étapes do abastecimento

Por nos parecer extremamente interessante, resumimos no seguinte mappa as diversas *étapes* por que passou a historia do abastecimento de aguas da capital:

	População de Lisboa	Metros cubicos por dia no verão	Numero de litros por habitante
Seculo XVIII — Antes da construcção do Aqueducto das Aguas Livres	80:000	560	7
1748—Captação das principaes aguas do valle de Carenque	90:000	760	8,4
1835—Depois de concluidos os trabalhos começados por D. João V	130:000	1:360	14,3
1863—Captação das aguas da Matta e do Brouco, adquiridas pela primeira Companhia	160:000	2:360	14,7
1867—Conclusão do aqueducto das francezas durante a administração do governo	167:000	2:480	14,8
1869—Elevação das aguas baixas da cidade pela actual Companhia	171:000	4:280	25,0
1878—Depois de terminados os trabalhos subterraneos de exploração, emprehendidos em 1874 pelo governo	187:000	5:000	26,7
1880—Introducção das aguas do Alviella, derivadas pela Companhia actual	191:000	35:000	183,2

E' superfluo insistir sobre os beneficios que esses algarismos representam para a população. Apenas lembramos esse frisante contraste que resalta da approximação das ultimas datas e que fala com a eloquencia propria das estatisticas.

Uma representação

Programma de trabalhos, que a Companhia expõe, para um regular abastecimento da cidade durante muitos annos

Toda a gente reconhece a necessidade de se melhorar o abastecimento de agua em Lisboa, mas a verdade é que poucos são aquelles que indicam um meio pratico e equitativo de se resolver o problema. Ha importantissimos interesses em conflicto, quer da Companhia, quer da Camara Municipal, quer do Estado.

N'esse complexo litigio é preciso não esquecer tambem os interesses do consumidor, que é afinal, quem vem pagando as culpas da demora em solucionar-se tão momentoso assumpto. A Companhia diz da sua justiça na seguinte representação que entregou ha dias ao ministro do fomento:

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Desde 1906 que a Direcção da Companhia das Aguas de Lisboa prevendo pelo augmento progressivo do consumo, que em poucos annos os mananciaes de que dispunha se tornariam insufficientes para abastecer com largueza a cidade na epocha da estiagem, iniciou, expontaneamente, e com grave sacrificio pecuniario, estudos para melhorar as condições d'esse abastecimento e desde 1910 que vem instando com os poderes publicos para que tão importante assumpto seja devidamente estudado e resolvido.

Pela exposição apresentada em junho de 1910, ao então ministro das obras publicas, commercio e industria, de que se junta copia, prova-se o cuidado com que a Companhia zela os interesses geraes que lhe estão confiados e a diligencia empregada para a breve solução de uma questão que, sob varios pontos de vista, tanto interessa á capital da Republica Portugueza.

Em 1911 renovou a direcção da Companhia as suas instancias junto do governo provisorio.

As nossas providencias confirmaram-se e as difficuldades foram-se successivamente aggravando até que no anno de 1913, de um estio excepcionalmente quente, a insufficiencia apontada se fez sentir por uma fórma mais aguda.

Tiveram, emfim, um começo de seguimento as instancias que baldadamente vinhamos fazendo perante os poderes publicos para que se tomasse conhecimento dos nossos trabalhos e estudos e se entabolassem as indispensaveis negociações para se poder chegar a uma boa solução.

Por portaria de 25 de julho de 1913 o então ministro do fomento, engenheiro ex.^mo^ sr. Antonio Maria da Silva, concordando com as ponderações que ao seu elevado criterio submettemos, nomeou uma commissão que incumbiu de estudar o assumpto.

A convite do presidente d'essa commissão por duas vezes com ella nos reunimos, expondo-lhe os nossos pontos de vista e accedendo ás suas sollicitações apresentámos-lhe o programma dos trabalhos que reputávamos necessarios e sufficientes, não para a solução radical do assumpto que terá de ser, a nosso vêr, o recurso ás aguas do Tejo, nas proximidades de Santarem, mas para um regular abastecimento durante bastantes annos, e bem assim a sumula das condições em que a Companhia poderia assumir o encargo da sua realisação, tudo sujeito, é claro, ao «referendum» da nossa assembléa geral.

O programma de trabalhos e a sumula das condições são as seguintes:

Programma:

Aproveitamento das nascentes de Otta e Rio Maior, comprehendendo captagem, conductas, reservatorios, e estação elevatoria.

Duplicação dos syphões do canal do Alviella.

Novas estações elevatorias, respectivas conductas e accessorios.

Estações filtradoras e de depuração bacteriologica.

Reservatorios e sua intercommunicação, conductos e emissores.

Continuação da actual rede de distribuição.

Condições:

1.ª—Pagamento integral da divida da Camara Municipal de Lisboa.

(Esse pagamento poderia não ser immediato; poderia ser feito por meio de titulos amortisaveis).

2.ª—Actualisação da divida do governo a partir de janeiro de 1913 a julho de 1927—475.060$55—, a pagar em 19 prestações semestraes de 25.000$00 cada uma, venciveis de 14 de janeiro de 1913 a 14 de janeiro de 1927 e uma de 6$55 vencivel em 14 de julho de 1927.

(Bastaria a entrega de promissorias correspondentes ás importancias e prazos fixados o que nenhum encargo representava para o governo).

3.ª—Garantia iniludivel de que de aqui por deante, não deixará de ser pago á Companhia o que em cada anno lhe fôr devido pela liquidação, nos termos do contracto de 1883, dos excessos do consumo publico e municipal.

4.ª—Facilitação da abertura de um credito em conta corrente a favor da Companhia aberto na Caixa Geral de Depositos ou no Banco de Portugal, até á quantia de 1.500.000$ a amortisar por uma annuidade correspondente á taxa maxima de 7 por cento (juro e amortisação).

A esta annuidade ou ao serviço de este emprestimo, poderia consignar-se o que á Companhia devesse ser pago em cada anno, pelos excessos de consumo publico e municipal (governo e camara municipal).

5.ª—Em caso de resgate da concessão, o camara ou o governo tomaria sobre si todos os encargos de esta operação, reembolsando a Companhia do que, por conta d'ella, houvesse já pago de juros e amortisação, bem como da importancia dos seus fundos proprios que já houvesse sido dispendida nas obras e installações a emprehender e que constam da nota supra.

6.ª—Lei de *expropriação* por utilidade publica, urgente para a expropriação das nascentes e de todos os terrenos necessarios para as differentes obras e installações.

7.ª—As novas aguas só entrarão no computo do terço gratuito do governo, passados seis annos da sua entrada no canal, passando findo esse prazo, ao regimen fixado para as do Alviella.

Convem notar que, embora em futuro mais ou menos remoto, haja de recorrer-se ao canal do Tejo, as obras que indicámos teriam sempre de fazer-se, na sua maior parte, com excepção apenas da captagem das nascentes de Otta a Rio Maior, e o meio indicado affigura-se-nos o mais pratico e de mais facil e rapida execução para melhorar um estado de coisas que não pode, evidentemente, prolongar-se sem graves inconvenientes.

De tudo que fica referido démos conhecimento ao governo em julho de 1914, em representação que nas suas mãos depuzemos.

Exposto assim rapidamente o estado actual da questão, vimos, mais uma vez no cumprimento do nosso dever, pedir para ella a attenção de V. Ex.ª confiando em que no elevado espirito do governo da Republica encontraremos o necessario apoio para a resolução de um assumpto de capital importancia para a cidade de Lisboa.

Como V. Ex.ª poderá apreciar pelo programma e condições acima formulados, a Companhia das Aguas de Lisboa está animada da melhor vontade de contribuir, quanto em suas forças caiba, para tão importante e inadiavel melhoramento, mas, como é obvio, não tem ao seu dispôr os importantes fundos (cêrca de 3.000.000 de escudos) que elle exige, nem pode abalançar-se a tão grandioso emprehendimento sem garantia séria para os capitaes portuguezes já n'ella empenhados.

Assim é bem legitima a sua pretensão de que pela Camara Municipal de Lisboa lhe seja garantido o seu credito constituido em virtude de uma lei cujas disposições são bem preceptivas e de que pelo governo da Republica lhe seja concedido um apoio que é mais de ordem moral que material, para poder angariar os fundos necessarios.

Não poderam os governos a que temos recorrido, apesar da sua manifesta boa vontade, por circumstan-

cias que são bem conhecidas, resolver a questão, e, assim, mais um anno é pois decorrido sem que, bem a pesar nosso, nos tenha sido possivel melhorar as condições de abastecimento da cidade de Lisboa porque nem sequer qualquer resposta nos foi dada, e sem que ao nosso appello tenham correspondido providencias para remediar um mal que dia a dia se aggrava a ponto de provocar já justos clamores da população de Lisboa que, desconhecendo os factos que ficam singelamente narrados, á Companhia attribue faltas e responsabilidades que lhe não pertencem, visto que cumpriu, integralmente, os seus contractos e mais não póde fazer sem que lhe sejam fornecidos os meios de garantir os pesadissimos encargos que, como fica exposto, terá de assumir para dotar a cidade de Lisboa com o volume de agua de que ella necessita e nas melhores condições de distribuição e pureza.

E não só lhe não facultam esses meios, como até parece esquecer-se de que se trata de contractos bilateraes, exigindo-se da Companhia que faça aquillo a que não é obrigada e recusando-se o pagamento integral por parte da Camara Municipal de Lisboa do que á Companhia é indiscutivelmente devido por excessos de consumo liquidados nos precisos termos da lei.

Esta divida que desde 1898 se vem avolumando, ascende já hoje a 1.088.045 escudos o que representa parte consideravel da somma necessaria para a execução dos trabalhos de que depende o reabastecimento da cidade aos quaes será integralmente applicada.

E não deve esquecer-se que a Camara Municipal de Lisboa que apenas disporia de um pequeno volume de agua annualmente, se não fossem as obras realisadas pela Companhia que importaram em mais de 8.000 contos para que o municipio não contribuiu nem com um centavo, dispõe hoje, gratuitamente, de quatro milhões de metros cubicos em virtude d'essas obras que, com todas as aguas e encanamentos lhe ficarão pertencendo findo o prazo da concessão.

Não é justo, ex.mo senhor que contra a Companhia a proposito de qualquer incidente inevitavel em exploração d'esta ordem, e quando a estiagem mais se faz sentir se conciliam más vontades, clamando-se que tudo lhe cumpre fazer, que de tudo é responsavel, quando é bem sabido que o serviço de abastecimento da cidade de Lisboa para satisfazer ao seu fim carece de uma profunda remodelação e de novas installações cujo custo na parte a executar desde já orça, como já foi dito, por tres milhões de escudos, avultada quantia que a Companhia não póde dispôr e não poderá obter sem solidas garantias, escurecendo-se assim que foi a propria Companhia que ha dez annos por sua iniciativa, emprehendeu os estudos para a resolução de tão importante problema.

Urge, sem duvida, que o governo da Republica se pronuncie com a maior brevidade sobre o que entenda dever fazer-se na certeza de que n'esta Companhia encontrará a mais leal cooperação para resolução de um assumpto que tanto interessa ao desenvolvimento da cidade de Lisboa e ao bem estar da sua população:

Justificado é, pois, o nosso appello caloroso ao esclarecido espirito de V. Ex.ª, para que, pela melhor fórma se possa sahir de uma situação tão embaraçosa que não póde prolongar-se por mais tempo sem graves inconvenientes para a vida da capital da Republica.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 12 de julho de 1915.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro do Fomento.

Pela Companhia das Aguas de Lisboa

Os directores

(a) *José Martinho da Silva Guimarães*
(a) *J. H. Ulrich*
(a) *José d'Ascensão Guimarães*
(a) *Francisco Teixeira de Queiroz*
(a) *Severiano Monteiro*

SPORT

Natação entre militares

O Club Naval de Lisboa querendo levar até á classe militar o gosto pelo mais util de todos os exercicios—a natação—resolveu organisar provas para praças da armada e do exercito, que lhes sirvam de estimulo á sua pratica.

Uma commissão composta do presidente do club sr. D. José de Noronha, capitão Sousa Aguiar, Rydes da Costa e Arthur Consolado entregou ao sr. dr. José de Castro, illustre ministro da guerra, um officio pedindo uma verba para premios. O ministro immediatamente prometteu a verba, louvando tão benemerito iniciativa.

Vê-se pois que o novo regimen protege o «sport», e muito em especial a natação como o melhor de todos. Este governo está no firme proposito de dedicar um especial cuidado a este tão importante assumpto, começando pela natação, principalmente na marinha, onde dia a dia se estão dando desastres como este ultimo em Peniche que custou a vida a onze marinheiros desconhecedores da arte de nadar.

Na nossa armada mais de 80 por cento dos seus homens não sabem nadar!

E' triste. O facto demonstra o pouco cuidado que teem ligado a este assumpto. Mercê, porém, da boa vontade que este governo mostra, em breve será praticada a natação por todas as praças da nossa armada.

O Club Naval tem-se interessado por isso a valer e é a elle que lhe cabem as honras da organisação das primeiras provas, n'estes ultimos tempos.

As corridas são duas, uma no dia 1 de agosto, n'um percurso de 100 metros, e outra no dia 15 do mesmo mez, n'um percurso de 500 metros, ambas na doca em frente do caes d'este club, por occasião de duas festas que elle organisa.

A primeira tem 35$00 de premios e o mesmo para a segunda.

O sr. major Baptista, commandante de infantaria 2, que sabe encarar a educação physica como um problema nacional, já enviou a lista com os nomes das praças concorrentes.

Nota do dia

Roosevelt, athleta e aviador

Theodor Roosevelt, o «propheta da vida intensa», o irriquieto americano «que nunca está parado», pratica diariamente a aviação. Assim o communicam os jornaes americanos. Que elle conhecia o aeroplano já o sabiamos, porque em julho de ha trez annos elevou-se em S. Luiz com o aviador Hoxsey. Agora, porém, tornou-se o aeroplano um dos exercicios da sua predilecção.

Theodor Roosevelt apresenta mais uma modalidade do seu temperamento sportivo. E' um athleta completo.

Cavalleiro admiravel, ficou celebre no commandar o seu regimento, os «Rough Riders», na guerra contra a Hespanha, em Cuba.

Não é um cavalleiro vulgar; passa horas e dias sobre o sellim.

Como caçador, fez uma viagem celebre atravez dos continentes mal conhecidos do Brazil e ultimamente fez uma famosa campanha, na viagem á Africa central, em companhia do seu filho Kérmit. Por varias vezes contavam os jornaes as suas proezas e o numero de elephantes, de antilopes, de zebras e de bufalos que a sua certeira carabina abateu.

Foi um cultor acirrado da lucta japoneza, a velha lucta dos homens de 150 kilos, do que o Japão se ufana.

Não descançou emquanto não penetrou os segredos do *ju-jutsu*, que o attrahia pelo que tem de scientifico e de astucioso.

Na sua juventude fez parte das *équipes de sports* athleticos dos collegios americanos e com a edade não esqueceu a paixão por estes exercicios, pois sentou á sua mesa, na Casa Branca, os vencedores americanos dos Jogos Olimpicos de Londres.

Era, pois, natural que o aeroplano, a maravilhosa invenção que o nosso seculo aperfeiçoou, lhe despertasse a attenção. Um homem como Roosevelt, com o seu feitio energico e ousado, não se limita a ser mero espectador.

Algumas anecdotas

A meia noite do fim do anno no «ring»

Está em Lisboa um jogador de socco, Blink Mac Closkey, que tem fama d'um dos melhores dos «ring». D'elle conta-se uma interessante anecdota.

Em 31 de dezembro de 1910, sustentou um combate com o famoso «boxeur» francez Marcel Moreau. Os dois pugilistas entraram para o «ring» no ultimo numero do espectaculo.

Succederam-se os «rounds», até que um relogio na sala «soou» o ultimo segundo da meia noite. Blink deu um passo atraz e gritou:

—Dá-me a tua mão Marcel, desejo-te um anno muito feliz...

Moreau apertou-lhe a mão mas, em resposta, e immediatamente, «pregou» um terrivel murro na cara de Closkey que o abalou! Na sala houve um ligeiro sussurro. Um dos «segundos» de Blink excitou-o:

—Responde-lhe da mesma maneira...

—Tem serenidade, homem. Eu sempre retribui os cumprimentos que me fazem...

Palavras não eram ditas e Marcel rolava por terra com um «obliquo» sobre o queixo...

Noticias

Entre nós

Lisboa Foot-ball Club

Tomaram ante-hontem posse os novos corpos gerentes, ficando assim constituidos: Mesa da assembleia geral—presidente, Matheus Lourenço Appáricio; secretarios, Fernando Lima e Virgilio de Azevedo. Conselho fiscal — Presidente, Jayme Armando Correia de Oliveira; vogaes, Ignacio Carreira e Luiz Silva. Direcção—Presidente Julio Jacintho Gomes Ferreira; vice-presidente, Antonio Salles de Macedo; thesoureiro, Diogo de Pina Manique; secretarios, João Chrisostomo Sá e Antonio Andrade Vellozo; vogaes, Raul Lima e Antonio Santos. Capitão geral, Diogo de Pina Manique.

Uma festa militar

Deve realisar-se, brevemente, no magnifico campo do Stadium uma grande festa militar, organisada por uma commissão de officiaes e com um proposito patriotico.

Touradas

Praça d'Algés.—No proximo domingo ha n'esta praça uma interessante festa organisada por uma commissão de ovarinos, apresentando-se o *Rancho do hiate*, constituido por 30 figuras, tudo gente de Ovar, que vestirão os seus trajes caracteristicos e que cantarão e dançarão trovas e canções populares. Na parte tauromachica, figura como cavalleiro o *Chico da Ribeira*, que picará um touro a cavallo, trajando de campino. Haverá dois grupos de moços de forcado, rapazes da Esperança e da Ribeira Nova.

Movimento maritimo

Liverpool e escalas «Ortega» (Brazil)	19
Africa oriental «Clan Gordon» (Liv.)..	19
Madeira e Açores «San Miguel».........	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)..............	20

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.
POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.
EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Noticias

ENTRE NÓS

A amante de meu genro, a comedia que em breves dias tem a sua *première* no Politheama, é firmada por trez auctores francezs, de que o publico de Lisboa tem já applaudido outras espirituosas producções.

De Mauricio Hennequin, o distinctissimo jornalista e auctor dramatico, conhece o nosso publico entre outras peças: *As alegrias do lar*, que fez epocha no Gimnasio; a *Coralie & C.ª*, um dos grandes exitos de gargalhada do Republica; a *Place aux femmes*, primeiro em comedia e depois transformada em operetta; e *Florette et Patapon*, que se representou no Apollo.

Paul Bilhaud, poeta e humorista distincto, collaborador assiduo de Hennequin, tambem já conhecido em Lisboa e escriptor notavel. Fez-se applaudir não só nos theatros de genero leve, como no Odeon, onde collaborou com Carré na peça *Ma Bru*, e no Theatro Francez. Finalmente, de Albert Barré, o alegre vaudevilista, que foi durante muito tempo o fornecedor quasi exclusivo do Cluny, o nosso publico applaudiu a operetta *Noite de nupcias*, que tanto agradou no Avenida.

● A companhia que explora actualmente o Avenida vae fazer reprise da «Casa da Susanna» e representará a seguir as «Pilulas de Hercules».

No estrangeiro

Eis o que se estava representando no dia 15 em alguns dos theatros de Paris:

Na Comedia-Franceza, «O amigo Fritz» e «A sociedade onde a gente se aborrece»: na Gaîté-Lyrique, «Durand et Durand»; no Vaudeville, «Un divorce»; no Palais-Royal, a revista de Rip, «1915»; no theatro Antoine, «La polka de M.me Vanderbeck»; no theatro Moncey, «A filha do regimento» com desfile militar e hymnos nacionaes; no Renaissance, «Monsieur chasse»; no theatro Michel, «Péché d'amour, les Trépidants»; nos Embaixadores, «En plein air», revista nova de Quinel e Moreau; nas Folies-Bergère, a revista «Sous les drapeaux»; no Concert Mayol, «Tout va bien».

● No Rio de Janeiro, representou a companhia Galhardo, em segunda recita de assignatura, a «Rainha das Rosas», que agradou muitissimo.

Circos & Music-halls

Despede-se ámanhã, em espectaculo da moda no Coliseu dos Recreios, a excellente companhia de variedade, que tanta concorrencia tem attrahido áquella vasta casa de espectaculos. Nos dois programmas d'esta noite figuram as grandes celebridades artisticas Julio Villar, notavel comediante parodista, Silva Carvalho, que é todas as noites muito festejado, Mariucha, a bella bailarina, e os concertistas Los Alpinos. Ver-se-hão no animatographo os mais variados «films».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Variedades e animatographo.
SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Lord Grog.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

A violação da neutralidade belga condemnada pelo Papa

Roma, 14 de julho

Da carta do secretario da Santa Sé ao ministro da Belgica junto do Vaticano conclue-se que o papa reprova a violação da neutralidade belga, publicamente reconhecida pelo chanceller allemão na sessão do Reischtag de 4 de agosto de 1914.

E' o seguinte o final d'esse documento diplomatico:

«E' certo que, depois, a Allemanha publicou varios documentos do estado maior belga querendo d'elles tirar a conclusão de que já antes da guerra a Belgica tinha faltado aos deveres da neutralidade, e que, portanto, esta já tinha cessado de existir no momento da invasão. Não compete á Santa Sé resolver esta questão historica, nem tal parecer é necessario para o seu fim, mesmo que admitta a maneira de vêr dos allemães. Ainda, segundo confessa o chanceller, entraram no territorio belga «com a consciencia de lhe violar a neutralidade» e, portanto, de praticar um acto injusto; isto basta para que esse acto deva ser considerado como directamente comprehendido nos termos da allocução pontifical.»

E', como se vê, da parte do Santo Padre a formal condemnação da violação da neutralidade belga levada a effeito pelos allemães.

No boudoir

Os banhos

Tendo-se retirado para o estrangeiro M.me Iolo Salviati, continúo eu, Maria Amalia de Conti Caldas Xavier, a secção «No boudoir». E, como M.me Iolo Salviati, responderei a todas as leitoras que me interrogarem e receberei as que quizerem procurar-me pessoalmente.

***

Aguas cristalinas, frescas e chorosas das fontes! Aguas que jorraes, purissimas, das rochas nuas e que regaes a terra e segredaes misteriosas coisas entre as relvas verdes! Aguas limpidas dos rios que mais ou menos apressadamente procuraes o mar! Ondas salinas que serena e languidamente vos espreguiçaes na arenosa praia ou que, revoltas, contra ella e contra as rochas vos arremeçaes com violencia, umas apoz outras, tumidas agora, logo desfeitas em lençoes de rendilhada espuma! Eu vos bemdigo todas, aguas purissimas! Como vós sois boas! Como é grato ver-vos, sentir-vos, soffrer o vosso contacto!

Como dá prazer ser envolvido por vós. E como a humanidade vos deve ser eternamente agradecida, desde que pese bem a acção que na saude e na belleza vós tendes, aguas purissimas das fontes, dos rios e do mar.

***

Sim, minhas senhoras, todas nós devemos muito á agua.

A agua é um dos primeiros elementos da higiene. Sem os cuidados que com ella pudemos ter para com o nosso corpo, a nossa saude e, portanto, a nossa belleza tambem, teriam muito a soffrer.

O reconhecimento d'esta verdade incontestavel e o da somma de bem estar, de prazer que ella nos proporciona, justifica plenamente, não é verdade? a sincera invocação que abro este pequenino artigo. E é ainda esse reconhecimento que me faz hoje escrever algumas linhas a respeito do banhos.

A hidrotherapia é a base da higiene e é bastante antiga pois a acção mechanica e thermica da agua era já conhecida na edade media. Mas a arte de curar pela agua data apenas de 1831.

Foi um camponez austriaco, chamado Priessnitz, que fez as primeiras curas e continuou-o o abade Kneipe. O professor Winternitz foi quem primeiro escreveu uma obra scientifica sobre a hidrotherapia.

Não falarei aqui de banhos medicinaes, referir-me-hei, simplesmente, aos banhos de simples higiene e de higiene *rafinée*. Mas, tendo que responder ás senhoras que escreveram a Iolo Salviati, deixarei para outro dia o desenvolvimento d'este assumpto interessante e absolutamente necessario.

***

Nini:—Sim, minha senhora, posso mandar-lhe o «creme labial Pompadour». E' perfeitamente inofensivo e dá aos labios macidez e um colorido muito natural.

***

Mariasinha:—Approvo o seu gosto pelo campo. Não gosta de bailes? Melhor. Felicito-a. Para o seu pequenino defeito a gimnastica respiratoria; mas necessario é que seja bem feita. Treine bastante, já que o póde fazer, e faça uso de loções frias duas vezes por dia seguidas de fricção com a «Loção Pompêa». Seguindo este tratamento, o seio enrijará. A alimentação feculenta está naturalmente indicada para o seu caso. Olhe: tome todas as manhãs 2 gemas d'ovos batidas com farinha de fava torrada, sem ir ao lume.

***

Morena infeliz: — Effectivamente o buço desfeia immenso um rosto feminino, mas o «Depilatorio Pompadour» sendo usado com o creme indiano é um grande remedio para esse feio mal.

Maria Conti

MUSICA

Concerto no Paradis

Em homenagem á cantora e professora de canto sr.ª D. Yola Conde realisa-se ámanhã, ás 16 horas e meia, no salão Paradis, da rua Jardim do Regedor, um concerto em que tomam parte obsequiosamente as sr.as D. Helena Guichard e D. Aida Cruz e Sousa e os srs. D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo), Antonio Caldeira e Antonio Peixoto.

Horas de trabalho

A proposito do encerramento em Coimbra

Com o titulo «Explicando», publicaram os delegados do Atheneu Commercial de Coimbra, srs. Luiz Guimarães e Antonio M. Eloy, um manifesto em que historiam o que se passou na elaboração do regulamento do horario de trabalho. A classe dos caixeiros, de que os srs. Guimarães e Eloy eram representantes, propuzera que a abertura dos estabelecimentos fosse de 1 de abril a 30 de setembro ás 8 e o encerramento ás 21 horas; que de 1 de outubro a 31 de março a abertura fosse ás 9 e o encerramento ás 20 horas; que todos os sabbados, por ser um dia de maior movimento, o encerramento fosse ás 23; que uma vez por anno e durante 15 dias, para proceder ao balanço, os empregados pudessem trabalhar até ás 24 horas.

Os delegados da Associação Commercial apoiaram essa proposta, mas a commissão camararia entendeu que deviam ser estabelecidos turnos e assim se fará, o que—diz o manifesto—de modo algum convém ao commercio, pois este póde ser prejudicado, citando diversos exemplos.

E o manifesto traz uma carta do deputado sr. Alfredo Maria Ladeira, um dos auctores do projecto de lei, em que se affirma que o espirito da lei é tornar a abertura e o encerramento obrigatorios, competindo ás camaras municipaes fixar essas horas, attendendo ás necessidades locaes.

Centro Escolar Democratico da Lapa

Este Centro teve nos exames de 1.º grau sete approvações, ou seja o numero correspondente ao de alumnos propostos. Para os do 2.º grau foram propostos quatro alumnos, o que vem provar o grau de desenvolvimento attingido pela escola, sob a direcção da professora sr.ª D. Gertrudes da Cunha Videira.

Juntas de parochia

Da Ajuda

Discutiu a postura da camara municipal sobre cães, approvando-a por maioria.

Tomou conhecimento de officios da Commissão parochial socialista e do Club dos Caçadores, occupando-se a junta de diversos assumptos que se relacionam com a hygiene da parochia.

Exarou na acta um voto de pezar pelas victimas dos desastres que enlutaram a nossa briosa marinha de guerra em Peniche e a bordo da «Ibo» e manifestou o seu profundo desgosto pelo desastre de que foi victima o eminente estadista sr. dr. Affonso Costa, congratulando-se pelos accentuados progressos das suas melhoras.

Do Soccorro

Na sua reunião resolveu além de diversos assumptos referentes aos indigentes da freguezia, exarar na acta um voto de sentidos pezames pelo desastre de que foi victima o sr. dr. Affonso Costa, e pelos que acabam de enlutar a briosa marinha nacional; approvou a postura municipal referente ás licenças para cães, e que as reuniões ordinarias da junta se continuem a effectuar nas primeira e terceira quartas-feiras de cada mez, ás 16 horas.

Capitão-tenente Bernardo de Mello e Castro Moreira

Missa do 7.º dia

Sua esposa, D. Apolonia da Costa Teixeira Moreira e sua familia mandam celebrar missa por alma do seu querido extincto, na segunda feira, 19 do corrente, pelas 10 horas, na egreja de S. Sebastião da Pedreira.

Arrematação

No dia 20 do corrente, ás 12 horas, no juizo da 8.ª vara, escrivão sr. Andrade, pelo inventario orphanologico de Manuel Concello, em que é inventariante Caetano Concello, se hão-de arrematar os predios seguintes:

R. Maria Pia, 213 e 215, vae á praça em 12.000$00.

R. Maria Pia, 217, 4.500$00.

Quinta da Flamenga e seus annexos, no sitio da Bella Vista, (Chellas) 19.821$00.

Mais esclarecimentos presta-os o sollicitador Rosado Lage na R. dos Douradores, 29 s/l.

cos e os seus conselheiros allemães —os quaes haviam, porém, avançado para o sul na vespera do combate—consideravam a posição sufficientemente forte para deter o inimigo durante dois ou tres dias. Mas o exercito russo, com o famoso corpo caucasiano na vanguarda, avançou

General Brusiloff

com um ardor irresistivel. A principal columna fez vinte e quatro kilometros por dia apesar de todos os obstaculos, emquanto os regimentos que a flanqueavam por leste e oeste chegaram a fazer quarenta kilometros em vinte e quatro horas.

Depois de terem atravessado o Vistula e do combate corpo a corpo nas florestas, os caucasianos avançavam com o maior impeto. Quando os austriacos estavam dando os ultimos retoques ás suas obras de defeza, cahiram sobre elles, apoiados por uma porção de cavallaria cossaca, repelliram a sua fronte e desenvolveram-se contra o seu centro.

Foi no dia 3 de novembro á tarde. O inimigo, ao que parece, quiz antecipar o combate, começando na manhã seguinte com a acção d'artilharia para ser seguida, no mesmo dia ou no seguinte, com a acção de infantaria, mas os caucasianos não lhe deram tempo a poder epmregar toda a sua artilharia e atacaram o centro a cargas de baioneta.

A mais forte posição de toda a linha de defeza era o pequeno fortim no meio da aldeia. Antes mesmo dos austriacos poderem dar tento do que se passava, os caucasianos haviam-no tomado, embora a lucta fôsse violentissima, pelejando-se corpo a corpo, ficando o local cheio de mortos e feridos e correndo o sangue em ondas. Quando rompeu a manhã, o centro austriaco tinha desapparecido e toda a linha da esquerda do exercito para apoiar os allemães estava em retirada. A' uma hora d'esse dia os russos entravam em Kielce, emquanto nos flancos a sua infantaria continuava perseguindo o inimigo e na extremidade esquerda entrava em Sandomierz, que havia sido tomada de assalto contra uma triplice linha de defezas.

Os austriacos tiveram enormes perdas em mortos e feridos, ao passo que mais de 12.000 prisioneiros e cincoenta canhões, além de numerosas metralhadoras, cahiam nas mãos dos russos. Os vencedores não se demoraram em Kielce; continuaram a avançar. A artilharia que havia entrado em acção na noite anterior estava entrando na cidade e pelas quatro horas da tarde os russos continuavam perseguindo a retaguarda austriaca, que, não querendo fazer mais sacrificios, se foi pôr ao abrigo de Cracovia.

Voltemos agora a attenção para o que se dera desde o cêrco de Przemysl, na Galicia, pois fôra nomeado como governador russo o conde Bobrinsky, sob a direcção do qual a administração civil do territorio adquirido começára funccionando sem attrictos. O novo governador dividiu a Galicia em tres provincias—Lemberg, Tarnopol e Bukovina—a primeira das quaes era destinada a fazer parte do novo reino da Polonia.

Simultaneamente com o começo da invasão allemã da Polonia, os exercitos austriacos na Galicia occi-

directamente a oeste d'esse caminho.

A retirada d'esse flanco arrastou a do centro e finalmente a da esquerda, que era a posição guarnecida pelos allemães. Fôsse assim ou não, toda a linha foi desalojada da sua posição na estrada que corria parallelamente ao Vistula e repellida para dentro da floresta. O exercito que esperava tomar Iwangorod não poude impedir o inimigo, que elle suppunha em numero insufficiente, de atravessar o rio e de o atacar n'uma região onde tinha as maiores desvantagens militares, torneando-o e expulsando-o d'uma forte posição defensiva.

Os austriacos e os allemães estavam bem providos d'artilharia e apoz o combate foram contados quarenta e dois canhões nas posições a dois kilometros de Kozienice. Devido ás difficuldades da região os russos não podiam auxiliar a sua infantaria com artilharia e o que fizeram em taes circumstancias foi uma das mais notaveis proezas da campanha.

Como dissémos, a região directamente a oeste da estrada Kozienice-Iwangorod era coberta de bosques. A dezeseis kilometros a leste e a oeste e a uns quarenta e oito kilometros a cincoenta ao norte e ao sul estendia-se uma densa floresta. Magnificas estradas conduzindo para Radom a atravessavam. A não ser por ellas difficil era ahi penetrar, tão denso era o arvoredo. Foi para ella que o inimigo foi repellido. Seguiu-se uma lucta que nos telegrammas officiaes russos era mencionada nas breves palavras de «progressos satisfatorios feitos contra o inimigo pelas nossas tropas na lucta em roda de Iwangorod». Essa lucta durou nove dias e ao que dizem as descripções d'ella feitas foi deveras terrivel.

O problema que se apresentava aos russos era muito simples. O inimigo estava nos bosques, que se estendiam a leste e a oeste por cerca de dezeseis kilometros. Tinha de ser d'ahi desalojado. Era mais que claro que se os russos penetrassem por exemplo pelo lado oriental dos bosques, o inimigo, ou a sua esquerda, podia sahir pelo occidental. Tão basto era o arvoredo que os shrapnels de pouco ou nenhum valor ali eram. Em primeiro logar era quasi impossivel determinar a posição do inimigo e os movimentos da artilharia eram ahi impraticaveis. A infantaria russa tinha, pois, de expulsar o inimigo em lucta corpo a corpo e com uma valentia que causou admiração aos proprios allemães e austriacos assim o fez, disputando e conquistando o terreno palmo a palmo.

Ao cabo de dois dias a lucta era geral. Regimentos e batalhões estavam mais ou menos em contacto uns com outros, mas os soldados não tinham sequer conhecimento do que se passava na sua fronte. Sabiam apenas, por exemplo, que uma companhia do inimigo se havia entrincheirado fortemente e a unica coisa em que pensavam era em tomar esse entrincheiramento. Dia a dia a lucta se generalisou e se tornou mais violenta e dia a dia as linhas do inimigo retiraram vagarosamente para oeste. Dia a dia viam-se novos batalhões russos, regimentos e até brigadas e divisões penetrarem nos bosques, onde foram perdidos de vista durante pelo menos uma semana. As perdas d'ambos os lados foram espantosas, mas os russos podiam cobrir as suas rapidamente, o que o inimigo, ao que parece, não estava em condições de fazer.

No fim d'uma semana, os austriacos e os allemães tinham quasi atravessado a floresta, havendo apenas uns dois a trez kilometros entre elles e o tracto de terreno aberto que tinham de atravessar na retirada. O receio de atravessar esse tracto teve grande influencia sobre todo o exercito, porque, como depois se viu, o ultimo pedaço de floresta era uma serie ininterrupta de trincheiras e pequenos fortes.

Chegou a phase final da retirada do inimigo atravez d'esse tracto de terreno aberto. Durante nove dias a artilharia russa esperára socegadamente que chegasse a sua hora d'en-

trar em acção. Quando o terreno aberto foi alcançado, o espectaculo ahi visto não póde ser esquecido. Semanas depois da acção ainda por todos os lados se viam granadas que haviam explodido, faixas ensanguentadas, cavallos mortos, membros de homens despedaçados. Na floresta havia ainda innumeros cadaveres insepultos, nas mais estranhas posições, embora os russos tivessem dado sepultura a 16.000 mortos seus e do inimigo. Milhares d'elles, porém, havia, como dizemos, na floresta.

Os mortos só n'essa acção, desde a travessia do rio até esse local aberto proximo da aldeia de Augustów, andaram por 20.000 e as perdas totaes orçaram, n'essa pequena area, por 100.000 homens ou mais.

Deve accrescentar-se que, embora os allemães tentem amesquinhar o valor dos soldados austriacos, não se póde duvidar de que ahi, como em Grodek e em Rawa-Ruska, elles combateram, ainda que sem successo, com grande valentia.

A 23 d'outubro, um communicado official russo annunciava que o inimigo estava em plena retirada defronte de Iwangorod, a cujas fortificações o seu fogo d'artilharia poucos damnos causára. Fôra no dia 21 que os allemães haviam começado a retirar de Varsovia. No dia 22 a onda estava já longe da cidade e os russos perseguiam-na com tal ardor que a lucta principal d'esse dia se travou em Bzura, além de Sochaczew, e nas proximidades de Lowicz. No dia 24, o exercito de Dankl fôra forçado a retirar para Radom. No dia 25, o communicado official russo falava da batalha travada ao longo da frente de Radom a Skierniewice, e, no dia 28, um extremo d'essa linha, Radom, e o outro extremo, Lodz, haviam sido reoccupadas pelos russos.

Ao que diz um escriptor russo, extraordinarias scenas se haviam dado em Lodz durante a occupação allemã. Desde os primeiros dias fôra grande a affluencia, áquella democratica e industrial cidade, de principes da confederação germanica e de aristocratas allemães. Nos hoteis Bristol e Saboya aposentaram-se muitos allemães de alto cothurno, entre elles o gran-duque de Saxe-Meiningen. Esses cavalheiros, com os peitos constellados de condecorações, trataram de se divertir. Nos hoteis que honravam com a sua presença, o Champagne corria em ondas, a musica tocava e dançarinas trazidas da Allemanha recreiavam os olhos dos principes. Não é nada improvavel que se tivessem ahi reunido para com a sua presença darem brilho á ascensão do rei da Saxonia ao throno polacó.

Exactamente antes da retirada allemã, os principes e condes addidos ao estado maior allemão andavam caçando nas florestas Liusmerski, afamadas pelas grandes reservas de veados que continham, o que era um espectaculo de grande magnificencia. Dois dias depois, porém, a scena mudava. O exercito allemão havia-se quebrado contra a muralha viva de soldados russos. Os caçadores transformaram-se em caça, que era perseguida sem se lhe dar quartel.

As principaes linhas da retirada allemã eram ao longo da principal linha de caminho de ferro de Varsovia por Piotrokow e Novo-Radomsk a Czestochowa, ao longo do ligeiro caminho de ferro de Lodz a Kalisch e ao noroeste de Lowicz a Thorn. As forças austro-allemãs retiraram pelo caminho que haviam seguido na vinda, por Kielce a Olkusz e ao abrigo de Cracovia. Todos os exercitos em retirada fizeram o mais que puderam, destruindo pontes, cortando os caminhos de ferro e as estradas atraz d'elles, a fim de retardar a perseguição. A narrativa official allemã das operações, publicada trez mezes depois, dizia que essas medidas foram tão bem succedidas que o avanço russo se tornára muito lento e que as forças combinadas haviam tido tempo de retirar em boa ordem.

Era isso apenas verdadeiro em parte quanto ás principaes forças allemãs e estava muito longe da verdade quanto ao exercito austro-allemão do sul. A força russa que re-

pellira os exercitos allemães era commandada pelo general Ruzky, o qual mostrára já na campanha da Galicia quanto sabia tornar difficil a situação para um exercito derrotado e quão rapidamente os seus homens sabiam perseguir em toda a especie de terreno, mesmo havendo falta de caminhos de ferro e de estradas.

A lucta nas proximidades de Skierniewice e Lowicz foi terrivel, tentando os allemães manter-se n'uma posição cuidadosamente preparada, de onde foram desalojados á baioneta. Em redor de Rawa os russos fizeram 400 prisioneiros e deram sepultura a mais de quatrocentos allemães mortos. Houve tambem lucta violenta ao longo do Pilitsa, na margem norte e sul do rio. No fim d'outubro os russos estavam avançando victoriosamente ao longo de toda a frente. Na primeira semana de novembro a principal retirada allemã transpuzera a fronteira, sem sequer se deter em Kalisch ou Czestochowa.

A 9 de novembro, a cavallaria russa atravessava a fronteira e fazia um «raid» em territorio allemão até Pleschen, ao norte de Kalisch, e o general Joffre e lord Kitchener mandavam telegrammas de congratulação ao gran-duque Nicolau.

Se os principaes exercitos allemães na sua retirada foram assim perseguidos, não soffreram comtudo tão grandes perdas como a força austro-allemã na sua retirada de Iwangorod. Com effeito, ás tropas austriacas eram sempre confiadas as operações mais perigosas da campanha e, como já dissemos, era a ellas que se attribuia o insuccesso. Não ha duvida de que n'essa retirada de Iwangorod as forças allemãs iam na frente, deixando aos austriacos todo o trabalho de proteger a sua retirada e luctar na retaguarda. Os austriacos perceberam perfeitamente o que se passava e diz-se que muitos milhares d'elles se renderam ao mais ligeiro pretexto, dando como razão de tal procedimento o seu desanimo e o seu desgosto pelo modo como eram tratados pelos seus alliados allemães. Os polacos que estavam nas fileiras allemãs, especialmente, atiravam com as armas fóra e desertavam onde quer que podiam fazel-o com segurança.

Já nos referimos á lucta nas cercanias de Radom e á occupação d'essa praça pelos russos. O combate durou quatro dias nas florestas de Radom, mas a occupação da cidade, de 27 para 28 d'outubro, effectuou-se sem resistencia séria. D'ahi a Kielce corria uma excellente estrada, parte da qual em terreno elevado, que dominava o terreno baixo e em muitos sitios pantanoso, emquanto outra parte corria entre densas florestas.

Os austriacos na sua retirada fizeram tudo quanto puderam para tornar essa estrada impraticavel: excavações profundas, pontes destruidas, vallados de enorme largura.

Em muitos sitios era difficilimo tornear esses obstaculos, principalmente abrir caminho á artilharia. Na parte onde a estrada corria por entre a floresta centenas de arvores haviam sido cortadas e amontoadas, a fim de obstar á passagem. O resultado era serem os russos retardados no avanço durante alguns dias. Embora a infantaria pudesse passar, os canhões e os carros de transportes tinham de esperar que a estrada fôsse reparada.

A engenharia russa ia nos primeiros regimentos do avanço e trabalhava com o maior ardor, mas tudo levava tempo. A demora deu azo a que os austriacos se fortificassem nas proximidades de Kielce, onde houve um combate no dia 3 de novembro, combate que em qualquer outra guerra seria considerado como uma batalha importante.

A linha austriaca estendia-se n'um comprimento de perto de uns setenta kilometros, do oeste de Kielce até proximo de Sandomierz, sobre o Vistula. O centro ficava n'uma aldeia a uns dezeseis kilometros a leste de Kielce e no meio da aldeia fôra construida uma especie de fortim, flanqueado de artilharia com fundas trincheiras e grandes defezas de arame farpado. Parece que os austria-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1779 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 19 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Um inquerito

Como vive a colonia portugueza em S. Francisco da California

Temos indicado mais d'uma vez as grandes vantagens que deviam resultar para o paiz d'um estabelecimento de estreitas relações entre o nosso commercio e industria e as colonias de portuguezes residentes no estrangeiro. Hoje, essas relações só quasi existem com os portuguezes do Brazil, e assim mesmo prejudicadas pela falta d'uma propaganda intelligente e bem orientada que valorisasse convenientemente os nossos productos. Os importantes nucleos de portuguezes que existem n'outros paizes, como a America do Norte, teem sido votados pela Patria a um systematico abandono, a tal ponto que elles perdem inteiramente as tradições da sua terra e acabam por se naturalisar cidadãos do paiz onde se fixaram. Em alguns pontos ainda empregam os mais commovedores esforços para se não «esquecerem» de que são portuguezes, mas, ao fim d'um certo numero de annos, é fatal a sua integração no meio, e o proprio portuguez que elles escrevem passa a ser qualquer coisa de barbaro e de exquisito.

A Sociedade de Geographia de Lisboa tomou a seus hombros a tarefa de realisar um largo e completo inquerito sobre a situação em que se encontram esses nossos compatriotas residentes em terras estrangeiras. Appellou para o patriotismo e para a competencia dos nossos consules, mas é doloroso constatar agora, á face do resultado definitivo dos seus trabalhos, que nem todos comprehenderam a vantagem d'aquelle inquerito, deixando muitos de responder ao questionario que lhes foi enviado. Entre estes conta-se, por exemplo, o nosso consul no Rio de Janeiro, faltando assim a parte que devia ser a mais valiosa no inquerito realisado, pela importancia da nossa colonia n'aquella grande cidade brazileira.

Em compensação, porém, outros responderam com sollicitude, fornecendo elementos de informação muito curiosos e muito uteis. Pertence a esse numero o sr. Simão Lopes Ferreira, consul em S. Francisco da California, onde a colonia portugueza póde considerar-se importantissima. Está calculada em 50 a 60 mil pessoas, oriundas principalmente dos Açores, mas cerca de 75 por cento já são hoje cidadãos americanos, certamente pela falta de relações com a sua patria. A edade d'esses immigrantes, á sua entrada na California, regula entre 17 e 35 annos, dedicando-se quasi todos a trabalhos de agricultura. As suas qualidades caracteristicas são a sobriedade, a economia, o trabalho, a honradez e o bom comportamento, sendo o colono portuguez considerado como um entendido agricultor. Sob esse ponto de vista parece-nos curioso registar estas observações: «São conhecidas algumas propriedades amanhadas por portuguezes que chegam a tirar em algumas culturas trez colheitas por anno, emquanto os americanos se contentam com duas. Os terrenos mais difficeis de cultivar são amanhados por portuguezes. Uma propriedade cultivada por portuguezes passa por render mais 25 por cento do que se fôsse cultivada por americanos».

Alguns portuguezes naturalisados americanos já teem sido eleitos varias vezes senadores e deputados, podendo a influencia politica da colonia ser muito superior se fôsse mais illustrada. Todos conservam a sua lingua, mas, infelizmente, não a ensinam aos filhos que ali nascem e que consideram americanos para todos os effeitos. Poucos são os que regressam á sua terra. Estabelecem-se, criam familia, se a não levam, e integram-se absolutamente no meio, resultando d'ahi a enorme percentagem dos que se naturalisam americanos.

E' lamentavel que 65 por cento dos membros da colonia não saibam lêr nem escrever, o que succede, de resto, com a nossa emigração para o Brazil. Em 5 de outubro do anno passado inaugurou-se uma escola portugueza na cidade de Oakland, onde a colonia é mais numerosa, mostrando-se os alumnos satisfeitos e enthusiasmados com o aproveitamento que teem obtido, mas é forçoso reconhecer que uma só escola diminuta acção póde exercer n'uma colonia tão numerosa.

Ha sete ou oito collectividades portuguezas em todo o Estado da California, sendo as mais importantes as sociedades União Portugueza e Irmandade do Espirito Santo. Todas ellas se destinam a soccorrer e proteger os seus socios e suas familias, criando e conservando um fundo de reserva para, em caso de fallecimento de qualquer socio, beneficiar quem lhe sobreviver. Jornaes portuguezes ha quatro: o «Reporter», na cidade de S. Francisco, a «União Portugueza» e o «Arauto» na cidade de Oakland, e a «Liberdade» na cidade de Sacramento, não existindo em todo o Estado qualquer sociedade de recreio ou litteraria. Na opinião do consul, um dos melhores beneficios que se poderiam prestar á colonia seria a nomeação de professoras da lingua patria.

As relações commerciaes da colonia com Portugal são poucas ou quasi nenhumas. O unico estabelecimento que faz transacções com Portugal, sobretudo para os Açores, é o banco portuguez «Portuguese American Bank», que é o estabelecimento portuguez mais importante dos Estados-Unidos, tendo distribuido aos accionistas 6 por cento do seu capital. O edificio onde está installado foi construido em 1907 e custou cerca de 100.000 dollars. Como prova de que a colonia não lhe dispensa o auxilio que elle merece, aponta-se o facto de os portuguezes terem depositados cerca de dois milhões de dollars n'outros bancos americanos de S. Francisco. E a tal proposito é interessante notar que na colonia ha dois millionarios e varias fortunas de 100 e 200 contos.

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

O principe de Galles cavalleiro da ordem da Annunciada

LONDRES, 19.—O rei Victor Manuel, querendo solemnisar o 21.º anniversario do principe de Galles, agraciou-o com o grau de cavalleiro da ordem da Annunciada.—(*Havas*).

O collar da Annunciada é a mais alta distincção honorifica que o rei de Italia concede. Foi Victor Amadeu II, duque de Saboia, que revestiu a *ordem* de tão singular importancia.

Esse principe, guerreiro e diplomata, era devoto e recebia na sua intimidade o padre Valfré, que morreu em cheiro de santidade e que a Egreja collocou entre os bemaventurados. Certo dia, em que Victor Amadeu puzera as insignias da ordem, perguntou em ar de graça ao padre Valfré se conhecia a significação das quatro lettras F. E. R. T. inscriptas no collar. O santo homem, que naturalmente ignorava a sua significação, atreveu-se a interpretal-as d'este modo: *Femina Erit Ruina Tua* (a mulher será a tua perda). O fundador da dynastia, impressionado sem duvida pela interpretação prophetica das iniciaes, quiz que o padre lhe dissesse se o via já nas chammas do inferno... O sacerdote tranquilisou-o, accentuando, porém, que só se salvaria á custa de grandes tribulações.

Os ultimos annos de Victor Amadeu II foram, com effeito, cheios de tristeza e de amargura. Abandonando voluntariamente o poder, que exercera com gloria tão longo tempo, acabou os seus dias como prisioneiro do Estado, privado até da presença d'aquella que amára a ponto de resignar a corôa, a fim de ter o direito de fazer d'ella sua mulher.

Quanto ao sentido verdadeiro da divisa, ha quem affirme ser: *Fortitudo Ejus Rhodum Tenuit* (a sua valentia conservou Rhodes), allusão á conducta magnifica de Amadeu V de Saboia no cerco de Rhodes, em 1610.

Mas os eruditos—convem accrescentar—ainda não chegaram a um accordo sobre a interpretação da divisa de ordem com que Victor Manuel tambem agraciou, ha poucos dias, o presidente Poincaré.

Um monarchico portuguez que prefere ser hespanhol

O sr. Antonio Paes de Sande e Castro é um moço aristocrata portuguez, realista, posto ha annos em ephemera e ridicula evidencia por causa d'um barquinho pintado de azul e branco com que se recreava n'uma praia do norte. Seu irmão, o sr. dr. Francisco Paes de Sande e Castro, que tomou parte nos trabalhos monarchicos para a queda do regimen, por meio das famosas conspirações organisadas em Hespanha, advoga actualmente em Lisboa. O outro reside no paiz visinho, onde acaba de requerer naturalisação. E' dos que dizem preferir Affonso XIII a Affonso Costa, tendo começado, a fim de melhor se prender á Hespanha, por se consorciar com uma senhora castelhana...

O sr. Antonio Paes de Sande e Castro não faz cá falla nenhuma e ha mais tempo que podia ter deixado de ser portuguez, mas o seu gesto, seja qual fôr o conceito em que o tenha a gente da sua egualha,—entre a qual ha quem se ria d'elle—não deixa por isso de traduzir uma tendencia que merece registo especial. Renegar a patria por odio á Republica não é, pelo visto, uma coisa inconcebivel. A perda da independencia acceitam-na, sem um assomo de revolta, varios realistas, encobertos e descobertos, desde que por via d'ella se consiga a morte das instituições republicanas. Repugna, por acaso, crêr que haja até quem não hesite em cooperar na tarefa de extinguir com a Republica a autonomia da Patria?

Não generalisamos a todos os realistas a idéa que formamos dos sentimentos de alguns. Para honra d'elles o dizemos... O procedimento do joven Sande e Castro é, todavia, um indicio, um grave indicio que todos os portuguezes amigos da sua patria e zelosos do seu bom nome hão de ponderar como elle merece...

E' muito violenta a lucta entre allemães e russos

PETROGRADO, 19—Official. Entre o Vistula e o Bug occidental a batalha attingiu no dia 17 o seu maximo de intensidade; agora estamos repellindo o inimigo, o qual na região de Lublin atacou em todos os pontos da linha, tendo nós de repellir mais de dez ataques. Grandes massas allemãs na margem esquerda do Wiepra conseguiram progredir para o norte. Na margem direita do mesmo rio o inimigo soffreu perdas gravissimas. Entre Gutehwa e o Bug repellimos um grande numero de ataques e desalojámos o inimigo da floresta de Metelin. Repellimos as tentativas inimigas para transpor o Bug. Perto de Ilkovitz e nas margens do Dniester tivémos um successo importantissimo sobre o inimigo, que transpoz o rio. Fizemos 2.000 prisioneiros austriacos.—(*Havas*).

Poeira da Arcada

Uma correspondencia de Braga, publicada no Primeiro de Janeiro, diz-nos o que aconteceu a um pobre tresloucado, o padre Joaquim Martins Pontes, o qual, dirigindo-se ao paço para falar ao arcebispo, foi recebido pela famulagem d'este com gestos taes que lhe racharam a cabeça. Semelhante desacato na pessoa de um homem que, em qualquer parte, teria pelo menos um acolhimento de piedade, faz-nos pensar que nem todas as feras andam a monte. Vê-se que, junto do Primaz das Hespanhas, as ovelhas timidas não estão em segurança. Pelo menos emquanto por lá houver lobos.

***

Os arcebispos de Colonia e Munich enviaram um telegramma ao imperador Guilherme, a proposito do livro A guerra allemã e o catholicismo. No entender dos dois illustres purpurados, os exercitos germanicos teem procedido em campanha de maneira irreprehensivel. Protestam, portanto, contra as accusações que lhes teem sido dirigidas. Esta attitude de franca approvação a actos que o mundo inteiro vem condemnando mostra que, na Allemanha, o militarismo é uma instituição sagrada. Perante elle se curvam mesmo os que por deveres irrefragaveis da sua missão deviam julgar as coisas segundo a verdade que nunca se desmente. D'ahi vem que Christo e o Evangelho, desde que rebentou a guerra, não estão seguros nas cathedraes nem nos labios austeros dos arcebispos.

***

O capitão Roby, morto proximo do forte de Quitevo, em Angola, era irmão do segundo tenente de marinha que ha annos tão heroicamente acabou n'uma expedição infeliz contra os cuamatas.

O mesmo brio determinou em ambos o mesmo glorioso sacrificio. Quando tão amortecidos andam os animos da nossa gente, muito justo é lembrar as memorias dos bravos que á sua patria dão exemplos dignos de alto registo.

***

Os jornaes hespanhoes continuam a occupar-se de nós, como se não fossemos seus visinhos. E' patranha que te parto! Pensam elles, porventura, desacreditar-nos, para depois nos pintarem com verdade? Se assim é, talvez se enganem. Não somos faceis de encarvoiçar. E a prova está no facto de ha oito seculos termos resistido a façanhas congeneres.

O culto da patria

Por occasião da solemnissima trasladação das cinzas de Rouget de Lisle, realisada no dia 14 em Paris, madame Delna e o sr. Albers, da Opera-comica, cantaram a *Marselheza*, coadjuvados pelos coros da Opera, Opera-comica e do Conservatorio, junto do Arco do Triumpho e nos Invalidos, tendo desfilado por deante da urna funeraria mais de 200.000 pessoas.

No mesmo dia, organisaram-se cortejos que foram juncar de flores as estatuas de Strasburgo e de Lille, proferindo o grande escriptor Maurice Barrés, junto d'esta ultima, eloquentes palavras.

Os refugiados e evacuados da região do Norte dirigiram-se ao jardim do Palais Royal e depuzeram um ramo de flores aos pés da estatua de Camille Desmoulins. Os deputados das regiões invadidas proferiram discursos patrioticos.

Na Comedia Franceza houve «matinée» consagrada aos «jovens soldados». As actrizes Segond-Weber e Madeleine Roch e os actores Silvain, Paul Mounet e Lambert filho, declamando *Horace*, arrancaram applausos calorosos nos espectadores, na sua totalidade militares. Madame Marguerite Carré cantou a *Marselheza*. Cerca de mil e oitocentas vozes juvenis acompanharam-na com singular enthusiasmo.

Os delegados da Alliança democratica foram a Ville d'Avray e floriram a lapide de marmore que indica o logar onde foi collocado o coração de Gambetta.

Em Pau, madame Bartet recitou perante os jovens soldados o *En avant* de Déroulède e Mounet-Sully a *Ballade des Deux Epées*. Por seu turno, Féraudy e madame Robinne fizeram rir os rapazes representando o *Anglais tel qu'on le parle*.

São estas algumas das numerosissimas noticias de cerimonias commemorativas do 14 de julho e de que veem repletos os jornaes francezes.

O carinhoso culto que cerca em França os monumentos que celebram as grandes figuras ou os grandes factos da sua Historia e, do mesmo modo, o empenho com que os primeiros artistas se associam ás solemnidades patrioticas deviam servir-nos de exemplo, a nós que tantas coisas boas e más imitamos do estrangeiro. Ainda ha pouco mais d'um mez passou a festa annual de Camões e a estatua do poeta não teve sequer a decoral-a uma modesta grinalda de flôres e os rapazinhos das escolas primarias, passando junto d'ella, fizeram-no com a mais desoladora indifferença Se o monumento dos Restauradores é cada anno ornamentado no dia primeiro de dezembro, isso se deve ao zelo patriotico d'uma commissão cuja vitalidade desejariamos ver mais fortemente affirmada. Nos Jeronimos jazem insepultos Garrett e João de Deus e á estatua do grande Affonso de Albuquerque, ali a dois passos, não consta que se fizesse uma romagem de alumnos das nossas escolas... Tanto abandono e tamanho esquecimento são tristes signaes cuja significação se torna desnecessario frisar...

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

"Historias pouco sérias"

por Fernando Machado

A brochura que «Gil Mendaz» modestamente sub-intitulou «Ensaios humoristicos» e que hoje se exhibe já nas montras dos livreiros é uma amena collecção de historietas simples, despretenciosas, alegres, de um bello e facil humorismo á Mark Twain, e a sua leitura faz-se positivamente de um folego. Se o saber rir constitue uma virtude, sobretudo n'esta epocha de tristeza que atravessamos, não é menos de apreciar quem sabe sorrir. Fernando Machado, nas suas duzentas paginas, sorri. E os seus leitores vão certamente sorrir com elle, acompanhando o humorista na leve descripção dos seus episodios, onde o grotesco resalta a cada linha, excellentemente fixado por uma clara visão do sentimento comico.

Esse sentimento soube o auctor despertal-o com magistral espontaneidade. O exagero, o paradoxo, o conceito intencionalmente falso, a conclusão inesperada, de todos estes «trucs» se tira, nas «Historias pouco serias», admiravel partido. Por isso, ao terminar a leitura do volume, não duvidamos affirmar que a litteratura humoristica conta entre nós com mais um elemento de valor, o que não é indifferente n'um paiz onde, se tanta gente pretende escrever com graça, tão poucos são, na verdade, os que conseguem fazel-o.

O livro foi, como referimos, posto hoje á venda nas livrarias, e tem certamente reservado um legitimo e ruidoso exito.

O movimento naval nos portos britannicos

LONDRES, 17.—O almirantado annuncia que durante o periodo de 8 dias, terminado em 14 de julho, entraram ou sahiram dos portos britannicos 1.380 navios. D'estes foi afundado um por minas e trez por submarinos, sendo a sua tonelagem avaliada na totalidade em 10.016 toneladas. Foram afundados pelos navios inimigos seis navios de pesca, e por minas um, sendo a totalidade da sua tonelagem de 635 toneladas.—(Havas).

As academias

A de Jesus soffre um ataque de germanophilia aguda

Quando ha dias transcrevemos da «Vossische Zeitung» alguns periodos de commentario ao protesto que, a proposito do manifesto dos intellectuaes allemães, a Academia das Sciencias de Portugal dirigiu ás Academias e Universidades das nações civilisadas, estavamos longe de suppôr que esse commentario tinha sido suggerido por portuguezes. Os leitores recordam-se: depois de se publicar, em traducção allemã, o texto do manifesto citado, a «Vossische Zeitung» accrescenta o seguinte, da sua lavra:

> Quem suppuzer que se trata da «Academia (Real) das Sciencias de Lisboa», fundada em 1779, engana-se. Trata-se da Academia de Sciencias de Portugal, que foi fundada muito recentemente e tem como a outra a sua séde em Lisboa...
>
> Para caracterisar esta collectividade, que intencionalmente escolheu um nome parecido com o da antiga Academia, basta attentar no estilo do seu manifesto.

Imaginámos que o redactor do jornal berlinense conhecia um pouco as coisas de Portugal e especulava com esse conhecimento. Mas vemos agora que o seu informador foi o secretario geral da propria «Academia (Real) das Sciencias de Lisboa», que, no tempo da dictadura Pimenta de Castro, animado sem duvida pela affabilidade com que por esse governo eram tratados os monarchicos, resolveu fazer circular pelo estrangeiro a circular seguinte:

> A Academia das Sciencias de Lisboa (anteriormente Academia Real das Sciencias de Lisboa), fundada em 1779 e cuja presidencia official, durante o antigo regimen, era occupada por um principe da Casa Real Portugueza, é uma instituição do Estado, cujos estatutos foram moldados sobre os das organisações similares do mundo civilisado. Ella se honra de uma historia cheia de serviços notaveis ás sciencias e ás lettras, e suas relações seculares com as sociedades sabias do estrangeiro teem sido incessantemente assignaladas pela permuta das suas publicações.
>
> Ha alguns annos uma associação privada, estabelecida em Lisboa, disfarçou-se com um titulo (Academia de Sciencias de Portugal) semelhante ao da nossa corporação. Não podemos assegurar que ella tivesse tido em vista aproveitar uma confusão bastante natural para abrigar-se ás tradições gloriosas que nos ufanamos de representar. Como quer que fosse, essa confusão, infelizmente se fez sentir, sobretudo no meio das sociedades sabias com quem temos a honra de entreter constantes relações. Ella é tanto mais dolorosa quanto a associação, em questão, estando á mercê quasi só das quotisações individuaes, aliás dignas de apreço, não pode gosar de uma selecção tão rigorosa como a de uma instituição do Estado. Além d'isso ella não prohibe em suas sessões e em seus actos a discussão politica de factos contemporaneos, absolutamente excluida de nosso proceder.
>
> Desejando pôr um termo a semelhante equivoco, temos a honra de nos dirigir ás sociedades e corporações sabias e a todos os nossos collegas, pedindo-lhes notar bem as differenças que separam a Academia das Sciencias de Lisboa de qualquer outra instituição, cujo titulo possa dar logar a lamentaveis confusões.
>
> Tenha a bondade de acceitar, caro collega, as seguranças dos nossos mais distinctos sentimentos.—O secretario geral da Academia das Sciencias de Lisboa, A. A. de Pina Vidal.

E' de notar que, tendo o manifesto sido publicado em outubro de 1914, só sete mezes depois a «Academia (Real) das Sciencias de Lisboa» resolva alludir vagamente ao facto nas palavras da sua circular: «Além d'isso ella (a Academia nova) não prohibe em suas sessões e em seus actos a discussão politica de factos contemporaneos, «absolutamente excluida de nosso proceder». E' que se quiz manifestamente aproveitar uma opportunidade: a da dictadura, que era propicia a relembrarem-se, quiçá com saudade, o antigo titulo de «real» e a antiga presidencia de um principe... De um principe da casa real portugueza: como se, para uma instituição official, que medra á sombra da generosidade da Republica, existisse ainda qualquer coisa com esse nome!

Ora no documento subscripto pelo sr. Pina Vidal não é a Academia das Sciencias de Portugal que se deprime: é o proprio regimen. E' portanto opportuno recordar que a velha Academia Real das Sciencias de Lisboa, que teve sem duvida uma epocha gloriosa, está hoje carissima ao Estado. Tinha a incumbencia de elaborar um diccionario official da lingua, e apesar de ter gasto ao thesouro muitas dezenas de contos ainda não passou da lettra A, terminando no expressivo vocabulo «azurrar». Porque não se eliminam algumas verbas das que o Estado inutilmente gasta com essa poeirenta e retrograda instituição? Pois não se poderiam cortar desde já, por exemplo, os 790 esc. de gratificação de cargos academicos, os 1.600 escudos attribuidos aos directores e paleographos do famoso diccionario e outras publicações? Não se poderia eliminar, visto haver isenção de franquia, a verba de 200 escudos destinada ao expediente da secretaria e bibliotheca? E note-se que ainda assim a dotação annual não ficava em menos de cinco contos e quinhentos.

Quanto á Academia das Sciencias de Portugal, não vemos que possa merecer a mais ligeira censura o manifesto a que alludimos. Só monarchicos e germanophilos podem discordar d'essa attitude verdadeiramente republicana, fundamentalmente patriotica e humanitaria.

De resto, o sr. Pina Vidal esqueceu-se de dizer na sua circular que a Academia das Sciencias de Portugal embora mais moderna é tão official como a outra, tendo a recommendal-a o facto de serem gratuitos todos os seus cargos, o que significa evidentemente mais desinteresse. E além de tudo as duas Academias são tão compativeis que muitas das principaes mentalidades portuguezas fazem parte de ambas ellas, começando pelo primeiro magistrado da nação. E esses são decerto os primeiros a reprovar o gesto, porventura inconsiderado, do sr. Pina Vidal, que só poderia ter servido para lhe dar uma triste e ephemera aureola de celebridade desviando da velha academia as simpathias de todos os bons portuguezes.

Dr. Affonso Costa

Poude já hoje levantar-se

O sr. dr. Affonso Costa tomou hoje uma refeição pelas 11 horas, após o que foi affixado o seguinte boletim, assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery:

Pulsações, 76; respirações, 18; temperatura, 37. Auctorisamos o doente a levantar-se para uma poltrona durante quatro horas.

O doente assim o fez, depois de almoçar, recebendo n'essa occasião a visita de suas esposa e filha, acompanhadas da esposa do sr. dr. José Tavares.

A's 17 horas no quarto do sr. dr. Affonso Costa apenas estavam os srs. drs. José Bessa e Alberto Madureira. A informarem-se do seu estado foram ao hospital os srs. ministro da justiça, Botto Machado, França Borges, visconde da Ribeira Brava e general Correia Barreto.

Foi hoje ainda grande o numero de cartas e telegrammas recebidos pedindo informações.

FOLHETIM D'A CAPITAL—19-7-915

CHRONICA MUSICAL

Poesia cortez

Emquanto nos generos lyricos objectivos ou canções com personagens a figura do auctor não tem importancia, sendo até a maior parte d'essas canções anonymas, na poesia cortez o poeta-musico occupa o primeiro plano. A canção cortez é a canção de amor subjectiva, a canção por excellencia, a que por isso os trovadores chamavam simplesmente *canso*.

Apesar d'essa opposição entre as duas ordens de canções, ha em todo o caso caracteres que lhes são communs. O primeiro é a descripção obrigatoria da primavera: é o sol que brilha, muitas flôres nos campos, muitas aves a chilrear. Os trovadores desconhecem a belleza do outomno. As proprias expressões são as mesmas: «No mez de maio, quando os dias vão crescendo», «O bello canto dôce das aves», «Quando os bosques se cobrem de folhas e flôres» são phrases feitas, que a cada passo apparecem nas canções. Outra semelhança que deriva naturalmente d'esta: a mocidade e a alegria cantadas sempre. Assim como não conhecem a belleza do outomno, assim os trovadores se abisteem de cantar o declinar da vida; só a alegria e a juventude, *joia* e *joven*, existem para elles. Finalmente, terceiro ponto de semelhança entre as canções com personagens e as cortezes: o amor consiste sempre no fructo prohibido e por isso só existe fóra do casamento. O verdadeiro amor é o amor livre: por isso as personagens sympathicas são os amantes, e a odiosa é o marido.

Taes são os pontos communs a toda a lyrica medieval.

O que caracteriza, porém, a canção cortez é a propria concepção do amor. A declaração de amor nas canções objectivas tende á sua realisação pratica immediata, procura o prazer; na poesia cortez o amor é um culto, o culto do poeta pela mulher de quem elle se faz servidor, serviço que o torna mais perfeito e mais digno da dama a quem se dedica.

Ha aqui uma manifesta influencia da organização social da epocha. Assim como o vassalo era o homem do senhor, depois de prestada a homenagem, e lhe devia obediencia e fidelidade, assim o poeta, tendo escolhido a suzerana do seu coração, egualmente lhe devia a *fe*. Dava-se assim uma dedicação espontanea e sem calculo, prompta a todos os sacrificios; aquelle que faltava aos deveres que esse laço lhe impunha, faltava á *fe*, tornava-se culpado de *felonia* (quebra de fé), o que era a infamia mais humilhante. Por isso o poeta apaixonado não exige cousa alguma, nem se permitte censurar a sua dama, por muito injusta que ella seja; espera, pela sua dedicação e merecimentos, obter o *guerredon*, a recompensa.

A esta theoria sentimental chama-se *theoria do amor cortez*. E', como se vê, absolutamente convencional, uma pura especulação, sem base real psicologica.

A primeira obrigação da cortezia é a discreção: por isso a dama nunca é designada pelo seu nome mas por um pseudonymo, *senhal*, signal. A outra é a paciencia. Diz Jeanroy:

«A discreção não é só ordenada pela prudencia, mas tambem e principalmente pela natureza de um sentimento tão delicado que a menor publicidade profanaria; tornou-se mais necessaria ainda pela obrigação de despistar os *losengiers*, personagens convencionaes da lirica cortez, cuja funcção é adivinhar, descobrir os amores sinceros e leaes e tentar aniquilál-os, divulgando-os. A paciencia não lhe é ordenada menos imperiosamente: deve submetter-se cega e passivamente á prova a que a sua dama o expuzer e esperar n'uma muda e respeitosa resignação as suas boas graças; é-lhe prohibido, não só solicitar uma recompensa, mas até confessar o seu amor, o que já seria um crime.»

Da discreção proveiu o habito de *trobar clus*, compor impenetravelmente. Como o trovador compõe para a sua dama, os indifferentes e os curiosos não devem penetrar-lhe os sentimentos, que elle expõe de uma maneira obscura, de modo que só os iniciados, os raros *vrais amanz*, os que conhecem a arte de amar impenetravelmente, podem comprehender o sentimento mistico dos trovadores, a que elles chamam *joi* e *deport*, alegria e transporte.

As regras, muito apertadas, a que estava sujeita a composição das canções, tornaram necessarias obras didacticas que as expuzessem. A mais antiga remonta ao começo do seculo XIII; é a theoria da composição de Raimon Vidal de Besaudun, *Las razos de trobar*; outra é um tratado em catalão, «Sciencia de compôr poesias», *Doctrina de compondre dictatz*; e outra ainda, este tambem do seculo XIV, as *Leys d'amors*.

A *Doctrina de compondre dictatz* diz que cada *canso* deve ter a sua melodia propria, nova e o mais bella possivel. Na *canso* tudo deve ser pessoal, como pessoal é o sentimento que dita ao poeta os *motz* e os *sons*, a lettra e a musica. Isto é uma consequencia logica do amor cortez: como a amada do trovador não se parece com nenhuma outra mulher, como o amor d'elle não se parece com nenhum outro amor, assim a sua *canso* não se deve parecer com nenhuma outra. Mas como as ideias são as mesmas, havendo até, como já vimos, phrases feitas que se empregam em varias canções, toda a originalidade está nas rimas e forma das estrophes e nas melodias.

N'esta complexa e mistica theoria do amor cortez ha uma contradicção patente: a dama é a incarnação de todas as virtudes, cercada d'uma aureola de grandeza; é sempre a melhor das mulheres, sem egual no mundo. Como se comprehende que possa ser por *guerredoner*, recompensar, o seu trovador? A felonia é a maior indignidade na edade-media: o *guerredon* dado pela dama ao poeta é a maior felonia que ella podia praticar para com o marido. São factos paradoxaes que mostram bem o caracter convencional da poesia cortez. No fundo, esta poesia é religiosa, e por isso o amor que n'ella se canta não é erotico, nem apaixonado. A doutrina do amor cortez é a propria doutrina christã do amor divino applicada ao profano: a longa serie de provas por que o cavalleiro tem de passar, as bellas acções que tem de cumprir para se aperfeiçoar e melhorar, talvez o tornem por fim digno de ir para o céu; essas mesmas provas e essas mesmas acções fazem-no approximar-se da sua dama, tão cheia de virtudes como a propria divindade, e, se conseguir ser o amigo perfeito, o *fin ami*, talvez seja digno de receber a recompensa do seu esforço, o *guerredon* da sua dama, o céu na terra.

A poesia cortez e a doutrina de amor que d'ella deriva, apezar de convencional e falsa, teve uma alta importancia moral: levou o respeito pela mulher a um grau elevadissimo, divinisando-a quasi; adoçou os costumes rudes dos cavalleiros que careciam de mostrar delicadeza para serem amados; finalmente, criou aquillo a que ainda hoje se chama cortezia, tornada extensiva a todos, de exclusiva para as mulheres que era.

Sob o ponto de vista musicologico, a melodia das canções cortezes, por isso mesmo que tem de ser sempre pessoal, é, em regra, mais elevada que a das canções objectivas, mais simples, naturaes e espontaneas. Só quando o trovador é musico notavel é que a melodia tem verdadeiro encanto; normalmente, a canção denuncia o esforço do compositor, o que exige tambem um esforço do ouvinte para a comprehender. Accresce ainda que, emquanto muitas pastoraes, romances e canções de alva teem uma frescura que as faz parecer quasi do nosso tempo, as canções de amor teem nas suas melodias um ar bafiento que lembra logo os sete seculos que d'ellas nos distanciam.

A intima relação do amor cortez com o amor divino deve ter feito approximar as suas melodias das religiosas; por isso pensamos, com Beck e ao contrario de Gaston Paris e da corrente franceza, que este genero lirico deriva dos hymnos religiosos e não da musica popular. O confronto d'uns e d'outros mais nos avigora n'essa convicção, como seria facil demonstrar, se publicassemos alguns exemplos. Infelizmente, não se presta este logar para tal publicação, cujas difficuldades facilmente se calculam.

Por isso estas chronicas teem forçosamente mais de historia litteraria que de historia musical: é que a musica não se conta, executa-se.

Humberto de Avellar

ULTIMAS NOTICIAS

INCOHERENCIAS

O sr. Brito Camacho

pede que se publique um «Livro Negro»

No editorial da *Lucta* de hoje, o director d'aquelle jornal responde indirectamente aos reparos que ha dias aqui fizemos sobre as incoherencias da sua attitude a proposito das expedições a Africa. Em resumo, diz que não é o paiz, e que o facto de ter escripto uma vez que as expedições de Angola e Moçambique eram bem justificadas, não dispensam o governo de fazer perante elle a sua cabal justificação. De resto, linhas abaixo, adivinha-se que o chefe unionista applaudia a partida das forças para a Africa, visto que «assim já não haveria maneira de mandar a famosa divisão para França, por muito boa vontade que houvesse no Terreiro do Paço decorrer uma aventura de Quixote».

O sr. Brito Camacho, ao escrever estas palavras, esqueceu certamente as suas tremendas responsabilidades de homem publico, de antigo ministro, de chefe do partido, de orientador da opinião, de jornalista. Reconhece-se agora que aquelle senhor não teve duvida em recorrer a uma *habilidade*, aconselhando, justificando e defendendo a partida de tropas para Africa, apenas com o secreto fim de evitar que seguisse uma divisão para a Flandres, tornando-se, portanto, responsavel pelo desastre que porventura viessem a soffrer, como soffreram, as forças portuguesas no Sul de Angola.

Assim tambem, o atirar agora para sobre o sr. Bernardino Machado com a culpa de ter escripto na *Lucta* que ás nossas expedições nada faltava, é um expediente infantil. O sr. dr. Bernardino Machado, affirmando isso, não fez mais do que exprimir a opinião dos technicos, e que ás tropas nada faltava, pelo menos do que os seus commandantes tinham exigido, provam-no as requisições do sr. Alves Roçadas, que o ministro dos colonias de então, sr. Lisboa de Lima, tem decerto em seu poder e que foram integralmente satisfeitas.

O sr. Brito Camacho fala-nos agora em Kionga, que feita a paz voltará a ser nossa «porque certamente a nossa alliada, a quem temos prestado altos e relevantes serviços, a não quererá para si». Porque não occuparemos antes, aproveitando as forças do sr. Massano de Amorim, esse triangulo de terra, creando assim o facto consummado e obtendo-o por direito á custa do proprio esforço?

Francamente: o sr. Brito Camacho só tem razão quando pede que se publique o *Livro Negro*. N'esse livro, porém, alvitremos desde já que se archivem não só todos os documentos officiaes ácerca da guerra, mas sobretudo a influencia nefasta que n'esta desgraçada questão exerceram pessoas cuja situação dentro da Republica implicava muito mais patriotismo e infinitamente mais ponderação.

A QUESTÃO DO DOURO

Um projecto da commissão regional

Como compensação aos viticultores do Sul eleva-se o preço da aguardente

A commissão dos viticultores do Douro, a que se juntaram os deputados d'aquella região, entregou hoje de manhã ao sr. ministro dos estrangeiros um esboço de projecto, acompanhado por extenso relatorio, como medida de satisfação ás reclamações vinhateiras do Norte. Esse documento transitou para o ministerio do fomento, onde a commissão esteve reunida das 14 ás 16 horas, assistindo o director geral de agricultura com um grupo de quinze representantes do Douro, entre commissionados e parlamentares.

Terminada a larga conferencia com o sr. ministro do fomento, o sr. dr. Antão de Carvalho, relator do esboço do projecto em questão, passou ao gabinete do director geral de agricultura com quem esteve trabalhando, introduzindo no relatorio as alterações resultantes da discussão com o ministro.

O projecto que a commissão deseja que o governo perfilhe e apresente ao parlamento dispõe o seguinte:

Art. 1.º—Não podem ser exportados para Inglaterra outros vinhos generosos que não sejam os das marcas regionaes definidas e garantidas pelas leis em vigor.

§ Definição do que sejam vinhos licorosos.

Art. 2.º—Os viticultores do Norte, para os effeitos da lotação, elevam o preço da aguardente do Sul.

Art. 3.º—A presente lei será transitoria e durará até que a Inglaterra, por lei, derivada de convenção internacional adopte a definição de vinho do Porto, consignada na lei de janeiro de 1915.

O conselho de ministros deve reunir-se hoje para estudar a proposta da commissão, que volta a reunir-se esta noite no ministerio do interior.

Os commissionados do Douro não abandonam a capital, sem que o projecto seja presente ao parlamento.

Aos srs. presidente da Camara dos deputados, presidente do ministerio e ministro dos negocios estrangeiros foi dirigido o seguinte telegramma:

«Camara Municipal viticultores commerciantes em grande reunião protestam energicamente contra attitude governo que amedrontado perante actos criminosos e ameaças adrede praticadas pretende transigir exigencias illegitimas representantes Douro e resolveu empregar todos meios contra novas concessões á custa legitimos interesses sul.—Presidente camara de Santarem, (a) José Mailhau.»

O mesmo signatario dirigiu a varias camaras do centro e sul do paiz o seguinte telegramma:

«Ex.mo presidente—Lembramos conveniencia protestar telegraphicamente perante governo amedrontado parece transigir exigencias illegitimas Douro prejuizo sul e chamar classes interessadas essa região até grande reunião Lisboa.—Presidente camara, (a) José Malhou.

A GRANDE GUERRA

Um relatorio britannico sobre a destruição do "Lusitania"

Londres, 16

Foi publicado o relatorio do tribunal presidido por lord Mersey encarregado de averiguar as circumstancias em que se deu a destruição do «Lusitania». O tribunal é de parecer que a perda do navio e das vidas foi causada por torpedos lançados por um submarino de nacionalidade allemã e que o acto foi consumado não com o mero intento de afundar o navio mas tambem com a intenção de destruir as vidas da população de bordo. O tribunal sustenta que o navio estava provido de escaleres que accommodavam 2.605 pessoas e o numero das que estavam a bordo era apenas de 1.959. Escaleres, colletes-salva-vidas e boias de salvação foram inspeccionadas em Liverpool, em 17 de março, por um inspector da junta de commercio, e novamente em 15 de abril, pelo official de emigração da junta de commercio, sendo ainda os escaleres examinados por um carpinteiro de navios, no começo da viagem de regresso. Desde o começo da guerra, a Companhia concede premios para incitar as tripulações a tornarem-se aptas a manobrar os escaleres, e a evidencia do exito d'estas providencias é manifestado pelas narrações de mais de um caso de destreza e pericia nautica, desenvolvida depois da catastrophe pelos membros da tripulação. Dos passageiros, 944 eram inglezes, tendo perecido 584 d'elles; 159 americanos, dos quaes morreram 124; os restantes pertenciam a 17 nacionalidades differentes, morrendo 77 d'elles. O numero total dos salvos é de 472. O procedimento dos passageiros foi, do primeiro ao ultimo, digno de louvor. A carga era carga geral de ordinaria especie, mas uma parte d'ella consistia em 5.000 cunhetes de cartuchos para espingarda, os quaes figuravam no manifesto. Estavam collocados bem á vista sobre o navio, a cerca de 50 metros do ponto onde o torpedo attingiu o navio. Não havia outros explosivos a bordo. O governo allemão tem affirmado que o «Lusitania» estava equipado com peças occultas, que estava fornecido de artilheiros de profissão e de munições especiaes, que transportava tropas canadianas e que tinha violado as leis dos Estados Unidos. Estas affirmações carecem de fundamento, são puras invenções. O «Lusitania» não tinha peças nem artilheiros, nem munições especiaes, e muito menos transportava tropas ou violou qualquer lei dos Estados Unidos. Pelo que respeita ao aviso aos passageiros antes de embarcar, o qual em alguns pontos é tido como uma especie de desculpa dos seus subsequentes assassinatos, esse aviso sómente confirma a previa intenção de commetter o crime, e que o seu plano estava forjado antes da sahida do navio. A Companhia Cunard tinha decidido pouco depois da guerra ter rebentado que não obstante a diminuição do trafico achava justo que um grande navio fizesse uma carreira mensal desde que o poder das suas caldeiras fôsse reduzido a um quarto. Em consequencia d'isso foram fechadas seis das caldeiras do «Lusitania» e o navio começou a navegar sob estas condições, desde novembro de 1914.

O intuito era reduzir a velocidade do navio de 24 e meio a 21 nós, mas ainda assim era o mais veloz transatlantico.

Na opinião do tribunal, a reducção da velocidade do navio não tinha significação alguma e era propria das circumstancias.

O ataque do submarino foi cruel porque foi feito com acintosa e totalmente injustificada intenção de matar a população de bordo. As auctoridades allemãs sobre leis de guerra no mar estabelecem fóra de toda a duvida que, apezar de, em alguns casos, a destruição dos navios mercantes inimigos poder ser permittida, ha sempre a obrigação de primeiro assegurar a vida das pessoas que estão a bordo. O tribunal sustenta que não houve nenhuma explosão de qualquer parte da carga. Uma parte dos cunhetes ia na camara porque o attorney geral não quiz que fôsse publicada a opinião expendida pelo almirantado para se protegerem os navios contra os submarinos, e para se proteger em particular o «Lusitania» n'esta occasião. E' pois impossivel discutir esta materia detalhadamente n'um relatorio, mas está abundante e claramente demonstrado que o almirantado empregou os mais extremos cuidados e pensou nas questões que adviriam do perigo submarino, e tinha diligentemente recolhido todas as informações uteis que diziam respeito a esta viagem particular. Os officiaes responsaveis por isto são dignos dos maiores louvores. Toda a censura, pela cruel destruição de vidas, recahe sómente sobre os que planearam e commetteram o crime.—(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).

Attribue-se, falsamente, ao exercito inglez o uso de uma terrivel granada

LONDRES, 16.—Foi publicado o seguinte annuncio official:

Chegou ao conhecimento do governo de Sua Magestade que um annuncio publicado no «American Machinist», de 6 de maio ultimo, pela Cleveland Automatic Machine Company, está sendo commentado nos Estados Unidos, pois apresenta o typo de uma arma offensiva exportada da America para uso do exercito britannico. A noticia referente á nova especie de explosivos de alta potencia descreve da fórma seguinte os seus effeitos:

«O material é do alta força de tensão e tem grande tendencia para se fraccionar em pequenos pedaços a quando da explosão da granada. A regularisação do tempo para detonação da espoleta d'esta granada é semelhante á do shrapnel; esta espoleta differe porém da do shrapnel em conter dois acidos explosivos n'uma ampla cavidade para fazer explodir a granada.

A combinação d'estes dois acidos causa uma terrivel explosão que tem mais poder que qualquer das especies de explosivos até agora empregados. Os fragmentos acham-se revestidos d'estes acidos no momento da explosão, e as feridas causadas por elles equivalem á morte com terrivel agonia, dentro de quatro horas, se não forem pensadas immediatamente.

Pelo que sabemos, a respeito das condições das trincheiras, não é possivel fazer chegar os soccorros medicos a qualquer, a tempo de impedir os fataes resultados. E' necessario cauterisar immediatamente se se trata de ferimentos na cabeça ou no tronco, e amputar se se trata dos membros inferiores ou superiores, visto, segundo parece, não haver antidoto capaz de reagir contra o veneno. D'aqui se deprehende que esta granada é mais efficaz que os shrapnel regulares, pois que as feridas causadas pelas balas d'estes e pelos fragmentos nos musculos não são perigosas, em consequencia de não terem elementos venenosos que reclamem soccorros urgentes».

O governo de Sua Magestade tem razão para crêr que esta noticia não é verosimil, mas que foi publicada no intuito propositado de crear uma falsa impressão. De qualquer fórma que seja o governo de Sua Magestade, julga do seu direito informar que não foi dada ordem alguma sobre qualquer explosivo da natureza do que acaba de ser descripto, quer na America ou em qualquer outra parte, nem foi empregado, nem encarado o possivel emprego de qualquer invenção cujos effeitos sejam os que a supracitada noticia descreve.—(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).

A cooperação britannica no theatro occidental

LONDRES, 18.—O marechal sir John French communica o seguinte:

Desde o meu ultimo communicado não houve modificação na nossa linha de combate. Apezar de não ter havido recontros que reclamem menção especial, tem havido consideravel actividade na linha de frente, explodindo algumas minas não só da parte do inimigo como da nossa, sendo algumas partes da nossa linha sujeitas a um violento bombardeamento.

No dia 10 o inimigo desenvolveu um pequeno ataque ao norte de Ypres e penetrou na nossa linha. Comtudo os nossos reforços locaes conseguiram rehaver o que haviamos perdido.

No dia 13 o inimigo precipitou-se sobre um dos nossos postos avançados, na estrada de Ypres a Menin, mas foi immediatamente repellido.

Mais ao norte e n'essa mesma noite a nossa linha foi violentamente bombardeada e perdemos uma trincheira que era defendida por uma companhia. Novamente d'ali foram expulsos pelos nossos contingentes de arremesso de bombas, sendo a trincheira reoccupada. O inimigo empregou n'esta occasião grande quantidade de granadas de gazes.—(Havas).

As operações na França e na Belgica

PARIS, 19.—Communicação official das 15 h.—Na Belgica o inimigo bombardeou esta noite com grande violencia as nossas trincheiras de Saint-Georges, a aldeia e a egreja de Boesinghe. Em Artois os allemães fizeram pela meia noite a oeste e a sudoeste de Souchez, n'uma extensão de 1:200 metros, um ataque que repellimos. Em Argonne tambem foi repellido um ataque allemão na região de Saint Hubert. Na floresta de Apremont houve lucta de bombas e granadas de mão, sem acção de infantaria. Na Lorena, em Manhouse, sobre o Seille e orlas de sueste da floresta de Parroy deram-se alguns combates nos postos avançados, nos quaes obtivemos vantagens. A noite decorreu em socego no resto da linha.—*(Havas)*.

Serviços do porto de Lisboa

Realisou-se hoje na repartição de turismo a reunião dos agentes das companhias de navegação em Lisboa para se estudar a forma de evitar os abusos commettidos no Posto Maritimo de Desinfecção e a bordo dos vapores entrados no Tejo, por individuos que, dizendo-se bagageiros, praticam toda a casta de tropelias contra os passageiros.

Esses individuos, desprestigiando assim o bom nome do porto de Lisboa, prejudicam os moços de fretes que ali se apresentam munidos dos documentos que a lei exige para poderem exercer o seu mister.

Na mesma reunião foram apresentados varios alvitres, indo a repartição de turismo providenciar para que os serviços de bagageiros nos caes de embarque e desembarque entrem na ordem como convem ao prestigio do primeiro porto portuguez.

O caso do castello de S. Jorge

Fallece o tenente Bahr Ferreira

Como os jornaes da manhã largamente noticiaram, a noite passada, pela 1 hora e meia, no castello de S. Jorge o soldado 169, que estava de sentinella, disparou um tiro contra o tenente Armando Augusto Bahr Ferreira, ferindo-o no ventre. Immediatamente transportado para o hospital de S. José, ahi soffreu a operação da laparatomia, depois do que recolheu a um quarto particular.

Os soccorros da sciencia nada puderam, porém, vindo a fallecer o tenente Bahr Ferreira pelas 8 horas.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Elisa Emilia Correia Belem, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 17 horas, sahindo da rua D. Estephania, 85, 2.º, para jazigo no cemiterio oriental.

PEQUENAS NOTICIAS

Quando hoje se encontrava no banco do hospital de S. José, esperando para ser admittida, falleceu Patrocinia de Mattos, de 38 annos, moradora no beco dos Biguinhos, 32. O cadaver foi removido para a casa das *observações*.

Camara dos deputados

Discute-se o orçamento da justiça e realisa-se uma interpellação ao sr. ministro das colonias

Abre a sessão ás 14,40, com 47 deputados e a bancada do governo deserta, entrando depois de lida a acta o sr. ministro da justiça. A's 15,5, como não haja numero para tomar deliberações, faz-se uma segunda chamada, respondendo 71 legisladores e iniciando-se, por isso, os trabalhos. No expediente lêem-se varios documentos: telegrammas e representações, referentes á questão do Douro. O sr. ministro do interior, usando da palavra, communica á camara que em alguns concelhos que compõem a região duriense se manifestou uma certa agitação, da qual resultou serem queimados os papeis das secretarias de finanças da Regoa e de Santa Martha de Penaguião e respectivas thesourarias. O governo tomou todas as providencias que o caso exigia e a ordem, n'este momento, é completa. O sr. ministro das colonias participa á camara a morte do capitão Roby, morto pelo gentio no sul de Angola, e relembra, a proposito, a morte no Cunene, ha annos, do 1.º tenente de marinha Roby, irmão do official agora morto. Diz ainda que com o capitão Roby foi tambem morto o auxiliar Andrade, que á columna, com outros auxiliares, prestou os mais relevantes serviços. As informações recebidas do sr. general Eça confirmam tudo quanto á camara tem dito. Segundo essas informações, o sul de Angola deve estar completamente pacificado em fins de agosto. Termina apresentando duas propostas abrindo creditos extraordinarios de 900 e 160 contos, para occorrer a despezas militares no Ultramar.

O sr. Nunes Godinho, em negocio urgente, refere-se aos acontecimentos do Douro, pede ao governo que diga tudo, defende os interesses do sul, que lhe parece ver ameaçados, e reclama do governo explicações claras sobre as medidas que pensa tomar para satisfazer as reclamações do Douro. O sr. ministro do interior explica que o governo está no intuito de resolver a questão duriense segundo um espirito conciliador, que dê satisfação a todos. O governo não é do norte nem do sul. E' do paiz, e como tal, a todos fará justiça. Concita todos os bons republicanos a concorrerem para que a questão se solucione o melhor possivel, abstendo-se de a irritar, o que não seria de modo nenhum conveniente. O sr. Godinho observa que o que disse o ministro, sendo pouco, é muito. Oxalá que não se percam as suas boas intenções.

O sr. Eduardo de Sousa aprecia a noticia que tem corrido sobre a reintegração do sr. Sousa Junior no logar de director do hospital Conde de Ferreira, do Porto. O sr. Sousa Junior é director geral da estatistica. Não pode, portanto, desempenhar no Porto um logar d'aquella importancia. E' obvio. O sr. ministro do interior replica que não pode responder senão pelos seus actos. De tudo o que se refere ao seu foro intimo, entende que não tem que dar explicações a quem quer que seja. O sr. Eduardo de Sousa, replicando, lê á Camara as conclusões da sindicancia a que se procedeu aos actos do sr. Sousa Junior, como medico chefe do referido hospital, produzindo por vezes essa leitura, hilariedade na Camara.

O sr. Francisco Cruz requer que se discuta quanto antes o projecto sobre o novo regimen cerealifero, trazido ha dias ao Parlamento pelo sr. ministro do fomento. O sr. Portocarrero apresenta um projecto de lei sobre sargentos promovidos a alferes, que se encontram em injusta situação. O sr. Antonio José d'Almeida associa-se em sentidas palavras á homenagem que o sr. ministro das colonias prestou á memoria do sr. capitão Roby, gloriosamente morto em Angola.

O sr. Helder Ribeiro manda para a mesa um projecto de lei creando na Covilhã uma escola de ensino technico e mandando inscrever no orçamento as verbas necessarias para a manter. O sr. ministro do interior apresenta uma proposta reforçando á custa d'um saldo existente na inspecção de sanidade maritima de Lisboa a verba destinada a acquisição d'um vapor para os serviços de saude no porto de Lisboa. O sr. Barbosa de Magalhães presta tambem, por parte dos democraticos, a sua homenagem ao capitão Roby. O sr. Aresta Branco, em nome da União, procede de modo egual.

Na primeira parte da ordem do dia vota-se, sem discussão, o parecer do orçamento da justiça, na generalidade. Na especialidade, o primeiro capitulo é tambem approvado sem discussão, tendo sorte egual os trez segundos. Sobre o capitulo V falam os srs. Constancio de Oliveira, Macieira e Barbosa de Magalhães, que fica com a palavra reservada.

Na segunda parte da ordem, o sr. Vasco de Vasconcellos realisa a sua interpelação ao sr. ministro das colonias sobre a nomeação do sr. Rodrigo Rodrigues para o conselho colonial. Os seus intentos, diz o orador, não vão além de pretender conseguir que a lei se cumpra integralmente. O interpelante refere-se á demissão do sr. Oliveira Serrão, que está em Africa e para a vaga de quem foi nomeado o sr. dr. Costa Metello, sendo o demittido reintegrado agora. Mas pedia elle que o reintegrassem? Recorreu elle, por acaso, do despacho que o exonerou? Crê que não. O acto praticado pelo ministro tem apenas o condão de estabelecer que os vogaes substitutos podem permanecer indefinidamente em effectividade de serviço, muito embora os effectivos não se encontrem ausentes do cargo no desempenho de commissões transitorias. Em que se escudou o ministro para tomar as deliberações que tomou, reintegrando o sr. Oliveira Serrão, que se encontra a 2:000 leguas de Lisboa, residindo em Johanesbourg, só para que o sr. Rodrigo Rodrigues, como vogal substituto do conselho, tomasse o seu logar? Em seu entender, a demissão do sr. dr. Metello é illegal e injustificada. Termina, concretisando as suas considerações n'uma moção que envia para a mesa e na qual a camara affirma o seu respeito á lei. O sr. ministro das colonias estranha que a interpelação se haja feito. Julga-se illegalmente demittido o sr. Costa Metello? Tem os tribunaes para lhe fazerem justiça e elle sabe que ao tribunal administrativo já foi apresentado o necessario recurso. Não fez mais do que repôr no seu logar factos que não lhe pareceram regulares. Encontrou, ao chegar ao ministerio, um requerimento do sr. Rodrigo Rodrigues, queixando-se de ter sido aggravado. O seu dever era attender esse requerimento e averiguou que não tinha sido absolutamente respeitada a lei com a demissão do sr. Serrão. Procurou, por isso, fazer justiça a todos e procedeu como em casos analogos se tem procedido.

O sr. Vasco de Vasconcellos responde, rebatendo a argumentação do ministro. Se o dr. Serrão é indispensavel no seu ministerio, para que o conserva na Africa do Sul? Não quer misturar o sr. Rodrigo Rodrigues na questão. Elle, que era supplente, supplente ficou. A interpretação dada pelo sr. Norton de Mattos á lei foi erronea, porque não o confessa, em vez de justificar um abuso com outro abuso? Quiz defender os principios republicanos. Conseguiu-o? A camara o dirá.

Termina o debate. Faz-se a votação da moção. Rejeitam 57, approvam 19. O sr. ministro do fomento manda para a mesa algumas emendas ao orçamento.

Amanhã ha sessão.

No Senado

O caso da transferencia do batalhão de Tavira e a questão duriense

Secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Lourenço Serro, o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada ás 14,30. Respondem 28 senadores. Acta approvada e expediente ao seu destino. Galerias desertas. Na bancada ministerial o sr. Victorino Guimarães.

Antes da ordem o sr. Rodrigues Gaspar chama a attenção do sr. ministro das finanças para a situação em que se encontra a Camara Municipal de Bragança ha annos esbulhada d'uma certa quantia que lhe pertence e que deve ser liquidada a favor da mesma.

O orador esclarece um ponto tocado na ultima interpellação do sr. Lima Duque ao sr. ministro das colonias. Parece-lhe que o sr. Lima Duque concluira das palavras do sr. Norton de Mattos que não um governo, mas todos os governos eram culpados de não terem attendido as requisições vindas do governador geral de Angola. Isto não é verdade, pelo menos pelo que diz respeito ao ministerio a que pertenceu.

No seu ministerio todas as referidas requisições foram satisfeitas até onde foi possivel satisfazel-as.

O sr. ministro das finanças diz ao sr. Rodrigues Gaspar, quanto ao caso da Camara de Bragança, que já mandou averiguar.

O sr. Sousa Fernandes quer que vá ao seu destino um projecto que indevidamente dorme no seio das commissões e que diz respeito ao concurso para praticantes de finanças. Este projecto foi o anno passado apresentado pelo sr. Evaristo de Carvalho e approvado no Senado.

O sr. Paes Abranches envia para a meza um longo projecto sobre regimen cerealifero e pergunta ao sr. ministro das finanças o que ha sobre a crise angustiosa da industria das lãs.

O sr. Victorino Guimarães responde que alguma coisa se fez já e que o seu collega do fomento em breve trará ao parlamento medidas tendentes a debellar essa crise.

O sr. Nunes Garcia, a proposito dos inglezinhos andarem de habitos talares, diz que elles estão ao abrigo do «statu quo ante».

O sr. Pedro Martins desejava que o sr. ministro das finanças lhe dissesse o que ha sobre a verba de 29 contos das despezas provaveis da sua proposta e respeitantes ao movimento de 14 de maio.

O sr. Victorino Guimarães diz que tal verba apenas tem 8.000 escudos descriminados. Logo que o esteja em absoluto apresentará essa descriminação ao Senado.

O sr. Silva Gonçalves responde ao sr. dr. Nunes Garcia. O que disse na ultima sessão de sexta-feira vae repetil-o, porque com essas asserções não faltará á verdade. Por esse paiz além ha ainda nas administrações verdadeiros processos inquisitoriaes para perseguir os parochos. Elle, orador, foi perseguido e expulso da sua parochia pelos caciques que viveram da monarchia como vivem hoje da Republica.

Quanto aos habitos talares, esse facto magoa-o. Não é admissivel que padres estrangeiros usem habitos que aos portuguezes são vedados.

Que isso se não dê, são os seus votos para que lá fora se não diga que Portugal é apenas um protectorado da Inglaterra.

O sr. Nunes Garcia affirma mais uma vez que na Republica todos os portuguezes vivem em liberdade.

O sr. Alberto da Silveira refere-se ao caso da transferencia do 1.º batalhão de infantaria 4 de Tavira para Faro. Não é um caso banal. Não é mesmo um caso de musica a mais ou a menos como alguem disse. Não: o caso é mais sério e mais grave do que isso. Trata-se d'uma questão eleitoral á moda da monarchia.

(Entra na sala o sr. ministro da guerra).

A auctoridade civil praticou n'este caso factos bem censuraveis, pedindo votos e fazendo promessas e chapelladas.

O que se fez foi violentar e magoar uma cidade que já no tempo da monarchia era uma das cidades mais republicanas do Algarve. O sr. ministro da guerra procedeu mal porque continuou dando ao paiz a impressão de que o exercito é ainda um joguete nas mãos dos politicos de campanario.

O sr. ministro da guerra e presidente do ministerio responde ao sr. coronel Silveira que no caso de Tavira apenas cumpriu a lei.

Não houve no caso pressões politicas de quem quer que fôsse, nem elle orador as admittia. E' garantia d'estas palavras todo o seu passado politico.

Ao finalisar a sua resposta communica ao Senado que o sr. ministro das colonias participou na outra camara a morte em Africa pelo gentio do capitão Robi, militar heroico, irmão d'um outro egualmente morto em Africa.

Pede ao sr. presidente do Senado que seja telegraphado á familia do brioso militar o voto de pezar d'esta casa do Parlamento.

Associam-se a este voto de sentimento os srs. Sousa Junior pelos democraticos, Paes Gomes pelos evolucionistas, e Alberto da Silveira pelos unionistas.

Este ultimo orador responde ainda ao sr. ministro da guerra sobre o caso de Tavira.

O sr. ministro do interior communica depois ao Senado os factos anormaes occorridos na região duriense e já communicados na outra camara.

O sr. Fortunato da Fonseca pede providencias ao sr. ministro do interior contra os açambarcadores de drogas pharmaceuticas tão necessarias aos doentes como o pão para a bocca.

O sr. ministro do interior promette dar providencias energicas.

O sr. Teixeira Rebello diz ao sr. ministro do interior que póde garantir sob sua honra que os factos do Douro não attentam contra o regimen. São apenas explosões de quem tem fome e vê a sua região prejudicada.

Como não haja mais ninguem inscripto, encerra-se a sessão até ámanhã á hora regimental.

O PROBLEMA DO PÃO

O sr. senador Paes Abranches apresentou no Senado um importante projecto de lei em defeza dos interesses da agricultura nacional e das classes pobres. Por elle se regula o preço dos trigos, das farinhas, do pão de familia, se prohibe a exportação dos adubos chimicos e organicos, se permitte a importação dos adubos chimicos livres de direitos, reduz-se o preço do transporte de adubos no Caminho de Ferro com o bonus de 60 por cento e estabelece-se o premio de dois escudos por cada hectare de terreno que fôr semeado de trigo, premio este que será abatido na contribuição de 1915, a pagar em 1916. Eis na integra o projecto:

Artigo 1.º—A partir do dia 15 d'agosto proximo futuro e até ao fim do anno cerealifero de 1915-1916, todas as fabricas de moagem matriculadas, excepto as que unicamente forneçam farinhas para o fabrico de massas e os moinhos e azenhas e fabricas de moagem que só fabriquem farinhas em rama, serão obrigadas a produzir trez typos de farinha de trigo, sendo as percentagens de extracção de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades, 20, 40 e 18 por cento aos preços respectivamente de quatorze centavos, dez centavos e oito e meio centavos cada kilogramma, não podendo o preço do pão de *mil grammas* (pão de familia) fabricado só com farinhas de trigo, ser em caso algum superior a nove centavos.

Paragrapho unico.—Será permittida fóra de Lisboa e Porto a venda de farinha de trigo em rama ao preço de oito centavos cada kilogramma.

Artigo 2.º—O trigo nacional adquirido pelas fabricas de moagens matriculadas ou não será comprado ao vendedor com o augmento de meio centavo em cada kilogramma de trigo a mais do que o preço da tabella a que se refere a base primeira da lei de quatorze de julho de 1899.

Artigo 3.º—No anno cerealifero de 1915-1916 fica auctorisada a importação de 120 milhões de kilogrammas de trigo exotico cujo despacho será permittido para consumo no continente da Republica e archipelagos da Madeira e Açores só depois de se provar pela chamada para manifesto do trigo nacional que não ha trigos nacionaes para o consumo como muito bem o determina a base 2.ª da lei de 14 de julho de 1899.

Paragrapho unico.—O despacho do trigo exotico só será permittido até 31 de julho de 1916.

Artigo 4.º—A importação do trigo a que se refere o artigo anterior será rateado pelas fabricas de moagem *matriculadas*, nos termos do decreto de 3 de abril de 1899, e que até ao dia 30 de agosto do corrente anno declarem na direcção geral de agricultura se desejam importar as suas quotas no rateio dos trigos exoticos.

Paragrapho unico.—A Manutenção Militar fica auctorisada a importar os trigos exoticos que julgue necessarios á laboração das suas fabricas e sem dependencia de declaração estabelecida *n'este artigo*, quando nos termos da base 2.ª da lei de 14 de julho de 1899 se prove não haver trigos nacionaes para o consumo.

Artigo 5.º—E' fixado em um centesimo de centavo por kilogramma o direito para o trigo que fôr importado nos termos d'esta lei.

Artigo 6.º—Todos os terrenos em cultura cerealifera que forem semeados de trigo no anno cultural de 1915-1916 gosarão do beneficio de dois escudos por hectare, beneficio que por meio de um titulo de annulação será encontrado na contribuição do anno de 1915, a pagar em 1916.

Artigo 7.º—Todos os agricultores do paiz por intermedio das Associações de Agricultura ou dos respectivos sindicatos, sejam ou não seus associados, poderão importar livres de direitos todos os adubos chimicos que necessitem para a cultura cerealifera de 1915-1916.

Artigo 8.º Ficam prohibidas as exportações de todos os adubos chimicos ou organicos até 31 de dezembro de 1915.

Artigo 9.º—Todos os adubos expedidos para os agricultores e respectivas associações agricolas terão o bonus de sessenta por cento nas tarifas dos Caminhos de Ferro.

Artigo 10.º—O governo fará os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei.

Artigo 11.º—Fica revogada toda a legislação em contrario.—O senador *José Paes de Vasconcellos Abranches.*

Noticias parlamentares

A discussão do orçamento vae a vapor, na Camara dos deputados. Ainda bem, porque o tempo urge e não convem perdel-o. Hoje coube a vez ao orçamento da justiça. O relator era o sr. dr. Antonio Macieira, e cinco vogaes da commissão, os srs. Almeida Ribeiro, Ernesto de Vilhena, Mello Barreto, Alvaro de Castro e Alvaro Pope, tinham assignado o parecer com declarações. Entretanto, a Camara approvou-o quasi sem discussão.

* *

O sr. Francisco Trancoso annunciou uma interpellação ao sr. ministro da marinha sobre o ultimo concurso para lentes da Escola Naval, declarando que deseja realisal-a antes de entrar em execução a lei de 13 de julho de 1911, referente a esse estabelecimento de ensino. Por seu turno, o sr. Alberto Xavier tambem vae interpellar o sr. ministro da instrucção sobre o reconhecimento de certos direitos a determinados candidatos a vagas nas escolas de ensino elementar industrial feito por um decreto que o interpelante julga inconstitucional.

* *

Até agora, as despezas com degredados existentes no deposito de Loanda, incluindo passagens e manutenção dos mesmos, importavam em 105 contos e eram pagas pela colonia. Mas tanto Angola como as outras provincias ultramarinas protestavam contra semelhante sacrificio, que lhes era imposto contra sua vontade. Veiu a lei de 15 de agosto de 1915 e mandou que as despezas com degredados passassem para a metropole. Foi para tornar effectiva essa disposição que o sr. Ernesto de Vilhena apresentou hoje uma emenda na Camara, a qual se destina a pôr as coisas no seu verdadeiro logar.

* *

Disse hoje, na Camara, o sr. ministro das colonias que em fins de agosto, principios de setembro, estaria pacificado todo o sul de Angola, devendo n'essa altura estar concluidas as operações militares que ali se veem desenvolvendo ha tempos a esta parte. Oxalá que os factos confirmem as palavras do sr. Norton de Mattos, tão satisfatorias que não haverá, decerto, quem não se regosije com ellas.

* *

A seguir ao orçamento da justiça, entrará em discussão ou o das finanças ou o do interior. O primeiro tem já o seu parecer elaborado. Relatou-o o sr. Ernesto de Vilhena. O segundo, que foi relatado pelo sr. Almeida Ribeiro, tambem está já concluido, devendo ser impresso o respectivo parecer depois do das finanças.

CAMINHOS DE FERRO

As exigencias da Companhia

A representação entregue hoje no Parlamento pelos moradores da linha de Cintra

A commissão de moradores da linha de Cintra que vem protestando contra os abusos commettidos pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, entregou hoje, no parlamento, uma representação ao sr. dr. Antonio Macieira, fundamentando largamente as suas reclamações e chamando a attenção de deputados e senadores para as moções e propostas votadas no comicio publico realisado na Amadora, no mez findo.

A commissão, que precede as reclamações de uma energica accusação contra o despotismo da Companhia, é composta dos srs. Alberto Nunes Freire Quaresma, Alvaro Figueiredo de Almeida, Alvaro da Fonseca Junior, Alvaro Nogueira Gonçalves, Antonio Rodolpho Vicilas Costa, Armando Borges de Almeida, Carlos Paredes, Esteves Rodrigues, Eugenio Vieira, Francisco Martins, Guilherme Eduardo Gomes, Henrique Helder Pedroso, Jacintho Gomes, Joaquim Luiz da Costa Nunes, José Bento da Costa, Luiz Ghira de Aguiar, Narciso Augusto Leal e Victor Alfredo Alves.

Na representação entregue ao governo encontra-se tambem um protesto do vice-presidente da Camara de Cintra contra a completa immundicie que se nota na estação d'aquella pittoresca villa, sem duvida merecedora de mais attenções.

* *

Foi, effectivamente enviado para a meza o parecer sobre o orçamento do ministerio das finanças. Ao que consta n'esse trabalho fixa-se a divida fluctuante, referida a 30 de junho, em 91.273 contos, sem falar na conta corrente com o Banco de Portugal, na importancia de 27.000 contos, por d'essa importancia não adivirem encargos para o Estado. Os encargos calculados, provenientes da divida fluctuante elevam-se a 5.000 contos. Para pagamento de differenças cambiaes diz-se que se fixa no parecer uma verba de 3.435 contos.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou o sr. Carnegie, ministro da Inglaterra.

—Entrou a barra a canhoneira *Zaire* rebocada pelo vapor *Vulcano* e rebocador *Valle de Zebro*, que se encontrava no serviço de fiscalisação no Algarve, em virtude de ter soffrido uma avaria na machina. Depois das reparações segue novamente para o serviço de fiscalisação.

—Uma commissão de Santo Thyrso conferenciou hoje com o sr. ministro da justiça, a quem pediu a construcção de um edificio para a cadeia civil d'aquella comarca.

—O sr. ministro do interior tem quasi concluida a reforma de policia que deve apresentar ao parlamento talvez ámanhã ou depois.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

SPORT

O pugilista Blink Mac Closkey

Por uma circumstancia accidental está em Lisboa um celebre jogador de socco, o americano Blink Mac Closkey. Aproveitando essa circumstancia, alguns emprezarios quizeram aproveitar o pugilista. Mas... a exigencia do contracto fez affastar muitas pretensões! O Stadium, porém, seguindo a marcha das suas «iniciativas e arrojos», acceitou o encargo, combinando-se para quinta-feira proxima uma exibição do terrivel americano e para domingo um combate com o mais forte dos nossos hercules profissionaes.

Fez bem o Stadium em organisar estes espectaculos?

Evidentemente que sim, porque mostra aos lisboetas uma celebridade do «ring» de athletismo. E' certo que se torna difficil encontrar um adversario para Closkey, mas a difficuldade é substituida pela «sinceridade» do combate, porque em frente d'elle deve apparecer um rapagão que pode orgulhar-se da sua força phisica e da sua extrema valentia.

Closkey, por sua vez, não é um scientifico. E' um batalhador. E' um combatente rude e d'uma energia excepcional. D'elle disse Leon See, o director de «La Boxe et les Boxeurs» no dia seguinte áquelle em que Closkey esmagou o famoso Marcel Moreau, nos tempos em que este se orgulhava da sua «fórma» maravilhosa, a 20 dias apenas de ter vencido Lacroix:

«Mac Closkey esteve, indiscutivelmente, á altura das suas apresentações. «Encaixou», sorrindo, soccos capazes de abater um colosso. E quanto mais forte Moreau batia, mais se ria o phenomenal Blink.

«Moreau bateu-se com toda a sua força e energia habituaes mas todo o seu impulsivismo se quebrou deante d'uma verdadeira muralha inabalavel. O nosso campeão acabou por se cançar. Enfraqueceu tanto que o americano obteve vantagens!»

Nota do dia

Um gesto d'um campeão de Portugal

Disputou-se hontem, n'uma esplanada do Jardim Zoologico, o campeonato de espada da Federação Portugueza de Sports. A victoria coube a Jorge Paiva, alumno do mestre Carlos Gonçalves, esgrimista de excepcionaes recursos, que está jogando intelligentemente com um processo muito seu e que o mestre lhe aperfeiçoou.

Jorge Paiva ganhou muito bem; ganhou dominando todos os adversarios, quasi sempre rematando os assaltos em *flechas* fulminantes de rapidez e de opportunidade; ganhou sustentando excellentes combates, principalmente com o campeão de Portugal e seu companheiro de sala, sr. Carlos Farinha. E falando d'este, devemos salientar o seu bello espirito de *sportsman*, entrando n'um torneio, na contingencia de ganhar ou perder, isto é, aventurando o seu titulo de campeão.

Este acto de Carlos Farinha era hontem muito commentado. Causou estranheza porque se tornara costume o *campeão* não se arriscar em certamens seguintes. Por essa velha costumeira é que ainda se ouve falar, com certo untuoso respeito, de muitos consagrados, que um dia ganharam ou se notabilisaram mas que raras vezes na mesma epocha, e alguns nunca mais voltaram a apparecer. Carlos Farinha brigou contra esse habito e inscreveu-se. Ficou segundo, mas honrou o seu titulo. Elle mesmo o disse hontem:

—Na minha sala, de accordo com o mestre Carlos Gonçalves, resolveu-se concorrer a todas as provas e a todos os certamens. Eu firmei esse compromisso, que salvo caso de força maior, mas que então se justificaria, manterei sempre.

Mas o torneio de hontem ainda tem outra nota sympathica. Foi que se reuniram n'um jantar, no Martinho, vencedor e adversarios, companheiros da mesma sala e da sala Magalhães, que tambem concorreu. Fizeram-se brindes enthusiasticos e o mestre Carlos Gonçalves não se esqueceu de saudar os outros mestres, que, como elle, trabalham os seus alumnos e os vêem triumphar.

O resultado do torneio foi: 1.º, Jorge Paiva, S. A. C. G.; 2.º, Carlos Farinha, S. A. C. G.; 3.º *ex-aequo* Mario Noronha, S. A. C. G. e Marciano Beirão, da sala Magalhães; 5.º, Augusto Farinha, da S. A. C. G.; 6.º *ex-aequo* Domingos Gentil e dr. Manuel de Pitta e Castro, da S. A. C. G.; 8.º, Moutin Osorio, da S. M.

Algumas anecdotas

O peso era uma questão de mais ou menos cerveja

Bonelli, athleta famoso e campeão do mundo das justas á laça, esteve em Lisboa luctando greco-romana por occasião do primeiro campeonato internacional. Impoz-se pela sua força, pelo seu genio folgazão e... porque comia e bebia como ainda se não viu comer e beber! Uma vez, á porta do Suisso, chegou um empregado do Coliseu a perguntar-lhe o peso exacto para pôr no cartaz, com a maxima precisão:

—Olhe, amigo, peso de manhã uns 125 kilos e á tarde uns 140...

—O quê?...

—E' como lhe digo. Por exemplo, agora devo pezar mais uns quatorze kilos...

—Porquê?

—Por ter engulido umas vinte e sete cervejas...

Noticias

Entre nós

Torneios de water-polo

Começou no sabbado passado a disputa da Taça Naval de Lisboa, n'um campeonato em serie de «water-polo» organisado pelo Club Naval.

Os desafios decorreram sempre no meio do maior enthusiasmo, sendo algumas das passagens mais interessantes applaudidas pela numerosa assistencia que por completo enchia o Caes do Club e suas immediações.

O juri, sob a presidencia do sr. Hypacio de Brion, e com o auxilio do Club organisador, conseguiu dar começo ás horas marcadas em reunião do juri.

Os desafios foram renhidos, comquanto os «teams» manifestamente superiores não se tivessem posto em contacto.

O primeiro desafio foi jogado entre o Sport Algés e Dafundo e o Gimnasio Club Portuguez, vencendo o primeiro por 4 «goals» a 0.

Da primeira «quipe» faziam parte os srs. Bessons Bastos, Costa Duarte, José Ferreira, C. Roquete, Alfredo Carvalho, João Holbeche, Manuel Moniz e do Gimnasio os srs. José Formosinho, João Formosinho, Antonio Caldas, Alberto e José Sousa Brandão, Cesar de Jesus e na segunda parte o sr. Djalma Bastos. O «referee» foi o sr. Arnold Stocker que se houve com proficiencia, procurando ser o mais possivel imparcial, chronometrando os srs. Frederico Soares e Correia Leal, do C. I. F.

O segundo desafio foi entre o Club Naval e a Associação Naval de Lisboa, vencendo o primeiro, cujo «team» era representado pelos srs. Stocker, Rydes, Moura, Aquins, Oliveira Duarte, Rozendo Silva e Dias da Silva.

Da «equipe» da Associação Naval, faziam parte os srs. Alberto Portugal, Fernando Costa, José Rodrigues, Carlos Santos Silva, Luiz Serra Pereira e José Faria, faltando-lhe um jogador.

Este desafio não foi menos interessante do que o primeiro, sendo arbitrado imparcialmente pelo conhecido sportman Dario Cannas.

O enthusiasmo por este jogo cada vez é maior como se viu pela grande afluencia de espectadores. Arnaldo Garcez, por deferencia para com o Club, prestou-se a photographar as «equipes», tirando algumas passagens interessantes.

Os proximos desafios são no dia 31 do corrente, entre o S. A. D. e A. N. S. e G. C. P. e C. I. F. ás 18 horas, no Caes do Club.

Os 100 kilometros da U. V. P.

Foi hontem muito bem disputada a corrida dos 100 kilometros da U. V. P. Apesar do excessivo calor os tempos foram magnificos como se verifica pelos resultados seguintes: 1.º, Albano Ferreira, do L. G. C., em 3 h. 37' 40"; 2.º, Arthur Silva Amaral, em 3 h. 59' 45"; 3.º, Ramiro Madeira, em 4 h. 47'; 4.º, Antonio José Christiano, em 4 h. 3' 8"; 5.º, Raul Duarte, em 4 h. 6' 50"; 6.º, João Ferreira, em 4 h. 40' 3".

A «Taça» passou do Sporting Club de Portugal para o Lusitano Grupo Ciclista.

Foram eliminados quatro concorrentes, entre elles os trez que constituiam a «equipe» do Bombarral.

Hontem, no Stadium

Foi uma bella tarde a de hontem no Stadium. Houve concorrencia de espectadores, animação e uma emocionante corrida de motocicletas. Na corrida internacional, Vilada ganhou mas provou-se que havia prejudicado o sr. Soares Junior. Este foi dado como vencedor, decisão que o publico muito applaudiu. Os resultados das corridas foram os seguintes:

Nacional: 1.º Carlos Fernandes; 2.º, Piedade; 3.º Antonio J. Christiano.

Motocicletas, amadores: 1.º, Raul Affonso; 2.º, Antonio Francisco Marques.

Internacional: 1.º, Soares Junior, 2.º, Guilherme Anton. Desclassificado, L. Vilada.

Motocicletas: 1.º, Innocencio Pinto; 2.º, Manuel Neves. Arido de Albuquerque, cahiu.

A Noruega e os turistas allemães

Uma fonte de receita que seccou este anno

Não são muito amigaveis os sentimentos dos allemães para com os norueguezes. Pelo menos assim se depreliende da seguinte local, que, por interessante, recortamos da *Vossische Zeitung*:

A Noruega attrahia nos ultimos annos grande quantidade de forasteiros, para o que não pouco concorreu a viagem annual de recreio que o kaiser costumava fazer, no verão, áquellas paragens. Como quasi em toda a parte, os allemães formavam a maioria d'esta torrente de turistas, e dos paquetes de recreio que de todos os paizes affluiam á Noruega e ao Spitzberg, os allemães eram os maiores e os mais bellos. Toda esta clientela allemã e estrangeira está hoje perdida para os norueguezes, pois as nações em guerra encontram para os seus navios melhor applicação que a de transportar turistas á Noruega. Além d'isso, é preciso não esquecermos que a Noruega é n'este momento pouco attrahente para os turistas allemães. Ao contrario da Suecia, a opinião publica norueguesa é as mais das vezes pouco amigavel para com a Allemanha, e os successos da guerra actual são tratados ali por fórma que nos não pode ser sympathica e nos causa frequentemente repulsão.

Tão pouco podem os norueguezes esperar a concorrencia de outros forasteiros, e os proprios americanos não devem ter grande desejo de vir até á Europa. D'ahi, como a Noruega, nos ultimos annos, retirava só do turismo uma receita total de 20 milhões de marcos em cada verão, soffre uma grande perda, que não é para desprezar tratando-se de um paiz pobre como aquelle.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A conquista de Plassans»

A infatigavel casa editora Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, incluiu na sua collecção «Horas de leitura», de que constituem os numeros 112 e 113, esta obra de Emilio Zola, o mestre incontestado da escola realista. Do valor da obra, desnecessario é falar, pois a sua critica de ha muito está feita, limitando-nos por isso apenas a accentuar o verdadeiro serviço que aos amadores de boa leitura e de bons livros presta a casa Editora. Edição elegante e ao alcance de todas as bolsas.

«O piano de Clara»

Da mesma casa sahiu o 10.º volume da collecção «Perez Escrich», o conhecido escriptor hespanhol. Illustrado com uma bella capa artistica, volume com perto de 200 paginas, esta historia, tal é o presente obra, que não podemos deixar de recommendar aos que gostam de entreter as horas de ocio sem perverterem o espirito.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — Não ha espectaculo.

EDEN — A' 20 1/2 e 22 1/2 — O diabo a quatro.

APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Rosa tirana — Revista.

Boatos e informações

ENTRE NÓS

Acha-se publicado o n.º 10 do *Album theatral*, illustração quinzenal que tem como director litterario Avelino de Sousa. Insere o retrato da grande actriz Virginia acompanhado de uma serie de bellos sonetos em alexandrinos, firmados pelo referido director litterario.

A distribuição da peça *A amante de meu genro*, que n'uma das noites proximas sóbe á scena no Politheama, é a seguinte:

Pontbichot, Ignacio Peixoto; *Grésillon*, Luciano de Castro; *Raphael*, Clemente Pinto; *Barão Flechard*, Antonio Sarmento; *Crick*, Casimiro Tristão; *Clara Taupin*, Palmyra Torres; *Helena Grésillon*, Maria Dolôres; *Celeste Pontbichot*, Julia d'Assumpção; *Joanna Pontbichot*, Izilda Vasconcellos; *Rosalia*, Etelvina Salatti; *Justina*, Fernanda d'Almeida

Circos & Music-halls

Com um delicioso e surprehendente espectaculo da moda realisa-se hoje, no Coliseu dos Recreios, a despedida da bella companhia de variedades, que tanto agrado tem obtido. Os programmas de Julio Villar, o celebre comediante parodista, e o de Silva Carvalho, notavel transformista, são dos mais chistosos. Mariucha, a famosa bailarina e Los Alpinos completam o espectaculo, que tem uma parte de deslumbrante animatographo.

SALÃO DA TRINDADE — A's 20 e 22 — Companhia infantil — A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos, Variedades, da calçada da Estrella — A's 21,30 — Soldado chocolate.

Jornaes novos

Começaram a publicar-se em Lisboa «A Rua», semanario humoristico, e o «Catorze de Maio», orgão dos revolucionarios e de que é redactor principal o sr. Raymundo Alves.

Aos novos collegas os nossos votos de prosperidades.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

MUSICA

«Maria Luiza» é o titulo de uma inspirada valsa do sr. Carlos Soeiro da Costa, distincto compositor a quem já se devem outros valiosos trabalhos musicaes. Acha-se publicada n'uma excellente edição.

NATURISMO

AVELLÃS — 20 % albumina, 65 % oleo, 15 assucar, 3 % saes

E' de lastimar que os cultivadores da terra não plantem aveleiras que se dão muito bem junto das correntes d'agua. E' a arvore mais productiva da Flora nacional.

A avelã é o fructo oleaginoso e azotado mais rico que existe. Dá energia e resistencia: precisa ser muito bem triturado e reduzido pelos dentes. As avelãs são receptaculos de energia e como todos os fructos similares alimentos completos na verdadeira acepção do termo. Não ha ninguem que não goste das avelãs que são pelo sabor a mais procurada noz. As avelãs são deliciosas ao paladar e gratas ao organismo pois que ajudam a reconstruil-o com solidos materiaes, offerecidos pela natureza aos homens que infelizmente tanto desprezam as leis da verdadeira Dieta.

As avelãs são um fructo indigena das zonas temperadas e frias: indicam á humanidade que as devemos usar na nossa alimentação. São um alimento delicado e poetico até, as avelãs!

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Eden de Santo Amaro

Projectam-se grandes festas, promovidas por alguns membros da colonia veraneante em Santo Amaro de Oeiras, no dia 24 do corrente, dia da inauguração na presente epocha do elegante Casino balneario junto á praia de Oeiras. N'essa noite haverá baile, abrilhantado por um sextetto de conceituados professores.

TOURADAS

Campo Pequeno. — Com um programma sensacional, realisa-se na proxima sexta-feira a inauguração das corridas nocturnas. Lidar-se-ha um curro, de casta hespanhola, pertencente ao conceituado ganadero sr. Alves do Rio, e na corrida toma parte o espada Malla. O «clou» da festa será o facto de cavalleiro José Casimiro lidar todos os touros da corrida, unica no genero que se tem realisado na praça do Campo Pequeno.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Chauffeurs em Portugal

Para resolver sobre as resoluções a tomar perante a postura municipal ha hoje, ás 21 horas, na séde da associação, largo de S. Domingos, 11, 2.º, uma reunião magna, a que são convidados a comparecer todos os interessados.

Commissão parochial republicana do Sacramento

Para tratar de assumptos importantes, reune ámanhã, ás 20 horas e meia esta commissão, pedindo-se a comparencia de todos os seus membros.

CANTINAS ESCOLARES

A de Arroios fornece 180 refeições por dia

A commissão de beneficencia escolar de Arroios publicou agora as suas contas relativas ao anno findo, pelas quaes se vê que a receita foi de 804$44, a que, addicionando-se o dinheiro em caixa, na importancia de 71$32, e o fundo de reserva em deposito no Monte-pio geral, no de 376$68, se eleva a 1.243$44. A despeza foi de 718$61, havendo portanto um saldo de 524$83, sendo: dinheiro em caixa, 58$84, fundo de reserva em deposito no Monte-pio geral, 465$99.

Mercê do augmento de receita, ponde ser augmentado para 180 o numero de refeições diarias fornecidas aos alumnos mais reconhecidamente pobres.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 16. — No commissariado de policia realisa-se no dia 30 do corrente o concurso para o prehenchimento de 24 vagas de guardas ali existentes, podendo os concorrentes entregar na respectiva secretaria os seus documentos até áquelle dia.

—Deu entrada na cadeia Lucas Cerveira Nunes, por ter vendido a Maria do Rosario, viuva, moradora no Terreiro da Erva, um fio e uma moeda de metal dourado, dizendo que era ouro.

—O sr. dr. Costa Lobo, professor de mathematica na Universidade foi convidado pela «Sociedade para o avanço das Sciencias em Hespanha», a tomar parte no congresso scientifico que se ha de realisar em outubro em Valladolid. Tenciona-se ali fazer uma conferencia sob o thema «Athmospheras e temperaturas astraes».

—O horario approvado para o serviço dos officiaes de barbeiros é o seguinte: ás quartas feiras, das 8 ás 22 horas; sabbados das 8 ás 24 e todos os outros dias, das 8 ás 20.

—O sr. dr. Marnoco e Sousa digno director da Bibliotheca da Universidade ordenou a immediata entrega dos livros que andam por fóra, os quaes, na sua maioria estão fazendo muita falta para quem ali precisa de estudar.

Esta deliberação é digna de todo o louvor.

—No commissariado de policia estão depositados para serem entregues a quem provar que lhes pertencem, um lenço de seda e uma pulseira de ouro.

—No dia 25 do corrente deve ser inaugurada em Cantanhede uma nova carreira de tiro, havendo ali por tal motivo pomposas festas. As Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria n.os 10 e 25, d'esta cidade e da Figueira da Foz assistem á inauguração, acompanhadas pelas bandas de infantaria 23 e 35.

Movimento maritimo

Madeira e Açores «San Miguel»	20
Bordeus «Sequana» (Brazil)	20
Bordeus «Sequana» do (Brazil)	20
Brazil e R. da Prata «Essequibo» (Liv.)	21
Africa occidental «Malange»	22
Braz. e R. da Prata «Am. Ponty» (Hav.)	22
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv.)	22
Bordeus «Divona» (Brazil)	23

punham aos austriacos na Galicia e os restantes aos allemães ao longo da fronteira polaca. D'essas tropas russas na Polonia — excluindo as da Galicia — o maior numero parece ter sido concentrado na parte sul da linha, para os lados de Cracovia. N'essa direcção estavam as tropas que haviam repellido os austro-allemães de Iwangorod por Kielce a Olknor e Cracovia, assim como o principal exercito que tinha seguido o grosso dos allemães que haviam retirado ao longo da linha do caminho de ferro de Skierniewice a Czestochowa.

A falta de caminhos de ferro na Polonia assim como a de qualquer linha parallela á fronteira d'esse lado tornava a transferencia de grandes massas de tropas russas d'uma parte da linha para outra — do sul para o norte, ou vice-versa — difficil. Os allemães, do outro lado, tinham no seu dispôr um systema completo de caminhos de ferro, que augmentava enormemente a sua mobilidade. Esse facto, permittindo aos allemães amontoar tropas com facilidade n'um ou n'outro ponto muito mais rapidamente do que o seu inimigo, era sufficiente para contrabalançar qualquer superioridade numerica da parte dos russos.

Aproveitando a vantagem que isso lhes dava, como a principal força russa estava na esquerda ou parte sul da linha, d'onde só a muito custo podia ser transferida, os allemães fizeram cahir o pezo do ataque sobre a relativamente fraca direita russa.

Falando-se da «direita» russa, devemos recordar-nos sempre de que a guerra no theatro oriental se estendia n'uma fronte de batalha ininterrupta do comprimento de 1.120 a 1.280 kilometros, do Baltico aos Carpathos. N'essa extensa linha, a região Thorn-Vistula não ficava muito acima do centro russo. Mas para bem se comprehender a narrativa é necessario dividir esse grande campo em sectores e tratar das operações na Prussia Oriental, na Polonia e na Galicia, respectivamente como campanhas separadas, embora na verdade dependessem umas das outras.

Na data a que nos referimos era na area do sul que, depois da ultima tentativa sobre Varsovia, o perigo da invasão russa no territorio allemão parecia mais imminente. Ahi, no que geralmente se chama a linha Czestochowa-Cracovia, e ainda para além, na Galicia, estavam concentradas as principaes tropas russas. E a sombra d'essas tropas quasi cobria os ricos e industriaes districtos da Silesia. Ao mesmo tempo, emquanto Przemysl resistisse e Cracovia se mantivesse firme, um avanço serio russo n'essa linha pelo valle de Oder era obviamente difficultoso. Ao norte de Cracovia para Czestochowa, de novo a posição defensiva allemã era muito forte. O terreno prestava-se a isso magnificamente e, como um communicado official russo confessava francamente, nos quatro mezes desde o começo da guerra os allemães tinham tido tempo de «se fortificarem com extraordinaria força.»

O perigo para a Silesia era, pois, menos immediato do que podia parecer á primeira vista. Mas contra a grande força russa n'esse sector era melhor que os allemães se limitassem mais ou menos a uma acção defensiva por detraz das suas formidaveis defezas e descarregassem o golpe contra a parte mais vulneravel da linha russa mais ao norte. Um successo ahi obrigaria com certeza a uma retirada na linha Czestochowa-Cracovia.

Foi, como dissémos, de Thorn para Wloclawek que a primeira offensiva allemã havia sido «noticiada» a 14 de novembro. Essa offensiva foi assignalada por uma grande violencia ao longo da margem esquerda do Vistula e pela linha do caminho de ferro para Kutno e Lowicz. N'essa fronte os russos tinham apenas, ao que parece, trez corpos d'exercito e o avanço allemão em breve assumiu o caracter d'outro e mais determinado ataque contra Varsovia. Era alta estrategia. A tomada d'essa cidade, apoz o insuccesso recente, seria um triumpho de primeira magnitude; e, pelo menos, como se

dental começaram tambem a mostrar certa tendencia para tomarem a offensiva. N'um telegramma do grande estado maior general russo, as tropas austriacas no seu avanço eram descriptas como «uma massa operando em differentes direcções» e abrindo caminho «muito cautelosamente».

Essa massa era commandada pelo general von Auffenberg e pelo archiduque José Fernando, sendo o commandante da cavallaria o general Böhm-Ermolli. Era composta dos restos dos exercitos dos dois primeiros generaes e de reforços allemães. Movendo-se n'uma estreita fronte e com excessiva lentidão constituia uma força formidavel e perante ella os russos, emquanto a sua cavallaria volteava continuamente em redor da fronte e dos lados d'essa massa, recuaram na primeira semana de outubro para além da linha do San. Ahi, pararam. Como já dissemos apenas por um extraordinario feito de armas os russos haviam conseguido atravessar o San, em direcção inversa, na peugada do inimigo fugitivo.

Essa retirada parcial deixou respirar Przemysl, cujos fortes occidentaes estavam libertos a 10 de outubro — o mesmo dia em que Varsovia ouvia pela primeira vez os canhões allemães — e tinha livres as communicações com os seus amigos e com Cracovia. Os russos, porém, avançavam ainda sobre a praça pelo lado oriental. Embora as suas principaes forças estivessem a leste do San, a cavallaria continuou a fazer «raids» e reconhecimentos a leste do rio.

Chuvas ininterruptas haviam posto as estradas n'um estado deploravel, mas apesar d'isso houve um combate com a cavallaria no lado esquerdo ou occidental do San a 13 de outubro e outro mais violento a sul e sudoeste de Przemysl no dia 16. No dia 18 os austriacos fizeram um esforço desesperado para atravessaram o rio, mas foram repellidos. Esse esforço repetiu-se nos dias seguintes, com a maior bravura mas sem resultado, e as aguas do rio carregaram grande numero de cadaveres austriacos para Sandomierz e Ywangorod.

Durante esses dias tambem a lucta a sudoeste de Przemysl, entre Sanok e Sambor, augmentou de intensidade e ahi os russos disseram ter, no dia 20, feito grande numero de prisioneiros n'um movimento envolvente executado pelas tropas que estavam sob o commando do general Dmitrieff.

De todos os combates as descripções são incompletas, mas é evidente que muitos delles assumiram uma feição violentissima, apesar do terreno estar encharcado e meio innundado. A 21 ou 22 de outubro — no momento em que os allemães começavam a retirar de Varsovia — os ataques austriacos pareciam ter perdido o vigor. O communicado official russo começou a falar do «nosso avanço» nas cercanias de Przemysl e grandes combates se travaram em redor de Jaroslaw, emquanto mais ao sul uma divisão austriaca parece ter sido completamente esmagada nas proximidades de Sambor a 28 de outubro.

Nos ultimos dias do mez houve uma lucta muito confusa, na qual a iniciativa passou para o lado russo. Nos primeiros dias de novembro os russos tomaram definitivamente a offensiva no San e, tendo repellido todas as tentativas do inimigo para passar o rio, começaram elles proprios a fazer a passagem. A 4 de novembro acamparam em diversos pontos da margem occidental e no dia 6 a noticia d'uma completa victoria foi celebrada com um «Te-Deum» no quartel general russo, assistindo a essa cerimonia o czar.

Assim findou por um insuccesso em todos os pontos a primeira invasão austro-allemã na Polonia. Quando esse insuccesso se tornou evidente, os allemães deram a toda a operação o nome de um simples «reconhecimento». Se foi um reconhecimento, nunca houve na historia nenhum que tantas perdas custasse e tão mal conduzido fosse. Mas um reconhecimento não se faz com milhão e meio de homens e não da or

gem a combates como o que se travou em frente de Ywangorod.

Mais tarde, dois mezes depois de reconsideração, a narrativa official allemã das operações, publicada a 15 de janeiro do corrente anno, estabelecia uma nova theoria, que não é muito facil acceitar.

Segundo essa theoria, como as tropas allemães podiam ser dispensadas da Prussia Oriental, resolveu-se que ellas auxiliassem a Austria. Com esse objectivo, um exercito austriaco, tendo addido um contingente allemão, sahiu de Cracovia a 28 de setembro—a data é approximadamente certa—pela margem esquerda do alto Vistula em direcção a Sandomierz. Nada se diz do avanço simultaneo dos outros exercitos allemães. Era simplesmente um movimento de flanco contra as tropas russas da Galicia para auxiliar os austriacos. A esse tempo havia apenas seis divisões de cavallaria russa na Polonia a oeste do Vistula.

Infelizmente, segundo o ponto de vista allemão, os austriacos não souberam tirar vantagem da nova situação. Não puderam atravessar o San, embora o exercito austro-allemão invasor tivesse avançado com o maior ardor para Ywangorod. Não tendo os austriacos podido fazer recuar os russos, o inimigo poude concentrar grandes massas de homens, atravessando o Vistula, em Sandomierz e Josefow, que ameaçavam cercar a direita das forças combinadas a leste de Opatow.

Ao mesmo tempo grandes forças russas avançavam de Ywangorod. Só então é que o avanço sobre Varsovia foi resolvido, a fim de distrahir o inimigo e fazer com que algumas das suas forças não cahissem sobre o exercito austro-allemão. A difficuldade em dar credito a essa parte da narrativa é que os allemães estavam já perto de Varsovia dez dias antes de começarem os seus desastres.

A força russa que avançou sobre Varsovia era muito mais numerosa que o primeiro exercito allemão, n'uma proporção de pelo menos quatro para um. Por isso reforços allemães foram trazidos—do segundo exercito, o que elles não confessam—e começou uma contra-offensiva para atravessar o Pilitsa a fim de cahir sobre o flanco dos russos por Varsovia. Isto teria indubitavelmente dado resultado, mas mais uma vez os austriacos tinham por sua parte falhado. Deixaram-se repellir de Ywangorod, por Radom e Kielce, pelo que a direita allemã ficou tão exposta que nada podia fazer em vista da grande superioridade numerica do inimigo, tendo toda a linha de retirar para além da fronteira, movimento que os exercitos allemães executaram com a sua habitual serenidade, destruindo todas as estradas e caminhos de ferro á medida que recuavam.

Este summario da versão official allemã é principalmente interessante pelo seu tom pouco generoso e quasi brutal para com os austriacos. Como historia seria das operações póde apenas ser sustentada concedendo que quem a fez ignorava completamente as datas e contou ás avessas os factos principaes da campanha.

Uma das coisas, porém, que transparece d'essa narrativa é provavelmente verdadeira e vem a ser que, emquanto o quarto exercito austro-allemão era enviado para Iwangorod para impedir que qualquer força russa atravessasse o Vistula nas cercanias desde essa praça ao San, o primeiro exercito era mandado sósinho para Varsovia, ficando os outros exercitos de reserva para essa contra-offensiva pelo caminho de Pilitsa, que devia cahir sobre o flanco dos russos quando estes viessem em soccorro de Varsovia. Infelizmente para os allemães, quando os russos vieram foi em tal força e com tal impeto que esmagaram o primeiro e o quarto exercitos, não escapando tambem da destruição os da reserva.

O que teria succedido se von Hindenburg, em primeiro logar, tivesse enviado uma força maior para tomar Varsovia, ou se Mackensen, com a força que tinha, não tivesse deixado de aproveitar a opportunidade de se apoderar da praça quan-

do esta esteve á sua mercê, é difficil dizer. Talvez não pudesse ser defendida contra as forças que a Russia mandou em seu auxilio. Pelo menos, porém, a historia d'essa campanha na Polonia teria sido muito differente e esse insuccesso inicial allemão teria sido menos inglorio do que foi.

Era de suppôr que os allemães se não conformariam com a derrota que haviam soffrido. Os russos tinham-nos tratado, incluindo algumas das suas melhores tropas, com a mesma sem cerimonia com que primeiro haviam tratado os austriacos. A natural e inevitavel resposta devia ser uma vigorosa e immediata contra-offensiva.

General russo Alexieff

Muito antes dos exercitos allemães invasores terem sido obrigados a recuar para a sua fronteira, soube-se que grandes forças estavam ainda sendo concentradas em Thorn e Breslau. Apoz os successos russos na Galicia, dizia-se que tropas allemãs tinham sido transferidas da fronte occidental para a oriental. Sabe-se agora que essas noticias eram verdadeiras. Asseverou-se em Petrogrado que o inimigo tinha nada menos de 3.000.000 homens em frente da fronteira polaca promptos para um novo avanço. A 10 de novembro os russos haviam não só repellido o inimigo para fóra da Polonia, mas entre Kalisch e Thorn destacamentos dos exercitos do general Ruzsky tinham penetrado em territorio allemão á distancia de trinta e dois kilometros. Na mesma data outras tropas russas, das forças do general Ivanoff, estavam a egual distancia de Cracovia. No dia 14 annunciava-se de Petrogrado que uma contra-offensiva allemã havia sido «noticiada» de Thorn na direcção de Wloclawek.

Que o numero de 3.000.000 homens de tropas austro-allemãs na fronteira polaca era exaggerado ha razão para o crêr. Nas operações entraram uns vinte e dois ou vinte e trez corpos d'exercito, com alguns destacamentos addidos. Entre estes havia algumas tropas de primeira linha, mas não muitas. Algumas d'estas tinham sido empregadas nos ultimos esforços para alcançar um successo definitivo na fronte occidental. D'esses vinte e dois corpos, ao que parece apenas cinco eram do activo allemão. Com elles estavam oito corpos de reserva, sendo os restantes da «landwehr» e da «landsturm».

Tambem, ao que parece, houve uma certa mistura de tropas austro-hungaras com os exercitos allemães. Além d'isso, as forças austro-hungaras, sob o commando do duque Alberto de Wurtemburg, parece terem sido divididas em trez exercitos, tendo cada um trez corpos, com unidades addicionaes. As tropas austriacas tinham, porém, soffrido tão grandes perdas que a formação de muitas das suas unidades era agora muito irregular. As forças combinadas austro-allemãs n'essa fronteira deviam subir a cerca de 2.000.000 homens.

Contra ellas os exercitos russos, já grandes, estavam sendo constantemente reforçados. Suppõe-se que no principio de novembro o total das forças russas de Varsovia aos Carpathos subia a trinta e cinco corpos d'exercito, quinze dos quaes se op-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1780 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 20 de Julho de 1915 | Telephone n.º 2293 — Endereço telegr. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Norte e Sul

No momento em que o Douro faz ouvir as suas reivindicações, que já deram aso a scenas de violencia na sua região, o Sul começa a apresentar tambem as suas reclamações. Não seria necessario mais para justificar a ponderação com que o governo deve estudar esta questão. Ella não é apenas regional: é nacional, e muito embora ao Douro assista inteira rasão nas suas reclamações essenciaes, não ha duvida tambem que os seus interesses implicam, em varios pontos, com os interesses do Sul, e que todos os interesses legitimos devem merecer do Estado a mesma desvelada attenção.

Se ha quem diga que o Douro não tem sido favorecido pela Republica falta redondamente á verdade. Foi a Republica que annulou as contribuições do Douro, que estavam em divida, n'um praso de cinco anos. E não se pode affirmar que a Republica tenha jámais pensado em affectar os interesses d'essa região. Agora mesmo, apesar das violencias commettidas contra serviços do Estado, violencias que nada justifica, o governo se empenha, com a commissão delegada dos interesses do Douro, em encontrar uma formula que satisfaça os seus desejos.

Simplesmente, o governo não é só o governo do Douro, mas o governo de todo o paiz, e desde o momento em que se chocam reclamações diversas, feitas por classes e regiões por egual attendiveis, elle faltaria ao seu dever se só pensasse em satisfazer umas e despresasse as outras, quando lhes reconhecesse egualmente justiça.

Esta questão necessita d'uma solução conciliadora, e essa solução só pode ser encontrada com serenidade e ponderação. Não basta dar provas de resistencia. Se o Norte as dá, o Sul tambem as pode dar. A queima dos papeis nas repartições publicas nada prova. Se alguma coisa provasse, seria porventura o emprego de um processo inadmissivel para nunca pagar contribuições. Não acreditamos em tal designio. O que se tem passado no Douro não é mais do que um acto de desvairamento. E' mau desvairar n'estas questões, mas o Sul tambem poderia desvairar. Tambem pode assaltar muitas repartições de fazenda. E isso seria a forma de ganhar uma causa? Não! Só aggravaria a situação, dando-lhe um aspecto de questão de ordem publica, em que os governos não podem transigir.

Que quer o Norte? Que quer o Sul? Ao governo cumpre ouvil-os e attendel-os no limite do possivel, e no dominio da justiça e da utilidade geral. Cedam todos os que poderem ceder, e estabeleça-se o «modus faciendi» para uma solução que não deixe vencedores nem vencidos. E' isto o que é necessario, é isto o que é justo, é isto o que a opinião publica deseja e o que os superiores interesses do paiz exigem.

Mal de nós se todas as questões, do caracter d'esta, que affecta a economia nacional e interessa á vida de populações inteiras, não são resolvidas por este criterio de equilibrio. Não seria governavel um paiz em que só se procurasse obstar a violencias por meio de concessões que beneficiando determinados interesses, embora legitimos, ferissem de morte outros interesses, não menos legitimos. E o futuro d'esse paiz desenhar-se-hia, sem duvida, com as mais negras côres.

O governo está em face d'uma questão complicada. Por isso mesmo quanto mais ardentemente as paixões se revelarem, como effeito de interesses feridos, mais ponderação, mais serenidade, mais firmeza devem caracterisar os seus actos. Raras são as questões em que se não póde chegar a um accordo. Aquella de que n'esta occasião se trata não deve ser insusceptivel de se chegar a um entendimento necessario, justo e claramente definido.

A NOSSA ESCOLA DE AVIAÇÃO

Homens que pedem azas...

Como se devem recrutar os futuros pilotos portuguezes

A aviação, entre nós, está prestes a sahir da phase metaphisica para entrar no periodo positivo, e já não é sem tempo. Não temos ainda aviadores, nem aeroplanos sufficientes, nem sequer instructores habilitados: mas possuimos um campo, que, segundo todas as apparencias, é excellente, e a innegavel boa vontade de um ministro que fez da defeza nacional a sua preoccupação favorita. A Escola de Aviação Militar, dentro em breve, não existirá apenas no papel; eu proprio tive já occasião de visitar as respectivas installações, quasi concluidas em algumas semanas de intenso labor.

Quer dizer que se approxima o momento de iniciar a instrucção dos nossos primeiros aviadores militares. Qual o criterio que presidirá á escolha dos candidatos? Eu não sei o que a tal respeito pensa a respectiva commissão, mas isso não obsta a que se fixem desde já algumas considerações que a tal respeito me são suggeridas pela palestra dos interessados e pela leitura dos competentes.

Como em toda a parte se tem feito e como é manifestamente logico, a situação de piloto de aviões deve ser preenchida por voluntariato. Não se póde impôr a ninguem a entrada para o corpo de aviadores militares como se impõe a um recruta a arma de infantaria ou de cavallaria, nomeadamente pela simples consideração de que o serviço executado pelos aviadores é tanto mais efficaz quanto maior dedicação possuem pelo seu mister.

A escolha de individuos destinados á frequencia da nossa escola de aviação tem de ser feita, portanto, entre as centenas de patriotas que se teem offerecido e que continuarão certamente a offerecer-se ainda.

«A Capital» publica, desde algum tempo, uma longa lista de nomes inscriptos como candidatos a aviadores. Entre esses nomes encontram-se militares e civis. Deverão porventura excluir-se desde já os civis, visto tratar-se de uma escola militar? De fórma alguma. Em primeiro logar porque nada mais facil do que militarisar os que não pertencem ao exercito ou á marinha, e depois, porque é sempre mau desprezar, n'uma questão d'esta natureza, boas vontades que no momento opportuno tão utilmente poderiam prestar serviços á sua patria. Além d'isso, o facto tem precedentes nas proprias Escola de Guerra e Escola Naval, onde teem entrado muitos civis que se transformam depois em excellentes officiaes.

Dos candidatos admittidos á frequencia da Escola de Aviação e que, por consequencia, ficariam «ipso facto» sendo militares escolher-se-hia ainda um numero limitado que fôsse «desde já», a expensas do ministerio da guerra, obter o «brevet» de aviadores em qualquer campo de instrucção francez ou inglez. Porque, entre os offerecidos, alguns ha que teem condições excepcionaes a aproveitar. Ahi estão por exemplo tres casos que acabam de me ser revelados e que cito para melhor elucidar a minha these.

O primeiro é o sr. Norberto Gonçalves, que em Vianna do Castello, n'uma insua do Lima, sem reclamos estrondosos, sem outro interesse mais que o de uma enorme paixão desportiva, conseguiu realisar alguns vôos n'um apparelho Blériot, tipo «Traversée de la Manche», mantendo-se por vezes durante algum tempo a 15 metros de altitude. O sr. Norberto Gonçalves offereceu-se ao ministerio da guerra, juntando ao requerimento algumas photographias deveras interessantes dos seus ensaios, feitos por iniciativa propria, sem instructores e sem subsidios. E' claro que este senhor, mais do que qualquer outro, póde dar a garantia de que a sua aprendizagem no estrangeiro será rapida e portanto pouco dispendiosa para o Estado.

Identico caso é do sr. Antonio Barbosa, que acaba de vir a este jornal declarar o seu desejo de fazer parte do futuro corpo de aviadores militares. «Chauffeur» de raro sangue frio, familiarisado com o automobilismo até os minimos pormenores, o sr. Antonio Barbosa deliberou um dia ir, á sua custa, frequentar uma escola de aviação. Foi. Em Buc, na Escola Borel, teve dezoito lições, e se não continuou a sua aprendizagem é porque n'essa altura se lhe esgotaram os recursos.

Com o sr. Antonio Barbosa veiu tambem a esta redacção inscrever-se na lista dos candidatos o sr. Francisco Alvares Rodrigues, mechanico de aviação, que acompanhou Sallés em todas as suas tournées em Portugal e que já foi empregado na casa de construcção e de reparação de aeroplanos Caudron.

Vê-se, pois, que as boas vontades não faltam, e que tambem não faltam os bons elementos. O ponto é que, como devem, os queiram aproveitar.

Hermano Neves.

Poeira da Arcada

Contemporaneos nossos, que nós não apreciamos como merecem, encontram no estrangeiro quem se interesse pela sua obra de escriptores, vinga-do-os do esquecimento que tão injustamente os escurece. Alcançam um optimo premio para a sua legitima vaidade.

Uma ponta de desdem surge logo nas suas palavras, quando se referem a coisas da Patria. O seu grande desejo seria tomar o mundo para testemunho da injustiça de que são victimas. Como não é possivel, mostram ares de quem sobrenada ás miserias humanas.

Fitam vagamente o espaço e passeiam nas ruas, como se partissem do principio de que viajam no Infinito. Isto aligeira-lhes muito o passo. Conseguem assim consumir dias inteiros tão proximos da lua que nem dão pelo vozear da turba.

Graças a tão perfeito alheamento, sabem pouco dos factos do seu tempo, o que por sua vez lhes fornece azo para não admirarem as nossas glorias mais recentes.

* * *

Na basilica de Santo Antonio, em Padua, celebrou-se um Te Deum pela victoria das armas italianas, enchendo-se o templo de devota turba. Assistiram as auctoridades civis e militares, muitos senadores e deputados. Orou o padre Girardi da Messina que exaltou a figura de Victor Manuel III e o valor das tropas. As suas palavras causaram enthusiasmo.

No momento da benção, o orgão executou a marcha real, no meio de applausos e gritos de «Viva a Italia!» A cerimonia resultou tão impressionante que depois, nas ruas da linda cidade, o povo em delirio organisou uma manifestação aos creadores da grande Italia.

Um mesmo coração palpita hoje na patria de Dante. Sobre uma larga concordia de sentimentos, vae erguer-se o jardim da nova epopeia que eternisará o genio latino.

PARA GERMANOPHILOS LEREM...

A odisseia de um portuguez

e a selvageria allemã nos fortes da linha do Cubango

Quando se fez o balanço das nossas perdas no sul de Angola, entre a lista dos portuguezes que a sanha teutonica victimou encontrava-se o nome de Carlos Gonçalves Cardoso, chefe do posto de Dirico, a leste do Cuangar. A desolada familia pranteou-o como perdido para sempre. Imagine-se agora a alegria que fiveram os seus ao saberem que era vivo por uma carta ha pouco recebida de Cassinga!

D'essa carta, datada de 5 de maio, communica-nos um irmão do bravo militar os seguintes trechos, que dão bem as medidas das selvagerias commettidas então pelos allemães:

Foi verdade haver um combate no sul de Angola com os selvagens allemães. Participo-te que na noite de 30 para 31 de outubro ultimo, no Cuangar, onde estive algum tempo, os allemães massacraram a «guarnição» do forte, não toda: uns oito europeus e doze indigenas; isto ás 3 horas da madrugada, quando estava tudo no maior somno. Eu encontrava-me no posto militar de Dirico, que são 11 dias mais ao sul. Era o commandante do posto. Fui visitado por elles no dia 12 de novembro ás 5 horas da manhã, em que me mandaram entregar uma carta por um prisioneiro nosso para me render «no mais curto praso de tempo!» Já o Cuangar estava tomado por elles. Estava eu a lêr a carta que me enviaram quando n'isto rompeu o fogo da parte d'elles por duas metralhadoras e umas 50 espingardas boas, pois as nossas são muito velhas. Ora a minha guarnição era só de 14 indigenas. Mas tive tanta felicidade que pude salvar a vida a toda a guarnição salvando tambem correame, armamento e algumas munições com toda a honra, pois não retirei pé do meu posto. Houve uns oitenta tiros da nossa parte, mas pouco valeu, pois que as metralhadoras d'elles faziam um estrago medonho. O fim d'elles era o roubo de mantimentos e gados; apesar d'isso só puderam roubar o gado existente no posto. Perdi tudo quanto possuia, e que avalio em 275 escudos. Passei 23 dias dos maiores trabalhos que tenho passado, pois fiz uma viagem da foz do rio Cuito até ao Cuito Cunavel (?), tudo em regiões onde nunca viram um branco, sem uma manta para me cobrir e sem generos para o caminho. O que o gentio me dava era milho, fructos e ás vezes uma gallinha...

Ora aqui está uma leitura propria para alguns dos varios germanophilos que por ahi se exhibem, sem que o pudor, ao menos, lhes faça córar as faces de maus portuguezes...

Migalhas

Casas alegres

O alfacinha não tem nem póde ter o amor á casa, que é uma das primeiras bases da harmonia da vida. O lisboeta vive na rua, nas esquinas, nas portas de café e mal entra em casa para comer e dormir. Tem desculpa. Na verdade, como se podem amar as casas de Lisboa, feias quasi todas, forçando-nos á promiscuidade com outros locatarios, quasi sempre desconfiados e hostis? Para mim que affecto e que interesse se podem ter por umas paredes que nos não pertencem, onde vivemos de emprestimo e por aluguer, que outros occuparam antes de nós e onde outros virão viver quando as abandonemos?

O sonho de muitos—e eu sou um d'elles—seria uma casinha modesta e tranquilla, que tivessemos visto nascer e crescer, disposta a nosso gosto e dividida a nosso talante, onde não entrassem as curiosidades e que fôsse um pedaço de nós mesmos. Mas ser proprietario é um ideal intangivel para certas bolsas. Tudo é caro na capital: os terrenos e construcção. Estava pensando n'isto mesmo, quando ha dias, me mostraram pelas vidraças de um comboio a serie de construcções que em Miramar, cêrca do Porto, se edificaram sob a direcção intelligente e pratica de Teixeira Lopes. São pequenas edificações d'um caracter absolutamente nacional, cercadas de flôres e de verdura, claras e alegres, onde a vida deve ser boa e as horas devem correr tranquillas. Disseram-me mais que essas casas não chegavam a custar um milhar de escudos e estavam portanto ao alcance de muitas escarcellas modestas. Foram-se-me os olhos n'aquelle quadro de belleza simples, entrevisto no deslisar d'um rapido, e lastimei que ainda se não tenha pensado em realisar, cêrca de Lisboa e ás suas portas, fóra da barafunda das ruas principaes e da monotonia dos casarões antipathicos, uma iniciativa semelhante. Ha centenas de pessoas a quem o caso interessaria, podem crer. Por isso, provavelmente, nunca se tratará do assumpto.

André Brun

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Pelo telegrapho

Os italianos proseguem na offensiva

ROMA, 19.—Sobre as operações em terra a communicação official diz o seguinte:

Em Cadore a offensiva continúa favoravelmente. No Isonzo progredimos no planalto de Carso, tomámos varias linhas de trincheiras e fizemos 2.000 prisioneiros, entre os quaes 30 officiaes, apoderando-nos tambem de 6 metralhadoras e 1.500 espingardas. O combate continúa energicamente.—(*Havas*).

Os russos retiram ante os ataques allemães

PETROGRADO, 20. — Os combates continuam encarniçados. Os russos resistem energicamente, tendo, porém, retirado para melhores posições, repellindo furiosos ataques.—(*Havas*).

Mais uma nota americana

NEW YORK, 20. — No proximo sabbado seguirá para Berlim uma nota americana.—(*Havas*).

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

Hora da Raça

N'esta hora de sangue e de combate,
Patria, quero dizer-te o meu presagio!
Quero dizer a voz que te arrebate
E exalte sobre as ondas do naufragio!

Tento dizer-te o meu presentimento,
Fazer vibrar o coração do povo,
N'est'hora nova d'um descobrimento,
Na hora incerta d'um Restello novo!

Patria, perdôa... Eu venho alvoroçado!
Sinto em mim, n'um receio e ardor divino,
Que o momento da raça é já chegado,
Que és frente a frente, ó Patria, ao teu destino!

Venho de olhar, resar a tua Historia.
E, de fitar-te, frente a frente, a sós,
Revivi, delirando, a tua gloria,
Senti passar na sombra os meus avós!...

O' Patria, eu vi! No Promontorio Santo
Os duendes da raça, noite morta,
Annunciam a vez de um novo encanto,
—E uma figura, no alto, sonha, absorta!

Venho de ouvir a rude Prophecia...
—Somos na limia d'uma edade nova!
D'um lado a lucta e, ao fim, a alleluia,
D'outro a vergonha inerte ao pé da cova!

Ouço em meu coração todo um agoiro...
—Quem te prendeu o gesto de guerreira?
—Quem te poluiu o teu orgulho de oiro?
—Quem tornou tua alma prisioneira?

Quem te reteve o grito e a desafronta?
Quem te cegou o olhar, relampejando,
Ardente, alado, sob a alheia affronta,
Lusitano, ousadissimo, avançando...

Quem infamou a campa dos soldados
Mortos, Patria, por ti, armas nas mãos?
—(Camaradas, irmãos jámais vingados!
Fostes bem mais felizes, meus irmãos!)

Quem roçou verdes labios de peçonha
Em teus labios frementes de heroismo?
—Eras a Patria!... Deram-te a vergonha ...
—Eras a honra! Deram-te o cinismo...

Olha Naulila á espera! E o juramento
Que te fizeram, Mãe, de te vingar?...
O meu orgulho é um desvairamento,
Sinto o Aragão ao longe a soluçar!

Patria: tu eras alma... Ensanguentada,
Tua face pedia uma vingança.
E roubaram, ó Patria, a tua espada,
E quebraram, ó mãe, a tua lança...

Tu eras alma e aza destemida,
Impeto de luctar, gloria que exalta!
O esforço enobrecendo, erguendo a vida,
—Uma victoria, uma bandeira alta!

E vieram dizer-te o raciocinio
Que heroes não pensam, que almas não escutam,
A ti que eras orgulho, ardor, dominio,
Excelencia ideal dos que bem luctam!...

Fosse uma voz sómente, ó Patria, aquella
Que bradou altivez, gritou alerta!
Essa era a tua voz divina e bella,
A tua alma n'uma flor aberta!...

Fosse uma voz somente, o illuminado
Grito erguido sem echo, ermo e sósinho!
—Era o combate, o impeto sagrado!
—Ficasse a pel' nos tojos do caminho!...

Era a ascenção, a marcha vencedora
Sobre o pantano morto, a vida bella,
A acção, a acção, a prova redemptora!
A Patria, a Patria revivendo n'ella!

Era o direito á eterna garantia!...
(—Olha a Belgica, a arder, corpo em tortura!...)
Era o Futuro certo, a alleluia,
Ou a gloriosa e vasta sepultura!

Era a lucta ao serviço do Direito,
Eram de novo as paginas passadas!
(Olha:—a Belgica traz um Sol no peito:
—Seu coração de mãe, com sete espadas!...)

Era a alma affirmando-se divina,
Era a raça escolhendo a melhor senda!
Era a attitude eterna e leonina,
Era o gesto da raça e da legenda!

Eram de novo as naus sulcando os mares,
E os punicos orgulhos, ousadias,
Sonhos doirando em rutilos pomares,
Auroras madrugando eternos dias!

E era a alma impoluta, em desassombros,
O brio, o Amor, o esforço, o heroismo,
Um guerreiro ideal, de azas nos hombros,
Pairando, em plena luz sobre um abismo!...

—Ficasse o nosso corpo em mil pedaços
Pelo caminho asperrimo e fatal!...
E succumbisse o corpo em mil cansaços,
E morresse com honra,—Portugal!...

1915

AUGUSTO CASIMIRO

FOLHETIM D'A CAPITAL—20-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXVIII

O CASQUILHO

O filho do Nunes, mercador rico de pannos na côrte, tinha obtido, por intermedio do francez May, da Fabrica das Sêdas, um convite para a partida de pharaó em casa do ministro Sebastião José de Carvalho.

Quando o convite chegou, dobrado em tres cantos, com o seu aparo doirado e as suas tres obreias vermelhas á portugueza, o mochila correu a chamar o «menino»; o «menino» chamou o pae, que estava agarrado á viola a tirar os fandangos da Pepa; o pae, resplandecente de jubilo, gritou pela senhora Dona Mança, que veio chouteando, com a sua saia de estamenha, os seus coraes e o seu pente de tartaruga do Alemtejo; Dona Mança, tocada de ternura maternal, foi buscar as creadas; a Chiinha mulata com o papagaio, a Carapota engeitada do Hospital Real, a negra copeira, de alpercate branco, mais rebolada que um oitavado de chula, o negrinho da casa ganindo, vestido d'amarello como os pretos de S. Jorge,—e todos, negrinho, copeira, mulata, engeitada, mãe, pae, mochilla e papagaio, ouviram o menino, em pé sobre um tamborete de moscovia velha, lêr o primeiro pergaminho da sua nobreza de casquilho: «Os marquezes de Pombal esperam Vossa Mercê na sua casa á rua Formosa, para o serão de jogo de sexta-feira que vem».

—Bem te podiam ter dado senhoria, filho!—resmungou Dona Mança, com beiços d'enjôo, abanando os pendentes de diamantes das orelhas.

—Mas ha-de jogar como se a tivesse! —rugiu o pae, atirando a viola com estrépito sobre uma escrevaninha de xarão encarnado.—Ha de atirar ás chapoiradas de dobrões d'oiro pela meza fóra!

As pretas, o negrinho, a mulata, abanando a coifa de sete ramaes, riam, batiam as palmas, rebolavam os olhos:

—Menino em casa de siô marquez! Menino em casa de siô marquez de Pombal!

E o papagaio, solémne, empoleirado na pescoceira d'um cadeirão de sola, repetia, regugando, e estercando sobre o tapete de Arrayollos:

—Pombal! Pombal!

Em casa do mercador Nunes, ninguem mais parou. Logo se mandou recado ao alfayate dos casquilhos de 1770 o grande Neves, que fizesse em tres dias uma casaca nova de sêda «para o menino ir jogar a casa do senhor marquez»; outro recado ao illustre sapateiro Antonio Coelho, defronte da Cruz de Azulejo, ao Carmo, para uns sapatos de marroquim preto com os maiores fivellões de prata que tivessem entrado até ali nas salas da rua Formosa; terceiro recado ainda ao cabelleireiro Thomaz dos Reis, do Chiado, mestre admiravel que aprendera a polvilhar em França com o cabelleireiro de Luiz XV, Monsieur Dagé, para uma cabelleira de bolsa com rolos e alcachofa á franceza, em tudo semelhante ás do excellentissimo marquez de Pombal que—accrescentava sempre solémnemente o mercador Nunes—«convidára o menino para jogar com elle o pharaó». Compraram-se frascos de perfumes na loja do Leconte; um óculo novo de punho d'oiro no Lazaro; manguitos de renda de Bruxellas e meias de espinhas de prata nos Genovezes; e como era moda na côrte falar francez emquanto se jogava, o menino, perpétuamente «menino» apesar dos seus vinte e tres annos, foi desemburrar-se nos ultimos dois dias á rua da Figueira, a casa de João Roberto Doumeau, que annunciava na «Gazeta de Lisboa», como cincoenta annos antes Monsieur de Ville Neuve, lições de francez aos casquilhos fidalgos da cidade. Quando não beliscava as ancas da mulata ou não zangarreava na viola os fandangos da Pepa Olivares,—o mercador velho era certo a bailar cortezias, com o filho e com o mestre de dança, diante dos espelhos da sala. Visita que chegava, depois de lhe mostrar as pratas como era de boa etiqueta, Dona Mança, empenachada de plumas, perguntava-lhe logo:—«Sabe Vossa Mercê onde o meu menino vae na sexta-feira?» E o papagaio, empoleirado n'um bufete de talha doirada, respondia do canto, ouriçado e papudo como um ramalhete verde:

—Pombal! Pombal!

Chegado o dia, o casquilho espera, embrulhado na sua «roupa de pentear» que parece um triplice roquete de conego, a chegada do Neves com a casaca, do Reis com a cabelleira e do Coelho com os sapatos. Já está atrelado no pateo um côche de pinturas, emprestado pelo hollandez director da Fabrica de Faianças, para levar Sua Mercê á rua Formosa; dois creados da tabua, vestidos de redingotes vermelhos como os cocheiros e sotta-cocheiros da Casa Real esperam as ordens do menino, jogando ao sol o «passadez». O primeiro que chega é o cabelleireiro, em pé de dança, cheio de rendas, um quitó doirado á cinta, uma cabelleira «á la greca» no punho,—um mochila atraz, com o escadote e o folle. Negrinho, creadas, mãe, pae, um cão de fralda que ladra, um macaco que pincha, uma mulher de virtude que vende escapularios e cruzes bentas de S. Lazaro a Dona Mança,—tudo vem ao quarto do casquilho, pé ante pé, vêr enfiar e polvilhar a peruca. Já não é a cabelleira alta de topetes do faceira de 1720, crespa, enorme, derramada, ramalhuda de bucres; é a peruca baixa, elegante, colleante, alada, de rolos armados sobre a orelha, bordefrente largo descobrindo a testa, rabicho com laço de carretilha côr de rosa, que os dedos ageis de Monsieur Reis palpam, acariciam, levantam, e deixam cahir, leve como uma ave que poisa, sobre a cabeça aguda e chamorra de Sebastião Nunes. Chega a hora delicada dos polvilhos. O casquilho enfia um funil de papelão na cara; arma-se o escadote; e emquanto o mestre, empoleirado no ultimo degráu sacode no ar, com duas borlas d'arminho uma nuvem de pós de França,—o mochilla cá de baixo dá ao folle, e a farinha perfumada, espalhando-se finamente, tenuemente pela sala, vae cahindo por egual, pouco a pouco, grão a grão, sobre o pello de cabra finissimo da cabelleira de Sua Mercê. Tudo espirra,—Dona Mança e o cão, as mulatas e o negrinho; mas o cabelleireiro affirma que é aquella a moda de Paris; curva-se toda a familia do casquilho «parvenu»; e quando o mercador, respeitoso, pergunta a mestre Thomaz se é assim tambem que se polvilha o excellentissimo marquez de Pombal,—o papagaio, todo branco de pós de França, ri, encarrapitado no espelho do toucador:

—Pombal! Pombal!

O sapateiro vem já assomando á porta, mas tem de esperar uma hora que os polvilhos caiam,—para poder desembrulhar os sapatos e enfial-os, pequeninos, quasi rasos, sem tacão e armados de fivelões enormes de prata como os correões d'um côche, nos pés esguios de Sua Mercê. O ultimo a chegar, solémne como uma berlinda de D. João V, rotundo como o sino grande da Capella Real, é o glorioso alfayate Neves, cantado no «Fatuinho» de Manoel de Figueiredo, celebre entre os casquilhos celebres de 1770, que vem de bengala, rebolado, oleoso, lento, embrulhado na sua casaca vermelha como n'uma capa de asperges, trazer o redingote de seda que, em seu entender, tornará o filho do mercador Nunes digno de jogar o pharaó em casa do marquez de Pombal. E' uma peça sumptuosa de gorgorão preto, comprida, picada d'oiro, babada de rendas, forrada de seda verde-chicória, com manguinhas hollandezas feitas ao punho, algibeiras á Preston, botões meudos de prata como contas de camandula franciscana: emquanto o sapateiro, de joelhos, estica a servilha negra do casquilho e lhe mette pelas côxas os «rolos» que fazem as pernas mais altas,—o Neves assiste de longe ao enfiar da casaca; mira-a, remira-a; á distancia, com a ponta da bengala, desdenhosamente, toca de leve uma prêga, desfaz uma ruga importuna, compõe os bofes de rendas da camisa, dá um geito de graça aos perendengues d'oiro do relogio, e soberbo, indifferente, formidavel, profére a sentença que na sua bocca custava oito dobras de seis mil e quatrocentos réis:

—Vossa Mercê póde ir. Está casquilho.

Aquillo que ali ia, d'oculo de punho d'oiro assestado á orbita, casaca de seda negra, sapatinho rasteiro, fivella enorme, cabelleira «á la greca», bastão de punho de Limoges, lenço de rendas mettido na luva, descendo a escada nobre da casa entre o desvanecimento parvo do mercador, o orgulho risonho de Dona Mança e o saracoteio voluptuoso das mulatas mordidas de cio e de lunduns,—era genuinamente o casquilho de 1770, o elegante da burguezia pombalina, herdeiro do faceira de D. João V, antecessor ingenuo do «peralta» da Viradeira, do «janota» do tempo dos Francezes e do «pisa-flôres» ridiculo de 1820. [illegible] do elle subia ao côche, desde[illegible] til, a caminho da casa solar[illegible] Formosa,—a mãe Dona Ma[illegible] se toda na casquilhice do[illegible] nhando o absurdo d'um bra[illegible] nes, no tecto d'oiro d'uma no[illegible] Veados, em lisonja com o [illegible] Mellos e dos Dauns, pergun[illegible] tase ao mercador, que seguia [illegible] os olhos e que ameaçava co[illegible] um fandango desnalgado da [illegible]

—Quantas filhas solteiras [illegible] o senhor marquez de Pombal[illegible]

E o papagaio, ao sol, batend[illegible] verdes na janella do pateo, ria [illegible] lhadas:

—Pombal! Pombal!

JULIO DANTAS

SABBADO, 24:

XXIX.—As descidas de côche

No theatro Republica

procedeu-se hoje ás experiencias de resistencia

Procedeu-se hoje á experiencia da resistencia da parte já construida do novo theatro Republica. Ninguem, ao vêr a fragilidade apparente do cimento armado, se atreve a suppôr verosimil uma tal resistencia á carga; chega a parecer impossivel que se possa construir com tanta solidez e tão rapidamente.

A sala fica com a mesma disposição nas suas linhas geraes; as modificações principaes são para traz do arco do proscenio. Este, que foi todo consolidado com beton, mede 17m,50 de altura por 14m de largura. Ao fundo do palco ficam os camarins, com 2m,20 de largo por 3m,20 de comprido e 2m,80 de alto, dispostos em seis andares e nove compartimentos em cada um, servidos por uma escada tambem em cimento como o resto da construcção, havendo em cada andar uma varanda externa com W. C. e lavabo, olhando para um pateo de uma casa que lhe fica contigua.

O solo foi rebaixado ficando no mesmo plano do largo do Picadeiro e n'essa altura fica o primeiro andar de camarins; o segundo andar fica no plano da rua Antonio Maria Cardoso e á altura do terceiro andar fica o palco.

Foi na parte destinada aos camarins, já concluida, que se procedeu á experiencia. A resistencia fôra calculada para 250 kilos por metro quadrado, mas o empreiteiro da obra em cimento, o engenheiro industrial sr. Domingos Mesquita, levou a experiencia, para mostrar a solidez das obras n'aquelle genero, até á carga de 1:500 kilos, isto é, cinco vezes mais, com o flecha maxima de 7 milimetros, collocando 80 barricas de cimento com o peso de 150 kilos cada uma sobre uma viga com a secção de 0m,06 X 0m,22, mostrando assim resistir á carga de doze toneladas.

Esta resistencia cinco vezes superior á calculada é devida á qualidade do material e ao seu dispositivo.

Os seis andares de camarins foram construidos em seis semanas, o que faz esperar que o novo theatro seja inaugurado na epocha habitual, em novembro.

Para facilitar todo o trabalho da teia adoptou-se disposição differente da anterior, construindo dois montantes em betton armado a toda a altura do urdimento, 22 metros, acompanhando os pisos dos camarins, que servem d'appoio a duas colossaes vigas mestras de ferro, em N, sobre que se appoiam outras vigas, transversaes, que supportam toda a teia, ficando assim o vão superior completamente desembaraçado das vigas e asnas que difficultavam o trabalho. As duas vigas maiores resistem á carga de 500 kilos por metro quadrado, o que corresponde a 12,000 kilos por metro corrente.

Na plateia não fica uma só columna e não ser no *promenoir* porque os balcões e camarotes ficam suspensos das divisões d'estes ultimos, embora em alguns pontos avancem mais de 5 metros sobre a plateia. Ao fundo da sala, os camarotes da segunda ordem ficam com uma galeria sobre o *foyer*; o atrio fica com o tecto mais levantado por ter desapparecido o grosso travejamento do antigo, em vista do pavimento superior ser de betton armado; as escadas ficam com a mesma disposição, bem como o jardim d'inverno, com a sua bella palmeira e o delicioso fresco do fundo.

O tecto da sala, suspenso nas linhas das asnas de ferro, é de *stuff*, uma substancia formada com linho e gesso, para evitar prejudicar as telas pintadas com que depois é coberto o que não succede com os tectos de madeira que depois, pela retracção das madeiras, apresentam mau aspecto e estragam as telas.

A machinaria do palco está quasi concluida.

Nas obras, projecto do architecto sr. Tertuliano e dirigidas pelo constructor sr. Joaquim Tojal, trabalham mais de 180 operarios, muitos d'elles até á meia noite.

—E em quanto estão orçadas as obras? perguntámos com uma bem natural curiosidade.

—Por emquanto não se pode fazer calculos a isso respeito, nem a empreza se embaraçou com isso. Custe o custar, o que a empreza quer é vêr o treatro reconstruido e prompto a funccionar.

Aviação militar

Para frequentarem o curso de pilotos-aviadores offerecem-se os srs. José Augusto Lopes Dias, licenceado de artilharia e empregado no commercio, morador na rua Rodrigues Faria, 28, 2.º, e Asdrubal Affonso Brandão Machado, rua do Olival, 238 rez-do-chão.

Fallecimentos

Foi muito concorrido o funeral, hoje realisado no cemiterio dos Prazeres, da sr.ª D. Maria Adelaide d'Albuquerque e Castro Felner. O cadaver, encerrado em urna, foi conduzido em coche preto puxado a duas parelhas, tendo sido depostas sobre o feretro, além de flores naturaes de seus irmãos Luiza, Elisa e Ernesto, de Flavio dos Santos, Bernardino Garcia, das suas creadas e do seu velho creado Manuel, corôas do marido, de seu filho Alfredo e esposa, de sua filha Amalia e marido, de seu filho Pedro, esposa e filho, de sua filha Adelia e marido, de seus netos Nini, José, Fernando, Nina, Carlos, Julio Arontes Pedroso, Manuel e José Rino, e de sua cunhada viscondessa de Villa Nova d'Ourem.

Victimas da revolução de 14 de maio

Agradecimento

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A commissão organisadora da piedosa homenagem aos seus camaradas mortos pela revolução de 14 de maio ultimo, na defeza da Republica, vem por este meio agradecer a todas as collectividades a sua cooperação em tão grandioso acto, pedindo desculpa de qualquer falta que involuntariamente tenha commettido nos agradecimentos directos.

A commissão promotora do festival no [illegible] de Campo de Ourique, d'esta capi[illegible] de hoje em deante, durante o [illegible] 8 dias, todos os requerimentos [illegible] da revolução, acompanha[illegible] umento ou documentos devi[illegible] authenticados pelas auctorida[illegible] estancias officiaes, que compro[illegible] em a identidade das pessoas [illegible] m, pela sua situação de pobre[illegible] ondições de serem contempla[illegible] commissão. Esses requerimen[illegible] apel commum, devem ser envia[illegible] o da commissão, na pharmacia [illegible] a Fonseca, rua do 4 de Infanta[illegible]

[PE]QUENAS NOTICIAS

Encontra-se aberta no Lisbona Esperantista Grupo, rua das Gaivotas, 6, ao Conde Barão, a matricula para um curso especial da lingua esperanto durante as ferias, regido pelo sr. Rodolfo Horner.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu hoje entrada Antonio d'Oliveira Amaral, morador na calçada do Balthazar, N. A., loja, que foi attingido em Campolide pelos estilhaços de um tiro de dinamite n'uma das pedreiras ali em exploração.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos deputados

Discutem-se o assassinio do tenente Bahr Ferreira e o orçamento do ministerio da justiça

A acta é approvada por 68 deputados. Lê-se o expediente. Concedem-se licenças aos deputados Pestana Junior e Angelo Vaz. Lê-se um officio do juiz da 5.ª vara civel, pedindo auctorisação para o sr. Nunes Loureiro intervir como perito n'um processo que corre na Boa-Hora. O sr. Loureiro esclarece que ha em Lisboa dezenas de peritos e diz que a camara abrirá um mau precedente se conceder a auctorisação pedida. A camara manifesta-se contrariamente ao pedido que lhe é feito. O sr. Pires de Vasconcellos envia para a meza uma representação, na qual a camara de Méda pede isenção de contribuição de registo na compra d'um predio para instalar os seus paços do concelho. O orador apresenta um projecto de lei, dando satisfação ao pedido que consta da alludida representação. O sr. Ramada Curto insurge-se contra o decreto que permittiu ás sociedades anonymas a emissão d'acções privilegiadas, dizendo que elle se presta a varias interpretações e a tranquibernias de toda a ordem, que põem em risco os interesses de milhares de familias. Trata-se d'uma questão importante que exige solução prompta e por esse motivo manda para a meza uma proposta-moção, na qual recommenda ao governo o referido decreto, ao mesmo tempo que lhe deixa a liberdade de o executar ou não. E' admittida com urgencia a dispensa do regimento, principiando desde já a discutir-se. O sr. ministro da justiça diz que o governo tem sempre o maior empenho em emendar erros manifestos e por isso, tomando como uma auctorisação a proposta do sr. Ramada Curto, declara que trará á Camara qualquer dia as medidas legislativas que o assumpto exigir.

O sr. Aresta Branco entende que a questão deve ser sufficientemente esclarecida. Algumas palavras do sr. Ramada Curto deixaram-no de sobre-aviso. Ha capitaes estrangeiros que querem abusivamente impôr-se aos capitaes portuguezes? Que se averigue esse facto sem demora. Concorda com a moção ou com qualquer outra que surja para que o caso seja quanto antes posto a limpo. O sr. Ramada Curto colloca a questão acima de todos os interesses pessoaes e portanto acima do prestigio dos ministros que assignaram o decreto em questão. Entende que ha no diploma que discute graves erros que devem ser remediados. Não faz por isso senão apontal-os á camara, certo de que ella os attenderá. A moção é approvada. O sr. Simas Machado pugna pela creação de sanatorios e estabelecimentos hospitalares, onde, á semelhança do que se faz lá fóra, sejam recolhidos os officiaes e praças, quer do exercito, quer da marinha, que as juntas de inspecção julguem invalidos, muitos dos quaes, presentemente, ostentam pelas ruas de Lisboa e outras terras a sua miseria e o seu desamparo. O sr. ministro da guerra diz que tenciona trazer ao parlamento um projecto creando o sanatorio militar que o sr. Simas Machado entende necessario na Ilha da Madeira. Se não fôsse a necessidade que o sr. ministro das colonias tem de estudar esse diploma, já elaborado, a camara já teria tido ensejo de o apreciar. A seguir, refere-se ao assassinio do tenente Bahr Ferreira, official distincto, republicano e verdadeiramente patriota. Trata-se d'um crime abominavel e, lavrando contra elle o seu protesto, propõe que na acta se lance um voto de sentimento pela morte do referido official. O sr. Antonio José d'Almeida, apreciando o caso, refere-se a affirmações do soldado assassino, o qual, ao ser interrogado, declarou que praticára um acto de defeza republicana. Como se comprehende que isso fosse verdadeiro? Como póde um official ou um soldado dar-se ares de julgador, fazendo justiça por suas mãos, fóra dos momentos que lhe compete fazel-o? O exercito tem de ser uma coisa disciplinada e cheia de prestigio. Precisa de ouvir o chefe do governo dizer que está disposto a fazer do exercito uma coisa nobre e disciplinada, para honra da Patria e da Republica. O sr. ministro da guerra insiste nas suas primitivas declarações. Nem tem elementos para fazer outras. Mas crê que a paixão politica não entrou absolutamente para nada. O sr. Antonio José d'Almeida disse que se tratava d'um crime, cujo castigo tinha de ser exemplar. Perfilha esse modo de vêr, e os tribunaes hão de, certamente, cumprir o seu dever. O sr. Ribeira Brava, pela minoria, associa-se ao voto de sentimento proposto pelo chefe do governo. A maioria está onde deve estar, ao lado dos que defendem a ordem e a disciplina. O sr. Aresta Branco associa-se tambem em nome dos unionistas. A proposito, diz que a indisciplina social chegou a toda a parte. Contra todos os indisciplinados é o seu partido.

O sr. Ribeira Brava:—O primeiro acto de indisciplina do exercito praticou-o elle por via d'aquelles que o incitaram a não ir para a guerra.

Irrompe uma certa agitação. O sr. Aresta Branco promette não esquecer a phrase.

O sr. Antonio Macieira:—Que vão as culpas a quem tocam. Pois quê? Já esqueceram a sua attitude aquelles que levaram o exercito a movimentos collectivos favoraveis á dictadura?

O sr. Aresta Branco, pondo termo ás suas considerações, exclama:

—Não esqueço, não esquecerei nunca o que acabam de me dizer!

O sr. Antonio José d'Almeida diz que não pode ninguem avaliar quanta estranheza lhe causaram as palavras do sr. dr. José de Castro. As suas palavras não desceram até ao fundo da sua consciencia. Como pode admittir-se que elle viesse para ali defender o acto d'um soldado que matou um seu irmão espiritual, republicano como elle? Não faz politica com o crime, mas verbera-o com toda a vehemencia de que é capaz. O sr. presidente do ministerio disse aquellas palavras que todos ouviram, porque não tinha outras. Trata-se d'um crime vulgar? Trata-se d'um acto de vingança pessoal? Trata-se d'um crime politico? E' preciso que isso se saiba, para que a Camara saiba o caminho que deve seguir. Foi sempre um acerrimo defensor das regalias do exercito. Mas d'esta feita é, acima de tudo, um defensor dos principios da humanidade. Uma coisa é necessario pôr acima de tudo, n'este momento. E' o respeito á disciplina, que tem de ser mantida bem alto, para que não se subvertam os principios em que assentam todas as sociedades. O chefe do governo replica. O que quiz, ha pouco, foi dizer que lhe parecia que o sr. Antonio José d'Almeida apontava certos pontos de defeza a quem tomasse á sua conta a causa do assassino. Enganou-se? Tanto melhor. Volta a affirmar que se trata d'um acto criminoso vulgar, e por ora mais nada póde accrescentar ás suas declarações. São tão claras, de resto, que não admittem sombra de duvida.

O sr. Antonio José d'Almeida—E' sina dos governos independentes custarem mais a entender que os outros!

O sr. ministro do fomento manda para a mesa uma proposta de lei regulando a questão do Douro. Depois, entra-se na ordem do dia—orçamento do ministerio da justiça. O sr. Barbosa de Magalhães conclue o seu discurso, voltando a referir-se á magistratura, que lhe parece ser superfluamente elogiada no parecer, e ás colonias penaes que teem de ser devidamente dotadas, para serem proficuas. O sr. Antonio Macieira, relator, diz que não elogiou nunca a magistratura nem podia elogial-a, por ser ella a culpada da revolução de maio, pesando-lhe ás costas todas as mortes que esse movimento popular fez. Effectivamente, a magistratura, podendo ser uma barreira intransponivel para os dictadores, sanccionou todas as leis que elles promulgaram, deixando de vigiar pelo respeito da Constituição. Exalta a obra dos lactarios da infancia, dizendo que ella se impõe á consideração de todos. O sr. Mello Barreto, que assignou o parecer com declarações, diz que não lhe dá o seu voto por elle trazer augmento de despeza. O sr. Constancio d'Oliveira diz que concorda com certas verbas inscriptas de novo no orçamento, avaliando em muito mais de 20 contos os augmentos de despeza propostos. O sr. Barbosa de Magalhães contesta affirmações do sr. Antonio Macieira sobre a magistratura. Em seguida encerra-se a sessão.

No Senado

A emissão de titulos da divida publica até 5 milhões de escudos—O orçamento das receitas

A sessão abriu ás 14,30, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Lourenço Sêrro.

Presentes á chamada 21 senadores, que approvaram a acta sem discussão.

Antes da ordem do dia, o sr. Paes Gomes insiste pela remessa de documentos do ministerio da justiça, ha tempo requeridos.

O sr. Lima Duque protesta contra o facto de o governo fornecer primeiro á imprensa do que ao parlamento informações de interesse geral, como succedeu por occasião do desastre de Naulila e ha 48 horas com a morte do capitão Roby.

Entra na sala o sr. ministro das finanças.

Aproveitando a presença de este ministro, o sr. Paes Gomes chama a sua attenção para o facto de em algumas repartições de finanças se exigir ao publico dinheiro que elle não deve.

O sr. ministro das finanças promette providenciar.

O sr. Lourenço Sêrro protesta contra o decreto do actual ministro da instrucção, sobre transferencias de professores dos liceus, e manda para a meza uma proposta de lei tendente a evitar os inconvenientes resultantes da applicação do referido decreto.

Passa-se á ordem do dia.

Lê-se a proposta de lei auctorisando a emissão de titulos da divida publica até 5 milhões de escudos, para designados melhoramentos no porto de Lisboa como a modificação da doca de Alcantara; construcção do molhe oeste da doca de Santos; construcção do molhe leste da mesma doca; construcção da 2.ª secção (Santa Apolonia ao Poço do Bispo); caes da Alfandega; acquisição de material de equipamento; installações de carvão, armazens e outras obras complementares.

O sr. Celestino de Almeida, que assignou com declarações o parecer da commissão de finanças, diz que ellas eram de caracter politico e não contra o projecto.

O sr. Herculano Galhardo, relator, depois de approvada a generalidade do projecto, apresentou um novo artigo a introduzir-lhe, pelo qual o conselho de administração do porto de Lisboa é auctorisado a emittir os titulos pela fórma que mais lhe convier.

O sr. Pedro Martins não concorda com a redacção da proposta, pois que o parlamento não auctorisa o conselho de administração a fazer a emissão, mas sim o governo.

O sr. Estevam de Vasconcellos entende que o emprestimo pode ser feito na Caixa Geral dos Depositos.

O sr. Herculano Galhardo modifica a sua proposta, no sentido de o governo poder fazer o emprestimo, global ou parcial, na Caixa Geral dos Depositos ou em qualquer outro estabelecimento bancario.

Foi approvado o artigo 1.º e depois a proposta do sr. Galhardo, que ficou constituindo o artigo 2.º. Os restantes artigos foram approvados com ligeiras emendas de redacção.

Começa a discussão do orçamento das receitas, na generalidade. O primeiro orador a falar é o sr. Pedro Martins, que começa por enviar para a mesa uma moção, pela qual o Senado lamenta que o «déficit» não seja inferior a 7.500 contos, áparte as despezas com a guerra na Europa e nas colonias, e que seja desacompanhado de documentos esclarecedores.

N'esta ordem de idéas discute o diploma, achando-o atribiliariamente organisado, sendo falliveis todos os calculos n'elle apresentados, sob o ponto geral das receitas. Mas não é pelo «déficit», que lamenta, que censura o sr. ministro das finanças. Não, muitas vezes um saldo é bem peior do que um «déficit», porque póde ser alcançado apenas á custa da miseria, em córtes feitos á tôa, na desorganisação dos serviços publicos; ao passo que ha «déficits» abençoados, porque tiveram a sua origem em despezas com obras productivas. Mas o «déficit» actual não tem nada d'isso, representando apenas uma desgraçada situação financeira. Analisa as receitas dos Caminhos de Ferro Portuguezes e nota que, tendo ellas decrescido nos ultimos annos, o sr. ministro das finanças, no seu orçamento, accrescenta-as de 360 contos, numeros redondos, isto n'um periodo de crise mundial, aggravado pela guerra europeia.

E' uma receita que devia ser eliminada, pela razão de que com ella se não póde contar. Quasi outro tanto succede com a contribuição predial, achando-se, de mais a mais, aggravadissima, e ainda mais falliveis são os calculos de receita com a contribuição de registo. Por isto se vê que, em verdade, o «déficit» devia ser muito mais elevado, para ser verdadeiro. Ora, o que é preciso é que se não apresentem orçamentos assim, que ao paiz se fale a verdade e se não esteja com sophismas que não illudem ninguem.

Tendo o orador concluido o seu discurso, o Senado admittiu a sua moção.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. ministro das finanças: Como professor, conhece os orçamentos inglezes, suissos e outros e sabe que elles não apresentam mais elementos de estudo do que os nossos, do que aquelle que está a discutir-se. O sr. Pedro Martins, estudando-o, chegou á conclusão de que são exaggerados muitos dos seus calculos. Elle, orador, tambem o estudou e não lhe vê os exaggeros apontados. São criterios diversos de estudo, e nada mais. Quanto á situação anormal a que chegámos, o governo não tem culpa d'ella, e se não fôra a dictadura, que impediu a discussão do orçamento no praso marcado pela Constituição, não se viria obrigado a pedir ao parlamento duodecimos, o que bastante lhe custou.

Quanto aos calculos, elles são o mais approximados possivel da verdade, tratando-se, é claro, d'um orçamento de previsões, como é o das receitas. De resto, ninguem sabe o que ámanhã poderá succeder, de que recursos haverá que lançar mão perante difficuldades que surjam, podendo aggravar-se muito mais a situação financeira, e é sempre má a que se baseia n'um «déficit». Se quizesse apresentar um orçamento com «deficit» menor, podia-o fazer; mas exactamente por que quiz falar ao paiz a linguagem da verdade não o fez.

Tendo dado a hora, o sr. ministro das finanças ficou com a palavra reservada para a proxima sessão, que é ámanhã.

A QUESTAO DO DOURO

Graves tumultos em Lamego

Dez populares, mortos

Por noticias não officiaes, vindas da Regoa e expedidas d'ali pelo chefe da estação telegraphica, constou hoje na Camara que em Lamego se deram acontecimentos graves e sangrentos. Segundo essas noticias, os povos de Armamar e de varias aldeias do concelho, revoltando-se, marcharam sobre Lamego, tentando assaltar e destruir o edificio da camara e queimar toda a papelada n'elle existente. Como acudisse uma força de infantaria 9, com séde n'aquella cidade, travou-se lucta, sendo os militares obrigados a servir-se das armas e a fazer fogo sobre os amotinados. As mesmas noticias dizem que ficaram mortos dez populares, sendo os revoltados postos em debandada pela força militar, que ficou depois guardando o edificio municipal e todas as repartições publicas. O governo e os deputados por Lamego pediram para ali noticias desenvolvidas, que não vieram, o que faz suppôr que os povos amotinados cortaram as communicações telegraphicas. Não se gasta mais d'uma hora a pé de Lamego á Regoa. Tudo leva, pois, a crêr, que sejam mais ou menos verdadeiros os boatos de acontecimentos graves que, por intermedio do telegrapho d'aquella villa, chegaram esta tarde a S. Bento.

* * *

A's 19 e meia recebemos a seguinte nota officiosa:

«Hoje uma multidão de populares armados das freguezias ruraes entrou na cidade de Lamego em manifestação ordeira. Cêrca do meio dia uma commissão de manifestantes conferenciava com a camara municipal, reunida em sessão, e com o administrador do concelho e quando tudo fazia esperar um termo á manifestação, a força publica, postada á entrada dos paços do concelho, foi inesperadamente aggredida.

Em consequencia d'isso, a força descarregou, victimando 10 pessoas e ferindo outras, algumas gravemente.

Logo depois a manifestação dissolveu-se e tudo voltou ao socego.

Nos outros pontos da região duriense, a ordem não foi alterada».

A commissão em S. Bento

A grande commissão de lavradores durienses que veiu a Lisboa tratar, junto do governo, dos interesses d'essa região, esteve hoje no Parlamento, onde se avistou, n'um dos salões, com os srs. ministros do fomento e dos estrangeiros. Effectuou-se, assim, uma curta reunião, que serviu para os durienses agradecerem ao governo o interesse que o Douro lhes merecera lendo o sr. dr. Antão de Carvalho a seguinte mensagem:

«A commissão delegada dos representantes das collectividades do norte do paiz, reunidos nos paços do concelho da cidade do Porto no dia 10 de julho corrente, recebe com muito agrado a communicação de haver o governo perfilhado o projecto de lei que teve a honra de lhe apresentar.

Este acto do governo significa o integral conhecimento da justiça que assiste aos povos do Douro na grave questão que se debate. A dedicada e leal acção do governo para solucionar este difficil problema deixa prever que obterá sem demora e sem difficuldade a cooperação intelligente e sollicita do Parlamento para o exito immediato dos seus esforços.

Mas se nos fosse cortada essa solução unica do remedio pelas medidas internas propostas, entende o Douro que restaria apenas para a solução dos seus direitos incontestados e inviolaveis o recurso supremo de suspender a ratificação até que a Inglaterra acceitasse a nossa definição de vinho do Porto.

Estes os motivos que obrigam a commissão a, sem embargo de confiança que deposita no governo e no Parlamento, deixar bem expressamente consignado o seu desejo, que é o dos povos que representa.»

Entre os commissionados e os srs. drs. Augusto Soares e Manuel Monteiro trocaram-se ainda effusivas demonstrações de cordealidade, affirmando-se de um lado e d'outro os melhores propositos de se conseguir que a questão se solucione a contento de todos e sem que soffram os interesses de quem quer que seja. A commissão assistiu da tribuna reservada á apresentação do projecto de lei que dá satisfação ás suas reclamações, retirando em seguida de S. Bento.

Uma nova proposta de lei

O sr. ministro do fomento apresentou hoje na camara dos deputados a seguinte proposta de lei:

A redacção do artigo 6.º do Tratado do Commercio com a Gran-Bretanha suscitou reclamações da parte dos viticultores da região duriense.

Ponderando devidamente o governo essas reclamações, foi levado a tomar uma resolução com o caracter provisorio e emquanto a Inglaterra não adopte a definição do vinho do Porto em conformidade com as nossas leis internas.

N'esse sentido, e sem querer affectar os legitimos interesses d'outrem, procurou o governo attender as reclamações do Douro, tanto quanto possivel, não permittindo a exportação para a Inglaterra de vinhos generosos que não sejam os de marcas regionaes definidas e garantidas pelas leis em vigor.

Como compensação ao sul do paiz, elevou o preço da aguardente a $00(3) por grau e litro d'este producto, o que representa por pipa mais 16$00 do seu valor ou, sejam mais 208.000$00 que esta parte do paiz receberá, uma vez que é de cerca de 13.000 pipas a quantidade de aguardente que manda annualmente para o Douro.

E' este um assumpto de grande importancia para a vida economica do paiz, o qual deve ser o mais rapidamente possivel resolvido e por isso submetto á vossa esclarecida apreciação a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º—Não poderão ser exportados, para a Inglaterra outros vinhos generosos, que não sejam os das marcas regionaes de vinhos generosos definidos e garantidos pelas leis em vigor;

Paragrapho unico.—Consideram-se «generosos» para os effeitos d'esta lei os vinhos, cuja graduação alcoolica seja superior a 14 graus centesimaes em volume ou que contenham uma quantidade de glucose superior a um por cento;

Artigo 2.º—E' elevado a trez milavos por grau centesimal e por litro de alcool o limite de preço de venda da aguardente indicado no artigo 24.º do decreto de 1 de outubro de 1908;

Artigo 3.º—A presente lei vigorará até que na legislação ingleza sejam adoptados os principios consignados na aclaração da lei n.º 298 de 23 de janeiro de 1915, de uma maneira efficaz e permanente.

Artigo 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.

A viticultura do sul

A commissão dos viticultores e commerciantes de vinhos do sul pede a publicação da seguinte nota:

Grande numero de commerciantes e lavradores procuraram hoje, na Camara dos deputados, o digno presidente da mesma camara e os srs. ministros dos estrangeiros e do fomento, a quem entregaram uma representação em que pedem para que todo o vinho que seja exportado para Inglaterra tenha o certificado de origem;—não e impedindo de forma alguma a exportação de vinhos licorosos do sul, com uma designação que bem pode ser a de vinhos licorosos do sul ou outra qualquer marca, que não possa por forma alguma ser confundida com qualquer marca dos vinhos do Douro.

* * *

O sr. dr. Nuno Simões, governador civil de Villa Real, enviou hoje o seguinte telegramma ao sr. Mello Barreto, deputado por aquelle circulo:

«VILLA REAL, 2)—Em nome do Douro, saúdo v. ex.ª, esperando que, na continuação da sua brilhante obra parlamentar empregará todo o seu valimento para o triumpho do projecto de lei que o governo apresenta hoje ao parlamento.—(a) —Governador civil, *Nuno Simões*.»

Dr. Affonso Costa

Accentuam-se as suas melhoras

O sr. dr. Affonso Costa levantou-se um pouco, dando um pequeno passeio pelo quarto. Depois de almoçar pelas 11 horas, esteve conversando animadamente com sua esposa e sua filha, com o sr. Tudella, com seu cunhado sr. José Belem e com os facultativos assistentes.

Pelas 12 horas, assignado pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery, foi affixado o seguinte boletim:

Pulsações, 70; respirações, 20; temperatura, 36,9. Não ha alteração a registar.

A's 16 horas, o sr. dr. Affonso Costa estava repousando. Durante o dia receberam-se muitos telegrammas e cartas a pedir informações e ao hospital foram, entre outros, o secretario particular do sr. presidente da Republica, sr. Levy Bensabat, e os srs. ministro da justiça, general Correia Barreto e Botto Machado.

Desenvolvimento das cooperativas de consumo

O sr. ministro das finanças recebeu hoje uma commissão delegada das cooperativas de consumo do paiz, que lhe entregou uma representação em que se solicitava ao governo varias providencias que interessam ao desenvolvimento economico d'estas utilissimas instituições.

Como parte d'essas reclamações dizem respeito a assumptos que correm por outras pastas, o sr. Victorino Guimarães encarregou o seu secretario sr. Arnaldo Mendo de apresentar as referidas reclamações ao seu collega do fomento.

Noticias parlamentares

A commissão do orçamento, reunida hoje, apreciou as emendas propostas pelo sr. Almeida Ribeiro, relator, ao orçamento das despezas do ministerio do interior. Diz-se que são bastante numerosas as alterações propostas, não tendo, por esse motivo, a commissão tomado completo conhecimento d'ellas. O parecer não foi, pela razão exposta, enviado para a mesa, ficando assim retardada por mais alguns dias a sua redacção.

* * *

Dizia-se hoje, com grande insistencia, pelos corredores da Camara, que a constituição do gabinete ia ser modificada. O sr. dr. José de Castro abandonaria a pasta da guerra, ficando apenas com a presidencia e com a pasta da marinha. Para a guerra iriam ou o sr. Barbosa de Magalhães ou o sr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, sobraçando n'este caso esta pasta o sr. dr. Barbosa de Magalhães. Era isso o que se affirmava hoje pelos corredores da Camara, ferteis sempre em boatos politicos de toda a ordem.

* * *

O sr. Aresta Branco foi quem hoje, na camara, a proposito do assassinio do tenente Bahr Ferreira, mais clamou e em mais alto tom o fez, contra a indisciplina que lavra no exercito e na sociedade portugueza em geral. Esqueceu o *leader* unionista que o seu proprio tecto tinha telhados de vidro, o que o fez passar pelo desgosto de haver quem lh'o lembrasse e fizesse erguer deante da sua eloquencia o espectro da guerra e o phantasma da dictadura. Perante essas duas sombras o sr. Aresta Branco teve um gesto—prometteu não esquecer. Pois cá se fica á espera da explicação que o unionismo dará... de tudo quanto nós sabemos...

* * *

A commissão de finanças, reunida hoje, discutiu acaloradamente o parecer sobre a lei dos cereaes, elaborado pelo sr. Ramada Curto, o qual foi approvado e enviado para a mesa. O projecto do ministro é mantido.

* * *

Votado o orçamento do ministerio da justiça, a presidencia ficará sem ter com que alimentar a ordem do dia, visto não haver distribuido nem um farrapo de parecer. Por não terem sido apresentados projectos que mereçam a attenção da Camara? Qual historia! Procuremos na celeridade com que as commissões trabalham a explicação do caso estranho.

Não temos remedio senão ser de opinião do sr. Ramos da Costa:—«As commissões trabalham tanto que nem sequer se dá por ellas». Não seria possivel fazel-as andar mais depressa um pouco?

* * *

Apesar de ter sido assignado com declarações por parte de cinco vogaes da commissão do orçamento, o parecer sobre o orçamento da justiça foi approvado, sanccionando-se assim o augmento de despesa de cerca de vinte contos de réis, proposto pelo relator. O caso não é unico nem é virgem. E' que não ha economias que vinguem quando a necessidade impõe despesas absolutamente inadiaveis. De maneira que o gesto d'aquelles que não deram ao parecer o seu apoio incondicional não passa de uma affirmação platonica de principios, sem sombra de effeito pratico.

A revolução no Mexico

WASHINGTON, 20.—Dizem do Mexico que os partidarios do general Carranza, tendo noticia de que uma columna volante, sob o commando do general Villa, avançava sobre a capital, abandonaram a cidade e deixaram-a entregue á administração civil.—(*Havas*).

A Cruz Vermelha no sul de Angola

O pessoal da ambulancia d'esta Sociedade que se acha destacado no Lubango junto das forças expedicionarias, e do qual fazem parte trez medicos e trez enfermeiros, emquanto não tem casa apropriada para installação dos seus serviços, está prestando serviço no hospital militar do Lubango, onde tem tratado, segundo as ultimas noticias, um total de 325 doentes no espaço de 45 dias. A seu cargo estão duas enfermarias de brancos e uma de pretos, as primeiras com 40 leitos e a ultima com um numero variavel de hospitalisados nunca inferior a doze. A maior parte do material sanitario e diversos artigos de necessidade n'um hospital tem a Cruz Vermelha dispensado do deposito que de Lisboa foi abundantemente provido.

Bomba que explode

devido á inconsciencia d'um carroceiro que a encontrára

«Ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo», diz, e com provada razão, um velho proloquio portuguez. Pois hoje nada menos de trez creanças escaparam miraculosamente ao explodir d'uma bomba de dynamite com que um carroceiro «brincou» mais de uma hora.

Na fabrica de ceramica do sr. José Bandouin, em Campolide, rua Soares dos Reis, é, pela terceira vez, carroceiro ha mais de um anno, Alexandre Ventura, de 30 annos, separado ha cinco de sua mulher Maria do Carmo, e vivendo ha egual tempo, maritalmente, com Maria Joaquina, viuva, de 50 annos, na rua Carlos Mascarenhas, 16, 2.º, tambem em Campolide.

E' um homem alto, magro, bigode preto, maltratado, vestindo exoticamente umas calças bastante largas, colete de riscado e casaco de alpaca. Aspecto accentuadamente de pouco intelligente. Quando o vimos, no posto policial, ia falando e comendo, furiosamente, pevides.

O Alexandre Ventura teve ha dias uma questão com o dono da fabrica, que lhe chegou a dizer que procurasse outra casa se na d'elle não se sentia bem. Hoje, o Ventura, depois de ter ido á fabrica de serração buscar raspa, e de ter levado mosaico para umas obras da rua n.º 1, ali proxima, foi ao Arieiro, á fabrica do Sabido, buscar tijolo crú. Foi na volta para Campolide que se deu a explosão d'uma bomba de dynamite.

Diz elle que, na volta para a fabrica de Ceramica, precisou de ir a umas terras, conhecidas pelas «terras do Seabra», proximas ao chalet e quinta do mesmo nome, a uns duzentos metros da Penitenciaria. Ao pé, e nas mesmas terras ficam umas barracas de madeira,—as barracas do Loureiro—onde vivem *bastantes inquilinos pobres*.

N'essas terras, confessa ainda o carroceiro, encontrou uma bola de ferro, como as que se usam nas sacadas antigas. Pegou n'ella e trouxe-a para junto da carroça que ficára atravessada na rua do Marquez da Froteira. Perto, duas creanças do Casal Loureiro brincavam; eram Isabel da Conceição Graça, de 15 annos, enfesadita e anemica, e Manuel da Costa Vaz, de 9 annos.

Inconscientemente, o Ventura, chamando a attenção do pequeno Manuel, arremessou-lhe a «bóla», rolando, atraz fóra, até junto d'elle. O pequeno apanhou-a, pareceu-lhe «uma pinha de ferro», e entregou-a de novo ao carroceiro, que a arremessou para dentro da carroça, indo a bomba entalar-se entre os tijolos.

Pondo-se a caminho, d'ahi a vinte minutos, o homem chegava a Campolide, rua Victor Bastos, esquina da rua Soares dos Reis, onde fica a fabrica de ceramica.

Subindo a rua, o Ventura lobrigou o menor de 9 annos Mario Pereira, filho do encarregado da fabrica José Pereira, e, pegando novamente na bomba, disse para o pequeno, arremessando-lh'a:

—Pega lá esta bóla, oh Mario!...

A creança instinctivamente desviou-se, fugindo rua abaixo, emquanto a bomba, tombando pelo impulso da altura approximadamente d'um primeiro andar, vinha cahir no sólo, com fragôr, explodindo.

Foi um minuto de pavôr para a gente que móra nos predios proximos. Uma nuvem de poeira envolvia totalmente a carroça. No chão, estrebuchando, com a perna direita toda esfacelada, via-se o cavallo, um bello cavallo branco, que o dono não dava por 30 libras.

O carroceiro, assarapantado, fugira para uma taberna proxima, onde pediu logo cerveja preta, que bebeu d'um trago.

Da explosão ficaram vestigios, no sitio da rua onde a bomba cahiu, dois vidros partidos no predio J. N., rez do chão e primeiro andar da rua Victor Bastos, do sr. José Nunes, pintor, e buracos nas paredes d'este predio, do seguinte, n.º 22, e no tapume da fabrica, lado direito da rua Soares dos Reis.

Entrementes appareciam o policia 1033 e o cabo 130, que prenderam o Ventura, e mais tarde o agente Jeronymo Martins e guarda Gomes, da judiciaria, que procederam ás necessarias diligencias.

O pequeno da fabrica nada soffreu, nem tão pouco o carroceiro. O cavallo foi, ás 16 horas, n'uma carroça, para o guano, onde hoje mesmo foi abatido, e o carroceiro para o governo civil onde ficou incommunicavel.

O caso, como é natural, foi o assumpto do dia em Campolide e immediações.

Tenente Bahr Ferreira

O seu funeral foi uma sentida homenagem

Sahiu hoje ás 18,30 do hospital da Estrella o prestito funebre do tenente de infantaria Armando Augusto Bahr Ferreira, do grupo de metralhadoras, aquartelado no Castello de S. Jorge, que cahiu victima de um golpe estupido da sorte, em vez de ter a morte gloriosa dos que se batem pela honra da sua bandeira.

O quanto as suas bellas qualidades eram apreciadas provou-o a ultima homenagem que os amigos e camaradas lhe tributaram.

O cortejo sahiu pela porta da rua de S. Bernardo, indo a urna funeraria sobre um armão de artilharia 1 coberta com a bandeira nacional e os ramos cobrindo o cofre.

A' frente seguia o grupo de metralhadoras a que o finado pertencia, vinha depois o feretro e atraz o seu particular amigo, capitão da guarda fiscal, o sr. Aguiar, levando a espada e o bonet do fallecido, e logo a seguir o cavallo com jaezes de luto.

Numeroso acompanhamento a pé prestava as ultimas honras ao morto. Na primeira fila via-se o sr. presidente do ministerio, que é tambem ministro da guerra e interinamente da marinha, ao lado do general commandante da 1.ª divisão. De marinha, além do 1.º tenente Villarinho, que representava o major general da armada, viam-se officiaes de todos os navios, representando as guarnições, outros representando o corpo de marinheiros e varios aspirantes representando a Escola Naval.

Do exercito, além de todos os officiaes do gabinete do ministro da guerra, viam-se representantes do todos os corpos e armas, da guarda republicana e do collegio militar.

Centenas de officiaes o acompanharam até á sua ultima morada, sendo impossivel dar o nome de todos.

Entre elles vimos o tenente-coronel Roçadas, o primeiro tenente Correia, do gabinete do ministro das colonias; ajudantes dos ministros da guerra e da marinha; coronel Homem Telles, coronel de artilharia Branco, tenente-coronel Sá Chaves, coronel Sande, capitão-tenente Leotte do Rego, capitão-tenente Freitas Ribeiro, major Sá Cardoso, tenente-coronel Antonio Maria Baptista, major Mathias de Castro, coronel Mousinho, coronel Azevedo e Silva, etc.

A guarnição do presidio da Trafaria fez-se representar por um dos seus officiaes, o tenente Brito.

Atraz do cortejo seguiam os trens dos convidados, indo n'um d'elles uma tia do fallecido, a sr. D. Elvira da Conceição Ferreira, acompanhada por mais trez senhoras amigas.

Na sala do hospital estiveram a mãe e numerosas senhoras das relações da familia.

N'uma mesa, á porta da sala sobre uma salva de prata erguia-se uma montanha de bilhetes, e varias folhas de papel negrejavam com os nomes dos inscriptos.

No cemiterio fez a ultima despedida ao fallecido o seu amigo tenente Oliveira Simas, de infantaria estudando o curso superior de guerra, que em sentidas palavras enalteceu as nobres qualidades que em vida distinguiam aquelle que uma morte prematura tão cedo roubou ao carinho dos seus.

A grande guerra

Os aviões dos alliados realisam "raids„

PARIS, 20.—Communicação official de hoje:

Em Artois, em redor de Souchez e proximo de Neuville-Saint Vaast a noite foi assignalada por um bombardeamento violento. Ao norte do Castello de Carleul alguns combates á granada. No valle do Aisne houve canhoneio bastante nutrido. Soissons foi bombardeada. Nos altos do Mosa noite agitada, *mas sem* acção da infantaria, a não ser proximo da trincheira de Calonne, onde foram repellidas facilmente duas tentativas de ataques allemães. Quatro dos nossos aviões lançaram hontem 48 granadas na «gare» e na bifurcação de Challerange, ao sul de Vouziers. Uma esquadrilha de 6 aviões bombardeou esta manhã a «gare» de Colmar, lançando 8 granadas de 155 e 8 de 90 sobre os edificios, vias e comboios. Ficaram avariadas a grande «gare» e a «gare» das mercadorias. Nenhuma das granadas cahiu na cidade. Os apparelhos regressaram indemnes.—(*Havas*).

Congresso das subsistencias

A Sociedade de Geographia accedeu ao pedido do governo para se realisar na sua sala «Algarve», ámanhã, pelas 21 horas, a reunião do congresso das subsistencias.

A entrada não é publica, fazendo-se por meio da apresentação de bilhetes de convite.

O conselho central da União Operaria Nacional far-se-ha representar no Congresso pelo maior numero possivel de delegados, tendo sido nomeada uma commissão composta dos delegados Manuel Alexandre, Joaquim Cardoso, Joaquim Nogueira, Souza Neves e Joaquim da Silva, que em sessão permanente se encontra redigindo um trabalho que amanhã, ás 19 horas, apresentará á sanção do conselho, que a essa hora reunirá extraordinariamente para tal fim, pois que esse trabalho, no caso de ser approvado, será presente na reunião promovida pelo governo.

Pela presidencia do ministerio foram enviados telegrammas ás entidades convidadas para a grande reunião de amanhã na Sociedade de Geographia, para tratar da questão das subsistencias, participando-lhes o governo conseguir passagens gratuitas nas linhas do caminho de ferro do Estado e uma reducção de 40 % nos comboios ordinarios, havendo uma sobretaxa nos comboios rapidos nas linhas de todas as companhias.

Os bilhetes de admissão distribuem-se na presidencia do ministerio, que, como se sabe, está installada no ministerio da marinha.

NOTAS DIVERSAS

Foi hoje publicado no *Diario do Governo* o decreto prorogando o praso de validade do regimen commercial provisorio com a Hespanha até entrar em vigor um novo convenio.

Pelo ministerio da marinha foram dadas ordens ao administrador do Arsenal para que se activem com a maior brevidade os trabalhos de construcção dos dois contra-torpedeiros e das tres canhoneiras que estão nas carreiras.

—Uma commissão de escripturarios da Alfandega de Lisboa conferenciou com o sr. ministro das finanças, solicitando que tivessem o devido andamento os processos de reforma de alguns seus collegas. O sr. Victorino Guimarães ficou de estudar o assumpto e de o resolver dentro da justiça e da lei.

—O sr. ministro da justiça concordou em principio com a exposição feita pelo director da Cadeia Nacional de Lisboa, relativamente á conveniencia de ser installada n'aquelle estabelecimento uma officina de farinação e panificação, reservando, porém, para mais tarde a sua opinião, depois de feitos os necessarios estudos.

—Assume ámanhã, pelas 16 horas, o commando do contra-torpedeiro *Guadiana* o capitão-tenente sr. Aguello Portela. Pelas 16 horas e meia assumirá o commando do cruzador *Almirante Reis* o capitão de fragata sr. Sousa e Faro.

Bens das congregações

O leilão de paramentos de varias congregações extinctas, que se tem effectuado no antigo convento do Sacramento em Alcantara, é interrompido ámanhã, na quinta e sexta feira e no sabbado, para continuar no domingo, ás 12 horas. A praça rendeu hoje 750 escudos approximadamente. Os objectos arrematados teem de ser retirados durante esta semana, das 12 ás 16 horas.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque . . .	36 3|16	36 1|16
Londres, 90 d|v. . .	36 11|16	—
Paris, cheque . . .	$75,2	$75,7
Allemanha, cheque .	$28	$28,7
Hollanda, cheque . .	$55,1	$55,7
Madrid, cheque . . .	1$32	1$33
New York	1$38	1$39,5
Rio s|Londres . . .	13 1|8	—
Libras	6$75	6$85
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	39,60
» » 500$	—	39,60
» » 100$	—	39,65

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$80; 2 1|2, 88-89, assent., 60$ e coupon, 59$80.

Acções: Banco Commercial, 147$50; Lisboa e Açores, 114$50; Aguas 89$40; Tabacos, coupon, 78$; Agricultura Colonial, 85$.

Obrigações: Prediaes, 2 0|0, 90$60 e 5 1|2, 43$50; Moagem (nova) 95$; Caminhos de Ferro de Benguella, 76$; Assucar, 41$.

SPORT

Como Blink Closkey venceu Marcel Moreau

Uma das maiores batalhas que o americano Blink Mac Closkey sustentou na Europa foi contra o campeão francez Marcel Moreau, e quando este estava na melhor fórma. Eis como Leon Sée descreve o combate:

1.º round:—*Mac Closkey está confiado na victoria. Apertou a mão do adversario dizendo-lhe:—«Bonne chance, Moreau, e um anno muito feliz». Moreau atacou poderosamente. O americano para-o com dois «gauchos» da direita sobre os rins. Ambos sorriem. (Egualdade).*

2.º round:—*Moreau consegue um bello «directo» da esquerda sobre o mento. Blink «encaixa», sem pestanejar, e responde com soccos pela esquerda e bastantes sobre os rins do campeão francez. (Sempre egualdade).*

3.º round:—*O combate é esplendido! Moreau dá no americano um terrivel murro da direita sôbre o mento. Closkey, em resposta, ataca mais energicamente. (Ligeira vantagem de Moreau).*

4.º round:—*Mac Closkey dá alguns soccos, duros e rapidos, no peito de Moreau. Dá-lhe tambem um socco na cara. Moreau sangra do nariz e parece desanimado. (Ligeira vantagem de Closkey).*

5.º round:—*Blink está senhor de si. Sorri a cada socco que leva e responde terrivelmente forte. Moreau escorrega, vae a terra, mas levanta-se immediatamente! Tem a cara ensanguentada! O americano ataca sem descanço. (Ligeira vantagem de Closkey).*

6.º round—*Moreau está fatigado, mas consegue alguns bons directos. Closkey força. As costas do francez estão vermelhas por causa dos socos nos rins. (Ligeira vantagem de Clokey).*

7.º—*Moreau reanima-se e toca algumas vezes e duramente. Quanto mais duros são os socos mais Blink sorri e ataca sempre. (Egualdade).*

8.º round—*O combate é terrivel. E' uma verdadeira batalha. Closkey tem vantagem nas mudanças, mas Moreau ataca muito. O americano zanga-se, dizendo ao arbitro que o campeão francez procura metter-lhe os dedos pelo unico olho valido que tem. Desesperado volta a combater como um leão. (Vantagem de Closkey).*

9.º round—*Moreau muda de tactica. Recua e contenta-se em (parar de longe e com o esquerdo (Vantogenm aos pontos de Moreau)*

10.º round—*Blink ataca sempre e encaixa alguns socos duros que vem da esquerda e responde com murros ao corpo (Ligeira vantagem de Moreau).*

11.º round—*Moreau parece fatigado. Recua sem cessar e recebe um doublé no queixo (Grande vantagem de Closkey).*

12.º round—*Moreau dá tudo quanto póde e toca algumas vezes pela esquerda. Mac Closkey ataca furiosamente e parece ainda em plena força. O gong soa (Egualdade).*

O arbitro concedeu a victoria a Mac Closkey.

Nota do dia

A aviação arma da paz ou da guerra?

Do quartel general francez escreve-nos Alexandre Sallés contente porque foi escolhido como um dos pilotos da «grande esquadrilha de bombardeamento», com aeroplanos que permanecem no ar mais de 9 horas e que viajam com medias superiores a 120 kilometros á hora!...

Os aviadores esperam tambem,—dizem nas suas cartas—que para compensar o que os allemães projectam da construcção de grandes triplanos dê resultado a invenção de um inglez, que trabalha n'um canto afastado d'um vale inacessivel da Europa, na construcção de grandes e estaveis biplanos que conduzam um canhão, munições e competentes artilheiros.

As cartas terminam dizendo: «o aeroplano é a grande arma da guerra actual!»

Está phrase contraria o que sempre se pensou!

Quando ha mais d'um seculo os irmãos Montgolfier, Pilôtre de Rosiers e o padre Gusmão se elevaram pela primeira vez no ar, os utopistas cidadãos do genero humano, que já eram legião n'essa epocha, exclamavam, vendo o balão espherico:

—Que mal isto faz á guerra! O balão é um mensageiro de paz!

Enganavam-se. Annos depois, na batalha de Fleurus, um balão captivo, o do capitão Coutelle, prestava apreciaveis serviços aos francezes.

Depois a mesma phrase se exclamou quando appareceram os dirigiveis, mas, contraste curioso, foram dois militares que o construiram, pensando sempre na guerra futura...

Vieram os aeroplanos e a ideia dos utopistas voltou a ser moda, julgando elles que o ceu podia evitar as contendas da terra! Puro engano! O aeroplano é, como dizem os que o utilisam, a melhor arma da guerra...

Mas não póde ser um mensageiro da paz? Póde; é fazer a guerra para acabar a guerra.

Algumas anecdotas

Não era tinta; era a pele arrancada...

Nas feiras francezas costumam apparecer os circos e as barracas athleticas. Por toda a parte se organisam desafios de lucta no genero de Rossignol Rolin, isto é, com «discurso» á porta da barraca, seguido do competente desafio ao publico e «parada» dos luctadores.

N'uma d'essas barracas, ha bastantes annos, na feira de Nimes, o hercules Marseille organisou um campeonato.

Um dos luctadores que chamava mais publico era um negro, herculeo, valente mas beberrão incorrigivel, cujas bebedeiras duravam trez dias e mais!

O seu vicio occasionou grandes transtornos ao emprezario, como se póde averiguar pelo seguinte:

O negro foi um dia annunciado para um combate com um hercules famoso. Na vespera, porém, entrou pelo alcool e «adormeceu». O emprezario, afflicto, pensou n'um «truc» salvador, que era o de pintar de preto um outro dos seus luctadores. Assim se fez.

A barraca encheu-se e o publico manifestou interesse em ver o grande combate.

Appareceram no «ring» e da «massa escura» do negro apenas luziam os olhos!...

A lucta foi violenta. O suor inundava-os. A' medida que se prolongava o combate, o «negro» ia-se fazendo branco!... Marseile, apopletico e desesperado, gritava-lhe dos bastidores:

—Acabem, acabem...

—Não senhor, não queremos. E' preciso saber quem leva a melhor...

Continuavam luctando! O negro já estava amarellecido!... O adversario estava cheio de nodoas negras!... Com uma palmada nas costas, a palma das mãos ficou preta!

O publico, então, percebeu o «truc». Gritou, protestou e ameaçou deitar fogo á barraca! N'este momento critico o negro foi vencido e o hercules vencedor para salvar a situação, empurrou-o e gritou solemne:

—Esta nodoa da mão não é de tinta... E' um bocado da pelle que lhe arranquei!...

Noticias

Entre nós

O proximo espectaculo do Stadium

Realisa-se na quinta-feira, 22, um novo espectaculo no Stadium, e além da exhibição do campeão americano Blink Mac Closkey, o programma inclue duas novidades impressionantes, a da estreia da corrida de «tandems» e um desafio em motocicleta entre Lucio Inchado e Innocencio Pinto, antigos competidores e que já se não batiam ha nove annos!

O famoso jogador de socco o americano Blink Mac Closkey é homem que nunca soffreu um «knock out». Apresenta-se n'uma exhibição com o campeão de socco de Portugal, o sr. Bazilio d'Oliveira.

Gimnasio Club Portuguez

A secção de natação avisa todos os socios nadadores que os trenos de natação e «water polo» continuam todas as manhãs em Pedrouços, podendo aproveitar, para a ida, o comboio que sahe do Caes do Sodré ás 7,15, e para a volta outro que chega áquella estação ás 8,50.

«Taça Patria» de Center-boards

Realisou-se ante-hontem a primeira corrida de «center-boards», organisada pelo Club Naval para disputa da taça «Patria» offerecida pelo sr. dr. Manuel de Arriaga.

O triangulo era o formado pelas balisas que estavam, uma na Junqueira, o palhabote «Nautilus», onde funccionava o jury, outra no Bom Successo e outra no Lazareto.

O jury caprichou em dar a largada ás horas marcadas o que cumpriu. Apenas correram trez barcos: o do sr. Frederico Burnay, vencedor; do sr. Djalme Bastos, segundo classificado, e o ultimo entrado, do sr. Duarte Bello.

Taça Heredia de barcos automoveis

Com grande concorrencia de barcos inscriptos e de espectadores realisou-se hontem em frente da praia de Algés a corrida de barcos automoveis, organisada pelo *Club Naval de Lisboa*.

O jury da prova, os srs. Duarte Holbeche, commodoro do Club Naval; D. Francisco Heredia e Carlos de Carvalho, assistiram á prova de bordo do bonito yacht «Hirondelle» do distincto «yachtman» Henrique de Seixas, vice-commodoro do Club Naval de Lisboa, d'onde deram a largada e marcaram ás entradas.

A' partida appareceram os seguintes barcos: do sr. João Gimenez, o «Sardanica», de Soares d'Almeida, o «Alice», de D. Antonio Heredia, o «Esmeralda», de João Duarte Rhodes, o «Vatápo», do sr. Alberto Lavandeira, o do sr. Dias Ferreira, o do sr. Jayme Ferreira, o do sr. Fernando Correia e o do sr. Carlos Bleck.

Na prova de velocidade era já sabida a victoria ao celebre barco «Vatapá», cuja velocidade attingiu, em media, 76 kilometros á hora!

O publico ficou encantado com a velocidade d'este bello «raur» e teve pena, que os nossos homens ricos não se dedicassem a este lindo sport.

A prova que por tudo se mostrou deveras interessante, acabou perto das 19 horas.

A taça ainda se não sabe quem a ganhou. O jury ha de reunir para apreciar as suas notas e resolver quem foi o vencedor.

Club Internacional de Foot-ball

Esta importante aggremiação communica-nos que em assembleia geral effectuada no dia 19 de junho foram eleitos para a gerencia de 1915-1916 os seguintes consocios: Assembleia geral: presidente, Francisco Duarte Junior; vice-presidente, Pedro Strauss d'Araujo; 1.º secretario, Fernando Benjamim Cabral, e 2.º, Luiz Krusse Gomes.—Direcção: presidente, dr. Candido Sotto Mayor; vice-presidente, Eduardo Luiz Pinto Basto; thesoureiro, Ricardo C. del'Negro; 1.º secretario, Alfredo Gonçalves Viegas; 2.º, Francisco J. Nobre Guedes; vogaes, Antonio Joaquim Vieira Pinto e Alexandre Correia Leal.—Conselho fiscal: Ernest Ryder, Accelli Marcos Anselmo e Manuel Lopes d'Almeida; supplentes, José de Mello e Alvaro Duarte da Costa.

Participam tambem a mudança da séde para a rua Garrett, 62, 2.º

Esgrima na Amadora?

Consta que, em breves dias, se realisará, na Amadora, um torneio de esgrima á espada, com uma regulamentação completamente nova, o que mais uma vez demonstra o desejo de progresso da ridente localidade.

Tennis na Amadora

No magnifico «court» dos Recreios Desportivos da Amadora, realisam-se desde o proximo domingo até ao dia 29 de agosto campeonatos de «tennis» de «men'single» e de «men's double». Este é de recreio para os socios e aquelle para determinar a cathegoria do jogador.

A ordem de inscripção nos «singles» é tirada á sorte depois de ámanhã, ás 9 e meia, no salão de Festas.

O torneio de «doubles» será feito por 11 jogos cada encontro com troca de campo nos jogos impares.

O campeonato de «singles» será pelo melhor de 3 partidas e estas com vantagens de jogos.

Sport Club Progresso

E' hoje que se encerra a inscripção para a prova pedestre de 6 kilometros «Grande Premio de Julho», a qual é reservada apenas aos principiantes não medalhados.

O percurso da prova é o seguinte: Partida: Alameda das linhas de Torres (antiga Alameda do Lumiar), Ameixoeira e Avenida do Parque, chegada.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Heliodoro Salgado

Reune depois d'amanhã, ás 21 horas e meia, a assembléa geral, para apresentação de contas e eleição de novos corpos gerentes.

A Abastecedora de Gados

Realisa-se hoje, pelas 20 horas, na séde d'esta sociedade, rua da Betesga, 41, 1.º, uma reunião de proprietarios e gerentes dos talhos de Lisboa, a fim de ser tratado e resolvido um importante assumpto relativo á regulamentação do horario de trabalho.

Lojistas e fabricantes de calçado

Reune hoje, ás 21 horas, a assembléa geral, a fim de apreciar a lei e o horario do trabalho e determinar as reclamações a fazer.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — Não ha espectaculo.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo-a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

QUINTA-FEIRA — **Politheama**—Primeira representação de *A amante do meu genro*, traducção de Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

SEXTA-FEIRA — **Apollo**—Recita de Joaquim Costa. *Reprise* de *Capote e lenço.*

Ao correr da penna

Andam actualmente na provincia trez companhias de Lisboa. Mais ou menos todas ellas seguem os mesmos itinerarios e visitam as mesmas terras. Tive ensejo de ser informado que uma d'ellas, não contente em tratar da sua vida, trata ainda de prejudicar o negocio dos outros, pondo, aliaz injustamente, os varios publicos provincianos de sobreaviso contra a constituição e o repertorio das suas concorrentes, sem ver, é claro, as varias trancas que lhe vasam os olhos. E' uma pratica essencialmente portugueza, essa de cada qual se preoccupar mais com o que aos outros diz respeito do que com o que directamente o interessa; mas hão de concordar que é lamentavel essa pratica dos que não reparam em que a si proprios se prejudicam. A provincia passará a acolher desconfiadamente todas as companhias que a visitem, tendo a impressão de que tentam explorál-a, dando-lhe gato por lebre.

Com o tempo acabará por ser com demasia exigente e n'essa hora será impossivel organisar excursões de verão, dadas as despezas que acarretam e a incerta defeza que apresentam.

Cyrano

Boatos e informações

ENTRE NÓS

E' já na proxima quinta-feira, em recita da moda, a primeira representação no Politheama da interessantissima comedia burlesca *A amante de meu genro*, trez actos de Hennequin, Billaud e Barrés, que Raphael Ferreira e Francisco Pinto traduziram.

E' de Jorge de Abreu a traducção da comedia de Feydeau *Un fil à la patte*, que brevemente levará á scena a companhia que está explorando o theatro Avenida.

A seguir á comedia *A amante do meu genro*, a companhia do Politeama ampliada com varios elementos, um corpo coral e um grupo de bailarinas representará uma revista por sessões com musica toda original de um dos mais inspirados maestros portuguezes.

A *tournée* Mendonça de Carvalho deu, na semana ultima uma serie de espectaculos no theatro Aguia d'Ouro, do Porto, tendo agradado muito todas as peças e em especial *A visinha do lado*. No sabbado ultimo realisou ali uma conferencia o nosso camarada André Brun, a quem no domingo foi offerecido um almoço por auctores dramaticos e jornalistas da capital do Norte.

No estrangeiro

O nosso conhecido actor Luigi Carini, fez a sua festa artistica em Milão, levando á scena além da *Caprichosa*, de Gevel, *O homem do destino*, de B. Shaw. A peça do celebre dramaturgo inglez foi mal recebida pelo publico e pela critica. A representação decorreu entre manifestações quasi tumultuosas. Os espectadores applaudiram calorosamente Carini, cujo filho, que serve no exercito, foi ferido n'um dos recentes combates com os austriacos.

Henri Bernstein, o celebre auctor dramatico, que está combatendo nas fileiras francezas, acaba de casar com mademoiselle Antoinette Martin. Testemunharam o acto quatro officiaes.

Na Opera Comica de Paris, realisou-se no ultimo domingo uma *matinée* com o *Jongleur de Notre Dame* e *A filha do regimento*. Mademoiselle Chenal cantou a *Marselheza*. A' noite subia á scena a *Carmen*. Depois de ámanhã, quinta feira, tambem em *matinée*, cantam-se a *Manon* e a *Cavalaria rusticana*, voltando mademoiselle Chenal a cantar a *Marselheza*. Programma da *matinée* de domingo proximo: *Carmen*, *Mignon* e a *Marselheza*.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento maritimo

Brazil e R. da Prata «Essequibo» (Liv.)	21
Africa occidental «Malange»	22
Braz. e R. da Prata «Am. Ponty» (Hav.)	22
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv.)	22
Bordeus «Divona» (Brazil)	23

calculava, seria uma seria ameaça que, como vimos, compelliria a recuar, para a defenderem, grande parte das forças russas ao sul, o que deixaria respirar um pouco Cracovia.

A força russa, relativamente pequena, na região entre o Vistula e o Warta, a oeste de Bzura, não podia offerecer resistencia effectiva á pressão sobre ella feita pelos allemães. Tão rapido foi o avanço d'estes que a 16 de novembro tinham já, da sua base de Thorn a Wreschen, alcançado uma linha de Plock a Leczica no alto Bzura, a uns oitenta kilometros da fronteira e a cerca de meio caminho de Varsovia.

Sob o commando de von Hindenburg, a força dividira-se em dois exercitos—sendo o da esquerda ou do norte commandado pelo general Morgen, o da direita pelo general Mackensen—. De 15 para 16 de novembro, os russos, apesar da sua inferioridade numerica, aventuraram-se a uma acção contra von Morgen nas proximidades de Kutno. Foram repellidos e o general von Hindenburg annunciou o resultado como uma grande victoria, dizendo terem sido feitos 28.000 prisioneiros russos. A noticia foi recebida com enthusiasmo em Berlim e von Hindenburg recebeu como recompensa o posto de feld-marechal.

No dia seguinte, a direita de Mackensen bateu uma força russa entre Dubie e Leczica, repellindo-a para o noroeste, ao longo do Bzura, para Lowicz. Carregando sobre o flanco esquerdo d'essa força em retirada, os allemães conseguiram fazer uma abertura nas linhas russas, estabelecendo dentro d'ellas um eixo entre Strykow e Zgierz.

Se conseguissem tornar effectiva a penetração n'esse ponto, e poucas tropas teriam a oppôr-se-lhes, os allemães acreditavam que tinham a caça—e com ella Varsovia—na mão.

Depois do combate de Kutno, os russos recuaram para a linha do Bzura, que é uma pequena torrente, cujas margens são constituidas em grande extensão por terrenos pantanosos, o que fórma um formidavel obstaculo para um exercito invasor. E contra esse obstaculo o avanço allemão, até ahi tão rapido, quebrou-se. O tempo gasto em trazer reforços foi bem aproveitado pelos russos. No dia 18 de novembro a lucta progredia em redor de Lodz, no dia 20 entre Lowicz e Skierniewice. No dia 23, os russos diziam ter alcançado uma victoria nas proximidades de Strykow e desde essa data até ao fim do mez os allemães não alcançaram qualquer successo.

Os exercitos russos haviam sido reforçados, não enfraquecendo as forças ao sul, mas trazendo novas tropas de leste. Depois de terem coberto oitenta kilometros em trez dias, na noite seguinte von Hindenburg batia-se em vão contra a linha russa ao longo do Bzura e para além de Lodz.

A 26 de novembro os russos alcançavam vantagens. A 27, a acção continuava-lhes favoravel. A penetração da linha russa que, como dissemos, os allemães tinham tentado e que a principio lhes dera resultado, falhára devido aos reforços que tinham sido recebidos.

Exercitos allemães tinham avançado ao longo do caminho de ferro de Kalisch por Sieradz para Lask e de Wielun para Piotrkow, em apoio dos que avançavam sobre Varsovia. O mez de dezembro começou por uma situação extraordinariamente confusa em toda a frente. As retiradas n'um ponto eram contrabalançadas pelos avanços n'outros. O incidente mais importante foi a occupação, pelos allemães, no dia 6, de Lodz, cidade de uma grande importancia commercial. Occupada primeiro em outubro, retomada depois pelos russos e tornada agora a occupar pelos allemães, a cidade soffrera terrivelmente e tornára-se uma verdadeira sombra do que era antes da guerra. A maior parte da sua população fugira para Varsovia e a que ahi ficára passava as maiores privações.

No meado de dezembro, os ataques allemães diminuiram de violencia. Nos dias 15 e 16 combatia-se cerca de Sochaczew. Alguns dias de-

pois, alguns corpos de tropas allemãs conseguiam atravessar o Bzura, mas foram batidos e tiveram de recuar. Nos dias 22 e 23 combatia-se em redor de Piotrkow e tambem proximo de Bolimow, entre Lowicz e Skierniewice.

Os allemães nos primeiros dias do mez haviam tentado uma diversão por um grande movimento de flanco da Prussia Oriental dirigido contra Varsovia pelo norte, mas foi facilmente batido pelos russos.

Entre 20 e 25 a linha russa recuou um pouco, com o fim de occupar melhor posição n'uma fronte mais rectilinea. Ambos os contendores se entrincheiraram ao longo d'uma linha que corria do Vistula, ao longo do Bzura, e de Rawka, para Tomaszow. Ao sul, uma lucta muito confusa continuou ao longo do Pilitsa nas proximidades de Novo-Radomsk e d'ahi ao longo do Nida, onde, nos ultimos dias do anno, os russos disseram ter alcançado algumas pequenas victorias, fazendo um numero consideravel de prisioneiros.

Na Galicia, no entretanto, os russos depois de impedirem a passagem do San pelos austriacos tinham por seu turno atravessado o rio e repellido o inimigo para oeste. Tomaram 12.000 prisioneiros, entre os quaes 120 officiaes. Os austriacos retiraram na maior desordem.

Em principio de dezembro, as tropas russas estavam a uns treze kilometros de Cracovia e no dia 4 occupavam Wieliczka. No mesmo dia, a cavallaria russa entrava em territorio hungaro, chegando quasi a Bartfeld, a uns trinta e seis kilometros da fronteira.

No avanço para Cracovia, os russos tomaram de assalto Bochnia, que estava bem fortificada, tomando 2.000 prisioneiros com dez canhões e muitas metralhadoras.

Durante mais de dois mezes a lucta na Galicia apresentára as situações mais diversas, mas os allemães e os austriacos não haviam levado a melhor, havendo nos Carpathos combates violentos ainda durante toda a primeira semana de dezembro.

No dia 14 d'esse mez o estado maior general russo annunciava que o inimigo estava assumindo a offensiva. No dia 16, as columnas austro-allemãs avançavam sobre o Dukla pela Galicia. Trez novos corpos de exercito allemães haviam sido transferidos da fronte occidental, emquanto trez corpos austriacos tinham sido retirados da Servia. Os novos exercitos, que entraram na Galicia atravessando os desfiladeiros, obrigaram os russos que haviam invadido a Hungria a retirar. Escusado nos parece dizer que essa invasão tinha lançado o terror em Budapesth e Vienna.

No fim do anno, a lucta continuava, mas a Russia fazia-lhe frente com uma coragem e uma estrategia que aos seus proprios alliados causava admiração. Nada menos de 131.737 prisioneiros allemães, com 1.140 officiaes, haviam sido feitos, sendo o dos austriacos, egualmente, de 221.447 soldados e 3.186 officiaes.

Durante o periodo da lucta, os combates haviam-se dado n'uma extensão de cerca de 1.200 kilometros e o numero total de combatentes subira a 6.000.000. A Polonia ficava arruinada. Tornára-se um vasto campo de batalha. Herdades, aldeias e cidades haviam quasi desapparecido. A sua população tem soffrido horrorosamente, tanto ou mais que a da Belgica, mas, animada d'um espirito indomavel, espera confiadamente a hora da justiça. E essa justiça, no seu entender, como no de todos que amam o Direito e a Liberdade, só chegará quando a victoria dos alliados fôr um facto consummado.

FIM DO 3.º VOLUME

INDICE DO 3.º VOLUME

NOTA: Em breves dias publicaremos o indice das materias contidas nos dois primeiros volumes.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1781—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 21 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A PROPOSITO D'UM LIVRO

Um jornalista hespanhol, e sem duvida distincto, que já nos visitou tres vezes depois do advento do novo regimen, acabou de publicar em livro os artigos que essas viagens lhe inspiraram. O jornalista é o sr. Felix Lorenzo, redactor de «El Imparcial», de Madrid. O livro intitula-se «Portugal—Cinco annos de Republica». Como dissemos, trata-se de artigos já conhecidos, mas o sr. Felix Lorenzo accrescentou-lhes um epilogo, em que define d'uma maneira terminante e clara a sua opinião sobre a situação portugueza. E' esse epilogo, que «El Imparcial» transcreve, que n'este momento suscita o nosso natural reparo.

O sr. Felix Lorenzo empenha-se em provar a sua imparcialidade. Realisada a revolução de outubro, publicou artigos que julga o levaram ao ponto de ser considerado republicano, embora escrevendo n'um jornal monarchico. Pi y Margall inclue-se o respeito pelas grandes figuras da propaganda republicana portugueza: Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga, Guerra Junqueiro, Antonio José d'Almeida, Bernardino Machado, Affonso Costa... A revolução de outubro, resultado da acção d'esses democratas illustres, affigurou-se-lhe logica. A monarchia tinha de cahir fatalmente, porque ao mesmo tempo que ella se desacreditava crescia a fé e a confiança nos chefes republicanos. E ainda hoje o sr. Felix Lorenzo julga a restauração monarchica impossivel, e os proprios monarchicos portuguezes frequentemente lh'o confessavam. Entretanto, estes cinco annos de Republica levaram ao seu espirito a convicção de que a Republica será conservadora ou não será.

Porquê?

O sr. Felix Lorenzo affirma que essa Republica conservadora era a que procurava estabelecer o sr. Pimenta de Castro. A tentativa fracassou no 14 de maio, e o jornalista hespanhol não vê n'essa revolução senão o triumpho da demagogia organisada, phrase que aproveita de um artigo do sr. Brito Camacho. A demagogia organisada é o partido democratico, isto é, o partido de que é chefe o sr. Affonso Costa—uma das grandes figuras republicanas de Portugal que o sr. Felix Lorenzo expontaneamente nos confessa constituirem para o seu espirito objecto da maior veneração.

E' desde o 14 de maio é para o redactor de «El Imparcial» simplesmente um movimento feito por democraticos e para os democraticos. São os «costistas» que teem na sua mão o poder. O governo é d'elles; apoderaram-se do poder legislativo por meio d'umas eleições «feitas sob o terror da formiga branca»; deportaram-se os membros do gabinete Pimenta de Castro; votou-se uma lei de perseguição aos funccionarios desaffectos ao estado de cousas triumphante.

Quer dizer: o povo geme sob esta tyrannia, saído do movimento de 14 de maio, e todavia o sr. Felix Lorenzo confessa que o povo ajudou a realisar esse movimento. Dir-se-hia, ao lêl-o, que o povo suspira pelo estado de cousas creado pelo gabinete Pimenta de Castro, que as suas tendencias são nitidamente conservadoras, que se está em presença d'uma aventura feliz d'um partido e não da manifestação clara da vontade nacional.

Simplesmente, ou o sr. Felix Lorenzo abandonou por um pouco a sua apregoada imparcialidade ou não soube ver o caracter da situação portugueza, chegando mesmo a deturpar desgraçadamente os factos. Nem os mais ferrenhos adversarios do partido democratico ousaram dizer que as eleições foram feitas sob uma atmosphera de terror. Ninguem negou a legitimidade do triumpho eleitoral d'esse partido. Nenhum tumulto se assignalou. Nenhum escandalo prejudicou a sua significação. Fizeram-se com os recenseamentos elaborados pela dictadura, que se julgava proporcionariam a victoria aos partidos conservadores. Tal não succedeu. O triumpho democratico foi extraordinario, e os unionistas só souberam dizer, após elle, que o partido democratico devia logo tomar posse do poder pela clara indicação do paiz, e os evolucionistas só souberam formular amargas queixas do eleitorado que suppõem conservador, queixando-se de os ter abandonado nas urnas, e não de lhes ser impedido o accesso a ellas.

O triumpho democratico foi insophismavel, e todavia o sr. Felix Lorenzo ainda se engana suppondo que elle representou a exclusiva victoria d'um partido. As eleições de 13 de junho foram, na realidade, acima de tudo, a consagração, nas urnas, do movimento de 14 de maio. O movimento de 14 de maio foi realmente iniciado pelos democraticos, mas como o sr. Felix Lorenzo confessa o povo deu-lhe o seu apoio. Foi o povo que o fez, e a victoria democratica nas urnas era fatal, porque esse povo não podia votar em partidos que tenham pactuado com a dictadura, negação formal e abominavel dos principios essenciaes da Republica.

E eis uma constatação que não dá direito ao sr. Felix Lorenzo para proclamar, como os monarchicos portuguezes, que a Republica será conservadora ou não será. As ideas republicanas em Portugal sempre se caracterisaram pelas suas tendencias progressivas e radicaes. Portugal, sr. Felix Lorenzo, é um povo conquistado pela marcha evolutiva das ideas. Portugal é um povo moderno para a liberdade, onde, ao contrario da Hespanha, as influencias reaccionarias, a tradição fradesca e o espirito aristocratico, ou não existem, ou não vingam sequer afflorar na consciencia collectiva. O caracter assimilador dos portuguezes permitte-lhes, n'este recanto occidental, manter uma intima communhão espiritual com os povos que mais emancipados se affirmam e que maior ancia manifestam por um progresso incessante.

Intimamente reconhece o sr. Felix Lorenzo que a Republica Portugueza não póde ser conservadora, embora aceite e necessite mesmo da acção ponderadora que os seus elementos mais moderados lhe pódem e devem offerecer, quando terminantemente affirma que «um dia, «fatalmente», Portugal e a Hespanha apparecerão unidos e fundidos ante o mundo.» Assim, a Republica Portugueza não se teria mantido, e com o seu fracasso desappareceria a independencia nacional. O sr. Felix Lorenzo é d'uma franqueza que não podemos deixar de lhe agradecer, partidarios, como somos, das situações perfeitamente definidas. E' o velho sonho da união iberica que nas suas palavras resurge, procurando vitalisar-se ao viço de novas concepções. «Queira ou não queira, diz elle, Portugal ha de preparar-se automaticamente» para esse fim. E, n'esta ordem de ideas, o jornalista hespanhol não occulta o seu despeito pelo facto de Portugal não preferir a união iberica á alliança com a Inglaterra.

Quem diz isto já não é aquella imprensa, como a «Tribuna» ou o «A B C», que justificadamente se considera como o orgão da opinião reaccionaria da Hespanha. Dil-o um dos mais prestigiosos orgãos d'uma folha, como «El Imparcial», cuja importancia é desnecessario encarecer, e que, embora conservadora, não se afasta da «nuance» liberal. E' como o «Imparcial» que transcreve, como um notavel documento de segura visão politica, o epilogo do livro do seu collaborador. E por isso mesmo, lendo esse trecho, attentando na maneira cathegorica como o sr. Felix Lorenzo nos condemna á fatalidade da união iberica, mais uma vez se avoluma no nosso espirito a gravidade excepcional do momento presente para a nação portugueza. Mais do que nunca se radica na nossa consciencia a convicção de que o acto que sobretudo se impunha a Portugal, logo que a conflagração europeia se desencadeiou, era enviar um contingente das suas tropas a batalhar ao lado dos alliados nos campos de batalha da Europa. Assim defenderiamos melhor a nossa independencia do que se cobrissemos de soldados toda a fronteira, não diremos já para defender a patria d'uma tentativa de absorpção da Hespanha, mas, pelo menos, do sr. Felix Lorenzo.

Sim! Portugal prefere a alliança com a Inglaterra á união iberica, contra cuja fatalidade luctarão de armas em punho, quando não perecerem até ao ultimo todos os filhos d'este paiz. E essa alliança, como o sr. Felix Lorenzo dá a entender, é o maior estorvo para a realisação d'um sonho, que para sempre se diria ter desfeito em 1640, mais arreigadamente a prezam os portuguezes, cujo espirito a nobre civilisação ingleza conquistou, e que hoje, com enthusiasmo fremente, a vêem batalhar por ideaes que eternamente lhes serão communs. E' o espirito da liberdade, é a idéa da independencia patria que levam Portugal para junto dos alliados, e, pequeno ou grande, o seu esforço não tenderá nunca a outro fim.

EM TORNO DA GUERRA

O papel das mulheres

Como as inglezas, a exemplo das francezas, trabalham para que se apresse a victoria

A generalissima das suffragistas inglezas

Mistress Pankhurst, a generalissima das suffragistas inglezas, foi a Paris conferenciar com o sr. Millerand, ministro da guerra francez. A famosa agitadora conferenciára antes em Londres com lord Kitchener, que lhe dera uma carta de apresentação para o seu eminente collega. Quem acreditaria em semelhante coisa aqui ha pouco mais d'um anno? A directora das sangrentas perturbações da ordem publica na Gran-Bretanha recebida e attendida pelos mais altos representantes dos exercitos francez e inglez é facto para assombrar, mas mistress Pankhurst poz tudo em pratos limpos...

—Represento—disse— uma poderosa força: a da opinião feminina d'uma grande parte do meu paiz. N'este momento, a collaboração da mulher é mais do que nunca util á patria. A tenacidade que a mulher ingleza mostrou na defeza dos seus direitos individuaes é garantia da sua abnegação sempre que trabalhe na defeza d'uma causa nobre. N'estes historicos instantes não ha causa mais santa do que aquella que a Inglaterra defende com as armas na mão.

«Offereci a lord Kitchener o concurso incondicional das minhas amigas e o general, confiando nas promessas que lhe fiz, lembrou-me que fosse a França onde quasi todas as «nurses» trabalham como enfermeiras da Cruz Vermelha, e onde a organisação do trabalho manual da mulher franceza nas fabricas ao serviço da guerra attinge a perfeição, verificando-se que 50 por cento dos operarios pertencem ao sexo feminino, o que é bello e consolador. Estou preparada para realisar em Inglaterra a mesma obra benemerita que as mulheres realisam em França.

«As suffragistas inglezas—concluiu— são mais de um milhão nas principaes cidades fabris, perfeitamente organisadas e disciplinadas. Não tarda que constituam um formidavel exercito de operarias trabalhando para a guerra e pela guerra. Nunca mais se dirá que somos um mixto de romanticismo e de hysteria...»

50.000 inglezas fabricam munições

Na tarde do dia 17, effectuou-se em Londres uma grande manifestação de mulheres que pedem o direito de servir a patria, n'esta hora suprema da sua historia. Organisou-se um imponente cortejo no caes do Tamisa e, apesar do tempo pluvioso, nenhuma das manifestantes levava chapéu de chuva.

Cada uma das 125 secções era precedida d'um estandarte magnifico com inscripções como estas:

«Os homens devem bater-se, as mulheres trabalhar».

«Estamos resolvidas a salvar a patria; a fim de vencer o kaiser, fabricaremos granadas».

«Pedimos para todas um serviço de guerra».

A procissão comprehendia mulheres ricas, de nomes historicos, titulares, que marchavam ao lado de operarias, caixeiras, empregadas de escriptorio, etc.

Calcula-se que fossem 40.000 as manifestantes, tendo-se reunido para as vêr desfilar cêrca de 100.000 pessoas.

Uma deputação feminina que procurou o sr. Lloyd George, a fim de lhe pedir trabalho nas munições, obteve a seguinte resposta do ministro que lhe respondeu d'uma tribuna edificada junto do ministerio:

«Cincoenta mil mulheres trabalham já nas munições; não se trata d'uma questão de concorrencia entre o trabalho masculino e o trabalho feminino, mas sim da cooperação de homens e mulheres que ajudam o paiz a atravessar a mais forte crise que elle jámais conheceu.

«O que ha a fazer em primeiro logar é obter sufficientes apparelhos para fabrico. O governo toma á sua conta todas as fabricas respectivas. As mulheres que se apresentem para trabalhar devem dispôr de todo o seu tempo. Cumpre realisar uma verdadeira organisação nacional para a inscripção de todas as mulheres dispostas a fabricar munições; convém, em seguida, obter um numero sufficiente de mulheres que instruam e dirijam as outras.

«As mulheres receberão o mesmo que os homens por peça fabricada. O governo velará por que as mulheres não sejam exploradas, fixar-se-ha para isso um salario minimo.

«As munições ajudarão a alcançar a victoria. Sem ellas, a victoria tardaria, e a victoria que custa a chegar é d'aquellas que deixam sob os pés sangrentos vestigios.»

A côrte pontificia e os emblemas da maçonaria

A Inglaterra, depois de estalar a conflagração europeia, entendeu vantajoso nomear um ministro junto da Santa Sé. Desempenha esse cargo sir Henri Howard, diplomata distincto e pessoa abastada, que se installou no sumptuoso palacio Borghese. Nos poucos mezes que conta de residencia em Roma, sir Henri Howard tem dado numerosas recepções, que se caracterisam pela mescla de personagens laicas e ecclesiasticas que concorrem a ellas, como até agora apenas se via nas grandes festas officiaes da embaixada de Hespanha a cuja frente se encontra o conde de la Viñaza, que foi ministro em Lisboa.

As grandes e maravilhosas salas do palacio de Paulo V, que se abrem para as recepções do ministro inglez, e em que se reunem cardeaes, prelados e outras personagens da côrte pontificia, são as mesmas em que ha doze annos estava estabelecida a séde da maçonaria italiana, agrupando-se ali as multiplas lojas dos dois ritos, o symbolico e o escocez. Na varanda da fachada fluctuava a bandeira verde do Grande Oriente, a qual cobria por vezes o escudo de marmore collocado sobre a porta principal e em que se ostentam as armas do papa Paulo V (Borghese).

Quando as vicissitudes economico-financeiras da grande casa principesca dos Borghese permittiram ao principe Scipião recuperar o palacio de seus avós, a maçonaria abandonou o referido palacio para comprar outro, mais modesto mas não menos illustre: o da familia romana, tambem principesca, dos Giustiniani. O mais curioso é que o rico ministro inglez, o catholico sir Henri Howard, ainda não mandou apagar os esquadros, os compassos e mais symbolos maçonicos pintados em algumas salas e que os cardeaes e os outros piedosos convidados do illustre diplomata fingem prudentemente não vêr...

Os sabios e os letrados não repousam

Ao abrirem-se as trincheiras na peninsula de Gallipoli, não longe do inimigo, as tropas francezas descobriram varios monumentos interessantes e objectos antiquissimos. O sabio padre Delattre, de Carthago, forneceu á Academia das inscripções e bellas-letras de Paris curiosos esclarecimentos a tal respeito. Trata-se, em resumo, de sarcophagos monolithos d'um branco-acizentado, semelhantes aos que foram descobertos em Carthago, louças, pequenos vasos e estatuetas que um sacerdote adido ao corpo expedicionario como cabo enfermeiro descreveu a largos traços.

O sr. René Pichon estudou, segundo a «Eneida» de Virgilio, a idéa que formavam das leis da guerra o poeta e os seus contemporaneos. Severissimo para com as guerras de aggressão brutal, Virgilio reserva a sua sympathia para as que a legitima defeza póde originar. Por outro lado, condemna as ciladas, as matanças dos não-combatentes, as crueldades inuteis e traça em Enéas o retrato ideal do heroe, cuja coragem a honra e a humanidade temperam...

Dr. Affonso Costa

O seu estado

O sr. dr. Affonso Costa continua melhorando. O boletim das 12 horas, assignado pelos seus medicos assistentes, diz o seguinte:

Pulsação, 68; respiração, 20; temperatura 37,1. Progridem as melhoras.

Depois de almoçar ás 11 horas, o sr. dr. Affonso Costa levantou-se ás 12, passeou pelo quarto, foi photographado, já com o cabello e barba cortados, por alguns reporters-photographos, sendo em seguida visitado por sua esposa e filho e por seu cunhado o sr. dr. José d'Abreu, estando tambem no seu quarto os srs. drs. José Beça e Pulido Valente.

Pelas 16 horas recebeu a visita do sr. João Chagas. No hospital, a informar-se do seu estado, esteve o capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Migalhas

O hymno nacional

O 14 de julho d'este anno foi em toda a França a apotheose da «Marselheza» A transferencia das cinzas de Rouget de L'Isle fez-se ao som do hymno immortal entoado por milhares de vozes e nas suas estrophes se inspirou a eloquencia de Poincaré para o admiravel discurso pronunciado nas escadarias do Pantheon. A «Marselheza» não envelheceu. Ainda hoje conduz a alma heroica da França e consegue ser o hymno da Democracia em marcha, do Direito luctando contra a oppressão, da Justiça livrando-se dos grilhões que pretendem acorrental-a.

A proposito da eterna mocidade do hymno francez, alguem me escreve uma carta, com a qual concordo, em que se affirma que a Republica Portugueza não tem um cantico nacional, que corresponda á verdadeira significação do regimen. A «Portugueza» não é um hymno republicano. Basta recordar a hora em que foi feita, a situação dos seus auctores, para nos convencermos que ella apenas foi um hymno patriotico, interpretando o sentimento nacional do momento. Adoptou-o a Democracia á mingua de outro; mas está bem longe de incarnar na sua lettra e na sua musica, cujo merito artistico não pretendo discutir, o impulso de esperança e de sonho que a Republica deve representar para a alma portugueza.

Propõe o meu correspondente que eu indique a necessidade de se abrir um concurso entre os poetas e musicos portuguezes para a confecção d'um hymno nacional verdadeiramente republicano. Indica-me mesmo alguns artistas, sem excluir o auctor da lettra da «Portugueza», que é um poeta e um patriota. Não concordo, porém, com a ideia do concurso. Hymnos como a «Marselheza» improvisam-se.

Nunca d'um certamen annunciado no «Diario do Governo», com praso fixo e jury determinado, sahiria coisa que geito tivesse. O hymno da Republica, se tiver que existir, sahirá um bello dia das pedras da calçada, vindo de inesperada origem e, assim como foram os marselhezes marchando sobre Paris quem lançou as estrophes de Rouget de L'Isle, assim ha de ser o nosso povo o grande jury que ha de escolher e adoptar o hymno de Portugal.

André Brun.

Pelo telegrapho

A acção ingleza no theatro occidental

LONDRES, 21.—Um communicado de sir John French diz que hontem á tarde a leste de Ypres, em virtude de uma explosão de minas occupámos 150 metros de trincheiras allemãs e ahi nos consolidámos e fizemos 15 prisioneiros entre os quaes dois officiaes.—(Havas).

Progressos allemães no theatro oriental

PETROGRADO, 20.—Communicação official.—No dia 19, na região de Riga e Chavli, o inimigo continuou a progredir na linha de Grunhof-Zagorykrupy. No dia 18 a fortaleza de Nova Georgiev bombardeou as vanguardas das columnas inimigas. Na região de Sokal o inimigo estendeu-se ligeiramente na margem direita do Bug. Nas margens do Dniester houve porfiado combate, no qual fizémos 500 prisioneiros e tomámos 5 metralhadoras.—(Havas).

O parlamento inglez já votou 1.012 milhões de libras para despezas

LONDRES, 20.—A camara dos communs votou hoje os creditos da guerra, na importancia de 150 milhões de libras esterlinas, elevando o total do anno financeiro a 650 milhões e desde o começo da guerra a 1.012 milhões. O sr. Asquith, primeiro ministro, declarou que o capitulo relativo aos emprestimos a fazer aos paizes alliados poderá augmentar depois da adhesão dos estados que ainda não estão em guerra.—(Havas).

O ESTADO E A ARTE

Durante o novo regimen

O Museu de Arte Antiga tem assumido um grande desenvolvimento, diz o seu director

Relendo na grande revista franceza d'arte, «Revue de l'Arte Ancien et Moderne», fundada pelos mestres academicos principe Varemberg, marquez de Voguë e conde Delaborde um artigo publicado em julho de 1911 sobre a reorganisação dos serviços de bellas artes em Portugal, no qual, fazendo-se o maior elogio á nomeação do sr. dr. José de Figueiredo para director do Muzeu Nacional d'Arte Antiga, se diz que essa reorganisação «colloca Portugal, sob o ponto de vista artistico, ao nivel dos paizes mais adeantados», surgiu-nos a ideia de sabermos os resultados praticos que essa reforma tem dado, agora que, com a discussão do orçamento, as coisas referentes ás bellas artes vão estar, decerto, por momentos em foco. O sr. dr. José de Figueiredo era o indicado para prestar á «Capital» as desejadas informações. Eis o que elle disse:

—O periodo constitucional foi pessimo para a arte em Portugal. Ramalho Ortigão fez-lhe nas «Farpas» e no «Culto da Arte» um processo que, apesar de violento, é ainda incompleto. Muitos capitulos edificantes ha ainda a escrever sobre o assumpto. Desde a fórma como foi feita a extincção das ordens religiosas, que permittiu o saque e o vandalismo contra o recheio artistico admiravel dos conventos, accumulado pacientemente durante seculos, até aos serviços das obras publicas, que na rubrica «edificios publicos» despenderam dezenas de milhares de contos sem que reste quasi nem um só edificio verdadeiramente monumental, tudo, pouco mais ou menos, n'esse periodo, é lamentavel sob esse ponto de vista. Coimbra e o muzeu dos Coches são felizes excepções. E o muzeu das Janellas Verdes é bem um exemplo frisante da indifferença e abandono a que se votaram as nossas coisas d'arte. Organisado logo após a exposição d'arte ornamental pela fé e dedicação de meia duzia d'homens, o velho palacio nunca deixou de ser um armazem em que as maiores preciosidades, misturadas com objectos de valor mais que duvidoso, se iam perdendo dia a dia, por falta dos mais elementares cuidados. A verba votada, de resto, para esse estabelecimento, não permittiu, sequer, tentativas de maior. Feita a reorganisação, ella seria nulla se o Estado não tivesse dado ao muzeu os meios necessarios á sua effectivação. O sr. dr. Affonso Costa assim o comprehendeu, e, quando ministro das finanças, elevou bastante as verbas do muzeu a meu cargo. Esse augmento estava ainda muito longe do que era necessario a um muzeu, que sendo o primeiro do paiz, tem elementos que lhe permittem, quando definitivamente organisado, ser um dos bons muzeus da Europa. Mas não se podia fazer tudo de uma vez, e o sr. dr. Affonso Costa, convindo em que os augmentos eram ainda insufficientes, prometteu eleval-os successivamente.

«Do que se tem conseguido com as novas verbas dil-o o estado actual do muzeu que, nas suas novas salas, nada tem a desejar aos bons muzeus estrangeiros. Mas, como todos os serviços que estavam por organisar, os do muzeu teem vindo creando successivamente novas necessidades, e as verbas de que dispõe são cada vez mais insufficientes. A abertura das salas ultimamente inauguradas fez-se, em parte, á custa de muitos sacrificios, a que o Estado foi estranho; e o muzeu tem hoje compromissos a que é indispensavel satisfazer. Além de dividas a varios fornecedores, o muzeu deve aos seus «Amigos» cerca de mil escudos, sendo eu tambem seu credor em cerca de metade d'essa quantia. E isto sem contar adeantamentos de outra fórma, como o que ainda hontem fiz para que o muzeu não deixasse de adquirir uma obra d'arte que, por todos os motivos, não devia deixar de ali figurar. Para que as nossas salas tivessem o forro que tanto as valorisa, foi necessario ainda que um bom amigo do muzeu adeantasse a meia duzia de centenas de escudos que se tornava necessario gastar. Portanto, para que o muzeu continue a desenvolver-se como é mister, para interesse e honra do paiz é, indispensavel que as suas verbas sejam reforçadas, pois as actuaes mal chegam para saldar os encargos em divida. E para que se veja quanto esse sacrificio é minimo, e não falando já nos 30.000 visitantes que frequentam annualmente o muzeu, apesar d'elle, por falta de grandeza necessaria, só estar aberto ao publico ás quintas-feiras e domingos, numero esse em que a classe popular e as populações escolares teem a maior representação, parece-me que basta dizer que as obras valorisadas, com a abertura das novas salas, obras que, em grande parte, se perderiam se não tivessem sido tratadas como o foram, excedem em muito um milhar de escudos.

—Mas as circumstancias financeiras do momento não virão prejudicar as suas aspirações?

—A situação financeira é má, todos o sabemos, mas isso não é razão para que se desorganisem, por sua causa, os serviços do Estado, mórmente quando elles teem a importancia dos do muzeu a meu cargo. O renascimento do paiz sob a fecunda base da tradição nacional não tem melhor elemento do que elle, pois que, sobretudo para as classes menos cultas, não ha melhor lição do que a do objecto tangivel; e se isso ainda não bastasse, não deve esquecer-se que a industria do turismo em que hoje, com tanta razão, se pensa, em coisa alguma melhor póde firmar-se do que na organisação do nosso grande muzeu nacional. E' incalculavel o numero dos que para gozo ou estudo das coisas de arte se impõem a visita aos mais importantes muzeus do novo e velho mundo. O de Lisboa, quando definitivamente constituido, não poderá ser esquecido por esses romeiros, que uma vez em Portugal, se nós lhe proporcionarmos commodidades, não deixarão de vêr o muito mais que cá, em arte e natureza, ha ainda digno de vêr-se.

E porque isto é assim é que a Hespanha no seu orçamento actual acaba de inscrever a verba de 1 milhão de pesetas para melhor installação do muzeu do Prado, e isso apesar das difficuldades financeiras creadas pela guerra, tendo egualmente e na mesma orientação a maioria dos paizes belligerantes augmentado as verbas destinadas a acquisições de obras de arte, a fim de aproveitar este momento excepcional em que muitos particulares, por causa das difficuldades financeiras, se vêem obrigados a desfazer-se de obras de arte ciosamente guardadas. E isto além de patriotico é pratico, pois o Estado realisa uma operação vantajosa sob um duplo aspecto, adquirindo por preços convenientes obras que passam a enriquecer as suas collecções e que augmentam assim o valor educativo e de turismo dos seus muzeus, ao mesmo tempo que facilitam aos particulares que se vêem forçados a fazer essas vendas um desafogo que por mais diminuto que seja não deixará de reflectir-se no desafogo geral.

EM LOURENÇO MARQUES

A libertação dos prisioneiros portuguezes

e a victoria do general Botha celebradas com o maior enthusiasmo

LOURENÇO MARQUES, 21.—A victoria do general Botha e a libertação dos prisioneiros portuguezes no sudoeste africano allemão foram aqui celebradas com o maior enthusiasmo. Uns mil cidadãos portuguezes foram em cortejo ao consulado britannico acompanhados da bandas de musica que tocavam os hymnos britannico e portuguez. O consul geral agradeceu aos manifestantes o seu fervor pela Gran-Bretanha e pelo general Botha recordando a antiga alliança entre Portugal e a Gran-Bretanha, que é indissoluvel.—(Havas).

FOLHETIM D'A CAPITAL—21-7-915

CHRONICA SCIENTIFICA

Utilisação do arroz no fabrico do pão

A França acha-se ha muito soffrendo as consequencias de uma lei malthusiana, com respeito ao abastecimento de cereaes, apesar da sua producção lisongeiramente accrescentada, de anno para anno. Calcula-se que a quantidade de trigo triplicou n'este ultimo seculo; principalmente nos ultimos annos, no que diz respeito a cevada e avéia, a colheita elevou-se a mais de 10 milhões de quintaes para a primeira e 51 milhões para a segunda. Porém, esta prosperidade não impede que, em presença das necessidades rapidamente crescentes da população, todos os annos aquelle paiz tenha de importar até 10 milhões de hectolitros de trigo, computados em 200 milhões de francos.

Circumstancias da guerra fazem esperar com certeza uma diminuição d'aquelle producto indispensavel para a alimentação e portanto o augmento da despeza do trigo importado.

Em mais de um pensamento perpassou a ideia de substituir em parte o precioso e vulgar farinaceo por uma substancia de equivalentes propriedades nutritivas, que pudesse ser extrahida do solo nacional ou fôsse cultivada nos territorios coloniaes e assim impedisse a sahida de ouro, que se esvae na grandiosa compra annual, fazendo reverter a favor das colonias os milhões que, de ordinario, vão para fóra do paiz e que ellas deveriam converter n'um engrandecimento consideravel.

Esse problema grave posto simultaneamente deante dos politicos, dos homens de Estado, até dos simples cidadãos, teve, da parte de um homem de sciencia, no intimo do qual cabe tanto patriotismo, como de engenho no seu intellecto e pertinacia no estudo, uma solução á altura das difficuldades do momento actual.

Ella foi proposta por um medico, um higienista portanto, o que basta para a tornar respeitavel, posto que discutivel. O dr. Maurel, professor da Faculdade de Medicina de Toulouse, entende que o adicionamento de uma certa quantidade de farinha de arroz na fabricação do pão satisfaz o desideratum, aproveitando das vastas extensões coloniaes o supplemento que ellas podem evidentemente dar, com largos lucros para as suas finanças.

Restava provar que a higiene não seria traîda pela realisação de semelhante alvitre, que, afinal, não tem a ousadia levianamente attribuida a certas medidas rasgadas, que a eminencia do perigo muitas vezes aconselha ou inspira.

O arroz entra por uma parte importante da alimentação, n'um uso assaz generalisado, para que se não possa interrogar, n'uma duvida inquietante, se a proposta substituição trará quaesquer inconvenientes de ordem sanitaria. E' verdade que a chimica nos diz ser o arroz mais pobre do que o trigo em substancia azotada, sendo mais abundante, por compensação, em hidratos de carbone. Sendo assim, a avaliação do alimento feito á custa do arroz, em calorias, é sensivelmente egual á do pão ordinario. Attendendo aliaz a que a pretendida substituição não vae além da quinta parte, póde-se tomar a mistura como equivalente, no ponto de vista da nutrição, ao trigo que ordinariamente se emprega para fabricar o pão.

Não foi, porém, n'um momento de inspiração que esta ideia germinou. E' o producto de muitos annos de porfiados estudos e de experiencias que respondem ás objecções naturalmente oppostas á sua effectividade. O pão fabricado com 20 por cento de farinha de arroz tem um aspecto inteiramente semelhante ao de trigo; apresenta-se mais regularmente levedado do que este, pode-se dizer, de melhor aspecto, mais unido, mais homogeneo, e sem nenhuma alteração de paladar, que possa tornal-o antipathico.

***

Economicamente, a introducção de uma percentagem de farinha de arroz na massa comporta um pequeno barateamento, quando aquelle seja cultivado ou adquirido em condições, que normalmente permittam a diminuição do preço, o que, se não se verifica na venda a retalho, seria, no emtanto, consideravel nos grandes fornecimentos e traria talvez um incitamento ás cooperativas.

Uma coisa curiosa succede, porém, a pôr um obice administrativo a esta pratica racionalmente admittida. A mistura de farinha d'aquella especie á de trigo, mesmo em pequena proporção, é considerada como fraude, em materia commercial, e como tal punida, segundo o codigo, porque representa uma desvalorisação de producto, em relação a um certo tipo e a um determinado custo.

Não é felizmente uma fraude ou uma contrafacção condemnavel em nome da higiene que, pelo menos, a não denuncia.

Bastaria, para o effeito, uma auctorisação governamental, aconselhada pelas actuaes circumstancias, acompanhada de um regulamento especial, cuja execução fôsse fiscalisada, para evitar os abusos que semelhantes concessões attrahem.

A situação economica actual, produzida pelo conflicto europeu, dá todo o interesse a esta resolução, que os estudos de uma commissão nomeada para revisão dos sistemas de manutenção do exercito mostram ser perfeitamente admissivel.

Estas investigações feitas sobre o pão de munição de todas as nacionalidades reconheceram uma notavel superioridade ao pão japonez, o qual é fabricado com uma proporção de 10 a 12 por cento de farinha de arroz.

N'este ponto de vista particularmente militar, a proposta do dr. Maurel apresenta, além de outras vantagens, aquella de ser o pão assim composto de uma duração muito maior que a d'aquelle que se costuma fornecer ás tropas.

A França acaba de o fazer acceitar por estas sem reluctancia, tanto mais facilmente, quanto mais segura se revella a conservação do alimento assim constituido, com todas as suas qualidades, sabor e outras que o distinguem, entre ellas a de ser menos atacado pelos insectos e bolores.

Seria uma analoga substituição applicavel no nosso meio, em que tambem a escassez do trigo se faz sentir e de uma fórma inquietadora? Aqui temos uma questão importante a apreciar e a debater, parecendo-nos que entre nós seria difficil o exito de uma tal medida, por não podermos contar, a não ser n'um futuro remoto, com uma quantidade sufficiente de arroz, para semelhante supprimento.

O encarecimento d'este genero, tambem de importação, em grande parte, não permittiria, sem modificação nas condições actuaes, o bom resultado d'esse processo, cujas vantagens, em principio e mesmo n'uma pratica bem regulamentada são consideraveis.

J. Bethencourt Ferreira

NOTA—Na ultima chronica sahiu, por erro tipographico, completamente alterado um dos ultimos periodos, no qual nos referiamos á producção de oxigenio e de hidrogenio, á custa da reacção respectivamente do peroxido de sodio (oxilito) e do hidreto de calcio (hidrolito), em contacto com a agua.

Por isso repetimos aqui a referencia, esclarecendo que este ultimo nome foi dado por Jaubert a um composto de calcio e hidrogenio, desdobravel, em presença d'aquelle liquido, libertando este gaz, pelo que se utilisa na sua fabricação em grandes quantidades, dispensando o transporte d'este em tubos, assim como os apparelhos e dispositivos complicados e caros.

Poeira da Arcada

No Sabugal, um professor de instrucção primaria esperou um seu visinho e atirou-lhe tamanha paulada á cabeça que o matou. Razão do crime—a posse de uma galinha que as respectivas consortes disputavam. Os animos irosos facilmente se empenham em violencias. A colera cega-os e sob essa cegueira veem tudo em vermelho. Sangue, sangue, sangue... Em poucos segundos, reeditam gestos que a fereza desenhou nas sombras da tragedia. O mestre escola do Sabugal, sem dar por isso, alcançou a triste gloria de evocar a paisagem assassina de ha dez mil annos.

**

Morreu em Madrid um avarento chamado D. Eduardo Romaguera, cuja fortuna ascende a cento e setenta milhões de pesetas. Recurvamente, silenciosamente, pacientemente passou a sua vida a economisar, a guardar. Verdadeiro unhas de fome, ninguem lhe apanhava uma esmola. Miseravel encerrou-se na miseria como n'uma torre de marfim. O seu testamento não desmente a sua biographia de morcego. Dividiu os seus milhões pelos bispos de Madrid, Barcelona e Buenos Ayres. Os jesuitas e o collegio del Caballero de Gracia contemplou-os com cincoenta milhões. Era com certeza um crente dos que suppõem a religião o ultimo privilegio da riqueza. Para chegar a Deus, por caminhos tortos, reuniu montões de ouro—ouro que elle poderia ter empregado a soccorrer os desprotegidos da sorte. Encontraria Deus no seu coração, sem ter necessidade de se lhe recommendar por intermedio dos seus legatarios.

**

No Douro, a alma rija dos camponios ruge. E' a fome levando os simples, pelo desespero, até á revolta. Só um dia, talvez muito tarde, se conheça quantas lagrimas custa um vinho, que só devia ser bebido por uma raça eleita. Desde a cepa em que se cria até ao calice que o recebe já feito fogo, aroma, rubi ou topazio, ha uma historia longa que bem contada daria materia para um canto ardente, proprio para atear raivas e esperanças.

A crise das subsistencias e a reunião d'esta noite

Realisa-se esta noite, na Sociedade de Geographia, a annunciada reunião, da iniciativa do governo, para se apreciar um conjuncto de medidas destinadas a resolver ou a minorar a crise das subsistencias. Disse-se, a principio, que essa reunião seria publica, mas semelhante ideia, se por acaso existiu foi posta de parte. A União Nacional Operaria, a União dos Sindicatos, a Federação da Construcção Civil e a Commissão Inter-sindical enviaram-nos um protesto contra o facto de não ser aceita a sua representação na assembleia d'esta noite e o conselho central da União Operaria Nacional communica-nos serem tendenciosos e falsos os boatos que diz terem corrido de que os elementos operarios pensavam em assaltar os armazens de viveres.

Querendo informar-nos dos motivos de queixa das corporações operarias acima citadas fomos perguntar ao sr. presidente do ministerio o que se havia passado. O sr. dr. José de Castro esclareceu-nos da melhor vontade. Nunca fôra ideia do governo tornar publica a reunião d'esta noite, por maior que fosse o seu desejo de que todos os alvitres de valor pudessem formular-se n'ella. A primeira difficuldade seria a do recinto. Por muito vasta, a sala da Sociedade de Geographia não poderia comportar quantos se empenham em dizer o que pensam sobre um problema tão complexo e tão instante como o da carestia das subsistencias. D'ahi o resolver-se que a entrada seja por convites, não devendo cada collectividade representada sel-o por mais de um representante. Para que a reunião possa ter consequencias vantajosas, necessario se torna que ella decorra na mais absoluta ordem, não complicando, mas facilitando a execução do pensamento do governo.

Até aqui o sr. presidente do ministerio.

A assembleia d'esta noite—convem accentual-o—é meramente consultiva e não alimentamos grandes optimismos sobre a sua efficacia pratica. Não teria sido menos barulhento e mais util que a opinião ácerca da consulta fosse dada por escripto pelas entidades em circumstancias de a emittirem? Na especie do parlamento que se improvisa na Sociedade de Geographia vão provavelmente gastar-se muitas palavras, chocar-se muitos alvitres, os mais variados e os mais oppostos, para continuarmos, afinal, na mesma...

Como quer que seja, as collectividades operarias que se julgam no direito e no dever de apresentar queixas, reclamações e alvitres quanto ao grave problema das subsistencias dispõem dentro da lei e da ordem, dos meios necessarios para exercerem esse direito e cumprirem esse dever. A assembleia de hoje na Sociedade de Geographia, assim como não o resolverá totalmente a questão, por muito que seja a boa vontade dos seus membros, assim tambem não inhibe as collectividades que n'ella se não representarem de expôr o que entendem sobre o importantissimo assumpto.

D. Maria Virginia d'Almeida

Na sua casa de S. Pedro d'Alva, concelho de Penacova, falleceu a sr.ª D. Maria Virginia d'Almeida, estremecida irmã do sr. dr. Antonio José d'Almeida, a quem, bem como á restante familia enlutada, enviamos os nossos sinceros pezames.

ULTIMAS NOTICIAS

SOBREIROS QUE DÃO OIRO...

15 mil contos de cortiça

Tal é o valor medio annual da nossa exportação

Que a cortiça é uma riqueza ninguem certamente ignora. O que muito boa gente não sabe e que constitue uma das maiores riquezas nacionaes, é que a boa gente não sabe é que consos paizes productores, aquelle que em maior quantidade a exporta. Quer isto dizer porventura que se tenha tirado todo o partido possivel, para a nossa situação economica, d'essa admiravel circumstancia? Infelizmente, não.

A cortiça que Portugal produz serve, em grande parte, de materia prima para florescentes industrias que teem medrado em paizes cujo solo nunca viu nascer um sobreiro. E' á custa da nossa classe corticeira, que não conta menos de 12 a 15.000 pessoas e da qual póde sem receio affirmar-se que se alimentam 50.000 boccas, é á custa do sacrificio d'essa classe que taes industrias teem progredido. Todas as tentativas feitas para remediar o mal organico de que enferma a nossa industria não teem consistido mais do que em palliativos. A' medicação simptomatica que se tem adoptado é urgente substituir um tratamento radical, e por meio de sabias e arrojadas medidas tornar o ambiente propicio ao desenvolvimento da industria da cortiça em Portugal, de fórma a libertarmo-nos cada vez mais de um tributo annualmente pago ao estrangeiro com a propria miseria dos nacionaes. Que razões se oppõem a que todos os productos derivados da cortiça, desde a rolha e o «disco» nos pavimentos e isoladores, sejam de futuro fabricados aqui por braços portuguezes? Pois não é porventura o estabelecimento do local da industria junto do local da producção uma lei economica de reconhecida efficacia?

Portugal, que ha oitenta annos não exportava um kilo de cortiça, produz hoje nada menos de 70.000 toneladas d'esta preciosa materia, e manda-a annualmente para o estrangeiro n'um valor que oscilla entre 12 e 15.000 contos, oiro. Os outros paizes onde o sobreiro se cultiva são, por ordem de producção, a Hespanha, com 50.000 toneladas, a Argelia, com 20.000, a França, com 15.000, a Italia, com 10.000 e a Tunisia, com 5.000. Devemos accrescentar que no norte de Africa, os montados de sobreiros estão ainda em começo de exploração, muito difficultada de resto pela má vontade das «kabylas» arabes, que consideram essa arvore de certa fórma sagrada e imaginam que se extingue com o descortiçamento.

A Catalunha, que é, hoje em dia, o principal centro corticeiro, fornece a França na quasi totalidade das rolhas chamadas de typo «Champagne» e «Bordeus».

Designam-nas os catalães por «trefinos», e fabricam outras ainda de qualidade mais inferior com o nome de «tiratxe», que servem para o primeiro engarrafamento dos vinhos espumosos. Para ambos estes productos da sua industria, os hespanhoes servem-se de cortiça de 15 annos, materia prima de que a Catalunha só fornece um terço. O resto mandam-no vir da Andaluzia e da Extremadura, cobrindo o «deficit» com o que importam de Portugal. Parte da nossa cortiça vae pois ser fabricada na Catalunha para a venderem depois nos mercados francezes!

Como, apesar de tudo, a producção de cortiça de sufficiente espessura e necessaria resistencia «á prova d'agua» não chegue para as exigencias do consumo, fabrica-se ainda na Catalunha um terceiro typo de rolha, a «Geminus», formada por dois pedaços de cortiça collados e preparados á machina.

Poderá talvez suppôr-se em presença d'estes factos que a industria corticeira teve o seu berço no norte de Hespanha. Puro engano. Nasceu em França, no seculo XVIII ou talvez antes, e só muito depois é que os catalães começaram a apparecer com as suas rolhas na feira de Beaucaire, no departamento de Gord. Por sua vez, a Inglaterra, pretendeu explorar a mesma industria, mas, tendo adoptado processos de fabricação contrarios aos francezes, viu triumphar o sistema d'estes tanto no fabrico manual como mechanico.

Foi só quando as linhas ferreas cruzaram os continentes e a navegação a vapor se assenhoreou dos mares que a industria da cortiça viu alargarem-se-lhe notavelmente os horisontes. Rolhas e «discos» são importados hoje por todos os paizes, e indispensaveis ao engarrafamento de vinhos, aguardentes, cervejas, aguas mineraes e medicinaes, licores, etc.

Dissemos que entre nós a industria é relativamente moderna. De facto o seu inicio não vae muito além de 70 annos. Mas temos a inestimavel vantagem de ver nascer espontaneamente o sobreiro em quasi todas as nossas provincias, o que determinou o estabelecimento de fabricas de cortiça em todos os pontos onde é mais intensa a producção. Existem hoje fabricas d'este genero no Porto, em Gaya, Mirandella, concelho da Feira, Mealhada, Coimbra, Castello Branco, Proença, Rocio d'Abrantes, Ponte de Sôr, Chamusca, Santarem, Coruche, Lisboa, Almada, Seixal, Barreiro, Mora, Azaruja, Azambuja, Arrayolos, Redondo, Evora, Portel, Vianna do Alemtejo, Vendas Novas, Setubal, Alcacer do Sal, Grandola, San Thiago de Cacem, Sines, Cercal do Alemtejo, Garvão, Odemira, S. Theotonio, Saboia, S. Bartholomeu de Messines, Silves, Portimão, S. Braz d'Alportel, Albufeira e Faro. Em quasi todos estes centros existem associações de classe, secções e «comités» com delegados na Federação Nacional Corticeira.

Pois bem: o problema economico a que nos referimos, e cuja primacial importancia julgamos desnecessario encarecer, está sendo estudado pelos mais directamente interessados: os operarios. A Federação Nacional pensa em vulgarisar o mais possivel o assumpto e trabalha mesmo para que no parlamento se approve brevemente um projecto de lei que transforme radicalmente a precaria situação em que a tal respeito nos encontramos. Ha certamente muito a esperar de tal iniciativa, a que se não pode negar uma grande simpathia, por ter a caracterisal-a um alto espirito de patriotismo.

A grande guerra

A acção dos aviões no theatro occidental

PARIS, 21.—Communicação official das 15 horas.—Em Artois a noite foi assignalada por canhoneio em redor de Souchez e Neuville. Soissons foi bombardeada durante a noite. Na floresta de Apremont o inimigo atacou as nossas posições em «Tete de Vache» e em Vaux-Fery mas foi totalmente repellido.

Nos Vosges houve vivas acções de infantaria, que se desenvolveram na tarde de hontem e durante a noite. Nas alturas que dominam a leste o valle de Fecht do norte, apossámo-nos de uma parte dos entrincheiramentos allemães.

Avançámos principalmente até curta distancia de Creté e Lingé. Trinta e um aviões bombardearam hontem a «gare» de Conflans em Jarnisy n'uma bifurcação importante. Observou-se terem cahido exactamente sobre a «gare» trez granadas de 155 e quatro de 90. O deposito de locomotivas foi attingido por granadas 155. Foram postos em fuga pelos aviões de caça que acompanhavam a esquadra, trez «aviatiks», um dos quaes foi obrigado a aterrar rapidamente. Hontem de tarde dois aviões bombardearam de novo a «gare» de Colmar, tendo cahido nas linhas quatro granadas de 155 e mais quatro de 90.—(Havas).

A rigorosa offensiva italiana

ROMA, 20.—Official.—Na linha do Isonzo continuou hontem uma vigorosa offensiva. Conquistámos trincheiras, fizémos 500 prisioneiros e resistimos a todos os contra-ataques. No resto da linha de combate não houve alteração alguma.—(Havas).

59 barcos turcos afundados pelos russos

SEBASTOPOL, 20.—Os torpedeiros russos destruiram cincoenta e nove barcos de vela turcos, carregados com materiaes de guerra.—(Havas).

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro dos negocios estrangeiros dá ámanhã recepção ao corpo diplomatico.

—Foi hoje assignado o contracto para o emprestimo de mil contos feito pela Caixa Geral de Depositos á camara Municipal do Porto, destinado á construcção de um bairro operario e ás grandes obras da avenida que principia na praça da Liberdade e termina no largo da Trindade.

O descanço dos padeiros de Setubal

Está sanado o conflicto entre os manipuladores de pão e proprietarios de padarias de Setubal, por causa do descanço semanal.

Terminou a venda do pão aos domicilios, passando a ser vendido nas lojas, sem commissão, e os manipuladores terão 24 horas consecutivas de descanço, todas as semanas.

O administrador do concelho assim o communicou ao sr. governador civil, accrescentando que se os donos de padarias obtiverem augmento de lucros augmentarão os salarios aos seus empregados.

Sport

Grande premio de julho

Fechou hontem a inscripção para esta importante prova pedestre de 6 kilometros, organisada pelo Sport Club Progresso, tendo-se inscripto concorrentes da maior parte dos clubs e grupos sportivos de Lisboa.

Consta-nos que os concorrentes se teem treinado cuidadosamente, pois todos ambicionam a posse da artistica medalha de ouro e prata, que será conferida ao vencedor. Além d'este premio ha mais os seguintes: para os 2.º e 3.º classificados, medalhas de «vermeil»; para os 3 immediatos, medalhas de prata e do 7.º ao 15.º medalhas de cobre.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Escola Commercial Ferreira Borges

Reune a assembleia geral, ás 20 horas, na séde, rua dos Poyaes de S. Bento, 59, 1.º, para discussão e approvação dos novos estatutos.

Noticias parlamentares

Na Camara foi lido um officio do sr. ministro da Inglaterra em Lisboa dando conta de ter participado ao seu governo a resolução que a Camara tomou de exarar na acta de uma das suas sessões um voto de agradecimento pelo auxilio que o cruzador inglez *High-flier* prestou á canhoneira *Ibo*, nas aguas de Cabo Verde, quando esse navio teve ali um incendio a bordo. O sr. Carnegie exprimia ao mesmo tempo o seu pezar pelo desastre e congratulava-se por um navio da armada britannica ter prestado um efficaz auxilio a um barco da marinha portugueza.

**

Estava marcada para hontem uma reunião dos parlamentares evolucionistas, na qual devia tratar-se da escolha do candidato d'esse partido á presidencia da Republica. Por incommodo de saude do sr. dr. Antonio José d'Almeida, essa reunião *não se effectuou*. Parece, porém, que na reunião do congresso do proximo dia 5 os votos evolucionistas irão para o sr. dr. Guerra Junqueiro. Hoje, esperava-se que fosse ao Parlamento a direcção do Grande Oriente Luzitano lembrar ao sr. Alexandre Braga que veria com bons olhos que o sr. dr. Magalhães Lima fosse o candidato da maioria á suprema magistratura da Nação.

**

Apezar de todos os desmentidos, continuou a affirmar-se que o governo está em vesperas de soffrer uma recomposição, que não se sabe, por ora, se irá além da pasta da guerra. E todas as combinações até agora feitas tendem, ao que se affirma a fazer passar o sr. dr. Catanho de Menezes para a guerra, indo para a justiça o sr. Barbosa de Magalhães. Verdade seja que tambem não faltava quem dissesse que o futuro ministro da guerra será o sr. general Judice da Costa, actual commandante da 1.ª divisão militar com séde em Lisboa.

**

A sessão d'hoje, se não foi um *omolete ou rhum*, foi uma pequenina refeição de manteiga, vinho generoso e de pasto e pão de trigo novo. Entraram na confecção do paradisiaco agape alguns cosinheiros de nomeada, ignorados Savarins que por S. Bento vão obliterando as suas artes culinarias. Mas nenhum sahiu mais besuntado do almofariz onde o vinho a manteiga e a farinha se misturaram a custo, do que o sr. Mantas. E' que, na exuberancia de gesto com que bateu o bolo saboroso só elle se excedeu, parecendo até que com os seus amplos movimentos braçaes elle queria dar a medida da sua eloquencia, que é muita, e dos seus pergaminhos republicanos, que são indestructiveis. Pena foi que o sr. Antonio Fonseca se permittisse illustral-os com alguns rasgões crueis...

**

A magistratura, a dictadura, tudo isso foi hoje, mais uma vez, vivamente discutido na Camara. O sr. ministro da justiça levantou a luva arremessada aos juizes, dizendo que todos elles, ao apreciarem os decretos dictatoriaes, procederam segundo a sua consciencia. O sr. dr. Antonio Macieira, por seu turno, carregou mais as tintas do quadro que traçara hontem. Foi a magistratura que permittiu a duração do governo dictatorial. Se não fosse ella, chegando a haver juizes que lavraram sentenças quasi ridiculas, o sr. Pimenta de Castro teria cahido por si. Eis as duas opiniões que se chocaram. Qual d'ellas é a mais justa? Respondo leitor, porque os teus juizos, se não são salomonicos, parecem-no muitas vezes.

**

Prosegue lentamente a discussão do orçamento, o que quer dizer que só com um grande esforço elle estará votado no fim do mez. Esta convicção vae-se apoderando já do espirito d'aquelles que, dentro do Parlamento, mais defendem a necessidade do Congresso fechar no dia 6 de agosto. E assim, já hoje se dizia que não ha remedio senão votar outro duodecimo, o que implica o funccionamento das camaras, pelo menos, até ao fim de agosto.

Independencia belga

Commemorando o anniversario, grande numero de pessoas visitam a legação

Por motivo do anniversario da independencia belga, o sr. De Ghait, ministro d'aquelle paiz em Lisboa, deu hoje recepção aos membros da colonia aqui residentes ou de passagem. Grande numero de pessoas aproveitou mais este ensejo para testemunhar na pessoa do illustre diplomata toda a sua simpathia pelo heroico povo, que foi o primeiro a soffrer o assalto dos barbaros germanicos.

A' elegante residencia da rua da Imprensa Nacional foram, entre outras pessoas, inscrever-se no registo de visitas ou deixar os seus cartões de felicitação, os srs.: Daeschner, ministro da França; Carnegie, ministro de Inglaterra; Ernesto Koch, ministro de Italia; Aried de Huitfeldt, encarregado de negocios da Noruega; K. T. Kono, encarregado de negocios da China; Belford Ramos, da legação do Brazil; Dinitrey de Saxman, consul, e Leonce Gautirs, secretario do consulado da Russia; Alfredo Soares, ministro dos estrangeiros, Gonçalves Teixeira, Abrahão Bensaude, antigo estudante em Gand; Luiz Derouet, etc., etc.

Da colonia belga compareceram na legação os srs. H. J. Malevez, Victor Cordier, Jules Cordewenes, Maurice E. Muschenbach, E. Wantheiet, Wellez Rolin, Woermans, Lucien Mayer, Lambert Dargent, E. Richard, Maurice de Roo, Robert Conne, Luciano Winlisurne, George Gongenheim, Carlos Hermann, J. Liennes, mad. Eugenie Le Crenier, Raymond Magnette, George de Ryckman de Betz, prof. Besson.

Os subditos belgas residentes em Aljustrel dirigiram uma carta ao ministro, manifestando a sua confiança na victoria da sua patria.

Na legação belga foi recebido o seguinte telegramma:

Os funccionarios da secretaria dos caminhos de ferro do sul e sueste felicitam na pessoa de v. ex.ª o povo belga pelo anniversario da sua independencia (aa) Vasco Lupi, Correia Caldas, Alfredo Gomes, Peres Sousa, Eduardo Passeti, Rita Santos, Sardinha Junior, Faria Nunes, Garcia Junior, João F. Rodrigues, Victor Cambraia, Gonçalo Camisão, José Cunha, Antonio Correia, José Macedo, Antunes Junior, Julio David, Dias Branco, Manuel Baeta, Xavier Machado, Eduardo Barreiros.

Associação do registo civil dirigiu tambem um telegramma ao sr. De Ghait felicitando o povo belga pelo anniversario da sua independencia, e convidando o ministro a assistir á sessão de 8 de agosto que aquella collectividade realisa no theatro de S. Carlos.

CAMARA DOS DEPUTADOS

A questão vinicola é debatida, proseguindo a discussão do orçamento

Affirma o sr. Azevedo Coutinho que, á 15,5, estão presentes os deputados necessarios para haver sessão. Approva-se a acta e o sr. Sá Pereira, com a magnifica voz que Deus lhe deu, lê a papelada abundante do expediente, começando por uma representação da viticultura do sul, que é mandada publicar no *Diario do Governo*, a requerimento do sr. Nunes Godinho. O sr. Nunes Godinho refere-se á lucta existente entre o norte e o sul, por causa da crise vinicola. O sul podia dizer que não consente em que seja approvado o projecto que o sr. ministro do fomento trouxe ao Parlamento. Mas não o faz. Affirma apenas que tal diploma não póde ser approvado, porque é inadmissivel que se prohiba a qualquer região trabalhar e produzir e colocar livremente, onde quer que seja, os seus productos. E por isso, diz ao governo que n'uma grande reunião que já hontem ali se realisou foi difficil conter os animos, que querem por força lançar-se n'uma opposição violenta contra o projecto. Hoje deve effectuar-se outra reunião não menos importante em Santarem, que será seguida de outras, em varios concelhos. A questão é grave e de difficil solução e por o ser é que se concedeu ao Douro essa coisa nunca vista, chamada a restrição da barra do Porto.

—Uma voz—Nunca vista? E' conhecer pouco a exportação do paiz.

Vozes—Está, porventura, em discussão o projecto?

Os ápartes chovem de toda a parte sobre o sr. Godinho, extremando-se em dois campos os deputados adeptos do norte e do sul. Ha vozearia ensurdecedora, não conseguindo a campainha presidencial impôr silencio. E' no meio d'esse barulho de ensurdecer que o orador conclue, dizendo que o sul está disposto a não recuar e a ir até onde fôr preciso, convencido de que o tratado com a Inglaterra não prejudica o Douro.

O sr. ministro do interior, tomando a palavra, diz que ante-hontem, em Armamar, foram queimadas as repartições publicas, e que hontem, em Lamego, para onde se dirigiram os povos do concelho, os quaes nomearam uma commissão, para se entender com o presidente da camara e com o administrador do concelho. Quando a conferencia se realisava, o povo, amotinado, aggrediu a força que guardava o edificio municipal, obrigando-a a fazer duas descargas. Foram mortas dez pessoas, ficando muitas outras feridas, algumas tão gravemente que já falleceram, segundo lhe consta por informações não officiaes. Affirma, no emtanto, que a ordem, n'este momento, está restabelecida e é absoluta em toda a região duriense. O governo não tregiversará e restabelecerá a ordem em toda a parte, aconteça o que acontecer, seja á custa do que fôr.

Di-lo em termos cathegoricos e insophismaveis, para que todos saibam que o governo, procurando resolver a questão do Douro, não se encontra sob pressões de nenhuma especie, nem está disposto a transigir. (Apoiados). Em resposta ao sr. Godinho dirá que a camara é livre de resolver a questão como entender, parecendo-lhe, por isso, intempestivas todas as apreciações que, por ora, se façam ao projecto que o governo trouxe ao Parlamento. O sr. Antonio Mantas torna a queixar-se do governador civil da Guarda, que sindicou a camara de Manteigas, onde, ao que lhe consta, a anarchia reina e conspira infrene. O sr. ministro do interior responde que o governador não exorbitou, antes entregou a questão a quem de direito, não tendo o sr. Mantas motivos para se queixar.

O sr. *Antonio Fonseca*.—V. ex.ª gasta mais tempo com a camara de Gouveia do que nós gastamos com todas as camaras dissolvidas pela dictadura, que o senhor approva!

O sr. *Mantas*.—E v. ex.ª gasta mais tempo a defender o sr. ministro, que é seu irmão, do que seria para desejar.

O sr. *Fonseca*.—Mas nunca fui monarchico nem defendi dictadores!

E o tiroteio de phrases excessivas mantem-se por largo tempo entre a direita e a esquerda, sem que seja possivel inocular um pouco de socego em animos tão exaltados. Por fim, o socego volta á camara e o sr. João Chrisostomo occupa-se da questão dos vencimentos dos funccionarios dos governos civis, respondendo-lhe o sr. ministro da justiça.

O sr. ministro da justiça manda para a meza uma proposta de lei sobre solicitadores judiciaes; o sr. Pires de Campos renova a iniciativa de um projecto de lei reformando o tenente pharmaceutico Marques Conceiro que se inutilisou na Guiné. O rv. conego Gomes refere-se a coisas do liceu de Braga. Responde-lhe o sr. ministro da instrucção. O sr. Costa Junior manda para a meza um projecto de lei tornando extensiva a amnistia concedida apoz o 14 de maio, aos presos por crimes sociaes. E' admittida com urgencia. O sr. Domingos Pereira apresenta um projecto de lei concedendo a varias camaras vantagens na importação de material para illuminação electrica. O sr. Sousa Rosa apresenta queixas de officiaes que estiveram em tratamento no hospital da Estrella contra o mau alojamento e a pessima alimentação que ali lhes deram. O mesmo deputado queixa-se ainda de serem concedidos cavallos praças a officiaes que não teem direito a essa regalia, respondendo-lhe o sr. ministro da guerra que tomará todas as providencias que os factos apontados requeiram.

Prosegue, na ordem do dia, a discussão do orçamento do ministerio da justiça. O sr. ministro da justiça defende a magistratura dos ataques que lhe dirigiu o sr. Antonio Macieira. Se fosse magistrado, não sanccionaria os decretos dictatoriaes. Mas comprehende que os juizes, por via da pouca clareza da Constituição, hajam, conscienciosamente, sanccionado esses mesmos decretos. O sr. Antonio Macieira, replica reproduzindo as accusações já feitas aos juizes que sanccionaram as leis Pimenta de Castro. Foi por causa d'elles que a dictadura tanto se manteve. Esses juizes não cumpriram o seu dever. O sr. ministro da justiça torna a fallar para dizer que veiu para o governo em virtude de pedidos instantes do sr. Affonso Costa. Espera cumprir o seu dever, e quanto ao projecto de lei, tambem em discussão augmentando os vencimentos a determinados magistrados, o sr. Constancio de Oliveira commenta, a seu modo, as declarações dos membros da commissão do orçamento que não assignaram incondicionalmente o parecer que se discute. O sr. Barbosa de Magalhães faz o elogio caloroso do sr. ministro da justiça. Falam mais os srs. ministro da justiça e Moura Pinto. Faz-se a votação. Os vencimentos dos secretarios das procuradorias da Republica ficam em 600 escudos.

Approvam-se as emendas da commissão e o artigo 5.º. Sobre o artigo 6.º falam os srs. Constancio d'Oliveira e Ernesto Vilhena. Este ultimo agradece á Camara o ter-lhe approvado varias emendas no orçamento das receitas, que muito foram beneficiar as colonias. Principiou-se assim uma obra, que tem de ser completada agora, inscrevendo-se no orçamento da justiça uma verba de cerca de 100 contos, destinada ao pagamento das despezas com a manutenção dos degredados e vadios nas colonias, que não querendo ali os condemnados, teem ainda por cima de os sustentar. Para acabar com essa iniquidade, propõe desde já que o custeio do deposito de degredados de Loanda passe para o orçamento do ministerio da justiça.

Em contrapartida, entende que no orçamento das receitas da metropole deve figurar uma verba d'onde constem os rendimentos que porventura provenham do referido deposito de degredados. Assignou com declarações o parecer que se discute para ter a liberdade de apresentar propostas consubstanciando as considerações que acaba de fazer.

Essas propostas mandam incluir no orçamento em discussão 88 contos para manutenção dos degredados enviados para o deposito de Loanda, e a de 1 conto no orçamento das receitas. Depois, falam os srs. Rodrigo José Rodrigues, que defende a extincção dos emolumentos de carceres em varias cadeias civis, apresentando uma proposta n'esse sentido. Em seguida encerra-se a sessão.

No Senado

prosegue a discussão do orçamento das receitas

Marca o relogio da sala 14,30, quando o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada.

Presentes 19 senadores. Deserta a bancada ministerial.

A acta não soffre discussão, o expediente nada offerece de notavel.

Antes da ordem do dia, o sr. Jeronymo de Mattos pede licença, que lhe é concedida, para retirar o seu projecto relativo aos vinhos do Douro, visto ter sido apresentado na outra camara, pelo sr. ministro do fomento, um projecto identico.

O sr. Teixeira Rebello retira tambem o projecto que no mesmo sentido mandára ha dias para a meza.

E não havendo mais ninguem inscripto, entra-se na ordem do dia—continuação da discussão do orçamento das receitas.

Continua no uso da palavra o sr. ministro das finanças, que n'este momento entra na sala. Continua a frisar a clareza do orçamento e a approximada exactidão dos seus calculos, que nada teem de exagerados. Referindo-se aos rendimentos dos caminhos de ferro, que tem decrescido, assegura que a situação tende a melhorar, justificando os seus calculos. Organisar um orçamento—diz—é muito mais difficil do que escrever um artigo para um jornal, e não se póde admittir que n'esta hora difficil se exijam medidas financeiras que sejam um elixir de salvação. O que principalmente estranhára o sr. Pedro Martins fôra o facto de o «déficit» ser devido a despesas para occorrer a necessidades do Estado e não a medidas de caracter economico. Mas como se póde exigir semelhante coisa n'um periodo de convulsão internacional, affectando singularmente todos os paizes? O que podemos é fazer votos por que essa convulsão termine e entremos n'um periodo de paz, para então se poder com segurança cuidar do desenvolvimento economico e financeiro do paiz, de modo a leval-o ao grau de prosperidade de que é susceptivel.

Fala depois o sr. Celestino de Almeida: Como membro da commissão do orçamento, explica as razões que o levaram a assignar com declarações o respectivo parecer, que não leu, verificando apenas que esse diploma foi elaborado com extraordinaria precipitação, o que dá sempre maus resultados. Faz votos por que o sr. ministro das finanças se não tenha enganado nas suas previsões; todavia—com magua o declara—preferia votar um novo duodecimo, a assistir á discussão precipitada d'um orçamento organisado á pressa. São considerações de caracter generico, de pouco interesse para o caso particular do orçamento, as que faz; e, assim, diz que se não deve permittir a exportação de toros de madeira, n'um periodo em que naturalmente augmenta o preço do carvão, e que deviamos, á semelhança do que fizeram os Estados-Unidos, augmentar a nossa producção cerealifera, prevendo, como preveu aquella grande nação, a enorme alta que alcançariam os cereaes.

O sr. Estevam de Vasconcellos, relator, responde ao sr. Celestino de Almeida, começando por elogiar, apesar de refractario a contumelias, o sr. ministro das finanças, que apenas ha um mez tomou conta da sua pasta, procedendo da melhor harmonia com os interesses do paiz. Diz depois que tanto o sr. Celestino de Almeida como o sr. Pedro Martins foram injustos, no dizerem que o sr. ministro das finanças era optimista, sendo certo que elle havia tornado um saldo de 200 contos n'um «deficit» de cerca de 9.000 contos, segundo o calculo do sr. Pedro Martins. E o proprio sr. Celestino de Almeida declarara que havia verbas no orçamento das receitas que podiam ser augmentadas, como as de imposto de minas e passaportes.

Tem a palavra o sr. José Maria Pereira, que apresenta a seguinte moção:

«O Senado, verificando que o orçamento para o anno economico de 1915-1916 accusa já um «deficit» calculado em 4.320 contos, feitas algumas correcções no orçamento das receitas; mas considerando que algumas verbas estão ainda exaggeradamente calculadas e que ainda não entra para esse calculo o aggravamento de despezas ordinarias e extraordinarias, e ainda as que possam resultar da guerra europeia e da manutenção de forças extraordinarias nas nossas colonias, o que fará elevar extraordinariamente esse «deficit», lamenta que o sr. ministro das finanças não enuncie, pelo menos, quaes as medidas de caracter economico ou financeiro que tenciona adoptar para fazer face ao desequilibrio orçamental, e continua na ordem do dia».

O orador analisa depois detidamente o orçamento em discussão, cujo parecer, em vista do estudo que fizera das principaes verbas, assignara com reservas. Não é optimista nem pessimista; mas, apesar d'isso, os seus calculos, feitos sobre os mesmos estudos de que dispunha o sr. ministro das finanças levam-no a estimar o «deficit», não em quatro mil e tantos contos, como diz o orçamento, mas em 5.200 contos. Evidentemente, embora não com exaggeros extraordinarios, mas sempre com exaggeros, fez o sr. ministro os seus calculos, como o demonstra apreciando certas verbas. Fala sobre a *contribuição industrial* e diz ser necessario que o governo olhe, com olhos de ver, para a desgraçada situação da industria nacional, com falta de materia prima, ou pagando-a por fabuloso preço.

Ha n'este orçamento uma verba de novecentos e tantos contos que indubitavelmente pertencem á Camara Municipal de Lisboa, a quem se devem entregar, para obras de que a cidade, votada ao desleixo por falta de dinheiro, tanto carece. Todos nós, portuguezes e velhos republicanos, precisamos mostrar ao paiz que a Republica tem uma administração honesta, o que principalmente se prova com a apresentação de orçamentos sem ficções.

Por ultimo, o orador faz votos porque o sr. ministro das finanças traga ao parlamento um conjuncto de medidas que tornem desafogada a nossa vida economico-financeira.

Approvada a moção do sr. José Maria Pereira, foi encerrada a sessão, sendo a seguinte marcada para ámanhã.

Os tumultos de Lamego

Segundo as ultimas noticias da região duriense é completo o socego em toda a parte.

Informações complementares relativas ao caso de Lamego elevam a 14 o numero de mortos, entre os quaes duas mulheres.

No hospital da cidade encontram-se 15 feridos sem gravidade e receberam curativo 25.

Fez-se um rapido inquerito com o auxilio de funccionarios da policia de investigação do Porto, que tinham previamente marchado para a Regoa.

Apurou-se que a força publica foi insultada e aggredida a tiros partidos da multidão.

Entre os mortos conta-se Paschoal Samego, muito conhecido em Traz-os-Montes como alliciador e conspirador monarchico.

A questão duriense

Em Villa Nova de Fozcôa os sinos tocaram a rebate

VILLA NOVA DE FOZCOA, 19.—O povo de Fozcoa, solidarisando-se com o movimento da região duriense para se conseguir do governo a defeza dos seus interesses, percorreu as ruas no meio de vivas ao Douro e a varias individualidades. Tocaram os sinos a rebate e a enorme multidão pretendeu arrombar as repartições n'uma grande exaltação, tanto mais que pela imprensa se viram as respostas do governo. Alguns cidadãos como os srs. drs. Arthur Aguilar, Antonio Saraiva, Antonio Caldeira, Manuel Marçal, Acurcio Andrade e tantos outros aconselharam moderação, subindo então ao pelourinho do largo do Municipio, onde o povo se encontrava, o sr. dr. Orlando Marçal, que em nome da commissão de defeza dos interesses de Fozcoa pediu a todos que aguardassem a resposta do governo confiando n'elle a attenção ás reclamações do Douro. O povo então retirou em boa ordem não havendo prejuizos materiaes e deliberando-se desde logo abrir os estabelecimentos e repartições que tinham sido encerrados ha dois dias, recomeçando o trabalho em todos os ramos do commercio e industria. Agora é absoluto o socego.

Exposição de arte applicada

E' no proximo domingo que nos Desportos de Bemfica se realisa a inauguração d'esta exposição, em que figura grande numero de trabalhos de muito valor artistico, devendo por isso resultar um certamen brilhante.

Bombeiros Voluntarios de Lisboa

Continua ámanhã a kermesse que esta associação tem a funccionar ás quintas feiras e domingos na praça Luiz de Camões.

Far-se-ha ouvir das 21 ás 24 horas a Sociedade Philarmonica Euterpe acompanhada pelo seu orpheon.

A provincia n'A CAPITAL

MONTEMOR-O-NOVO, 20.—A falsificação das letras sóbe já a 4$800. Uma commissão promove com o auxilio da banda Pedrista uma «kermesse» no rocio do Calvario, nas noites de 27 de agosto e 5 e 6 de setembro, em beneficio do Asilo dos Velhos por occasião da feira annual.

—Está aberto concurso para o provimento do logar de veterinario d'este concelho.

PEQUENAS NOTICIAS

O carroceiro Alexandre Ventura, hontem preso em Campolide, por ter feito inconscientemente rebentar uma bomba de dinamite que encontrou nas terras de Seabra, caso a que largamente nos referimos, foi hoje posto em liberdade por nada se ter provado contra elle.

SPORT

A «sciencia» da aviação na «arte» da guerra

Os grandes aviadores foram especialmente recrutados entre os que faziam outros «sports» e de preferencia aquelles em que se exigiam conhecimentos de mechanica e habilidade manual. E' por esso motivo que se notabilisaram os Garros, Legagneux, Paulham e tantos outros. Especialmente o motociclista antigo deu um bello aviador moderno. São os mais serenos deante do perigo, os mais «scientificos», os mais arrojados e talvez os mais prudentes.

D'um d'estes motociclistas antigos, hoje aviador militar, conta-se o seguinte feito de guerra. E' a carta d'um alferes de artilharia, natural de Bordeus, que o revela:

«A situação sobre a nossa fronte não experimentou grandes modificações.

«O inimigo, entretanto, tem recuado. Mas são saltos de alguns cem metros apenas. As trincheiras tomam-se, perdem-se e tornam-se a tomar e ninguem adivinha quando isto vae acabar.

«Nós assistimos, muitas vezes, a «raids» maravilhosos dos nossos aviadores, entre os quaes estão Gilbert, Guilhaux, Servant, Prevost, de Rose, Lamiral, Sallés, Leblanc, Pourpre, etc.

«Ante-hontem, assistimos, com um indescriptivel enthusiasmo, a uma lucta aerea. Um biplano allemão appareceu sobre nós. Sahido não se sabe d'onde, um biplano francez deu-lhe caça, fazendo meia-volta sobre o «Boche». Quando o viu perto metralhou-o.

«Por dez vezes «escarrou» sobre elle as balas da sua metralhadora, mas em vão! Vexado, avançou a alumagem, passou o allemão e obrigou este a voltar para traz! Os dois aviões encontraram-se depois por cima de Merval. O francez não tinha munições na metralhadora, mas não hesitou em cumprir o seu dever, e, forçando a velocidade, carregou sobre o «Boche» com o designio bem evidente d'entrar em colisão com elle. O nosso heroe sacrificava a sua vida e a do piloto, mas destruia um inimigo!

«Milagre! Chegado a 3 ou 4 metros do «Taube», o observador tirou o seu revolver e conseguiu matar o piloto allemão! O avião cahiu immediatamente e o francez, erguendo-se bruscamente, evitou a catastrophe e veiu pousar tranquillamente perto do quartel general, onde, com os binoculos, se seguiam as phases da lucta!

«A Legião de Honra foi immediatamente concedida a esses bravos, o piloto observador e mechanico».

Nota do dia

A'manhã, no Stadium

Tres aspectos diversos tem o espectaculo de amanhã no Stadium de Lisboa: velocipedico, motociclista e do «box».

Na parte velocipedica, ha a novidade d'uma corrida de «tandems», com caracter internacional, sendo uma das «equipes» formada pelos dois hespanhoes Lazaro Vilada e Guilherme Anton e outra formada por dois portuguezes, excellentes corredores de «meio-fundo», Dias Maia e Joaquim Raposo. Entre amadores nacionaes disputa-se uma corrida, em que Christiano, Ramiro Madeira, Piedade e Floriani, que estão melhorando de «forma» e impondo-se, hão de fazer por triumphar de Carlos Fernandes, que tem ganho todas as ultimas corridas.

Em motociclismo, ha apenas uma prova mas de tal forma interessante, que chamará a presenceal-a todos os grandes «amadores» de emoção. E' que, pela primeira vez deante de Innocencio Pinto apparece um competidor que lhe conhece os processos de corrida, que foi, como elle e contra elle, um dos melhores especialistas de velocidade no antigo Velodromo de Palhavã. Referimo-nos a Lucio Inchado, que, em tempos, contra Innocencio teve mais fama que actualmente tem Fulscher. O novo adversario de Innocencio ha tres dias que treina no Stadium, para se costumar á pista, completamente desconhecida para elle. Vimos-lhe dar voltas em «tempos» que garantem velocidades muito superiores a 80 kilometros á hora e ficamos convencidos que Innocencio para vencer tem de «viajar» mais rapidamente do que fazia até agora.

No «box», o espectaculo toma o aspecto d'um acontecimento desusado em Portugal. E' que se apresenta o famoso campeão americano Blink Mac Closkey, homem que nunca soffreu um «knock-out», e que nunca foi a terra com um murro! A apresentação de Blink Mac Closkey faz-se em circumstancias magnificas para elle affirmar que conhece a nobre arte do «box». E' que a sua apresentação se faz n'um «match-exibição» com o sr. Bazilio d'Oliveira, campeão amador de Portugal e o pugilista que tem escola de jogadores inglezes, seguida na propria Inglaterra, em Manchester.

O Stadium para attender numerosos pedidos, começa o espectaculo ás 5 horas da tarde e termina com a apresentação do «box», precedida do grande desafio de motocicleta. O programma é o seguinte:

I—1.ª serie da corrida nacional de amadores; II—2.ª serie da corrida nacional de amadores; III—Corrida internacional de «tandems»; IV—Final da corrida nacional de amadores; V—Grande corrida de motocicletas, n'um «match»; VI—Demonstração de «box» entre o campeão amador de Portugal, sr. Bazilio d'Oliveira e o campeão americano Blink Mac Closkey.

Entre a corrida de motocicletas e o «box» faz-se um pequeno intervallo, sendo permittido aos espectadores de peões virem assistir na «pelouse» á exibição de Mac Closkey.

Algumas anecdotas

«Vê para que serve a tua cultura selvagem...»

Isto passou-se em 1867, n'um gymna-sio, o Casino da rua Cadet, de Paris, estabelecido na mesma casa onde está agora o Grande Oriente francez.

A direcção do Casino offereceu um premio de 60 escudos (exaggerado para aquelle tempo) ao hercules que tombasse um dos seus tres campeões: Richoux, Marseille, o «leão» e Vincent, o «canhão».

Apresentou-se um adversario. Era Faouët, padeiro em Paris, que muito desconfiado, exigiu que se depositasse o premio nas mãos d'um dos assistentes. Deram-lhe, como competidor, Vincent.

Os dois hercules entraram na «liça» e depois de algumas maçagens e esboço de golpes, Faouët, n'uma fulminante «cintura de frente», apertou Vincent, levantou-o e estendeu-o sobre a arena!

Foi um acontecimento porque Vincent era considerado um dos mais poderosos luctadores da epoca. Em Paris, a noticia correu depressa e apenas se fallava na irresistivel «cintura» de Faouët. Os dialogos succediam-se assim:

—Já o viste?

—Não...

—Vae ver. E' espantoso! Agarra um homem, levanta-o como uma penna e deita-o a terra em instantes que mal se fixam!...

No dia seguinte, o hercules-padeiro bateu-se com Marseille. Durante cinco quartos de hora, os dois adversarios luctaram com uma energia feroz mas sem um golpe util! O combate foi dado como «nullo». Mas Richoux, impaciente não gostou e disse:

—Lucta commigo e verás...

—Quando quizeres...

Travou-se o combate quatro dias depois. Apenas em presença, Richoux levantou propositadamente os braços, offerecendo-se ao golpe predilecto do adversario. Faouët precipitou-se e enlaçou-o nos seus braços de ferro. Richoux, porém, vertiginosamente, passou os seus pelas axilas de Faouët, levantou-o n'um repelão e fazendo com o seu enorme «corpanzil» uma revolução completa, atirou-o por terra, sobre as espaduas! Depois, levantando-o, disse-lhe ironico e em tom de mestre:

—Eis a que se resolveu a tua «cintura de frente!» Não sejas tão vaidoso! Os selvagens tambem se fazem mansos...

Noticias

Entre nós

Jogos Sportivos Nacionaes

Tennis—A' hora do nosso jornal entrar na machina devem ser disputadas as finaes do campeonato de Portugal do Lawn-tennis da F. P. S. e que faziam parte dos jogos Sportivos Nacionaes.

A prova de «men's singles» terminou hontem com o encontro de D. João Villa Franca e Ernesto Ryder, em que o primeiro ficou vencedor por 6-2, 6-3, cabendo-lhe por isso o primeiro premio, e ao seu adversario que só teve esta derrota, o segundo premio.

Tambem se realisou o unico encontro «mixed-doubles», ficando vencedor o par Mlle. d'Orey e Ernesto Ryder.

Sports athleticos—Por ter havido umas demoras e ser completamente impossivel apromptar as pistas do Stadium a Commissão technica adiou as provas do sports athleticos para o dias 5, 6, 7 e 8 de Agosto.

O dia 5 vae ser uma boa data para o Sport Nacional, pois sabemos da boa forma de alguns athletas correntes.

O dia 8 está marcado para as provas finaes e para as de maior sensação. Não queremos com isto dizer que as provas realisadas nos outros dias não sejam de importancia. Nos dias 3, 5 e 7, haverá eliminatorias e nas mesmas vezes em eliminatorias são batidos muitos «records». O Stadium do Lumiar vae ser pequeno para conter os nossos sportmens, pois que começando as provas nos dias de semana, ás 17 e meia e ás 16 ao sabbado, dá tempo para quem é empregado poder assistir aos Jogos Sportivos Nacionaes.

Um passeio official de remo

E' costume da velha Associação Naval organisar passeios interessantes e cheios de enthusiasmo. Um dos passeios que mais interesse está despertando é sem duvida o que tem logar no proximo domingo á villa da Azambuja para assistir á disputa da «Taça Azambuja», offerta da camara d'aquella localidade ao Club Naval, e que foi ganha em 3 de agosto de 1913 pela Associação Naval, sua actual detentora e a quem cabe a organisação da corrida.

Em 1914 não se realisou e por isso maior será o interesse em assistir a esta tão bella prova de remo.

As tripulações que estão treinando são formadas: a do Club Naval, por Bon de Sousa, Arnold Stoekler, Soares Franco e Cosme Damião (voga) e Frederico Burnay (timoneiro); a da Associação é formada por Gabriel Ribeiro, Djalme Bastos, José Branco e Bernardo Pinheiro de Mello (Arrosa) (voga), e Carlos Sá Pereira (timoneiro).

A Associação Naval alugou o magnifico vapor «Lusitano» para os seus socios, senhoras e convidados assistirem á regata e passarem um dia ouvindo boa musica por uma magnifica orchestra e gosarem o bello panorama das margens do nosso Ribatejo.

A partida far-se-ha ás 10 horas da ponte da Fareria e a inscripção ou requisição dos poucos bilhetes faz-se até amanhã, 22, na séde.

E' um dos passeios mais bonitos que se pode dar no nosso Tejo e pequeno vae ser o vapor para conter a gente que está já inscripta.

A Taça Heredia

Os resultados da corrida para a disputa da taça Heredia para barcos automoveis, realisada no domingo passado, com todo o brilhantismo, na bahia de Algés e promovida pela Secção de Motor do Club Naval de Lisboa, foram os seguintes:

Vencedor por pontos (98) premio Taça Heredia o *cruiser* de cabine «Esmeralda», proprietario o sr. João Duarte Rhodes. Classificado em 2.º logar «Fernanda», proprietario o sr. Jayme Ferreira.

Velocidade, 1.º premio, medalha de ouro, *hidroplano-racer* «Vatapa», proprietario o sr. Alberto Lavandeira.

Velocidade, 2.º premio, medalha de vermeil, *cruiser* de cabine «Alice», proprietario o sr. D. Antonio de Heredia «vice-comodoro».

Velocidade, 3.º premio, medalha de prata, *semi racer* «Reinadio», proprietario o sr. Camillo Carlos de Almeida.

A distribuição dos premios far-se-ha no proximo dia 1 de agosto por occasião das grandes festas que se realisarão na séde do Club Naval de Lisboa.

Tennis na Amadora

E' amanhã que se encerra a inscripção para o campeonato de *tennis*, que principia no domingo, 25, no *rink* dos Recreios Desportivos da Amadora e aberto a todos os socios d'esta aggremiação.

Reunião no Sporting Club

Foi convocada a assembleia geral do Sporting Club de Portugal para sabbado, 24, ás 21 horas, na séde do club, com a seguinte ordem da noite: apreciação dos actos da gerencia e eleição dos novos corpos gerentes.

No estrangeiro

200.000 liras de premios aos automobilistas na guerra

A agencia italiana dos pneumaticos Michelin, para favorecer a familia dos automobilistas italianos chamados para a guerra, poz á disposição do ministerio da Guerra duzentas mil liras, sendo cem mil para subsidiar as familias dos automobilistas feridos ou mortos e cem mil para premio dos automobilistas que tiverem obtido recompensas de valor. E a todos os heroes, a agencia offerece uma medalha d'ouro como recordação.

PEQUENAS NOTICIAS

A menina Alice da Graça Santos, de 9 annos, filha do sr. Antonio Duarte Santos, fez exame do 2.º anno de rudimentos de musica, ficando approvada com 15 valores.

—No liceu de Camões começam amanhã, ás 9 e 14 horas, respectivamente, os exames de admissão ás 2.ª e 3.ª classes.

—Foi preso José da Silva, morador na travessa de Cima dos Quarteis, 16, por ser encontrado no Largo do Intendente conduzindo um sacco de lona com onze campainhas no valor de cincoenta escudos. Ao ser preso, declarou tel-as furtado em diversos predios.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu entrada o maritimo Antonio da Silva Vigario, morador na rua das Madres, 70, loja, que se bateu em duello á navalhada com o seu collega Manuel da Silva, da rua da Cura, 49, ficando ferido com seis facadas pelo corpo. O Silva tambem recebeu uma facada, seguindo para o governo civil depois de pensado no banco.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante do meu genro.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

A'MANHÃ — **Politheama** — Primeira representação de *A amante do meu genro*, traducção de Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

SEXTA-FEIRA — **Apollo**—Recita de Joaquim Costa. *Reprise* de *Capote e lenço.*

Boatos e informações

ENTRE NÓS

Foram escripturados para a companhia que no Polyteama vae representar uma revista por sessões as actrizes Flora Dyson Vaz e Deolinda Macedo e o actor Antonio Gomes.

—O dr. Campos Monteiro está trabalhando n'uma comedia destinada á futura epocha do Gymnasio.

—No Apollo Terrasse do Porto está em ensaios a peça «O regimento vermelho».

—A acção da peça «A amante do meu genro», que tem a sua «première» ámanhã no Polyteama, é muito original, e na altura do segundo acto as situações são tão impresvistas e os ditos espirituosos succedem-se em tão grande numero e com tal rapidez, que na primeira noite em que a peça se representou em Paris alguns se perderam pelas estrondosas gargalhadas, que os anteriores provocaram no auditorio.

N'esse acto tem Palmyra Torres um trabalho importante, assim como Ignacio Peixoto.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 23—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

TOURADAS

Campo Pequeno—Na corrida nocturna de depois d'ámanhã, primeira da epocha, entram o «espada» Malla e o cavalleiro José Casimiro, que lidará todos os touros, facto que pela primeira vez se vê entre nós. O grupo de bandarilheiros é formado por Theodoro Gonçalves, Manuel dos Santos, Guilherme Thadeu, Luciano Moreira, Alfredo Santos, Custodio Domingos, Angelillo de Valencia e Malagueño, os dois ultimos da quadrilha do «espada». Os touros serão lidados em todos os tercios e foram adquiridos na ganaderia do sr. Alves do Rio, um dos lavradores que melhores curros tem fornecido.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 19.—O que será este anno a temporada de banhos n'esta linda praia é facil suppor-se pela quantidade de attractivos e diversões que de toda a parte annunciam exhibir-se durante os mezes da epocha. Não ha uma só casa de recreio que não esteja arrendada. O banhista tem este anno, como nunca, por onde escolher passatempos, qual d'elles o mais attrahente. Já abriram os cafés Europa e Hespanhol onde se fazem ouvir magnificos sextettos e está para breve a inauguração do Casino Mondego, que uma empreza de arrojados emprehendedores vae explorar com numeros de variedades, contando levar ali o que ha de melhor no estrangeiro. O sextetto é composto de artistas de nome como Caggiani e outros. No salão do Casino acha-se a funccionar uma bem installada academia de tiro, que ali chama enorme concorrencia.

—Regressou já das Caldas da Amieira o nosso amigo Augusto Veiga, proprietario da Imprensa Lusitana.

—Em rapida visita, vimos n'esta cidade o sr. dr. Luiz Rocetto, distincto medico-operador, de Coimbra.

CERTÃ, 19—No dia 25 realisa-se n'esta linda villa da Beira Baixa a inauguração de um edificio para theatro-club, feito por subscripção publica, edificio que fica sendo um dos melhores da provincia, satisfazendo absolutamente ás necessidades do meio e ás exigencias do progresso. A realisação d'este melhoramento representava uma aspiração de longos annos para os filhos da Certã e para todos os que se interessam pelo seu desenvolvimento material e moral; por isso, os certaginenses se preparam, com grande enthusiasmo, para festejar acontecimento tão desejado.

O programma das festas é o seguinte:

Dia 25. Sessão solemne de entrega do edificio pela commissão constructora á direcção do Gremio Certaginense, na sala de espectaculo do theatro Tasso, pelas 13 horas; ás 21, recita no theatro Tasso, com a comedia *O deputado independente*, desempenhada por um grupo de amadores de que fazem parte algumas damas certaginenses. Nos intervallos far-se-ha ouvir uma orchestra de amadores, sob a direcção do sr. Ferreira de Andrade. Dia 27: Pelas 21 horas, baile no salão do Gremio Certaginense. Dia 29: Um pic-nic n'um dos sitios mais aprazíveis dos arredores da Certã. Além d'estas haverá ainda outras festas particulares.

Sabemos que de Lisboa e de outras terras do paiz se preparam muitas familias para virem assistir a esta festa, o que concorrerá bastante para o seu brilhantismo.

Movimento maritimo

Africa occidental «Malange»	22
Braz. e R. da Prata «Am. Ponty» (Hav.)	22
Brazil e Rio da Prata «Sallust» (Liv.)	22
Bordeus «Divona» (Brazil)	23

so, ora torrencial, tem um leito de grande largura e n'elle se formou uma serie de deltas pela constante erosão de novos braços. Para o atravessar formavam-se pontes de barcos e serviam-se dos toscos pontões dos curiosos moinhos, caracteristicos da região. Ambos os exercitos, durante as diversas phases da guerra, haviam desmontado estas ultimas installações, deixando moinhos e rodas debaixo d'agua. Os austriacos haviam, porém, tido a vantagem da primasia. Aproveitando o seu avanço, que não tivera opposição, tinham-se apoderado e utilisado de todos os barcos que haviam encontrado e apesar da natureza da sua precipitada retirada haviam, afortunadamente para elles, conseguido amontoar esses barcos na margem que lhes pertencia.

Os servios tinham, é facto, trens militares de pontes, mas exceptuando os que haviam tomado aos turcos em Koumanovo em 1912 eram constituidos por construcções de madeira não só inefficientes, mas insufficientes para o numero de pontes que as operações offensivas na Bosnia exigiriam. Finalmente, os servios desde o começo da guerra tinham posto em campo todos os homens validos, não tinham reservas e estavam em lucta de vida ou morte com um inimigo cujos recursos a esse tempo eram quasi illimitados.

O exercito não tinha a força necessaria para poder defender uma qualquer linha mais extensa do que a formada pela fronteira do seu paiz e os acontecimentos que se seguiram demonstraram que a resolução do general Putnik em conservar os seus homens na Servia foi o mais prudente possivel.

Durante os doze dias que se seguiram á batalha do Jadar, uma relativa tranquillidade reinou em toda a fronte. Pelo menos um dos corpos d'exercito austriaco—o quarto, composto de trez divisões—sabia-se ter recuado; os outros haviam sido batidos miseravelmente, embora o divertido communicado do governo austriaco apoz a derrota dissesse que fôra addiada a sua offensiva para occasião mais favoravel. No entretanto, as operações russas na Galicia haviam progredido com a maior rapidez e exito e um grande exercito austriaco tinha sido derrotado em Lemberg.

A esse tempo, uma tendencia geral se manifestára para depreciar os recursos militares da Austria-Hungria e os servios, tendo provado os fructos da victoria, estavam anciosos por proseguir a lucta em solo estranho. Eram incitados n'essa ambição pelo menos por um dos seus poderosos alliados. Todas essas considerações levaram o general Putnik a tentar uma penetração na Syrmia—uma expedição que na realidade devia ser a primeira e necessaria phase d'uma invasão geral da Bosnia.

Emquanto a tarefa das forças do general Potiorek em fazêr recuar as tropas do norte se tornava excessivamente difficultosa, se não impossivel, devido á raridade de caminhos de ferro, a rede de communicações na Syrmia permittia a rapida concentração de consideraveis forças do inimigo na fronteira servia que fica entre o rio Drina e Belgrado. O primeiro objectivo do general Putnik era, por isso, proteger a metade occidental da sua fronteira norte apoderando-se do territorio que fica entre o Save e o Danubio e estabelecendo-se fortemente na montanha que domina Frushkagora. Com essa manobra impediria o reforço do exercito austriaco na Bosnia e Herzegovina e actuaria com a sua offensiva n'essas provincias servias com relativa segurança. A idéa tornou-se ainda mais attrahente pelo facto sabido das forças do inimigo na Syrmia não serem muito poderosas, consistindo apenas da 29.ª divisão do 9.º corpo de exercito, do 38.º e 68.º regimentos de infantaria do exercito commum aos dois paizes, do 21.º batalhão Jaeger, dos 12.º, 13.º, 27.º e 28.º regimentos de «landsturm» e de 6 a 8 «batalhões de marcha»—nome dado aos que eram formados com os restos dos outros regimentos e de recrutas.

A tarefa de invadir a Syrmia foi

Folhetim de "A Capital"

VOLUME IV

CAPITULO I

A segunda e terceira invasões da Servia

O facto do estado maior servio não ter ordenado immediatamente a perseguição do derrotado exercito austro-hungaro apoz a batalha do Jadar foi assumpto de muitos e diversos commentarios. Que o inimigo era uma turba-multa batida e desordenada quando transpôz os rios da fronteira é fóra de duvida e affigura-se á primeira vista que os servios deviam completar a sua victoria perseguindo os fugitivos mesmo em territorio austriaco.

Poderosas razões, porém, parecem ter militado para que o general Putnik não désse tal ordem. Parte alguma do exercito servio estava esperando o ataque na região em que a batalha do Jadar se pelejou. As tropas que n'ella entraram haviam sido obrigadas a uma serie de marchas forçadas antes de se pôrem em contacto com os austriacos e, dado este, a lucta foi violenta e prolongada contra um inimigo resoluto e bem preparado. Os servios estavam, por isso, mais ou menos physicamente cançados antes dos invasores terem sido repellidos. As divisões que haviam ficado de reserva e que entraram em acção no fim da batalha estavam ainda mais fatigadas, porque tinham andado d'um sector para outro conforme as necessidades o exigiam e finalmente haviam entrado no combate quando a sua força de resistencia estava já mais ou menos exgotada.

Este facto, considerado por si só, não póde ser admittido para desculpar a inactividade servia. Os austriacos não estavam menos fatigados do que elles e, de resto, alguns dias de repouso apoz a perseguição bastariam a dar novo vigor aos soldados. Houve outras mais poderosas razões, filiadas na incompleta preparação servia para a guerra, a que já nos referimos quando falámos da primeira invasão austriaca. Entre ellas e talvez a principal era a falta de armas. A batalha do Jadar fôra vencida apezar d'essa falta, mas uma incursão em territorio inimigo teria sem duvida exigido o emprego de todas as forças de reserva na linha de fogo e eram precisamente essas forças que até ahi haviam ficado desarmadas na retaguarda. A terceira e mais poderosa razão era a falta de material necessario para effectuar a travessia dos rios.

O Drina não é um rio vulgar. Nascendo nos cumes das montanhas da Bosnia e alimentado por importantes affluentes corre para o norte até á sua juncção com o Save. Ora mar-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1782—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 22 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Nós e a Hespanha

Alludimos hontem á parte do livro do sr. Felix Lorenzo, consagrado a Portugal, após o advento do regimen republicano, em que este jornalista hespanhol se insurge contra a alliança anglo-lusa, por consideral-a um obstaculo á união iberica, que de uma maneira cathegorica preconisa e affirma dever ser fatalmente, mais tarde ou cedo, uma realidade historica. E' conveniente que o leitor portuguez conheça integralmente o trecho em que esse ousado pensamento claramente se desmascara. Por isso vamos reproduzil-o, sem lhe alterar uma virgula:

«O partido democratico em cujas mãos, — escreve o sr. Lorenzo, — se encontra hoje a nação portugueza, é o menos amigo da Hespanha e o mais furioso anglophilo. Graças a elle, Portugal exhausto, Portugal sem Exercito nem Marinha, Portugal empobrecido e faminto, vae lançar-se, em cumprimento de compromissos discutiveis, no abismo da guerra europeia; graças a elle, Portugal aceita com mais gosto a servidão sob o sapato inglez do que a união com a Hespanha. A Inglaterra sabe o que lhe convem, e que sempre lhe conveiu fomentar a divisão de dois povos que, unidos por motivos ethnicos e geographicos, poderiam chegar a um grau de poderio incalculavel.

A Inglaterra sabe que fatalmente—fatalmente!—um dia estes povos irmãos apparecerão unidos e até fundidos perante o mundo e que n'esse dia, supponde que se não tenha desmoronado a grandeza britannica, ella se encontrará em face de um poderosissimo rival, não fabricado por passageiras organisações politicas, mas sim creado por imperativos da Natureza. A Inglaterra é forte porque é uma ilha. A Iberia será mais forte porque é a peninsula mais peninsula do mundo; porque reúne a inexpugnabilidade da ilha e o seu espirito defensivo com a energia essencial do continente e a sua força expansiva; porque está destinada a remar em tres mares e a ser o traço que une a velha Europa [illegible] experiencia, á Africa e á America, d'onde nos vem o novo sangue; porque nos seus filhos persiste mais vigoroso do que em quaesquer outros o sentimento das raças mães: sobriedade, pureza de costumes e independencia, mais uma força que vem das entranhas da propria terra, ou seja a consciencia territorial.

A Iberia, quando fôr Iberia, inatacavel por terra, irreductivel por mar, terá sobre os meios de dominio communs a todos os povos, porque são cousa alugavel e commerciavel, um que poucos teem: a sua inconfundivel personalidade».

Não nos deixemos enlevar por este risonho quadro que, de resto, não logra convencer-nos de que não seja uma phantasia. Não escutemos a voz da sereia. Attentemos só no que n'ella palpita de real e vivo, ou seja o odio á Inglaterra, cuja grandeza se pensa destruir um dia, e cuja acção, na campanha actual, se exerce em nome de principios que decididamente não podem ser mais antipathicos a uma grande parte da opinião hespanhola.

A Hespanha está contra os alliados. A Hespanha está contra a Inglaterra,—e se outras razões não tivessemos, bastavam essas, creia-o o sr. Felix Lorenzo, para nós estarmos ao lado da Inglaterra, e ser a causa do nosso sentimento e da nossa razão a causa dos alliados.

Portugal é um paiz que quer ser sempre livre e independente. Não perdemos a esperança em gloriosos destinos. A Historia tem ciclos em que a acção dos povos se renova. Portugal, tão pequeno como hoje o é na sua metropole, já foi um grande paiz, a que a civilisação do mundo deveu inestimaveis serviços. E' possivel que ainda um dia circumstancias que ninguem prevê outhorguem a este pequeno povo, em cuja mente tão grandes ideas teem raiado, uma acção de novo grandiosa e bella. Mas não pensamos n'essas glorias, ou antes todos os sonhos que a nossa imaginação sobre ellas possa architectar cedem o passo á preoccupação superior e dominante da nossa liberdade e da nossa independencia.

Primeiro que tudo essa liberdade, essa independencia! Sempre! Sempre! E embora pobres, embora humildes, embora confinados no nosso pedaço de terra amada, e regada a sangue de heroes, com essa liberdade, com essa independencia, compensando a pobreza e a obscuridade, nos consideraremos sempre felizes.

Se só com o partido da Hespanha, se só com a união iberica pudessemos exercer uma grande acção no mundo, a ella renunciariamos, considerando-nos maiores como cidadãos d'um pequeno paiz livre e independente do que como subditos d'um governo que sempre considerariamos estranho e d'um poder que sempre consideraramos abusivo.

Na guerra actual jogam-se os destinos do mundo. Só podemos estar ao lado da grande nação que, segundo o sr. Felix Lorenzo pensa, obsta a que a união iberica seja um facto immediato. As suas palavras seriam para nós um poderoso estimulo n'esse sentido, se porventura o nosso patriotismo inflexivel necessitasse de estimulos de qualquer natureza.

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 22.—Official.—Na margem direita do Nareff conseguimos fazer recuar um pouco o inimigo. Na margem esquerda do Vistula os ataques inimigos resultaram baldados.

Detivemos a offensiva inimiga na linha de Kodel a Tiasky. Nas duas margens de Wieprz os allemães foram repellidos em varios sectores, soffrendo perdas importantes.

No Bug acossámos os destacamentos inimigos, que passaram para a margem direita, e fizemos 1:000 prisioneiros.—(*Havas*).

A questão das lãs

Proposta de lei para a realisação d'um inquerito

O sr. ministro do fomento apresentou na Camara a seguinte proposta de lei:

Base 1.ª—Com o fim de determinar a producção de lã no continente da Republica, avaliar as necessidades da industria de lanificios, proceder-se-ha a um arrolamento das quantidades d'aquelle producto, colhidas e actualmente existentes, e inquirir-se-ha das fabricas e teares e consumo normal e a provavel no corrente anno, de lãs nacionaes e estrangeiras.

Base 2.ª—Tanto o arrolamento como o inquerito referidos na base anterior serão effectuados por meio de declarações dos productores, dos detentores de lã e dos fabricantes de lanificios, a que os mesmos serão obrigados.

Base 3.ª—Os productores declararão as quantidades que houverem colhido no presente anno. Os detentores mencionarão as existencias de lã em rama suja que possuirem no dia 1 de agosto proximo. O mesmo farão os fabricantes de lã em rama, cardada e penteada, quer nacionaes ou estrangeiras.

Base 4.ª—Será admittida uma tolerancia de 2 % nas quantidades declaradas pelos detentores de lã em rama suja.

Base 5.ª—As operações do arrolamento e de inquerito deverão estar concluidas dentro do praso de mez e meio.

Base 6.ª—Das operações parciaes do arrolamento e do inquerito ficam incumbidas as auctoridades administrativas, concelhias e districtaes; os apuramentos totaes ficam competindo á direcção geral da estatistica.

Base 7.ª—Incorrerão na penalidade do § 2.º do art. 188.º do Codigo Penal aquelles que não observarem as disposições expressas nas bases anteriores. Os que incitarem a inobservancia das mesmas disposições serão punidos nos termos do art. 483.º do referido Codigo. Os productores e detentores de lã que fizerem quantidades superiores serão punidos com a multa de 1$00 por cada kilogramma de lã que houverem declarado a mais ou a menos. Com a mesma multa serão tambem punidos os fabricantes de lanificios que fizerem falsas declarações ácerca do consumo normal das suas fabricas.

Base 8.ª—Fica o governo auctorisado a decretar as disposições regulamentares e quaesquer instrucções para se dar cabal e completo cumprimento ao que se contem n'estas bases.

A QUESTÃO DO DOURO

UM PROTESTO DOS VINHATEIROS DO SUL

Mais de trezentos viticultores do districto de Santarém, chegados a Lisboa, entregam uma representação ao Parlamento

Os comboios da manhã e principalmente o rapido do Porto despejaram para a capital algumas centenas de delegados da viticultura do centro e do Sul do paiz, que vieram aqui para apresentar uma representação ao parlamento, protestando contra as reclamações dos vinhateiros do Norte. Os primeiros lavradores chegados á estação do Rocio, que vinham acompanhados pelos srs. José Relvas, Guilherme Nunes Godinho e Pedro Monteiro, eram esperados ali pelos representantes da Associação de Agricultura, fazendo parte d'elles o sr. dr. Oliveira Feijão. A maioria dos lavradores seguiu immediatamente para a séde d'aquella collectividade, aguardando a chegada dos companheiros a quem não foi possivel tomar o mesmo comboio. Com a vinda do rapido estavam reunidos na capital mais de trezentos viticultores, representando principalmente os concelhos de Santarem, Alpiarça, Cartaxo, Valladá, Almeirim, entre os quaes os srs. José Malhou, João Andrade, Manuel de Andrade, José Julio de Andrade, José Rodrigues Santos, Gabriel Gonçalves, dr. Matheus Barbosa, administrador da Quinta de Alorna, dr. Miguel Gonçalves, Joaquim da Silva Lico, Carlos Amaro, João Gonçalves, David Godinho, Joaquim Gonçalves, Manuel Duarte, presidente da commissão executiva de Alpiarça, dr. Cesar Henriques, Francisco Marques da Cruz, Alvaro Joaquim Gonçalves, Prudencio da Silva Santos, Guilherme Gonçalves, Ricardo Durão, Manuel Paciencia, Cesar Gonçalves de Thomar, Augusto Pedro Gonçalves, Joaquim Duarte Barreira, José Duarte, Vicente Rodrigues Santos, Francisco dos Santos, Alvaro Loureiro, Alvaro Sá e Seixas, José Antonio Pinhão, José Joaquim Martins Junior, Americo Gonçalves, José Antonio Torrão, Pedro Thomé, Guilherme Moira, Antonio Meira, José da Silva Lino, etc., etc.

Acompanhavam os reclamantes muitos fazendeiros da região.

A' hora da partida para o edificio do Parlamento reconheceu-se que o numero era demasiado e, por isso, uma parte só deveria seguir para as camaras, ficando os restantes na séde da associação, onde, depois de cumprida a missão, os que fossem voltariam a dar conta do que alli se passára. Assente esse programma de trabalhos, uma centena de viticultores dirigiu-se á Camara dos Deputados, sendo recebida na sala das commissões. Ali compareceu o presidente sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, usando da palavra o sr. Pedro Monteiro, presidente da commissão executiva do municipio de Santarem.

A commissão que vem apresentar, diz o velho democrata, é uma parcella minima d'aquella região vinhateira, justamente alarmada com as exigencias dos viticultores do Norte. Muitos outros aguardam na séde da Associação de Agricultura o resultado das *démarches* que estes fazem e os que não puderam vir á capital aguardam com anciedade a justiça da sua causa. A situação que se pretende estabelecer aos vinhateiros do sul é simplesmente esmagadora. Prohibe-se-lhes a manipulação de vinho. A região não disputa, não quer usar as marcas dos vinhos do Norte. Quer, todavia, exercer um direito, qual seja o de fabricar os seus vinhos e de os vender onde e para onde encontre mercado.

A proposta que o Douro faz não parece dos tempos que vão correndo nem se compadece com o espirito de liberdade do regimen em que vivemos. Tem todo o caracter d'uma medida alusiva dos tempos de D. Miguel.

Velho republicano e antes d'isso liberal, diz o sr. Pedro Monteiro, nunca apresentaria semelhante proposta. E' manifestamente uma injustiça que se pretende cometter contra o sul, uma verdadeira extorsão. Somos intransigentes n'esta questão.

A nossa intransigencia, porém, accrescenta o sr. Pedro Monteiro, não terá certamente o aspecto da intransigencia do Norte. Não queremos parecer-nos com esses viticultores que fazem acompanhar as suas reclamações pelos tumultos sangrentos e pelos incendios. Dentro da ordem e conscios de que a nossa razão ha de triumphar, não recorremos a meios extremos, que só se justificam para fazer vingar as iniquidades e as injustiças, estabelecendo atravez do tumulto e da desordem o principio da força subjugando o direito. Não está em nosso espirito semelhante processo e por isso confia em que ha de haver no Parlamento quem faça justiça aos vinhateiros do sul e que a proposta apresentada pelo Douro tenha o destino devido.

Fala em seguida o sr. José Relvas que expõe ao presidente da Camara todo o movimento de protesto que se esboçou no districto de Santarem, ao serem conhecidas as reclamações do Douro e principalmente depois da sua ultima proposta. Refere o que se passou na sessão magna dos viticultores, realisada hontem na camara de Santarem, onde estiveram representadas todas as associações commerciaes, sindicatos agricolas e viticultores de todos os concelhos, com excepção de trez, onde não houve tempo de fazer chegar o convite. Aprecia a proposta do Douro, ao que ella representa de abusivo, para a região do centro e sul do paiz.

E' a propria região do Norte a confessar que essa proposta fere os interesses legitimos do Sul. Offerecendo uma compensação, indica implicitamente que ha um prejuizo a remediar. O sr. José Relvas estudou o tratado do commercio com a Inglaterra, considerando-o bastante vantajoso para o nosso paiz, pois dá ao vinho portuguez um regimen de nação mais favorecida. E' incontestavelmente uma medida de que a nação inteira devia orgulhar-se. Não o entende assim o Douro, pretendendo que o tratado, um vez de interessar todo o paiz, seja apenas a conveniencia d'uma região, que é a sua.

O orador recorda o regimen de favor, de verdadeira transigencia dos poderes publicos para com o Porto. Essa situação mereceu uma campanha da Republica, foi até um dos *leit motifs* da propaganda. Hoje a situação é mais affrontosa ainda, muito mais grave. Condições difficeis tornam todo o centro e o Sul do paiz, mas aqui procura-se, com o proprio esforço, vencer as difficuldades. No Douro illuminaram-se as discussões parlamentares com os incendios e accentuaram-se a tiro as palavras de defesa de outras regiões e de legitimos interesses.

O sr. José Relvas leu a moção apresentada hontem na sessão magna de Santarem, documento que está redigido nos seguintes termos:

A camara municipal de Santarem, todas as camaras municipaes do districto, umas presentes, outras representadas, e as numerosas assembleias de commerciantes, agricultores e industriaes do mesmo districto, tendo tomado conhecimento do projecto de lei apresentado na camara dos Senhores Deputados na sessão de 20 do corrente, cujo artigo 1.º consigna uma disposição prohibitiva de exportação de vinhos licorosos do centro e sul de Portugal; considerando que as exigencias do Douro, concretisadas n'esse projecto da autoria da commissão duriense e perfilhada por s. ex.ª o ministro do fomento, tendem a uma expoliação de legitimos direitos de todo o paiz com beneficio d'uma região que pretende assim crear-se o mais injustificado privilegio; considerando que qualquer outra reclamação que ainda pudesse ser defensavel teria por fundamento o principio de defesa das marcas dos authenticos vinhos finos do Douro, que teem uma tradicional e admiravel fama nos mercados nacionaes e estrangeiros, mas considerando que essa base de reclamação desapparece em face das terminantes declarações contidas na moção apresentada pelo sr. presidente da Associação Central de Agricultura, na reunião effectuada na Associação Commercial de Lisboa, em 19 do corrente, em que se consigna que o Sul e centro do paiz reclamam apenas o uso das suas proprias marcas, creadas ou a crear no regimen da mais ampla liberdade commercial, doutrina que a presente assembleia confirma plenamente; considerando que a essencia do projecto é absolutamente incompativel com os principios de liberdade, inseparaveis de qualquer regimen liberal, e muito designadamente do regimen republicano, obrigado a defendel-os em todos os campos; resolvem manter uma situação de completa intransigencia em face de semelhante projecto, e conferem plenos poderes á commissão eleita por esta assembleia para significar ao governo e ao Parlamento o seu mais profundo desgosto pela apresentação do referido projecto de lei, cuja doutrina, pela sua manifesta incompatibilidade com um regimen liberal, torna impossivel a sua discussão em Côrtes.

Por ultimo o sr. José Relvas entregou a representação, que fôra redigida em Santarem, em conformidade com a moção e propostas apresentadas na sessão magna.

A commissão começa por lavrar o seu mais formal protesto contra as exigencias formuladas pela commissão do Douro nas successivas conferencias que tem realisado com o governo da Republica e que vieram a concretisar-se no pedido d'uma medida que prohiba a exportação dos vinhos licorosos do centro e sul de Portugal, com excepção das «marcas regionaes de vinhos licorosos definidos e garantidos, ou a definir e garantir pelas leis em vigor».

Parece deprehender-se das exigencias feitas pela commissão do Douro a intenção de provocar tambem uma decisão parlamentar no sentido da restricção do plantio. Parece assim regressar-se ao inicio da campanha de 1906-1907, com a differença, fundamental, de que então existia a monarchia, incapaz de resolver os problemas economicos, e hoje existe a Republica.

Rememora depois a representação o que foi essa campanha, que deu como resultado final o «encerramento da barra do Porto, attribuição d'uma parte do territorio de Portugal a uma região do paiz, com manifesta offensa dos mais elementares principios de unidade nacional, e a delimitação da area privilegiada do Douro para classificação dos vinhos generosos, feita com um criterio de protecção escandalosa para vinhos sem a menor analogia com os tipos tradicionaes do «Vinho do Porto».

Diz a representação que ao antigo mappa do paiz vinhateiro do Alto Douro succedia em 1908 a interminavel lista de concelhos e freguezias em que se encontram vinhos de todas as qualidades, de muito variada capacidade de producção pelas novas castas introduzidas no Douro, attingindo alguns os mais baixos limites de graduação saccharina, faltando a uma grande parte as caracteristicas essenciaes de vinhos generosos ou licorosos».

No ponto de vista geral da sciencia economica, a restricção da barra é um anachronismo insustentavel; no ponto de vista exclusivamente utilitario de defeza é uma sophisticação do principio que se invoca para a justificar, e manter. Ha a pretenção de dar a certos vinhos nas correntes commerciaes um logar a que não teem direito, porque lhes faltam condições de concorrencia. Essa pretenção, mesmo quando fosse realisavel, serviria apenas para prejudicar gravissimamente o sul de Portugal, beneficiando paizes estrangeiros. Eis o que o Douro parece não ter ainda comprehendido.

Nunca o centro e o sul do paiz pretenderam imitar os vinhos generosos, os finissimos vinhos do Douro, aos quaes fazem a justiça de os considerarem inimitaveis e inconfundiveis; mas tambem não quizeram, nem querem, tomar por modelo os maus vinhos, os falsos vinhos que são feitos no Douro ou em Gaya com vinhos produzidos fóra da região dos verdadeiros vinhos finos e que servem para completar as necessidades da exportação do Porto. Sempre se recusarão a sacrificar bons vinhos, naturalmente licorosos, productos exclusivos da uva, adulterando-os para imitar um producto inferior.

Transcreve depois a representação as palavras proferidas pelo sr. dr. Affonso Costa no parlamento em 19 de agosto de 1908 em que se dizia que o proprio Douro consentiria na fraude que se fizera.

Mantenha-se a restricção da barra do Porto—visto que de um momento para outro se não póde passar ao regimen de liberdade plena sem graves perturbações—mas apenas para os genuinos vinhos do Douro, tendo, portanto, de se proceder a uma immediata revisão da area demarcada, em termos de a restituir aos limites que dêem garantia d'uma honrada protecção aos verdadeiros vinhos.

O complemento da sua defeza, uma vez realisada essa inadiavel revisão, existe na lei de protecção de marcas, que dará ao Douro no estrangeiro as necessarias garantias depois de as ter, como tem por lei, no interior de Portugal.

Analisa-se em seguida o que se passou com referencia aos *warrants* para aguardente e os premios de exportação de vinhos, beneficios de que os viticultores do centro e do Sul foram espoliados.

O Sul não reclama isenções ou privilegios de qualquer natureza. Reclama apenas que o deixem trabalhar em paz e n'um amplo regimen de liberdade, condição essencial para que se multipliquem iniciativas. Sob nenhum titulo—diz a representação—é admissivel a ideia de restringir a exportação dos vinhos do Sul. Nem a titulo de medida provisoria poderia ser consentida.

As conclusões são as seguintes:

1.ª—Revisão da lei de setembro de 1908 para que o Sul possa contemporisar com o privilegio da barra do Douro.

2.ª—A ratificação plena dos principios fundamentaes do regimen democratico no campo economico.

O sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho cumprimenta os commissionados, que abandonam o Parlamento a caminho da Associação de Agricultura onde usaram da palavra varios vinhateiros, expondo o resultado da sua missão.

O interesse dos governos republicanos pela região duriense

O interesse dos governos republicanos pelo Douro manifestou-se logo nos primeiros mezes do novo regimen. Convem não esquecel-o. Prova-o o decreto publicado a 3 de janeiro de 1911, com a assignatura do sr. José Relvas, então ministro das finanças, e cujo 1.º artigo diz o seguinte:

E' annulada toda a contribuição predial devida ao Estado por contribuintes da região duriense até 1911, cobrando-se a contribuição de 1912 nos termos da lei, que está em vigor.

O decreto estatuia ainda que todas as outras contribuições em divida pediam ser pagas no prazo de 10 annos em prestações trimestraes e que quem satisfizesse até 30 de junho d'esse anno tinha o desconto de 30 0|0.

As dividas das camaras ao Estado pelo fundo de cinstrucção publica» tambem tinham esse prazo para ser satisfeitas, ou seja até 1920.

"O cigarro do soldado„

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

O QUE SE PASSOU NA REUNIÃO DE HOJE

Na assembléa do theatro de S. Carlos apresentam-se varios alvitres para a solução do grande problema

Eram quasi 15 horas e meia quando o sr. dr. José de Castro se ergueu na meza da presidencia e iniciou as suas considerações. A assembleia não era numerosa, reconheceu s. ex.ª, mas era urgente começar os trabalhos da reunião. Entendeu dever chamar o operariado a contribuir com a quota parte do seu esforço para a solução do problema da carestia das subsistencias, visto que nas suas associações de classe teem muitas vezes apreciado aquelle assumpto. Além d'isso, entre o operariado se encontram as classes menos favorecidas da fortuna, e são essas as primeiras que sentem a carestia da vida.

Pensou primeiro convocar uma especie de congresso popular onde o problema fosse largamente debatido, redigindo-se até alguns projectos que o congresso pudesse converter em leis. Depois entendeu melhor nomear uma commissão que apresentasse as bases indispensaveis para o estudo e solução do problema.

Em reuniões d'esta natureza não devem tratar-se assumptos descabidos, que possam porventura lançar na discussão uma nota desagradavel. Isso espera de todos os assistentes, porque sabe que todos elles são portuguezes e são patriotas.

Com o inicio d'esta reunião entendia que a commissão nomeada pelo governo dava por findos os seus trabalhos. Compete agora á assembleia indicar soluções. Terminou o sr. dr. José de Castro indicando para presidir á reunião o sr. dr. Sousa Amado, que se dirigiu para o logar da presidencia, sendo recebido com palmas. Para secretarios são escolhidos o sr. Candido dos Santos, delegado dos operarios canteiros, e o sr. Henrique Taveira, da Associação Industrial, depois de se trocarem apartes entre os membros da assembleia.

Entra em discussão a proposta do regimento

O sr. visconde de Pedralva, que é o primeiro a usar da palavra, apresenta, em questão prévia, a proposta do regimento que ha de regular os trabalhos da reunião. Accrescenta que está convencido de que todos desejam que da assembleia saiam resoluções uteis, e os grandes discursos não constituem o meio mais pratico de se attingir esse objectivo.

Lê-se na meza a proposta, que entra em discussão. O sr. Manuel Pedro de Abreu congratula-se com o facto do governo ter convocado a assembleia e pergunta se na meza existe uma lista das collectividades representadas E' preciso que os trabalhos decorram por modo a que todos possam assumir as responsabilidades das affirmações que fizerem e isso só se consegue com uma boa regularisação dos trabalhos. Pela parte que lhe diz respeito, representa os trabalhadores maritimos, que são cerca de 12 mil homens, e tem de lhes dar conta do modo como exercer o seu mandato. O sr. O'Neill Pedrosa reclama que a inscripção dos oradores se faça pela ordem das classes, com o que a assembleia não concorda. O sr. Francisco Christo quer que as reuniões se effectuem á noite, porque aos operarios é difficil acompanhar os trabalhos em sessões diurnas. Reclama tambem que se faça na meza a inscripção das classes representadas.

O sr. Aboim Inglez sustenta que não é possivel resolver em quatro sessões problemas que o parlamento não resolveu em cinco annos. E' preciso trabalhar-se com o fim de fazer uma obra proveitosa, não se usando de «ficelles» que de nada sirvam. Ninguem deve permittir que quem quer que seja procure explorar com esta reunião. Termina pedindo que a discussão se faça segundo a ordem dos trabalhos já marcada. O sr. Vasco Gamilo declara que se sente magoado com o facto de não ser permittido ás classes operarias terem na assembleia a representação a que tinham direito. O sr. José Ventura entende que os auctores de propostas ou moções deviam poder usar da palavra tantas vezes quantas forem necessarias para as defender.

O sr. João Caldeira pede que os trabalhos se iniciem quanto antes.

Após mais explicações trocadas entre varios congressistas, resolve-se que os auctores de relatorios possam usar da palavra quatro vezes e os outros oradores apenas duas vezes. O sr. Mattos Cordeiro faz considerações sobre um artigo do regimento que impede allusões de ordem politica ou pessoal. Levanta-se a tal proposito um incidente, porque outros assistentes só querem que possam usar da palavra os delegados de collectividades.

Um congressista propõe que só tomem parte nos trabalhos da assembleia os delegados de collectividades operarias, associações e sindicatos. O sr. João Luiz Ricardo diz que o sr. presidente do ministerio foi quem constituiu a assembleia, tendo convidado pessoas que elle julgou capazes de contribuir com a sua intelligencia e o seu esforço para a solução do problema que se debate. O sr. Manuel José Soares requer que se dê a materia por discutida com prejuizo dos oradores inscriptos. E' approvado. Vota-se depois o artigo do regimento que prohibe as referencias de caracter pessoal ou partidario.

Discute se a duração que devem ter os trabalhos da assembleia

Lê-se o artigo que marca o termo dos trabalhos para o dia 24. Um congressista acha esse praso limitado. O sr. Aboim Inglez propõe que o encerramento dos trabalhos se faça no dia 25, visto não se ter realisado a sessão convocada para hontem. O sr. Antonio Pereira requer que as sessões sejam publicas. O sr. Henrique Taveira propõe que a assembleia dê por terminados os seus trabalhos quando estiverem resolvidos os principaes assumptos. O sr. Aboim Inglez propõe que se discutam só estas tres questões: o preço do pão, o preço da carne e o preço do peixe, insistindo em que os trabalhos findem no dia 25. O sr. João Caldeira, delegado da Associação dos Cabouqueiros, diz que não basta estudar o preço dos tres generos indicados pelo sr. Aboim Inglez. E' preciso resolver tambem o preço dos legumes, da hortaliça, do arroz, do assucar, etc. O sr. Aboim Inglez concorda e modifica a sua proposta no sentido da assembleia poder discutir os preços das substancias alimenticias além do pão, carne e peixe. O sr. Henrique Taveira retira a sua proposta. O sr. padre Himalaya diz que é preciso tambem cuidar do desenvolvimento das industrias, porque desde que se augmente a exportação dar-se-ha uma consequente diminuição do agio, o que se reflectirá favoravelmente no preço das subsistencias. O sr. Salvador Gamito diz que é preciso arrotear os campos para que elles produzam o que devem produzir, evitando-se a larga importação de trigo que se faz todos os annos. Das varandas um espectador pede a palavra dizendo que o faz em nome dos revolucionarios de 5 de outubro. Na sala estabelece-se certa agitação, sahindo algumas pessoas. O sr. Martins Santareno propõe que se nomeiem commissões que junto do governo se interessem pela solução dos varios problemas que á assembleia compete apreciar. O sr. Aboim Inglez diz que em cinco dias não é possivel resolver o problema industrial. Estranha, de resto, que o sr. presidente do ministerio convocasse esta reunião desde que o parlamento está a funccionar e foi eleito ainda ha pouco tempo. A elle competia resolver o problema. Ouvem-se apoiados e não apoiados, gritando alguns assistentes que o orador está a tratar de politica. A breve trecho, o sr. Aboim Inglez dá por findas as suas considerações. Fala outro assistente, que faz considerações de ordem geral. E' apresentado um requerimento para se pôr á votação o artigo do regimento que está em discussão, que é o artigo quinto. O requerimento é approvado, retirando-se da sala o sr. Manuel Pedro de Abreu, em signal de protesto. Resolve-se a immediata entrada nos trabalhos da ordem.

Lê-se o expediente, que é constituido por varios telegrammas de adhesão ás resoluções tomadas. Resolve-se que as sessões se effectuem á noite, das 20 ás 23, *marcando-se as 19 horas para o encerramento da sessão d'hoje.* Entra em discussão na generalidade a primeira parte da materia a discutir, referente á questão do pão. O sr. Carneiro de Moura diz que para a carestia da vida contribue a influencia perniciosa dos açambarcadores. Compete ao governo evitar esse mal. Mas isso não basta.

E' preciso que o Estado tome a seu cargo o mercado do pão, mandando vir das colonias o trigo necessario, sem pagamento de direitos pautaes. O sr. Ayres Pereira da Costa, que representa o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, entende que a carestia é devida, principalmente, ao açambarcador, dizendo que tem seguras informações a tal respeito. Lembra que o governo dê a mais rasgada protecção ás cooperativas, sujeitando-as a preços fixados em tabellas especiaes. Mas tambem que se estabeleçam armazens geraes, por conta do Estado, para o fornecimento dos pequenos commerciantes. O sr. Visconde de Pedralva diz que se trata de discutir se convirá fazer a importação do trigo pelo Estado ou pela moagem. Propõe depois que dos 1.800 contos calculados como resultado do imposto que incide sobre o trigo nacional se destinem 1.200 contos ao barateamento do pão das classes populares, e os 600 contos restantes sejam para o augmento de 4 reis em kilo no preço do trigo nacional o que representará uma protecção á agricultura susceptivel de a estimular na producção. O imposto que produz os 1.800 contos é de 12 reis em kilo. O sr. padre Hymalaia expõe a vantagem

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—22-7-915

A encantadora mentira

Está sabido que a resposta a esta invectiva: «Mente!» não póde ser outra senão a mais bem rubricada, solida e nutrida bofetada de que a cada qual seja licito dispôr. Mas não será um desforço injusto vingar na innocencia da cara um delicto da lingua? E será bem um delicto mentir? Os theologos, fieis aos sagrados mandamentos dos «Decálogos», dizem: «Tu não mentirás!» Mas onde é que ha alguem capaz de pregar um carapetão melhor do que um theologo? Nenhum hesitará em affirmar: «Josué fez parar o sol; no Campo de Ourique Nosso Senhor appareceu ao filho de D. Tareja e prometteu-lhe uma ajuda das suas; Moysés metteu um espicho n'uma rocha como se o mettesse n'uma pipa, e a rocha deitou agua como a pipa deitaria vinho». Quem nos garante que estas operações consideraveis correspondem a uma inexpugnavel verdade? A palavra de honra dos theologos? Mas quem se fiou jámais na palavra de honra da Theologia? Eu invoco o testemunho do meu querido Avelino de Almeida.

«Voltaire dizia: Mentir só é um erro quando faz mal; quando faz bem é uma grande virtude». Lembra, mal comparado, o que succede com o vinho: faz mal quando é de mais; e muito bem quando é o preciso. Experimental-o é comproval-o: tanto põe um homem de pé, como atira com elle a terra, e algumas vezes só o cheiro faz andar um homem aos bordos, como está acontecendo ao sr. José de Castro.—Mas é frequente ouvir-se sobre um acontecimento desagradavel: «E' infelizmente verdade»; o que bem traduzido quer dizer que receberiam de melhor grado uma boa patranha e um excellente maranhão do que uma noticia austeramente verdadeira. Para que condemnar a mentira até ao ponto de responder á bofetada a quem nos accusa de mentirosos? Ninguem ignora o velho sophisma: «Se dizes que mentes e falas verdade, mentes; porque mentes dizendo que mentes e falas verdade. Mas se mentindo não falas verdade, não é verdade que mintas».

A mentira não existe; e se existe vive á clara luz do sol, o que tanto basta a não a considerar mentira. A verdade, ao contrario, reside toda nua no fundo de um poço, o que quer dizer que nem prima pela commodidade nem se recommenda pela decencia. Esta ideia de que a verdade se mette pelos olhos dentro não póde deixar de ser tambem a mais falsa das ideias. A's vezes mette-se pelos olhos dentro que o sr. dr. Brito Camacho quer que a gente vá para a guerra, e o illustre homem publico só nos quer salvar a pelle. E tambem antes pelo contrario.

A verdade é uma convenção, variavel segundo os casos, os tempos e os criterios. Na medicina, o que hontem era verdade fazer muito mal a um doente é hoje verdade fazer-lhe immenso bem. Na politica, aquillo que de antes se considerava dissolvente, subversivo, destructivo, é agora acceite como legal, racional, e constructivo. A propria bomba destroe para construir, como o monarchico conspira para republicanisar. A prova de que a verdade varia segundo as circumstancias é que a justiça, que decide em nome da verdade, nem sempre está de accordo com essa verdade. Muitas vezes um réu confessa o seu delicto e o juiz absolve-o; outras nega-o e o juiz condemna-o. Para o juiz, n'estes casos, tanto maior é o desconhecimento da verdade quanto maior é a segurança do julgamento. Não se comprehende que os juizes que condemnaram Dreyfus o fizessem em obediencia á verdade; nem que aquelles que depois o absolveram o fizessem pela mesma razão: ou mentiram os primeiros, ou mentiram os segundos. Ora uma justiça assim falivel não é justiça, como uma verdade sujeita a rectificações não é verdade. Ou é verdade para todos os paladares e applicações, como o vento que tanto serve para apagar a chamma como para a alcear, ou o vinho que tanto se bebe para refrescar como para aquecer.

A superioridade da mentira sobre a verdade está em que a verdade tem restricções, emquanto a mentira é ampla e livre. E' uso applicar este conceito: «Nem todas as verdades se dizem»; sobre a mentira ninguem diz o mesmo. Sem mentira, a vida seria uma noite sem astros. Ninguem vive feliz com certezas, mas com illusões. Aquillo que muitas vezes suppomos ser verdade é preciso tocal-o de um artificio que o torne bello, porque a verdade, a existir, não é bella nunca sem um pouco de mentira. Foi a um pouco de mentira que a condessa de Teba, Eugenia de Montijo, deveu a sua corôa de imperatriz. Eugenia tinha um cabello ruivo, quasi vermelho, como o de um Mephistopheles de magica. Era terrivelmente desagradavel, emquanto a condessa era esplendidamente bella. Como corrigir a verdade? Entregando-se nas mãos de um cabelleireiro celebre ao tempo pela sua habilidade e pelos seus segredos chimicos de applicação capilar. Foi este homem (é madame Judith que o diz nas suas «Memorias») que deu aos cabellos da futura imperatriz aquella «nuance» de ouro pallido que maravilhou todos os contemporaneos e enfeitiçou Napoleão III. Judith, vaidosa como todas as mulheres, accrescenta que foi indirectamente a ella, por ter indicado o cabelleireiro, que a condessa de Teba deveu o ser mulher do imperador. De todos os modos, não é um triumpho admiravel da mentira? O que seria, como Judith lembra, lembrando Pascal, da marcha do mundo, se Cleopatra tem pedido corrigir o nariz, como Eugenia corrigiu os cabellos?

Faltando ao homem a illusão, que é a mentira posta em encanto, a existencia deixaria de ser uma delicia a gosar, para ser uma condemnação a cumprir. A mulher que nós amamos apaixona-nos mais por aquillo que nos parece do que por aquillo que realmente póde ser. E é tão grande a seducção da mentira imperando no prazer dos nossos olhos, que nós admiramos mais depressa a estatua do que admirariamos o modello. Uma grande prova de que a mentira nos torna mais felizes do que aquillo que vemos na supposição de que seja a verdade é que o theatro é sempre um dos nossos mais agradaveis prazeres, tão agradavel que muitas poucas artes nos prendem tanto e nos interessam tanto como o theatro. A's vezes uma linda mulher, graciosa, solida, ampla, bella, impeccavel, mas particular e paisana, seduz-nos menos do que uma actriz maquilhada, enchumaçada, encarquilhada e postiça, mas vista atravez dos artificios da scena, do seu movimento e da sua luz. Porquê, esta preferencia? Porque é a doce mentira que intervem. Mas ha outra prova, maior ainda, do que a verdade tem de desagradavel, se não de esteril: é a nossa paixão pela politica, porventura a mais absorvente das paixões. E porquê? Porque na politica tudo é mentira, tudo, desde os orçamentos que a illustram, até a rethorica que os defende.

Guedes de Oliveira

de-se fazer a irrigação do valle do Tejo. O sr. Vasco Gamito diz que o sr. Carneiro de Moura se equivocou suppondo que podemos receber trigo da Africa, quando o cereal que ali se produz em grande quantidade é o milho. Em nome da Associação dos Agricultores e Horticultores diz que elles se compromettem a manter o preço do pão fixado na tabella desde que a moagem mantenha tambem os seus preços de ha 7 mezes. O sr. Armando Massano faz considerações de ordem geral. O sr. Monteiro Guimarães diz que o governo deve fazer a importação mas não por concurso, porque, na ultima importação, houve algumas casas que fizeram fortuna á custa d'essa formula do concurso. Quer tambem que o governo extinga por completo o imposto sobre o pão. O representante dos moageiros independentes do sul mostra-se de accordo com as palavras do sr. Monteiro Guimarães. O sr. Costa Ricco apresenta uma moção largamente fundamentada. O sr. Rodrigo de Castro sustenta que todas as difficuldades resultam do regimen agricola em que nós vivemos. Não comprehende que se vá augmentar o preço do trigo para a protecção á agricultura, porque ella já está sufficientemente protegida pela tabella actual. O sr. Sousa Neves, delegado da União Operaria Nacional, lê as conclusões d'um relatorio apresentado por essa collectivdade. Por fim, a sessão é encerrada ás 19 e 10 minutos, marcando o sr. presidente a immediata para ámanhã, ás 20 horas.

A uma parte dos trabalhos assistiu o sr. ministro do fomento.

O serviço de policia na rua

A's 14 horas chegou junto do edificio do theatro uma força de infantaria da guarda republicana commandada por um tenente, força que apoz curtos momentos de demora deu entrada no governo civil, onde ficou de prevenção. A' mesma hora foi estabelecido no largo de S. Carlos e na rua de Serpa Pinto um rigoroso serviço de policia civica dirigido por um official da corporação, auxiliado por dois chefes.

N'essa altura foram dispersos os grupos que se haviam formado e nos quaes se discutia acaloradamente. Uns entraram para o theatro, outros dividiram-se em pequenos nucleos pelos estabelecimentos proximos, n'um dos quaes, na casa de pasto Cenetante, fronteira ao governo civil, se deu um conflicto entre um grupo de operarios e um sargento de infantaria 5. Intervindo alguns guardas civicos e o commandante da força da guarda republicana de prevenção no governo civil, foi o sargento levado á presença do capitão sr. Esmeraldo, que o aconselhou a retirar-se, o que elle fez.

A grande guerra

No theatro occidental e nos Dardanellos

PARIS, 22.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Noite relativamente calma no conjuncto da linha. Apenas algumas acções de artilharia em Artois, em Argonne e entre o Mosa e o Mosela (Eparges e floresta de Apremont). Na noite de 20 para 21 e no dia 21 travaram-se violentissimos combates nas alturas do pequeno Reichackerkopf, a oeste de Munster.

Um ataque da nossa parte foi seguido de novo contra ataques allemães. Não obstante o encarniçamento dos nossos adversarios, dois batalhões de caçadores que tinhamos empenhado contiveram o esforço do inimigo e infligiram aos allemães perdas graves. Tomámos e conservámos uma trincheira n'uma linha de cerca de 150 metros e mantivémos todas as nossas posições anteriores.

Ao norte de Munster as nossas tropas fortificaram-se nas posições conquistadas em Lingé. No decurso d'estes combates fizémos 107 prisioneiros. Os nossos aviões lançaram 8 granadas de 90 e 4 de 120 sobre a gare de Autry, a noroeste de Binarville.

Nos Dardanellos tem havido calma na linha de combate desde os nossos successos de 12 e 13 de julho—*(Havas)*.

MAIS VALE PREVENIR...

Carros electricos

em circulação e sem freios de confiança

E' frequente apparecerem em circulação carros electricos que não offerecem as necessarias garantias de segurança. Pois não é, infelizmente, pequena a estatistica dos desastres causados por esses carros. Ainda hoje, na linha da Estrella, tivemos occasião de verificar que o carro n.º 460 não possuia travões em termos. O pobre do guarda-freio bem se esforçava por fazer deter o vehiculo nas paragens, mas o material desajudava-o por completo.

Na Companhia Carris que, com o monopolio da viação electrica, aufere enormes lucros, deve haver alguem que fiscalise estas coisas. Vá que nos levem carissimo pelas passagens, mas ao menos que a vida dos transeuntes e dos passageiros não esteja assim á mercê de um desleixo, cujas consequencias é impossivel prever.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Apicultura pratica mobilista»

Original do contra-almirante sr. José Nunes da Matta, sahiu este livro, repositorio de uteis conselhos aos que se dedicam á creação e cultura das abelhas. Apicultor distincto, o sr. Nunes da Matta expõe no seu livro os fructos da sua longa experiencia, dizendo que está convencido de que só na metropole se perde por anno mais de um milhão de escudos, devido ao facto das estradas não estarem arborisadas e a apicultura não ter o desenvolvimento que podia e devia ter.

E' um livro interessante, sendo o seu deposito na livraria Ferin, da rua Nova do Almada.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

Camara dos Deputados

Prosegue a discussão do orçamento do ministerio da justiça

O sr. Azevedo Coutinho ás trez horas em ponto inicia os trabalhos. Approva-se a acta e lê-se o expediente, no qual figuram varios documentos pró e contra o projecto do governo sobre a região duriense. O sr. dr. Antonio José d'Almeida, diz o presidente, perdeu uma irmã, que falleceu ante-hontem. Propõe, por isso, que se lavre na acta um voto de sentimento. E' approvado, associando-se os srs. Ribeira Brava, pelos democraticos; Aresta Branco, pelos unionistas; Mesquita de Carvalho, pelos evolucionistas; Costa Junior, socialista, e Castro Meyrelles, catholico. O sr. Eduardo de Sousa lembra ao sr. ministro das colonias as tragicas circumstancias em que a familia do capitão Roby soube da morte d'esse official, lamentando que, pelo ministerio das colonias, não se tomem, em casos d'esses, providencias que evitem ás familias dos officiaes mortos nas colonias desgostos que aggravem a perda de entes queridos, que a sorte da guerra lhes leve. O sr. Norton de Mattos, ministro das colonias, replica que não entende proprio demorar por muito tempo as noticias referentes á morte de officiaes nas colonias. Por isso forneceu aos jornaes a nota sobre a morte do capitão Roby, parecendo-lhe que havia toda a conveniencia em a tornar publica quanto antes.

O sr. Leotte do Rego chama a attenção do sr. ministro das colonias para o facto de ter sabido, por noticias que um seu amigo lhe enviou de Moçambique, que pelos territorios da chamada companhia do Nyassa se estava permittindo ou se permittira o transito de allemães para a colonia allemã e o abastecimento da mesma colonia pelo nosso territorio, enviando-se-lhe generos alimenticios, petroleo e tudo quanto n'essa colonia se precisa. As proprias malas do correio para lá teem sido enviadas, o que é para estranhar visto inutilisar-se assim o bloqueio que a esquadra ingleza tem estabelecido contra a Africa Oriental allemã. O sr. ministro das colonias responde que as informações do sr. Leotte do Rego são verdadeiras e que realmente, pelo nosso territorio, os allemães teem estado sempre em communicação com os territorios visinhos. Entretanto, tudo isso e mais a passagem de viveres, petroleo e outros generos se fez por ordens directas do governo do sr. Pimenta de Castro, por mais d'uma vez enviadas ao governador geral de Moçambique.

O sr. Freitas Ribeiro manda para a meza um projecto de lei creando uma segunda epoca de exames em outubro, na Escola Naval; outro augmentando os vencimentos ao mestre de corneteiros do corpo de marinheiros e ainda outro determinando que o nosso adido naval possa permanecer em Londres, em vez d'um anno, cinco. O sr. Tavares Ferreira pede que se pague em dia aos professores primarios e reclama do governo medidas que tenham por fim coagir as camaras a cumprirem as disposições do codigo administrativo. O sr. ministro da instrucção responde declarando que tomará quantas providencias julgar necessarias para impedir que no pagamento do professorado primario continuem a dar-se irregularidades que affectem essa classe. O sr. Vasco de Vasconcellos refere-se aos acontecimentos occorridos em Lamego e diz que a versão que chegou aos seus ouvidos difere, e bastante, do que o governo trouxe á Camara, decerto por deficiencia de informações. Alem d'isso, diz o orador, a censura telegraphica faz-se em Lamego tão rigorosamente que não é facil obter d'ali, pelo telegrapho, noticias desenvolvidas do que se passou. O sr. ministro do interior responde que não tem mais nada que accrescentar sobre o assumpto, acrescentando que a ordem, no Douro, continúa a ser completa.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o parecer sobre o orçamento do ministerio da justiça. O sr. Rodrigo Rodrigues prosegue nas suas considerações sobre o regimen penal em vigor, condemnando-o *in limine*. Os serviços prisionaes são pessimos e caros. O sr. Casimiro Rodrigues de Sá responde, em termos taes, ao sr. Rodrigo Rodrigues, que provoca vivos apartes da maioria. Fala ainda o sr. Antonio Macieira que fica com a palavra reservada por se entrar na segunda parte da ordem do dia—discussão do projecto que estabelece um novo regimen cerealifero. Mas como não esteja presente o sr. ministro do fomento, a sessão interrompe-se até que o sr. Manuel Monteiro possa comparecer. Mas como não compareça, a sessão é encerrada.

No Senado

Approva-se, na generalidade, o orçamento

Sessão aberta á hora do costume, estando presentes 18 senadores e presidindo o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Lourenço Sêrro e Calça e Pina.

Na sua cadeira, o sr. ministro das finanças.

O sr. Fortunato da Fonseca pede urgencia e dispensa do regimento para a discussão da proposta de lei determinando que a fregnezia de Mafamude seja englobada no concelho de Villa Nova de Gaia.

A urgencia é approvada por 22 votos contra 7. Ninguem se inscreve para a discussão, sendo a proposta approvada.

Na ordem do dia prosegue a discussão do orçamento das receitas.

Tem a palavra o sr. ministro das finanças, que responde ao discurso hontem proferido pelo sr. José Maria Pereira. *Refere-se aos sistemas* estrangeiros mais perfeitos de organisação de orçamentos, garantindo que o nosso é dos melhores.

Ha erros de previsão? Pois certo que haverá, como não pode deixar de ser n'um orçamento d'estes; mas um pequeno erro em nada ou em muito pouco pode affectar a administração do paiz. Desejou o sr. José Maria Pereira conhecer a orientação d'elle, ministro, em materia financeira, no que respeita ao problema nacional: entende que o povo não pode nem deve pagar mais. E' difficil e complexa a obra da reforma financeira e carece, para ser levada a cabo, da boa cooperação de todos. Entende que só n'uma perfeita remodelação tributaria podemos encontrar os recursos de que o Estado carece.

Entre nós, a situação porém não é agora de molde a fazer-se a remodelação.

O sr. Lima Duque manda para a meza uma moção de ordem pela qual o Senado reconhece que este orçamento não corresponde á melhor previsão. Elle é o livro negro da miseria do paiz.

O sr. Alvaro de Castro foi demasiado optimista nos calculos d'este orçamento, porque tinha na alma o *superavit*. E, analisando as verbas de receitas, o orador cita, por exemplo, a dedireitos de encarte, em que apparece um augmento de 116 contos, que previsão alguma explica. O sr. Alvaro de Castro fazia as suas previsões na certeza de que a guerra europeia acabava em julho, ao passo que o governo de que fazia parte preparava em maio uma expedição á Europa... Ora, o optimismo do sr. Alvaro de Castro foi ainda exaggerado pelo sr. Victorino Guimarães, e' um perigo este optimismo, perigo que é preciso remediar.

O sr. Estevão de Vasconcellos, relator, diz que se este governo trouxesse ao parlamento um grande plano financeiro, a guerra que se lhe moveria seria tremenda. Teriam sido maiores as difficuldades para a Republica, se se fizesse a remodelação tributaria, porque isso iria ferir interesses de muita gente. Refere-se ao *superavit* do sr. Affonso Costa, affirmando que elle era uma realidade e não uma ficção.

O sr. José Maria Pereira

—Só no papel...

O orador diz que se não provou a falsificação das contas do anno economico de 1913-1914. De resto, o *superavit* não é coisa que se apalpe. A negação do *superavit* faz-se com a mesma semcerimonia com que nos primeiros annos da Republica se affirmava que a vida era mais cara do que no tempo da monarchia.

O sr. presidente participa que a commissão de verificação de poderes confirmára estarem eleitos senadores pelos districtos de Angra e Ponta Delgada os srs. Faustino da Fonseca, Simão José, Francisco Ramos, João Francisco de Sousa, Antonio Alves de Oliveira e Rodrigo Cabral. A respectiva proclamação é feita pela mesa, estando de pé todos os senadores.

Depois, o sr. José Maria Pereira responde ao sr. ministro das finanças.

A requerimento do sr. Fortunato da Fonseca, foi prorogada a sessão até se votar na generalidade o orçamento. Falaram ainda os srs. Lima Duque, Celestino de Almeida e ministro das finanças, sendo seguidamente votada essa generalidade.

Amanhã, na ordem do dia, será discutido o orçamento na especialidade.

NOTAS DIVERSAS

Reassumiu hontem as suas funcções o sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres.

—O sr. ministro do interior apresenta na proxima segunda feira ao parlamento o projecto de lei da reforma da policia; a bordo do *Malange* seguiram hoje o 1.º tenente sr. Palma Lami, governador do districto de Benguella, e o sr. Joaquim José Duarte, secretario geral do governo de S. Thomé; na recepção do corpo diplomatico estiveram os srs. ministros de Inglaterra, Italia, Hespanha e Hollanda e os encarregados de negocios de Cuba e China; o engenheiro sr. Alvaro Castellões foi nomeado director dos caminhos de ferro do Minho e Douro; foi concedida passagem gratuita nas linhas do Estado á banda hespanhola do regimento de Murcia, que vem tomar parte nas festas gualterianas, em Guimarães; é ámanhã mandada suspender a execução do decreto n.º 1645 de 5 de junho, relativo ás acções de preferencia das sociedades anonimas.

Noticias parlamentares

O projecto que o sr. ministro do fomento levou á Camara para solucionar a questão vinicola já tem parecer, tendo-o relatado o sr. dr. Alfredo de Sousa. Esse parecer, porém, só será discutido na proxima reunião da commissão de agricultura, que se realisará segunda-feira, não podendo effectuar-se antes em virtude de estarem ausentes de Lisboa alguns dos vogaes, eleitos pelo Porto, d'essa commissão. O parecer, defendendo o projecto, mantem-o integralmente.

***

A eleição presidencial começa a interessar vivamente todos os parlamentares. Hontem foi ella largamente debatida na reunião do Grupo Parlamentar Democratico, dizendo-se que não chegou a ser apontado o nome de nenhum cidadão.

Entretanto, citam-se os nomes dos srs. Duarte Leite, que consta que não acceitará; José Relvas, cujas relações com o unionismo são bastante frias, e Bernardino Machado que, segundo corre, é quem tem mais probabilidades de ser eleito.

***

Uma estreia, hoje, a do sr. Tavares Ferreira. Sendo de Santarem, esse legislador não se occupou de vinhos, esses vinhos que ha tempos parecem apostados em intrigar toda a gente, para lhes fazer perder a noção das coisas e a justa medida de todas as conveniencias. Pois falou pela primeira vez o sr. Tavares Ferreira e não falou nada mal, louvado Deus. Ao pé do sr. Mantas deixa-o perder de vista. Assumpto das suas falas? Ah! sim, foi a negra tragedia dos professores primarios, a quem as camaras não pagam. Ninguem diria que ainda agora pudesse acontecer tal em terra portugueza. Pois acontece, o que prova que não ha nada mais difficil do que acabar com os maus costumes, seja qual fôr o organismo em que elles se infiltrem.

***

Evocou-se hoje, no Parlamento, a velha heroicidade da raça, na pessoa do capitão Roby. Fel-o o sr. Eduardo de Sousa, que tambem relembrou essa outra figura de heroismo e de lenda, que parece arrancada a um romanceiro medieval, do destemido João Roby, que os cuamatas trucidaram ha uma boa meia duzia de annos. Portuguezes dos melhores, esses dois officiaes constituem bellos exemplos de coragem a apontar aos homens de agora e ás gerações futuras. Recordar as suas virtudes é cumprir um dever sagrado. Louvores merece o sr. Eduardo de Sousa por o ter feito.

***

Reuniu a commissão do orçamento, apreciando o parecer ao orçamento do ministerio dos estrangeiros, elaborado pelo relator, sr. Antonio Macieira, mas não o approvando, por entender que sobre elle deve recahir demorada discussão. O parecer augmenta varias verbas de despeza e eleva os vencimentos dos chefes de diversas missões diplomaticas, entre os quaes podem apontar-se os representantes de Portugal em Paris, Vienna, Rio de Janeiro e Stockolmo.

Dr. Affonso Costa

O boletim de hoje do estado do sr. dr. Affonso Costa, assignado pelos medicos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery, foi o seguinte:

Pulsações, 72; respiração, 22; temperatura, 37,1. O doente continua bem.

Pelas 12 horas, o sr. dr. Affonso Costa levantou-se, tendo recebido mais tarde a visita de sua esposa e filha. No hospital esteve a informar-se do seu estado o sr. França Borges.

A separação dos funccionarios

O «Diario do Governo» publicará amanhã os nomes dos membros das commissões encarregadas de organisar a lista dos abrangidos

Do «Diario do Governo» de hoje reproduzimos os seguintes diplomas relativos á separação dos funccionarios civis e militares que não offereçam «completa garantia da sua adhesão á Republica e á Constituição.

«Em nome da Nação, o Congresso da Republica decreta e eu promulgo, a lei seguinte:

Artigo 1.º E' interpretado o artigo 1.º da lei n.º 319, de 16 de junho de 1915, na parte em que auctorisa o governo a separar definitivamente do serviço «por uma vez sómente» certos funccionarios, no sentido em que o governo deve fazer essa separação n'um só diploma em relação a cada ministerio.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação em contrario».

Seguem-se as assignaturas do presidente a Republica e de todos os ministros.

Decreto n.º 7:763:

«Usando da faculdade que me confere o artigo 47.º, n.º 3, da Constituição Politica da Republica Portugueza, e dando cumprimento ás leis n.ºs 319, 320 e 321, de 16 de junho do corrente anno:

Hei por bem, sob proposta dos ministros de todas as repartições, decretar o seguinte:

Artigo 1.º No uso das auctorisações concedidas pelas leis n.ºs 319, 320 e 321, de 16 de junho de 1915, o governo poderá desde já separar definitivamente do serviço effectivo os funccionarios civis ou militares que não dão uma completa garantia da sua adhesão á Republica e á Constituição.

Paragrapho unico. O governo fará a separação dos funccionarios n'um só diploma em relação a cada ministerio.

Artigo 2.º São considerados funccionarios civis para o effeito das citadas leis e do presente decreto todos os individuos a que se referem o artigo 1.º e paragrapho 1.º do regulamento do direito de encarte de 31 de dezembro de 1913, embora não sujeitos á acção do regulamento disciplinar de 22 de fevereiro do mesmo anno, com excepção dos aposentados, jubilados, reformados ou permanentemente substituidos, aos quaes continuam a applicar-se as disposições do dito regulamento disciplinar.

Artigo 3.º Para o mesmo effeito reputam-se funccionarios militares os officiaes do exercito e da armada, sargentos e equiparados que não estejam em situação de reforma, applicando-se aos reformados as disposições dos respectivos regulamentos disciplinares.

Artigo 4.º Em cada um dos ministerios será organisada pelo respectivo ministro uma commissão composta de trez membros, que no praso maximo de trinta dias apresentará um relatorio contendo a lista dos funccionarios abrangidos pela disposição do artigo 1.º.

Paragrapho 1.º O praso a que se refere este artigo é de trez mezes para os ministerios dos negocios estrangeiros e das colonias.

Paragrapho 2.º Estas commissões poderão solicitar do ministro respectivo e de todas as auctoridades e repartições publicas os elementos e informações que julgarem indispensaveis para o desempenho da sua missão.

Artigo 5º A separação definitiva do serviço será ordenada pelo respectivo ministro em simples despacho publicado no «Diario do Governo» e contendo sómente o nome, o cargo e o vencimento futuro do funccionario, com a declaração de estar abrangido pelo artigo 1.º do presente decreto.

Paragrapho unico. O despacho ministerial não depende de audiencia previa do funccionario, nem de proposta consulta ou deliberação da collectividade a que este pertence, ou do respectivo chefe do serviço, salvo quanto aos funccionarios exclusivamente subordinados aos corpos e corporações administrativas, os quaes serão separados pelo ministro do interior de conformidade com deliberação do corpo ou corporação competente.

Artigo 6.º Se o funccionario attingido por este decreto depender ao mesmo tempo de mais de um ministerio, corpo ou corporação administrativa, o despacho que o separar de qualquer dos serviços importará inhabilidade immediata para os demais, sem necessidade d'outra publicação.

Artigo 7.º O vencimento futuro do funccionario separado será fixado até o limite da percentagem legal maxima consoante a sua idade e situação material, e especialmente o tempo e qualidade do serviço que haja prestado.

Paragrapho 1.º Em regra, o maximo da percentagem só será attribuido ao funccionario que tiver mais de vinte e cinco annos de serviço effectivo.

Paragrapho 2.º O funccionario com ordenado de cathegaoria ou soldo terá como percentagem maxima 80 por cento d'esse vencimento, ainda que percebesse tambem emmolumentos ou salarios lotados em quantia inferior; e quando receba mais d'um vencimento d'aquella natureza essa percentagem recahirá unicamente sobre o maior.

Paragrapho 3.º Se o funccionario tiver ordenado e emmolumentos, mas estes constituirem a parte mais importante dos seus vencimentos, a percentagem maxima será de 80 por cento dos emmolumentos, conforme a lotação vigente.

Paragrapho 4.º O funccionario que vencer exclusivamente emmolumentos ou salarios, terá como percentagem maxima 50 por cento da actual lotação do respectivo cargo ou dos proventos effectivos, quando porventura se tornem inferiores a essa lotação.

Artigo 8.º A separação definitiva do serviço implica a vacatura dos cargos, e, no caso a que se refere o paragrapho 4.º do artigo anterior, a substituição obrigatoria dos respectivos funccionarios nos termos estabelecidos por lei para os que se substituem por impedimento phisico permanente.

Paragrapho unico. No caso subsequente de demissão ou morte dos substituidos, os substitutos ficarão «ipso-facto», investidos nos cargos como effectivos.

Artigo 9.º Os funccionarios attingidos por este decreto, mas que pela applicação de leis ou regulamentos anteriores possa incorrer na pena de demissão, serão tambem desde já separados do serviço effectivo, instaurando-se ou continuando se o competente processo disciplinar ou criminal, sem direito a qualquer percentagem salvo o caso de improcedencia do processo.

Paragrapho 1.º Na especie aqui prevista, o despacho ministerial conterá em vez da menção de precentagem, a declaração de que existe ou vae ser instaurado processo para demissão.

Paragrapho 2.º Este precesso será instaurado dentro de dez dias, e, quando disciplinar, deverá estar concluido dentro dos trinta immediatos.

Artigo 10.º A separação do serviço ordenada nos termos geraes d'este decreto não prejudica qualquer outro procedimento disciplinar ou criminal, nem a instauração ulterior de processo para demissão, suspendendo-se n'este ultimo caso o pagamento da percentagem fixada.

Artigo 11.º Dos despachos e deliberações sobre separação de serviço, nos termos d'este regulamento, não haverá recurso para tribunal algum; todavia das decisões ministeriaes poderão os interessados recorrer sem effeito suspensivo para o conselho de ministros.

Paragrapho unico. O recurso será dirigido ao presidente do ministerio e a respectiva petição será, mediante registo no livro de porta e recibo, entregue na secretaria geral do seu ministerio ou, não a havendo, na repartição do gabinete, podendo o interessado juntar declarações escriptas, justificações ou outros documentos eu seu abono.

Paragrapho 2.º O praso para este recurso é de dez dias, contados da data da publicação do despacho no «Diario do Governo», accrescidos do tempo necessario para a ida e volta do correio, quando o interessado residir fora do continente da Republica.

Paragrapho 3.º O processo é gratuito e correrá sem dependencia de formalidades.

Paragrapho 4.º As resoluções do conselho de ministros só serão fundamentadas e publicadas no «Diario do Governo» quando revogarem os despachos recorridos.

Artigo 12.º Das resoluções do conselho de ministros pode recorrer para o parlamento, nos termos da Constituição, qualquer individuo que tenha interesse em que se confirme ou revogue o primitivo despacho de separação do serviço.

Artigo 13.º Os funccionarios civis ou militares separados do serviço que persistirem na sua hostilidade contra a Republica ou a Constituição serão demittidos nos termos e com as formalidades do regulamento disciplinar de 22 de fevereiro de 1913.

Artigo 14.º Os funccionarios separados do serviço ou demittidos por hostilidade á Republica ou á Constituição não mais poderão exercer cargos remunerados, quer do Estado, quer dos corpos administrativos; perdem o direito á reforma ou aposentação; e ficam privados do exercicio dos direitos politicos por dez annos.

Artigo 15.º Consideram-se separados do serviço effectivo desde a data d'este decreto os individuos que faziam parte do governo transacto em 14 de maio do corrente anno, sem prejuizo das suas responsabilidades civis ou crimaes.

§ unico. Pelos respectivos ministerios far-se-hão opportunamente as declarações a que se refere o artigo 9.º e § 1.º d'este decreto.

Art. 16.º Para pagamento das percentagens estabelecidas no artigo 7.º e §§ 1.º, 2.º e 3.º d'este decreto abrir-se-hão no ministerio das finanças a favor de todos os ministerios os creditos especiaes necessarios nos termos do artigo 34.º, n.º 1.º, da lei de 9 de setembro de 1908 e do artigo 4.º da lei de 29 de abril de 1913.

§ unico. Os corpos e corporações administrativas inscreverão nos seus orçamentos as verbas necessarias para o pagamento das percentagens fixadas aos funccionarios que recebem vencimento pelos seus cofres.

Art. 17.º Este decreto entra immediatamente em vigor».

(Seguem-se as assignaturas do presidente da Republica e dos ministros).

A CONFERENCIA DE MADRID

"Mancomunidade" de pesca...

Era nem mais nem menos o que os hespanhóes pretendiam

Os delegados portuguezes que foram recentemente a Madrid para negociar as bases da convenção de pesca com a Hespanha chegaram hontem a Lisboa. Tivemos ha pouco occasião de nos avistar com um d'elles: o sr. dr. Moreira de Carvalho, que era o delegado da zona correspondente ao departamento maritimo do Centro, e que amabilissimamente se prestou a esclarecer-nos, de uma maneira geral, sobre os trabalhos da conferencia.

A nossa entrevista, que se realisou n'uma das salas da Companhia de Seguros «O Futuro», onde nos marcára «rendez-vous», não foi longa. Reclamavam-no urgentes affazeres: mas mesmo com os minutos contados, o sr. dr. Moreira de Carvalho não quiz deixar de nos dizer, clara e precisamente, alguma coisa do muito que n'essas memoraveis sessões se discutiu. A nossa primeira pergunta foi, para começar pelo principio, sobre a origem da conferencia.

—Parece que a ideia partiu do governo portuguez, responde-nos o nosso amavel interlocutor. O governo hespanhol acceitou a ideia e pediu então ao nosso que se reunissem em Madrid, além dos delegados technicos, quatro delegados portuguezes e quatro hespanhoes, escolhidos entre os interessados na industria da pesca.

—Mas será costume, quando se negoceiam convenções d'esta natureza, nomearem-se delegados dos interessados?

—Lá fóra é uma coisa habitual. Até em Madrid, quando nós chegámos, acabavam de partir os membros de uma commissão franceza que viera conferenciar com uma commissão hespanhola, a fim de assentarem nas bases a propôr para uma convenção postal. De resto, entendo que os governos deveriam proceder sempre assim: ouvir os interessados antes de resolver os assumptos, e ouvil-os não para subscreverem as suas resoluções mas para se orientarem com os seus conhecimentos.

—Quem eram os membros das commissões que realisaram a conferencia?

—O delegado technico do governo hespanhol era D. Amando Pontes, capitão de corveta, funccionario superior da direcção geral das pescas do ministerio do Estado. Pelo nosso governo ia, como sabe decerto, o sr. contra-almirante Alvaro Ferreira, major general da armada, e que durante annos foi o chefe do departamento maritimo do sul. Os delegados dos interessados hespanhoes eram D. Eduardo Vicente, deputado, ex-alcaide de Madrid e D. José Barreras, engenheiro, ambos representantes da Galliza; D. José Tejero, deputado e advogado, representante de Isla Cristina, e D. Manuel Feu, representante de Ayamonte. Da nossa parte representavam a zona correspondente ao departamento maritimo do sul os srs. João Antonio Judice Fialho, que em pesca e conservas é sem duvida o mais importante industrial da peninsula, e o dr. Carlos Fuzeta, o illustre causidico do Algarve, conhecedor profundo do assumpto e um verdadeiro patriota, na mais bella accepção da palavra. Foi o «leader» dos commissionados portuguezes, e defendeu com admiravel brilhantismo os nossos interesses em todas as sessões que se realisaram. Como representante dos interessados do departamento maritimo do norte foi o sr. José Affonso Barbosa, gerente da importante firma Puls, do Porto; e eu, pelos do departamento maritimo do Centro.

—Permitte-me que lhe pergunte que criterio presidiu a essa escolha?

—A eleição. O governo officiou ás capitanias, que convocaram os interessados a fim de nos elegerem.

—A conferencia durou vinte e quatro dias, insinuamos, entrando mais directamente na questão. Houve tempo para tratarem, em todos os seus detalhes, do convenio da pesca...

—Não. Apenas discutimos um ponto.

—?!...

—Escute. A convite dos commissionados hespanhoes ennuciámos, na primeira sessão official, todos os pontos de vista a ventilar como base do convenio em negociação.

—E não se discutiram esses pontos de vista?

—Não senhor. Os delegados hespanhoes, mal tinhamos acabado de enunciar o nosso programma de trabalhos, apresentaram logo uma questão prévia...

—Póde saber-se?...

—...Queriam, como questão fundamental, imprescindivel, «sine qua non», como unica base para o convenio se poder realisar, que se assentasse na «mancomunidade de pesca» em zonas maritimas que definiram logo...

—Mas isso não é a liberdade de pesca em que por vezes tanto se tem falado?

—E'. Mas por aquella condição, os hespanhoes exigiam que determinadas zonas da costa maritima de Portugal ficassem communs, tanto para pescadores hespanhoes como portuguezes.

Observamos:

—Empregando comtudo a palavra «mancomunidade», parece que os hespanhoes escolheram um termo muito infeliz. «Mancomunidade» chamou-se ao regimen de centralisação economica com o qual a Hespanha se resolveu apagar o regionalismo, especialmente o da Catalunha. Serviam-se, portanto, para este caso do convenio internacional de um termo que largamente se applicou a provincias hespanholas, o que para nós não é muito lisongeiro...

O sr. dr. Moreira de Carvalho sorriu, e não commentou. Insistimos.

—E vinte e quatro dias se passaram a discutir essa questão prévia?

—Logo que os commissionados hespanhoes a apresentaram, a commissão declarou por intermedio do seu «leader», o sr. dr. Carlos Fuzeta, que «para todos os interessados portuguezes a ideia de qualquer «mancomunidade» de pesca, fôsse qual fôsse a sua formula era «absolutamente inadmissivel», por ser, sob todos os aspectos, não só indispensavel mas até indiscutivel o principio consagrado pelas regras internacionaes, que reserva exclusivamente para os pescadores de cada paiz o usofructo das respectivas aguas jurisdicionaes».

—Foi, portanto, uma opposição formal...

—Absolutamente. E se discutimos é porque entendemos, por um dever de cortezia, declarar por escripto esse voto, detalhando n'um documento os mais altos motivos da nossa attitude, e isto para se não dizer que n'uma conferencia internacional tinhamos opposto uma negativa secca e porventura injustificada.

—A opinião dos commissionados portuguezes foi unanime?...

—Seguramente unanime. O sr. Judice Fialho caracterisou mesmo desde logo a proposta hespanhola n'uma observação interessante. Disse-lhes: «Isso seria uma sociedade em que nós entramos com agua salgada e com peixe, e os senhores só com agua salgada. Mas como nos não alimentemos nem fazemos conserva de agua salgada, a proposta do contracto não nos pode convir...»

—O delegado technico do governo? Manifestou-se tambem?

—De uma forma que absolutamente nos tranquillisou. Disse que ainda que os delegados industriaes portuguezes concordassem com os commissionados hespanhoes em qualquer projecto que tivesse por base uma formula de reciprocidade de pesca, o governo portuguez poria todas as reservas na approvação de tal accordo. Isto é linguagem diplomatica, mas a traducção corrente é que o governo nunca o approvaria...

—E' extraordinario que os hespanhoes suppozessem possivel obter de nós a sancção da sua exigencia...

—Não deviam suppor, diz-nos o sr. dr. Moreira de Carvalho, sublinhando a phrase com intenção. E não deviam suppôl-o porque isso representava a ruina dentro de breve praso da industria de pesca e conservas em toda a costa de Portugal.

—Mas em tal caso como se explica que, tendo a consciencia d'esse facto, arriscassem jogar a sua cartada? Contariam elles porventura com qualquer divergencia de opiniões entre os interessados portuguezes?

—O senhor acaba de pôr o dedo na ferida... «Entre portuguezes» não havia divergencias. Havia, porém, segundo se diz, em alguns pontos de Portugal, duas ou tres mascaras portuguezas de interesses puramente hespanhoes. Se esses tivessem sido eleitos como delegados á conferencia, manifestariam provavelmente votos favoraveis á condição «sine qua non» da «mancomunidade»...

E puxando do relogio, o nosso entrevistado prosegue:

—Desculpe-me. Tenho seis minutos para tomar um comboio. De boa vontade lhe daria mais pormenores, não só por[illegible] que ha muito ainda que dizer so[illegible] caso mas ainda por que entendo que n'este momento se deve dizer á opinião publica absolutamente tudo. Tanto mais que é preciso acautela-la contra a propaganda que porventura certos industriaes hespanhoes tentem ainda fazer no intuito de estabelecer qualquer divergencia entre os interessados. Mas não tenho mais tempo. De resto, porque não procura falar com o dr. Carlos Fuzeta, que melhor que ninguem domina a questão e foi o nosso «leader» em Madrid? Procure-o, escute-o, e lembre-se que os serviços que acabou de prestar ao nosso paiz são inextimaveis, por que foram a salvaguarda da nossa maior riqueza industrial...

Apenas o tempo de trocar um aperto de mão, e terminára a «interview», com a promessa de procurarmos ouvir tambem o illustre advogado do Algarve.

MADRID, 22.—A conferencia hispano-portugueza sobre a pesca terminou os seus trabalhos, tendo remettido aos gabinetes de Madrid e Lisboa importentes elementos de informação respeitantes ao ponto de vista dos dois paizes, com interessantes dados para as negociações sobre a convenção em vista, as quaes proseguem activamente.—*(Havas)*.

Vida artistica

Com sua mãe encontra-se em Lisboa a distincta esculptora portuense sr.ª D. Maria da Gloria Ribeiro, auctora da linda estatua «La Source», que a camara municipal adquiriu para um dos nossos jardins, tendo estado hoje no edificio da mesma camara a conferenciar com o architecto José Alexandre Soares.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria de S. João Baptista do hospital de S. José, depois de operado de laparotomia, recolheu o estivador Alberto da Costa do O', de 21 annos, morador nas escadinhas de Santo Estevam, 13, que de madrugada, quando aconselhava o trabalhador da alfandega José Augusto a deixar de perseguir uma mulher com quem vivera e que lhe fugira por não poder aturar os maus tratos que elle lhe dava, foi aggredido com uma bofetada e em seguida com uma navalhada no ventre. Na enfermaria de Santa Isanna ficou a menor de 3 annos Aldegundes, filha do trabalhador José Pontes, morador em Casellas, ali attingida por uma pedra arremeçada por uns garotos que lhe produziu fractura do craneo.

—A bordo de uma fragata atracada ao caes da Areia foi hoje apanhado por uma prancha, que lhe fracturou a perna esquerda, o menor de 7 annos Antonio Braz, morador nas escadinhas de Santo Estevam, 41, 1.º. Foi para o hospital.

Marinha de guerra

O sr. Sousa e Faro toma conta do commando do «Almirante Reis»

Foi hoje feita entrega do commando do cruzador *Almirante Reis* ao sr. capitão-tenente Sousa e Faro, que é um dos mais distinctos officiaes da nossa armada, o qual tem prestado os mais relevantes serviços. A' cerimonia da posse assistiu o commandante interino da divisão naval, sr. capitão de fragata Leotte do Rego, o qual, ao conceder a posse ao seu camarada, tomou a palavra para dizer á guarnição que era preciso que toda a marinha de guerra se conservasse unida para cumprir a sua missão, que é das mais nobres e das mais uteis á Patria e á Republica. O *Almirante Reis* é portador d'um nome illustre e tem, no seu costado, feridas que o dignificam e o sagraram ao serviço do regimen. Pois é necessario que todos contribuam para que esse navio continue a honrar o nome do official que foi um dos mais nobres republicanos da nossa terra e as suas tradições, que já agora não é possivel apartar da historia politica do nosso tempo. O sr. Sousa e Faro, disse o commandante da divisão, é um official dos mais distinctos da armada portugueza. Só tem, por isso, que congratular-se por o vêr nomeado commandante d'um vaso de guerra como aquelle que acabe de ser entregue á sua competencia. Respondendo, o sr. Sousa e Faro agradece as referencias elogiosas do sr. Leotte do Rego e diz que fará tudo quanto em suas forças caiba para continuar a servir, com a dedicação de sempre, a corporação a que pertence. O sr. Fernando Rego, que era o commandante do *Almirante Reis*, foi, como é sabido, nomeado commandante da canhoneira *Zaire*, fundeada para effeitos de fiscalisação maritima na bahia de Setubal.

Um rosario de escandalos...

Dois requerimentos sensacionaes do sr. Leotte do Rego

O sr. Leotte do Rego apresentou hoje na Camara dos Deputados os dois requerimentos seguintes:

«Requeiro pelo ministerio das colonias os seguintes documentos: correspondencia trocada entre os dois ministros Teixeira Guimarães e Theophilo da Trindade e o governador de Angola e de Moçambique, sobre o objectivo das forças expedicionarias enviadas áquellas colonias por motivo da guerra; despacho dos mesmos ministros indeferindo ou reduzindo as requisições de viveres e munições feitas pelos chefes das forças expedicionarias; ordem telegraphica do governo Pimenta de Castro para o governador de Angola mandando limitar a acção das nossas tropas á guerra [illegible] sem attingirem o Cunene, ainda mesmo que [illegible] novo [illegible] ca expe[illegible] que pe[illegible] viveres e [illegible] mão, e [illegible] do Nyassa [illegible] passagem de [illegible] um para [illegible] correio».

Requeiro mais pelo ministe[illegible] da marinha [illegible] despacho ministerial do ex-ministro [illegible] Neuparth mandando suspender a execução da lei votada no parlamento [illegible] junho de 1914 de iniciativa do senador Arantes Pedroso, relativa ao limite das aguas para os effeitos da pesca; despacho ministerial mandando nomear sem concurso para o logar de escripturario dos serviços maritimos do Arsenal o carregador João Rocha; despacho ministerial mandando pagar passagens de ida e regresso ao 2.º tenente constructor naval Almeida Garrett, que havia requerido licença para ir ao estrangeiro sem dispendio para a fazenda; despacho ministerial do ex-ministro Xavier de Brito annulando a nomeação de Affonso Novo, antiga praça de marinhagem para o cargo de patrão mór na Granja e nomeando Antonio de Sousa, condemnado em seis annos de prisão maior cellular como conspirador pelo tribunal marcial de Chaves».

A questão duriense

Agradecimentos da commissão do Norte

O sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da grande commissão do Norte que esteva ultimamente em Lisboa para tratar da questão do Douro, junto do governo, enviou o seguinte telegramma a todos os deputados e senadores que acompanharam os seus trabalhos:

«REGOA, 21.—Saudando os illustres parlamentares do Douro, do Porto e do Norte, a todos significo a gratidão dos povos durienses pela solidariedade que consagram á nossa causa. Recebam todos a parte que, legitimamente, lhes cabe nas saudações enthusiasticas com que muitos milhares de cidadãos, n'uma manifestação imponente, acabam de receber-me.—*Pela commissão do Norte—o presidente da camara municipal da Regoa, Antão de Carvalho.*»

***

O sr. Antonio da Cruz Raymundo, presidente da camara de Lagos, telegraphou ao sr. dr. Diogo Marreiros, Neto, pedindo-lhe que representasse a mesma camara na reunião da Associação de Agricultura e defendesse os interesses dos viticultores do Algarve.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes

Para proseguimento de trabalhos, reune a assembleia geral na sexta feira, ás 20 e meia horas. A commissão nomeada para se avistar com o sr. ministro da marinha procural-o-ha de novo.

União dos pintores da construcção civil

A commissão de melhoramentos da Associação de classe União dos pintores de construcção civil convida todos os mestres e empreiteiros que tenham trabalhos de pintura a reunirem ámanhã, pelas 16 horas, no largo do Poço Novo, 27, 2.º, para a apreciação entre as duas partes das publicações que teem vindo sido feitas na imprensa diaria. A ser verdadeira a necessidade de operarios pintores, como se diz, a commissão informará devidamente a entidade respectiva, para que se faça das obras do Estado o deslocamento necessario.

SPORT

Tratamentos pela gymnastica medica

Tornou-se moda a gimnastica medica mas justificou-se essa moda, porque tem sido empregada, com muito successo, em grande numero de doenças, seja como tratamento exclusivo, seja combinada com outros meios de tratamento.

Em todo o caso a moda vae creando certos abusos e d'elles deve tornar-se a responsabilidade a muitos medicos que aconselham o tratamento sem verificar convenientemente se é elle preciso e que indicam professores que não podem tomar conta dos casos por insufficiencia de estudo e conhecimentos apropriados. De resto, a gimnastica medica se tem indicações, tem, simultaneamente, contra-indicações formaes.

Nem todos os doentes se podem atirar para uma sala de cultura phisica ou um gimnasio e nem todos os doentes podem fazer massagens ou movimentos sem determinação apropriada.

Na Suecia, o emprego da gimnastica como tratamento das doenças data do tempo de Ling. Nos primeiros tempos era exclusiva das doenças chronicas. Nos ultimos tempos, porém, começou a ser utilisada como tratamento de convalescença em certas doenças agudas e depois de operações cirurgicas, principalmente quando se trata de dar outra vez mobilidade a um membro que a perdeu.

Diz o sabio professor Wide, o grande mestre da gimnastica sueca, ácérca d'este assumpto:

«Os gimnastas suecos, estabelecidos no estrangeiro, levaram muito longe a sua «sciencia», direi mesmo muitissimo longe, porque applicam o methodo sueco como o unico processo proprio ao tratamento de todas as doenças, mesmo as febres por infecção, os tumores malignos, etc!»

Nota do dia

Jogo de socco ou combate á «pancada»?

Para o proximo domingo annuncia-se no Stadium um grande combate de socco. São adversarios o famoso campeão americano Blink Mac Closkey e o hercules portuguez Manuel Loureiro Grillo, que é o actual campeão de força dos profissionaes de Portugal.

Analisando o valor dos dois adversarios, os technicos do athletismo dizem que elles nunca poderão fazer um combate de «box» scientifico, regular e sereno. Teem razão aquelles que assim pensam. Entre Closkey e Manuel Grillo o que deve haver é uma batalha e não um assalto athletico.

Ambos são combativos e ambos são furiosos no ataque. Nenhum d'elles quer prejudicar o seu nome e a sua fama! Closkey é considerado um dos «selvagens» do «box»; Manuel Grillo é temido como um valentão!

Quem vencerá?

Evidentemente que todos os prognosticos se inclinam para o americano porque tem pratica de 7 annos de «ring», conhece o jogo e tem assaltado com todos os campeões do mundo. Closkey, [illegible] medir-se com um rapaz, [illegible] de coragem phisica, decisão combativa, energia feroz e força são predicados que o notabilisaram em Lisboa. [illegible] os portu[illegible] que mais resistia a [illegible], facto que tambem comprova a sua agilidade e sangue frio.

Isto equivale a dizer que os [illegible] adversarios são do mesmo feitio. Querem ver o que disseram os criticos de «L'Auto», no dia seguinte ao combate de Closkey com o campeão do mundo Harry Lewis?

«...Mac Closkey deu a Harry Lewis uma batalha admiravel, resistente, sem nunca estar em perigo nos 25 «rounds», confirmando as suas prodigiosas qualidades de força, de sciencia na defeza e de energia.

«Nunca em Paris vimos um «boxeur» tão extraordinario para parar e inutilisar os golpes. E' um verdadeiro dom em link, porque automaticamente o seu braço ou o seu cotovello vem colocar-se deante de cada socco, com uma precisão inacreditavel. Raros são os «directos» que chegam ao seu destino e os raros murros que recebe sem os parar «encaixa-os» com uma tranquillidade desconcertante!»

Algumas anecdotas

Retire-se.. porque cheiram mal os seus pés!...

-E' de Edmond Desbonnet a historia seguinte:

«Os alumnos de Rossignol-Rolin—era assim que elle chamava aos seus luctadores, embora nunca tivesse luctado... não pela vida—revoltavam-se muitas vezes contra as ordens do patrão e havia tal que promettia tudo antes de entrar na arena mas que depois deante do publico se esquecia da promessa. N'essa epoca remota, o «chiqué» ainda não havia triumphado! Rossignol-Rolin intervinha então e, n'uma linguagem convencional que o publico não comprehendia, obrigava o teimoso a fazer o que elle queria!

«Uma noite, porém, Rossignol viu-se atrapalhado.

«Faouet, o celebre Faouet, o «luctador selvagem das selvas» devia deixar-se tombar por um «colosso» qualquer, cujo nome obscuro não chegou até nós. Desgraçadamente, por mais esforços que fizesse, Faouet mostrava-se invencivel.

«A lucta já durava mais de vinte minutos e o publico começava a manifestar seu descontentamento quando Rossignol-Rolin appareceu na arena e fez comprehender a Faouet que chegara a occasião de ser derrubado.

«Mas Faouet não o quiz ouvir!... Agarrando pelo «colosso» pelas axilas, ia para o projectar sobre o tapete, quando a voz de Rossignol troou severamente:

—Sr. Faouet, os seus pés cheiram mal! Retire-se da arena!...

E depois dirigindo-se ao publico:

—Senhores, garanto-lhes que d'ora em deante nenhum luctador entrará na arena sem que o tenha obrigado a lavar-se e a ser limpo!...

Faouet retirou-se furioso, mas o «colosso» não foi tombado!

E era isso que Rossignol queria...

Noticias

Entre nós

Tennis na Amadora

O regulamento dos campeonatos de tennis que começam no proximo domingo na Amadora é o seguinte:

O socio pode inscrever-se n'uma ou nas duas provas, sendo a inscripção de $50 por cada jogador e por cada prova, pagos no acto da inscripção, que esteve aberta na casa dos patins dos R. D. A. e fechou em 17 do corrente. Na inscripção do torneio de «double» o jogador deverá indicar o nome do seu parceiro.

Para a compra de bolas e conservação do «court» accresce 10 centavos por cada jogador e por cada dia de jogo, só aos domingos, pois que a inscripção de $50 é unicamente destinada á compra de 3 premios, um para o campeão de «single» e os dois para o par vencedor do «double», que serão distribuidos no «rink» da patinagem a uma quinta-feira. A conservação cuidadosa do campo ficará a cargo dos R. D. A., que tambem dispensarão dois rapazes para dar bolas durante todo o decurso das provas.

Para 25 de julho serão marcados só os encontros de «single» e no dia 1 de agosto começam os de «double» alternados com os de «single».

A ordem de inscripção dos encontros «single» é por sorteio amanhã, ás 21,30 horas, no salão de jogos, para o qual ficam convidados a assistir os jogadores inscriptos n'essa prova, marcando-se derrotas aos jogadores, que depois de designada a sua altura pelo sorteio faltarem á terceira chamada, salvo caso de doença. O sorteio de «double» é em 29 de julho á mesma hora e obedece ás mesmas condições do outro.

O torneio de «double» será feito por dois jogos cada encontro com troca de campo aos jogos impares, sendo o apuro final pela totalidade de jogos. O campeonato de «single» será em rigor: o melhor de tres partidas e as partidas com vantagens de jogos; as duas primeiras partidas, uma em cada campo e a terceira, se houver empate, com troca de campo aos jogos impares.

As provas começam ás 8 horas aos domingos, sendo facultativo aos jogadores marcarem as suas partidas para as 6 horas ou para de tarde durante a semana, comtanto que compareça mais um da sua escolha para servir de «umpire». Este é nomeado por sorteio ao domingo entre os jogadores presentes. Todos os «umpires» poderão escolher dois «juizes de linha» sempre que assim o entendam e todas as suas decisões são irrevogaveis.

Ficam avisados os jogadores de que o «umpire», a par da missão que desempenha, é obrigado a marcar com rigor e em voz alta *as seguintes faltas*, que em geral offerecem duvidas: atacar a bola antes d'ella passar a rede, tocar a rede, ser tocado pela bola ainda que fóra do jogo, «second» (2.º salto) e «fout-fault»(pisar a linha do fundo quando bola), não esquecendo marcar sempre, bem claro, o «out-side», porém, pela minima duvida, o «umpire» dará um «let».

Ao «umpire» compete impor absoluto silencio durante o jogo, sendo-lhe facultado o direito de exigir ordens áquelles que, porventura, *não quizerem* attender a esta praxe indispensavel.

Não deve demorarse além de 5 minutos o intervalo dos encontros.

Aos domingos, das 13 ás 14 e meia (pouco mais ou menos) será interrompido o jogo para tratamento do «court» e marcação de linhas.

Estas provas devem terminar impreterivelmente no dia 29 de agosto de 1915.

Novos «rinks» de patinagem

Na noite do proximo sabbado realisa-se, nos Recreios de Carcavelos, uma festa que deve ser animadissima e brilhante, pelo numero extraordinario de convites que teem sido distribuidos, e pela qualidade das pessoas a que teem sido dirigidos. Inaugura-se n'essa noite o recinto de patinagem ao ar livre, que fica contiguo ao salão de patinagem em madeira, e mede mais de quinhentos metros quadrados em uma pavimentação moderna e nova entre nós, pois que está feita em mosaico do typo belga, material muito resistente, expressamente construido para esse fim e offerecendo aos patins uma magnifica superficie de deslisamento. A festa constará de uma sessão de patinagem e de um baile no proprio recinto ao ar livre.

Passeio da Associação Naval

E' no proximo domingo que a Associação Naval de Lisboa organisa um agradavel passeio á vala de Azambuja, a fim de assistirem os seus socios, senhoras de familia e convidados á prova de remos em que [illegible] pela segunda vez, disputada a «Taça da Azambuja», de que é detentora a mesma associação.

O embarque faz-se de manhã na ponte da Parceria no vapor «Lusitano». A inscripção fecha hoje para socios, senhoras e convidados. Acompanha o vapor dos socios grande numero de barcos de gazolina e de vela.

Um grande premio ciclista

No dia 15 de agosto realisa-se o grande premio promovido pela casa velocipedica José Antonio de Magalhães, para o qual ficam convidados desde já todos os ciclistas que se queiram inscrever.

Gimnastica no Estoril

Reabre no dia 2 de agosto, nos banhos da Poça, a classe de gimnastica, dirigida pelo habil professor Arthur dos Santos, que bellos resultados produziu no anno passado. Funccionará ás segundas, quartas e sextas-feiras de manhã.

Um "pic-nic" em Bellas

Organisam-o, no proximo domingo, os Recreios Desportivos da Amadora

Uma commissão de socios, de accordo com a direcção dos «Recreios Desportivos da Amadora», resolveu effectuar um interessante «pic-nic» no proximo domingo. Podem tomar parte todos os socios dos R. D. A., suas familias e convidados.

O local escolhido para esta diversão é a Quinta Grande de Bellas, gentilmente cedida pelo seu proprietario, o sr. Borges d'Almeida.

A commissão organisadora espera tornar a festa animada, intensa e alegre.

Depois do almoço, e com o fim de passar umas horas agradaveis, realisar-se-ha n'aquelle pittoresco recinto uma grande Gimkhana em que podem tomar parte todas as pessoas presentes.

A partida para Bellas realisa-se pelas 9,30 da manhã da séde dos Recreios Desportivos, onde as familias dos socios e seus convidados devem comparecer.

A direcção dos R. D. A. põe á disposição dos socios, familias e convidados os meios de transporte necessarios para a conducção dos farneis, devendo estes estar ás 9 horas na Patinagem e levar todos, na parte exterior, o nome das pessoas a quem pertencem.

A commissão organisadora é formada por M.elles: Alda Seixas, Amelia Rodrigues, Antonia Gamito, Clementina Belpho, Clotilde Marques, Clotilde de Oliveira, Eduarda Cabrita, Fernanda Outeiro, Ilda Sacavem, Judith Silva, Laura Athayde, Laurinda Roubaud, Lucinda Humberta, Maria Ceia, Maria Luiza Correia, Maria B. Santos Mattos e srs. Alfredo Azevedo, Arthur Nogueira, Francisco Leal, João Fragoso, Luiz Ceia e Raul Vasques. Os socios de Lisboa podem tomar os comboios que partem da estação do Rocio ás 7,16 com chegada á Amadora ás 7,56 ou o que parte ás 9,20 e chega ás 9,35 (rapido). Os socios de Queluz podem esperar no Pendão. A entrada para a Quinta de Bellas far-se-ha pelo portão do *Pendão*.

PEQUENAS NOTICIAS

O Instituto dos Cegos do Porto, dirigido pelo sr. Miguel Motta, publicou agora o seu relatorio annual, pelo qual se vê que aquella instituição continua prestando os melhores e mais relevantes serviços.

—Correspondente ao mez corrente, sahiu o numero 10 da 2.ª serie do «Procural», revista forense propriedade da Procuradoria Geral (Luso-Brazileira, dirigida pelo sr. M. d'Agro Ferreira.

—Parte amanhã para Vizella o nosso amigo e distincto clinico sr. dr. Antonio Aurelio, que ali vae fazer uso das aguas.

—Com o nome de «Dragão de Prata», abre amanhã na rua Alves Correia, 17, e 19, uma nova ourivesaria e relojoaria, propriedade do sr. Roque Freire.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.
POLITHEAMA — Não ha espectaculo.
EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

A'MANHÃ— **Apollo**—Recita de Joaquim Costa. *Reprise* de *Capote e lenço.*

SABBADO — **Politheama** — **Primeira** representação de *A amante do meu genro*, traducção do Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

Ao correr da penna

Ouço por ahi dizer que mal termine a guerra e sejam possiveis os fornecimentos do estrangeiro vamos ter mais dois theatros em Lisboa. Corremos evidentemente para aquelle limite em que haverá um espectador para cada theatro e quem sabe se esse limite mesmo não virá depois a ser excedido passando a haver mais theatros do que publico.

Ora o que ainda ninguem se lembrou de fazer em Lisboa, é um theatro de verão, uma casa onde nos mezes de torrido calor como este que vamos atravessando se possa respirar e tomar um refresco. Queixam-se os empresarios que o publico não accode. Tomára o publico que lhe accudam a elle com uma ventarola ou uma carapinhada. Não vae evidentemente metter-se de «motu-proprio» em casarões em que se abafa e que por mais ventilados que procurem ser não conseguem sêl-o. Se ha para ahi quem queira gastar o seu cobre na construcção d'um theatro, appareça, d'entre esses benemeritos protectores da industria theatreira, um que pense n'este problema e nos faça uma sala á laia dos «music-halls» estrangeiros. *Custa-lhe* o mesmo e faz duas vistas

Cyrano

Boatos e informações

A revista por sessões que vae ser representada no começo da proxima quinzena no Politheama, é de André Brun e terá musica toda original de Vasco de Macedo.

—A «tournée» Mendonça de Carvalho representa hoje e amanhã no novo theatro de Braga.

—As obras no theatro do Gimnasio devem estar concluidas no fim do proximo mez.

—Ao contrario do que se annunciou, e por não ter sido posivel concluir os trabalhos de montagem da celebre farça «A amante de meu genro», só no proximo sabbado ella terá a sua primeira representação no Politheama.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora do Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

O deputado sr. Alfredo Ladeira E AS suas accusações ao commercio

O sr. A. Marques Nogueira, presidente da meza da assembleia geral da Associação de Vendedores de Viveres a Retalho, pede-nos a publicação do seguinte officio, copia do hontem mesmo entregue ao sr. Alfredo Ladeira:

Ex.mo sr.—Tendo alguns jornaes d'esta capital tornado publico, no extracto da sessão da Camara dos Senhores Deputados, de 8 do corrente, uma vilipendiosa denuncia que V. Ex.ª fez em pleno Parlamento, de que «o commercio que rouba escandalosamente, tambem no peso, quem se fornece a retalho», e constituindo esta tremenda e vexatoria declaração um labeu infamante que attingiu uma classe inteira, venho na qualidade de Presidente da Meza da Assembleia Geral da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho participar a V. Ex.ª que acabo de receber com data de 10 ultimo um sentido requerimento, subscripto por um grupo de commerciantes d'esta praça, pedindo a convocação immediata da Assembleia Geral, perante a qual se solicita a presença de V. Ex.ª para dar cabaes explicações sobre as bases em que assentam as deprimentes affirmações que V. Ex.ª fez á Camara;

Sendo, portanto, dever meu deferir como justamente se requer, tem o presente por objecto vir pedir a V. Ex.ª se digne dizer qual a proxima noite e hora a que *poderá estar disponivel*, para mandar convocar a referida Assembleia, pois urge que esta ignominia atirada a publico sobre uma classe que por todos os titulos merece o respeito e consideração a que sempre teve jus se esclareça, pois não é crivel que V. Ex.ª procedesse de animo leve nas graves accusações que fez, o que certamente saberá e poderá sustentar contra quem quer que seja e onde possa ser chamado.

Um cidadão digno de tão alta representação social como V. Ex.ª está investido tem indubitavelmente a hombridade precisa para vir á presença da classe que se vê afrontada dar-lhe as explicações pedidas, tanto mais que á mesma deve V. Ex.ª em parte, a honrosa posição a que foi elevado.—Saude e Fraternidade.—Lisboa, e Sala das Sessões da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, aos 19 de julho de 1915.—O Presidente da Meza, *A. Marques Nogueira.*

PELA INSTRUCÇÃO

Inauguração d'uma cantina e balneario

A Sociedade de Instrucção e Beneficencia José Estevão, do Lumiar, inaugura no proximo domingo a sua cantina e balneario. Haverá sessão solemne ás 16 horas, para a qual foram convidados os srs. ministro da instrucção, governador civil, provedores da Assistencia Publica e da Misericordia, camara municipal e outras entidades. A's 17 horas inaugura-se a cantina, sendo offerecido um jantar a grande numero de creanças. Pelas 18 horas será inaugurada a *kermesse* na alameda proxima ao edificio, que estará patente ao publico.

Na sessão solemne e no jantar tocará um sextetto e na *kermesse* a banda da Academia 1.º de junho de 1893.

Fallecimentos

MORTAGUA, 21—Falleceu em Caporrosa, d'este concelho, o sr. Antonio Maria dos Santos, secretario aposentado da camara e pae do facultativo municipal sr. dr. Augusto Gouveia dos Santos.

Exames em outubro

Haverá toda a vantagem em estabelecer uma segunda epocha de exames

O sr. Anthero de Seabra entende que tudo teriam a lucrar o Estado e os estudantes com que se decretasse uma segunda epocha de exames em outubro. Se alguns alumnos, que ficam esperados na primeira épocha, se habilitam em pouco mais de um mez para a segunda, com muito maior razão isso fariam em trez mezes. E para os proprios professores tal medida seria boa, pois muitos ha que hesitam em reprovar um alumno—quantas vezes com preparação sufficiente—por não tomarem a responsabilidade moral de lhes fazer perder um anno, o que representa um enorme sacrificio para as familias.

As circulares que a Liga Portugueza dos Educadores enviou para as provincias vieram cobertas de assignaturas de paes de alumnos, o que demonstra que tal medida, a ser tomada pelo governo, seria optimamente recebida.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 20.—O chefe do districto propoz ao sr. ministro do fomento, para preenchimento das vagas existentes no conselho regional do centro, os srs. Antonio Marques, José Pinto Alves Guimarães e Manuel Bernardes Ferreira, como effectivos, e Augusto da Silva Fonseca, Antonio Moraes e Eduardo Gomes, como substitutos.

—Foi nomeado mestre extraordinario da officina de marcenaria da Escola Industrial Brotero o apreciavel entalhador sr. José Paulo, artista de grande merecimento, muito respeitado n'esta cidade.

—A' policia d'esta cidade foi pedida a captura do auctor d'um roubo importante praticado em Espinho, o qual consta d'uma corrente d'ouro, uma medalha cravejada de brilhantes, um relogio de ouro e uma nota de 100$00.

—Por iniciativa do Gremio Operario deve realisar-se no proximo domingo uma digressão recreativa ao pittoresco sitio de Villa Franca, um dos locaes mais aprazíveis das margens do Mondego. Ali bivacarão os socios e convidados, tendo logar ao cahir da tarde uma merenda, sendo cada assistente obrigado a levar o respectivo farnel.

—Hoje, depois das 23 horas, deu-se uma scena de pugilato na rua Ferreira Borges, entre os srs. Adriano Lucas e Octaviano de Sá, de que resultou ser preso o primeiro. Pouco depois foi posto em liberdade, em virtude das ordens do sr. governador civil.

O motivo da contenda, segundo nos informam, foi a publicação de uns artigos publicados em um jornal local, em que o sr. Lucas é attingido e que julga serem escriptos pelo sr. Octaviano de Sá.

—Passou hoje o anniversario natalicio do industrial em Cellas sr. Augusto de Mattos Pereira.

MORTAGUA, 21—Um comboio de mercadorias, na ultima madrugada, ao passar em Valle de Gallinhas, proximo a esta villa, matou dois bois que com o carro e em direcção ao Freixo atravessavam a linha ferrea. Os bois pertenciam ao sr. Miguel Brada, do Freixo.

Movimento maritimo

Bordeus «Divona» (Brazil)	23
Marselha «Sonic» (de New-York)	25
Brazil e R. Praia «Hollandia» (Amst.)	26
Amsterdam «Tubantia» (do Brazil)	27
Africa oriental «Clan Macarthue» (Liv.)	28
New-York «Parta» (de Marselha)	28
Af. oriental «Durham Castre» (Lond.)	28

d'um grau correspondente de depressão. Os habitantes do paiz pagaram bem caro as provas de affeição que haviam dado aos servios, quando o exercito austro-hungaro voltou a occupar a região. N'uma aldeia era tal o castigo que os austriacos desejavam applicar que um regimento de croatas se oppoz, seguindo-se d'ahi uma lucta em que não só houve tiroteio, mas em que entraram as metralhadoras d'ambos os lados, havendo muitos mortos e feridos.

Quando se previu a possibilidade d'uma nova offensiva austriaca, o numero das forças que para isso se preparavam foi uma verdadeira surpreza para os commandantes servios. O general Potiorek pudera reunir as forças sufficientes para preencher as vagas que tivera, estando assim apto a retomar o avanço contra Valievo e a segunda invasão da Servia pelos austriacos começou.

De 25 d'agosto a 7 de setembro o exercito austriaco balkanico havia sido agrupado do seguinte modo:

Um corpo combinado:— Klenak-Jarak-Bosut.

O 8.º corpo:—Bosut-Bijeljina.

O 13.º corpo:—Janja-Kosluk.

O 15.º corpo:—Kosluk-Zvornik.

O 16.º corpo (menos o 3.º e o 4.º batalhões):—Zvornik-Liubovia.

O 3.º e o 4.º batalhões do 16.º corpo, juntamente com o 6.º e 10.º batalhões de «landsturm» e recrutas estavam pelejando contra os montenegrinos e divisão e meia guarnecia a fronte Zemlin-Weiskirchen.

Para bem se comprehenderem as operações convem dividir o theatro em que ellas tiveram logar em dois sectores, dos quaes a cidade de Loznitza póde ser considerada a linha divisoria.

O ataque austriaco desenvolveu-se em força no dia 7 de setembro, quando um violento assalto foi dado em toda a fronteira desde Liubovia até Jarak. No sector do norte, a lucta foi violentissima e deveras sanguinaria, e embora o inimigo tivesse conseguido forçar a linha em muitos pontos foi sempre repellido e obrigado a atravessar de novo o rio.

Na extremidade nordeste de Matchva, comtudo, os austriacos conseguiram manter-se n'uma faixa de terreno limitada por Ravnje-Tolich-Jarak. Nas primeiras duas localidades entrincheiraram-se, seguindo-se uma lucta de trincheiras sem resultados apreciaveis, mas que se distinguiu principalmente pelo desperdicio de munições.

O insuccesso austriaco foi devido principalmente a os servios terem concentrado grande copia de forças para opporem aos invasores. O sector d'onde haviam sido retiradas forças para a invasão da Syrmia era o que ficava ao sul. Ahi os servios conheciam maravilhosamente o terreno, pelo que estavam aptos a repellir qualquer ataque, embora em grande força, e quando a nova penetração começou em Liubovia não lhe ligaram importancia demasiada.

Os austriacos, porém, pensavam d'outro modo.

Embora a primeira tentativa que fizeram para atravessar o rio no dia 8 fôsse frustrada, voltaram em maior numero e fizeram com que os servios retirassem em massa para a linha dos outeiros Guchevo-Boranja-Jagodnia-Sokolska- Planina-Proslop-Rozani, onde se entrincheiraram, esperando a repetição do ataque.

E' digno de nota que a esse tempo a summa importancia de alguns cumes dos contrafortes Guchevo-Boranja-Jagodnia parece não tinha sido apreciada devidamente. As alturas de Guchevo, por exemplo, dominavam por completo a planicie do Jadar para leste até Jarabitzé e mais tarde milhares de vidas foram sacrificadas para ficar com a sua posse. Comtudo os austriacos não conseguiram fortificar essa posição por occasião da sua primeira invasão. Os servios ignoravam isso depois da sua victoria e só quando foi da segunda invasão é que viram que os austriacos se haviam ahi estabelecido em grande força, resultando d'ahi uma lucta que durou pelo espaço de seis semanas e em que os servios aprisionaram uma divisão inteira do inimigo.

confiada ao primeiro exercito, composto, para tal fim, de duas divisões de infantaria e da divisão de cavallaria independente. Na ala esquerda o apoio seria dado por uma divisão em Matchva, emquanto um destacamento conhecido pelo nome de «Destacamento de Belgrado» cooperaria com a ala direita. Uma outra divisão da segunda reserva avançaria para Obrenovatz e o resto das forças servias ficaria nas suas antigas posições sobre o Drina.

Para o desenvolvimento d'esse plano estrategico foi escolhida uma parte do Save que fica quasi a meio caminho entre Matchva e Belgrado, onde o rio fórma uma especie de isthmo em territorio servio, conhecido pelo nome de Kupinski Kut. As duas margens do Save estavam ahi em poder dos servios, sendo o isthmo dominado pela sua artilharia, emquanto a ilha de Podgorichka-Ada a oeste e a que lhe ficava em frente, Skela, a leste, formavam bases addicionaes cuja invasão podia ser effectuada com facil e pratica segurança.

A resolução tomada pelo quartel maior general havia sido conservada secreta de todos, com excepção dos estados maiores das divisões, e só ao chegarem proximo do rio na noite de 5 para 6 de setembro é que os officiaes em campanha souberam que ia ser tomada a offensiva contra a Austria. As marchas para os centros de concentração haviam sido feitas durante a noite, porque era necessario occultar os movimentos das tropas dos olhos dos aeroplanos inimigos, que incessantemente pairavam sobre o rio em reconhecimento.

A' 1 hora de 6 de setembro as divisões começaram a passagem do rio, em barcaças, nos logares que lhes haviam sido designados. Tendo a guarda avançada atravessado a salvo, os trens de pontes atravessaram para Novoselo emquanto nas ilhas as pontes eram feitas dos toscos pontões pertencentes aos moinhos das margens, a que acima nos referimos. Na margem alcançada havia um pequeno bosque, que os servios trataram de clarear, fortificando-o e fazendo d'elle uma ponte-cabeça. A opposição encontrada foi pequena—dois regimentos de infantaria e uma bateria d'artilharia—e um vigoroso canhoneio partido do bosque rapidamente fez recuar o inimigo para Obretz.

A esquerda do primeiro exercito servio avançou então sobre a cidade e apoz uma saraivada de granadas os austriacos retiraram para noroeste e para nordeste. No entretanto atravessava a divisão de cavallaria, que se fortificou por seu turno na margem. A direita servia, dirigindo-se para leste e nordeste, teve um ensejo de combate com um regimento inimigo e duas baterias, conseguindo apoderar-se das aldeias de Kupinovo e Progar.

Emquanto a principal offensiva corria assim bem para as armas servias, uma acção de apoio na extrema esquerda em Mitrovitza terminava por um desastre. A divisão que n'ella entrou devia occupar e fortificar aquella localidade com uma cabeça-ponte, apoz o que cahiria sobre o flanco do inimigo, para fazer affrouxar a pressão exercida sobre o exercito que operasse na Syrmia. O logar escolhido para a passagem do rio n'esse ponto era em Jasenova Grada, entre Mitrovitza e Jarak. As tropas iniciaram a sua marcha de Glustzi á meia noite de 5 de setembro e de manhã cedo, no dia seguinte, a cabeça da columna chegou ao rio e immediatamente procedeu ao reconhecimento d'um local apropriado para o lançamento d'uma ponte.

Pelas 5 horas, nutrido fogo de artilharia e de fuzilaria começou a fim de preparar o terreno para a travessia, estando assente que, no caso de exito, dois regimentos se desenvolveriam para a direita e para a esquerda respectivamente e em seguida se entrincheirariam na linha de Mangjeloskabara-Shashinshi, a fim de obstar a qualquer movimento inimigo vindo de Jarak.

O embarque de tropas em barcaças começou ás 7 horas e foi recebido por uma saraivada de balas partida da margem austriaca. No

meiro barco foram mortos cinco homens e trez feridos; o segundo foi crivado de balas e afundou-se. Ordens foram dadas á artilharia para fazer fogo sobre as trincheiras do inimigo com granadas explosivas; a passagem nas barcaças continuou e muitos dos homens, não querendo sujeitar-se ao vagar com que os barcos avançavam, deitaram-se ao rio e começaram a atravessar a nado.

A's 7 e 40 minutos da manhã trez barcaças carregadas haviam abordado á praia inimiga e emquanto esperavam reforços trez vintenas de homens assaltaram as trincheiras austriacas, infligindo-lhes grandes perdas, relativamente, e fazendo vinte prisioneiros. D'ahi em deante os acontecimentos succederam-se com rapidez e á medida que as tropas iam atravessando travaram combate com os austriacos, em Jarak e Shabashi emquanto os pontoneiros lançavam um pontão atravez do rio.

O movimento de avanço das forças servias parecia fazer-se apesar da opposição encontrada com certa falta de previsão, porque, embora a ponte não estivesse ainda concluida, ás 5 horas da tarde um dos regimentos estava na parte exterior de Shashirshi com os dois flancos expostos ao ataque do inimigo. N'essa conjunctura succedeu o que era de prever e os austriacos, tendo recebido importantes reforços em Mitrovitza e Jarak; atacaram simultaneamente os dois flancos do regimento.

O facto dos servios terem podido desembaraçar-se da terrivel posição em que se encontravam e recuarem para o rio, demonstra o seu muito valor. Chegaram ao Save apoz duas horas de violenta lucta, levando com elles grande quantidade de feridos, achando a ponte de passagem quasi concluida. De novo se encontravam em critica situação. D'um lado, estava um regimento com metade do seu effectivo fóra de acção e a outra sujeita a um mortifero fogo d'um inimigo muito superior em numero; do outro, um batalhão de reserva procurando atravessar o rio para auxiliar os seus camaradas. Entre os dois ficavam a ponte e os pontões ainda não concluidos.

O melhor para assegurar a chegada de reforços antes dos feridos atulharem a passagem era mandar os peoneiros immediatamente na vanguarda das reservas e assegurar-lhes assim a travessia em primeiro logar; mas os feridos precipitaram-se para a ponte e para os pontões, que, não estando ainda seguros, rebentaram, fazendo precipitar os que em cima d'elles estavam na agua.

As barcaças eram tambem velhas e as mais caregadas afundaram-se rapidamente. Os servios aguentaram o choque até ao fim. Só quando se lhes acabaram as munições é que se renderam. Tudo o que se salvou do 13.° regimento foi a bandeira, guardada pelo proprio coronel e entregue ao medico do regimento, que atravessou o rio com ella a nado depois da meia noite.

Felizmente, a imprudencia que fez com que esse regimento soffresse tal desastre não teve influencia sobre os movimentos da principal expedição. A linha avançara cautelosamente, precedida sempre por uma grande vanguarda de cavallaria e foi só depois da occupação de Progar, Ashanja e Obrez que a velha ponte foi desmanchada e uma nova e extensa fileira de obras construidas em volta das aldeias já nomeadas, com a extremidade occidental em Podgoritchka-Ada. Assim as trez bases servias continuavam a ser protegidas por uma fortaleza de campanha semi-circular irradiando de Kupinovo.

Tendo d'esse modo assegurado as suas communicações, o general Boyovitch avançou com a divisão de cavallaria em formação para o norte e para o oeste, sendo os cavalleiros seguidos de perto por uma divisão á direita, tendo a outra divisão tomado a direcção nordeste.

Na tarde de 7 de setembro, patrulhas montadas chegaram á linha Karlovchitch-Subotishté-Grabovtsi e haviam descoberto o inimigo guar-

necendo a fronte Detch-Mihaljevtsi-Bresach-Platichevo.

No dia seguinte, as patrulhas nos sectores norte e occidental chegaram a Mihaljevtsi-Sabotishte-Bresach-Nikintzi, mas o movimento da infanteria foi detido em Voichin-Marich-Salas-Vitojevchi. Isso foi em parte occasionado talvez por se saber que os austriacos estavam em força em Detch e Surchin e foi, por isso, considerado innoportuno enviar a esquerda para mais longe até a sua opposição ser vencida.

A 9 de setembro a direita servia procedeu ao ataque de Detch e a Surchin. A primeira d'essas aldeias foi tomada apoz uma curta mas resoluta resistencia, mas os austriacos conseguiram defender Surchin, soffrendo assim o avanço um cheque em Bechmen.

No dia seguinte a offensiva foi renovada contra dois regimentos inimigos bem entrincheirados em Surchin e a aldeia foi tomada de assalto depois d'um combate violento. Concluida essa tarefa, os servios voltaram para o norte e apoderaram-se de Dobranovtsi com pouca difficuldade, e as tropas estacionadas em redor de Belgrado, a fim de prestarem a sua cooperação, atravessaram o rio e avançaram para Semlin.

A 11 de setembro, o general Boyovitch iniciou um movimento sobre toda a fronte, com o objectivo de fazer recuar todas as unidades do inimigo para oeste, para a montanha Frushkagora—estrategia que lhe daria a posse indisputada da planicie.

As duas divisões, acompanhadas pela de cavallaria independente, ficariam então livres para avançar contra a propria Frushkagora quando, tomada essa fortaleza, estabelecessem o dominio na Syrmia—um territorio de que, é bom notar-se, os habitantes eram quasi que exclusivamente de raça servia.

Os servios estenderam-se n'esse dia na linha Hrtkovtsi-Budjanovtsi-Subotishte-Mihaljevtsi - Voika-Pazovanova, estando os austriacos entrincheirados em Jarak-Dobrintsi-Popintsi-Golobintsi-Pazova Stava.

Na manhã seguinte a sua esquerda occupou Pechintsi e avançou para o norte para o Canal Romer, onde foram recebidos com um fogo terrivel, que os forçou a entrincheirarem-se. Mais para oeste, comtudo, um brilhante combate, em que as bombas de mão e a bayoneta tiveram o principal papel, terminou pela tomada da cidade de Jarak.

N'esse critico momento da historia da expedição os austriacos começaram a sua segunda invasão atravez do Drina em grande força e o estado maior servio entendeu necessario

O general russo Dragomiroff

abandonar o avanço na Syrmia e chamar as divisões que ahi estavam para defeza da terra patria. A retirada, effectuada pela cavallaria, foi executada em perfeita ordem e tão obstinada foi a resistencia offerecida pelas relaguardas que toda a expedição conseguiu recuar a salvo para o Save antes dos austriacos saberem que o seu territorio havia sido evacuado.

Na Syrmia os servios tinham sido alvo, ao ahi entrarem, de enthusiasticas demonstrações por parte da população; a sua retirada foi o signal

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1783 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 23 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O pão

O congresso das subsistencias está reunido. Póde não ter sido o fructo d'uma iniciativa maduramente premeditada, mas o facto é que n'elle se tem debatido a questão economica, nos seus aspectos mais vitaes.

Tambem não soffre duvida que pelo menos até agora n'elle se não tem versado a questão politica. Toda a discussão se tem concentrado no estricto dominio da economia nacional. Tem as apparencias d'um outro parlamento. A verdade é que o congresso dos representantes da nação se tem occupado excessivamente dos assumptos politicos. Os assumptos economicos não são menos importantes. Na realidade, são mais urgentes. O congresso das subsistencias é, portanto, util. Póde mesmo servir de correctivo á actividade excessivamente politica do parlamento, e porventura elle não teria razão de ser se n'esse parlamento se procurasse, com maior zelo, attender ás necessidades da vida, n'uma sociedade que, já pobre e atrazada, ainda soffre as consequencias temerosas d'uma guerra que abala todo o mundo.

No congresso das subsistencias teem surgido varios alvitres para diminuir o preço dos generos de primeira necessidade. Seria uma irrisão, e tambem um erro funestissimo, que da reunião das classes interessadas não resultasse um beneficio para a situação dos pobres. Evidentemente, d'essa assembleia magna alguma coisa ha de resultar. Não será tanto quanto desejariamos? Paciencia. Mas do que ali se diz, do que ali se expõe, do que ali se alvitra, conveniente seria tomar as necesarias notas para que o governo, pelas diversas pastas, procurasse dar satisfação ás reclamações apresentadas.

Entretanto, repetimos, alguma coisa deve resultar d'essa assembleia. Essa alguma coisa deverá sêr o essencial. E o essencial é o pão,—base da alimentação publica. O pão hoje é peor, fabrica-se em menor quantidade e é mais caro que d'antes. Eis uma situação que não póde subsistir. E' preciso que haja pão, e que esse pão seja bastante e mais barato.

Tudo o mais poderá ficar como orientação futura, como projecto a estudar, como ideia a desenvolver. A modificação no assumpto do pão é que tem de ser immediata e efficaz. Lamenta-se a agricultura? Queixa-se a moagem? Embora. Perante a necessidade absoluta do pão, sem o qual o povo não póde viver, nenhuma allegação tem valor. Em ultimo caso, se as classes interessadas no fabrico do pão não podem soffrer os prejuizos que essa modificação lhes possa trazer, o Estado que supporte o prejuizo. Tudo é preferivel aos effeitos tremendos da miseria publica, quando as classes pobres se vêem privadas do proprio pão.

Aviação militar

O enthusiasmo pela frequencia da respectiva escola

Continuamos diariamente a receber cartas e visitas de pessoas, quer da classe civil quer da classe militar, que pretendem ser admittidas á frequencia da Escola de Aviação. Algumas d'essas pessoas enviaram já ao ministerio da guerra os seus requerimentos, outras pedem-nos que lhes registemos os nomes e recommendemos ás instancias officiaes a sua patriotica pretensão. Fazemol-o com vivo interesse, certos de que, aproveitadas como devem ser tantas boas vontades, não virá longe o dia em que o nosso paiz poderá dispôr de um excellente corpo de aviadores, promptos a todos os sacrificios para defeza da Patria.

A's listas que publicámos dos voluntarios que até hoje se offereceram temos a accrescentar o nome de um distincto official do exercito: o sr. José Barbosa dos Santos Leite, tenente do 5.º grupo de metralhadoras em Coimbra. Procurou-nos tambem o sr. João dos Santos, 2.º sargento especialista, que de ha muito se dedica á aviação. E' motociclista inscripto em Oeiras ha 6 annos, mechanico da Companhia de Especialistas e encarregado de uma estação electrica do Campo Entrincheirado, voou duas vezes com Trescartes e procedeu, no monoplano construido pela Companhia de Aerosteiros, a varias experiencias em Pedrouços, chegando a «descollar» com um motor «Anzani» de 24 cavallos. Foi o sr. João dos Santos, que é um habilissimo mechanico, quem procedeu ás reparações dos aeroplanos offerecidos ao Estado por subscripção publica, e que devido a esse cuidado se encontram ainda em estado de poderem ser aproveitados na instrucção da Escola de Villa Nova da Rainha.

Escreve-nos egualmente o sr. Julio Costa, que tendo estado alguns annos no Rio de Janeiro e começado ali a sua aprendizagem de piloto com os aviadores Ricardo Kirk e Ernesto Darioli, nos pergunta se poderia obter na Escola Portugueza de Aviação o seu «brevet» sem ficar sujeito ás leis militares. Suppômos que não. A Escola é militar, e embora se possa citar o exemplo da Escola de Guerra, que em tempos preparou grande numero de engenheiros civis, parece-nos que o regulamento da Escola de Aviação Militar tal não consentirá, visto que o mais urgente é preparar o nosso corpo de aviadores do exercito.

Da marinha continuam, dedicadamente, a offerecer-se numerosos voluntarios. Hoje registamos mais os seguintes nomes, da guarnição do cruzador «Vasco da Gama»:

Antonio Ribeiro Rolaça, 1.º grumete n.º 4091; Manuel Antonio de Castro, 2.º artilheiro n.º 2726; José do Nascimento Pereira, 2.º artilheiro n.º 2735; João Carlos Ratto Junior, 2.º artilheiro n.º 3327 e Mario Monteiro Tavares, 2.º artilheiro n.º 2732.

De outras classes offerecem-se: Raul Guilherme Bello, cabo licenciado d'artilharia e serralheiro, morador no becco da Atafona, 20, 2.º D.; Antonio da Conceição Guerra, empregado no commercio, rua Possidonio da Silva, 23, loja; José Rosa, 1.º cabo n.º 813 dos telegraphistas de praça em artilharia 1; Alberto Pinto da Costa, rua Luz Soriano, 86, 2.º; Jayme Cruz Lage, escadinhas da Barroca, 6, 2.º, mechanico; Jaurez Antonio Maria, mechanico, residente na mesma morada; Euclides Chaves, rua da Assumpção, 53, 4.º, estudante; Carlos Augusto Coelho, empregado no commercio, rua da Palma, 116, 3.º.

DR. AFFONSO COSTA

O sr. dr. Affonso Costa accusava hoje, ás 12 horas, 68 pulsações, 20 respirações e 36,9 de temperatura, segundo o boletim medico que pelos srs. drs. Bello de Moraes, Francisco Gentil e Costa Nery foi mandado affixar. «O doente continua bem» accrescentava o mesmo boletim, tendo-se confirmado portanto as melhoras que de ha dias vem sentindo.

A's 17 horas encontrava-se no quarto do sr. dr. Affonso Costa o sr. dr. Pulido Valente, aguardando-se a chegada da sr.ª D. Alzira Costa e sua filha.

Continuam vindo bastantes telegrammas tendo hoje ido ao hospital muita gente a informar-se do estado do illustre enfermo.

De congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa, haverá no domingo, 1 d'agosto, ás 12 horas, na salão do theatro de S. Carlos, uma sessão solemne promovida pelo Centro Leotte do Rego.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

O anniversario da independencia da Belgica

Como foi brilhantemente solemnisado em Londres

LONDRES, 22.—O 85.º anniversario da independencia da Belgica, no dia 21 de julho, deu origem ao mais retumbante enthusiasmo na Inglaterra.

Na presença do cardeal Bourne e de muitos milhares de pessoas na cathedral de Westminster, monsenhor Wachter cantou a missa de pontifical e o capellão belga militar fez um sermão em que falou da Belgica como pequeno irmão da Inglaterra que foi o berço da liberdade na Europa.

N'esse mesmo dia o ministro belga, dirigindo-se á colonia belga, disse que durante mais de 85 annos ella teem sido uma nação independente com instituições tão liberaes que ainda não foram ultrapassadas em todo o mundo. Actualmente, a mocidade belga está dizimada, os nossos campos banhados do sangue, as nossas cidades incendiadas, as nossas cathedraes e torres, simbolos do orgulho e de esperança, estão destruidas pelas granadas. Para defendermos a nossa cultura nacional fomos para a guerra; para a preservar persistiremos na campanha.

Na mesma tarde, realisou-se um gigantesco comicio de socialistas inglezes sob a presidencia de Mr. Lodge, o activo presidente do partido do trabalho, tendo a seus lados proeminentes socialistas francezes e belgas. No decorrer do seu discurso o presidente disse que a cultura allemã tinha devastado a Belgica, assassinado homens velhos, mulheres e creanças, e ultrajado religiosas. Bombardeou as pacificas Scarborough e Whitby e afundou o indefeso *Lusitania*, assim como afundou e alvejou inermes pescadores. O estado de indefesa da Belgica, no começo da guerra, é uma prova das suas pacificas intenções, mas, graças a Deus, tinha a armada britannica. Não acreditou que o socialismo tivesse um só dirigente em cada paiz, mas sim a sua fé propria. Os belgas gosavam da liberdade civil e religiosa que havia sido conquistada á custa da sua oppressão, prisão e até da propria morte, e não havia sacrificio de dinheiro ou de sangue que não fizessem para esmagar o militarismo da Europa.

Mr. Roberts, membro parlamentar do partido do trabalho, apresentou um voto de agradecimento aos soldados e marinheiros, e tambem aos soldados da industria que adheriram á defesa da Liberdade e do governo democratico da Europa, e certificou os alliados do inquebrantavel apoio dos socialistas britannicos.

Mr. Bonn Trislit, o bem conhecido *leader* do partido do trabalho tambem falou e disse que um comicio d'esta ordem se levou a effeito em consequencia da Inglaterra ser o mais democratico e liberal paiz do mundo.

A guerra em Africa

Falando no parlamento mr. Bonar Law, secretario de estado das colonias, disse que nas colonias era manifesto que os allemães se estavam ha muito preparando para a guerra. Pelo que respeita ao patriotismo das colonias britannicas disse que a adhesão dos elementos não officiaes foi particularmente surprehendente. No caso da expedição do Togoland por exemplo, 95 °/ₒ dos que constituiam essa expedição eram voluntarios. Todo o imperio estava ligado pelo pensamento de que a maioria dos povos que o compõem tinha perdido o que tinham de mais caro. As colonias em toda a parte teem sido fieis, o que mostra que a administração colonial britannica, a despeito das criticas, tem sido honesta e bem apreciada por aquellas. No mesmo debate foi communicado que a presença no ultimo conselho de gabinete de sir R. Borden, primeiro ministro do Canadá, não constitue um phenomeno isolado mas um indicio do rumo dos acontecimentos.—*(Informação official recebida na legação britannica em Lisboa).*

Migalhas

Nova offensiva

Como V. Ex.as o hão de ter notado, ha muitos dias que não faço guerra á Allemanha. Muita gente até suppõe, que, á laia dos russos, me retirei para novas posições das margens do meu Vistula. Puro engano. Graças a Deus, até hoje não tenho sequer dado para baixo e aqui volto a fazer fogo com o enthusiasmo caloroso, que sempre tive, mesmo nos tempos da minha campanha de inverno.

Passo-lhes em claro aquella idiota prosapia de em Berlim terem incluido na galeria de allemães illustres publicada pelo supplemento illustrado do «Lokal Anzeiger», o fallecido pintor Rembrandt, sob pretexto de que pertencendo a Belgica á Allemanha—por emquanto, é claro!—á Germania competem os seus grandes homens do passado. E' um caso caracterisado da mania das grandesas, que ha de passar com o tempo.

Hoje quero simplesmente chamar a attenção sobre aquella nova barbaridade de se construirem em Essen projecteis de 670 mm—onde já vão os de 420?—que os barbaros tencionam expellir da fronteira polaca sobre Petrogrado em pessoa, carregados d'um novo explosivo de effeitos asphixiantes.

Dirão V. Ex.as que é impossivel construir um canhão, que lance aquelles projecteis. E', com effeito; mas a habilidade está no meio da conducção, que me foi revelado ha pouco, por um germanophilo, meu amigo, que o tinha lido no «A B C». Sabem como os malditos fazem chegar o obuz monstruoso á capital da Russia? D'uma maneira muito simples: pelo correio como encommenda postal.

Quando o meu germanophilo me contou esta, eu contei-lhe outra de que estou inteirado por uma indiscripção do estado maior naval inglez. Expliquei-lhe o meio, que os inventores britannicos descobriram, de estabelecer o transito para os Estados Unidos ao abrigo dos ataques dos submarinos allemães. O processo é d'uma simplicidade unica: fazendo uma ponte metallica e suspensa sobre o Atlantico. E, como o germanophilo se mostrasse desconfiado, para o convencer accrescentei que a ponte é toda feita de ganchos invisiveis. Não acham, minhas senhoras, que é uma excellente ideia? Os ganchos são levissimos e custam tres vintens cada masso.

André Brun

Afastamento de funccionarios publicos

Em supplemento, publica hoje o *Diario do Governo* a seguinte portaria, pelo gabinete do ministro dos negocios estrangeiros.

Para execução das leis n.os 319, 320 e 321, de 16 de junho de 1915, e n.º 332, de 21 do corrente, e decreto n.º 1:763, datado de hoje: manda o governo da Republica Portugueza, pelo ministerio dos negocios estrangeiros, que a commissão a que se refere o artigo 4.º d'aquelle decreto seja constituida pelo bacharel, Antonio Augusto de Almeida Arez, juiz da Relação de Lisboa, que será o presidente, bacharel Arthur Duarte de Almeida Leitão, deputado da nação, e Manuel Dias Ferreira, funccionario administrativo. Do reconhecido zelo e patriotismo dos nomeados confia o governo da Republica o cabal desempenho da missão que lhes é confiada.

No ministerio das finanças está já tambem nomeada identica commissão. E' composta pelos srs. dr. João Teixeira Queiroz Vaz Guedes, deputado e vogal do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado; Ruy Telles Palhinha, professor da Faculdade de Sciencias da universidade e vereador da Camara Municipal de Lisboa, e Apolinario Pereira, presidente da Associação Commercial dos Lojistas. A commissão iniciará immediatamente os seus trabalhos.

O sr. ministro da marinha assignou hoje tambem uma portaria nomeando a commissão do seu ministerio. Ficou composta pelos srs. vice-almirante Marques da Costa, capitão de fragata Leotte do Rego e capitão tenente Freitas Ribeiro.

Uma carta de um poeta integralista

Como o sr. Macedo Papança obtem mais um reclamo

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director d'*A Capital*:—Li ante-hontem, por acaso, no diario republicano da noite que V. Ex.ª dirige, uma local referente ao sr. Antonio Paes de Sande e Castro, em que lhe são dispensadas varias censuras e insultos por ser monarchico, d'uma familia portugueza illustre, e mudar de nacionalidade naturalisando-se hespanhol. Noto com prazer evidente a raridade do facto pelo enthusiasmo de quem, como V. Ex.ª tão delirantemente o acolheu e tanta importancia parece attribuir-lhe. Não sei quaes os motivos que levaram o sr. Sande e Castro a deixar de ser portuguez. Estou convencido de que *não foram de* caracter politico, porque politicamente vae já em cinco annos que nós os monarchicos vivemos fóra da Patria, vivendo n'ella, e sômos n'ella tratados como estrangeiros. Recordo o caso d'aquelle pobre jesuita moribundo, a quem o parlamento democratico de Lisboa, em nome da liberdade de pensamento, negou o direito de vir morrer á sua terra. Este facto e tantos outros parecidos esqueceu V. Ex.ª de relembrar nas primeiras columnas dos seu jornal.

E como seguramente não conhece a revista de filosofia politica «Nação Portugueza», orgão do «Integralismo Luzitano» (que, apesar do nome, talvez o sr. Manuel Guimarães accuse tambem de ser hespanhola) venho chamar a sua attenção para os ultimos periodos da chronica de politica exterior, publicada ha tempos no primeiro numero. Termina assim: «*Deixem os republicanos de attribuir aos realistas esta formula de traição collectiva* — ANTES AFFONSO XIII QUE AFFONSO COSTA, formula que certamente não occorreu a nenhum monarchico, pois que a nenhum portuguez occorreria. A essa exclamação ignobil, a semelhante indignidade que a calumnia forjou, nós, portuguezes conscientes, oppômos o seguinte—ANTES MANUEL II QUE AFFONSO XIII. Viva o rei para que a Patria viva.» E' d'esta fórma que «acceitamos a perda da independencia sem um assômo de revolta». Vão apparecer brevemente publicadas em volume aquellas arrojadas conferencias anti-ibericas que alguns camaradas meus realisaram na Liga Naval no meio do mais absoluto silencio da imprensa republicana, que se calou talvez para que do outro lado da raia os escutassem melhor. E' natural que esse grito de portuguezes, aterrados pelo futuro proximo de desgraça que, apesar do nosso Passado, o presente nos indica, não encontre echo nas columnas «patrioticas» do seu jornal. Se mais alguem pensasse como nós e quizesse, como nós queremos, a esta Patria que agonisa, não teriamos sido os unicos a responder publicamente á campanha de annexação e imperialismo castelhano com que em Hespanha conferentes e jornalistas veem de ha muito preparando a opinião publica para o golpe final. Diz V. Ex.ª, não sei com que fundamento, que, entre a conservação da republica e a perda da independencia, optariamos logo pela perda da independencia. E que responderiam os republicanos do seu partido se lhes *apresentassemos* este outro dilema que ha de ser, dentro em pouco, mais uma realidade na logica implacavel do Destino: «OU A MONARCHIA PORTUGUEZA, OU O IMPERIALISMO HESPANHOL»? Não sei, mas talvez seguissem o exemplo do sr. Sande e Castro que hoje tanto censuram, e deixassem como elle de ser portuguezes; perdão, continuassem a ser hespanhoes, porque a perda da nacionalidade só bons hespanhoes podem, n'esta republica, tão diligentemente promovêl-a.

Coimbra, 22-VII-915.—De V. Ex.ª, att.to ven.or obg.º, *Alberto Monsaraz.*

P. S.—Espero da lealdade de V. Ex.ª que publique esta carta na integra, embora as suas opiniões politicas sejam bem diversas, infelizmente para si, de aquellas por que eu muito me honro de batalhar.

Ao sr. Alberto Monsaraz, que cremos ser o sr. Alberto Macedo Papança, e que usa como appelido o titulo que foi de seu defunto pae, responderemos em poucas palavras. A publicação da sua curiosissima carta, documento psychologico de incontestavel valor, é a mais concludente resposta que lhe poderiamos dar.

O sr. Papança veiu metter-se onde não era chamado e começa por faltar á verdade quando escreve que dirigimos «insultos» ao sr. Sande e Castro. Não temos o habito de insultar e no commentario que fizemos ao procedimento do sr. Sande e Castro não incorremos em tal pecha.

O nosso patriotismo, a que se refere ironicamente *o moço vate*, *não o trocamos* pelo dos integralistas cujo reclamo uma vez mais fazemos publicando a deliciosa e pittoresca epistola do sr. Papança. Quanto ao caso do imperialismo hespanhol, talvez o illustre fidalgo não conheça a historia de certa reunião monarchica realisada no norte, em que se falou invocando o nome d'uma altissima personagem do paiz visinho, reunião de que nasceu a patuscada de Mafra. Contos largos...

O sr. Papança, ou o sr. Monsaraz, que é nobre, embora de fresquissima data, de quando já a monarchia gangrenava, póde zelar a honra dos seus recentes pergaminhos e querer conserval-os bem portuguezes, mas, se admittimos que está realmente convencido de que a Republica não poderá conservar a integridade nacional, creia que não acreditamos que o esteja de que a salvação da patria resida no estabelecimento da monarchia talhada nos moldes traçados pelo risonho integralismo lusitano. Pensando assim, fazemos justiça á sua intelligencia, embora ella se nos não affigure tamanha como a sua aristocratica petulancia que é de fazer rir o mais sisudo...

Annuncia-se para breve um poema do sr. Papança sobre a descoberta do caminho maritimo para a Terra Nova e as aventuras portuguezas na pesca do bacalhau. Se a sua carta occulta egualmente o pensamento reservado de chamar para o seu nome as attenções do publico, na espectativa d'um grande exito de livraria para o poema, com muito gosto lhe satisfazemos o desejo, estampando-lh'a aqui.

E, por agora, mais nada diremos ao joven e interessante integralista sr. Alberto, o Monsaraz...

Noticias parlamentares

Ainda a proxima eleição presidencial. Hoje os boatos foram mais abundantes ainda que nos dias anteriores. Surgiram, em S. Bento, molhos de candidatos com a mesma facilidade com que desappareciam. O sr. dr. Duarte Leite foi posto de lado. De hontem para cá, as probabilidades de ser eleito desceram quasi ao minimo. Em compensação, dava-se como certa a eleição do sr. dr. Bernardino Machado, cuja candidatura ganha terreno dia a dia, sendo quasi certo que venha a ser eleito e que triumphará. Pelo menos, assim o affirmavam por S. Bento aquelles que mais ao facto andam das negociações entaboladas sobre este momentoso assumpto.

*
* *

Principiou a discutir-se a lei que modifica o regimen cerealifero. Já não era sem tempo, mas tudo indica que o debate se faça lentamente, assim como que por conta-gottas. Falou em primeiro logar o sr. dr. Julio Martins, cujo discurso ficou em meio. Entretanto, o orador trouxe para o debate taes elementos de estudo, que seria injustiça não reconhecer a boa vontade com que elle procurou collocar fóra de todos os campos politicos uma questão que, n'este momento, interessa, talvez como nenhuma outra, o povo portuguez. Iniciada sob tão bons auspicios, a discussão deve ir até ao fim sem grandes tormentas. Realisar-se-ha o vaticinio? Deus o queira...

*
* *

O sr. dr. Levy Marques da Costa, com desusado brilho e com uma sobria e clara eloquencia que raras vezes se expande na camara, occupou-se esta tarde ali da questão das sociedades anonimas. A sua competencia permittiu-lhe dizer coisas cheias de bom senso, que concretisou n'um projecto de lei auctorisando as sociedades anonimas de responsabilidade limitada a representarem parte do capital em acções de preferencia, a emittirem obrigações previlegiadas e de juro variavel, e a estabelecerem, para os obrigacionistas, o direito de reunirem em assembleias geraes privativas para a defeza dos seus interesses.

*
* *

Os ultimos serão os primeiros, e por o serem é que estão a ser recebidos na camara, de braços abertos, os que veem de longe e representam regiões e povos que muitos não sabem onde ficam nem onde vivem. Hoje, tomou o seu logar o sr. Mario Arruda, que é dos Açores e que por lá conquistou o seu mandato. Iam tocando, para o receber, os sinos grandes da camara, com os seus badalos pintados, quasi rubros de tanto bater no bronze sonoro e verde. Foi quasi uma festa a posse d'esto novo legislador. Celebremo-lo, porque d'ahi não virá grande mal ao mundo...

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 22—O almirantado britannico annuncia que durante o periodo de 8 dias, terminado em 21 do corrente, entraram e sahiram dos portos do Reino Unido 1326 navios, não sendo nenhum d'elles afundado pelos submarinos allemães.—*(Havas.)*

Poeira da Arcada

O Diario de Noticias *continúa transcrevendo trechos preciosos dos seus numeros de ha cincoenta e ha quarenta annos. No numero de hoje fala-nos da questão iberica, tratada por jornalistas hespanhoes, em 1865. Nós continuamos independentes e a Hespanha persiste em encarar-nos ironicamente como seus visinhos do occidente. As pennas dos folliculários não removem, porém, os decretos do Destino.*

O tempo irá correndo, saboroso ou penoso, prospero ou nefasto, e os periodos, nas columnas dos periodicos, não se esmorecerão no seu amor ás utopias. O que a natureza e a historia uma vez assentaram não cahirá perante as intimações incertas dos homens. E porque assim é, ainda d'aqui a um seculo ou dois Portugal viverá como sempre tem vivido e a Hespanha seguirá o fadario das suas esperanças açoutadas pelas nortadas.

*
* *

Quando vaga um bom logar, na nossa emperrada administração, surge logo um bando de pretendentes. Em estilos varios, cada qual vae contando os seus meritos e as prendas insignes que o fazem merecedor de tão apetecida presa. As gazetas tomam a peito a defeza dos seus preferidos.

Um dia o Diario do Governo *corta pela raiz tanta ambição revolta, attribuindo a um unico, goso pacifico, facil e sagrado de um bem que concerta um desventurado para o resto de sua existencia. E' então que os descontentes, encarando-se com resignação e muita philosophia, comprehendem que o Estado recruta o seu pessoal, segundo um criterio rasteiro que lhe permitte ser servido de joelhos e por mioleiras avariadas.*

*
* *

Aarão de Lacerda, n'uma brochura que intitulou Da ironia, Do riso e da Caricatura, *traça as linhas geraes d'estas trez fórmas estheticas que, na paisagem das emoções, vão desde a plena claridade até ás sombras, em que as figuras, os gestos e as palavras perdem o seu desenho e a sua significação normal para tomarem outros que os transmutam em todas as variações do comico amargo e do picaresco irregular.*

São paginas de um escriptor que busca ideias, a fim de á luz d'ellas surprehender as varias encarnações do espirito, desde as que rastejam na treva do desejo indistincto até ás que se elevam á purissima luz das inspirações. A ironia nasce da eterna contradição entre as coisas e o nosso eu; o riso é o desarranjo momentaneo, o choque brusco que se dá nos nossos nervos, quando o imprevisto vae de encontro ás nossas impressões usuaes; a caricatura é a arte de pintar os mortaes, conforme os indices infalliveis da sua alma desnudada.

No estudo dos trez termos da mesma operação artistica, Aarão de Lacerda revela as suas bellas qualidades de escriptor e o seu arguto senso de critico.

O regimen saccharino na Madeira

E' nomeada uma commissão para estudar esse problema

Terminando em 31 de dezembro de 1918 o regimen saccharino estabelecido actualmente na Madeira, foi publicada hoje no «Diario do Governo» uma portaria nomeando uma commissão encarregada de estudar e propôr o regimen a adoptar depois d'aquelle periodo. Essa commissão é composta pelos srs. Arthur Rodrigues de Almeida Ribeiro, juiz da Relação de Lisboa e deputado da nação, que servirá de presidente; dr. Camara Pestana, director geral de agricultura; dos representantes da Junta Agricola da Madeira; Francisco Correia de Herédia (visconde da Ribeira Brava), deputado da nação; Americo Olavo Correia de Azevedo, official do exercito e deputado da nação; de Antonio Alves de Oliveira, advogado e senador; de

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—23-7-915

João Huss

(No quinto centenario do seu martyrio)

Foi a 6 de julho de 1415: ha quinhentos annos certos. O concilio de Constança, convocado por causa do grande scisma do Occidente e que congregára na cidade episcopal milhares de forasteiros, entre os quaes centenas de mulheres publicas, acabava de condemnar á morte na fogueira João Huss, sob a accusação de heresiarcha. Na egreja cathedral, perante um luzidissimo concurso de ecclesiasticos e seculares e achando-se presente o imperador Sigismundo, cantou-se missa solemne, emquanto o excommungado, sob uma escolta, aguardava no portal que o introduzissem á presença dos seus juizes. Assim o fizeram logo que o mestre de cerimonias o determinou e João Huss, pallido e hirto mas com a tranquillidade e a confiança mistica das consciencias puras, foi levado ao sitio do templo onde, tomando assento n'uma cadeira alta, havia de escutar uma vez mais o rosario de culpas que lhe imputavam e, finalmente, a sentença do concilio. O bispo de Lodi, depois de incensar com servilissimas lisonjas o imperador, leu as proposições hereticas attribuidas ao antigo reitor da universidade de Praga, falsas umas, truncadas outras, do mesmo passo que João Huss protestava em alta voz a sua innocencia, victima que se considerava, e na verdade era, dos falsos testemunhos de adversarios implacaveis. Baldadamente o mandaram calar. Lida a sentença, que o averbava de hereje incorrigivel, o excluia do sacerdocio e o relaxava ao braço secular, vieram sete bispos que o paramentaram, aconselhando-o, no entretanto, a que se retratasse emquanto era tempo. João Huss, a quem seis mezes de carcere e de algemas, de interrogatorios e de enfermidades cruciantes não haviam quebrantado o animo, d'uma assombrosa, excepcional fortaleza, voltou-se para a multidão e disse, sincero e humilde, que não podia, sem mentir ao proprio Deus, confessar erros que nunca professára. De nada lhe valeu essa nova affirmação de innocencia. Os bispos impuzeram-lhe silencio, declarando que elle era um contumaz, indigno da longanimidade com que fôra tratado. Procederam, em seguida, á degradação segundo o ritual: despojaram-no das vestes sacerdotaes, rasparam-lhe as mãos ungidas com o oleo sagrado, limaram-lhe as unhas, abriram-lhe no cabello uma cruz á thesoura para lhe deformarem a tonsura e puzeram-lhe na cabeça uma barretina conica de papel, com diabinhos pintados e esta legenda: «Eis o heresiarcha!».

Organisou-se o cortejo que devia conduzir a pobre victima da intolerancia pharisaica e dos ferozes instinctos dos que se proclamavam unicos depositarios da verdade catholica ao local do supplicio. A procissão, em que se encorporaram, na maior pompa, os dignitarios da Egreja e as figuras da nobreza que o concilio juntára em Constança, além de dois mil homens armados, desfilou ante o palacio episcopal, em cuja frente se estavam queimando os livros de Huss. A' vista do monte de lenha em que iam reduzil-o a cinzas, o condemnado cahiu de joelhos e orou. Perguntaram-lhe se queria confessar-se, ao que respondeu affirmativamente, mas como puzeram como condição que retratasse primeiro os seus erros replicou que não estava em peccado mortal e por isso dispensava a confissão. Consentiram que se despedisse dos seus carcereiros, a quem agradeceu a benevolencia christã com que o haviam distinguido e que, afinal, não era mais que o fructo da sua propria ingenita, captivante bondade. A sua voz eloquente ergueu-se pela ultima vez, assegurando que ia soffrer á fé de falsos testemunhos. Amarraram-no com força a um poste, dos pés ao pescoço, por meio de cordas, e amontoaram achas e molhos de palha em torno, até quasi ao queixo. Accendeu-se a fogueira, a um signal do conde palatino Luiz e do preboste que bateram as palmas. Trez vezes se ouviu a voz de Huss clamar: «Jesus Christo, filho do Deus vivo, tende piedade de mim!» As chammas, tocadas do vento, envolveram o martyr, cujo movimento fervoroso de labios foi visto até que as nuvens de fumo lhe occultaram o rosto. Ainda não estava consumada a tragedia. O reformador tinha adeptos que o veneravam como a um santo. Era mister que se sumissem todos os vestigios do seu corpo, que podiam ser piedosamente guardados á maneira de reliquias preciosas: as cinzas foram arremessadas ao Rheno, cavou-se o chão e removeu-se para longe a terra do local do martyrio...

No dia seguinte foi cantado um festivo «Te-Deum» e atravessou as ruas e praças de Constança uma procissão gratulatoria em que tomaram parte os soberanos, os principes, a côrte, dezenove cardeaes, dois patriarchas, setenta e sete bispos e todo o clero conciliar. Não rezam as admiraveis paginas de Lea, o insigne historiador cuja lição seguimos, se as mulheres publicas tambem figuravam no cortejo, mas é de crêr que, pelo menos, assistissem ao seu desfile, prodigalisando sorrisos áquella bemdita canalha que para honrar Jesus Christo queimára um dos seus discipulos mais illustres...

*
* *

E' possivel que João Huss houvesse proferido e ensinado coisas não conformes com varios pontos de doutrina reputados inviolaveis pela Egreja. O sacerdote bohemio negou, porém, as accusações d'esse genero que contra elle foram formuladas, algumas das quaes são profundamente risiveis hoje. Condemnaram-no por defender, o que elle contestou, a communhão nas duas especies, que ainda agora existe na egreja grega e que deu origem á seita dos utraquistas. Durante doze seculos todos os christãos haviam recebido a eucharistia sob as especies do pão e do vinho. Accusaram-no tambem por não admittir—o que elle negou—a transsubstanciação, mas sim a consubstanciação. As razões fundamentaes do odio que suscitou e que o impelliu para a fogueira foram outras. João Huss, que era um modelo de austeras virtudes e cujos eminentes meritos e orthodoxia perfeita foram reconhecidos nas primeiras horas da perseguição, revoltara-se contra a miseravel decadencia moral a que descera o clero, desde o mais alto na escala hierarchica, até o menos graduado. A venda dos sacramentos, o negocio das indulgencias, a concubinagem em que viviam geralmente os ecclesiasticos, a espantosa depravação de costumes, que se estendia de um extremo a outro da Europa e tinha em Roma um dos focos principaes,—tudo isso levava Huss a invectivar com rara vehemencia os adulteradores do Evangelho que não perdoavam a quem apontasse os seus crimes e prégasse a necessidade d'uma reforma radical na Egreja e o regresso á simplicidade e pureza de vida dos primeiros seculos. A sua eloquencia, auxiliada pelo exemplo, calava em todos os corações bem formados e commovia todos os caracteres que logravam eximir-se á corrupção dominante. Jesus Christo, que correra os vendilhões do templo, pagou a sua divina audacia suppliciado por elles na cruz. O reformador de Praga, que invectivou os dissolutos e os simoniacos que, como Clemente VI, vendiam, em beneficio de creaturas, as prebendas ecclesiasticas, pagou a sua conformidade com Jesus nas labaredas d'uma fogueira. Por isso houve quem affirmasse que o martyrio de Huss é apenas comparavel á paixão de Jesus Christo. Por isso o seu retrato, como a imagem d'um bemaventurado, se venerou nas egrejas da Bohemia e o seu nome foi invocado como os d'aquelles a quem a Egreja eleva ás honras dos altares...

O prestigio de João Huss chegou a ser tamanho—tão solidos eram os fundamentos em que se baseava—que os seus discipulos e os seus devotos não desappareceram com as cinzas do martyr arremessadas ao rio. A sua vida fôra modelar. A sua morte attingiu o sublime e fructificou. Relembrar a sua memoria n'este instante, em que se solemnisa o quinto centenario d'um dos maiores dramas que regista a historia medieval, é prestar homenagem a um dos mais gloriosos adversarios da hypocrisia ecclesiastica, a um dos demolidores mais intemeratos dos que, sacrilegamente, alçando nas conspurcadas mãos a cruz amorosa de Christo, queimaram, sob pueris pretextos, tantos milhares de creaturas que diziam feitas á semelhança de Deus!

*
* *

Se o sangue de martyres é semente de christãos, o dos homens que, como João Huss, a clerezia, em nome da intangibilidade do dogma, do respeito da hierarchia, da observancia da disciplina e d'uma hypothetica moral, barbaramente supplíciou, não se perdeu tambem. Um pouco lhe devemos todos nós da liberdade com que cremos ou deixamos de crer, com que acceitamos ou repellimos dogmas, hierarchias, disciplinas e moraes, seguros de que ninguem pela violencia já agora ousará impôl-os ou defendel-os sequer... Um facto apenas prevalece, n'estas luctas religiosas e ecclesiasticas, decorridos cinco longos seculos: é o grotesco que, por via de regra, as caracterisa. Outr'ora assumia proporções tragicas; hoje é quasi sempre mesquinho. Querem episodio mais affrontosamente ridiculo do que aquelle caso do reverendo conego José Maria Gomes, de colarinho e gravata, e a quem ninguem impede que use a sua volta, que é o distinctivo clerical, clamando por que lhe consintam o uso dos habitos talares?

Avelino de Almeida

Antonio Maria Malva do Vale, deputado da nação e commissario do governo junto do Banco Nacional Ultramarino; de José Xavier Vilhena Barbosa de Magalhães, lente da faculdade de direito da Universidade de Lisboa e deputado da nação; de João Vale de Mattos Cid, advogado; de João de Sousa Calvet de Magalhães, chefe da 1.ª repartição da Direcção Geral das Alfandegas; de Arthur Rodrigues Cohen, engenheiro civil; e de Antonio Manuel Paulo, chefe da 2.ª repartição da Alfandega de Lisboa, que servirá de secretario.

Brito Aranha

Homenagem ao fallecido jornalista

A direcção da Associação de classe dos trabalhadores de imprensa celebra depois d'amanhã o seu 11.º anniversario com uma sessão solemne, que se realisará pelas 15 horas.

Commemorando o facto e querendo prestar homenagem ao que foi o decano da imprensa portugueza, o fallecido jornalista Pedro Wenceslau de Brito Aranha, será n'essa occasião inaugurado o seu retrato.

Festejos populares

Em Oliveira d'Azemeis

Nos dias 7, 8 e 9 d'agosto realisam-se em Oliveira d'Azemeis os populares festejos da Senhora de La-Salette, havendo concertos musicaes pelas bandas da guarda republicana de Lisboa, de S. Thiago de Riba d'Ul e do Pinheiro da Bemposta, illuminações á moda do Minho e a acetylene, fogo dos pirotechnicos de Vianna do Castello Manuel Gonçalves da Silva & Filhos, procissão, lindas ornamentações e danças e descantes populares.

O santuario da Senhora de La-Salette estará em exposição nos tres dias de festa e a companhia do Valle do Vouga estabelece um serviço de comboios especiaes com passagens de ida e volta a preços reduzidos.

Fallecimentos

Falleceu o menino Carlos Conde Ribeiro, cujo funeral se realisa ámanhã, da calçada do Marquez d'Abrantes, 109, para o cemiterio dos Prazeres.

Visitas de estudo

A commissão de instrucção e educação da Associação de classe dos Caixeiros de Lisboa realisa depois d'ámanhã uma visita de estudo ao Muzeu de Arte Antiga, dirigida pelo professor sr. Ribeiro Cristino.

Os socios da Associação, Cooperativa e Tuna dos Caixeiros pódem requisitar os seus cartões de admissão no gabinete da commissão, Casa dos Caixeiros, rua Antonio Maria Cardoso, 20, das 21,30 em deante.

Festas associativas

No Club Estephania ha ámanhã, ás 21 horas, recita, seguindo-se baile.

—Na Sociedade de Instrucção Guilherme Cossoul ha depois d'ámanhã baile promovido pela direcção.

—Na Tuna Commercial de Lisboa, promovido por uma commissão de socios, ha depois d'ámanhã sarau.

Na Amadora

O 10.º anniversario da Associação de bombeiros voluntarios

Completou hontem 10 annos de existencia a benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios da Amadora.

Para commemorar o seu anniversario a corporação offereceu ao povo da Amadora um exercicio publico que se realisou pelas 9 horas da noite no predio da avenida Amaral, fronteiro á patinagem dos Recreios Desportivos. Centenares de pessoas assistiram ao interessante exercicio e todos foram unanimes em elogiar o seu commandante sr. Carlos Monteiro pelos trabalhos effectuados pelo corpo de bombeiros. Compareceu todo o material de incendios que deixou todos satisfeitos por saberem que na Amadora existe uma corporação que de um momento para o outro póde prestar relevantes serviços em caso de incendios. Os trabalhos dos auxiliares foram justamente applaudidos, não só pelas difficuldades que muitos numeros apresentaram, como pela presteza e rapidez como foram executados. A ambulancia esteve a cargo dos Escoteiros e a policia no recinto foi feita pela S. I. M. P. n.º 35, da Amadora.

Mercados e feiras

Depois de ámanhã e na segunda-feira, realisam-se as feiras annuaes de S. Thiago, nas seguintes localidades: Estremoz, Setubal, Ericeira, Loures e Arruda dos Vinhos, tendo sido requisitada guarda republicana para n'ellas manter a ordem.

A feira na Ericeira, este anno, é no largo de Santa Martha.

PEQUENAS NOTICIAS

Segundo communicação que nos faz a redacção do quinzenario humoristico «Mocidade bohemia», deve em breve reapparecer, muito melhorado.

—*João Baptista*, morador na rua de Pedrouços, 62, 5.º, queixou-se de que lhe subtrahiram a quantia de oitenta escudos que tinha n'uma mala, na sua residencia, ignorando quem fosse o auctor do furto.

—Foram enviados para o terceiro juizo, Faustino dos Reis, rua do Almada, 2, 2.º, Joaquim Gonçalves, Terras de Santanna, 4, Armando Martins, Alto dos Sete Moinhos, 27, e João Sousa, travessa de Santa Gertrudes, 29, 1.º, E., accusados de terem furtado na Basilica da Estrella 59 metros de chumbo e tubos de orgão, tudo no valor de 933 escudos.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu hoje entrada Domingos d'Assumpção, de 24 annos, natural de Alcaide, concelho do Fundão, que trabalhou em tempos na terra de sua naturalidade ao serviço de José de Barros, serrador, que lhe ficou a dever oitenta centavos. Hontem os dois encontraram-se em Lisboa n'uma taberna e como o Domingos pedisse o dinheiro que lhe era devido, o José de Barros respondeu-lhe, arrancando-lhe á dentada o labio superior. Tambem á enfermaria 2 do hospital Estephania recolheu Maria dos Anjos, pateo da Quintinha, 2, 3.º, que foi colhida na manutenção do Estado por uma machina, ficando com a mão direita ferida gravemente.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Discutem-se varios assumptos e principia o debate sobre o orçamento

A sessão abre com cincoenta e tantos deputados. Preside o sr. Azevedo Coutinho e lê a acta o sr. Alfredo Soares. Só ha numero ás 15,20. Lê-se o expediente. Varios telegrammas do Norte, do centro e do Sul sobre a questão vinicola. O governo está representado pelo sr. ministro da justiça. Galerias pouco menos de desertas. Lê-se a representação dos lavradores do Sul, contra as pretensões do Douro. O sr. Sá Pereira requer que ella seja publicada no *Diario do Governo*. E' approvado. O sr. Trancoso manda para a meza um projecto de lei sobre coisas de marinha; o sr. João Canavarro occupa-se uma vez mais da questão duriense, mostrando novamente a justiça que assiste ao Douro nas reclamações que dirige ao governo e ao Parlamento. Affirma ainda que estará sempre ao lado do governo, desde que se trate da manutenção da ordem. O sr. Costa Junior renova a iniciativa d'um projecto do antigo deputado M. José da Silva, fixando o imposto aduaneiro de 1$600 réis sobre cada 15 kilos de todos os assucares entrados no Paiz, para consumo. O sr. Levy Marques da Costa faz largas considerações sobre a necessidade de se fazer uma larga politica de administração e de fomento, absolutamente indispensavel para que as riquezas publicas se desenvolvam convenientemente. As sociedades anonimas, a que fez referencias especiaes, foram sempre elementos de prosperidade, que é preciso não desprezar, urgindo dar-lhe meios de vida desafogada. Commenta desagradavelmente o facto do sr. Barros Queiroz, na vespera de abandonar o poder, ter publicado um decreto permittindo a emissão de acções privilegiadas e termina mandando para a meza um projecto de lei regulando o assumpto e remodelando o regimen por que se regem as sociedades anonimas.

O decreto do sr. Barros Queiroz não pode ser pura e simplesmente revogado.

O que é preciso é modifical-o por serem absolutamente indispensaveis as acções privilegiadas sem as quaes muitas sociedades anonimas não podem viver. Não concorda com a maneira de ver sobre a questão do sr. Ramada Curto e diz que á sombra da lei se teem praticado monstruosidades que não teem paridade em paiz nenhum do mundo.

O sr. presidente do ministerio communica á camara que o governo se recompoz. A rasão da recomposição está no facto de elle, orador, não poder, por mais tempo, continuar a ser ministro da guerra e da marinha. Tece o elogio dos srs. ministros da guerra e das colonias e diz que elles hão de certamente cumprir o seu dever e desempenhar com brilho os seus cargos. O sr. Barbosa de Magalhães, pela maioria, sauda os srs. Norton de Mattos e Rodrigues Gaspar, homens de reconhecidas aptidões e talento, fartamente comprovados no ministerio das colonias, que ambos geriram já com grande brilho. Da intelligencia de um e de outro muito ha a esperar. O sr. Aresta Branco, pelos unionistas, diz que a atitude da União, perante o ministerio, será a mesma que tem sido até agora. Pelos evolucionistas, o sr. Mesquita de Carvalho, na ausencia do dr. Antonio José d'Almeida, reproduz affirmações que o *leader* do partido fez quando o sr. José de Castro apresentou o seu governo ao Parlamento, affirmações essas que, por ora, não ha rasão para modificar.

Sendo de intransigencia absoluta a attitude do evolucionismo não vae ao ponto de negar o seu apoio ao governo nas questões internacionaes ou d'ordem publica e em todos aquelles assumptos em que o patriotismo esteja em jogo. O sr. Costa Junior tambem mantem a declaração que fez quando o actual governo se apresentou ao Parlamento e que, com o auxilio da Camara espera cumprir. O sr. *José de Castro* agradece as palavras que os representantes dos partidos lhe dirigiram no que ellas representam de apoio ao governo para a solução de todas as questões de caracter nacional. Depois, explica melhor a crise e diz que foi a burocracia que entendeu que as coisas, pelo que pessoalmente lhe respeita, deviam passar-se como se passaram. Procurará honrar, tanto quanto em suas forças caiba, a situação que occupa, como procurará ser tão util ao seu paiz quanto possivel.

Na ordem do dia inicia-se a discussão do projecto que modifica o regimen cerealifero. O sr. Julio Martins ataca esse mesmo projecto e refere-se com censura aos governos transactos e especialmente ao sr. Lima Bastos, antigo ministro do fomento, por não terem, a tempo, feito o devido abastecimento de trigo. Considera esse facto um grave erro, sobretudo em face da extensão aterradora que a guerra está tomando, impedindo a Russia de exportar trigo e levando o desasocego a toda a parte. Refere-se ao preço do trigo e do pão e como haja de passar-se á segunda parte da ordem fica com a palavra reservada.

O sr. Antonio Macieira, sobre o orçamento do ministerio da justiça, apresenta um projecto de lei aproveitando o trabalho dos presos nas cadeias civis e propõe que ás propostas apresentadas pelo sr. Rodrigo Rodrigues se accrescentassem as palavras «sem augmento de despesa». A proposito, insta pela necessidade de se intensificarem os trabalhos parlamentares, de maneira a votar-se o orçamento até ao fim do mez, em sessões prorogadas ou nocturnas, para não ser preciso votar mais um duodecimo. Falam mais os srs. Moura Pinto e Simas Machado, depois de prorogada a sessão, até se votar o orçamento do ministerio da justiça.

A questão dos emolumentos nas prisões civis continua a ser debatida pelo segundo d'esses deputados, que defende a abolição dos referidos emolumentos ao mesmo tempo que não entende justo que o ministerio da guerra pague aos officiaes que dirigem cadeias e dependem do ministerio da guerra. O sr. Ernesto de Vilhena restringe uma proposta que apresentou já por outra vez, mandando que o ministerio da justiça pague as despezas com os condemnados pelos tribunaes que d'ahi dependem e que sigam para o deposito de Loanda. O sr. Sá Pereira acha que não é moral, quando o povo tem fome, pagar ordenados de 4 e 5 contos a funccionarios publicos. Não vê no caso senão principios. Por isso; approva a proposta do sr. Rodrigo Rodrigues, arbitrando ao director do Limoeiro o vencimento annual de 1.380 escudos, limpos e seccos. O sr. João Gonçalves quer que se augmente o pessoal da Penitenciaria, que é pouco e mal pago.

A's 6,35, a sessão continua.

No Senado

Abriu a sessão ás 14 horas, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, estando presentes 21 senadores.

Approvada a acta e lido o expediente. Entre os srs. Estevam de Vasconcellos e José Maria Pereira trocam-se explicações ácêrca da discussão hontem estabelecida entre os dois sobre o orçamento das receitas. Estranha o primeiro ter visto no extracto d'um jornal, que o sr. José Maria Pereira não lhe reconhecia, como medico distincto e com a pratica que tem como administrador da Caixa Geral dos Depositos, auctoridade financeira para avaliar dos resultados das contas da gerencia, respondendo o sr. José Maria que não perfilha os extractos de qualquer jornal.

Entra-se na discussão da especialidade do orçamento das receitas, fazendo-se por capitulos, a requerimento do sr. Estevam de Vasconcellos.

Os quatro primeiros capitulos: *contribuições e impostos directos, registo e sêlo; impostos indirectos; impostos para barras, portos artificiaes e pharolagem*, foram approvados sem discussão.

O capitulo 5.º trata de *exclusivos, rendas fixas e participação de lucros*.

O sr. José Maria Pereira deseja saber o motivo por que a verba de 12 contos, proveniente do Banco Ultramarino, baixou n'este orçamento para 4 contos, tanto mais que o Banco dá muito bons dividendos e augmenta extraordinariamente os seus fundos de reserva.

O sr. ministro das finanças responde que a differença de 8 contos passa para receita do ministerio das colonias.

Approvado este capitulo, foi-o depois o seguinte, que trata de *bens proprios nacionaes e diversos rendimentos*. Teve uma emenda do sr. ministro das finanças, augmentando a verba de receita das cadeias nacionaes.

Capitulo 7.º—*Juros e dividendos de capitaes, acções e obrigações de bancos e companhias*. Approvado sem discussão.

O capitulo 8.º trata de *reembolsos e reposições*. Approvado sem discussão. Ao capitulo 9.º—*serviços com rendimentos proprios*, apresentou o sr. ministro das finanças uma emenda, augmentando de 10.880$ a verba relativa aos tribunaes de transgressões.

Approvado com a emenda.

Capitulo 10.º—*Explorações por conta do Estado*. Foi approvado com uma emenda, alterando a verba respeitante á Caixa Geral de Depositos.

O capitulo 11.º e ultimo, sobre *receitas extraordinarias*, não teve discussão.

Em seguida foi approvado o quadro das alterações propostas, annexo ao orçamento e o pertence do mesmo.

Exgottada, com a approvação do orçamento, a ordem do dia, foi encerrada a sessão e marcada a proxima para terça feira.

Como não tenham as commissões concluidos mais pareceres, o sr. presidente pede aos seus membros que apressem os trabalhos, a fim de que n'aquelle dia possa entrar em discussão o orçamento da justiça.

A Companhia do Nyassa

e o contrabando de guerra para a Africa Oriental Allemã

A proposito do que hontem se passou na Camara dos Deputados, informam-nos da Companhia do Nyassa que a administração da mesma, logo que se declarou o estado de guerra entre a Inglaterra e a Allemanha, deu instrucções terminantes aos seus agentes e representantes em Africa para que seguissem rigorosamente as instrucções do governo geral de Moçambique em todos os actos que se relacionassem com a sua acção, tanto politica e administrativa como militar, em referencia á visinha colonia allemã. Mais tarde, quando a expedição militar foi mandada seguir para Porto Amelia, a administração da companhia muito terminantemente confirmou as anteriores instrucções, accrescentando-as com as de, no tocante á parte militar, nada fazerem sem completo accordo com o commando superior da expedição.

Estas informações não destroem os factos a que o sr. Leotte do Rego alludiu no seu requerimento, onde se limitou a pedir, sobre este assumpto, que lhe fosse fornecida copia da «ordem telegraphica enviada ao governador de Moçambique pelo governo do sr. Pimenta de Castro, permittindo o abastecimento de viveres e outros generos para o territorio allemão, bem como a passagem de allemães de um para outro territorio e malas do correio».

Já no nosso jornal, ha mezes, se publicaram factos d'esta natureza, referidos por pessoas regressadas ha pouco da Costa Oriental. Pois deu-se até o caso de viajarem livremente, a bordo do *Luabo* e do *Chinde* (armados em guerra e sob o commando de officiaes da armada!) individuos que sabiam da colonia allemã através dos territorios da Companhia do Nyassa e percorriam todos os portos portuguezes onde tinham largas conferencias com subditos allemães...

Uma vez as auctoridades allemãs dirigiram ao governador da Companhia um ultimatum em fórma, dando-lhe o prazo de 12 horas para responder se Portugal era neutral ou não. O governador respondeu que Portugal mantinha, perante a guerra, uma *absoluta neutralidade*. Ignoramos em que se fundou esse funccionario superior da Companhia para fazer tal affirmação, mas ou tenha procedido por iniciativa propria, ou depois de prévia consulta ao governador da provincia, o que é certo é que o facto se deu e precisa de ser esclarecido. E como este muitos outros que opportunamente constituirão a base de um severo ajuste de contas.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha, occupando-se das questões das subsistencias e vinicola e bem assim de assumptos de administração publica.

—Os agentes das casas commerciaes belgas e francezas em Bissau felicitaram o governo pelo exito obtido nas operações contra os *papeis* e *grumetes* levadas a cabo pelo capitão Teixeira Pinto.

—Foi assignada uma portaria nomeando uma commissão composta dos engenheiros srs. Vaz de Carvalho e Sequeira e machinistas srs. Santos e Correia, para tratar da reorganisação dos serviços do arsenal na parte respeitante á fabrica e de adquirir as ferramentas e machinas necessarias para a conclusão no mais breve espaço de tempo dos dois contra-torpedeiros e das tres canhoneiras que se encontram em construcção.

—A canhoneira *Ibo* vae soffrer o fabrico necessario, devendo partir para Lisboa no dia 19 ou 20 d'agosto; a commissão que em Loanda promove a subscripção para a construcção do sanatorio militar na Madeira vae enviar 5 contos que já tem; pediu a demissão o ajudante do director de investigação sr. dr. Heitor da Cunha Oliveira Martins; uma commissão de armadores de Setubal procurou hoje o sr. ministro da marinha para reclamar sobre as difficuldades em regular o pagamento de licenças para o estabelecimento de armações e cercos; a «Ordem do Exercito», 2.ª serie, sahirá ainda este mez, inserindo grande movimento, principalmente na arma de infantaria; ao que consta, os ecclesiasticos que perderam o direito á aposentação vão requerer ao Parlamento que lhes sejam relevadas as faltas, a fim de poderem ser aposentados; formou-se uma commissão cultual na rua Angra do Heroismo, em edificio proprio, onde se mantem o culto da «Egreja Evangelica Lisbonense» e suas missões, constituida por christãos evangelicos, a qual foi submettida á approvação superior.

Crise typographica

E' convocada para ámanhã uma reunião

A classe tipographica vem luctando ha bastante tempo com sérias difficuldades, estando desempregados bastantes dos seus membros. Essa crise é motivada principalmente pela suspensão de alguns jornaes e pelas circumstancias de desequilibrio economico devidas á conflagração europeia. Para attenuar esse mal resolveu o governo da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado mandar fazer alguns trabalhos officiaes fóra da Imprensa Nacional, lavrando n'esse sentido um decreto que foi posto de parte mais tarde, quando do governo da dictadura.

Agora, novamente os tipographos desempregados insistiram junto do governo e do director da Imprensa Nacional, o nosso collega sr. Luiz Derouet, por que fossem adoptadas as providencias que o gabinete da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado quizera pôr em pratica. Attendidas as suas justas pretenções, foi lavrado e submettido já á assignatura do sr. presidente da Republica um decreto auctorisando a composição, fóra da Imprensa Nacional, de algumas publicações officiaes. Até hoje, porém, tal decreto não foi ainda publicado no «Diario do Governo», apesar do sr. ministro do interior e o proprio director da Imprensa Nacional terem achado inteiramente legitimas as sollicitações dos tipographos desempregados.

Esses tipographos, que não estão filiados na associação respectiva, convocam para ámanhã, uma reunião na praça Luiz de Camões, pelas 15 horas, a fim de tomarem conhecimento da resposta que o sr. ministro do interior deve dar a uma commissão que vae tratar novamente com elle o assumpto.

Uma festa de confraternisação militar

Com a devida auctorisação dos ministros da guerra e da marinha realisa-se ámanhã a bordo do *Vasco da Gama* uma festa de confraternisação entre os officiaes do exercito e da armada. Os convites, feitos pelo commandante interino da divisão naval e seus officiaes e pelo commandante do corpo de marinheiros e seus officiaes, foram dirigidos aos commandantes e officiaes dos corpos da guarnição, estabelecimentos militares, escolas, campo entrincheirado, etc. Tambem foram convidados a assistir os srs. ministros da guerra e da marinha e presidentes da Camara dos Deputados, do Senado e da camara municipal.

A festa, que é inspirada no mais alto espirito patriotico e republicano, deve resultar brilhantissima, digna da Republica, do exercito e da armada.

A posse dos novos ministros

Pelas 15 horas, tomou posse do logar de ministro das colonias o capitão de fragata sr. Rodrigues Gaspar. Ao conferir-lh'a, o sr. José de Castro fez o elogio do novo ministro como professor, official de marinha e colonial, tendo tambem palavras do maior louvor para o sr. Norton de Mattos, o novo ministro da guerra, que á Republica tem sacrificado aspirações e desejos, palavras que este agradece, dizendo sahir da pasta que até agora geriu com a consciencia de ter cumprido o seu dever.

Ainda o sr. Norton de Mattos faz o elogio do sr. Rodrigues Gaspar e termina por dizer que na sua nova pasta fará todos os esforços por levantar o exercito á altura de bem cumprir os seus deveres.

O sr. Rodrigues Gaspar agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas pelo sr. dr. José de Castro e pelo sr. Norton de Mattos, depois do que se dirigiram para o ministerio da guerra, onde o ultimo tomou posse, depois do sr. dr. José de Castro affirmar que chegára o momento do exercito entrar n'uma nova phase e se preparar para honrar os compromissos tomados com as nações da Europa.

A' posse assistiram os srs. ministros dos estrangeiros, fomento e interior, Botto Machado, funccionarios superiores dos dois ministerios e pessoal dos gabinetes.

O gabinete do sr. ministro das colonias ficou assim constituido: chefe, capitão Maia Pinto; secretarios, 1.º tenente Correia da Silva (Paço d'Arcos) e Francisco da Silveira Fernandes.

No gabinete do sr. ministro da guerra continua o mesmo pessoal que estava com o sr. dr. José de Castro, tendo sahido apenas o sr. capitão Mattos, que volta para o quartel general, e entrando o capitão de artilharia sr. Thomaz Fernandes, que era secretario do sr. Norton de Mattos nas colonias.

A QUESTÃO DO DOURO

O protesto dos vinhateiros do Sul

Reunidos na Associação de Agricultura os viticultores condemnam as exigencias do Norte

Os vinhateiros do centro e sul do paiz, que vieram á capital apresentar ao parlamento uma reclamação contra as exigencias da viticultura do Douro, voltaram a reunir-se hoje, pelas 13 horas e meia, na séde da Associação da Agricultura Portugueza, sob a presidencia do sr. Antonio Maria de Sousa, secretariado pelos srs. Raul Furtado e Serrão Franco Junior. Iniciando os trabalhos da sessão, o sr. presidente declara que esta reunião tem por fim estudar a questão dos viticultores do sul sob o ponto de vista juridico, economico e technico, como foi resolvido em assembleia effectuada na vespera á noite, no edificio dos Paços do Concelho. Outras pessoas mais competentes, declara o sr. Antonio Maria de Sousa, occupar-se-hão, encarando-a sob esses varios aspectos, da proposta apresentada ao parlamento a favor da região duriense. Entretanto affirma peremptoriamente que o artigo 1.º d'esse projecto é uma monstruosidade juridica que não cabe dentro da Constituição da Republica; que o paragrapho unico é uma calinada de tal ordem que é levado a crêr que seja antes um erro de copia; que o artigo 2.º é um ludibrio e o artigo 5.º uma outra burla. Julga, portanto, desnecessario prolongar as suas considerações e manda ao secretario proceder á leitura da representação do syndicato de Alpiarça, hontem entregue ao presidente da Camara dos deputados.

Terminada a leitura d'esse documento, o sr. José Relvas envia para a mesa um telegramma recebido do sr. dr. Oliveira Feijão, em que este justifica a sua ausencia e dá todo o apoio ás resoluções da assembleia e á representação apresentada ao governo.

Fala depois o sr. visconde de Carnaxide que encára a questão sob o ponto juridico. Já em 1914, quando se tratou do tratado de commercio com a Inglaterra, publicou em o «Jornal do Direito» um estudo sobre o assumpto, para que servisse de esclarecimento a todos os interessados. Reedita, n'este momento, algumas das considerações então apresentadas e que tão necessarias são. Occupa-se da questão das marcas regionaes, em face do direito internacional. A legislação mundial a tal respeito é todavia recente. Resulta da convenção de marcas regionaes agricolas, sendo o caso generico, restringindo as marcas regionaes agricolas, approvado por um voto de maioria. A Inglaterra, que assignou vencida, respeitou sempre a lettra. Todavia a questão de direito de marcas regionaes de vinho tem sido diversamente sentenciada nos tribunaes, admittindo-se que ha marcas regionaes que perderam o caracter restrictivo para significarem um typo e como tal uma generalisação. E, n'esses casos, só existe fraude, quando se reconhece a má fé da fabricação, tal o caso do Champagne, do cognac, do Porto, do Madeira, do Vermouth. O caso não se dá só com os vinhos. O mesmo acontece com outros productos commerciaes, que tendo uma designação regional, passaram a ter um valor generico, como acontece com a agua de Colonia.

O considerado jurisconsulto aprecia ainda a legislação portugueza ácerca dos vinhos licorosos, notando a circumstancia de que a lei reconhece a existencia de outros vinhos licorosos, que não são os vulgarmente conhecidos, mas outros «innominados». Ora são estes, entre outros, os do sul, que é necessario classificar e garantil-os para o caso da exportação.

O sr. José Relvas começa por desfazer qualquer mal entendido, resultante de palavras que lhe tenham sido attribuidas. Quando falou com o sr. presidente do conselho ou com os ministros não empregou expressões que pudessem melindrar ninguem. Não está nem no seu feitio nem na sua educação e nem ainda isso lhe seria consentido pos essas auctoridades a quem se dirigia. Estuda mais uma vez a questão, mostrando quanto a solução proposta pelo norte prejudica os interesses dos vinhateiros do centro e sul do paiz. Recorda que em 1907, o jornal «A Palavra», do Porto, publicou a declaração do sr. Manuel Pestana da Silva affirmando que a restricção era um acto deshonesto que elle nunca sanccionaria. Pois é este senhor quem agora acompanha a commissão que pede semelhante deshonestidade. Não quer dizer que os viticultores do Douro não sejam dignos. São obcecados e estão sendo ludibriados por um commercio deshonesto.

O sr. Soares Neves (viticultor duriense): O sr. Manuel Pestana da Silva é uma figura apagada na commissão. V. ex.ª esquece que a nossa principal figura n'esta questão é Guerra Junqueiro!

O orador, continuando, affirma que o sr. Guerra Junqueiro póde ter errado e d'isso assume as responsabilidades. O sul nada quer do governo; quer que o deixem ficar socegado em sua casa. Não pede nem quer privilegios, como demonstrou com o caso da aguardente.

O sr. Soares Neves usa depois largamente da palavra, em favor da Região do Douro. Concorda que o sul tem um prejuizo, mas esse prejuizo é bem pequeno em relação ao que lucra o norte. O sul, segundo a estatistica de 1911, produziu apenas *4 mil pipas de vinho*. Não julga que de então para cá tenha augmentado a sua producção. O que é reclamado pelo Douro representa 12 contos de prejuizo para o sul. O norte lucrará 300 contos. Não merecerá o paiz que essas reclamações sejam attendidas, tendo em vista essa vantagem do Douro?

O sr. José Relvas volta a usar da palavra, demonstrando as vantagens do tratado de convenio com a Inglaterra, que nenhuma região do paiz tinha o direito de renegar, ainda que não fôsse favorecida especialmente, pois não é legitimo o seu egoismo perante os beneficios que esse tratado traz á nação. O orador rebate os argumentos apresentados em defeza dos viticultores do norte. O sr. Manuel Duarte lamenta que o Douro não peça a prohibição da importação do alcool, defende a revisão da area dos vinhos generosos do Douro.

O sr. Ferreira Lopes diz que não são certos os numeros apontados pelo sr. Soares Neves ácerca da exportação dos vinhos licorosos do sul. De resto não póde comprehender como o Douro acha prejudicial o tratado, visto que elle arreda do mercado inglez todas as marcas estrangeiras que lhe fazem concorrencia. Elle orador, fez parte da missão commercial á Inglaterra. Foram as camaras de commercio que levaram o governo britannico a approvar em duas semanas o tratado. Quem são os negociantes dos vinhos do Douro em Portugal? Precisamente os commerciantes inglezes, que vivendo lá, bem conhecem os nossos vinhos. Se estes commerciantes não receiam a concorrencia, receiam-na agora os viticultores do Porto!

O sr. Soares Neves declara que tendo de se retirar, não póde fazer largas dissertações. Informa, no entanto, a assembleia que a associação dos exportadores inglezes do Porto, acompanha a commissão do Douro nas suas reclamações.

O sr. presidente aproveita o ensejo para apresentar ao sr. Soares Neves, em nome da assembleia, o estemunho da sua sympathia pessoal.

Por ultimo, encerrando os trabalhos, o sr. presidente declarou que os viticultores do centro e sul do paiz julgavam finda a missão que os trouxe a Lisboa, confiados em que o parlamento faria justiça á sua causa.

A grande guerra

Operações na França e na Belgica

PARIS, 23.—Communicação official. Noite bastante agitada em alguns pontos. Na linha de Artois, em volta de Souchez, canhoneio violento e combates com petardos. Entre o Oise e o Aisne, na região de Quennevières e no planalto de Nouvron, na margem direita do Aisne, proximo de Soupir, e na linha de Champagne, assignalaram-se egualmente algumas acções da artilharia. Na Argonne fusilaria e canhoneio na região de Bagatelle, onde uma das nossas companhias conseguiu, apoderando-se hontem d'um elemento de trincheira inimiga, rectificar a linha em proveito nosso. Pont-à-Mousson foi bombardeada com intermitencia durante a noite. Na região de Arracourt um forte reconhecimento inimigo, que era apoiado pelo tiro da artilharia, teve que retroceder perante o fogo da nossa infantaria e da nossa artilharia. Nos Vosges foi repellida facilmente uma tentativa de ataque allemão ás nossas posições ao sul do Iave. Nas cristas de Lingé e Barrenkopf bombardeamento violentissimo ás posições que temos conquistado. A leste de Metzeral, o inimigo depois de ter conseguido, momentaneamente, penetrar n'uma parte das nossa linhas, foi repellido por meio d'um energico contra-ataque da nossa parte.—(Havas).

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 22.—Na secção norte um contingente de assalto atacou durante a noite uma trincheira, em 18 do corrente. Toda a força inimiga que a defendia fugiu. Em 19 um canhão especial do inimigo assestado contra as aeronaves foi attingido pelo segundo tiro das nossas peças e arremeçado pelos ares ao 5.º tiro. Na area do sul os turcos fizeram em 18 um ataque a algumas das trincheiras recentemente tomadas na secção franceza mas foram repellidos com facilidade. Teem-se feito firmes progressos na secção britannica, já consolidando, já ampliando as trincheiras tomadas. No dia 21 foi tomado por nós um pequeno reducto, sendo as nossas perdas insignificantes, o um ataque feliz a uma trincheira de communicações occupada pelo inimigo. Em ambas as secções a artilharia inimiga tem estado activa.—(*Informação official recebida na legação britannica em Lisboa.*)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 23—Na região de Chauli o inimigo agrupa-se nos caminhos a oeste das estradas de Mitau á Chwali. Em todas as outras linhas houve combates encarniçados. Varremos n'uma grande extensão a margem direita do Bug de todos os inimigos e fizemos 1:500 prisioneiros.—(*Havas.*)

Movimento associativo

Alumnos do Instituto Superior Technico

Para tratarem da pena imposta ao alumno Tavares de Lima, reunem amanhã, ás 15 horas e meia, os alumnos do Instituto Superior Technico.

Sport

Grupo n.º 9 dos Escoteiros de Portugal

No domingo passado estes escoteiros tiveram exercicio em Entre-Muros e no Parque de Jogos do Lyceu Pedro Nunes.

Reuniram na praça dos Restauradores, ás 5,30, partindo para Entre-Muros. Alli procederam a varios exercicios até cerca das 8 horas, quando se dirigiram para o lyceu Pedro Nunes. Aqui tiveram instrucção em conjuncto com os demais grupos até ás 12 horas sob o commando do escoteiro chefe geral sr. Mello Machado. Na noite de sabbado para domingo proximo, irão acampar fóra de Lisboa, regressando de tarde.

Haverá duas expedições:

Uma ás 21 horas de sabbado e outra ás 23. Na segunda só podem tomar parte os que pelas suas occupações só estão disponiveis a essa hora. Segundo o plano approvado irá para Caneças a primeira expedição e a segunda para Loures ou qualquer outro ponto, que o seu instructor indicar.

Todos os escoteiros devem comparecer devidamente uniformisados e equipados, á hora acima indicada, na praça Marquez de Pombal. Devem tambem levar garfo, colher, prato, copo, toalha, uma vella, um agasalho, um lanche frio e dez centavos em dinheiro. Na séde, travessa do Carmo, 11, 2.º, continua aberta a inscripção de socios, tanto para escoteiros como para auxiliares. A quota mensal são dez centavos. Enviam-se pelo correio as condições de admissão.

Festas nos Recreios da Amadora

Os Recreios Desportivos da Amadora batem agora o «record» da actividade. Todas as noites, os seus «rinks» de patinagem se enchem, predominando o elemento feminino. Hontem, eram mais de 107 as pessoas que patinavam conjunctamente.

No domingo, os seus socios promovem um «pic-nic» na bella quinta de Bellas, gentilmente cedida pelo seu proprietario sr. Borges d'Almeida.

Tambem no domingo se inaugura o campeonato de tennis, cuja inscripção é numerosa, havendo entre os socios verdadeiro enthusiasmo para ganhar.

Patinagem em Carcavellos

E' amanhã que se inaugura em Carcavellos o recinto de patinagem em mosaico. Foram convidados para uma sessão particular os jornalistas lisbonenses.

Associação Naval de Lisboa

A pedido de muitos socios que ainda não se tinham prevenido de bilhetes foi addiado para hoje o prazo de inscripção para o passeio do proximo domingo á valla de Azambuja para os socios e familias assistirem á corrida da «Taça» que foi offerecida pela Camara Municipal d'aquella localidade.

O jury é assim constituido: presidente, o presidente da camara de Azambuja; umpire, Alvaro Gaia (A. N. L.); juiz de partida, João Possolo de Sousa, (C. N. L.); juiz de chegada, João Loforte, do C. N. I.; fiscal de mira, José Rodrigues, A. N. L.; vogal de terra, Antonio Gomes Barbosa, C. N. L.; vogal do mar, Affonso Henriques Manaças Junior (A. N. L.)

A corrida terá logar ás 3 horas da tarde em ponto. E' grande o enthusiasmo por este passeio. A inscripção fecha hoje ás 22 horas impreterivelmente.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/4	36 1/8
Londres, 90 d/v.	36 13/16	—
Paris, cheque	$73,7	$74,3
Allemanha, cheque	$28	$28,5
Hollanda, cheque	$55	$55,7
Madrid, cheque	1$31,5	1$32,5
New York	1$37,5	1$39
Rio s/Londres	13 1/8	—
Libras	6$74	6$84
Agio do ouro	40 °/o	45 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,60
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Externas: 1.ª serie, 72$.

Acções: Banco de Portugal, 178$; Ultramarino, 108$50.

Obrigações: Aguas, assent., 77$; Predíaes, 5 0/0, 87$50; Ultramarinas, hipothecarias, 93$50; Ambacas, 91$70.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* está alcançando grande exito

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 do junho, com 188, profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das importancias.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

O horario de trabalho no concelho de Oeiras

Escreve-nos *Um leitor de «A Capital»*, pedindo-nos que chamemos a attenção das auctoridades do concelho de Oeiras para a regulamentação, ali, do horario de trabalho, pois que em algumas localidades do concelho é mal interpretada a lei e até mesmo deturpa-se a lei que regula o descanço semanal.

A' camara municipal — accrescenta quem se nos dirige—compete tomar as necessarias providencias para que tal facto se não dê.

SPORT

A gymnastica natural e a guerra

Na guerra contra os allemães, travada no norte da França, na Begica e no litoral belga, os fusileiros de marinha franceza teem feito maravilhas, em actos de coragem e de audacia. A sua valentia no combate e a sua resistencia phisica trouxeram a admiração de toda a gente, que procurava a razão por que esses bravos francezes estavam trabalhados para os grandes esforços phisicos.

A resposta não se fez esperar.

Foram todos educados pelo tenente de marinha Hebert, com o seu «methodo natural», tão discutido nas suas vantagens e utilidades antes da guerra mas que a guerra se encarregou de justificar como util e maravilhoso.

A guerra está mostrando ao mundo a transformação completa da patria franceza. Os seus homens teem acção, teem caracter e teem energia. Ora muitos d'esses factores pessoaes, deve-os a França á propaganda intensa que, nos ultimos annos, se fez da pratica e vulgarisação da *gymnastica* e dos «*sports*». Os fusileiros de marinha são um exemplo phisico. Elles deram uma sancção de triumpho ao methodo do seu tenente Hebert. E acabada a guerra, a França póde orgulhosamente lançar a «sua gymnastica», cujas provas praticas foram dadas com extremo brilhantismo.

O certo é que a grande guerra justificou a divisa da «gymnastica racional», exposta por Hebert nos seguintes termos:

> «Procurar ser forte, não só phisicamente mas moralmente, tal é o grande dever do homem para comsigo, para com a familia, com a Patria e com a Humanidade. Só os fortes se tornam uteis nas circumstancias difficeis da existencia nos perigos, nas desgraças de todos os generos, nas guerras, etc.
>
> «Não ha razão nem desculpa para ser fraco, pondo de parte a questão de tara hereditaria, porque pelo trabalho chega-se a ser forte.
>
> «Aquelle que, unicamente por preguiça, despreza este imperioso dever é culpado.
>
> «Assim, a nossa divisa, que exigimos que seja inscripta em todos os estabelecimentos de educação é a seguinte:
>
> **Sejamos fortes!**
>
> **Os fracos são inuteis ou cobardes**

Nota do dia

Mac Closkey contra Manuel Grilo

O primeiro e certamente unico adversario que tem em Lisboa Mac Closkey, famoso campeão americano, é Manuel Loureiro Grillo, campeão de força entre os nossos profissionaes.

O combate effectua-se no domingo, n'um «ring» expressamente construido no campo do Stadium de Lisboa.

Quem vencerá?

Não hesitamos em dizer que será o americano mas tambem estamos convencidos de que na sua cara e no seu peito hão de fazer estragos os murros dados por Manuel Grilo. E' que este é um rapagão herculeo e valente, que não gosta de levar pancada e antes está costumado a dal-a! Depois o hercules portuguez é rapaz de excepcional combatividade, já demonstrada quando fazia greco-romana contra Schackman e contra Deriaz e quando fazia «ju-jutsu» contra Deko, Kirano, Tani e Raku.

Dizemos que Manue Grillo perderá porque ajuizamos que não terá folego para um combate demorado, no maximo de 12 «rounds» de 2 minutos, deante d'um homem muito trabalhado, que póde resistir 25 e mesmo 30 «rounds», intombavel e incançavel e que leva soccos nas arcadas supraciliares, no mento e no estomago, sem traduzir a menor impressão dolorosa!

Para dar a maxima regularidade a este combate athletico, em que todos prevêem uma grande batalha a murro, a direcção technica pertencerá aos amadores e dirigentes da nossa Federação Portugueza de Box, que a isso gentilmente se prestou, tal como o fez hontem na demonstração do terrivel americano com o nosso campeão Bazilio d'Oliveira, na qual este demonstrou conhecer a nobre arte do marquez de Queensbury.

A direcção do Stadium facilita aos espectadores doe peões o verem de perto o combate, vedando um grande espaço na «pelouse» do Velodromo.

Algumas anecdotas

«Ao senhor talvez lhe fizesse bem» disse o popular artista

Agora que está em foco o luctador Grilo é interessante lembrar o seguinte caso:

Raku o phenomenal luctador de «jujutsu, foi contractado para o theatro Sá da Bandeira, do Porto, entrando nas representações d'uma revista, cujo «compère» era desempenhado, com graça e com arte, pelo popular actor Alvaro Cabral. O insigne japonez, levou na sua companhia e como ajudante a Manuel Grilo.

Um dia Raku adoeceu. Para não prejudicar os espectaculos, Manuel Grilo desempenhou o papel de «ju-jutsman» e como fazia Raku, desafiava todos os espectadores. E, a custo ou com facilidade, lá vencia uns e outros! Certos assaltos, porem por violentos ou duros, levantavam protestos e motivavam algazarra. Uma noite, entre os que gritavam indignados, estava um corcunda, pequeno e deformadissimo:

—«Venham cá»—dizia Grilo.

—Vou lá eu... gritou o corcunda.

—Quem você?

—Sim. E porque não? acudiu Alvaro Cabral. E dirigindo-se ao espectador accrescentou:

—«Venha homem. Que fica direito e sem gastar dinheiro na botica...»

Noticias

Entre nós

Jogos Sportivos Nacionaes

Está despertando no nosso meio sportivo um certo e desusado interesse a realisação das provas de athletica ao ar livre como sejam as corridas, os saltos e os «lançamentos» que fazem parte dos chamados «sports athleticos».

A sua realisação é no *Stadium* o isso basta para se antever o seu valor propriamente sportivo, educativo e moral.

Realisam-se n'um local apropriado para essas provas, em pistas que rivalisam com as melhores do estrangeiro e onde se vão fazer bons tempos e bater muitos «recordes». O arranjo das pistas, que está sendo rigorosamente feito por um grupo de operarios e sob a direcção technica de Pedro Del-Negro, um «carola» conhecedor das coisas de «sport», deverá ficar concluido no proximo dia 30, a fim de se dar começo ás provas no dia 3 de agosto.

Entre nós, n'um meio pequeno e de pouco dinheiro e sobretudo agora na crise que estamos atravessando é difficil ver-se uma «casa á cunha»; mas com a orientação que a Federação Portugueza de Sports está dando, estamos convencidos que o Stadium do Lumiar deve ficar cheio de «sportmen» e de curiosos. Emfim, o publico póde concorrer a assistir aos sports athleticos e dizemos que ha de assistir porque as entradas são gratis. Isto é uma coisa importante. De graça, completamente, de graça, o publico verá corridas de bicicletas, corridas pedestres de velocidade e resistencia, de «fundo» e «meio fundo»; verá saltar á vara mais de trez metros e meio, em altura 1m,80, em comprimento 6m,25; verá lançar o dardo, exercicio elegante e tão pouco praticado entre o nosso meio, o disco, o peso.

Assistirá com o costumado interesse á lucta de tracção. Em resumo o nosso povo educar-se-ha a ver aquillo que no extrangeiro é vulgar e entre nós é raro.

Um bello programma no Stadium

No proximo domingo, além do combate de socco entre o campeão americano Blink Mac Closkey e o campeão portuguez Manuel Grilo, realisa-se um bello programma velocipedico, talvez o melhor de todos até agora annunciado. Este programma, no mesmo espectaculo em que se realisa um combate caro representa uma temeridade excessiva e um arrojo da empreza do Stadium, que procura attrahir ao seu campo toda a população lisboeta. N'esse *programma*, estão incluidas as seguintes corridas: «Nacional», em que d'uma corrida entre todos os cyclistas se apuram os trez que hão de disputar um «match a 3»; «motocicletas» para amadores em que se deve estreiar um arrojado «sportsman»; «primes» em 6 voltas; estreia das corridas de «meio fundo» em 15 kilometros, entre Vilada, Anton, hespanhoes, e Joaquim Raposo, portuguez, respectivamente treinados por Innocencio Pinto, Leopoldo Futscher e Mario Beirão.

Passeio á valla de Azambuja e regata

No proximo domingo, 25, effectua o Club Naval de Lisboa o seu tradiccional passeio á villa de Azambuja, um dos logares mais pittorescos e aprazaveis do nosso formoso Tejo. O encanto que resulta d'este passeio, é confirmado pelo numero sempre crescente de socios e senhoras de sua familia que a elle vão todos os annos.

Apoz a chegada do vapor que o club fretou, realisar-se-ha a regata da Taça que a Camara Municipal da Azambuja, gentilmente, offereceu ao C. N. L. o qual sempre prompto a contribuir para o desenvolvimento do remo, convidou a Associação Naval a disputál-a. O embarque é ás 9 e meia horas da manhã na estação dos C. F. Sul e Sueste (Terreiro do Paço).

Grande premio de julho

Concorrem ao «Grande Premio de Julho», prova pedestre organisada pelo Sport Club Progresso, concorrentes de alguns clubs do Barreiro, o que virá ainda augmentar o enthusiasmo e a lucta entre os corredores, pois que os de Lisboa teem empenho em que a magnifica medalha de ouro e prata, que será conferida ao vencedor, fique em Lisboa. Os do Barreiro veem esperançados na victoria. Por este motivo, deve-se travar uma lucta emocionante entre os corredores, o que fará com que se obtenham «tempos» muito bons.

Convocações de foot-ball

O capitão do Sporting Club de Portugal pede a comparencia ás 9,30 de domingo, 25, no caes do Sodré, para ir jogar ao Seixal, dos seguintes jogadores: M. Botas, J. Chagas, A. Pombeiro, G. Ferraz, F. Nogueira, Rosado Fernandes, E. Costa, A. Loureiro, F. Quistorp, Torres Pereira, M. Rodrigues; reservas, Mayer, Fernando, Adelino.

TOURADAS

Praça de Setubal.—Realisa-se depois de ámanhã a segunda corrida da epocha, em que tomam parte o cavalleiro José Casimiro, os amadores Mascarenhas e os artistas Theodoro, Rocha, José da Costa, Daniel do Nascimento e «Punteret». O curro é do lavrador de Cabrella sr. Castro.

Ha feira annual em Setubal e os bilhetes custam 30 centavos, ida e volta.

Algés.—Abriu hoje a bilheteira do kiosque Sol do Rocio, para a corrida de ovarinos que domingo se realisa. No programma, figuram como cavalleiros, bandarilheiros e campinos, rapazes da classe ovarina, havendo ainda dois grupos de moços de forcado, constituidos de rapazes da Ribeira Nova e da Esperança. No intervallo da primeira para a segunda parte, apresentar-se-ha na arena o «Rancho do hiate» composto de 30 figuras, tudo gente de Ovar, que cantará e dançará um variado repertorio. Haverá ainda um intervallo comico por Antonio Preto e a sua «cuadrilla».

O QUE O PORTO PRECISA

Organismos de Assistencia ás mães abandonadas e viuvas e ás creanças desprotegidas

Porto, 21

Voltando a falar-nos da falta de organismos de Assistencia no Porto, aquelle distincto professor do liceu disse-nos ainda:

—O que mais se carece é de uma assistencia bem organisada ás mães pobres, abandonadas, viuvas ou divorciadas, assistencia pecuniaria, de maneira a garantir-lhes os meios sufficientes para poderem, debaixo do seu olhar, com o seu leite e os seus carinhos, amamentar, crear e educar pelo menos até aos quinze annos os seus filhos. Ha centenares, talvez milhares de mães que, sem recursos, não podendo abandonar o trabalho de fabricas e officinas, trez ou quatro dias depois do parto entregam os filhos a amas mercenarias que os não tratam com aquelles cuidados e aquelle amor que só as mães sabem dispensar, resultando d'aqui dois verdadeiros perigos sociaes:—As creanças assim creadas ficam rachiticas, obesas, «barrigas de rã» na linguagem medica, porque para supprir o leite que a ama quer de preferencia para o filho proprio começam a darlhe, logo nos primeiros mezes, sopas de borôa e alimentos indigestos: e (o que é o perigo maior) essas creanças ficam sem o amor da familia, que é a base do amor da Patria.

«Milhares e milhares de creanças—que hão de ser os trabalhadores e as mães de ámanhã—assim creadas, sem verdadeira affeição a um pedaço de torrão do seu paiz, sem laços de intima amisade a irmãos, sem familia definida, com certeza que não constituirão nem formarão uma sociedade forte, homogenea, de elevados principios sociaes e civicos.

—Como poderá organisar-se essa assistencia?

—Não é difficil. Em França, de ha bastantes annos que tão benemerita obra vae espalhando immensos beneficios. Só em 1912 foram socorridos com pensões mais de 3:500. Até mães de nacionalidade estrangeira foram contempladas 253. Isto pelo cofre da Assistencia publica, porque n'aquelle grande paiz ha, além da Assistencia do Estado, milhares de organismos de assistencia particular.

Nos Estados-Unidos caminha-se no mesmo sentido. Ainda ha pouco foi apresentada uma lei pela qual todas as mães pobres receberão uma pensão mensal de 15 escudos pelo primeiro filho até á edade de quinze annos. Havendo mais filhos, receberá cinco escudos por cada filho a mais até á mesma edade. Não poderiamos nós, em Portugal, organisar uma Assistencia moldada n'estes bazes humanitarias, civilisadoras e sociaes?

«Não seria isto uma medida de alto alcance prophilatico—a protecção ás mães—para oppôr um dique á propaganda que se alastra, nociva e anti-patriotica, contra a procreação? Um paiz sem filhos não será um paiz perdido? Entendo que sim e ninguem o pode pôr em duvida.

—Quanto á protecção a creanças...

—E' um problema que tem de ser posto em principios differentes do que até agora se tem feito. A's creanças abandonadas, aos menores desprotegidos—(note que não falo nos menores delinquentes, tarados ou anormaes) é necessario dar uma educação que lhes desperte o amor ao trabalho e lhes enraize no coração o amor da terra, da familia, da Patria. Quer dizer: Encherlhes, com estes sentimentos novos, o vacuo immenso que lhes deixou na alma o abandono e muitas vezes os maus tratos que receberam em creanças. Como se ha de fazer isto?

«Mettel-os em asilos?

«Não. As creanças nos asilos perdem o instincto de familia. E' esta a opinião dos estatistas americanos. Em França mesmo tambem a idéia de asilos tende a desapparecer.

«Em 1912 a Assistencia Publica franceza recolheu 3:702 creanças e tinha a seu cuidado nada menos de 52:873.

«Pois a maior parte d'essas creanças não eram internadas em Asilos. O que ali se faz, o que nos pode servir de modelo, é o seguinte: Depois de uma recompensa de 50 francos a todas as amas cujas creanças attinjam 13 annos, estas são especialmente dedicadas a trabalhos agricolas.

«Com que fim? *O mais patriotico*, o mais social, o mais economico. Porque d'essas creanças se podem fazer bons agricultores e porque, no campo, com mais vida phisica, com mais actividade, podem cedo formar o seu lar, crear familia, agricultar o solo e dar filhos sãos para a defeza e integridade da Patria.

Diz-nos, por fim:

—Parece que o problema da França é perfeitamente o nosso. Porque não encaminhamos a Assistencia ás creanças n'este mesmo sentido? Nós que temos tantos e tantos terrenos incultos e que d'esses abandonados e desprotegidos de hoje podiamos fazer magnificos lavradores, sobrios, resistentes, invenciveis defensores do seu torrão, que é o torrão da Patria, amanhã?

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Heliodoro Salgado

Com qualquer numero, por ser a segunda convocação, reune a assembléa geral no dia 28, ás 21 e meia horas.

Eden de Santo Amaro

Com um magnifico programma, é inaugurada ámanhã a epocha balnear do balneario-Casino de Santo Amaro, situado junto á praia de Oeiras. Na festa de inauguração, que promette ser brilhante, além de baile, abrilhantado por um sextetto, tomarão parte os artistas Magda Latutes, afamada cantora, Ellen Daeris, cançonetista, Las Heliets, duellistas, e o imitador Huy Car.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa tirana—Revista.

Agenda da semana

HOJE — **Apollo** — Recita de Joaquim Costa. *Reprise* de *Capote e lenço*.

A'MANHÃ — **Politheama** — Primeira representação de *A amante do meu genro*, traducção de Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

Ao correr da penna

Começam a sentir-se entre nós os effeitos da escassez de producção dramatica em França. No começo da guerra escrevi aqui que se avisinhava o tempo em que os auctores portuguezes, que tivessem uma peça ao canto da gaveta—diz-se por ahi a meudo que são algumas centenas d'elles—teriam occasião de collocar os seus trabalhos. Lembro-me muito bem que, n'um jornal da tarde, me respondeu Victorino Braga negando que tal podesse vir a succeder. Pois, meu caro amigo, quem tinha razão era eu. Já este verão os theatros de genero alegre se teem visto em pancas para arranjar repertorio traduzido do francez. As melhores peças antigas já foram aproveitadas; de novo não se tem feito nenhuma. Já agora um auctor portuguez se faria representar com facilidade, ainda que não fôsse consagrado. O que fará para o inverno com quatro theatros de declamação abertos?

Infelizmente ha um obstaculo: é que em Portugal os rapazes de vinte e cinco annos, a quem o theatro seduz, não escrevem peças alegres. Sei d'um emprezario que tem lido ultimamente tudo quanto lhe tem sido apresentado. Pois os auctores são todos moços saudaveis, rechonchudos e bem dispostos... Pois é horrivel a porção de coisas tenebrosas, que esses mancebos confiam ao papel: dramas violentos ou complicadas machinarias historicas, tragedias de these onde morrem cinco pessoas em cada acto, o inferno. O pobre emprezario anda com os cabellos em pé. Precisava de coisas patuscas, que divertissem a bela sociedade. Trazem-lhe horrores de metter medo ao mais destemido dos valentes. E' uma pena. Façam peças alegres, meus senhôres. Não me venham com o pretexto de que não é Arte. E', sim senhores. Façam-nas com probidade, com consciencia, com sentimento, integrando-se bem nas caracteristicas nacionaes e verão que ha sempre maneira de ser artista, quer rindo, quer chorando.

Boatos e informações

A primeira peça nova a ser representada no theatro Republica será uma comedia de Eduardo Schwalbach. No mesmo theatro serão representados varios originaes portuguezes de sensação.

—Consta que Julio Dantas escreverá uma peça para a apresentação no Gymnasio de Luiza Lopes e Celeste Leitão, as laureadas do ultimo concurso do Conservatorio.

—A cama, que figura no segundo acto da peça «A amante do meu genro», que ámanhã, sabbado, se estreia no Polyteama, não é apenas um movel elegante de «boudoir» d'uma parisiense, é mais do que isso, pois que parece uma soberba peça mechanica d'uma magica de grande espectaculo.

E o que ali se passa produzirá nos espectadores do Polyteama verdadeiras trovoadas de riso.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

Estreiam-se ámanhã no theatro Salão dos Anjos as formosas coupletistas hespanholas «Hermanas España», exhibindo-se no animatographo a fita «Catalina».

—Na proxima feira da Avenida vae ser construida uma barraca athletica, á semelhança das das feiras de Nîmes e Bordeus.

—Os Petits Walter inauguram o theatro José Ricardo, da Figueira da Foz, no sabbado, 31.

—No salão da Amadora realisa-se no domingo um espectaculo cinematographico.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento maritimo

Bordeus «Divona» (Brazil)	...	23
Marselha «Sonic» (de New-York)	...	25
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amst.)	...	26
Amsterdam «Tubantia» (do Brazil)	...	27
Africa oriental «Clan Macarthur» (Liv.)	...	28
New-York «Parta» (de Marselha)	...	28
Af. oriental «Durham Castle» (Lond.)	...	28

gujevatz, era tambem a testa da linha do caminho de ferro que põe em communicação a Servia com a linha europeia em Mladenovatz e d'uma outra que tem o seu terminus norte em Obrenovatz. A sua tomada foi, por isso, de grande importancia no avanço para Kragujevatz, Nish e Constantinopla, mas, devido á facilidade com que foi tomada, não se justificam as mercês conferidas ao general Potiorek, commandante em chefe dos exercitos austriacos. Essas mercês foram pelo menos prematuras.

A malfadada «expedição punitiva» de agosto e a segunda invasão da Servia em setembro deviam ter convencido os austriacos da difficuldade da tarefa a que haviam mettido hombros, pois que tinham sobretudo de combater um exercito de veteranos, que luctavam desesperadamente pela propria vida e pela sua terra.

Os servios não perderam o animo com a retirada. Consideravam-na com um azar da guerra, nada mais. Desanimados, sim, mas não desmoralisados. E tal facto ia ter—e teve importancia capital nas operações subsequentes, porque não ha general por melhor que seja que possa fazer alguma coisa d'um exercito desmoralisado.

Não haviam ainda recuado da linha onde primeiro se haviam estabelecido para fazer frente aos austriacos. Durante os dias que tinham decorrido antes de se operar a concentração e a primeira invasão austriaca de 12 d'agosto, as posições do Kolubara e Lyg haviam sido bem fortificadas e entrincheiradas. Apoz a capitulação de Valievo, o estado maior general resolveu que nenhuma tentativa séria fôsse feita para obstar ao avanço do inimigo emquanto este não chegasse a essa linha de fortificações.

O rio Kolubara não era um obstaculo sério, por si proprio, para um exercito invasor. Não era nem muito largo, nem muito fundo, mas as suas margens eram em alguns sitios dominadas por grandes montanhas, que, nas mãos d'um defensor resoluto, seriam de primeira ordem. Um pouco a sudoeste de Lazarevatz a linha de defeza deixava o Kolubara, seguia o curso do rio Lyg e entrava pela região, d'uma natureza excessivamente montanhosa.

Desde a nascente do Lyg, os ser-

Lord Hardinge de Penshurst, vice-rei da India

vios haviam fortificado as margens e estradas d'ahi partindo convergiam para Kragujevatz e, seguindo em direcção ao sul, passavam por Bukovi, Varda, Jelova, Bukovic, Miloshevatz e Leska-Gore, obstando n'essas localidades a um avanço para o valle do Morava occidental.

Eram essas posições que os servios escolheram para a grande batalha que se devia dar. Em Obrenovatz tinham uma forte brigada conhecida pelo nome de «Destacamento de Obrenovatz». Mais ao sul, em Konatiche, no rio Kolubara, a divisão independente de cavallaria estava em ligação com o segundo exercito que guarnecia Volujak-Lazarevatz-Cooka e as proximidades da montanha á esquerda. O terceiro exercito occupava a margem direita do Lyg desde Barzilovitza até Ivanovchi.

No emtanto a lucta proseguia com o maior ardôr. Os servios conseguiram defender a crista de Kostañnik—uma posição de grande importancia estrategica—mas mais ao sul foram obrigados a recuar por forças muito superiores do inimigo e, no dia 11 de setembro, os austriacos apoderaram-se de todo o territorio a oeste e a sul da linha Shanatz-Sokolska-Petska.

Uma das divisões que estava operando na Syrmia entrou n'esse momento em scena e recebeu ordem para tomar uma immediata offensiva contra Sokolska planina, cujos cumes estavam occupados pelo inimigo.

A região era montanhosa e coberta de bosques, o que tornava as operações militares deveras difficultosas, sendo a principio os progressos muito lentos. Pouco a pouco, porém, os servios foram avançando em pequenas partidas, adoptando a mesma tactica ao longo de toda a linha, em formação aberta sob o nutrido fogo de fuzilaria e artilharia, e, logo que estavam a coberto, esperavam a chegada das forças principaes.

Logo que estas chegavam a ordem de carregar era dada e feito o ataque ás posições. O effeito produzido sobre os austriacos era original, se não absolutamente inesperado, porque elles haviam avançado primeiramente contra um inimigo que resistia, mas que retirava. E ao serem assim surprehendidos, emquanto muitos voltavam costas e fugiam, apesar do facto da sua propria artilharia se voltar contra elles, o resto ficava firme. Uma violenta lucta corpo a corpo se seguia, mas os servios n'isso levavam vantagem e conseguiram assenhorear-se de todas as alturas.

Encontraram as trincheiras austriacas atulhadas de mortos e feridos, tendo os sobreviventes fugido em direcção ao Drina. Tão completa foi a derrota que os servios em breve chegaram á linha Shanatz-Melenkov Kamen-Brankovatz-Obednik-Velesh-Karachitza-Tchermanovitza Gai Brdjanska Glavitza, estendendo-se as suas patrulhas de cavallaria até ao Drina em Liubovia.

A attenção d'ambos os exercitos concentrou-se em redor da posição principal de Matchko Kamen, posição que, por motivo das horrorosas luctas que se deram para a sua posse—foi tomada e retomada nada menos de oito vezes—e pelas perdas ahi soffridas occupará um logar de destaque na historia militar servia.

O unico objectivo da estrategia do general Putnik era repellir o invasor do territorio servio. Com as forças de que dispunha não podia ferir um golpe decisivo, pelo que planeou um vasto movimento de modo a impellir os austriacos ao norte para as alturas, tornando assim a sua posição militar precaria e forçando-os a elles proprios recuarem para a fronteira. A idéa do general era, por isso, apoderar-se de Matcho Kamen e em seguida avançar e occupar uma linha de cumiadas Kriva Jela-Tarniveh Debelo Osoye-Ugivalishte - Charochichi - Polyana-Osmanovo brdo. Essa manobra dar-lhe-hia a posse completa d'uma cadeia de cumiadas que começa com Guchevo ao norte, ficando os servios n'uma fronte que teriam defendido com pouco dispendio de homens e de munições.

Antes d'este programma ter sido posto em execução, d'ambos os lados combatia-se valentemente pela posse de Matchko Kamen e outras posições vantajosas. Os austriacos não só não mostraram desejos de renovar a offensiva em região tão difficultosa, mas ficaram sem duvida desconcertados pelos progressos do exercito de Uzitsha, que penetrou a consideravel distancia na Bosnia. Por seu lado os servios ficaram egualmente satisfeitos por conservarem o terreno de que se haviam apoderado, porque as operações effectuadas foram as mais violentas e sanguinolentas de toda a campanha.

As perdas soffridas por ambos os lados eram, em comparação com as forças que entraram na acção, verdadeiramente enormes e uma estatistica servia avalia essas perdas em mortos, feridos e prisioneiros em

mais de 30.000 homens postos fóra de combate.

Seguindo o exemplo das grandes batalhas nas frontes occidental e oriental, os dois exercitos entrincheiraram-se em posições que fortificaram e foram dia a dia tornando mais difficeis para um ataque, construindo linha sobre linha de trincheiras.

Durante todo o periodo entre a segunda e a terceira invasões, os austriacos esforçaram-se persistentemente por abrir caminho n'um ou n'outro dos sectores da linha divisória das duas forças. Tinham, como já dissemos, retido em seu poder apenas dois pequenos tractos triangulares de territorio servo. Ao norte de Matchva occuparam um tracto de planicie pantanosa-Ravnje-Tolich-Jarak—emquanto mais ao sul a sua conquista se limitára a uma parte montanhosa pouco povoada, abrangida pela linha Smrdan-Taminovich-Zvornik.

O exercito servio de Uzitsha avançára pela Bosnia até Vlasenitza. Parece que o commando austriaco deliberou, em virtude da resistencia que os servios offereciam n'aquelle theatro de operações onde nova offensiva alcançaria nenhuns ou poucos successos, que as forças se entrincheirassem e conservassem o terreno que possuiam. Mais ao norte, comtudo, haviam chegado finalmente a comprehender a enorme importancia estrategica das montanhas Guchevo.

No fim das operações que constituiram a segunda invasão, essas montanhas ficaram em poder d'ambos os exercitos, que se degladiaram n'uma lucta feroz e sanguinaria pela sua posse. Em alguns pontos as forças inimigas eram separadas apenas por alguns metros, ao passo que n'outros mediavam perto de dois kilometros entre as suas trincheiras. Toda a arte de sitio foi empregada por ambos os lados nos constantes combates que se deram, mas a engenharia servia demonstrou a sua superior iniciativa, como se evidenciou exactamente antes da retirada servia, quando conseguiu abrir uma mina em 91 metros de uma trincheira austriaca e fazer ir pelos ares 250 dos seus defensores.

Foi esse facto uma ultima tentativa para conquistar as cumiadas e um tragico commentario á escacez de munições que os servios tinham e que deu vantagem ao inimigo, porque o commando servio fôra obrigado a fixar o numero de tiros que cada canhão podia disparar e a cessar a offensiva logo que esse numero era attingido.

Embora os servios repetidas vezes demonstrassem a sua superioridade sobre o inimigo, foram sempre dominados pelos canhões de sitio austriacos que guarneciam a montanha da margem esquerda do rio Drina, e embora os valles de Guchevo se tingissem com o sangue de milhares de victimas d'ambos os exercitos, o fim das operações veiu encontrar as duas forças na mesma posição que haviam occupado durante a segunda invasão.

Um pouco mais ao norte, ao longo da fronteira do Drina, os austriacos tinham um pé em territorio servio em Kuriachizta, mas foram impellidos para a margem esquerda até ao tracto de terreno triangular que representava a sua conquista de Matchva no nordeste.

Emquanto soffriam um continuo bombardeamento das linhas servias entre Kuriachizta e Parashnitza e Ratcha, foi ao longo da linha de Parashnitza a Shabatz que elles dirigiram o seu principal ataque para avançarem para o sul. Adoptando essa tactica, preoccuparam-nos duas grandes considerações, a primeira das quaes era que n'essa linha um poderoso auxilio lhes poderia ser prestado pelos seus monitores fluviaes, e a segunda que o territorio servio que occupavam era muito baixo, pelo que as suas trincheiras facilmente se inundavam e se tornavam insustentaveis.

A experiencia tinha-lhes ensinado que, a despeito da batalha do Jadar, os servios eram mais vulneraveis em terra alta e que encontrariam menos difficuldades em avançar nas planicies de Matchva do que no montanhoso e interrupto territorio mais ao sul.

Vista a preponderancia do numero e as munições que os austriacos tinham, assim como o conhecimento da falta de munições com que os servios luctavam, é questionavel se o estado maior não teria andado melhor em resolver abandonar por completo Shabatz e a planicie de Matchva, retirando-se para as cumiadas das montanhas Tzer e para a margem do rio Dobrava.

O não o fazerem foi devido aos massacres commettidos e á devastação causada pelos austriacos durante a primeira invasão. Essas manifestações de barbarismo foram uma completa surpresa para todas as classes do povo servio. Em 1914, mesmo os officiaes tinham deixado suas familias nas cidades fronteiriças sem preoccupação alguma, porque imaginavam que guerreavam contra uma nação civilisada que pouparia os não combatentes, como é de uso e lei. Quão terrivel foi o seu erro só mais tarde o souberam.

Fez-se uma concentração que deixou á mercê dos bandos de rapinantes que acompanhavam os exercitos austriacos o rico e fertil districto de Matchva e o general Putnick desenvolveu as suas divisões d'um modo que em breve se viu não ser o mais apropriado.

Pouco antes de retirarem de Matchva, os servios conseguiram metter no fundo um dos maiores monitores fluviaes austriacos, os quaes todas as noites, munidos de poderosos projectores, exploravam as margens servias, indicando ás suas forças para onde deviam disparar e fazendo assim com que as trincheiras inimigas fossem cobertas d'uma verdadeira saraivada de shrapnels e granadas, sem poderem responder, por falta de munições, como já dissemos.

Na noite de 21 para 22 d'outubro, dois d'esses monitores, entre os quaes aquelle a que nos referimos, bateram em minas que os servios haviam conseguido lançar, afundando-se e perecendo toda a sua tripulação.

Depois de quasi seis semanas de grande resistencia ás tentativas austriacas para atravessar o Drina, a que se seguiu uma serie de combates para a posse de Guchevo, os servios foram finalmente forçados a retirar. Varias causas contribuiram para tal resolução. Com a chegada do inverno as trincheiras nas margens do rio e na inundada planicie de Matchva tornaram-se insustentaveis; os ataques austriacos redobraram de intensidade; a preponderancia do numero e das munições que estes tinham; a falta de munições dos servios e a fadiga phisica e moral dos homens por uma lucta ininterrupta, tudo levou o general Putnik a ordenar a retirada para as fronteiras.

Tão extensa era a linha servia em proporção com as forças do seu exercito que, forçosamente, os soldados tinham de estar vigilantes de dia e de noite nas trincheiras. Ora tal facto cançava-os muito mais do que a propria lucta. Tal tensão nervosa tornou-se insupportavel, tanto mais que os soldados tinham de continuamente correr d'um para outro sector, onde o inimigo esboçava um assalto.

Por isso, os dictamens da estrategia militar prevaleceram ás considerações politicas e foi dada ordem de retirada ás tropas para a base dos contrafortes das montanhas Tzer e para as cumiadas da margem direita do rio Dobrava.

Essa retirada teve de se estender a toda a linha, em virtude de se não ter podido sustentar a posição de Guchevo.

Assim animados, os austriacos avançaram sobre a fronteira de Shabatz a Liubovia. Os servios travaram uma serie de combates na vanguarda, mas o inimigo, convergindo sobre Valievo em esmagadora força, rapidamente tornou essa posição insustentavel e o quartel general teve precipitadamente de a evacuar a 11 de novembro e de se transferir para Kragujevatz.

Valievo era uma cidade de consideravel importancia estrategica. Centro d'umas poucas de estradas que elevavam a Shabatz e ao rio Drina e a Obrenovatz, Belgrado e Kra-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1784 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 24 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A OBRA LEGISLATIVA

O que o parlamento tem produzido

A fecunda iniciativa dos membros do novo congresso é digna de registo

Conhecida, como é, a fecundidade legislativa dos representantes da nação, exercida sempre com os mais puros intuitos de servir interesses que reclamam immediata attenção, não póde deixar de ser curioso dar a conhecer a lista completa de quantos projectos e propostas de lei teem surgido em S. Bento désde que principiou esta sessão extraordinaria, que tão placidamente está decorrendo. Devidamente agrupados pelo que respeita aos deputados, esses diplomas, entre os quaes ha, decerto, muitos que não alcançarão nunca um raio de benevolencia das commissões, e que por lá ficarão jazendo, como coisas inuteis, para todo o sempre, são os seguintes:

De interesse geral

Aresta Branco, regulando o fabrico de tipos de farinha de trigo e a importação d'esse cereal; commissão de legislação civil e commercial, interpretando o artigo primeiro da lei de separação dos funccionarios publicos; Francisco Cruz, alterando a lei da caça; Fernandes Costa, isentando as camaras municipaes com serviços municipalisados de pagamento de contribuição industrial por esses mesmos serviços; F. José Pereira, regulando o exercicio da arte de pharmacia; Ramos da Costa, estabelecendo o pagamento d'um imposto geral supplementar aos contribuintes que residem no estrangeiro mais de seis mezes em cada anno; Gaudencio Pires de Campos, regulando a cultura do arroz; abolindo o imposto de consumo sobre o bacalhau nacional; regulando a venda do arroz portuguez; amnistiando os crimes politicos praticados até 20 de maio ultimo; Freitas Ribeiro, creando a medalha «Republica» para os revolucionarios de 14 de maio; Nunes Loureiro, mantendo pensões ás familias dos militares prisioneiros de guerra; Marianno Martins, annulando transgressões; Rodrigo José Rodrigues, creando, junto á cadeia nacional de Lisboa, um instituto de criminalogia; creando a inspecção e administração geraes dos estabelecimentos prisionaes para maiores.

De interesse regional

Angelo Vaz, auctorisando a camara do Porto a contrahir um emprestimo de 3.000 contos para melhoramentos na cidade (já approvado nos deputados); Pires de Vasconcellos, isentando a camara de Méda do pagamento de contribuição de registo pela compra d'um predio para as repartições publicas; Arthur Leitão, creando uma Relação em Coimbra; Bernardo Lucas, incorporando no concelho de Villa Nova de Gaya as freguezias de Mafamude e Santa Marinha (approvado); Carlos Olavo, sobre isenção de direitos sobre o milho na Ilha da Madeira; concedendo o extincto convento de S. Francisco á camara da Ribeira Brava, para paços do concelho; auctorisando o governo a vender o passal da freguezia de Serra d'Agua para construção de duas escolas; F. Sousa Dias, auctorisando a commissão municipal de Benavente a acceitar as casas que lhe foram oferecidas pela commissão de soccorros ás victimas do terramoto; Joaquim Ribeiro, alterando o traçado da linha ferrea que vae da linha do norte a Tomar; Joaquim de Oliveira, isentando do pagamento de direitos as camaras que importarem artigos para illuminação electrica; A. Pereira, concedendo regalias á camara de Vizeu; Barbosa de Magalhães, elevando a central o liceu d'Aveiro.

De interesse de classe

Sá Cardoso e Pereira Bastos, regulando a promoção de alferes metariado militar, veterinarios e quadros auxiliares; Alfredo Ladeira, reduzindo o quadro dos guardas de saude do porto de Lisboa; Cruz e Sousa, augmentando os quadros permanentes do exercito metropolitano; Teixeira de Vasconcellos, mandando submetter a uma junta de saude todos os officiaes de reserva e reformados; Marques Mantas, confiando a professores extraordinarios a regencia de disciplinas liceaes em casos de urgente necessidade; Domingos da Cruz, alterando as designações dos officiaes inferiores da armada; estabelecendo que não saia dos quadros o pessoal da armada que vá prestar serviço da sua especialidade no ministerio das colonias; prohibindo abonos por tarefas e serões ou trabalhos extraordinarios em todas as repartições do Estado; fixando os vencimentos das praças da armada que forem julgadas incapazes para o serviço; Helder Ribeiro, regulando o preenchimento de vagas de professores existentes na Escola de Construcções, Industria e Commercio; Pereira Bastos, modificando a lei que reorganisou o exercito; mandando convocar os cabos e soldados com exame de instrucção primaria para frequentarem o curso de sargentos; alterando a forma de promoção a 1.os cabos; R. de Carvalho, concedendo 60 dias a todos os parochos colados que quizerem fazer valer os seus direitos á aposentação; Costa Junior, sujeitando a uma junta todos os officiaes pertencentes ás classes inactivas do exercito; regulando os serviços pharmaceuticos no exercito.

Por sua vez, o governo tem levado até agora ao Parlamento as seguintes propostas de lei:

Presidente do ministerio, auctorisando o governo a mandar proceder a um arrolamento da lã actualmente existente no paiz; prohibindo a exportação para Inglaterra dos vinhos licorosos que não tenham as suas marcas garantidas por lei; ministro do interior, reorganisando os quadros das secretarias dos governos civis de Lisboa, Porto, Funchal, Braga, Coimbra e Vizeu; ministro da justiça, restituindo ás juntas de parochia designados bens, arrolados por effeito da lei da separação; ministro das finanças, auctorisando o governo a cobrar as receitas e ordenar as despezas pelas forças de um duodecimo do orçamento apresentado para o exercicio de 1914-1915; ministro da guerra, regulando o provimento de empregos publicos por sargentos; ministro da marinha, remodelando os vencimentos das praças do corpo de marinheiros com graduação inferior a 2.º sargento; determinando a maneira de applicar o saldo disponivel do credito extraordinario aberto para despezas do ministerio da marinha resultantes da conflagração europeia; fixando os vencimentos do official encarregado do posto radio-telegraphico de Monsanto e do respectivo pessoal; concedendo varios beneficios aos operarios do Arsenal, feridos no 14 de maio; melhorando a reforma dos officiaes auxiliares do serviço naval; concedendo uma gratificação ao official auxiliar do serviço naval que prestar serviço na D. do M. de guerra de marinha; ministro do fomento, abrindo um credito especial de cem contos para reforçar a verba da exploração dos correios, telegraphos e industrias technicas; modificando o regimen cerealifero; ministro das colonias, abrindo um credito de 1.350 contos para despezas com as forças em Angola; idem, de 160 contos para as forças expedicionarias de Moçambique.

E' este o balanço da obra legislativa a que se teem dado o governo, os senhores deputados e os illustres senadores da Republica desde que o Parlamento reuniu até agora.

De interesse individual

Freitas Ribeiro, prorogando por mais quatro annos a permanencia do addido naval portuguez em Londres, o qual, segundo a lei, só ali póde permanecer um anno.

No Senado foram tambem apresentados os seguintes projectos:

Antonio Maria Baptista, mandando trancar as penas disciplinares aos revolucionarios de 14 de maio; Elysio de Castro, reintegrando no magisterio certos professores; Jeronymo de Mattos, prohibindo a exportação de vinhos licorosos que não sejam do Douro; Estevam de Vasconcellos, creando na secretaria do Fomento uma Direcção Geral do Trabalho e Previdencia; Lourenço Serro, regulando as transferencias dos professores dos lyceus; Fortunato da Fonseca, prohibindo a quaesquer entidades encarregadas do arrolamento de objectos artisticos, pertencentes ao Estado, negociar com objectos da mesma natureza.

Dr. Affonso Costa

Entra em convalescença, tendo regressado a sua casa

Tendo entrado em convalescença, o sr. dr. Affonso Costa retirou hoje do hospital de S. José, pelas cinco horas e meia, recolhendo a sua casa, na rua Duque de Palmella.

No automovel que o conduziu, do dr. Costa Nery, acompanharam-no este clinico, os drs. Bessa de Carvalho e Antonio Tudella e os srs. Arthur Costa e José Quartin.

O vehiculo desceu a avenida do hospital onde fica o quarto que o enfermo occupava rodeado por um grupo de socios do Centro Almirante Reis, que se dispunha a acompanhal-o até casa, mas á sahida do portão um membro da junta de parochia do Soccorro fez-lhe vêr que isso demoraria muito o percurso, e então dispersou, seguindo o automovel pela rua de S. Lazaro, Campo dos Martyres da Patria, rua Gomes Freire, em direcção á Praça Marquez do Pombal.

A' entrada do pavilhão do hospital onde esteve o sr. dr. Affonso Costa foi affixado um agradecimento do enfermo a todos os seus amigos e mais pessoas que se interessaram pelas suas melhoras.

Em casa do sr. dr. Affonso Costa, a sua chegada foi uma agradabilissima suspreza para sua familia, que não fôra informada do regresso.

Muito bem disposto, esteve conversando com as pessoas de familia e os amigos que o acompanharam até no meio dia.

A essa hora, foi-lhe feito o penso, tomou uma ligeira refeição e adormeceu; a acompanhal-o ficaram seu sobrinho, dr. Alvaro Costa, e o dr. Tudella.

Os medicos recommendaram a continuação de absoluto socego, podendo apenas receber os seus amigos durante uma hora cada dia.

A' porta de casa foi affixado um boletim dizendo que o enfermo entrou em convalescença e que não serão publicados mais boletins.

Tendo tido conhecimento do seu regresso a casa foram alli deixar bilhetes, entre outros, os srs. Filippe da Matta, encarregado dos negocios do Mexico, Balthazar Ferreira, Martinho Charneca, Cerveira de Albuquerque e Antonio Maria Machado.

Uma commissão de republicanos da freguezia de Santos-o-Velho, composta dos srs. José Amaro dos Reis, Manuel José Carneiro d'Aguiar, Paulo dos Santos Fernandes, Antonio Brigadas e Raul Valente, querendo festejar as melhoras do sr. dr. Affonso Costa resolveu, com o apoio das juntas politica e de parochia da mesma freguezia, dar um bodo aos pobres e realisar um banquete de confraternisação republicana.

Em Belem, commemorando o restabelecimento do sr. dr. Affonso Costa organisou-se tambem uma commissão composta dos srs. major Pinto d'Almeida, alferes Duarte Gomes e srs. João dos Santos Silva, Henrique dos Santos e Silva e Augusto Filippe da Costa, que distribuirá um bodo.

Projecta-se uma excursão do Porto a Lisboa, para vir saudar o sr. dr. Affonso Costa. A excursão será acompanhada pela banda da guarda republicana d'aquella cidade e toda a correspondencia relativa ao assumpto deve ser dirigida ao Centro Eleitoral dos Defensores da Republica, rua Alves Correia, antigamente de S. José, 85, Lisboa.

VILLA NOVA DE OUREM, 22.—Reuniram na séde do Centro republicano portuguez as commissões municipal e parochial d'esta villa, que, além de tratarem de diversos assumptos entre os quaes de interesse para este concelho, assentaram que logo que esteja restabelecido o grande estadista sr. dr. Affonso Costa, seja feita uma festa de congratulação por esse motivo.

O administrador do concelho, sr. Arthur de Oliveira Santos, fez saber ás commissões politicas que concorrerá com a quantia precisa para a vinda de duas philarmonicas, a fim de tomarem parte na referida festa.

Haverá «pic-nic» no campo, illuminações, descantes populares, e sessão solemne no Centro republicano.

Franqueza

Ha certas virtudes que são perigosas.

A franqueza, por exemplo, póde ser uma força ou uma fraqueza, uma qualidade nobre ou um defeito grosseiro. E' uma arma que, segundo a mão que a maneja, se torna admiravel ou mesquinha.

No fundo é uma palavra de sentido variavel. E' muitas vezes a mascara de sentimentos brutaes e quasi sempre a caricatura da sinceridade.

As palavras, como os homens, teem a mocidade, o apogeu da força, é depois deformam-se e decahem.

A franqueza appareceu magestosa e soberba rodeada pelos seus nobres attributos de coragem e de lealdade. Era uma divindade magnifica sentada n'um throno opulento e revestida de uma couraça como as figuras symbolicas das grandes Virtudes segundo as visões dos mestres pintores da Renascença. E' uma palavra que nos vem de longe carregada de altas significações, ousada e generosa, calma, confiante e forte, redemptora e fraternal.

Nasceu com a missão de combater pela Verdade e destruir a Mentira; aspirava á união entre os homens; a sua espada flamejante era destinada a derrubar as muralhas dos preconceitos e a anniquilar a traição e a desconfiança. Em seculos idos foi tomada como estandarte pelas collectividades que conseguiam sacudir um jugo e alcançar algumas garantias de independencia. Significava: hombridade, firmeza, segurança, liberdade.

Era uma; tinha só uma face e os homens viam-n'a sob um aspecto unico.

Depois... envelheceu. E como as velhas que pretendem conservar sempre os mesmos attractivos e usam de artificios para o conseguir assim ella se transformou, se modificou e tomou aspectos diversos.

D'antes altiva, austera e inalteravel, hoje desdobra-se e adapta-se ao sabor das consciencias que a empregam.

* * *

Um deputado vae por uma rua fóra e encontra um amigo que lhe diz:

—Homem! que mania é essa de se vestir de manequim? Da sua edade e na sua situação um tal procedimento é ridiculo. Eu sou muito franco; digo o que penso. Encontrei agora a sua mulher; e no seu caso não a deixava usar aquelle chapeu espaventoso... A proposito, o seu filho sempre é muito mal creado! Não me leve a mal... isto é a minha franqueza. E já agora deixe-me dizer-lhe que o seu ultimo discurso foi um desastre. Você que é um excellente medico, para que se mette em politica? Deixe-se d'isso, homem!

E com uma grande palmada nas costas do amigo, o homem franco segue o seu caminho.

Isto é que se chama «franqueza de lavrador». N'este caso é não só a franqueza um defeito mas um procedimento vulgar do que lançam mão certas almas inferiores para alcançarem um simulacro de superioridade que as contente. Não é este um defeito inherente a pessoas de pouca educação. Tenho-o visto florescer entre as classes mais altas.

* * *

Ha uma outra especie de franqueza infinitamente mais delicada e perigosa porque chega a alojar-se nas almas de eleição. E' a que leva um irmão a dizer ao seu irmão todas as verdades, mesmo as inuteis, sob o pretexto de que nada lhe deve esconder.

Assim acontece que muitas vezes uma creatura excellente, para conseguir a commoda tranquillidade da sua propria consciencia, cria escusadas difficuldades e fundos desgostos que se podiam evitar, pelo simples facto de ter a «franqueza» de dizer uma verdade inutil e por vezes repleta de perigos.

Qual a vantagem de dizermos a um grande amigo:

—Meu querido camarada, sou muito franco e estimo-te demais para te esconder a verdade; digo-te sempre a verdade. Estás condemnado á morte; a tua doença é incuravel.

O infeliz não pestaneja sob o golpe. Quer mostrar o seu estoicismo. Mas apenas se sepára do amigo, que onda immensa de amargura!

De que serviu esta «franqueza»?

A Franqueza como todas as virtudes superiores deve obedecer á intelligencia e ao coração e deve ter um fim de utilidade. «Consiste, não em dizer tudo que se pensa, mas sim em pensar tudo quanto se diz.»

A pratica da verdadeira franqueza; da franqueza nobre que faz parte dos sentimentos delicados cujo conjuncto fórma a amizade, é muito difficil. Devemos ter a força de a usar com firmeza e sem medo quando ella se nos impõe como utilidade e vantagem para aquelles a quem estimamos, ainda que na empreza arrisquemos o nosso logar nos corações que nos são queridos; mas não a devemos confundir com a crueldade de dizer verdades duras e inuteis.

Obedecer a um impulso fugitivo de colera ou de irritabilidade ou simplesmente formular irreflectidamente um pensamento que nos tortura ou nos incommoda é o que se chama um desabafo e é perigoso.

Ferimos por vezes assim pessoas por quem dariamos a vida mas ás quaes não tivemos força de sacrificar um passageiro movimento de paixão ou um desfallecimento de vontade. A quem desejariamos todos os bens da terra, vamos assim roubar uma parcella de felicidade destruindo inutilmente uma pobre e innoffensiva illusão.

E de que é feita afinal essa coisa tão rara, tão preciosa e tão incansavelmente procurada pelos homens, senão de um conjuncto de pobres illusões?

Virginia de Castro e Almeida

Os russos annunciam ter causado grandes perdas ao inimigo

PETROGRADO, 24.—Official.—Proximo da aldeia de Sees prendemos um grupo de velocipedistas e uma patrulha de officiaes proximo de Mrouki. Na margem esquerda do Vistula repellimos um assalto inimigo contra os postos avançados de Ivangorod soffrendo o adversario grandes perdas. Na região de Lublin o inimigo soffreu tambem grandes perdas. Na margem esquerda do Xeeprk importantes forças inimigas que haviam conseguido apossar-se das nossas trincheiras foram repellidas soffrendo perdas enormes; tomámos seis peças de artilharia e fizemos 500 prisioneiros. As importantes reservas inimigas que avançavam das collinas de Zovichnia soffreram enormes perdas e não puderam transpôr o Bug.—(*Havas*).

Uma carta de Maria Leticia

«Maria Leticia», que deve ser uma thalassinha de cabello na venta, muito plebeia mas com pretenções a aristocrata, manda-nos uma descompostura a proposito do que aqui escrevemos do sr. Antonio Paes de Sande e Castro, moço monarchico que se naturalisou hespanhol... Na epistola de «Maria Leticia», vindo em reforço do sr. Alberto Monsaraz, cuja carta hontem por nós publicada é um *monumento*, lê-se o seguinte:

«Renegar a patria por odio á Republica... sim! Renegamos com todo o nosso odio de Nobreza a grosseira arremettida do jacobinismo. Viva El-Rei! O procedimento do joven Sande e Castro é, sem duvida, o sentir de todos os portuguezes de qualidade. Antes hespanhoes, prestando homenagem a um Rei, do que portuguezes adulando uma figura sem nascimento...»

Rica «Maria Leticia»! Quantos frades, quantos cavallariços, quantos cornetas das milicias deviam figurar e não figuram na tua frondosa arvore genealogica! Porque has de ter, por certo, uma arvore enramalhetada, oh «Maria Leticia»!, a não ser que uzes brazão e te julgues de «qualidade», apezar de filha de um carvoeiro, por exemplo, o que muito bem póde acontecer... D'um sujeito sabemos nós que se baba de goso ao falar dos «bem-nascidos» e se imagina fidalgo, não obstante seu pae vender bolas e carqueja e elle proprio alugar quartos...

O «odio de Nobreza»!
Os «portuguezes de qualidade»!
As figuras «sem nascimento»!

Bolas, sr.ª D. «Maria Leticia»: as bolas do honrado carvoeiro de matacões, cujo filho legitimo se orgulha de ser descendente d'el-rei D. João VI... o que não está provado. Para honra d'elle o dizemos...

O CORPO DE POLICIA

Urge que se faça a sua remodelação

O que nos diz um membro da commissão encarregada de estudar o assumpto

Urge que se faça uma remodelação na policia. Dentro do organismo novo com que a Republica dotou politica e socialmente o paiz, não póde continuar a viver esse corpo velho, carcomido, que traz estygmatisados todos os vicios do antigo regimen.

Ao que parece, o governo comprehendeu logo o dever de resolver este momentoso assumpto, registrando ha dias a imprensa a noticia de que o sr. ministro do interior estava trabalhando no projecto de reforma da policia, a fim de brevemente o apresentar ao parlamento.

Quaes são os pontos capitaes a que obedecerá a projectada remodelação? Eis o que procuramos saber, recorrendo, para isso, á gentileza de um dos membros da commissão que está coadjuvando o sr. ministro do interior n'esses trabalhos.

Diz-nos o nosso entrevistado, logo que o interpellamos sobre o projecto, em questão:

—Primeiro do que tudo é necessario partirmos do principio de que as melhores leis não passam do papel, quando o pessoal que as deve executar não seja convenientemente seleccionado. Urge que se reforme a policia, mas a uma boa organisação deve corresponder gente apta e da confiança absoluta das instituições. De contrario, todos os esforços que se empreguem para melhorar o nosso serviço policial resultarão inuteis.

«A policia deve-se organisar de maneira a poder-se contar com ella para este duplo fim:—o de exercer uma vigilancia sobre o proprio Estado e dispensar protecção aos cidadãos. Longe de nós está a ideia de fazermos da policia um baluarte para qualquer partido politico! Sômos de opinião, antes, que essa corporação, como qualquer outra que tenha por objectivo manter a ordem publica, se deve conservar estranha a quaesquer manejos politicos, merecendo, todavia, a confiança de todos os governos republicanos e contando com o prestigio publico.

Feito este pequeno introito, o nosso entrevistado consulta um masso de apontamentos, de notas, para depois volver a elucidar-nos:

—A ideia do sr. ministro do interior é fazer quanto possivel a descentralisação da policia, como está já feita em alguns dos paizes mais adeantados da Europa e da America. Essa descentralisação não impede, porém, de se estabelecer uma especie de intendencia superior, encarregada de coordenar todos os serviços policiaes. Está naturalmente indicado onde se deve installar a intendencia a que me refiro. E' ao ministerio do interior que compete a ordem publica, pois seja ahi feita a coordenação dos serviços policiaes, mas com caracter permanente. Não se comprehende que, competindo ás funcções do *ministerio* do interior zelar pela ordem publica, ás 4 horas da tarde estejam já cerradas as suas portas, não se permittindo, até ao dia seguinte de manhã, tomar qualquer medida de providencia, a não ser em caso muito excepcional.

Uma nova pausa, novos papeis compusados e o membro da commissão incumbida de estudar a reforma da policia e que amavelmente se promptificou a informar-nos prosegue:

—Procuramos conseguir a descentralisação, como já lhe disse. Para isso estabeleceremos diversos commissariados, gosando de certa autonomia—é verdade—, mas na superintendencia da repartição, creada, com esse fim, no ministerio do interior. No nosso projecto instituimos a policia administrativa, a policia de segurança, a judiciaria, a de emigração e de transito, a urbana e, finalmente, a preventiva que, pelo fim especial que visa, deve ser recrutada, sobretudo, entre os verdadeiros amigos das novas instituições. Propomos tambem a extincção da repartição autonoma de investigação judiciaria policial, como está no espirito popular que, de ha muito, a vem reclamando. No emtanto, devem ser collocados dois magistrados, um junto da policia de Lisboa e outro da do Porto. Escuso de lhe dizer que a reforma que vamos apresentar no parlamento aproveita a todo o paiz, porque os novos commissariados que desejamos que sejam estabelecidos na capital devem ser creados tambem nas differentes sédes de districto, onde, presentemente, o serviço policial está sendo feito de uma fórma muito desordenada e obedecendo ainda a empenhos, a influencias politicas. Olhe, por exemplo, o que se dá em Vianna do Castello e em Santarem: emquanto na primeira cidade ha apenas uma diminuta força de doze guardas, a segunda tem cincoenta!

«Que mais lhe posso dizer? Que a reforma da policia se impõe urgentemente e que o dispendio a mais que trará ao thesouro não chegará a setenta contos. E' tambem opinião minha que se deve desmilitarisar a policia, podendo-se, porém, nomear indistinctamente militares ou civis para os cargos superiores da intendencia, no ministerio do interior, comtanto que offereçam a condição de ser da confiança do governo. Não podemos tambem esquecer que entre os elementos que servem a policia, actualmente, muitos d'elles teem direitos adquiridos, devendo-se, portanto, formar um corpo novo, sim, mas não excluindo na sua composição aquelles que forem aproveitaveis.

Porque não sahiu hontem "A Capital"

A «Capital» d'hontem não foi vendida em Lisboa, ou antes, teve uma venda limitadissima, feita por um pequeno numero de distribuidores. Já não é a primeira vez que tal incidente surge na vida d'este jornal, cabendo-nos a obrigação de explicar ao publico as causas que lhe deram origem.

Estavamos informados desde antehontem de que se preparava uma gréve dos vendedores. Porquê? Não o sabiamos, visto que todos elles mantinham com regularidade as suas relações com a administração do jornal. Hontem, por volta das 18 horas, foi-nos apresentada uma reclamação em nome dos vendedores. Consistia no seguinte:

Que a venda na tourada do Campo Pequeno fôsse feita exclusivamente por uma pessoa que indicaram e que não era vendedor da «Capital» nem empregado da casa. Se essa reclamação não fôsse satisfeita, haveria gréve.

A essa reclamação—**a primeira**—respondemos que a venda nas touradas nocturnas era feita habitualmente por um empregado da casa, de nome Migalhas, mas que, para se attender quanto possivel o pedido formulado, iria tambem para o Campo Pequeno a pessoa indicada pelos vendedores.

Parecia que o incidente devia ficar liquidado. Mas não. Vieram então outras reclamações, uma de cada vez, demorando essas «démarches» até ás 22 horas e meia, hora a que entendemos dever mandar fechar a casa da venda, dando o incidente por liquidado quanto ao dia de hontem. Para completa elucidação do publico, inscrimos a seguir as reclamações que nos foram apresentadas e a resposta que lhes démos.

Segunda reclamação—Que a administração acceitasse todas as sobras do jornal da vespera, por ter sahido tarde. Respondeu-se que, de facto, o jornal tinha sahido mais tarde que de costume, por ter havido durante o dia falta de pressão de gaz, o que diminuiu a composição das machinas. Entretanto, deu-se ordem para ser augmentada a percentagem de tolerancia nas sobras, verificando-se depois que estas eram sensivelmente eguaes ás dos dias anteriores, o que tornava desnecessaria a reclamação formulada.

Terceira reclamação—Que se oppunham á permanencia de qualquer policia na casa da machina, exigindo a immediata sahida do guarda que

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—24-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXIX

As descidas de côche

Ha serão de opera no Theatro do Bairro Alto. Cantam a Luiza Rosa e a Angiola Bruzza. Dançam a primeira bailarina Guadagnini e o bailarino comico Banbilla. Já chegou a sége da senhora marqueza de Pombal. Espera-se el-rei D. José, o Patriarcha, toda a côrte. Um enxame empoado de casquilhos de cabelleira «de bandos» e de gravata de lençol, cuspidos de rendas, abordoados a bastões, enfiados em capotinhos de saragoça forrados de seda branca, o óculo de punho d'oiro erguido na mão, zumbe no soalheiro fidalgo do páteo do conde de Soure, coalhado já de séges de arruar, de liteiras de forões, de callejas alugadas no Pedro Fernandes, ao Noviciado das Chagas. Que faz ali, ao sol, toda aquella casquilhice pombalina, curvando-se em «Gloria Patri», arfando as ventas sensuaes, mirando pela vidraça dos óculos doirados, cochichando, sorrindo, espreitando, piscando os olhos? Assiste ao divertimento predilecto do casquilho de 1770, a um espectaculo mais saboroso ainda para elle do que os bailados da Rosa Campora ou do que os fandangos da Pepa ou da Joanna: assiste ás «descidas de côche».

O que foram as «descidas de côche» na historia voluptuosa do seculo XVIII portuguez?

Montesquieu, que soube surprehender os nossos ridiculos com um talento e uma subtileza incomparaveis, fez ácêrca dos portuguezes de 1720 esta observação feliz: «Ils permettent à leurs femmes de paraître avec le sein découvert; mais ils ne veulent pas qu'on leur voie le talon et qu'on les surprenne par le bout des piéds». Era rigorosamente exacto. O portuguez do século XVIII deixou a mulher decotar-se até á alma: mas ai d'ella se mostrasse sequér, ao ajoelhar-se na egreja, a ponta ligeira e inquieta d'um pé! A nudez colleante dos hombros; a revelação da polpa gloriosa das espáduas e dos collos, branca de polvilhos de França, ou da apojadura forte e ondulosa dos peitos, coalhada de trémulas de diamantes e dos topazios tão queridos, diz Twiss, das portuguezas de 1770,—não offendiam nem a virtude das mulheres, nem a hypocrisia dos frades, nem o sentimento de posse exclusiva que caracterisava, no seu orgulho crassamente hespanhol, a honra tradicional dos maridos. O seio nu foi, desde o terceiro quartel do século XVII até ao primeiro quartel do século XIX, a moda admittida e consagrada. Poderam as mercuriaes condemnar-lhe alguma vez o exaggero e o excesso; poude Frei Alexandre da Paixão estranhar, em 1668, «que os homens andassem enfeitados como mulheres e as mulheres nuas como maganas»; poude ainda Frei José de S. Cyrillo Carneiro, carmelita calçado, ulular, no tempo dos Francezes, «que era peccado mortal andarem as mulheres nuas de peitos e de braços»; poude, finalmente, o padre José Agostinho de Macedo, brandindo como um arrieiro o seu cacête apostolico, accusar na «Besta Esfolada» as malhadas gaivotas de «andarem meias nuas pela rua, e de quererem andar despidas de todo»: o uso tinha admittido os proprios desmandos das senhoritas da comédia e das mulheres-damas; os portuguezes passavam já pela nudez d'um seio com a indiferença maravilhosa de quem não via outra coisa á roda de si; só os estrangeiros paravam na rua, perturbados, cortejando, curvando-se, assestando o óculo, e exclamando, como em 1777 o «ci-devant» Duque do Châtelet: —«Que encanto, o das portuguezas! Não ha européa alguma que tenha melhor carnação!» O costume dos grandes decotes entranhara-se de tal modo nos habitos nacionaes, que quando, em 1764, appareceu a moda de velar o collo com lenços transparentes «á hungara», as mercuriaes choveram, os moralistas gritaram, a opinião geral considerou os peitos semi-velados como uma sollicitação abominavel ao peccado, voaram os lenços para sempre,—e a polpa branca de todos os seios voltou, livre e nua, a flammejar diamantes nos serenins de Queluz e nos pharaós do Paço, nas forçuras italianas dos Condes e na Opera real de Belém. Chegára-se ao absurdo de proclamar a nudez,—em nome da mais rigorosa moral!

E entretanto, a mulher portugueza do século XVIII, tão pródiga em revelar as maravilhas de carnação dos seus braços e do seu peito,—não poude, sem grave offensa do decoro e da virtude, mostrar a ponta d'um pé. A nossa moral de mosteiro e de cavallariça, sem harmonia e sem logica, usou dois criterios opostos de pudor: um, absolutamente pagão, da cintura para cima; outro, escrupulosamente catholico, da cintura para baixo. O seio nu podia mostrar-se á vontade; o pé, defendido, velado, calçado embora de espesso velludo berne,—todos os cuidados, todas as pólheiras, todos os guarda-pés pesados de escarcha d'oiro eram poucos para o occultar. Que succedeu? O que era inevitavel. A curiosidade voluptuosa do casquilho desviou-se, com indifferença, da nudez que se mostrava, para perseguir, para adivinhar, para adorar com paixão o encanto mysterioso que se escondia. D'ahi por diante, toda a volupia do século XVIII palpita, n'uma penumbra doirada e incerta, em volta d'essa ponta de pé ou d'essa nesga de perna, mil vezes sonhados e uma só vez entrevistos, que resumem, para o apaixonado de 1770, toda a graça occulta, toda a belleza inattingivel, todo o mysterio perturbador da mulher. Presentil-os n'um instante; surprehendel-os n'um relampago: eis a preoccupação suprema do casquilho. Mas como,—se os guarda-pés arrastam, pesados de prata; se os donaires pojam; se as pólheiras, sábiamente dispostas sobre o arco de levantar, defendem, a cada movimento, a perna que se furta e o pé que se esconde? Como e quando? Muito simplesmente: nas «descidas de côche». A «descida de côche» era a hora; era o *momento*; era o relampago. O côche parava, esticando os correões, no páteo dos Condes ou do Bairro Alto; erguia-se a casquilha, polvilhada e pingada de joias, sobre o persevão de tapete; e emquanto dez, vinte, trinta lunetas de punho d'oiro a espreitavam, a perseguiam, a devoravam,—assomava um pequenino pé, calçado de riço vermelho, abroxado de minas luzentes, tacteando o estribo; uma pantorrilha de sêda, esbelta como um collo de ganso heraldico, surgia, mordida de luz; e se os creados da táboa não corressem a aconchegar-lhe o guarda-pé, se a dona velha, primeira a descer, lhe não atirasse á frente a sombra do bióco,—as beatas tossiam, os casquilhos cahiam em extase, e havia jubileu até á liga...

—Porque será que os homens acham tanta graça a uma perna?—perguntava um dia a linda condessa de Soure, furiosa, ao descer do côche para um serão da opera de Belem.

Logo o marquez velho de Rezende, os punhos de renda espetados, offerecendo-lhe o braço:

—Porque é peccado, senhora prima.

JULIO DANTAS

SABBADO, 31:

XXX — A côrte e o pharaó

lá se encontrava. Respondeu-se que quasi todos os jornaes de Lisboa, como «Seculo», «Diario de Noticias», «Mundo» e o «Dia», quando se publica, teem um e até dois guardas a assistir á venda. A «Capital» tinha requisitado ha muito tempo para esse serviço um guarda, que era destacado da esquadra da Boa Vista.

Quarta reclamação—Que se prohibisse a sahida dos cegos antes da abertura da casa da venda. Respondeu-se que, effectivamente, se occupavam da venda da «Capital», ha muito tempo, tres cegos, mais dois aleijados e uma velha, a cada um dos quaes a administração do jornal concedia mensalmente o subsidio de 50 centavos, fóra a percentagem a que tivessem direito pela venda diaria. Os proprios vendedores tinham consentido que aquelles seus infelizes camaradas sahissem mais cedo, levando, comtudo, um numero limitado de jornaes para a venda.

Quinta reclamação—Que o jornal estivesse prompto a sahir para a rua, todos os dias, ás 20 horas e meia. Respondeu-se que não se podia tomar esse compromisso, visto que a hora da sahida do jornal dependia dos acontecimentos a tratar. Entretanto, procurar-se-hia fazer sahir o jornal o mais cedo possivel, notando-se que o numero de hontem devia sahir para a rua ás 21 e um quarto se não surgisse o incidente.

Sexta reclamação—Que a administração da «Capital» passasse a receber todas as sobras. Respondeu-se que a percentagem de sobras adoptada na «Capital» era egual á estabelecida no «Diario de Noticias» e «Seculo», de harmonia com um accordo estabelecido pelas emprezas jornalisticas quando d'um incidente aberto entre os vendedores e o «Seculo» e generalisado depois a todos os jornaes.

Foi depois de respondermos a essa ultima reclamação que decidimos mandar fechar a casa da venda, em face da inutilidade de todos os nossos esforços para a solução do incidente. A' hora a que escrevemos ignoramos ainda se a «Capital» poderá ser vendida hoje livremente, sem embaraços de qualquer especie.

Exames em outubro

A fim de ser assignada por quem o deseje fazer, está patente na calçada do Carmo, 5, tabacaria Julio, e na tabacaria Neves, no Rocio, até ao fim da proxima semana, uma petição, dirigida ao sr. ministro da instrucção, por uma commissão de paes, pedindo que haja nova epocha de exames em outubro.

Poeira da Arcada

Faz sempre bem ouvir em portuguez discorrer sobre alguns problemas dos muitos que n'este momento preoccupam as attenções do paiz. O pão está carissimo, como barateal-o? Os alvitres produzem-se numerosos, mas pouco mais valem que engenhosos processos de moer palavras que, ás vezes, sendo vistosas como bolas de sabão, quasi sempre são inuteis como alimento. Mas o essencial é fazer correr o tempo, sem impaciencia. E a nossa oratoria é um encanto. Emquanto a fome modela nas caras dos pobres as feições tipicas do desespero, um bom discurso consegue momentaneamente desvanecer os maus cuidados.

Assim é que nós realisamos o absurdo de vivermos sempre no vacuo, o que cria nos nossos pensadores grandes disposições para a metaphisica.

* * *

A rusga geral da noite passada levou para o governo civil trinta e dois individuos, muitos dos quaes vivem só de noite para não comprometterem as nossas paizagens e a civilisação das ruas.

A vadiagem que, entre nós, é o testemunho mais eloquente da nossa capacidade de resistencia aos golpes da fortuna, dando aos famintos habitos de principes, não é uma coisa deshonrosa. Um vadio talvez não seja um homem de bem no sentido corrente do termo, mas com certeza é uma creatura que, cedendo aos fatalismos do nosso sangue, mostra como se pode levar a vida com certos regalos, entregando á aventura um corpo e uma alma que encontram a bemaventurança n'uma alfurja ou n'uma estrumeira.

* * *

Se não existisse a modestia nunca as pessoas simples conheceriam o peccado do orgulho. Graças a ella, com os olhos no chão, os timidos experimentam ás vezes o prazer tentador de quem se sente Nero, sem incendiar cidades.

O serviço de telephones

Caro e mau

Continúa a Companhia dos Telephones a abusar da paciencia dos assignantes. Já não falamos no que vae cá por caso, onde ás vezes a nossa paciencia é posta á prova, gastando-se meia hora o mais em conseguir obter uma ligação. Agora é uma assignante, madame Lacombe, que se queixa de se ver, de quando em quando, privada d'esse meio de communicação, sem que providencias sejam dadas, apezar das reclamações que dirige á direcção da Companhia.

Quando entenderá a omnipotente Companhia que tem obrigação de bem servir o publico, que lhe paga e a sustenta?

A nova questão Hinton

AS EMPREZAS ASSUCAREIRAS DA Africa portugueza foram informadas, no mez de junho proximo passado, de que a firma W.m Hinton and Sons, concessionaria do fabrico do assucar na Ilha da Madeira, tinha apresentado ao governo portuguez uma reclamação contra a lei de 15 de agosto de 1914, que regulou o regimen da importação, na metropole, do assucar produzido nas colonias africanas, e de que essa firma se propunha obter a revogação d'aquella lei, sob a ameaça da exigencia de algumas centenas de milhares de libras, se a lei continuasse em vigor.

Reunidos os representantes de todas ás Emprezas assucareiras, tanto da Africa occidental como da oriental, pareceu a alguns d'elles impossivel que a firma Hinton pudesse apresentar essa reclamação, por isso que nenhum prejuizo resultaria, para essa firma, das disposições da lei de 15 de agosto que concedem, apenas, um augmento relativamente pequeno na quantidade de assucar colonial que tem direito a bonus até ao anno de 1918, em que termina o privilegio concedido áquella firma, pelo decreto de 11 de março de 1911.

Nomearam comtudo uma commissão que ficou encarregada de defender os interesses das Emprezas coloniaes, logo que estes fossem atacados pela firma Hinton.

E' no desempenho do encargo que nos foi confiado que vamos discutir as affirmações que, ácerca do assumpto, esta firma publicou n'um folheto que está sendo largamente distribuido em Lisboa.

Em artigos successivos, mostraremos que a firma Hinton, mais uma vez inventou um pretexto para obter do governo portuguez um *resgate vantajoso* da sua fabrica (como se diz no folheto) ou a prorogação do monopolio que actualmente disfructa, como outros affirmam.

Para conseguir um d'estes fins, com que muito lucraria, não hesita a firma Hinton, no folheto publicado, em empregar todas as invenções que podem occorrer a um advogado de imaginação fertil, para fundamentar o seu pretendido direito a apresentar uma reclamação contra a lei de 15 de agosto de 1914.

Com effeito, quem conhecer esta lei sabe que, pelas suas disposições, é prorogado por 20 annos o prazo para a concessão do bonus de 50 °|o dos direitos alfandegarios para o assucar que, até á quantidade de 6.000 toneladas, fôr importado no continente e produzido em cada uma das provincias de Moçambique e de Angola, e que esta quantidade será annualmente augmentada de 600 toneladas, desde que, em qualquer das provincias, se produzam mais de 6.000 toneladas de assucar.

Como o privilegio concedido á firma Hinton termina em 1918, succederá que no ultimo anno da concessão, que é evidentemente o mais desvantajoso, se poderão importar, de Moçambique e de Angola, 18:000 toneladas de assucar, em vez das 12:000 toneladas a que anteriormente era concedido o bonus.

O consumo de assucar no continente é superior a 80:000 toneladas e portanto ninguem poderá acceitar que a importação de 6:000 toneladas a mais das colonias, com direito a bonus, possa prejudicar a venda do assucar produzido na Ilha da Madeira.

E' absolutamente indifferente, para essa venda, que este assucar seja importado das colonias ou do estrangeiro, desde que os assucares coloniaes com direito a bonus, pela lei de 1914, o assucar da Madeira e ainda o dos Açores não chegam, em 1918, para o consumo nacional.

Não tendo, portanto, motivo algum para reclamar, a firma Hinton inventou um pretendido monopolio dos assucares coloniaes, que só existe na sua imaginação, e, por esta fórma, não só procura tornar antipathicas ao paiz as Emprezas assucareiras africanas, mas ainda pretende arranjar um pretexto plausivel para fundamentar a reclamação que apresenta.

A firma Hinton, monopolista do fabrico do assucar no Funchal, da venda do assucar na Ilha da Madeira, da importação no Funchal de assucar colonial com 50 °|o de bonus, e ainda do fabrico e venda do alcool de melaço na Madeira, conjunctamente com outra fabrica, não tendo outro meio de apresentar uma reclamação contra uma lei votada para promover o fomento das colonias africanas, inventou um monopolio que todos os que conhecem a nossa industria assucareira colonial sabem que na realidade não existe.

Como consequencia da sua invenção, affirma o folheto que será certa e rapida a ruina da Ilha da Madeira por isso que as Emprezas coloniaes vão innundar o mercado nacional com o assucar que produzem em Africa e que é mais do que sufficiente para o consumo.

E' verdade que o mesmo folheto, depois de ter affirmado que esse plano produzirá immediatamente a destruição da cultura de cana na ilha da Madeira, confessa, a paginas 34, que este anno a firma Hinton teve propostas para a compra do assucar que produzir a preços que são muito superiores aos dos annos anteriores, e que deixarão a essa firma, como depois veremos, um extraordinario lucro e não o prejuizo que está indicado no folheto.

O que succedeu este anno continuará a acontecer nos annos seguintes, não só por serem inteiramente phantasticos os planos que a firma Hinton attribue ás Emprezas coloniaes, mas ainda pela preferencia que as refinarias portuguezas dão ao assucar da Madeira por ser superior ao tipo 20 da escala hollandeza, pela isenção de direitos de que goza, e portanto mais proprio do que os assucares coloniaes para o fabrico dos assucares refinados mais brancos, é que por isso se vendem por melhor preço. A firma Hinton sabe isto melhor do que nós, mas para fundamento da sua reclamação precisa de fazer suppor que receia realmente não vender o assucar que produzir aos mesmos preços a que o fazia anteriormente á publicação da lei de 15 de agosto de 1914.

Desde o mez de abril do actual anno os assucares coloniaes não teem obtido no mercado preço superior a 26 centavos o kilo, emquanto que o assucar da firma Hinton tem sido vendido ao preço minimo de 28 centavos.

Comparando este preço de venda com o preço de custo indicado no folheto, a paginas 11, de 16 centavos, vê-se que, attendendo mesmo ao accrescimo de despezas causado pela guerra europeia, a firma Hinton nada tem perdido com o tal pretendido monopolio nem mesmo com as circumstancias anormaes da presente occasião.

Para que as pessoas que lerem o folheto da firma Hinton possam ver o grau de confiança que devem merecer as affirmações feitas n'esse folheto, devemos dizer que, a paginas 33, se lê o seguinte:

«Antes de promulgada a lei de 15 de agosto, os preparadores do monopolio compravam para as suas refinarias o assucar da Madeira pelo preço mundial accrescentado da importancia total das imposições que incidem sobre o estrangeiro.»

Ninguem pode duvidar de que a firma Hinton deve saber com inteira exactidão o preço por que vendeu o seu assucar nos annos de 1913 e 1914 (antes da declaração de guerra), pois a verdade é que este preço não corresponde á phrase do folheto que acima transcrevemos; no anno de 1913 essa firma deu, sobre os preços mundiaes dos assucares accrescidos das imposições alfandegarias, o desconto de 4,5 por cento e no anno de 1914 o de 4 °|o, sendo em ambos o pagamento feito a 60 dias de prazo, o que corresponde ainda a um desconto de um por cento.

Se fosse verdadeira a base de preço do assucar indicada no folheto, os preços de venda teriam sido respectivamente de escudos 196$38 por tonelada em 1913 e de escudos 200$98 em 1914, emquanto que os preços reaes foram de escudos 187$51 em 1913 e de escudos 192$93 em 1914.

Como se trata comtudo de fundamentar um pedido de indemnisação, é claro que os preços superiores conduzem a melhores resultados.

Quando o folheto é inexacto ácerca de um assumpto de que a firma Hinton tem perfeito conhecimento, pode-se suppôr da exactidão dos numeros citados no mesmo folheto e de que o seu auctor só pode ter indicações geraes ou fazer deducções do que se encontra nos livros.

Antes de terminar este artigo não podemos deixar de assegurar aos cultivadores de cana na Ilha da Madeira que as Emprezas coloniaes não pretendem de qualquer fórma prejudical-os na justa protecção que os governos julguem necessario conceder-lhes, estando mesmo promptas a cooperar com elles, para que nenhum prejuizo soffram nos seus interesses.

O que as Emprezas coloniaes não acceitam é a inteira solidariedade entre os cultivadores de cana no Funchal e a firma Hinton. Terminado o actual regimen, em 1918, accreditam que, cessando o monopolio actual, resultarão d'este facto, beneficios para a Ilha da Madeira.

Em successivos artigos continuaremos a analisar as diversas affirmações do folheto da firma Hinton.

Pelas Emprezas Assucareiras da Africa Portugueza

A. Sousa Lara
Guilherme d'Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo

Migalhas

Opiniões

Ha tres annos que não assistia a uma tourada. Hontem á noite, para vêr se combatia uma horrivel enxaqueca, deitei até ao Campo Pequeno e ali, durante quasi duas horas, distrahiram-me, mais do que o decorrer monotono da lide, as vibrações contradictorias do publico. Nós, portuguezes, passamos por não entender nada de coisa nenhuma, excepção feita de touros e de politica. Todos temos uma opinião formada não só ácerca do Manuel dos Santos e do dr. Antonio José de Almeida, como tambem do José Casimiro e do dr. Affonso Costa, esses dois especialistas do ferro curto citado á tira.

Pois bem. Durante a lide não houve maneira do publico estar de accordo uma vez só. Se o «diestro» hespanhol dava uns «passes» de capote, uns berravam: «fóra!» porque o «hombre» estava cortando as pernas ao bicho. Outros gritavam:—«Olé!» porque o funccionario tinha endireitado a cabeça ao animal. Quando o espada bandarilhou, houve o diabo. Queriam uns que a musica tocasse, como é praxe no reino visinho sempre que o cathedratico empunha «los palos»; berravam outros que a fanfarra mettesse o trombone no sacco, porque distrahia o boi. Terminada a lide équestre e pedestre dividiam-se as opiniões. Uns bradavam:—«Toca!»; gritavam outros:—«A' unha!» E entre palmas e assobios decorreu o espectaculo. Havia delirantes que arrojavam os chapéus á praça. Havia os rabiosos que assobiavam com quantos dedos podiam metter na bocca. Comparando o que estava vendo com o que vejo todos os dias, conclui que a vida nacional é uma tourada permanente e que nunca será possivel pôr os portuguezes de accordo, nem mesmo nas duas unicas coisas de que entendem, ao que se diz: politica e touros.

André Brun.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, do André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»), 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O plano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Tolouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

Menor desapparecido

De sua casa desappareceu ante-hontem o menor de 15 annos José Consiglieri Pedroso cuja familia se encontra na maior consternação, pedindo-lhe, caso leia esta noticia, o seu immediato regresso.

Jantares Concertos

Teem attrahido grande concorrencia os jantares-concertos que habitualmente se realisam no casino de S. José de Ribamar, junto á alameda de Algés, pela primorosa confecção dos seus «menus» e magnifica execução do vasto reportorio do sextteto. Na ampla e fresca explanada do casino, de onde se disfructa um delicioso panorama da parte do Tejo, tambem são servidos jantares.

Para o de amanhã, para o qual já se acham marcados grande numero de logares, damos na secção competente o «menu» e programma do concerto.

ULTIMAS NOTICIAS

A colonia hespanhola em Lisboa

Como a aprecia o sr. Felix Lorenzo, redactor d'um jornal de Madrid

O sr. Felix Lorenzo é um jornalista hespanhol que tem vindo algumas vezes a Portugal em serviço de reportagem. Por ahi andou depois da revolução de 14 de maio, escrevendo chronicas de impressões e artigos de commentarios a que fizemos em tempo as devidas referencias, attribuindo os seus erros de apreciação e as suas inexactidões ao pouco escrupulo das pessoas que o informavam. Publicou recentemente um livro intitulado «Portugal», do qual tambem já apreciámos algumas passagens ácerca de factos da nossa politica interna. Hoje, queremos apenas dizer aos nossos leitores como é que o sr. Felix Lorenzo aprecia, n'uma das suas chronicas, a colonia hespanhola em Lisboa. Não deixa de ser interessante archivar as suas opiniões, sabendo-se que a quasi totalidade d'aquella colonia muito tem trabalhado pelo estreitamento das relações entre os dois paizes. Mas escreve o sr. Felix Lorenzo:

Ha em Lisboa 25 ou 30.000 hespanhoes; uns, o menor numero, estão aqui estabelecidos ha muitos annos e possuem meios proprios de existencia; outros, a grande massa, empregam-se em todo o genero de trabalhos e estão sujeitos a todas as contingencias da vida politica e da alta e da baixa commercial.

Quasi todos esses hespanhoes—pode calcular-se a percentagem de 99 por cento—são gallegos: laboriosos, pacientes, adaptaveis ao meio.

Não sei como pensariam esses nossos compatriotas em tempos da monarchia portugueza. Só posso dizer que quando falei com elles pela primeira vez, em plena revolução, eram mais republicanos que os mais ferverosos republicanos d'este paiz, e até formavam um bom contingente nas sociedades secretas.

Um d'elles, que reside em Lisboa ha quarenta annos e tem aqui uma posição brilhante, o sr. Varella Cid, presidente da Juventud de Galicia, explicava-me hoje, metade em hespanhol e metade e em portuguez, o segredo d'esse republicanismo dos gallegos:

—Sahimos da terra fartos do caciquismo, que nos opprimia até asphixiar-nos, e ao chegar aqui encontramos ar mais puro e liberdade de sobra para encher de ar os pulmões. Os caciques da Galliza fazem muito mal á Hespanha; são os que nos obrigam a emigrar.

Seja como fôr, o facto é que os gallegos que vivem em Portugal estão virtualmente nacionalisados aqui; falam este idioma, tão parecido com o seu; adoram estes costumes e identificam-se de tal modo, tão estreitamente com a sua patria adoptiva, que chegam a sentir como ella em todos os casos, sem exceptuar aquelles em que a sua patria verdadeira sente de outro modo.

Depois, os interesses creados. O que tem mais leva comsigo o que tem menos, e o que tem menos arrasta o que não tem nada. O movimento da colonia hespanhola a favor do governo portuguez e contra o governo hespanhol por motivo das incursões monarchicas foi unanime, diga-se o que se disser, e, se se houvesse realisado a manifestação projectada para domingo, n'ella teriam tomado parte pelo menos 20.000 hespanhoes com as bandeiras e estandartes das suas aggremiações. Teria sido um espectaculo lamentavel.

Eu não tenho grande confiança na fé republicana de muitos d'estes hespanhoes; é provavel que, se vivessem em S. Petersburgo, fossem os mais fieis subditos do tzar; mas vivem em Portugal, e em Portugal impera a Republica, e, portanto, são republicanos portuguezes, ou antes, são portuguezes e por consequencia republicanos.

No final da sua chronica, o sr. Felix Lorenzo explica os inuteis esforços que o marquez de Villalobar empregou para combater o republicanismo da colonia e fala da acção exercida pelas diversas aggremiações hespanholas existentes em Lisboa.

Presidente da Republica

Cumprimentos de ministros estrangeiros

O sr. presidente da Republica chegou ao palacio de Belem, pelas 14 horas, acompanhado do seu secretario particular sr. Levy Bensabat.

Pelas 15 horas chegou em automovel o sr. ministro dos Estados Unidos da America, que foi recebido na sala Imperio pelo sr. dr. Theophilo Braga, a quem foi apresentado pelo secretario geral interino, sr. Luiz Barreto da Cruz.

O chefe do Estado demorou-se algunas minutos conversando com o illustre diplomata, recebendo em seguida o sr. dr. Ernesto Kock, ministro da Italia, e pouco depois o sr. ministro da Hollanda, com quem esteve falando algum tempo.

A's 16 horas realisou-se a assignatura presidencial, tendo as pastas sido levadas pelos srs. ministros do interior, instrucção, justiça, estrangeiros e colonias.

Cerca das 18 horas o sr. presidente da Republica retirou para sua casa.

Liga Popular contra o analphabetismo

A direcção d'essa prestante collectividade, que é presidida pelo sr. Borges Grainha, já enviou ao inspector das Escolas Moveis o relatorio sobre o funccionamento dos seus cursos nos mezes de fevereiro, março e abril. Pelos mappas que o acompanham ácerca da frequencia e aproveitamento dos alumnos verifica-se facilmente quanto a Liga tem contribuido para a extincção do analphabetismo no nosso meio. Muitos dos seus cursos são directamente subsidiados e dirigidos pela Liga; outros foram estabelecidos em centros escolares republicanos. Os alumnos d'ambos os sexos inscriptos nos mappas das suas escolas ascendem a mais de mil.

A BORDO DO «VASCO DA GAMA»

Uma festa de confraternisação entre a officialidade de terra e mar

A festa a bordo do cruzador «Vasco da Gama», de significação altamente patriotica, pois simbolisava a confraternisação da officialidade de terra e mar, realisou-se esta tarde conforme tinhamos noticiado. A ella concorreram mais de 200 officiaes da guarnição de Lisboa, officialidade da guarda republicana e da guarda fiscal, officiaes da guarnição dos vasos de guerra surtos no Tejo, podendo affirmar-se que ao «lunch» compareceram cêrca de 300 convivas. Foi-nos impossivel tomar nota de todos os nomes, limitando-nos por isso a dar, ao acaso da reportagem a lista dos seguintes:

Presidente do ministerio e ministro da marinha, sr. dr. José de Castro; ministro da guerra, sr. Norton de Mattos; presidente da Camara dos Deputados, sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho; presidente da Commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa, sr. Levy Marques da Costa; general Carvalhal, commandante da guarda republicana; general Correia Barreto, general Judice da Costa, capitão tenente Freitas Ribeiro, coronel Pinto de Magalhães, coronel Accacio Borges Pereira da Silva, major Desiderio Bessa, capitães Veiga Ventura e Gonçalves Paul, tenente coronel Baptista, major Gonçalves, capitães Braga e Pico, coronel Pedroso de Lima, tenente Pires Monteiro, capitão Simas, capitão Sá, alferes Jacome de Castro, capitão Tavares de Carvalho, alferes Pinto Ribeiro, alferes Quadros e alferes Silva, tenente coronel Falcão dos Santos, alferes Jardim da Costa, major Sá Cardoso, tenente Nunes Claro, capitão Bandeira de Lima, capitão de mar e guerra Hugo de Lacerda, capitão Thomaz Fernandes, capitão Gomes da Silva, tenente coronel Sousa Rosa, capitão Gonçalves Parel, capitão Bernardo José Ferreira, tenente Nunes de Lima, etc., etc.

Os convidados foram transportados para bordo do «Vasco da Gama» em vapores do Arsenal, e eram recebidos a bordo pelo commandante sr. Leotte do Rego, prestando a guarda do navio as honras do estylo.

Pelas 16 horas chegou o escaler que conduzia os srs. ministros da marinha e da guerra, que foram logo cumprimentados por todos os officiaes presentes, ao passo que a banda da guarda republicana, installada no castello da pôpa, executava a «Portugueza».

Em seguida o sr. commandante da divisão naval acompanhou os dois membros do ministerio n'uma minuciosa visita ao cruzador, mandando proceder a manobras de artilharia, que foram seguidas com vivo interesse por todos os circumstantes.

Servido o «lunch», na «passarelle» destacou-se a figura do sr. Leotte do Rego, que começou o seu brinde por affirmar que o acaso o tinha injustamente investido nas funcções de commandante do «Vasco da Gama», competindo-lhe portanto saudar os convidados. Declara que é o dia mais feliz da sua vida, pois verifica que toda a grande familia militar portugueza se encontra unida e que os officiaes de terra e mar são como irmãos estreitamente unidos para exercer a funcção d'essa machina gigantesca que se chama Defeza Nacional.

Desde o engenheiro que traçou os planos de uma fortaleza ao que delineou um grande couraçado, desde o general ao almirante, desde o soldado ao marinheiro, desde os mais elevados na hierarchia militar aos mais humildes, todos comprehendem que são simples engrenagens, conscientes do seu dever, d'essa machina prodigiosa. Por isso affirma que são criminosas as mãos que pretenderem levantar abismos entre o exercito e a armada.

Faz o elogio caloroso do exercito portuguez, referindo-se ás paginas mais brilhantes da nossa historia militar, e lembra que até nos tempos modernos tivemos heroes como o valente tenente-coronel Roçadas, e Mousinho de Albuquerque, de que o orgulhoso «kaiser» allemão não hesitou reconhecer o valor condecorando-o com uma das suas ordens militares.

Referindo-se ao combate de Naulila, affirma, entre calorosos applausos, que todos os militares sentem magua de não terem vingado essa affronta, e accentua que, se os nossos prisioneiros do sul de Angola foram libertos pelo esforço de Botha, não foi pôrque o nosso exercito não estivesse disposto a empregar n'esse sentido o proprio esforço. De todos os erros ultimamente commettidos em Africa, nenhuma responsabilidade teve o exercito, cujo alto prestigio e cujas virtudes foram magnificamente salvaguardadas pelo heroismo do tenente Aragão.

Todos os que ali se encontram comprometteram a sua palavra de honra em defender a patria. O regimen póde portanto affirmar que, por mais dolorosos os sacrificios exigidos n'esse sentido, o exercito portuguez não hesitará em collocar-se ao lado dos alliados se porventura isso nos fôr pedido. Dirigindo-se ao presidente da camara dos deputados, affirma em nome de todos os seus camaradas que a força armada está sempre prompta a manter o respeito da Constituição. Sauda o presidente do municipio e n'elle todo o heroico povo de Lisboa, e ergue a sua taça bebendo pela fraternidade das armas e pelos bons destinos da Patria Portugueza.

A este discurso, que a officialidade de terra e mar cobre de estrepitosos e enthusiasticos applausos, responde o sr. dr. José de Castro, que se declara encantado pelas palavras do sr. Leotte do Rego e pela obra que elle realisou. Affirma que isto não é apenas a união das armas, é sobretudo, a união das almas, e é tão commovente esse espectaculo que sente voltar de novo todos os sonhos da sua mocidade distante. Sauda pois no sr. Leotte do Rego a marinha de guerra portugueza e no sr. Norton de Mattos, de quem faz um caloroso elogio, o exercito de terra, dizendo que é preciso caminharmos todos unidos para fazer desapparecer a intriga miseravel que por um momento separou a nossa grande familia militar.

O sr. Norton de Mattos, como chefe do exercito, agradece em seu nome e no dos seus camaradas o convite para esta festa, onde todos vieram conscientemente para mostrar ao paiz qual é o caminho a seguir. O momento actual é grave, mas todos estão unidos como um só homem, para, sem hesitações, affrontarem todos os perigos que ameaçam a nacionalidade. Se alguem, n'este momento, quizer cavar uma barreira entre a familia militar, commette o mais condemnavel de todos os crimes.

Comprehende que estrangeiros espalhem dinheiro a rodo em Portugal para conseguirem illicitos fins, mas está certo que todo o militar saberá sempre cumprir o seu dever, que é defender a Patria e a Republica, auxiliando este ou outro governo que se forme dentro da Constituição, e repellindo quaesquer ataques, venham elles do interior ou venham do exterior. Termina saudando Leotte do Rego e os seus camaradas da marinha.

Falam ainda o sr. Leotte do Rego, bebendo á saude dos officiaes que não puderam comparecer; Azevedo Coutinho, que saúda a marinha e o exercito em nome da Camara a que preside, e Levy Marques da Costa que declara que o povo de Lisboa está sempre disposto a dar a vida pela Republica e pela Patria.

Innumeros vivas coroam estes discursos, e a banda executa de novo a *Portugueza*.

A's 18 horas sahimos do cruzador continuando ainda a festa no meio do maior enthusiasmo.

Funccionamento do Congresso

Os orçamentos não podem ficar approvados este mez

A proposito da discussão dos orçamentos, alguns membros do Congresso admittem a possibilidade da sua votação se effectuar até ao fim do mez, em sessões prorogadas e em sessões nocturnas. Mas tal não é, nem póde ser, a opinião da grande maioria dos deputados e senadores, muito embora lhes repugne a approvação de mais um duodecimo, para o mez de agosto.

A discussão dos orçamentos não póde fazer-se precipitadamente, de dia e de noite, n'uma accumulação de trabalho que só resulta em prejuizo da obra legislativa. Faltam apenas 6 sessões até ao fim do mez. Se se marcarem sessões nocturnas, aquelle numero será elevado ao dobro. Mas, assim mesmo, como admittir que em 12 sessões se approvem os orçamentos de todos os ministerios quando só o orçamento do ministerio da justiça já occupou cinco sessões da Camara e não foi ainda approvado? Comprehende-se, de resto, que tanto os relatores dos pareceres orçamentaes como os membros da opposição queiram definir bem a sua orientação e respectivas responsabilidades na votação dos orçamentos, dada a situação excepcional que atravessamos sob o ponto de vista economico e financeiro.

A necessidade de se votar mais um duodecimo não póde attribuir-se a culpa de nenhum dos actuaes deputados e senadores, mas sim, e exclusivamente, ao periodo da dictadura que impediu o funccionamento do Congresso e adiou a epocha eleitoral fixada n'um decreto do governo Azevedo Coutinho. Entrar-se no regimen das sessões nocturnas, dispensando-se as prescripções regimentaes relativas á distribuição dos pareceres, para se votarem em 6 dias, na Camara e no Senado, os orçamentos de todos os ministerios, não nos parece indicação que os deputados e senadores possam seguir.

Festas associativas

No Grupo Dramatico Lisbonense ha amanhã recita com o drama «Mentira», um de «Folies bergères» e a comedia «Um ensaio de Hamlet», seguindo-se baile. Abrilhanta a festa a tuna «Os conscientes».

—No Grupo Recreativo União Sincera ha amanhã recita com um acto de «Folies bergères», seguida de baile.

—No Gremio Republicano d'Alcantara continuam amanhã a «kermesse» e festas a favor da sua escola, subindo á scena as operettas em 1 acto «Tosca», «Poder d'um califa» e «Malditos butes», originaes do actor Pinto Junior, que obsequiosamente dirige todo o espectaculo; a comedia em 1 acto «As voltas que o mundo dá», 1 acto de variedades e forças combinadas por Carlos Moreira e seu volante. Em seguida baile.

Os Estados Unidos respondem com magua á Allemanha

WASHINGTON, 24. — Na sua resposta á nota da Allemanha os Estados Unidos declaram que soffreram uma amarga decepção ao consignarem que a Allemanha se crê desobrigada de observar os principios e os direitos da navegação dos neutros e que a continuação d'esta tactica constituiria um offensa imperdoavel e hostil contra a soberania das nações neutras affectadas. Os Estados Unidos não podem consentir na diminuição dos seus direitos. —(*Havas*).

O sr. Poincaré visita as trincheiras

PARIS, 24.—O presidente Poincaré visitou hontem os entrincheiramentos da primeira linha ao norte do Aisne n'uma villa proxima da linha de combate e frequentemente bombardeada. O sr. Poincaré assistiu á aula dada pelo respectivo professor, n'uma cave, ás creanças moradoras n'aquella villa. O presidente da Republica regressou á noite a Paris.—(*Havas*).

Os allemães repellidos no theatro occidental

PARIS, 24.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Noite calma no conjuncto da linha de batalha, a não ser nos Vosges, onde o inimigo pronunciou varios ataques no Reichackerkopf e nas eminencias a leste de Metzeral. Os allemães foram em toda a parte repellidos.—(*Havas*.)

A questão das subsistencias

O estudo do preço do pão

Reuniu, pelas 14 horas, a commissão nomeada na assembleia geral de hontem, incumbida do estudo do preço do pão, em face do custo do trigo e dos interesses das industrias de moagem e de panificação.

Encontrando-se na sala de S. Carlos, reconheceu-se não haver ali as condições para ella funccionar, passando a trabalhar na sala da Associação Industrial Portugueza, na rua do Mundo, 20, 1.º

Compareceram todos os membros da commissão, elegendo para presidente o sr. Fernando de Vasconcellos e secretarios os srs. Acrisio Cannas Mendes e Sebastião Eugenio. Para relator foi eleito o sr. Urbano de Castro.

A commissão ainda estava reunida ás 18 horas, sendo provavel que não termine hoje as conclusões a estabelecer.

* * *

A commissão, na sua reunião de hoje, chegou á conclusão de que é possivel baratear o pão sem maiores encargos para o thesouro.

NOTAS DIVERSAS

O contra-almirante sr. Alvaro Ferreira, que foi a Madrid como delegado do governo, para negociar o convenio da pesca, regressou a Lisboa e apresentou-se no ministerio dos negocios estrangeiros, tendo conferenciado demoradamente com o titular d'aquella pasta.

—O deputado sr. dr. Germano Martins apresenta na segunda feira ao Parlamento um projecto de lei sobre remissão de foros e direito de opção em relação a predios encravados.

—Os srs. ministros do fomento e das finanças, foram hoje acompanhados pelos srs. Lima Bastos, Aresta Branco, Joaquim Pedro Martins, João Palma e Camara Pestana, visitar as fabricas de adubos da Companhia União Fabril, no Barreiro.

Fallecimentos

Falleceu o sr. José Carreira, cujo funeral se realisa amanhã, ás 10 horas, da egreja do Soccorro para o cemiterio oriental.

Tambem falleceu a sr.ª D. Emilia Julia de Abreu Reis, sahindo o prestito funebre amanhã, ás 15 horas, da rua de S. Sebastião das Taipas, 14 B, para o mesmo cemiterio.

TOURADAS

Algés.—E' amanhã que se realisa a corrida dos ovarinos que tanto interesse está despertando. O detalhe é o seguinte: 1.º touro para o cavalleiro Francisco Bento d'Araujo; 2.º e 3.º, bandarilheiros ovarinos; 4.º, cavalleiro «Chico da Ribeira»; 5.º, intervallo comico por Antonio Preto e sua «cuadrilla»; apresentação do «Rancho do hiate», composto de 30 figuras, tudo gente de Ovar, que cantará e dançará trovas e canções regionaes; 6.º, cavalleiro Francisco Bento d'Araujo; 7.º e 8.º, bandarilhieros ovarinos; 9.º, refeição na arena a todos os amadores; 10.º, todos os bandarilheiros varinos. Haverá dois grupos de forcado, compostos de rapazes da Esperança e da Ribeira Nova.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5|16	36 3|16
Londres, 90 d|v	36 7|8	—
Paris, cheque	$73,7	$74,3
Allemanha, cheque	$28	$28,5
Hollanda, cheque	$55	$55,7
Madrid, cheque	1$31,5	1$32,5
New York	1$37,5	1$39
Rio s|Londres	13 1|8	—
Libras	6$74	6$84
Agio do ouro	40 °|o	45 °|°

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,60
» » 500$	—	39,60
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$30; 4 1|2 88 89, assent., 60$50.

Externas: 1.ª serie, 71$90 e 3.ª, 74$.

Acções: Banco de Portugal, 178$; Ultramarino, 103$50; Assucar, 39$80; Phosphoros, coup., 36.

Obrigações: Prediaes 5 0|0, 87$50; Caminho de Ferro de Benguella, 76$.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

SPORT

Gimnastica que tem um seculo e podia ser gimnastica de hoje

O coronel Amoros, marquez de Sotelo, official da Legião de Honra e director do *Gymnasio Normal de Paris* pelos annos de 1830 a 1849, foi o verdadeiro fundador da gymnastica em França.

Amoros foi o maior propagandista dos exercicios phisicos, cuja propaganda frutificou, porque em todo o mundo teve admiradores e convictos. No numero d'estes podemos contar Luiz Monteiro, que foi o fundador da gymnastica em Portugal.

Qual era o caracteristico essencial do systema Amoros? Aquelle que preside hoje ao methodo Hebert:—o «utilitario».

Tudo que póde servir, na existencia d'um homem para o livrar a elle ou aos semelhantes d'uma difficuldade, foi classificado, codificado e ensinado por Amoros no seu gymnasio de Grenelle, gymnasio que se podia chamar a «escola modelo da agilidade e da coragem».

Ao lado do «util», Amoros dava logar na sua gymnastica ao «agradavel». N'esta harmonia é que se baseava o interesse que tinham por essa gymnastica aquelles que a praticavam. Amoros fazia differentemente do que se faz hoje, porque a maioria dos educadores, mal conhecendo a «ideia» da gymnastica que ensinam, a tornam arida, monotona, maçadora...

Amoros era um profundo psichologo que sabia que o «prazer» é uma necessidade no homem como na creança. Tornava interessantes os seus exercicios.

A sua opinião sobre a absoluta necessidade de distrahir o alumno é tão curiosa e serve de tanto ensinamento para os que actualmente ensinam gymnastica, ainda que não a d'elle, que a reproduzimos aqui:

«Um grande principio de educação que Montaigne e cem outros philosophos nos legaram, que a natureza nos indica todos os dias, é que não se póde ensinar bem uma coisa qualquer, aborrecendo, e que é preciso divertir os alumnos e tornar-lhes agradavel o estudo se se quizer que elles aprendam. O meu methodo não podia, portanto, desconhecer estes principios. Elle segue-os, pratica-os. Declaro que adoptei um grande *numero d'exercicios pela razão que* divertem tanto as creanças como os homens, ao mesmo tempo que produzem um resultado positivo e vantajoso para alguns dos objectivos a que me proponho. Assim todo o exercicio que é util, não perigoso, nem ridiculo e que se póde applicar sem inconveniente para os costumes, o sexo, a edade ou a saude do alumno, está comprehendido no meu methodo».

Nota do dia

A grande festa de ámanhã

O programma de ámanhã, no Stadium, representa um arrojo do sr. José Alvalade, porque o divide em duas partes e qualquer d'ellas constitue um grande espectaculo. Essas duas partes são: a velocipedica e a de «box».

Em velocipedia, ámanhã, determina-se quem é o nosso melhor corredor de velocidade e o nosso melhor corredor de «meio-fundo».

Em «box», o mais corajoso dos nossos athletas profissionaes, rapaz com justificada fama de valente e de combativo—Manuel Grillo—vae defrontar-se com o campeão americano Blink Mac Closkey, n'uma batalha a murro que póde durar 12 «rounds» de 2 minutos, isto é 24 minutos! Este combate é o mais sério e o mais violento que se tem organisado em Portugal porque os dois pugilistas primam por não ser muito scientificos mas ambos são celebres pela sua decisão no ataque, coragem e resistencia phisica. A maioria das pessoas que se interessam pelos assumptos athleticos está convencida de que ámanhã vão ver ao Stadium não um combate de «box», com rigor scientifico, mas uma authentica scena de pancadaria, uma batalha a murro, tendo os combatentes nas mãos luvas de 4 onças, isto é, verdadeiros martelos!

Estamos convencidos de que Manuel Grillo se «atirará» a Closkey como um leão! Mas, sendo assim, o que fará o americano? Naturalmente o que fez a Bob Scanlon, n'um combate que ficou celebre e que motivou interferencia do publico. De resto e já hontem o dissemos, acreditamos na victoria de Closkey mas tambem acreditamos que Grillo lhe ha de fazer alguns estragos pela cara e pelo corpo.

Em velocipedia, decide-se a questão de superioridade dos amadores que estão em magnifica «fórma» e quasi todos de força egual. A grande surpreza, porém, é a das corridas de «meio-fundo», que são as mais bonitas e mais interessantes do Velodromo e que põem em lucta, durante 15 kilometros, os hespanhoes Lazaro Vilada e Guilherme Anton e o portuguez Joaquim Raposo, que serão treinados respectivamente por Innocencio Pinto, Leopoldo Futscher e Mario Beirão, os tres melhores motociclistas que possuimos e que estão apostados em fazer com que os velócipedistas marchem atraz d'elles a mais de 60 kilometros á hora.

A festa começa ás 5 horas da tarde e o programma é o seguinte:

I—«Nacional» corrida «scratch» para todos os amadores, em 3 voltas e para apuramento de 3 classificados. Estes disputarão 3 premios n'um «match» a 3, em 3 «mãos», e por adição de pontos. Inscreveram-se: Albano Ferreira, Carlos Fernandes, João Ferreira, Antonio José Christiano, Victor Batalha, A. Piedade, Ramiro Madeira, N. N., Fovriani.

II—«Motocicletas», para amadores, em 20 voltas (10 kilometros), com 3 objectos d'arte. Inscreveram-se os srs. Antonio F. Marques, J. B.; N. N. e Raul Affonso.

III—primeira mão do «match» a 3 entre ciclistas.

IV—Corrida de «Primes», em 6 voltas de pista, para os não classificados na corrida Nacional—Intervallo.

V—2.ª mão do «match» a 3 entre ciclistas.

VI—Grande corrida do «meio-fundo», em 30 voltas (15 kilometros). Tres objectos d'arte no valor de 30, 20 e 10 escudos.

VII—Terceira mão do «match» a 3 entre ciclistas.

VIII—Grande combate de socco entre o americano Blink Mac Closkey e o portuguez Manuel Loureiro Grillo, no maximo de 12 «rounds» de 2 minutos, com intervallo de 1 minuto, segundo os regulamentos da Federação Portugueza de Box, que obsequiosamente nomeará arbitro e «segundos».

Algumas anecdotas

Para o negro Johnson, a vingança é um prazer de deuses

Lembram-se do combate de Reno?

Os jornaes de todo o mundo censuraram a brutalidade com que o negro Johnson combateu contra o famoso Jim Jeffries. Os que seguem a vida sportiva de todas as «celebridades» da força physica não estranharam, porém, essa brutalidade. Porquê? E' que o negro tinha contas antigas a liquidar com Jeffries e preparou-se em segredo, durante trez annos, para vencer o colosso americano, ao mesmo tempo que este ia perdendo o folego e o treino, pois não trabalhava.

Mas o que se havia passado entre os dois para motivar o odio do negro ao branco?

E' o proprio Jeffries que o diz nas suas memorias:

«Passaram-se coisas interessantes e comicas desde que abandonei o «ring». Jack Johnson, o «boxeur» negro, nunca se tinha mostrado muito nem se tinha considerado um adversario para mim, quando me retirei. Entre os organisadores não havia um que arriscasse um dollar para o nosso combate! Mas tempos depois de ter abandonado o «box» e quando havia todas as probabilidades de nunca mais calçar as luvas, começou a desafiar-me e a incommodar-me!

«Um dia, encontrava-me na sala de Harry Corbett, em S. Francisco, quando Johnson entrou com o seu «manager», Reke Abrahams. Censurei Johnson por me desafiar.

—Mas o sr. Jeffries ainda quer combater?

—E v. tinha prazer n'isso?

—Não peço outra coisa, respondeu o negro.

«Tirei da minha algibeira uma porção de notas que contei e depois voltando-me para Harry Corbett pedi-lhe todo o dinheiro que tinha no cofre. Deu-m'o. O total era de 2.500 dollars.

Johnson pensou que eu o ia desafiar e que o dinheiro era o montante do desafio. Mas eu entreguei os 2.500 dollars ao seu «manager» e disse para o negro:

—Vamos entrar os dois n'aquella cave, mas os dois só. Temos direito a isso, penso eu... Se v. sahir primeiro, guarda o dinheiro, se sahir ultimo, dou o dinheiro aos pobres e mais mil dollars para a sua despesa no hospital!...

Johnson abriu muito os olhos e respondeu:

—Combato no «ring» e não n'uma cave, deante do publico e não em segredo...

E raivoso, cumprimentou-me e sahiu.

Noticias

ENTRE NÓS

Taça Henrique Seixas

E' *no proximo domingo 1 de agosto* que se realisa o campeonato de natação de 100 metros, por «equipes», para disputa da «Taça Seixas».

E' uma das mais importantes provas de natação do kalendario do Club Naval para a presente epocha.

A festa, a que preside o vice-comodoro do Club Naval e doador d'esta taça, sr. Henrique de Seixas, será abrilhantada por uma banda regimental e a ella vão ser convidados a assistir, além do sr. presidente da Republica, ministerio, representantes das camaras, municipal, dos deputados e senadores, altas individualidades da nossa marinha e exercito, etc.

No seu programma, além da disputa da «taça», faz parte uma corrida para praças da armada e do exercito, uma corrida de principiantes, sahidos da escola do Club Naval, e um desafio de water-polo entre dois «teams» do club.

O Club Naval de Lisboa, n'esse dia, enfeitar-se-ha de modo a receber condignamente tão illustres convidados. Foi nomeada uma commissão composta dos srs. D. José de Noronha, presidente do Club Naval, D. Francisco Heredia, D. Antonio Heredia, Henrique de Seixas e João Loforte, para fazer a recepção dos convidados, prestando-lhes ás devidas honras.

Além d'esta commissão foi mais encarregada da organisação da prova uma outra de que fazem parte Arthur Consolado, Joaquim Mil-homens, Rogerio d'Almeida e José Motta Junior. Estes nomes já consagrados no «sport» nautico pelos serviços prestados a este club em defeza da sua causa, de commum accordo com a secção de natação do Club Naval, organisadora d'esta festa, são a prova do brilhantismo de que ella revestirá.

Acham-se já inscriptas as «equipes» do Gymnasio Club Portuguez, Club Internacional de Foot-ball e Club Naval de Lisboa.

Não resta duvida que n'estas «equipes» estão os melhores nadadores do paiz, como Carlos Sobral, Boaventura Bello, João Formosinho, Frederico Soares, Stoaker, Oliveira Duarte e Carlos Moura, o que vae tornar a lucta renhida e muito interessante.

No dia 26 do corrente, pelas 9 horas da noite, na séde do Club Naval, reune o jury de tão importante prova.

Tennis e patinagem na Amadora

Começa ámanhã o campeonato de «tennis» em Men'Singles para disputar o titulo de campeão da Amadora. A direcção dos Recreios Desportivos offereceu uma linda taça de prata para o vencedor de 3 annos seguidos.

O torneio de «doubles» começa no proximo domingo e segue alternado com o campeonato.

A bella patinagem dos Recreios continua animadissima de patinadores e de familias que se reunem na marquise para assistir aos exercicios em patins.

Para ámanhã de tarde e á noite, estão marcadas duas sessões, onde devem reunir-se os nossos mais distinctos patinadores.

Grande Premio de julho

E' ámanhã que se realisa a importante prova pedestre de 6 kilometros «Grande Premio de Julho», organisada pelo Sport Club Progresso e para a qual se inscreveram concorrentes da maior parte dos clubs de Lisboa e alguns dos arredores. O percurso é o seguinte: Partida, Alameda das Linhas de Torres, Ameixoeira e Avenida do Parque, chegada. A partida é dada ás 16 horas em ponto, devendo os concorrentes estar no local da partida ás 15 horas. O serviço de saude é obsequiosamente feito pela ambulancia da Cruz Verde dos Bombeiros Voluntarios d'Ajuda, 2.ª secção).

Gymnasio Club Portuguez

A direcção d'este Club preveniu os seus consocios que começou a funccionar a classe de «box», dirigida pelo amador sr. Francisco Xavier d'Araujo, a qual se effectua ás segundas e quintas feiras, ás 21 horas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Agenda da semana

HOJE — **Politheama — Primeira** representação de *A amante do meu genro*, traducção do Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

Boatos e informações

Entre nós

A epoca da Trindade abre este anno mais cedo do que o costume. A peça inaugural será, como temos dito, uma revista por sessões de Eduardo Schwalbach.

—No proximo anno a companhia do Gimnasio fará uma temporada de um mez no Porto com um repertorio de trinta peças.

—Parece assente que, quando se exgote o exito persistente do *Diabo a quatro*, se representará no theatro Eden uma magica de grande espectáculo.

No estrangeiro

Na Comedia Franceza fez-se *reprise* do *Genro do sr. Poirier*.

—Nas Folies Bergére continúa em scena a revista *Sous les drapeaux*.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Associação dos Empregados do Estado

A reforma dos estatutos vem satisfazer as aspirações dos socios

Ha muitos annos que diversos grupos de socios reclamavam a reforma da lei estatuinte, não conseguindo mais do que boas palavras das entidades de quem essa reforma dependia. Ha pouco, porém, conseguiram esses socios as suas justas aspirações com a eleição da actual direcção, da presidencia do sr. Matheus Palermo de Barros, digno funccionario da Caixa Geral de Depositos e administrador do concelho do Barreiro, pois, elle e outros consocios taes, como os sr. Pires Ferreira, José Joaquim Henriques, Nascimento Carvalho, etc., conseguiram que um projecto fosse distribuido a todos os socios e convocada a assembleia geral para a respectiva discussão e votação. Nada se poude deliberar na ultima sessão porque esta não fôra legalmente convocada, porém, pretendem os mais dedicados á instituição que as assembleias se realisem desde já, a fim do alargamento da area clinica se tornar um facto, no mais curto espaço de tempo.

Estamos certos do que a actual direcção assim o conseguirá, correspondendo d'essa fórma ás sympathias que conquistou entre os seus consocios.

Socios ha tambem que desejam e vão propôr á assembleia a livre admissão de todos os empregados do Estado, seja qual fôr a sua cathegoria, acabando assim a odiosa restricção que priva os empregados menores das secretarias de Estado de se proporem socios.

Jantares Concertos

Casino de S. José de Ribamar

Algés

Estão causando um extraordinario successo os opiparos jantares concertos que todos os dias se realisam n'este sumptuoso Casino, servidos tanto nas suas magnificas salas como na fresca e ampla esplanada de onde se desfructa um encantador panorama.

O *menu* do jantar de ámanhã consta do seguinte:

Potage
Oxtail soupe
Poisson
Filet de Grondin Orliz
Entrée
Aloyau Sevigne
Légumes
Petits pois à la Française
Rôti
Poulets de grain Cresson
Entremets
Glace Abricots
Patisserie

Programma do concerto

I PARTE

I—*Oberon*, ouverture . . . Weber
II—*Lea* . . . . A. Torres
III—*Gavotte* . . . . Gluck
IV—*El puñão de rosas*, phant. Chapi

II PARTE

I—*Thais*, selection. . . . Massenet
II—*Danse de la Gpsi* . . . Saint-Saens
III—*Peer Gynt*, 2.ª suite . . Grieg
IV—*Bi-Ba-Bo* . . . . . . Lerdo

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

5141	12:000$
6651	1:000$

4079	400$	2481	100$
5176	200$	2640	100$
7024	200$	4349	100$
7350	200$	4554	100$
144	100$	5227	100$
263	100$	5692	100$
719	100$	5856	100$
1355	100$	6263	100$
1903	100$	8022	100$

Aquario Vasco da Gama

A exposição de apparelhos e barcos de pesca que n'este estabelecimento se inaugurou no domingo tem continuado a ser muito concorrida e apreciada.

O Aquario, sito no aprasivel local do Dafundo, está aberto todos os dias, das 11 ás 19 horas, e o preço de entrada é de 10 centavos, nos dias de semana e de 5 centavos aos domingos e dias feriados.

Movimento maritimo

Bordeus «Divona» (Brazil)	23
Marselha «Sonic» (de New-York)	25
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amst.)	26
Amsterdam «Tubantia» (do Brazil)	27
Africa oriental «Clan Macarthur» (Liv.)	28
New-York «Parta» (de Marselha)	28
Af. oriental «Durham Castre» (Lond.)	28

divisão de cavallaria da margem direita do Kolubara e a evacuação de Belgrado, na noite de 29 para 30 de novembro. Seguiu-se uma nova distribuição de forças, occupando as tropas que estavam no Kolubara as eminencias proximo de Sibnitza e sendo collocado o «Destacamento de Belgrado» de fórma a dominar o caminho de ferro Belgrado-Nish nas cumiadas de Varoonitzu, a leste, e de Kosmaï, a leste. Os outros exercitos foram concentrados na linha já indicada, tendo-se tomado medidas para reforçar o centro.

Tornára-se tambem evidente que uma mudança no alto commando do primeiro exercito era necessaria. Essa unidade, embora composta de divisões com serviços distinctos anteriormente, fôra quem iniciára a retirada, precipitando o recúo geral. Havia perdido Suvobor e, se o exito coroasse a nova offensiva, uma das primeiras coisas a fazer era retomar essa cumiada. O general Putnik resolveu, por isso, privar o estado maior dos serviços do general Mishitch, seu querido logar-tenente em trez guerras, e collocal-o á testa do primeiro exercito.

Mishitch era o typo do official servio. Filho d'um camponez attingira o alto posto que tinha devido ao seu talento. Homem de gostos simples, de cabellos louros e olhos azues, o typo puro do slavo do sul, tinha uma disposição natural para o commando. A retomada de Suvobor foi devida ao seu soberbo talento e inspiração e foi do combate que elle sahiu feld-marechal do exercito do rei Pedro.

Os soldados, embora descoroçoados pela continua retirada, tinham-se até certo ponto refeito da tensão soffrida nas trincheiras e uma proclamação do rei pedia-lhes para fazerem um grande sacrificio pela salvação do paiz. O velho rei Pedro levantou-se da cama onde o amarrára a doença, e foi para as linhas de fogo. As bebidas espirituosas foram prohibidas. Finalmente, como já dissemos, as munições de artilharia tinham chegado e os canhões, que durante tanto tempo haviam estado silenciosos, começaram de novo a troar, animando aquelles que se comprazem com ouvir a sua voz.

A estrategia do general Potiorek tornou-se apparente. Fazendo da montanha de Suvobor o centro, forteleceu as suas alas e tentou avançar circularmente ao norte por Mladenovatz e ao sul pelo valle occidental do Morava. Se esse plano tivesse sido bem succedido, o inimigo poderia cercar a massa do exercito servio juntamente com Kragujevatz e o seu arsenal, apoz o que se seguiria a tomada de Nish, que era então temporariamente a capital, terminando assim a campanha na Servia.

Foi em taes condições e antes dos invasores poderem desenvolver o seu grande movimento envolvente de flanco que a ordem para o contra ataque foi dada no dia 2 de dezembro e o avanço começou simultaneamente em toda a fronte. Apoz a fraca resistencia que haviam encontrado, os austriacos estavam mais ou menos longe de esperar um tal movimento, que os apanhou completamente de surpreza.

Os servios comportaram-se d'um modo que poucos parallelos póde ter na historia. Mishitch conduziu o seu primeiro exercito contra Suvobor e, avançando com um impulso admiravel, durante tres dias de combate tomou o centro inimigo e repelliu a direita e o centro—o 15.° corpo e 8 brigadas do 16.°—pondo-os em fuga pela estrada para Valievo.

Começando com tal exito, os exercitos servios — as desmoralisadas hordas de poucos dias antes—avançaram com notavel rapidez, e não cessaram a perseguição antes de terem repellido as hostes armadas dos Habsburgos para além do Save e do Drina.

A 1 de dezembro, os austriacos tinham avançado vagarosamente para as posições servias, seguros de que a victoria os não abandonaria. De facto, era tão grande a confiança do estado maior que nem as tropas iam providas senão do necessario para dois ou tres dias, pois sup-

O primeiro exercito occupou uma forte linha—Gukoshi-Mednik-Batchinova-Ruda e a sudoeste estendeu-se ao longo da montanha Jeljak a Maljen. Finalmente, o «Exercito de Uzitsha» recuára da sua penetração na Bosnia a fim de proteger a base de Uzitsha e o valle do Morava occidental, entrincheirando-se fortemente desde um ponto a sudoeste de Yasenovatz por Vk. Prishedo ao longo das cumiadas Jelova, seguindo d'ahi pela estrada que fôra fortificada e indo terminar de Leska-Gova até Shanatz. Toda a linha era naturalmente formidavel e mais formidavel se tornaria desde que fôsse fortificada.

Embora a falta de munições, a confiança do estado maior general servio parece ter sido justificada pelas circumstancias, apesar de com razão se ter suggestionado que o general Putnik se estava esforçando por guarnecer uma fronte demasiado extensa para as relativamente pequenas forças de que dispunha.

Os austriacos não desenvolveram a devida rapidez no seu avanço. Apesar da fraca opposição offerecida pelas retaguardas servias que haviam sido deixadas para proteger a retirada, levaram quasi seis semanas a chegarem ao terreno escolhido pelo adversario e verificaram que durante esse tempo estavam em condições de se adaptarem ao genero de guerra dictado pelas peculariedades da região em que estavam operando. O meiado de novembro chegou antes d'elles estarem em contacto com o principal corpo do exercito servio.

Tinham quasi que retirado todas as suas guarnições da Bosnia e além d'isso haviam trazido um corpo addiccional da fronteira da Italia, de modo que entraram em acção com cinco corpos d'exercito—uns 250 batalhões de infantaria, além de cavallaria, artilharia e corpos auxiliares.

A noticia de que as munições vinham «a caminho» exerceu magnifica influencia sobre os officiaes servios; mas os homens, que não estavam habituados a retirar, sentiam-se acabrunhados pelo meio milhão de refugiados que enchiam as estradas, fugindo aterrorisados deante dos austriacos que avançavam e contando historias exageradas da victoria do inimigo sobre os seus camaradas. A vista da torrente de fugitivos que enchiam os recantos e as praças das cidades ou paravam nas estradas com os seus carros e vagons, não sabendo se deviam tomar para a esquerda ou para a direita, espalhava o panico entre a população citadina e os habitantes de Lazarevatz, Milanovatz, Kragujevatz e outros dos mais populosos centros abandonavam as suas casas e augmentavam por milhares a corrente que se dirigia para Nish.

O ataque geral dos austriacos ás posições servias começou na manhã de 15 de novembro. Desenvolveu-se principalmente contra o segundo exercito ao sul de Lazarevatz e contra o exercito de Uzitsha na direcção de Kosjerichi, mas durante cinco dias a offensiva foi completamente repellida e os atacados não só infligiram grandes perdas ao inimigo mas fizeram grande numero de prisioneiros.

O projecto de tomar Lazarevatz e avançar ao longo do caminho de ferro Valievo-Mladenovatz era magnifico, porque não só separaria o principal exercito servio das forças que estavam em roda de Belgrado, como permittiria um facil movimento envolvente de flanco contra Kragujevatz. Para os servios era importante defender esse centro das suas operações para o norte e para o sul e era provavel, por esse motivo, que a defesa fôsse confiada ao voivode Stepanovitch e ás divisões cujos esforços haviam contribuido em grande parte para a victoria do Jadar.

A fim de as tornar mais intelligiveis, dividiremos o theatro da guerra em dois sectores e descreveremos as operações contra Kragujevatz e Belgrado como acções separadas e distinctas, embora cada uma d'ellas exercesse consideravel influencia sobre a outra. Para fins de referencia ao avanço contra Kragujevatz o segundo exercito, em Lazarevatz, póde ser considerado a ala direita da li-

nha servia, o terceiro como centro direito, o primeiro como o centro e o exercito de Uzitsha como a esquerda.

A 20 de novembro uma grande força inimiga avançou e occupou Milovatz quasi em contacto com o flanco direito do primeiro exercito, emquanto mais longe uma columna tomava contacto com o seu centro em Ruda e se apoderou do importante cume de Strazhara. No dia seguinte essa manobra desenvolveu-se n'um determinado limite sobre as posições dos servios. Estes defenderam-se durante algum tempo com indomavel coragem, mas á tarde a resistencia fraquejou no centro e o exercito teve de recuar, tendo grandes perdas em homens e canhões, para a linha Rabina Glava-Rajak. Na direita, dois ataques contra as posições de Lazarevatz foram por completo repellidos. O terceiro exercito (Barzilovitza-Ivanovchi) sustentou-se e a sangrenta lucta entre o exercito de Uzitsha e o 16.º corpo austriaco terminou sem vantagem para nenhum dos contendores.

Sir Pertab-Singh, o veterano da força expedicionaria india

A desastrosa retirada do primeiro exercito das excellentes posições que havia guarnecido na linha Ruda-Mednik-Gukoshi espalhou uma onda de depressão nas fileiras servias. Os homens desanimaram e o alto commando seguiu esse exemplo, porque sabia bem que a desmoralisação só podia ser evitada pela chegada a tempo de munições, e receiava que a situação, em vez de melhorar, se aggravasse por a artilharia se mostrar impotente. Afortunadamente, porém, os austriacos não aproveitaram a victoria e ficaram no sector central, emquanto as brigadas de montanha do seu 16.º corpo vinham de Vishegrad-Rogatitza e Bajina-Bashta e davam um ataque que ficou indeciso á extrema esquerda servia na linha Varda-Vk. Prishedo-Gjakov-Bukovik-Miloshevatz-Gruda. A 24 de novembro a batalha desenvolveu-se em toda a fronte, com tal successo para os invasores que dois dias mais tarde haviam tomado as eminencias de Cooka—motivando assim a retirada do segundo exercito para a linha Glavitza-Stubitza-Smyrdlykovatz—e tinham feito recuar o exercito de Uzitsha para as montanhas Goinjagora no começo do valle occidental do Morava.

Simultaneamente com a sua offensiva geral o estado maior austriaco ordenou um esforço para envolver a extrema esquerda servia. Para esse fim desenvolveram as suas brigadas de montanha em magnifica ordem e embora os servios, apesar de todas as faltas com que luctavam, terem pelejado com bravura e bem, foram compellidos a retirar passo a passo até que, no dia 28, o exercito de Uzitsha occupou uma linha bem fortificada sobre Kita-Kablar-Markovitza, sendo todas as eminencias de grande importancia estrategica.

No resto do sector sul esforços foram feitos para restabelecer a situação, mas apesar dos contra-ataques serem muitas vezes bem succedidos os servios não podiam manter as vantagens que alcançavam e, esmagados pelo numero, cediam contraforte apoz contraforte, até que as montanhas Suvobor cahiram em poder do odiado inimigo.

No sector do norte—Obrenovatz-

Lazarevatz—uma serie de violentos combates se travou sobre o rio Kolubara. Os servios, embora em grande inferioridade numerica, combateram com a maior valentia e apesar d'uma divisão inimiga ter penetrado em Progan no dia 24 de novembro foi cercada e repellida com grandes perdas pela divisão independente de cavallaria.

O principal perigo estava, porém, no sul. Ahi, os austriacos haviam alcançado uma victoria indubitavel, porque não só haviam feito recuar os servios das suas defezas em frente de Kragujevatz, mas, o que era egualmente importante, tinham conseguido estender a fronte desde Tchatchak a Belgrado—uma distancia de quasi cento e doze kilometros d'um a outro ponto.

A 28 de novembro as forças servias occupavam as seguintes linhas:

Segundo exercito:—Vechani-Medvejak-Progoreochi-Vagan.

Terceiro exercito:—Kalanjevchi atravez do rio Trudeljska Gotrovitza-Kelja.

Primeiro exercito:—Silopaj-Nukuchani-Vruchani-Lochevchi-Galich.

Exercito do Uzitsha:—Kita-Kablar-Markovitza.

A disposição das forças austriacas era a seguinte:

Na direcção do valle occidental do Morava: quatro brigadas de montanha do 16.º corpo.

Na estrada Valievo-Gn. Milanovatz: o resto do 16.º corpo e todo o 15.º.

Contra Lazarevatz: o 13.º corpo.

O 8.º corpo e um outro de forças combinadas estavam em movimento a leste contra a linha Mladenovatz-Belgrado.

A nação servia a esse tempo estava plenamente conscia de que a sua existencia se achava em perigo. Os bem preparados exercitos da sua poderosa visinha que pensava em nada menos do que no seu anniquilamento tinham já penetrado muito no interior do paiz e ao que parecia em breve completariam a destruição da cançada força que o defendia.

Na fronteira oriental bandos de tropas irregulares estavam destruindo o unico caminho pelo qual as munições de que tanto se carecia podiam vir e receiava-se a occupação militar do territorio da Macedonia servia. A Roumania permanecia ainda neutral, a Italia não dava signal algum de querer intervir e a Grecia, preparada para prestar auxilio, tinha de recuar com receio da Bulgaria. Parecia impossivel a chegada de qualquer soccorro e os servios, perdendo a fé em si mesmos, perderam toda a esperança. Comtudo, excepto entre uma certa classe da população civil, não havia panico. Encaravam a nova situação com a maior tranquillidade e com todo o estoicismo.

Era uma pequena nação luctando contra um grande imperio; estava exhausta por esta guerra e pelas precedentes, carecia de tudo e, o que era ainda mais tragico do que tudo, era que as munições que os servios esperavam lhes fossem enviadas pelos alliados demoravam-se extraordinariamente, promettiam não chegar.

Apesar da apparente falta de esperança, no coração dos commandantes servios havia a convicção de que a ultima batalha seria ainda vencida. Dia a dia, o coronel Pavlovitch, o brilhante director das operações militares do estado maior general, analisára os papeis encontrados aos prisioneiros austriacos e do seu exame, conjugado com a vagarosidade do avanço inimigo, deduzira que serias difficuldades de transportes haviam sido encontradas e que a desmoralisação nas fileiras do exercito do general Potiorek era ainda maior do que a que reinava no exercito servio. Finalmente, haviam começado a chegar munições para os canhões.

Os servios resolveram tomar uma vigorosa contra-offensiva. A primeira e mais urgente necessidade era encurtar a enorme fronte sobre a qual os exercitos se tinham primeiramente estendido. Essa manobra trouxe como resultado a retirada do destacamento de Obrenovatz e da

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1785—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 25 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A lei do affastamento

Já estão nomeadas commissões para a execução da lei do affastamento de funccionarios, para defeza da Republica. Já n'estas mesmas columnas tivemos ensejo de enunciar o nosso pensamento sobre essa lei e a sua execução. Não ha duvida que ella é severa, como não ha duvida de que ella é justificada. E, por isso mesmo, o processo da sua execução assume uma importancia especial, porque se torna necessaria a maior fé republicana unida á maior ponderação para que ella surta effeitos efficazes,—e para serem efficazes cumpre que ninguem possa censurar injustiças nem apontar fraquezas.

Dissemos affigurar-se-nos que o melhor criterio a seguir seria o de averiguar quem é prejudicial á Republica dentro dos serviços do Estado. Reconhecido esse caso, a lei deve ser applicada sem contemplações, mas é evidente tambem que esse reconhecimento se estribe na segurança absoluta do facto.

Ninguem poderá queixar-se, sempre que a justiça seja observada. Os funccionarios que estão ao serviço declararam que procederiam lealmente para com a Republica. Se assim não procederem, perdem o direito a qualquer consideração. E' pela fidelidade aos seus compromissos que se avaliam os homens de honra.

Mas a Republica não seria prestigiada por essa lei, se porventura ella désse margem a perseguições injustificadas. Não seria, na realidade, defendida, porque o seu prestigio é o maior attributo da sua defeza. Os homens que fizeram a revolução de 14 de maio nunca pensaram em perseguições. Não foram barbaros; levaram até mesmo porventura a excesso a sua magnanimidade. Nenhum outro interesse os moveu, nem os move, do que o interesse de salvaguardarem a Republica dos seus desleaes adversarios. Reintegraram o regimen na pureza dos seus principios. Bateram-se pela Constituição, verdadeira arca santa da Republica. O seu acto não derivou senão do mais generoso dos pensamentos. Nenhum interesse particular, nenhum espirito de vingança. Mas deve-se-lhes reconhecer o direito de velar pela existencia da Republica, e por isso não deve surprehender que não se admitta a permanencia ao serviço publico de funccionarios que se tornem prejudiciaes á Republica, quando devem servil-a, quando mais não seja como o regimen vigente do Estado.

E' tambem o que pensa a opinião publica, que com os sentimentos dos homens de 14 de maio absolutamente se irmana. Não é o massacre dos innocentes, não é uma S. Barthelemy de funccionarios publicos que ella deseja e espera. Mas tambem não deseja, nem pode admittir que continue a impunidade d'aquelles que, traiçoeiramente, se conservaram ao serviço da Republica, para, declarando respeital-a, servil-a, mais profundamente a ferirem e desprestigiarem.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Poeira da Arcada

Um jornal popular—A Voz do Operario—*publica em folhetim* Os Luziadas, *ajuntando-lhe notas explicativas.*

Todos nós com certeza maior ou menor sabemos que este livro foi escripto por Camões e que nas suas estancias se celebram os feitos maximos dos portuguezes do velho tempo. A sua leitura completa, sentida e raciocinada poucos a teem tentado. Achamos, portanto, de boa inspiração a iniciativa de A Voz do Operario. *O nosso povo, graças ao uso e abuso da rhetorica comicial e petroleira, tem perdido um pouco o sentimento da nossa vida historica. Para lh'o despertar,* Os Luziadas *são o livro unico e aquelle que, sendo bafejado pelo genio lirico e epico do seu auctor, melhormente activa o fogo dos enthusiasmos patrioticos.*

* *

Em Santarem, projecta-se a creação de um jardim-escola. Por emquanto, existem, entre nós, uns quatro ou cinco. Impõe-se que, dentro de alguns annos, funccionem uns quinhentos ou seiscentos. Antes d'isso, as criancinhas de trez a sete annos não encontrarão um instituto apropriado á formação do seu ser, ancioso de educar-se n'um campo de iniciações e experiencias, digno da sua curiosidade tão desperta.

* *

A sensibilidade immobilisa-se ou renova-se como todas as coisas. Alguns escriptores nacionaes ainda hoje se emocionam como seus paes ou avós. Outros procuram traduzir os movimentos do seu ser intimo em fórmas originaes, immaculadas. Entre aquelles e estes os leitores decidem-se, segundo preferencias que, ás vezes, não são mais que cuidados de hygiene moral. Todos nós presamos os sentimentos que nos desafogam e purificam o coração.

A bandeira da Republica

Um documento historico em poder d'um particular

O unico documento que existe solemnisando a inauguração da bandeira da Republica Portugueza está em poder d'um particular.

Consta esse documento de um auto com numerosas folhas contendo assignaturas de varias entidades e representantes de collectividades que assistiram a essa solemnidade e que se acham reunidas em um livro devidamente encadernado.

Não occorreu, nem ao governo nem á camara municipal de então, que tal documento é historico e que o seu logar é na bibliotheca publica ou em outro qualquer logar conveniente, menos nas mãos d'um particular. Seria, nos parece, um acto digno de applauso chamar á posse do Estado um documento que perpetúa acto tão grandioso e solemne como o da inauguração da nova bandeira da Patria Portugueza.

QUESTÕES MAGNAS

O TRATADO DE COMMERCIO LUSO-HESPANHOL

Fala-se do perigo de negociações levianamente conduzidas

A nota officiosa sobre os trabalhos da conferencia internacional de pesca que constitue, como se sabe, um dos mais interessantes capitulos do futuro tratado de commercio luso-hespanhol, foi hontem publicada nos jornaes portuguezes. Recordamos os seus termos:

«Terminou os seus trabalhos a conferencia internacional de pesca, reunida no ministerio do Estado, sob a presidencia do almirante Costa Ferreira. Forneceu aos dois governos, hespanhol e portuguez, valiosos elementos de informação a respeito dos pontos de vista de ambos os paizes, contribuindo com dados interessantes para as negociações do futuro convenio da pesca que activamente proseguem entre os dois governos.»

Ha trez dias, «A Capital» publicou o seguinte telegramma de Hespanha sobre o mesmo assumpto:

MADRID, 22.—A conferencia hispano-portugueza sobre a pesca terminou os seus trabalhos, tendo remettido aos gabinetes de Madrid e Lisboa importantes elementos de informação respeitantes ao ponto de vista dos dois paizes, com interessantes dados para as negociações *sobre a convenção em vista*, as quaes proseguem activamente.—(Havas).

A identidade das duas notas resalta á vista de toda a gente. E' simples a explicação: O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, nosso representante em Madrid, forneceu para a imprensa portugueza uma *copia textual da nota*, que já fôra por elle fornecida á imprensa hespanhola.

E, assim, ao passo que os commissionados portuguezes chegam a Lisboa, apoz uma lucta de 24 dias em que vigorosamente defenderam os nossos interesses economicos, e se constata que o insuccesso da conferencia foi exclusivamente devido a inadmissiveis pretensões dos industriaes hespanhoes, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos vem affirmar que, enriquecidos «com importantes elementos de informação a respeito dos pontos de vista de ambos os paizes, as negociações do futuro convenio proseguem activamente».

Quererá porventura isto dizer que o concurso dos interessados se tornou já dispensavel, e que, dada esta satisfação platonica aos industriaes da pesca e de conservas, a diplomacia se encarrega agora de fazer o resto? A diplomacia, se tem aspectos brilhantes, reveste tambem não poucas vezes, a apparencia de sombrios perigos. Se os seus processos são tortuosos, se os seu designios são pautados por uma laboração tenebrosa e fertil em «habilidades» saloias, os resultados da sua acção teem fatalmente de ser prejudiciaes para o paiz que d'ella se serve.

O facto é que o convenio de pesca e o tratado de commercio de que elle faz parte não podem ser negociados de animo leve, e é impossivel admittir-se que os respectivos trabalhos sejam conduzidos «ad libitum» por um cerebro unico, ainda que esse cerebro fosse, realmente dotado da mais esclarecida e privilegiada intelligencia.

E' preciso não perdermos de vista que o regimen commercial entre ambos os paizes foi sempre, ao que parece, encarado pela Hespanha sob o ponto de vista não só economico, como tambem politico. Ainda recentemente, em um artigo do «A B C», se nos deparam as seguintes significativas palavras:

«Todas as condescendencias que a nossa politica aduaneira teve com Portugal foram inspiradas no mesmo desejo de approximação iberica, que, começando na esphera da economia peninsular, «fosse pouco a pouco affectando outra ordem de relações».

N'esse mesmo artigo, subscripto pelo correspondente em Lisboa do jornal castelhano, *accentua-se a inefficacia* de todos os processos pacificos empregados pela Hespanha no sentido de provocar a approximação mais intima dos dois paizes, e, se bem que expontaneamente se distinga entre «approximação» e «annexação», não deixam de nos surprehender as revelações ali feitas ácerca de um projecto de alliança militar entre Hespanha e Portugal, projecto em que se pensou «durante el gabinete Pimenta de Castro, honrando asi las fuerzas sociales representadas por aquel gobierno, *para nosotros, el mejor de la Republica*».

Alguma coisa sabiamos de facto a este respeito. Na verdade, durante o consulado do famoso general, houve uma individualidade hespanhola que em certa secretaria do Terreiro do Paço exprimiu singulares propositos de sympathia ácerca do exercito portuguez. A alliança militar, se é que, como se deprehende, ha ainda em Hespanha quem alimente illusões ácerca das entrelinhas politicas de um tratado que deve ser meramente economico, facilitaria sem duvida essa tarefa.

Em virtude de todas estas razões que, por serem indicios, não deixam de ser razões, estranhamos deveras a attitude do nosso representante em Madrid. Bem sabemos que os tratados valem, na bagagem dos diplomatas, um pouco mais do que as condecorações, mas é indispensavel evitarmos que a uma questão de interesses vitaes da nação se não sobreponha uma questão de vaidade pessoal. Ha, infelizmente, na nossa terra muitos erros cuja explicação não é outra.

Associação dos Trabalhadores da Imprensa

Celebrando o seu 11.º anniversario, inaugura o retrato do velho jornalista Brito Aranha

Uma modesta mas sympathica solemnidade se realisou hoje na séde d'esta collectividade. Celebrando o seu 11.º anniversario, inaugurou o retrato de Pedro Wenceslau de Brito Aranha, o *avôsinho*, como lhe chamavam os companheiros, o velho jornalista ha pouco fallecido, que toda a sua vida consagrou ás lides da imprensa e trabalhou pelo principio associativo dos que labutam nos jornaes.

As salas da prestimosa Associação eram acanhadas para comportar todas as pessoas que foram prestar a sua homenagem á memoria do infatigavel trabalhador. Todos os jornaes onde Brito Aranha trabalhou desde a sua fundação se fizeram representar; do *Diario de Noticias* estavam os empregados de todos os quadros e o seu director, o sr. dr. Alfredo da Cunha.

Entre a assistencia viam-se a familia Brito Aranha e os srs. Christovam Ayres, o dr. José Pontes, Alexandre Morgado, Moniz, general Rodrigues Costa, dr. Sousa Costa, Alfredo Pinto, representando o governador civil; Gomes Raposo, representando os bombeiros voluntarios de Lisboa; D. Emilia Sousa Costa, representando a Caixa de Auxilio dos Estudantes Pobres do Sexo Feminino e muitissimas senhoras, além do grande numero de jornalistas.

Justificaram a sua ausencia o commandante da policia, a Associação Industrial, Antonio Cabreira, Academia de Estudos Livres, José Parreira, Luiz de Castro, Sebastião Baçã, D. Angelina Vidal, Pedro Diniz, Augusto Lacerda, Rodrigo Pequito, D. Sophia Sousa Viterbo, Antonio Cabral, Herlander Ribeiro, Pedro Vidoeira, Gomes Brito, Alberto Pimentel, Ribeiro Christino, etc.

Abriu a sessão o sr. Eduardo Coelho, presidente da assembléia geral da Associação, que expoz a razão d'aquella solemnidade, e convidou o general sr. Fernandes Costa para presidir, como decano dos jornalistas.

Começou este por, n'uma rapida evocação do passado, dizer-nos o que era a imprensa no seu tempo, e como então se fazia um jornal. Citou um episodio, quando a *Revolução de Setembro* era feita n'uma modesta casita da rua da Bica Duarte Bello, onde iam trabalhar elle, Cunha, Belem e Rodrigues Sampaio. Apparecera lá um pedido para um reclamo a um estabelecimento qualquer; encarregara-se de fazel-o. Quando Sampaio chegou perguntou o que era aquillo; disseram-lh'o. «O jornal não é caixa de requerimentos de ninguem», commentou Sampaio, e rasgou o original.

Era assim que se fazia o jornal. Seis linhas de Sampaio vibravam como todo um artigo de fundo. Referiu-se depois a Brito Aranha que, como Eduardo Coelho, trabalhou tambem na *Revolução de Setembro*.

Terminou pedindo para que n'aquella Associação se pugne sempre pela Verdade e se mantenha o culto do espirito da classe, mesmo atravez dos maiores obstaculos.

O dr. Alfredo da Cunha communicou que o Albergue das Creanças Abandonadas, para honrar a memoria de Brito Aranha, offerecia á Associação dos Trabalhadores da Imprensa duas vagas de albergadas que manterá até aos 15 annos, obtendo-lhes depois collocação.

A seguir, o sr. Eduardo Brito Aranha descobriu o retrato de seu pae cuja figura foi homenageada com uma vibrante salva de palmas.

O secretario da associação, sr. Alvaro Neves, leu um discurso, homenagem de veneração e de saudade a Brito Aranha, fazendo-lhe a biographia. O dr. José Pontes fez a apologia da Associação dos Trabalhadores da Imprensa e referiu-se á obra jornalistica de Brito Aranha; o dr. Alfredo da Cunha fez o elogio do homenageado como apostolo da aggremiação dos jornalistas, expondo os serviços por elle prestados a esta causa, como fundou a primeira associação da classe, encarecendo-lhe os meritos e enaltecendo-lhe as virtudes. Por fim, o sr. Eduardo Brito Aranha, filho do velho jornalista, agradeceu a homenagem prestada á memoria de seu pae.

Em nome da direcção da associação, o sr. Accacio Pereira entregou ao sr. Fernandes Costa o diploma de socio honorario, agradecendo este a distincção com que o honraram e agradecendo á assistencia a sua presença, em nome da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, após o que encerrou a sessão.

Teremos este anno bacalhau?

ou teremos de pagal-o a peso de ouro?

Haverá este anno bacalhau sufficiente para as necessidades do consumo da população? Aqui está uma pergunta a que, por emquanto, se não pode responder.

Como se sabe, a pesca começou em abril e só para os fins de agosto ou principios de setembro é que a flotilha bacalhoeira começa a regressar. Com o que importavamos pouco se pode contar, porque não é facil que para Portugal possa vir bacalhau com abundancia, visto que os paizes d'onde essa importação se fazia não facilitarão a sua exportação, por d'ello carecerem em virtude das actuaes circumstancias.

Com a Islandia, magnifico deposito do saboroso peixe, não se pode este anno contar, porque está na zona perigosa de operações de guerra. Com o mar do Norte tambem egualmente se não conta. Resta, portanto, apenas a Terra Nova. Poderão os seus bancos fornecer a quantidade sufficiente para todos os navios que ali foram á pesca? Em annos anteriores esses navios dividiam-se pelos diversos locaes de pesca, mas este anno tal não succedeu, devido, como dizemos, á guerra. Portanto, deve suppôr-se que a enorme concorrencia prejudicará o «quantum» que cada navio costumava trazer.

Com a falta de peixe fresco com que estamos luctando, se os navios bacalhoeiros portuguezes não tiverem sido felizes, esse genero de primeira necessidade attingirá um preço exorbitante.

Caro e bem caro o estamos já pagando.

EM TORNO DA GUERRA

O CARVÃO NÃO FALTARÁ EM FRANÇA

O exercito sueco—Um regimento austriaco executado

O sr. Marcel Sembat, ministro francez das obras publicas, fez as seguintes interessantes declarações ácerca do problema do carvão em França:

«O carvão não faltará. A crise do carvão não é uma crise de quantidade mas uma crise de preço. Aos nossos portos chegam em média por mez 1.500.000 toneladas de carvão. Nota-se até uma progressão regularmente crescente, pois no mez de dezembro recebiamos 1.140.000 toneladas; no mez de fevereiro, 1.380.000 toneladas; no mez de abril, 1.540.000 tonealdas; no mez de junho 1.770.000 toneladas. Além d'isso, as hulheiras que nos restam fornecem uma quantidade quasi egual.

«As necessidades militares e civis foram avaliadas para um anno de guerra em 35 *milhões de toneladas*. Ha, pois, com que fazer-lhes face. A dizer a verdade, as necessidades civis podem ser *maiores que no inverno anterior* que foi muito suave e d'uma actividade industrial relativamente fraca. Para evitar embaraços na repartição, é necessario que o movimento das encommendas não affrouxe como no principio do outomno passado. Eis o que aconselho aos particulares.

«O governo começou em outubro ultimo as suas «démarches» para conseguir da Inglaterra o fornecimento de carvão necessario e para augmentar, ao mesmo tempo, a capacidade de recepção, notoriamente insufficiente, dos nossos portos. O esforço produzido pelos portos francezes é prodigioso.

«Os caminhos de ferro do Estado foram incumbidos de organisar, parallelamente á iniciativa particular, a importação do carvão inglez. Quanto aos mineiros, cumpre exprimir-lhes a admiração e o reconhecimento que merecem. *Sem se queixarem, acceitaram a prolongamento dos dias de trabalho e a suppressão de todo o descanço*. A alta de preços é devida á importancia das encommendas feitas em Inglaterra e foi *muito aggravada com a questão do frete*.

«O carvão importado custa muito mais caro que o carvão extrahido das nossas minas. O governo pensou em distribuir mais equitativamente o encargo imposto por este facto á collectividade e constituiu uma commissão, presidida por um representante do ministerio do commercio, que indica ás minas as encommendas a que deve ser concedida prioridade no interesse nacional».

O ministro é partidario da idéa de admittir as municipalidades, como os caminhos de ferro e os estabelecimentos metalurgicos, a fornecerem-se nas hulheiras que abastecem os estabelecimentos metalurgicos que trabalham para a guerra.

* *

Embora o exercito da Suecia não possa comparar-se ao das nações em guerra, representa com a sua organisação moderna um factor que está longe de ser desprezivel. Segundo o «Aftonbladet», de Stockholmo, o exercito actual da Suecia comporta um effectivo de 350.000 homens de primeira linha e 175.000 homens de landsturm.

Desde que rebentou a guerra mundial, todos os mobilisaveis foram chamados para terem um periodo de instrucção cujo minimo era de 45 dias. As convocações e os licenceamentos eram effectuados de modo a conservarem-se sempre duas classes sob as bandeiras. Os officiaes do activo e da reserva tiveram assim ensejo de se exercitarem no commando, *segundo as exigencias da guerra moderna* e o exercito sueco de hoje está *perfeitamente adextrado, habituado* a construir trincheiras e abrigos e a utilisar o material moderno de que se encontra abundantemente provido. Foram creadas secções especiaes de metralhadoras e organisaram-se cursos particulares d'esta arma. Os homens pertencentes á artilharia familiarisaram-se com a manobra e o funccionamento de canhões pesados. O numero de cavallos foi sensivelmente augmentado, de modo que as classes mais antigas da cavallaria, que por falta de montadas ainda não tinham sido chamadas ao serviço, poderão agora montar e tornar a aprender o que esqueceram. As fabricas de armas do paiz teem trabalhado sem repouso, a fim de se construir o stock de espingardas necessario, pelo menos, ao exercito activo. A organisação sanitaria tambem não foi esquecida, achando-se armazenados, em quantidades sufficientes pacotes de pensos individuaes e outras provisões indispensaveis.

* *

Traducção da copia d'uma ordem do exercito austro-hungaro encontrada nos papeis d'um tenente allemão:

«Sob o pezo da mais intensa dôr, ordeno que o 28.º regimento de infantaria real e imperial seja excluido do meu exercito por cobardia e alta traição. A bandeira deverá ser-lhe tirada e depositada no muzeu do exercito imperial e real.

A historia d'este corpo, que sahiu da sua terra com o espirito envenenado, deixou de existir a partir d'esse dia. A 3 de abril de 1915, durante encarniçados combates em torno do passo de Dukla, dois batalhões do 28.º regimento de infantaria renderam-se a um unico batalhão russo, sem fazerem uso das suas *armas e cobriram-se assim* de vergonha e de opprobio.

O 28.º regimento será riscado para sempre da lista dos regimentos austriacos, devendo os restantes soldados assim como os officiaes expiar com o derramamento do proprio sangue a sua enorme falta».

Este 28.º regimento era bohemio, o que explica a sua attitude. Um regimento tcheque entendia não dever, como tal, exercer a sua bravura contra irmãos slavos.

PEDAGOGIA

«OU EDUCAÇÃO OU EXAMES»

Folheando alguns velhos boletins da «Institucion libre de enseñanza», encontramos um notavel artigo de D. Francisco Giner de los Rios, «O educación, ó examenes», do qual, pela sua absoluta actualidade e seu alto interesse pedagogico, nos parece util extrahir e divulgar as observações fundamentaes. Defensor da suppressão do pernicioso regimen dos exames, o eminente escriptor hespanhol egualmente reclama a abolição de todas as praticas analogas, taes como concursos para cargos publicos, premios, pensões, etc. Na Inglaterra, introduziu-se o sistema dos concursos para o recrutamento dos «fellowships» e «scholarships» e para os empregos publicos, como um correctivo ao nepotismo governamental. Mas rapidamente o remedio pareceu de duvidosa vantagem sobre a enfermidade. O movimento de reacção foi immediato e um protesto com o expressivo titulo de «O sacrificio da educação ao exame» foi firmado por mais de quatrocentos nomes de tão grande auctoridade como os dos filologos Max Müller e Sayce, dos naturalistas Grant Allen, Dewar e Crookes, do prerafaelista Burne-Jones do pedagogista Oscar Browning do famoso industrial Lord Armstrong e muitos outros. E' a analyse d'este protesto e dos depoimentos pessoaes d'alguns dos seus mais celebres signatarios que constitue o curiosissimo artigo da revista hespanhola.

«A Administração e os professores—diz o referido artigo—tratam a creança como um instrumento que é preciso preparar para ganhar dinheiro do Estado, sob a fórma de pensões e empregos de todas as especies, como se educa um potro para as corridas, sem conceder o menor respeito ao seu futuro, destruindo a sua robustez e resistencia ás enfermidades, já immediatamente, já com o tempo, e com ella o seu proprio vigor intellectual e moral para o trabalho. A emulação, uma das fórmas inferiores da lucta animal pela existencia, desmoralisa, obriga a desattender-se os fins superiores da educação e torna impossivel a diversidade e originalidade n'esta, impondo a todos um typo unico: o que ha de dar a victoria no concurso. O professor, escravisado a uma tarefa servil, não póde consagrar o melhor das suas forças áquillo que mais responde á sua vocação e que com superior desempenho realisaria, mas sim a esse ideal de satisfazer os examinadores; tudo o mais é prejudicial ou, pelo menos artigo de luxo, a que não ha tempo nem aptidões para attender; ao passo que o alumno tem de pôr de parte toda a idéa nova, a investigação original, o ponto de vista pessoal e inedito, que é o unico que póde despertar o seu interesse, abrir o seu espirito, dilatar o seu horizonte, fortalecer a sua intelligencia

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—25-7-915

Homens e mulheres

Eu já disse que a actual guerra, embora esta opinião se affigure extremamente paradoxal, póde e deve, por uma inversão curiosa, promover uma era de pacificação e de progresso, grata a todos os espiritos que nas perfeições do futuro fervorosamente se enlevam. Cada vez estou mais capacitado de que tal succederá. O horror dos massacres e ruinas em que este prélio assombroso terá sido lamentavelmente fertil não póde deixar de acalentar o desejo da paz, do progresso fecundo, da liberdade e do direito elevados á sua legitima supremacia.

Não é crivel que vencedores e vencidos tenham o desejo de recomeçar a lucta infernal. O militarismo agonisa; o imperialismo breve ha de ser considerado apenas uma aberração monstruosa. Hoje, estou convencido mesmo de que o maior imperio militar do mundo, que é indiscutivelmente a Allemanha, estará repezo de ter entrado n'um duello tão colossal. A Allemanha ia affirmando a sua influencia dominadora no mundo, sem necessidade de desembainhar a espada. O seu commercio, a sua industria, invadiam o mundo, desbancando os das outras nações. A sua sciencia era universalmente respeitada. Todo esse dominio authentico está em riscos de perder pela aventura cesarista em que se lançou.

A guerra só tém demonstrado os beneficios da paz. Quando ella amanhã terminar, a ancia da paz será tão forte, que difficilmente se intentará uma nova guerra, e uma conflagração do genero da actual será simplesmente impossivel.

* *

Se a maior propaganda pela paz consiste no horror que a guerra está despertando, estranho erro seria suppôr que os pacifistas se encontram vencidos. Pelo contrario: embora com toda a dôr do seu coração pelo espectaculo ruinoso e pungente que se desenrola, a verdade é que são elles quem triumpha. O mundo reconhece, com esta lição sangrenta, que elles é que estão com a verdade na sua propaganda incessante que tende a acabar com os conflictos armados entre povos.

Nunca um maior anceio de bondade, nunca uma mais viva necessidade de perfeição moral, se incutiu nas sociedades que o flagello da guerra dizima ou apavora. Esse anceio, essa necessidade, findo o dever terrivel da lucta, hão de expandir-se em messes abençoadas de educação moral. Oiço já falar nas mulheres para, com os balsamos do seu sentimento, suavisarem as dôres da campanha. Eis ahi a acção do feminismo que eu mais admiro, que mais me commove, e que eu reputo a que superiormente embelleza e sagra o coração das mulheres.

Sem duvida, eu não sou dos que negam ao outro sexo os direitos que lhe competem. A mulher não póde, nem deve ser uma escrava. Com razão dizia ha dias um jornalista portuguez, o sr. José de Macedo, que na declaração dos direitos do homem, promulgada pela Grande Revolução em que raiou a aurora da humanidade livre, se attende, na realidade, aos direitos de ambos os sexos, dando-lhes uma garantia commum. A causa da mulher está, na verdade, ganha, porque em principio a sua justiça se encontra reconhecida. Só resta que as proprias mulheres saibam, com demonstrações conscientes, provar que, não abandonando as delicadezas do seu sexo, estão inteiramente nas condições de effectivarem a sua egualdade civica.

* *

Para mim, o que se torna forçoso, afim de que esse «desideratum» se alcance, não é o emprego de processos de violencia, como os que as suffragistas inglezas erradamente adoptaram. Para brutos bastam os homens, ou antes, a propria rudeza dos homens tem de ser polida e amaciada de maneira a desapparecer, como uma mancha da civilisação. A mulher, para dizer a verdade, póde não ser só egual, mas ainda, em certos pontos, superior ao homem. Para que tal succeda urge que se integre nas virtudes do seu sexo, pelo menos n'aquellas que lhes attribuem ainda os mais acerrimos adversarios das suas reivindicações. E a principal d'essas virtudes tem de ser a d'um sentimento, tão delicado e poderoso, que se conjugue com a sua belleza phisica, dando-lhe toda a formosura moral.

Reclame a mulher a egualdade dos direitos civicos, que de resto lhe estão sendo progressivamente concedidos. Mas seja sempre a mulher, isto é, o ser de bondade e encanto em que a ancia idealista dos mais bellos espiritos simbolisa o seu sonho vivo e radiante.

Infelizmente,—porque não dizel-o?—a mulher não possue ainda uma noção inteiramente exacta do sentimento. Caracterisa-a mais vulgarmente um sentimentalismo que não é mais que a contrafação do verdadeiro sentimento, que em tantos homens reside. Porventura a producção espiritual de Michelet não é uma obra prima do sentimento, e não sentimos nós, por isso mesmo, que lhe deveriamos attribuir um caracter feminino? A mulher, em geral, não tem essa profundidade na emoção. Desmaiará perante uma arranhadura; não se deterá, muitas vezes, para auxiliar um infortunio tremendo ou salvar d'uma crise tragica. E' conhecido o egoismo que tantas vezes a leva ás maiores baixezas, como ninguem ignora, que a maior parte do seu sexo está conquistado pelo espirito conservador. Ha annos, madame Vandervelde, a esposa do celebre socialista belga que hoje faz parte do governo da sua heroica nação, não hesitava em declarar que seria lançar a Belgica no maior retrocesso conceder o direito de voto ás mulheres, porque ellas dariam invariavelmente o seu voto ao governo clerical.

* *

Para que a mulher cure com os balsamos do seu coração as feridas abertas pela guerra, e impulsione o mundo no sentido da paz e da perfeição, necessario se torna que se faça a obra da sua educação moral. Para esse fim deve convergir o esforço de todos os bons espiritos; mas do que não resta duvida é de que essa obra tem de ser principalmente feita por ellas. Ao proletariado universal dizia Karl Marx que a obra da sua emancipação teria de ser feita por elle mesmo. Applique-se o conselho ás mulheres, seja elle a divisa do feminismo. Como o proletariado ha de vencer, elle triumphará tambem.

Para isso, que as mulheres entrem com lealdade e franqueza na arena das ideias. Renunciem aos privilegios convencionaes d'uma cortezia que não é mais do que a mentira, servindo para illudir e captivar. Sujeitem-se á discussão, como homens, e abandonem o tom aggressivo das suas reivindicações, hostilisando os homens que tambem soffrem, que tambem vivem sob a oppressão social. O que existe entre os dois sexos é um equivoco que os divide na lucta pela mesma emancipação. Mas a sua justiça é commum, e o alvo a que se dirigem o mesmo é.

Ultimamente, esta orientação parecê ser a que prevalece. Até n'isso a guerra póde ter sido proveitosa. Ella é um horror, é um flagello, mas se, como dizem os francezes, «à quelque chose malheur est bon», que para alguma coisa sirva. E tem servido, serve realmente para approximar os dois sexos, para lhes fazer conhecer a sua imperfeição commum, para comprehenderem os seus soffrimentos e conjugarem as mesmas esperanças. As mulheres teem visto que os homens estão sujeitos a contingencias terriveis, de que a sua propria fraqueza as isenta. Elles morrem para lhes assegurar a tranquillidade dos seus lares, a honra, a propria vida. E os homens vêem debruçados sobre os seus leitos de dôr rostos angelicos, em que a piedade e o amor reunem as suas mais dôces fulgurações.

Assistencia, carinho, comparticipação nas dôres das gerações que se batem, e amoroso desvelo em preparar para a bondade, para a belleza e para o direito, as gerações que alvorecem na vida. Ainda outro dia, n'este mesmo jornal, uma educadora distinta, a sr.ª D. Amalia Luazes, commovidamente proclamava a necessidade de attender ás creanças das escolas, que o espirito rotineiro tortura. Eis a obra d'um sentimento que eu julgo não claudicar appellidando-o viril, mas que, passando por um coração de mulher, já isenta da pieguice que o simula, já educada na grande escola da experiencia das altas emoções humanas, adquire como que o perfume d'uma flôr.

Esse sentimento já se observa, lidimo e absoluto, nas mulheres portuguezas que mais fervorosamente pugnam pelos direitos do seu sexo. Elle exprime-se n'uma bondade perfeita, que nenhum espirito de rancor ou mesmo de justificada revolta conturba e desvirtua. A mulher diz o que soffre, expõe as injustiças a que a sua existencia está sujeita, aponta os preconceitos que a infelicitaram, e do que, n'essa confissão amarga, brota da sua alma em soluços, extrahe-se a propaganda mais viva da justiça da sua causa, prejudicada por preconceitos crueis e convenções irritantes. E' o que se extrahe d'uma obra feminina, agora publicada por uma escriptora portugueza a sr.ª D. Maria Feio. O seu «Calvario de Mulher» é, na realidade, o calvario do seu sexo.

* *

O homem tambem tem o seu. Mesmo nas relações intimas dos dois sexos, esse calvario póde ser commum. O homem, muitas vezes, é simultaneamente algoz e victima da mulher. A's dolorosas contingencias sociaes juntam-se as fatalidades psichologicas. Por que não hão os dois sexos conjurar essas fatalidades como contra as contingencias sociaes persistentemente luctam? Entendam-se, comprehendam-se, amem-se, fortemente, desassombradamente, sem mentira nem hipocrisia, sem escravidão nem revolta. O mesmo estigma tremendo os assignala atravez das eras. E' o estigma da dôr, da tirannia, da imperfeição. Lealmente, como bons camaradas, conhecendo-se bem, e reconhecendo as suas mutuas qualidades e as suas respectivas virtudes, homens e mulheres devem caminhar juntos na mesma senda para alcançar egual fim e satisfazer identicos direitos.

MAYER GARÇÃO

e o seu amor ao saber e ao trabalho. De que serve tudo isto no exame?

«N'estas condições, é impossivel que a opinião publica, artificialmente attrahida para o exito em taes luctas, fórme uma *idéa da verdadeira importancia da educação nacional* do seu estado, dos seus typos, das suas necessidades. Só uma necessidade existe: ser approvado, conseguir a nota, o premio, o logar.

«O sacrificio das faculdades superiores á rotina; o rapido esquecimento do que por esse modo e com tal fim se «aprende»; o cultivo esmerado da superficialidade para tratar de tudo, companheiro inseparavel da incapacidade para tratar a fundo seja o que fôr; o desejo, não de saber, mas sim de «parecer» que se sabe; a facilidade de improvisar juizos cathegoricos sobre coisas arduas e difficeis; com a ousadia, ligeireza, falta de respeito e indifferença pela verdade; a subordinação da espontaneidade e sinceridade ao convencionalismo das respostas a um programma; a habilidade para cobrir com a menor quantidade de substancia o maior espaço possivel; a dissipação e anarquia das forças e o desgosto por todo o trabalho que não tenha caracter remunerativo:—eis aqui os gravissimos males d'um systema pedagogico, ao qual os auctores do protesto chamam «um corpo sem alma», que traz comsigo por necessidade a «corruptio optimi» e suprime as mais nobres influencias d'uma sã educação. Pois já não importa ao jóven comprehender o mundo em que vive, as forças que ha de manejar, a humanidade a que pertence, um ideal elevado a traçar para a sua conducta. A este ideal se substitue outro, separado d'aquelle por um abysmo, e que, a não ser para o desesperado esforço de uma exigencia momentanea, é completamente inutil e infecundo. E até aquelles que são capazes de sentir outra especie de estimulos são forçados a dobrar-se á conquista do exito, da fama ou do dinheiro. Os signatarios notam, a este respeito, o que todo o professor e mesmo todo o homem do mundo está farto de observar: o phenomeno frequentissimo de estudantes victoriosos e brilhantes que depois não logram sahir da mais vulgar insignificancia. As suas forças mentaes e os seus motivos moraes, tudo levou o mesmo caminho de perdição: «parece que tinham esgotado o conhecimento e vencido na lucta da vida, quando apenas tinham cruzado o humbral d'uma e d'outra.»

Seguidamente, D. Francisco Giner de los Rios responde aos que entendem que o regimen dos exames implica a constante attenção do professor aos seus *discipulos, mostrando que, onde os exames* florescem, o monologo diario do professor põe um abysmo entre elle e os seus alumnos e o ensino deixa de ser uma funcção viva, pessoal e flexivel. Quanto aos que defendem o exame como prova do ensino que dá o professor, faz notar *quanto preferiveis não seriam* outros meios de inspecção, taes como a publicação de livros, de trabalhos, de resumos e relatorios da obra realisada em cada curso...

Lisboa—Julho—1915.

Alexandre Rey Collaço

Aviação militar

Offerecem-se para frequentar a futura escola de pilotos-aviadores os srs. Alfredo Botelho Pimentel, morador na rua Filippe Folque, B. P., rez do chão; Manuel Ventura, estudante, rua de S. Felix, 8, 1.º; Armando Costa, rua da Oliveira ao Carmo, 51, 1.º; Julio Dias Neves, empregado de escriptorio, rua da Barroca, 47, 2.º.

Simões Bayão

Participa a sua chegada do estrangeiro e reabertura de clinica.
Largo de S. Paulo, 19, 1.º.

Victimas da revolução

A commissão promotora do festival no jardim de Campo d'Ourique, em beneficio das victimas da revolução de 14 de maio, recebe até 28 do corrente todos os requerimentos das victimas da revolução, acompanhados de documento ou documentos devidamente authenticados pelas auctoridades ou estancias officiaes que abonem a identidade e situação de pobreza dos requerentes. Os requerimentos, em papel commum, devem ser enviados á séde da commissão, na pharmacia Castro da Fonseca, rua 4 de Infantaria, 24.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, de André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Guliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»). 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Tolouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

Gimnastica em S. João do Estoril

No magnifico salão dos banhos da Poça reabre no dia 2 d'agosto, pelas 9 horas da manhã, a classe de gymnastica infantil dirigida pelo professor Arthur Santos.

Todos os annos este curso é muito frequentado, devido aos beneficios obtidos pelas creanças, as quaes em poucas lições accusam sempre os melhores resultados.

A nova questão Hinton

E' NA VERDADE JUSTO QUE A firma Hinton deseje, muito, conseguir a *prorogação do monopolio que lhe foi* assegurado pelo decreto de 11 de março de 1911, ou que peça uma grande indemnisação pelo resgate da respectiva concessão, desde que são effectivamente enormes os lucros que aufere dos privilegios que lhe foram concedidos.

Antes, comtudo, de desenvolvermos este assumpto, examinemos as consequencias que resultaram para a firma Hinton das circumstancias anormaes creadas pela guerra europeia.

O folheto, publicado por esta firma diz, a pag. 42, a respeito do decreto publicado pelo governo, *marcando os preços dos generos de primeira necessidade*:

«Se o Estado tinha razões superiores, que ninguem nega para uma interferencia, devia entender-se com a firma Hinton a respeito das compensações exigidas pelas perdas que lhe ia assim infligir com o decreto de 10 d'agosto. Impunha-lhe a isso a boa fé dos contractos».

A verdade, porém, é que a firma Hinton não teve prejuizo algum com a applicação do decreto de que tanto se queixa.

Em 10 d'agosto estava já terminada a laboração da sua fabrica, não tendo portanto agravamento algum de despezas com a baixa do cambio que se seguiu á declaração da guerra, e o assucar, que tinha já produzido e entregou á firma que lhe comprára toda a sua colheita, foi vendido por preço superior ao preço medio do que tinha entregado anteriormente.

Com effeito, sendo o preço de venda do assucar da firma Hinton, em 1914 (antes da guerra), 192$94 escudos por tonelada, como dissémos, as 478 toneladas que entregou em outubro foram-lhe pagas a 232$69 escudos, isto é, teve um lucro por tonelada de 39$75 escudos ou cerca de 19 contos para aquella quantidade total. Vê-se que a firma Hinton, apesar de ter tido este importante beneficio, ainda se julga com direito a pedir uma indemnisação por não ter tido um maior lucro.

Vejamos, agora se, com os elementos fornecidos pelo folheto da firma Hinton e com as informações que possuimos, poderemos calcular os lucros que esta firma deve auferir, n'um anno normal, pelos privilegios que lhe foram concedidos no decreto de 11 de março de 1911.

A paginas 18 d'aquelle folheto lê-se:

«A fabrica, antes de mais nada colloca na Madeira o assucar em condições favorecidas ainda pelo imposto municipal de 3 centavos sobre o genero estrangeiro, e pelo facto de ter um monopolio junto do consumidor sem encargos de transporte e sem grandes commissões a intermediarios. Paga fretes relativamente modicos no que ella exporta para o continente. Importa das colonias com o beneficio total de 41 contos, pelos n.ºs 3 e 4 do art. 1.º e pelo art. 2.º do decreto de 11 de março de 1911, 550 toneladas de ramas, que proveitosamente refina, ou lança nos succos saccharinos insulares. Vende á outra fabrica matriculada uma parte dos melaços resultantes das suas laborações. Destila os restantes e recebe preços consideraveis pelo alcool, destinado aos vinhos da Madeira».

Além d'isto, como se sabe a firma Hinton exporta, todos os annos, assucar para o continente, o qual é despachado sem o pagamento dos direitos alfandegarios e do imposto de fabricação, qualquer que seja a sua qualidade.

Valorisemos successivamente estes diversos privilegios, para o anno de 1913, que se póde considerar como perfeitamente normal.

1.º—*Lucro na venda do assucar no continente.*

O preço da venda do assucar da Ilha da Madeira, em Lisboa, foi, n'este anno, como dissémos, de 18,7 centavos por kilogramma, e o custo do assucar, indicado a paginas 11 do folheto, foi de 17 centavos, resultando assim para a firma Hinton um lucro por kilogramma de assucar de 1,7 centavos, ou 17 escudos por tonelada.

Portanto as 3.467 toneladas vendidas n'esse anno, como consta do quadro II do annexo, produziram um lucro total de 58.939$00 escudos.

2.º—*Lucro na venda de assucar na Madeira, produzido com assucar colonial.*

A firma Hinton póde importar, annualmente, 550 toneladas de assucar colonial pagando 50 0/0 do direito fixado para o assucar não especificado, que é de 12 centavos por kilogramma, segundo as disposições do artigo 1.º numero 3.º e artigo 2.º do decreto de 11 de março de 1911, e este assucar não póde ser sujeito a qualquer imposto geral ou local.

Como anteriormente suppuzemos que todo o assucar exportado da Ilha da Madeira era proveniente da cana insular, e como tal foi contado o seu preço, temos agora de admittir que o assucar colonial produz assucar para o consumo local.

Examinando as cotações do assucar de cana, no mercado Greenock, nos mezes de maio e de junho de 1913, em que a importação foi naturalmente feita, vemos que o preço do assucar colonial comprado pela firma Hinton seria pouco superior a 10 libras, mas admittiremos que custou 11 libras, para termos a certeza de que o nosso calculo só poderá estar errado para diminuirmos os lucros que estamos procurando calcular.

Acceitaremos, como se fez no folheto, o cambio medio normal de 15 por cento e portanto será de 56$92 escudos o preço de cada tonelada de assucar. Addicionando ao custo da rama, 60$00 escudos por tonelada para direitos alfandegarios que a firma Hinton paga pela importação d'este assucar, e 20$00 escudos para despezas de refinação, o preço d'este assucar, depois de refinado e prompto para entrar no consumo será de 136$92 escudos por tonelada ou de 13,6 centavos por kilogramma.

Não conhecemos, com certeza, o preço a que a firma Hinton vendeu o assucar, em 1913, na Ilha da Madeira, mas não terá sido decerto inferior a 23 centavos por kilogramma, visto ser este o preço de venda que essa firma indicou no seu folheto de 1909 com que procurou fundamentar a sua reclamação d'essa data.

Como todo o assucar importado na Madeira paga, além do direito alfandegario por inteiro, um imposto camarario, temos todo o motivo para suppôr que o preço de venda deverá ainda ter excedido o indicado.

Admittidos estes preços, o lucro da firma Hinton por kilogramma de assucar, que vendeu na Madeira, produzido com assucar colonial importado, será de 9,4 centavos ou de 94 escudos por cada tonelada.

As 550 toneladas, importadas em 1913, produziram-lhe portanto um lucro de 51.700$00 escudos.

3.º—*Lucro na venda de assucar na Madeira, proveniente de cana insular.*

Continuando a acceitar o preço de venda de 23 centavos por kilogramma e o do custo de 17 centavos, o lucro para a firma Hinton da venda d'este assucar na Madeira será de 6 centavos por kilogramma ou de 60$00 escudos por tonelada.

N'este anno, o Quadro II, annexo ao folheto, indica a venda para consumo local de 1.304 toneladas, ás quaes devemos deduzir as 550 toneladas *provenientes do assucar colonial.*

A venda de assucar, produzido com a cana da Ilha da Madeira, foi portanto de 754 toneladas, sendo por isso o lucro para a firma Hinton de 45.240$00 escudos.

4.º—*Lucro na venda do alcool de melaço.*

Como o folheto, a paginas 11, diz que o custo do assucar de 17 centavos por kilogramma, de que nos temos servido n'este calculo, *é feito com* deducção do valor do melaço, nada calcularemos para lucro na venda do alcool, apesar de suppormos impossivel que isto corresponda á realidade.

Resumindo o que temos dito vê-se que os lucros provaveis da firma Hinton, em 1913, deverão ter sido, pelo menos, os seguintes:

1.º—Lucro na venda de assucar no continente	58:939$00	escudos
2.º—Lucro na venda de assucar na Madeira, produzido com assucar colonial	51:700$00	»
3.º—Lucro na venda de assucar na Madeira, proveniente de cana insular	45:240$00	»
4.º—Lucro na venda do alcool de melaço	—$—	»
	155:879$00	escudos

Este resultado mostra quanta razão tem a firma Hinton para empregar todas as diligencias ao seu alcance, com o fim de conseguir a prorogação dos privilegios que lhe foram concedidos pelo decreto de 11 de março de 1911.

No proximo artigo mostraremos que os lucros que a firma Hinton deve auferir, no actual anno, são extraordinariamente superiores aos que acabamos de calcular, para o anno de 1913.

Pela Empreza Assucareira da Africa Portugueza

A. Sousa Rosa
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Rapozo

TERRA COMO HA POUCAS

Como a Amadora se diverte

Leva para a quinta de Bellas, n'um aprazivel «pic-nic» 378 pessoas, formando uma só familia

Uma gaita de foles, um bombo e uma caixa de rufo, formavam esta manhã uma fanfarra infernal que alarmou os ouvidos dos habitantes da Amadora.

Tal barulheira fizeram esses insignes musicos» que não houve creança que não pedisse á familia para a acompanhar até Bellas, á linda quinta do Senhor da Serra, formando ao lado dos socios dos Recreios Desportivos que ali iam fazer um «pic-nic».

Assim se formou um cortejo de 378 pessoas, de muitas creanças, palreiras, buliçosas, gritando e pulando, estrada fóra, pelo Pendão até Bellas, dançando algumas vezes, ao som dos compassos da tal fanfarra...

E pelo caminho a gente chegava á porta dos cazaes, vendo essa linda ranchada de creanças e muitos grupos de familias, n'uma alegria communicativa, a que dava uma nota berrante o tom garrido das «toiletes». E commentava-se:

—Só na Amadora se consegue esta familiaridade de tanta gente...

E era verdade. Só n'essa ridente villasita dos arredores se podia organisar um passeio com tanta gente, com tanta alegria, com vida encantadora, bulhenta e irrequieta de centenas de creanças.

O conjuncto era artistico. Excedeu o que esperavam os mais optimistas. Excedem o que pensaram os inconfundiveis Santos Mattos e Antonio Correia, contentes por aquella festa, que era bem sua, como uma festa de sua familia, e á qual prestavam o seu concurso, carinhoso e solicito, cedendo os seus carros para levar os farneis, o seu pessoal para attender uma falha ou um retardatario, solicitando d'uns, pedindo a outros, que fôssem, que se divertissem, que levassem para o «pic-nic» essa força de inalteravel harmonia que elles conseguiram na Amadora, tornando dos seus habitantes uma familia unica...

E na quinta, abancados aqui a além, junto da cascata, perto do obelisco, toalhas estendidas pelo chão, em frente de farneis bem fornecidos, toda aquella gente ria e gritava, offerecendo do que levavam ora a especialidade d'umas amendoas e a belleza d'uns dôces de maçãs ora dos pasteis de arroz, emquanto um medico da Amadora e o inimitavel Little Walter iam de grupo em grupo, inquirindo e provando das guloseimas, comendo ora dos leitões de Marcianno Costa ora dos dôces do sr. Venancio e dos sorvetes do sr. Nogueira...

Não se consentiram brindes, porque estragava o paladar de ricas bebidas que se apresentaram como surpreza, agua-pé de vinte annos, Porto de trinta e productos saborosos de pomares, propriedade d'alguns dos convivas.

Terminado o almoço, cujos aspectos curiosos, os reporters photographicos imprimiram nas suas chapas, quiz-se fazer um baile mas a vibratilidade de toda aquella gente, querendo divertir-se muito e bastante, não deu senão uma diabolica dança de roda que o engenheiro Azevedo marcou e que Little Walter dirigiu ao som da fanfarra, melhor afinada que uma hora antes, porque a gaita de foles era tocada pelo capitalista Oliveira da Venteira.

E caso curioso, não houve um incidente de maior porque o policiamento d'esse baile campestre improvisado era feito pelo sr. José Bastos e seu genro, tendo como «cabo d'ordens» o sr. Ramiro de Oliveira. Por fim, estabelecida a ordem e esboçada uma «pista athletica» lá se conseguiu fazer um campeonato pedestre por «equipes» de senhora e cavalheiro, correndo de braço dado cincoenta metros. Foram muitos os concorrentes e bastantes os trambulhões. E de 32 pares, depois de selecção rigorosa, com muitas palmas aos vencidos e vencedores, a victoria coube a João Santos Mattos e Maria Luiza Correia, filhos dos benemeritos propagandistas da Amadora. Tinha de ser... E n'elles, nos dois pequenos campeões, viram os convivas do «picnic» de hoje, a certeza de que outros se hão de realisar brevemente...

E, já se diz, que para o fim do mez que vem, um se organisará em homenagem aos redactores dos jornaes de Lisboa.

E' alegre a Amadora!... E' alegre e não tem egual no paiz...

Cartas da India

A nomeação do sr. Norton de Mattos—A epocha das chuvas e a carestia do arroz

Pangim, 24 de junho

Foi bem recebida na India a noticia de que o sr. Norton de Mattos se propunha deputado por este Estado. Por isso foi com alvoroço que por telegramma recebido aqui hontem, os seus amigos e admiradores tomaram conhecimento de que no ministerio organisado em consequencia do resultado das eleições elle occupava o logar de ministro das colonias. Foram logo expedidos varios telegrammas de felicitação e á noite organisou-se a marcha *aux flambeaux* com a banda de policia tocando a *Maria da Fonte*, que percorreu algumas das principaes ruas de Pangim, mesmo debaixo de chuva, dissolvendo-se o cortejo pelas 22 horas á porta da residencia do sr. dr. D. José de Noronha, conde de Mahein, que como amigo particular do sr. Norton de Mattos recebeu e festejou a noticia em sua casa.

***

Começou no dia 15 a epocha das chuvas que com verdadeira ancíedade era esperada pelos agricultores.

Conhecidas as suas vantagens vaese sucessivamente generalisando a sementação do arroz pelo processo de *Xelly*. O processo de *Xelly* consiste em semear o arroz contando com a chuva que ha de vir, aproveitando a humidade natural do terreno ou regando-o artificialmente para esse fim. A semente é lançada á terra já grelada e em poucos dias assume um desenvolvimento de 10 a 15 centimetros. E' a este desenvolvimento que se deve a utilidade do processo, porque, quando veem as chuvas, a planta não fica completamente submersa, podendo respirar sem difficuldade e continuar o seu crescimento.

Observando-se uma regularidade quasi mathematica no regimen das chuvas, a ponto da sua approximação ser, dia a dia, annunciada telegraphicamente desde a sua apparição em Ceilão, os agricultores, conforme a humidade e situação de suas varzeas, assim regulam a antecipação com que devem lançar a semente á terra. De modo que, se por acaso extraordinario, o periodo que medeia da sementação pelo processo de *Xelly* á chegada das chuvas é superior áquelle em que a planta pode viver com a humidade que o terreno tinha na occasião da sementação, a planta morre e tudo fica perdido.

N'este anno as chuvas vieram atrazadas uns dias, de modo que a ardencia dos intensos calores de junho (57.º centigrados e mais) assustadoramente começaram a affectar a vida das tenras e verdes plantas.

Não faltavam prophetas que attribuiam já esta pequena demora a effeitos da guerra europeia, aventando mesmo outros que este anno não haveria monção.

Felizmente as aprehensões desfizeram-se e todos se encontram satisfeitos.

***

Partiu no dia 18, com sua familia, com destino ao Congo, via Lisboa, o dr. Manuel Pereira Amorim de Lemos, para onde foi promovido como juiz. Durante mais de quatro annos exerceu as funcções de delegado do ministerio publico na comarca de Quepém, onde se affirmou um magistrado trabalhador, justo e honesto, pelo que deixa n'estas colonias tantos amigos e admiradores quantos o conhecem.

Acompanha-o o filho do governador sr. Ruy Conceiro da Costa, que vae completar os seus estdos nas escolas da metropole.—C. P.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O discurso do sr. Salandra

Para que mais facil se tornasse a leitura do patriotico discurso pronunciado pelo chefe do governo italiano, sr. Salandra, no Capitolio, em resposta ao chanceller allemão e ao imperador da Austria, discurso este que tanta admiração causou no mundo inteiro, foi traduzido em portuguez e largamente distribuido no meio diplomatico, parlamentar, litterario e entre as as personalidades mais em evidencia da sociedade portugueza. Como, porém, se manifestasse em todos os outros meios sociaes interesse em conhecer o discurso e as razões que levaram aquelle grande paiz a declarar guerra á Austria, pondo-se ao lado das nações alliadas, resolveu-se fazer uma nova edição e distribuil-a pelas livrarias, tabacarias e kiosques da capital, onde será vendido ao preço de dois centavos

«Procural»

Acha-se publicado o n.º 10 d'esta interessante revista forense com excellente collaboração dos srs. dr. Villela Passos, dr. Francisco Fernandes, dr. Accacio Mendes, dr. Rangel de Sampaio, Tavares de Carvalho, dr. Vaz Ferreira, dr. Vaz Pereira, etc.

A *Procural* é exellentemente dirigida pelo sr. Manuel Agro Ferreira.

«O 14 de maio»

Da tipographia Lusitana, do Porto, com este titulo sahiu um grosso volume de perto de 300 paginas, contendo a narração do que se passou por occasião do 14 de maio. O auctor, que assigna *Um contemporaneo*, não faz commentario; limitou-se a colligir as narrativas dos jornaes, soccorrendo-se principalmente da *Capital, Mundo* e *Seculo*, conseguindo assim dar uma ideia exacta do que foi esse movimento.

«De facto Leixões nunca existiu!»

Tal é o titulo d'um pequeno opusculo que sahiu no Porto e em que se condemnam as dispendiosas obras com Leixões, preconisando-se antes o aformoseamento da cidade, de fórma a fazer do Porto uma cidade digna de ser visitada e que attraia o turista.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Operações na França e na Belgica

PARIS, 25.—Communicação official.—Noite sem incidentes, a não ser algumas acções de artilharia em Artois, em volta de Souchez entre o Aisne e Oise, no planalto de Quennevières, e no bosque Le Prêtre, onde houve canhoneio acompanhado de viva fuzilaria, mas sem intervenção da infantaria.

Nos Vosges, em Band de Sapt, alcançámos novo successo; apoderámo-nos hontem á noite das organisações defensivas allemãs, muito poderosas, as quaes se estendiam entre o alto de La Fontenelle (cóta 627) e a aldeia de Launois e occupámos o grupo de casas que constitue a parte sul d'esta aldeia. Fizémos mais de 700 prisioneiros não feridos pertencentes a quatro batalhões differentes e a uma companhia de metralhadoras. A relação do material tomado ao inimigo ainda não pôde fazer-se.—(Havas).

O «Breslau» torpedeado e um submarino allemão encalhado

ATHENAS, 25.—De Constantinopla chega a noticia de que o cruzador «Breslau», torpedeado no Mar Negro, regressou a Constantinopla, tendo a baixo da linha de fluctuação um buraco de 6 metros de comprimento e 3 de largura. Um submarino allemão encalhou em Tchekmedje.—(Havas).

Os russos annunciam ter alcançado successos

PETROGRADO, 25.—Official. Na linha de combate de Janiski-Chawli-Ressieni o inimigo continúa a avançar na direcção de leste. No Vistula e no Bug repellimos todos os ataques allemães. Na linha de combate de Kmel-Voislavice alcançámos numerosos successos. No Mar Negro os nossos torpedeiros bombardearam o acampamento de cavallaria turca infligindo-lhe grandes perdas. Na linha do Narew repellimos um ataque do inimigo que fez uso de gazes deleterios, esforçando-se por passal-a.—(*Havas*).

Uma grande catastrophe

Mais de mil mortes? Já appareceram 500 cadaveres

CHICAGO, 24.—Dos naufragos do *Eastland* foram já encontrados 500 cadaveres. A maior parte são mulheres e creanças.—(*Havas*).

O *Eastland* levava a bordo 2.500 excursionistas, constando que pereceram mil. O naufragio deu-se quando o barco seguia para Michigan.

Nos Desportos de Bemfica

Abriu a exposição d'Artes applicadas com 354 trabalhos e 216 expositores

A Empreza dos Melhoramentos de Bemfica está construindo, na avenida Gomes Pereira, d'aquella localidade, um optimo edificio que os «Desportos de Bemfica» já antecipadamente alugavam. Uma das salas, ampla, rasgada, cheia de luz, foi inaugurada em maio ultimo com uma exposição de rosas, funccionando tambem já ali varios campos de «sport» annexos ao edificio.

Pois foi n'esta sala que hoje, a mesma sociedade «Desportos de Bemfica», inaugurou uma exposição de Artes applicadas que durante o dia foi immensamente concorrida.

Ha de tudo n'esta bella iniciativa dos «Desportos de Bemfica». Arte, bom gosto, e utilidade. Nas paredes, á direita e esquerda, veem-se quadros a oleo e desenhos á penna e a crayon. Nos quadros a oleo, na sua maioria de amadores e collegiaes, nota-se já n'alguns firmeza de traço, de gosto e até mesmo perfeição artistica, embora nem sempre seja boa a disposição de luz e de côres. Ao cimo, a destacarem-se, estão, por exemplo, trez grandes quadros «Paisagens», de D. Beatriz Cortes que denotam uma optima visão artistica e bom gosto. Um outro quadro ha ainda que merece especial menção: o n.º 20, de D. Gabriel de Guiol Bastos, tambem «Paisagem», um trecho de casa rustica, cheia de luz, de vida, de côr e de sabor campestre.

Ha ainda trabalhos em photominiatura, arte applicada propriamente dita, trabalhos de azulejo (pintura) do amador Jorge Pinto e que denota já firmeza de traço; trabalhos em gesso; e, no jardim de inverno, trabalhos egualmenjardinm de inverno, trabalhos egualmente em gesso, cartão, barro cru e cosido, e provas caligraphicas dos internados do Instituto dos Pupilos do Exercito.

Nos campos em frente começam, agora, 15 horas, sob um sol creador, a azafama sportiva do «foot-ball», entre os Sport Bemfica e Ferreira Borges.

Foi realmente uma bella iniciativa a dos «Desportos» com a sua linda exposição de arte applicada, hoje tão auspiciosamente aberta ao publico.

Para se ver a *importancia de tal iniciativa* basta dizer que na pintura a oleo ha quarenta e seis expositores, na sua maior parte senhoras; em esculptura expuzeram os srs. Luiz Antonio Alves, e José Chaves Guedes, ambos da Escola Industrial Affonso Domingues. Dezeseis senhoras expõem desenhos; sessenta, arte applicada (almofadas, cestos, almofadões, etc.); dezenove, trabalhos em matiz; doze, rendas, chochet; seis, rendas a filé; onze, renda ingleza; dez, bordados a branco; vinte e uma, bordados a Richelieu; e finalmente a sr.ª D. Maria Luiza de Figueiredo diversos trabalhos em rafia, seus, das alumnas do Instituto de Surdos Mudos e do Pensionato Julio Diniz. Ao todo 354 trabalhos expostos e 216 expositores.

Sarah de Mattos

A romagem ao seu tumulo

A romagem ao tumulo de Sarah de Mattos, no cemiterio dos Prazeres, foi bastante concorrida, vendo-se o modesto mausoléu coberto de ramos de flôres naturaes. Junto do tumulo estiveram, das 12 ás 18 horas, membros da Associação do Registo Civil, os quaes organisaram turnos de duas horas para receberem os visitantes. Entre as muitas collectividades que se fizeram representar tomámos nota das seguintes:

Federação Franceza do Livre Pensamento, Cercle Bertholot, de Paris; secções da Associação do Registo Civil de Loulé, Alte, Boliqueime, Galveias, Ponte de Sôr, Castro Marim, Paço d'Arcos, Banda da Republica (Concentração Musical 24 de Agosto), Grupo 2 de Agosto de 1908, Centro Republicano Academico, Junta de Parochia de Santos e Commissão Parochial da mesma freguezia, Centro Escolar Republicano de Santos, Gremio Excursionista Civil do Monte, Commissão Parochial de Santo Estevam, Junta de Parochia e Commissão parochial de Arroyos, Centro Miguel Bombarda, Gremio Luz e Verdade, Gremio Lusitano, Junta Liberal, Associação de Lojistas.

Em nome da commissão de propaganda do Livre Pensamento discursou o sr. Bastos Flavio, seguindo-se-lhe no uso da palavra os srs. Pinheiro de Mello, João de Deus, Francisco Antonio da Silva, João Soeiro e João Machado Toledo, que se referem ao crime que atirou para a sepultura Sarah de Mattos, victima do clericalismo, e dizem que é preciso construir escolas, muitas escolas, em vez de erguer egrejas e cadeias.

Em nome da Juventude Libertaria falou o sr. Manuel d'Abreu, falando por fim, de novo, o sr. Bastos Flavio, agradecendo a todas as collectividades que se fizeram representar.

NOTAS DIVERSAS

Na séde da Associação Industrial e sob a presidencia do sr. Aboim Inglez, reuniram hoje os industriaes de conservas de Setubal, para se occuparem do tratado de commercio com a Hespanha, tendo comparecido os delegados que em Madrid acompanharam a missão official do convenio da pesca.

Na Sociedade José Estevão, ao Lumiar

Inaugurou-se hoje uma cantina e balneario para 50 creanças

Na Sociedade instrucção e beneficencia José Estevão, alameda das Linhas de Torres, 80, *ao Lumiar, foi hoje* inaugurada solemnemente uma cantina e balneario para cincoenta creanças.

N'este edificio estavam já installadas a Escola Official 31 e a Escola infantil da Associação, ao todo 112 creanças a receber carinhosamente o pão do espirito.

A cantina e balneario fica no rez-do-chão, em tres casas bem arejadas e cheias de luz; á direita, o balneario, depois a cozinha e a seguir á esquerda o refeitorio, tudo rodeado por um pequeno pateo que serve de recreio para as creancinhas.

Já depois das 17,30', effectuou-se a sessão solemne que foi aberta pelo 1.º secretario da Sociedade, sr. Reynaldo Baptista, e presidida pelo sr. dr. Estevão de Vasconcellos, secretariado por aquelle senhor e pela professora D. Maria Magalhães.

Falou, além do presidente e do secretario, o sr. Pena Monteiro, presidente da direcção, seguindo-se á sessão solemne, o jantar ás ceranças que constou de canja, gallinha cosida, pescadinhas fritas com salada de feijão carrapato, carne assada com batatas, fructas, bolos e vinhos.

Ao jantar tocou varias peças de musica a banda da Academia 1.º de Junho de 1893, que depois inaugurou a kermesse, proxima ao edificio e cujo producto das rifas reverte a favor das creancinhas pobres da Associação.

Mandaram officios e cartas de confraternisação, além d'outros, os srs. dr. Bernardino Machado, dr. Levy Marques da Costa, Luiz Filippe da Matta, Pereira de Miranda, *em nome da Misericordia*, offerecendo um donativo, e o sr. dr. Magalhães Lima em telegramma.

Estiveram tambem os srs. Telles Palhinha e Abel Sebrosa, vereadores municipaes.

Bens das congregações

No antigo convento do Sacramento em Alcantara, continuou hoje o leilão de paramentos, imagens e quadros. Presidiu ao acto o vogal da commissão jurisdicional das extinctas congregações, sr. Gonçalves Neves. O leilão prosegue ámanhã, ás 12 horas. O readimento de hoje foi na importancia approximada de 700 escudos.

O problema das subsistencias

A commissão, nomeada no congresso popular, discute o preço do pão

A commissão, eleita no congresso popular de subsistencias voltou a reunir hoje na séde da Associação Industrial, sob a presidencia do sr. Fernando de Vasconcellos, para se occupar especialmente do preço do pão, problema cerealifero e adubos.

Estavam presentes os delegados operarios, os membros das associações de agricultura e de industria da mougem e panificação e outras entidades.

Os commissionados, que estiveram reunidos das 14 ás 18 horas e meia, assentaram na fixação dos preços do trigo, na fórma da sua acquisição, nos decigrammas de extracção dos productos panificaveis e seus preços, de modo a estabelecer oss eguintes tipos de pão: de luxo; de familia, fino, a 90 reis o kilo; uso commum, a 80 reis o kilo; economico, a 70 réis o kilo.

Todos os tipos de pão serão exclusivamente de trigo e as suas qualidades notavelmente melhoradas em relação ás que já existiam antes da guerra.

Tambem tratou da fiscalisação a estabelecer para fazer cumprir pelas industrias respectivas as disposições, iniciando a discussão das medidas a adoptar de modo a promover o desenvolvimento da producção do trigo para o anno proximo.

As bases em que assenta o barateamento do pão não devem affectar o thesouro publico.

A commissão reune ámanhã, no mesmo local, pelas 17 horas, para concluir os seus trabalhos, sobre aquella questão, devendo na sessão do congresso, apresentar as respectivas conclusões.

DR. AFFONSO COSTA

Continuam accentuando-se consideravelmente as *melhoras do enfermo*, que está em via de franca convalescença. *A noite* passou-a normalmente e alimenta-se com apetite. Hoje só tem recebido pessoas de familia e os medicos drs. Costa Nery, Costa Santos e Avelino Monteiro que pelas 11 horas, lhe fez o habitual penso ao ouvido.

Não cessa a romagem de amigos e correligionarios que vão procurar noticias do enfermo, vendo-se em uma mesa, na escada, uma grande ruma de bilhetes de visita, além de varias folhas de papel com assignaturas de visitantes.

Entre as pessoas que hoje estiveram a saber noticias do estado do dr. Affonso Costo, figuram:

Direcção do Centro Escolar Republicano dr. Miguel Bombarda, dr. Joaquim Prado, Apollinario Pereira, dr. Cesar Santos, coronel Lopes, dr. Pedro Castro, vice-almirante Christiano de Almeida, Augusto José Vieira, dr. Alexandre de Mattos, Henrique Delesle Domingos Teixeira Marques, commissão republicana do Monte Pedral, Daniel Rodrigues, Antonio Costa Martins, Oscar Monteiro Torres, dr. Acacio Pereira da Silva, Centro Eleitoral Defensores da Republica, major Pereira Bastos, Eduardo Calderon, Manuel Monteiro, major Brito d'Almeida, Manuel Correia de Mello, Urbano Rodrigues, dr. Costa Santos, Santos Tavares, S. Luiz Braga, etc.

Visitas de estudo

Os alumnos das escolas do Centro Dr. Magalhães Lima, em numero de cem, acompanhados pelas suas professoras, sr.as D. Leonilde da Conceição Fragoso e D. Julia Ferreira Marques e pelo sr. Pedro Botto Machado, presidente, e mais membros da direcção e conselho fiscal, foram hoje em visita de estudo á Tutoria da Infancia, sendo ali recebidos pelo juiz-presidente sr. dr. Pedro de Castro, professores e mais pessoal, assistindo a uma lição de gymnastica dos internados da Tutoria, sob a direcção do professor sr. Gouveia.

Tambem a Associação dos Caixeiros, acompanhada pelo professor sr. Ribeiro Christino, visitou, das 13 ás 15 horas, o Museu Nacional de Arte Antiga.

PEQUENAS NOTICIAS

Em opusculo foi publicado o relatorio da direcção da Sociedade Protectora dos Animaes, do Porto, por onde se vê que a benemerita instituição tem continuado a prestar os mais relevantes serviços. O numero de socios em 31 de dezembro findo era de 1,076, sendo a receita durante o anno de 1.462$07 e o saldo de 159$07.

—Foi louvado o guarda 292, destacado em Loures, pela fórma como se houve na descoberta e prisão de varios gatunos auctores de um furto importante de carvão.

—Manuel Nunes, residente na calçada do Monte, 6, 1.º, foi preso de madrugada no Poço do Borratem, onde andava promovendo desordem e ameaçando com um revolver as pessoas que passavam.

—José Augusto da Silva, servente de pedreiro, morador na rua do Sol, em Chellas, 7, quando hoje andava a trabalhar no sitio da Mitra, ao Poço do Bispo, foi colhido por uma pedra que cahiu d'um andaime, ficando com o craneo fracturado. Recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José. No banco recebeu curativo Joaquim Luiz, morador na quinta dos Marrocos, em Bemfica, atropellado por um automovel e ferido na cabeça.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — A casa do Suzana.
POLITHEAMA — A's 21 — A amante do meu genro.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Primeiras representações

AVENIDA—*A casa da Suzana*, comedia em trez actos, de Keroul e Barré, tr. de Carlos Ferreira.

O maior acontecimento theatral do verão passado, pelo que respeita a esse genero de comedias de alcova cheias de peripecias tão escabrosas como hilariantes, foi «A casa da Suzana» que hontem reappareceu no Avenida. O facto de alguns dos principaes papeis estarem agora a cargo de outros artistas despertou a curiosidade do publico que sente um fraco por semelhantes farças que uma severa moral talvez condemne, mas a cujas representações não faltam respeitabilissimas pessoas de ambos os sexos, nenhuma das quaes se retira estomagada... Teve assim fóros de «primeira» a recita de hontem, em que mais uma vez o excellente grupo de comediantes que está explorando o Avenida provou a sua homogeneidade e o escrupulo com que estuda e põe em scena as peças do seu repertorio. Aos meritos de muitos d'elles temos feito justiça e compraz-nos vel-os de novo evidenciados com a «reprise» de «A casa da Suzana».

Da comedia está dito tudo. Os auctores são mestres na especialidade e as situações que accumulam e as personagens que fazem mover atravez de tres actos, o segundo dos quaes constitue um modelo de graça, de observação e de originalidade, copiaram-nas quasi todas á vida real, por muito inverosimeis que pareçam, pois que aquellas coisas nunca deixaram de acontecer e aquella gente é de todos os tempos e de todos os paizes...

Entre os interpretes novos cumpre fazer menção, em primeiro logar, de Luz Vellozo, a cocotte que se casa e que na propria noite de nupcias ludibria o ingenuo marido. Graciosa, elegante, bem vestida, o seu trabalho foi particularmente primoroso nas scenas de dissimulação. Raphael Marques, no abrutado negociante de coiros e tambem enganado marido, continua affirmando progressos magnificos e conquistando, mercê de indiscutiveis aptidões e d'uma probidade profissional que o leva a estudar constantemente, o logar a que tem direito no nosso theatro, tão falho de moços artistas de merecimento. Augusto de Mello encarnou com talento aquelle principe polaco, a quem a vida dissoluta reduziu as energias e que da musica de Chopin procura obter os effeitos que o senhor D. João V, o Magnanimo, buscava nas pilulas de ambar. O illustre actor foi esplendido de distincção e de ridiculo. Judith Rodrigues, na «Suzana» que dá o nome á comedia e á casa e que tem como clientes senhoras matrimoniadas que cultivam com fervor o adulterio, confirmou as boas impressões que nos deixou nas precedentes peças. E', sem duvida, uma caracteristica de valor. Pilar Monteiro, cuja linha esculptural teve ensejo de se exhibir logo no primeiro acto, n'uma leveza de trajo quasi paradisiaca, houve-se muito bem no papel de mulher do negociante de coiros e que o atraiçoa com uns e com outros, nas proprias bochechas. Arthur Sá foi um bom creado, como já o havia sido no hotel de Caen, dos «Maridos com sorte». Luiz Bravo, no homem do despertador, não desagradou.

Quanto aos antigos interpretes, Jorge Grave e Francisco Judicibus vencem ambos sem esforço as difficuldades dos seus papeis. Vê-se que estudam e que desejam e conseguem acertar. Significa isso meio caminho andado para o triumpho na carreira em que promettem progredir. Militina Neves e José Mora, bastante correctos.

Não nos cançaremos de repetir que a comedia agora representada no Avenida e suas congeneres são peças a que os paes de familia devem abster-se de levar as filhas casadoiras, muito embora os haja que lhes dêem a lêr, sem hesitações, «O primo Bazilio», talvez commentado á margem... Mas os que estiverem nas condições do principe polaco, a quem a musica de Chopin rejuvenesce, talvez se sintam rapazes travando conhecimento com aquella bizarra e licenciosa sociedade que «A casa da Suzana» nos apresenta. As gargalhadas e as palmas de hontem demonstraram á evidencia que a desopilante comedia foi saboreada com prazer e continuará a attrahir muitos espectadores ao Avenida.

A. de A.

POLITEAMA—*A amante do meu genro*, de Maurice Hennequin e Paul Bilhaud, trad. de Raphael Ferreira e Francisco Pinto.

Não vale a pena contar o entrecho da peça. O leitor fica sufficientemente informado se lhe dissermos que se trata de uma serie de episodios qual d'elles o mais imprevisto e disparatado, arranjados com immensa habilidade, polvilhados com muita graça e alguns ditos de sentido «equivoco». Mais não é preciso, n'esta quadra de calor, para que a «Amante do meu genro» obtenha o agrado do publico, chamando ao Politeama farta concorrencia.

No desempenho é justo destacar Palmyra Torres, que fez uma das personagens da peça com a qualidade que é sempre a nota caracteristica dos seus trabalhos, e Ignacio Peixoto, que se houve á altura dos seus creditos.

Z

Ao correr da penna

Prosegue o segundo acto da Revista de 1858 *de que vimos fazendo uma analyse com allusões aos casos mais salientes do momento: a compra da corveta* Sagres, *a transferencia do Collegio Militar de Mafra para a Luz, a caça dada por cabos de policia ao phantasma da cerca de Jesus de que eu ainda ouvia falar quando era pequeno, a má organisação das loterias da Misericordia, as manias tauromachicas dos moços de boa sociedade. Com uma marcha de toureiros—santo Deus quantas temos visto—fenece o quadro sexto.*

O setimo é uma satyra ao hospital zoologico que se estabeleceu no largo da Estrella. N'esse quadro figuravam actores vestidos de animaes e passaros tal como nas Aves de Aristophanes, *no* Chantecler de Rostand *e no* Sol e Sombra *de Ernesto, Felix e Lino.*

No quadro seguinte Lisboa recebe os estrangeiros illustres que a visitaram a proposito das festas e ahi se inserem remoques a um chinez negociante de contrabando, a um cerzidor hespanhol, a um dentista francez e ao recemchegado monopolio dos Tabacos. Faz-se em seguida a oração funebre do monopolio do sabão, pretexto para um bailado dos sabonetes estrangeiros. E, tendo feito referencia ao exaggero da candonga, passam os auctores ao quadro de teatros, indispensavel nas revistas de outras eras e que falleceu com os espectaculos de sessões. Começam por queixar-se da indigestão das magicas que se succedem nas Variedades, na Rua dos Condes, no Gymnasio e ha n'essa scena um pedaço saboroso de dialogo applicavel á maioria das revistas que hoje abundam. Ahi se diz que o publico não vae para ouvir o que se diz na scena e é indifferente e sempre o mesmo; mas sim para admirar a riqueza dos fatos, dos adereços e das vistas e principalmente as pantalonas das artistas.

A seguir fala-se na invasão dos beneficios e das recitas de caridade e critica-se asperamente os melodramas do theatro D. Maria II. Surgem depois dois artistas francezes de café concerto: o Marval e a Legris e tendo-se transformado a estatua de Thalia na de Jupiter que annuncia ao Cometa, *compadre da revista, estar terminado o seu mandato, transforma-se a scena na apotheose final dedicada á benemerita instituição da Associação Popular Promotora da Educação feminina. Como se vê, já nas eras remotas de 1858, a educação feminina interessava ao espirito publico. Graças a Deus, temos feito alguns progressos n'esse sentido.*

Cyrano

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Paradis, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, da calçada da Estrella — A's 21,30 — Soldado chocolate.

Congresso algarvio

Tomando por thema «O Congresso regional algarvio, seus fins e propositos», realisa o sr. Thomaz Cabreira uma conferencia depois d'ámanhã, ás 21 horas, na séde da Sociedade Propaganda de Portugal.

Exames de 2.º grau

Todos os alumnos que requereram exame do 2.º grau e não juntaram todos os documentos exigidos devem dirigir-se ás inspecções dos circulos escolares, a fim de completarem os respectivos processos, sob pena de não serem admittidos a exame.

O porto franco de Lisboa

O seu funccionamento nos primeiros mezes d'este anno

O «Boletim da Camara Portugueza de Commercio e Industria do Rio de Janeiro», correspondente a maio ultimo, occupa-se do funccionamento da zona-franca do porto de Lisboa, creada por decreto de 22 de agosto de 1914 e destinada a receber em consignação as mercadorias oriundas do solo brazileiro. D'elle transcrevemos o seguinte:

«Em diversos Estados do Norte do Brazil, principalmente no da Bahia, a medida decretada pelo governo portuguez teve o melhor acolhimento e algumas firmas exportadoras enviaram immediatamente para a nova zona-franca remessas importantes das seguintes mercadorias: *algodão, café, couros, farinhas, piassaba e tabacos.*

Iniciaram-se as transacções com o melhor exito, collocando-se bastante algodão, conforme é demonstrado nos dois mappas que publicamos da existencia das mercadorias nos mezes de Janeiro e Fevereiro (mappa n.º 1), e do mez de Março (mappa n.º 2).

A casa Magalhães & C.ª, da Bahia, entre outras, que havia consignado á nova zona-franca avultado numero de fardos com tabaco, no mesmo tempo que fornecia amostras do genero á *Regie* franceza, aventurou-se a enviar um emissario especial a Paris, que habilmente coadjuvado pelo Chefe do Escriptorio de Informações do Brazil, n'aquella cidade, conseguiu realisar uma venda importante da mercadoria armazenada em Lisboa. Foram duas as operações realisadas com o tabaco, perfazendo um total de 12.000 fardos no valor de 780:000$000 réis.

A situação excepcional do porto de Lisboa, perante o estado anormal da velha Europa, convulsionada por tão intensas luctas, facilita a collocação dos productos exoticos que acodem áquelle mercado, onde ultimamente se teem registado cotações muito mais elevadas, para esses productos, do que em qualquer outro porto, em communicação directa com o Brazil. Um dos generos com cotação mais elevada que a usual foi o cacau ultramarino, que obteve 80 0|0 mais do que a cotação normal dos ultimos mezes em outros paizes.

Nos mappas referentes á existencia de mercadorias brazileiras na zona-franca de Lisboa, notamos a falta do cacau e sabemos de fonte segura que muitos negociantes d'aquella praça se teem dirigido aos differentes mercados brazileiros, fazendo pedidos do genero, mas até hoje não conseguiram sequer obter uma unica sacca, o que representa grave prejuizo para a exportação brazileira, pois, como já acima dissemos, as cotações em Lisboa, para esta mercadoria são 80 0|0 superiores ás das outras praças europeias».

O «Boletim» insere um mappa das existencias mensaes dos productos brazileiros em deposito nos armazens da zona-franca do entreposto de Santos referentes ao ultimo dia dos mezes de janeiro e fevereiro. Em janeiro havia 137.702 kilos de algodão, 24.000 de café, 12.208 de couros, 31.008 de farinhas, 373 de pelles, 727 de piassaba e 1.027.607 de tabaco. Em fevereiro as quantidades de café e piassaba eram as mesmas, havendo ainda 45.579 kilos de algodão, 11.330 de couros, 30.081 de farinhas e 1.068.088 de tabaco.

O «Boletim» prosegue:

«Qual será o motivo da abstenção dos exportadores de cacau brazileiro ao mercado de Lisboa? Na producção mundial do cacau o Brazil figura em quarto logar, calculando-se essa producção actualmente em cerca de 40.000 toneladas. Verdade é que, no anno findo, exportaram-se toneladas 40:767, provindo sem duvida alguma o excedente entre a producção e a exportação de *stocks* existentes de colheitas anteriores, facto possivel de se dar, pois que no anno anterior a exportação attingiu sómente 29:758 toneladas.

No quadrimestre do corrente anno a exportação do porto da Bahia cifrou-se em 8:632 toneladas, o que dá uma média mensal de 2:158 toneladas. Registaram-se tambem, no mesmo periodo, a sahida para consumo no Brazil de 420 toneladas. Deve existir, portanto, um *stock* de cacau no mercado brazileiro, que pode habilmente ser canalisado para a zona-franca onde as cotações são deveras tentadoras, e a existencia nos armazens se encontra muito reduzida».

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Horario de trabalho em Oeiras

Escreve-nos *Um empregado de commercio*, de Oeiras, dizendo que é urgente que a camara municipal d'aquella villa trate de regulamentar as horas de trabalho, o que já devia ter feito, pois continuam os empregados commerciaes a trabalhar 16 e 18 horas por dia como antigamente.

Escusado será dizer que tal facto representa um abuso a que urge pôr cobro.

O relogio da Estrella

Porque se não põe a trabalhar este relogio, ha tanto tempo parado e que tanta falta faz? Tal é a pergunta que nos dirige «Um leitor assiduo», á qual, com franqueza, não sabemos responder. Talvez que alguem o possa fazer e a esse alguem recommendamos o caso, a vêr se d'esta vez se tomam providencias.

Movimento associativo

Machinistas mercantes portuguezes

Reune a assembleia geral depois d'ámanhã, ás 20 e meia horas, sendo os assumptos a tratar de grande importancia, pelo que se pede a comparencia de todos os socios.

Festas associativas

Commissão Humanitaria do Castello

Nos dias 1, 8, 15 e 22 d'agosto realisam-se as festas commemorativas do 8.º anniversario d'esta prestante instituição. Além da sessão solemne, para que foram convidados os srs. dr. Bernardino Machado, presidente honorario; dr. Carneiro de Moura, e D. Anna de Castro Osorio, inaugurar-se-ha a nova bandeira e distribuir-se-hão jantares completos aos pobres da freguezia.

Durante os dois primeiros domingos estarão patentes os trabalhos manuaes manufacturados pelas alumnas da escola, a cada uma das quaes será distribuido um côrte de fazenda para vestido.

Tem sido avultado o numero de prendas para o bazar, cooperando n'estas festas, além da tuna dr. Antonio José d'Almeida, a Troupe de Bandolinistas 5 d'Outubro, Tuna Recreativa Tondelense e um Grupo Musical.

—Decorreu com grande animação a recita hontem realisada no Gremio Joaquim Neves, no Dafundo, tendo sido muito applaudidos todos os amadores que entraram no dialogo em verso «Eterna condemnação» e na comedia-drama «Gaiato de Lisboa». O baile que se seguiu foi egualmente muito animado.

Monumentos historicos

Um attentado contra a arte e uma profanação

A cathedral da Guarda, uma das mais notaveis do paiz, anda de ha muito, já do tempo da monarchia, em reparações. Ha uma duzia de annos que n'ella se não exerce o culto e n'ella existem varios tumulos de bispos cujas lousas são preciosas obras de talha.

Pois, segundo nos escreve de Vizeu o sr. Antonio Ferreira, mãos barbaras e criminosas teem quebrado e mandado quebrar essas lousas e entrado dentro dos tumulos, a fim de vêr se encontram anneis ou objectos preciosos, espalhando as ossadas nas naves da cathedral, commettendo-se assim uma profanação e ao mesmo tempo um attentado contra a arte.

Será a commissão dos monumentos nacionaes conhecedora do facto?

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 23.—No proximo domingo realisa-se n'esta cidade um comicio publico, promovido pelo Atheneu Commercial, para publicamente ser apreciada a attitude da commissão administrativa municipal, quanto á elaboração do regulamento do horario de trabalho no commercio. Entre outros, fará uso da palavra o sr. Alfredo Ladeira, deputado, e um dos auctores do projecto de lei.

—Foi nomeado professor da 10.ª disciplina da Escola Industrial Brotero o sr. Antonio Fernandes Leitão.

—No dia 7 do proximo mez de agosto devem responder em audiencia de jury n'esta comarca os indigitados auctores do importante roubo de joias praticado no thesouro da Sé Cathedral.

—Para a Escola Industrial, Pedro Nunes, em Faro, foi transferido o professor da Escola Brotero sr. Henrique Matheus Conrado.

— Realisou-se hoje a feira mensal de gado no Rocio de Santa Clara, sendo muito concorrida e realisando-se importantes transacções na especie bovina e lanigera. Os preços são actualmente muito elevados.

CONDEIXA-A-NOVA, 23.—A festa da instrucção militar preparatoria aqui realisada não teve o brilho que devia assumir, por culpa dos seus organisadores, visto que não foi permittido aos alumnos das escolas n'ella tomarem parte, abrindo-se apenas uma excepção para os da escola d'esta villa, excepção contra a qual protestamos. E assim, as creanças, que tinham vindo alegres e satisfeitas por lhes terem dito que iam prestar as suas provas de gymnastica, retiraram cabisbaixas, como que envergonhadas. Não se comprehende semelhante modo de proceder.

Movimento maritimo

Amsterdam «Tubantia» (do Brazil).....	26
Africa oriental «Clan Macarthur» (Liv.)	27
New-York «Patria» (de Marselha).......	28
Af. oriental «Durham Castle» (Lond.)	28

ficios melhores, começaram a reparar as estradas que elles proprios haviam arruinado com o bombardeamento e estabeleceram uma pretensa administração civil.

Em Torlak, as suas obras de defeza tinham sido construidas obedecendo a todos os preceitos da arte da guerra e plataformas de cimento estavam promptas a receber os canhões. Não tinham, porém, ainda

O maharajá de Mysore, da força expedicionaria india

tempo de resolver o que deviam fazer de Belgrado e já os servios lhes cahiam em cima e os repelliam para além do Save. Duas correntes se manifestavam entre elles: uma, a de respeitarem os civis, outra, a de se seguir o exemplo prussiano. Os edificios occupados pelas auctoridades militares ficaram intactos; n'outros os estragos foram grandes. Bairros inteiros da cidade escaparam do saque; outros foram saqueados d'um a outro extremo. Emquanto a cathedral e outras egrejas não soffreram sérias avarias, o edificio dos correios foi arrazado por completo; toda a mobilia da casa do parlamento foi despedaçada.

As tropas austriacas fizeram a sua entrada na cidade de bandeiras desfraldadas e ao som das musicas. A bandeira hungara fluctuou no palacio real e doze camponezes foram enforcados no centro da cidade. A noticia da «conquista» foi levada a Vienna e Berlim, onde causou grande e enthusiastico regosijo.

Comtudo, mesmo n'essa occasião, quando uma facil victoria sobre os servios parecia indubitavel, as auctoridades militares austriacas manifestaram a mesma indifferença pelo bem estar dos seus soldados que já haviam demonstrado em Valievo. O seu serviço medico estava completamente desorganisado. Com o exercito de occupação vieram 800 feridos. Tinham gasto muitos dias no caminho, sem lhes prestarem soccorros, e ao chegarem a Belgrado acolheram-se á sombra da bandeira vermelha americana, já sobrecarregada com 1.200 feridos servios. Desprezando os seus feridos, que até fome chegavam a passar, iam-nos mandando para o hospital americano, onde chegou a haver 3.000.

Entretanto, o estado maior, celebrando a sua «victoria» — victoria que nada custára, pois a cidade fôra occupada sem resistencia—banqueteava-se lautamente.

Quando começou a evacuação, os austriacos levavam, não os seus feridos, mas os servios, que transportaram para a Hungria a fim de augmentar o numero dos prisioneiros de guerra. Muitas centenas de naturaes de Belgrado—o numero exacto provavelmente nunca se saberá — foram levados para a Austria-Hungria. Poucos d'elles eram homens. N'esse numero incluia-se um rapaz de nove annos de edade e um velho surdo-mudo; o resto eram mulheres e raparigas.

Foi na manhã de 14 de dezembro que os preparativos para a partida começaram. Um official do estado maior austriaco visitou o dr. Ryan, o director do hospital americano, e pediu-lhe para se encarregar dos feridos austriacos, que tinham de ser abandonados, e d'ahi a pouco uma fila interminavel de vagons se-

punham que n'esse praso de tempo a campanha terminaria.

Assim, quando o primeiro exercito servio iniciou o seu avanço, os austriacos foram apanhados caminhando desprevenidamente pelas estradas—não em paiz aberto, mas em valles e passagens dominadas pelas eminencias—e emquanto tratavam de se concentrar, a fim de responderem ao ataque, os servios haviam-lhes infligido grandes perdas, lançando o panico nos que escaparam.

Só n'aquelle dia o general Mishitch aprisionou 12 officiaes, 1.500 homens, 5 canhões de artilharia de montanha e quatro metralhadoras, e fez avançar o seu exercito para a linha Kostuniche-Teochin-Grn. Branetichi-Vranovicha.

O exercito de Uzitsha havia sido atacado vigorosamente nas suas posições por ambos os lados do Morava occidental, mas repelliu o inimigo e fez 95 prisioneiros. O terceiro exercito avançou mais vagarosamente para Lipet, aprisionando tres officiaes, 500 homens e duas metralhadoras. O segundo exercito encontrou grande opposição, mas apoz uma lucta desesperada fez alguns progressos e grande numero de prisioneiros.

No sector norte os austriacos haviam destacado uma importante força para a sua entrada triumphal em Belgrado, e patrulhas de reconhecimento, provavelmente uma guarda de flanco, em observação, foram vistas na direcção de Slatina-Sopot-Popovitch.

O exito da offensiva dos primeiros dias, vindo, como succedeu, apoz semanas de desanimo, foi recebido com enthusiasmo pelos servios. O seu jubilo era, porém, tranquillo e restricto a uns certos limites. Reconheciam que o inimigo havia sido apanhado mais ou menos de surpreza e sabiam que elle estava de posse de posições montanhosas de grande força natural, de muitas das quaes só poderia ser repellido á baioneta.

Mas o exercito recuperou animo e carregando com indomita coragem levou os exercitos dos Habsburgos adeante de si com uma rapidez incrivel.

As posições que elles occupavam foram tomadas uma apoz outra e apenas o quartel general annunciava uma victoria immediatamente se recebia noticia de outra. A 5 de dezembro o primeiro exercito havia reconquistado a altura culminante da montanha Suvobor e o cume de Rajatz. O terceiro exercito havia vencido uma vigorosa resistencia e avançado para Vrlaja durante o dia, tendo os austriacos, em resultado do ataque nocturno, abandonado Lipet, deixando 2.000 prisioneiros. O segundo exercito havia avançado para Kremenitza e Baresnevatz.

O exercito de Uzitsha continuou em lucta desegual com a ala direita do 16.º corpo, mas apezar d'isso conseguiu manter-se. Assim animado, tomou a offensiva com um ataque nocturno e na manhã seguinte viu o inimigo em plena retirada para Zelenibreg.

Não havia já a menor duvida de que a terceira invasão da Servia era um desastre ainda maior do que fôra a primeira. Os trez corpos de exercito no centro e na direita austriaca tinham sido completamente derrotados e estavam retirando em desordenada fuga para Valievo e Rogatitza, deixando milhares de prisioneiros e abandonando enormes quantidades de munições e apetrechos de guerra.

A 7 de dezembro o exercito de Uzitsha chegou a Pozega. O primeiro exercito rapidamente venceu a ultima resistencia inimiga no cume de Maljen e tomou a linha Maljen-Ruda-Donia-Toplitza. O terceiro avançou com grande vigor e chegou a Milovatz - Bochnyanovitch - Dudovitza, tomando grande numero de canhões e de prisioneiros.

Só o segundo exercito falhou no seu avanço, porque o commando austriaco, considerando a situação no Suvobor como uma perda irreparavel, tentou uma diversão ao norte. O 8.º corpo e o de forças combinadas haviam, com effeito, defendido as suas posições com maior valentia do que a que tinha sido opposta ao

primeiro e ao terceiro exercitos e não só conseguiram dar um cheque no segundo exercito, mas um tanto audaciosamente pronunciaram um ataque contra a posição defendida pelo «Destacamento de Belgrado» em Kosmai e em Varoonitza.

Os servios, apesar d'isso, não tinham motivo para estar descontentes com as operações do dia, porque haviam aprisionado 29 officiaes e 6.172 soldados e tomado 27 peças de campanha, 1 de montanha, 15 armões de peças, 56 caixões de munições de artilharia e entre 500 a 600 carros de transportes. Tinham tambem resolvido o avanço para o sul o 13.º, o 15.º e o 16.º corpos d'exercito austriacos estavam em fuga—uma fuga desordenada—deante das forças do general Stürm (terceiro exercito) e das do general Mishitch.

A 8 de dezembro o exercito de Uzitsha encontrou grande resistencia deante da cidade d'esse nome, mas os soldados servios pareciam agora invenciveis e os restos do famoso 16.º corpo austriaco voltaram costas e fugiram para a fronteira. O primeiro exercito, continuando na sua carreira triumphal, retomou Valievo. O terceiro chegou ao Kolubara. na sua juncção com o Lyg e, desenvolvendo uma divisão para leste, ameaçou o flanco direito dos austriacos em Cooka e concorreu para que o segundo exercito tomasse essa posição. Com os seus progressos os servios conseguiram cortar os trez copos fugitivos ao sul dos dois que ainda estavam dando signaes de actividade ao norte.

As operações a oeste e noroeste terminaram n'uma fuga para a fronteira. Foi pequena a lucta, porque os fugitivos austriacos apenas pensavam em pôr uma grande distancia entre elles e os seus perseguidores e abandonavam enormes quantidades de material de guerra, que enchiam as estradas de Banjabashata, Rogatitza, Loznitza e Shabatz.

N'esta phase da lucta tiveram especial interesse as operações contra Belgrado. A 8 e 9 de dezembro, o «Destacamento de Belgrado» foi atacado com violencia na linha Kosmai-Varoonitza, mas a derrota austriaca nos outros pontos permittiu ao general Putnik que pudesse mandar recuar as suas tropas. Por isso, mandou a ala esquerda do terceiro exercito contra Obrenovatz, juntou o resto d'esse exercito e a divisão de cavallaria ao segundo e pôz essa força combinada, juntamente com o «Destacamento de Belgrado», sob o commando supremo do voivode Stepanovitch, o herõe da primeira batalha das montanhas Tzer.

Stepanovitch era severo, rispido mesmo, para com os seus officiaes, que o consideravam como um chefe difficil de aturar, mas para com os soldados os seus modos eram completamente differentes. Não é exagero dizer que os amava como a filhos, pondo acima de tudo o conforto e o bem estar d'elles, tornando-se por isso o idolo das fileiras. Em tempo de paz, o voivode dispendia muito tempo em reflectir. Todos os dias sahia de sua casa, em Belgrado, dirigia-se para o jardim ou parque mais afastado da capital, sentava-se n'um local isolado e entregava-se ás suas reflexões. Se apparecia algum importuno, o general recebia-o de má catadura, o que fazia com que d'ahi a momentos estivesse novamente só, exactamente o que elle queria.

Tão habituados estavam os habitantes de Belgrado a esse costume d'um dos seus mais afamados generaes que havia uma cadeira no parque que era conhecida e respeitada como o proprio voivode. Na guerra, conservou os mesmos habitos e passava horas sem dirigir a palavra ao seu estado maior. Comtudo era um grande general.

Quando, a 10 de dezembro, assumiu o commando do movimento para Belgrado, o terceiro exercito estava avançando para Obrenovatz, a divisão de cavallaria guarnecia a margem esquerda do rio Beljanitza, o segundo exercito estava na linha Volujak-Sibnitza-Nemenikuchir, o «Destacamento de Belgrado» mantinha as posições em Kosmai-Varoonitza e o destacamento de Semen-

dria tinha occupado Pudarchi. As tropas occupavam assim uma fronte semi-circular que se estendia do Save ao Danubio.

As principaes posições austriacas estendiam-se de Obrenovatz na margem direita do Kolubara a Konatitche e d'ahi, atravez do Grooka, para Boran-Boshdarevatz-Vlashko-Lipa-Krajkovo-bara.

Um avanço geral foi ordenado para o dia seguinte e, ligando-se particular importancia á posse do caminho de ferro, o centro avançou rapidamente e depois de vencer uma desesperada resistencia tomou o cume de Vlashko n'essa mesma tarde, apoderando-se do caminho de ferro em Ralia, o terminus da linha, um tunnel da qual, a poucos kilometros ao norte, fôra obstruido pelos servios depois de evacuarem Belgrado.

No dia seguinte, a ala esquerda do terceiro exercito chegou a Obrenovatz e a direita occupou a linha Konatitche-Borak-Boshdarevatz. O segundo exercito occupou dois cumes de grande importancia e a força de Belgrado avançou para a fronte Koviona-Lipa-Krajkovo-bara.

Assim, com uma rapidez desconcertadora, os austriacos eram impellidos para um sector triangular no solo servio que tinha o seu vertice em Belgrado. Disputaram o terreno palmo a palmo e, apesar da catastrophe que sobre elles cahira ao sul, manifestaram a resolução de terem em seu poder a capital. Embora fôssem repellidos de todo o territorio que ficava entre o Save e o Drina no dia 3 de dezembro, com tal desespero se queriam mantér em Belgrado que deram repetidos contra-ataques ás posições de Koviona e Krajkovo-bara antes de retirarem para o norte, n'uma densa columna cheia de panico.

Os servios perseguiram-nos na retirada com grande vigor, carregando sobre a esquerda ao longo das margens do rio Topchiderska e sobre a direita pela estrada principal. Os austriacos tentaram oppôr-se ao avanço por meio de grandes forças da retaguarda entrincheiradas em algumas fortes posições que distinguiam aquella parte do paiz. Os outeiros que dominam a estrada ao norte de Ralia, *por exemplo*, são pontos estrategicos da maior importancia militar, mas os servios avançaram com redobrada energia, de modo que na manhã do dia 14 estavam proximos da linha Ekmekluk-Dedigne-Banovolrdo, a defeza sul de Belgrado.

N'esses outeiros os austriacos haviam feito grandes obras, consistindo em entrincheiramentos bem executados e numerosos espaldões para baterias, pelo que se via que haviam pensado em ahi se manterem por muito tempo. As suas tropas estavam, porém, desmoralisadas e, embora os combates que se travaram fôssem deveras sangrentos, ao cahir da noite os servios estavam senhores d'esses outeiros.

No entretanto a divisão de cavallaria tentára abrir caminho pelas margens do Save, a fim de cortar a retirada austriaca. Não poude, porém, avançar muito, porque encontrou a pantanosa planicie de Makesh, onde estava exposta ao fogo dos canhões inimigos que se achavam em Topchider e dos de dois monitores fluviaes.

Os invasores começaram a passar de novo o Save na manhã de 14 de dezembro.

Durante o dia chegaram noticias de que o movimento augmentava de intensidade e durante a noite tornou-se n'uma verdadeira fuga. Ao romper da aurora de 15 os servios collocaram os seus canhões n'um dos outeiros proximos, bombardearam e destruiram a ponte, tornando assim impossivel a fuga. Um destacamento de cavallaria desceu de Torlak e, emquanto estava em combate com uma força de hungaros que se recusava a render-se, o rei Pedro entrou na sua capital e dirigiu-se á cathedral a render graças pelo successo das armas servias.

A occupação austriaca de Belgrado havia durado quatorze dias. Os invasores tinham *evidentemente* contado com uma prolongada estadia. Guiados pelo seu ultimo addido militar na Servia, occuparam os edi-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1786 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 26 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A «POLITICA IBERICA»

Alliança militar

Pensou-se n'ella durante o gabinete Pimenta de Castro

Assumiu um aspecto novo, a que já hontem alludimos, a questão do tratado de commercio luso-hespanhol cujas negociações se arrastam ha quasi dois annos, mal se prevendo quando chegará o seu termo. Tem esse aspecto transcendental importancia, para usarmos d'um qualificativo muito grato aos nossos visinhos, e o assumpto é dos que se não devem largar de mão sem os termos sufficientemente esclarecidos e d'uma vez para sempre arrumados.

O mysterioso correspondente do «A B C» em Lisboa, occupando-se do que elle denomina «a politica iberica e o regimen aduaneiro», a proposito do tratado de commercio, observa que todas as condescendencias—assim lhes chama—dispensadas pela Hespanha a Portugal em materia alfandegaria se inspiraram n'um desejo de «approximação iberica que, começando na esphera da economia peninsular, fôsse pouco a pouco affectando outra ordem de relações». O sr. Vasco de Leiria accrescenta que «desde o tratado de commercio de 1668 concedendo aos portuguezes e aos seus productos um tratamento privilegiado, poucos annos decorridos após a separação de Portugal da Hespanha, até de 1893, que estabelecia um regimen excepcional nas relações economicas dos dois povos, todos os accordos aduaneiros foram por parte da Hespanha, a perseverança nas concessões, esperando d'ellas um agradecimento e uma approximação necessarias.» Mas esse resultado não se obteve, diz o correspondente do «A B C», que reconhece terem sido nullos os effeitos dos accordos economicos sob os aspectos politico, militar, cultural, etc., por virtude da «politica iberica» seguida, o que o leva a ponderar a necessidade do estudo da conveniencia de manter essa politica ou de prescindir d'ella antes da elaboração do novo convenio commercial.

A «politica iberica», com os seus methodos pacificos, malogrou-se, no dizer do sr. Vasco de Leiria, por culpa exclusiva dos elementos directivos de Portugal, de modo que as concessões feitas por parte da Hespanha, sejam quaes forem, nenhuma influencia exercerão sobre a approximação de ambos os povos. Posto isto, a «politica iberica» deve ser excluida do novo convenio que se negociar, curando a Hespanha apenas dos seus interesses materiaes, e simplesmente d'esses, dada a inutilidade das que se fizessem em nome d'aquella politica.

***

O sr. Vasco de Leiria, o mysterioso correspondente do «A B C» em Lisboa, que confessa ser ainda ha trez mezes partidario d'uma «federação hispano-portugueza» que cumpre não confundir—diz elle—com annexação, já agora não defende plano semelhante porque «a instabilidade das instituições luzitanas e o estado agitado do paiz não lhe offereceriam garantias de duração». Mas eram porventura outras as instituições portuguezas de ha trez mezes e propicias á nebulosa «politica iberica» hoje reputada impraticavel? O reconhecimento de que a Republica estava sendo atraiçoada e a justificação do acto revolucionario de 14 de maio encontramol-os implicitos na sensacional revelação do sr. Vasco de Leiria quando declara:

«Foi possivel pensar-se n'uma alliança militar durante o gabinete Pimenta de Castro, honrando assim as forças sociaes representadas por aquelle governo, para nós o melhor da Republica».

A revolução de maio impediu que tal alliança se viesse a firmar, confessa-o o sr. Vasco de Leiria, porque «o estado de coisas creado por ella e a significação dos elementos triumphantes são obstaculos insuperaveis a qualquer entendimento politico».

Ninguem pretenderá, de boa fé, diminuir a extrema gravidade das declarações insertas nas columnas do «A B C» que nas espheras governamentaes do paiz visinho gosa de particular favor. Tambem não bastará oppôr-lhes um facil desmentido que só os ingenuos tomariam a serio. E' preciso que toda a luz seja feita e que se averigue o que, á sombra e a pretexto d'um tratado de commercio e das concessões n'elle facilitadas, se combinou e negociou durante o periodo da dictadura, para que se saiba até onde vão, em tão tenebrosos manejos, as responsabilidades dos que n'esse instante exerciam os poderes do Estado e a representação da Republica junto do governo de Madrid, ainda agora a cargo do sr. Augusto de Vasconcellos. Emquanto isso se não fizer—que se ha de fazer!—formulêmos uma serie de perguntas suggeridas pelo extraordinario episodio, talvez o mais estupendo da serie com que a dictadura Pimenta de Castro nos surprehendeu e brindou...

***

Porque é que em Hespanha só foi possivel pensar n'uma alliança militar com Portugal depois da subida do general Pimenta de Castro ao poder onde o levou um golpe de Estado?

Em que conceito era tido em Hespanha até esse momento o exercito portuguez que collaborára na implantação do regimen republicano, adherindo á Republica todos os seus officiaes com pouco numerosas excepções?

Que significado se tirou em Madrid da manifestação das espadas e suas consequencias e da campanha de certa imprensa contra a nossa participação na guerra europeia?

Qual o objectivo da alliança que se julgou possivel realisar?

Quem iriamos atacar? A Inglaterra, por causa d'aquelle espinho de Gibraltar, quasi esquecido emquanto não se conflagraram as grandes potencias?

Mas ignora-se, por acaso, em Hespanha que temos uma situação marcada e definida na politica internacional, ligados como estamos á Inglaterra por uma alliança de seculos, ha pouco solemnemente relembrada em pleno parlamento?

Contra quem nós iriamos defender? Quem é que nos ameaça ou á Hespanha?

Conhecida a neutralidade do governo hespanhol, a despeito das complacencias havidas para com os germanophilos, e verificada a attitude da dictadura Pimenta de Castro em face da guerra e nomeadamente pelo que respeita á acção das nossas tropas em Africa, em que influiria o nexo existente entre aquella neutralidade e esta attitude nos projectos de alliança?

Para onde é que nos conduzia a dictadura?

E quem auctorisou negociações, se ellas se chegaram a entabolar, ou a simples troca de impressões sobre tão melindroso thema?

Que papel desempenhou em tudo isto o representante de Portugal junto do governo hespanhol?

De quem recebeu instrucções?

Sendo, segundo a Constituição, o chefe do Estado quem dirige superiormente a politica internacional, como procedeu n'esta conjunctura o sr. Manoel de Arriaga?

A revolução de maio creou, effectivamente, um novo estado de coisas, como accentua o sr. Vasco de Leiria. O menos relevante dos seus serviços não foi decerto o de desfazer esses escuros projectos de «politica iberica», que envolviam uma *bizarra alliança militar, cuja mira* se não disse qual fosse mas cuja realisação se suppunha possivel, sob o governo dictatorial de Pimenta de Castro,—«el mejor de la Republica»...

O sr. Augusto de Vasconcellos, que é prodigo em notas dirigidas á imprensa madrilena, ainda, ao que nos consta, não rompeu o seu silencio de quatro dias sobre o artigo do «A. B. C.». Como quem cala consente, é licito crer que não se trata de uma phantasia jornalistica. Quando resolve falar o sr. Augusto de Vasconcellos?

Poeira da Arcada

O bacalhau, tambem chamado o fiel amigo, talvez, dentro de pouco tempo appareça nos mercados a preços taes que as donas de casa se limitarão a saudal-o de longe, sem se atreverem a mettel-o no cesto das compras. E' mais uma tradição que morre, uma saudade a ensombrar as mesas pobres. Esta guerra, que ficará como a maior das calamidades da historia, depois de terminada, provocará nas baixas camadas algumas reflexões salutares.

Todos os males trazem comsigo um coefficiente de bens. Se em tempo de paz os proletarios, frequentemente, teem de bater-se com o egoismo das classes e os interesses conjugados que lhes são adversos, n'estes longuissimos mezes de lucta feroz, a vida torna-se-lhes verdadeiramente infernal.

Ora nas mãos d'elles está suspender a repetição de factos taes. Graças á sua passividade é que se organisam todas as monstruosas carnificinas dos povos. Dois ou trez raciocinios claros que lhes entrem na cabeça libertal-os-hão de uma tremenda oppressão.

***

Antes da guerra as mulheres queriam entrar na cidade politica, reclamando para si direitos iguaes aos dos homens. Os seus processos de propaganda prejudicavam a sua causa, porque denunciavam n'ellas uma violencia histerica pouco de molde a garantir-lhes a sympathia dos homens.

Estes mostravam-se dispostos a fazer tudo o que as filhas de Eva lhes pediam, mas exigiam, compensadoramente, uns dados sacrificios. Ellas, porém, não estavam pelos ajustes: preparavam a guerra dos sexos, com modos improprios da sua condição. O conflicto europeu, porém, amansou-lhes a furia. Os homens foram para as linhas de batalha, ellas volveram ás virtudes esplendidas que constituem o seu patrimonio de graças e affectos.

Um dia, sobre a Europa destroçada raiará a tranquillidade. E' provavel que, então, homens e mulheres comprehendam algumas verdades que dantes as suas cabeças não acceitavam. Se isto se der, a concordia subirá mais uns tantos graus approximando assim as duas metades do genero humano.

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Noticias parlamentares

Resolveu-se, afinal, realisar sessões nocturnas para discussão e votação do orçamento até ao fim do mez. A Camara manifestou assim, bem evidentemente, as suas intenções. O que ella quer é trabalhar. O que ella deseja é acabar com a sua ardua tarefa quanto antes. Mas de boas intenções, já o dizia o outro, está o inferno cheio. E como ellas não bastam para que o orçamento se transforme em lei da Nação, vae acontecer o que aconteceu sempre—realisarem-se votações, ás duas horas da madrugada, com trez deputados na sala e fingir-se que se tomam deliberações convictas quando, afinal, a tão tardias horas, já ninguem sabe o que faz. O convencionalismo até em politica se impõe de uma maneira odiosa. E' para isso que vão marcar-se sessões nocturnas na Camara, que a maior parte das vezes não se realisarão, por lá não irem aquelles que as alvitraram...

***

O sr. ministro das finanças, na proposta de lei que hoje levou ao Parlamento sobre os novos filiaes da Caixa Economica, faz uma innovação importante, auctorisando essa instituição a fazer, de futuro, emprestimos sobre papeis de credito, ouro, prata e pedras preciosas. O regimen do prego recebe assim a sua consagração official. No relatorio que precede a sua proposta, o sr. Victorino Guimarães insere numeros que dão bem a medida do desenvolvimento da Caixa Economica, cujo saldo, em 31 de maio de 1915, era de 3.516.296 escudos.

***

O sr. Ramos da Costa—é pecha de s. ex.ª quando fala—lá tornou hoje a insurgir-se contra a morosidade com que as commissões trabalham. Tempo perdido, porque se ha males que não se curam, o da inercia parlamentar pertence, certamente, a esse numero. Entretanto, a commissão de guerra reunirá amanhã para apreciar varios pareceres e para fazer a distribuição de tantos projectos que nem mais um mez de trabalhos parlamentares chegaria para os discutir e votar...

***

Amanhã, ao que consta, o sr. ministro do interior levará á Camara a sua proposta da reforma da policia, elaborada por uma commissão para esse fim nomeada. O governo, ao que consta, tem o maior empenho em fazer discutir e approvar, ainda n'esta sessão extraordinaria, esse diploma. E ainda ha quem fale em fechar S. Bento no dia 6. Já é ter illusões!

***

Constava hoje pelos Passos Perdidos que na sessão de amanhã da Camara dos deputados o sr. Leotte do Rego apresentará um projecto de lei promovendo, por distincção, ao posto immediato o tenente Aragão, o heroe de Naulila. O auctor do projecto fundamenta-o na circumstancia do commando de esquadrão pertencer a um capitão, que o referido official substituia quando do recontro com os allemães, arriscando assim a vida, merecendo, por esse facto, as maiores homenagens do seu paiz. Diz-se, e parece que com razões, que o projecto do sr. Leotte do Rego será acolhido com a devida simpathia por todos os lados da Camara, tendo tambem a acquiescencia do governo.

***

Findou hoje a pequenina tragedia que ficára pendente da ultima sessão. Tratava-se de acabar com os emolumentos nas prisões e de reduzir a 1.380 escudos os vencimentos do director do Limoeiro, cujos proventos ascendiam até agora a mais de 4.500 escudos annuaes. A primeira votação falhou. A segunda foi ao fim com exito, e o referido funccionario deve, a estas horas, estar fazendo bem amargas cogitações sobre as transitorias benesses com que a sorte costuma favorecer os seus eleitos. E' que uns contitos a menos n'um orçamento privado é caso para qualquer se suicidar sem appello nem aggravo...

***

Hoje não houve sessão no Senado. Pois lá, ao que parece, leva-se a vida regalada dos que não teem a contrarial-os grandes e pesados affazeres. Mas amanhã, o caso mudará de figura. O Senado trabalhará e discutirá nada menos de trez projectos de lei: o que altera a lei que reorganisou o exercito; o que classifica, para effeitos de promoção de professores as terras do paiz em quatro classes e o que manda abrir um credito de 41 contos no ministerio das finanças em favor do da guerra. Amanhã o Senado deita os bofes pela bocca fóra...

O novo presidente do Chile

SANTHIAGO DE CHILE, 26—O sr. João Luiz Sans Fuentes foi eleito por maioria presidente da Republica. O parlamento deve reunir no dia 31 do corrente para confirmar a eleição.—(Havas).

A grande guerra

Os Estados-Unidos preparam-se

WASHINGTON, 26—Os circulos officiaes calculam que a determinação do presidente Wilson de accelerar o programma provem da situação internacional actual. Os planos da secretaria da guerra visam o desenvolvimento do exercito de reserva com 500.000 homens. A secretaria da marinha pedirá o minimo de 30 submarinos, ou provavelmente 50, e varios cruzadores de batalha, etc. Pedirá tambem 250.000 milhões de dollars e o da guerra 200.000 milhões.—(*Havas*).

A acção dos inglezes no theatro occidental

LONDRES, 26.—O communicado de sir John French diz terem as nossas tropas feito explodir uma minha sob a linha allemã, a sudoeste de Zillebek, destruindo as trincheiras allemãs, e repellido um violento ataque proximo de Hooge.—(*Havas*).

Progressos allemães na Russia

PETROGRADO, 25.—Nas vias de Chavli e Rossieny o inimigo continua a progredir em direcção a Ponievege. Na linha de Naroft e entre Oztrolenka e Rojany repelimos ataques encarniçados. Entre Rojany e Pultzusk o inimigo conseguiu, no dia 23 do corrente, lançar forças na margem esquerda do Nareff. Entre o Vistula e o Bug detivemos os ataques inimigos.—(*Havas*).

Os italianos contra os austriacos

ROMA, 26.—Dois aviões italianos andaram voando sobre Riva onde lançaram 18 granadas sobre a gare. O bombardeamento deu excellentes resultados. Em Carnia o inimigo atacou a noite passada as nossas posições de Selladi Sondagna, mas foi repellido. Tambem repellimos o inimigo, que soffreu graves perdas, na região de Montonelo.—(*Havas*).

DR. AFFONSO COSTA

Prosegue melhorando o sr. dr. Affonso Costa. A noite de hontem para hoje passou-a tranquillamente e durante o dia passou perfeitamente, conversando com sua familia e alimentando-se com appetite.

Estiveram vendo-o os drs. Costa Nery e Avelino Monteiro, tendo este ultimo procedido ao penso do ouvido pelas nove horas. Durante a hora arbitrada diariamente pelos medicos para receber visitas, das 17 ás 18, estiveram com o enfermo os srs. dr. Ravara, Miguel Braga, dr. Mello Borges, Victorino Godinho, dr. Bernardo Paes e dr. Paiva Gomes.

Entre as pessoas que foram deixar cartões figuram os srs. Henrique e Alvaro Falcarreiro, Cardoso Guedes, dr. Almeida Arez, dr. Silva Pereira, tenente coronel Sousa Pinto, coronel Braz Mousinho, Carlos Trilho, major Leone, capitão David Ferreira, dr. Gama Castro, capitão de fragata Manoel Corrêa, João Pina, Dias d'Almeida, Philomena Leone, Ferreira Diniz, senador Simões Soares, capitão Vianna e Andrade, etc.

Para a festa no theatro de S. Carlos, promovida pelo Centro Republicano Leotte do Rego, de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa e que promette ser brilhante, começam hoje a ser distribuidos os bilhetes na chapelaria Guerra, travessa de S. Domingos, 42. Abrilhantam a festa duas bandas de musica, abrindo a sessão por um concerto musical dado por uma tuna composta de grande numero de executantes.

Uma gréve nos Estados-Unidos

NEW-YORK, 26.—Os grévistas recusaram acceitar as propostas do Standart Oil em Bagonne e continuarão em folga.—(*Havas*).

CARESTIA DA VIDA

O preço do pão

Os trabalhos da commissão eleita na assembléa popular

O primeiro projecto que vae sahir da commissão eleita na assembleia popular é relativo ao barateamento do pão. Como já dissémos, a commissão pensa conseguir esse «desideratum» sem prejuizo para o Estado e melhorando ainda a qualidade do fabrico d'aquelle genero. Por que fórma? E' o que tentámos apurar ouvindo o sr. Monteiro Guimarães, administrador da maior companhia de moagens do norte do paiz e membro d'aquella commissão. Reproduzimos as suas palavras:

—Na commissão de que faço parte estão representadas todas as entidades interessadas na solução de tão grave problema como é o barateamento do pão. Todos trabalhámos com vontade n'estas trez sessões em que a questão foi largamente debatida e parece-nos que encontrámos a formula mais justa e equitativa de attender ás reclamações das classes menos favorecidas da fortuna. E' certo que alguns dos interessados terão de supportar um pequeno sacrificio, mas bem compensado pelas vantagens de ordem geral que devem resultar da applicação do nosso projecto. As suas disposições permittem que se fabrique pão exclusivamente de trigo a 9, 8 e 7 centavos, sem encargo para o Estado, pelo menos que se veja, de momento. Para isso é preciso exigir-se, porém, que se exerça uma fiscalisação rigorosa sobre a panificação e a moagem.

«Urge que o governo resolva a questão, desde já. Hoje podemos importar trigo a 78 réis o kilo, approximadamente; d'aqui a uma ou duas semanas ninguem sabe qual será o seu preço. Se baixar, o Estado ainda poderá obter lucros da applicação do nosso projecto, mas o que é preciso é que elle resolva immediatamente fazer a importação, cuidando com prudencia de firmar cambios, pois qualquer alta do preço do trigo ou baixa da taxa cambial alteram profundamente a parte economica do projecto.

«Procuramos tambem salvaguardar os legitimos interesses da agricultura. Não augmentamos o preço de venda da colheita ha pouco debulhada porque averiguámos que parte d'ella se encontra já na mão dos especuladores e não é nossa funcção protegel-os. Indicamos ao governo o possivel barateamento do preço do adubo e o augmento transitorio do preço do trigo em relação á tabella de 1899. Ao contrario do que poderá suppor-se, esse augmento não deve fazer subir o preço do pão no proximo anno, porque tudo indica que se poderá obter trigo exotico a um preço que compense a alta do trigo nacional.

«E é isto o que eu posso dizer-lhe sobre as linhas geraes do projecto que vamos entregar á apreciação do governo.

A CRISE CORTICEIRA

UM PROJECTO DE LEI DA FEDERAÇÃO NACIONAL

Tributa-se a exportação em bruto e cria-se o Mercado Central de Productos Corticeiros

A Federação Nacional Corticeira approvou as bases d'um projecto de lei que em breves dias será apresentado á reunião popular que vae realisar-se no theatro de S. Carlos.

Obedece principalmente a conseguir-se que no nosso paiz se fabrique esse producto em mais larga escala do que até agora se tem feito, pois que da producção total, uma das mais importantes do mundo, apenas uma minima parte aqui se fabrica, o que vem lançar a numerosa classe corticeira na miseria.

Esse projecto é do seguinte theor:

Considerando que se torna urgente desenvolver a industria rolheira em Portugal, visto termos abundantemente a materia prima, como nenhum outro paiz do mundo;

Considerando que fabricando apenas 25 0|0 da nossa producção total, emquanto que a Hespanha, nossa visinha, fabrica 75 0|0, em virtude das suas cortiças exportadas pagarem cinco pesetas por cada cem kilogrammas, ou seja $96 da nossa moeda;

Considerando que Portugal não pode nem deve continuar a ser um armazem quasi exclusivo de cortiças para o consumo mundial em detrimento da sua industria rolheira;

Considerando que a tributação em egualdade de circumstancias com a Hespanha não affectará em coisa alguma a lavoura ou a industria, antes a desenvolverá largamente;

Considerando que a creação de um Banco do Fomento, com a importancia total do imposto que pedimos, é aconselhada pela nossa situação presente e futura;

Considerando que elle é a base da nossa regeneração economica, e portanto a sua creação absolutamente inadiavel;

Considerando que uma propaganda intelligente dos nossos productos se impõe, como uma necessidade, em face da guerra actual, não voltando nós, possivelmente, a ter occasião mais propicia para o nosso engrandecimento material;

Considerando mais que a fiscalisação das cortiças tal como se effectua actualmente não aproveita á industria rolheira nem ao Estado, e carece portanto de completa remodelação, devendo tambem prohibir-se a exportação da cortiça *enguiada*, porque tal prohibição traz grandes vantagens para a industria e para o commercio das rôlhas, submettemos ao vosso criterio o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—E' tributada em um escudo por cada cem kilogrammas toda a cortiça exportada com a espessura de 10 a 30 linhas, excepção feita dos refugos improprios para o fabrico de rôlhas.

Art. 2.º—A importancia total d'esse imposto é destinada á creação de um Banco de Fomento, administrado por industriaes, agricultores e commerciantes, sob a fiscalisação do Estado.

Art. 3.º—O juro dos emprestimos com caracter de fomento industrial e agricola devidamente comprovado será de 3 0|0.

Art. 4.º—Será creado um Mercado Central de Productos Corticeiros, dependente do Banco do Fomento, e que terá a seu cargo a publicação de um boletim semanal onde fique registado todo o movimento commercial do referido mercado, bem como o desenvolvimento corticeiro effectuado por todos os exportadores de cortiça e rôlhas, *discos* e outros artefactos corticeiros. O mesmo boletim deve inserir, a titulo gratuito, as offertas e procuras de cortiça em bruto e manipulada, publicando tambem artigos technicos da industria corticeira, acerca da sua acção evolutiva, producção e consumo mundial.

Art. 5.º—Os *Warrants* actualmente passados aos industriaes corticeiros pela Caixa Geral de Depositos passam a ser fornecidos pelo Banco do Fomento, com informação prévia do Mercado Central de Productos Corticeiros.

Art. 6.º—As Caixas de Credito Agricola Mutuo, já creadas, e as que de futuro se venham a crear serão subordinadas ao Banco do Fomento, dando-lhe assim a unidade de acção que lhes falta.

Art. 7.º—O Banco do Fomento creará casas commerciaes para a venda de todos os nossos productos de exportação, nas colonias e no estrangeiro, nos sitios onde mais conveniente fôr para o commercio, nomeando tambem para

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—26-7-915

CHRONICA MUSICAL

Canções politicas

A *canção cortês* ou canção de amor é, como vimos, a fórma typica dos generos lyricos subjectivos; mas ha, além d'essa, outras canções egualmente subjectivas, sendo uma das principaes a *sirventa*.

O tratado em catalão a que já nos referimos, *Doctrina de compondre dictaty*, define-a assim:

«Para fazer uma *sirventés*, deve falar-se d'um feito de armas, dizer bem ou mal de alguem, ou relatar um facto de actualidade. O auctor copiará a forma dos versos, das rimas e das coplas d'uma boa canção, cuja melodia tambem utilisará. Conservando o numero de silabas imposto pelo original, poderá em todo o caso modificar a ordem das rimas».

Ao contrario do que acontece com a canção de amor, em que lettra e melodia devem ser absolutamente originaes, na *sirventa* não ha personalidade: tudo é imitado ou copiado. Esta opposição entre a canção de amor e a canção moral ou politica que é a *sirventa* corresponde perfeitamente á differença de sentimentos que inspira cada uma d'ellas. Como muito bem nota Beck, a expressão melodica do sentimento amoroso, individual e intimo, sentimento que o auctor não partilha com outrem, tem de ser absolutamente original; ao passo que a admiração ou indignação produzida por um facto politico é partilhada pelo trovador com todos os seus correligionarios politicos, nada tendo, por isso, de pessoal. Portanto, não é necessario encontrar formas originaes para a expressão musical ou poetica de um sentimento social. E' certo que, por amor da arte ou ambição profissional, o trovador pode escrever uma *sirventa* n'uma forma original; mas o caracter d'esta canção não o exige. O proprio Bertran de Bom (1159-1196), o mais fogoso e pessoal dos trovadores politicos, compoz a sua violenta canção contra Henrique III de Inglaterra sobre a melodia d'um debate em voga. D'este caracter de falta de originalidade é que veiu o nome dado á canção moral ou politica, como nos diz a *Doctrina*.

«O *sirventés* recebeu o nome de *sirventés*, porque para o fazer se está sujeito á canção de que se serve, cuja melodia e rimas se copiam.»

Sirven significa em provençal o que serve, o que está sujeito a alguem ou a alguma coisa, *sirventés* o que tem caracter de *sirven*.

Peire Cardenal, trovador misanthropo da primeira metade do seculo XIII, que odeia a mulher porque nunca foi amado, que exécra a sociedade porque é corrompida e falsa, que detesta os cruzados porque são depravados e matam innocentes, que azorraga o clero porque é explorador, glutão e luxurioso, compoz uma sirventa em que se dirige a Deus para protestar contra o purgatorio e as penas do inferno. O texto d'essa canção satirica e humoristica é realmente singular; mas a melodia não o é menos. Quando se dirige a Deus para lhe fazer as suas recriminações, em vez do ar resignado do peccador que implora o perdão das suas faltas, o trovador ascende ao mais alto da melodia para gritar: *Senher, merce, no sia*, descendo depois com um ar submisso a pedir a remissão dos seus peccados. O conjuncto é estranhamente comico. Na impossibilidade de darmos aqui essa curiosissima canção, que mostra como já n'esse tempo havia espiritos que tratavam com muita sem-cerimonia as coisas da egreja e o proprio Deus, publicamos apenas a primeira estrophe:

Un sirventese novel vuelh comensar
Que retrairai al jorn del jutjemen
A sel quem fetz em formet de nien,
Si ol vai cuida de sen ocayzonar;
Et s'il me vol metr' em la diablia,
Jen li dirai: senher, merce, no sia!
Qu'el mal segle turmentiei tatz, mos ans,
E gardatz mi, siens plai, del tarmentans.

«Quero começar uma nova sirventa, que direi no dia do juizo áquelle que me fez, tirando-me do nada, se elle pensar em me castigar pelas minhas faltas; e se elle me quizer metter na casa dos diabos, eu dir-lhe-hei: senhor, por mercê, não seja assim! porque o mundo mau toda a vida me atormentou, guardae-me, por favor, de mais tormentos».

E não se supponha que foi Cardenal o unico a atacar as instituições sociaes e os representantes da auctoridade espiritual; muitos trovadores atacaram o clero e existe até um motete latino do seculo XII em que se exgotam os termos mais atrevidos e rudes contra os hipocritas pseudo pontifices.

As sirventas propriamente ditas formavam um genero independente, razão por que em alguns manuscriptos estão reunidas n'um fasciculo á parte.

As *canções de cruzada* pertencem simultaneamente á cathegoria das sirventas, como canções moraes e politicas que são, e á das canções religiosas. N'estas canções o poeta convida os christãos a tomar parte nas guerras santas; em geral, o thema é o conflicto entre a paixão que leva o poeta para junto da sua dama e o dever christão que o obriga a partir para a Terra Santa: é este que vence sempre. Sob o ponto de vista musical estas canções são inferiores, por isso que o ardor guerreiro e religioso está principalmente na lettra. Segundo Beck, a inferioridade d'estas canções proviria do facto de ellas serem dirigidas á grande massa dos cruzados, gente rude e inculta. Estas canções foram publicadas em 1908 por Joseph Bédier e Pierre Aubry n'uma edição magistral, *Les chansons de croisade*.

Uma outra especie lirica do genero da sirventa é o *enueg*, aborrecimento, nojo, em que o trovador enuncia as coisas de que não gosta; estas peças são geralmente facecias banaes, canalhas e de gosto duvidoso, devendo algumas ser improvisadas no fim de refeições copiosas de bebidas. E' deste genero o *enueg* do celebre monge de Montaudon, cuja primeira estrophe é a seguinte:

Fort m'enoia, s'o auges dire,
Parliers quant es avols servire,
Et hon que trop vol outr'aucire
M'enoia, e cava's que tire.

Et enoiam, si Deus m'aint
Joves hom quar trop port'escut,
Que negun colp voi a agut,
Capele e morgue barbut,
E lauzengier ber esmolut.

«Muito me aborrece, se ouso dizel-o, a má linguagem de quem tem antepassados, e aborrece-me o homem que muito quer matar outro, e o cavallo que puxa. E aborrece-me, assim Deus me ajude, o mancebo que usa muito o escudo sem ter recebido nenhum golpe, e o capellão e o monge barbudo, e o maldizente de bico agudo».

Seguem-se outras estrophes, em que o monge nos diz todas as outras coisas e pessoas que o aborrecem; e o seu *enueg* abrange tantas e tão estranhas coisas, que não poderiamos publical-o n'este logar, nem mesmo em provençal. Este genero mais parece chocarrice de bobo que obra de poeta. A melodia d'esta peça do monge de Montaudon é a de uma canção de amor de Bertran de Bom, o trovador politico e intrigante que Dante nos mostra no seu *Inferno*, com a cabeça separada do tronco, condemnado a leval-a elle proprio na sua mão direita, como castigo de ter procurado separar do pae os filhos do rei de Inglaterra.

Finalmente, ainda do genero da canção politica é o *planh*, lamentação composta por occasião da morte de um principe ou outra personagem politica. Mais pessoal que a sirventa propriamente dita ou que o *enueg*, o *planh*, queixa, é uma manifestação dolorosa do pezar que o trovador sente; embora esse pezar seja commum a todos os admiradores do morto, o trovador pode imprimir uma nota individual á expressão da sua dôr. Até nós só chegaram completas, isto é, com lettra e musica, duas d'essas canções: o *planh* de Gaucelon Faidit á morte de Ricardo Coração de Leão (1199), e o de Guirant Riquier, o ultimo trovador, em honra de Amaurico IV de Narbona, fallecido em 1270. As melodias teem um accento tragico d'uma funda emoção. Fecharemos esta chronica com a primeira estrophe do *planh* de Gaucelon Faidit:

Fort chauza es que tot lo maior dan
Et maior dol, las! qu'ieu anc mais agues,
E so don dei tos temps planher ploran,
M'aven a dir en chantan e retraire.
Car sells qu'era de valor caps e paire,
Lo rics valens Richartz, reis dels Engles
Es mortz. Ai Dieus! quals perd'e quals dans es!
Quant estranzz motz, quan salvatge a auzir!
Ben a dur cor totz hom qu'o pot suffrir.

«Triste coisa é que a maior desgraça e o maior luto, ah! que até hoje tenho sentido, os tenha de dizer cantando, em vez de os lamentar constantemente chorando. Porque aquelle que era cabo de valor e paz, o bom e valente Ricardo, rei dos inglezes, morreu. Ai Deus! que perda e que desgraça! (Morte) que estranha palavra, tam terrivel de ouvir! Bem duro tem o coração todo o homem que o pode soffrer.»

Humberto de Avellar.

effectivar a propaganda commercial d'esses productos caixeiros viajantes officiaes, que garantam a autenticidade das marcas e a pureza dos productos vendaveis.

Art. 8.º—Tanto os caixeiros viajantes officiaes, como os empregados do Mercado Central de Productos Corticeiros, redactores do Boletim e administradores do Banco do Fomento teem que dar provas, em concurso, das suas habilitações litterarias e technicas e de competencia administrativa.

Art. 9.º—Os fiscaes technicos creados pelas portarias do... ficam investidos dos poderes que actua mento teem os fiscaes do governo a supprimir. A nomeação dos fiscaes será feita mediante concurso, dando os mesmos provas de possuirem conhecimentos technicos e litterarios, ou seja: lêr, escrever e contar correctamente. O juri do concurso será composto de um agronomo, que será o presidente, e mais dois industriaes e dois operarios reconhecidos como taes. As associações de classe corticeiras das respectivas circumscripções poderão pedir a substituição dos fiscaes technicos ao inspector fiscal, quando se prove que elle não cumpra o seu dever. O inspector fiscal será nomeado de entre os fiscaes que melhores provas tenham dado em concurso e certifiquem o seu bom comportamento moral.

Art. 10.º—E' prohibida a exportação da cortiça *enguiada*, cujas caracteristicas serão indicadas na regulamentação do projecto de lei.

Art. 11.º—Nenhuma cortiça poderá ser extrahida dos sobreiros com menos de nove annos de creação, sendo apprehendida pelos fiscaes technicos e inspector fiscal toda a cortiça que esteja fóra d'esta regulamentação, ficando a cortiça apprehendida na posse do Estado.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, de André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, do Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver. 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»). 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O plano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Tolouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

PEQUENAS NOTICIAS

Por se terem tornado suspeitos ao guarda 1489, quando passavam na praça dos Restauradores sobraçando uma grande trouxa, foram presos José Orgal Ermida, hespanhol, morador na travessa da Conceição da Gloria, 18, 2.º, e José Luiz de Araujo, no telheiro de S. Vicente, 12. Confessaram ter assaltado a residencia do sr. Antonio José Ferreira, na rua de S. Bento, 190, furtando roupas, um binoculo e outros objectos.

—Foi preso João da Silva Freitas, morador na rua Heliodoro Salgado, 60, cave, por ter entrado no cubiculo de Joaquim Mendes, de 60 annos, guarda-portão do predio n.º 75, roubando ahi alguns objectos e a quantia de 10$00 e aggredindo o roubado por este ter pedido auxilio a uns populares.

—Em opusculo foi publicada a conferencia realisada na séde da Junta Liberal, em 19 de abril findo, pelo sr. Antonio Pombo de Mello Larcher, sobre a «projectada construcção d'uma egreja hespanhola em Lisboa, sendo ao mesmo tempo um protesto contra a reacção.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1|4	36 1|8
Londres, 90 d|v.	36 13|16	—
Paris, cheque	$73,8	$74,3
Allemanha, cheque	$28	$28,5
Hollanda, cheque	$55	$56,7
Madrid, cheque	1$31,5	1$32,5
New York	1$38	1$39,5
Rio s|Londres	13 1|8	—
Libras	6$75	6$85
Agio do ouro	40 °|₀	45 °|₀

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,65	—
» » 500$	39,60	—
» » 100$	—	—

Obrigações de Estado: 5 0\|0 1909, 80 $ 4 1\|2 1912, ouro, 96$.

Externas: 1.ª serie 72$ e 3.ª 74$.

Acções: Lisboa e Açores 114$50; Ultramarino 108$; Fidelidade 1.135$; Lezirias 101 $.

Obrigações: Aguas, assent. 78$ e coup. 81$; Prediaes 8 0\|0, 90$80 e 5 0\|0 assent. 87$50; Ambacas 91$60; Beira Alta, 2.º grau, 14$.

Exames em outubro

Na séde do Nucleo Educativo, rua Andrade Corvo, A. B., 1.º, E., está tambem patente, para ser assignada pelos interessados, uma representação dirigida ao sr. ministro da instrucção, pedindo uma segunda epocha de exames.

A nova questão Hinton

VAMOS ESTUDAR QUAL DEVERA ser, para a firma Hinton, o resultado financeiro da campanha saccharina do actual anno.

Esta firma diz no seu folheto, a paginas 34, que, para fazer laborar, em 1915, a fabrica do Torreão, necessitava de vender a preços muito altos o assucar que produzisse para lhe compensar as perdas superiores a 300 contos, causadas na sua economia pelo augmento dos preços do carvão, dos seguros e dos fretes, pela crise cambial, pela impossibilidade de collocação do alcool e pela desvalorisação immensa dos melaços—effeitos naturaes da guerra.

Vejamos comtudo quaes devem ser os preços de venda do assucar, no actual anno e as despezas, respectivamente, com a compra do assucar colonial e com o fabrico do assucar.

Accentuemos, desde já, que a grande despeza da Fabrica, que é a compra da canna saccharina insular, se mantém constante. O assucar que a firma Hinton exportará para o continente e que calcularemos em 4.000 toneladas, pelo menos, obterá este anno um preço muito mais alto do que o vendido em 1913 e 1914.

Metade da sua colheita, ou cerca de 2.000 toneladas, foi-lhe logo, em abril, comprada por uma refinaria de Lisboa ao preço de 28 centavos o kilogramma, tendo-lhe, posteriormente, a mesma refinaria comprado mais 700 toneladas a preço que julgamos poder affiançar que não teria sido inferior a 29 centavos. No mercado do Porto tem o representante da firma Hinton collocado algum assucar a preço superior a este ultimo e continua fazendo as suas offertas aos mesmos preços. Como n'este mercado ha grande falta de ramas de boa qualidade, para o fabrico de assucares refinados brancos, póde affirmar-se que o assucar da Madeira que falta vender, e que já não excede 1.000 toneladas, obterá preço egual ou superior a 29 centavos.

Parece-nos, pois, que não somos exagerados, acceitando o preço medio de 28,5 centavos por kilogramma, para o assucar da Madeira, exportado, para o continente, no actual anno.

O assucar que a firma Hinton entregar para o consumo, na Ilha da Madeira, será vendido por preço bastante mais elevado do que nos annos anteriores, estando nós convencidos de que na proposta que aquella firma apresentou ao ministro do Fomento, o sr. dr. Nunes da Ponte, declarava que o venderia, n'este anno, a 30 centavos.

Como não temos inteira certeza de ser este exactamente o preço indicado, tomaremos apenas o preço de 28 centavos, que estamos seguros de não ser superior ao que effectivamente constava da citada proposta.

A firma Hinton adquiriu este anno as 550 toneladas de assucar colonial, que importará no Funchal com as isenções consignadas no decreto de 11 de março de 1911, trocando aquelle assucar por egual quantidade de assucar na Madeira. Valorisado este assucar a 28,5 centavos o kilogramma, como já dissémos, a firma Hinton comprará o assucar colonial a 14 centavos, e addicionando a este preço o direito alfandegario de 6 centavos, resulta, para preço total do assucar colonial, 20 centavos por kilogramma.

Para podermos calcular os lucros da firma Hinton, no actual anno, resta-nos vêr quaes são as despezas de fabrico e a influencia que sobre estas terá a guerra europeia.

Admittiremos, desde já, o augmento de despeza com os fretes e seguro do assucar exportado, a que se refere o periodo do folheto, que transcrevemos no começo d'este artigo.

E' tambem certo que os saccos necessarios para o transporte do assucar, foram este anno comprados, em Lisboa, a preço superior ao usual.

Estas verbas comtudo teem pequena influencia no preço do assucar.

Temos sempre procurado, n'estes calculos, servir-nos dos elementos que encontramos no folheto da firma Hinton, mas, a este respeito, as suas affirmações são tão vagas que não pódem bastar-nos.

A paginas 11 do folheto indica-se o preço do custo do assucar, em 1915, de 16 centavos o *kilogramma*, mas accrescenta-se que este preço é feito com a deducção do valor do melaço e postos de lado, n'este anno, os augmentos extraordinarios determinados pela guerra, e, a paginas 34, allega-se a desvalorisação immensa dos melaços.

Necessitamos pois de recorrer a outra fórma de calcular as despezas de fabrico.

O folheto da firma Hinton diz a paginas 10 o seguinte:

«De outra parte, o custo do correspondente fabrico (o do assucar nas colonias portuguezas) nunca poderá ir alem de um escudo, pois na Reunião e no Havai, onde as circumstancias são muito mais desfavoraveis, oscila entre 5 francos 39 e 6 francos 63, comprehendendo-se, n'estes preços, as verbas relativas a juros de capital, despezas geraes, combustiveis e productos chimicos, empregados, operarios, instalações novas, conservação de material e embalagem».

O sr Hinton julga pois que 1 escudo é quantia sufficiente para as despezas de fabrico de uma tonelada de assucar nas fabricas de Moçambique e de Angola e, por isso, parecia rasoavel que lhe arbitrassemos a mesma quantia para attender ás circumstancias extraordinarias creadas pela guerra europeia, visto que, d'este modo, lhe concederiamos um augmento de custo de fabrico, que deveria ser de cem por cento.

Examinemos, porém, melhor este assumpto recorrendo ao que se encontra a paginas 137 a 139 do livro «The World's Cane Lugar Industry» by H. C. Prinsen Geerligs—1912 que a firma Hinton parece desconhecer apezar do auctor ser uma das maiores auctoridades no assumpto e da obra ser recente e escripta em inglez. O auctor, cujas indicações vecm citadas no folheto, é francez e escreveu em 1905.

Estudando o preço do custo do assucar de Java, diz Geerligs:

«Engelberts calculou este preço, para os annos proximos de 1900 e os seus calculos referem-se a 111 fabricas, que produzem 60 por cento da totalidade da colheita de Java, e que são considerados dos melhores da ilha.

O preço do custo do assucar que encontrou foi o de L. 7,, 14, S,, $7\frac{1}{2}$ d por tonelada, incluindo todas as despezas da gerencia, cultura, fabrico, carregamento ou transporte para o posto de embarque, conservação da fabrica, machinismos, construcções, juro do capital fluctuante e commissões na venda dos productos. Este preço não inclue as despezas de novos machinismos, para augmento das fabricas, nem os melhoramentos nas intallações para o transporte da cana, nem, ainda, os juros do capital e despezas.

H's Jacob publicou, na mesma data, uma especificação do preço do custo da assucar em 212 fabricas, durante os annos de 1899-1902 e chegou aos seguintes numeros:

1899 L. 7,, 10. S,, 8. d por ton.ª de assucar
1900 L. 8,, 11. S,, 11. d » » » »
1901 L. 8,, 11. S,, 0. d » » » »
1902 L. 7,, 13. S,, 2. d » » » »

Estes preços incluem o juro do capital fluctuante, mas não o juro e a amortisação do capital fixo que deveriam ser adicionados para maior exactidão.

O preço de L. 7,, 10. S,, 8. d foi especificado por elle do modo seguinte:

Empregados	L. 0,, 12. S,, 5. d	por ton.ª		
Cultura	L. 2,, 15. S,, $8\frac{1}{2}$ d	»	»	
Transporte de cana	L. 0,, 16. S,, $6\frac{1}{2}$ d	»	»	
Combustivel	L. 0,, 1. S,, 11. d	»	»	
Ordenados	L. 0,, 3. S,, 10. d	»	»	
Diversos	L. 0,, 1. S,, 11. d	»	»	
Embalagem	L. 0,, 4. S,, $4\frac{1}{2}$ d	»	»	
Transporte de assucar	L. 0,, 0. S,, 7. d	»	»	
Conservação do material	L. 0,, 8. S,, 9. d	»	»	
Despesas geraes	L. 0,, 4. S,, 9. d	»	»	
Commissões	L. 0,, 7. S,, 6. d	»	»	
Machinismos novos	L. 0,, 16. S,, 2. d	»	»	
Juros	L. 0,, 8. S,, $2\frac{1}{2}$ d	»	»	
Total	L. 7,, 10. S,, 8 d	»	»	

Os relatorios annuaes das differentes companhias apresentam preços do custo do assucar, em diversas propriedades, que variam tanto com a qualidade do assucar, com a distancia ao porto de mar, com os juros do capital, com a producção, etc. que é impossivel indicar uma quantia fixa, como preço do custo do assucar.

Geralmente falando, podemos admittir que os preços de Jacob ainda se devem considerar exactos, e assim o preço do custo dos assucares n.os 11 a 13 da escala hollandeza será de £ 7 ,, 10 s. ,, 8. d por tonelada, incluindo todas as despezas excepto o juro do capital.»

Estudando as diversas verbas que entram no preço do custo do assucar, vê-se que sómente os que se referem a combustivel, embalagem e diversos productos, podem ter tido alteração, para a firma Hinton, como consequencia da guerra europeia.

O augmento do custo dos saccos não poderá ter sido superior a 1 escudo por tonelada, o que corresponde a 10 centavos em sacco.

O combustivel tambem augmentou de preço, mas esta verba, como se viu, tem pequena influencia no preço do custo, por isso que todas as fabricas de assucar de cana empregam o bagaço como combustivel principal. Devemos, comtudo, dizer que, segundo Geerligs, o processo de diffusão Hinton-Naudet, empregado no Funchal e adoptado apenas por uma outra fabrica, se realmente produz um melhor aproveitamento do assucar existente na cana, tem a desvantagem de augmentar o consumo de combustivel e por isso se não generalisou.

No verba diversos materiaes estão incluidos differentes productos que se empregam em pequena quantidade no fabrico, mas que, com effeito, devem ter sido adquiridos no estrangeiro, e portanto por maior preço no actual anno.

O folheto publicado pela firma Hinton, em 1909, diz a este respeito, a paginas 20, o seguinte:

«Empregam-se diversos productos chimicos, bem caros alguns, e entre elles o acido sulfurico, o blankit, o kieselguhr e a barita».

Todas estas substancias se usam em quantidades minimas e por isso não tem o seu preço influencia sensivel no preço do custo do assucar.

Augmentou tambem, como dissémos, o preço do transporte do assucar para Lisboa e o seguro maritimo.

Em vista de todas estas circumstancias, parece-nos que admittindo o augmento do custo do fabrico de 2 escudos por tonelada de assucar, estão largamente attendidas todas as condições que conduzem á elevação do preço do custo do assucar, nas condições anormaes causadas pela guerra europeia.

Admittiremos que a producção total de assucar da Madeira, no actual anno, é de 5.300 toneladas, incluindo as 550 toneladas de assucar colonial, sendo 4.000 toneladas exportadas para o continente e 1.300 vendidas para consumo local. Esta producção é sensivelmente a de 1914 e o folheto, no Enacho I, indica 57.000 de cana para a laboração de 1915 e 54.520 para a de 1914.

Temos agora todos os elementos para fazer, para a campanha sacarina de 1915, um calculo egual ao que fizemos, no artigo anterior, para a de 1913.

1.º—*Lucro na venda do assucar no continente.*

O preço de venda do assucar da Madeira, no continente, deverá ser, como já dissémos, de 28,5 centavos por kilogramma, e o custo do assucar 16 centavos, indicados no folheto, e mais 2 centavos para augmento causado pela guerra. A firma Hinton terá, portanto, um lucro por kilograma de assucar de 10,5 centavos ou 105 escudos por tonelada.

As 4.000 toneladas que supponos se venderão no continente produzirão para a firma Hinton um lucro total de 420:000$00 escudos.

2.º—*Lucro na venda de assucar na Madeira, produzido com assucar colonial.*

O assucar colonial que a firma Hinton adquiriu, no actual anno, custa-lhe, como vimos, depois de despachado, 20 centavos por kilogramma, a que devemos accrescentar 2 centavos para refinação, sendo o preço de venda para o consumo local de 28 centavos.

Admittidos estes preços, o lucro da firma Hinton por kilogramma de assucar que vender na Madeira, produzido com assucar colonial importado, será de 6 centavos ou de 60 escudos por tonelada.

As 550 toneladas produzirão portanto um lucro de 33:000$00 escudos.

3.º—*Lucro na venda de assucar na Madeira, proveniente de cana insular.*

Sendo o preço da venda de 28 centavos por kilogramma e o do custo de 18 centavos, o lucro para a firma Hinton da venda d'este assucar na Madeira será de 10 centavos por kilogramma em 100$00 escudos por tonelada.

Admittida a venda de 750 toneladas, o lucro total será de 75.000$00 escudos.

4.º—*Lucro na venda do alcool de melaço.*

Pelas razões já indicadas no artigo anterior, accrescentadas ainda com a queixa da firma Hinton de que vende pouco alcool, nada calcularemos para lucro n'esta venda.

Resumindo o que fica exposto vê-se que os lucros provaveis da firma Hinton, em 1915, deverão ser, pelo menos, os seguintes:

1.º—Lucro na venda de assucar no continente	420:000$00 escudos
2.º—Lucro na venda de assucar na Madeira, produzido com assucar colonial	33:000$00 »
3.º—Lucro na venda de assucar na Madeira, proveniente de cana insular	75:000$00 »
4.º—Lucro na venda do alcool de melaço	—$— »
Total	528:000$00 escudos

Vê-se, pois, que tinhamos razão quando dissémos que os lucros da firma Hinton, no actual anno, seriam verdadeiramente extraordinarios, causando grande admiração como esta firma diz no folheto que publicou, que soffrerá este anno prejuizos importantes.

Pela Empreza Assucareira da Africa Portugueza

A. Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Rapozo

Uma circular da Liga Nacional Catalã

explica os attentados contra Affonso XIII e a agitação quasi geral da Hespanha nos principios d'este seculo

Paris, 22 de julho

A patriotica Liga Nacional Catalã aqui installada prosegue denodadamente na sua propaganda contra a acção dos germanophilos hespanhoes. N'uma circular agora distribuida, desvenda os planos do kaiser—de ha muito em execução—para conquistar a sympathia do povo hespanhol, que elle reconhece ir toda para os alliados, e além d'isso para espalhar a intriga e a desordem em Hespanha, e assim mais facilmente impôr o dominio da sua politica absorvente e avassaladora, com a cumplicidade dos reaccionarios e aventureiros politicos. E por elle explica o movimento anarchista de Barcelona nos começos d'este seculo, a agitação quasi geral da Hespanha, e os attentados contra a vida de Affonso XIII.

Segundo a referida circular, a attitude de bascos e catalães, refractarios ao projecto prussiano de uma invasão da França pelo sul levada a effeito pelo exercito hespanhol ao passo que os allemães invadiriam o norte, inquietou o imperador. Em vista de tal circumstancia a diplomacia teutonica procurou lisongear-lhes o sentimento nacional fazendo traduzir em allemão os seus poetas, romancistas e dramaturgos mais populares, e organisou excursões reciprocas ao mesmo tempo que procurava convencel-os de que a Allemanha os ajudaria a reconquistar a autonomia, mesmo apesar da interposição geographica da França, porque a Catalunha e a Euskaria ficariam sendo dois Estados da grande confederação germanica.

Como o partido jaymista se encontrasse desorganisado, com elle se puzeram de accordo os agentes allemães para levarem a effeito um plano que, valorisando-o, facilitaria os planos do kaiser.

Consistia este plano em reorganisar as guerrilhas jaymistas que n'um momento combinado appareceriam nas montanhas, ao mesmo tempo que a Allemanha as ajudaria a depor Affonso XIII, a substituil-o pelo pretendente, e a reposssarem-se de Gibraltar e Portugal, tudo isto em troca das possessões hespanholas, Marrocos, Canarias e ilhas de Mahon.

Simultaneamente tratava-se de crear um estado geral de agitação terrorista nas ditas fronteiras, em Aragão e em Valença, que se estenderia tambem pela Andaluzia.

Para a execução d'este machiavelico plano contavam os allemães com o apoio tacito de alguns politicos de vulto e de alguns aventureiros politicos que, tendo começado por prégar a demagogia, tinham conquistado a confiança das massas populares.

O concurso da Companhia de Jesus e do alto clero estava garantido pelo receio que estes teem de uma revolução que restabeleça a Republica e lhes roube o predominio que exercem na direcção da politica e nas familias abastadas, e os faça perder os 200 milhões de pesetas annuaes que lhes concede um Estado de 17 milhões de habitantes, dos quaes 12 milhões nem ao menos sabem lêr. O plano teutonico tambem contava com a acquiescencia de parte do exercito que, sem as Antilhas e as Philipinas, não tinha onde collocar vantajosamente os seus officiaes—mais de 20:000, incluindo uma centena de generaes—e cuja situação era uma constante ameaça não só para a dinastia mas até para o regimen.

Foi posto em pratica, e então viu-se em Barcelona o terrorismo, chamado anarchista, quando o seu verdadeiro nome é policieiro-jesuitico.

Coincide o apogeu d'este movimento, 1903-1910, com o levantamento geral das kabylas marroquinas; com a conferencia d'Algeciras, 1906, do que o kaiser quiz fazer um *casus belli* da Allemanha e da Hespanha contra a França; com a agitação lerrouxista na Catalunha, Valença, Aragão e provincias bascas, que produziu as duas grandes revoluções de Barcelona, 1902 e 1909; com as sanguinolentas greves de Bilbau, Catalunha, Barcelona, Valencia, e Andaluzia.

Por essa mesma epocha vimos organisar-se militarmente, e com surprehendente rapidez, o partido legitimista nas Vascongadas e na Catalunha, apresentando-se ao mesmo tempo a sua imprensa insolentemente provocadora contra a dinastia, contra a França e contra a Inglaterra.

Foi então que se viu promover Guilherme II ao mais elevado posto do exercito hespanhol, dezembro de 1904, e teve logar a sua visita a Marrocos, e a do rei de Hespanha a Berlim e a Vienna, 1905, no momento em que o kaiser formulava as suas pretensões sobre o norte d'Africa. Ao mesmo tempo tiveram logar os attentados contra Affonso XIII, para evitar pela *suppressão* do rei hespanhol o seu proximo casamento com uma princeza ingleza; no anno immediato, 1906, uma irmã do rei, a infanta D. Thereza, casava com um principe allemão, e novo attentado se produzia contra o rei de Hespanha no proprio dia do seu casamento em 31 de maio na *calle Mayor*. Dos sete attentados contra elle só o de Madrid foi levado a effeito por um anarchista, e esse mesmo, tudo o prova, foi instrumento dos agentes jesuitico-allemães de Barcelona.

Ainda na mesma epocha, 1907, teve logar na capital catalã o attentado contra o grande democrata Salmeron, ex-presidente da republica hespanhola, realisado por homens dos lerruxistas; promovido pela mesma gente já Barcelona vira em 1905 o movimento militar levado a effeito por 400 officiaes da guarnição, em que foram saqueadas e incendiadas as redacções e typographias dos jornaes catalães, e que serviu de pretexto á lei chamada das jurisdicções que estabeleceu para catalães e bascos um regimen militar semelhante ao applicado pela Allemanha aos alsacianos.

Em novembro de 1912 era assassinado Canalejas, presidente do conselho, chamado ao poder para salvar a situação gravemente compromettida pela indignação que em todo o mundo levantara a execução de Vicente Ferrer.

Agora desde o começo da guerra, continúa a circular, a já grande colonia allemã de Barcelona foi augmentada com mais de 500 austro-allemães, que se dizem expulsos de Portugal, entregando-se todos a exercicios militares e sahindo frequentes vezes com os bandos carlistas, de tambores e clarins á frente, e com a sua banda de musica pelas ruas da cidade.

Entretanto, os agentes allemães, é ainda a mesma circular que o diz, fundavam o grande jornal *Heraldo Germanico*, a grande revista *Germania*, *El Ideal Español y Neutralidad*, compravam os jornaes illustrados *Dia Graphico*, de Barcelona, e *A B C*, de Madrid, e subsidiavam *El Correo Español* e *La Tribuna*, tambem d'aquella capital, *El Correo Catalan* e *La Vanguardia*, de Barcelona, e uma infinidade de outros jornaes diarios e hebdomadarios por toda a terra de Hespanha.

Em Madrid, em Barcelona e na fronteira franceza a espionagem allemã campeia livremente, servindo-se as agencias da telegraphia sem fios, a despeito de todos os protestos da imprensa honesta.

No Porto

Vão iniciar-se os grandes melhoramentos da cidade

Porto, 25 de julho

—Podem os scepticos—dizia-nos ha pouco um engenheiro com quem estavamos conversando — podem os descrentes, os rotineiros e os «empatas» recolher o seu sorriso desdenhoso. Os grandes melhoramentos da cidade vão iniciar-se immediatamente, graças ao esforço, á tenacidade e á energia da actual commissão executiva da camara municipal, especialmente á boa vontade do vereador do pelouro das obras, o sr. Elysio de Mello.

«Tudo ficaria em projectos, tudo ficaria no papel, em plantas e em «maquettes», diziam os homens do passado, espiritos enkistados, de uma educação politica e social atrazada, lenta, de passo de boi... Nada de grandioso se faria, e muito especialmente porque não se arranjaria dinheiro. Pois bem: arranjou-se dinheiro, e o que a esses espiritos fracos se antolhava uma utopia vae tornar-se uma realidade palpavel. A cidade vae transformar-se. Vae rasgar-se em amplas avenidas, que se ladearão de grandiosas construcções architectonicas, semear-se de «squares» e de jardins, embellezar-se, inundada de luz e beijada de sol, tornando-se uma verdadeira cidade moderna, higienica e formosa, como lhe pertence de direito, pela sua actividade e pelo seu valor em todos os ramos do commercio e da industria.

—Começar-se-ha...

—Indiscutivelmente, a primeira serie dos grandes melhoramentos deve iniciar-se na parte central, nas arterias mais movimentadas: isto para desafogar a plethora—deixe-me assim dizer—desopprimir o coração do Porto do peso que o invade, que o sobrecarrega e o não deixa respirar livremente. Assim, do emprestimo dos tres mil contos, os mil contos que a camara tem já á sua ordem na Caixa Geral de Depositos vão ser applicados no alargamento da rua do Bomjardim, desde a rua 31 de Janeiro (antiga S.to Antonio) até á rua Sá da Bandeira e na conclusão da rua de Passos Manuel até ao largo do Santo André, rasgando o começo da rua da Alegria.

«O alargamento da rua do Bomjardim de ha muito que devia estar feito, muito especialmente depois da construcção da estação «terminus» de S. Bento. Porque, sendo ali o ponto de mais movimento da cidade, não só com a entrada e sahida de passageiros, mas com a passagem de trens e de electricos e porque por aquelle local se escôa toda a onda de peões para a parte ribeirinha—descendo—e para a parte alta da cidade—subindo—não póde deixar de fazer-se tal alargamento. A estação de S. Bento exige-o, de mais a mais porque ainda não ha communicação directa para o taboleiro superior da ponte D. Luiz, obra tambem muito necessaria.

—Que não está posta de parte...

—Não está, mas não poderá fazer-se já, porque, tendo de atravessar o bairro da Sé, não só fica muito dispendiosa, como tem de conjugar-se com a questão da demolição do Barredo, com o plano dos bairros operarios que por ali terão de edificar-se.

—Mas os bairros operarios não ficam fóra do centro da cidade?

—Ficam alguns. Os dois que estão já a construir-se e outros que teem de ser tambem edificados, á sombra da disposição da lei que auctorisou o emprestimo de 3:000 contos, sendo 6 por cento com destino a edificações economicas. Mas nem todos podem ser longe, entre pinhaes, no alto da esplanada citadina. E' necessario notar e ponderar que os trabalhadores fluviaes, cuja população orça por 7:000, não podem viver longe do rio. Muitas vezes teem trabalho nocturno. Como é que podem viver longe? E a classe das peixeiras, indispensaveis na economia da vida da cidade? E' para esta gente que, na transformação do Barredo e do bairro da Sé, se tem de attender, deixando-lhe ali, á beira-rio, casas para habitação, não esses pardieiros infectos e miseraveis, onde se geram e germinam, se distendem e propagam as mais perigosas doenças e epidemias, mas habitações modernas, com abundancia de luz, de sol e de agua—agua muito especialmente—e que é outro problema para que peço que *A Capital* chame a attenção da camara da cidade.

—E só essas obras para já?

—Não. Concluida a obra da rua do Bomjardim, que vae ficar com 15 metros de largo, e a do Passos Manuel, a mais importante, a que vae transformar a parte central da cidade, seguirá immediatamente. E' a grande avenida da Praça da Liberdade á Trindade. Isso sim: é uma obra de grande vulto. Saneia a cidade, acabando com esse immundo Laranjal, ruellas e viellas adjacentes, e dá occasião a que a estrangeiros e naturaes, desembarcando da estação de S. Bento e entrando na Praça da Liberdade, a vista se lhes alongue, desanuviada, por uma arteria monumental fóra, sentindo, tocando-se da impressão agradavel e consoladora de que estão n'uma grande cidade, n'uma cidade bella, onde não só o labor e a actividade dos seus habitantes se manifesta, mas aonde tambem o gosto, a arte, a higiene, a belleza e o conforto não são, como até agora, um mitho.

«E de justiça é dizer—concluiu—que só a actual camara é que, n'um verdadeiro e intenso patriotismo, soube conseguir que esta transformação, que este immenso progresso, se tornasse um facto.

TOURADAS

Campo Pequeno.—E' no domingo a festa do estimado bandarilheiro Manuel dos Santos, em que trabalharão os «espadas» Alfarero e Marchenero, assim como os filhos do festejado, Victor e José dos Santos. Este ultimo, que toureará a cavallo, chegou ha pouco de Africa, onde fez parte da celebre columna de dragões. O curro é dos lavradores Emilio Infante e Simão da Veiga.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Ultimas noticias

Camara dos Deputados

O orçamento do ministerio da justiça
O regimen cerealifero

Preside o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, que inicia os trabalhos com 70 deputados presentes. A acta é approvada, e no expediente, que é volumoso, ha ainda muitos documentos relativos á crise vinicola. Do governo, estão presentes os srs. ministros do interior, das finanças e dos estrangeiros. Lê-se uma carta do sr. Antonio José d'Almeida, agradecendo um voto de sentimento pela morte de sua irmã. O sr. ministro das finanças manda para a mesa uma proposta de lei creando trez novas filiaes da Caixa Economica, sendo uma em Vizeu, outra em Faro e outra em Braga, as quaes ficam auctorisadas a fazer emprestimos sobre titulos do Estado, joias e pedras preciosas. Tambem apresenta outra proposta sobre cedencia de terrenos do Estado a particulares. O sr. Antonio Macieira diz que, em virtude da discussão do orçamento ir atrazada, propõe que se realisem sessões *nocturnas*, exclusivamente destinadas á discussão d'esse diploma. A proposta é approvada, com urgencia e dispensa do regimento. O sr. Moura Pinto entende que o melhor é approvar os orçamentos por acclamação, por proposta da maioria. O sr. Mesquita de Carvalho considera a discussão do orçamento, tal como se pretende fazel-a, uma verdadeira mistificação. O sr. Antonio Macieira, defendendo a proposta, diz que a maioria trazendo á Camara o alvitre que apresentou só deu uma prova cabal do seu patriotismo. Marquem-se sessões nocturnas. Mas se os orçamentos não se votarem mesmo assim até ao fim do mez, nem por isso se deixará de provar que a Camara quiz trabalhar e evitar a votação di mais um duodecimo. O sr. Costa Junior diz que é completamente impossivel votar o orçamento no praso que se pretende. Faz tenção de assistir a todas as sessões e promette não deixar que se faça nenhuma votação sem numero legal. Acha estranho que se pretenda marcar praso certo para a discussão orçamental, que tem fatalmente de ser prolongada.

O sr. Ramos da Costa affirma uma vez mais que a falta de agua em Lisboa se aggrava de anno para anno, o que representa um perigo gravissimo que a Companhia, o governo e a camara teem obrigação de remediar e evitar. Mas alem de ser pouca, a agua é detestavel, chegando, não poucas vezes a Lisboa, inquinada e terrivelmente perniciosa para a saude publica. O sr. ministro do interior diz que o seu colega do fomento está tratando de resolver o problema do abastecimento d'agua á cidade de Lisboa, não obstante este ser das attribuições da Camara Municipal.

O sr. Antonio Macieira patrocina perante o governo uma representação dos habitantes dos concelhos de Cintra e Oeiras, na qual se pedem varias providencias que melhorem os serviços da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, cujos horarios actuaes os prejudicam profundamente.

O sr. ministro do interior promette recommendar o assumpto ao seu collega do fomento.

Ordem do dia.

Continúa a discussão do orçamento do ministerio da justiça. Vota-se nominalmente aquella proposta de lei do sr. Rodrigo Rodrigues abolindo os emolumentos nas cadeias civis e determinando quaes os ordenados que os respectivos directores devem de futuro perceber. A proposta é approvada, como o é ainda uma outra, tambem da auctoria do sr. Rodrigo Rodrigues, auctorisando o governo a reformar os serviços prisionaes e a resolver a questão do trabalho dos maiores nas cadeias.

O resto dos capitulos do orçamento da justiça é approvado sem mais discussão.

Segunda parte da ordem—Continuação do debate sobre o projecto que estabelece um novo regimen cerealifero.

O sr. Julio Martins prosegue nas suas considerações, iniciadas na ultima sessão. Entende que o governo fez bem em trazer o assumpto ao Parlamento e faz o elogio das providencias que o sr. Nunes da Ponte tomou para resolver a questão do pão. A' sombra das medidas adoptadas por esse ministro, o Estado não fez operações ruinosas, o que já não aconteceria d'esta feita, se o governo não importar immediatamente o trigo preciso para o consumo. Mas o governo—e contra isso protesta—não devia apresentar o seu projecto sem consultar as classes interessadas, como o está fazendo agora, porque, fazendo-o, corria o risco de fazer obra inteiramente contraria áquella que moageiros, lavradores e consumidores desejariam.

E' isso o que vae acontecer, provando-se assim que o governo foi precipitado e que o parlamento foi supplantado pelo congresso das subsistencias, que vae legislar por sua conta e risco com o beneplacito do governo. Compara varios numeros existentes no projecto e diz que o partido democratico, que já fez varias descobertas, vae certamente descobrir a forma dos moageiros venderem por preço menor que aquelle por que compram.

As fabricas de moagem, por sua vez, ficam inhibidas de receber trigo.

O intermediario no projecto é tudo. O industrial pouco é, ou nada. Depois, como é que o governo quer fazer a applicação do seu projecto? Como é que elle attendeu os interesses da agricultura? O projecto lança sobre o trigo nacional o imposto de 12 réis. O que cuida o governo fazer com elle? Aonde o vae buscar? Ao estomago do consumidor e á miseria do productor, que as mais das vezes, quando recolhe o seu trigo, já tem gasto a sua importancia, adeantadamente recebida. Atacando a parte economica e financeira do projecto, o orador acha-a tambem deficiente e merecedora de correcção.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. ministro das colonias leu o telegramma do Bissau, já dado pelos jornaes, noticiando a derrota dos papeis.

A' noite ha sessão.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros, que esta manhã reuniu no ministerio da marinha, occupou-se das questões das subsistencias e vinicola e de outros assumptos pendentes.

—Uma commissão da Associação de Lojistas de Lisboa e de commerciantes procurou hoje o sr. ministro da justiça, de quem solicitou algumas modificações á lei do inquilinato.

—O conselho colonial foi hoje cumprimentar o sr. ministro das colonias, com quem conferenciou.

—O sr. ministro da guerra recebe as pessoas estranhas ao seu ministerio todas as terças feiras, das 10 horas ás 12 e meia.

—Os delegados portuguezes á conferencia da pesca em Madrid foram hoje recebidos pelo sr. presidente do ministerio. A' entrevista assistiram os srs. contra-almirante Alvaro Ferreira e Aboim Inglez.

Bens das congregações

Continuou hoje o leilão de paramentos de diversas congregações extinctas, no antigo convento do Sacramento em Alcantara, tendo as vendas attingido a importancia de 820 escudos.

O leilão prosegue amanhã, ás 12 horas.

A eleição de Timor

e a inexplicavel falta de communicações telegraphicas com a metropole

Succedeu o que tinhamos previsto: as eleições em Timor fizeram-se antes que tivesse chegado a ordem de adiamento dada pelo governo constitucional. E' claro que não pode deixar de annular-se o acto eleitoral realisado n'essas condições, mas os prejuizos resultantes da falta de communicações telegraphicas com a nossa longinqua possessão evidenceia-se mais uma vez por uma forma bem manifesta.

E' urgente remediar este grave inconveniente e não nos parece que isso pertença á cathegoria das coisas mais difficeis. Cupango, a capital da parte hollandeza da ilha, está ligada telegraphicamente com Java e com Palmerston (Port Darwin) ao norte da Australia, de onde parte um cabo directo para Surabaya e a grande linha transcontinental até Melburne. Bastava, pois, ligarmos Dilli com Cupango para termos a nossa capital de Timor em ligação constante com a metropole.

A linha telegraphica atravez da ilha seria tanto mais facil de estabelecer quanto é certo possuirem os hollandezes, na parte onde dominam, uma rede bastante completa de telephones, e haver já alguns na nossa possessão. Supponhamos mesmo que bastaria montar-se uma linha de uma dezena de kilometros para que as duas redes ficassem ligadas.

Seja como fôr, o facto é que a colonia não pode continuar a permanecer no mesmo isolamento de sempre, com noticias da metropole só de mez a mez, ou quando por acaso apróa algum navio ao nosso porto de Dilli. Mercê d'essa difficuldade de communicações, os governadores de Timor teem sempre manifestado tendencias para exercerem um poder caracterisadamente pessoal, que por vezes chega a tocar as raias do puro arbitrio. Não são infelizmente raros os exemplos, e ahi temos um que vem a talho de foice:

Por decreto de 1 de dezembro de 1869 e pelas bases organicas das colonias, nenhum governador pode alterar o valor da moeda, faculdade esta que pertence exclusivamente á metropole. Ora por decreto de 10 de dezembro de 1910 foram adoptadas em Timor a «pataca», com o valor de 450 réis e o «florim», com o de 400 réis.

Mas o governador da ilha, pela portaria provincial n.º 90 de 8 de março de 1915, determinou que o imposto de capitação pago pelos indigenas fosse cobrado por duas patacas ou dois florins e meio, de forma que o valor do florim fica reduzido a 360 réis e os indigenas que satisfizeram o imposto pagaram 1/4 de florim a mais do que legalmente deviam.

O facto está consummado, porque o imposto foi já totalmente cobrado, mas nem por isso deixa de constituir um deploravel simptoma. E' certo que a lei organica da administração financial das provincias ultramarinas permitte na sua 24.ª base que «cada colonia regule a sua circulação monetaria e fiduciaria, dependendo, porém, as respectivas resoluções do voto affirmativo do Conselho do governo e da approvação da metropole.»

Esta disposição não pode comtudo ser invocada para justificar a alteração do valor da moeda a que alludimos, não só porque não houve approvação da metropole, mas pela simples razão de que não está ainda em vigor.

Pense-se pois, e quanto antes, em melhorar o serviço de communicações telegraphicas com essa distante possessão, e assim ficarão de vez postas de parte surprezas como a da eleição do sr. Xavier de Brito e outras que não vale a pena recordar.

A grande guerra

Operações na França e na Belgica

PARIS, 26—Communicado official das 15 horas.

Durante a noite houve apenas acções de artilharia entre Aix-Noulette e Souchez assim como na região de Soissons; lucta por meio de granadas de mão, de trincheiras para trincheiras, no bosque de Ailly, e bombardeamento de Hartmannswillerkopf. Os nossos aviões lançaram granadas de 90 e flechas sobre a gare militar de Nantillois ao norte de Montfaucon.—(Havas).

Marinheiro afogado

Na occasião em que o 2.º grumete n.º 4.622, Albano Rodrigues Nogueira, da guarnição da fragata «D. Fernando», saltava da barcaça d'agua para a lancha que estava atracada áquelle navio, perdendo o equilibrio, cahiu e, batendo com a cabeça na pôpa da lancha, desappareceu, sendo improficuos todos os esforços que se fizeram para o salvar.

O cadaver ainda não appareceu.

Aviação militar

Registamos hoje o offerecimento, para cursarem a escola de pilotos-aviadores, dos srs. João Pereira dos Santos, metallurgico, morador em Paço d'Arcos, rua Costa Pinto, 82, e João Henriques Alexandre, industrial barbeiro, residente em Lisboa, rua dos Remedios, 26, 4.º

Aos srs. accionistas da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense e aos operarios da mesma

Varios amigos meus, convencidos de que a minha vida corria risco se eu comparecesse na assembleia geral de 23 do corrente, impuzeram-me o regresso a casa, no instante mesmo em que no Rocio ia tomar o carro. Creio que d'isto vão fazer publica declaração nos jornaes.

Como o meu temperamento se não compraz com a calumnia e a injuria contra mim postas em acção, nem tão pouco sou capaz de pactuar com negocios escuros que tragam a ruina das familias, embora em proveito de quaesquer sindicatos gananciosos, acceitei a leal imposição dos meus amigos e tambem hoje não compareço na assembleia.

Visto que o operariado deixou que, jesuitica e erradamente, o convencessem de que a sua ruina depende da não approvação da emissão de acções privilegiadas, não serei eu quem vá com a minha presença perturbar-lhes a incutida felicidade.

Embora conscientemente convencido de que a ruina dos accionistas e do operariado tem de vir com a decantada emissão das acções privilegiadas, aguardarei pacientemente os acontecimentos que hão-de dar-me razão e mais uma vez desilludir o operariado que continua a ser o joguete dos que d'elle se aproveitam para, á sua custa, enriquecer e regaladamente viver.

Quando o operariado vier a comprehender á custa da sua desgraça, os meus bons intentos em não querer apoiar aquillo que os vae arruinar a elles e aos srs. accionistas, então, embora tarde, justiça inteira me será feita.

Lisboa, 26 de julho de 1915.

Alfredo de Brito

SPORT

A ultima festa d'uma epocha no Stadium

Mac Closkey vence Manuel Grilo e Joaquim Raposo ganha aos hespanhoes as corridas de «meio-fundo»

A direcção do Stadium realisou hontem a sua ultima festa, relativa á primavera e verão de 1915.

Fechou com brilhantissimo exito, vendo cheias as suas bancadas e muito contentes os espectadores.

Fechou depois de ter organisado uma bella série de festa's, nas quaes não houve preferencia de «sports», antes se manifestou o interesse de fazer a propaganda de todos.

Effectuaram-se provas de velocipedia, de motociclismo, de aerostação, de box e de foot-ball; revelaram-se os merecimentos de muitos dos nossos athletas; evidenciaram-se as excepcionaes qualidades de resistencia e coragem fisicas dos portuguezes.

A série de festas succedeu-se sem interrupção. Houve relativo exito financeiro n'aglumas; houve grande resultado n'outras, mas a esses lucros e prejuizos permaneceu indifferente o proprietario do Stadium, que o construiu e o abriu, exclusivamente, para o tornar uma grande escola de athletismo nacional.

Agora, sem responsabilidade da empreza e direcção technica do Stadium vão organisar-se as festas de beneficencia e de patriotismo, para as quaes o sr. José Alvalade, que é um altruista e um verdadeiro portuguez, cedeu o seu magnifico recinto, sem o menor encargo e isto na occasião em que os seus programmas estavam interessando o publico, como por exemplo, a corrida de «meio-fundo», que hontem enthusiasmou a assistencia.

Nos dias 3, 5, 7 e 8 de agosto effectuam-se as provas da Federação Portuuezga de Sports; em 15 effectua-se a festa dos Bombeiros Voluntarios que teem sido para o Stadium excellentes cooperadores; depois realisam-se a festa dos «boy-scouts», isto é dos escoteiros de Portugal, e a festa para a subscripção nacional dos feridos da guerra, tendo de ser escolhidas, para estas as datas de 22 e 29 de agosto.

O Stadium inicia durante estes espectaculos as suas novas e grandes obras, que terão maior desenvolvimento em setembro. Reabre no dia 1 de outubro, já com as tribunas completadas no seu decorativo, com «cabines», com restaurantes, com salas de «toilette» de senhoras, com arruamento para automoveis, com grande avenida de passeio, com melhor acondicionamento para os peões.

O Stadium organisará grandes espectaculos pelas festas do anniversario da Republica e seguirá com festas todos os domingos. Para escolher elementos d'esses espectaculos, seguem em breves dias para o estrangeiro os directores do Stadium, e ali ultimarão contractos com aviadores, aeronautas, motociclistas e ciclistas estrangeiros.

* * *

Hontem o espectaculo tinha a parte velocipedica e a athletica, esta com o combate de socco entre o americano Bhrik Mac Closkey e o campeão portuguez Manoel Loureiro Grilo.

O «match» constituiu uma batalha. Já se previa que assim fosse porque o hercules portuguez, embora desconhecedor das regras do «box», é dos homens «que não se fica», valente e destemido, que tem por divisa pagar com dois soccos um que receba.

Venceu o campeão americano e venceu por «knock-out». A sua victoria não soffre contestação, mas, em abono da verdade e para satisfação do nosso amor proprio, deve dizer-se que no decurso do 2.º «round» a vantagem, embora ligeira, foi de Grilo.

O combate começou pela apresentação do arbitro, o sr. Francisco de Araujo, que se houve muito bem, com muita presteza quando se davam os «clincks», com correcção e maxima imparcialidade e pela apresentação dos «segundos», todos elles pugilistas amadores da Federação Portugueza de Box, que foi uma prestimosa e obsequiosa collaboradora do Stadium n'este grande combate do «ring».

O combate vae descripto nas seguintes notas rapidas e em estilo telegraphico, que nos forneceu um technico.

São muito explicitas e claramente demonstrativas da coragem com que se bateram.

1.º «round»—Closkey esboça dois «obliquos» no peito. Grilo ataca valentemente com «swings» lançados de longe e que attingem a cara e o peito do americano. Este nos «corps-a-corps» martela a região lombar do portuguez, que fica com a pelle muito avermelhada! Grilo consegue dar em Closkey um socco no queixo! (Egualdade).

2.º «round»—Grilo n'uma corajosa arremettida, «finta» duas vezes, agarra Closkey pelo peito, segue-o de perto e atira-se sobre as cordas! O publico applaude e excita o portuguez. Produz-se um violento «corps-a-corps», do qual se sae por ordem do arbitro e que é seguido d'um «directo» de Grilo ao peito. Closkey resolve-se a atacar, mas Grilo baixa-se e o socco perde-se no espaço... Um novo «directo» de Closkey cae em cheio sobre a cara de Grilo. Este lança-se ao americano e empurra-o sobre as cordas. (Ligeira vantagem de Grilo).

3.º «round»—Os dois pugilistas atacam-se com energia e cahem em «corps-a-corps», que Grilo aproveita para dar no americano uma terrivel serie de soccos baixos, no ventre e no estomago. Closkey enerva-se e dá um violento «upercut» em Grilo. Este sangra violentamente do nariz, mas não perde a energia e avança sobre Closkey que cae sobre as cordas com Grilo por cima. Levantam-se ambos e Closkey dá um «directo» sobre Grilo, fulminante de rapidez. Grilo cae por terra e o arbitro conta 3 segundos! Quando ia a erguer-se soou o «gong». (Vantagem de Closkey).

4.º «round»—Grilo avança com resolução e dá um grande socco na cara de Closkey, que responde com um «upercut». Grilo irrita-se e atira-se sobre o americano aos soccos sobre a cara, o peito e o estomago! Succede-se um «corps-a-corps» no qual Closkey martela as costas de Grilo. Este ainda se mostra corajoso até ao som do «gong» apesar do sangue continuar escorrendo e de Closkey o atacar com mais energia. (Vantagem de Closkey).

5.º «round»—Closkey esboça um «directo» mas Grilo salva-se baixando a cabeça! N'um «upercut» terrivel, Grilo cae por terra e com grande emoção e descontentamento do publico, leva 8 segundos a erguer-se. Mas como se uma coragem nova o electrisasse, avançou sobre Closkey. Este, porém, aguardou a opportunidade de novo «upercut» e arroja o hercules portuguez a terra, onde elle fica sem poder levantar-se os 10 segundos do «knock-out»! O americano, proclamado vencedor, acode a auxiliar o seu competidor, ajuda-o a sentar-se e abraça-o. O publico applaude ambos.

Terminado o combate fomos perguntar a Closkey a sua opinião:

—«Estou muito contente com o publico portuguez. Tenho percorrido o mundo e nunca encontrei um publico tão gentil como este que me applaudiu apesar de ter derrotado um dos seus campeões. E não estou apenas contente com o publico mas com todos os «sportsmen» e amadores de «box». E estou de tal maneira penhorado que apesar de instancias de Barcelona fico dois ou trez mezes em Lisboa ensinando o «box».

«Manoel Grilo é um valente. E' o homem mais corajoso que tenho encontrado, porque sem saber nada de «box» se aguentou dez minutos deante de mim! Vou treinal-o dois mezes e depois que lhe appareçam adversarios!... Elles verão um homem que tem intuição combativa, coragem e que dá forte, muito forte mesmo. «Il tape dur...»

* * *

Nas corridas de bicicletas, os amadores voltaram a evidenciar grandes progressos. Já possuimos um bom nucleo, capaz de competir com estrangeiros: Soares, Raposo e Maia entre os profissionaes; Christiano, Madeira, Piedade, Ferreira e Fernandes entre os amadores. Qualquer d'elles faz os 200 metros em menos de 15 segundos na «demarragem» final, numero que indica qualidades porque o velodromo, sendo de terra, offerece muita resistencia á passagem das machinas.

A grande corrida de hontem, a melhor e a mais animada, foi a de «meio-fundo» na qual Joaquim Raposo, enthusiasmando a assistencia, fez um excellente percurso detraz da motocicleta de Mario Beirão dominando nitidamente os seus competidores, os hespanhoes Lazaro Villa e Guilherme Anton, apesar d'elles terem levados pelos habilissimos motociclistas Innocencio Pinto e Leopoldo Futscher!... Mas hontem, os hespanhoes não andavam! E ficaram a ouvir a grande ovação a Joaquim Raposo, um a duas voltas e outro a quatro voltas de differença!

Nota do dia

Um torneio de esgrima na Amadora

E' evidente que a Amadora progride. Agora annuncia para a noite de sabbado, 7 de agosto, no seu «rink» de patinagem, um campeonato de espada, aberto a todos os amadores!

E pensam que a Amadora se limita a um torneio como todos os outros que se organisam por ahi? Não, senhor. A regulamentação é nova, é originalissima, não dando vantagem aos campeões, estabelecendo «handicaps» para os «juniors» e excluindo os atiradores por cada derrota soffrida! E' uma regulamentação forçada, mas brilhante. Já hontem ouvimos dizer:—«Não é um campeonato; é uma serie de duellos!»

Algumas anecdotas

Não era um «boche» homem; era uma vaca «boche»...

Bob Scanlon, o «boxeur» negro, está na linha de fogo, entre as tropas francezas. N'uma noite, escurissima, metteu a arma á cara e tombou um vulto que se recusava a responder ás suas intimações. Os camaradas correram pressurosos:

—O que foi? O que foi?

—Matei um «boche», que surdo ou queria troçar de mim...

—Bravo, bravo...

Mas logo foram ver, porque todos queriam o capacete do allemão para lembrança... Mas imagine-se a admiração de Scanlon vendo estendido não um [illegible] de inimigo, mas um pacifico quadrupede! Uma vacca!... Pobre Scanlon! Todos começaram a rir, mas o negro desculpou-se:

—Do mal o menos... Se fosse gente, era comida para a terra, como não é gente, é comida para nós...

Noticias

Entre nós

A regata da Azambuja

A victoria para a «Taça Azambuja» foi hontem obtida pela «equipe» do Club Naval de Lisboa sobre a «equipe» da Associação Naval, por 2 comprimentos de «outrigger» de 4 remos.

Grande Premio de Julho

Realisou-se hontem a corrida pedestre de 6 kilometros «Grande Premio de Julho», organisada pelo Sport Club Progresso, sahindo vencedor o sr. Cecilio Augusto, que gastou no percurso 24 minutos. Seguiram-se os srs José Antunes, 2.º; Antonio Antunes, 3.º, e Augusto Coelho, 4.º Estes quatro concorrentes pertencem ao S. C. Alegria. Depois cortaram successivamente a linha de chegada os srs. Jorge Prego, 5.º; Floriano Monteiro, 6.º (S. L. B.); Christiano Zeferino, 7.º (Sporting C. P.); Antonio Canuto, 8.º (A. C. P.); Abel dos Santos, 9.º (S. L. B.); Henrique Mattos, 10.º; Sampaio Junior, 11.º (U. S. G.); Eduardo Baptista, 12.º (A. C. P.); Domingos Henriques, 13.º (S. C. S.); Carlos Pinto, 14.º (U. S. G.); Alfredo Santos, 15.º (S. C. F. L.), e José Duarte (G. D. S. I. M. P.), 5.º. Alguns concorrentes apresentaram um protesto dizendo que os 7.º e 15.º classificados já são medalhados. A commissão sportiva do S. C. P. vae reunir para averiguar da veracidade do protesto.

INTERESSES DE CABO VERDE

Os impostos sobre importação e exportação

beneficiariam mais a provincia do que o imposto directo

Do estudo anteriormente feito resalta que os direitos de importação na provincia de Cabo Verde, para serem repartidos mais equitativamente, deviam assim ser distribuidos:

	Percentagem	Receita
Generos alimenticios nacionaes	5 %	7.503$88
Generos alimenticios estrangeiros	10 %	22.946$51
Bebidas alcoolicas nacionaes	15 %	10.679$58
Bebidas alcoolicas estrangeiras	60 %	6.444$45
Tabaco nacional	20 %	8.974$85
» estrangeiro	40 %	—
Tecidos nacionaes	15 %	22.790$58
» estrangeiros	30 %	41.961$95
Carvão estrangeiro	$80 p|ton.	71.583$84
Outras mercadorias nacionaes	10 %	13.140$64
Outras mercadorias estrangeiras	20 %	156.189$75
Total		362.302$93
Importancia arrecada em 1913		213.561$32
A mais n'esta provisão		148.741$61

Segundo o nosso criterio, esta repartição do imposto sobre a importação seria muito mais conveniente á provincia de Cabo Verde que a actual e simplificaria muito a pauta.

* * *

Resolvido em convenientes termos o imposto sobre a importação em Cabo Verde, vejamos agora qual seria mais conveniente, se o imposto geral sobre a exportação ou o imposto directo sobre a propriedade rustica e urbana. Inclinamonos pelo imposto sobre a exportação, pelos seguintes motivos:

A contribuição sobre a propriedade rustica em Cabo Verde, se nos mostra de fórma inilludivel que ha medo de pedir ao contribuinte o que pertence ao Estado, mostra-nos, com muita mais evidencia, que os impostos directos são de uma cobrança difficil e singularmente cara, como já o demonstrámos, e tem por effeito quasi inevitavel retardar o desenvolvimento da cultura. Além d'isto, como conseguir saber ao certo o rendimento collectavel da propriedade? Pelas declarações do proprio proprietario ou pela avaliação official.

Mas a inconsciencia d'esta é trez vezes peor que a falta de verdade d'aquella, tanto mais quanto o faltar á verdade é condição primaria do contribuinte, costumado no regimen antigo a evitar de concorrer quanto possivel para os cofres do Estado, e ainda hoje que a administração republicana se tem imposto, melhorando muito os serviços publicos e concorrendo para o equilibrio do orçamento na provincia de Cabo Verde, o contribuinte continúa a fugir de pagar o que devia pagar ao Estado, e as suas declarações não poderão nunca ser tomadas a serio, porque não são verdadeiras. Portanto, se o que vamos expor não confirmasse o que avançamos, impunha-se ao Estado a obrigação de coagir os contribuintes á pura e simples obrigação do pagamento do que é de lei, se não houvesse facilidade de estabelecer a contribuição predial urbana por area occupada, e a rustica substituida pelo imposto sobre os productos exportados.

Mas não basta não haver verdade nas declarações para ser mal repartido o imposto financeiro sobre a propriedade. Ha uns verdadeiros periodos de sorte grande. E' quando se annuncia uma fome em Cabo Verde. Então, emquanto morrem desgraçados trabalhadores, conseguem-se reducções que attingem proporções demasiadas sobre a propriedade rustica, com um aggravo extraordinario para o Estado, e ainda se adiam «sine die» as execuções d'aquelles que não satisfeitos com as reducções concedidas se eximem ao pagamento de toda a contribuição. Mas ainda não se procurou remediar isto, que o governo central talvez desconheça.

A estatistica da Provincia de Cabo Verde referida ao anno de 1913 dá como tendo sido paga a seguinte contribuição predial, que nós rateiamos por habitante, sem indicação da que correspondia á propriedade rustica e á urbana:

	Total	Por habitante
Praia	15.062$68	$50
Maio	236$01	$13
Santa Catharina	6.684$57	$23
Fogo	6.775$22	$38
Brava	3.774$70	$41
S. Vicente	7.434$63	$71
Santo Antão	10.673$51	$82
S. Nicolau	2.411$89	$20
Sal	140$95	$24
Boa Vista	691$29	$24

No mesmo anno de 1913 cada habitante importou e exportou mercadorias com os seguintes valores:

	Importação	Exportação
Praia	18$88	9$65
Maio	10$16	3$50
Santa Catharina	4$87	4$84
Fogo	11$13	2$87
Brava	18$25	1$48
S. Vicente	117$26	26$25
Santo Antão	5$48	6$52
S. Nicolau	5$29	1$21
Sal	63$48	30$81
Boa-Vista	18$31	11$55

O rendimento global da propriedade em Cabo Verde, conforme as declarações que produziram a incidencia do imposto, foi o seguinte em 1913:

	Total	Por habitante
Praia	150:626$86	5$02
Maio	2:360$12	1$26
Santa Catharina	63:345$74	2$28
Fogo	67:752$15	3$50
Brava	37:746$99	4$10
S. Vicente	74:346$32	7$08
Santo Antão	105:735$06	3$16
S. Nicolau	24:118$91	2$02
Sal	1:403$56	2$42
Boa-Vista	6:912$92	2$44

Ora estes quadros são singularmente elucidativos, mas nós, que queremos que quem siga este estudo, veja atravez de tudo quanto tem podido a despreoccupação e a inconsciencia dos inspectores de finanças que á testa da Fazenda Nacional, em Cabo Verde, teem estado, entraremos no nosso proximo artigo ainda em mais elucidativas minudencias.

Armando Xavier da Fonseca

Movimento maritimo

Africa oriental «Clan Macarthue» (Liv.) 27
New-York «Patria» (de Marselha) 28
Af. oriental «Durhan Castle» (Lond.) 28

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Maridos com sorte.
POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.
EDEN — A' 20 1/2 e 22 1/2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — De capote e lenço.

Ao correr da penna

Da sua propriedade de Luynes, perto de Lyon, Lucien Guitry escreveu ha poucos dias ao seu amigo o sr. visconde de S. Luiz Braga dando-lhe uma bella e agradavel noticia. Aproveitando o descanço a que o forçou a guerra, o grande artista francez terminou uma peça e Lisboa será, provavelmente, a primeira cidade do mundo que poderá applaudir o novo trabalho do maior interprete de Bernstein. E digo novo trabalho, pois que é do dominio publico que Guitry, sem pôr o seu nome no cartaz, tem collaborado em varias das peças que desempenhou. Todos se recordam da polemica com Bourget a proposito do «Emigré». Por ella foram os profanos informados de que a Guitry competia o melhor quinhão da autoria.

Vamos, pois, ter occasião de vêr Guitry em Lisboa interpretando uma obra sua. O futuro Republica abrirá com chave de ouro as suas temporadas estrangeiras.

Da carta de Guitry recortamos os periodos finaes cheios de interesse:

«A desgraçada corporação da gente de theatro foi a mais dolorosamente attingida pela guerra. Ao que parece supportaram a prova com a maior coragem. Fizemos tudo quanto podiamos para lhe accudir e o inverno passou. Houve com certeza muita miseria, e ninguem pode suppor que se atravessem estas horas terriveis com o sorriso nos labios. O unico mal em que se não pensa é que se vae envelhecendo e que não haverá moratoria dos annos como houve moratoria das rendas de casa. Mas que verdadeira, poderosa e resurreicional grandeza n'esta formidavel circumstancia! Como vamos ficar diversos do que eramos...»

A França vencedora e engrandecida não podia enviar-nos melhor emissario de Arte do que este grande e bello artista, alma do seu paiz e da sua profissão.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Publicou-se mais um numero do «Album theatral» com um esplendido retrato de Virginia e uns bellos sonetos de Avelino de Sousa.

—A revista de Schwalbach com que se inaugura a epocha de inverno na Trindade será para espectaculo inteiro.

—Intitula-se «Não desfazendo...» a nova revista de André Brun para o Polyteama.

e era vulgar descobrir entre as ruinas corpos carbonisados de jovens mães amamentando os filhos.

Em Shabatz as mesmas scenas de selvageria se repetiram. A soldadesca estava já indisciplinada, não obedecia a ordens algumas, entrava nas casas, roubava o que lhe appetecia e destruia o que não podia levar. Os edificios publicos eram constantemente bombardeados e centenas de casas tiveram a mesma sorte, ficando reduzidas a uns montões de ruinas. Parecia um tremor de terra que por ali tinha passado.

Na região do valle do Jadar a matança assignalou a retirada austriaca.

Em Pushcarevatz, Maïdan e Draghintsé, o saque, o insulto e o assassinio entraram em acção. Muitas mulheres foram ultrajadas. Nas aldeias de Cohuritze, Tsikoti, Dvornitsa, Moikovitch, Chlivoir, Stave, Bastavi e Breziak, nada menos de quarenta e nove homens e trinta e quatro mulheres foram mutiladas e mortas.

Felizmente durante a retirada que se seguiu á terceira invasão essas scenas não se repetiram. Tão terrivel fôra a impressão recebida pelos servios que, quando havia aviso do avanço do inimigo, as populações fugiam em pezo, levando tudo quanto era portatil e só deixando o que de todo em todo não podia deixar de ser.

Assim se originou o problema dos refugiados servios. Em tempos normaes não havia pobreza na Servia—a distribuição da riqueza era muito egual e todos teem o sufficiente para as suas poucas necessidades. Mas, agora, tudo perderam. Mais de meio milhão de habitantes estão reduzidos á indigencia e as cidades trasbordam de gente que pede alimento e alojamento. E ainda mais desastrosa foi a febre que os austriacos deixaram atraz de si. Os seus germens infectaram os devastados casaes, para os quaes muitos dos refugiados voltaram e, mais poderosa do que os soldados dos Habsburgos, dizima as fileiras do exercito servio.

Belgrado estava reduzida, no fim dos quatro mezes e meio, que tanto duraram as invasões que acabamos de descrever, a um montão de ruinas.

guia ao longo do Save e da estrada para Semlin. A' medida que o dia avançava, o movimento de fuga accentuava-se e os pontões sobre o Save vergavam sob o pezo dos vagons que os atravessavam. Alguns canhões foram deitados ao rio e as tropas atravessaram por ordem de precedencia.

Durante toda a noite a retirada continuou até que na manhã de 15 os canhões servios fizeram derruir tres pontões. A esse tempo a torrente dos fugitivos entendia-se desde a margem até abaixo da estrada para Obrenovatz. Nas ruas de Belgrado os austriacos deixaram cinco canhões, oito vagons de munições. 1.000 cavallos e 440 carros de transportes—muitos d'elles cheios do que tinha sido roubado na cidade. Uns 150 officiaes e uns 10.000 homens tiveram a retirada assim cortada, mas, entre elles poucos eram os officiaes de alta patente. Os chefes de exercito eram os primeiros a fugir.

Assim terminou ignominiosamente a terceira invasão austriaca da Servia. Do exercito de 300.000 homens que atravesou os rios Drina e Save, não voltaram com certeza mais de 200.000. Nos ultimos treze dias de combate os servios fizeram 41.538 prisioneiros—incluindo 323 officiaes—e tomaram uma enorme preza, na qual se incluiam 133 canhões, 71 metralhadoras, 29 armões, 386 caixões de munições, 2.243 cavallos e 1.078 carros. Os mortos e feridos austriacos foram pelo menos 60.000.

Embora taes successos fôssem grandes, é duvidoso se tivessem qualquer importancia sobre os progressos da grande guerra. Koumanovo, Monastir e o Jadar estabeleceram o prestigio militar da Servia, mas a victoria de Suvobor constitue um dos maiores feitos da historia militar e é unico no seu exemplo do modo como um exercito, mal equipado e sem reservas, poude, não obstante a falta de material, a fadiga d'um trabalho ininterrupto nas trincheiras e tendo quasi a certeza de uma derrota, conseguir alcançar uma brilhante e decisiva victoria.

A presença do rei na linha de fogo, a estrategia do estado maior, a chegada das munições d'artilharia e o commando de Mishitch, tudo contribuiu para o glorioso resultado d'essa grande batalha; mas é aos valentes soldados-camponezes servios, exhaustos já por annos de guerra, soffrendo privações sobre privações e desmoralisados por semanas de retirada a que não estavam habituados, que pertence toda a *gloria*, porque, animando-se ao appellar-se para o seu patriotismo, retomaram coragem e n'um impulso soberbo, irresistivel, repelliram para fóra das suas fronteiras os bem equipados exercitos dos Habsburgos.

Terminada a descripção das operações, não podemos deixar de consagrar algumas linhas ás atrocidades commettidas pelas tropas austriacas.

A expedição «punitiva» de agosto de 1914 fôra um insuccesso vergonhoso; a primeira invasão da Servia terminára pela fuga dos imperiaes e reaes soldados; mas a nação servia era, apesar d'isso, punida de um modo tão cruel e selvagem que difficilmente se encontra um parallelo nas paginas ensanguentadas da historia balkanica. A calamidade não era tão vasta como a que se estendera sobre a Belgica, mas, relativamente á população, era muito maior. Os exercitos austriacos excederam os prussianos no modo de tratar a pacifica população camponeza do paiz que haviam invadido.

A propria desculpa de que sobre as tropas havia sido feito fogo das casas particulares era destituida de fundamento, porque nas aldeias não havia uma unica arma de fogo e todos os homens, excepto os rapazes e os velhos, ou os que eram phisicamente incapazes, estavam nas fileiras. Os austriacos, porém, batidos nos campos de batalha, vingavam-se matando mulheres e creanças indefezas.

Quando descrevemos a batalha de Jadar, referimo-nos á retomada da posição de Marianovitchevis, onde um official austriaco e 500 soldados foram aprisionados. Esse official era o major Baltzarek, de nacionalidade moravia. Foi tratado com toda a co

fazia e, como competia ao seu posto, mandado para Valievo acompanhado por um official servio. Pouco depois da sua partida os servios descobriram proximo da posição dezesete pessoas—velhos, mulheres e creanças—que tinham sido amarradas umas ás outras e torturadas. Camponezes declararam que a matança havia sido ordenada por Baltzarek; uma das victimas—um velho que tinha as veias dos pulsos abertas—estava ainda vivo e confirmou a accusação.

O marquez de Crewe, secretario de Estado da India

Uma mensagem telephonica foi immediatamente expedida. O assassino foi trazido para a posição, agora amarrado e entre uma escolta de soldados de baioneta armada, e confrontado com os cadaveres das suas victimas. Então pediu perdão e piedade para sua mulher e para sua familia que estavam na Moravia. Foi conduzido a Valievo, a fim de ser julgado pelo tribunal de guerra. A' porta do tribunal, as algemas foram-lhe tiradas e, levando uma das mãos do bolso á bocca engoliu uma pastilha venenosa, estrebuchou e cahiu aos pés dos guardas.

A verdade do massacre em Marianovitchevis, assim como de outros perpetrados na mesma localidade, foi attestada por uma commissão de que fazia parte o dr. A. von Tienhoven.

Um factor que contribuiu para augmentar os soffrimentos da população foi o aviso dado aos habitantes para tratarem socegadamente dos seus negocios quando os austriacos entrassem. Essa guerra, diziam, differia das anteriores campanhas, porque estavam luctando com uma potencia civilisada europeia e os não combatentes nada tinham, por isso, a receiar. Não pode haver duvidas de que muitos crimes foram ordenados pelos officiaes austriacos. A propria ordem publicada pelo «Imperial e Real Commando» que dizia respeito ás «Instrucções para o procedimento das tropas para com a população da Servia» era um incentivo directo á matança.

Esse instructivo documento, uma copia do qual foi encontrada no bolso d'um official ferido, resava assim:

«Estão em guerra n'um paiz inimigo habitado por uma população animada d'um odio fanatico contra nós; n'um paiz onde o covarde assassinio, como a catastrophe de Serajevo mostrou, é admittido até pelas mais elevadas classes e onde é glorificado como um acto de heroismo.

Para uma tal população disposições algumas de humanidade ou de benevolencia podem ser inteiramente seguidas á risca; seriam mesmo perigosas, porque taes sentimentos, que podem occasionalmente ser exercidos em tempo de guerra, constituiriam uma continua ameaça para a segurança das nossas tropas.

Por isso, ordeno que durante as operações militares todos sejam tratados com o maior rigor.

Em primeiro logar não permitto que qualquer pessoa armada que não envergue uniforme seja feita prisioneira; deve ser executada, sem excepções.

....

Em todo o caso (ao passar por uma povoação inimiga) serão tomados refens—padres, mestres escolas e os proprietarios mais ricos—guardados até se passar além da ultima casa e todos mortos se um unico tiro fôr disparado contra as tropas.

....

Qualquer pessoa que seja encontrada fóra dos logares habitados e principalmente nas florestas deve ser considerada como membro de um bando irregular que escondeu as suas armas em qualquer parte».

Para se comprehender bem o alcance da ordem de não fazer prisioneiros, mas sim executar quem fosse encontrado armado, é preciso relembrar que, como os austriacos muito bem sabiam, os servios não haviam recebido novos uniformes. Pelo menos um terço do seu exercito era obrigado a entrar em campanha com o traje vulgar de camponez.

A cordilheira montanhosa do Tzer estava dividida praticamente em dois sectores principaes nos quaes a batalha de Jadar foi pelejada. No do norte os austriacos retiraram para o oeste e para o norte e é significativo que entre os rios Dobrava e Drina seguiram uma cadeia de aldeias—Grushitch, Tsulkovitch, Dessitch, Belareka, Chokeshina, Leshnitza e Prnjavor—nas quaes deixaram as suas marcas sangrentas.

Em todo o casal por onde passavam havia assassinios, saque e devastações, que eram uma prova da selvageria austriaca, mas o exemplo mais frisante foi o que succedeu na aldeia de Grushitch. Alli, todas as casas foram saqueadas, a auctoridade administrativa e mais vinte habitantes—principalmente mulheres novas, rapazes e creanças—foram mortos e muitos velhos levados prisioneiros.

A visinha aldeia de Tsulkovitch, atravez da qual os austriacos passaram depois da sua primeira derrota em Belikamen, foi theatro de uma scena sangrenta. Quando a vanguarda dos servios sahia de uma aldeia onde havia descoberto um grupo de trez velhos e duas velhas tendo a garganta cortada, entraram n'uma ravina proxima onde se lhes deparou o desolador espectaculo de um montão de vinte e cinco rapazes de 12 a 16 annos e de duas velhas de mais de sessenta annos crivados de balas e mutilados a golpes de baioneta. Na aldeia, o espectaculo era egualmente aterrador.

Na aldeia de Dessitch, a cinco milhas a sudoeste, toda a população tinha fugido, confiando as suas casas a cinco velhas, quatro velhos e cinco creanças. Todos elles foram mortos pela esquerda dos austriacos.

Chokeshina, um logarejo que apenas constava d'um renque de casas, foi saqueado. Em Lashnitza, a 19 de agosto, mataram cincoenta camponezes á vista d'uma multidão de mulheres e de creanças, com o fim de aterrorisarem a população. A cidade foi saqueada implacavelmente: tudo o que podia ser levado foi tomado e o resto, como por exemplo os celleiros, foi untado com petroleo e deitou-se-lhe fogo. Antes da retirada foi ordenada nova matança e mais de cem victimas foram enterradas n'um fosso aberto em frente da estação do caminho de ferro. Perto de cincoenta pessoas foram levadas captivas.

Prnjavor foi outra das cidades que os austriacos, por motivos ignorados, escolheram para uma vingança especial. Reduziram metade da cidade a um montão de ruinas fumegantes. Logo apoz a entrada dos imperiaes e reaes soldados muitos habitantes foram agarrados e mortos no café de Milan Milutinovitch e todos os generos foram confiscados. As casas foram revistadas e tudo o que n'ellas havia de valor levado, mostrando os rapinantes um especial empenho pelos vestidos de mulheres novas. Um reinado de terror para os infelizes habitantes acompanhou a occupação.

Quando foi recebida ordem para retirar, a cidade foi destruida. Em muitas casas os habitantes foram obrigados a permanecer n'ellas, deitando-lhes em seguida fogo, fazendo-os assim perecer entre as chammas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1787 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 27 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A FAMOSA ALLIANÇA

Como, d'um convenio puramente commercial, como o que se estava negociando com a Hespanha, resultaria uma alliança militar, eis o que se não apura das revelações sensacionaes do correspondente do «A B C», em Lisboa. Mas que n'essa alliança se pensou, porventura se pensa ainda, eis por sua vez o que não offerece sombra de duvida.

Semelhante alliança corresponderia a um «desideratum» da politica iberica, que assim se denominam todos os esforços para attrahir Portugal. Ha muito tempo—diz o sr. Vasco de Leiria—«que a Hespanha persevera nas suas concessões, esperando d'ellas um agradecimento e uma approximação necessarias». E, na vigencia da dictadura é que pensou na alliança militar que representaria, «ipso facto», o fructo d'essa velha politica.

Ninguem se illude sobre o que tal politica significa. A sua designação é eloquente. A politica iberica é a da união iberica. Ha dias, reproduzimos as affirmações do livro do sr. Felix Lorenzo, transcriptas por um dos mais importantes jornaes de Hespanha, «El Imparcial». Segundo esse jornalista, a união iberica ha de fatalmente realisar-se. «Portugal, dizia esse jornalista hespanhol, ha de preparar-se para esse fim, queira ou não queira, automaticamente.» Não nos será licito approximar esta affirmação da projectada alliança militar, congeminada durante a dictadura Pimenta de Castro?

Disse-se, por essa occasião, no paiz visinho, que a revolução de 5 de outubro dera origem a um equivoco da Hespanha em relação ao exercito portuguez, mas que a famosa manifestação das espadas de que resultou o estabelecimento da dictadura desfizera esse equivoco. Que significação se póde dar a esta affirmação a não ser a de que a revolução de outubro incutira na Hespanha a convicção de que o exercito portuguez era fundamentalmente republicano, mas que o movimento de janeiro lhe incutira impressão contraria? Com o exercito portuguez, tal como a Hespanha o julgava depois do movimento de janeiro, é que essa mesma Hespanha pensava realisar a alliança cuja misteriosa preparação torna n'este momento licitos os mais patrioticos alarmes.

Já se sabe o que significa «approximação» para os dirigentes politicos da Hespanha. Significa a evolução para um estado de coisas que não será outro senão o da união iberica, ou seja o da absorpção d'este pequeno Estado da peninsula por aquelle que possue a sua maior parte, e que não renuncia á ambição de o englobar. Um exercito fundamentalmente republicano em Portugal é o obice d'esse plano, secularmente acarinhado na imaginação hespanhola. Um exercito que aos grandes e essenciaes principios da Republica se não mostrasse fiel seria uma difficuldade arredada, tornando viavel o plano que nunca deveria passar de uma irrealisavel phantasia.

O admiravel patriotismo do nosso povo, congregado no seu amor á Republica, que é hoje a égide politica d'esse patriotismo, tem frustrado successivamente as esperanças do iberismo. Mas o que se prova é que esse iberismo persiste, vivaz, e que todos os pretextos lhe servirão para se manifestar, como todas as manobras se lhe affiguram licitas para crear ou favorecer esses pretextos. Da parte do governo da Republica devemos esperar que nenhum esforço será despresado para reduzir as proporções de taes manejos, não lhes dando nenhumas condições de viabilidade. Para esse fim impõe-se que o nosso representante em Hespanha secunde essa orientação, que outra não póde ser a do governo, como não póde ser a de nenhum portuguez. As inspirações do sentimento nacional a todos obrigam, e desde as formaes affirmações da diplomacia, até ás attitudes energicas da resistencia, ellas só podem concretisar-se n'uma politica de paz e amisade com a Hespanha mas sempre subordinada á causa da independencia da patria, que é sagrada e intangivel.

Migalhas

Subsistencias

Na sua qualidade de chefe de familia, Praxedes tem seguido com o maior interesse as sessões do congresso popular reunido em S. Carlos. E' sempre dos primeiros a entrar e é com a mais estoica resignação que elle se sujeita a milhões de pisadelias e empurrões para conseguir angariar um logar d'onde não perca pitada das propostas e moções apresentadas pelos oradores.

Hoje encontrei-o suando por todos os póros, e como lhe manifestasse a minha estranheza de o não vêr ha tanto tempo, explicou-me que a sua vida agora era casa, repartição e congresso de comes e bebes.

—E então? A coisa vae? A vida embaratece ou quê?

—Isso é que não lhe sei garantir; mas o que lhe posso asseverar é que se os generos alimenticios estivessem pelo preço das ideias comia-se baratissimo. Ha uns poucos de dias que me regalo a ver os outros terem ideias de graça. Ao passo que os funccionarios, a quem pagam para imaginar uma boa administração e as medidas de interesse publico, não são capazes de pensar uma coisa util por mais serões e trabalhos supplementares que se lhes paguem á parte, você não imagina o que teem inventado os congressistas amadores. A questão do pão já está resolvida. Hontem entrámos com a carne. D'ahi vamos ao peixe e aos legumes e não tarda que estejamos na sobremesa...

—Tomára já, para ver se as ginjas baixam de preço.

—Não será certo. O que lhe asseguro, no emtanto, é que ali fica tudo resolvido. Depois o governo agradece o incommodo de tantas propostas e considerandos, elogia as commissões, toca a porta, manda varrer a casa e archivar os alvitres approvados e as medidas votadas. Continuaremos a viver mal; mas com a satisfação do amor proprio de podermos dizer á familia que, se fossemos nós os governantes, as cousas mudavam de rumo. Infelizmente são sempre os outros...

André Brun.

Poeira da Areada

Em epochas como esta que penosamente vamos atravessando só as vontades fortes e as mentes decididas rasgam carreira, não se deixando tomar de duvidas e amarguras. Os vencidos são ás dezenas: uns ainda vagamente fitando no passado algumas imagens ternas de paraizo perdido; outros, absolutamente alheados das coisas que os cercam, seguem pela vida fóra, como os caminheiros que nunca sabem onde hão de deter os seus passos. Tudo são queixumes, lamentos ou simples murmurios de uma dôr que, de andar derramada por tanto peito, já tem o som confuso e monotono das aguas que perpetuamente choram no interior d'uma gruta. Como as nossas coragens vão envelhecendo! Cada hora que passa lança deante de nós um desanimo, um convite á descrença. Os fracos cedem logo, porque a sua imaginação apavorada sente o mundo envolto em sombras. Os que a lucta incita e fortalece adquirem um novo sentido que os orienta, atravez a espessura das paixões desencadeadas.

***

Vem por ahi breve a eleição presidencial. A escolha do supremo magistrado da Republica é que define o valor politico e moral do povo por cujos destinos elle tem que velar. Citam-se já varios nomes de candidatos mais ou menos provaveis. Qual será o eleito? Pouco viverá quem não satisfaça a sua curiosidade. O que mais importa é que n'elle se reunam as altas qualidades de um cidadão que, no seu fervor ás coisas da patria, se mantenha tanto acima das brigas e polemicas partidarias que todos o possam olhar sem uma turvação na vista.

***

Um jornalista hespanhol declara a sua terra carecida de homens de valor para acommetterem os magnos problemas da governação. As suas palavras, sendo justas, tocam no ponto mais grave da crise actual da Hespanha. Emquanto esta assim estiver desprotegida, o seu papel será apagado no concerto das nações. O mesmo se dá n'outros povos.

A democracia necessita encontrar figuras de prestigio que lhe comprehendem e orientem a sua alma mobil. Quando as não encontra degrada-se e corrompe-se.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5800 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Em volta de Huss

Uma serie de "inexactidões,,

Quem reduziu e porque foi reduzido a torresmos o reformador de Praga

Um erudito escriptor catholico accusa-me nos «Echos do Minho» de have commettido uma serie de inexactidões a proposito de João Huss, ao commemorar ha dias, nas columnas da «Capital», o quinto centenario do seu horroroso martyrio. Não se presta o jornalismo diario a polemicas historicas, nem os reparos feitos, embora apparentemente graves, merecem uma larga discussão, mas o meu silencio podia ser interpretado como reconhecimento dos erros que se me attribuem e d'ahi a necessidade d'uma resposta ao mesmo tempo breve e concludente.

Primeira inexactidão: affirmei que o concilio de Constança condemnara á morte na *fogueira* João Huss. O meu contradictor assegura que o concilio não condemnou á morte o sacerdote bohemio: declarou-o apenas heresiarcha, relaxando-o ao braço secular. E, como as leis civis é que puniam de morte os crimes de heresia, foi em virtude d'essas leis que elle subiu á fogueira... A isto chama-se uma subtileza ecclesiastica. Quem julgou João Huss em longas e tumultuosas audiencias, durante as quaes os gritos da assembléia, que clamava: «á fogueira! á fogueira!», abafaram a voz do réu, foram os padres do concilio. Eu sei que a inquisição preferia o arrependimento, comquanto apparente, e o perjurio, porque isso equivaleria ao descredito do herege perante os seus adeptos; eu sei que os reverendos juizes de Constança empregaram todos os esforços para obter a retratação de Huss, á qual corresponderia a pena de prisão perpetua, porque essa retratação era o desprestigio do homem forte cuja grandeza de animo causou o assombro dos seus verdugos,—mas tambem não ignoro como o direito e a justiça da epoca dependiam da Egreja, a qual até desobrigava os vassalos dos deveres e compromissos para com os soberanos, sempre que estes fôssem reputados herejes, e declarava nullos todos os tratados e todas as convenções concluidos com os monarchas infectados de heresia... O concilio não condemnou João Huss á morte. Apenas, depois de o degradar das suas ordens com estrondosa solemnidade, o relaxou ao braço secular para que este cumprisse a lei cujos mais prestimosos collaboradores foram os padres. E essa tremenda lei dispunha que a pobre victima fôsse reduzida a torresmos, o que se fez no meio do maior apparato ecclesiastico-civil... Como se vê, perpetrei um erro de palmatoria.

Segunda inexactidão: affirmei que condemnaram Huss por defender a communhão nas duas especies. O meu contradictor observa que «das trinta proposições que motivaram a condemnação, nenhuma d'ellas, nem de longe nem de perto, se refere á communhão, nem sob uma nem sob duas especies». João Huss, com effeito, foi condemnado menos pelas heresias que lhe attribuiram nas trinta proposições do que por outras culpas que lhe assacaram e foi-o principalmente por se insurgir contra a espantosa soltura de costumes do clero do seu tempo e contra o criminoso procedimento dos homens da curia, que faziam os mais indecentes negocios com as coisas da Egreja, rasgando e poluindo as paginas do Evangelho.

O famoso Miguel de Causis, ferrenho e implacavel adversario de Huss, accusou-o de ministrar aos leigos a communhão sob a especie do vinho. O concilio, em 15 de junho de 1415, condemnara esse costume que tinha grande numero de partidarios, os quaes foram perseguidos como hereticos, constituindo a seita que se chamou dos utraquistas ou calixtinos e que attingiu singular importancia na Bohemia. Huss era considerado o representante maximo d'esse espirito de rebellião dos seus compatriotas. Que importa, para o caso, que as proposições, que serviram de pretexto para o annniquilar, não alludam a essa chamada heresia?

Terceira inexactidão: affirmei que Huss foi accusado de não admittir—o que elle negou—a transsubstanciação, mas sim a consubstanciação. O meu contradictor observa que «esse artigo com outros foi posto de parte pelo concilio que admittiu—diz Van der Hardt, historiador do concilio, o protesto d'elle (Huss) contra os artigos de accusação que elle pretendeu serem falsos».

Ora, na sua denuncia, Miguel de Causis accusou Huss de sustentar que a substancia persistia na Eucharistia após a consagração. Muitas testemunhas que depuzeram no seu processo juraram que o herege cria n'essa persistencia. Na sua prisão escreveu Huss o tratado «De Sacramento Corporis et Sanguinis», no qual declarava que a transsubstanciação se operava inteiramente durante o sacrificio; na audiencia de 8 de junho proclamou de novo, calorosa mas inutilmente, a sua crença na transsubstanciação e as testemunhas continuaram jurando que elle ensinara o contrario. Na cerimonia da degradação, que precedeu a morte na fogueira, quando o bispo de Lodi o exortava, Huss tornou a dizer, em altos brados, que acreditava na transsubstanciação. Se assim procedia, é porque naturalmente ainda o accusavam da opinião opposta. Henry C. Lea, o grande historiador da inquisição na Edade Media, nol-o refere no tomo segundo da sua obra monumental. Consideral-o-ha o illustre redactor dos «Echos do Minho» homem ignorante ou de má fé? Estou certo de que não.

Aqui estão, devidamente anotadas, as «inexactidões» do modestissimo folhetim de sexta-feira. Só me resta anotar tambem uma passagem curiosa do meu contradictor, quando diz que «a verdade historica é que, admittidas essas negações (as do herege), ficaram trinta artigos que Huss nunca retratou e que o concilio entendeu condemnar, e não o condemnou pelas negadas, como se poderia deprehender das palavras do folhetinista da «Capital». Henry C. Lea pensa de modo diverso, ao escrever que Huss foi condemnado mais pelas heresias que não sustentara do que por aquellas que professou. E ponto final, que estes assumptos não servem para a canicula...

Avelino de Almeida

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Dr. Affonso Costa

De hora para hora se accentuam as melhoras do sr. dr. Affonso Costa, que já retomou os seus habitos normaes, com excepção dos de trabalho, que os seus medicos lhe não permittem ainda. Toma as refeições ás horas costumadas, não observando dieta.

Hoje, pelas 18 horas, recebeu os membros do Directorio, srs. dr. João Tudella, Pinheiro de Mello, dr. Luiz Ricardo, Apolinario Pereira, dr. Alexandre Braga e Luiz Filippe da Matta, que pouco se demoraram, para o não fatigarem.

Mandaram saber do seu estado os srs. presidente da Republica e presidente do ministerio, e foram pessoalmente, entre muitas outras pessoas, os srs. ministros da guerra, finanças e instrucção, Godinho Guimarães, dr. Alpheu Cruz, Xavier d'Almeida, Cau da Costa, dr. Pereira Machado, Dias Monteiro, dr. Bossa da Veiga, dr. Caldeira Queiroz, coronel Nobre da Veiga, dr. José de Padua, capitão Justiniano Costa, Eduardo Perestrello, dr. Motta Veiga, direcção da Escola Trindade Coelho, dr. Alves Ferreira, Alves Torgo, Mira Fernandes, Nunes Godinho, tenente Julio Domingos, Velloso Rebello, tenente-coronel Marianno Lemos, Castanheira de Moura, etc.

PORTALEGRE, 26.—Em signal de regosijo pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa projecta-se uma reunião de confraternisação n'uma quinta dos arredores havendo já muitas familias inscriptas e estando contractada a banda dos bombeiros voluntarios.

AVIAÇÃO EM PORTUGAL

209 voluntarios

pedem que os admittam á frequencia da escola de aviação militar

Sóbe já a 209 o numero de pessoas que, por intermedio das columnas d'este jornal, teem manifestado o desejo de serem admittidas á frequencia da Escola de Aviação. Entre ellas figuram 4 officiaes, 8 sargentos de marinha e do exercito, 105 cabos, marinheiros e praças do exercito em effectivo serviço, 5 electricistas, 6 serralheiros mechanicos, 4 *chauffeurs* e ajudantes de *chauffeur*, 2 torneiros mechanicos, 2 escoteiros, 4 estudantes, 6 empregados publicos e 69 de profissões diversas.

Vê-se, portanto, que não será por falta de alumnos que a escola não funccionará muito breve. De todos estes voluntarios é manifesta prova de interesse e de enthusiasmo a avultada correspondencia que nos é dirigida, inquirindo das condições de admissão, regulamento da escola, data da abertura, etc.

Sentimos não poder, ao certo, dizer uma palavra a tal respeito. Effectivamente, se bem que conforme noticiámos os trabalhos do campo de aviação vão bastante adeantados, nada nos auctorisa a fazer sequer uma conjectura ácerca da data provavel da inauguração da Escola. Tão pouco podemos informar os interessados ácerca do respectivo regulamento. Sabe-se apenas que o sr. coronel Hermano de Oliveira, presidente da commissão de aviação militar, entregou já no ministerio da guerra as bases do futuro regulamento, elaboradas de accordo com o que no estrangeiro se tem feito em escolas d'este genero.

Essas bases não foram ainda submettidas ao actual ministro, não podendo portanto ser divulgadas antes da sua approvação. Informam-nos no emtanto que o sr. Norton de Mattos vae muito brevemente occupar-se do assumpto.

Pelo telegrapho

Os italianos occupam varias ilhas de importancia estrategica

ROMA, 26—Official—A ilha de Pelagosa, importante pela sua situação estrategica, foi occupada por forças navaes italianas.—(*Havas*).

ROMA, 26.—As ilhas mais proximas da costa italiana, que serviam ao inimigo para vigiar os movimentos dos navios italianos ou de estações de reabastecimento para torpedeiros e aeroplanos, foram occupadas pelos italianos, bem como a de Pelagosa, onde ficaram prisioneiros os soldados que a guarneciam. Ao mesmo tempo, os torpedeiros francezes *Magon* e *Bisson* com um cruzador italiano cortaram o cabo da ilha de Lagosta, onde destruiram a estação de reabastecimento. N'estas operações foi morto um marinheiro francez. Dos austriacos morreram muitos.—(*Havas*).

ROMA, 26.—Official.—No Isonzo inferior progredimos sensivelmente depois de uma lucta encarniçada. O adversario empregou granadas de gazes asphixiantes. Fizemos 1.600 prisioneiros, entre os quaes 30 officiaes. No resto da linha não houve alteração.—(*Havas*).

A resposta da Grã-Bretanha aos Estados Unidos

WASHINGTON, 26.—A resposta da Grã-Bretanha á nota americana de 30 de março mantem as ordens do conselho britannico que são conformes ao direito das gentes. A resposta accrescenta que é conveniente aguardar a interpretação judiciaria. Os centros officiaes dizem que a resposta está concebida em termos extremamente cortezes.—(*Havas*).

Os russos repellindo os allemães — Barcos turcos afundados

PETROGRADO, 27.—Official. — Na região de Toukoum a offensiva allemã foi repellida. Na linha do Nareff o inimigo continúa em vão os seus ataques; os allemães que passaram o Nareff foram repellidos na região da embocadura do rio. Na margem esquerda do Vistula os ataques contra Yvangorod foram repellidos com exito. Entre o Wieprz e o Bug quasi todos os ataques inimigos foram repellidos e contra atacámos com successo. No Mar Negro os nossos torpedeiros destruiram 40 veleiros turcos carregados de carvão.—(*Havas*).

Mais um vapor americano afundado pelos allemães

LONDRES, 27.—Um submarino allemão afundou o vapor americano *Leelanaw* que seguia de Arkhangel para Belfast. A tripulação salvou-se.—(*Havas*).

Estabelecimentos abertos depois das 21 horas

No governo civil passam-se licenças, a camara municipal applica multas

Por decreto de 27 de abril de 1903 todos os estabelecimentos de venda de vinhos podem ter as portas abertas até ás 2 horas, desde que possuam para isso uma licença especial. Esse decreto não foi ainda revogado e as licenças continuam a ser passadas na 1.ª repartição do governo civil mediante a quantia de 1$40 de emolumentos e 3 escudos de sello, com a assignatura do sr. governador civil. Ha dias, porém, a policia ao serviço da camara municipal começou a percorrer a cidade multando em 5 escudos quantos carvoeiros encontrava com a porta aberta depois das 21 horas, declarando que as licenças de nada valiam. Alguns d'esses commerciantes pagaram as multas e deliberaram fechar á hora indicada, mas outros, julgando o facto arbitrario, resolveram procurar o sr. governador civil a pedir-lhe providencias. Com o sr. Marianno Martins avistaram-se hoje os seguintes proprietarios de carvoarias, todos multados em 5 escudos: Antonio Candido Gonçalves, rua Caetano Palha, 22; José Luiz Varandas, travessa da Condessa do Rio, 12; Julio de Carvalho, rua do Arco, a Jesus, 18; Albino José Lopes, rua da Conceição da Gloria, 89; Rufino de Jesus Azevedo, rua das Trinas, 112, e José Luiz Fernandes, praça das Flores, 7. Exposta a queixa o chefe do districto respondeu que o caso era com a 1.ª repartição e que ia tomar providencias. Os queixosos dirigiram-se a essa repartição onde foram reclamar do facto, recebendo como resposta que as licenças estavam muito bem passadas e que não fizessem caso das multas.

Feriados na Bolsa de Londres

LONDRES, 27.—O *Stock Exchange* conservar-se-ha fechado nos dias 31 do julho e 2 de agosto.—(*Havas*).

A questão do Douro

Parece irreductivel o desaccordo

A commissão de agricultura reuniu hontem á noite, pela primeira vez, para apreciar o parecer que o sr. dr. Alfredo de Sousa deu sobre o projecto que o sr. ministro do fomento levou á Camara resolvendo a questão do Douro. O debate que se travou foi longo. Os representantes do Norte e os do Sul mostraram-se em completo desaccordo. Estes quizeram impôr o seu projecto. Aquelles replicaram com um contra projecto, por detraz do qual se entrincheiraram hontem. Os representantes do Centro e do Sul na commissão acceitam quantas medidas e providencias se tomarem no sentido de se impedir que de Portugal saiam com o nome de vinhos do Porto, vinhos que o não sejam, mas não admittem que se lhes restrinja a liberdade de fabrico e exportação de vinhos generosos. E como os deputados do Douro teem outro criterio, parece irreductivel o desaccordo entre uns e outros.

Logica constitucional

Quantos são os ministros?

Apenas trez: os outros sel-o-hão de facto mas não de direito

O sr. dr. Pedro Martins procurou demonstrar hoje no Senado uma affirmação deveras curiosa e extravagante. E' esta: o actual governo é constituido apenas por tres ministros!

O leitor calcula a surpreza, o pasmo, que tão inesperada descoberta causou. Geralmente, havia a convicção de que nove pessoas sobraçavam as nove pastas do governo. O sr. dr. Pedro Martins não o contestava. Simplesmente, d'essas nove pessoas só tres, os srs. José de Castro, Norton de Mattos e Rodrigues Gaspar, podiam considerar-se legitimamente investidas nas funcções ministeriaes. As seis restantes, os srs. Ferreira da Silva, Catanho de Menezes, Victorino Guimarães, Augusto Soares, Manuel Monteiro e Lopes Martins, não passavam de intrusos dentro do governo. Podiam ser ministros, de facto, visto que como tal compareciam nas duas camaras, assignavam propostas de lei e despachavam o expediente dos seus ministerios; mas não eram ministros de direito, á face das rigorosas disposições constitucionaes e das praxes observadas em todos os regimens parlamentares.

O mais curioso, porém, é que não faltaram ao sr. dr. Pedro Martins argumentos para fundamentar com logica a sua opinião. Esses argumentos filiam-se nos termos irregulares com que o «Diario do Governo» deu conta da exoneração do sr. José de Castro de ministro interino da marinha, quando da ultima modificação ministerial que levou para a pasta das colonias o sr Rodrigues Gaspar e transferiu d'essa pasta para a da guerra o sr. Norton de Mattos.

Pelos termos do decreto publicado na folha official, o sr. presidente da Republica não se limitou a exonerar o sr. José de Castro da pasta que elle exercia interinamente. Demittiu-o tambem de presidente do ministerio. N'estas condições, e dado que vivemos governados por uma formula que se convencionou chamar parlamentar, sendo o chefe do governo responsavel pela politica geral do gabinete, todos os outros ministros se deviam considerar demissionarios. Que lhes restava? Ou tinham de esperar os respectivos decretos de demissão, para abandonarem a gerencia das suas pastas, ou esses decretos, quando sahissem no «Diario do Governo», eram acompanhados d'outros nomeando-os novamente, e, n'este caso, s. ex.as poderiam continuar legitimamente sentados nas poltronas ministeriaes. Não aconteceu isso. Assim, e segundo a fórma por que o sr. dr. Pedro Martins interpreta a Constituição, póde ser impugnada a validade de todos os actos praticados pelos seis ministros cujos nomes já apontámos.

A falta de observancia rigorosa das leis produz muitas vezes situações semelhantes, muito embora os jurisconsultos arranjem sempre argumentos para demonstrar... a opinião contraria. Podemos citar um caso recente. Depois do movimento revolucionario de 14 de maio, os decretos de exoneração dos ministros da dictadura e de nomeação das individualidades que primeiro entraram para o novo governo não foram referendados por nenhum ministro. Deviam sel-o pelo titular da pasta do interior do gabinete Pimenta de Castro. Ora, como a Constituição determina que são nullos todos os actos do presidente da Republica que não sejam referendados pelos respectivos ministros, succedia que, á face da Constituição, os dictadores continuavam a ser ministros... Essa situação estranha resolveu-se mais tarde, publicando-se no «Diario do Governo» do mez passado os mesmos decretos com a assignatura do sr. Gomes Teixeira.

O sr. dr. Pedro Martins poz ainda a questão sob o ponto de vista da solidariedade ministerial. Ou o sr. José de Castro consultou os seus collegas sobre o pedido de demissão de chefe do governo, que ia apresentar, e n'esse caso todos deviam acompanhar o seu gesto, ou não os consultou, e praticou então um acto que os seus collegas devem reputar pouco louvavel. Mas a verdade é que o sr. José de Castro, sendo demittido de presidente do ministerio, voltou a ser nomeado para esse cargo no mesmo numero do «Diario do Governo». Qual o caminho a seguir, n'esse caso, para se cumprirem rigorosamente as formulas constitucionaes? Exonerar das suas pastas os seis ministros antigos e nomeal-os outra vez.

Ahi tem o leitor explicada a razão por que este governo é constituido apenas... por tres ministros!

DEBITO ANTIGO

O que o Estado deve ao municipio

Para o desenvolvimento da capital, a camara lisbonense precisa de que «não haja desvio d'uma só parcella dos seus recursos proprios»

Um projecto de lei do sr. Levy Marques da Costa

Eis o importante projecto de lei hoje apresentado no parlamento pelo sr. Levy Marques da Costa e a que se refere o extracto da sessão da camara dos deputados:

Considerando que os codigos administrativos de 2 de março de 1895 e 4 de maio de 1896 determinaram que á Camara municipal de Lisboa ficasse pertencendo a contribuição especial e respectivos addicionaes a que se refere o paragrapho 3.º do artigo 1.º da lei de 23 de junho de 1888 e bem assim todo o excesso do imposto do consumo na capital sobre a quantia fixa de 1.533.411$72,9;

Considerando que a lei de 7 d'agosto de 1913 reproduziu as mesmas disposições determinando que a respectiva liquidação fosse feita annualmente pela media dos ultimos trez annos;

Considerando que feita a primeira liquidação nos termos indicados (Dec. de 13 de setembro de 1895) nunca mais se repetiram os calculos nos annos subsequentes, do que resultou immobilisar-se esta fonte legal de receita da Camara e transformar-se em quota variavel a quota fixa pertencente ao Estado;

Considerando que, não só pelo respeito devido á lei, como tambem pela necessidade imperiosa de promover o desenvolvimento da capital na medida dos seus altos destinos, é indispensavel que não haja desvio de uma só parcella dos seus recursos proprios;

Considerando, por outro lado, que a cidade de Lisboa tem dado sempre exemplos de sacrificio e de abnegação a todo o paiz, e mais uma vez acceitára a condição excepcional de transigir com o Estado para, sem quebra dos seus direitos, facilitar a liquidação e pagamento do seu credito e a gradual solvencia dos debitos futuros até completa execução da lei de 7 d'agosto, tenho a honra de submetter á vossa esclarecida opinião o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—E' o governo auctorisado a regular definitivamente as suas contas com a Camara Municipal de Lisboa nos termos das bases annexas a esta lei e que d'ella ficam fazendo parte integrante.

Artigo 2.º—Fica revogada toda a legislação em contrario.

Base 1.ª—O debito do Estado á Camara Municipal de Lisboa resultante do excesso do imposto especial e respectivos addicionaes attribuidos á Camara pelo paragrapho 3.º do artigo 1.º da lei de 23 de junho de 1888 e do excesso do imposto de consumo sobre a quantia fixa de 1.533.411$72,9, será lançado n'uma conta especial pela importancia liquidada na data da constituição da mesma conta e amortisado pelo lançamento a credito do Estado:

a)—das quantias que voluntariamente forem entregues com esse destino;

b)—das quantias que o Estado entregar para pagamento de não menos de [illegible] operarios que serão transferidos do ministerio do fomento para os serviços da Camara;

c)—do valor dos bens immoveis que o Estado ceder á Camara dentro da area da cidade de Lisboa para construcção de bairros economicos, ou para outro qualquer fim de utilidade municipal;

d)—do valor das madeiras provenientes das mattas nacionaes e destinadas á construcção de bairros economicos ou de quaesquer outros edificios municipaes

Base 2.ª—Esta conta será encerrada logo que se estabeleça o equilibrio entre o debito e o credito.

Base 3.ª—As importancias que se liquidarem a favor da Camara a partir de 1915-1916 até 1919-1920 nos termos do artigo 127 da lei de 7 d'agosto de 1913 serão lançadas a debito do Estado n'uma conta especial, e as quantias que o Estado entregar nos termos da base seguinte serão lançadas a credito da mesma conta.

Base 4.ª—Por conta do seu debito o Estado entregará á Camara as seguintes quantias:

Em	1915-16	200.000$
»	1916-17	300.000$
»	1917-18	400.000$
»	1918-19	500.000$
»	1919-20	600.000$

Estas quantias serão inscriptas nos orçamentos das despezas do Ministerio das Finanças dos annos economicos de 1915-16 a 1919-920.

Base 5.ª—Findos os cinco annos o saldo d'esta conta será entregue á Camara em dinheiro ou em titulos de divida publica fundada á cotação da vespera do dia da entrega, e a partir d'essa data dar-se-ha cumprimento exacto ao disposto no artigo 127 da lei de 7 d'agosto de 1913.

As falsificações

As repartições publicas andam com rapidez inconcebivel. E' facto conhecido. Basta tocar-lhes na aldraba, para que tudo, lá por casa, entre em movimento e as coisas mais graves alcancem rapidamente a solução por que anceiam. Simplesmente, ás vezes as mesmas repartições repousam. Quem não repousa n'este mundo? Como é sabido, o sr. Costa Junior reclamou ha dias na Camara uma nota dos processos por falsificação que a policia administrativa conserva, avara, nos seus archivos. Assumpto importante, dirá toda a gente. E com razão. Pois o requerimento ainda não sahiu do ministerio do interior, continuando impunes e tranquillos aquelles que estão a pedir cadeia, por nos envenenarem a todos. E sahirá algum dia?

A questão corticeira

A prohibição da exportação

Valorisará os nossos productos e dará trabalho a mais 2.000 operarios

Sobre a importancia do projecto elaborado pela Federação Nacional Corticeira e que «A Capital» publicou, entendemos conveniente ouvir um dos membros d'essa Federação, operario intelligente e conhecedor a fundo do assumpto. A' primeira pergunta que a tal respeito lhe fizemos, respondeu-nos immediatamente:

—No caso de ser approvado pelo parlamento esse projecto de lei que tende principalmente ao desenvolvimento da industria rolheira em Portugal, passaremos immediatamente a fabricar de 25 a 40 por cento da nossa producção total. A cortiça «enguiada», cuja exportação por esse projecto de lei fica prohibida, póde avaliar-se em 10 por cento da producção total, ou sejam 7.000 toneladas. Se lhe juntarmos pelo menos 50 por cento de cortiça em prancha que os industriaes fabricarão, a fim de se eximirem ao pagamento do imposto, ahi temos os 40 por cento que lhe indiquei como absolutamente provaveis, se não certos.

«Quer isto dizer que o valor da nossa exportação augmentará pelo menos em 30.000 escudos e que se dará trabalho a mais 2.000 corticeiros, o que vem contribuir enormemente para attenuar a crise. Estes são os resultados immediatos, pois quanto aos futuros por ora nada se póde dizer. O que posso asseverar-lhe é que sendo a nossa cortiça tirada com a creação minima de dez annos affirmará cada vez mais os creditos de boa qualidade de que já gosa nos mercados mundiaes.

—Quanto á fabricação de rolhas?

—Podemos fabrical-as em quantidade egual á que a Hespanha fabrica e ainda nos fica cortiça em abundancia para exportação. A Hespanha, collocada nas mesmas circumstancias em que estamos, terá por sua vez uma procura de cortiça em prancha, o que virá valorisar a colheita d'ambos os paizes. E com a creação do Banco do Fomento, do Mercado Central de Productos Corticeiros, de casas commerciaes e da propaganda dos caixeiros viajantes officiaes, ficaremos melhor apparelhados para a lucta do que essa nação.

—Não encontrará o projecto opposição por parte dos industriaes e dos exportadores?

—Decerto que sim, mas sem razão, visto que tanto na Hespanha como na Italia a prohibição tem dado magnificos resultados para lavradores, industriaes, operarios e Estado. A Catalunha, para alcançar a supremacia corticeira que hoje tem, teve de fazer uma revolução. A Italia não precisou recorrer a tal meio e apesar d'isso tem uma prospera industria. Na Argelia, a industria corticeira está por ora em embryão, mas, logo que se desenvolva, constituirá uma das principaes riquezas d'essa maravilhosa região.

«E, já que falei na Italia e na Argelia, deixe-me dizer-lhe, e com orgulho, que foram os corticeiros portuguezes que ensinaram os italianos e os argelinos a fabricar rolhas e a preparar a cortiça para exportação.

—No seu entender, da prohibição de exportação só vantagens nos advirão.

—Sem duvida. E para lhe mostrar a importancia que os paizes importadores ligam á industria corticeira vou citar-lhe numeros:

«Na Allemanha paga a rolha por cada 100 kilos 30 marcos; na França (pauta maxima, que é a que se applica a Portugal em beneficio da Hespanha e da Italia, que gozam do tratamento de nação mais favorecida), 27 francos, sendo de comprimento inferior a 50 millimetros e 36 excedendo esse comprimento; na Austria-Hungria (nova pauta) 28, 37 coroas (7$142 a mais réis); nos Estados Unidos 39$600 réis, tendo mais de 11 millimetros de diametro, 66$100 réis, tendo menor diametro; na Suissa (nova pauta) 30 francos; na Noruega 30 coroas (7$500 réis); na Hollanda 10 florins (3$800 réis); na Russia (nova pauta) por cada pud 16,330 grammas, 5 rublos e 50 kopeks (2$640 réis); na Belgica 15 por cento «ad valorem»; no Canadá 20 por cento «ad valorem», etc. Na Russia e nos Estados Unidos são verdadeiramente prohibitivos os direitos que recahem sobre rolhas, e na Austria-Hungria, Suissa, Allemanha e Noruega só póde entrar rolha de qualidade superior, por serem especificos os direitos pautaes.

«Como vê, devemos defender-nos economicamente dos paizes importadores. Para elles o arruinar a nossa industria rolheira, que é uma industria eminentemente nacional, seria um triumpho no campo economico.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—A casa de Suzana.
POLITHEAMA—A's 21—A amante de meu genro.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Boatos e informações

Entre nós

A *tournée* Chaby seguiu de Portalegre para Elvas, onde representa de 28 a 31 do corrente.

● O quadro do 1.º acto da revista de André Brun *«Não desfazendo...»*, que entra ámanhã em ensaios no Politeama, intitulam-se: 1.º—*Balanço semanal*—2.º *10 0|0*—3.º *Claro e escuro*—4.º *Gloria Victis* (Apotheose).

● Deve ser assente na primeira quinzena do mez proximo o tecto do novo theatro Republica, que foi pintado em Madrid.

No estrangeiro

No Palais Royal de Paris representa-se a revista de Rip *1915*, compilação de scenas celebres d'outras revistas, com varias scenas de actualidade.

● No Marigny estreiou-se a revista do Arnauld e Bastia *Cà va, ça va...*

● Aos actores Cristiano de Sousa e Alexandre Azevedo foi concedido pelo governo estadual do Rio de Janeiro uma subvenção para a exhibição do theatro da Natureza n'aquella cidade.

Festas associativas

No Club Recreativo Luzitano realisa-se ao domingo uma recita com a representação da peça militar em 4 actos «Viva a França», original de S. Vieira da Cruz, desempenhada pelo grupo dramatico do club e abrilhantada pela orchestra, seguindo-se baile.

PEQUENAS NOTICIAS

O agente da policia judiciaria Alfredo Maria conseguiu hoje prender Maria José Machado, a «Dquinha dos brincos», accusada de ter subtrahido grande numero de brincos a creanças que attrahia ás escadas, engodando-as com bolos. A gatuna recolheu incommunicavel a uma esquadra.

David Pereira Valente, residente na travessa do Conde de Avintes, 49, loja, foi preso por andar pela rua do Sol á Graça ameaçando os transeuntes com um revolver.

—João Pires, morador no Campo de Santa Clara, 44, queixou-se á policia de que seu filho Angelo Pires, de 12 annos, desapparecera de casa, ignorando o seu paradeiro. Da Albergaria tambem desappareceram levando vestido o uniforme de cotim os seguintes albergados: Alberto da Silva Palmella, de 11 annos; Miguel da Fonseca, de 15, e Izidro dos Santos, de 11.

—Pela forma como descobriu e prendeu os gatunos que roubavam carvão no Seixal, foi elogiado o guarda n.º [illegible].

—No Alto dos Sete Moinhos cahiu hoje pelas escadas da sua residencia, Maria Rosa. Conduzida ao hospital de S. José, quando alli chegou era cadaver, pelo que foi removida para a casa das observações.

—Na enfermaria 4 do mesmo hospital deu entrada Manuel Mattos, carpinteiro, morador na estrada de Sacavem, 78, rez-do-chão, que cahiu d'uma obra em construcção n'essa estrada, fracturando as costellas.

—Para Infantaria 2 foi hoje remettido o soldado desertor d'aquelle regimento Eduardo Augusto, o «Conde de Ceia», accusado de diversos furtos, entre os quaes um, importante, de objectos artisticos em casa do sr. José Rodrigues Valdez Penalva, conde de Penalva d'Alva.

Noticias parlamentares

Tavira, Faro, um batalhão de infantaria, Velasques, Phidias, Ticiano, mais uma banda de musica, o sr. Rodrigo Rodrigues desafiado para duello e uma bomba que estoira, eis os temas que o sr. J. Pedro de Sousa, deputado pelo Algarve, escolheu para a sua clamorosa estreia. Os senhores estão a vêr o que isto deu! Vaias, murros nas carteiras, o sr. [illegible] esganado, [illegible] que se suffocam a custo das bandas da esquerda, gargalhadas homericas da direita e um homem magro, de cabelleira farta, bigode sempre, alheio ao seu drama, como uma locomotiva sem governo, devorando o espaço a duzentos kilometros á hora... Pois foi a estréa do sr. Sousa; e não sejamos injustos: [illegible] que dava assumpto para um quadro de pintor futurista, amante das coisas que se topam pela vida além. Conheço o sr. Sousa algum artista—elle que tão versado se mostra em artes plasticas—que o pinte tal qual é? Pois se o conhece, aproveite...

***

A commissão de finanças é um parlamentosinho dentro da Camara, tão numerosa ella é. E por passarem d'uma boa duzia os seus vogaes, fazel-a reunir, juntal-os todos [illegible] constantemente a chamal-os a capitulo [illegible] Ainda hoje, para a levar a trabalhar, foi um trabalhão! [illegible]

***

Ha uma tal confusão de contas entre a camara municipal de Lisboa e o Estado, que quem pretender pôr a nossa trapalhada a claro correrá, pelo menos, o grave risco de ficar doido. E' o Estado que deve á camara? E'—dizem os defensores do municipio. E' a camara que deve ao Estado? E'—juram os [illegible]

***

Constou que o governo estava elaborando novas medidas legislativas, que tencionava levar ao parlamento, solucionando a questão vinicola. [illegible]

***

Hoje á noite, reunem os parlamentares evolucionistas, para discutirem a escolha do candidato do partido á eleição presidencial. [illegible]

A nova questão Hinton

O FABRICO DE ASSUCAR DE CANNA, nas nossas provincias ultramarinas, sómente começou quando o decreto de 2 de setembro de 1901 estabeleceu que ficava assegurada, por 15 annos, e nos termos do artigo 4.º da lei de 27 de dezembro de 1870, a manutenção do differencial de 50 0|0 em favor do assucar produzido nas provincias de Angola e de Moçambique. A applicação d'este differencial foi, porém, limitada a uma importação maxima de 6.000:000 kilogrammas para cada uma d'estas provincias.

Não discutiremos, por ser inteiramente desnecessario, a affirmação da firma Hinton, no seu folheto a paginas 14, de que o Parlamento, em vista dos termos d'este decreto, ficava impossibilitado de estabelecer, em qualquer tempo, o augmento na quantidade de assucar a que era applicavel o differencial de 50 0|0.

O decreto de 1901, se por um lado assegurou, pelo periodo de 15 annos, este differencial para o assucar, era, por outro lado, uma restricção na quantidade e revogava portanto a disposição geral da lei de 1870.

As disposições do decreto de 1901 produziram effeitos completamente differentes nas duas provincias ultramarinas. Emquanto que em Angola era mais vantajoso o aproveitamento da canna sacarina para o fabrico da aguardente, que obtinha bom preço para a permuta com os generos indigenas, na provincia de Moçambique, ao contrario, começou logo a desenvolver-se o fabrico do assucar, tambem, em parte, provocado pela lei de 7 de maio de 1902, que prohibiu o fabrico e a importação de bebidas alcoolicas distiladas no territorio d'esta provincia ao sul do Save.

A producção do assucar cresceu rapidamente com o estabelecimento das fabricas da Zambezia, e tendo attingido, em 1908, cerca de 13.000 toneladas, excede actualmente 40.000 toneladas por anno. O maximo auctorisado para a importação com o differencial de 50 0|0 foi attingido em 1908.

Em Angola, ao contrario, o que augmentou foi o fabrico da aguardente de canna, produzindo-se muito pouco assucar.

A importação no continente de assucar d'esta provincia não attingiu 3.000 toneladas em 1912, e a maior importação annual, até 1914, é de 4.770 toneladas.

A situação n'esta provincia soffreu comtudo uma alteração completa com a publicação do decreto do governo provisorio de 27 de maio de 1911, que prohibiu o fabrico de alcool, aguardente e bebidas similares distilladas, e sómente permitte a cultura da canna sacarina para o fabrico de assucar.

Apesar das indemnisações, concedidas pelo governo pela expropriação das fabricas de aguardente, a installação, em grande, do fabrico de assucar de cana necessita da applicação de capitaes muito avultados, e além d'isso fará apparecer, ainda mais, a falta de mão de obra indigena na quantidade precisa para essa producção agricola e industrial.

A crise da provincia e o estado anormal, criado pela guerra, ainda veiu difficultar mais a exploração das fabricas de assucar.

A producção do assucar de cana, durante muito tempo o unico existente, tem sido fortemente contrariada, desde muito, pelos progressos da cultura da beterraba e no fabrico do assucar d'este producto, os quaes attingiram um alto grau de perfeição, principalmente na Allemanha e na Austria.

A producção mundial do assucar foi tão grande em 1912 e 1913 que os preços baixaram tanto que os productores de assucar, de cana e de beterraba, estavam soffrendo uma grande crise que a muitos levaria ao abandono da sua exploração.

Comtudo as maiores difficuldades são supportadas pelos fabricantes de assucar de cana que sómente com grande custo podem em circumstancias normaes, luctar nos mercados da Europa, com os assucares de beterraba allemães, austriacos e russos.

Tanto isto é assim que, com excepção da Ilha do Java, onde ha condições locaes excepcionalmente favoraveis e uma alta perfeição agricola e industrial, dos Estados-Unidos da America do Norte e da India Ingleza, onde o assucar de cana é sómente para consumo local, em todas as outras regiões importantes em que se produz assucar de cana, este recebe dos governos protecção efficaz.

Assim a Ilha de Cuba, que produz 2.600.000 toneladas de assucar e onde a cultura é muito antiga, as condições culturaes são muito favoraveis e existem fabricas perfeitissimas, obteve dos Estados-Unidos, no respectivo convenio commercial, uma reducção de 20 0|0 da tarifa geral, nos direitos de importação do assucar.

A Ilha de Porto Rico, que produz 300.000 toneladas de assucar de cana e onde são extremamente favoraveis as condições de producção da cana, gosa nos Estados-Unidos da isenção dos direitos de importação.

O mesmo acontece com o assucar das ilhas de Hawai que tambem é importado nos Estados-Unidos sem pagamento de direitos, gozando portanto de uma protecção que, ao cambio normal, se póde calcular em 83 escudos por tonelada. E' importantissima a producção de assucar no Hawai, fabricando-se annualmente 545.000 toneladas; a cana tem um alto rendimento sacharino e cultiva-se em muito boas condições.

Vemos pois que, por toda a parte, mesmo nas melhores e mais importantes regiões productoras de assucar de canna, os respectivos governos entendem que necessitam de conceder protecção a este assucar pelas más condições que lhe resultaram do fabrico industrial em grande do assucar de beterraba.

Sómente Angola e Moçambique, segundo a firma Hinton, devem produzir assucar de canna tão barato que póde concorrer, nos mercados da Europa com todos os assucares. A seu tempo discutiremos a questão do custo do assucar de canna, registando, por agora, apenas que a nossa missão é singularmente facilitada por ser de tal maneira exaggerado e tendencioso o ataque que a firma Hinton faz no seu folheto, ás emprezas assucareiras da Africa portugueza.

Ninguem poderá, com verdade affirmar que tenha sido muito vantajoso o fabrico do assucar de canna na Africa portugueza.

Em Moçambique a mais poderosa de todas as companhias assucareiras a «The Sena Sugar Factory», que explora as fabricas de Caia e de Marromeu, não distribuiu dividendo aos seus accionistas em 1912 e 1913, tendo empregado os seus lucros n'estes annos em reforçar o seu activo, e a Companhia Colonial do Buzi, que explora duas fabricas importantes, apenas ultimamente distribuiu 5 0|0 de dividendo.

Uma companhia ingleza, a Beira Rubber Sugar Estates, que explorava uma grande fabrica de assucar nos terrenos da Companhia Colonial do Buzi, falliu e está hoje substituida por uma empreza nova.

A fabrica de Marromeu situada nos territorios da Companhia de Moçambique, pertenceu successivamente a trez sociedades, sendo só ultimamente, depois de adquirida pela «The Sena Sugar Factory», que attingiu uma grande producção e poderá portanto dar resultados vantajosos na sua exploração.

A Companhia do Assucar de Moçambique que teve que alugar a sua fabrica de assucar, em Mopéa, á firma Hornung & C.ª, que tambem lhe augmentou muito a producção, para conseguir o barateamento do preço do custo.

Em Angola não tem sido mais favoravel o resultado da exploração do fabrico do assucar, visto que as respectivas companhias não teem distribuido dividendo aos seus accionistas, mas isto explica-se, em parte, pelas pequenas producções e pelo periodo de transformação em que se encontram.

Tal era a situação em que se encontrava, em 1914, a industria assucareira da Africa portugueza, quando já estava proximo o anno de 1916 em que terminava o praso durante o qual tinha sido assegurada a manutenção do differencial de 50 0|0 para o assucar importado na metropole.

Precisava de se garantir uma protecção efficaz em Angola, para o fabrico do assucar, a fim de se obter o augmento de producção necessario para que não fosse muito elevado o preço do custo, e conseguir-se assim a transformação completa da industria do alcool a que visava o decreto de 27 de maio de 1911.

Na provincia de Moçambique, onde effectivamente existem zonas muito proprias para a cultura da canna e fabrico do assucar, falava-se na creação de novas fabricas, mas o capital retraia-se não só pela incerteza do regimen que seria posto em vigor a partir de 1916, mas tambem porque, mantendo-se o limite de 6.000 toneladas para o assucar com direito a bonus, seria pequena a protecção de que gosaria qualquer fabrica nova.

Estavam pendentes na Camara dos Deputados diversos projectos augmentando a protecção do assucar colonial e estabelecendo-a para o que fosse extrahido da beterraba produzida no continente.

Esta era a situação quando em agosto de 1914 se discutiram no Congresso as duas leis organicas das provincias ultramarinas e se regulou, na base 23.ª da lei organica da administração financeira, o regimen das relações commerciaes entre a metropole e as colonias.

N'esta base, como era logico, estabeleceu-se o regimen da importação do assucar colonial. Vê-se, pois que n'esta lei era impossivel que não ficasse definida a importação dos assucares coloniaes, que constitue uma das partes mais importantes das relações commerciaes entre a metropole e as colonias.

Vejamos agora como a firma Hinton, no seu folheto a paginas 27, se refere a este facto:

«Parecia ter sido tudo posto de lado. Mas de improviso, na ultima noite da sessão legislativa de 1914, foi votada e approvada uma grave disposição, que tinha sido mettida como base 23.ª na lei publicada depois com a data de 15 de agosto do mesmo anno. O theor d'ella foi então revelado aos interessados no «Diario do Governo». Ahi se ia ao fim por outro caminho».

Que as pessoas que conhecem a base 23.ª da lei de 15 de agosto se lembrem de todos os assumptos a que esta se refere, e isso será a melhor critica ao periodo que transcrevemos.

Podia o Congresso, querendo augmentar a protecção aos assucares coloniaes, augmentar a quantidade destes, que teriam direito a ser importados com o differencial de 50 0|0 dos direitos alfandegarios, e parece-nos que havia na Camara um projecto elevando a 12:000 toneladas para cada uma das provincias de Angola e Moçambique essa quantidade.

Preferiu comtudo conceder apenas um augmento de 600 toneladas em cada anno e para cada provincia, quando a importação, na metropole, do assucar do producção n'essa provincia exceder 6:000 toneladas. Parece que se teve em vista com esta disposição conceder uma justa protecção ás colonias, sem affectar sensivelmente as receitas do Estado, por isso que o augmento da quantidade de assucar com direito ao «bonus», corresponde approximadamente ao augmento de consumo no continente.

Por outro lado a disposição da lei tinha a vantagem de não affectar os privilegios que a firma Hinton disfrutava até 1918.

A provincia de Angola ainda não attingiu a importação de 6.000 toneladas e por isso em 1918, apenas poderá importar, no maximo, 7.500 toneladas.

Juntando a estas as 9.000 toneladas que a provincia de Moçambique poderá importar n'esse anno, fica a totalidade do assucar colonial que póde ser importado com bonus em 1918, que é o anno mais desvantajoso para a firma Hinton, reduzida a 17.500 toneladas e não ás 18.000 toneladas que admittimos, no nosso primeiro artigo.

As 16.500 toneladas de assucar colonial, as 3.000 toneladas de assucar dos Açores e mesmo 6.000 toneladas de assucar da Madeira prefazem 25.500 toneladas que são uma quantidade muito inferior ao consumo do continente que excederá, n'essa occasião como já hoje, 35.000 toneladas.

Tal é a desastrosa situação que a lei de 14 de agosto de 1914 creou á firma Hinton, quanto ao regimen que tem assegurado até 1918!

Mas a situação creada pela lei ás Emprezas assucareiras é inteiramente differente da que disfructa a firma Hinton. Nas nossas provincias de Africa podem-se livremente estabelecer novas fabricas.

Não teem as Emprezas assucareiras o monopolio do assucar em Africa, e por isso, se este fabrico é tão lucrativo como a firma Hinton affirma, não se percebe porque não vae installar uma ou mais fabricas em Africa para gosar das vantagens que concede a lei de 14 de agosto de 1914.

As Emprezas assucareiras de Africa tomam, desde já, o compromisso de empregar todos os esforços para que uma d'ellas ou um consortium que organizem estabeleça uma fabrica no Funchal para trabalhar depois de 1918, em concorrencia com a notavel Fabrica do Torreão, desde que seja estabelecida a liberdade do fabrico.

Pelas Emprezas assucareiras da Africa portugueza

A. Sousa Lara
Guilherme d'Oliveira Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo

P. S.—O jornal *A Lucta*, de 24 do corrente diz que só por erro de informação podiamos ter affirmado que o monopolio fôra dado a Hinton pelo Governo Provisorio. Se tivessemos feito essa affirmação seria effectivamente inexacta, mas parece-nos que a não fizemos, visto que no começo do artigo a que *A Lucta* se refere, dissemos que esse monopolio lhe fôra *assegurado* pelo decreto de 11 de março de 1911. Temos comtudo muito gosto em declarar explicitamente que o monopolio de Hinton foi votado no Parlamento em 1904 e em 1908.

Miguel Angelo Viglietti

Está entre nós desde sabbado e veiu visitar-nos este excursionista italiano, que tem passado a maior parte da sua vida no Brazil, que percorreu já todo a pé, e nas republicas da America Central. De apresentação distincta, barbas todas brancas, de grande robustez physica, no que apparenta, não quiz deixar de conhecer —diz-nos—a terra-mãe do Brazil. Seguirá d'aqui para Hespanha e para Italia, onde, apesar de edoso, tentará vêr se póde ainda prestar qualquer serviço á sua patria na actual conjunctura.

Fallecimentos

Falleceu e foi hoje sepultada a sr.ª D. Maria Joanna Pereira, senhora dotada de excellentes qualidades de caracter, pelo que o seu passamento foi muito sentido.

PORTALEGRE, 26.—Falleceu hoje o sr. José Elmano Gromicho, casado com a sr.ª D. Irama Guapo Alves, filha da sr.ª D. Maria José Alves, importante commerciante d'esta praça. O fallecido, que era um belissimo caracter, contava apenas 23 annos e era muito estimado n'esta cidade. A' familia enlutada as nossas condolencias.

Os novos trabalhos da «Fabri»

Na livraria Ferin encontram-se em exposição alguns trabalhos photographicos da casa Fabri, do Porto, os quaes testemunham mais uma vez o valor profissional d'aquelles industriaes. As reproducções photographicas são: o busto de Eça de Queiroz, o grupo dos Vencidos da Vida, o «Grão de bico» e o «Fado», quadros de Malhôa, e um retrato d'este artista, vendo-se tambem ali exemplares d'um postal, «Patria e Republica», allusivo á revolução de 14 de maio, e d'um folheto de educação artistica, excellentemente illustrado e impresso, com a biographia de José Malhôa.

ULTIMA HORA

CAMARA DOS DEPUTADOS

A questão das subsistencias—O orçamento do ministerio das finanças

A sessão abre com 55 deputados, pouco antes das 15. Preside o sr. Azevedo Coutinho e é o sr. Alfredo Soares quem lê a acta, que é approvada, na devida altura, por 70 deputados. No expediente voltam a figurar varios papeis sobre a questão dos vinhos, vindos de varias corporações do norte, do centro e do sul do paiz. Do governo estão os srs. ministros da justiça e das finanças. O sr. Levy Marques da Costa manda para a meza dois projectos de lei: um auctorisando o governo a regularisar definitivamente as suas contas com a camara municipal de Lisboa, nos termos de determinadas bases que do mesmo projecto constam, e outro sobre as causas civeis e commerciaes entre os corpos administrativos e o Estado por uma parte e os concessionarios ou emprezas concessionarias, por outra, quanto a serviços publicos de caracter geral ou local. Este projecto tem por fim evitar os successivos incidentes e chicanas que se dão no decorrer das referidas causas.

O sr. Ramada Curto justifica e manda para a mesa uma proposta auctorisando o governo a suspender o decreto que auctorisou a emissão de acções privilegiadas. O sr. ministro da justiça concorda, e a proposta, transformada em projecto de lei, é approvada com urgencia e dispensa do regimento. O sr. J. Pedro de Sousa censura o facto do sr. director da cadeia do Limoeiro ter, em plenos Passos Perdidos da Camara, pretendido exercer coacção sobre o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, auctor da proposta que reduziu os vencimentos d'esse funccionario, acabando com os emolumentos nas cadeias civis. Protesta contra a attitude da pessoa a quem se refere e diz que é pela abolição de todos os emolumentos, por considerar isso um acto de alta moralidade. O orador, que é deputado pelo Algarve, justifica a interferencia que teve na passagem do primeiro batalhão de infantaria 4 para Faro, para o que muito trabalhou, como promettera durante a campanha eleitoral, valendo-lhe isso terem lançado uma bomba junto da residencia de um seu irmão. O sr. Sousa descreve em linguagem grandiloqua a tragedia da passagem das tropas de Tavira para Faro; fala em Phidias, Ticiano e outras celebridades indiscutiveis, classifica os que se não resignaram a ficar sem a banda e o referido batalhão, de anarchistas e perde-se, por fim, em indignadas considerações, que a Camara ouve hilariante e que constituem, durante a tarde, o mais appetitoso acepipe da sessão.

Afinal, averigua-se que foram os unionistas quem lançou a bomba ás portas do irmão do orador, o que não deixa de causar certa surpreza na camara. Como dá a hora, o presidente avisa d'isso o sr. Sousa.

—Fale! Fale!—gritam-lhe da opposição.

O orador aceita o conselho e fala, como até aqui. Põe, entretanto, a breve trecho, termo ás suas considerações, succedendo-lhe o sr. ministro da justiça, que considera graves os factos a que o sr. Sousa se referiu e promette tomar as providencias que elles requerem. Termina apresentando uma proposta de lei. O sr. Simas Machado queixa-se dos secretarios de finanças do Porto terem aggravado, extraordinaria e illegalmente, a contribuição industrial.

O sr. ministro das finanças promette averiguar e tomar providencias. O sr. Eduardo de Sousa lamenta que os ministros não venham ao Parlamento com a devida assiduidade e estranha que os srs. Germano Martins e Adriano Pimenta hajam procurado o sr. ministro da justiça, para lhe pedirem que fizesse acabar com a campanha que certo jornal andava fazendo contra o republicano do Porto sr. Minitão Barbedo. Considera o ministro esse individuo entidade oficial? O sr. ministro da justiça responde que não se avistou nunca com os deputados indicados para os fins a que o sr. Eduardo de Sousa se referiu. Não considera entidade official o individuo referido, e só procederá contra aquelles que o depreciam quando para isso fôr sollicitado pelas vias competentes. O sr. Fernandes Rego manda para a meza dois projectos de lei referentes a serviços do ministerio das finanças. O sr. Simões Raposo diz que os empregados dos caminhos de ferro estão ha sete mezes esperando que lhe attendam certas reclamações, que continuam esquecidas. O sr. ministro do fomento promette occupar-se do caso.

O sr. presidente do ministerio occupa-se da questão das subsistencias e refere o que se passou na Sociedade de Geographia e no theatro de S. Carlos. Tudo se tem passado na melhor forma, honrando-se uma vez mais o povo de Lisboa pelo modo como se portou e que está acima de todo o elogio. Sem querer de maneira nenhuma deprimir o Parlamento, crê que a questão em parte nenhuma melhor podia ser tratada do que o foi n'esse congresso, ou reunião, como queiram chamar-lhe.

Vozes—Não apoiado!

O *orador*—Perdão! Mas o governo, o povo...

—Os representantes do povo somos nós e nós é que deviamos ser ouvidos em primeiro logar.

—Mas o povo tinha de ser ouvido!

—D'accordo. Mas nunca ao mesmo tempo que o Parlamento.

O orador continúa. O Parlamento nada perdeu e por elle tem a maior consideração. Mas compete-lhe respeitar os desejos populares. Ora, o povo, n'essas reuniões, chegou a conclusões concretas, que o Parlamento tem de conhecer. Ali lh'as traz, pois, recommendando ao congresso que trate urgentemente da questão do pão. E o orador termina mandando para a mesa aquelle projecto de lei elaborado no congresso de S. Carlos e já conhecido do grande publico.

Com urgencia e dispensa do regimento é approvada uma proposta do sr. ministro da justiça amnistiando certas transgressões ao regulamento da lei que manda proceder ao recenseamento de vehiculos e animaes de carga.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o orçamento do ministerio das finanças.

O sr. Levy Marques da Costa mandou para a meza uma proposta pela qual a camara, reconhecendo a importancia do projecto de lei apresentado hoje no Parlamento sobre as relações financeiras entre o Estado e o municipio de Lisboa, resolve que o assumpto do mesmo projecto seja apreciado na proxima sessão legislativa.

Falam os srs. Aresta Branco, Simões Raposo e Constancio de Oliveira, que propõe que se inclua no orçamento a importancia do imposto sanitario cobrada em virtude da lei respectiva e pertencente á Camara, e que se inclua no mesmo orçamento a verba de 1:000 escudos, como indemnisação á Camara de Lisboa da média annual do rendimento das licenças de atracação aos caes, cobradas hoje pela exploração do porto de Lisboa. O sr. Ernesto de Vilhena faz varias objecções a estas propostas, com as quaes não concorda. Volta a falar o sr. Constancio de Oliveira, que defende as suas propostas, as quaes, ao fazerem-se as votações, são rejeitadas, bem como uma outra do sr. Domingos Cruz, referente ao montepio dos sargentos. Approvam-se os capitulos 5.º e 6.º

Sobre o artigo 7.º falam os srs. Ernesto de Vilhena e Aresta Branco, sendo votado esse capitulo e os restantes.

A' noite ha sessão.

No Senado

Elogia-se a obra das Escolas Moveis e discute-se a não apresentação do novo governo

Com 22 senadores, e o sr. Correia Barreto na presidencia, abre-se a sessão ás 14,45, sendo a acta da sessão anterior approvada sem reparos, e o expediente egualmente sem reparos enviado ao seu destino.

O sr. presidente participa ao Senado que se encontra nos corredores o novo senador sr. Simão José, nomeando para o introduzir na sala os srs. Lima Duque, Vasconcellos Dias e Affonso Lemos.

O dr. Simão José eleito por Angra do Heroismo entra e toma logar nos «fauteuils» da esquerda, a cujo partido pertence.

O sr. Arantes Pedroso pede lhe seja relevada a falta dada na preterita semana por motivo de doença, e, podendo ser, que lhe seja enviada copia do relatorio dos srs. Alvaro Ferreira e Almeida d'Eça, na parte em que se refere á questão de pescarias.

O sr. Paes Abranches pede que lhe seja entregue novamente o seu projecto cerealifero outro dia entregue, para n'elle introduzir umas modificações.

Entra-se depois immediatamente na ordem do dia com a proposta de lei modificando algumas disposições do capitulo III da lei organica do exercito, decretada em 25 de maio de 1911 e que a commissão de guerra rejeitou por não satisfazer cabalmente á falta que se pretende remediar.

N'este sentido e explicando a sua assignatura no parecer referido falam os srs. Alberto da Silveira e Vasconcellos Dias, sendo depois o parecer posto á votação e approvado.

Segue-se a proposta abrindo no ministerio das finanças, a favor do ministerio da guerra, um credito especial de 41 contos destinados a reforçar os capitulos 2.º e 3.º (instrucção militar, 16 contos, e despezas geraes, 25).

A commissão de guerra é de parecer que a proposta deveria ser approvada se tal necessidade houvesse, n'este sentido se pronunciando o sr. Alberto da Silveira. Mas como a commissão de finanças reconheceu que tal necessidade já não existe dá o seu parecer para que a proposta se não approve, o que acontece.

Como esteja presente o sr. ministro da instrucção, é dada a palavra ao sr. Pina Lopes, que se refere ao analphabetismo na sua região, districto de Castello Branco, onde o jesuitismo fez das suas, atrophiando o espirito das creanças e obrigando os paes, em vez de as mandar á escola, a leval-as á egreja. Espera pois do patriotismo do sr. ministro da instrucção que tal estado se remedeie, enviando para ali s. ex.ª escolas moveis que rasguem um novo horizonte de luz n'aquella malfadada região.

O sr. dr. Lopes Martins fazendo o elogio das escolas moveis espera se o orçamento lh'o permittir satisfazer os desejos justissimos do orador. Realmente, diz, o espirito do ensino hodierno é precisamente esse—a laicisação do ensino.

O sr. Pina Lopes agradece e usa em seguida da palavra o sr. Sousa Junior que sauda o seu antigo mestre e collega sr. Lopes Martins como dignissimo ministro de instrucção em que justissimamente a Republica o investiu. Faz depois o elogio das escolas moveis e pede ao sr. dr. Lopes Martins que cuide da situação dos respectivos professores que bem precaria é e que é preciso esclarecer e proteger para bem da instrucção e da Republica. Hoje já não ha ministerio algum dentro da Republica que possa mexer em tão utilitaria instituição.

Chama tambem a attenção de s. ex.ª para o analphabetismo feminino.

O sr. ministro da instrucção, depois de fazer o elogio do sr. Sousa Junior, volta a prometter, dentro dos limites do orçamento, fazer tudo quanto possa para a diminuição do analphabetismo, por todos os meios, incluindo as escolas moveis.

Trocadas ainda mais algumas explicações e agradecimentos entre os dois oradores, o sr. dr. Pedro Martins protesta contra o facto do sr. dr. José de Castro não ter vindo ainda ao Senado fazer a participação official da crise e da recomposição ministerial que segundo crê se deu ha dias. Esse facto é intoleravel e anti-constitucional.

O sr. dr. Lopes Martins diz que está no seu posto legal e legitimamente e que se o sr. dr. José de Castro não veiu ainda ao Senado é porque inadiaveis afazeres lh'o inhibiram, se bem que o sr. dr. José de Castro só foi demittido da pasta da guerra.

O sr. dr. Pedro Martins reedita as suas considerações, diz que o sr. dr. José de Castro pediu a sua demissão, não de ministro da guerra, mas de presidente do ministerio, e que portanto s. ex.ª aqui deve vir no cumprimento e no respeito da Constituição dar contas ao Senado de tudo quanto a tal respeito se passou.

O sr. Estevão de Vasconcellos não acredita que houvesse da parte do sr. dr. José de Castro premeditação de offensa ao Senado, mas concorda com as palavras do sr. dr. Pedro Martins e propõe que a sessão seja interrompida até que o sr. presidente do ministerio venha a esta casa.

Posta á votação a proposta, foi approvada e a sessão interrompida. Eram 16 horas e dez minutos.

Reaberta a sessão dez minutos depois, o sr. José de Castro diz que, como o sr. presidente da Republica tem a faculdade de demittir e nomear os ministros e sendo elle ministro interino da marinha e presidente do ministerio entendeu dever pedir a demissão dos dois cargos para dar ao sr. presidente da Republica a faculdade de nomear quem entendesse e quizesse. Nada mais sabe do que disse o sr. dr. Pedro Martins mas aguarda as suas exigencias para responder depois.

O sr. dr. Pedro Martins repete o que já dissera. Quer e deseja o respeito á Constituição e ao Senado; e, portanto, deseja saber as razões que occasionaram a crise visto que as apresentadas não servem nem dizem nada mais dando a impressão de que o sr. dr. José de Castro é realmente, e tem sido sempre, um presidente de ministerio interino. Segundo o proprio «Diario do Governo» só são actualmente ministros o sr. dr. José de Castro, o sr. Norton de Mattos e o sr. Rodrigues Gaspar. Os outros não o são porque não foram nomeados. Ora cahindo o presidente do ministerio cahe todo o ministerio. Como resolve pois o sr. dr. José de Castro esta extravagante situação? *Como?*

O sr. presidente do ministerio não vê gravidade na questão que o sr. Pedro Martins acha gravissima. Em duas palavras dirá tudo. Estava para vir ao Senado na sexta-feira. Não poude. Na segunda feira não houve sessão, só hoje, portanto, aqui podia vir. Não quiz melindrar o Senado, já porque é incapaz de melindrar seja quem fôr, já porque não iria melindrar a casa do Parlamento a que pertence.

O sr. Estevão de Vasconcellos em nome dos senadores da esquerda diz que comprehende os factos da ultima crise que não tiveram realmente caracter politico. Portanto os parlamentares do partido democratico, que não receiam complicações juridicas como o sr. Pedro Martins, só teem uma coisa a fazer: cumprimentar os novos ministros de quem esperam a maior honra e defeza para a Republica.

Teria realmente graça se a nossa magistratura tivesse duvidas na validade do actual ministerio quando sanccionou os actos do ministerio Pimenta de Castro!

O sr. dr. Pedro Martins accelta as explicações do sr. dr. José de Castro na sua vinda ao Senado, mas mantém a sua opinião quanto á legalidade dos ministros, cujas nomeações não vieram no «Diario do Governo».

Como o sr. Nunes Godinho vem ao Senado convidar o sr. presidente do ministerio a ir á outra Camara, o sr. Pedro Martins resume as suas considerações. O sr. José de Castro diz que já respondeu o que tinha a responder e retira-se.

O sr. Alberto da Silveira cumprimenta os novos *ministros*.

E como não haja mais assumpto é a sessão encerrada e marcada a proxima para ámanhã á hora regimental.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro das colonias vae na proxima segunda feira, com o engenheiro sr. Lisboa de Lima, visitar o quartel do Deposito de Praças do Ultramar, cujas obras estão concluidas.

O sr. Rodrigues Gaspar recebe todas as pessoas estranhas ao seu ministerio, aos sabbados, das 14 ás 16 horas.

—A direcção do Club Naval de Lisboa convidou os commandantes do corpo de marinheiros e dos navios a assistirem ás corridas de natação para praças da armada e do exercito, organisadas por aquelle Club e que se realisarão nos dias 1 e 15 de agosto, pelas 16 horas.

A questão do Douro

A commissão de agricultura, pela sua maioria, reunida hoje, deliberou mandar para a meza o seguinte projecto de lei sobre a questão vinicola:

Art. 1.º—Nos termos da legislação em vigor é mantido, para vinhos produzidos na região duriense demarcada, o exclusivo da barra do Douro.

Art. 2.º—E' permittida a livre exportação para qualquer paiz dos vinhos generosos e licorosos produzidos no centro e sul de Portugal, desde que tenham designação de origem, que não envolva a marca «Porto» ou que com a mesma possa suscitar confusão.

Art. 3.º—Fica abolida a fixação do preço da aguardente determinada pelo art. 24.º do decreto de 1 de outubro de 1908. E' fixado em 50 centavos por litro o direito de importação do alcool industrial.

Art. 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Assignam este projecto os srs. Julio Martins, Albino Pimenta de Aguiar, com restricções, Lima Bastos, Joaquim Ribeiro e Nunes Godinho, relator. Não assignaram este projecto os srs. Alfredo Sousa, Charula Pessanha e Amaral Reis, que assignaram o parecer favoravel á proposta do sr. ministro do fomento, sobre o mesmo assumpto. Isto quer dizer que serão discutidos simultaneamente dois pareceres da mesma commissão, um favoravel e outro contrario ao projecto inicial.

As questões da carne e do pão

A commissão delegada do congresso popular, em S. Carlos, conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio, a quem apresentou as conclusões dos trabalhos sobre as questões da carne e do pão.

A' conferencia assistiu tambem o sr. ministro do fomento.

Bens das congregações

No antigo convento do Sacramento, em Alcantara, o leilão hoje effectuado de paramentos rendeu approximadamente 500 escudos.

Amanhã e na quinta e sexta feira interrompe-se a praça, a fim de se realisarem as entregas dos objectos arrematados.

O leilão continua no domingo, ás 12 horas.

Sport

A epoca de verão na Trafaria

Promette ser muito animada este anno a epocha balnear da Trafaria, attendendo ao grande numero de banhistas que já se encontram na praia, preferida por grande numero de familias da nossa sociedade.

No dia 1 d'agosto começam as carreiras regulares dos vapores da Parceria, o que decerto mais animará a famosa estancia balnear.

A *commissão directora do Club Balnear* projecta este anno levar a effeito grande numero de festejos, taes como: corridas de remo, vela e natação; desafios de water-polo; assaltos de espada, e combates de «box» entre os nossos melhores atiradores e pugilistas, para o que já se avistou com alguns dos nossos campeões e direcções dos clubs do «*sport*».

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 3|16	36 1|16
Londres, 90 d|v. . .	36 13|16	—
Paris, cheque. . . .	$73,8	$74,5
Allemanha, cheque .	$28,2	$29
Hollanda, cheque . .	$55	$55,5
Madrid, cheque . . .	1$32	1$33
New York	1$38	1$39
Rio s|Londres. . . .	12 3|4	—
Libras.	6$75	6$85
Agio do ouro	40 °|o	45 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,65	39,65
» » 500$	39,60	—
» » 100$	39,60	—

Obrigações do Estado: 3 °|o 1905, 9$30; 4 °|o 1888, 21$90.

Externas: 1.ª serie 71$90, 3.ª 74$.

Acções: Lisboa e Açores 114$40; Tabacos, coup. 75$70.

Obrigações: Aguas, coupon, 81$; Predios 6 0|0, 91$ e 5 0|0, 87$50; Ultramarino, hypothecarias, 93$70; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50.

SPORT

Os homens de sport na guerra

O «sport» é uma escola de energia, de disciplina e de coragem. A guerra actual tem-no demonstrado com insophismavel evidencia. Os relatorios dos generalissimos citam, dia a dia, as heroicidades d'esses bravos combatentes que antes da guerra, eram homens de athletismo. Alguns teem morrido no campo da honra e outros teem sido elevados ás mais altas distincções. Querem um pequeno exemplo comprovativo entre os mil que podiamos dar todos os dias? Leiam o «Boletim» do Sporting Club Universitaire de France, que entre outras citações se refere aos seus associados. «Gibert», excellente jogador do 1.º «team» de rugby. Voltou da Italia onde residia ha annos e no exercito deu mostras da mesma energia que sempre mostrou nos campos de jogo. Foi ferido mortalmente na Argonne e morreu dias depois em Dijon.

«Beaudouy», um dos mais fieis jogadores do 3.º «team». Foi nomeado tenente no campo de batalha. Cahiu morto á frente da companhia que commandava na Argonne.

Estes foram os que ficaram. Outros offreram tambem e tiveram de recolher aos hospitaes, para se curar de graves enfermidades. Cita o «Boletim», entre outros:

«André Theuriet», o capitão do 1.º «team», sargento no 246 de infantaria. Foi gravemente ferido no Marne, d'um estilhaço de obuz no joelho e depois de causar a admiração dos seus chefes pela resistencia phisica e coragem.

«Francy», o antigo capitão do 2.º «team». Foi ferido na Belgica e decorado com a Legião de Honra.

«Jouault», o conhecido nadador, que pela terceira vez volta aos hospitaes a curar-se e, pela quarta vez, voltou para as linhas de fogo.

Mas o Sporting Universitaire, citando os seus mortos e os seus feridos, cita tambem os seus homens decorados com medalhas e distincções e aquelles que foram promovidos. Entre elles figuram: com a Legião de Honra:

«Mialhe», que pertence ao 1.º «team». Tenente do 23.º regimento de artilharia. «Foi gravemente ferido, quando commandava debaixo de intenso fogo do inimigo, com serenidade e com energia, o fogo da bateria collocada ás suas ordens».

«Francey», capitão medico, no 1.º regimento de marcha dos caçadores de Africa: «Ainda que reformado, alistou-se voluntariamente, e fez-se notar pela sua bravura e sua admiravel dedicação pelos feridos, que elle proprio ia buscar á linha de fogo. Ferido por um estilhaço de obuz, continuou a prodigalisar os seus cuidados aos feridos até ao dia em que foi obrigado a retirar-se por causa da propria doença».

«Lissondé», o «rugbyman», capitão-medico no 359.º de infantaria. «Deu provas de muita coragem e dedicação desde o começo da guerra, indo buscar feridos á linha de fogo. Foi gravemente ferido no joelho quando acompanhava a visita diaria do seu commandante de divisão para vigiar a hygiene das trincheiras».

E decorados com a medalha militar, o «Boletim» do Sporting Club ainda cita novos associados:

«Peltier-Doisy», «forward» do 1.º «team», alferes na esquadrilha H. F. 19. «Piloto d'uma habilidade maravilhosa e de coragem a toda a prova. Deu, depois do começo da guerra, prova de raras qualidades de audacia e de sangue frio».

«Quennehen», esgrimista de valor, ajudante-piloto na esquadrilha n.º 5. «Deu as mais bellas provas de energia e de sangue frio em reconhecimentos aereos por cima do inimigo, conseguindo voltar uma vez ao hangar, com o avião furado por 10 balas nos orgãos essenciaes».

Nota do dia

Uma formula nova n'um campeonato de esgrima

A «Amadora» revolucionou o nosso mundo de esgrima, annunciando a sua festa d'armas, á noite, n'um espectaculo ao ar livre, á luz de muitas lampadas electricas e certamente com a assistencia de centenas de pessoas.

E revolucionou principalmente com o seu regulamento, que é novo em Portugal e que, posto em execução, vae dar surprezas porque colloca os campeões em difficuldades perante os «juniors», e porque d'estes póde apparecer o vencedor da «Taça» e da medalha do campeonato!...

Afinal em que consiste essa nova formula de regulamentos? Em coisa bem simples. O «junior» leva o avanço de 2 toques em 4; os «seniors» disputam os «matches» em 3 toques. Assim todos se obrigam a dar o maximo do seu esforço physico e comprovar os seus merecimentos de atirador.

Ha mais ainda n'este campeonato da Amadora, que se transformará n'uma brilhante festa de armas. E' que o derrotado n'um assalto é immediatamente excluido do torneio. Esta exigencia transforma a prova n'um «campeonato a excluir» e isto até que na prancha fiquem apenas os dois ultimos, isto é, aquelles que tiverem vencido todos e não tenham sido derrotados!

N'este campeonato da Amadora ha já a certeza de inscripção dos campeões actuaes e dos melhores esgrimistas das salas lisbonenses.

O torneio realisa-se na noite de sabbado, 7 de agosto.

Algumas anecdotas

... E ao morrer exclamou: O' morte, se fosses um homem, eu te arranjaria

Entre os luctadores do anno de 1845, appareceu um trio de colossos, que maravilhou os parisienses e que obteve prompto e justificado exito. Esses athletas eram Meissonnier, Quiquine e Mazard. D'elles ha poucos esclarecimentos acerca da sua carreira athletica. De Meissonier conta-se o seguinte:

«Durante quinze annos, Meissonier, tombando todos os adversarios, obteve grande fama. Admirava-se muito a sua estructura physica. Tinha uma força herculea. Nunca esteve doente! Nunca sentiu uma dôr! Nunca se queixou de uma infelicidade! Esse gigante ameaçava viver cem annos.

«Um dia, nos arredores de Avignon, nos campos, encontrou uma rapariguita, que levava o almoço ao seu pae, trabalhador de campo. A creança tinha uma ribeira a passar e chorava porque sendo tarde tinha de fazer uma grande volta para não atravessar a ribeira.

«—Espera, pequenina, eu passo-te para o outro lado...

«Como um novo S. Christovão levantou a pequena, passou a ribeira e obteve um sorriso de agradecimento. Meissonier ficou contente apesar de ter molhado os pés e não saber como enxugal-os. O resfriamento foi-lhe fatal. Como Achilles, não era immortal...

«Os ultimos momentos de Meissonier tocavam o sublime. Na desolação de morrer tão forte e tão novo, arrancava os cabellos, torcia os braços e gritava com raiva:

«—O morte! Se fôsses um homem eu te arranjaria!... Morrerias n'um «bras roulé...»

Noticias

ENTRE NÓS

Taça Henrique Seixas

Já está fechada a inscripção para o campeonato de 100 metros por «equipes» organisado pelo Club Naval para disputa da Taça Henrique Seixas, ao qual concorrem «equipes» do Club Internacional de Foot-ball, Sport Algés e Dáfundo, Gymnasio Club Portuguez e Club Naval de Lisboa.

Esta prova tem logar no proximo mez de agosto, em frente ao Club Naval, e faz parte do programma da festa que o Club organisa n'esse dia com a assistencia do sr. Presidente da Republica, ministerio e demais entidades officiaes. Além da corrida da «Taça» realisam-se uma prova para marinheiros, outra para soldados, uma entre marinheiros e soldados vencedores das primeiras, um desafio de water-polo entre dois «teams» do club e uma corrida para principiantes sahidos da escola do Club Naval.

E' a primeira vez que em Portugal se organisa uma festa tão completa só com elementos de natação.

Uma banda regimental abrilhanta a festa, para a qual vão ser alugadas cadeiras para as senhoras das familias dos socios e convidados, que ao longo da muralha assistirão ás provas.

N'esse dia serão distribuidos os premios das corridas de barcos automoveis.

O Club Naval honra o sr. dr. José de Castro

Uma commissão composta do presidente do Club Naval, sr. D. José de Noronha, do dedicado consocio e director D. Francisco Heredia e Ryder da Costa procurou no sabbado passado o sr. dr. José de Castro, presidente do ministerio e ministro da marinha, a quem o sr. D. José de Noronha, como presidente, entregou um officio nomeando-o vice-comodoro honorario do club, cargo este que lhe pertence pelos estatutos.

Ao mesmo tempo Ryder da Costa pediu auctorisação para em nome da secção de natação lhe offerecer o cargo de presidente honorario, distincção merecida pela maneira como o ministro encára o grande problema da natação, ao qual dedica especial cuidado, promettendo para breve a realisação de varias medidas que a impulsionem.

O Club Naval prestou mais essa honra ao nobre caracter do illustre ministro a quem o paiz já tanto deve e principalmente o «sport» portuguez que n'elle encontrou um amigo sincero e um protector leal e bom.

INTERESSES DE CABO VERDE

UM AUGMENTO DE MAIS DE CEM CONTOS

Não se sobrecarrega o contribuinte, antes se allivia

A avaliação da propriedade rustica e urbana está feita de tal maneira, que só os productos exportados de cada ilha, produzidos pela terra, taxados em 10 °/₀ como a contribuição predial, ultrapassariam o rendimento de toda a contribuição predial cobrada, fornecendo essa receita só a propriedade rustica. E, desde que a exportação passa, e muito, o rendimento conhecido de toda a propriedade rustica, parte d'esta ficou livre ao contribuinte, como livre ficou a propriedade urbana da incidencia de qualquer imposto. E, augmentando o infinito sudario, as avaliações da propriedade estão feitas de tal maneira, que na maioria das ilhas, sendo necessarios para cada habitante, em media, para seu alimento por anno, 20 escudos de productos, sem esse rendimento se contou nas avaliações, deduzindo a essa importancia a importação, maior ou menor, conforme os annos agricolas são melhores ou peiores.

Portanto, se acaso as contribuições directas nas colonias não estivessem desde ha muito reprovadas pelos economistas, como difficeis de cobrar e carissimas ao thesouro, este exemplo de Cabo Verde seria flagrante e eloquentissimo.

O que deixamos apontado demonstra exhuberantemente a nullidade do imposto directo por avaliação da propriedade em Cabo Verde. Sem duvida que mais pratico e mais barato seria substituir o imposto directo sobre a propriedade rustica pelo imposto indirecto de direitos de exportação sobre todos os productos da agricultura quer exportados de ilha para ilha para consumo no archipelago, ou para fóra da provincia. N'um paiz como em Cabo Verde, onde a juntar-se á falta de verdade nas declarações do rendimento da propriedade se tem a accrescentar o effeito periodico mais ou menos longo das estiagens, o imposto que mais conviria seria sem duvida o de exportação, como já ficou dito. Além de tudo seria o mais rendoso para o Estado, o mais facil e barato de cobrar, e evitava ao Estado o transtorno de em maus annos agricolas fazer reducções na contribuição predial e protellar indefinidamente a execução dos remissos. Assim, a propriedade agricola ficaria livre de quaesquer impostos directos: nos maus annos agricolas, em que a terra não désse producção que chegasse para exportar de qualquer ilha, o Estado não auferiria receita alguma por esse lado, mas seria fartamente compensado com os direitos de importação, dada a necessidade de mandar buscar os generos da alimentação em taes annos.

E o que é facto é que o direito de exportação é mais equitativo que o imposto directo sobre a propriedade agricola, porque quando o Estado pede aquelle imposto o collectado tem a seu lado o producto de que vae haver immediatamente o seu justo valor, emquanto que no imposto directo, por diminuto que seja, como de facto é na provincia de Cabo Verde, o collectado paga por conta de um rendimento, mais ou menos enigmatico.

Além d'isso, os direitos de exportação repartem-se bem: attingem o productor n'uma certa medida, sem que possam restringir o consumo e por conseguinte a producção: é sem duvida o que mais conviria.

As estatisticas de 1913, da provincia de Cabo Verde, dão como exportadas e importadas entre as ilhas do archipelago mercadorias de producção provincial na importancia média de 321:79.$ e exportadas para fóra da provincia mercadorias de producção agricola na importancia de 366:000$. Se se applicasse a taxa de 6 0/0, tanto aos productos exportados de ilha para ilha, para consumo no archipelago, como exportados para fóra da provincia, o thesouro receberia a importancia de 41:000$ de receita de tal imposto, sendo conveniente ainda esclarecer que no mappa do movimento de pequena cabotagem entre as ilhas não figuram os valores de verduras, fructas, creação, etc., sahidas para fóra do archipelago, fornecidas aos navios, ou consumidas fóra da origem, como não figura o valor da agua fornecida aos navios no porto grande de S. Vicente e em outros portos, o que deve ser importante, e no valor da exportação para fóra da provincia, manifestado nos despachos, ha grande differença para menos do valor conhecido no archipelago, a fim de diminuir o pagamento da verba do sello. Uma simples vista de olhos pelos despachos existentes no ministerios das colonias faria confirmar o que dizemos.

Resumindo, temos que, modificando o regimen dos impostos em Cabo Verde, mais ou menos como indicámos, teriamos os seguintes rendimentos:

	Receita de 1913	Previsão
Direitos de importação	213:561$32	362:302$93
Direitos de exportação	14:247$26	41:000$00
Contribuição predial	53:834$86	
	281:693$44	403:302$93

E não contamos ainda com o rendimento provavel da contribuição predial urbana, por area occupada, o que desenvolveremos em artigo proximo.

Armando Xavier da Fonseca

Instrucção Militar Preparatoria

No dia 1 de agosto, pelas 16 horas, effectuam-se na parada de infantaria 5 as provas finaes da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9, com o seguinte programma: continencia, manejo d'armas e fogo; esgrima de baioneta; gimnastica com arma, escola de grupo (ordem extensa), transmissão de telegrammas, gimnastica sueca, sendo cada um dos numeros realisado pelas diversas escolas e o ultimo em conjuncto; corrida de velocidade, lucta de tracção, saltos de altura, saltos de largura, saltos á vara, corrida de saccos; algumas evoluções, marcha em continencia para a séde (rua de Santa Martha) a depositar a bandeira.

O grupo ciclista d'esta Sociedade realisa n'esse mesmo dia uma corrida Cintra-Lisboa, partindo da praça da Republica ás 9 horas e devendo chegar á Rotunda pelas 9 e 3 quartos.

A' noite, na séde da Sociedade effectua-se uma sessão solemne para entrega dos premios offerecidos pelo ministerio da guerra, camara municipal, inspecção de infantaria, direcção da Sociedade e particulares, seguindo-se sarau e baile.

EXPLICANDO

A classificação fiscal do Castanheira do Pera

O sr. José da Costa Ilharco, secretario de finanças em Castanheira de Pera, pede-nos a publicação do seguinte:

A freguezia de Pedrogam Grande tem 3.990 almas de população, pelo que, nos termos do artigo 42.º do regulamento de 16 de julho de 1896, é considerada terra de 6.ª ordem.

Ao abrigo da disposição benefica do paragrapho 1.º do referido artigo, onde se lê: «nenhuma freguezia será classificada em ordem de terra superior á da ordem da cabeça do concelho», foi a freguezia de Castanheira de Pera considerada egualmente de 6.ª ordem, emquanto freguezia d'aquelle concelho.

Uma vez desanexada do concelho de Pedrogam Grande, a freguezia de Castanheira de Pera para, com a de Coentral Grande, formar o concelho de Castanheira de Pera, com séde na freguezia do mesmo nome, caducou ipso facto para Castanheira aquella benefica disposição. E assim, tendo a freguezia de Castanheira de Pera mais de 4.001 almas, ficou desde a data da sua emancipação classificada terra de 5.ª ordem para todos os effeitos fiscaes e tributarios.

A differença das taxas variaveis da respectiva tabella é na verdade bastante sensivel entre as terras de 6.ª e 5.ª ordem, e d'ahi o grande cavallo de batalha contra os executores da lei.

Mas, se os que pretendem voltar contra nós as iras dos que se julgam aggravados, teem apontado Thomar, Leiria, Abrantes, etc., como terras de 5.ª ordem, nem ao de leve falaram em Alhadas, Paião e Quiaios, freguezias pertencentes ao concelho da Figueira da Foz, que são egualmente terras de 5.ª ordem. Louzã, Miranda do Corvo, Santo André de Poiares, Semide e tantas outras estão classificadas na 5.ª ordem.

E' aos lojistas de Castanheira de Pera que venho elucidar, dando estas explicações, visto que na sua quasi totalidade se deixaram arrastar, ingenuamente, por creaturas que os collocaram n'uma situação deveras deprimente, coagindo-os a abandonarem a defeza dos seus legitimos interesses e a desvirtuar a questão, incitando-os desvairadamente ao ataque pessoal.

Repudiando todas as affrontas, em nada pretendo defender-me sobre as accusações que me são feitas e ao pessoal da repartição a meu humilde cargo. Aos syndicantes compete averiguar dos «graves crimes» aqui praticados e só então terei ensejo de appellar para as penas da lei, a fim de serem castigados os que tão levianamente fazem accusações.

Nem mais uma palavra direi sobre o assumpto.

diterraneo. Os regimentos que o compunham eram o 3.º, 111.º, 114.º e 141.º (29.ª div.), o 40.º, 55.º, 58.º, 61.º (30.ª divisão), 163.º e 173.º (divisão independente), o 22.º de infantaria colonial e 3.º de artilharia tambem colonial, o 6.º, 7.º, 23.º, 24.º e 27.º de caçadores alpinos, o 6.º e 11.º de hussares, o 7.º de engenharia, o 7.º e o 10.º de artilharia de guarnição, o 19.º, 38.º e 55.º de artilharia de campanha e duas legiões de gendarmeria.

O 3.º exercito, do general Sarrail, compondo-se do 6.º e 8.º corpos de exercito, tinha a base em Verdun; a guarnição e o exercito de campanha compunham-se do 164.º, 165.º e 166.º regimentos de infantaria, 8.º, 16.º 19.º, 25.º, 26.º e 29.º de caçadores a pé. No 6.º corpo d'exercito havia tres divisões d'infantaria, a 12.ª (91.º, 132.º, 147.º e 148.º regimentos de infantaria), a 42.ª (94.º, 106.º, 151.º e 162.º) e a 40.ª (150.º, 161.º, 154.º e 155.º) juntamente com o 3.º, 6.º e 9.º de couraceiros, o 4.º, 16.º, 21.º, 22.º, 28.º e 30 de dragões, o 5.º, 10.º, 12.º e 15.º de caçadores a cavallo e o 2.º e 4.º de hussares. Esses homens pertenciam á região entre Châlons e Commercy.

O 8.º corpo d'exercito, do general de Castelli, tirou as suas forças do centro da França e compunha-se de duas divisões de infantaria, a 15.ª (10.º, 27.º, 29.º e 56.º regimentos) e a 16.ª (13.º, 85.º, 95.º e 134.º regimentos), 17.º e 26.º de dragões, 8.º, 14.º e 16.º de caçadores a cavallo, 7.º de engenharia, 1.º, 37.º e 48.º de artilharia de campanha e 8.ª legião de gendarmeria.

Voltemos ás operações ordenadas pelo general Joffre na Alsacia e que foram descriptas n'um summario francez publicado a 22 de março. Diz esse summario:

«Na Alsacia essa operação foi mal dirigida por um commandante que foi destituido. As nossas tropas, depois de terem tomado Mülhausen, perderam-na e foram obrigadas a recuar para Belfort. A tarefa tinha de ser recomeçada, o que se fez a partir de 14 d'agosto, sob as ordens de um novo commandante—o general Pau.

Mülhausen ou Mulhouse foi tomada pela segunda vez no dia 19, apoz uma brilhante lucta em Dornach. Vinte e quatro canhões foram tomados ao inimigo. No dia 20 chegámos ás proximidades de Colmar, pela planicie e pelos Vosges. O inimigo soffrera enormes perdas e abandonára grandes quantidades de viveres e forragens, mas desde esse momento o que estava succedendo na Lorena e na nossa esquerda impediu-nos de levar os nossos successos mais longe, porque as nossas tropas da Alsacia eram precisas n'outra parte. A 28 d'agosto o exercito da Alsacia estava disperso, tendo ficado apenas uma parte para guarnecer as regiões de Thann e dos Vosges».

Lloyd George, o ministro inglez das munições

E' uma narrativa clara e cuidadosa do que succedeu. A segunda occupação de Mülhausen terminou por uma retirada voluntaria e não por qualquer esforço dos allemães.

CAPITULO II

A campanha d'outomno e d'inverno no leste da França

Na fronteira leste da França a guerra proseguiu com a mesma violencia que a assignalava ao norte. Até á data da batalha do Marne houve um periodo de mais ou menos importantes escaramuças e batalhas em campo aberto, a todo o longo da linha de Verdun á fronteira da Suissa. Depois d'essa data, ou antes depois da passagem do Aisne, ambos os contendores se entrincheiraram fortemente em posições que haviam conquistado ou para as quaes tinham sido obrigados a recuar, e desde o começo d'outubro quasi não houve mudança no terreno occupado pelos exercitos inimigos.

A esse tempo, as batalhas espectaculosas dos velhos tempos, com a grande perda de vidas que traziam, haviam terminado. Ao longo de uma fronte de mais de trezentos e vinte kilometros—de Verdun a Pfetterhausen—francezes e allemães faziam-se frente n'uma ou mesmo duas continuas linhas de trincheiras, muitas vezes á distancia de quarenta ou cincoenta metros, quando não era menor essa distancia.

Havia chegado a vez da engenharia, secundada pela artilharia, que occupava posições á retaguarda, a qual preparava os ataques e contra-ataques da infantaria. A cavallaria foi desmontada e armada com armas e alviões em vez de espadas e lanças.

O primeiro d'esses dois periodos, emquanto a relativa força e as qualidades combativas dos adversarios eram ainda desconhecidas, foi sem comparação o mais interessante. Como nas operações mais ao norte, onde as forças alliadas retiravam ou avançavam como um todo compacto, em obediencia a um plano determinado ou ás necessidades da acção, a lucta na Argonne, no Woevre, na Lorena, nos Vosges e na alta Alsacia dividia-se em diversas secções, correspondendo mais ou menos a essas divisões territoriaes. Em cada uma d'ellas succedeu quasi o mesmo que nas outras.

Houve primeiro, entre Reims e Verdun, o que o correspondente especial do *Times* chamou *a guerra dos apaches* entre o terceiro exercito francez sob o commando do general Sarrail e a força commandada pelo kronprinz, a qual havia sido a linha de connexão entre os exercitos que haviam entrado em França pela Belgica e os que tinham avançado por entre o gran-ducado de Luxemburgo e os Vosges.

No Woevre, entre o Mosa e o Mosella, o principal facto foi o insuccesso dos esforços do exercito de Metz

para se juntar ao do kronprinz no investimento de Verdun, do que resultou uma fórma especial que tomou a linha allemã em St. Mihiel. A leste de Woevre o triangulo entre Pont-à-Mousson, Nancy e Circy, na frente dos Vosges, foi o theatro do segundo grande objectivo allemão—a tomada da não fortificada capital da Lorena franceza. Abaixo de Circy, ao longo do lado occidental dos Vosges, até Epinal, a lucta ligou-se em parte com o ataque de Nancy e em parte com o avanço francez na Alsacia pelos desfiladeiros dos Vosges e pela abertura de Belfort; e, finalmente, a offensiva franceza na Alsacia era um movimento de flanco feito para apoiar o rapidamente abandonado avanço dos alliados na annexada provincia da Lorena.

Cada um d'esses movimentos, apesar de separado, formava parte do schema geral das operações pelas quaes os allemães tentavam atacar e os francezes conseguiram proteger a grande fronteira que se estendia entre as fortalezas de Belfort, Epinal, Toul e Verdun. A tactica offensiva dos francezes foi mal succedida na Lorena e só em parte coroada de exito na Alsacia, mas a balança pendia a seu favor.

A tomada das fortalezas ou mascaral-as n'um certo grau era essencial para o triumpho do plano de campanha allemão. Exceptuando a queda de Paris, não havia objectivo, no começo das operações, que elles tivessem tanta confiança em attingir como esse. Ao fim de seis mezes de persistentes esforços estavam mais longe d'elle do que no fim da primeira semana. Isso era devido principalmente á heroica defeza feita na frente de Nancy pelo exercito do general de Castelnau, apoiado pelo general Dubail e pelo primeiro exercito, nos ultimos dias de agosto e no começo de setembro.

Capitulo algum da historia da primeira parte da guerra foi mais glorioso para os francezes e nenhum mais importante. Se Nancy tivesse cahido, Toul e Verdun teriam certamente tido a mesma sorte e a batalha do Marne teria sido vã ou talvez mesmo nem se houvesse dado. Não póde haver duvidas de que o resultado d'essa batalha foi a causa determinante da retirada dos allemães da Lorena. Isso, porém, não diminue de fórma alguma o valor da defeza de Nancy pelo famoso vigesimo corpo e pelos restantes corpos do exercito de Leste.

A façanha tinha tanto maior valor quanto o começo se annunciára mal, pela seria derrota em Morhange, entre Metz e Saaburg. Esse desastro foi origem para muitos espiritos de grande surpreza e até mesmo de enganos no principio da guerra. Por muitos motivos, grande numero de estrategicos, tanto profissionaes como amadores, haviam formado a opinião de que a unica coisa que restava aos francezes era esperarem o ataque do inimigo no seu proprio paiz. O general Joffre pensou de modo differente. Logo que não poude duvidar-se da violação do territorio da Belgica pelos allemães ordenou a um exercito especial da Alsacia, formado em redor da fronteira de Belfort, que occupasse Mülhausen, a capital commercial da Alsacia, que cortasse as pontes do Rheno em Huningue e abaixo d'esta localidade, e que flanqueasse o ataque do primeiro e segundo exercitos que estavam avançando na Lorena allemã.

Referimo-nos aos exercitos de Leste. Por varios motivos, como se deve comprehender, é difficil dar a composição dos differentes exercitos com absoluta exactidão, mas a enumeração das tropas em que se baseavam póde servir de auxilio para seguir as operações no Leste da França desde o começo da guerra.

O commando de Belfort, do qual foi tirado o exercito que operou na Alsacia, compunha-se da guarnição da fortaleza sob o commando do general Therenet e do 7.º corpo d'exercito (general Bonneau).

As tropas de guarnição eram: infantaria, o 35.º e o 42.º regimentos (14.ª divisão) e o 71.º e 72.º (divisão independente); cavallaria, o 11.º de dragões; artilharia de guarnição, o 9.º regimento; artilharia de campanha, o 47.º regimento.

O 7.º corpo d'exercito era assim formado: infantaria, 23.º, 35.º, 42.º e 133.º (14.ª divisão), 44.º, 60.º e 152.º (13.ª divisão); o 5.º e o 15.º de caçadores a pé; o 11.º e 18.º de dragões, o 4.º, 11.º e 14.º de caçadores a cavallo, o 12.º de hussares; o 8.º e 9.º de artilharia de guarnição e o 4.º, 5.º, 47.º e 62.º de artilharia de campanha. Estavam incumbidos de guardar a abertura de Belfort e tomar a offensiva na Alsacia.

O 1.º exercito (general Dubail) tinha a sua base em Epinal e a sua acção estendia-se ao longo dos Vosges até Lunéville. Era formado pela guarnição d'essa fortaleza e pelo exercito de campanha (170.º de infantaria, 1.º, 3.º, 10.º, 17.º 20.º, 21.º e 31.º de caçadores a pé, 11.º de engenharia e o 6.º de artilharia colonial); o 21.º corpo d'exercito: infantaria, 21.º, 109.º e 112.º (13.ª divisão) e 149.º e 158.º (43.ª divisão), e 12.º 59.º e 61.º artilharia de campanha. Os homens que compunham esse exercito eram procedentes de Lyon, Epinal, St. Dié, Raon, l'Etape e outras localidades do sopé dos Vosges. Combateram muito na sua propria região e ajudaram tambem a defender Nancy.

O segundo exercito, sob o commando do general de Castelnau, que a principio tinha a força de 200.0000 homens, guarnecia a linha da fronteira entre Metz e os Vosges, especialmente Nancy e Toul. Compunha-se da guarnição de Toul, do 9.º, 20.º, 15.º e 16.º corpos d'exercito e da 59.ª, 68.ª e outras divisões de reserva. Na guarnição de Toul estavam o 167.º, o 168.º e o 169.º regimentos de infantaria, o 2.º e o 4.º de caçadores a pé, o 10.º e o 20.º de engenharia e o 4.º e o 6.º de artilharia de guarnição.

As duas divisões do 20.º corpo de exercito—da Lorena—commandadas pelo general Foch, eram a 39.ª (o 146.º, 153.º, 156.º e 160.º regimentos de infantaria) e a 11.ª (26.º, 69.º, 37.º e 79.º). A esta ultima divisão, o contingente especial de Nancy, conhecida pelo nome de Divisão de Ferro, estavam addidos o 5.º de hussares, o 8.º de artilharia de campanha e o 20.º de engenharia e 4.º de artilharia de guarnição estacionados em Toul; as outras unidades do corpo d'exercito eram o 8.º, 12.º e 31.º de dragões, o 17.º e 18.º de caçadores a cavallo, o 39.º e 60.º de artilharia de campanha e a 20.ª legião de gendarmeria.

O 9.º corpo d'exercito era commandado pelo general Dubois. A sua infantaria, tirada da região de Tours, eram o 32.º, 66.º, 77.º e 135.º (18.ª divisão) e o 68.º, 90.º, 125.º e 114.º (17.ª divisão); cavallaria, 5.º e 8.º de couraceiros, 25.º de dragões, 7.º de hussares e o esquadrão de Saumur; o 20.º, 33.º e 49.º de artilharia de campanha e o 6.º regimento de engenharia.

O 16.º corpo d'exercito, do general Taverna, recrutado nos Pyrineos, Carcassone, Montpellier e Lozère, compunha-se do 96.º, 81.º, 142.º, 122.º, 15.º, 143.º, 53.º e 80.º regimentos de infantaria, da 31.ª e 32.ª divisões, do 19.º de dragões, 1.º de hussares, 2.º de engenharia, do 3.º, 9.º e 56.º de artilharia de campanha.

Uma referencia especial é de justiça fazer-se aos aviadores addidos ao exercito do general de Castelnau, que estacionavam em Toul e em Nancy. Além da sua tarefa de espreitarem e perseguirem os aeroplanos inimigos, que estavam constantemente arremeçando bombas sobre Nancy, procederam a esplendidos reconhecimentos sobre as linhas allemãs e os centros militares, como Metz e Strasburgo. Estavam sempre promptos a correr os maiores riscos e infelizmente um d'elles, e dos mais valiosos, o senador Reymond, encontrou a morte quando voava muito baixo sobre os allemães durante um combate. Houve uma lucta de trez horas para a posse do seu corpo, ficando finalmente os francezes senhores d'elle. Quando o ergueram estava ainda vivo. Tinha-se fingido morto para enganar o inimigo e poude ainda, embora d'ahi a horas expirasse, dar ao general as informações que conseguira obter.

O 15.º corpo d'exercito, do general Espinasse, era tambem uma força de fronteira, recrutado em Nice, Grasse, Menton, Marselha, Toulon e outras localidades da costa do Me-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1788 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 28 de Julho de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A questão das subsistencias

Na Camara dos Deputados, alguns dos seus membros, que vivamente se empenham pela discussão da lei dos cereaes, protestaram contra o congresso das subsistencias, que está reunido em Lisboa, vendo na existencia d'esse congresso, apesar de temporaria, uma absorpção dos seus direitos e dos seus attributos.

No congresso das subsistencias esse modo de vêr foi impugnado, e por sua vez manifestou-se ali um certo espirito de antagonismo com *o parlamento, dando-se ao primeiro* trabalho effectuado pela assembleia popular, o do embaratecimento do pão, um ar comminatorio, que não está em harmonia com as intenções patrioticas e ordeiras que presidiram á sua reunião.

Afigura-se-nos que não existe motivo plausivel para que qualquer antagonismo entre estas duas assembleias se possa sequer notar, nem mesmo d'uma maneira vaga.

O parlamento tem as suas attribuições, que uma assembleia, como a que se occupa das subsistencias, não póde pensar em invadir. E por sua vez o parlamento não póde manifestar estranheza de que certas classes ou aggremiações se reunam, para estudar diversos assumptos e apresentar ao parlamento o fructo das suas elucidações.

Sempre essas classes, sempre essas aggremiações assim procederam. Ainda ha pouco, os vinhateiros do norte e do sul se reuniam, enviando grandes commissões a communicar ao governo e ao parlamento o resultado das deliberações tomadas. O parlamento não julgou isso uma absorpção dos seus direitos e funcções.

Não o póde julgar agora, simplesmente porque um maior numero de classes se reuniu, e para tratar apenas d'um assumpto, o da alimentação publica. Se essa reunião se realisa em ordem só ha que louvar essas classes, que preferem esse caminho, evidentemente legal, a lançarem-se nas agitações dos tumultos e das revoltas.

O que é preciso observar é que ha longos annos nos debatemos n'um cahos, no ponto de vista dos interesses essenciaes da vida. Legou-nos a monarchia o erro economico em que nos debatemos, e a existencia agitada que a Republica tem tido desde a sua implantação, com perturbações constantes impedindo o estudo sereno dos maiores problemas sociaes, não permitte ainda que as proprias medidas que teem sido decretadas ácêrca d'elles hajam produzido os resultados que só agora, porventura, será possivel alcançar.

O erro economico, a que alludimos, manifesta-se, por um lado, no aperto da pauta aduaneira, que é um verdadeiro collete de forças, pelo seu caracter excessivamente proteccionista; que sobretudo se revela mais esmagador pela sua incidencia sobre os generos de primeira necessidade, e que infelizmente não é possivel desapertar de prompto, porque o rendimento das alfandegas constitue uma grande parte das receitas do Estado e lhe é absolutamente indispensavel para o pagamento dos seus grandes encargos financeiros. A' sombra d'essa pauta que, pela razão apontada, não póde descer abaixo de certo limite, crearam-se industrias que nem sempre floresceram, mas que adoptaram o typo de preço dos productos das industrias estrangeiras, sem, na maior parte, lhes egualarem a perfeição.

Por outro lado, a monarchia constitucional que aproveitou um periodo de largo fomento, com a construcção de estradas e caminhos de ferro, deixou os poucos bens que o Estado podia possuir presos a monopolios que por sua vez sobrecarregaram a vida economica da nação. Ao mesmo tempo, a nossa importação, destinada ao nosso exclusivo consumo, só por si representa uma verba espantosa, e de tudo isto, a que accresce os pesadissimos encargos financeiros do paiz, resulta necessariamente um mau estar que affecta toda a gente. Ora a verdade é que, quando soffrem, todos teem o direito de se queixar.

Mas é esta situação irreductivel? Não. O povo não se convence de que esteja em vesperas de morrer. Confia na sua propria vitalidade. E por isso pensa em estudar a questão, persuadido de que não será impossivel solucional-a com a cooperação de todos. Não é outro o pensamento que inspira o congresso das subsistencias, e o governo, bem como o parlamento, tem ali uma força que os não contraria nem prejudica, mas sim os auxilia e impulsiona. Essa força é a da opinião publica, sem a qual nenhumas instituições se podem considerar verdadeiramente solidas e estaveis. Mercê d'essa força, mercê d'esse impulso, governo e parlamento poderão pensar em soluções que sem esse concurso deveriam considerar inexequiveis.

Não ha pois razões para antagonismos nem mesmo para simples equivocos. Trata-se d'uma acção commum em que todos teem o seu logar marcado.

Mais navios dos paizes neutros afundados pelos allemães

LONDRES, 27—Os submarinos allemães incendiaram tres navios norueguezes e um sueco, cujas tripulações se salvaram, assim como os passageiros, e metteram no fundo alguns barcos de pesca inglezes. As tripulações d'estes ultimos tambem se salvaram.—(*Havas*)

STORNOWAY, 27—Um submarino allemão afundou o vapor norueguez *Fimreite*. Da tripulação salvaram-se 2 homens.—(*Havas*)

Poeira da Arcada

O abbade Sertilhagens, n'uma conferencia que fez na egreja da Magdalena, em Paris, terminou com estas palavras: —«N'esta guerra, nem o proprio Deus pode permanecer neutral».—Realmente se as noções moraes e religiosas que informam os povos modernos, dando-lhes uma percepção mais larga das harmonias do universo e das intenções da consciencia humana, não são uma ficção, o Evangelho representa-se melhor nas aspirações e nos feitos dos alliados do que na brutal religiosidade dos allemães. Esta guerra ficará sendo um dos factos mais importantes da historia do christianismo.

* * *

Januario Leite traduziu os Contos que Charles e Mary Lamb extrahiram das peças de Shakespeare. Empreza difficil de que se sahiu com gloria. Formam dois volumesinhos elegantes, como todos os da Renascença Portugueza, nos quaes se adivinha facilmente a phantasia creadora do auctor do Rei Lear. Um dramaturgo é sempre um visionario, visto que ao mesmo tempo que leva para a scena tipos, paixões e ideias, figuradas em mimica e palavras, vae contando uma anecdota, historia ou fabula que lhe serve para ligar a sua obra ao drama geral do genero humano. Esforça-se sempre para tirar ás suas personagens o caracter episodico ou local, a fim de as apresentar como indices da vida larga que, em paz e guerra, os povos vivem á face da terra. Os Contos de Shakespeare não são, portanto, meras espumas que um minuto vê nascer e outro morrer. N'elles canta a alma épica, heroica, lirica, amorosa, tragica ou simplesmente elegiaca dos homens que, sahindo das banalidades correntes, subiram até aos valores maximos da creação.

E' difficil aprender a voar?

Não: é tão facil como aprender a montar em bicicleta

Começo por adivinhar, nos labios da grande maioria dos meus leitores, um sorriso de incredulidade. «Ora adeus! o aeroplano é tão simples de dominar como a bicicleta...» E comtudo não ha n'essa affirmação sombra de exagero. A pilotagem de um avião sufficientemente estavel e bem construido, como grande parte dos que hoje se fabricam, nem póde considerar-se difficil, nem tão pouco demasiado perigosa. E' uma auctoridade, o tenente Remy, quem peremptoriamente o affirma n'um dos seus livros prefaciado por Farman. D'essa brochura, onde a aviação é apenas considerada sob o ponto de vista pratico, me proponho extractar aqui algumas verdades essenciaes que me parece interessante vulgarisar na hora em que tão grande enthusiasmo se manifesta entre nós pela aviação.

Quanto tempo exige a aprendizagem de um piloto?

Eis uma pergunta que me tem sido dirigida centenas de vezes. Responde o instructor Remy, que, seja dito de passagem, conseguiu obter no exercito francez a reputação de um dos seus melhores officiaes-aviadores. Diz elle, textualmente:

«O tempo total que exige a instrucção de um alumno até á sua primeira sahida sósinho é pouco mais ou menos o que precisaria para aprender a montar em bicicleta. Se em alguns casos a instrucção se prolonga durante muitas semanas, a razão provem apenas de se não encontrarem reunidas todas as condições favoraveis: ou o tempo está mau, ou faltam apparelhos, ou ainda o instructor não possue sufficiente pratica».

Em summa: a aprendizagem dura uma a duas horas, divididas entre 6 e 12 lições de dez minutos cada. Não é, portanto, difficil dirigir um aeroplano.

Vejamos agora se é extremamente perigoso, como em geral se suppõe. Os accidentes podem filiar-se em tres causas: falsa manobra do piloto, rajada de vento e deterioração imprevista de qualquer orgão essencial do apparelho. Na realidade, os dois primeiros perigos podem-se conjurar por meio de uma instrucção e treino muito progressivos. A «panne» de um orgão essencial é mais grave, mas tambem mais rara. Os constructores teem sabido aproveitar as tragicas lições da aviação, diminuindo cada vez mais o perigo resultante d'essa contingencia. Isto não quer dizer que em absoluto não haja perigo, mas seria absurdo exageral-o.

Quanto ás qualidades indispensaveis n'um piloto, podem classificar-se em duas cathegorias: phisicas e moraes. Por um lado, é essencial possuir-se «uma vista excellente» e «uma constituição normal». Quem quer que apresente symptomas de uma affecção cardiaca, ou tendencias para a epilepsia deve ser rejeitado «in limine» nas escolas de aviação. O facto de ser sujeito a vertigens, pelo contrario, não prejudica geralmente o aviador, porque no ar, em regra, não ha vertigens. Quem se debruce de um quinto andar póde sentir-se perturbado e não ter a menor impressão desagradavel debruçando-se da barquinha de um aeroplano.

As qualidades moraes são a «prudencia», o «sangue frio», a «paciencia», a «obediencia ao instructor» e um «boccadinho de «audacia», tudo isto em perfeito equilibrio. Audacia demasiada e prudencia insufficiente: desastre certo. Falta de audacia: desastre provavel. São coisas fataes.

Admitte-se geralmente que a melhor edade para aprender o mister de aviador é entre os 25 e os 35 annos. Os rapazes são facilmente imprudentes, os adultos de mais de 35 annos nem sempre conservam a rapidez necessaria dos movimentos reflexos. Comtudo, o «sportman» faz excessão a esta regra: um bom cavalleiro, por exemplo, pode dedicar-se á aviação ainda além dos cincoenta annos. E a proposito: tem-se notado que é da arma de cavallaria que sahem os mais habeis pilotos militares.

A aprendizagem começa sempre por uma serie de vôos em que o alumno é levado como passageiro, para o habituar ás alturas e para lhe demonstrar como se procede correctamente, ás differentes manobras. As ascenções em balão livre e em balão captivo constituem um excellente preliminar da instrucção. Em seguida, depois de se ter familiarizado com a athmosphera, inicia-se propriamente a aprendizagem por uma forma muito progressiva, quer dizer, hoje vôa-se a 100 metros, ámanhã voar-se-ha a 200 e no dia seguinte... a 1.000; hoje affronta-se um vento de 2 metros por segundo, no dia seguinte não haverá lição se o vento fôr de 10 metros; hoje esteve-se um quarto d'hora no ar, ámanhã ficar-se-ha o maximo meia hora e não uma hora ou duas. E' já o alumno quem dirige o apparelho, cujos orgãos podem egualmente ser commandados pelo instructor em caso de necessidade. O aeroplano de instrucção é sempre lento, de grande superficie sustentadora; os biplanos Farman passam por ser dos melhores para este effeito.

Em muitas escolas adopta-se para começo o «taxi»: aeroplano de azas curtas e motor relativamente fraco, capaz quando muito de effectuar alguns saltos, mas que corre velozmente ao longo do campo. O alumno familiarisa-se com as differentes manobras quasi sem «descolar», e o numero de accidentes fica assim reduzido ao minimo.

A titulo de curiosidade, reproduzo em resumo um programma de aprendizagem em 8 lições de dez minutos cada uma, preconisado por Remy:

1.ª lição.—O instructor leva comsigo o alumno, sem o deixar mexer na alavanca de commando: aconselha-o apenas que tente possuir a consciencia da altura, que observe os movimentos do apparelho e a fórma como se corrigem.

2.ª lição.—Após uma breve explicação sobre a fórma de realisar o vôo horisontal, o instructor sóbe com o alumno, e entrega-lhe, no ar, a alavanca da direcção, sem comtudo deixar elle proprio de corrigir qualquer erro de manobra.

3.ª lição.—O alumno apenas se preoccupa com uma coisa: manter a altura constante e o equilibrio longitudinal, o que quasi sempre consegue á primeira vez.

4.ª lição.—O instructor complica um pouco mais a tarefa do alumno, obrigando-o a manter além do equilibrio longitudinal tambem o equilibrio lateral.

5.ª lição.—O alumno aprende a subir, a descer, a virar.

6.ª lição.—Repetição da precedente. O alumno começa a executar manobras á voz de commando, rapidamente, quasi sem tempo para reflectir.

7.ª lição.—O alumno aprende a «descollar» e a «pousar» correctamente. Se fôr preciso, esta lição repete-se uma ou duas vezes.

8.ª lição.—O alumno tripula sósinho o apparelho, servindo-se d'elle com «taxi», isto é, sem subir, rolando apenas sobre o campo, e executa differentes manobras com o motor.

9.ª lição.—O alumno vae subir sósinho pela primeira vez. Pouco antes, o instructor, a fim de verificar a sua boa disposição, sóbe com elle como passageiro, deixando tudo á sua iniciativa e vigiando apenas se as manobras são executadas sem hesitação.

E' claro que as lições são dadas apenas em magnificas condições athmosphericas. Em Mourmelon, onde este systema de ensino é seguido á risca, nunca houve o menor accidente com os alumnos, a quem, na primeira «envolée», nunca é permittido subir a mais de 10 ou 15 metros.

Mas possuiremos um aviador, depois de executado este programma? Não. O principiante convenceu-se apenas, durante o periodo de aprendizagem, que não é difficil dirigir um aeroplano e adquiriu confiança em si proprio. Está agora a iniciar o periodo de treino, que nunca é inferior a seis semanas. Findo esse periodo, realisa a sua primeira viagem fóra do campo de aviação, e póde com a maior confiança voar de terra em terra.

Para terminar esta serie de indicações: em França, qualquer aviador civil póde obter o certificado militar, mediante as seguintes provas regulamentadas pelo Aero-Club:

1.ª—Uma viagem triangular de 200 kilometros, pelo menos, de percurso total, effectuada com o mesmo apparelho, o maximo em dois dias consecutivos e com duas escalas obrigatorias annunciadas previamente. O lado menor do triangulo não deve ser inferior a 20 kilometros.

2.ª—Duas viagens realisadas no mesmo apparelho, cada uma d'ellas de 150 kilometros, pelo menos, de extensão e ambas no praso de uma semana. Uma das viagens póde, facultativamente, ter uma escala intermedia.

3.ª—Uma prova de altitude, consistindo n'um vôo de 45 minutos, a uma altura constante de 800 metros, o minimo. Esta prova póde ser prestada durante uma das anteriores, mas tem de ser fiscalisada por commissarios-testemunhas.

Attendendo a que se não devem arriscar vidas e o piloto tem que saber dirigir-se sósinho, não se admittem passageiros em qualquer d'estas provas.

E' isto o que ha muito tempo se faz em França. Não sei se será isto ou coisa parecida o que se tenciona fazer aqui. A aviação em Portugal ainda não transpoz o periodo do maravilhoso. E' por isso que a envolve um teimoso mysterio.

Hermano Neves.

Migalhas

Carta a um poeta

Meu caro Campos Monteiro:—«Versos fóra da moda» se chama o seu livro, que acabo de lêr. Esse livro de versos, primeiro e ultimo, segundo a sua declaração, compilação de uma obra dispersa, que o tinha acreditado como poeta, bem poeta e bem portuguez, publica-o v. n'aquella hora da sua vida em que, galgada soffregamente a ladeira da mocidade, lhe é grato repousar no planalto sereno da meia edade á espera do momento inevitavel em que tenha de começar descendo para a velhice e para o final repouso. Enfeixou a sua saudade as flôres varias que foi colhendo na escalada e ao perfume mesclado das suas melhores illusões, dos seus sonhos mais amados, „das suas maguas mais sentidas accrescenta-se nas paginas finaes o olor tepido e brando da quietação, que chegou finalmente ao seu espirito. «Autobiographia d'um poeta humilde» sub-intitula-se o seu livro e, na verdade, aquelles que não teem a ventura de conhecel-o poderão aprender a estimal-o atravez d'essas paginas sinceras, despidas de qualquer pretensão exhibicionista, que nos falam com singeleza de coisas simples, de sentimentos limpidos, de amarguras legitimas e de alegrias sãs. Porque nos tempos de Arte, que vão correndo entre nós, não é vulgar que cada qual se apresente como é e nos diga o que sente, chama-se o seu livro «Versos fóra da moda». Não sei bem qual é o figurino da semana. O que lhe affirmo, meu caro amigo, é que o molde dos seus versos é aquelle pelo qual eu talharia uma obra minha. Cuido que o primeiro dever de um artista é ser na Arte como é na Vida e não estabelecer um abysmo entre o seu trabalho e a sua personalidade. Porque esse é um principio do meu espirito e a base da minha admiração, eis porque não posso sentir o talento de muitos dos nossos confrades e estimo tão cega e incondicionalmente alguns outros. Agradeço-lhe as horas de consolo espiritual que me deram os «Versos fóra da moda». Tive a impressão de estar perto de si, meu amigo, e de lhe ouvir contar-me tudo quanto mais intimamente o interessa. Ha mesmo passagens que insensivelmente decorei. E' porque lhe não pertencem exclusivamente. São de nós todos, que temos coração e, não nos pejando de o ter, não recuamos perante o ridiculo de sermos como somos, n'um tempo de impostura e de hypocrisia, de pretensão balofa e de cabotinismo.

Reconhecidamente seu

André Brun.

Combate-se o analfabetismo?

Sem duvida: mas explorando miseravelmente o professorado

Perguntámos a uma professora illustre, apaixonadamente dedicada ao seu ministerio e a cujos grandes meritos *mais d'uma vez temos prestado a* devida homenagem, o que pensava ácerca das Escolas Moveis. A nossa pergunta, que se originou no facto da imprensa se referir, ha poucos dias, áquellas escolas, deu ensejo a curiosas revelações que entendemos conveniente publicar para que os males que denunciam não deixem de ter prompto e efficaz remedio. Eis, fielmente reproduzida, a resposta, sem duvida sensacional, da distincta professora:

A creação das Escolas Moveis obedeceu ao alto criterio de iniciar as aldeias mais sertanejas, os logarejos mais obscuros e menos accessiveis, nos primeiros passos da cultura e fornecer-lhes elementos indispensaveis da mais rudimentar educação.

Ora, quando se inicia uma obra de tal magnitude, claro está que não sahe perfeita, porque, ao passal-a da theoria á pratica, vão-se vendo e eliminando os defeitos e preenchendo as lacunas que se lhe encontram. Assente este principio, estamos plenamente de accordo em que a sua acção educadora por esse Portugal fóra ha de ser muito e muito apreciavel e proveitosa se o governo estiver disposto, como acredito, a acabar com abusos inqualificaveis, que se teem dado, e quizer, com equidade, acabar tambem com favoritismos aviltantes para quem os pratica, e de responsabilidade para quem os consente.

A retribuição do trabalho dos professores das Escolas Moveis era primitivamente remuneradora, se attendermos á fórma ridicula e deprimente como se paga ao professorado primario. Tal o motivo porque muitos professores officiaes resolveram sacrificar o seu repouso, consagrando-se ao ensino nocturno, visto que percebiam mais uns 25 escudos mensaes. Mas isso foi sol de pouca dura, não tendo ido além d'um anno. Hoje, salvo erro, um professor official, se quizer accumular com o curso nocturno movel, percebe apenas mais nove escudos...

Quem admitte a serio que se remunere tão arduo trabalho com semelhante quantia? Eu, que o sei bem avaliar, pois lhe consagrei a minha bôa vontade durante uns longos sete annos, posso falar com verdadeiro conhecimento de causa e por isso affirmo que é preferivel trabalhar de graça!

Mas ha peor... Alguem especulou com o caso, alguem obteve dinheiro dos cofres do Estado, e que o governo forneceu na melhor das intenções, para se organisarem cursos nocturnos mixtos em Lisboa, pagando-se com elle seis escudos mensaes a professoras diplomadas! Parece inacreditavel mas é verdadeiro...

Póde, por acaso, comprehender-se que, tendo o governo um inspector privativo das Escolas Moveis, para fiscalisar o ensino, não tenha quem officialmente fiscalise tambem a remuneração, tarefa de que o mesmo inspector podia ser encarregado? Ha uma tabella de ordenados referentes ao cumprimento de certos horarios: ora quem deseja que se cumpram os segundos deve exigir que se faça egualmente o pagamento integral da mesma tabella...

Em minha opinião, o Estado não deve ter intermediarios para pagar aos professores das Escolas Moveis, como os não tem para os da outras escolas officiaes. O Estado paga com verba orçamental aos professores das Escolas Moveis, portanto é elle que fiscalisa, é elle que deve pagar directamente. Claro está que assim não se coarcta a liberdade dos auctores dos differentes methodos de ensino de indicarem quem deve reger os cursos, mas não são elles que do seu bolso pagam, arvorando-se em arbitros da verba que dispendem a seu talante. O Estado não lhes deve dar um centavo... para que, diante do publico, passem por benemeritos e altruistas, pagando 20 centavos diarios ás professoras!

Consta que foi nomeada uma commissão para regulamentar o funccionamento das Escolas Moveis. D'ella faz parte, com certeza, o sr. inspector Bernardo Gomes que bem comprehende, pelos resultados obtidos com os differentes methodos, que deverá ser aberto um concurso ao qual todos os auctores possam concorrer livremente e indicarem os professores que propõem.

Mas a remuneração deve ser paga, directa, unica e exclusivamente pelo Estado.

Organisar ligas para receber dinheiro do Estado é um sofisma inadmissivel e um prejuizo para o progresso do ensino, acarretando tambem responsabilidades perniciosas, como haver cursos mixtos para adultos analphabetos, contra todos os principios da moral e da pedagogia.

O projecto da assembleia popular

que visa a conseguir o barateamento do pão

O opinião do sr. dr. Julio Martins

A assembleia popular convocada pelo governo para se pronunciar sobre a carestia dos generos tem procurado com o maior enthusiasmo levar a bom termo a sua missão. As discussões decorrem sempre com grande vivacidade, com excessivo calor, muitas vezes. Isso não é de estranhar, porém, em reuniões onde se debatem problemas de tão alto interesse publico. A assembleia, animada pelo espirito popular, que é a força de todas as democracias, procura resolver esses problemas a contento da grande massa do paiz. Ninguem lhe regateará os louvores que ella merece.

—Mas as suas resoluções ou alvitres não virão estabelecer um conflicto de attribuições com o poder legislativo?

Ao que parece, ha quem defenda essa opinião com argumentos varios, e talvez por isso mesmo se levantaram protestos na reunião de hontem, accusando-se ali o parlamento de querer *impedir* a approvação do projecto de lei que foi já entregue ao governo e se destina ao barateamento do pão. A verdade é que não ha conflicto algum e que muito bem pódem harmonisar-se as funcções legislativas com as deliberações tomadas na assembleia popular. Esta, principalmente, inspirada nas reclamações que sahem das camadas menos favorecidas da fortuna, sem dependencias de partidos nem de politica de qualquer especie, tem ampla liberdade para se pronunciar, com conhecimento de causa, sobre os problemas de caracter economico que carecem d'uma solução urgente; o parlamento, no exercicio dos seus direitos, procederá tambem com inteira liberdade na apreciação das resoluções que forem submettidas ao seu voto, não deixando de attender a que ellas representam a vontade das classes mais interessadas em que os problemas debatidos tenham uma solução equitativa e justa.

—E haverá, de facto, da parte do parlamento, qualquer proposito de não considerar *com* a devida attenção as deliberações tomadas na assembleia popular?

O sr. dr. Julio Martins, illustre deputado evolucionista, responde-nos d'este modo a essa pergunta, que lhe formulámos hoje:

—Não acredito que haja esse proposito da parte de qualquer membro da camara ou do Senado. A opposição evolucionista, sem abdicar dos direitos que possue e que traduzem pesadas responsabilidades, está disposta, como lho cumpre, a estudar com todo o interesse as medidas trazidas ao parlamento pela commissão eleita na assembleia popular. Pela parte que especialmente me diz respeito, tendo combatido o projecto do sr. ministro do fomento, que eu *considerava* absolutamente prejudicial e impraticavel, só me felicitarei por que appareça um trabalho que a Camara possa votar sem discrepancia. De resto, ao governo competia apresentar ao Congresso, depois de ter ouvido todas as classes interessadas, um projecto que resolvesse o importante problema.

—Concorda com as bases do projecto approvado na assembleia popular e dependente agora da apreciação do parlamento?

—Segundo os meus calculos, a moagem fica com uma margem para «custo» e «lucro» muito inferior á que ella reclamava ao parlamento, na sua representação. A taxa da panificação tambem ganha com o projecto da commissão de subsistencias. O consumidor, caso a fiscalisação possa ser feita com ef-

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—28-7-915

CHRONICA SCIENTIFICA

Manchas do Sol

A relação intima entre os phenomenos denunciadores de uma actividade solar variavel e os factos da vida terrestre, sob diversos pontos de vista, é procurada com afan desde muito tempo.

O estudo da constituição do Sol, baseado em trabalhos modernos, conduz-nos á comprehensão de como as variantes do Astro influem sobre as circumstancias da vida no globo, até sobre coisas de uma apparente insignificancia, mas que remotamente podem, com effeito, relacionar-se com a maior ou menor intensidade d'aquelle fóco de energia. Ha muitos annos se nota uma tal ou qual dependencia entre as manchas que perturbam a luminosidade e o aspecto do disco do Sol e as mudanças de tempo, no sentido meteorologico, sendo necessarias numerosas observações, para que se possa estabelecer essa tal ou qual relação entre uma e outra ordem de phenomenos.

Os conhecimentos da phisica solar ou «heliophisica» estão destinados por isso a revelações sensacionaes e inesperadas. No campo das previsões, em que nos collocam, por ora, as noções incompletas colhidas d'esta sciencia nova, é licito affirmar que ás modificações produzidas no Sol, por factores, cuja acção não se acha ainda elucidada, correspondem necessariamente alterações na meteorologia terrestre, na climatologia, na vegetação e consequentemente nos phenomenos de ordem social, dependentes da maior ou menor abundancia das colheitas, de um bom ou de um mau anno agricola, que toda a gente discute, sem bem saber as causas que o determinam.

E' facto de uma alta antiguidade a dependencia entre os trabalhos agricolas e a posição do Sol na ecliptica: d'ahi as differenças de actividade rural conforme as estações. Porém, estas ideias e praticas derivadas de um empirismo primitivo necessitam ser substituidas pelos resultados de investigações demoradas e repetidas, que mostrem a verdadeira relação entre os acontecimentos dia a dia mencionados pelos astronomos, com respeito ás modificações que se passam no Astro e as perturbações notadas no nosso globo, nos mesmos periodos.

E' para alcançar semelhante correspondencia que se tornam effectivamente necessarias as observações regulares e numerosas de astrophisica, principalmente as que se referem ás mudanças phisicas do Sol.

Não é portanto este ramo scientifico um diletantismo contemplativo, mas uma sequencia methodicamente estabelecida de indagações, com um alcance pratico bastante longo e com uma applicação immediata aos actos de interesse social, como as operações e industrias agricolas, a navegação, etc.

* * *

Desde longa data se reconhece que no disco solar ha perturbações cuja significação se traduz por uma quantidade de phenomenos luminosos, calorificos, electro-magneticos, sobre a natureza e ligação dos quaes os phisicos teem diversificado. Todos concordam, porém, na existencia de uma superficie luminosa (photosphera), cuja composição a analise espectral conseguiu determinar e que se acha n'um estado de agitação incessante, denunciada por mudanças de aspecto, assignalada sobretudo pela figuração das «máculas» e «fáculas», desenhadas á sua superficie.

E' ao estudo d'estes accidentes que os astronomos dedicam uma attenção especial, tomando-os, por indicios evidentes das variações de actividade solar. Essas manchas, que periodicamente se destacam no disco luminoso, são consideradas como consequencias de phenomenos eruptivos e não devem ser interpretadas como o resultado de resfriamento do Astro. As máculas apresentam um nucleo escuro rodeado por uma orla clara, a que se deu o nome de penumbra. Antes do apparecimento do primeiro, assiste-se á formação «in situ» de uma fácula brilhante, a que se substitue uma mancha negra, que alarga gradualmente e toma caprichosos feitios, alguns caracteristicos. As coisas passam-se como se a materia incandescente fosse afastada violentamente, em todos os sentidos, n'uma rasgadura colossal, que póde attingir superficies de muitos centos de milhões de kilometros quadrados. De facto, as máculas são aberturas praticadas, ao que parece, por correntes gazosas ascendentes, procurando uma sahida atravez da photosphera. Quando as manchas se apresentam junto do bordo do Sol, é que se revela facilmente essa fórma de chanfradura ou depressão.

A genese das manchas e a sua evolução, assim como a sua distribuição no disco solar, a sua maior ou menor frequencia, póde ser examinada mais exactamente, desde que a protographia se ache mais decididamente applicada á astronomia e particularmente a esta ordem de phenomenos. Póde então estudar-se a constituição do nucleo, que a photosphera não deixa divisar e que se aprecia, por assim dizer, atravez de essas aberturas que são as manchas.

* * *

A observação continua d'este phenomeno, durante longos periodos, mostra que a actividade do Sol tem oscillações consideraveis, executadas regularmente em lapsos de 11 annos.

Actualmente manifesta-se uma recrudescencia, indicada pela presença de maior numero de máculas, de fórmas caprichosas, alastrando-se, reunindo-se em grupos, como archipelagos, deformando-se, mostrando um curioso polimorphismo.

Desde maio ultimo que essa extraordinaria producção se mostra, notando-se que ellas occupam actualmente uma latitude heliocentrica elevada (40 a 50º), conforme tivemos occasião de observar sobre o disco de Moreux, por virtude de uma captivante gentileza do sr. capitão Ramos da Costa, que nos permittiu fazer com elle a verificação do facto, fornecendo-nos sobre o assumpto copiosos elementos e informações, de que a estreiteza de espaço nos não deixa utilisar e a cujo aproveitamento integral não queremos sujeitar a benevola paciencia dos leitores.

Nos periodos de menor actividade, aquellas manchas não excedem as latitudes mais proximas do equador solar, attingindo, porém, nas epocas de maximo, as latitudes affastadas. Em junho do anno passado, o registo feito no observatorio do Ebro, segundo o respectivo Boletim, revela a existencia de manchas solares sómente até á latitude de 30º.

* * *

A grandeza das manchas actuaes é, por vezes, enorme, calculando-se em cêrca de 400.000.000 kilometros quadrados a area da maior, não sendo inferior a 300 milhões de metros quadrados a que n'este momento se divisa. Sabe-se que a estas perturbações á superficie do Sol correspondem modificações mais ou menos importantes, elevações ou abaixamentos de temperatura da atmosphera terrestre, variações do magnetismo, modificações no grau de humidade do ar e ainda a coincidencia com movimentos sismicos, que ainda ha pouco foram registados, attribuindo o nosso interlocutor uma grande importancia a este facto, segundo nos disse e communicou na ultima sessão da Academia de Sciencias de Portugal.

Para ulterior verificação da correspondencia, mais ou menos exacta, das multiplas revelações da energia solar com a meteorologia e outros phenomenos phisicos e biologicos e, porventura, sociaes, é indispensavel uma continuidade de observações e de analises, que não só se praticam nos observatorios, para esse effeito dotados, mas se podem executar, ás vezes, com dispositorios muito simples e engenhosos, ao alcance de curiosos e amadores, que de alguma fórma poderão contribuir para o desenvolvimento e applicação de uma sciencia tão util e para a cultura e propaganda da qual não chega o numero relativamente escasso dos profissionaes, de ordinario adstrictos a calculos e preoccupações absorventes.

J. Bethencourt Ferreira

ficacia, lucra tambem, visto que no mercado passará a vender-se um typo de pão de 70 réis, com o que inteiramente concordo, mantendo-se os mesmos preços de 90 e 80 ao pão de familia e commum.

«O Estado perde, e tanto mais perderá quanto mais tempo estiver sem resolver o assumpto. A operação depende da cotação por que adquiriu os trigos exoticos, da oscillação dos cambios e da quantidade de trigo que lhe dê o arrolamento dos trigos nacionaes. A lavoura é que fica apenas com os promettimentos d'um augmento da tabella que não sei ainda como possam ser realisados, attenta a fórma vaga como está redigido o artigo 22 do projecto.»

Noticias parlamentares

O tenente Aragão teve hoje na Camara a glorificação merecida. Com a sua eloquencia incisiva, precisa e clara, com a sua palavra facil, que não está habituada a disfarçar-se, o sr. Leotte do Rego traçou um vivo perfil do heroe, que os allemães tiveram prisioneiro e que, n'uma hora de perigo, soube collocar-se ao lado dos portuguezes antigos, que jámais desappareceram da historia luzitana. Foi tardia a homenagem? Talvez. Mas nem por isso deixou de vir a tempo, tão certo é nunca ser tarde para que justiça se faça a quem justiça merecer. Disso alguem, durante o debate, que era preciso não esquecer os que com o tenente Aragão se bateram. D'accordo. Isso, porém, pertence ao governo, que não deixará, decerto, de glorificar quantos, na tarde de Naulila, contribuiram para mostrar ao mundo que o heroismo portuguez ainda existe e não morrerá nunca, ao contrario do que certa gente, á falta de melhor occupação, pretende fazer crer...

**

O tribuno esteve inscripto. Na sua frente, jornaes, lapis de todas as côres, todo um arsenal bem fornecido de settas aceradas, promptas a cahirem onde mais mal pudessem fazer. Nos labios enrugados, brincava-lhe o mais ironico dos sorrisos. Seria de rachar! E os olhinhos piscos, quasi sem pestanas, riam-se-lhe de puro goso, tal e qual como os do heroe de Eça, ao saborear de antemão um raro prazer carnal. Mas o tribuno não falou, e toda a gente ficou maguada com a sorte ingrata do deputado algarvio, cujos primores de linguagem, ribombantes, resonantes e abundantes, cheirando a bombas e a trombones, são sempre acepipe de gulosos, sob a cupula baça de S. Bento. Pobre sr. Sousa! Não podia o sr. presidente ter para elle, amanhã, um pouco mais de complacencia? E' que nem sua excellencia calcula as coisas preciosas que elle tem para dizer... dos outros.

**

Está distribuido o parecer sobre o orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros. O que por lá vae, santo Deus! Até parece que o «deficit» não vae além de quarenta mil contos e que este paiz nada em maré de rosas para augmentar de anno para anno, assim, os gastos com os seus habilissimos diplomatas! D'esta feita lambem-se: com trez mil escudos mais, a embaixada do Brazil; com um conto e pico, a agencia diplomatica de Tanger, que até aqui, ao que parece, tem vivido na miseria; com mil escudos as legações de Paris e Washington; com 200, a de Berlim; com 600, a de Buenos Ayres, e com 400, a de Vienna. O nosso representante em Stokolmo apanha 500 escudos, por ser o decano do corpo diplomatico. Isto é o que mais salta á vista. Quanto ao resto... Sim, diz-se que vale muito mais e muito melhor...

**

Principiou a discutir-se o orçamento do ministerio do interior. Facto mais importante: a suppressão de certos logares nos governadores civis. Uma violencia, disse-o o sr. Lopes Cardoso, que falou pela primeira vez e se revelou um parlamentar com que é preciso fazer conta. tanta vehemencia e tanta correcta energia elle sabe pôr nas suas palavras. Vem de longes terras, precedido de boa fama, este novo combatente. Pois não a desmentiu nem se desmentiu. Diga-se isto para que conste e para que se saiba que só não se diz bem quando não ha motivo para isso e por em geral abundarem motivos para se dizer mal... com benevolencia.

**

Voltou á scena aquella pécinha que já o anno passado esteve para se representar e cujo enredo gira em volta de dois inspectores consulares, novos funccionarios que se quer á força instituir sem que a sua necessidade seja demasiado urgente ou esteja sufficientemente comprovada. E' o parecer sobre o orçamento dos estrangeiros que encerra em seu ventre fecundo a bonissima benesse, auctorisando o poder executivo a nomear, sem concurso, quem lhe apetecer, ficando os nomeados, só por isso, com a cathegoria de consules de primeira classe. Na propria maioria, não falta quem se mostre adverso a estas duas sinecuras ambulantes, que já teem titulares escolhidos e que dão bem pingues rendimentos.

O germanophilismo de "A Nação,,

O que o orgão miguelista publicou ácêrca da armada britannica

«A Nação», reapparecendo, tornou-se orgão do germanophilismo em Portugal. Ha dois dias ainda alarmava o espirito publico com a insidiosa noticia de que a marinha ingleza havia perdido, até ao dia 31 de maio, sessenta e seis vasos de guerra, além de dez submarinos, sete pesca-minas, um cruzador rapido e doze torpedeiros. E não satisfeita com tão ousada affirmação, apresentou uma lista dos nomes dos navios que, segundo as suas informações, se tinham afundado e que eram, nem nada mais nem menos, do que alguns dos melhores «dreadnoughts» da armada ingleza. Logo nos pareceu, e por mais de um motivo, suspeita a local de «A Nação», embora declarasse que a reproduzia da publicação official, «Navy and Military Record», e tratámos de procurar na legação de Inglaterra quem nos pudesse fornecer sobre o assumpto informações seguras.

Eis o que ali nos foi dito:

—A noticia de «A Nação», affirmando a perda de alguns dos nossos melhores «super-dreadnoughts», como sejam o «Thenderer», o «Tiger», o «Lion», o «Queen-Mary», o «Ajax», etc., é absolutamente inexacta, ignorando nós a que misteriosos intuitos obedece. A verdade é que a maior parte dos vasos de guerra, que se apontam como baixas da marinha ingleza, continuam firmes nos seus postos de honra, não sendo difficil provar-se onde elles se encontram. Sabe-se, por exemplo, muito bem que o «Superb», o «Nelson» e o «Agamemnon» estão nos Dardanellos e que muitos outros que «A Nação» considera perdidos se acham no «Home Fleet», em Inglaterra.

Hoje mesmo pedimos para á redacção d'aquelle jornal que nos esclarecesse sobre o numero do «Navy and Military Record» que havia dado semelhante noticia. Foi-nos d'ali respondido que o auctor da local não se encontrava n'esse momento, no jornal, podendo-nos ser dada só mais tarde a informação obtida. Esperamos, portanto, certos, porém, de que se trata de um lamentavel lapso, pois que nos custa a crêr que o «Navy and Military Record» se tivesse feito ecco de um tão perfido erro.

Accidentes no trabalho

Até 31 de dezembro findo, após ter sido posta em vigor a lei dos accidentes no trabalho, deram-se, segundo a nota fornecida ao conselho de seguros pelas entidades seguradoras, 8:085 accidentes, assim repartidos:

Sem incapacidade, 245; incapacidade temporaria, 7:733; incapacidade permanente parcial, 39; incapacidade absoluta, 6; morto, 62. D'esses accidentes, assumiram a responsabilidade as companhias de seguros em 2:985, as sociedades mutuas em 4:257 e as empresas ou patrões em 843.

A nova questão Hinton

O QUE A FIRMA HINTON DIZ, NO seu folheto a paginas 9, ácerca do custo do assucar de canna, nas provincias de Angola e Moçambique, excede tudo o que em genero phantasia tem sido escripto tratando-se de assumptos d'esta ordem e de tão grande importancia.

E' á producção do assucar em Moçambique que se referem principalmente as divagações do folheto, por ser esta provincia que tem já a producção sufficiente para inundar o mercado do continente, como a firma Hinton tanto finge recear, para pretexto da sua reclamação. Será, portanto, ás condições do fabrico em Moçambique que principalmente nos referiremos.

Como o ataque da firma Hinton ás Emprezas assucareiras foi perfeitamente imprevisto, não nos é possivel apresentar dados concretos sobre o custo de producção nas assucareiras da Zambezia, em cujas trez fabricas se produzem cerca de 30.000 toneladas de assucar, mas felizmente possuimos alguns d'esses elementos da Companhia Colonial do Buzi, como adeante se verá.

Para melhor se apreciarem as phantasias da firma Hinton no seu folheto, vamos apresentar devidamente separadas as suas diversas affirmações:

1.ª—Na Africa portugueza, especialmente em Moçambique, o solo, em toda a parte baratissimo, virgem, fertil, abundante de agua, offerece condições privilegiadas, raras, aos assucareiros.

2.ª—Cada hectare deve produzir, por sistemas simples de plantação, mais de 100 toneladas de canna rica de sacarose, como é frequente nos terrenos tropicaes intactos ou repousados.

3.ª—Não é preciso fecundar a terra com adubos, nem com irrigações complicadas e caras.

4.ª—Os serviçaes nascem, multiplicam-se dentro de casa, estão á mão em numero ilimitado, teem ganhos pequenos, ás vezes insignificantes ou miseraveis.

5.ª—As differenças cambiaes, que pesaram nas cifras apresentadas, não existem lá, senão a favor dos productores. Estes obteem a canna com despezas 50 a 70 por cento inferiores ás das fasendas mais avantajadas do Hawai e da reunião. Cada tonelada nunca poderá ficar por mais de 2 escudos.

6.ª—Mas os 1.000 k. de canna devem produzir, em vista de tudo o que fica dito, pelo menos 110 k. de assucar. De outra parte, o custo do correspondente fabrico nunca poderá ir além de 1 escudo, pois na Reunião e no Hawai, onde as circumstancias são muito mais desfavoraveis, oscila entre 5 fr. 39 e 6 fr. 63. O producto sae, pois, a cerca de $02,8 o kilo na Africa Portugueza.

Feita esta festa, termina a firma Hinton no seu folheto a paginas 10, pela seguinte girandola de foguetes:

«Segue-se de tudo isto que o assucar de Moçambique e de Angola como o de todos os paizes tropicaes, pode concorrer victoriosamente, sem protecção alguma, como os de todo o mundo, em qualquer mercado da Europa, e mais ainda em Portugal.

Dirão os productores d'essas duas provincias que a extração é inferior a 11 k. de assucar por 100 k. de cana, e que a laboração respectiva custa mais de 1 escudo? N'esse caso dariam um rude golpe em si mesmos. Significaria isso que não empregavam, com toda a força de capital e de iniciativa, os recursos da technica mais perfeita e da administração mais experiente. Concluir-se-hia que as suas fabricas não sabiam corresponder aos verdadeiros privilegios do meio onde se estabeleceram.»

Sahindo do reino da phantasia e passando a coisas serias e verdadeiras, vamos transcrever do livro do Geerligs, a paginas 301, o que elle diz ácerca da cultura da cana, em Moçambique:

«O clima de Moçambique é geralmente quente, mas muito variavel. O solo é uma argila rica, algumas vezes misturada com areia; nas margens do rio Limpopo os campos de cana correm ao longo das margens, com declives suaves, de modo que a irrigação com a agua do rio pode fazer-se empregando barragens. As margens do rio Zambeze, comtudo, são altas e escarpadas, e, por esta razão, a agua da irrigação tem de ser elevada por poderosas bombas, e distribuida nos campos por um sistema completo de canaes.

Uma producção de 36 toneladas de cana por acre, produzindo 10 por cento de assucar ou 3,6 toneladas por acre, é geralmente esperada, mas duvidamos muito de que esta producção média seja realmente obtida.

As plantações soffrem muitas vezes da secca e dos gafanhotos, o que muito prejudica as colheitas, como se pode vêr pela grande irregularidade das producções das differentes propriedrdes.»

Passemos agora aos dados concretos que a Companhia Colonial do Buzi pode fornecer e que comprovará se alguem apresentar qualquer duvida a este respeito.

Não ha duvida de que os terrenos d'esta Companhia são bons, mas estão longe de ser excellentes, como se diz no folheto.

As analises das terras que «possuimos», comparadas com as do Hawai, por exemplo, indicadas no livro de Léon Colson (do qual a firma Hinton tira as suas citações) mostram uma grande inferioridade para Moçambique, e se fôrmos para Angola ainda será peor, como poderemos provar com documentos colhidos na nossa larga vida de cultivadores de cana.

E' verdade que o terreno é barato, no que diz respeito á acquisição da sua posse, mas esses terrenos sahem em geral carissimos quando desbravados e postos em cultura, pelas difficuldades que se encontram sempre para transformar, em fazendas regulares, terrenos perfeitamente selvagens. Só quem nunca experimentou poderá dizer o contrario. São prova bastante do que affirmamos os innumeros casos de insuccesso que se registam na nossa historia colonial e na de todos os paizes.

A região é effectivamente abundante de agua, mas dizer que é facil e barata a sua utilisação só o poderá fazer quem desconheça as verdadeiras difficuldades com que se lucta a tal respeito.

A agua é elevada por baterias de bombas centrifugas, constituindo a acquisição do combustivel um serio embaraço e uma despeza muito importante. Comprar lenha a 2$40 cada tonelada para fazer trabalhar as bombas representa um dispendio muito grande e que cada vez será maior. O carvão, para muitas fabricas, sahiria carissimo, devido aos fretes e baldeações que seria preciso fazer, o que não acontece á firma Hinton, que commoda e economicamente abastece a sua fabrica de Cardiff, em tempos normaes.

Para algumas fabricas o preço do carvão seria mesmo prohibitivo.

Cada vez as florestas vão ficando mais affastadas das fabricas, chegando-se mesmo, em certas regiões, ao abandono d'este combustivel por ser já carissimo.

Quanto á producção de canna por hectare, não ha duvida de que alguns hectares teem produzido 100 toneladas de canna mas isto constitue uma grande excepção.

Para se tirarem conclusões em materia tão grave, porque pode alterar a exactidão dos factos com as apparencias da verdade, é necessario trabalhar *com medidas* e o quadro seguinte, representando os resultados obtidos durante os annos de 1910 a 1914, na Companhia Colonial do Buzi, n'uma propriedade que representa a media da producção de Moçambique, provará que, mais uma vez, a firma Hinton se serviu a nosso respeito de numeros inexactos:

Annos	Producção por hectare		Total
	1.º córte	2.º córte	
1910	76:833	40:882	
1911	68:770	52:750	
1912	55:680	37:420	
1913	51:675	49:769	
1914	45:588	32:794	
Média	58:609	42:625	50:617

Vê-se por este quado que a média obtida em 5 annos para a canna virgem—1.º córte—foi apenas de 58:609 kilogrammas, e que, no 2.º córte essa média baixou, sendo a média final para as cannas d'aquellas edades reduzida a 50:617 kilogrammas.

Era este numero que devia servir de base aos calculos da firma Hinton e não as 100 toneladas que indica.

Ainda devemos dizer que é tão grande o empobrecimento da terra depois do 3.º e 4.º córte, que é indispensavel empregar a adubação por meio de estrumes de curral, que não são sufficientes, e de adubos chimicos, que já hoje se empregam largamente.

Pelo que fica dito, já se pode fazer ideia da enorme quantidade de trabalho agricola e industrial que se faz nas fabricas de Moçambique e que é, sem duvida, muito superior ao que se executa na Ilha da Madeira para a producção de assucar.

Se admittirmos como exacta a informação do folheto, a pag. 21, de que a producção de 5:000 toneladas de assucar occupa na Madeira 40:000 operarios de ambos os sexos e de todas as idades productivas, quantos não occupará essa mesma industria em Moçambique e em Angola, que já hoje produzem mais de 45:000 toneladas!

Admittida a proporcionalidade, não seriam menos de 360:000 indigenas os que se occupariam na industria assucareira colonial!

Estes operarios indigenas não ganham tão pouco, como diz o folheto da firma Hinton.

Muitos d'esses trabalhadores são pagos a 3$50 e 4$56 escudos e mesmo a uma libra em ouro, por mez, afóra a sua alimentação, que differe muito da que lhes attribue o citado folheto.

Ordenados inferiores a estes se pagam aos *criados de campo*, em varias provincias de Portugal, como sabem todos os que conhecem alguma coisa da nossa vida agricola.

Ao falarmos dos salarios, é claro que não nos referimos aos indigenas que, já habituados aos trabalhos nas plantações de cana, vão, levados pela sua justa ambição, até aos portos de mar e aos centros mineiros onde ganham, então, duas, tres e mais libras por mez.

Diz o folheto que os serviçaes nascem e multiplicam-se dentro de casa, o que em parte é verdade, mas não é menos que tambem fogem para o Transvaal, para a Rhodesia e para os Portos de mar, havendo por vezes graves difficuldades em ambas as provincias para conseguir a mão d'obra necessaria. E se não emigram mais se fixam nas propriedades das fabricas de assucar isto quer dizer que são ahi muito bem tratados e sufficientemente pagos para não pensarem em arranjar melhor collocação.

Quanto á riqueza sacarina da cana poderiamos apresentar os mappas das analises dos nossos chimicos por onde se vê que esta é regular e não inteiramente excepcional, como diz o folheto.

A percentagem de assucar extrahida da cana varia, como todos sabem, de anno para anno, tendo sido de 9,17 0|0 o resultado medio dos ultimos 8 annos, n'uma fabrica moderna que apesar de não ter moinhos com 17 rolos, como a firma Hinton póde vêr que existem em algumas fabricas de Hawai, citados por Colson, tem, todavia, os do tipo mais usado com 14 rolos.

Vê-se pois que a extracção que a firma Hinton acusa para a sua fabrica, a paginas 11 do folheto, e que é de 91,5 kilogrammas de assucar por tonelada de cana, excede a que se obtem n'este grupo importante de fabricas de Moçambique.

Não se lembra ainda a firma Hinton de que as plantações da Madeira estão livres das doenças e das pragas de gafanhotos que, de um momento para o outro, arruinam uma colheita.

O contrario succede em Moçambique onde estes desastres são frequentes e onde, por exemplo, na propriedade que tomámos para base d'estas considerações, tendo sido a media geral da producção de 50,617 kilogrammas de cana por hectare, como indicamos, em 1914, essa media baixou para 30,553 kilogrammas devido a uma forte invasão de «wite borer», que obrigou a pesadissimas despezas para a criação de novas propriedades.

Com isto é que a firma Hinton se não preoccupa, já porque não existe tal insecto na Madeira, já porque ella não faz agricultura, limitando-se á commoda situação de simples «Senhor de engenho!»

Falta-nos agora apresentar os elementos que possuimos ácerca do custo de producção de assucar nas fabricas da Zambezia, o que faremos no proximo artigo.

Pelas empresas assucareiras da Africa portugueza,

A. de Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo.

Circos & Music-halls

Estreiam-se ámanhã, no theatro Salão dos Anjos, dois artistas d'opera que veem precedidos de grande fama, «Les Menestrelles», tenor e soprano e eximio violinista. No «écran» passam-se 2 grandiosas fitas da serie d'ouro.

PEQUENAS NOTICIAS

A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos multou hoje em 300 escudos cada um varios armazenistas que elevaram o preço dos ovos, batatas toucinho e bacalhau.

—Para juizo são ámanhã enviados João Carlos Roque, bombeiro n.º 18 de Odivellas, e Manuel da Fonseca, soldado n.º 28 da 3.ª bateria de artilharia n.º 1, accusados de, no dia 17 de maio findo, assaltarem a residencia do rev. Delfim Simões Amaro, prior da Ameixoeira, furtando duas espingardas no valor de 60 escudos e duas imagens no valor de 6.

—Da estrada das Laranjeiras, 26, desappareceu Luciano Augusto da Motta, de 18 annos, filho de Maria Leopoldina. A policia procura-o.

—Em frente da praia de Carcavellos foi encontrado á tona d'agua o cadaver do 2.º contra-mestre da armada a bordo do aviso *5 de Outubro* José Rodrigues, morador na calçada do Monte. Veiu para a Morgue.

—Pela sindicancia a que o chefe do districto mandou proceder, apurou-se carecer de fundamento a accusação de que na policia administrativa se archivaram processos relativos á falsificação ou adulteração de generos de consumo. Só em 1914 foram enviados para a Boa-Hora 420 processos, incluindo n'esse numero os de falsificação e adulteração do leite.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos deputados

Approva-se um projecto de lei promovendo, por distincção, o tenente Aragão ao posto immediato

Preside o sr. Azevedo Coutinho. Secretariam os srs. Domingos Cruz, que faz a chamada, e Alfredo Soares, que lê a acta, a qual é approvada, na devida altura. O sr. Ribeira Brava, em negocio urgente refere-se á questão das subsistencias que é a mais grave que se ventila presentemente na sociedade portugueza. Vê, porem, que a complicam tanto, que não alcança perceber quando ella se verá liquidada. Porque não a resolve, pelas suas proprias forças o governo? Refere-se principalmente á questão do peixe e acusa os vapores de pesca de lançarem ao mar o peixe que pescam em excesso, para fazerem subir os preços, o que é criminoso. Pede tambem que se prohiba a exportação de peixe para Hespanha e incita o governo a tomar energicas providencias, tendentes a conseguir-se que os generos de primeira classe não attinjam preços inacessiveis ás classes pobres. Quer que se prohiba tambem a sahida de carne e de ovos para Hespanha e entende que o governo deve procurar desenvolver em Portugal a industria dos generos secos, que é em toda a parte, florescente. São medidas d'estas, tomadas terra a terra, que resolvem a questão, sem irritação da opinião publica e sem politiquice. O chefe do governo diz que tem feito quanto tem podido para baratear os generos de primeira necessidade. O assumpto, tem porém, de ser devidamente estudado, ainda que com pouca demora, dentro e fóra do Parlamento, que não pode deixar de ser consultado pelo governo.

O sr. Julio Martins.—Mas está o governo d'accordo com a commissão de subsistencias? Diga-o, e o seu projecto será votado já.

O orador elucida. O governo tem toda a consideração pelo Parlamento. Elle que resolva, em vez de dar ao governo auctorisações latas, que nem sempre podem ser bem executadas.

O sr. Julio Martins:—Mas tem o governo opiniões sobre o assumpto?

O orador:—Tem, sim senhor!

—Quaes são?

—Fazer com que os generos sejam cada vez mais baratos. Estão pendentes dois projectos.

—Mas qual perfilha o governo?

—O que fôr mais vantajoso!

O sr. Ribeira Brava:—E' preciso não desviar a questão. Eu o que quero é que o governo tome energicas providencias para impedir que os generos de primeira necessidade saiam do paiz ou se vendam por preços exaggerados. O mais é politica.

O sr. dr. José de Castro continúa respondendo ao sr. Ribeira Brava. Diz que está disposto a seguir as observações que lhe ouviu. Dá-lhe o Parlamento força para isso? A exportação de peixe para Hespanha é já tão difficil por causa da elevação das taxas, que não acha necessario eleval-as mais. Quer o governo força para fazer inventariar todos os generos que os açambarcadores reteem. Dá-lh'a o Congresso? Quanto á sahida da carne, procederá como a lei lh'o consentir, e pelo que se refere ás fructas e generos seccos, tratará de desenvolver essa industria, que é importantissima e d'um alto valor para as classes pobres. O governo o que deseja, sobretudo, é esclarecer a questão e crê que ha de conseguil-o, com tanto empenho se tem occupado d'isso.

O sr. Leotte do Rego manda para a meza um projecto promovendo ao posto immediato, por distincção, o tenente Aragão. A proposito, o orador recorda o que foi o recontro de Naulila e diz que foi o tenente Aragão quem, á frente dos dragões, salvou a honra do convento. Cita uma carta do heroico official, em que elle dizia que, com as cem praças, estava disposto a atirar-se para cima «d'aquelles cães». Esses eram—póde dizel-o hoje sem correr risco de ir parar á torre de S. Julião da Barra—eram os allemães. Allude á sessão de 5 de agosto, em que Portugal deliberou collocar-se ao lado da sua alliada. Diz que isso foi para inglez vêr, porque os allemães residentes em Portugal continuaram a fazer os seus negocios, ao mesmo tempo que se davam instrucções neutraes á esquadra portugueza e os agentes da Allemanha não deixavam de fazer o seu jogo, tendo ao seu serviço jornaes pagos para insultar os homens da Republica. Tudo isso o tenente Aragão e os seus companheiros desconhecem, mas quando vierem a sabel-o, bem póde ser que tenham inveja dos que morreram em Naulila. O seu projeto, é pois, uma homenagem a esse official heroico, que a Camara prestará, está convencido d'isso, sem preoccupações partidarias nem politicas de nenhuma especie. O projecto, para o qual pede urgencia e dispensa de regimento, é lido na meza e entra em discussão immediatamente.

O sr. Ribeira Brava requer que o projecto seja votado por acclamação. E' contra o regimento e por isso a União Republicana, conforme o sr. Aresta Branco declara, não o vota por essa forma. Mas approva-o com jubilo, como um alto estimulo que é. Desejaria, porém, que o projecto viesse á Camara trazido pelos srs. ministro das colonias ou da guerra. Não é preciso elogiar o tenente Aragão. Mas, outros tão valentes como elle morreram a seu lado. Queria que o Parlamento os abraçasse a todos. Porque não ha de isso fazer-se n'um novo artigo? E porque não veiu o projecto acompanhado do relatorio do sr. Alves Roçadas, sobre o combate de Naulila? O sr. presidente do ministerio associa-se ao projecto e diz que o governo estava disposto a galardoar o heroismo do tenente Aragão e de outros militares. Mas esperava, para isso, relatorios que ainda não recebeu. O sr. Leotte do Rego entendeu, porém, que esses relatorios eram dispensaveis. Entretanto lembrará que não é justo esquecer os que ao lado do tenente Aragão se bateram com elle. Elogia o sr. Alves Roçadas como portuguez e como militar. Quando o governo o julgar opportuno, apresentará propostas de lei prestando homenagem a todos os que se distinguiram em Africa e a quantos ficarem necessitados de auxilio. O sr. Antonio Macieira lamenta que não esteja presente o sr. Alexandre Braga, para que o acto do tenente Aragão tivesse a consagração devida. Por si, pouco dirá, mas não deixará de pôr em destaque os sacrificios que Portugal fez para manter o seu prestigio em Africa nem a coragem com que o tenente Aragão se bateu.

Não resultaram d'ahi consequencias praticas? Deve-se isso a uma politica de hesitações, que comprometteu tudo. O Parlamento portuguez definiu bem a sua situação. Não podia fazer mais. Que o acto de Naulila signifique que Portugal não deixará de cumprir todos os seus deveres de honra, quando lh'o exigirem. A promoção do commandante das tropas de Mossamedes ficará como uma affirmação de soberania, que só honrará o povo que o pratica, por intermedio dos seus representantes.

O sr. Julio Martins, pelos evolucionistas, concorda com o projecto, lamentando que elle não venha acompanhado de elementos que o elucidem. O sr. Castro Meirelles, em nome dos catholicos portuguezes militantes e praticantes, associa-se tambem á homenagem prestada ao tenente Aragão, honra da raça portugueza, cuja historia é cheia de heroismos.

Onde os padres quizeram implantar a arvore da cruz illustrou-se agora o exercito portuguez. Isso só o enche de jubilo e por isso mesmo congratula-se com a homenagem que o projecto representa. Falam ainda os srs. Domingos Cruz e Costa Junior, sendo em seguida o projecto approvado por unanimidade.

O sr. Carlos Olavo requer que se discuta desde já o projecto que permitte a entrada na Madeira, livre de direitos, do milho que se encontrar em transito para aquella ilha e que não exceda 2.000.000 de kilogrammas, desde que possam desembarcar até 31 de julho. E' approvado, approvando-se tambem o projecto, depois de falarem os srs. Julio Martins e Aresta Branco.

O sr. ministro das finanças manda para a mesa uma proposta que faz uma distribuição de verbas destinadas ao pagamento de despezas com a guerra. O sr. ministro do interior apresenta a annunciada reforma da policia, obra que se impõe porque a Republica não resolveu ainda nem o problema da ordem publica nem a sua defeza. O sr. ministro do fomento apresenta uma proposta auctorisando varias transferencias de verbas.

Na ordem do dia, inicia-se a discussão do orçamento do interior. Falam sobre varios assumptos os srs. Lopes Cardoso, Fernandes Costa, Almeida Ribeiro e João Crisostomo, prorogando-se a sessão, a requerimento do sr. Antonio Macieira, até se votar o orçamento.

No Senado

Adubos—A linha de Cintra—Lãs—Pesca em Cabo Verde—Fiscalisação de vinhos

Abriu a sessão com 26 senadores presentes. O sr. José Maria Pereira, Baeta Neves e Calça e Pina são convidados a introduzir na sala o novo senador sr. Antonio Alves de Oliveira, unionista, eleito por Ponta Delgada, o qual toma logar ao centro, junto do sr. José Maria Pereira.

Lê-se na mesa o projecto de lei vindo da outra camara e que diz respeito ás sociedades anonimas, pedindo o sr. Botto Machado dispensa do Regimento e urgencia de discussão, enviando ao mesmo tempo para a mesa um projecto de lei reintegrando no exercito o tenente de infantaria Mario Barbosa exonerado a quando do «complot» de Torres Novas. A urgencia e dispensa do Regimento foram approvadas por 21 votos contra 7. Posto o projecto á votação, foi approvado e dispensada a ultima redacção.

Entra na sala o sr. dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento, cuja attenção o sr. Herculano Galhardo chama para o que se passa no districto de Leiria, onde se reclama a venda do adubo collocando os algarismos 0,12 por cento, sem mais explicações, com um zero muito pequenino e um 12 em algarismos muito grandes, o que é um roubo. Chama ainda a attenção do ministro para o facto de muitas das direcções das obras publicas não terem o devido pessoal technico. O ministro promette providenciar.

O sr. Estevam de Vasconcellos, refere-se a uma grande e importantissima reunião havida ha tempos na Amadora para reclamar contra os maus serviços da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes nas linhas de Cintra e Cascaes. Chama para o caso a attenção do sr. ministro do fomento. A Companhia não respeita a lei dos accidentes do trabalho. E' preciso que se fiscalisem os seus serviços, que se punam os seus abusos e que o ministro a obrigue a cumprir os seus deveres para com o Estado e para com o publico.

O sr. ministro do fomento faz um rasgado elogio da Companhia dos Caminhos de Ferro, dizendo que, sempre que a ella tem recorrido, a tem encontrado prompta a satisfazer-lhe os seus pedidos e os seus desejos, sem má vontade, antes com dedicação. Quanto ao comicio da Amadora, já tomou conhecimento das suas conclusões e já sobre ellas providenciou esperando que a resposta da Companhia seja satisfatoria.

O sr. Paes Gomes, manda para a mesa uma nota de interpellação ao sr. ministro da justiça sobre o facto do administrador de Armamar se ter ausentado do seu concelho por ter sido prevenido que a séde da administração ia ser assaltada, como foi. Pergunta ao sr. ministro do fomento porque se não cumprem as determinações da reunião de 13 de junho a que sua ex.ª assistiu, sobre exportação de lãs.

O sr. dr. Manuel Monteiro, diz que a questão das lãs é complicadissima e melindrosa. A industria nacional diz que não póde dispensar a minima quantidade que seja da lã nacional. Por outro lado a Inglaterra pede-nos que a lã seja para ali exportada. Eis o motivo porque se não satisfizeram os desejos expressos n'essa reunião.

Entre os oradores trocam-se explicações, depois do que se entra na ordem do dia estando presente o sr. ministro das finanças.

E' dada a palavra ao sr. Arantes Pedroso que se refere mais uma vez ao problema da pesca em Cabo Verde. Ainda ha pouco recebeu uma carta da Sociedade Africana de Pesca da Figueira da Foz, que ha tempos mandou áquella região a escuna «Loanda» cujos bons desejos fracassaram por completo visto as difficuldades com que teve que luctar.

O sr. Victorino Guimarães promette tomar na devida conta o assumpto.

O sr. Antonio Maria Baptista diz que tendo sido nomeado para a commissão que ha de apresentar a lista dos officiaes desaffectos ao regimen, e sendo esses trabalhos incompativeis com os do parlamento, pede para lhe serem relevadas as faltas que indispensavelmente terá que dar.

Entra depois em discussão o projecto de lei do deputado sr. João Gonçalves, já approvado na outra camara, sobre fiscalisação de vinhos em Lisboa e Porto. Approvado na generalidade, o sr. dr. Sousa Junior requer que seja tambem enviado á commissão de hygiene. O sr. Daniel Rodrigues, não concorda. Trata-se apenas de fiscalisar o vinho no seu desdobramento com a agua e portanto não precisa para nada de ir á commissão de hygiene, o que o sr. dr. Sousa Junior, contradiz, instando de novo pelo seu requerimento que, posto á votação, fica approvado.

O sr. dr. Estevam de Vasconcellos, queixa-se de não ter ainda recebido os indispensaveis documentos para a commissão apreciar o orçamento do ministerio da justiça.

Em vista d'isto o sr. presidente encerra a sessão e marca a proxima para sexta-feira.

Dr. Affonso Costa

Embora ainda convalescente, pode quasi dizer-se que já está restabelecido do grande abalo que soffreu. Hoje estiveram observando-o os srs. drs. Costa Nery, Costa Santos, Alberto Madureira, Gentil e Avelino Monteiro, que reconheceram ter cessado completamente o corrimento do ouvido, não lhe fazendo penso, por inutil, e libertando-lhe a cabeça da ligadura.

A sua vida em casa é a normal, tomando as refeições com a familia, e conversando naturalmente. Hoje recebeu o general Correia Barreto com quem esteve falando por bastante tempo.

Apesar das noticias dos ultimos dias terem sido o mais tranquillisadoras possivel, os seus amigos e correligionarios não deixam de ir todos os dias informar-se do seu estado.

Entre as muitas pesoas que hoje foram saber do sr. dr. Affonso Costa, figuram os srs. Levy Bensabat, em nome do sr. presidente da Republica; dr. Mattos Cid, dr. Oliveira Guimarães, Paes Gomes, Freire de Lima, capitão Pina Lopes, Trigueiros Falcão, José Baptista Araujo, pelos democratas de Niza, Ricardo Quartin, dr. Costa Vianna, dr. Fernandes Braga, 1.º tenente Francisco Trigoso, Ferreira Succena, João Canavarro, Nuno Bulhão Pato, Pereira de Sousa, Francisco Mendes, D. Ilda Bulhã Pato, J. Bleck, dr. Azevedo e Sousa, Luciano Freire, capitão-tenente Pereira Leite, senador Sousa Fernandes, Alvaro de Castellões, Herculano Charneca, tenente-coronel Affonso Salgueiro, dr. João da Costa, Ernesto Navarro, Adolpho Sousa e Almeida, senador Herculano Galhardo, Henrique Menezes d'Alarcão, general Ferreira de Castro, etc.

A sessão de congratulação promovida pelo Centro Leotte do Rego e que se realisa, como temos noticiado, no proximo domingo no theatro de S. Carlos, será abrilhantada pelas bandas de infantaria 2 e da Casa Pia, sendo a guarda de houra feita pelos alumnos da Casa de Correcção, de Caxias.

Entre os oradores contam-se já os srs. drs. Bernardino Machado, Alexandre Braga e Antonio Macieira. Será recitada uma poesia escripta expressamente e faz-se-ha ouvir uma tuna composta de grande numero de executantes.

A grande guerra

Progressos dos francezes na Alsacia

PARIS, 27—Communicação official de hoje, ás 23 horas.

Em Artois, no sector de Souchez, o canhoneio retomou mais intensidade. A cidade de Arras foi duas vezes bombardeada; houve um começo de incendio, que poude ser extincto rapidamente, e morreu um civil.

Do Somme até ao Aisne actividade habitual das duas artilharias.

Na Argonne violento canhoneio em toda a linha.

Na Alsacia as nossas tropas terminaram hoje a conquista da posição, muito fortemente organisada, que os allemães occupavam a 200 metros de altitude acima das nossas trincheiras de partida, na crista de Lingelkopf, Schatzmanne o Barrenkopf, isto é n'uma linha de 2 kilometros. Estas alturas dominam o vale principal do Fecht, assim como a grande estrada *Dames des trois épis*. Fizemos prisioneiros alguns officiaes e mais de 100 praças, pertencentes a cinco regimentos differentes.—*(Havas)*

Os russos repellindo os austro-allemães—As operações no Mar Negro

PETROGRADO, 28.—Official. A sueste de Kowno repellimos o inimigo para além do rio Iessia. Na margem esquerda do Narew a offensiva inimiga foi detida pelos nossos energicos contra-ataques. Em ambas as margens d'este rio forçámos alguns elementos inimigos a uma retirada desordenada e fizemos 700 prisioneiros. Na esquerda do Vistula repellimos todos os ataques inimigos e fizemos contra-ataques com bom resultado. Ao sul do Bug houve violentos combates. O inimigo fez passar uma parte das suas tropas para a margem direita na região de Sokal e Potoutjitza. No Mar Negro os nossos torpedeiros destruiram estabelecimentos aos portos de Samsoun e de Ounierize, e afundaram 150 veleiros nas costas da Anatolia.—*(Havas)*.

O avanço italiano—Novos prisioneiros austriacos

ROMA, 27—Official—Completámos a occupação da vertente direita do vale de Daone. No Carso, depois de lucta muito viva, conquistámos a fortissima posição de San Michele, mas, em razão do violento canhoneio, retrocedemos ligeiramente para sob a crista. Concluimos a conquista da posição de Montescibusi; fizemos 3:200 prisioneiros, entre os quaes 42 officiaes, e tomámos canhões e metralhadoras e outro material de guerra. *(Havas)*

E' intensa a lucta na França e na Belgica

PARIS, 28.—(Communicação official das 15 horas)—Em Artois e ao norte de Souchez os allemães, depois de um forte bombardeamento, deram esta noite contra as nossas posições e em trez pontos differentes, varios ataques. Depois de vivissima lucta foram expulsos das trincheiras em que haviam penetrado, excepto n'um ponto onde conservam em seu poder vinte metros da cabeça da sapa na frente da nossa linha. Soisson foi bombardeada hontem de tarde. Em Argonne, na região de Fontaine aux Charmes o inimigo esboçou uma tentativa de ataque que foi detida pelos fogos da nossa infantaria. No resto da linha a noite decorreu calma.

A Inglaterra e os Estados Unidos

WASHINGTON, 27—Foi adiada a publicação da nota ingleza, visto a Inglaterra estar preparando uma nova nota para enviar aos Estados Unidos.—*(Havas)*

As operações nos Dardanellos

Dos Dardanellos nada ha a noticiar, excepto alguns ligeiros progressos das nossas tropas feitos na ala direita e a actividade dos nossos aviões que teem bombardeado com successo o novo campo de aviação inimigo, ao norte de Chanak, tendo attingido os «hangars» e o deposito de gazolina, determinando assim um consideravel incendio.—*(Havas)*.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha, continuando a occupar-se das questões vinicola e de subsistencias e de assumptos de administração publica.

—A junta de parochia de S. João dos Montes, concelho de Villa Franca de Xira, pediu ao governo a cedencia do terreno do antigo passal para ampliação do cemiterio da freguezia e a cedencia do presbiterio para installação d'uma escola.

—O delegado do procurador da Republica na comarca de Beja enviou ao ministerio da justiça um caixote com armamento, contrabando apprehendido n'aquella comarca.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciou hoje demoradamente o governador de S. Thomé, sr. Pedro Botto Machado, sobre assumptos do seu governo e especialmente sobre a verba para acquisição de um rebocador a gazolina para serviço da capitania do Principe, cuja acquisição vae ser auctorisada. Tambem com o mesmo ministro conferenciou a direcção da companhia do Nyassa.

—Vindo de Cezimbra, entrou a barra o cruzador «Adamastor». Tambem hoje entrou o rebocador «Berrio», vindo do Algarve, rebocando a canhoneira «Zaire» que vem soffrer fabrico e reparar a avaria da machina.

—O *Diario do Governo* publicou hoje os decretos prohibindo os presbiteros Augusto de Oliveira, parocho da freguezia de S. Vicente Pereira, Ovar, e Antonio André de Lima, parocho da freguezia de Esmoriz, do mesmo concelho, de residirem durante dois mezes dentro dos limites d'esse concelho e limitrophes.

Outro duodecimo

Pedil-o-ha, ámanhã, ao Parlamento o ministro das finanças

Como é sabido, votaram-se na Camara dos Deputados *sessões nocturnas* com o pretexto de que era absolutamente necessario ter o orçamento approvado até ao fim do mez, *para não haver necessidade* de votar um novo duodecimo. Se tal tivesse de fazer-se, seria contribuir para uma quebra lamentavel do prestigio parlamentar e até dos proprios principios republicanos, absolutamente contrarios a expedientes financeiros como aquelles que os duodecimos representam. Pois bem: verifica-se agora que realisar sessões nocturnas nas condições em que ellas foram approvadas representa, nada menos, que uma violencia inutil e prejudicial, visto o governo, por intermedio do sr. ministro das finanças, ter reconhecido que precisa absolutamente de fazer approvar outro duodecimo, visto que o orçamento, nem que as camaras funccionassem sem interrupção, não poderia estar votado até sabbado.

Na Camara, a discussão tem decorrido atabalhoadamente, á pressa, 'quasi a vapor. Mas de ora em vez quando a politica chia dorida, o debate emperra e lá se perde, em discussões emaranhadas, todo o tempo ganho. E no Senado? Ha praxes que não podem dispensar-se, de maneira que, por mais vontade que ali haja de andar á pressa, tudo se perde contra a impossibilidade material de vencer impossiveis. E dito isto, pergunta-se agora se as sessões nocturnas servem para outra coisa que não seja cançar aquelles que a ellas teem de assistir. A proposta de duodecimo do sr. ministro das finanças deve acabar, certamente, com semilhantes estopadas...

Grupo parlamentar democratico

Reune hoje á noite o grupo parlamentar democratico, effectuando-se essa reunião na séde do Directorio do Partido Republicano Portuguez.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	36 3|16	36 1|16
Londres, 90 d|v.	36 3|4	—
Paris, cheque.	$73,8	$74,5
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$55	$55,9
Madrid, cheque	1$31,5	1$32,5
New York	1$38	1$39,5
Rio s|Londres.	12 3|4	—
Libras.	6$75	6$85
Agio do ouro.	40 °|°	45 °|°

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,70	39,70
» » 500$	—	39,70
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 0\|0 1888, 21$90; 4 0\|0 1890, assent., 51$90; 4 1\|2 88-89, 69$80; 4 1\|2 1912, ouro, 96$.

Externas: 1.ª serie, 71$90 e 3.ª 74$.

Acções: Lisboa & Açores, 114$40; Assucar, 39$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$10; Tabacos, coup., 75$70.

Obrigações: Aguas, coup., 81$10; Prediaes, 5 0\|0 serie A, 84$ e 5 0\|0, 87$50; Ultramarino, hipothecarias, 93$70; Norte e Leste, 2.º grau, 38$.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, de André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»). 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Toulouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.
Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

SPORT

Os monoplanos com helice atraz

Na guerra actual, tentou-se o monoplano com helice á retaguarda mas não deu resultado. Evidentemente que assim estava previsto. E' que o monoplano com helice atraz e que tem o motor por cima da fuselagem, tende a «picar», quando se corta o motor. Em fraca altura, o piloto não tem tempo para se endireitar, isto é, para melhorar a posição do seu aeroplano.

Quiz dar-se á construcção uma outra variante, mas tambem falhou. Era a de collocar o motor na fuselagem e accionar a helice por transmissão, mas o trabalho da helice que não é constante, principalmente nos redomoinhos, trazia perturbações no movimento longitudinal das azas.

Ora no monoplano ordinario, a helice é um maravilhoso regulador do ar. Corta os redomoinhos e envia para baixo das azas correntes d'ar, parallelas.

Os biplanos sim, esses é que podem ter a sua helice á retaguarda. E, em geral, os utilisados na guerra estão assim dispostos. O piloto e o passageiro podem estar livremente e em posição favoravel á observação. E sobre o ponto de vista da estabilidade longitudinal, esta disposição do motor não traz graves inconvenientes.

Se a cauda do biplano é alguma coisa pesada á partida, por causa do peso do motor, o ar que sustenta esta cauda, de grande massa horisontal, assegura, desde que se adquiriu velocidade, uma excellente orientação da trajectoria seguida pelo eixo do apparelho.

Nota do dia

Um campeão que não tem medo...

Quando se annunciou o campeonato de esgrima da Federação Portugueza de Sports, houve uma certa admiração porque se havia inscripto o campeão de Portugal, sr. Carlos Farinha, isto a um mez do torneio em que havia ganho o campeonato! Não se estava costumado a esses actos de «bello sport» e dignos de «sportsmen». Era velha costumeira ficar em casa, orgulhoso do titulo, ostentando-o e pavoneando-se sem o arriscar!

Mas Carlos Farinha não ficou por ali. Classificou-se em segundo logar n'aquelle torneio. Agora é o primeiro inscripto no annunciado campeonato de espada da Amadora, feito com um regulamento duro e apertado, em que elle tem tantas vantagens como um «junior» de merecimento.

A inscripção honra o novo campeonato da Amadora e documenta, mais uma vez, o brio sportivo do campeão de Portugal.

Algumas anecdotas

Velhas questões entre um jornalista e um «boxeur», que mettem socos e terminam bem...

Quando Bob Fitzsimmons combateu Jim Corbett em Carson City e ganhou o campeonato do mundo, só teve a seu favor alguns amigos e um jornalista de merecimento, Dan Mills, secretario de redacção d'um jornal de Philadelphia, que o ajudou com a sua bolsa e apostou grande quantia por elle,—coisa que não foi mau negocio...

Assim, quando Bob partiu para Este, não houve gentileza que não tivesse com Dan. Comprou-lhe um rico alfinete de gravata e um par de botões de punho, deu-lhe um cão pequeno, um leão pequeno, a sua photographia, a da sua mulher e do seu filho, tudo devidamente autografado! E cada vez que vinha a Philadelphia, o seu primeiro cuidado era o de procurar Mills.

Ninguem arrancava Bob da sala de redacção de Dan, até ao dia em que teve a infeliz lembrança de fazer, em brincadeira, o golpe do Pére François ao secretario da redacção. A «graça», ainda que feita com as melhores intenções do mundo, deu-lhe como resultado fecharem-se as portas do jornal e de o obrigar a correr as ruas de Philadelphia para encontrar o amigo e ter com elle uma explicação.

Um dia que o esperou, propositadamente, junto d'uma esquina, Bob viu o seu velho amigo Dan ao canto da rua Chestnut e da 8.ª avenida. Bob deu um grande pulo para elle e n'um tom amigavel, bateu-lhe nas costas e gritou:

—Hulló, caro velhote, então como estás?

O pobre Dan, apesar de Bob lhe bater levemente, foi projectado ao meio da rua, espalhou-se sobre a lama em face d'um tramway, que mal teve tempo de parar para não o atropellar!

O jornalista, coberto de lama, levantou-se, vermelho de cólera, e n'uma linguagem sem amenidade exprimiu a Bob todo o seu descontentamento, declarando que não levaria muito tempo que não lhe partisse a cabeça, «de estupido e de burro»!

Bob, que era um velhaco, ria perdidamente, mas na mesma noite, quando no Green's bar, contava, talvez pela centesima vez, a «partida» que tinha feito ao seu velho amigo Dan, este entrou subitamente, sem que déssem por elle e deu em Bob um formidavel murro no ouvido!

Fitzsimmons cahiu e Dan safou-se com rapidez ao longo de Chestnut Street.

Levantaram Bob, levaram-no para o primeiro andar, e durante 10 minutos esfregaram-lhe o sitio do socco e fizeram-lhe respirar vinagre. Quando «voltou a si» Bob perguntou o que se tinha passado? Disseram-lh'o e elle commentou:

—Ora o diabo do velhote! Mas eu nunca julguei que tivesse força para dar um murro assim! E' levado do diabo!...

No dia seguinte, Bob mandou-lhe pedir desculpa e marcou-lhe um jantar. Dan foi um pouco receioso, tendo enchido as algibeiras com revolvers! Tudo se passou a bem e á noite os dois compadres afogavam em champagne o velho resentimento e perguntavam a Bob:

—E agora, Bob, o que fazes com Dan?

—Tudo por amizade, mas não quero brincadeiras com elle...

Noticias

ENTRE NÓS

Em Carcavellos inaugurou-se a patinagem ao ar livre

Na noite de sabbado ultimo inaugurou-se o recinto de patinagem ao ar livre, dos Recreios de Carcavellos. Foi uma animadissima festa a que concorreram mais de 500 pessoas de Carcavellos, Cascaes, Estoris, Lisboa, Bemfica, etc. Durante a sessão de patinagem, que durou até á meia noite, patinaram mais de 150 pessoas, n'uma movimentação continua. Depois seguiu-se o baile, no salão do club, que é tambem um excellente salão de patinagem em madeira. Acabou esta festa depois das 6 da manhã.

O novo «rink» será agora aberto todos os dias, com duas sessões, uma ás 12 e outra ás 20 horas.

EM TORRES VEDRAS

Inauguração do asylo Elias Garcia

Em Torres Vedras realisa-se na proxima segunda-feira, com a comparencia do sr. presidente da Republica, a inauguração official do Asylo Elias Garcia, preparando-se n'essa villa grandes festejos, cujo programma é o seguinte:

A's 5 horas, alvorada; ás 10, recepção na «gare» do caminho de ferro, á chegada do comboio extraordinario em que vão os srs. presidente da Republica, presidente do ministerio e ministros, grão-mestre da maçonaria portugueza, conselho superior da ordem, commandante da Escola de Guerra, viuva e familia de Elias Garcia, senadores e deputados pelo circulo, presidente e vereadores da camara municipal de Lisboa, presidentes das camaras do circulo de Torres Vedras, commandante geral da arma de engenharia, director geral da Assistencia Publica, provedor da Assistencia, representantes dos jornaes da capital; ás 11, cortejo até á camara municipal, onde serão dadas as boas vindas ao chefe do Estado, incorporando-se n'essa manifestação todos os representantes das camaras convidadas, com os seus estandartes, bombeiros voluntarios de Torres Vedras, grupo de Escoteiros, guarda republicana de infantaria e cavallaria, Associação de soccorros mutuos 24 de Julho, Misericordia de Torres Vedras, Casino, Gremio Artistico Commercial, Tuna Commercial Torreense, Sindicato Agricola, magistratura, alumnos do Instituto Polytechnico, philarmonica Torreense, bandas de marinheiros e da guarda republicana; ás 12, almoço no salão do hotel Natividade; ás 14, visita ao Asylo, sessão inaugural e descerramento do busto de Elias Garcia; ás 16, regresso a Lisboa do sr. presidente da Republica e dos convidados officiaes, no comboio extraordinario; das 17 ás 19 horas, concerto pelas bandas de marinheiros e da guarda republicana, illuminações das 21 horas em deante, fogo de artificio e continuação do concerto pelas bandas regimentaes.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

A crise de «chauffeurs»

Escreve-nos o sr. Eduardo O'Neill Miranda Baptista, presidente da Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal, pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. ministro do fomento para o seguinte:

A importação de automoveis, devido á conflagração europeia, está por assim dizer paralisada, luctando a classe dos *chauffeurs* com uma enorme crise. Pois, apezar d'isso, a *fabricação* de *chauffeurs* em todo o paiz é assustadora. A maioria das auctoridades conservam-se alheias ao assumpto, por negligencia, falta de conhecimento do que se passa ou por favoritismo.

Urge que se tomem as providencias devidas, não se passando cartas a esmo e não permittindo que possam exercer a profissão individuos que não apresentem a respectiva habilitação. O decreto de 27 de maio de 1911 é deficiente, mas mesmo assim applique-se rigorosamente, defendendo uma classe já hoje numerosa e attenuando a miseria com que ella lucta.

Expedicionario que pede trabalho

O sr. Fausto da Silva Figueiredo, soldado, hoje licenceado, da 4.ª companhia de infantaria 15, foi obrigado em setembro do anno passado a partir para a Africa, incorporado n'uma das primeiras expedições. Era ao tempo tipographo e teve de abandonar o seu emprego.

Quando voltou d'Africa requereu ao ministerio da guerra para ser admittido na Imprensa Nacional ou em outra qualquer tipographia do Estado, mas o seu requerimento não teve até hoje deferimento. Pede-nos elle que apresentemos o seu caso ao ministro da guerra, pois lucta com a miseria e não se importa trabalhar no que quer que seja.

No boudoir

Os banhos

Fiz aqui, ha poucos dias, a apologia da agua como grande auxiliar (talvez o maior) da higiene da saude e da belleza. Direi hoje em poucas linhas alguma coisa sobre os banhos mais salutares á conservação da juventude do corpo.

A's pessoas que tenham a pelle secca aconselho os banhos de amido. Os banhos d'amido limpam, branqueiam e suavisam a pelle.

Basta meio kilo d'amido para 40 litros d'agua. Para o tornar requintadamente suave junte-se no banho assim preparado 20 grammas de tintura de benjoin. Quem tomar (de preferencia as pessoas que hajam a pelle secca) durante 15 dias consecutivos estes banhos admirar-se-ha dos bellos resultados obtidos.

Para as pelles oleosas são utilissimos os banhos de semeas e os banhos amoniacaes bem como os de flôr de sabugueiro. O primeiro d'estes banhos obtem-se fervendo 2 litros de semeas em 5 ou 6 litros d'agua, coando esta por um panno, e mistura-se com 35 ou 36 litros d'agua simples.

Os banhos amoniacaes preparam-se adicionando amoniaco liquido á agua do banho 10 grammas para 3 litros. Estes banhos dissolvem as gorduras e branqueiam a pelle.

A quem soffre de borbulhas convém os banhos de carbonato de soda, 200 grammas para um banho de 50 litros d'agua.

Passamos agora ao nosso correio:

Rosinha. A «mascara de belleza» não pode ser applicada senão por profissionaes. Mande a leitora a sua morada que se lhe darão todas as indicações.

* * *

Luiza Lucia. Use a «loção Pompadour». Contrahe os poros, evita as rugas e faz desapparecer as sardas.

* * *

Bertha. Não se desconsole. Use o «depilatorios Pompadour». Destroe por completo os pellos.

* * *

Lidia. Para branquear sem se conhecer o artificio só o «Secret Pompadour».

* * *

Velha antes de tempo. Faça o tratamento pela «mascara» e verá que esplendidos resultados! Para os labios o «Creme labial Pompadour».

Maria Conti

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Maridos com sorte.

POLITHEAMA—A's 21—A amante de meu genro.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Ao correr da penna

Vem a proposito da carta de Guitry, de que hontem aqui publiquei alguns trechos, retomar aquelles considerandos que, n'esta mesma secção, fizemos ao rebentar da guerra. Qual vae ser a litteratura dramatica franceza na hora em que a Paz restituir á actividade todos os talentos a quem hoje apenas preoccupam as horas dolorosas que vão passando.

D'essa Renascença moral, que se succederá á dura prova, d'essas energias renovadas, da depuração dos espiritos parallela á sangria dos corpos, que novas fontes de inspiração vão brotar? Que maior respeito pela raça, pelas qualidades e forças vitaes tão esplendidamente demonstradas agora terão de sentir sem esforço aquelles que apenas colhiam para o theatro aspectos futeis e divertidos?

A nova vida ha de ter os seus poetas e a tarefa de glorificar a grande circumstancia—como lhe chama Guitry—estará muito acima dos talentos vulgares. Aquelles que poderão dizer alguma coisa não poderão dizer senão coisas grandes e a guerra ha de ter, entre outros, esse effeito grandioso: o de dignificar a arte do theatro.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Segundo consta, na futura epocha do Republica serão representados cinco originaes portuguezes.

● No Politeama, juntamente com a revista, ensaia-se *L'enjoleuse*, traduzida por Accacio Antunes com o titulo *Dichinha gata*.

● Ao que parece, o deputado Ramada Curto vae tratar na Camara dos deputados da questão do theatro Nacional.

● Foi posta de parte, por emquanto, a ideia de uma exploração do theatro da Rua dos Condes.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento associativo

Machinistas mercantes portuguezes

Para continuação dos trabalhos, reune a assembleia geral depois d'amanhã, ás 20 e meia horas, sendo a ordem da noite o numero 12 do programma de trabalhos.

Excursões e passeios

Aveiro—Lafões e Vizeu

Por iniciativa do Gremio Lafonense, instituição que em Lisboa occupa já um logar de destaque entre as suas congeneres regionalistas, realisa-se no dia 6 d'agosto uma excursão de propaganda á encantadora região de Lafões, uma das mais lindas e apreciaveis do paiz.

A excursão, até ao seu terminus, percorre toda a encantadora linha do Valle do Vouga, o que permitte aos viajantes admirarem os bellos panoramas da região. Os excursionistas poderão assistir aos festejos que durante trez dias, 7, 8 e 9, se realisam na villa de Vouzella, e que pelos programmas já elaborados promettem ser magnificos. Illuminações, danças regionaes, festas religiosas, arraiaes, ranchos alegres de moçoilas, darão aos excursionistas a ideia do caracteristico do povo beirão.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 26—Com uma casa cheia realisou-se hontem no theatro Portalegrense a «première» da «tournée» Chaby Pinheiro. A peça «O genro do sr. Poirier» agradou bastante, recebendo Chaby, que pela primeira vez visitava esta cidade, bastantes applausos.

Hoje sobe á scena a peça em 3 actos «O sr. Freitas», e ámanhã a comedia em 3 actos «As calças da auctoridade».

—Realisou-se hontem na rua Candido dos Reis a inauguração de um novo estabelecimento de mercearia, objectos para brindes e cervejaria, propriedade do sr. Celestino Ayres.

—Realisa-se no proximo domingo na praça de touros D. Luiz do Rego, d'esta cidade, uma corrida de garraios, em que tomam parte diversos aficionados d'aqui.

naturaes da região, eram unidos pelo desejo da desforra, e mais tarde, quando veiu a invasão allemã, quizeram que a gloria de a repellir lhes pertencesse.

A população e os corpos d'exercito da Lorena eram, por isso, uma unidade á parte. Foram collocados na vanguarda. D'elles dependia não só a sorte de Nancy e de Toul, mas a de toda a linha de fortalezas Verdun-Toul. Os allemães estavam já empregando desesperados esforços para se approximarem e, sendo possivel, romperem essa linha, mas Nancy, ou antes as entrincheiradas posições na sua frente fizeram-lhes quebrar muito da sua energia. Foi talvez uma fortuna para os francezes que fôsse com um exercito de campanha e não com uma fortaleza que o inimigo tinha de se haver n'esse ponto especial. Tal é a conclusão a que chega o correspondente especial do «Times» na fronteira leste de França ao escrever para o seu jornal:

«Quando Bismarck interveiu em 1874 para impedir a construcção de fortificações em redor da cidade, ameaçando repetir a guerra de 1870, estava, sem o saber, trabalhando mais contra os interesses do seu paiz do que a favor d'elles. Se Nancy estivesse cercada por uma fieira de fortes é quasi que certo que os francezes teriam recuado, pondo-se sob a protecção dos seus canhões, e que a cidade acabaria por ser tomada. Foi porque Nancy não poude e não podia confiar nos seus fortes que o avanço allemão levou um cheque n'esse unico ponto em toda a linha.

Mais ao sul o inimigo havia transposto a difficil barreira das montanhas dos Vosges e pelos desfiladeiros de Santa Maria, do Bonhomme e do Donon, assim como por outros tinha penetrado em territorio francez. Ao norte o resto da sua linha havia atravessado a Belgica e a França até Compiègne, d'onde depois havia recuado, a fim de cercar Nancy. E a desprotegida cidade, apesar de sobre ella se tentar avançar por tres lados, ao cabo de tres mezes não estava ainda tomada. E' uma das principaes lições da guerra».

A tranquillidade e a confiança da população da Lorena foram outra das maravilhas da guerra. A sua cidade foi atacada—e a phase mais aguda do ataque prolongou-se por tres semanas—por quatro lados simultaneamente. Nunca perdeu a coragem e mesmo quando as suas ruas e casas trasbordavam de fugitivos que ali se tinham vindo refugiar, e os seus hospitaes estavam cheios de feridos das arruinadas e incendiadas aldeias e dos feridos nas batalhas campaes a poucos kilometros de distancia, a vida da cidade continuou sem alteração.

Os habitantes da cidade, como o exercito que estava na sua frente, comprehendiam que deviam permanecer nos postos avançados e que assim cumpriam o seu dever para com a França. Tinham á sua frente dois homens excepcionaes, que operavam n'uma absoluta e completa unanimidade. Léon Mirman, caçador a pé e soldado-deputado por Reims, resignára o seu logar de director da Assistencia Publica em Paris para ir para Nancy occupar o perigoso cargo de prefeito de Meurthe e Mosella. O maire Simon, cuja nomeação datava do começo da guerra, fôra escolhido por unanimidade pelos seus collegas vereadores municipaes como o homem que melhor podia desempenhar esse logar n'aquelle momento. Foi devido em grande parte ao exemplo dado por esses dois homens que a população não desanimou e conservou sempre o seu bom humor atravez de todas as difficuldades e nos dias de provação, em que o inimigo lhe bateu á porta.

A' noite, como em Verdun, Commercy, Toul, Epinal e Belfort, muito pouca gente era vista nas escuras ruas. Mas de dia, a não ser pelos comboios de prisioneiros, de feridos e de abastecimento e pelo ininterrupto troar dos canhões, mal se diria que a cidade estava sitiada. Cada um occupava-se dos seus trabalhos, cada um fazia aquillo de que

Mas a primeira força que penetrou na cidade a 8 d'agosto constava apenas d'uma divisão e não tinha a força sufficiente para a tarefa que tinha de cumprir. No dia seguinte cahiu n'uma cilada que era de prever. Foi derrotada entre Mülhausen e a floresta de Hartz por um exercito muito mais forte do que ella, reforçado por tropas que haviam sido trazidas de Colmar, e ainda foi feliz em poder recuar para Belfort sem ter a retirada cortada.

Pouco, porém, se ganhou apparentemente com a invasão da Alsacia, excepto o excellente effeito moral produzido em toda a França ao vêr aquella parte das provincias arrebatadas mais uma vez occupadas pelos soldados da Republica. Houve, porém, um ganho real, com o qual o general Joffre tinha sem duvida contado. Mas elle tinha tambem em vista um simples objectivo militar, que escapou á attenção de muitos dos seus criticos. Esse objectivo é assim enunciado no summario acima citado:

«O fim das operações na Alsacia—especialmente o reter uma grande parte das forças do inimigo longe do theatro norte das operações—era para a nossa offensiva na Lorena poder proseguir ainda mais directamente, retendo o corpo de exercito allemão que operava ao sul de Metz. Essa offensiva começou brilhantemente a 14 d'agosto. No dia 19 chegámos á região de Saarburg e á de Elangs; occupámos Dieuze, Morhange, Delme e Château-Salins. No dia 20 o nosso avanço parou. A causa d'isso foi devida á forte organisação da região, ao poder da artilharia do inimigo, operando n'um terreno que havia sido minuciosamente estudado e finalmente ás faltas commettidas por certas unidades.

No dia 22, apesar do esplendido procedimento de muitos dos nossos corpos d'exercito, especialmente do de Nancy, as nossas tropas tiveram de recuar para o Grande Couronné emquanto nos dias 23 e 24 os allemães concentravam reforços—tres corpos d'exercito pelo menos—na região de Lunéville e nos forçavam a retirar para o sul».

Pouco se póde accrescentar a esta narrativa a não ser os factos principaes de que as unidades que commetteram faltas pertenciam ao 15.º corpo d'exercito—o qual mais tarde, porém, se distinguiu na Lorena e na Argonne—e que as tropas francezas que iam na frente se distanciaram de mais da sua artilharia. Isso foi um engano infeliz, como o foi a escolha d'um corpo de exercito recrutado no sul para formar a vanguarda, desde que das tropas que o compunham se não podia esperar que tivessem o mesmo especial interesse na reconquista da provincia que tinham as tropas naturaes da Lorena.

Todo o movimento foi executado com a maior bravura. Começou por uma série facil de victorias, até que o exercito invasor soffreu uma esmagadora derrota infligida por forças muito superiores. As perdas foram terriveis e a retirada que se seguiu foi a principio uma fuga, até que as tropas foram reunidas e apoiadas pelo 20.º corpo d'exercito e por outros regimentos de reserva, embora estes fôssem tambem obrigados a recuar para Nancy, dando-se um violento combate com a retaguarda. O triumpho dos allemães n'essa occasião foi completo.

O esforço para recuperar a perdida provincia terminára por um insuccesso e houve graves receios pela segurança de Nancy e, o que era ainda mais importante, pela de Toul. Uma unica vantagem fôra adquirida. A offensiva, como o general Joffre esperava, tinha feito com que permanecesse na Alsacia e na Lorena uma consideravel força allemã. Faltava saber se os exercitos dos generaes de Castelnau e Dubail eram assaz fortes para lhe resistirem.

A essa data—principio da quarta semana d'agosto—a lucta no resto da fronteira não era de grande importancia. Com o fim de evitarem o rompimento das hostilidades, os francezes, como já por mais d'uma vez dissemos, alguns dias antes da

Grande leilão judicial de livros

No dia 2 de agosto e dias seguintes pelas 11 horas, na rua Antonio Ennes n.º 11, 2.º, com a presidencia do Ill.mo juiz da 5.ª vara, será posta em praça e em lotes a rica livraria do grande bibliographo e eminente sabio Gonçalves Vianna. Existem obras raras e de grande valor scientifico. Tambem serão vendidas as estantes e demais mobiliario.

O solicitador — F. L. Méga

Tribunal do Commercio de Lisboa

2.ª VARA

No dia 29 do corrente mez, por 12 horas, á porta d'este Tribunal, ha-de proceder-se á arrematação, em hasta publica, de varios bens moveis e fazendas penhorados a Ignacio Xavier Carneiro & Mendes, successor Manuel Mendes, na execução que lhe move Firmino Ferreira Cabral, como concessionario de Joaquim Eduardo Leote,—os quaes vão pela segunda vez á praça.

São citados quaesquer credores incertos.

Lisboa, 22 de julho de 1915.

O Escrivão
Delphim A. Almeida
Verifiquei—O Juiz Presidente
S. Motta

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Estatutos de 30 de novembro de 1894

Sociedade anonima

Séde—Estação do Rocio—Lisboa

Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente annuncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do fallecido agente reformado Lourenço Manuel da Silva Rodrigues, ex-inspector do serviço de material e tracção, á pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do regulamento de 26 de maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento dos filhos legitimos, Lucinda Rodrigues, Cezaltina Rodrigues e Amelia Rodrigues.

Findo este praso será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos effeitos.

Lisboa, 13 de julho de 1915.

O secretario geral da Companhia
José Candido Freire

guerra rebentar, retiraram as suas tropas para alguns kilometros de distancia das suas fronteiras. Os allemães não seguiram esse exemplo e precipitaram o conflicto, enviando pequenas forças de patrulhas para territorio francez em tres ou quatro logares differentes (Longleville, Cirey e Pétit-Croix) antes da guerra ter sido declarada. Por consequencia, quando esta começou, elles estavam já em territorio inimigo.

Desde principio se manifestou logo a preparação allemã. Emquanto os francezes marchavam para leste, na fronte de Belfort, Epinal e Toul, as vanguardas dos exercitos de Strasburgo e Metz, sob o commando do general von Strantz e do principe real da Baviera, avançavam em direcção contraria para a França.

A 5, 6 e 8 d'agosto, ao sul do exercito que estava penetrando na Lorena allemã, elles bombardeavam e occupavam Cirey, Badonviller e Baccarat, tres pequenas cidades proximas da fronteira, e ao norte d'esta os canhões de St. Blaize, um dos fortes de Metz, bombardeavam Pagny-sur-Moselle e Pont-à-Mousson. Ainda mais ao norte, uma importante demonstração era feita pelo exercito de Metz, que occupou rapidamente Briey, Conflans, Mangiennes, Damvillers e Spincourt, chegando assim a cêrca de vinte e quatro kilometros de Verdun. Acima d'esta região, o exercito do principe real, que atravessára a fronteira do Luxemburgo proximo de Longwy — o que não poude, porém, fazer antes do dia 27—fez frente a uma offensiva franceza do Mosa n'essa região e levou os francezes adeante de si, atravessou o Mosa em Dun, a trinta e seis kilometros de Verdun e, fazendo um rodeio pelo noroeste da fortaleza, continuou a leval-os na sua frente, até tomar posição a leste entre Bar-le-Duc e a floresta da Ardenne, tendo na sua frente o exercito do general Sarrail ao longo da margem esquerda do Mosa.

Mais a oeste o exercito do duque de Wurtemberg, operando ao sul da direita do kronprinz, tinha tambem derrotado os francezes que avançavam do Mosa para as Ardennes e atravessára o Mosa mais abaixo, proximo de Mézières, e seguindo parallelamente ao curso do rio avançára e desenvolvera-se ao longo de uma linha fazendo frente ao sul entre a sua ala direita e Epernay.

Durante estas operações, os francezes obtiveram algumas victorias, pequenas, como em Dinant, onde o

Sir William Plender

corpo d'exercito do duque de Wurtemberg foi momentaneamente repellido, no dia 15 d'agosto, mas o facto era que haviam sido forçados a recuar.

O exercito especial da Alsacia retirára sobre Belfort e occupára o logar de parte do primeiro exercito para os lados do norte até Gérardmer, abaixo de St. Dié. O primeiro exercito, sob o commando do general Dubail, depois de occupar as cumiadas dos Vosges, fôra obrigado, em consequencia da derrota de Morhange, a [illegible] a fronte de Epinal e no [illegible] Vosges e no valle do Meurthe, até Baccarat, estava luctando com valentia para repellir os allemães. O general de Castelnau com o segundo exercito, cuja esphera d'acção, apoz a violação da Belgica, se estendera para oeste, desde o Mosella até Verdun, estava defendendo o Grande Coroado a leste e norte de Nancy contra alguns corpos d'exercito de Strasburgo e Saarburgo sob o commando do general von Strantz. Ao mesmo tempo estava fazendo frente á guarnição de Metz entre Pont-à-Mousson e Commercy—onde tinha o apoio da guarnição de Toul—e de Commercy para o norte, ao longo do valle do Mosa, passando St. Mihiel, até á sua esquerda, occupava as defezas da guarnição de Verdun.

A linha era d'ahi continuada pela força da guarnição d'esta praça, fazendo frente ao leste, norte e oeste da fortaleza e voltando para o sudoeste, onde se juntava ao terceiro exercito sob o commando do general Sarrail, agora costas com costas com a ala esquerda do segundo exercito no outro lado do Mosa, o qual, com o quarto exercito commandado pelo general Langle de Cary, estava sendo atacado pelas forças do kronprinz e do duque de Wurtemberg.

Em toda a fronte, portanto, excepto na parte mais baixa dos Vosges, a posição dos francezes era extremamente critica, especialmente nos logares onde haviam sido forçados a recuar—a sudeste, leste e norte de Nancy e entre Verdun e Reims. O modo como pouco a pouco obrigaram o inimigo a retirar e como os francezes procederam na defensiva foi um soberbo exemplo de coragem e resolução inabalaveis. Os desastres e as faltas do generalato, em vez de enervarem os francezes, davam-lhes novas forças e nova resolução. Desde o momento em que os exercitos sentiram que estavam em contacto uns com os outros e que cada vez mais formavam uma linha ininterrupta, com as costas contra a muralha, começaram vagarosamente a ganhar terreno em vez de o cederem.

Essa muralha não era uma figura imaginaria de rhetorica. Era a linha de fortalezas, abrangendo sessenta e quatro kilometros, ao longo do Mosa desde Verdun a Toul. Para os planos do generalissimo Joffre e para salvação da França essa linha não devia ser rôta. E só assim podia ser se toda a fronte na ala direita dos alliados se mantivesse firme. Essa linha estendia-se de Verdun até acima de Commercy, a alguns kilometros de Toul e a leste da linha Verdun-Toul, d'onde inflectia ligeiramente para dentro entre Nancy e Lunéville, antes de alcançar St. Dié.

Na fronte d'essa posição estava o solitario forte de Manonviller, a dezeseis kilometros de Lunéville, cuja guarnição, composta de 900 homens, se rendeu a 28 d'agosto apoz dois dias de bombardeamento por dois canhões austriacos de 305, que estavam em Avricourt, na fronteira. Muito se falou a respeito d'essa rendição; o que parece provado sem contestação é que o forte estava em ruinas, que os seus canhões nunca deram fogo, que a guarnição apenas perdeu quatro ou cinco mortos e feridos e que a communicação telephonica com Toul fôra cortada no principio do bombardeamento—uma serie de circumstancias que offerecem um contraste muito pouco lisonjeiro comparando-as com as defezas do forte Troyon e de Longwy.

Embora Manonviller não cahisse mesmo seis dias depois da occupação de Lunéville, quando os principaes exercitos allemães estavam já a muitos kilometros mais a oeste, não poderia deter o avanço do inimigo. O principal apoio de Nancy consistia nos exercitos de campanha dos generaes de Castelnau e Dubail. As tropas que os compunham eram das melhores da França. Tanto pelo seu treino, como por tradição eram a força da fronteira da Republica. Em tempo de paz occupavam o posto de honra ao longo da vulneravel linha fronteiriça entre Metz e os Vosges, sempre preparadas para a guerra, como os seus antecessores, de geração em geração.

Muitos dos melhores generaes francezes haviam feito o seu noviciado n'esses famosos corpos de exercito e sempre, desde 1870, officiaes e soldados, quasi todos elles

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1789 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 29 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A eleição presidencial

Iniciam-se «démarches» para que o novo chefe do Estado seja eleito por unanimidade

A reunião do Grupo parlamentar democratico, realisada hontem á noite, decorreu muito acaloradamente. Tratava-se de escolher o candidato á presidencia da Republica, devendo o assumpto continuar a ser apreciado hoje, em nova reunião.

As sympathias da assembleia inclinavam-se para duas altas individualidades da Republica, tendo sido postos de parte outros nomes apontados nos jornaes como provaveis candidatos. Uma d'aquellas individualidades, porém, que exerce hoje uma elevada missão diplomatica, parece não ter dado ainda a garantia de aceitar a candidatura, na qual pensam alguns elementos do partido democratico e todos os parlamentares da União Republicana.

O sr. dr. Alexandre Braga, na reunião d'hontem, accentuou que deviam empregar-se todos os esforços para vêr se era possivel eleger por unanimidade o novo chefe de Estado. A tal proposito se tinham já realisado «démarches» com representantes dos partidos evolucionista e unionista, não podendo affirmar-se ainda qual o seu resultado definitivo porque outras negociações estavam pendentes sobre o mesmo assumpto.

Quanto aos parlamentares evolucionistas, votam no sr. Guerra Junqueiro apenas para exprimirem, por esse modo, a admiração que lhe consagram, pois sabem que s. ex.ª não deseja ser eleito, como já a «Republica» affirmou em termos cathegoricos. Feito o primeiro escrutinio, se nenhum candidato obtiver os dois terços de votos marcados na Constituição, consta que os parlamentares evolucionistas votarão no segundo escrutinio n'uma alta individualidade que tem probabilidades de ser eleita e que foi indicada hontem na reunião democratica. D'esse modo, os evolucionistas querem contribuir para que o novo presidente da Republica não seja eleito apenas pelos votos d'um partido, dando-lhe o seu apoio para que elle possa considerar-se, de facto, eleito pela vontade dos representantes d'uma grande maioria da nação.

Tambem se affirmava hoje que o sr. dr. Affonso Costa irá ao Congresso no dia 6, pela primeira vez após a sua doença, para votar na eleição do presidente da Republica.

Poeira da Arcada

Pela primeira vez, em edificio do Estado, se pagou aos operarios a gratificação chamada do pau de fileira, que todos os particulares pagam de bom grado. Inaugurou-se hoje a boa pratica nas obras da escola primaria de Alcantara, cujo projecto pertence a Raul Lino. Tão bom exemplo é digno de imitação. O Estado não fica assim nem mais pobre nem mais rico, mas torna-se mais sympathico — elle que ordinariamente prima em modos bruscos e n'uma avareza que só se amacia com certos cantos de Sereia tentadora.

* * *

Não sabiamos que a camara do Porto consagrára uma verba bastante avultada para organisar seis jardins-escolas. Louvamos tão rasgada como intelligente iniciativa. Quando dissémos que, entre nós, só existiam uns cinco ou seis, pensavamos nas que a febre pedagogica de João de Deus Ramos construira ou se propunha construir, com o auxilio de municipios e particulares.

* * *

O movimento a favor da causa dos alliados parece que vae dar alguma coisa de si. Pensa-se a serio na publicação de um manifesto que traduza, perante a opinião internacional, o verdadeiro sentir da intellectualidade portugueza. O facto não se limitará a pôr em transito alguns periodos de cordealidade banal, mas sim a affirmar os direitos inauferiveis da alma latina.

* * *

Um jornal austriaco, Neue Freie Presse, referiu-se em termos taes ao afundamento de navios italianos, no Adriatico, e ao regabofe de carne humana que os piratas apanharam, como consequencia d'isso, que até a imprensa allemã affastou o rosto horrorisada. E' que a brutalidade, quando excede os limites que a tornam querida dos barbaros, surge tão monstruosa que estes mesmos reconhecem que até no mal ha numero, proporção e medida.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

VIDA ARTISTICA

UM MUSEU DE MOBILIARIO

vae ser installado no Palacio de Queluz, tendo annexa uma aula de entalhador

As pessoas que viajam na linha de Cintra, sem a preoccupação unica de desfructar a frescura da paisagem d'esse pittoresco logar e que por isso dividem em *étapes* a sua excursão, visitando no percurso, ainda, o historico mosteiro de S. Domingos de Bemfica, o precioso Palacio de Queluz, devem, dentro d'um prazo relativamente curto, encontrar mais um motivo de justificação a uma demorada paragem. Um novo museu vae ser installado no sumptuoso *Trianon* da linha de Cintra, destinado a recolher o mobiliario artistico, recolhido nos paços, residencias reaes ou episcopaes d'este paiz. Todo esse material, actualmente archivado, de que se faz um repositorio interessante no Palacio de Queluz, já admirado pelos raros visitantes d'esse magnifico monumento architectonico, será augmentado de forma a valer, por si só, uma excursão.

O ministerio do fomento officiou, n'esse sentido, ao conselho d'arte e archeologia, que actualmente funcciona com a designação de Conselho Superior de Bellas Artes, o que sobre o assumpto tem especial ingerencia, sollicitando-lhe as necessarias indicações para a sua definitiva organisação. Por proposta do vogal sr. Ventura Terra o referido conselho determinou que o Palacio de Queluz fosse reservado a Museu de Mobiliario, destinando-se especialmente aos exemplares do seculo *XVIII*. O mesmo illustre artista apresentou a proposta, sanccionada pelo conselho, para que annexa ao museu se installasse uma aula de entalhadores e decoradores, sendo a direcção do curso e do museu confiados a um esculptor que se houvesse já dedicado á especialidade. Assim, o futuro director do museu e professor da aula de entalhadores, de accordo com o architecto encarregado da restauração do edificio, executariam as precisas restaurações no mobiliario e salas do Palacio.

Para assumir a direcção do Museu de Mobiliario, que ficará sob a intendencia do Museu d'arte antiga, indigita-se, no meio artistico, o distincto esculptor sr. Costa Motta.

EM TORNO DA GUERRA

Quando terminará o conflicto?

A acção dos ferroviarios francezes

Um collaborador do «Pennsylvania Magazine», o coronel Harrison, faz na mencionada revista as seguintes previsões ácerca da guerra:

«Julho:

Frente occidental: Mudança alguma. Frente italo-austriaca: desenvolvimento da frente italiana, o que obriga o inimigo a dobrar as suas forças.

Frente oriental: Grande offensiva allemã perto de Varsovia. Retirada dos russos na Polonia.

Frente turca: Progressos lentos nos Dardanellos, na Armenia e na Mesopotamia. Intervenção da Italia nos Dardanellos.

Agosto:

Frente occidental: Mudança alguma. Augmento do emprego das munições. Extensão da frente ingleza.

Frente italo-austriaca: cerco de Trieste e de Pola.

Frente oriental: A offensiva allemã suspende-se por falta de soldados. Ataques locaes dos servios. Organisação da nova liga balkanica. Intervenção da Romania.

Frente turca: Intervenção da Bulgaria.

Setembro:

Frente occidental: Ataque geral dos allemães no norte. Emprego colossal de munições.

Frentes italiana e oriental: Estabelece-se uma ligação entre as frentes meridionaes (Italia-Servia-Romania), offensiva geral contra a Austria. Avanço dos russos nas duas alas.

Frente turca: Esmagamento da Turquia. Queda de Constantinopla. Abertura dos Dardanellos.

Outubro:

Frente occidental: E' detida a offensiva allemã. Progressos rapidos da offensiva franceza até á linha Ostende Maubeuge-Ardennes, Luxemburgo, Metz e Strasburgo.

Frente russo italiana: Retomada da Galicia pelos russos. Invasão da Hungria por trez lados differentes. Fuga do governo austriaco para a Allemanha. Retirada dos russos na Courlandia e na Prussia Oriental.

Frente turca: Fim da guerra com a Turquia. Uma grande parte do corpo expedicionario regressa á Europa.

Novembro:

Frente occidental: Os allemães são de novo repellidos. A sua frente é rota em varios pontos.

Frente russo-italiana: Retirada dos allemães na Polonia. A Silesia é evacuada. Invasão da Allemanha.

Dezembro:

Frente occidental: Os francezes avançam até o Rheno. Fim das hostilidades.

Frente russo-italiana: A Allemanha pede um armisticio.»

A «Gazeta de Francfort», transcrevendo este artigo do «Pennsylvania Magazine», acompanha-o do seguinte commentario:

«Podemos aguardar tranquillamente os acontecimentos e com facilidade tanto maior quanto é certo que os francezes não irão até o Rheno e Francfort não será honrada com a sua visita.»

* *

Em França, não só os mobilisados que se encontram na frente servem o paiz com dedicação e enthusiasmo incomparaveis. Os mobilisados das fabricas, dos caminhos de ferro e dos correios e telegraphos teem trabalhado tambem na obra da defeza nacional, de maneira a merecer a admiração e o reconhecimento dos seus compatriotas.

Vejamos os serviços dos ferro-viarios:

Logo no mez d'agosto, só a rede do Este poz em movimento 12.300 comboios militares. Um jornalista que procedeu a um inquerito veiu a averiguar que houve machinistas que durante sete dias consecutivos conduziram sem repouso as suas locomotivas. De então por deante não só as horas de trabalho augmentaram muito, mas os dias de descanço tornaram-se raros. Os agentes do serviço activo apenas teem um dia de repouso por mez. Os operarios das officinas e dos depositos trabalham egualmente nos domingos e dias feriados. Aboliu-se para todos o regulamento do trabalho. Deixaram de ser empregados de companhias para se tornarem soldados da nação. As companhias de caminhos de ferro puzeram á disposição dos exercitos todo o pessoal de que podiam dispôr.

Este esforço foi largamente completado pelo Estado que não receou privar-se de vinte mil dos seus ferro-viarios, com risco de comprometter a regularidade do trafico no momento difficil de renascer a actividade economica que procederá a desmobilisação.

A prova de que se não póde ir mais longe n'esse caminho está em que, segundo se assegura, o Estado foi obrigado a sollicitar o regresso d'uma parte do seu pessoal. O fabrico intensivo de munições tambem forçou a chamar os operarios metallurgicos dos caminhos de ferro actualmente mobilisados.

O total das subscripções recolhidas pela União nacional dos ferro-viarios francezes eleva-se a cerca de trez milhões de francos, dos quaes quasi um milhão foi dividido entre as obras de interesse geral.

Centenas de ferro-viarios mobilisados teem cahido no campo da honra. A União trata de obter fundos destinados a soccorrer as viuvas e os filhinhos d'esses heroicos soldados e, na distribuição dos soccorros não se esquece das familias dos ferro-viarios belgas a quem a perda dos seus chefes tambem cobriu de luto...

A CARESTIA DA VIDA

Os trabalhadores ruraes na reunião de S. Carlos

O fomento agricola e a transformação do Alemtejo

A proposito de haver quem considere descabidas as assembleias populares do caracter d'aquella que se tem reunido em S. Carlos vem contar um episodio curioso dos muitos que esmaltam a historia da dictadura Pimenta de Castro, qual d'elles o mais interessante e mais digno de ser archivado.

Sob esse decantado governo, sempre que se solicitava o seu estudo, o seu patrocinio ou o seu despacho relativamente a assumptos de fomento, obtinha-se como resposta que a occasião era a *menos azada*, que a guerra absorvia todos os cuidados e constituia a preoccupação de todos os momentos e que só quando ella terminasse possivel seria abordar e resolver taes questões. O mesmo governo Pimenta de Castro, quando lhe falavam na guerra e na necessidade e vantagens da nossa cooperação, respondia que outros problemas solicitavam as suas attenções, como os de fomento, etc., e com semelhantes habilidades ia vivendo sem maior incommodo ou, para melhor dizer, sem abandonar o commodismo, o «dolce far niente» que tão cultivados são na nossa terra...

Os censores da assembleia de S. Carlos podem considerar-se como fazendo parte do numero dos que não fazem nem deixam fazer. A opportunidade da reunião popular justifica-se com a excepcional importancia do problema cuja solução é necessario procurar com empenho e que seria perigoso continuar protelando. Os que se encontram investidos em mandatos que o povo lhes conferiu ainda não deram mostras de verdadeiro zelo e de tenacidade indispensavel na questão da carestia da vida? Mas, admittido que as tivessem dado, que mal pode provir da collaboração que lhes prestam as classes representadas na reunião de S. Carlos e que, conhecedoras das suas proprias necessidades, formulam aspirações não de acaso, mas baseadas sobretudo na longa e dura experiencia? Assembleias como a de S. Carlos significam um protesto e uma reacção contra a pecha do commodismo. Acabem os commodistas, onde elles nunca deviam ter entrada ou assento, e taes reuniões serão mais difficilmente justificaveis...

* *

Qual é a opinião dos trabalhadores ruraes ácerca da necessidade do fomento agricola e o que pensam elles dos resultados da assembleia popular de S. Carlos?

Foi esta a pergunta que dirigimos ao sr. Candieira, delegado dos trabalhadores ruraes de Evora á reunião motivada pela crise das subsistencias, o qual com a franqueza, a simplicidade e a bonhomia da gente do povo assim respondeu sem uma hesitação:

—A realisação d'esta assembleia popular colheu-nos de surpreza. Sobre os seus effeitos não posso ainda pronunciar-me. Confeccionámos muito á pressa uns trabalhos que apresentarei logo que o julgue conveniente.

«Quanto ao importantissimo problema do fomento agricola e da colonisação do Alemtejo concordo com o que se tem dito na imprensa, mas cumpre-me accentuar que entendo que aos trabalhadores ruraes deve ser dada uma preparação racional, que os integre nas ideias modernas. Sem ella nada podem fazer. A irrigação do Alemtejo transformaria a maneira de ser agricola d'aquella região, cuja riqueza é principalmente constituida pela cortiça e pelos cereaes. Os meus conhecimentos praticos e theoricos não são muitos; penso, no emtanto, que os terrenos incultos devem ser expropriados pelo Estado e as terras distribuidas aos trabalhadores ruraes, juntamente com as sementes e as alfaias agricolas. Elles pagariam a terra e tudo quanto o Estado lhes viesse a fornecer por meio de annuidades até se libertarem dos encargos assumidos.

«Admittida a possibilidade da irrigação, que custará muitos milhares de contos, parece-me que os valles dos terrenos arenosos podiam aproveitar-se para a cultura do arroz e as planicies para a cultura do trigo, centeio, cevada e legumes, onde seja possivel cultival-os. A vinha n'estes terrenos deve ser plantada sem restricções, aproveitando a uva e os móstos concentrados na alimentação publica, dada a tendencia frugivora que se vae notando entre nós. Os terrenos restantes, menos accessiveis a culturas de qualquer especie, devem ser povoados de pinheiros, que ali nascem espontaneamente, e ainda de oliveiras e de sobreiros que são de muito rendimento. Nos outros terrenos mudar-se-hia a cultura de extensiva para intensiva e volver-se-hia a terra até uma profundidade conveniente. A selecção de sementes, os bons adubos, as machinas agricolas mais perfeiçoadas completariam a obra que deve fundamentar-se na instrucção agricola—convém repetil-o—a ministrar aos trabalhadores...»

Interrogámos tambem o sr. Candieira relativamente á organisação associativa dos trabalhadores ruraes.

—Devido a causas que me abstenho de apreciar—respondeu-nos o delegado, eborense—poucos são os ruraes que sabem e podem trabalhar vantajosamente no movimento associativo. A remoção d'essas causas ha de fazer-se e as coisas mudarão de aspecto. Nos primeiros tempos da organisação associativa dos ruraes fez-se activa propaganda revolucionaria, mas semelhante orientação modificou-se, predominando hoje o criterio evolutivo. Por via d'elle, desejamos encorporar-nos nas phalanges operarias que reclamam, d'um modo pratico, que se lhes faça justiça e se lhes facilite a conquista do bem estar...

Pelo telegrapho

O sr. Asquith e o «desfecho triumphal da lucta»

LONDRES, 28.—Camara dos communs.—O sr. Asquith, ao propôr hoje o encerramento das camaras até ao dia 14 de setembro, prestou homenagem á magnifica resistencia dos russos, felicitou-se pelo avanço italiano e mostrou a fraternidade dos exercitos franco-inglezes, cuja confiança na victoria é maior que nunca. Em seguida, o primeiro ministro incitou o parlamento e o paiz a conservarem o espirito de energia e de determinação que lhes permitta perseverar até ao desfecho triumphal da lucta.—(*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 28.—Official.—Na Carnia repellimos um ataque em Passo del Cacciatore.

Em Palpiccolo tomámos algumas trincheiras ao inimigo. No Carso reforçámos as posições já conquistadas e realisámos novos progressos.

No dia 26 aprisionámos 102 officiaes inimigos.—(*Havas*).

Um submarino francez afundado?

PARIS, 29.—Segundo communicação da marinha, a esquadra dos Dardanellos está sem noticias directas do submarino francez *Mariotte*, que entrou no estreito no dia 26 do corrente de manhã para proceder a operações no Mar de Marmara.

Segundo telegrammas turcos, o *Mariotte* foi afundado e feitos prisioneiros 31 officiaes.—(*Havas*)

OS NOSSOS POETAS

"Cantigas leva-as o vento"

Quadras de Vicente Arnoso

O Vicente—que nós, na intimidade, já não sabemos designal-o senão assim, *tout-court*—é um dos raros sobreviventes d'essa bella e magnifica geração coimbrã de bohemios intellectuaes, eternamente moços e infinitamente poetas, almas repletas de delicadeza e de ternura em que, por assim dizer, se sublimaram as tendencias artisticas a que sóe chamar-se o romantismo do povo portuguez. Um dos raros sobreviventes... Poucos são, com effeito, os que, d'esse tempo, não morreram já: uns sepultados na politica, outros na burocracia, nos escriptorios, no esquecimento, no tumulo. E' por isso que só de longe em longe occorre falar-se ainda n'esse brilhante cenaculo que ha quinze ou dezoito annos marcou, na tradicional cidade universitaria, a ultima manifestação de arte e de bohemia espiritual de uma academia.

Cae-me sob os olhos, n'este momento, o seu recente livro: *Cantigas leva-as o vento*... São versos de amor e de saudade. Possuem o sabor e a forma das redondilhas simples, preciosas de intuição e de sentimento, com que esse grande poeta anonimo, o povo, tem enriquecido cancioneiros e *folklores*.

E' precisamente essa simplicidade que me encanta ao abrir as folhas do volume, delicadas como as de um breviario. Cada uma traz a sua quadra, e teem tal caracter de espontaneidade esses versos que basta lel-os uma vez para ficarem gravados na memoria, fazendo-nos vibrar a alma com a doce emoção de quem, por noites calmas e luarentas, escutasse ao longe a voz das raparigas cantando nas desfolhadas de agosto.

> O amor é tal um rio
> Sempre a correr para o mar,
> Nunca se fica nem pára,
> Com pressa de lá chegar.

Versos de amor e de saudade. Tanto a saudade como o amor são os motivos predilectos da musa popular, que o poeta elegeu como sua dilecta inspiradora. Por vezes, atravez da singeleza da fórma entrevê-se o conceito de deliciosa originalidade:

> E' como a lenha queimada
> Dos velhos o coração,
> As cinzas são as saudades
> Dos tempos que já lá vão.

A' medida que vou folheando o volumesinho, maior encanto me prende cada vez mais a esses versos. São cento e vinte estrophes, e cada uma d'ellas um poema. N'uma quadra ha um idilio, n'outra uma elegia, n'outra, ainda, uma tragedia:

> Perdeu-te um beijo, e ficaste
> N'esta vida desgraçada,
> Quanto maior tu não foste
> Do que muita gente honrada.

A mulher, sempre respeitada seja qual fôr a sua condição, constitue tambem uma notavel caracteristica da poesia popular. Elogia-se a mulher, porque é bella, lamenta-se, porque é triste, acarinha-se, porque é infeliz. Se é culpada, não ha cavalheirismo lusitano que não tente attenuar quanto possivel a sua culpa.

> Quanta mulher desgraçada
> Inspirando maldição
> Se vende apenas, p'ra dar
> Aos filhinhos o seu pão.

E a resignada doçura d'esta quadra, cheia de harmonia, modelar, sob todos os pontos de vista?

> Que Deus soffreu é bem certo,
> Era bom, assim o quiz;
> Eu não quiz e fui soffrendo
> Por todo o bem que te fiz.

Mais algumas quadras, escolhidas ao acaso d'entre as mais belas:

> Eu só conheço um amor
> Amor grande e verdadeiro,
> São todos o mesmo—os outros,
> Só um destaca—o primeiro.

> Um amor de Mãe faz falta,
> Tanta falta, meu amor,
> Que só quem perdeu a Mãe
> Lhe sabe dar o valor.

> Se as mulheres fossem todas
> Como és, que o sei eu,
> Havia tudo na terra,
> Não tinha valor o ceu.

> Os seus olhos são tão lindos
> Que me lembram, não sei bem,
> Se a mão de Nosso Senhor
> Se a minha mãe, que Deus tem.

Lê-se o livro, assim, como quem ouve cantar. A terna melancholia que de essas paginas se evola faz-me pensar n'uma das epochas mais gratas da minha existencia nos tempos longinquos da vida de estudante, nas cantigas á desgarrada ao longo do Mondego, o luar filtrando-se atravez dos arvoredos do Choupal, as capas ao vento, o coração ao largo...

Tudo isso eu evoco lendo estes versos que me parecem echos d'esse tempo, e que espero ainda ouvir um dia, incorporados na tradicção popular, cujos sentimentos tão fielmente traduzem. *Cantigas leva-as o vento*... O symbolismo do titulo é que não corresponde ao destino do livro, porque é dos que, indubitalmente, hão de ficar.

Hermano Neves.

No Liceu Maria Pia

A visita do ministro da instrucção á exposição de artes applicadas

A's 13 horas, como estava marcada, realisou-se a visita do sr. dr. Lopes Martins á exposição de artes applicadas do Liceu Maria Pia. O sr. ministro da instrucção fazia-se acompanhar do chefe da secção pedagogica do seu ministerio, sr. Augusto Forjaz e dos seus secretarios, sr. dr. Augusto de Mascarenhas e Antonio Mantas. Foi recebido á porta do Liceu pelo reitor, sr. Caetano Pinto, e demais corpo docente.

Levado em primeiro logar á reitoria ali lhe foram apresentados todos os professores e professoras, com os quaes o sr. dr. Lopes Martins se photographou, dirigindo-se seguidamente para a sala das exposições, que fica no andar nobre do edificio.

A encantadora exposição d'artes applicadas prendeu por vinte minutos a attenção do ministro, que admirou a perfeição artistica de alguns dos trabalhos expostos. Realmente, todos elles são de uma inexcedivel correcção, bem denotando o zelo e proficiencia dos respectivos professores. Assim, na secção de rendas, encontra-se, por exemplo, um lindissimo leque verdadeiramente artistico, em tulle e lantejoulas, feito pela alumna do 4.º anno Ermelinda Baião, e renda de bilros, feita pela alumna Ermelinda Trigo de Brito, tambem da 4.ª classe, trabalhos executados sob a direcção da professora D. Maria Elisa dos Santos. Ha ainda, merecendo especial menção, uma almofada bordada a matiz e ouro pela alumna D. Carlota Carias de Almeida, com as côres artisticamente matisadas.

Nos trabalhos em sola distinguem-se os das alumnas Luiza Roldão e Ceu Bessa, modelados a ferro, vendo-se nos trabalhos em sola e cobre um lindo quadro da alumna Caeiro e um outro, modelação e pintura japoneza pela alumna Luiza Roldão, de grande perfeição. Nos desenhos á penna salientam-se os das alumnas Bertha Maria, Hyde Ribeiro e Ilda Alves, tudo sob a orientação da professora D. Maria do Ceu Bessa. Nos desenhos a lapis, do professor Miranda Lemos, ha um optimo estudo da alumna Carolina Rodrigues Cardoso, do 2.º anno, e uma lindissima cabeça de velho da alumna Jeronima do Carmo Godinho Vinagre, tambem da 2.ª classe.

Ao centro da sala vê-se uma linda *corbeille* feita pela alumna Ceu Bessa, e um taboleiro de prata da mesma alumna, que já obteve o 2.º premio na recente exposição da Cooperativa Militar e que foi pela auctora offerecido á associação do Liceu.

Além dos trabalhos expostos, que sobem a algumas centenas, as alumnas do Liceu Maria Pia fizeram mais quatrocentos abafos que foram offerecidos, por intermedio do ministerio da instrucção, aos nossos soldados expedicionarios ao sul de Angola.

Ao terminar a sua visita, o sr. dr. Lopes Martins salientou o quanto de progressivo se nota nos trabalhos d'aquella exposição, que, honrando os

Producção litteraria

Assombra-se madame Z, na remota aldeia de onde me escreve, da actividade immensa dos nossos homens de lettras. Tambem eu, minha senhora, e estou aqui tão perto d'elles. O nosso bom Portugal é uma doce terra, sobre todas abundante e fecunda, onde não ha pequenas coisas nem coisas diminutas. Nunca se abre uma fonte para alimentar um bairro mas para inundar uma provincia. Um campo semeia-se, e não se espera colher n'elle alguns ramos floridos, mas uma floresta espessa. Contrahe-se uma divida e opera-se uma ruina; projecta-se uma guarita e exige-se um palacio. O homem de lettras é, assim, uma creatura mediocre quando nos dá uma só obra, e ninguem se resigna a ser mediocre pelo consenso geral. Para o não ser, trabalha; trabalha com febre e com delirio, e quando não produz pelo menos um volume por mez, não tem cumprido o seu programma. Sem duvida, eu preferiria, e madame Z tambem, que em vez de doze maus volumes tivessemos um só, bom. Mas o nosso homem sabe o que vale, e como não desconhece que Erasmo durante uma viagem meditou o «Elogio da loucura», que é uma obra eterna, propõe-se ultrapassar Erasmo e escreve sem meditar. Devemos condemnar esse soberbo esforço? Não. Eu não tenho nenhum esforço por condemnavel, porque todo o esforço é penoso, e penar é purificar. Foi o esforço para ser grande que tornou grande a Allemanha, embora o esforço para ser maior a conduza á reducção. Eu tive um tempo em que a julguei tão prodigiosa que só a via em collossal, e foi cruel a minha decepção quando entrei em Berlim e não vi os alfinetes do tamanho de cavilhas.

Entretanto, todo o excesso de esforço, como todo o excesso de actividade, me perturba, e não sei por que phenomeno psichico tenho a impressão de que trabalhar de mais é produzir de menos. A' confirmação d'esta impressão cheguei, ainda um dia d'estes, em casa de um editor meu amigo. Vi-o na attitude meditativa de um pescador de linha, lastimar a sua sorte, como nunca Marius (Caius) a sua chorararia. Disse: não se vende um livro. O papel subiu a um preço que o colloca muitas vezes em circumstancias de valer mais do que o embrulho. Auctores consagrados são lançados no mercado como pedradas n'um rio; Só se ouvem ao bater na agua, depois ninguem as lembra. Com esta indifferença toda, é claro, o meu amigo editor está rico e os auctores vivem na penuria. Mas não impede que seja muito lamentavel a indifferença que elle aponta pelo livro, seguramente o melhor companheiro do homem, depois da mulher.

Como madame Z, averiguei que a producção litteraria e a febre da publicidade assumiam proporções delirantes. O meu amigo tinha as suas montras, as suas estantes, o seu balcão, inteiramente invadidos de producção espiritual. Era, como se diria no Brazil, litteratura—em penca. Folheei muitos d'esses livros. Abundantes prosas e muitissimos versos. O meu amigo editor tem um horror supersticioso pelos livros de versos. Porquê? Não sei. Camões não é immortal pela sua prosa, mas pelos seus versos. Para contar o muito que Laura lhe deu volta ao miolo, Petrarcha alinhou mais palavras do que o sr. Ventura Terra alinhou tijollos, e foi glorioso. A poesia, se é em muitos casos exterminadora, é muitas vezes generosa. O velho Hugo demoliu em verso Napoleão III, mas o nosso Junqueiro matou a sêde ao Ceará dando-lhe versos a beber. Porque é que o meu editor tem tanto horror ás vibrações da lyra? Repito: não sei. A verdade é que falar-lhe em livros de versos é o mesmo que falar-lhe no sr. Antonio José d'Almeida ou no sr. Brito Camacho: transtorna-se, perde a serenidade e vae ás do cabo. No emtanto, como é que se publicam tantos livros de versos? E' um problema que não julgo inutil esclarecer.

De um modo geral, só escreve em prosa quem tem alguma coisa que dizer. Aquelles que dizem alguma coisa em verso são muito raros, e, quando escrevem alinhado, ou o fazem por habito ou ainda por um resto de vaidade romantica em se ouvirem designados por poetas. Esta arte de dizer alguma coisa em verso era de antes bastante difficil. Mesmo para não dizer nada era preciso dispôr de alguma habilidade, empregar um certo esforço, contar syllabas pelos dedos, ter mais cuidado em pescar a rima do que a ideia, e ser muito rigoroso na simetria das disposições, a fim de não passar por ignorante aos olhos dos entendidos. Hoje, com o espirito de simplificação que tudo invade, não é preciso nada d'isso. Tenho lido alguns versos que podiam continuar a chamar-se prosa. Porque se lhe chama versos? Possivelmente pela mesma razão por que ao cosimento de chá se fica chamando chá, emquanto que a um cosimento de gallinha se fica chamando canja.

Para fazer versos hoje não é preciso haver nenhum trabalho. Pega-se n'um poeta para fazer um poema como se pegava n'um buraco para fazer a peça de artilharia; dá-se-lhe tinta, papel, penna, e diz-se-lhe: Escreva! Qualquer outro perguntaria: O quê? Este não tem curiosidades, nem lhe são precisas, e começa a dispôr palavras em linhas, umas vezes mais compridas, de lado a lado, outras mais curtas, e sempre umas por debaixo das outras,—ou vice-versa. A primeira linha é logo o primeiro verso, e a primeira folha o primeiro canto. Apenas haja um caderno inutilisado ha um poema feito. O que diz? Nada, e tanto basta a constituir a melhor das qualidades para ser admirado. A admiração está na razão directa da incomprehensão, e não [illegible] inversa do quadrado [illegible] para não fazer concorrencia ao [illegible]ta. Admirar é, em consequencia, o contrario de comprehender, e o escriptor—dizia-me ha dias o meu caro Anthero de Figueiredo—é tanto mais admirado quanto mais nebuloso fôr. Por isso, eu sei tantos escriptores rebuscam vocabularios poeirentos como quem procura cacos de faianças velhas e não hesitam em exhibir entulheiras, comtanto que lhe sintam reflexos.

Emfim, o poeta, que se sabe admirado porque ninguem o entende, (nem elle), impõe a sua obra e logo ouve: «Admiravel! Soberbo! Prodigioso!» e é uma gloria feita, emquanto o meu velho editor melancholicamente e obstinadamente persiste em detestar os livros de versos. Naturalmente, occorre perguntar: Porque os edita? Aqui é que está o segredo: porque lhe pagam as edições!

Que [illegible] a minha querida madame Z? Não tem explicado o phenomeno da actividade litteraria que tanto a surprehende? Se não tem, confesse ao menos que já sabe porque é que o papel subiu tanto de preço.

Guedes de Oliveira

alumnos, devo justificadamente orgulhar os professores. Recorda a gentil offerta dos abafos que mãos pequeninas manufacturaram para os nossos soldados, e, felicitando a todos, do coração se congratula pelo progressivo exemplo do Lyceu Maria Pia, a cujo corpo docente dá os parabens.

O ministro visitou depois os laboratorios de phisica, sciencias e chimica, louvando e enaltecendo a boa ordem e esmero em que os encontrou, retirando do Liceu já depois das 14 horas.

A' sahida foram-lhe levantados vivas pelo reitor do Liceu, a quo o sr. dr. Lopes Martins correspondeu levantando um viva á Republica.

NA GUINÉ

Contrabandistas allemães

a quem o governador faz concessões de terrenos

Informam-nos da Guiné que os allemães continuam a gosar n'aquella provincia de uma escandalosa protecção por parte das auctoridades, e citam-nos alguns factos tão edificantes que não hesitamos em os transcrever.

Assim, pela portaria provincial n.º 176, de 26 de maio do corrente, publicada no Boletim official de 9 do mesmo mez (já, portanto, depois do desastre de Naulila!) foram concedidos a Otto Schacht, subdito allemão, 200 hectares de terreno baldio para agricultura. Pela portaria provincial n.º 198, de 7 de junho ultimo, publicada no Boletim official n.º 24, de 12 do mesmo mez, foi permittida a transferencia de uma concessão de 1.000 metros quadrados de terreno, de Augusto José Barreto para a «firma» commercial allemã» Rudolf Titzch & C.ta

Agora uma pequena e elucidativa historia:

Poucos antes de rebentar a guerra europeia, houve uma denuncia contra Otto Schacht, por ter feito contrabando e vendido armas aperfeiçoadas.

O denunciante ficou sob custodia e foi ameaçado de ir dar com os ossos em Angola ou em S. Thomé, se não provasse a sua denuncia. Investigando, verificou-se que era verdadeira, tendo sido apprehendidas duas armas vendidas pelo mesmo allemão. Mais tarde apurou-se ainda que as armas eram importadas dentro de barricas de cimento.

Instaurou-se um processo contra o contrabandista, mas, como de costume, foi-se demorando até que elle puzesse em ordem os seus negocios e pudesse retirar para a Europa, como fez.

Egualmente nos informam que mesmo Schacht introduzia alcool na provincia, servindo-se para isso de tanques de ferro e latas de folha de Flandres, que despachava como benzina destinada a motores, defraudando assim a Fazenda Nacional.

Pois agora concedem-se-lhe 200 hectares de terrenos baldios para agricultura!

Ora os terrenos concedidos não os vae elle decerto cultivar. São terras onde os «mancanhas» e «manjacos» costumam semear a mancarra, que o allemão, na epocha da colheita, terá o privilegio de comprar ao indigena. Isto é, sem a menor despeza, sem o mais pequeno beneficio para o Estado, sem o minimo trabalho, arranja um lucrativo monopolio!!!

A casa allemã Rudolf & C.ta é tambem conhecida como uma das que mais contrabando tem feito na Guiné.

Tudo isto consta do relatorio do commissario das alfandegas da India, Henrique Arthur Gonçalves Cardoso, que aqui veiu proceder a uma syndicancia. Mas, esse relatorio dorme o somno dos justos no ministerio das colonias.

Houve denuncia de que esta casa allemã introduzira, por contrabando, dezenas de espingardas n'esta colonia.

Na actual guerra de Bissau foram apanhadas aos rebeldes «papeis» muitas munições para espingardas Mausers, fabricadas em 1914. Quem as introduziu na Guiné? Quem as forneceu aos revoltosos? Tudo isto se esclarece com os seguintes factos:

O agente da citada firma, Carlos Paschen, irmão de um dos ajudantes do kaiser, que se encontra actualmente no exercito allemão, dizia, em alto e bom som, que comprava todas as auctoridades portuguezas, civis e militares, com bebidas. E' claro que mentia, porque, felizmente, ha muitos funccionarios honestos e dignos.

Um outro traço para caracterisar a personalidade de Otto Schacht:

Uma vez, esse homem ousou offerecer ao então governador, Lapa Valente, boas luvas, se este lhe comprasse uma casa para installação de varias repartições publicas.

O digno official superior do exercito, não só repudiou a offerta, mas mandou processar o Schacht, a quem, de resto, nada aconteceu. Coisas da Guiné...

Carreiras para a Trafaria

A partir do proximo domingo o serviço de carreiras para a Trafaria passa a ser o seguinte: sahida do caes do Sodré ás 7,45 e 17,30, da Trafaria ás 8,30 e 18,10, nos dias de semana. Nos domingos e dias feriados a sahida do caes do Sodré ás 7,45, 10,50, 13,45 e 16,10 e da Trafaria ás 8,30, 11,35, 14,30 e 19,15.

Movimento associativo

Academia de Estudos Livres

Reune a assembleia geral amanhã, ás 21 horas, para eleição de corpos gerentes e discussão de propostas da direcção cessante. Funccionará com qualquer numero de socios, por ser a segunda convocação.

A nova questão Hinton

AS FABRICAS DE CAIA E DE MARROMEU, pertencentes á «The Sena Sugar Factory Ltd.» e a de Mopêa, pertencente á Companhia do Assucar de Moçambique e arrendada pela firma Hornung & C.º, constituem o grupo das Assucareiras da Zambezia, que é o mais importante da provincia de Moçambique e produz cerca de 2/3 do assucar que se fabrica n'esta provincia. Não existem, em Lisboa, elementos concretos, sobre cultura da cana sacharina e fabrico do assucar, identicos aos que apresentámos da Companhia Colonial do Buzi, que tem a sua séde n'esta cidade, mas, em todo o caso, apresentaremos dados exactos sobre a sua exploração, mais do que sufficientes para se vêr o que valem as phantasias do folheto Hinton a este respeito.

Em primeiro logar é ás Assucareiras da Zambezia que se referem as considerações de Geerligs, que publicámos no artigo anterior, e dada a auctoridade d'este auctor, que tem uma reputação mundial, e a do auctor do folheto, que apenas conhece o fabrico do assucar de cana no mundo, pelo que se passa na Madeira e pelo livro de Colson, publicado em 1905, póde dizer-se que será inutil gastar mais tempo a refutar as invenções de contas de cultura, de custo de fabrico, etc., que se encontram no folheto da firma Hinton.

Desejando, comtudo, apresentar um trabalho tão completo, quanto a urgencia d'esta publicação permittir, para servir de base a uma apreciação verdadeira da questão de que nos occupamos, accrescentaremos ainda os elementos que possuimos, para completa execução das phantasias do folheto.

O solo das margens do rio Zambeze é effectivamente fertil, mas a respeito da sua cultura, são inteiramente applicaveis as informações prestadas pela Companhia Colonial do Buzi.

A agua para irrigação, absolutamente indispensavel em Caia e em Mopêa, é tirada do rio Zambeze, em grandes installações de bombas centrifugas. Cada uma das bombas é capaz de elevar 2.000 galões de agua por minuto. Nas installações da fabrica de Caia existem montadas 26 d'estas bombas, nas de Mopêa 18 e nas de Marromeu, 8.

Pela quantidade de agua que estas installações pódem elevar por minuto, póde bem calcular-se quanto será importante a rêde de canaes de distribuição que existirá em cada uma das propriedades.

O combustivel empregado nos motores que acionam as bombas de irrigação, é a lenha que os indigenas cortam nas florestas da região, mas á medida que vão passando os annos maior vae sendo a extensão dos caminhos de ferro que existem em Caia e em Mopêa para o transporte de lenha; a floresta em Mopêa está já a 14 kilometros, pelo menos, da fabrica.

A lenha que se gasta na fabrica de Marromeu é cortada no praso de Luabo e transportada em vapores que gastam um dia na viagem.

Por estes dados se póde vêr qual o custo por que ficará a lenha nas fabricas, principalmente em Caia, onde tambem se paga uma taxa á Companhia de Moçambique, pelo corte de cada metro cubico.

Quando é indispensavel empregar carvão importa-se do Transvaal e o seu preço, em epocas normaes, não é exaggerado por isso que o transporte para as fabricas se faz pelo rio Zambeze.

A producção de cana sacharina por hectare não deve differir muito da que foi indicada pela Companhia Colonial do Buzi, parecendo-nos, comtudo, que a media de 60 toneladas por hectare se approxima bastante da verdadeira, mas empregando-se, é claro, as necessarias adubações, em que se usam os adubos chimicos, importados da Europa. Esta producção refere-se aos annos anormaes e, na Zambezia, são frequentes as grandes seccas, como a do actual anno, e as invasões dos gafanhotos.

A percentagem media do assucar extrahido da cana varia com as condições climatericas do anno, mas, em media, póde admittir-se a de 10 por cento.

Quanto ao pessoal indigena trabalhador, as Assucareiras da Zambezia empregam mais de 8.000 indigenas, sendo por isso manifestamente insufficientes os que residem proximo das fabricas.

Felizmente é tal o tratamento que os indigenas recebem, n'estas fabricas, que apparecem a contratar-se livremente mesmo das regiões muito afastadas.

Diz o folheto que é miseravel o salario dos indigenas nas fabricas de assucar, mas a verdade é que uma parte consideravel dos que trabalham nas Assucareiras da Zambezia é contractada na possessão ingleza «British Central Africa» e no prazo de Agonia que com esta confina, e é evidente que estes indigenas não viriam para a baixa Zambezia se não fossem bem tratados e pagos razoavelmente. Cada um d'estes indigenas costuma contractar-se por seis mezes ou um anno e recebe uma libra em ouro como salario mensal e além d'isso os bons trabalhadores recebem, a mais, 10 centavos por semana, como estimulo para se conseguir d'elles o melhor serviço.

Como dissémos, não temos dados seguros para estabelecer o preço do custo da tonelada de assucar produzido nas Assucareiras da Zambezia, mas além dos elementos para a sua fixação, que já apresentámos, podemos dizer que esse preço não differe muito do indicado por Geerligs para as melhores fabricas de Java, a que já nos referimos, e que é de L 7..10..s..8.d. em que se comprehendem todas as despezas excepto o juro do capital. Já é um bom resultado trabalhar-se na Zambezia a preço que não excederá muito os de Java que, como se disse, é a unica região importante em que se produz assucar de cana sem protecção do respectivo governo.

Na Ilha de Cuba, que é a mais importante região onde se produz assucar de cana, para exportação, com uma producção total de 2.600.000 toneladas, o preço medio do custo indicado por Geerligs é de cerca de 10 libras por tonelada e por este motivo os Estados Unidos lhe concederam uma reducção de 20 por cento nos direitos de importação.

Para mostrar o grau de exactidão das affirmações do folheto da firma Hinton, a este respeito, basta dizer que a fabrica de Mopêa gasta, só na renda que paga á Companhia do Assucar de Moçambique, supponde uma producção de 9.000 toneladas de assucar, no imposto de 4 0/0 «ad valorem», na exportação do Chinde, para o caminho de ferro de Quelimane, e no transporte do assucar pelo rio Zambeze até ao Chinde, approximadamente o tal «escudo» por tonelada de cana que o folheto da firma Hinton generosamente concede para todas as despezas de cultura e de fabrico.

As Assucareiras da Zambezia pagam em ouro a maior parte das suas despezas, visto que os ordenados de todos os seus empregados europeus, uma parte importante dos salarios a indigenas, o carvão do Transvaal, a alimentação do seu pessoal europeu e ás vezes a dos indigenas, os adubos chimicos, os direitos nas alfandegas da Companhia de Moçambique, a saccaria que emprega para o transporte do assucar, e a quasi totalidade dos outros productos usados na fabricação do assucar, são pagos n'essa especie.

E' por isso extraordinaria de... verdade a seguinte phrase do folheto que já transcrevemos:

«As differenças cambiaes, que pesaram nas cifras acima apresentadas, não existem lá (na Africa portugueza) senão a favor dos productores.»

Não podemos tambem deixar, sem o conveniente commentario, o que o folheto diz ácerca das fabricas de Africa.

«Significaria isso que não empregavam, com toda a força de capital e de iniciativa, os recursos da technica mais perfeita e da administração mais experiente: Concluir-se-ia que as suas fabricas não sabiam corresponder aos verdadeiros privilegios do meio onde se estabeleceram».

E' este o momento de affirmar que, se a firma Hornung & C.º é effectivamente como diz o folheto, uma arrendataria da fabrica de Mopêa, já empregou, desde 1911, mais de 100.000 libras na reconstrucção d'essa fabrica, para poder produzir, em annos normaes 10.000 toneladas de assucar.

Quer dizer que essa firma, simples locataria, tem empregado na fabrica de Mopêa maior capital do que a firma Hinton na sua notavel fabrica do Torreão.

Quanto ás defficiencias da technica nas fabricas de Moçambique de que fala o folheto, apenas bastará notar que, tanto as fabricas da Zambezia, como as da Companhia Colonial do Buzi, produzem assucar christallisado branco que é vendido para consumo na provincia, na Costa Oriental da Africa e principalmente no Transvaal, (e mesmo algum em Portugal) e que a firma Hinton não quiz tomar o compromisso, com o ministro do fomento o sr. Nunes da Ponte, de fabricar o assucar da sua colheita, d'este anno, proprio para entrar em consumo no paiz e foi por este motivo que o governo não a comprou a 26 centavos o kilogramma, e não pelas diffusas explicações do folheto a paginas 34, em que tambem pretende fazer censuras á *Commissão de Subsistencias*.

E se isso não parecer sufficiente, para mostrar as differenças technicas existentes entre as Assucareiras da Zambezia e a fabrica do Torreão, podemos ainda accrescentar que a firma Hinton faz este anno, por concessão de Hornung & C.º experiencias na sua fabrica de um novo processo de fabrico de assucar, aliás largamente espalhado, e que a fabrica de Mopêa usou já durante dois annos, e que a de Marromeu tem tambem instalado.

Por favor á firma Hinton o chefe dos cosedores da fabrica de Mopêa, de passagem para a Africa, demorou-se trez dias no Funchal para ensinar o trabalho, com o novo processo.

No proximo artigo trataremos das fabricas de assucar da provincia de Angola.

Pelas emprezas assucareiras da Africa portugueza

A. de Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo

Affastamento de funccionarios

Installou-se hoje no ministerio da guerra a commissão, composta dos srs. general Carvalhal, tenente coronel Antonio Maria Baptista e dr. Costa Gonçalves, encarregada da separação dos funccionarios d'aquelle ministerio, que iniciou os seus trabalhos e que brevemente deve começar a receber indicações e a ouvir os individuos attingidos pelo artigo 1.º da lei de affastamento dos funccionarios.

INTERESSES DE CLASSE

Os vencimentos dos mestres de corneteiros

A situação dos mestres de corneteiros do exercito, ao que nos expõe um d'elles, é deveras precaria e bem necessita que as instancias competentes, e sobretudo o sr. ministro da guerra, lhe dediquem um pouco de attenção.

O mestre de corneteiros não sobe de posto e tem graves responsabilidades profissionaes. O seu *pret* é de $18 diarios, tendo, quando readmittidos, a gratificação de $03. Descontam-lhe para rancho $10 e para fardamento $06, vindo, portanto, a receber liquidos por dia $05. Como é que um chefe de familia póde viver com tão mesquinho vencimento? E os que não teem a gratificação de readmissão apenas recebem $02 por dia.

Expondo-nos singelamente estes factos, o mestre de corneteiros que nos procurou diz que assim é impossivel viver-se.

PEQUENAS NOTICIAS

A subscripção promovida pela Sociedade da Cruz Vermelha a favor da ambulancia ao sul d'Angola está em 28.249$22.

—Na avenida Fontes Pereira de Mello foi atropellado pelo automovel 1231 Manuel Marques, trabalhador, morador no largo do Leão, 2, loja, que ficou com o braço fracturado e ferido na cabeça. Recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José.

—Na Cova da Onça, foi visto cahido, por doença, pelo policia 1258, um individuo andrajosamente vestido e que apparenta ter 50 annos, conhecido n'aquelle sitio pela alcunha de *Antonio Macho*. Conduzido ao hospital de S. José, deu entrada na enfermaria 9, onde pouco depois fallecia.

—José dos Santos Soares, morador na travessa do Falla-Só, 7, queixou-se á policia de que perdera ou lhe furtaram uma carteira contendo 85 escudos, que tinha dentro de um livro.

—A policia procura o menor de 16 annos Carlos Lobo, filho de Margarida de Jesus, que desappareceu de sua casa na rua dos Remedios, 59-A, 4.º.

—A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos multou hoje 11 armazenistas de bacalhau e batata em 220 escudos cada um devendo os processos seguir brevemente para o tribunal.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Vota-se um novo duodecimo para agosto

Depois d'uma segunda chamada, os trabalhos principiam depois das 15,15. Preside o sr. Azevedo Coutinho e depois de approvada a acta leem-se varios telegrammas das camaras do Minho, pedindo a approvação do projecto do governo resolvendo a crise vinicola. O sr. ministro das colonias, em negocio urgente, manda para a meza um projecto de lei prorogando até 10 de dezembro o praso para serem postas em execução as cartas organicas das provincias ultramarinas, as quaes devem começar a vigorar em 15 do proximo mez. Pede ainda que se discutam com urgencia os projectos que abrem creditos para pagamento de despezas com as expedições a Angola e a Moçambique, e associando-se á homenagem prestada ao tenente Aragão, lamenta não estar presente n'essa occasião e diz que ainda não recebeu os necessarios relatorios sobre Naulila, não podendo, saber se ha mais alguem a premiar ou se haverá quem tenha de ser punido. A proposta sobre as cartas organicas é approvada sem discussão e com urgencia e dispensa do regimento. O sr. Mesquita de Carvalho, em negocio urgente, aprecia varias disposições constitucionaes sobre a eleição presidencial, apresenta varias duvidas que, em seu entender, resaltam da leitura e interpretação d'essas disposições, e depois de commentarios diversos e da citação de textos abundantes e de indicações sobre o que lhe parece a verdadeira forma de interpretar a Constituição nos pontos referidos, o orador manda para a meza um projecto de lei regulando o assumpto e esclarecendo todas as duvidas que ao projecto deram origem. O orador pede urgencia e dispensa do regimento, e o sr. Ferreira da Fonseca intervindo propõe que se abra uma inscripção especial sobre o assumpto, proposta que é regeitada, sendo-o tambem a urgencia e a dispensa do regimento pedidas pelo sr. Mesquita de Carvalho.

O sr. Sousa Rosa requer que, preterindo a ordem do dia, se discuta immediatamente um qualquer parecer da commissão de guerra. O sr. Joaquim Ribeiro discorda. Pois se ha para ordem do dia um projecto tão importante como o da lei dos cereaes, como pode admittir-se que elle seja posto de lado prejudicando se assim os lavradores, que não sabem como hão de vender os seus trigos, nem a quem? O requerimento do sr. Sousa Rosa é, por isso, regeitado.

Na ordem do dia, o sr. Julio Martins continúa a discutir o projecto sobre o novo regimen cerealifero, apreciando-o com grande desenvolvimento e historiando, com vehemencia, as incertezas com que o governo se tem perdido n'esta questão, consultando ora o Parlamento ora as classes interessadas, sem se fixar n'uma orientação definida, como as circumstancias exigiam e reclamavam. Na parte technica do projecto merece-lhe os mais desenvolvidos commentarios, como lh'os merece tambem a intervenção do sr. Lima Bastos na questão, publicando o seu conhecido decreto e demittindo a commissão de subsistencias, decerto por elle se ter revelado d'uma inexcedivel incompetencia.

O sr. ministro do fomento diz que se trata de uma questão aberta e affirma que o governo só pensou no congresso das subsistencias depois de trazer a sua proposta ao Parlamento. E se no congresso se falou da questão dos cereaes, deve-se isso, ao facto de se haver apreciado a questão do pão, absolutamente ligada áquella. Apreciando o seu projecto, defende-o calorosamente e diz que não podia apresentar outro melhor, ou que acautellasse tanto os interesses do Estado. O sr. João Gonçalves defende os interesses da lavoura e propõe que o governo faça desde já a importação de todo o trigo que fôr julgado necessario para o consumo e que não pode ser menos de 120 milhões de kilos.

Entende que se deve levantar a tabella do preço dos trigos, para animar os lavradores a semear mais e referindo-se ao preço do pão entende que não é difficil barateal-o e vendel-o por preço inferior ao actual.

O sr. Ribeira Brava pergunta ao sr. ministro das finanças se é certo ter-lhe um funccionario do seu ministerio, dos mais distinctos, dito que, ali, só elle era monarchico e que, por isso, só elle merecia ser separado do serviço. O sr. ministro das finanças responde que não ha nada de verdadeiro no boato que a tal respeito tem corrido e que, segundo lhe consta, já teve echo nos jornaes.

Em seguida, encerra-se a sessão.

Descobre-se um posto de telegraphia sem fios

no quarto andar d'um predio da calçada do Combro

As auctoridades competentes receberam a denuncia de que n'uma casa da calçada do Combro estava installado um posto de telegraphia sem fios, que se destinava a fins altamente suspeitos, tendo recolhido varias communicações trocadas entre os navios de guerra. Para averiguarem o fundamento da denuncia, e na qualidade de peritos, foram hoje a essa casa o capitão de fragata sr. Leotte do Rego e o 2.º tenente sr. Serrão Machado, da guarnição do «Espadarte», acompanhados do respectivo juiz de paz, sr. Costa, e do juiz substituto, sr. Tavares de Macedo.

O predio, de aspecto antigo, com quatro andares, tem os n.os 81, 83 e 85. No rez-do-chão está installada a Tinturaria União; no primeiro andar habita uma modista; no segundo, Maria d'Assumpção dos Santos; no terceiro, o proprietario da barbearia Marques, da mesma rua; e finalmente no quarto andar, o ex-guarda republicano Antonio Alves, 144 da 2.ª do 1.º do quartel proximo, hoje reformado, casado com Maria Delphina, de quem tem dois filhos, um d'elles, rapaz de vinte annos, Antonio Julio Alves, ex-empregado da casa commercial E. da Cunha e Sá.

O posto estava installado em casa d'esse guarda.

Além da moradia, e subindo mais um ingreme lanço de escada, encontra-se um sotão que recebe luz por uma janella que deita para o poente. Este sotão estava completamente cheio de pequenos armarios com frascos de varios ingredientes, vendo-se pelas paredes diversas ferramentas, chaves, furadouros, etc. Dentro d'uma arca estavam as campainhas do receptador. Sobre uma meza, no desvão do sotão, os manipuladores e o auscultador. E na janella, n'um mastro pintado de verde, as antenas da telegraphia sem fios.

Ha quanto tempo funccionava ali este apparelho?

Segundo o filho do dono da casa, o Antonio Julio, desde pouco depois de 14 de maio.

Diz esse que, desejando educar-se na telegraphia sem fios para poder ser empregado do Estado, combinára com o seu amigo Julio Ribeiro dos Santos, exalumno da Escola Industrial e que tinha egual desejo, montar aquelle posto, para o que fizeram as necessarias participações, por officio á repartição das industrias electricas, que se não oppoz.

Elles proprios procederam á montagem, arranjando os apparelhos e estudando o alphabeto «Morse». Depois, começaram logo a receber a communicação dos navios de guerra, que se encontravam sobre a meza e que foram apprehendidas.

Na occasião em que se procedia ás necessarias pesquizas, encontravam-se junto dos dois rapazes referidos outros dois rapazes, ambos menores e amigos d'aquelles: João do Carmo Correia Raposo, do 5.º anno do Lyceu Passos Manoel, e Carlos Martins Krüger, ex-alumno do 3.º anno do mesmo lyceu.

Contra os quatro foi dada ordem de prisão, ficando a casa guardada pelo 2.º cabo 81 e praças 150 e 129 da guarda republicana, e sendo os presos conduzidos para o governo civil.

As auctoridades proseguem ás investigações, tendo chegado ao seu conhecimento, por informação d'um dos detidos, que estavam installados mais dois postos de telegraphia sem fios n'outros pontos da cidade.

Aviação militar

Offerecem-se para frequentar a escola de pilotos-aviadores os srs.: Antonio Ramos Valente, empregado no commercio, morador na rua do Arco Bandeira, 39, 3.º E.; José Nunes Martins, licenceado de cavallaria 4, alfaiate, rua das Beatas, á Graça, 20, 1.º; José Monteiro, serralheiro civil no Arsenal da Marinha, largo de Santo Antonio da Sé, 8, 2.º

Os prisioneiros de Naulila

chegam a Capetown

CAPETOWN (CIDADE DO CABO), 29.—Chegaram hontem a esta cidade os tenentes Aragão e Marques Andrade, o sargento Marques e cincoenta e oito praças do exercito portuguez, que no combate de Naulila foram aprisionados pelos allemães.

Seguirão para Portugal no primeiro navio a sahir d'este porto.—(*Corresp.*)

Sir Arthur Hardinge

O embaixador inglez em Madrid é victima d'um desastre

MADRID, 29—Hontem, ao anoitecer, por causa da obscuridade e da sua miopia, o embaixador britannico, crendo o ascensor no seu logar, julgou penetrar n'elle e cahiu da altura de quatro metros, soffrendo varias contusões e commoção geral. Esta manhã o seu estado era relativamente satisfatorio. Os medicos esperam o seu rapido restabelecimento.—(*Havas*)

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 29.—Official.—A oeste de Mitau houve combates da guarda avançada que redundaram em nosso favor.

A nossa artilharia infligiu importantes perdas ao inimigo. Na linha do Narew, na margem direita e na margem esquerda, houve renhidos combates sem mudança de frente; repellimos varios contra-ataques.

Na margem esquerda do Vistula não houve alteração.

Entre o Wieprz e o Bug tomámos a offensiva proximo da aldeia de Maidam Ostroky, que occupámos, fizemos 1500 prisioneiros e repellimos varios contra-ataques inimigos, infligindo-lhes avultadas perdas. Ao sul de Soka, iniciámos a offensiva contra as forças inimigas que haviam passado o rio. O combate continúa.

No Bug superior ha violento combate de artilharia. No litoral do Caucaso as nossas operações obtiveram bons resultados.—(*Havas*)

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 29.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Em Artois houve o costumado bombardeamento durante a noite. No sector de Souchez alguns combates á granada e com petardos. Na Argonne, lucta de bombas e de torpedos na região de Bagatelle e de Coure Chausse. Proximo de Saint Hubert, assim como no bosque de Malancourt, fizemos saltar por meio de uma mina varios postos allemães. Nos Vosges, em Lingekopf, nas posições conquistadas no dia 22, levantámos 200 cadaveres de allemães e encontrámos 2 metralhadoras, 200 espingardas e grande quantidade de munições e equipamentos. No campo, em Barrenkopf, deixaram as tropas allemãs mais de 400 cadaveres. O numero exacto de prisioneiros allemães feitos durante os ultimos combates (27 e 28 de julho) é de 201—(*Havas*).

Incendio n'um hangar — Grandes prejuizos

BELFAST, 29. — Manifestou-se incendio no hangar da doca de Dufferin, sendo os estragos calculados em 750:000 francos. Desconhece-se a causa do sinistro.—(*Havas*).

Fallecimentos

Falleceu e foi sepultado o sr. Alfredo Proença Fortes, antigo commerciante da praça de Lisboa, tendo-se o funeral realisado hontem para o cemiterio oriental.

Como se descobre um crime

Homem cuja morte foi contractada por 9$00

SANTAREM, 29.—No dia 15, como *A Capital* noticiou, foi assassinado á cacetada o trabalhador Gregorio Martinho, do logar de Martanas, freguezia de S. Vicente do Paul. A policia poz-se em campo, prendendo algumas pessoas sobre as quaes recahiam suspeitas, entre ellas a amante do assassinado, Mathilde da Conceição, que foi posta em liberdade por se provar que nada tinha com o caso.

Hoje conseguiu a policia apurar como o crime se deu. O mandatario foi Domingos José Pereira, mais conhecido por Domingos Valentim, do logar de Casevel, que, temendo-se do Gregorio Martinho, homem robusto e destemido, encarregou Sebastião Caetano Mina, da Ribeira Ruiva, Torres Novas, de o matar. Mas este, por seu turno, tambem se não atreveu a praticar o crime, encarregando d'isso Joaquim Soares e Manuel Maronha, mediante a quantia de 9$00.

Os dois consummaram o crime e para testemunho veridico de que se haviam desempenhado da sua missão cortaram uma orelha do assassinado e entregaram-n'a a Domingos Pereira, de 16 annos, filho do mandatario, dizendo-lhe que a levasse a seu pae e que «o trabalhinho» valia 2$00. Como afinal recebessem só 3$00, houve entre todos divergencia, d'ahi questão, e tudo se veiu a saber.

Os quatro estão já presos e amanhã vão tambem sel-o a mulher e os filhos do Domingos José Pereira.

NOTAS DIVERSAS

Na recepção do corpo diplomatico, hoje effectuada no ministerio dos negocios estrangeiros, compareceram os srs. ministros de Inglaterra, Argentina, Venezuela e Hespanha e os encarregados de negocios da Noruega e da China.

—Reassumiu hoje as funcções de major general da armada o contra-almirante sr. Alvaro Ferreira, que, como se sabe, foi a Madrid como delegado do governo para negociar o convenio da pesca entre Portugal e Hespanha.

—A *Ordem do Exercito*, hoje distribuida, entre outras disposições, demitte do serviço do exercito, por assim o haverem requerido, os tenentes medicos milicianos Victoriano da Gloria Ribeiro de Figueiredo e Castro e José Gomes Ferreira da Costa, o alferes medico miliciano José Pereira Barata e o capitão de cavallaria Estevão Pereira Palha Vanzeller.

Camara Municipal

A sessão de hoje

Reuniu hoje, em sessão ordinaria, a commissão executiva do municipio, presidindo o sr. Levy Marques da Costa. Compareceram os vogaes srs. Fonseca Dias, Ribeiro da Silva, Abilio Trovisqueira, dr. Belleza d'Andrade, Saraiva Lima, Manuel dos Santos e Abel Sebrosa. Entre outros assumptos, resolveu: indeferir, para não lesar os interesses dos feirantes, o estabelecimento d'um grande circo ambulante, nos terrenos do Valle Pereiro, que havia sido requerido pelo sr. Caetano José da Costa; officiar á Companhia dos electricos, fazendo-lhe sentir que não pode substituir, como está fazendo, os metaes empregados na decoração dos vehiculos; mandar fundir, em bronzo, segundo proposta do architecto municipal, sr. Alexandre Soares, o busto do chefe do Estado.

Noticias parlamentares

Trez e um quarto. O sr. Francisco Cruz reponta. Não ha numero na sala, os trabalhos não principiam e isso não póde ser. Os deputados não o são só para receber o subsidio. São-no para trabalhar, para estarem na Camara a horas, para cumprirem rigorosamente os seus deveres. Pois está claro! E' assim mesmo. Simplesmente, estas coisas falham quasi sempre quando se trata de as passar á pratica, sem que nas almas, roidas de sacrificios, dos srs. representantes da Nação nasça um raio de piedade pelo presidente que, á mingua de pessoal competente, se vê grego para levar a sua cruz ao Calvario. Hoje soffreu elle as passas do Algarve, para fazer funccionar a Camara. E o peor é que não será a ultima vez que semelhante desgraça lhe aconteça.

* * *

Chega a gente a não ter maneira de perceber como certas creaturas, perdendo-se em exquisitos bisantinismos, complicam as coisas mais simples e as transformam em verdadeiras trapalhadas emaranhadissimas. Aquelle caso de hoje, na Camara, é caracteristico. Quem diria que, n'esta altura, havia ainda quem não soubesse como deve ser eleito o presidente da Republica? Pois havia, e por isso, a dialetica vivaz, aquella dialetica que põe todos de mal com quem a usa, correu abundantemente, para nada, afinal. A Constituição, ao que parece, é pouco clara pelo que se refere á eleição do chefe do Estado. Pois a verdade é que não ficou mais clara depois das discursatas juridicas de hoje...

* * *

No parecer do orçamento do ministerio dos estrangeiros, a legação de Portugal em Berlim abotóa-se com mais duzentos escudos por anno. Materia para largas reflexões!—dirá o patriota ingenuo, que por mais d'uma vez tem estado convencido de que as relações diplomaticas de Portugal com a Allemanha estavam na agonia. E dil-o com razão, por se verificar, afinal, que o nosso ministro em Berlim não só continuará no seu posto como lá, nas regiões officiaes, todo o empenho em lhe amenisar carinhosamente a existencia, que não póde deixar de ser amarga n'estes tempos de guerra feroz, em que em Berlim, segundo affirmam as gazetas imperiaes, se come um pão que dir-se-hia amassado com fel...

* * *

A proposta apresentada hoje na Camara pelo sr. Mesquita de Carvalho sobre a eleição presidencial diz que «a segunda parte do paragrapho 1.º do artigo 38.º da Constituição Politica da Republica Portugueza fica esclarecida nos seguintes termos: (a) Na terceira votação sómente serão apurados os votos que recaiam em candidatos que hajam sido votados na segunda eleição; (b) Se em virtude do escurtinio da segunda eleição, os candidatos mais votados forem em numero superior a dois, por entre elles, ou entre alguns d'elles, houver egualdade em numero de votos, a terceira votação definitiva será precedida das eleições preliminares eliminatorias, que sejam necessarias, para que o numero d'elles fique reduzido a dois; (c) N'essas eleições eliminatorias sómente serão apurados os votos que recaiam nos candidatos referidos na alinea anterior».

* * *

Outra... excentricidade d'aquelle parecer que acompanha o orçamento das despezas com a cathedral dos nossos diplomatas.

Havia inscripta, no orçamento anterior a verba de 20 contos para a construcção d'uma casa em Shamen, Cantão, destinada á residencia do consul portuguez. Construiu-se a casa? O parecer não o diz, *mas faz desapparecer* a verba referida, determinando ao mesmo tempo que ella fique «em saldo no orçamento para ser opportunamente applicada». Em quê? Lá *o sabem os srs.* da diplomacia. Mas como se se creassem os taes logares de inspectores consulares para serem offerecidos a creaturas que toda a gente aponta com o dedo, bem possivel é que os vinte contos que ficam *de remissa não lhes cheguem nem para a cova d'um dente...*

A provincia n'A CAPITAL

TONDELLA, 28.—Em Coimbra, concluiu a sua formatura em medicina o sr. dr. Jeronymo Lacerda, que é esperado em breves dias n'esta sua terra natal, onde conta só amigos. Que seja bemvindo o novo clinico, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

FIGUEIRA DA FOZ, 23.—Tem continuado a affluencia de banhistas á nossa esplendida praia, notando-se dia a dia mais animação nos cafés, principal ponto de reunião.

Consta-nos que o vasto e elegante Casino Peninsular inaugura os seus concertos pelo sextetto Benetó no proximo dia 1 de agosto, seguindo-se logo os numeros de variedades, que nos dizem serem do melhor que existe no estrangeiro.

—Não surgindo inconveniente, a delegação da Cruz Vermelha, d'esta cidade, inaugura o seu posto de soccorros, na praia de banhos, no proximo domingo, o qual funccionará com pessoal devidamente habilitado durante os mezes de agosto, setembro e outubro.

—Consta-nos que o theatro José Ricardo inicia os seus espectaculos no proximo dia 31 com um bello programma de fitas animatographicas e a estreia, n'esta cidade, das bailarinas Hermanas España e dos duetistas comicos Les Petits Walter, contratados pela agencia Figueirôa.

—A camara vae contrair um emprestimo por meio de obrigações para a construcção d'um novo matadouro, cujo projecto foi já approvado pelo senado municipal.

—Está-se notando muito a falta de policia n'esta cidade, onde o serviço de segurança deixa bastante a desejar. Bem sabemos que a culpa não pertence ao sr. administrador do concelho, e por isso vimos solicitar do sr. governador civil que destaque para aqui mais alguns guardas, a exemplo do que se fazia nos annos anteriores.

—Sabemos ser magnifico o estado sanitario tanto na cidade como no concelho.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos, Variedades, ao calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

SPORT

A aeronautica poderoso auxiliar dos exercitos combatentes

Maurice Farman, o famoso constructor que tem nos exercitos milhares dos seus aeroplanos em constante e util exercicio, respondeu da seguinte maneira a um jornalista que o entrevistou:

—No principio da guerra, ninguem, no exercito, acreditava no avião. Um mez depois perceberam que elle existia. Hoje, o estado maior declara que é indispensavel. O certo é que na terrivel guerra de agora, o aeroplano tem sido o mais precioso auxiliar dos generaes. Os aviões substituiram e quasi suplantaram os velhos regimentos exploradores. O generalissimo Joffre, em novembro, ordenou que uma grande parte da cavallaria franceza, deixasse o cavallo, agarrasse n'uma espingarda e entrasse na «linha»—que é ainda a rainha nas batalhas.

A Maurice Farman fizeram tambem a pergunta:

—E o balão espherico tem sido util?

O famoso constructor respondeu nos termos que a seguir precisamos e que teem para nós a actualidade de illustrar muita pessoa, que ha dias ainda, mostrando insufficiencia de conhecimentos, e deploravel ignorancia dos assumptos de aeronavegação, ria da iniciativa do Stadium em fazer concurso de balões esphericos:

—O balão espherico, captivo, tem prestado grandes serviços ao nosso exercito. Certamente que o aeroplano é preferivel e tem sido preferido, mas o velho globo faz ainda parte do material util. Bem collocado, um pouco atraz de uma bateria, torna-se precioso para a regulação do tiro. Conhece-se a manobra. Um official sobe n'uma «barquinha» provida d'um oculo de grande alcance, permitte seguir o obuz na queda communicação com o commandante da bateria. O oculo, com o seu grande alcance, permitte seguir o obus na queda sobre o inimigo. O telephone elucida o artilheiro: —Muito longo; muito curto; mais á direita; mais á esquerda. Com este auxilio do espherico, um tiro está habitualmente regulado em trez ou quatro descargas.

Depois Maurice Farman citou o caso d'um d'esses observadores-heroes. E' o do sargento Tourtay, que na planicie a oeste de Uesten (Belgica) permaneceu na barquinha um dia inteiro, não cessando de assignalar os movimentos e as novas posições da artilharia inimigo, apesar dos «taube» que roncavam por cima da sua cabeça, do canhoneio e dos «fogos de salva», que de baixo se dirigiam para o seu espherico!

Nota do dia

Campeões contra campeões

A Amadora vae organisar o mais «duro» torneio de esgrima que se tem feito em Portugal.

A regulamentação d'esse torneio não dá vantagens para os que concorrem e julgam que ganham ainda que com algumas derrotas. Não. Na Amadora, o seu campeonato ha de pertencer ao mais forte, áquelle que se bater e não tiver uma unica derrota! Esgrimista derrotado é esgrimista excluido. Nem a vantagem d'um novo assalto, nem a esperança no maior numero de victorias na classificação geral!

O vencedor do campeonato tem de vencer tódos os concorrentes e ha de fazel-o em assaltos do maximo de dez minutos, tendo n'esses dez minutos de «tocar» quatro vezes um «junior» e 3 vezes um «senior»!

Esta regulamentação «a excluir» pelas derrotas é muito violenta e como offerece «handicap» de dois por quatro toques ao atirador «junior» só este tem probabilidades de triumpho e dizemos que só este tem probabilidades porque pela evolução da esgrima em Portugal ha «juniors» que egualam e por vezes, vencem «seniors».

Citamos, ao acaso d'um esforço de memoria, Fernando Farinha, Franco de Castro, Montez, etc.

Mas a regulamentação não atemorisou os grandes campeões. E' que entre elles, ha verdadeiro espirito sportivo. Hontem noticiamos a inscripção de Carlos Farinha, hoje podemos garantir a de Jorge Paiva, o primoroso atirador de espada, que foi segundo no campeonato de Portugal e que ha dias venceu brilhantemente no campeonato da Federação.

O torneio da Amadora colloca campeões contra campeões, todos dispostos a não poupar os adversarios porque o menor descuido pode implicar uma derrota e esta traz a immediata exclusão do campeonato.

As inscripções recebem-se na sala de armas Carlos Gonçalves, na rua das Chagas, 28, 1.º

Algumas anecdotas

Mac Closkey e a sua serenidade

O famoso jogador de socco Mac Closkey é um combatente que não perde a serenidade, mesmo nos combates mais terriveis. Todos o viram no *match* com Grillo, sereno e tranquillo, vendo o que se passava e ouvindo o que se dizia em volta do *ring!*

Quando sustentou o seu *match* com o campeão francez Marcel Moreau mostrou a mesma impossibilidade deante do adversario. A prova deu-a elle aos espectadores com o seguinte:

Estava a lucta na sua phase mais renhida e Madame Harry Lewis, sentada na primeira fila junto do *ring*, perguntou ao marido, sentado n'outra cadeira:

—Em que *round* estamos, Harry?

—Não sei.

—Sei eu, senhora—respondeu uma voz do *ring*, que era a do Closkey.—Estamos no nono e faltam apenas trez!

Noticias

ENTRE NÓS

Taça Henrique Seixas

Está em exposição na rua do Ouro a taça Henrique Seixas que se corre no proximo domingo em frente do Club Naval n'um campeonato de natação de 100 metros por «equipes», organisado por esse club.

O jury d'esta prova já reuniu, escolhendo para arbitro, o sr. Alvaro de Lacerda, jornalista sportivo, conhecedor do assumpto, indo chronometrar o sr. C. Miramon, que já varias vezes com muita competencia o tem feito obsequiosamente ao Club Naval.

Além d'estes senhores, o jury é formado pelos srs.: dr. Carlos Granha e Dario Canas, do Gymnasio Club Portuguez, Francisco Guedes e Correia Leal, pelo Club Internacional de Foot-ball, Eugenio Picardo, pelo Sport Algés e Dáfundo, e João Wan-Zeller Pessoa e Arthur Consolado, pelo Club Naval de Lisboa.

As «equipes» são formadas pelos seguintes nadadores: do Gymnasio Club, João e José Formosinho Sanches Simões, Antonio Vieira Caldas, Manuel de Sousa e Cesar de Jesus; a do Club Internacional, pelos srs. Carlos Sobral, Boaventura Bello, Frederico Leotte do Rego e Henrique Galvão; a do Sport Algés e Dáfundo, pelos srs. Bessoni Bastos, Costa Duarte, Alfredo Carvalho Junior, L. Roquette e José Ferreira, e do Club Naval, pelos srs. Arnold Stocker, J. Oliveira Duarte, Carlos Moura, Fernando Bordallo Pinheiro e Carlos Campanella.

As «équipes» conhecer-se-hão pela côr dos barretes, que são: C. I. F., preto e branco, G. C. P., branco com estrella amarella, S. A. D., verde e branco, C. N. L., preto e encarnado.

Além d'esta prova ha mais corridas entre praças da armada e do exercito, corrida de principiantes, da escola do Club Naval, desafio de water-polo, etc. E' a segunda festa official do Club Naval de Lisboa, á qual assistem o sr. presidente da Republica, ministerio, Congresso da Republica, Camara Municipal, officialidade de terra e mar, etc.

Abrilhanta esta festa uma banda regimental que tocará das 15,30 ás 19,30 no caes do Club, onde haverá cadeiras para as senhoras das familias dos socios e convidados.

O jury funcciona a bordo do magnifico yacht «Hirondelle», de Henrique Seixas, vice-comodoro do Club Naval de Lisboa, d'onde assistem á festa o sr. presidente da Republica, ministerio e demais elemento official e imprensa.

A bordo será offerecida uma taça de champagne á imprensa, ao jury, etc.

E' por todos os motivos uma festa sympathica que vae levar ao Caes da Viscondessa milhares de pessoas.

A direcção do Club Naval pede a todos os seus socios que n'esse dia façam uso do uniforme e participa que no caes ha cadeiras para as senhoras das familias dos socios e convidados.

Jogos sportivos nacionaes

(Communicação da Federação)—Brevemente vão ser affixados cartazes annunciando a realisação das provas de «sports» athleticos dos Jogos Sportivos Nacionaes, que devem ter principio em 3 d'agosto proximo.

Este anno as provas de velocidade devem ser de alto interesse, pois nos clubs concorrentes tem sido methodico o treino. Bater-se-ha o «record» de Portugal, que está em 11 segundos?

N'um paiz onde ha meia duzia de annos se corre em pistas marcadas, mas que não eram boas, fizemos já 100 metros em 11 segundos! Isto é, uma differença de 2/5 de segundo do «record» do mundo! Isto é importantissimo se attendermos a que no nosso meio só ha quem se treine com as cautellas que ha no estrangeiro, se attendermos que ha quem corra 100 metros e que tenha acabado de correr 1.500 metros para entrar em seguida n'uma prova de 800! Isto é, não havia a menor comprehensão do que é entrar em competencia em provas d'esta natureza.

Nas inscripções d'este anno vê-se, porém, que houve da parte dos proprios concorrentes, das direcções dos clubs e dos chefes de «equipe» mais escrupulo na inscripção. Só deixaram inscrever-se a quem possa «dar alguma coisa» e em quem se pode ter uma esperança. E' elevado o numero de inscriptos e muitos são conhecidos «campeões». Outros ha, porém, que eram desconhecidos do publico são «esperanças» dos seus clubs, onde já deram provas do seu valor. Outros ha ainda que vem precedidos do nome de alguns collegios onde estiveram no estrangeiro, como por exemplo Francisco Xavier de Araújo, que era o campeão da sua Universidade, de Manchester, Danald Graham, do Grupo Sport Cruz Quebrada, e o conhecido professor de gymnastica Bao Kolberg, que representará o C. I. F. na corrida de 100 metros.

Os programmas d'este anno estão muito bem elaborados e attendendo aos inscriptos contêem os «records» de Portugal e os vencedores de 1914, tendo as indicações precisas para tomarem notas dos tempos, alturas, distancias, ordens de classificação, etc. Vender-se-hão no Stadium.

Provas do Luzitano Club

No proximo dia 8 d'agosto effectua este club uma corrida de 1.000 metros na avenida da India, para a qual está aberta a inscripção, paga para não socios e gratuita para socios, na rua Vieira da Silva, 45.

—Na reunião da commissão de «sport», effectuada no dia 27 do corrente, ficou marcada a data de 19 de setembro para a grande corrida de 200 kilometros que este club realisa, entre Lisboa-Torres-Caldas-Azambuja-Lisboa.

Disputa da Taça Sacavem

Realisou-se no domingo, 25, um importante desafio de foot-ball, em Sacavem, entre o Grupo Sporting Nacional e o Sport Grupo Sacavenense. Foi animadissimo, jogando-se bem e com acerto. A primasia da victoria foi disputada de parte a parte com coragem. Coube ao Sport Grupo Sacavenense por 3 «goals» a 1. Depois de acabado o desafio os jogadores dos dois «teams» dirigiram-se para a séde do Sacavenense, onde houve um copo d'agua.

Passeio do Sport Club Progresso

No proximo dia 8 d'agosto realisa o Sport Club Progresso um passeio a Cabo Ruivo, onde será servido um almoço no restaurant Guerra. Para esta festa intima vão ser convidados a União Sport Graça e alguns jornalistas sportivos. A inscripção para o almoço já está aberta na séde do club organisador.

Uma corrida pedestre de 30 kilometros

Realisou-se a corrida pedestre de 30 kilometros, (resistencia), organisada pelo Sport Club Alegria. Chegou em primeiro logar o sr. João Diniz, do Sport Grupo Sacavenense, que gastou no percurso 1 hora e 47 minutos. Em segundo, Antonio Juncal, do mesmo grupo. Em terceiro, Eduardo Coelho. Em quarto, Germano Galvão, do Sport Club Alegria. Em quinto, Reynaldo Ferreira. Em sexto, Luiz Silvestre, ambos do Sport Grupo Sacavenense. Esta corrida organisou-se para ser disputada uma «taça», que ficou em poder do Sacavenense, que apresentou uma «equipe» muito homogenea.

O pugilista Closkey

Os amadores portuguezes de «box» aproveitaram a vinda a Lisboa de Blink Mac Closkey, para receber algumas lições. O americano prestou-se immediatamente ao desejo dos nossos compatriotas. Essa é a razão das sessões de «box» que já se realisaram e continuam realisando no Atheneu Commercial e Gymnasio Club.

O pugilista americano pede-nos para communicar que está no Hotel Internacional.

O japonez Hirano

Chegou ante-hontem a Lisboa o professor de «jú-jutsú» Hirano, que esteve durante um anno no Porto, dando lições de aquella arte combativa do Japão.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Na festa do estimado bandarilheiro Manuel dos Santos, além do espada «Alfarero», toma parte o notavel matador de touros «Limeño», que o anno passado alcançou grande exito quando toureou em Lisboa. No programma figuram ainda os principaes collegas do beneficiado. Os laureados cavalleiros Macedo e Morgado de Covas, e um valente grupo de forcados de Alcochete.

Festas associativas

No Gremio de Recreio e Beneficencia 5 d'Outubro realisa-se no dia 8 d'agosto a festa do amador dramatico Luciano Rosa, subindo á scena a tragedia rustica, original de Amaro dos Reis, com musica do compositor Ruy Coelho, «A ceifa», e a peça, original do festejado, «O comboio da meia noite», genero Palais Royal, estando o desempenho a cargo de varios artistas e amadores e a ensenação a cargo de Arthur Duarte.

No Gremio Educação do Povo realisa-se no proximo domingo a inauguração do retrato do sr. dr. Affonso Costa, havendo em seguida recita por um grupo de amadores.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — A casa de Susana.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.

EDEN—A's 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Ao correr da penna

Porto Riche escreveu um dia, com aquelle orgulho que lhe pertence legitimamente, pelo seu talento, em primeiro logar, depois pela sua fortuna enorme que o liberta das preoccupações inherentes aos direitos de auctor:—«As minhas peças só me interessam quando as escrevo. Nunca assisti á representação de nenhuma d'ellas pois os artistas e o publico são-me indifferentes».

Lembrei-me d'isto hontem a proposito da constatação que fiz, pela millesima vez, de que em Portugal quanto mais se representam as peças, peor são representadas. Esta verdade palpavel na comedia e no drama, em que aliaz os artistas se não permittem alterar o texto, é indiscutivel pelo que respeita á revista. O auctor frita os miolos para inventar a sua prosa e, depois de ter súado para que os seus interpretes lh'a fixem e lhe deem a intensão necessaria, chega-se á primeira representação. O embaraço dos artistas n'essa noite só é comparavel á despreoccupação com que logo na noite seguinte, começam improvisando as facecias da sua lavra, que vão substituir o texto evidentemente inutil do auctor. Junte-se a isto as substituições, as transposições, os cortes e aqui teem v. ex.as como á centesima representação, quando deviamos encontrar um conjuncto cheio das maximas perfeições, topamos com uma amalgama idiota de accrescentes e remendos, ditos com o tom do mais solemne enfado por pessoas que demonstram á primeira vista estarem trabalhando contra vontade, sem o menor respeito por si proprios, pelo trabalho dos outros e pelo publico, que benevolamente os atura.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O guarda-roupa da revista *Não desfazendo...* será executado pela casa Cruz. O scenario será de Augusto Pina, Julio Machado e de dois scenographos hespanhoes.

Devem ficar concluidas na proxima quinzena as obras no theatro do Gimnasio.

A *tournée* Mendonça de Carvalho trabalha hoje em Penafiel. D'ahi segue para Villa Real, Pedras Salgadas e Chaves.

Suspendeu os seus espectaculos a empreza do Apollo Terrasse, do Porto.

A recita que estava marcada para oje no theatro Moderno ficou transferida para a proxima quinta-feira.

Partido Republicano Portuguez

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A commissão parochial republicana da Amadora convida todos os seus correligionarios d'esta povoação a reunir ámanhã, pelas 21 horas, na rua Alexandre Herculano, vivenda Maria Luiza, para se tratar d'um assumpto urgente e d'interesse para o partido republicano portuguez.—O presidente da commissão, *João Russell.*

sob o commando do general Foch.

Os allemães sahiram de Pont-à-Mousson a 22 d'agosto, cheios de enthusiasmo e soltando brados de: «Santa Genoveva esta noite, ámanhã Nancy!» A cinco kilometros a juzante do rio deixaram a estrada principal em Loisy para subirem a eminencia onde assentava Santa Genoveva, mas ahi foram detidos pelas defezas d'arame farpado que os francezes tinham collocado na frente e á esquerda das suas trincheiras. Isso obrigou-os a atacar pela sua propria esquerda e resolveram abrir caminho com a artilharia de campanha e alguns canhões pezados, que, durante 75 horas, fizeram chover sobre a aldeia mais de 4.000 granadas. Os francezes tinham ahi apenas um regimento de infantaria, cerca de 3.000 homens contra 12.000, mas estavam bem abrigados nas suas trincheiras e apenas tiveram trez mortos e uns vinte feridos durante o bombardeamento.

As suas baterias estavam tão bem occultas que os aeroplanos do inimigo não puderam descobrir onde ellas se encontravam, e deixaram os allemães desperdiçar as suas munições sem dispararem um unico tiro. Conheceram que a situação era critica e que a salvação de Nancy dependia, segundo todas as probabilidades, do seu successo. A brilhante lucta que se seguiu foi descripta do seguinte modo pelo correspondente especial do «Times»:

«Na tarde de 24, o commandante allemão, enganado pelo seu silencio e imaginando que a força de infantaria havia sido esmagada pelo bombardeamento, deu ordem para atacar e o seu formidavel pequeno exercito, ainda coberto pelo fogo da artilharia, avançou sobre Santa Genoveva em columnas cerradas. Então, depois de terem tomado posição conveniente, os canhões de 75 abriram fogo sobre essas columnas. Muitas das granadas foram cahir a uma das baterias de Toul. Depois de, durante trez horas, terem bombardeado os allemães, fazendo n'elles uma horrivel matança, o commandante da bateria deu ordem aos seus homens para armarem bayoneta e se juntarem á infantaria (o 314.º regimento) n'um ultimo esforço para repellirem o assalto, que os allemães tentavam dar, espraiando-se como uma onda.

Fôra dada ordem á infantaria para os deixar approximar á distancia de cerca de trezentos metros. Quando chegaram a essa distancia, os officiaes francezes deram diversas vozes de commando, entre as quaes os allemães distinguiram a de «avançar, á baioneta».

Os allemães não esperaram pela carga de baioneta e fugiram, deixando 4.000 mortos na frente das suas trincheiras. Cahia a noite e retiraram para Atton, uma aldeia em frente de Pont-à-Mousson, onde trez dias antes haviam passado cantando alegremente e bradando: «Nancy, amanhã». N'aquelle momento estavam completamente desmoralisados. Na escuridão da noite muitos perderam-se e cahiram ao rio, afogando-se».

O ataque ao planalto de Amance e Nancy pelo leste foi mais demorado, mas tambem não foi bem succedido. A principio, a lucta foi muito violenta na direita franceza, sobre Nancy pelo lado de Lunéville, que fica a 24 kilometros de distancia, em roda de Haraucourt, Rosières e Dombasle, tendo sido esta ultima posição occupada pelos allemães em 22 de agosto, embora fossem d'ahi rapidamente repellidos e se tivessem retirado para as eminencias e bosques de Crévic.

No dia seguinte continuou a lucta com alternativas ao longo dos baixos outeiros ao norte da estrada de Dombasle-Lunéville e em Léomont, Crévic e Vitrimont, onde milhares de mortos foram deixados pelos allemães na floresta. No dia 25, entre Courbesseau e Drouville, uma forte posição allemã foi atacada por cinco regimentos de infantaria franceza. Devido, porém, ao fraco apoio da artilharia, soffreram grandes perdas. Um dos regimentos perdeu 65 0/0 dos seus homens entre mortos e feridos, tendo o ataque falhado n'aquella occasião. Mas o espirito de todo

mais gostava e cada um recusava-se a desesperar da victoria.

No emtanto, o ataque era em cheio. Veiu, depois da retirada de Morhange, por Pont-à-Mousson ao norte, Château-Salins a nordeste, Cirey a leste e St. Dié a sudeste. Os caminhos escolhidos pelos allemães eram naturalmente os mais faceis para conseguirem o seu objectivo. De St. Dié ao longo dos extensos valles do Meurthe e do seu affluente o Mortagne; de Cirey, passando Lunéville, e abaixo d'outro affluente do Meurthe, o Vezouse; de Château-Salins pela estrada principal que atravessa a fronteira entre as florestas de Champenoux e St. Paul; e de Metz para o sul, passando Pont-à-Mousson, no canal do Mosella e do Meurthe, os caminhos para Nancy são em linha recta e o terreno quasi todo plano. Mas ao lado das aldeias e cidades pelas quaes elles passam e de muitas das quaes os francezes se serviram para demorar o avanço das tropas bavaras, ha, com intervallos regulares entre si, uma serie de eminencias cobertas de bosques, conhecidas pelo nome de Grande Coroado de Nancy, que foram aproveitadas como principal linha de defeza.

Ao norte essas eminencias elevam-se á altura de quasi 1.000 pés de cada lado do Meurthe e cercam Nancy do sul, do lado da fronteira, até um ponto um pouco a leste e norte. No restante segmento do circulo de que a cidade é o centro, para a fronteira a leste e sudeste, uma extensa planicie corre durante oito kilometros, da qual se erguem mais eminencias e florestas. As mais importantes d'essas eminencias são o planalto de Amance, a quasi dez kilometros da cidade, com as florestas de Champenoux e St. Paul exactamente atraz d'elle, ao norte e ao sul da estrada de Château-Salins, e mais a leste, na direcção de Lunéville e Cirey, as florestas de Vitrimont e Parroy.

Em começos d'agosto, como vimos, as forças oppostas estavam operando diversos movimentos de avanço em direcções varias, cada uma d'ellas na fronte das fortalezas rivaes de Verdun e Metz, de Toul e Saaburgo, de Epinal e Strasburgo, cujos exercitos de guarnição, antes da guerra começar, se espreitavam, promptos a despedaçar-se á primeira voz. Na quarta semana do mez, excepto na Alsacia, todos esses exercitos que haviam transposto a fronteira seguiam a mesma direcção, convergindo sobre Lunéville e Nancy, que fica apenas a dezeseis kilometros da fronteira, recuando os francezes em frente dos allemães.

Logo que a retirada começára ao norte, o resultado reflectira-se em toda a linha. No centro os allemães tornaram a occupar Cirey e Badonviller, d'onde haviam recuado no principio do mez, e occuparam Blamont, entre Cirey e Lunéville. Mais abaixo o seu segundo exercito apoderou-se de St. Dié, Raon l'Etape e outras pequenas cidades entre Epinal e os Vosges, e o general Dubail, com o primeiro exercito francez retirou gradualmente para oeste, a fim de fortalecer a linha franceza.

Houve alguns serios recontros no desfiladeiro de Chipotte, sendo as perdas d'ambos os lados muito grandes, e n'outros locaes dos contrafortes dos Vosges no fim d'agosto e principios de setembro, em que os francezes pelejaram com grande bravura e se não contentaram com manter-se na defensiva. Mas o resultado geral foi o dos allemães, embora nunca chegassem a Epinal, conservarem vantagens.

Mais ao norte, quando os francezes retiraram de Saaburgo e Morhange, concentraram-se primeiro n'uma posição demarcada pelo rio Meurthe ao sul de Lunéville, pelo canal do Marne e pelo rio fronteiriço o Seille, e d'ahi, mais para oeste, ao longo d'uma fronte que começava no valle do Mortagne e se estendia na mesma linha na direcção de Champenoux. Além d'essa linha, que praticamente coincide com o Grande Coroado de Nancy, nunca os allemães avançaram. A posição era bem escolhida.

Começando ao norte em Monte Toulon, baseava-se primeiro nas

eminencias do Monte St. Jean, La Rochelle e Amance (o planalto em que o ataque se quebrou), depois era protegida pelas florestas de Champenoux, St. Paul e Crévic e finalmente pela floresta de Vitrimont e um pequeno tracto do Mortagne. A mais importante das cidades que ficavam entre ella e a fronteira era Lunéville, onde os allemães entraram sem encontrar resistencia a 22 d'agosto e onde se conservaram até 12 de setembro.

Foi sacrificada pelos francezes, a fim de conseguirem a vantagem da forte posição que ficava além d'ella.

Os primeiros dois corpos d'exercito que tomaram parte na invasão da Lorena partiram de Strasburgo e entrando em França pelos desfiladeiros superiores dos Vosges e entre Cirey e Baccarat, avançaram ao longo dos trez valles dos rios sobre Lunéville e o grupo de aldeias que a rodeiavam. Todas essas aldeias soffreram muito com o *bombardeamento* d'ambos os lados e mais ainda com as granadas incendiarias dos allemães, especialmente Gerbéviller e Badonviller, tendo em ambas essas povoações os francezes sustentado uma violenta lucta. Badonviller, trez vezes occupada pelo inimigo, foi theatro d'uma quasi ininterrupta lucta durante o primeiro mez de guerra. Da segunda vez que os allemães a occuparam, a 23 d'agosto, os allemães foram repellidos por um furioso contra-ataque dos caçadores alpinos e dos caçadores de Africa, que da sua posição, em Pexonnes, avançaram com um impeto irresistivel, levando os allemães adeante de si, n'uma brilhante carga de baioneta. Depois voltaram a occupar a sua posição e os allemães para a cidade, onde incendiaram o bairro que ficava mais proximo da fronteira, umas trinta casas, saqueando muitas outras. Mataram tambem doze habitantes, entre os quaes a esposa do heroico «maire», uma outra mulher e a creança que estava embalando nos braços e um velho que estava pacificamente sentado á sua janella.

Mas foi em Gerbéviller, uma pequena cidade a cerca de oito kilometros ao sul de Lunéville, que o systematico methodo allemão de atterrorisar as populações, matando civis e incendiando edificios, attingiu o auge. Segundo diz o correspondente especial do «Times» no leste da França, apenas dez casas, das quatrocentas e sessenta que havia na cidade, ficaram habitaveis depois dos allemães terem sido d'ali desalojados.

Austin Chamberlain, estadista inglez

No dia em que a cidade foi atacada pela primeira vez, foi defendida com a maior coragem por uns sessenta ou setenta caçadores contra uns trez a quatro mil allemães. Quando foram finalmente forçados a retirar, alguns, poucos, que haviam sido separados dos camaradas esconderam-se até ao anoitecer n'um *subterraneo* e, quando d'ali fugiram, mataram uma sentinella que tinha sido collocada na extremidade mais baixa da cidade. A esse tempo a cidade estava a trasbordar de tropas allemãs.

Furiosos pela heroica resistencia que lhes havia sido opposta durante tanto tempo e attribuindo a responsabilidade da morte da sentinella, sem justificação de especie alguma, a um não combatente, exerceram a sua terrivel vingança sobre a desgraçada cidade, não deixando de pé senão paredes ennegrecidas e vacillantes. Os auctores de tal barbaridade foram obrigados a recuar pela artilharia franceza. Mas não foram os dois bombardeamentos soffridos pela cidade que a reduziram a esse montão de ruinas que ella agora era, mas sim o incendio que propositadamente era ateado pelos allemães, munidos de apparelhos especiaes para tal fim.

Uma a uma, as casas e as egrejas eram incendiadas, ficando sepultados nas ruinas muitos dos habitantes d'essas casas que se haviam escondido nos subterraneos.

A destacar entre os feitos mais heroicos n'essa cidade commettidos, citaremos a coragem da irmã Júlia, a valorosa religiosa, que, com outras irmãs da sua ordem, se manteve no seu posto durante o horror dos dois bombardeamentos e dos incendios, prestando auxilio aos feridos d'um e outro campo. Bem mereceu a cruz da Legião de Honra, que lhe foi posta ao peito pelo presidente da Republica.

Em toda essa parte da França que os allemães invadiram, em Noméuy, em Baccaral, em Réméréville, em todas as outras cidades e aldeias da Lorena que occuparam, nos Vosges e no Woevre, testemunhas oculares contam historias interminaveis não só de edificios incendiados—cujas ruinas pódem ser vistas por todo o mundo—mas de mulheres e creanças mortas ás janellas de suas casas ou nas ruas, pelo mero prazer de matar, e de horriveis bestialidades. E' facto que muitos officiaes e muitos soldados não tomavam parte n'esses actos de atrocidade, mas a verdade é que elles se commettiam e que os nomes de Gerbéviller e Noméuy não pódem facilmente desapparecer como sendo uma prova da tão apregoada «cultura» germanica.

Aos habitantes de Lunéville valeu, para não serem victimas de maiores horrores, a coragem do sub-prefeito Minier, do maire Keller e do deputado pela cidade Méquillet, que muitas vezes, com risco da propria vida, se dirigiram á auctoridade militar superior allemã a pedir providencias, protegendo assim a vida e as propriedades dos seus concidadãos.

No leste da França, como na Belgica, a campanha demonstrou exuberantemente a perniciosa influencia exercida pelos allemães no que deviam ser os methodos da guerra, fazendo desapparecer todos os impulsos humanitarios e só trazendo á superficie os crueis e brutaes instinctos da natureza.

A grande lucta final para a posse de Nancy estava agora travada.

Os dois primeiros exercitos invasores apenas haviam conseguido chegar a Lunéville. O terceiro—e o principal—que tambem se compunha de tropas bavaras com artilharia pezada e alguma cavallaria prussiana—uhlanos e couraceiros brancos da Guarda—avançou de Château-Salins e travou uma serie de violentos combates com os francezes nos arredores e dentro das aldeias que ficam em redor da floresta de Champenoux. Ao mesmo tempo parte do exercito de Metz, que começou avançando por oeste sobre Verdun, voltou para sul, entre o Mosa e o Mosella, ficando a sua esquerda em Pont-à-Mousson, e tomou tambem parte no ataque á capital da Lorena.

Os planos allemães tinham sido tão bem succedidos que estavam novamente em situação de poderem avançar simultaneamente de duas direcções sobre o planalto de Amance, onde o general de Castelnau havia concentrado o grosso da sua artilharia. Antes de poder cooperar n'esta tentativa com os exercitos vindos de Sarburgo e Strasburgo, o exercito do norte ou de Metz, depois de occupar Noméuy a 20 d'agosto, quiz tomar a aldeia de Santa Genoveva, a cerca de dezeseis kilometros a noroeste de Amance, onde fôra postada uma pequena força franceza

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1793—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 30 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5, 1.º. Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Sempre a guerra

Embarcaram, na Cidade do Cabo, com destino a Lisboa, o bravo tenente Aragão e os seus companheiros aprisionados no combate de Naulila. Embarcaram entre grandes manifestações á sua coragem, ao seu magnifico exemplo historico, á bravura do seu gesto. Pertencem elles, com effeito, ao numero d'aquelles que tiveram a honra de luctar, com as armas na mão, contra os ex-lebidos invasores, vingando o sangue dos seus compatriotas derramado em varios traiçoeiros ataques, o mais abominavel dos quaes foi o massacre dos nossos soldados desprevenidos, no Cuangar.

No tenente Aragão, carregando sobre as hordes germanicas á frente dos seus intrepidos dragões, symbolisou-se o arranque do brio nacional, affrontado por um paiz que n'este momento envergonha, com a sua ferocidade brutal, a alta civilisação moderna e os seus proprios grandes homens que para ella contribuiram com os fulgores do seu genio.

O parlamento portuguez acaba de votar, por unanimidade, a concessão d'um posto de accesso a esse bravo militar. O tenente Aragão é hoje o capitão Aragão. Distinguindo-o por esta fórma, o parlamento portuguez não lhe pagou só uma parcella da gratidão nacional: honrou-se a si proprio, honrou a Republica, honrou a Patria.

O capitão Aragão deve chegar d'aqui a algumas semanas a Lisboa, junto com bravos que o acompanharam no seu captiveiro. A sua chegada será, para a guerra mais uma vez em foco. Approximam-nos d'ella. Apparecer-nos-ha como uma realidade tangivel, e não como um facto distante. Saberemos bem o que foi essa acção guerreira, ainda hoje envolvida nas sombras vagas d'uma especie de misterio e lenda.

A cada momento, a questão da guerra vem assim ter comnosco, tocando-nos, despertando-nos, estimulando-nos, como se effectivamente não nos fôsse licito desinteressarmo-nos um só momento d'um assumpto que para nós póde revestir o aspecto d'uma questão de vida ou de morte.

Ha de chegar a comprehender-se, é exatá que não seja apenas para um devorador renorso, que nós, como todos os povos do mundo, e porventura com razões mais capciosas do que nenhum outro, não podemos eximir-nos a ser arrastados no terrivel levantado pela conflagração europeia. E' plausivel que finda ella, seja quando os maiores perigos se estejam neutralisados, mas desde o dia em que se disparou o primeiro tiro, na arrogancia allemã, que esses perigos se levantam perante os olhos de todos que não querem fechar por miseraveis interesses pessoaes ou por torpes e estereis ambições politicas. Disse-nola que o ar se povoou de inquietantes ameaças, que de dia para dia vão tomando fórma e definição mais espessas.

E' de esperar que quando o capitão Aragão chegar, com os seus valentes companheiros, a população de Lisboa, o paiz inteiro secundem o voto do parlamento, confirmando-o com as suas enthusiasticas acclamações. O que ali vem é um punhado de heroes e valentes portuguezes, n'esses d'alma quebrar que torcer, fiéis a divisa de se enredarem em subtilezas e sophismas, tendo da honra e da integridade da Patria uma noção clara, e não conhecendo, pela Patria, senão o processo rectilineo do cumprimento do dever, atravez de todos os perigos, arrostando a morte.

E' possivel que um dia todos os portuguezes tenham de pautar a sua conducta por este exemplo de heroismo, para salvar a Patria com os prodigios da energia popular que nunca na historia portugueza deixaram de se manifestar nos mais angustiosos periodos da nossa nacionalidade. E então o procedimento de todos os portuguezes não poderia deixar de ser o mesmo do tenente Aragão, carregando, de espada em punho, prompto para vencer ou morrer, sobre os inimigos da sua Patria!

Migalhas

Um artista

O meu velho amigo José Queiroz ia hontem radiante. Conduzia triumphalmente nos braços um embrulho delgado e circular e transportava-o com a uncção de um patriarcha levando o Viatico debaixo de pallio.

Contou-me a sua satisfação. O misterioso pacote era um precioso prato de faiança portugueza, fabricado provavelmente em Lisboa nos começos do seculo XVII, de uma decoração delicadissima a azul e côr de vinho.

—E' uma das peças mais raras que tenho encontrado no meu caminho de ceramista impenitente, dizia o José Queiroz com o seu fino sorriso. Era propriedade de Alfredo Bensaude, o director do Instituto Superior Technico e figurou na Exposição Ulysiponense. Não tive uma hora de descanso emquanto não consegui que fôsse offerecido ao Muzeu de Arte Antiga, cuja secção ceramica estou organisando, e aqui o levo finalmente...

Quando José Queiroz se affastou, fiquei scismando que mal reconhecidos teem sido os serviços que, ha quarenta annos quasi, elle vem prestando á Arte portugueza com um desinteresse, que mais se avoluma pela modestia da sua situação, pela ridicula retribuição do seu logar official. Nada o tem feito desanimar n'essa cruzada, nem a ignorancia publica, nem a indifferença dos poderes publicos, nem a esperteza de quantos colhem na passagem gloriosa que legitimamente lhe pertencem. Tem d'estas alegrias compensadoras, quando descobre uma velha taboa de pintura antiga, quando encontra um ignorado painel de azulejos, quando lhe surde inesperadamente uma preciosidade de faiança classicamente nossa. Emquanto o mundo se agita em torno d'elle, vae vivendo serenamente o seu sonho, tão escrupulosamente limpo de espirito como aprimorado no trajar, tão despido de ambições, como distincto no trato, tão alegado de recolharias artisticas como devoto ás suas amisades. N'este torvelinho da vida portugueza passam quasi despercebidas as figuras como elle e ao saber as fontes da sua alegria, só lhe desejo que, na folha de gratificações da Sorte, se inclua cada mez e em sua intenção, um achado como o de hontem.

André Brun.

Poeira da Arcada

Trez deputados da maioria pediram ao ministro da marinha que faça transportar para a metropole o cadaver do capitão Roby que, em Angola, heroicamente deu a sua vida pela patria. Nada mais justo. O illustre official merece bem encontrar jazida na terra em que nasceu e que tão nobremente honrou. Os scepticos talvez não comprehendam esta homenagem. O scepticismo, porém, não passa de uma attitude commoda, para justificar uma enorme relaxação de sentimentos.

O capitão Roby pertence á parte sã, impolluta da nossa raça. Que os corações moços e fortes aprendam com o seu exemplo, erguendo-se acima de tanta baixeza em que se decompõe o nosso velho brio.

O sr. Nunes da Matta escreveu um trabalho de valor sobre a apicultura. Antes, no theatro, na algebra, na nautica e na oratoria creára um nome que o paiz não esquecerá tão depressa. O seu espirito familiarisa-se promptamente com os assumptos. O difficil é restringir-se, limitar-se no estudo, na meditação e no exame dos variadissimos problemas que a intelligencia encontra no seu caminho. Não conhece horisontes, pois varias vezes as suas miradas querem abarcar o Infinito. E aqui está porque a sua obra, tão diversa e tão variamente tocada pela inspiração, nos dá a impressão de uma nuvem esfarrapada, atravez a qual se advinha o sol poente.

***

N'uma terreola do districto de Santarem, trez facinoras ajustaram com outro matar um seu inimigo, mediante dezoito escudos. Cumpriram a sua palavra. E para que duvidas não restassem, enviaram uma orelha da victima ao mandante, exigindo o preço.

Repontou o malandrim, allegando que só pagaria trez escudos, visto que não encommendara a morte, mas sim uma boa sova. Concertaram-se os animos desavindos e cada qual continuou sem remorsos a dobar a teia do seu feio destino. N'isto, a justiça mexe-se e ei-los catrafilados. Começam por embrulhar a historia do crime, mas bem apertados nos interrogatorios, acabaram por dizer a verdade.

Não perderam o apetite nem se mostraram penosos.

Acham-se tão bem dispostos, como se não houvessem violado as leis divinas e humanas. Pelas grades da prisão, conversam com as suas visitas, julgando, talvez, que a virtude e o crime são nomes vãos.

A justiça, porém, lhes tirará as illusões.

RIQUEZAS COLONIAES

A Guiné de ámanhã

E' necessario attrahir capitaes, executar a lei do trabalho obrigatorio e proceder á occupação militar

Encontra-se actualmente em Lisboa o sr. Virgilio Cardoso, administrador da circumscripção de Bissau, e em cuja jurisdicção, como se sabe, vive a aguerrida tribu dos «papeis», que acabam de ser batidos pelas nossas forças. Procurámol-o ha poucos dias, na intenção de colher algumas impressões sobre a situação da Guiné Portugueza. O distincto funccionario, que é um enthusiastico apologista do nosso progresso colonial, começa por dizer-nos:

—A Guiné, entre todas as nossas possessões ultramarinas, é uma das que mais risonha situação tem reservada no futuro. O paiz é rico, abundantissimo em productos de exportação, sementes oleaginosas, florestas immensas de preciosas madeiras, e tantos outros. A exploração de tanta riqueza é facilitada pela existencia de uma rêde immensa de canaes com que a natureza prodigamente dotou a região, e que facilitam em extremo o transporte, tanto das pessoas como dos materiaes. Além d'isso, a população é bastante densa, não devendo andar muito longe de um milhão de habitantes...

—Mas o clima? Dizem-se d'elle coisas terriveis...

—Meu amigo, o clima não é tão mau como geralmente se affirma. O que talvez tenha havido é interesse em o desacreditar... A prova é que o commercio francez e allemão, que quasi monopolisa as transacções na provincia, tem prosperado immenso.

—E o commercio portuguez?

—Eu lhe digo. Os portuguezes da metropole pouco teem ido para a Guiné, que tem sempre estado quasi exclusivamente á mercê de caboverdeanos. Pois é necessario que vão, e sobretudo que levem capitaes, que é o que falta para desenvolver a provincia logo que a occupação estiver terminada. E os effeitos beneficos da occupação já se teem feito sentir, pois que os progressos realisados nos ultimos annos são realmente enormes. Quer um exemplo? Quando tomei conta da circumscripção de Bissau, o imposto de palhota, referente a esse anno de 1912-1913, não rendeu mais que 1.610$00 escudos. Em 1913-1914, mercê da lição infligida aos «papeis» pelo arrojado capitão Teixeira Pinto, consegui cobrar 13.609$50 escudos, e em 1914-1915 cobrei já 16.437$00 escudos, faltando cobrar ainda 8.973$00 escudos.

—Os «papeis» estão definitivamente submettidos?

—Sem duvida, e a cobrança do imposto fala bem eloquentemente a tal respeito. Devo dizer-lhe que a situação se tornava insustentavel e era em extremo deprimente para a nossa soberania. As auctoridades de Bissau quasi que não podiam arredar pé da fortaleza, porque a poucos passos da povoação o gentio já nos era hostil. Em todas as guerras que lhes fizemos durante muitos annos nunca levámos a melhor, porque essas campanhas não passavam afinal de «fabricas de condecorações» e de negociatas para certo commercio. Ha dois annos, o assassinato do administrador de Cacheu pelo gentio forneceu pretexto para uma nova intervenção da força armada. Foi o capitão Teixeira Pinto, chefe do estado maior da provincia, quem dirigiu a campanha, iniciada sem espalhafato, sem reclamos, e até sem tropas europeias. O valente official, para quem não são demais todos os elogios que se lhe façam, fez-se apenas acompanhar por vinte e tantos soldados «cuanhamas» e pelas forças auxiliares que foi possivel arranjarem-se. Um dos chefes d'estes auxiliares era o celebre Abdul-yn-jai, actualmente regulo do Oio, e que muito se orgulha com o posto de tenente de 2.ª linha que o governo lhe deu.

«Mas não basta bater, é preciso sobretudo occupar. Para isso o governo deve facilitar aos governadores todos os meios necessarios, que não são de resto muito complexos. Basta augmentar a guarnição da provincia com soldados indigenas de Angola ou Moçambique, e dentro de pouco tempo estará conseguido o «desideratum».

—Uma ultima pergunta: sabe-me dizer se os allemães faziam contrabando de armas depois da guerra europeia ter começado?

—Tenho a convicção de que o faziam, embora fôsse sempre difficil demonstral-o, porque quando se lhes passavam buscas já os homens tinham sido previamente avisados até por funccionarios do Estado. De resto é aos allemães que se deve em grande parte o facto de todos os indigenas possuirem armas. Durante muito tempo, os navios da «Woerman» aproavam a qualquer enseada longinqua da colonia e bastava que o preto levasse um macaco a bordo para receber em troca um revolver, ordinario é certo, mas capaz de matar. E' preciso rehaver todo esse armamento, o que só póde conseguir-se efficazmente com a occupação, tornar o trabalho rigorosamente obrigatorio e levar capitaes; o governo deve ser sempre exercido por europeus, e nada mais necessita a Guiné para se transformar na colonia prospera e riquissima que um dia ha de ser.

Noticias parlamentares

Dizia-se hoje, pelos corredores de S. Bento, que o Parlamento fecharia irrevogavelmente no dia 9 de agosto. E accrescentava-se que a semana que vem será de trabalho intensivo, havendo todos os dias duas sessões, destinadas, sobretudo, á discussão do orçamento. Além d'isso, discutir-se-hão mais alguns, poucos, projectos considerados urgentes, figurando á frente d'elles os que se referem á solução da crise vinicola. Isto era o que se dizia por S. Bento. Mas d'ahi á realidade vae uma distancia enorme, que o Parlamento não transporta, de tão pouco tempo elle quer dispôr para realisar obra tão grande.

***

Espanejou-se hoje, pela Camara, um novo jacto de eloquencia. Foi... sabe-se lá quando foi! O que se sabe é que, inesperadamente, se ergueu, lá no centro da Camara, um homem muito alto, muito magro, de raros cabellos a disfarçarem-lhe a prematura calva d'artritico, para fazer, enthusiasmado, a apologia do ananaz. Mas como o saboroso fructo ficou acima do orador e como o sr. Mariano Arruda, por mais que badalasse, foi impotente para nos dar a impressão do que a sua terra soffre com a crise que attingiu a sua maior riqueza! Não, sr. Arruda, o senhor não tem serenidade para estas coisas. E é pena, porque não lhe faltam qualidades de colorista, sobretudo quando invoca, cheio de nostalgia, os badalos dos sinos da sua egreja, que appareceram pintados de encarnado e verde, n'uma bela manhã, ha uns poucos d'annos.

***

Amanhã, ha sessão na Camara dos Deputados, mas não haverá na segunda-feira. Porquê? O officio de legislar não é dos mais bons. Ninguem póde entregar-se-lhe incondicionalmente. Quem o usar em excesso bem póde esfalfar-se. De vez em quando, é absolutamente necessario que os srs. legisladores descancem e arejem. Eis porque na segunda feira elles vão todos, em romaria civica, até Torres Vedras, visitar um asilo que ali existe e embeber o olhar na paizagem doce dos vinhedos que principiam a tingir-se d'oiro velho. Quem lhes ha de querer mal por isso?

***

O sr. Aresta Branco fallou hoje para a Historia. Espantas-te, leitor? Pois foi assim mesmo. O *leader* da União, que o é só quando outros *leaders* da casa estão ausentes, arranjou a sua mais commovente voz, afinou as mais suaves notas da sua laringe e quiz que lhe dissessem se realmente as expedições militares ás colonias tinham sido aconselhadas pelas circumstancias. Afinal, pouco custou a fazer a vontade ao sr. Aresta, que ficou satisfeitissimo, convencido de que realmente a Historia registará as suas palavras de hoje. Mas quão profunda será a sua desillusão se um dia verificar que se enganou...

***

Na primeira sessão dos deputados, discutir-se-ha o tratado de arbitragem com a Inglaterra, que os unionistas, pela voz do seu mais eloquente orador, quizeram fazer approvar hoje. Ao que parece, ha intenção de transformar esse debate n'uma calorosa homenagem á Inglaterra, parecendo que usarão da palavra os mais afamados oradores da camara. O sr. dr. Antonio José d'Almeida será dos primeiros a exaltar a amisade da nossa alliada, mais uma vez posta em relevo com este tratado, que vem acabar com atrictos e complicações sem razão de existencia.

***

Na sua reunião de hoje, a commissão de legislação civil tomou conta de varios projectos pendentes, distribuindo ao sr. Abilio Marçal o que se refere aos solicitadores judiciaes, estabelecendo que o numero d'esses funccionarios póde ser, em cada comarca, illimitado. Os ajudantes dos solicitadores, com dez annos de serviço, podem ser admittidos, só por isso, aos respectivos concursos.

O tenente Aragão regressa á Europa

e com elle os outros prisioneiros libertos

Manifestações na Cidade do Cabo

CIDADE DO CABO, 29.—A communidade portugueza festejou os prisioneiros portuguezes libertados do Sudoeste Africano. Em resposta ás felicitações que lhe dirigiram, o tenente Aragão, que commandou as forças portuguezas, e disse que a força allemã, cinco vezes superior, approximou-se e abriu fogo. A multidão applaudia calorosamente o general Botha, que fez a libertação. Os prisioneiros libertos partiram á noite para Lisboa a bordo do *Africa*. Houve cortejo até ao vapor, seguindo á frente a musica do *Africa*.—(*Havas*).

Tenente Jayme de Sousa

Regressou a Lisboa, tendo-se apresentado na majoria general, o sr. Jayme de Sousa, segundo tenente da armada, antigo deputado da nação e que militou no partido regenerador, em cuja imprensa exerceu cargo de relevo, secretariando as *Novidades*. O sr. Jayme de Sousa cumprimentou tambem o commandante interino da divisão naval, sr. Leotte do Rego.

A QUESTÃO DO TRIGO

O exotico e o nacional

Teem de ficar, perante a lei, nas mesmas condições—Urge crear a «letra agricola»

O complicado problema das subsistencias é d'aquelles que não dispensam a cooperação de quantos, conhecendo-o, possam fornecer elementos favoraveis á sua solução. Na assembleia de S. Carlos trocaram-se impressões e recolheram-se alvitres cujo valor é desnecessario esclarecer. Em S. Bento, a questão está sendo tambem debatida com rara elevação e competencia. Mas todos os que se teem dedicado ao exame da magna questão da alimentação publica terão, porventura, comparecido em S. Carlos ou podem, armados com o seu diploma de deputados, tomar parte no debate que decorre no parlamento? Claro que não. E, todavia, entre os que não falaram ainda abunda quem tenha coisas bem interessantes para dizer. O sr. Francisco Grillo, por exemplo, que n'estas coisas economicas ou nas que com a agricultura se prendem é, sem duvida, uma authentica competencia. Vejamos, pois, o que esse economista agricola, cujos trabalhos da especialidade demonstram bem o seu saber e o seu amor pelas questões d'esta natureza, diz sobre a magna questão do pão:

—Temos de dividir a situação em que nos encontramos e que nos foi creada por causas para as quaes não contribuimos, em dois periodos—o normal e o anormal. O primeiro é constituido pelos primeiros seis mezes do anno cerealifero em que entramos. E' para quanto nos chega o nosso trigo. Dissemol-o a tempo na «Capital», e não nos enganámos. O que ha então a fazer para esse espaço de tempo em que o trigo portuguez chega para alimentar o consumo? Nada. Ou antes: compete ao governo manter e fazer respeitar, em toda a sua pureza, a legislação em vigor, tal e qual como se não tivessemos um «deficit» de trigo de cerca de 150 milhares de kilos. Podia citar-lhe as disposições terminantes das leis que regulam o fabrico do pão. Mas ellas são conhecidas de todos os interessados. Sabe-se, por exemplo, que as fabricas de moagem são obrigadas a produzir tres tipos de farinha e a vendel-os em quantidade não inferior ás percentagens de extracção, indicadas na lei, não podendo nunca a de 3.ª qualidade ser inferior a 15 por cento. Os preços d'essas farinhas serão, respectivamente, de 10, 9 e 8,2 centavos em Lisboa e de mais 3 centavos para o Porto. Com essas farinhas fabricar-se-hão, além do pão de luxo, com qualquer peso, e no qual só entrará farinha de 1.ª qualidade, tres tipos de pão: «o de familia», com 500 grammas, confeccionado com farinhas de 1.ª e 2.ª qualidade, ao preço de nove centavos; «o de uso commum», com 1.000 grammas e a oito centavos, e o «economico», com 1.000 grammas e de farinha de 3.ª, a sete centavos. O que se impõe então, visto manterem os preços da tabella para os trigos nacionaes e nada se alterar com relação ao regimen a que estão sujeitos agricultores, moageiros e panificadores? Manter esse mesmo regimen emquanto o nosso trigo durar. Precisam, porventura, os industriaes de panificação de compensações? Teem-nas no pão de luxo. Parece-me que, n'este ponto, a questão está perfeitamente esclarecida.

«Vamos agora ao resto, ao outro periodo, áquelle espaço de 6 mezes em que temos de alimentar-nos de trigo exotico. O estado tem de importar, por sua conta, e quando mais opportuno lhe pareça, 150 milhões de kilos de trigo. Para quê? E' claro que não vae panifical-os directamente. O que lhe compete, então fazer? Isto: entregar aos moageiros o trigo que mandar vir de fóra não a seis centavos, como até aqui se tem feito, mas pelos preços da tabella organisada, segundo o seu peso especifico, para os trigos nacionaes, preços esses que não vão nunca além de 72 réis e que não descem tambem abaixo de 62 réis, para os trigos moles, que são os que nos veem de fóra. Estabelecia-se, por essa fórma, um regimen transitorio, ao qual os moageiros não duvidarão, decerto, sujeitar-se, visto a hora ser de sacrificios para todos. Esse regimen transitorio teria a sua justificação nas circumstancias anormaes dos mercados cerealiferos internacionaes, baseando-se, portanto, no preço especifico por hectolitro, tanto para os trigos rijos como para os trigos moles. Estabelecido este regimen de egualdade de tratamento tanto para o trigo nacional como para o exotico, o industrial da moagem nem sequer é sacrificado, visto ter sempre compensação favoravel no diagramma de extracção dos trigos exoticos—de maior percentagem que nos trigos nacionaes, constituidos na maior parte por trigos rijos, ao passo que os trigos exoticos são todos «molares». E o Estado, estabelecendo este «modus vivendi» com a moagem realisava lucros importantissimos.

«Encaremos, porém, ainda por outro aspecto esta importantissima questão. E' o que se refere ás compensações a dar á agricultura. Urge, em primeiro logar, evitar o açambarcamento, que a lei permitte e reconhece. Como? E' sabido que no Alemtejo vigora, geralmente, o sistema do «rendeiro». O proprietario não amanha as suas terras—arrenda-as. Mas o rendeiro, as mais das vezes, não tem capital. E o que faz? Isto: vende, muitas vezes ao proprio senhorio, e a preços vis, as suas searas, quasi sempre ainda em estado herbaceo. Como evitar semelhante uso, que a necessidade impõe? Creando a «lettra agricola», que só deve ser descontada ao cultivador de trigo, de outubro a julho, emprestando o Estado, por essa fórma, até 60 por cento do valor provavel da colheita e ao juro de cinco por cento. Habilitado por este modo para fazer as suas lavouras, o rendeiro não irá levar o seu trigo aos açambarcadores, antes poderá vendel-o sempre ao preço da tabella de 1899, sendo-lhe assim, facilimo liquidar com o Estado as suas contas. Depois, como medida transitoria, bem podiamos isentar, na importancia de 10 por cento das respectivas contribuições, as terras que, em 1916, fôssem semeadas de trigo. Os transportes de trigo para os mercados de Lisboa tambem podiam ser diminuidos, como era de justiça baratear o transito de adubos nos caminhos de ferro do Estado, quando elles se dirigissem para as regiões cerealiferas. E' isto o que me parece mais necessario fazer para que o problema do pão tenha uma solução pratica e equitativa.

De maneira que, recapitulando e concretisando, creio que a solução immediata do problema está, relativamente em pouco. Os trigos nacionaes, comprados pelo preço da tabella official, garantem o abastecimento durante seis mezes. Pois bem: mantenham-se os diagrammas de extracção fixados na base 4.ª da lei de 14 de junho de 1899, assim como os preços das farinhas e os preços do pão marcados pela lei n.º 1 de 3 de julho de 1913. Por essa fórma, o pão economico de 1.000 grammas, só de farinha de trigo, continuaria a existir. Pouco mais ou menos, é o que a assembleia popular de S. Carlos pede, visto querer a fixação dos preços do trigo e da fórma de o adquirir, marcando-se o diagramma da extracção dos productos panificaveis e os preços de modo a estabelecerem-se os seguintes tipos e preços: pão de luxo, familia puro, a 9 centavos; uso commum, a 0$08 e economico a 0$07. O meu modo de ver ahi fica. Oxalá que elle contribua para que a questão tenha, quanto antes, a solução rapida e conveniente que as circumstancias tão imperiosamente exigem.

FOLHETIM D'A CAPITAL—30-7-915

ALEXANDRE HERCULANO

NO

"Archivo Historico Portuguez,,

Ao de o seu nome incluido entre os de varios personalidades presidenciaveis, o sr. Anselmo Braamcamp Freire apressou-se a recordar as palavras que proferiu no Senado quando resolveu pôr termo a uma actividade politica de seis annos, consagrada ao serviço das idéas democraticas. Julgava-se com direito a regressar ao socego da sua casa, ao remanso do seu gabinete, onde, estudando, continuaria a servir a nação. Abandonava assim a vida publica, á qual se entregou com verdadeiro enthusiasmo desde a hora da solemne renuncia aos arminhos de par e do ingresso nas fileiras dos militantes da propaganda republicana, para volver de novo aos trabalhos de investigação historica que lhe grangearam uma notavel reputação de sabedor e o impõem á admiração e ao reconhecimento de todos nós.

O sr. Anselmo Braamcamp Freire é, com effeito, um benemerito das sciencias historicas, a que tem dedicado a sua robusta e esclarecida intelligencia, o mais indefesso labor e até, segundo cremos, a sua propria fortuna. O «Archivo historico portuguez», cujo nono volume acaba de ser distribuido, testemunha quanto asseveramos, se considerarmos a variedade e a riqueza dos estudos n'elle inseridos, a larguissima copia de documentos que salvou da perda ou do olvido e a magnificencia da edição opulentada de estampas, reproducções photolypicas e fac similes que illustram o texto de importante menção. Nenhum editor da nossa terra se abalançaria a trazer a lume uma publicação semelhante, porque a sua venda não póde compensar immediatamente as despezas que acarreta e affigura-se-nos muito problematico que algum dia as compense. Só a arrojada iniciativa de alguem disposto a abrir a sua bolsa sem olhar a outro premio que não seja a consoladora certeza de haver contribuido para uma obra profundamente patriotica explica a existencia do «Archivo» e esse alguem é o sr. Anselmo Braamcamp Freire, que o dirige com a cooperação do sr. D. José Pessanha. Se o seu afastamento da politica póde ser lastimado, porque o eminente republicano se recommenda por um conjuncto de virtudes, hoje tanto mais apreciaveis quanto mais raras se vão tornando, o seu regresso ás occupações que constituiram sempre o maior encanto do seu culto espirito deve ser motivo de satisfação para quem não desconhece os altos meritos do erudito auctor dos «Brazões de Cintra».

No nono volume do «Archivo historico portuguez» collaboram os srs. Victor Ribeiro, Pedro de Azevedo, A. Braamcamp Freire, Maximiliano Lemos, Carolina Michaelis de Vasconcellos, Nogueira de Brito, Edgar Prestage e Antonio Baião com valiosos lavores e n'elle se conteem outros de Francisco Leitão Ferreira e Sousa Viterbo, trazendo, além d'isso, em appendice fasciculos da «Chronica de D. João I» e da «Armaria Portugueza». Um dos mais interessantes ineditos incluidos no presente volume do «Archivo» são os «Apontamentos de viagem» de Alexandre Herculano, tomados quando em 1853 e 1854 percorreu a Extremadura, a Beira e o Minho, a fim de estudar os archivos ecclesiasticos na qualidade de commissario da Academia das Sciencias. Esses apontamentos, como observa o sr. Pedro de Azevedo, nem todos foram, infelizmente, aproveitados pelo grande escriptor, que apenas desenvolveu alguns em artigos do «Panorama»; no entanto, taes como são, por vezes quasi em estylo telegraphico, lêem-se com viva curiosidade e proveito.

***

Herculano tomava nota de tudo quanto o impressionava, quer dissesse respeito á archeologia, á historia, á architectura, á paizagem, quer ao desenvolvimento ou atrazo agricola e industrial, á instrucção e educação do povo, ás idéas politicas dominantes, á hospedagem, aos meios de transporte, ao valor mental e moral do clero, ao caracter das populações e das pessoas com quem tratava, ás proprias lendas que corriam de bocca em bocca. Os apontamentos sobre a agricultura das regiões percorridas são dos mais abundantes, denunciando as predilecções d'aquelle que viria a morrer como lavrador no logar hoje historico de Valle de Lobos. Ao acaso, respiguemos, aqui e acolá, algumas das observações de Herculano. Por ellas o leitor decerto ajuizará do valor que caracterisa as restantes.

O historiador encontrou em Alvega tres clerigos e escreveu a seu respeito: «Um de perto de 80 annos que crê em bruxas e lubishomens; todos ignorantissimos; o clero antigo não tinha melhor educação litteraria; a differença estava só em comer o alto clero pingues rendas». Entre as notas ácerca da villa de Pombal, diz que o marquez com outro coração teria sido feliz no seu desterro. Passando em Coimbra, assistiu á cerimonia da imposição do capello ao dr. Levy Maria Jordão e mostra-se partidario da conveniencia de se conservarem as formulas. Encontrou o archivo da sé desarranjado e escreve: «Como o conego resiste á civilisação. Eram corporações que podiam ter uma razão litteraria de existencia: não a tiveram nem podem já tel-a...» Em casa de Francisco de Lemos Ramalho, de Condeixa, foi recebido consoante as tradições da nobre familia: «O modelo da cortezia, hospitalidade e franqueza: um realista ou antes um liberal que se ignora como Molière ignorava que era um grande homem: parece um hospede como os outros: nada de morgue aristocratica. Tolerancia: todos á excepção d'um cramos liberaes».

A proposito do concelho de Poiares escreve: «Especie de America ingleza: liberalismo dos habitantes: nenhuma villa que se chame Poiares. A aldeia de Santo André é a sua Washington,—terrenos aridos mas cultivados». Na Foz de Arouce, Herculano jantou «em casa do Furtado» a quem alude elogiosamente: «Caracter admiravel de doçura d'este rapaz riquissimo, intelligencia profunda e sensibilidade extrema». Quem seria o Furtado? Em Vizeu nota: «Os elegantes da provincia eguaes na elegancia aos de Lisboa, superiores nas fórmas, que indicam a força sem damnar á delicadeza. Discussão viva ao jantar ácerca da corrupção actual e da desesperança politica». Ainda sobre a capital da Beira Alta: «Vizeu é como um bairro de Lisboa: esplendor das residencias dos cavalheiros: extrema convivencia sem distincção de partidos». Observações agricolas que, como dissemos, são profusas nos apontamentos: «Conversação sobre a agricultura dos arredores de Meda: conveniencia de introduzir os lagos da Lombardia, a sementeira dos pinhaes nas alturas: de substituir os prados artificiaes aos naturaes; de augmentar a creação do gado: o territorio está pouco povoado apesar da divisão da propriedade: grande porção de terrenos inferteis: montes calvos e graniticos: cultura da vinha em cortinhões espaçados e lavrados pelo meio vae-se introduzindo largamente: nabos prodigiosos da Meda de mais de meia arroba, a cultura d'elles é á maneira ingleza, precedendo a sementeira que é feita em agosto seis ou mais ferros». As impressões do Sabugal, com o seu castello occupam uma pagina inteira. Ahi hospedou-se o historiador «em casa do dr. Campos: o magistrado probo esquecido». Em Arouca, no mosteiro, deu com tres ecclesiasticos: «O padre confessor, o padre procurador e o padre capellão: trindade distincta por caracteres antinomicos». As notas respeitantes a Braga merecem citar-se, pelo menos em parte: «Maioria do partido absolutista. Nuvem de clerigos: furia das festas de egreja em que se consomem avultados cabedaes. Os juizes arruinam-se... O terço vae-se, com perda dos janotas que aproveitavam esse entretenimento dos paes para conversarem com as filhas. Injurias contra os que passavam sem se descobrirem por entre a saraiva de padre nossos e ave marias que cruzavam de portas para portas e de janellas para janellas. A corrupção da administração ecclesiastica. Innocencia do prelado geralmente reconhecida. Costumes soltos do clero: chamam-lhes fragilidade. Estado deploravel do archivo da Mitra. Vantagens incalculaveis do arrependimento semanal. Os prelados obrigados a terem mão em si por causa dos seus potentes recursos nos thesouros do arrependimento...» Ahi, em Braga: «Collegio de meninos orphãos: instituição util na sua essencia, opulenta nos seus recursos e inutilisada pelo espirito clerical. Os numerosos alumnos aprendem a ler, escrever e rezar e rezam desapiedadamente até os 14 annos em que são expulsos sem educação civil, sem aprenderem um mister, arrojados assim forçadamente ao vadiismo e á miseria e portanto á perdição. Vi-os passar trajando uma especie de roupeta com gola e cabeção cahido sobre os hombros. Parecia uma procissão de seminaristas...»

***

Os «Apontamentos» de Alexandre Herculano, em que o erudito, o poeta, o patriota se revelam ao fixar a epoca d'um monumento, a belleza d'um quadro campestre, a decadencia ou o progresso d'uma povoação, devem juntar-se á collectanea dos seus escriptos diversos, publicados sob o titulo geral de «Opusculos». Para o estudo da psychologia do glorioso polygrapho contribuem estas simples notas com alguma luz, muito embora ellas não modifiquem, antes corroborem, a opinião já assente sobre o bronzeo caracter do auctor da «Historia de Portugal». O «Archivo Historico», publicando as curiosissimas paginas, juntou mais um serviço á serie d'aquelles que tornaram, de ha muito, Anselmo Braamcamp Freire credor da nossa gratidão.

Avelino de Almeida

A conservação das ruas de Lisboa

demanda 550 contos annuaes e a camara só póde gastar 180

Em circular aos jornaes expediu a camara municipal de Lisboa uma nota comparativa das despezas que esta vereação tem feito com os pavimentos das ruas e as feitas pelas vereações anteriores, desde 1907, demonstrando que já no primeiro semestre do anno corrente dispendeu com a viação mais de metade da verba consumida em qualquer dos outros annos, e os pavimentos—sua construcção e reparação—absorvem dois terços da verba d'esta rubrica; considerando depois a despeza feita com o pavimento das ruas de Paris, diz que para termos as ruas em circumstancias analogas deveriam dispender-se 1.050 contos por anno e nós apenas lhe consagramos 180.

A comparação que faz, accrescenta o presidente da commissão executiva, que assigna a circular, não quer dizer que sejam indispensaveis á camara os 1.050 contos para manter as ruas em bom estado.

Os trabalhos realisados pela repartição competente, em 1913, mostram que para o serviço normal da conservação dos actuaes sistemas do pavimento usados em Lisboa são necessarios 550 contos annuaes. A differença d'esta verba para os 180 contos de que a camara hoje dispõe só poderia obter-se aggravando a situação do contribuinte, o que seria injustificavel da parte da camara. Mas emquanto esta não receber o que lhe cabe dos direitos de consumo a que tem jus, todos os serviços a seu cargo se ressentirão d'essa falta, e por isso appella para os municipes, para que a coadjuvem nas reclamações que vem fazendo ao Estado, a fim de que todos os rendimentos que lhe foram consignados lhe sejam entregues.

E' só por insufficiencia de receitas, conclue a circular, que a camara não póde satisfazer as reclamações dos municipes, que ella reconhece fundamentadas.

HORAS DE TRABALHO

OPERARIOS OLEIROS

declaram-se em gréve

Os operarios oleiros de varias casas de Lisboa abandonaram hoje o trabalho em virtude dos industriaes se negarem a acceitar o horario de 8 horas de serviço no Inverno e 10 no verão. A fabrica de telha de Marselha, aos Prazeres, tambem está parada, tendo abandonado o trabalho cerca de 500 operarios. Apenas estão trabalhando uns 60 operarios em duas casas cujos patrões acceitaram o horario. Os grevistas estão em sessão permanente na União Operaria Nacional, realisando-se hoje ás 21 horas uma sessão de toda a classe.

O imposto do real d'agua

rendeu no anno economico de 1913-14 1:914 contos, mais 96 do que no anno anterior

O ministerio das finanças publicou, pela Direcção Geral d'Estatistica, as receitas do real d'agua relativas ao anno economico de 1913-14, trabalho este que vem minuciosamente feito e do qual se podem tirar muitas notas interessantes.

D'um graphico com que abre o volume vê-se logo que em Portugal, tanto nas ilhas como no continente, o consumo da carne tem augmentado de anno para anno desde 1910-11 até 1913-14; quanto ao do vinho, nas ilhas tem decrescido desde 1911, tendo tambem no continente diminuido n'esse anno para augmentar ligeiramente em 1912-13, e um pouco mais sensivelmente em 1913-14. Tambem o consumo do azeite augmentou no continente nos dois ultimos annos economicos citados.

As bebidas alcoolicas teem augmentado um pouco o consumo. No continente, a cobrança do real d'agua sobre a carne passou de 334:300$, em 1910-11, a 418:900, numeros redondos, em 1913-14; a mesma cobrança sobre o vinho passou de 1.024:118$, em 1910-11, a 1.059:036, em 1913-14; a cobrança sobre o azeite passou de 119.742 a 177:948$. Nas ilhas a cobrança sobre a carne passou de 9:846$, em 1910-11, a 12:090$ em 1913-14, e a cobrança sobre o vinho passou de 4:789$ a 3:963.

A cobrança total do imposto do real d'agua no continente e ilhas em 1913-14 montou a 1:913.907$, numeros redondos, ou seja mais 95:959$ do que no anno economico anterior; os districtos que com maiores verbas concorreram para aquelle total foram: o de Lisboa com 181:945$, o do Porto com 258:036, e o de Braga com 182:496, embora a população d'este ultimo regule por metade da de Lisboa, e pouco mais de metade da do Porto.

Só o imposto sobre a carne rendeu no continente e ilhas, em 1913-14, a quantia de 296:537$, numeros redondos, ou seja mais 15:249$ do que no anno economico anterior. Como mais populosos foram os districtos de Lisboa, Porto e Braga os que mais pagaram, sendo as verbas, respectivamente, 52:659$, 36:019 e 24:772. Assim, coube a cada um dos 709:750 habitantes do primeiro a capitação, de, approximadamente, $07,429, a cada um dos 601:688 do segundo $ 5,969, e a cada um dos 356:819 do terceiro $6,943.

Quanto ao vinho a cobrança geral foi 535:849$; numero redondo, ou mais 22:595$ do que no anno anterior. Pertencem ao contracto 333:691$, sendo os districtos que mais contribuiram Lisboa com 83:674$, Porto com 84:932$, e Braga com 87:840, o que corresponde á capitação respectiva de $11,805; $14,115, e $24,618.

A cobrança geral relativa ao real de agua sobre as bebidas alcoolicas importou em 169:773$ ou mais 6:903$ do que no ultimo anno. Os trez districtos que mais contribuiram para esta verba foram Lisboa com 26:654$, Aveiro com 20:602$, e Coimbra com 19:311$, dando para cada habitante do districto de Lisboa a capitação de $03,676; para cada um dos 302:181 habitantes do districto de Aveiro $06,817, e para cada um dos 353:505 de Coimbra $05,782.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Elvira Leite Mella cujo funeral se realisa amanhã, ás 15 horas, do largo de Camões, 4, 4.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Festas associativas

No Centro Almirante Reis ha depois d'amanhã recita promovida pela direcção a favor do cofre escolar, com a representação do drama, *João, o corta-mar* e a opereta *O reino da bolha*, seguindo-se baile.

Commemorando a festa artistica do seu patrono, ha no Club Taurino Manuel dos Santos recita com a representação do *lever-de-rideau Arrufos*, actos de variedades e a comedia *Amor e adagios*, seguida de baile.

A nova questão Hinton

COMO DISSEMOS, vamos hoje indicar os elementos que possuimos, acerca do custo do assucar nas fabricas da provincia de Angola.

O solo que, n'esta provincia, é applicado á cultura da cana, longe de ser virgem, fertil e abundante d'agua, como se diz no folheto da firma Hinton, tem quasi exactamente as qualidades contrarias.

As seis fabricas que, em Angola, exportam assucar para Portugal acham-se installadas no littoral e exploram propriedades contiguas, sendo os proprios industriaes os cultivadores da cana.

Os terrenos do littoral, como se sabe, estão em exploração continua ha mais de um seculo, empregando-se na cultura de generos alimenticios, e estão por este facto tão empobrecidos como os da Madeira, a que o folheto se refere.

Estes terrenos, desde que se queira fazer a cultura intensiva indispensavel á exploração economica do fabrico do assucar, terão de ser enriquecidos por adubos chimicos, que serão importados da Europa, e póde fazer-se ideia do grande encargo que isto produzirá na cultura da cana, sabendo-se que o preço do frete nunca será inferior a 10 escudos por tonelada.

Parecerá estranho que, sendo os terrenos do littoral pobres e tendo falta de chuva, os plantadores não tenham aproveitado de preferencia os terrenos mais ricos, situados nas regiões do interior da provincia, onde as chuvas são mais regulares. Só é admissivel este reparo para quem ignore que, se as plantações de cana estivessem no interior da colonia, não haveria possibilidade de a transformar em assucar, visto que são tão deficientes os meios de transporte que não se poderia levar para lá o pesado material necessario para as fabricas, nem conduzir o assucar para os portos de embarque.

Os transportes do assucar da fabrica do Torreão até Lisboa custam menos de 3,5 escudos por tonelada, ao passo que os das fabricas de Angola até Lisboa custam, no minimo, 15 escudos por egual quantidade.

As terras, em Angola, são adquiridas ou por concessão, e n'este caso pagam foro que póde ser remido, segundo a lei, ou por compra, sendo então pagas por elevados preços porque são em pequeno numero as porções extensas de terreno no littoral que teem as condições necessarias para permittirem a exploração da cultura da cana.

E' certo que as aguas dos rios são livres, mas como o Estado se não preoccupa em servir os agricultores, executando as obras de açudes, barragens, derivações etc, e deixa tudo a cargo das Emprezas estabelecidas em Angola, reduz-se, por isso, a bem pouco a vantagem que a firma Hinton tanto valorisa.

E se o custo d'esses açudes, barragens, etc. cabe nos limites das forças financeiras das emprezas de Angola, vê-se que se está no caso de dar lições ao Governo Inglez, que, para valorisar os terrenos da India e do Egypto, não encontrou outra solução senão a de dispender alguns milhões de libras, construindo essas obras de sua conta.

As irrigações indispensaveis á cultura da cana representam um grande encargo para as explorações assucareiras de Angola.

No melhor dos casos e sendo a rega feita de pé, isto é, sem o auxilio de bombas, custa a irrigação de cada hectare 25 escudos por anno, e, empregando estas machinas para a elevação da agua e tendo em conta o preço actual do combustivel, esse custo excederá 75 escudos por hectare.

As regas são permanentes, dia e noite, porque, em geral, não ha chuvas no littoral de Angola.

As producções de cana por hectare não excedem a media de 50 toneladas, estando portanto muito longe das 100 toneladas que a firma Hinton indica no seu folheto a paginas 9.

A firma Hinton na ancia de querer demonstrar que a cultura da cana, nas duas provincias de Angola e Moçambique, se faz quasi de graça, reduz as facilidades e preços da mão de obra ás proporções que a sua phantasia lhe inspira, o que deve ser attribuido a ignorancia ou a defficiencia de informações.

Assim como damos por boa a sua tabella de salarios na Madeira, cuja média é de 50 centavos por dia, é justo esperar que a firma Hinton tambem não ponha em duvida a indicação seguinte, que, aliás, é facil de comprovar.

Em Angola o secretario dos negocios indigenas tem por missão olhar pelo rigoroso cumprimento dos regulamentos de trabalho, segundo os diplomas em vigor.

Nenhum trabalhador recebe menos de 15 centavos por dia e alimentação, que não custa menos de 10 centavos diarios ou seja um total de 25 centavos, accrescidos ainda com as despezas de angariamento, transportes de vinda e de regresso e tratamento hospitalar, devendo, portanto, contar-se com encargos diarios não inferiores a 30 centavos.

Ora, podendo affirmar-se, com verdade, que um trabalhador indigena não produz nem metade do que se obtem de um trabalhador madeirense, provado fica que a mão de obra, em Angola, custa mais cara do que na Madeira.

No Funchal tem a firma Hinton pessoal amestrado no fabrico do assucar, cujos salarios variam entre 60 centavos e um escudo diariamente.

Contracta bons chimicos e bons mestres cosedores no norte da Europa com vencimentos mensaes de 10 a 15 libras. Em Angola, o vencimento de cada europeu para feitor (sendo precisos muitos para acompanharem o pessoal indigena) custa o encargo diario medio de 3 escudos, um chimico ou cosedor custa 30 a 50 libras por mez, e d'estes especialistas são precisos trez, pelo menos, um engenheiro e o seu adjunto, os turbinadores, etc., teem vencimentos elevados, como bem se deve comprehender.

Todos estes ordenados são aggravados com as despesas das viagens para Angola e de regresso ao seu paiz.

A fabrica Hinton, que ainda ha dez annos extrahia apenas cerca de 80 kilos de assucar por 1.000 kilogrammas de cana (folheto a paginas 11), consegue hoje obter 91,5 kilogrammas, graças a não haver no mundo nenhuma outra fabrica mais perfeita no aproveitamento da materia prima.

Ora, como das seis fabricas em laboração em Angola, cinco foram installadas ha mais de 10 annos, soffrem estas dos mesmos defeitos iniciaes de que padeceu, até ha quatro annos, a fabrica Hinton. Só desde dois annos é que cinco d'estas fabricas adquiriram material para ampliação do seu poder fabril e uma outra foi estabelecida, começando a trabalhar no fim do anno de 1914.

Devido á experiencia adquirida, póde dizer-se que algumas d'estas emprezas batem o «record» na perfeição do aproveitamento da materia prima, a qual é triturada em 14 cylindros; e, graças aos modernos aperfeiçoamentos dos geradores, nem um kilo de carvão é consumido.

D'aqui se conclue que, se as despesas de gerencia e laboração da fabrica Hinton excedem as de todos os estabelecimentos das zonas tropicaes é tambem porque a maior parte do combustivel que emprega é carvão de pedra; mas d'aqui conclue-se que deixou de ser a primeira do mundo, pois não se admitte que uma fabrica moderna de assucar de cana consuma outro combustivel que não seja o proprio bagaço da cana.

Comparem-se as apoquentações e contingencias do industrial Hinton, que limita todos os seus esforços a receber na sua fabrica do Torreão, durante quatro mezes, a cana que os outros plantam e cultivam, gosando todo o anno as delicias que lhe proporciona a sua fortuna, ora no privilegiado clima da Madeira, ora nos sumptuosos castellos da Escocia, com a vida extenuante dos que mourejam em Africa sob a acção d'um clima mortifero, luctando com toda a serie de difficuldades e contrariedades, já no campo a olhar pelas suas plantações durante todo o anno, já dentro das suas fabricas em lucta com a deficiencia de recursos do pessoal, vivendo sob uma pressão terrivel, umas vezes pela mingua de pessoal indigena outras pelas difficuldades financeiras, devidas aos insuccessos que teem soffrido as emprezas coloniaes.

Do que temos dito póde concluir-se que todos os calculos feitos pela firma Hinton, no seu folheto, para conseguir os seus fins, carecem d'um radical correctivo.

Como typo de conta de custo do assucar em Angola, podemos apresentar a que se segue, e que se refere á fabrica da Companhia do Dombe Grande:

Exploração Agricola.—Cada tonelada de cana custa, posta na fabrica, escudos 3$60, a saber:

a) Despesas de lavra a vapor e preparação de terras: custa um hectare escudos 120$, *mas a laboração se pratica em média de trez em trez annos*, dá uma média annual	Esc.	40$
b) Plantar e tratar um hectare durante um anno	»	40$
c) Regar um hectare durante um anno	»	50$
d) Cortar 50 toneladas de cana por hectare	»	30$
e) Transportes de 50 toneladas de cana para a fabrica	»	20$
Total—Escudos		180$

Esta importancia dividida por 50 toneladas de cana dá o preço que indicámos.

Exploração industrial.—Custo do assucar por tonelada:

a) 10 toneladas de cana a esc. 3$60	»	36$
b) Mão d'obra da fabrica, na base de 30 toneladas de assucar diarias	»	5$
c) Saccos para a conducção do assucar	»	5$
d) Transporte da fabrica e fretes até Lisboa	»	15$
e) Descarga e desembarque em Lisboa	»	48$
f) Seguro maritimo	»	75$
g) Quebra 2 0/0 no trajecto da fabrica a Lisboa (cerca de 40 dias de viagem)	»	3$
h) Direitos de exportação em Angola e imposto para portos e caminho de ferro	»	4$

Adicionando a estes encargos ou despesas a amortisação da fabrica e os juros do capital, e partindo-se do principio de que uma fabrica instalada, com a capacidade de 3:000 toneladas, custa 300:000$—que devem ser amortizados em 10 annos, resulta o encargo de .... 30:000$
Juros de 300:000$—a 6 0/0 média em 10 an. 12:000$

42:000$

A dividir por 3:000 toneladas cabe a cada uma...... Esc. 14$

Por tonelada—Escudos 833$23

Diz o folheto da firma Hinton a paginas 10 que cada tonelada de cana nunca poderá ficar por mais de esc. 2$—e que o custo do correspondente fabrico não poderá ir além de esc. 1$.

Confronte-se esta affirmativa com os dados expostos, cujos elementos de prova são incontestaveis por peritos de boa fé, e ver-se-ha a correcção com que a firma Hinton veiu a publico.

Pelas emprezas assucareiras da Africa portugueza

A. de Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Rapozo

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—A mulher do proximo.
POLITHEAMA—A's 21—A amante do meu genro.
EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Boatos e informações

Entre nós

A revista *O diabo a quatro* será ampliada dentro em pouco com um quadro novo.

A distribuição do primeiro quadro da revista *Não desfazendo...* em ensaios no Politheama, é a seguinte: *Preguiça*, Palmira Torres; *Brandura dos nossos costumes*, Maria Pia; *Gondoleiro veneziano*, Flora Dyson Vaz; *Barqueiro napolitano*, Deolinda Macedo; *Mendigo romano*, Dolores; *A hora pendida*, Etelvina Sallaty; *2.ª hora*, Elisa Vaz; *3.ª hora*, Cremilda Torres; *Formiga*, Antonio Gomes; *Descanço*, Othello de Carvalho; *Taco Limones*, Clemento Pinto; *Cachimbada*, Gil Ferreira; *Pesca á linha*, Tristão; *Whekyand soda*, Côrte Real.

Circos & Music-halls

ENTRE NÓS

Estrearam-se hontem com grande agrado, no Salão dos Anjos, os artistas italianos *Les Menestrelles*, que, além de varios trechos d'outras operas, cantaram as principaes scenas da *Cavalleria Rusticana*, de Leoncavallo.

—Seguem hoje para a Figueira da Foz os graciosos duettistas Petite Walter. Vão figurar no programma inaugural do theatro José Ricardo.

ULTIMAS

Na Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o novo regimen cerealifero

Approvada a acta, o sr. Azevedo Coutinho que está na presidencia, manda lêr o expediente, que tem o devido destino. Feita a inscripção para antes da ordem do dia, fala em primeiro logar o sr. ministro das colonias, que pede que se discuta com urgencia o projecto que manda abrir em favor do ministerio das colonias creditos na importancia de 900 contos e 160 contos para pagamento das despezas com as expedições a Angola e a Moçambique. O sr. Aresta Branco commenta o parecer da commissão de colonias e diz que elle não está redigido com a indispensavel clareza. Diz-se ali que «segundo parece» foi aconselhado a remessa de forças importantes para aquellas colonias. Parece? Então a commissão não sabe tudo o que com o caso se tem passado. Como a historia ha de fazer-se por isso faz as considerações que a camara acaba de ouvir-lhe. O sr. Rodrigues de Sá reforça as considerações do sr. Aresta Branco, allude ás nossas relações com a Inglaterra e critica, em termos amargos, a falta de esclarecimentos, que habilitem o Parlamento a julgar devidamente o assumpto. O sr. Almeida Ribeiro esclarece a phrase que suscitou reparos das opposições e diz que não póde haver duvidas em volta d'ella. Não ha duvida nenhuma que a remessa de tropas para as colonias foi aconselhado pelas circumstancias internacionaes. O sr. ministro das colonias dá ainda ligeiras explicações sobre a permanencia de forças militares em Angola e Moçambique, justificando-a. A sua necessidade ao que affirma o sr. Rodrigues Gaspar, impõe-se por ser preciso pagar pensões ás familias dos militares que teem morrido em campanha. O sr. Francisco Trancoso pede urgencia e dispensa do regimento para um parecer que manda para a meza, regulando a applicação d'um saldo de 18 contos, existente no ministerio da marinha.

O sr. Simas Machado diz que os evolucionistas só votam a urgencia, parecendo-lhe que o parecer deve ir á commissão de finanças, ou que o respectivo ministro faça, sobre elle, as devidas declarações. Só é reconhecida a urgencia. O sr. Domingos Cruz pede que se discuta o parecer n.º 27, que reconhece como revolucionario civil o sr. Luiz Augusto Xavier de Basto, para effeitos de poder concorrer a empregos publicos. O interessado parece que tem entrado em todos os movimentos revolucionarios do 28 de janeiro para cá. O sr. Simas Machado continua a protestar contra os successivos pedidos de urgencia que surgem na camara, contrariando os trabalhos e impedindo que elles sigam o seu curso natural. O sr. Domingos Cruz esclarece que se trata d'um homem que merece ser attendido e o sr. Joaquim Ribeiro diz que não ha fórma de fazer votar certos projectos senão esta; —fazel-os discutir antes da ordem do dia. Se a opposição tem projectos porque se interesse, já apreciados pelas commissões e com pareceres distribuidos, que o diga, porque a maioria não deixará de concordar com ella.

O sr. Marianno Arruda apresenta um projecto de lei auctorisando a junta geral do districto a subsidiar, por força da verba da contribuição predial, os cultivadores de ananazes da Ilha de S. Miguel, que estão atravessando por causa da guerra, uma grave crise. Quer a guarda republicana para os Açores, porque assim se consolidará o regimen e reclama varios outros beneficios que considera indispensaveis para o seu circulo.

O sr. Mello Barreto diz que recebeu telegrammas d'algumas camaras da região duriense instando pela discussão immediata do projecto de lei que o sr. ministro do fomento trouxe á Camara, porque só elle póde amortecer a anciedade que reina em toda a região dos vinhos generosos. Solicita, por isso, do sr. presidente que marque para ordem do dia o mais cedo que possa, os dois pareceres elaborados na commissão de agricultura sobre o projecto em questão. E' absolutamente necessario restabelecer a tranquillidade no norte do paiz, e isso não se conseguirá sem que o projecto em questão, que é importantissimo, seja discutido o mais depressa possivel. Chama ainda a attenção do governo para a crise de trabalho com que luctam os povos de Mondim de Basto, respondendo-lhe o sr. ministro da justiça. O sr. Urbano Rodrigues manda para a meza um projecto de lei elevando a central o liceu de Beja. O sr. ministro dos estrangeiros manda para a meza um novo tratado de arbitragem entre Portugal e a Inglaterra, que foi negociado por o anterior ter caducado e não ter podido ser renovado. O sr. Soriano Pimenta manda para a meza um projecto concedendo á Companhia dos Caminhos de Ferro de Penafiel á Lixa a faculdade de emittir obrigações. O mesmo deputado renova ainda a iniciativa d'um projecto de lei concedendo á Associação de Classe dos Ourives do Porto e dos Ourives de Lisboa o producto das limalhas e residuos dos ensaios apurados nas contrastarias.

Na ordem do dia, o sr. Pimenta d'Aguiar manda para a meza um projecto de lei auctorisando o governo a adquirir até 200 milhões de kilos de trigo, devendo abrir-se no ministerio das finanças os creditos necessarios para o pagamento das acquisições que forem feitas. Teve a urgencia e a dispensa do regimento, que é concedida, sendo o projecto approvado depois de falarem os srs. Aresta Branco, Julio Martins e outros. O sr. Aresta Branco, attendendo a importancia do assumpto, pede que se discuta immediatamente, com urgencia e dispensa do regimento, o projecto de tratado de arbitragem com a Inglaterra. Fazel-o será prestar á nossa alliada uma homenagem que ella bem merece. O sr. Urbano Rodrigues apresenta o parecer da commissão de negocios estrangeiros, favoravel ao projecto, mas pede que a sua discussão fique para a proxima sessão. O sr. ministro dos estrangeiros concorda e assim se resolve.

Continúa a discutir-se o projecto sobre o regimen cerealifero. O sr. Amaral Reis, que faz a sua estreia, borda sobre a questão, considerações as mais judiciosas. E' de opinião que o regimen cerealifero tem de ser modificado, como ha tanto tempo vem sendo reclamado por quantos mais ou menos se teem consagrado ao estudo do assumpto. Dos debates travados tanto no Parlamento como fóra d'elle, averigua-se que as pessoas que, nas regiões officiaes teem procurado resolver a questão do trigo, não estavam bem ao facto d'ella, visto averiguar-se agora que com a materia prima, com o carvão e com tudo mais caro, é possivel fabricar pão mais barato. O sr. Lima Bastos expõe á Camara o que fez como ministro, para resolver a questão, rebatendo as accusações que lhe teem sido feitas e combatendo a acção do sr. Nunes da Ponte na questão das subsistencias, a qual reputa pouco proveitosa e util.

No Senado

Elegem-se dois membros para a commissão technica de acquisição de material naval, trata-se da questão do Douro, e approvam-se varios projectos

Presidencia do sr. general Correia Barreto. Approvada a acta e lido o expediente, o sr. ministro das finanças apresenta o pedido de approvação do duodecimo para agosto, pedindo discussão immediata, o que o Senado consente.

O sr. dr. Pedro Martins em nome da minoria evolucionista lamenta que o orçamento não tivesse podido ser discutido a tempo, do que não tem a minoria evolucionista culpa alguma. Por isso, abster-se-ha ella de o discutir e de o votar.

O sr. José Maria Pereira em nome da União faz identica declaração e formula desejos de que não volte a repetir-se semelhante demora na discussão dos orçamentos, ou antes na sua apresentação.

O sr. Estevam de Vasconcellos em nome dos amigos do sr. ministro das finanças approva a proposta.

Falam ainda os srs. ministro das finanças, dr. Pedro Martins e Estevam de Vasconcellos, apoz o que a proposta é approvada, sendo dispensada a ultima redacção.

O sr. Vasconcellos Dias pede depois dispensa e urgencia para a discussão e votação do projecto de lei do sr. Leotte do Rego já approvado na outra Camara e que promove por distincção ao posto immediato o tenente Aragão, heroe de Naulila. Approvada a urgencia e dispensa requeridas, associam-se enthusiasticamente á homenagem prestada ao tenente Aragão, os srs. Lima Duque (evolucionista), José Maria Pereira (unionista), e Estevam de Vasconcellos (democratico), sendo o projecto approvado.

O sr. dr. José de Castro requer egualmente urgencia e dispensa do Regimento para se proceder á nomeação de dois senadores para se completar a commissão technica de acquisição de material naval. Approvado, sendo eleitos os srs. Arantes Pedroso e Celestino d'Almeida.

O sr. Teixeira Rebello volta a occupar-se dos acontecimentos de Lamego, onde, diz, foram mortas 20 pessoas. Não havia da parte da multidão intuitos politicos nem provocadores. Ao inquerito que foi mandado fazer deve proceder-se com toda a urgencia.

O sr. ministro do interior regista as palavras do orador e espera a conclusão do inquerito para depois dar a sua opinião.

O sr. dr. Manuel Monteiro pede urgencia e dispensa do Regimento para uma porposta de lei que já obteve sancção nos deputados e que trata apenas d'uma transferencia de verbas no orçamento do seu ministerio. E' approvada, depois de sobre ella falarem os srs. José Maria Pereira e dr. Manuel Monteiro.

O sr. Herculano Galhardo pede urgencia e dispensa do Regimento para o projecto de lei vindo da outra camara que amnistia os trangressores da lei de 27 de agosto de 1913 sobre recenseamento de solipedes. O sr. ministro do fomento pede egual proceder para com a proposta de lei auctorisando a importação de milho. Ambas as propostas foram approvadas. O mesmo succede com a proposta de um credito especial de 900.000 escudos destinados ás expedições a Moçambique e Angola, depois de falarem os srs. Affonso Lemos, Lima Duque e Estevam de Vasconcellos.

Mais uma urgencia ainda. O sr. José de Castro pede-a para a discussão d'um projecto vindo da outra camara e auctorisando a importação de 200 milhões de kilos de trigo para a manutenção militar. E' approvado, depois de falarem os srs. Paes Abranches, que diz que essa importação vem prejudicar a agricultura nacional, o sr. dr. Pedro Martins, que o ataca com vehemencia, o sr. Celestino d'Almeida, que não comprehende para que é precisa a urgencia, e Vasconcellos Dias que defende o projecto.

A'manhã ha sessão.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro da marinha visita amanhã, pelas 9, horas o arsenal de marinha.

—Foram mandados apresentar no ministerio das colonias, a tempo de poderem embarcar no paquete *Beira*, no proximo dia 15, o capitão de fragata Manuel Nunes de Souza, 1.º tenente Luiz d'Almeida Couceiro e 2.º tenente Jayme dos Santos Pato, e no paquete *Loanda*, no dia 12, o capitão tenente Antonio Branco Martins.

Afogado ao banhar um cavallo

A' tarde, na praia da Torre de Belem, um homem foi dar banho a um cavallo. Por qualquer motivo, o animal perdeu pé e o tratador, querendo salval-o, agarrou-se-lhe á redea desesperadamente, do que resultou morrerem afogados homem e cavallo.

Assassinio misterioso

Gatuno encontrado morto á porta de um lavrador

PORTO, 30.—A' porta da casa do lavrador Joaquim Pinto, em Campanha, foi esta manhã encontrado morto de bruços, com dois profundos golpes no pescoço, quasi degolado, Manuel Pinto Leite de Castro, que tinha largo cadastro na policia e vivia com a conhecida ladra *A Valboeira*. Nas algibeiras foram-lhe encontrados varios utensilios para forçar portas. A policia, que deu logo começo ás suas investigações, prendeu já varios individuos como suspeitos de implicados no feito.

A grande guerra

A lucta em França e na Belgica

PARIS, 30.—(Communicação official das 15 horas)—Em Artois, proximo de Souchez, e no Labyrintho houve toda a noite lucta á granada e por meio de petardos.

Entre o Oise e o Aisne, no planalto de Quinnevrieres, a actividade da artilharia e dos lança-bombas continuou. Entre Bourevilles, Vauquois, e o bosque de Malamourt as explosões das minas inimigas não causaram estrago algum. No bosque Le Pretre foi facilmente repellida uma tentativa de ataque allemão em Croix de Carmes. Um avião allemão lançou sobre Nancy quatro bombas, que não causaram estragos de qualquer natureza nem pessoaes nem materiaes. Nos Vosges, em Barrenkopf, a lucta continuou até ao meio da noite com grande encarniçamento, sendo repellido um novo ataque allemão por meio do nosso fogo de enfiada, que causou ao inimigo consideraveis perdas.—(*Havas*).

As operações na Mesopotamia

LONDRES, 29—Official—No combate de Nasiryeh os turcos perderam 2.500 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, figurando n'este numero 41 officiaes. [illegible] d'isso tomámos 15 canhões e [illegible] em quantidade. As per[illegible] foram de 564 homens, [illegible] quaes 9 officiaes mortos e 27 feridos.—(*Havas*).

O movimento naval nos portos britannicos

LONDRES, 30.—Informação official recebida pela Legação britannica em Lisboa.

O almirantado britannico annuncia que durante o periodo de 8 dias que terminou em 28 de julho sahiram ou entraram nos portos do Reino Unido 1354 navios, dos quaes foram afundados trez pelos submarinos, além de 16 vapores de pesca. O total da tonelagem dos paquetes afundados era de 5649 e a dos vapores de pesca, de 2738.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 30. Official.—Na linha de Narow não houve alteração de frente se bem que os combates fossem renhidos e o inimigo tivesse soffrido bastantes perdas. As tentativas de offensiva inimiga na região de Rajano e margem esquerda do Vistula mallograram-se. Entre o Vieprz e o Bug repellimos todos os ataques e infligimos ao inimigo enormes perdas. Proximo de Kamenka seis regimentos austriacos que passavam o Bug foram repellidos em completa desordem para alem do rio. Fizemos proximo de Sokal 1500 prisioneiros.—(*Havas*).

NOTICIAS

NO QUARTEL DE ENGENHARIA

O crime d'um allucinado

Um cabo mata dois sargentos, fere gravemente um terceiro e suicida-se

A secretaria do ministerio da guerra enviou hoje de manhã ao quartel de engenharia uma ordem, transferindo para a escola de applicação de pontoneiros, em Tancos, um sargento, um 1.º e um 2.º cabos, que se encontravam em serviço n'aquel e quartel.

O cabo a transferir era o n.º 383 da 1.ª José Coelho de Araujo, que ha cinco annos fazia parte do corpo de engenharia. Como recebeu o cabo Araujo a noticia da sua transferencia, que devia effectuar-se ámanhã? Ninguem no quartel o diz, pois que todos os camaradas affirmam que durante o dia elle se mostrou satisfeito, alegre, como sempre, nada fazendo prever a tragedia de que ia ser o protagonista e que alvoroçou não só o regimento, mas todo o populoso bairro da Graça e bairro operario.

A's 5 horas e meia os sargentos estavam reunidos no refeitorio. A' cabeceira da mesa presidia o 1.º sargento Antonio da Costa Affonso, tendo em frente o 1.º sargento Branquinho. Ao lado d'aquelle sentavam-se os sargentos Joaquim Franco, Bartholomeu Pinto, Xavier da Silva, Fernandes de Carvalho, 2.º sargento Fernandes e 1.º sargento de infantaria 12 Almeida. De subito, pela porta lateral, que serve a sala de jantar dos sargentos, communicando com a cosinha e a casa de jantar dos soldados, surgiu a figura do cabo Araujo, silencioso, hirto, apontando uma pistola automatica. Os tiros partem, estabelecendo-se uma confusão indescriptivel. Os sargentos saltam pelas janellas, fogem pelas portas, verdadeiramente apavorados, com a inesperada aggressão.

O 1.º sargento Affonso fôra attingido mortalmente. O sangue tinge o lambriz de azulejo, que circunda o refeitorio. O infeliz teve apenas alguns minutos de vida, não chegando a affastar-se do seu logar á meza.

O sargento que lhe ficava á direita Joaquim Franco, fôra attingido tambem; uma bala perforára-lhe os intestinos. Mal ferido, conseguiu ainda pôr-se em fuga, até que, escorrendo em sangue, lhe prestaram soccorro.

Quando todos fugiam, o cabo Araujo, que dera os primeiros tiros entre portas, entrou no refeitorio e poz-se a perseguir o sargento de infantaria 12 Almeida, sobre o qual despejou alguns tiros. O desgraçado, mortalmente ferido, foi cahir tambem na parada.

O tiroteio, os gritos dos sargentos aggredidos attrahiram immediatamente ao local, que fica á direita e a certa distancia da entrada, toda a gente que se encontrava no quartel.

O cabo Araujo, silencioso, como um somnambulo, conservava a pistola aperrada. Durante todo esse tempo não pronunciára uma só palavra, guardando o mais completo mutismo, quando compareceu o capitão sr. Marcelino Botelheiro, que o intimou a depôr a arma.

E, como em volta d'esse official, se juntassem os sargentos e praças, dispostos a prender o tresloucado, este correu para traz das casernas. Immediatamente ouviu-se uma detonação. Correndo ao sitio, d'onde o eco partira, officiaes e praças viram o cabo Araujo prostrado no solo. Tinha feito justiça por suas mãos. A morte devia ter sido instantanea.

Entretanto, alguns camaradas do sargento Almeida, que recentemente tinha sido encorporado no regimento, foram em seu auxilio, conduzindo-o á pharmacia proxima. O desgraçado expirou ali.

O sargento Joaquim Franco, que fora attingido no ventre, deu entrada no banco do Hospital. Conduziram-no ali, n'um automovel trez sargentos. O seu estado é grave.

O sargento Affonso, que era muito estimado pelos seus camaradas e superiores tinha esposa e filhos, residindo no Bairro Operario. Em frente do quartel juntou-se grande multidão.

NOTA POLITICA

EM TORNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

A orientação que tem presidido ás reuniões do grupo democratico

Estamos a uma semana da eleição presidencial. Não admira, por isso, que a questão comece a interessar apaixonadamente todos aquelles que vivem um pouco dentro da politica. Ainda h[illegible], nos Passos Perdidos, emquanto lá dentro, na sala, a voz d'um senhor deputado troava clamorosamente uma sagrada indignação a proposito de qualquer coisa, nós ouvimos commentar com apaixonado calor as «démarches» que se veem fazendo em torno do magno acontecimento. E soubemos então que hontem, na assembleia do grupo parlamentar democratico, mais uma vez o debate se estabelecera vivo, animado, cada qual procurando influenciar o espirito dos ouvintes com as razões que serviam a eliminar, por hypothese, os candidatos adversos. Porque, afinal, tem sido essa a principal caracteristica da discussão: «não se defendem candidaturas, atacam-se».

Verdade seja que se comprehende o calor em assumpto de tão alta importancia para o futuro da Republica, muito embora possa affirmar-se que todos os membros do grupo democratico fizeram já a sua escolha, pouca impressão devendo causar no seu espirito as razões invocadas no decorrer do debate. O que é preciso, e para isso se effectuam as reuniões, é encontrar a corrente mais numerosa para ver se é possivel por meio de «démarches» realisadas com os outros partidos, eleger o novo chefe do Estado por unanimidade.

Foi esse desejo que levou hontem a assembleia a pronunciar-se a favor da constituição d'uma commissão especialmente encarregada de orientar as negociações sobre o assumpto, entendendo-se para esse effeito com o sr. dr. Affonso Costa e restantes membros do Directorio. A essa primeira parte dos trabalhos presidiu o sr. Herculano Galhardo. Na segunda parte, presidida pelo sr. Ribeira Brava, tratou-se de escolher quatro candidatos que servissem de base a uma escolha definitiva, eliminando-se os nomes que menos conciliassem os suffragios da assembleia. Esses quatro candidatos foram os srs. Bernardino Machado, Duarte Leite, Correia Barreto e Alves da Veiga, ficando para nova reunião a escolha definitiva, a fim de se indicar qual deve ser o candidato do partido.

A eleição do sr. Correia Barreto não representaria, certamente, a escolha mais feliz, apesar de ser um nome respeitado, militar distincto e homem de finissimo trato no convivio social. Mas o sr. Correia Barreto não é uma figura que todo o paiz conheça sufficientemente, que possa ser admirado como a encarnação propria da Republica. Além d'isso, a sua qualidade de partidario impossibilita-o de dar garantias completas d'aquella absoluta imparcialidade que deve caracterisar o chefe do Estado, principalmente depois das luctas encarniçadas que nos ultimos tempos se teem ferido entre os homens da Republica.

O sr. dr. Alves da Veiga, pelo seu desconhecimento dos incidentes que teem agitado a nossa politica interna, parece conciliar apenas uma pequena parcella de votos, ficando assim a lucta restringida aos dois primeiros nomes, os dos srs. Bernardino Machado e Duarte Leite. Entre os dois se pronunciará certamente o grupo parlamentar democratico, attendendo a esta consideração da mais alta importancia politica:—saber qual d'elles conciliará, n'um segundo escrutinio, maior numero de votos entre os membros do Congresso que não estão filiados n'aquelle grupo.

Segundo nos consta, tem sido esta a orientação, patriotica e isenta de partidarismo, que o sr. dr. Alexandre Braga tem defendido nas reuniões realisadas hontem e ante-hontem.

Simões Bayão

Participa a sua chegada do estrangeiro e reabertura de clinica.
Largo de S. Paulo, 19, 1.º

PEQUENAS NOTICIAS

José de Lemos Borges Loureiro, morador na rua da Ribeira Nova, 14, queixou-se á policia de que na occasião em que passava pelo areal da Junqueira ali fôra assaltado por dois individuos desconhecidos que o aggrediram e lhe roubaram uma carteira contendo 30 escudos, uma bolsa de prata contendo 6$50, uma corrente de ouro e um relogio de prata, tudo no valor de 86 escudos.

SPORT

A proposito dos Jogos Sportivos Nacionaes

Com desgosto vimos hontem sobre a nossa meza de trabalho o communicado da Federação Portugueza de Sports, annunciando o nome d'alguns concorrentes ás provas que começam no dia 3 e acabam no dia 8 no Stadium.

Publicámos essas noticias porque tomámos o compromisso de auxiliar a Federação nos seus trabalhos d'este anno, mas o facto não impede um ligeiro commentario.

Vamos resumir a questão.

Os jogos que a Federação vae organisar são annunciados como «Nacionaes» e são considerados como campeonatos nacionaes. Sendo assim, como se comprehende a inscripção entre os concorrentes d'um brazileiro, d'um inglez e d'um sueco, este um professor tão discutido ha um anno pelo facto de haver escripto correspondencias de Lisboa para jornaes estrangeiros e por signal pouco attenciosos para com o nosso paiz!

E' pena que a Federação nos queira «desnacionalisar» até este ponto!... E' pena!... Dizem-nos que os seus regulamentos permittem esta «asneira». Sendo assim queimem quanto antes esses regulamentos, os taes que fazem profissionaes os jornalistas e que são o obice para a não «pacificação» entre todos os clubs.

Vamos que n'esta coisa do sueco, o Club Internacional de Foot-ball é que tem a culpa, porque o manda como seu representante, esquecendo os aggravos recebidos ha um anno e as resoluções tomadas por um grupo de homens que, verdade, verdade, teem direito a ser considerados e respeitados em Portugal.

Tão depressa esquecidos e tão pouco portuguezes! E' pena...

Notas do dia

Um «junior» que póde surprehender os «seniors»

Inscreveu-se hontem o primoroso esgrimista Fernando Farinha, campeão escolar, no campeonato de espada que se effectua, na Amadora, na noite de 7 d'agosto. E' o primeiro «junior» que apparece convencido de que póde vencer e nós tambem estamos convencidos de que póde surprehender os «seniors».

Ha quem julgue que Fernando Farinha seja o campeão porque no torneio dos Recreios Desportivos da Amadora, dão-lhe um «handicap» de 2 por 4 toques, que é talvez exaggerado para o seu merecimento em compensação com o merecimento dos competidores.

Uma reunião importante

Na séde da União Velocipedica reune hoje extraordinariamente o congresso unionista. De que vae tratar? D'um caso grave, que é o da expulsão d'um socio a pedido da direcção da União. E será grave a culpa do socio que hoje vae ser julgado? Evidentemente que não é. Tudo se resume apenas a velhas questões, exteriorisadas por inimizades pessoaes e ciumes na direcção federativa.

A expulsão d'um individuo d'uma collectividade não é caso para ser tratado de animo leve. E' que esse acto póde andar agarrado á existencia inteira de um individuo. Sendo assim, mal andou a União não noticiando, como costuma fazer, a reunião do congresso...

Algumas anecdotas

Como era desculpada a ausencia do luctador...

Depois de Rossignol Rolui, houve outro emprezario de luctas que teve celebridade, como um homem excessivamente forte e originalissimo. Chamava-se Exbroyat. Os hercules adoravam-o, pois o emprezario, era d'um genio alegre, sempre bem humorado e pagava bem e a horas.

Exbroyat tinha outra qualidade. Era extremamente simples. Parecia uma creança discutindo e desculpando-se. Uma noite, que tinha annunciado um combate celebre, estava inquieto porque um dos luctadores não apparecia. O publico protestava! Elle esperava mordendo-se de raiva e chorando!... Por fim tomou uma resolução. Avançou pela scena e disse aos espectadores:

—Desculpem meus senhores... O luctador «esqueceu-se» e sujou os calções e agora não ha tempo para os lavar!...

Noticias

Entre nós

Taça Henriques Seixas

E' domingo que o Club Naval realisa a sua segunda festa official com um programma só de natação.

E' a primeira vez em Portugal que se consegue arranjar uma festa de natação com um programma tão vasto.

A primeira corrida é ás 16,30, para praças da armada, sendo o sr. ministro da marinha quem o club tem a honra de convidar para dar o signal da largada.

O campeonato de amadores em que se disputa a taça «Seixas» começará ás 18 horas, sendo o tiro de largada dado por Henrique Seixas. Esta corrida é feita por um sytema novo para Portugal, e pelo qual se reconhece qual o verdadeiro valor de uma «equipe». As «equipes» são formadas por 5 nadadores que partem, um por cada vez, partindo o n.º 1 das «equipes» ao mesmo tempo, e só partindo o n.º 2 de cada «equipe» quando o n.º 1 da mesma «equipe» haja tocado a meta.

O n.º 5 que primeiro termina a corrida leva a victoria á sua «equipe», visto que foi ella que primeiro acabou a corrida.

E' um systema novo que o club adoptou para tornar a prova o menos individual possivel e para assim desapparecer o motivo que muitos dos novos alegavam para não correrem.

Aos clubs concorrentes foram distribuidos bilhetes de convite para os seus socios e familias.

A Associação dos fragateiros e catraeiros do porto de Lisboa foram de uma gentileza digna de registo para o Club Naval, limpando o caes, de embarcações, em frente do club, até á vedação provisoria.

O jury, auctoridades de marinha, acompanha o sr. presidente da Republica, ministerio, etc., para bordo do yacht «Hirondelle», de Henrique Seixas, vice-commodoro do club.

Um passeio ciclista

Realisa-se no proximo domingo o annunciado passeio a Torres Vedras, promovido por um grupo de rapazes do Bairro Andrade. A commissão pede aos inscriptos a comparencia na rua Maria Pia, pelas 4 horas da manhã.

Convocações de «foot-ball»

O capitão geral do Alto do Pina Foot Ball Club pede a comparencia de todos os jogadores que formam os «teams» infantil, sextos e quintos, no proximo domingo, na estação do Sul e Sueste (Terreiro do Paço), pelas 7,30, para irem jogar a Setubal com o Victoria Foot-Ball Club.

Regatas importantes da Associação Naval

Ha alguns annos atraz umas das coisas mais bonitas que havia no «sport» nautico eram as regatas das canôas monotypos de 7 toneladas que, por mais de uma vez, disputaram premios valiosos em Pedrouços, Trafaria, Algés, Paço d'Arcos e Cascaes. A «Emilia», a «Guida», a «Tricana», o «Espadarte», a «Galatea», etc., em que corriam Bernardino Ferreira dos Santos, João Bissau, Iniguez Schore, Bandeira de Mello e outros, animavam extraordinariamente as nossas praias. Esse tempo passou e, ultimamente, que conste, só a «Guida» do sr. João Bissau tem sido apparelhada.

A «Guida» é uma das melhores canôas que teem navegado no Tejo, de construcção genuinamente nacional; tem «linhas» de aperfeiçoamento que mostram o bom gosto do seu proprietario, que é um dos nossos melhores «lemes» de canôa.

Ultimamente, com o caminhar das coisas, os nossos entendidos puzeram de parte a canôa e mandaram vir de fóra uma outra especie de barcos: da classe internacional, de 6 metros. Vieram o anno passado dois d'esses bellos «yachts», sendo um para o sr. Armando Soares Franco e outro para o sr. José Leal Wintermantel, ambos da Associação Naval e conhecidos homens de «sport».

No proximo domingo ha uma regata-desafio entre a «Guida» do sr. Bissau, e os dois «yachts», «The Whim», de José Leal Wintermantel, e «Hinemoa», do Armando Soares Franco, em que corre Alvaro Gaia.

O percurso é de duas voltas ao triangulo Trafaria, Caxias e Pedrouços. As balisas são: boia da Trafaria, defronte da praia, boia ao sul da ponte de Caxias (lagoal), e boia do «yacht» «Estrella», em Pedrouços.

A regata é particular e organisada pela Associação Naval de Lisboa, correndo-se com os regulamentos da Federação Portugueza de Sports. A largada é ás 11 horas, da Trafaria. O jury funccionará a bordo da chalupa «Oclenie» que o seu proprietario João Boptista Dotti poz á disposição do jury, que será presidido pelo commandante geral da Associação Naval sr. José Julio Correia da Silva.

Escoteiros de Portugal

Os escoteiros do grupo 9 partiram no sabbado passado para Caneças, onde acamparam, passando ahi a noute de domingo. Compareceram 22 escoteiros, sendo 17 fardados.

A primeira expedição partiu da Rotunda ás 21 horas, passando por Campo Grande, Lumiar, Odivellas, chegando a Caneças cerca da 1 hora.

Compunha-se de 13 escoteiros e o instructor sr. Duarte. Escolhido o local do acampamento n'um pinhal proximo da villa, armaram-se as tendas, nomeando-se dois escoteiros de sentinella.

A segunda expedição compunha-se de 9 escoteiros, e,sob o commando do instructor sr. Quilhó, partiu tambem da Rotunda ás 23 e meia e alterando o itinerario, não seguiram para Loures, planeando antes um ataque assalto, nos collegas da primeira. Chegados a Caneças procuraram o acampamento dos seus collegas, encontrando-o ás 3 horas da madrugada. Pondo em pratica o seu plano, não conseguiram, comtudo, realisal-o, pois as sentinellas presentiram os assaltantes dando o grito de alarme que deu logar o que a segunda expedição fosse aprisionada, isto depois de uma interessante serie de peripecias e correrias, em plena madrugada.

Na manhã de domingo deu-se o toque de alvorada, içando-se a bandeira nacional. O acampamento levantou-se ás duas horas, marchando todos satisfeitos pelos resultados dos exercicios, apesar de terem caminhado um rasoavel numero de kilometros.

No proximo domingo ha exercicio no Alfeite.

A reunião de todos os escoteiros é na praça do Commercio, ás 5 horas da manhã.

Instrucção militar preparatoria

O nucleo de Cascaes presta provas depois d'amanhã

Realisam-se depois d'amanhã, em Cascaes, as provas finaes do nucleo de Instrucção Militar Preparatoria, nos termos do regulamento d'essas sociedades.

A commissão prepara brilhantes festas, tendo conseguido angariar valiosos premios, sendo o programma o seguinte:

A's 15 e meia horas, formação do nucleo na cidadella, marchando em seguida para o campo de «foot-ball» na avenida Navarro, acompanhado pelas bandas dos bombeiros e Sociedade Municipal de Cascaes que se prestaram a cooperar na festa.

As provas constarão de evoluções militares, tactica, gymnastica e justeza de tiro; corridas de velocidade (100m) 1.ª eliminatoria, saltos em altura, corridas de 3 pernas, velocipedia (obstaculos), corrida de velocidade (100m) final, saltos em comprimento, esgrima, assalto ao sabre pelos sargentos instructores Luiz Santos e Raul Assumpção, velocipedia (pucaros), corrida de resistencia (200m), lucta de tracção, lucta de cabeçalho.

Em seguida proceder-se-ha á distribuição de premios aos vencedores.

EXPLICANDO

A classificação fiscal de Castanheira de Pera

A' proposito da carta, que inserimos, do secretario de finanças de Castanheira de Pera, sr. José da Costa Ilharco, pede-nos o sr. Manuel H. S. Nascimento a publicação da carta que abaixo segue e com cuja inserção por nossa parte damos o assumpto por liquidado. A questão está ou vae ser entregue aos tribunaes. Elles que decidam. A carta é do seguinte teor:

Sr. director d'*A Capital*.—A explicação do sr. José da Costa Ilharco, publicada n'*A Capital* de 27 de julho é falha da verdade. O povo está indignado pelo favoritismo com que se pretendem beneficiar uns e carregar n'outros. Na matriz industrial, ao passo que foram incluidos alguns desgraçados, foram occultos o proprio senhorio da casa em que mora o sr. Ilharco e outras pessoas amigas. O que traz os animos exaltados é o facto do sr. Ilharco ser o secretario de finanças e todo o restante pessoal, escrivão das execuções fiscaes, aspirante e thesoureiro de finanças em exercicio serem exclusivamente irmãos. Os tribunaes dirão se na repartição de finanças se praticaram ou não abusos. O sr. Ilharco julgou-se dono d'isto e por isso veiu dizer que os commerciantes «se deixaram arrastar ingenuamente por creaturas que os collocaram n'uma situação deveras deprimente coagindo-os a abandonar em defeza dos seus legitimos interesses e a desvirtuar a questão incitando-os desvairadamente ao ataque pessoal». O sr. Ilharco não diz a verdade, porque quantos protestos se teem feito teem sido ordeiros e absolutamente expontaneos. O secretario de finanças, em vez de se defender com provas julga que o póde fazer com insinuações. Tem causado estranheza que elle abandonasse a repartição antes de ser sindicado e retirasse de Castanheira. Diz toda a gente que foi tratar de empenhos. Se tal succeder é caso muito grave porque Castanheira não se fica sem lhe fazerem justiça. Que diga depois que os commerciantes foram arrastados e que o prove com verdade.

Pela publicação d'estas linhas no interesse do publico lhe fica muito grato o de v., etc., *Manuel H. S. Nascimento.*

Exames em outubro

A representação que por intermedio do Nucleo Educativo vae ser dirigida ao sr. ministro da instrucção solicitando uma nova epocha de exames será entregue ámanhã á 1 hora. Todos os interessados que queiram e possam fazel-o, devem comparecer, ás 12 horas, na séde do Nucleo, rua Andrade Corvo, A B, 1.º, a fim de se aggregarem á commissão que irá fazer essa entrega.

TOURADAS

Algés.—N'esta praça, realisa no dia 8 do proximo mez a sua festa artistica o estimado bandarilheiro Luciano Moreira, com uma corrida á antiga portugueza, em que tomarão parte os amadores Mascarenhas e um grupo de forcados amadores, capitaneados por Leopoldo Finzi. O curro é dos lavradores Francisco Victorino e Mendes Nuncio, tendo sido escolhido a capricho.

NATURISMO

O SOL

Com este titulo, accrescido da sub-epigraphe: «Em cirurgia», o illustre medico dr. Bissaia Barreto acaba de publicar, como dissertação de concurso á faculdade de medicina de Coimbra, um valioso trabalho em magnifica edição. O conhecido medico fez um trabalho notavel sobre cura natural, pois que, expondo aos raios solares os doentes de tuberculose denominada erroneamente de «cirurgica», se curaram (n'uma serie bem documentada graficamente), sem o emprego de remedios.

Eu formei-me em Coimbra. No meu tempo ainda se tratavam esses pobres enfermos com raspagens e pós e solutos chimicos. Não havia senão falsas curas. Por mercê da acção bactericida e reformadora do sol esses doentes curam-se em breves mezes.

Ha annos pedi licença para nos hospitaes do Porto tratar d'esses e d'outros doentes com o fim humanitario. Não me foi permittido... Nos hospitaes de Lisboa ainda não ha tambem parques de cura d'ar, de sol e de luz.

Poderá o auctor imaginar ter sido a medicina ortodoxa que curou esses doentes? Não. Foi a Natureza que tão poucos medicos conhecem que regenerou os doentes.

No estrangeiro faz-se a cura solar em magnificos sanatorios. Aqui nada ha que preste verdadeiramente. Infelizmente a cura d'esses doentes é illusoria porque a alimentação é-lhes ministrada erroneamente e o organismo fica sempre anomalo. O Naturismo tem de ser integral para ser benefico, regenerador e logico.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Louise

Nada recebi. Hontem não vi ninguem onde disseste. Cheio de cuidados. Manda já noticias.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A «Aguia»

Está publicado o n.º 43 da esplendida revista litteraria «Aguia», orgão da Renascença Portugueza. Do summario d'este numero destacaremos um artigo de Raul Proença intitulado «Da dictadura á suspensão dos direitos politicos», que é um estudo critico desapaixonado e brilhante dos acontecimentos que precederam o periodo da dictadura e que originaram depois, logicamente, a revolução de 14 de maio. D'esse artigo transcrevemos este periodo:

Sendo assim, não havendo nos partidos conservadores senão apoio, não se vendo na opinião conservadora, para vergonha nossa, senão a mais inteira conformidade com os actos do governo, qual era o unico meio de sahir da situação a que chegáramos? A Revolução. Não havia outro. O poder legislativo fôra impedido de funccionar por uma violencia do governo dictatorial e a opinião liberal e democratica era absolutamente desprezada, porque o *trunfo era espadas*. Quero que me diga a se em algum paiz do mundo e em qualquer epocha havia outra maneira de decidir ás coisas senão por um movimento revolucionario. A Revolução está assim, pois, absolutamente justificada aos olhos do critico e do historiador, porque o que se estava passando tinha de acabar e não havia outra forma de o fazer. Coincidiu o triumpho com o interesse de um partido? Decerto, mas que importa, se quem triumphou, acima de tudo, foi a Democracia, gravemente compromettida com esse exemplo abominavel da dictadura?

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 28—A camara municipal vae dirigir uma representação ao sr. ministro do fomento pedindo para que seja melhorado o serviço telephonico que, a bem da verdade, deixa muito a desejar. Oxalá que seja attendido o justo pedido que vae ser feito.

—Já deu entrada em juizo uma participação da policia contra o proprietario da quinta das Canas, por ter prohibido a entrada ao inspector da policia, na occasião em que ali se realisou o duello entre dois officiaes de cavallaria que haviam tomado parte no concurso hippico.

—Do gabinete do director da Escola de Pharmacia desappareceu um jogo de objectivas Zeiss Pratar. A' Porta Ferrea foi affixado um aviso para que os alumnos que fizeram exame nos dias antecedentes ali compareçam a fim de prestar declarações. Esta medida tem por fim, como bem se deprehende, vêr se é possivel descobrir quem levou essas objectivas.

—Continúa preso na 2.ª esquadra policial Joaquim Apostolo, casado, taberneiro, morador a Cruz dos Morouços, freguezia de Santa Clara, que ante-hontem com uma espingarda caçadeira assassinou Antonio Garcia, solteiro, pedreiro, morador no mesmo logar. A versão que corre é a de que o Apostolo matou o Garcia em legitima defesa e que o assassinado era mal comportado, turbulento e provocador.

—Estão irremediavelmente perdidas, por falta de chuvas, as colheitas do milho e feijão nos montes. Nos ultimos dias estes generos de primeira necessidade teem subido de preço, antolhando-se-nos por isso um anno de miseria para as classes pobres.

daim alcançar, e grande numero de peças de 120 e 90 foram destruidas por uma explosão causada por uma granada que rebentou n'um deposito de melinite.

No outro lado do rio o inimigo estava retirando sobre o Marne, mas o forte não podia ser soccorrido. Mensagens telephonicas de Verdun diziam ao commandante que da sua resistencia dependia o exito do movimento para oeste e que se devia manter a todo o custo. Ao mesmo tempo o commandante do forte de Paroches telephonava que os seus canhões não podiam alcançar as posições dos allemães que estavam bombardeando Troyon.

No dia 9, dois officiaes allemães, acompanhados d'um parlamentario, tres vezes intimaram o commandante do forte a render-se, respondendo elle:

«—Nunca. O forte foi-me confiado pela França e prefiro morrer a render-me».

Terminou por os intimar a retirarem-se, dizendo-lhes que estava farto de os ouvir.

Os canhões allemães continuaram o bombardeio e durante a noite a sua infantaria avançou. Mas a carga foi varrida pelas metralhadoras francezas e as massas inimigas nos dias 10 e 11, que avançavam como uma onda irresistivel, foram repellidas com grandes perdas pela guarnição, auxiliada por uma bateria de canhões de 75 e pela segunda divisão de cavallaria de Toul. A mesma sorte teve uma carga final allemã no dia 13, sendo finalmente compellidos a cessarem o ataque ao forte, na frente do qual perderam de sete a dez mil homens, e a retirarem para a fronteira.

A 20 de setembro tornaram a occupar Thiaucourt (muitas vezes confundida, mesmo nos relatorios officiaes, com Triaucourt, na Argonne) e mais uma vez avançaram sobre a linha de fortalezas, começando um novo bombardeamento dos fortes de Troyon e de Paroches, assim como do Campo dos Romanos, d'uma fronte que se estendia de norte a sul, na frente d'elles, entre Tresauvaux e Heudicourt, n'uma distancia de cêrca de vinte kilometros.

Nos dias seguintes, em resultado dos ataques de flanco ao exercito de Metz pela guarnição de Toul, do sul, e pela guarnição de Verdun, do norte, combinado com um resoluto avanço dos allemães no centro, as disposições das suas tropas foram alteradas até tomarem o duplo alinhamento que veiu a ser conhecido pelo nome de recanto de St. Mihiel, onde não houve mudança durante algumas semanas.

O effeito de tal mudança foi que a fronte allemã foi impellida para deante desde a linha Thiaucourt-Fresnes—a vinte e sete kilometros da base do triangulo de que St. Mihiel é o vertice—de modo a occupar os dois lados do triangulo, St. Mihiel Fresnes e St. Mihiel-Thiaucourt, tendo cada um d'elles a extensão de vinte e dois kilometros.

Esse avanço não foi devido a qualquer derrota dos francezes no Woevre. Os allemães avançaram quanto podiam, até que foram detidos pelo fogo dos fortes ao longo do Mosa e pela linha do segundo exercito francez, quasi em angulo recto com aquella, que se estendia desde o Mosa ao norte de Commercy até á fronteira nordeste de Nancy. A sua posição, então, não era de molde a poderem ainda ser batidos pelo forte de Troyon e pelos outros fortes, tendo tambem de guardar o seu flanco esquerdo d'um ataque do exercito do general de Castelnau, ao sul. A sua dupla fronte não fôra por isso, por elles escolhida.

Fôra-lhes imposta pela disposição das linhas francezas de defeza, a qual era em parte devida ao facto dos allemães terem, antes de começar a guerra, penetrado na zona neutral estabelecida e respeitada pelos francezes.

Ao mesmo tempo a perda de St. Mihiel não entrava, escusado será dizel-o, nos projectos dos francezes. Parece ter sido devida a um mau calculo da parte d'estes. Diz-se, com ou sem razão, que elles chegaram á conclusão de que o inimigo, desanimado pelas grandes perdas que

o exercito continuou a ser excellente.

Durante essa longa série de ataques e contra-ataques, no campo e nas florestas, assim como nas ruas das aldeias reduzidas a um montão de fumegantes ruinas, a lucta era de tal modo ininterrupta que muitas vezes era difficil levantar os feridos, a fim de lhes prestar soccorros. Havia sitios onde os allemães, occultos nos bosques, faziam fogo com persistencia sobre qualquer ferido que fizesse um movimento e sobre os que iam soccorrel-os, embora o combate tivesse já cessado.

Muitos ficaram assim ao abandono, sem comer e beber durante cinco dias. Mas os que sobreviveram, apenas pediam que os curassem para voltarem de novo para a linha de batalha. Tinham um unico pensamento: defender a Lorena e vingar os seus soffrimentos.

Mais ao norte, ao longo da linha uma série de violentos combates em Réméréville, Erbéviller e outras povoações em roda das florestas de Champenoux e St. Paul, terminou por um violentissimo ataque ao planalto de Amance. O bombardeamento durou mais d'uma semana, de noite e de dia. Antes d'esse ataque começar, na noite de 30 para 31 de agosto, houve um periodo de suspensão para os homens, que estavam collocando os canhões no cume do planalto. Adivinhavam que o inimigo estava proximo, mas não podiam vêl-o.

O mais que podiam fazer, devido ao denso nevoeiro, que tudo occultava, era aperfeiçoarem as obras de entrincheiramento que haviam construido desde a sua chegada de Toul e bombardearem as estradas por onde o inimigo podia avançar.

No entretanto, como se suspeitava, os allemães estavam collocando a sua artilharia pezada em posição. Quando o nevoeiro se dissipou, os seus aviadores voaram a grande altura sobre o planalto e, demarcada a posição da artilharia franceza os seus canhões entraram em acção. Quatro baterias abriram fogo, chovendo sobre os francezes uma tal quantidade de granadas que aos homens que estavam ás peças foi ordenada a retirada para a aldeia, por detraz do outeiro. Mas ahi mesmo foram seguidos pelas granadas dos allemães, que se serviam de balões captivos para indicarem aos seus artilheiros a posição dos

O estadista Bonar Law

francezes, os quaes, ao cabo d'algum tempo, conseguiram avançar pelo planalto entre uma chuva de ferro e de fogo, indo metter-se nas trincheiras, que estavam bem occultas e ainda nada haviam soffrido.

O fogo era tão intenso que nem uma mão se podia deitar de fóra. Finalmente, começou a tornar-se mais espaçado e os commandantes das baterias e os seus homens, que haviam estado á espera d'esse momento no pequeno bosque que havia no planalto, puderam chegar junto das suas peças, que entraram todas ao mesmo tempo em acção.

A 8 de setembro a batalha continuava com crescente violencia a todo o longo dos quarenta kilometros que occupava a fronte franceza, a qual no seu ponto mais proximo [illegible]

cava a cerca de dez kilometros de Nancy. Romper essa linha era para os allemães assumpto da maior importancia.

A oeste de Verdun os seus exercitos estavam sendo obrigados a recuar para além do Marne. Na fronte de Amance uma das suas divisões tinha sido derrotada no dia 7 na floresta de Champenoux. No dia 8 fizeram um grande e final esforço sob as vistas do kaiser, o qual, a despeito da gravidade da situação no Marne, se tinha dirigido para a fronte oriental para dar aos seus exercitos que ahi se encontravam o incitamento da sua presença e da sua auctoridade.

Se tivesse podido, como provavelmente esperava, entrar triumphalmente á frente das suas tropas victoriosas em Nancy, o effeito moral tanto na Allemanha como na França teria sido immenso. Mas, antes de isso ser possivel, as eminencias de Amance tinham de ser tomadas de assalto.

Quando a ordem para esse assalto foi dada, os allemães sahiram dos bosques a cerca de dois kilometros de distancia e levando á frente os seus pifanos e tambores, como se estivessem n'uma parada, avançaram solemne e pomposamente ao ataque da infantaria franceza que occupava posições a meio caminho do lado oriental do planalto. Os canhões francezes estavam silenciosos. Nada indicava se elles tinham sido postos fóra d'acção ou se apenas tratavam de aproveitar o tempo.

Excepto a musica das bandas não se ouvia um unico som, porque a infanteria não disparou um unico tiro emquanto o inimigo não chegou á distancia de cerca de duzentos metros. Então, de subito, aos brados de «Viva a França», os homens sahiram das trincheiras e carregaram á baioneta. As duas linhas chocaram-se com violencia e as fileiras allemãs romperam-se. Quando fugiam para se irem abrigar na floresta os canhões de 75 entraram em acção e fazendo fogo a tão curta distancia dizimaram-os fileira apoz fileira.

Mas o kaiser estava ali para os animar. A tarefa que lhes tinha mandado executar não estava ainda feita e combateram com grande coragem e tenacidade. Seis vezes voltaram ao ataque e seis vezes foram repellidos para os bosques. Em alguns sitios os cadaveres ficaram amontoados uns sobre outros a ponto de attingirem a altura de cinco ou seis pés e quando os sobreviventes se abrigavam por detraz dos montões de mortos e feridos os canhões de 75 continuaram a sua obra de destruição, deixando mortos e vivos reduzidos a uma horrivel massa de carne e sangue, emquanto os de 155, fazendo fogo sobre as fileiras da fronte, concluiam a obra mesmo dentro da floresta.

As perdas allemãs foram enormes. Milhares dos seus mortos ficaram jazendo na planicie e á tarde pediram e obtiveram um armisticio de quatro horas para lhes dar sepultura. Os francezes creem que elles aproveitaram esse armisticio para collocarem em posição proximo da aldeia de Cercenil a artilharia pezada que bombardeou Nancy na noite de 9 de setembro.

O bombardeamento, que devia ter sido o dramatico final do assalto á cidade, não foi mais que uma fraca demonstração. Começou á meia noite e meia hora, quando quasi todos os habitantes estavam dormindo. O violento canhoneio foi a principio tomado como sendo uma trovoada até que o ruido da queda d'alguns tectos e o dos canhões francezes replicando ao ataque fizeram saber do que se tratava. O canhoneio durou cerca d'uma hora. Cahiram na cidade umas 70 granadas, matando e ferindo alguns civis, poucos, e arruinando algumas casas.

Como manobra militar, o bombardeamento foi futil e apenas teve como effeito alarmar a população, retirando-se alguns habitantes no dia seguinte para as cidades mais afastadas do inimigo e da fronteira. Poucos foram, porém. A maioria mostrou a mesma confiança nos exercitos do general de Castelnau e do general Dubail assim como no seu prefeito, que, como resposta a esse

bombardeamento, mandou vir seus filhos e filhas viver com elle e madame Mirman em Nancy.

O bombardeamento da cidade foi o cartão de despedida, se assim nos podemos exprimir, dos allemães. No dia 10, evacuaram Pont-à-Mousson, e no dia 12 Lunéville, Baccarat, Raon-l'Etape e St. Dié; houve um avanço geral ao longo de toda a fronte franceza e embora o inimigo tivesse ainda um pé no centro da Lorena e no departamento dos Vosges a occupação effectiva das duas provincias chegava ao seu termo.

O ataque á linha Epinal-Verdun por via de Nancy tinha falhado por completo. O kaiser e os seus homens tinham chegado a estar na terra promettida, mas tiveram de lhe voltar costas.

O vigor do ataque foi transferido da metade sul para a metade norte da linha da barreira de fortalezas entre Toul e Verdun e esta ultima praça occupou o logar de Nancy como objectivo principal dos allemães.

O exercito do principe real da Baviera occupou uma fronte que se estendia a noroeste da fronteira em frente de Lunéville, passando Thiaucourt até Consenvoye no Mosa, até dezeseis kilometros ao norte de Verdun, onde a sua direita se apoiava na esquerda do exercito do kronprinz.

A sua ala esquerda em Thiaucourt tinha por fim impedir qualquer avanço francez sobre Saarburgo e Metz; o seu centro e a direita iniciou um serio movimento de avanço atravez a planicie do Woevre para as alturas cobertas de bosques do Mosa. Tinha dois objectivos em vista: atravessar por entre a linha de fortalezas, transpôr o rio e juntar-se com o exercito do kronprinz, para cercar Verdun.

A fortaleza de Toul fica exactamente a meio caminho entre Epinal e Verdun, a sessenta e quatro kilometros de distancia de cada uma d'ellas. No tracto mais baixo do terreno, a abertura de Charmes, não ha forte algum, e o não terem os allemães podido penetrar n'essa região, approximando-se assim de Toul pelo sul, é o mais alto testemunho da proficiencia militar do general Dubail e da magnifica resistencia dos caçadores a pé e dos canhões de 75 do primeiro exercito.

Entre Toul e Verdun a posição franceza estava longe de ser forte. A leste do Mosa os altos cheios de bosques descem gradualmente para o rio, quebrados a intervallos por uma serie de fundos precipicios e ravinas, guardados por fortes, antigos e modernos.

Ao norte, a região é limitada pelo caminho de ferro Verdun-Metz, abaixo do qual fica a planicie do Woevre, e ao sul pela rapida quebrada de Mud, que corre de Commercy a nordeste de Thiaucourt para Arnaville, onde cae no Mosa a poucos kilometros ao sul de Metz.

A todo o longo do Mosa, d'ambos os lados da corrente, ha uma cadeia de fortes. Ao sul da quebrada de Mud, entre Commercy e o Mosella, os fortes de Liouville, Gironville, Jouy, Lucey, Bruley e St. Michel apontavam os seus canhões a leste e norte para a fronteira allemã. Mais abaixo, na margem direita do rio, os canhões do Campo dos Romanos, um pouco ao sul de St. Mihiel, e dos fortes Troyon e Genicourt ao norte da cidade, foram levados para o rio, promptos a disputar a sua passagem, e ainda mais ao norte ficavam as defezas sul de Verdun; fazendo frente ao canal da torrente, na margem esquerda o forte de Paroches, entre Troyon e St. Mihiel, faz frente a leste.

Era esta a formidavel posição que os allemães queriam atacar, como resposta á batalha do Marne e a terem sido repellidos da fronte de Nancy.

Tinham já, de 8 a 13 de setembro, bombardeado Troyon, que o principe real tentára bombardear do outro lado do rio. A defeza do forte foi um dos mais bravos feitos da campanha de 1914. Nas primeiras tres horas de bombardeamento, os canhões allemães lançaram granadas de minuto a minuto, de posições em ravinas que os artilheiros francezes não po-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1791 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 31 de Julho de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A eleição presidencial

A seis dias da eleição presidencial começam, emfim, a definir-se as attitudes dos diversos partidos.

De dois d'esses partidos já são conhecidos os candidatos. Os evolucionistas apresentam o nome do sr. Guerra Junqueiro. Todavia essa indicação tem mais o aspecto d'uma homenagem ao altissimo poeta e grande figura de republicano e de patriota que é o auctor dos «Simples». Não só não sabemos se o sr. Guerra Junqueiro acceitará essa candidatura, como, partindo ella de um partido de opposição, não é natural que vingue alcançar o suffragio da maioria parlamentar. Por sua parte, os unionistas, segundo se affirma, votarão em massa no sr. Duarte Leite, cujo nome é ha muito tempo considerado como o d'um presidencial. E' egualmente um velho republicano, com uma larga folha de serviços á democracia, quer durante a propaganda, quer depois do advento do novo regimen.

Resta o partido democratico, de cujas resoluções, por ser elle quem possue a maioria no Congresso, dependerá necessariamente a eleição do novo presidente.

Se o partido democratico pensasse em eleger um dos seus membros, a situação estaria necessariamente simplificada. Mas o partido democratico não pensa ou não deve pensar assim. Ninguem n'esse partido deixará certamente de considerar que seria prejudicial para a Republica o poder julgar-se que o presidente da Republica não fosse positivamente o supremo magistrado da nação, isto é, uma individualidade que a todos dé as garantias d'uma austera imparcialidade no cumprimento zelosissimo das funcções do seu cargo, que são as de guarda fiel da Constituição, mas na realidade o delegado d'um partido.

Sendo esta a orientação, e louvavel orientação, que se affirma guiar o partido democratico, senhor da maioria parlamentar, ou seja o grande eleitor do presidente, é realmente motivo para estranhezas o facto d'esse partido nos apparecer presentemente com quatro candidatos. Esses quatro candidatos são os srs. Duarte Leite, Bernardino Machado, Alves da Veiga e Correia Barreto.

Ninguem ignora que no partido democratico ha elementos que se approximam, uns do partido unionista, outros do partido evolucionista. Sendo meramente platonica, como já accentuámos, a candidatura do sr. Guerra Junqueiro, apresentada pelos evolucionistas, segue-se que no partido democratico a corrente que mais se approxima do evolucionismo não vê a necessidade de a perfilhar. Mas já não succede o mesmo com a do sr. Duarte Leite, que os elementos affectos ao unionismo procuram converter n'uma candidatura do seu partido.

Essa pretensão não nos parece realisavel, e não nos parece realisavel porque sendo o criterio geral do partido democratico o de não eleger um presidente que tenha o carimbo do seu partido, menos póde acreditar-se que se resolva a eleger um outro que traz o carimbo d'um partido adverso. E pela mesma razão, a candidatura do sr. Correia Barreto, marechal democratico, se póde considerar prejudicada.

Restam, pois, o sr. Alves da Veiga e o sr. Bernardino Machado. São tambem dois grandes nomes da democracia portugueza. Simplesmente, o sr. Alves da Veiga, cujo austero republicanismo por todos é reconhecido, não se encontra talvez, por um concurso de circumstancias, na melhor situação para ascender a um logar que requer um perfeito conhecimento dos homens e das questões, na actualidade portugueza. O sr. Alves da Veiga emigrou para o estrangeiro apoz a revolução do Porto, em 1891. Nunca mais, segundo suppômos, até cahir a monarchia, tornou a pisar o solo do seu paiz. A maior parte dos republicanos não conhece s. ex.ª senão pela tradição historica e porventura mesmo o nosso actual ministro na Belgica só meia duzia de vezes terá falado com os chefes dos partidos, que são d'uma geração posterior áquella em que a sua influencia se exerceu. Com effeito, mesmo depois de proclamada a Republica, o sr. Alves da Veiga pouco tempo permaneceu em Portugal. Encarregado pelo governo provisorio d'uma alta missão diplomatica, immediatamente partiu de novo para o estrangeiro onde continua a honrar a Republica e a Patria.

Eis como, por exclusão de partes, se chega ao nome que primeiro do que todos foi pronunciado em Portugal como o d'um futuro presidente da Republica: o do sr. Bernardino Machado. Não sabemos se é o ser ideal que os destinos da Republica necessitam para a grande missão de a conduzir. O que sabemos é que é um grande nome da Republica; o que sabemos é que o seu ardente amor á Republica, o seu acrysolado patriotismo não podem ser objecto de nenhuma duvida, e que a estas condições reune a da sua grande intelligencia, da sua larga visão politica, do seu aprumo, do seu fino trato, das suas virtudes republicanas que o tornam porventura o mais popular dos grandes vultos da democracia portugueza, e acima de tudo, milita em seu favor a circumstancia de ser um espirito imparcial, tolerante, cuja independencia se tem manifestado, mais do que por palavras, por obras.

Ninguem esqueceu, decerto, as condições em que o sr. Bernardino Machado assumiu em fevereiro de 1914 a presidencia do ministerio. As paixões referviam, estava imminente um grande conflicto. Dentro da lei, confinando-se nos termos expressos da Constituição, o sr. Bernardino Machado, se não poude pacificar inteiramente a sociedade portugueza, governou por forma que esse conflicto não poude irromper. Depois da sua queda é que os mesmos que porventura divergiram da sua marcha politica reconheceram que elle fôra a garantia da paz, e que elle realmente evitara successos que depois se realisaram,—que não podiam ser nem mais tristes nem mais dolorosos.

Se a sua politica interna foi essa, é-nos licito suppôr que se á frente do governo portuguez, ao desencadear-se a conflagração europeia, estivessem alguns outros estadistas, Portugal não teria porventura definido a sua attitude como a sua honra, os seus ideaes e os seus maximos interesses reclamavam. O sr. Bernardino Machado concretisou, na sua politica internacional, as aspirações da nação.

Não só por exclusão de partes, como pelos seus altos meritos, o nome do sr. Bernardino Machado é uma garantia de que a presidencia da Republica será exercida com o brilho d'uma grande intelligencia, a austeridade d'um nobre caracter e uma absoluta lealdade á Constituição da Republica, em cuja defesa não esmoreceu, nas horas duvidosas e amargas da dictadura. Se o Congresso Nacional o eleger, não fará mais do que ratificar a vontade popular.

Queda do gabinete japonez

Motivou-a uma accusação feita a um ministro

TOKIO, 30.—O ministro do interior e caminhos de ferro, sr. Hara, que é accusado de corrupção eleitoral, pediu a demissão, arrastando na sua queda todo o gabinete.—(*Havas*).

E' preciso comer mais barato!

O comicio popular de ámanhã no parque Eduardo VII

As classes operarias resolvidas a luctar contra os açambarcadores

Annuncia-se para ámanhã um comicio no parque Eduardo VII. E' promovido por operarios e tem por fim tratar do gravissimo e inadiavel problema das subsistencias. Um dos homens em maior evidencia nas associações de classe nol-o acaba de dizer, com um mixto de tristeza e de revolta. A carestia da vida augmenta de dia para dia e não apparecem energicas e salutares medidas que ponham termo á angustia, verdadeiramente pavorosa, da situação.

—O comicio de ámanhã—diz-nos o operario a quem interrogámos sobre o objectivo d'essa reunião popular—obedece ao proposito de demonstrar publicamente mais uma vez que o pão, a carne, o peixe, o arroz, os ovos, os legumes, a propria fructa se poderiam vender mais barato. A desmedida ambição dos açambarcadores dos generos alimenticios é a causa principal, se não unica, da carestia da vida. Ainda confiamos em que sejam attendidas as reclamações que formulámos na assembléa de S. Carlos, mas, se se conservarem surdos a ellas, proseguiremos reclamando e gritando, certos de que todo o paiz nos coadjuvará n'esta sagrada campanha.

«Bem sei que nos pódem objectar com o risco da alteração da ordem publica. Não alimentamos o intuito de a alterar, mas convem não esquecer que «a fome não tem lei» e que em S. Carlos se fizeram as mais graves revelações. Do que se está passando cabem culpas aos agricultores, aos moageiros, aos padeiros e ainda ao proprio Estado, que nos fornece trigo pôdre; com as carnes acontece escandalo identico e quanto ao peixe é posto á venda em estado de decomposição! Se alguem colligisse em folheto o que se disse em S. Carlos, acerca da especulação que se faz com os generos alimenticios, realisaria um trabalho tremendo cuja vulgarisação explicaria uma revolta popular.

«A iniciativa do sr. presidente do ministerio, que nos convidou a apreciar a questão das subsistencias, deu-nos a grata impressão de que alguma coisa está disposto a fazer em nosso proveito. Encontramo-nos n'este momento a seu lado para o coadjuvar na solução do problema e não desejamos que abandone o poder sem que a sua intervenção no assumpto se faça sentir a valer.

«Devemos reunir hoje á noite para assentar na orientação dos trabalhos de ámanhã e dos que se vão seguir. Esperamos que todas as associações operarias do paiz nos coadjuvem e, se um comicio não bastar, realisaremos tantos quantos forem necessarios por esse paiz fóra. Tudo o que se fizer é pouco para salvarmos da situação alarmante em que nos encontramos.»

Poeira da Arcada

Conhecemos em tempo um moço poeta, cuja musa se comprazia n'um tão volatil idealismo que parecia nutrir-se do vago, distante fulgor das estrellas. Durante uns poucos de annos não o vimos. Que seria feito d'elle? Certamente, seguindo a fé jurada nos seus ethereos sonetos, devia viver tão alto que as miserias humanas só remotamente o interessavam. Era pelo menos esta a nossa crença. Enganámo-nos, porém. As promessas da mocidade são fallazes como todas as outras. Soubemos hontem que arredondou a sua triste academia quixotesca e que encorporou uma massa decente de tal kilos. Está soberbo de materia, accommettendo digestões assombrosas. Nem verseja nem proseia. Deu-se á agricultura e assim encontrou o sentido das coisas terrestres. A sua felicidade é um exemplo de quanto pode a terra aravel na destruição dos ideaes. A natureza detesta o estilo figurado e a pallidez doentia dos ascetas.

* *

Que rôr de gente não tem morrido n'essa guerra que os povos da Europa trazem ateada para manterem o predominio de algumas ideias funestas! Somam já milhares as victimas do ultraepico massacre. E se os calculos dos competentes não falham, quantos e quantas vidas pagarão ainda á triste Libitina o seu tributo!

Horror dos horrores! Todos os caminhos por onde se mette o homem vão ter á morte. Tristissima condição a nossa: sob o falso pretexto de nos civilisarmos, recorremos a praticas monstruosas que nos reduzem a meros agentes de intratavel ferocidade.

* *

Os bons vinhos criam, nos convivas de um bom jantar, felizes disposições para o commercio das almas. Até os estupidos se sentem alliviados de si proprios, parecendo mais leves e mais seraphicos. Quem resistir á influencia benefica dos exaltantes espiritos capitosos, não é digno do convivio dos seus semelhantes. Merece viver perpetuamente enclausurado nas sombras espessas e fundas da sua indole basaltica, inaccessivél ás rutilas beatitudes de uma alegria nascida dos beijos calidos do fogo bacchico.

Presidente da Republica

Recepção de diplomatas no palacio de Belem

O sr. dr. Theophilo Braga chegou ao palacio de Belem pelas 14,30 horas, em automovel, acompanhado pelo seu secretario particular, sr. Levy Bensabat.

Pelas 15 horas chegou o encarregado dos negocios de Cuba, que foi introduzido na sala Imperio, sendo apresentado ao chefe do Estado pelo sr. Barreto da Cruz, secretario geral, interino, da presidencia da Republica. Seguidamente o sr. dr. Theophilo Braga recebeu o encarregado dos Negocios do Mexico, Uruguai, Noruega e China que foram introduzidos com o mesmo ceremonial.

A's 16 1/4 chegou o sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina, que foi egualmente recebido pelo sr. presidente da Republica com quem se demorou alguns momentos conversando.

O sr. dr. Theophilo Braga recebeu ainda a direcção do Club Naval de Lisboa, que lhe foi entregar o diploma de nomeação de commodoro honorario do Club e convidal-o a assistir á festa que amanhã se realisa.

Em seguida deu assignatura, apoz o que retirou para sua casa, cêrca das 18 horas.

O que o professor Delbruck diz sobre a futura paz

O sr. Hans Delbruck, professor de historia moderna da universidade de Berlim e director dos «Annaes da Prussia» (*Preussische Jahrbucher*) publicou um manifesto, dirigido a todos os intellectuaes allemães, e no qual se pronuncia abertamente contra a annexação da Belgica. N'esse manifesto classifica de «louca» a ideia de querer garantir a paz aniquilando os adversarios, porque, actualmente, no ponto de vista pratico, semelhante tentativa é irrealisavel. A annexação da Belgica seria funesta para a Allemanha porque esta perderia então todas as simpathias dos neutros, especialmente da Suissa e da Hollanda.

O sr. Delbruck esboça, em seguida, um programma da paz futura. Rejeita as condições formuladas pelo antigo ministro Dernburg, isto é, a politica da porta aberta e a liberdade do mar. Para assegurar uma paz duradoura—diz o professor—seria necessario que se trabalhasse no sentido de uma evolução do direito internacional. E' n'esse dominio que a Allemanha devia principalmente trabalhar porque ella descurou muito esse ponto de vista e commetteu graves faltas a tal respeito.

No final do seu manifesto, o sr. Delbruck pede que a posição politica da Allemanha seja assegurada por meio de garantias reaes e poder-se-ha então falar de paz.

Qual é o objectivo de semelhante publicação? Restabelecer, sem duvida, no interior a cohesão, garantir o apoio do partido socialista ao governo e desfazer tambem no estrangeiro, especialmente entre os neutros, a dolorosa impressão produzida pelo discurso annexionista do rei da Baviera e pelo manifesto das associações industriaes allemãs que reclamam do governo imperial a annexação da Belgica.

Allemães, austriacos e turcos

As suas perdas avaliadas em 8.726.000 homens

O sr. W. Beach Thomas, correspondente especial do *Daily Mail* no Pas-de-Calais, avalia as perdas germano-austro-turcas até 30 de junho ultimo, segundo informações colhidas nas melhores fontes, da seguinte maneira:

Allemães, 490.000 prisioneiros, 1.636.000 mortos, 1.880.000 feridos, total 4.006.000. Austriacos, 810.000 prisioneiros, 1.710.000 mortos, 1.885.000 feridos, total 4.375.000. Turcos, 95.000 prisioneiros, 110.000 mortos, 140.000 feridos, total 345.000. Total geral, 1.395.000 prisioneiros, 3.456.000 mortos, 3.905.000 feridos, total 8.726.000.

O preço de uma victoria

As perdas inglezas na campanha sul-africana

Um telegramma de Pretoria, que apparece publicado na *Vossische Zeitung*, allude ás perdas soffridas pelas tropas da União Sul-Africana durante as recentes campanhas. O texto d'esse despacho é o seguinte:

«As perdas totaes das forças da União montavam, até 14 de junho, a 414 homens na lucta contra os revoltosos, e a 1045 homens na campanha contra os allemães. Além d'isto morreram 153 homens de doenças e accidentes varios. Os revoltosos tiveram cerca de 190 mortos e 300 ou 350 feridos. Os allemães internados na União eram 39 officiaes e 859 praças. Na linha de Swakopmund a Grootfontein morreram de doença 153 homens. Houve pouca resistencia. Alguns allemães foram feitos prisioneiros.»

Este telegramma está evidentemente truncado, porque, como se sabe, toda a guarnição do Sudoeste Africano, actualmente Bothalandia, se rendeu sem condições ás tropas de Botha no seu refugio de Tsumeb.

As operações no theatro oriental e no Mar Negro

PETROGRADO, 31.—Official — Na região de Kowo o inimigo approximou-se das forças avançadas das fortalezas. Nas regiões do Niemen e na margem direita do Narew repellimos todos os ataques. No Vistula as guardas avançadas inimigas passaram para a margem direita do Rio Radomka. Entre o Vistula e o Bug grandes massas inimigas atacaram as duas margens do Wieprz mas foram repellidas com grandes perdas, excepto na margem esquerda de onde conseguiram passar para a margem direita. Entre o Wieprz e o Bug repellimos todos os ataques e fizemos uns mil prisioneiros e tomámos quatro metralhadoras.

No Mar Negro destruimos um navio carvoeiro e 47 veleiros.—(*Havas*).

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

Na Camara dos Deputados

O sr. ministro da guerra fala nos perturbadores da ordem

As opposições, por causa d'uma votação politica, abandonam a sala

A' primeira chamada respondem 45 deputados, abrindo o sr. Azevedo Coutinho a sessão. A acta é lida e approvada. Do governo está presente o sr. ministro da guerra. O sr. Ribeira Brava, dirigindo-se ao sr. Norton de Mattos, refere-se á tragedia do quartel de engenharia, que victimou 3 sargentos, e pergunta-lhe se elle sabe se o cabo assassino pertencia a sociedades perturbadoras da ordem e se sendo assim o governo está disposto a tomar as providencias necessarias para lhes neutralisar a influencia. Semelhantes actos de indisciplina e factos como o de hontem teem de acabar, para honra de todos. O sr. ministro da guerra refere o que se passou. O cabo recebera, com outras praças, ordem para marchar para Tancos. E essa ordem fôra motivada por lhe ter constado que as praças em questão tinham relações com elementos civis que de ha muito são a causa das perturbações que se dão na sociedade portugueza. Procedeu a investigações aturadas e minuciosas, e muito embora, em casos d'estes, a prova material seja difficil, ha presumpções a que tem de dar-se credito, tendo sido isso a razão por que fez transferir para Tancos as praças de engenharia sobre que recahiram desconfianças de pretenderem dar causa a novas desordens. Parece-lhe que para fazer desapparecer os elementos a que se referiu, e cuja persistencia nas tentativas de perturbação são evidentes, se teem de tomar medidas um pouco diversas das que até agora se teem adoptado. Exigem-o assim a segurança do paiz e das proprias instituições, que não podem transigir com elementos tão perniciosos como aquelles que, voltando as suas vistas para os quarteis, ahi procuram fomentar o desassocego e a indisciplina. E o exercito, para cumprir a sua missão, tem de ser disciplinado como o foi sempre.

Para manter essa disciplina, dispõe de todos os elementos, quer por parte dos officiaes, quer das praças. E' preciso que todos se convençam que o actual ministro da guerra só tem por objectivo organisar o exercito, de maneira a fazer d'elle um grande orgão de defeza nacional. A politica partidaria deixou-a inteiramente de lado, e se ha mal entendidos, urge fazel-os desapparecer quanto antes. O governo está disposto a tudo para depurar o exercito d'aquelles elementos que podem prejudical-o, e para o conseguir trará ao Parlamento uma proposta de lei que o auctorisará a proceder energicamente contra aquelles que teimarem em alimentar a obra de indisciplina em que tão empenhados andam. Certas faltas que até aqui se teem dado e repetido com tanta teimosia teem de acabar.

O sr. Moura Pinto faz uma calorosa defeza da disciplina militar e incita a maioria a sahir da senda de violencias que tem trilhado até aqui. Refere-se á questão dos postos de telegraphia sem fios e termina declarando que a União fica esperando as medidas repressoras annunciadas pelo governo, certo de que as leis existentes chegam, e bem, para realisar a obra de saneamento dentro e fóra do exercito, a que o sr. ministro da guerra se referiu. O sr. Mesquita de Carvalho diz que, com o seu partido, lastima que o caso que deu origem a este incidente tenha sido tomado para pretexto de uma especulação politica. Entende que não são precisas novas leis repressoras por haver na legislação republicana elementos de sobra para castigar todos os discolos. Reclamando medidas excepcionaes, o governo vem provar que é elle o fomentador da indisciplina que quer combater, não obstante affirmar que não lhe falta auctoridade moral para restabelecer a ordem onde elle julga que ella já não existe.

O sr. Eduardo de Sousa:—Apoiado!

Vozes:—Apoiado! Apoiado!

—Não apoiado!

O orador continua. Causa-lhe estranheza a attitude do governo, porque ella vem provar-lhe que alguma coisa de estranho e de anti-republicano germina e está prestes a manifestar-se. O ministerio da guerra diz que procedeu a informações e indagações, das quaes lhe proveio a convicção de que providencias diversas das que se teem tomado até agora, é preciso levar a effeito. Mas tem o governo confiança absoluta n'essas informações?

O sr. Simas Machado entende que, acima de tudo, é preciso que todos os que *fazem* parte do exercito estejam perfeitamente unidos pela mais estreita solidariedade militar. Os crimes como o de hontem teem de acabar, como teem de acabar outros factos que são tudo o que ha de mais deprimente. Pois não se diz por ahi que ainda não ha muito um commandante de regimento foi vaiado, insultado e enxovalhado por subordinados seus? O sr. Antonio Macieira estranha que sejam os que apoiaram a dictadura quem venha agora clamar por disciplina, quando essa mesma dictadura foi o mais formidavel foco de indisciplina que a Republica se tem visto forçada a combater. As affirmações do sr. ministro da guerra não podem interpretar-se senão no sentido de que as leis serão *absolutamente* respeitadas. Ha quem tenha reclamações legitimas a fazer? Que se dirija a quem de direito e pelas vias competentes.

O contrario não se admitte. E' quando o governo está trabalhando para integrar a Republica e a Nação no caminho que lhe compete, que elementos perturbadores tentam desvial-o d'essa missão. Pois bem: esses perturbadores que desappareçam e o governo que traga ao Parlamento as medidas que julgar necessarias para a defesa da Republica, porque ellas não deixarão de ser approvadas.

O presidente:—Vae entrar-se na ordem do dia.

O sr. Julio Martins:—Peço a palavra.

O presidente:—Vou consultar a Camara, se ella permittir que o incidente continue...

Faz-se a consulta. A Camara rejeita e o chinfrim principia, *os evolucionistas* e os unionistas protestam e discutem em vez da deliberação da Camara. Ninguem se entende.

Vozes.—E' uma violencia!

—Não podia consultar a Camara, n'um assumpto d'estes!

O tumulto ameaça augmentar. Murros, gritos, exclamações varias.

O sr. Julio Martins:—Requeiro a contra prova!

Deferido. A Camara, porém, corrobora a sua primeira resolução e as opposições, depois de largos minutos de clamorosa agitação, preparam-se para abandonar a sala. Saem os primeiros deputados da direita. Atraz d'esses vão outros. O sr. Aresta Branco não sabe se ha de sahir se ha de ficar. Por fim, segue os seus collegas. Os evolucionistas retiram-se tambem, ficando apenas o sr. Mesquita de Carvalho. Do unionismo, os ultimos a sahir são os srs. Francisco Cruz e Almeida Garrett. Ha quem requeira a contagem. Estão presentes 72 deputados. Approva-se já na ordem do dia, na generalidade, o orçamento das colonias. Na especialidade, discutem-se os capitulos um por um, falando o sr. Ernesto de Vilhena e outros.

O sr. Costa Junior:—Requeiro a contagem. E' que não estou disposto a permittir votações illegaes.

A contagem faz-se. Ha numero e as votações continuam, quasi sempre acompanhadas por outras contagens, requeridas ora pelo sr. Mesquita de Carvalho, ora pelo sr. Costa Junior, votando-se afinal todo o orçamento, falando repetidas vezes os srs. Ernesto de Vilhena, Paiva Gomes e outros. E' posto em discussão um projecto transferindo varias verbas do orçamento do ministerio da marinha. Quando vae proceder-se á votação o sr. Mesquita de Carvalho pede, como de costume, a contagem.

Vozes da maioria:—Que maçada!

O presidente:—Estão presentes 73 deputados.

Vozes:—Eia, tantos!

O parecer é approvado e o sr. ministro das finanças, tomando a palavra, declara que não executará resoluções da Camara que impliquem augmento de despeza.

O projecto que amnistia todas as praças do exercito e da armada por faltas commettidas até 14 de maio, quando provem que trabalharam pelo restabelecimento da Constituição, é approvado sem discussão.

Segue-se o parecer referente ao projecto que manda entregar ás juntas de parochia determinados bens pertencentes ás extinctas congregações *religiosas*, desde que as juntas os appliquem a obras de assistencia e beneficencia. O sr. Lopes Cardoso combate certas determinações do parecer, por ellas não corresponderem ao que as circumstancias exigem. Entregar ás juntas os rendimentos d'esses bens sem crear commissões beneficentes que fiscalizem a applicação d'esses creditos é praticar um erro bem lamentavel. Concretizando o seu modo de vêr, manda para a meza uma proposta de emenda que é admittida.

O sr. Paiva Gomes reforça as considerações do orador antecedente, que o sr. Almeida Ribeiro rebate.

Encerra-se a sessão. A seguinte é segunda feira.

FOLHETIM D'A CAPITAL—31-7-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXX

A côrte e o pharaó

Em que passava o tempo a côrte de D. José,—essa côrte, no conceito de Dalrymple, «si peu elegante»?

Jogando.

E' o conde de Stahremberg, enviado extraordinario da Austria, que o diz em carta de 12 de fevereiro de 1751 dirigida ao seu governo: «A côrte anda sempre de Lisboa para Belem; quando não se mette no picadeiro, joga as cartas. O seu divertimento favorito é um jogo de parar chamado — pharaó». Tinha razão Starhemberg. A côrte fazia o que fazia o rei,—e D. José, quasi permanentemente, jogava.

Todas as madrugadas, casquilhos e casquilhas da intimidade do Paço, mais ou menos recheados de costellas d'oiro e orgulhosos como as mulas da Casa Real, enflavam estremunhados os seus capotes de saragoça, encapuzavam-se por causa do frio, saltavam para uma liteira ou para uma estufa de viagem, e ou iam com o rei varejar perdizes ás coutadas de Salvaterra, ou chouteavam até Belem, onde Sua Magestade levava manhãs inteiras a amansar potros no picadeiro com o marquez de Marialva, os Roquettes e o Antonico Gordo. Se á tarde não havia opera no theatrinho doirado do palacio, com o soprano Violani, o contralto Geziello, o tenor Raff e o «buffo-caricato» Marchese, tudo homens, porque Marianna Victoria, diz o inglez Twiss, «tinha tantos ciumes do rei, que não queria cómicas no Paço»,—era sabido que rodava tudo para Lisboa, séges, estufas, callejas, liteiras e côches, a acolher-se ao Paço da Ribeira, onde havia todas as noites, até ás onze horas, a infallivel partida de pharaó. A principio, o pharaó só se jogava no Paço; mas, com o andar do tempo, o «o jogo d'el-rei» tornou-se moda; a moda converteu-se em vicio; sumiu-se a vara de prata dos corregedores e o alvará de 1677,—e as grandes casas fidalgas de Lisboa, a principiar pela *morada* solarenga do primeiro ministro, começaram a offerecer em dias certos, a suas senhorias os casquilhos da côrte, partidas semanaes de «pharaó francez». O conde de Redondo—ou antes, a viva e linda condessa de Redondo, *porque o conde levava os* dias a podar roseiras e as noites a resar nas contas—dava a sua partida ás segundas-feiras; Sebastião José de Carvalho, ás sextas; o cardeal da Cunha, D. João Cosme, depois de mandar armar de damasco as salas do palacio do Rocio e de coalhar as mesas de serpentinas de prata de seis lumes, offerecia ás quintas-feiras assembléa de pharaó á côrte e ao corpo diplomatico, fazendo servir os dôces por creados com o habito de Christo ao pescoço; o proprio Prior de S. Domingos dava partidas de jogo aos frades, e comia em chás e dôces da Mesurada as rendas do convento; eram frequentes as mesas de pharaó em casa do embaixador de França, marquez de Clermont d'Amboise, a que não faltavam—diz Goubier de Barrault em carta ao conde de Oeiras—as casquilhas fidalgas de 1770: «Todas as bellezas de Lisboa ali estavam, desde a senhora condessa de Soure até Dona Maria Clara, que veiu avivar um pouco as cinzas da sua imaginação. Cosiam-se umas com as outras como carneiros em dia de chuva. A nympha da Penha de França sorria; *a eremita de Palhavã (?) fazia boquinhas; outra senhora parecia um* «Stabat Mater Dolorosa»; M.me Forbes tinha o ar de Dido abandonada; as restantes senhoras sacrificavam no altar do jogo...» E' precisamente a presença das mulheres que explica o perturbador encanto das partidas de pharaó durante o periodo pombalino. Houvéra já, em 1708, em casa do marquez de Cascaes, as célebres assembléas de jogo de parar, a que se refére Brochado nas cartas dirigidas para Londres ao conde de Vianna; tinha havido tambem, em 1745, as partidas de «truque» em casa do conde dos Arcos, n'uma das quaes, diz o n.º 12 do «Mercurio de Lisboa», o Correio-Mór perdera em duas horas dezoito mil cruzados; houvera ainda, pelo mesmo tempo, as bancas de pharaó que o beneficiado Antonio Luiz dava em sua casa aos cónegos da Basilica Patriarchal, o que lhe valeu a perda do beneficio e uns mezes de Aljube: em nenhuma d'estas partidas de jogo, irreductivelmente restrictas ao sexo forte, fluctuou a aza branca d'uma pluma, arfou o sopro de rendas d'um leque, fulgiu, mordido do ouro fulvo das luzes, um olhar ancioso de mulher. Foi na segunda metade do século XVIII, com os pharaós do Paço da *Ribeira*, que as mulheres portuguezas principiaram a jogar. Desde o dia em que a primeira mão de anneis tocou o primeiro baralho de cartas, o jogo, simples vicio tenebroso, sem elegancia e sem belleza, tranfigurou-se. Um prazer mais nobre surgiu. Conheceram-se todas as loucuras e todos os desvarios, todas as prodigalidades e todas as ostentações. Em 1771—dá-o a entender Goubier—as senhoras da *familia* Pombal jogavam vertiginosamente. Em 1789—diz um folheto intitulado «Cartas sobre as modas»—o maior prazer das sécias fidalgas da Viradeira era «mostrar no jogo do pharaó, do revezino ou do quinze, as bolsas cheias de peças de oiro». D. João V, trazendo a mulher para a vida intensa da côrte, libertára-a. D. José, assentando-a pelo seu braço ás mezas de jogo, corrompeu-a. Porque o pharaó foi para ella uma escola de dissipação? Não. Porque o pharaó foi para ella, sobre tudo, uma escola de voluptuosidade.

D. JOSÉ I

Mas o que poude haver de commum no século XVIII—perguntar-se-ha—entre um baralho de cartas e um contacto amoroso, entre o Amor e o pharaó? Muito pouco: uma meza. Uma meza grande de xarão vermelho, hirsuta de candelabros de prata, colorida de naipes e de figuras, tilintante de dobras e de peças d'oiro, por cima da qual, em plena luz, sessenta, setenta homens e mulheres jogavam com indifferença,—e por debaixo da qual, no mysterio e na sombra, cento e vinte, cento e quarenta pés se entrelaçavam, se confundiam, se pisavam quatro a quatro, palpitantes, amorosos. O amor ás pisadellas, eminentemente nacional, é, como o Arco da Rua Augusta, uma creação pombalina. Foi debaixo d'uma meza de pharaó, gravemente presidida pelo beiço austriaco d'el-rei D. José, que nasceu essa flôr da ternura portugueza de 1760, prima-coirmã do beliscão wisigothico dos Lausperennes, parenta proxima do «estafermo» e do «escarrinho», que deu nome, em 1810, ao «pisa-flôres» do Passeio Publico, que atravessou, por debaixo das mezas, todo o amor romantico do Vintismo e dos casacas-de-briche, e que veiu morrer, n'um frémito de volupia, á luz fria de aranhas doiradas, entre escarpins côr de rosa e sapatinhos transparentes, nos jantares do Farrobo e nas «sauteries» da Regaleira, nos bailes do Rato e nos serões das Kruses. Brutal? Sem duvida foi. Quantas vezes esse «allegro passionato», tocado a quatro pés por debaixo das mezas de jogo, fazia desmaiar de dôr as sécias nos serões de Queluz e do Alfeite, da Ajuda e do Ramalhão! Quantas vezes os fivelões enormes de prata, eriçando-se, trasbordando, irrompendo dos sapatos dos casquilhos, arrepelavam o ponto de seda das meias, feriam até ao sangue a polpa tépida e rosada das pernas, e um gritinho surdo, um gritinho escandaloso de sécia emplumada cortava o silencio solémne do pharaó! Quem a tinha pisado? O parceiro da esquerda ou o da direita? Fôsse lá adivinhar! «Era o que córava»,—dizia o espirituoso marquez de Fronteira. «Era o que tossia»,—descobriu o célebre «Principal Podre», enfiando o chapéu vermelho na sua cabeça hedionda de Esopo. E o gordo Grillo-Mór, confessor da rainha, ao perguntar-lhe o abbade Antonini, auditor da Nunciatura, como se jogava o pharaó em Portugal, respondeu fungando no seu grande lenço d'Alcobaça:

—Com os pés.

JULIO DANTAS

Terça-feira, 3:

XXXI.—Capotes de saragoça

A nova questão Hinton

O FOLHETO DA FIRMA HINTON, com o intuito de apreciar a acção civilisadora das empresas assucareiras d'Africa, e com a soberba ignorancia que mostra em todos os assumptos de que trata, diz, a paginas 37, ácerca dos respectivos estabelecimentos fabris:

«Cada um d'elles é constituido por uma fabrica, em geral atrazada, sem estimulos da terra, uma roça homogenea de canaviaes seguidos, e um apparelho semovente de serviçaes pretos, barbaros ou selvagens, miseros, sujeitos ao trabalho obrigatorio, mais ou menos vilmente pagos, abismados nas grandes inferioridades insustentaveis perante o direito das gentes e os juizos humanos. As trez peças materiaes compõem um só machinismo agricolo-fabril.»

Já mostrámos a falta de exactidão, em todas estas affirmações, e agora vamos dar uma ideia geral do que teem feito as Empresas Assucareiras de Moçambique, onde a firma Hinton diz que *não existe, nem em 20 annos se formará, uma sociedade branca, civilisada e portugueza.*

E' para estranhar que o auctor do folheto não reparasse que a canna saccarina só se cultiva nas nossas colonias e em quasi todas as regiões inter-tropicaes ou proximidade, no littoral ou nas margens dos rios, em terrenos de alluvião, onde o clima e mais condições são incompativeis com as colonias europeias de povoamentos. Em taes regiões estabelecem-se os elementos de população branca, em maior ou menor numero, e esses elementos renovam-se depois e, em parte, cruzam-se com a raça indigena, como succedeu na America do Sul, nas Mauricias, na Reunião (que o folheto cita tanta vez), etc.

Parece que a firma Hinton entende que o paiz só deve fazer sacrificios e ter considerações pelos portuguezes *brancos* da Madeira, que considera uma parcella de Portugal, e não pelos indigenas da Africa.

Esquece que a funcção dos europeus em Africa, não é só implantar *colonias brancas*, mas tambem, e especialmente, civilisar o indigena e aproveitar depois a resistencia da sua raça para as regiões em que o branco mal pode supportar o seu clima mortifero.

E' o que Portugal tem feito e continuará naturalmente a fazer, sem embargo do aproveitamento das grandes altitudes, como são os planaltos de Benguella, Mossamedes, Marica, etc., onde colonias brancas, com caracter definitivo, se teem estabelecido com successo e se desenvolverão.

As fabricas de assucar, nas nossas colonias, não estão, como diz o folheto, *fóra ou longe de uma organisação de cultura, industrias, negocios e movimentos variados, como nos municipios e provincias com ordem e civilisação*, estão, pelo contrario, ou ao pé de centros já civilisados com verdadeira organisação social, agricola e industrial, ou algumas d'essas mesmas fabricas pela sua importancia propria se constituiram centros de civilisação, sendo verdadeiros nucleos de nova formação que, pouco a pouco, se teem ido desenvolvendo e hoje podem considerar-se organismos sociaes, onde existe estabilidade e a nossa auctoridade mantem a ordem e a perfeita disciplina, ainda melhor do que na Madeira. N'esses centros não faltam os soccorros medicos, os meios rapidos de communicação e de relação com o exterior, a escola, o commercio fixo e permanente, muitas industrias, umas subsidiarias da assucareira, como é a fabricação da cal e a exploração de florestas, etc., outras para o commercio geral, como a ceramica, a moagem, a serração, etc., e todas as mais culturas que se realisam n'essas mesmas regiões, e que são, especialmente, a do cisal, a do coqueiro e a do milho, que nos ultimos 6 annos, teem attingido um incremento extraordinario, chegando a haver fabricante de assucar que tem, em cultura, centenas de milhares de palmeiras, produzindo avultada quantidade de copra, caras installações para preparar as fibras do cisal, etc.

Não ha, pois, sómente *roças homogeneas de cannaviaes*, mas plantações de outra natureza, industrias variadas que são a revelação de um progresso tão notavel que todos os materiaes de construcção, como tijollos, cal e madeiras são já fabricados pela propria industria assucareira. Na verdade isto já não se parece bem com a *vida de nomadas!*

Ha fabricas construidas de pedra e cal ou de ferro e tijollo, tendo em volta de si dezenas de edificios de construcção tambem definitiva, cujas photographias podem ser mostradas a quem quizer vel-as, tambem variadas industrias, em *absoluta e continua relação commercial e industrial* com centros, como a Beira o Chinde, Lourenço Marques, Benguella, Loanda, etc., onde ha agronomos veterinarios, laboratorios, telegraphos, caminhos de ferro etc., não *constituindo pois um systema áparte no ponto onde se estabeleceram!*

Tudo isso serve para mostrar que nós não fazemos só *assucar e mal*, como elle diz, e não temos ali apenas meia duzia de folhas de zinco a cobrir 4 machinas velhas do seculo XVI, que os taes *nomadas levantam e vão assentar n'outro terreno onde haja herva boa para o seu gado.*

Convirá tambem fazer referencia á creação de gado que as empresas assucareiras teem introduzido, constituindo rebanhos de centenares de cabeças com os quaes desenvolvem a agricultura dos productos pobres, o milho, por exemplo, e que lhes fornecem os estrumes de curral de que carecem e virão a carecerem grande escala.

A Companhia Colonial do Buzi, por exemplo, tem estabelecido *farms* em varios pontos do seu territorio onde levou os pretos *boçaes* a trabalhar com *charruas mechanicas modernas*, em substituição da enxada cafreal e a sachar com *cultivadores americanos.*

Assim temos feito desenvolver consideravelmente a producção do milho, *civilisando o preto selvagem, misero*, que já em alguns pontos é tanto ou mais civilisado como muitos dos bons madeirenses!

Em todas as regiões, onde se tem implantado uma fabrica de assucar e as suas respectivas plantações, empregam-se dezenas de brancos.

Cada branco tem em geral 2 ou 3 moleques para os seus serviços domesticos. Estes pequenos creados que entram para o serviço a principio quasi *selvagens*, mas que naturalmente são escolhidos entre os mais intelligentes que se recrutam para a agricultura, depressa aprendem o portuguez e se transformam em excellentes creados.

Mais tarde, contrahindo todos os nossos habitos de individuos civilisados, passam a desempenhar serviços de capatazes, familiarisam-se com todas as machinas, quer agricolas, quer industriaes, aprendem os officios de pedreiro, de carpinteiro, de serralheiro, etc., e substituem com grande vantagem o europeu, que não offerece as mesmas garantias de resistencia e portanto de estabilidade.

E pensará o auctor do folheto da firma Hinton *que esses serviçaes pretos, barbaros ou selvagens, miseros, sujeitos ao trabalho obrigatorio*, (não sabemos até porque não lhes teria chamado escravos) *mais ou menos vilmente pagos, ficam acorrentados á essa tirannia*, ganhando apenas aquelles 400 réis por semana, a que se refere a paginas 9 do do folheto?

Mostra só que, n'isto, como em tudo o mais, desconhece em absoluto o que seja a industria assucareira, nas nossas colonias e a sua influencia civilisadora!

Esses rapazes primitivos, que o folheto da firma Hinton imagina tão selvagens e infelizes, chegam, como succedeu ha pouco, a um d'elles, n'uma das fabricas da Companhia Colonial do Buzi, a conquistar a situação de adjunto de engenheiro, por proposta de um engenheiro allemão, e a ganhar o ordenado de 80$00 escudos mensaes! Nas fabricas da região se fez serralheiro, electricista e tudo o mais a que o elevou a sua grande aptidão. Nunca sahiu d'aquelle miseravel centro de nomadas e fez-se um habilissimo operario.

Quiz baptisar-se, tomou um nome portuguez e fez-se, n'uma palavra, um ser civilisado e prestante tendo apenas, para o nosso operario, o grande defeito de *ser preto.*

Outro da mesma edade e origem, educado na Companhia Colonial do Buzi, é o chefe da serralharia de uma das fabricas, ganhando 45$00 escudos mensaes.

A sua capacidade é tal que um exigente engenheiro, tendo-lhe mandado fazer uma peça delicada de certa machina, elle a executou por tal forma perfeita que o seu chefe declarou que em parte nenhuma se faria melhor!

Como este ha muitos, com egual valor e que devem a sua situação feliz e civilisação, a esses bandos de nomadas—as fabricas assucareiras coloniaes! Dezenas d'esses rapazes ganham $30, $40, $80 e mais, por dia nas diversas officinas em que se tornam prestantes e demonstram habilidade. Poderemos provar com documentos tudo quanto deixamos dito a este respeito.

Mas não pára aqui a nossa acção civilisadora.

Pelas emprezas assucareiras da Africa portugueza

A. de Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo

P. S.—Por ter sahido com algumas inexactidões, publica-se hoje novamente parte da conta do custo do assucar da Companhia do Dombe Grande.

EXPLORAÇÃO INDUSTRIAL—Custo do assucar por tonelada:

a) 10 toneladas de canna a esc. 3$60	Esc. 36$
b) Mão de obra da fabrica, na base de 30 toneladas de assucar diarias	» 5$
c) Saccos para a conducção do assucar	» 5$
d) Transporte da fabrica e fretes até Lisboa	» 15$
e) Descarga e desembarque em Lisboa	» $48
f) Seguro maritimo	» $75
g) Quebra 2 °/o no trajecto da fabrica a Lisboa (cerca de 40 dias de viagem)	» 3$
h) Direitos de exportação em Angola e imposto para portos e caminho de ferro	» 4$
Addicionando a estes encargos, ou despesas, a amortisação da fabrica e os juros do capital, e partindo-se do principio de que uma fabrica installada, com a capacidade de 3:000 toneladas, custa 300:000$—que devem ser amortisados em 10 annos, resulta o encargo de 30:000$	
Juros de 300:000$—a 6 °/o média em 10 annos 12:000$	
42:000$	
A dividir por 3:000 toneladas cabe a cada uma	» 14$
Por tonelada — Escudos	83$23

Banhos a creanças

Os srs. Rodrigues Simões e Luiz Julio da Cruz, como representantes das parochias de Camões e Encarnação, procuraram hoje o sr. ministro das finanças, de quem solicitaram a cedencia do vapor 8 da alfandega para o transporte de creanças á Trafaria, para o serviço de banhos.

Essas parochias teem já os seus trabalhos bastante adeantados.

Um centro republicano na Amadora

Vae fundar-se na Amadora um centro politico, constituido por membros do partido republicano ali residentes, estando já inscriptas sessenta pessoas. Depois de amanhã, a commissão installadora, da qual fazem parte os srs. Carlos Paredes e Vasco e João Russel, vae a casa do sr. dr. Affonso Costa pedir auctorisação para dar o nome do illustre estadista ao novo centro.

Noticias parlamentares

As tempestades irrompem sempre inesperadamente. Sobretudo as tempestades politicas não teem, quasi nunca, saragoçanos infalliveis que as annunciem. Quem diria que n'este dia d'hoje S. Bento seria agitado por uma rajada de revolta soprada pela bocca irada do sr. Aresta ou pela arripiante oratoria do sr. Mesquita Carvalho? Pois foi, o que se não é caso para a gente estarrecer, é-o pelo menos para nos benzermos quatro vezes com o mais puro e sincero espanto. As opposições, contrariadas, sahiram, olhando muitas vezes para traz, como quem tem pena do logar que abandona. Pois que Deus as inspire e lhes dê a resignação precisa para levarem a sua cruz ao calvario. Não lhes falta, a final, por lá, quem, com proveito, possa atrahir sobre ellas a doce complacencia divina...

* *

O trabalhão que o sr. Arruda teve para se orientar n'aquelle mar indignado que o colheu de surpreza e á sua volta rugiu, ameaçando afogal-o. Ora para baixo ora para cima, como um sino enorme e esguio em movimento, curvando-se em movimentos rithmicos, soando a ôco, tocando a rebate na sua percepção extra-espherica, o illustre representante dos Açores viu-se grego para se orientar, como se lhe tivesse faltado repentinamente a bussola politica. Tristezas de quem vem de longe e é mais dado a bizarras pinturas de badalos do que a votações parlamentares, o que ao sr. Arruda aconteceu hoje. Para a outra vez, sua senhoria que traga um pouco de chumbo soldado aos sapatos de grande laçarote aberto. Ficará, assim, sempre em pé, que é a situação que lhe convem.

* *

O sr. Mantas... Quem o não considerar indicado para nobres destinos engana-se redondamente. E' assim que toda a gente se engana. Quando a tempestade d'hoje estalou estava elle repimpado na poltrona do segundo secretario, substituindo o sr. Alfredo Soares. Os correligionarios sahem da sala. Elle fica. O sr. Eduardo de Sousa vem convidal-o a tomar parte na retirada honrosa. O sr. Mantas continua a ficar. Os animos incendeiam-se. Nada. O sr. Eduardo de Sousa retira-se furioso. O sr. Mantas compõe no alto nariz os oculos d'oiro, pensa, medita e concentra-se e por fim elle lá vae, sem que se saiba para onde. Levou tempo, não ha duvida. Mas quem ha por ahi que exija do sr. Mantas resolução rapida n'estas coisas asperas da politica e do pensamento?

* *

Ora, outro dia, disse-se á opposição evolucionista, ali, em S. Bento, que lhe era vedado fazer referencias a certas pessoas e factos, sob pena de ser o fim do mundo. Discutiu-se, gastou-se rethorica em barda e afinal tudo ficou como d'antes. A opposição ficou, muito embora possuisse a certeza de que a sua liberdade de critica soffrera uma grave amputação. Pois hoje, por quasi nada, os animos embriagaram-se não se sabe com que estranha bebida de guerra, e aquelles que eram donos d'esses mesmos animos puzeram-se no fresco sem mais aquellas. Commentarios? Basta este:—bolas! São de sabão e não fazem mal a ninguem.

*

Ao que constava hoje por S. Bento, a nova Ordenança geral da Armada, que tem estado a ser revista por uma commissão de officiaes, entrará definitivamenet em vigor amanhã. Como se sabe, trata-se d'um diploma importantissimo, que de ha muito vinha sendo insistentemente reclamado pela nossa marinha de guerra

A QUESTÃO GERAL DO ASSUCAR

Fala o gerente da firma Hinton

Um negocio monstruoso de assucar em Portugal vae bater na fabrica Hinton que reclama indemnisação—Uma situação que exige reformas profundas

Como pela iniciativa da firma Hornung—que produz com o seu grupo industrial 70 por cento do assucar da Africa Portugueza e tem como alliados os que fabricam os restantes 30 por cento—se está fazendo uma deploravel campanha de erros e de paixões, fóra de todas as normas commerciaes, contra a firma Hinton, de que sou gerente em Lisboa, vejo-me forçado a fazer summariamente as declarações seguintes:

1.º—A firma Hinton nunca pediu ao Governo augmento do preço do assucar nem prorogação do seu contracto de 1911;

2.º—A mesma firma até hoje só pediu o cumprimento da lei, e só reclamou contra as offensas dos seus direitos, sempre com o respeito devido ao Estado;

3.º—Não foi a firma Hinton que falliu já uma vez, mas sim o sr. Hornung, n'esta capital;

4.º—A firma Hornung depois veiu trabalhando para monopolisar com os seus alliados o mercado do assucar nas colonias, no continente e nas ilhas adjacentes, ao mesmo tempo com augmentos de bonus do Estado para si e de preços para o consumidor, ambicionando lucros successivos de dezenas de milhares de contos:

5.º—A firma Hornung ia obter da nação em 1912, por uma lei, para si e para os seus alliados, mais de 2:000 contos por anno, sem limite de tempo, ou mais de 60:000 contos n'um quarto de seculo, afóra mais de 30:000 contos de lucros naturaes da sua industria no mesmo periodo, sendo aquillo impedido pela reclamação da firma Hinton, cuja fabrica seria destruida por tal concessão;

6.º—A firma Hornung, apesar d'isso, obteve por lei de 15 de agosto de 1914 para si e para os seus alliados cerca de 30:000 contos do Estado, desde 1914 a 1933, afóra mais de 25:000 contos que no mesmo praso poderão resultar economicamente das suas explorações;

7.º—A firma Hornung e os seus alliados receberam do Estado com esses 30:000 contos os meios efficazes para destruirem com rapidez o estabelecimento industrial da firma Hinton, quer impossibilitando commercialmente a venda do assucar da Madeira no continente, quer montando uma fabrica na Madeira, como elles publicamente annunciaram;

8.º—A firma Hinton pediu ao Governo durante semanas e semanas uma solução amigavel para este caso grave, e não a tendo obtido, reclamou, dentro dos 120 dias marcado pelo artigo 25 do seu contracto com o Estado, a indemnisação total de perdas e damnos, devendo notar-se que ella perderia todos os seus direitos se não reclamasse dentro d'aquelle praso;

9.º—A firma Hornung e os seus alliados ganhariam com o seu assucar de Moçambique e de Angola mais de 1:000 contos em 1915, se não houvesse a guerra, e, por causa d'esta, ganharão cerca de 4:000 contos, pertencendo muito mais de 2:000 ao grupo especial Hornung;

10.º—A firma Hornung, obtida a concessão dos 30:000 contos, manteve sem assucar sufficiente o mercado do paiz, vendendo a maior parte do seu producto no estrangeiro;

11.º—A firma Hornung só abasteceria o mercado se o Governo lhe desse o bonus para mais cerca de 17:000 toneladas, isto é, se lhe augmentasse os lucros annuaes em mais de 1:000 contos do Estado.

12.º—A firma Hornung, que tem o quasi monopolio das refinarias mechanicas de Portugal, quiz levar a firma Hinton a vender-lhe o assucar da Madeira em 1915 a 23 centavos para ter ahi mais 300 contos de lucros do que nas compras de 1914, pretendendo assim o grupo especial Hornung ganhar ao todo cerca de 3.500 contos em 1915;

13.º—A firma Hornung, não tendo obtido a sobredita concessão de 1.000 contos em 1915, pediu e conseguiu em abril ultimo, um augmento de 2 centavos por kilogramma nos preços do assucar entregue ao consumo aqui;

14.º—A firma Hornung, mesmo sem bonus do Estado, pedia vender lucrativamente o seu assucar em Portugal como o tem vendido sem protecção na Inglaterra.

15.º—Segundo as proprias declarações do sr. Hornung a o sr. Hinton, em 1913, o custo do assucar do grupo Hornung era já apenas de 3 centavos em Moçambique, e de 4 no Tejo, por kilogramma, ao passo que o da fabrica Hinton era de 17 centavos, por ser a canna oito vezes mais cara na Madeira do que nas colonias;

16.º—Já annos antes o custo do assucar chegava a ser apenas de 3 centavos em parte do Hawai e em Cuba e de 3,3 centavos em Java (ouro), segundo Prinsen Geerligs, cuja auctoridade acceitam as empresas coloniaes;

17.º—O grupo Hornung produz o assucar por menor preço do que o de outro qualquer ponto do mundo, conforme o sr. Hornung tem dito ao sr. Hinton, e isso porque o Estado deu-lhe em ultima analise as terras, as aguas e os serviçaes, cujo trabalho obrigatorio, feitas todas as contas, sae de 2 a 3 escudos por mez, ou mesmo, segundo as palavras do sr. Hornung, a um *shilling* por semana, salarios de escravos que produzam milhões;

18.º—Os territorios onde o grupo Hornung faz aquellas explorações estão mergulhados na barbarie ou mesmo na selvageria e nada rendem ao Estado, que dá os seus milhões de escudos ao sr. Hornung e aos seus amigos para juntarem aos outros milhões feitos para elles pelos indigenas;

19.º—Se as empresas coloniaes não teem dado grandes dividendos, provem isso geralmente de terem sido fundadas ha pouco tempo e com insufficientes capitaes e pouca ou nenhuma experiencia, applicando elles os seus rendimentos, em maior ou menor extensão, a plantações e installações successivas;

20.º—Se a firma Hinton tem lucros importantes, são os fructos naturaes de capitalisações principiadas na Inglaterra e desenvolvidas na Madeira por traz gerações que prosperaram pela industria tenaz e progressiva atravez de um seculo;

21.º—Tendo a firma Hornung sido habilitada a destruir aquellas capitalisações e fructos com milhões fornecidos pelo Estado, nenhum homem justo deixará de reconhecer que a firma Hinton era levada bem contra sua vontade a entregar ao Estado a fabrica mediante a devida indemnisação.

Lisboa, 31 de julho de 1915.

Luiz Alberto de Freitas

O crime d'um allucinado

O funeral das victimas

O cadaver do sargento Joaquim Franco foi hoje removido, em maca, acompanhado por dez soldados e um sargento, do hospital de S. José para o da Estrella, onde ficou junto dos dos sargentos Antonio da Costa Affonso e Accacio Gomes d'Almeida, como elle victimas da allucinação do cabo-quarteleiro José Coelho de Araujo.

O funeral realisa-se amanhã, ás 17 horas, convidando a corporação dos sargentos de engenharia, uma commissão de sargentos do exercito e uma outra de sargentos da armada todos os seus collegas, officiaes inferiores e praças do exercito e da armada a incorporarem-se no prestito funebre.

No regimento de engenharia teem sido recebidos muitos telegrammas de condolencias.

CONGRESSO COOPERATIVISTA

Só da federação das cooperativas

pôde advir o barateamento dos generos de primeira necessidade

O estudo de todos os aspectos economicos e sociaes da vida portugueza é assumpto que se impõe e da maior importancia. Chamou-nos a attenção a reunião de delegados de cooperativas que se realisou em Almada e onde muitas d'essas collectividades se fizeram representar.

Fomos ter com um d'esses delegados operario intelligentissimo e conhecedor de todos os problemas que á vida operaria interessam, e fizemos-lhe a seguinte pergunta:

—Quaes foram as causas que levaram as cooperativas a promover a reunião de Almada?

—Muitas, entre as quaes podemos citar: a constante subida dos generos alimenticios, as contribuições pesadissimas que sobrecarregam estes organismos, o combate aos açambarcadores de generos por meio de uma federação cooperativista.

—Suppõe que os trabalhos effectuados n'esse sentido possam alcançar o fim que teem em vista?

—Creio que alguma coisa se fará de pratico dada a boa vontade de acertar que teem alguns dos mais devotados cooperativistas. O cooperativismo está ainda em Portugal muito longe de alcançar o seu pleno desenvolvimento. No emtanto, alguma coisa se poderá fazer, logo que todos os cooperativistas reconheçam a conveniencia de crear a federação das cooperativas, evitando-se assim os açambarcadores. As cooperativas compram os generos nas mesmas condições de preço que as mercearias, pagam as mesmas contribuições ao Estado, e em taes circumstancias as vantagens que podem offerecer aos seus associados são poucas ou quasi nenhumas. Dá-se ainda o caso dos socios d'estas instituições olharem mais aos avultados dividendos que ao barateamento dos generos e á sua boa qualidade.

—Não seria possivel pôr em relações directas os productores com as cooperativas de consumo?

—E' isso exactamente o que nós tentamos n'este momento fazer, porém surgem varias difficuldades, taes como a desconfiança mutua entre os individuos que devem constituir a commissão de compras, a falta de capital de algumas cooperativas e outros pequenos nadas, mas que são o tudo d'estas questões.

Em outros paizes onde estão bastante desenvolvidas as tendencias cooperativistas, não teem surgido tambem essas difficuldades?

—Teem, mas a educação social n'esses paizes é superior á nossa, pois só agora começamos a sahir do estado embrionario em que nos encontravamos. E' necessaria uma propaganda muito activa e tenaz em todo o paiz e luctamos com falta de propagandistas conscientes, que demonstrem as vantagens das cooperativas. E' preciso dizer-lhe que muitos militantes do sindicalismo e do acratismo combatem as cooperativas, vendo n'ellas um estorvo á expansão das suas ideias.

—E' extraordinario semelhante facto. Que razões ha para que tal succeda?

—E' muito natural, embora não pareça que esse absurdo se possa registar. As razões que invocam são que, tendo os operarios ligados os seus interesses ás cooperativas, se alheiam da lucta de classes, prejudicando-os nas suas reclamações ao patronato. Ha n'isto um fundo de verdade; no emtanto, devemos dizer que os operarios não podem luctar com os industriaes com exito se não tiverem um fundo de reserva que só as cooperativas lhes podem fornecer. Devemos ainda pôr em relevo que as cooperativas são um ensaio pratico da fórma de distribuir os productos, fórma que elles sonham na sociedade futura, e a creação de armazens geraes, de que está lançada a idéa, approxima-se grandemente do que elles querem. Só uma má comprehensão do que deva ser o cooperativismo no futuro os afasta de nós, sem motivo justificado.

—Se não estou em erro, falou-se na realisação de um congresso cooperativista. Que me diz a tal respeito?

—Pensamos realmente em realisar um congresso cooperativista onde estes assumptos sejam tratados a valer e para se conseguir que saiamos do periodo rotineiro e sem elevação de vistas em que nos encontramos. Carece de muito trabalho a sua organisação, mas sem trabalho nada se faz, e estou certo de que não ha de faltar quem nos auxilie na nossa tarefa, que é dar aos consumidores generos de boa qualidade pelo mais baixo preço possivel.

—Uma pergunta ainda. Que pensa das medidas a tomar approvadas na assembleia popular do theatro de S. Carlos, para resolver o barateamento do pão, carne e peixe?

—Julgo-as muito acertadas e oxalá que ellas se possam cumprir integralmente ou apenas com ligeiras modificações. Todos os cooperativistas as applaudem e lhes prestam o seu apoio; que a politica se não intrometta no assumpto, vindo estragar tudo, porque então as consequencias que d'ahi podem advir serão gravissimas, porque a revolução da fome é a peor de todas as revoluções.

Visita ao Arsenal de Marinha

O sr. ministro da marinha visitou hoje, pelas 9 horas, o Arsenal da Marinha e a capitania do porto, sendo acompanhado pelo pessoal do gabinete, capitão tenente sr. Oliveira Muzanty, 1.º tenente sr. Carvalho Jacques e 2.º tenente sr. Penteado.

Era aguardado á porta do Arsenal pelo administrador contra almirante sr. Almeida Lima, engenheiros e machinistas, que o acompanharam n'uma demorada visita a todas as dependencias d'esse estabelecimento fabril, sendo recebidos pelo chefes de secção e directores. O sr. dr. José de Castro exaltou as qualidades de todos os que trabalham no Arsenal e os progressos feitos apesar das difficuldades que existem, promettendo aplanal-as de forma a tornar o Arsenal um estabelecimento modelar. A visita terminou pelas 12 horas.

Exames em outubro

Uma numerosa commissão de paes e encarregados da educação de alumnos dos lyceus do paiz foi hoje entregar ao sr. ministro da instrucção uma representação pedindo uma nova epoca de exames em outubro, para os alumnos adiados, invocando o grande beneficio que para as familias d'esses alumnos representaria tal concessão.

O sr. dr. Lopes Martins prometteu examinar o assumpto com o maior cuidado.

ULTIMA HORA

NA ABEGOARIA MUNICIPAL

Uma grande desordem

Motivou-a a contenda entre dois carroceiros—Varias pessoas feridas—Numerosas prisões

Pouco depois das 15 horas, chegou communicação ao governo civil de que na rua 24 de Julho se estava dando uma grande desordem entre populares e policias, tendo-se effectuado 6 prisões e ficando algumas pessoas feridas. O sr. commandante da policia ordenou immediatamente que seguisse para o local o piquete de serviço.

Quando começou o conflicto era ainda grande o movimento nos mercados agricolas e do peixe; d'ahi a grande agglomeração de gente junto da Companhia do Gaz e o estabelecer-se panico.

O que se passára?

Pela rua 24 de Julho seguia, em frente da Abegoaria Municipal, uma carroça das chamadas do «fanico», cujo carroceiro levava o cavallo á mão. Não se sabe bem como, o certo é que a carroça tocou n'um carroceiro da abegoaria que logo começou a provocar o collega, dirigindo-lhe os maiores insultos. O outro, primeiramente, ouviu-o com a maior paciencia mas. por fim, replicou-lhe, o que deu em resultado envolverem-se em desordem. Varios populares tomaram a defeza do carroceiro offendido, emquanto o pessoal da abegoaria defendia o collega. Passava, n'esta altura, pelo local, o guarda 1119, da 2.ª esquadra, que tratou de vêr se apaziguava os animos, sendo, porém, os seus esforços infructiferos. Os homens da abegoaria entraram para o pateo onde se guardam as carroças, fechando o portão. Entretanto cá fóra o barulho era medonho. De repente uma chuva de pedras veiu cahir sobre os populares e o 1119, que ficou com varias contusões pelo corpo. O que então succedeu não é facil de descrever. De parte a parte o apedrejamento foi medonho, sendo de dentro do edificio disparados alguns tiros. Os vidros que guarnecem os candieiros do portão e os bicos de incandescencia voaram em estilhaços e o mesmo succedeu com a barraca do porteiro que fica á direita da entrada do portão. Dentro da pequena barraca o chão ficou juncado de pedras, algumas de grandes dimensões.

Conhecido o caso pelo director da abegoaria, sr. Antunes Pinto, tratou de pedir o auxilio da força armada, visto que a policia era impotente para conter os animos. Entretanto alguns populares tratavam de arrombar o portão que estava barricado.

Aberto o portão, os populares invadiram o edificio, vendo-se escondidos por detraz das carroças varios carroceiros. O tiroteio continuou e das officinas de carpinteiros e de serralheiros sahiram varios operarios que fizeram frente á multidão, armados de picaretas, malhos e outras peças de ferramenta. Um d'esses operarios chegou a puxar de uma faca para o 1.º cabo Silverio, não o chegando porém a ferir por lhe terem acudido varias praças e sargentos da armada. Quasi uma hora depois de se ter travado o conflicto chegou uma força de cavallaria da guarda republicana, sob o commando de um cabo, que estacionou no jardim Sá da Bandeira, aguardando a chegada de mais forças. Pouco depois chegava effectivamente uma força de infantaria da guarda republicana, sob o commando do tenente Nunes que mandou collocar sentinellas junto das officinas e outras junto do edificio, e em seguida uma outra de cavallaria da mesma guarda sob o commando do capitão sr. Aguiar e ainda outra de infantaria ás ordens do alferes Thadeu. Os marinheiros, acompanhados de populares e de policias, começaram a passar buscas aos barracões. Entretanto, effectuava-se a prisão de alguns dos desordeiros, sendo os presos conduzidos para a esquadra da rua da Boa-Vista.

Foi preso tambem um rapaz por ter furtado uma agulheta. A infantaria, sob as ordens do capitão Aguiar, tratou então de mandar limpar o edificio, o que se conseguiu ao cabo de grande trabalho, ficando apenas o pessoal, policia, marinheiros e as forças. Em seguida o sr. Antunes Pinto deu ordem para que as officinas fôssem fechadas e o pessoal mandado para suas casas e com ordem de não permanecer proximo da abegoaria. A's 17 horas voltava tudo á normalidade.

Ao Posto de Soccorros da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, foram receber curativo os seguintes individuos: que foram feridos na refrega: Francisco de Jesus Santos, natural de Thomar, residente na rua da Boa Vista, 7, loja, de 26 annos, carroceiro municipal, que apresentava uma ferida na região parietal esquerda, produzida por uma pedrada; José das Neves, carroceiro, natural de Lisboa, 23 annos, becco do Monete, 46, ferido na região ocipital; Manuel Barata, de 41 annos, carroceiro, natural de Pampilhosa da Serra, morador na rua da Boa Vista, 7, ferido na região frontal e Francisco Luiz Estrella, de 40 annos, natural de Oleiros, trabalhador, residente na rua dos Cordoeiros, 37, loja, ferido na região supraciliar com profunda rutura. Todos estes individuos que ficaram detidos, foram acompanhados respectivamente pelos civicos: 329, 1719, 935 e 1737. Os feridos foram pensados pelo enfermeiro Pedroso.

O marinheiro 3051, João da Gloria Raiado, tendo, ao entrar na abegoaria encontrado em uma das dependencias, uma corrente de ouro e o dinheiro destinado ás ferias dos operarios, tomou conta d'esses valores, entregando-os em seguida ao director da abegoaria. Durante o conflicto, desappareceu uma nuar, suspeitando-se de que tivesse sido roubada.

O sr. Antunes Pinto, receando que á noite se reproduza o conflicto, solicitou lo sr. commandante da policia que as immediações da abegoaria sejam policiadas por forças de cavallaria da guarda republicana.

O carroceiro que motivou o conflicto não poude ser preso em virtude de os populares lhe terem dado fuga. Além dos individuos feridos e que ficaram detidos, foram presos mais 21 que devem vir á noite para o governo civil.

Os trabalhos para a eleição presidencial

Pouco ha que accrescentar hoje ás informações que temos publicado ácerca da eleição presidencial, a não ser que esteja quasi inteiramente pósta de parte, pelo grupo parlamentar democratico, a candidatura do sr. dr. Duarte Leite. Nunca foi apoiada senão por uma minoria, mas, além d'isso, accresce agora a circumstancia de se dizer que o partido evolucionista tomaria a sua eleição como um proposito aggravo dos elementos democraticos. Ora, sabe-se que estes desejam, principalmente, que o novo chefe de Estado obtenha o maior numero de votos dentro dos parlamentares filiados nos outros partidos, já que fracassaram as «démarches» feitas para a sua eleição se realisar por unanimidade.

O nome do sr. Correia Barreto tambem não consegue a maioria dos suffragios, por se considerar imprudente, no delicado momento politico que atravessamos, a eleição d'uma figura partidaria. De resto, parece que s. ex.ª não deseja de modo algum ser eleito.

Como já referimos hontem, o grupo parlamentar democratico resolveu nomear uma commissão encarregada de se avistar com o sr. dr. Affonso Costa e restantes membros do Directorio sobre os trabalhos da eleição presidencial. Ficou constituida pelos srs. Antonio Macieira, Augusto Soares, Norton de Mattos, Antonio Fonseca, Abilio Marçal, Vaz Guedes e Bessa de Carvalho, devendo dar conta do resultado da sua missão n'uma assembleia do grupo que se effectuará na proxima semana.

NOTAS DIVERSAS

No ministerio da guerra trabalha-se com toda a actividade na organisação dos quadros para as escolas de repetição.

—Foi hoje á assignatura o regulamento da Colonia Agricola do Bom Despacho (Cintra).

—Chegou hoje do Porto uma commissão de solicitadores, composta dos srs. Adrião Santos, Soares Branco, Paul, Rego e Egidio Santos, que veiu expôr ao ministro da justiça as suas reclamações quanto á proposta de lei relativa ao quadro de solicitadores. A commissão tambem se avistou com alguns deputados.

—O sr. Baptista Ribeiro, presidente da commissão concelhia dos bens das egrejas no primeiro bairro, pediu uma sindicancia aos seus actos em virtude de arguições que lhe foram feitas por uma folha clerical.

—O sr. governador civil recebeu um telegramma do Seixal em que a camara municipal, a Associação Commercial e os habitantes d'aquella villa pedem ao governo que um vapor dos caminhos de ferro do Sul e Sueste faça a carreira de Lisboa para ali, em virtude da Parceria ter augmentado os preços das passagens em 25 e 30 0/0.

—A sessão de congratulação que ámanhã, por iniciativa do Centro Leotte do Rego, se devia realisar no theatro de S. Carlos, ficou transferida para o dia 8, ás 12 horas, pois a direcção do Centro tem empenho em que o sr. dr. Affonso Costa a ella assista.

A'manhã e depois

A'manhã:

A junta de parochia do Campo Grande distribue, ás 17 horas, no Centro Alferes Malheiro, o legado Pereira Crespo.

—Na Academia de Estudos Livres, sessão solemne, promovida por um grupo de alumnos, ás 20,30. Preside o dr. Sá e Oliveira. Em seguida, festa escolar.

—No Centro Evolucionista do 2.º bairro inicio das festas de agosto. A's 15, conferencia e inauguração da kermesse; ás 21, espectaculo e em seguida baile.

—Na Academia Recreio Artistico, inauguração das festas commemorativas do 60.º anniversario. A's 15, matinée-concerto e kermesse; ás 21, recita e em seguida baile.

Depois de amanhã:

Na Cantina de S. Mamede, ás 21, sessão solemne e distribuição de calçado ás crianças. Devem falar os srs. Carneiro de Moura e Borges Grainha.

—Na Associação Protectora das Creanças, ás 14, distribuição d'um jantar para cumprimento do legado Raphael da Silva.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 31.—Communicação official. Os aviões allemães bombardearam esta manhã Saint Pol-sur-Mer, onde não se notou qualquer estrago, e Gravelines onde morreu uma creança. Em Artois, em redor de Souchez, e no «Labyrinto», fusilaria e canhoneio intermitente durante a noite sem combates de infantaria. Em Argonne, na encruzilhada da estrada de Servon a Bagatelle e de Layon a Binarville explosão d'uma mina allemã seguida de lucta bastante viva durante a qual conseguimos occupar a excavação produzida. Em Nancy foram lançadas algumas bombas pelos aviões inimigos, mas os estragos materiaes foram insignificantes. No regresso um dos apparelhos allemães, sendo attingido pela nossa artilharia teve que aterrar entre as linhas francezas e allemãs. Os aviadores puderam escapar, mas o avião foi trazido para as próximidades das nossas trincheiras. Foi bombardeado o desfiladeiro de Schlucht.—(Havas).

Uma mensagem de Bento XV

ROMA, 31.—Por occasião do anniversario da declaração da guerra o papa enviou aos povos belligerantes e respectivos chefes a mensagem seguinte:

«Porque não estabelecer desde já com a consciencia serena os direitos e aspirações dos povos? Porque não entabolar de boa vontade a troca directa ou indirecta de vistas com o fim de tomar em consideração na medida do possivel essas aspirações e chegar-se d'este modo a pôr um termo a esta lucta terrivel de fórma que uma vez estabelecido o imperio do direito os Estados resolvam confiar para o futuro a solução dos seus pleitos não ao fio de espada, mas ás razões da justiça e da equidade, estudadas com a serenidade e ponderação necessarias? Será essa a sua conquista mais bella e mais gloriosa.»—(Havas).

Os progressos da offensiva italiana

ROMA, 30.—(Official)—No Cadore repellimos os ataques dos vales de Boito e San Pelleguno. No Carso continuámos a progredir, tomámos novos elementos de trincheiras e fizemos 124 prisioneiros.—*(Havas).*

Dr. Affonso Costa

A commissão delegada das juntas de parochia, composta dos srs. Accacio E. dos Santos, Pereira Marques, Ernesto S. Coelho e Francisco R. Charato, que projeeta levar a effeito a construcção de um Internato Infantil, commemorando o restabelecimento do sr. dr. dr. Affonso Costa, esteve hoje em casa d'este estadista, que lhe pedia que transmittisse a todos os seus correligionarios os seus agradecimentos, pelas provas de estima que lhe teem dado.

Movimento associativo

Sindicato ferro-viario

Os seus corpos gerentes deliberaram convidar todos os ferroviarios para a assembleia geral do dia 5 de agosto, ás 20,30. Ordem da noite: regulamentação das horas de trabalho.

BANCOS E COMPANHIAS

Companhia dos Tabacos

Reuniu hoje na sua séde a assembleia geral da Companhia dos Tabacos, estando presentes 54 accionistas representativos de 28:418 acções, e representando o governo o respectivo commissario, dr. Casal Ribeiro.

O fim da reunião era discutir o relatorio e contas da gerencia finda e proceder ás eleições do conselho de administração, do seu presidente, e do conselho fiscal.

Apresenta o relatorio da gerencia de 1914-15 a verba de ganhos e perdas de 694:270$47, sendo 469:967$72 o lucro da exploração industrial.

As vendas ordinarias elevaram-se a 2.692:435,124 kilogrammas, correspondendo á receita bruta de 10.661:803$ sendo 48:324$ da venda no ultramar.

Pagou de direitos de importação directa 243:171$ e de renda ao Estado 6:520 contos; de commissões e bonus pagou 1.416:575$, correspondente á taxa de 13,31 °/o. A fabricação produziu kilogrammas 2.630:433,884 com o valor venal de 10.411:158$. As despezas geraes attingiram a somma de 415:314$, sendo 133:225$ com a fiscalisação externa.

Para dividendos foram destinados 405:000$, correspondendo a 9 °/o por acção.

A' sessão presidiu o sr. Fernando Manró dos Anjos, que propoz um voto de sentimento pela morte dos antigos directores Eugenio de Almeida e Gomes de Araujo e do engenheiro consultor Leon Wail.

O relatorio e contas foram approvados sem discussão. Sobre as conclusões do conselho fiscal falou o sr. dr. Moreira, respondendo, em nome do conselho de administração, o seu presidente, sr. dr. Silveira Vianna.

Não tendo mais nenhum accionista usado da palavra, foram approvadas as conclusões do conselho fiscal, procedendo-se ás eleições que deram o seguinte resultado: Conselho de administração:—presidente, dr. Silveira Vianna; vogaes, Fonsecas, Santos & Vianna, Lobo d'Avila da Graça, Pedro Gusmão, Neuflize & Cie, Gustave Pereire; Conselho fiscal:—João Ulrich, Rodrigo Pequito e José Maria Eugenio d'Almeida.

Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguella

Reuniu hoje a assembleia d'esta Companhia, approvando-se o relatorio e contas da gerencia finda em 1914 e o parecer do conselho fiscal, sendo reeleitos administradores os srs. general Joaquim José Machado, Lord Arthur Butler e Ernesto Madeira Pinto e para o conselho fiscal os srs. do. Alberto Borges de Sousa, Charles Henry Wentheriey, dr. Guilherme de Oliveira de Arriaga, os quaes terminavam os seus mandatos no fim do corrente anno.

Do relatorio vê-se que o augmento de passageiros no anno findo foi importante, mais 45.975 que no anno anterior, com um accrescimo de receita de 10.504$33. O producto de transporte de bagagens e recovagens em grande velocidade, que em 1913 fôra de 5.785$78, elevou-se no anno findo a 6.929$85. Os transportes de gado que haviam produzido 3.874$14 produziram 3.738$51. Finalmente os transportes em pequena velocidade, que em 1913 produziram 361.972$60,5 decresceram no anno findo para 277.416$66, diminuição que incidiu principalmente sobre o transporte de borracha e das mercadorias de peruuta

No Senado

Aberta a sessão, e dada a palavra ao sr. Agostinho Fortes que faz n'esta casa do parlamento a sua estreia com desusado brilhantismo. Envia para a mesa duas notas de interpellação, uma ao sr. ministro da instrucção sobre factos respeitantes á Escola de Arte de Representar (cedencia d'aulas a um professor e obras feitas ali em proveito do mesmo individuo); e outra ao sr. ministro do fomento sobre factos respeitantes a obras no edificio do Conservatorio, Escola de Arte de Representar e de Musica, qual o orçamento, qual a despesa feita e qual o plano a que essas obras obedecem.

Aproveitando ainda o uso da palavra envia para a mesa um projecto de lei que reputa importantissimo e indispensavel, permittindo uma segunda epoca de exames em outubro, á qual só poderão ser admittidos os alumnos que hajam sido reprovados na epoca de julho; os que, n'essa mesma epoca, requereram exame e, por qualquer motivo, não poderam prestar provas; e os que provarem haverem estado ao serviço militar, na epoca dos exames em julho ou nos tres mezes immediatamente anteriores a essa epoca.

O sr. Sousa Junior diz que em Aljustrel grassa com grande intensidade a variola. Chama para o facto a attenção do respectivo ministro e pede que a vaccinação e revaccinação se tornem obrigatorias.

O sr. Victorino Guimarães promette transmittir ao seu collega do interior a fim de que providencias energicas se tomem sem demora, o que o sr. Sousa Junior, agradece.

O sr. Teixeira Rebello lê um telegramma da camara de Murça, solidarisando-se com as reivindicações do Douro.

E entra-se na ordem do dia—eleição do vice-presidente do *Senado* em substituição do sr. Rodrigues Gaspar actualmente na pasta das colonias. Foi eleito o sr. Sousa Fernandes, por 24 votos.

Entra a seguir em discussão a proposta de lei determinando que a partir de 1 de julho de 1915 as classes de 1.ºs e 2.ºs aspirantes para o quadro de telegraphos sejam respectivamente de 368 logares, promovendo-se 146 segundos aspirantes na effectividade de serviço, por ordem da sua antiguidade na classe, a primeiros aspirantes.

Sobre elle falam os srs. Lima Duque, Jeronymo Mattos e Victorino Guimarães. O sr. Paes Gomes requer que a proposta vá ás commissões de finanças e de correio e telegraphos. O sr. Pedro Martins e José Maria Pereira protestam com vehemencia contra a apresentação de tal projecto e exigem que seja approvado o requerimento do sr. Paes Gomes. O sr. Sousa Junior defende as boas intenções da esquerda da camara e concorda com a approvação pedida. Posto o requerimento á votação foi approvado.

Approva-se tambem o parecer da commissão de finanças contrario a qualquer alteração ao decreto com força de lei de 28 de maio de 1911 e que trata da situação dos fiscaes dos impostos.

Segue-se o projecto do sr. Fortunato da Fonseca sobre a prohibição dos funccionarios publicos não poderem negociar em objectos d'arte. Approvado com ligeiras alterações.

A proxima sessão é na segunda-feira.

A gréve dos oleiros

Não foi ainda solucionado o conflicto entre cerca de 500 operarios oleiros e alguns industriaes de ceramica, que se recusam a acceitar a nova tabella de horario de trabalho.

Os grévistas reunem á noite na séde da União Operaria Nacional.

A sorte grande

O n.º 8205 que hoje sahia com a grande foi aberto em cautelas que foram todas vendidas na casa Travassos, rua Paiace de S. Bento, 57, 59. E' um nunca acabar de sortes grandes n'aquella casa.

SPORT

Com 44 ferimentos voltou para a linha de fogo!

Temos dado publicidade a actos guerreiros d'alguns athletas e homens de «sport» na guerra actual. Essas referencias são demonstrativas do valor do athletismo na preparação physica do individuo. O exemplo que segue é um mais que dispensa commentario e que constitue nova prova, de irrefutavel evidencia.

—Jean Canat, além de varios «recordes» do pedestrianismo e de cyclismo, possue agora outro:—o do numero de feridas de guerra. Ha pouco tempo appareceu n'uma ambulancia com 44 ferimentos, alguns graves! Os medicos julgaram o pequeno mais rijo artilheiro tenido para sempre, um farrapo humano, jorrando sangue de tantas feridas! Enganaram-se, porque Canat curou-se e ha poucas semanas as ultimas noticias davam-n'o outra vez em marcha para a frente da batalha!

Quando rebentou a guerra, o regimento de Canat, que era o 8.º d'artilharia, foi surprehendido no campo de Mailly, onde estava realisando as «escolas de repetição». Tiveram ordem de ir para a frente, deixando a escola para passar á pratica! Jean Canat pertencia portanto aos primeiros combatentes e áquelles que, n'um magnifico arranco, passaram além das fronteiras francezas! Canat bateu-se como um leão. Fazia parte de todos os actos de temeridade e de audacia. Exigiu os postos mais difficeis e na lucta affirmou o mesmo temperamento combativo que sempre mostrou nos campos de «sport».

Uma manhã, na Alsacia, perto de Moyen-Vic, junto d'uma peça, Jean Canat recebia ordens do seu capitão. Ao lado estavam o tenente e um sargento. De repente, um obuz allemão cahiu sobre o pequeno grupo, rebentou entre os quatro homens e todos os n'uma nuvem de poeira e de fumo... Todos que de longe assistiram áquella scena, ficaram persuadidos que nunca mais encontrariam os camaradas. Mas d'entre o grupo um homem se levanta! Era Canat, que escapara miraculosamente á morte! O capitão, o tenente e o sargento estavam mortos!

Mas em que estado estava Canat! O uniforme rôto, o corpo uma chaga, e uma fractura no craneo! Transportaram-no immediatamente a Nancy e ali no hospital «pensaram-lhe» 44 feridas! Fizeram-lhe uma operação á cabeça, que o ferido supportou com valentia! A mão direita era um bocado de massa informe! Os medicos prognosticavam a surdez!

Sobre um pouco de palha, no fundo d'um fourgon, fizeram-o seguir para Dijon, Chagny, Angoulême, Poitiers, até Bordéus e, com muitos cuidados, collocaram-o no navio hospital «Gascogne».

O dr. Moure, cirurgião do rei de Hespanha, interessou-se por elle. Queria salvar o homem das 44 feridas! Conseguiu-o, evitando a Canat a amputação dos dedos da mão direita e dando a esses dedos elasticidade pelo tratamento electro-vibratorio. Cicatrisou a ferida do craneo e em dois mezes desappareceu o corrimento pelo ouvido. Convalesceu em Bazas, perto de Arcachon.

E curado, Jean Canat exigiu voltar para o fogo! E para lá foi, orgulhoso de haver promovido a alferes! Só leve um desgosto no chegar ao seu regimento. Soube que o seu «record» tinha sido batido: O capitão-medico Dercle, do 28.º d'infanteria, tinha sido tratado de 97 ferimentos!

Notas do dia

O Club Naval maravilha pela actividade...

Nos ultimos mezes, o Club Naval de Lisboa tem maravilhado o meio sportivo com a sua febril actividade, cujos beneficos resultados se espalham fóra da sua esphera associativa, indo fomentar a vida nacional.

O seu trabalho é meritorio e é patriotico. A sua primacial propaganda incide sobre dois ramos sportivos que os portuguezes mais devem cuidar e praticar, para manter as tradições de povo de marinheiros. Esses «sports» são o da navegação a remo e á vela e o da natação.

Para melhor valorisar esta actividade do Club Naval é justo que se diga que trabalha sósinho com os seus recursos proprios, apenas auxiliado pela dedicação dos seus associados e pela intelligencia e perseverança dos seus novos dirigentes. E caso curioso, multiplicando as suas festas, melhorando o seu material, cuidando da sua séde, alargando as suas installações e dando mais regalias aos seus associados, dizem-nos que possue dinheiro em caixa! Isto equivale a dizer que no Club Naval, actualmente, não existe apenas o espirito sportivo, que é tradicional no club, mas que ha tambem orientação administrativa.

A'manhã, o club organisa um grande festival, com variados concursos de natação, com soldados e com marinheiros. E tem a honrar essa festa nacional a assistencia do sr. presidente da Republica, ministerio e imprensa.

O dr. José Pitta e Castro e o sr. Marciano Beirão inscreveram-se no campeonato d'espada

Já não restam duvidas sobre o exito reservado á «festa de armas» que se realisa na Amadora, na noite do dia 7 de agosto. Previa-se que a sua regulamentação nova, dura, violenta mesmo, porque á primeira derrota equivale a exclusão immediata, afastasse os esgrimistas. Tal não succedeu! Parece até que mais os excitou! E', na verdade, feitio bem portuguez, apparecer a nossa gente onde existe o perigo ou a difficuldade!...

Annunciámos já a inscripção dos srs. Carlos Farinha, Jorge Paiva e Fernando Farinha. Hoje juntamos a esses nomes os do dr. José de Pitta e Castro e Marciano Beirão, que hontem se inscreveram, ambos esperançados, bem como todos os outros, em ganhar a «Taça Amadora» e a medalha de ouro, que é premio do vencedor.

O dr. José de Pitta e Castro é considerado o atirador correcto e elegante de sempre. O sr. Marciano Beirão é um esgrimista de recursos, que ha dias se houve brilhantemente no campeonato da Federação.

No «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora, começa amanhã a montagem de reforço da luz electrica e o arranjo do recinto onde serão dispostas bancadas em volta da pista.

Algumas anecdotas

E os amigos riram da «partida» que fizeram a Apolon...

Na historia da lucta greco-romana ha um homem que ficou celebre e cujo nome é respeitado como um deus por todos os hercules do «ring». E' o de Pietro Dalmasso, que apesar de ter apenas 1m,76 de altura e 95 kilos de peso, venceu Fournier, Von Canon e o proprio Pons.

Pois com Pietro Dalmasso succedeu o seguinte:

Os amigos d'elle e do «rei da força» Apolon, combinaram «pregar uma partida» a este.

Convenceram Apolon de que se havia transformado n'um bom luctador, a tal ponto que estavam convencidos de que Pietro Dalmasso não existiria deante d'elle e foram annunciar a Pietro que o terrivel hercules proclamava em todos os cafés que era capaz de o amassar para fazer pasteis! Pietro ficou rubro com o ultrage.

Tanto fizeram, que conseguiram o combate entre os dois.

Os espectadores, nos primeiros instantes, sentiram a impressão de que um tigre tinha saltado sobre um rhinoceronte. E os causadores da «partida», tiveram medo. Queriam rir... mas a coisa ia sendo séria!

Duas palmadas brutaes no flanco, seguida d'um magistral «colar de força» e Apolon rolava sobre as espaduas! O rei da força não comprehendeu! Pietro explicou:

—Tens força para levantar pesos para cima; eu tenho força para pôr os teus pesos em baixo!...

Noticias

Gymnastica na Escola n.º 1

Entre nós os professores primarios teem immenso desejo, um desejo patriotico de difundir a pratica da gymnastica hygienica pelos seus alumnos. Apesar de ainda não ser obrigatoria essa gymnastica nas escolas primarias alguns professores ha que, por sua vontade e provada dedicação, a ensinam. N'este ultimo caso, está o professor José Luiz Junior, que intelligentemente, desde 1913, tomou na Escola Central n.º 1 a direcção d'estes trabalhos, em conformidade com o seu regente, o erudito sr. Castro Rodrigues. Hontem, para prova final d'esta aula, apresentaram-se 40 alumnos, que foram correctos nos exercicios, como teve ocasião de verificar o illustrado chefe de repartição dos serviços de instrucção da camara, sr. Ferreira Mendes.

A festa de ámanhã no Club Naval

A festa tem o seguinte programma: A's 16 horas: Inspecção ao material, pelo sr. ministro da marinha; ás 16,15: visita official do sr. presidente da Republica ao Club Naval de Lisboa; ás 16,30: corrida de 100 metros para praças da armada, primeiro premio 3$00, segundo premio 2$00, terceiro premio 1$00; ás 17 horas: corrida de 100 metros para principiantes da escola do Club Naval, primeiro premio, medalha de prata, segundo premio, medalha de cobre, terceiro premio, medalha de cobre; ás 17,30: corrida de 100 metros para praças do exercito, primeiro premio, 10$00, segundo premio, 8$00, terceiro premio, 5$00, quarto premio, 3$00; ás 18 horas: Taça Henrique de Seixas: campeonato de 100 metros, por «equipes», primeiro premio, medalha de «vermeil», segundo premio, medalha de prata. N'esta prova entram as seguintes «equipes»: Club Internacional de Foot-ball, com barretes pretos e brancos, Carlos Sobral (captain), Boaventura Bello, Frederico Soares, Leoto do Rego e Henrique Galvão; do Gymnasio Club Portuguez, com barretes brancos com estrellas amarellas, João Forjaz Sampaio, Alfredo Vieira Caldas, Alberto de Sousa Brandão e Francisco do Amaral; do Sport Algés e Dafundo, com barretes brancos e verdes, Fernando Costa Duarte (captain), Alfredo de Carvalho Junior, José Ferreira, João Duarte Vôlo e Rodrigo Bessoni Bastos; Club Naval de Lisboa com Arnold Stocker, Joaquim de Almeida Duarte, Carlos Mendes e Fernando Bordallo Pinheiro; ás 18,30: corrida de 100 metros, vencedores das corridas da armada e do exercito, primeiro premio, medalha de prata; ás 19: «match» de waterpolo entre os dois «teams» de natadores do Club Naval.

O jury da taça «Henrique de Seixas» é o seguinte: presidente, vice-comodoro do Club Naval e doador da taça, sr. Henrique de Seixas; «juiz», sr. Alvaro de Lacerda; chronometrista, G. Miamon; juizes de partida, dr. Carlos Grainha, do G. C. P., Eugenio Ricardo, S. A. D., Placido Duro, C. I. F. B., Antonio Consolado, C. N. L.; juizes de chegada, Dario Canas, do G. C. P., Carlos Testa, S. A. D., Francisco Guedes, C. I. F. B., João Wanzeller Pessoa, C. N. L. O jury da prova militar é o seguinte: presidente, commandante da divisão naval, sr. Leote do Rego; vogaes, officiaes da armada e do exercito que acompanharem as praças.

Na Amadora

A patinagem do Recreios Desportivos da Amadora continua a ser o ponto de reunião de centenares de pessoas que ali concorrem para assistir aos interessantes exercicios em patins, executados por grande numero de senhoras, creanças e cavalheiros.

E' interessantissimo o conjuncto de dezenas de patinadores no «rink» da Amadora, que como é salão, além de vasto, é elegante, e o cimento não apresenta fendas nem attritos que difficultem as fantasias caprichosas dos amadores da patinagem.

A Amadora conseguiu desenvolver o «sport» que hoje é moda, e com a vantagem de todos o poderem executar, não só pela facilidade de aprendizagem, como o de se prestar a todas as edades.

Nas sessões que amanhã de tarde e á noite se realisam, reune-se o que ha de mais distincto, não só na assistencia como em patinadores.

No «court» de «tennis», continuam os encontros para o campeonato da Amadora, que se está disputando entre os socios, e alternando com o torneio de «doubles» para apuramento dos melhores jogadores, que hão de jogar este anno com outros clubs.

Gymnastica para creanças em S. João do Estoril

Deve estar satisfeito o professor Arthur Santos com o enthusiasmo que as creanças dos Estoris teem pela inauguração da temporada de gymnastica. Com o methodo adoptado nos annos anteriores tem conseguido robustecel-as, deixando satisfeitas as familias dos alumnos, as quaes reconhecem que a regeneração da nossa raça está na educação physica. O curso tem logar no Salão dos Banhos da Poça, ás segundas, quartas e sextas-feiras, pela manhã.

Convocações de «foot-ball»

O capitão do Sport Club Imperio pede a comparencia, amanhã, ás 16 horas, dos jogadores: Calado, Ruas Santos, Toscano, Tarrozo, Nunes, Stiegrer, Garcia, Paulo, Camecelha, A. Tarrozo, (cap.).

Banquete de congratulação

Reunem amanhã, pelas 14 horas, na rua Augusta, 141, 2.º, os representantes de diversas collectividades democraticas juntamente com a commissão organisadora do banquete que deve realisar-se no vasto campo dos Estoris, em Cintra. Como se sabe, esse banquete é de congratulação pelo restabelecimento dos illustres democratas dr. Affonso Costa e João Chagas.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3205	12:000$
823	1:000$

64	400$	4618	100$		
2760	200$	4784	100$		
3579	200$	4855	100$		
7641	200$	5031	100$		
1968	100$	5 36	100$		
2201	100$	5534	100$		
2774	100$	6 88	100$		
4484	100$	7101	100$		
4577	100$	7523	100$		

Dois atropellamentos

Na rua do Poço dos Negros foi atropellado por um automovel o menor de 11 annos Manuel Luiz Thomaz, morador na rua Marcos Barreiro, que ficou muito contuso pelo corpo, recolhendo, depois de pensado no banco do hospital, a sua casa.

Por um electrico, no caes da Areia, foi atropellado Ignacio dos Santos, morador na rua dos Remedios, 36, 3.º, que ficou com a perna esquerda fracturada, pelo que deu entrada na enfermaria 4 do hospital de S. José, o guarda freio Antonio de Jesus foi preso.

PEQUENAS NOTICIAS

O menor de 16 annos José Maria Lourenço, marçano de um estabelecimento da calçada da Boa Hora, cahiu hoje da altura de 5 metros quando andava brincando, ficando em estado pouco satisfatorio. Recolheu ao hospital de S. José, á enfermaria 4. No banco recebeu curativo Ignacio dos Santos, morador em Villa Nova de Portimão, que a bordo de uma embarcação, na Ribeira Nova, foi agredido com duas grandes facadas na cara.

—Na exposição de arte applicada, nos Desportos de Bemfica, far-se-ha ouvir amanhã, das 16 ás 19 horas, o sextetto de cegos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho.

—Manuel Celestino Barbosa, morador na rua do Instituto Industrial, 12, no tracto de praça do Brazil ao arco da rua das Amoreiras, perdeu um annel de ouro com tres brilhantes grandes.

O encerramento de estabelecimentos

Em Lisboa e no Porto continúa a caçada ás multas

Em Lisboa continúa a policia ao serviço da camara a applicar multas aos estabelecimentos que, tendo licença de porta aberta, não fecham ás 21 horas. Ainda hontem foi multado o sr. Antonio Lopes, estabelecido na rua Marcos Portugal, 27 e 29, em 5$00, sem que os agentes de policia queiram sequer conhecer da licença que lhes é mostrada.

A commissão veiu á nossa redacção queixar-se do facto.

No Porto, como se vê do que o nosso correspondente n'aquella cidade nos diz, o mesmo facto se dá.

Por o, 29.—Escreve-nos um importante negociante d'esta cidade, sob a rubrica de *Um leitor assiduo e amigo de «A Capital»*, o seguinte:

Foi com muito gosto que li hontem no seu brilhantissimo jornal a noticia da attitude tomada por varios negociantes de Lisboa perante a injusta e illegal applicação de multas de cinco escudos áquelles que, apesar das licenças que tinham e continuam a ser passadas no governo civil para poderem ter os seus estabelecimentos abertos até ás duas horas da madrugada, os não fecham ás 21 horas.

A resposta dada aos commissionados pela 1.ª repartição do governo civil de Lisboa,—«que as licenças estavam muito bem passadas, e que não fizessem caso das multas»—é, realmente, a resposta que o caso merece, o podéria e deveria servir de doutrina, se, infelizmente, não fosse preciso, por parte do governo, esclarecer bem o assumpto, visto que essa applicação de multas aqui no Porto revestiu um aspecto mais grave.

No Porto foram multados mais de 150 negociantes, apesar de apresentarem á policia as suas licenças passadas no governo civil e cujo praso só termina no fim do anno. Foi a policia que assim procedeu percorrendo a cidade acompanhada de uma commissão de fiscaes do horario de trabalho, caixeiros da União. Mas foi mais adiante; todos esses negociantes foi levantado auto e enviado o respectivo processo ao tribunal das contravenções.

Foram julgados já alguns e absolvidos, e está a julgar-se o do negociante de confeitaria sr. Costa Moreira, cujo julgamento foi espaçado, tendo elle, por seu parte, requerido processo criminal contra a referida commissão da União dos Empregados do Commercio. No processo do sr. Costa Moreira, do que se fez parte acusatoria o vogal da camara municipal sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, presidente da commissão do senado municipal que organisou o horario da abertura e encerramento dos estabelecimentos—processo cujo julgamento já vae na 2.ª audiencia e do que só foram ouvidas duas testemunhas— o advogado, sr. dr. Antonio Alpoim, deduziu uma brilhantissima defeza, provando e comprovando que as camaras municipaes não teem competencia para legislar sobre horas de abertura e encerramento dos estabelecimentos. Isso pertence ao chefe do districto e á policia.

As camaras só podem ter ingerencia nas horas do trabalho, assim como o caixeirato, do maneira a não permittir que os empregados tenham mais do que as 10 horas de laboração. Mais nada. Se o empregado tem o seu horario de trabalho garantido, que o é que tem a camara, que é que teem os fiscaes da União com o que os patrões tenham abertos os seus estabelecimentos até á hora que a lei, que ainda não foi revogada,—marca?

A questão toma até um aspecto immoral. Então eu, os meus collegas, cerca de 400 negociantes, tiramos as nossas licenças o governo civil e o policia arrecada-nos um conto e oitocentos escudos, e sem que ninguem nos indemnise—antes vexando-nos—mandanos fechar as portas? E' preciso que o governo tome conta do caso.—Do v. etc.—*Um leitor assiduo e amigo de «A Capital»*.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 —A mulher do proximo.

POLITHEAMA—A's 21— A amante do meu genro.

EDEN—A's 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Do capote e lenço.

Ao correr da penna

Ahi por 1893, Le Bargy, descontente com certas passagens de uma peça que François de Curel entregára no theatro Francez, e sabendo das excellentes relações de Antoine com o auctor dos Fosseis, pediu a um amigo que convencesse o fundador do Theatro Livre a solicitar de Curel algumas modificações na sua obra na vespera da primeira representação.

Antoine respondeu ao creador do Marquis de Priola, com uma carta tornada publica, que é um verdadeiro monumento e que eu desejaria poder transcrever na integra, mas da qual destaco umas passagens que offereço á reflexão de varios dos nossos comediantes:

—«Bem quizera poder convencel-o, meu caro amigo, de que os actores não percebem nada das peças que representam. O seu officio consiste apenas em represental-as, interpretando o melhor possivel personagens cuja concepção lhes escapa; são na realidade uns manequins, uns lilicres mais ou menos aperfeiçoados, conforme o talento que teem e que o auctor veste e agita, conforme lhe apetece. E' claro que após largos annos adquirem uma especie de experiencia toda material, que os auctorisa a dizer a um auctor porque é que uma figura deve sahir pela direita de preferencia a tomar á esquerda; mas, em caso algum, elles podem ou devem, sem sahir da sua funcção propria, tentar fazer que se modifique um caracter ou um desenlace.

A differença intellectual entre um auctor e o seu interprete é tão grande que nunca este satisfaz plenamente aquelle. Deforma sempre a visão do auctor, que acaba por accital-o e se resigna perante o impossivel. Lembre-se que, por mais perfeito que se apresentaria o seu papel que tanto o assusta, não deixará de ser uma figura que podia ser muito diversa e tão satisfatoria se tivesse sido representada n'outro theatro por outro actor, que tivesse um talento equivalente ao seu.

Em qualquer dos casos a peça conservar-se-hia integralmente a mesma.

O ideal absoluto do actor deve ser o tornar-se um teclado maravilhosamente afinado que o auctor fará vibrar a seu gosto. Deve exprimir sentimentos, sem querer indagar porque esses sentimentos lhe são exigidos. Isso é com o auctor, que sabe o que faz e que tem toda a responsabilidade perante o publico. Faz de concordar, meu caro Le Bargy, que o mister de comediante, reduzido assim aos seus limites, ainda permanece singularmente honroso e difficil.»

Isto dizia Antoine a mr. Le Bargy. Vossellencias que dizem?

Cyrano

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—A rival da viuva alegre.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, matinées diarias e soirées á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Amos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

TOURADAS

Campo Pequeno—E' amanhã, como temos noticiado, que se realisa a festa do estimado bandarilheiro Manuel dos Santos, sendo o grupo de forcados composto de amadores d'Alcochete, e portanto pertencendo o grado aos lavradores Emilio Infante e Simão da Veiga. A corrida, que começa ás 16,45', tem a seguinte distribuição:

1.º touro para o cavaleiro Eduardo Macedo; 2.º para Carlos e Antonio Mascarenhas; 3.º, para as espadas: 4.º, para Morgado de Covas; 5.º, para Manuel dos Santos (a sós); 6.º, para irmãos Santos; 1.º terceio a cavallo por José dos Santos e o 2.º tercio por Victor dos Santos; 7.º, para Thomaz da Rocha e G. Tadeu; 8.º, para D. Nazimento e C. Domingos (premio; 9.º, para Morgado de Covas e «Malagueños (a duo); 10.º, para os espadas.

Os espadas são *Limeño* e *Alfarero*. Os filhos do festejado, José e Victor Santos, tomam parte na corrida.

Jantares concertos

Continuam obtendo successo extraordinario os jantares concertos que se estão realisando nas esplendidas salas do Casino de S. José de Ribamar, junto á alameda de Algés. Os menus são confeccionados com todo o esmero, variedade e abundancia, o que tem concorrido para attrahir alli enorme concorrencia. Para o menu de amanhã, que publicamos n'outro logar, chamamos a attenção dos leitores.

A chronica da roubalheira

Manuel Mendes, morador nas escadinhas do Santo Estevão, 7, 2.º, foi preso esta madrugada na estrada de Chellas quando conduzia um sacco com calçado no valor de 113 escudos, declarando na esquadra ter-o subtrahido da sapataria sita na rua Eugenio dos Santos, 62, pertencente a João Salgado d'Oliveira.

Queixou-se á policia Malaquias Vieira, morador na rua Almirante Barroso, 66, loja, de que tendo adormecido n'um banco da praça dos Restauradores, quando acordou deu por falta de um cordão de ouro no valor de 45 escudos e uma bolsa de prata contendo 17 escudos.

Tambem se queixou Anna Valente, da rua de Santa Martha, 11, de que os gatunos lhe entraram em casa e furtaram 1 cordão, uma peça, 2 anneis, 1 brinco e um alfinete, tudo de ouro, 2 chalés, 1 fato para homem e meia libra, tudo no valor de 101 escudos.

A José Duarte, residente em Valle de Figueira e actualmente em Lisboa, furtaram uma carteira com 165 escudos, ignorando elle quem fosse o auctor da proeza.

Louise

Mais socegado esteve hontem. Não se queixa pois adiamento implica obstaculo. Cedo. Ancioso noticias.

Asilo Elias Garcia

A sua inauguração official

Como já noticiámos, realisa-se na proxima segunda feira a inauguração official do Asilo Elias Garcia, em Torres Vedras, havendo n'essa villa festejos promovidos por uma commissão, dos quaes já démos o programma.

De Lisboa parte um comboio especial em que vão os srs. presidentes da Republica e do ministerio, ministros, auctoridades militares e civis, representantes da camara municipal e d'outras collectividades, assim como da imprensa. Como a esse comboio sejam atrelladas algumas carruagens a commissão resolveu admittir um limitado numero de pessoas que queiram ir assistir aos festejos, estando á venda os bilhetes na tabacaria Neves, ao Rocio, na casa Moraes, na calçada do Carmo, na tabacaria Marques, da rua do Ouro, e na séde do Centro Republicano Democratico, rua Ivens.

Jantares concertos

Quem deixará de assistir amanhã ao jantar concerto que se realisa no esplendido Casino de S. José de Ribamar, junto á alameda de Algés? Bella musica, o que ha de primeira ordem, só ali se verá quem despreze aquelles preciosos elementos essenciaes á vida. Como se vê o menu d'esse jantar consta do seguinte:

Potage
Crême Longueville
Poisson
Filet de Cabilland Sauce Riche
Entrée
Poulardes a la Valencienne
Legume
Haricots verts Sauté
Roti
Filets de Boeuf au Cresson
Salade
Entremets
Glasse au Fraises
Patisserie variée

O programa do concerto é o seguinte:
Primeira parte
I—*Cleopatra*, (overture) Mancinelli
II—*La Dolores*, (jota) Breton.
III—*Rapsodia Portugueza*, Figueiredo
IV—*Bruja*, (selecção) Chapi.
Segunda parte
I—*Lohengrin*, (selecção) Wagner.
II—*Serenade Mauresque*, Rocchol.
III—*Les contes d'Hoffmam*, Offenback.
IV—*Le Demon*, (ballets) Rubinstein.

Festas associativas

A Caixa Economica Lealdade, com séde na travessa das Recolhidas, 8, A, commemora amanhã o anniversario da sua fundação inaugurando a bandeira e abrindo uma kermesse, onde se veem lindas e valiosas prendas.

No Gremio de Recreio e Beneficencia 5 d'Outubro ha amanhã recita seguida de baile, representando-se o drama *Os ladrões da honra*.

Instrucção Militar Preparatoria

Nucleos de Aldegallega e Alcochete—Realisam-se amanhã as provas finaes d'estes nucleos, a que comparecem todos os mancebos n'elles inscriptos, realisando-se as primeira d'essas localidades ás 11 horas e na segunda ás 13 e meia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas mercantes portuguezes—Não tendo reunido a assembléa geral por falta de numero, ficou convocada para terça feira, ás 20 e meia horas, com a mesma ordem da noite.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 30.—A camara municipal transferiu de S. Martinho do Bispo para o logar dos Casaes do Campo a escola de aquella freguezia, por este ponto ser mais central, convenciosa em mixta.

—Deve tomar posse brevemente do commando do 2.º grupo de companhias de administração militar o sr. major Brito d'Oliveira, que n'esta cidade gosa de muitas sympathias.

—A camara muni ipal concedeu a verba de 30$00 para reparações nas ruas do logar de S. Francisco, freguezia de Coira.

—Os srs. Adriano do Nascimento, Manuel Teixeira e João Augusto Simões Faria empenham-se por organisar um concurso entre os republicanos do districto de Coimbra a fim de irem a Lisboa cumprimentar e felicitar o sr. dr. Affonso Costa pelo seu completo restabelecimento.

A excursão deve realisar-se no dia 8 de agosto.

—Consta que vae realisar-se na União Geral dos Trabalhadores uma grande reunião, a qual devem assistir as associações locaes, a fim de se tratar da regulamentação do horario de trabalho no commercio.

---

rennes e Montblainville—mas no todo, comparativamente com as primeiras semanas da guerra, eram os francezes e não os allemães que atacavam.

Tanto a importancia moral como a militar d'esta inversão das primitivas condições era immensa.

Foi isso conseguido pela heroica perseverança de todas as tropas que tomaram parte na lucta, incluindo o contingente garibaldino, que durante muito tempo batalhou n'essa região. A maior parte da lucta consis-

O estadista francez Ribot

tia em ataques e contra-ataques ás trincheiras, que ficavam extremamente proximas umas das outras, especialmente em Bois Bolante. Esses ataques eram geralmente precedidos de explosões de minas, para abrir caminho ao avanço da infantaria.

Na retirada antes da batalha do Marne, por mais d'uma vez, em criticos momentos, quando voltavam costas ao Mosa, antes de começarem a perseguir os invasores, os homens do exercito do general Sarrail demonstraram todas as qualidades tradicionaes do soldado francez.

Ao oeste da Argonne e do terceiro exercito havia, ao tempo da retirada para o Marne, tres outros exercitos francezes entre o general Sarrail e a força expedicionaria britannica: os dos generaes Langle de Cary, Foch e Franchet d'Espérey.

Como o primeiro, esses tres exercitos nada tinham com a linha de fortalezas da fronteira. Estavam defendendo o coração da França, a aberta planicie de Champagne, na região norte de Châlons e a leste de Reims. Havia uma grande differença entre esta região e a que ficava mais a leste e que teve um papel importante no decorrer das operações. Os rios Sena, Marne e Aisne correm de sueste para leste e não do sul para norte, como o Mosa, o Mosella e o Mortagne.

A distancia ao norte de Châlons ao Marne a Rethel no Aisne é de cêrca de quarenta e oito kilometros. Reims fica a meio caminho, um pouco a oeste da linha recta tirada de rio a rio.

A 6 de setembro o duque Wurtemberg e o general von Hausen, commandando respectivamente o 4.º, 11.º e 13.º corpos d'exercito e o 12.º, 19.º e a Guarda, occupavam uma frente de oitenta kilometros de extensão de Révigny, passando Vitry-le-François e o Camp de Mailly, que fica a cêrca de trinta e dois kilometros ao sul de Châlons, até ao planalto de Sézanne.

Nos dois dias seguintes, os francezes que estavam em frente d'elles retiraram ainda mais para o sul, mas no dia 9 o general Foch, reforçado pelo 11.º corpo d'exercito (parte do exercito do general Franchet d'Espérey), repelliu um ataque do exercito von Hausen e da Guarda Prussiana, levando-os na sua frente para além de Vitry-le-François.

No dia 11 houve um avanço geral ao longo de toda a linha e tres dias depois os francezes haviam repellido o general von Hausen e o duque de Wurtemberg para mais de quarenta e oito kilometros na planicie para uma posição ao norte de Reims—

havia soffrido, puzera de parte a ideia de atravessar o Mosa.

Em todo o caso para estarem prevenidos para qualquer eventualidade, transferiram um certo numero de batalhões que haviam ido reforçar as tropas no Mosella para leste do rio, onde havia signaes de um movimento allemão imminente. O inimigo percebeu o que se passava, e emquanto a direita franceza estava combatendo além de Champenoux e a sua esquerda estava avançando por detraz da principal massa do 14.º corpo d'exercito allemão sobre a quebrada de Mad, os allemães executaram um movimento que trouxe como resultado a occupação de St. Mihiel. A ala direita do exercito de Metz executou uma audaciosa marcha de flanco sobre a margem esquerda do rio Mad e a guarda avançada da chegar a St. Mihiel não encontrou ahi tropas francezas.

Assim, sem opposição, penetraram no centro de fortalezas, a meio caminho entre Verdun e Toul.

Pensaram immediatamente em atravessar o Mosa. Na tarde de 25 de setembro, o principal corpo do seu exercito chegou á margem direita, ao norte da cidade. Para lhes resistir havia na outra margem do rio apenas um batalhão de territoriaes, sem artilharia. As tropas francezas conseguiram, comtudo, fazer deter o avanço até ao escurecer, e durante a noite, embora estivessem em muito menor numero, na proporção de um para dez, apenas com fogo de fuzilaria impediram a engenharia allemã de lançar um pontão.

De manhã cedo, no dia 26, a situação mudou rapidamente. O inimigo assestou alguns canhões pesados na margem direita, depois do que toda a resistencia era inutil. Os artilheiros francezes do Campo dos Romanos não podiam, devido ás eminencias que se interpunham entre elles e o rio, fazer um fogo effectivo que evitasse a travessia. os territoriaes foram forçados a recuar, levando os feridos, e pelo meio dia os allemães tinham atravessado o Mosa e marchavam em direcção ao valle do Aire.

Pareceu-lhes ter finalmente chegado o momento de realisarem o seu sonho de cercarem Verdun. Os francezes, porém, tinham pleno conhecimento da gravidade da situação e duas forças se prepararam para impedir o avanço do inimigo. Ao norte, o general Sarrail, que estava impellindo o exercito do principe real na sua frente, para a Argonne, poude destacar um corpo de cavallaria para o impedir de avançar. Mas o pezo do ataque cahiu todo sobre os hombros do 20.º corpo d'exercito, que fôra mandado recuar á pressa de Champenoux, quando se recebeu a noticia da occupação de St. Mihiel.

Esse exercito caminhou durante toda a noite de 25 e a manhã e parte da tarde de 26 e pelas 5 horas da tarde a sua guarda avançada de cavallaria, que atravessára o Mosa em Lérouville, acima de Commercy, entrou em contacto com o inimigo a alguns kilometros ao norte, no valle do Aire.

Os dragões atacaram com metralhadoras, o que deu tempo a que fôssem em seu auxilio primeiro a artilharia e em seguida a infantaria. Trez vezes os allemães tentaram desalojar os francezes das eminencias do Aire, mas de todas as vezes, após uma lucta furiosa, foram repellidos, e durante a noite, depois de terem tido grandes perdas, foram obrigados a recuar para o Mosa.

A audaciosa tentativa do exercito de Metz para ir em auxilio do principe real falhára. A unica coisa que poude fazer foi entrincheirar-se em St. Mihiel—tendo ainda um pé na parte da cidade na margem esquerda do rio—e d'ahi continuar a bombardear os fortes francezes. O Campo dos Romanos—o mais proximo e, para o seu objectivo, o mais importante—foi completamente destruido, vendo-se a guarnição compellida a render-se após uma valorosa resistencia. Esse forte, ou antes um novo que construiram proximo d'elle, visto que não havia restavo do antigo, tornou a sua posição em St. Mihiel segura e durante os mezes que se

seguiram todas as tentativas dos francezes para d'ahi os desalojar foram infructiferas. Isso habilitou-os a vigiar, mas não tomar, Troyon, os Paroches e os restantes fortes mais pequenos do Mosa e a bombardearem cidades e aldeias abertas, como Sampigny e Lérouville. Mas tambem parte da sua força estava n'uma posição extraordinariamente perigosa; durante todo o inverno as trincheiras formando as pernas do compasso de que St. Mihiel era o eixo foram-se gradualmente approximando e tornando muito problematicas as probabilidades de retirada no caso de a isso serem forçados.

No lado occidental do Mosa os esforços feitos para o investimento de Verdun foram egualmente infructiferos. A principio, as coisas correram bem para o exercito de principe real, embora se dissesse que seu imperial pae estava seriamente zangado com o seu prolongado insuccesso em fazer render o forte de Longwy e pelo grande numero de vidas que eram sacrificadas antes da sua queda.

Só apoz um cerco de 24 dias, esse forte cahiu, a 27 d'agosto, apesar da soberba defeza do seu commandante, o coronel Darche, e de ter uma guarnição de apenas um batalhão, e desde essa data até 7 de setembro o kronprinz e o seu exercito tomaram parte no geral e triumphante avanço do centro e da direita allemãs.

O kronprinz tinha sob as suas ordens o 16.º, o 18.º, e o 21.º corpos de exercito, á sua direita o duque de Wurtemberg commandando o 4.º, 11.º e 13.º corpos, na sua frente o general Sarrail e o 6.º e 8.º corpos d'exercito francezes. No dia seguinte ao da queda de Longwy, dois exercitos allemães, o 4.º e o 5.º, atravessaram o Mosa em Mezières, Sedan e Stenay, a 80, 64 e 40 kilometros, respectivamente, do norte de Verdun, recuando deante d'elles os exercitos de Langle de Cary e de Sarrail. No mesmo dia, 28, o kronprinz chegou a Dun, oito kilometros acima do Mosa, a 1 de setembro a Clermont na Argonne, a vinte e dois kilometros a oeste de Verdun, e no dia 3 a St. Ménéhould, um pouco mais a oeste, no lado opposto da floresta da Argonne, a meio caminho entre Verdun e Châlons, com o exercito do duque de Wurtemberg sempre á sua direita, entre Ste. Ménéhould e Reims. Dois dias depois, apoz o combate conhecido por batalha de Reims, os francezes recuaram ainda mais, mas a 6 de setembro a retirada do Mosa para o Marne chegára ao seu extremo limite.

O exercito do kronprinz estava occupando n'esse momento uma fronte de cerca de trinta e dois kilometros d'um ponto a sudoeste de Verdun, terminando proximo de Révigny, a pouca distancia de Bar-le-Duc, frente a leste, estando o general Sarrail entre elle e o Mosa, e á sua direita o 4.º exercito allemão estendia-se para oeste, passando por Vitry-le-François sobre o Mosa, frente mais ao sul. O cerco em roda de Verdun e em ambos os lados da linha Verdun-Toul estava quasi completo; a unica abertura que n'elle havia era ao sul, uma extensão de quarenta e oito kilometros entre Bar-le-Duc e Toul.

Mas, exactamente no dia 26 de setembro, no valle do Aire, depois dos allemães terem atravessado o Mosa em St. Mihiel, a taça enhiu-lhes dos labios no ultimo momento. A retirada dos francezes terminára. Chegára a occasião de avançar e emquanto Troyon estava sendo bombardeada na margem oriental do Mosa começaram elles a repellir o inimigo para o norte, para o Aisne, em duas divisões, uma de cada lado de Bar-le-Duc. A oeste da cidade perseguiram-no passando a floresta de Trez Fontes e Révigny e atravessando o Ornain para a floresta de Belnone; a leste forçaram-no a abandonar a linha de Saulx, que estava fortemente entrincheirada, e seguiram-no além de Vavincourt e de ahi para a floresta da Argonne, onde toda a linha allemã penetrou em duas torrentes, espalhando-se á direita e á esquerda, ficando o planalto no centro.

Desde esse momento a lucta foi

constante na floresta e em roda d'ella—uma ardua campanha de furiosos combates em que os francezes mostraram extraordinaria paciencia e tenacidade e o inimigo um bello espirito de resistencia. As condições em que se batalhava eram extraordinariamente difficeis. A floresta é um estreito planalto pedregoso, tendo cerca de quarenta e oito kilometros de comprimento por treze de largura, no angulo entre o Aisne e o seu affluente o Aire. Os seus declives eram cobertos de densas massas de carvalhos, faias e outras arvores, entrelaçadas com uma densa vegetação, atravessada n'alguns sitios por estradas.

Corre de norte para o sul e a estrada e o caminho de ferro entre Ste. Ménéhould e Clermont dividem a floresta em duas partes quasi eguaes. A oito ou nove kilometros d'essa estrada ha uma outra entre Vienne-la-Ville (acima de Vienne-la-Chateau) e Varennes, n'uma parte da floresta conhecida pelo nome de Bosque de la Grurie, e a uns treze kilometros acima d'esta ha um caminho, demasiado estreito e só permittindo a passagem a peões, que corre da esquerda para a direita de Servon a Montblainville.

De alguns d'esses logares faz-se constante menção nos communicados officiaes das operações da Argonne desde setembro a fevereiro. Esses logares são: na estrada de Vienne-Varennes, La Harazée, o Four de Paris e Barricade, e, entre Servon e Montblainville, o Pavilhão de Bagatelle.

No dia 15 de setembro, os allemães estavam nos lados oppostos da floresta, em Vienne-la-Ville e Varennes, afastadas cerca de quinze kilometros. Os francezes penetraram no interior entre essas duas posições com o fim de impedirem as communicações entre elles e, dada a opportunidade, de envolverem uma ou outra força, entrincheirando-se no espaço entre as duas estradas, um rectangulo de cerca de quinze kilometros por cinco, o lado direito do qual, desde Bagatelle, passando uns pequenos logarejos chamados St. Hubert e Fontaine Madame até Barricade, fazia frente á secção leste do exercito allemão em Varennes, ao passo que a esquerda fazia frente ao inimigo ao longo da linha Binarville-Servon-Vienne.

N'esse pequeno theatro da guerra, apesar dos constantes recontros, as posições conservaram-se relativamente as mesmas desde o fim de setembro durante os mezes de inverno. No lado occidental do rectangulo, onde tinham de combater com as tropas francezas postadas em Melzicourt, na juncção do Aisne e do Tombe, os allemães nunca puderam tomar posição dentro da floresta. Os seus principaes esforços eram feitos por outro lado, da sua posição entre Varennes e Montblainville.

Em resultado d'uma serie de resolutos ataques entre os dias 3 e 20 de outubro, o 16.º corpo d'exercito, que fazia parte do exercito do kronprinz, conseguiu finalmente abrir caminho n'esse ponto dentro do bosque de la Grurie entre as duas estradas. No dia 12 tomaram Bagatelle e no dia 15 St. Hubert e Barricade. D'ahi, avançaram ao longo da baixa estrada de Varennes-Vienne, para proximo de Four de Paris e estendendo a sua fronte esquerda occuparam Bois Bolante e Bois de la Chalade, ao sul da estrada.

Os francezes ripostaram. Desde 21 d'outubro e durante todo o mez de novembro pelejaram ininterruptamente com a maior bravura e arrojo e no dia 29, ao fim de seis semanas de ataques e contra-ataques, mais uma vez chegaram a Bagatelle e occuparam a mesma fronte que tinham no meiado de setembro, excepto em Barricade, onde o inimigo ainda estava.

Nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro, a lucta foi diaria, sem haver modificação alguma no rectangulo da floresta occupado pelos francezes. Mas embora parecesse que nada tinham ganho ahi, assim como em todo o resto da fronte, haviam alcançado uma enorme vantagem. Tinham ainda de repellir o inimigo das suas duas posições—especialmente da que ficava entre Va-